



os
CAMINHOS
da
liberdade

JEAN
- PAUL
SARTRE





OS CAMINHOS DA LIBERDADE

A idade da RAZÃO

SURSIS

COM A MORTE NA ALMA

**JEAN
- PAUL
SARTRE**

Os caminhos da liberdade

Les chemins de la liberté

Jean-Paul Sartre

A idade da razão

L'âge de raison - 1945

Tradução: Sérgio Milliet

Sursis

Le sursis - 1947

Tradução: Amélia Petinga

Com a morte na alma

La mort dans l'âme - 1949

Tradução: Isabel Brito

Imagens:

Capa da caixa "os caminhos da liberdade"

Editora Nova Fronteira - 2017

Guernica - 1937 / La paz - 1952 / La guerra - 1952

Pablo Picasso

Ilustrações da capa de 1949

Mario Prassinos

2018

Capa

A Idade da Razão

I

II

III

IV

V

VI

VII

VIII

IX

X

XI

XII

XIII

XIV

XV

XVI

XVII

XVIII

Sursis

Sexta-Feira, 23 de Setembro

Sábado, 24 de Setembro

Domingo, 25 de Setembro

Segunda-Feira, 26 de Setembro

Terça-Feira, 27 de Setembro

Quarta-Feira, 28 de Setembro

Noite de 29 para 30 de Setembro

Sexta-Feira, 30 de Setembro

Com a Morte na Alma

Primeira Parte

Sábado, 15 de Junho

Domingo, 16 de Junho

[Marselha, 14 horas](#)

[03 horas em Padoux](#)

[04 horas](#)

[Segunda-Feira, 17 de Junho](#)

[Terça-Feira, 18 de Junho, 05h45](#)

[06 horas da manhã](#)

[Segunda Parte](#)

[Créditos](#)

[Sobre esta edição](#)

[Notas](#)

Sobre esta edição

Os três volumes foram corrigidos e possuem o formato que aí está. O leitor que nunca esteve em contato com a obra original pode estranhar a disposição do texto do volume 2 e da segunda parte do volume 3. Portanto, na dúvida em considerar um possível erro, estará correto o texto.

O que foi corrigido: Diálogos e parágrafos misturados, frases incompletas ou desordenadas, 12 páginas ausentes e amenização do português de Portugal. E inclusão de notas no livro 1 e 3.

As imagens de capa são reproduções da edição inglesa de 1968, ilustradas com pinturas de Pablo Picasso; também inseridas as fotografias das capas da edição francesa de 1949 - quando do lançamento do terceiro volume -, e reprodução da capa da Editora Nova Fronteira de 2017.

Foi utilizado como referência para revisão as edições originais. O livro foi produzido com digitalizações disponíveis na internet.

Mais informações nos créditos.

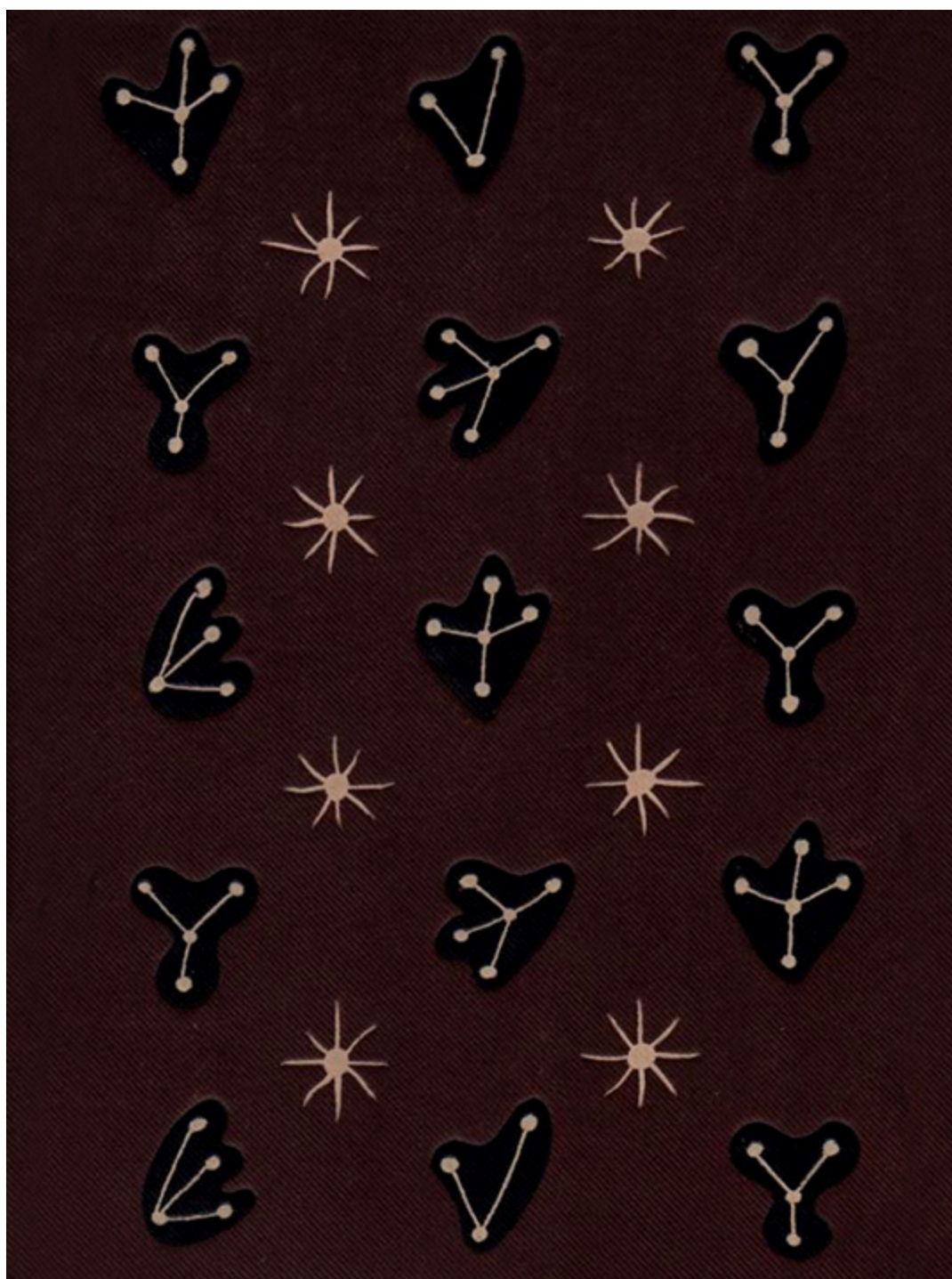
A revisão foi criteriosa, mas é possível que o livro apresente erros, se houver serão poucos e - espero - insignificantes.

Boa leitura.

A idade da razão

JEAN-PAUL SARTRE





A Wanda Kosakiewicz

I

No meio da Rua Vercin-getorix, o sujeito grandalhão agarrou Mathieu pelo braço. Um guarda passeava no passeio oposto.

— Dê-me alguma coisinha, patrão, estou com fome.

Tinha os olhos muito unidos e os lábios grossos. E tresandava a álcool.

— Não será sede o que tu tens? - indagou Mathieu.

— Juro que não, meu velho - disse com dificuldade -, juro que não.

Mathieu descobrira uma moeda de cinco francos no bolso:

— No fundo não me interessa, perguntei por perguntar. - E deu a moeda.

— O que estás a fazer está certo - disse o tipo, apoiando-se à parede -, quero desejar-te uma coisa formidável. Mas o que é que te vou desejar?

Refletiram ambos. Mathieu atalhou:

— O que quiseres.

— Pois então vou desejar-te felicidades - respondeu o outro. - É tudo.

Riu triunfante. Mathieu viu o guarda aproximar-se e receou que prendesse o tipo.

— Bom - disse -, adeus.

Quis afastar-se, mas o homem alcançou-o.

— A felicidade não basta - disse com uma voz entaramelada -, não basta...

— Então! Que mais é que queres?

— Quero dar-te uma coisa.

— E eu vou prender-te por mendicidade - disse o guarda.

Era muito jovem, muito rosado e esforçava-se por se mostrar duro.

— Há meia hora que estás aí a chatear os transeuntes - acrescentou sem convicção.

— Não está a pedir esmola - disse Mathieu com vivacidade. - Estamos a conversar.

O guarda encolheu os ombros e continuou o seu caminho. O tipo titubeava de modo inquietador; não parecia sequer ter visto o guarda.

— Já sei o que é que te vou dar. Vou dar-te um selo de Madrid.

Tirou do bolso um retângulo de cartão verde e entregou-o a Mathieu. Este leu: "C.N.T. Diário Confederal. Exemplares 2. França. Comité Anarco-

Sindicalista, 41, Rua de Belleville, Paris 19°." Havia um selo ao lado do endereço. Também era verde e trazia o carimbo de Madrid. Mathieu estendeu a mão:

— Obrigado.

— Cuidado! - disse o sujeito irritado. - É... de Madrid.

Mathieu olhou-o. O homem parecia comovido e fazia grandes esforços para exprimir o seu pensamento. Renunciou a isso e disse apenas:

— Madrid!

— Já sei.

— Eu queria ir lá. Juro. Mas a coisa não se arranjou.

Tornara-se sombrio. Murmurou "espera" e passou devagar o dedo sobre o selo.

— Pronto. Podes levá-lo.

— Obrigado.

Mathieu deu alguns passos, mas o sujeito chamou-o.

— Eh!

— Que é? - disse Mathieu.

O homem mostrava-lhe a moeda de cinco francos.

— Foi um tipo que me deu isso. Ofereço-te um rum.

— Hoje não.

Mathieu afastou-se com um vago remorso. Houvera uma época na sua vida em que deambulava pelas ruas, pelos bares, com toda a gente; o primeiro que aparecesse podia convidá-lo. Agora, tudo isso tinha acabado; "esse género de aventura não dava nada...". Era divertido. Tivera vontade de ir combater em Espanha. Mathieu apressou o passo, e pensou com alguma irritação: "Em todo o caso não tínhamos nada que dizer um ao outro." Tirou do bolso o cartão verde: "Vem de Madrid, mas não tem o endereço dele. Deve-lhe ter dado alguém e apalpou-o varias vezes antes de entregá-lo, porque vinha de Madrid." Lembrava-se do rosto do homem e da sua expressão ao olhar para o selo: uma expressão estranha de paixão. Mathieu olhou o selo por sua vez, sem deixar de andar, depois repôs o pedaço de cartão no bolso. Um comboio apitou, e Mathieu pensou: "Estou velho."

Eram dez e vinte e cinco. Mathieu estava adiantado. Passou sem parar, sem querer voltar a cabeça diante da casinha azul. Mas ele espreitava-a pelo canto do olho. Todas as janelas estavam escuras, com excepção da de Madame Duffet. Marcelle não tivera ainda tempo para abrir

a porta de entrada; debruçada sobre a mãe, ajeitava, com gestos másculos, o leito de dossel. Mathieu, preocupado, pensava: "Quinhentos francos para darem até ao dia 29, isto é, trinta francos por dia, mais ou menos. Como é que me vou arranjar?" Deu meia volta e voltou para trás.

Apagara-se a luz no quarto de Madame Duffet. Pouco depois, a janela de Marcelle iluminou-se. Mathieu atravessou a rua e seguiu, ao longo da mercearia, tomando cuidado para que as solas novas dos sapatos não rangessem. A porta estava entreaberta, empurrou-a devagar, ela gemeu. "Quarta-feira vou trazer a minha almotolia para olear os gonzo." Entrou, fechou a porta e descalçou-se no escuro. A escada rangia um bocado. Mathieu subiu com precauções, de sapatos na mão; tateava cada degrau com os dedos do pé antes de dar um passo. "Que comédia!", pensou.

Marcelle abriu a porta antes que ele alcançasse o patamar. Uma névoa rósea e que cheirava a lírio projetou-se fora do quarto e espalhou-se pela escada. Ela tinha vestido uma camisola verde, transparente, através da qual Mathieu viu a curva suave e gorda das ancas. Entrou. Tinha sempre a sensação de entrar numa concha. Marcelle fechou a porta à chave. Mathieu dirigiu-se ao grande armário metido na parede e guardou os sapatos; contemplou depois Marcelle e viu que havia qualquer coisa.

— Que é que se passa? - perguntou em voz baixa.

— Nada - respondeu Marcelle, igualmente em voz baixa. - E você, meu bem?

— Estou sem dinheiro. Fora isso, tudo azul.

Beijou-a no pescoço e na boca. O pescoço cheirava a âmbar, a boca cheirava a tabaco ordinário. Marcelle sentou-se à beira da cama e pôs-se a olhar as pernas enquanto Mathieu se despiu.

— Que é isto? - indagou Mathieu.

Havia em cima da lareira uma fotografia que ele não conhecia. Aproximou-se e viu uma jovem magra, penteada como um rapaz, e que ria com um ar ríspido e tímido. Envergava um casaco de homem e calçava sapatos de salto baixo.

— Sou eu - disse Marcelle, sem erguer a cabeça.

Mathieu voltou-se. Marcelle levantara a camisola sobre as coxas gordas. Estava curvada e Mathieu adivinhava sob a camisola a fragilidade dos seios pesados.

— Onde é que encontraste isto?

— Num álbum. É do Verão de 28.

Mathieu dobrou cuidadosamente o casaco e colocou-o no armário ao lado dos sapatos. Perguntou:

— Então agora andas a mexer nos álbuns da família?

— Não, não sei, mas hoje tive vontade de encontrar coisas da minha vida, de ver como eu era antes de te conhecer. Traga-a aqui.

Mathieu pegou na fotografia e ela arrancou-lhe das mãos. Sentou-se ao lado dela. Marcelle teve um arrepio e afastou-se um pouco. Olhava a fotografia com um sorriso vago:

— Como eu era engraçada - disse.

A jovem mantinha-se rígida, apoiada à grade de um jardim. Abria a boca e devia estar também a dizer: "É cómico", com a mesma desenvoltura atarantada, a mesma ousadia sem firmeza. Só que era jovem e magra.

Marcelle sacudiu a cabeça.

— É de morrer a rir! Foi tirada no Luxemburgo por um estudante de Farmácia. Estás a ver o meu blusão? Comprei-o nesse mesmo dia, porque íamos dar um grande passeio a Fontainebleau no domingo seguinte. Meu Deus!...

Havia com certeza alguma coisa. Nunca os seus gestos tinham sido tão bruscos, a sua voz tão masculina. Estava sentada à beira da cama, mais do que nua, sem defesa, como um vaso enorme no fundo do quarto cor-de-rosa, e era penoso ouvir essa voz masculina enquanto um cheiro forte e sombrio se exalava dela. Mathieu agarrou-a pelos ombros, apertando-a.

— Tens saudades dessa época?

Marcelle respondeu secamente:

— Dessa época não, mas da vida que poderia ter tido.

Tinha iniciado os seus estudos de Química, que uma doença havia interrompido. Mathieu pensou: "Parece que ela me detesta." Abriu os lábios para interrogá-la, mas viu-lhe os olhos e calou-se. Ela olhava a fotografia com um ar triste e tenso.

— Engordei, não?

— Engordaste.

Ela encolheu os ombros e atirou a fotografia para cima da cama. Mathieu pensou: "É verdade, leva uma vida horrível." Quis beijar-lhe o rosto, mas ela afastou-se sem violência com um risinho nervoso.

— Já lá vão dez anos.

Mathieu pensou: "Não lhe dou nada." Quatro noites por semana vinha vê-la. Contava-lhe minuciosamente tudo o que fazia. Ela dava-lhe conselhos, com voz séria e ligeiramente autoritária. Dizia muitas vezes: "Vivo por procuração."

Ele perguntou:

— Que fizeste ontem? Saíste?

Marcelle teve um gesto desanimado e vago.

— Não, estava cansada. Li um pouco, mas a mãe interrompia-me a cada instante por causa da loja.

— E hoje?

— Hoje saí - disse ela melancólica. - Senti necessidade de tomar ar, de acotovelar pessoas. Desci até à Rua da Gaite; isto divertia-me; e depois, queria ver Andrée.

— E viste?

— Cinco minutos. Quando saí de casa dela, começou a chover, é um mês de Junho esquisito... sabes, as pessoas tinham umas caras ignóbeis. Apanhei um táxi e voltei.

Perguntou, indiferente:

— E você?

Mathieu não tinha vontade de contar. Disse:

— Ontem fui ao colégio dar as minhas últimas aulas. Jantei em casa de Jacques, chato como de costume. Hoje de manhã passei na tesouraria para ver se podiam adiantar-me alguma coisa; parece que não fazem isso. No entanto, em tfeauvais eu entendia-me com o tesoureiro. Depois vi Ivich.

Marcelle ergueu as sobrancelhas e olhou-o. Ele não gostava de lhe falar de Ivich. Acrescentou:

— Ela anda desanimada.

— Porquê?

A voz de Marcelle voltara à firmeza habitual e o seu rosto assumira uma expressão de bom senso masculino. Parecia um levantino gordo. Ele murmurou:

— Ela vai levar bomba.

— Disseste-me que ela estudava.

— Sim, à sua maneira; isto é, deve ficar horas inteiras diante de um livro sem fazer um movimento. Mas sabes como ela é: tem visões, como os

loucos. Em Outubro sabia bastante de Botânica, o examinador estava satisfeito; de repente "viu-se" diante de um tipo calvo a falar de celenterados. Isso pareceu-lhe ridículo. "Que é que eu tenho a ver com os celenterados?", pensou, e o tipo não lhe arrancou nem mais uma palavra.

— Que mulher estranha! - disse Marcelle pensativa.

— Em todo o caso - atalhou Mathieu -, tenho medo que lhe aconteça o mesmo desta vez. Ou que invente alguma coisa. Vais ver.

Aquele tom de displicência protetora não seria uma mentira? Tudo o que podia exprimir por meio de palavras dizia-o. Mas nem só as palavras contam!

Hesitou um instante e baixou a cabeça, desanimado. Marcelle não ignorava nada da sua afeição por Ivich; aceitava mesmo que ele a amasse. Em suma, exigia apenas uma coisa: que ele falasse de Ivich precisamente naquele tom. Mathieu não deixara de acariciar as costas de Marcelle e ela começou a pestanejar. Gostava que ele lhe acariciasse as costas, principalmente junto dos rins e entre as omoplatas. Mas de repente, Marcelle libertou-se e o seu rosto endureceu. Mathieu disse-lhe:

— Ouve, Marcelle, pouco me importa que Ivich reprove. Ela foi tão pouco feita para ser médica como eu. De qualquer maneira, mesmo que passasse no P.C.B., desmaiaria na primeira dissecação, no próximo ano, e não poria mais os pés na Faculdade. Mas se a coisa não correr bem desta vez, ela vai fazer um disparate. A família não a deixará recomeçar, no caso de ter um azar.

Marcelle indagou com voz firme:

— Que espécie de disparate queres tu dizer exatamente?

— Não sei - respondeu ele perturbado.

— Ah! conheço-te muito bem, meu pobre velho. Não ousas confessar, mas tens medo que ela enfie uma bala no corpo. E dizes que tens horror ao romanesco. Parece que nunca lhe viste o corpo, pois não? Eu teria receio de ofendê-la, só de lhe passar o dedo por cima. E tu acreditas que uma boneca com uma pele daquelas vai estragá-la com tiros? Posso imaginá-la caída numa cadeira, com os cabelos sobre o rosto e fascinada diante de um minúsculo Browning. É muito russo isso! Mas imaginar outra coisa, não, meu velho, não. Um revólver é para as nossas peles de crocodilo.

Ela apoiou o braço no de Mathieu. Ele tinha a pele mais branca do que a dela.

— Olha para isto, meu caro, a minha até parece de marroquim.
Desatou a rir.

— Não achas que tenho uma pele boa para fazer uma escumadeira? Imagino um buraquinho bem redondo por baixo do esquerdo, com os bordos limpos e avermelhados. Não seria nada feio.

Continuava a rir. Mathieu tapou-lhe a boca com a mão.

— Cala-te. Vais acordar a velha. - Ela calou-se.

Ele disse:

— Como estás nervosa!

Ela não respondeu. Mathieu pousou a mão na perna de Marcelle e acariciou-a docemente. Gostava daquela carne amanteigada com os pelos suaves sob as carícias, como mil arrepios tensos.

Marcelle não se mexeu: olhava a mão de Mathieu. Este acabou por retirá-la.

— Olha para mim - disse.

Viu momentaneamente as suas olheiras, o tempo de um olhar altivo e desesperado.

— Que é que tu tens?

— Nada - disse ela virando a cabeça.

Era sempre assim com ela: como um nó. Dentro em pouco não se poderia conter; estouraria. Não havia nada a fazer senão esperar. Mathieu temia essas explosões silenciosas: a paixão naquele quarto-concha era impossível, porque era necessário exprimi-la em voz baixa e sem gestos para não acordar Madame Duffet. Mathieu levantou-se, foi até ao armário e tirou o cartão do bolso do casaco.

— Olha.

— Que é isso?

— Foi um tipo que me deu há pouco na rua. Era simpático e eu dei-lhe algum dinheiro.

Marcelle pegou no cartão, com indiferença. Mathieu sentiu-se ligado ao tipo por uma espécie de cumplicidade. Acrescentou:

— Sabes, isso tinha um grande valor para ele.

— Era um anarquista?

— Não sei. Queria oferecer-me um copo.

— E tu recusaste?

— Recusei.

— Porquê? - perguntou Marcelle com negligência. - Podia ser divertido.

— Ora!

Marcelle ergueu a cabeça e contemplou o relógio com um ar míope e divertido.

— É curioso - observou. - Quando você me contas estas coisas, irrito-me sempre. E só Deus sabe como estas coisas se repetem ultimamente. A tua vida está cheia de oportunidades perdidas.

— Chamas a isto uma oportunidade perdida?

— Sim. Antigamente terias feito tudo para provocar esses encontros.

— Talvez tenha mudado um pouco - disse Mathieu, concordando. - Que é que achas? Envelheci?

— Tens trinta e quatro anos - disse simplesmente Marcelle.

Trinta e quatro anos. Mathieu pensou em Ivich e teve um estremecimento desagradável.

— Sim... Ouve, não creio que seja isso. Foi antes por escrúpulo. Compreendes, não um pouco alheio...

— É tão raro, agora, não andares alheio - disse Marcelle.

Mathieu acrescentou com vivacidade:

— Ele também devia estar alheio; quando se está bêbedo, é tudo patético. Era o que eu queria evitar.

Pensou: "Não é completamente verdade. Não refleti assim tanto." Quis fazer um esforço para ser sincero.

Mathieu e Marcelle tinham combinado dizer sempre tudo um ao outro.

— Que há... - disse ele.

Mas Marcelle tinha desatado a rir. Um ronronar baixo e terno como quando ela lhe acariciava os cabelos dizendo-lhe: "Meu velho." No entanto, não tinha um ar terno.

— Conheço-te bem - disse. - Como tu tens medo do patético! E depois? Mesmo que te mostrasses um pouco patético com esse pobre diabo! Que mal é que havia?

— E o que é que adiantava? - perguntou Mathieu. Era ainda contra ele próprio que se defendia.

Marcelle sorriu sem ternura. "Ela procura provocar-me", pensou Mathieu, perturbado. Sentia-se tranquilo e algo estúpido, em suma, de bom

humor e sem vontade de discutir.

— Ouve - disse -, não tens razão em dar importância a essa história. Antes de mais nada, eu não tinha tempo; vinha para cá.

— Tens perfeitamente razão - disse Marcelle. - Isto não é nada; absolutamente nada e nem há motivo para tanta história... Mas não deixa de ser sintomático.

Mathieu sobressaltou-se: se ao menos ela não empregasse palavras tão rebarbativas.

— Vamos lá - disse. - Que é que achas de tão interessante nisto.

— Bem, a tua famosa lucidez. Você é divertido, meu caro, tens um medo tão grande de te iludir a ti próprio que recusarias a mais bela aventura do mundo para não te arriscares a uma mentira...

— Pois é - atalhou Mathieu -, bem o sabes. Há muito tempo que se diz isso.

Achava-a injusta. Essa "lucidez" (detestava a palavra, mas Marcelle tinha-a adotado havia algum tempo. No Inverno anterior era "urgência"; as palavras para ela não duravam mais do que uma estação), essa lucidez, eles já se lhe tinham habituado, eram responsáveis por ela diante um do outro, era apenas o profundo sentido do seu amor. Quando Mathieu se comprometera com Marcelle, renunciara definitivamente aos desejos de solidão, aos pensamentos frescos, sombrios e tímidos que antes se esgueiravam dentro dele com a vivacidade furtiva dos peixes. Só podia amar Marcelle com inteira lucidez; ela era a sua lucidez, a sua companheira, a sua testemunha, conselheira e juiz.

— Se eu mentisse a mim mesmo - disse -, teria a impressão de te mentir também. Isso era-me insuportável.

— Sim - disse Marcelle. Não parecia muito convencida.

— Não pareces convencida!

— Estou, sim - disse ela com indolência.

— Pensas que estou a mentir?

— Não... isto é, sabe-se lá! Mas não creio. Sabes o que estou a pensar? Que te estás a esterilizar um pouco. Pensei nisso hoje... Oh!, tudo é claro e nítido em ti; cheiras a roupa lavada, é como se tivesses passado pela lavandaria. Só falta o contraste. Nada de inútil, de hesitante, de estranho. E tórrido. E não me venhas dizer que é por mim que razes isso; tu segues o teu caminho; gostas de te analisar.

Mathieu estava desconcertado. Marcelle mostrava-se muitas vezes bastante dura; mantinha-se em guarda, um pouco agressiva, desconfiada, e se Mathieu não concordava com ela, imaginava que ele a queria dominar. Mas raramente sentia nela aquela vontade deliberada de lhe ser desagradável. E depois havia aquela fotografia em cima da cama... Encarou Marcelle, com inquietação: ainda não tinha chegado o momento de ela se decidir a falar.

— Isso de me conheceres não me interessa assim tanto - disse simplesmente.

— Eu sei - atalhou Marcelle -, não é um fim, é um meio. É para te libertar de ti próprio; olhar, julgar: é a tua atitude predileta. Quando olhas para ti próprio, imaginas que não é o que estás a ver, que não é nada. No fundo, é o teu ideal: não ser nada.

— Não ser nada - repetiu lentamente Mathieu. - Não. Não é isso. Escuta: eu... eu gostaria de não dever nada senão a mim próprio.

— Sim. Ser livre. Totalmente livre. É o teu vício.

— Não é um vício - disse Mathieu. - É... Que é que tu queres que se faça?

Estava irritado. Tudo aquilo, tinha-lhe explicado cem vezes, e ela sabia que era muito importante para ele.

— Se... se eu não tentasse viver por conta própria, existir parecer-me-ia absurdo.

Marcelle pusera um ar sorridente e obstinado:

— Sim, sim... é o teu vício.

Mathieu pensou: "Ela irrita-me quando se arma em esperta", mas teve remorsos e disse suavemente:

— Não é um vício; eu sou assim.

— Porque é que os outros não são assim, se não é um vício?

— São assim, mas não percebem que o são.

Marcelle deixara de rir. Tinha um vinco duro e triste no canto dos lábios.

— Pois eu não tenho toda essa necessidade de ser livre - disse.

Mathieu olhou para a sua nuca inclinada e não se sentiu à vontade. Era sempre aquele remorso, aquele remorso absurdo que o perseguia quando estava com ela. Pensou que nunca conseguiria pôr-se no lugar de Marcelle: "A liberdade de que lhe falo é a liberdade de homem saudável."

Pôs-lhe a mão no pescoço e apertou suavemente entre os dedos aquela carne untuosa, ligeiramente envelhecida.

— Marcelle, estás aborrecida?

Ela ergueu para ele os olhos um pouco perturbados.

— Não.

Calaram-se. Mathieu sentia prazer na ponta dos dedos. Exatamente na ponta dos dedos. Deixou escorregar a mão ao longo das costas de Marcelle, e ela baixou as pálpebras; viu-lhe então as longas pestanas pretas. Apertou-a nos braços: não que a desejasse naquele instante, mas para ver aquele espírito teimoso e anguloso fundir-se como um pedaço de gelo ao sol. Marcelle deixou cair a cabeça sobre o ombro de Mathieu e ele viu-lhe de perto a pele morena, as olheiras azuladas e borbulentas. Pensou: "Como está a envelhecer!" E pensou que ele também estava velho. Inclinou-se sobre ela com uma espécie de mal-estar; gostaria de esquecer-se e esquecê-la. Mas havia muito tempo que já não se esquecia quando a possuía. Beijou-a na boca; tinha uma linda boca; bem desenhada e severa. Ela escorregou devagar para trás e deitou-se de costas sobre a cama, de olhos fechados, cansada, dêsfrita; Mathieu ergueu-se, tirou as calças e a camisa, pô-las dobradas aos pés da cama e estendeu-se ao lado dela. Mas percebeu que agora ela tinha os olhos abertos e parados, que contemplava o teto, com as mãos cruzadas sob a cabeça.

— Marcelle!

Ela não respondeu; tinha uma expressão má; de repente, levantou-se. Ele sentou-se à beira da cama, envergonhado da sua nudez.

— Agora - disse com firmeza -, vai dizer-me o que é que se passa.

— Não se passa nada - respondeu, com voz fraca.

— Passa-se - disse ele com ternura -, há alguma coisa que te aborrece, Marcelle. Não dizemos tudo um ao outro?

— Tu não podes fazer nada, e isto vai aborrecer-te. Ele acariciou-lhe levemente os cabelos.

— Vá lá, conta.

— Pois então... aconteceu.

— Aconteceu o quê?

— Aconteceu!

Mathieu fez uma careta.

— Tens a certeza?

— Absoluta. Sabes que nunca perco a cabeça: mas... dois meses de atraso!

— Merda!

Pensava: "Ela devia ter-me dito há pelo menos três semanas."

Tinha vontade de fazer alguma coisa com as mãos; encher o cachimbo, por exemplo, mas o cachimbo estava no armário com o casaco. Tirou um cigarro da mesa-de-cabeceira, para o largar em seguida.

— Pois é - disse Marcelle. - Agora já sabes. Que é que vamos fazer?

— Desenvencilharmo-nos disto, não?

— Está bem. Tenho uma direção.

— Quem te deu?

— Andrée. Ela já lá esteve.

— É a mulher que a liquidou no ano passado? Custou-lhe seis meses de cama. Não, não quero.

— Então queres ser pai?

Ela afastou-se, sentou-se a uma certa distância de Mathieu.

Tinha uma expressão dura mas não máscula. Tinha as mãos sobre as coxas e os braços pareciam asas de terracota. Mathieu observou que o rosto se lhe tornara cinzento. O ar estava doce, açucarado, cheirava a rosas. Mas havia aquele rosto cinzento, aquele olhar parado, dir-se-ia que procurava não tossir.

— Espera - disse Mathieu. - Dizes-me essas coisas assim, sem preparação. Vamos refletir.

As mãos de Marcelle principiaram a tremer. Disse com súbita paixão:

— Não é preciso que reflitas; não é a ti que te compete.

Tinha voltado a cabeça para ele e contemplava-o. Olhou-lhe o pescoço, os ombros, a cintura, e o seu olhar desceu mais ainda. Parecia espantada. Mathieu corou violentamente e apertou as pernas.

— Não podes fazer nada - repetiu Marcelle. E acrescentou com uma amarga ironia: - Isto agora é uma coisa de mulhere.

Os lábios cerraram-se sobre as últimas palavras: uma boca húmida com reflexos violeta, um inseto vermelho ocupado em devorar o rosto cinzento. "Sente-se humilhada", pensou Mathieu, "odeia-me." Ele tinha vontade de vomitar. O quarto parecia ter-se esvaziado repentinamente do fumo róseo; havia grandes vazios entre os objetos. Mathieu pensou: "Eu é que lhe fiz isto." E a lâmpada, o espelho com os reflexos de chumbo, o

relógio, a cómoda, o armário entreaberto, tudo adquiriu um aspecto de impiedosa engrenagem: fora posta em movimento e girava no vácuo das suas frágeis existências, com uma obstinação rígida, como o mecanismo de uma caixinha de música, que teima em tocar, insistindo na sua melodia. Mathieu mexeu-se, sem conseguir arrancar-se daquele mundo sinistro e agreste. Marcelle não se mexera, continuava a olhar para o ventre de Mathieu, para a flor culpada, que descansava delicadamente sobre as coxas com um ar de impertinente inocência. Ele sabia que ela tinha vontade de gritar, de soluçar, mas não o faria, com medo de acordar Madame Duffet. Agarrou bruscamente Marcelle pela cintura e apertou-a contra ele. Ela inclinou-se sobre os seus ombros e fungou duas ou três vezes sem verter lágrimas. Era tudo o que podia permitir-se.

Quando ergueu a cabeça, já estava calma. Disse com uma voz decidida:

— Desculpa, querido, precisava de desabafar. Estou a dominar-me desde esta manhã. Naturalmente não te censuro nada.

— Tinhas direito a fazê-lo - observou Mathieu. - Garanto-te que não me sinto orgulhoso. É a primeira vez... Bolas, que porcaria! A asneira é minha, e tu é que pagas. Enfim, aconteceu, aconteceu. Escuta, quem é essa mulher? Onde é que ela mora?

— Rua Morere, 24. Parece que é uma mulher estranha.

— Acredito. Dizes que vais da parte de Andrée?

— Sim. Ela só cobra quatrocentos francos. Dizem que é irrisório, sabes? - disse de repente Marcelle com uma voz sensata.

— Bem sei - disse Mathieu com amargura. - É um bom negócio...

Sentia-se desajeitado, como um noivo. Um tipo grande, desastrado e nu que fizera uma asneira e sorria gentilmente para se fazer perdoar. Mas ela não a podia esquecer: via as coxas brancas dele, musculosas, um pouco curtas, a nudez satisfeita e peremptória. Era um pesadelo grotesco. "Se fosse ela", pensou Mathieu, "teria vontade de bater em toda esta carne." Disse:

— É exatamente o que me preocupa: ela não cobrar muito.

— Ainda bem. Felizmente que pede pouco e eu tenho precisamente quatrocentos francos comigo, eram para a minha costureira, mas ela espera. E, sabes, estou persuadida de que serei tão bem tratada por ela como por qualquer outra - afirmou -, como nessas famosas clínicas clandestinas onde cobram quatro mil francos. Além disso, não podemos escolher.

— Não podemos escolher - repetiu Mathieu. - Quando é que vais?

— Amanhã, por volta da meia-noite. Dizem que só recebe de noite. É engraçado, não? Acho que ela não regula muito bem, mas a mim convém por causa da minha mãe. De dia a mulher está na mercearia, quase não dorme. Entra-se pelo pátio, vê-se luz por baixo de uma porta, é aí.

— Bem - disse Mathieu. - Eu vou lá.

Marcelle olhou-o admirada.

— Estás doido? Ela põe-te na rua, vai pensar que é um tipo da Polícia.

— Eu vou lá - repetiu Mathieu.

— Mas porquê? Que é que lhe vais dizer?

— Quero ver como é. Se não me agradar, não vais. Não quero que caias no açougue de uma velha tonta. Digo-lhe que vou da parte de Andrée, que tenho uma amiga que está atrapalhada, mas que não pode ir já, porque se constipou; qualquer coisa.

— E então? Aonde é que vou, se não servir?

— Podemos esperar dois dias. Amanhã vou ter com a Sara, ela deve conhecer alguém. Lembras-te, no princípio ela não queria filhos.

Marcelle parecia um pouco mais calma. Acariciou-lhe a nuca.

— Tu és bom, querido, não sei muito bem o que é que vai fazer, mas percebo que queres fazer qualquer coisa. Gostarias que te operassem em vez de mim, não?

Passou os lindos braços à volta do pescoço dele e acrescentou com um ar de resignação cómica:

— Se perguntares à Sara, é de certeza um judeu.

Mathieu beijou-a, e ela abandonou-se completamente.

— Querido, querido.

— Tira a tua camisa.

Obedeceu e deitou-se. Ele acariciou-lhe os seios. Gostava das suas pontas gordas e duras, cercadas de intumescências febris. Marcelle suspirava, de olhos cerrados, passiva e gulosa. Mas as pálpebras crispavam-se-lhe. Mathieu sentiu-se perturbado. Era como uma mão morna. E súbitamente ele pensou: "Está grávida." Sentou-se. Cantava-lhe ao ouvido uma música gritante.

— Escuta, Marcelle, hoje isto não vai. Estamos nervosos demais. Desculpe.

Marcelle gemeu levemente, depois levantou-se e enfiou as mãos nos cabelos.

— Como queiras - disse com frieza.

Mas acrescentou com mais amabilidade:

— No fundo tens razão, estamos nervosos demais. Eu desejava as tuas carícias, mas estava apreensiva.

— O mal está feito, não temos mais nada a temer.

— Eu sei, mas era instintivo. Não me explico bem; fazes-me medo, querido.

Mathieu levantou-se.

— Bom. Vou ver a velha.

— Sim. Telefona-me amanhã para me dizeres o que há.

— Não posso ver-te amanhã à noite? Seria mais simples.

— Não, amanhã à noite, não. Depois de amanhã, se quiseres.

Mathieu tinha enfiado a camisa e as calças. Beijou Marcelle nos olhos.

— Não me queres mal?

— A culpa não é tua. Só aconteceu uma vez em sete anos. Não tens nada que te reprimir. E eu não te repugno, ao menos?

— És tola.

— É que sinto repugnância por mim mesma, tenho a impressão de ser um monte de comida.

— Querida - disse Mathieu com ternura -, querida. Em oito dias tudo terá acabado, prometo.

Abriu a porta sem ruído e esgueirou-se para fora com os sapatos na mão. No patamar voltou-se: Marcelle ficara sentada na cama. Sorria-lhe, mas Mathieu teve a impressão de que ela lhe guardava rancor.

*

Algo se desprende nos seus olhos fixos, que lhe rolaram à vontade nas órbitas: ela já não o contemplava e não tinha de lhe prestar contas dos seus olhares. Escondida pela roupa escura e pela noite, a sua carne culpada sentia-se resguardada, e encontrava pouco a pouco o calor e a inocência, recomeçava a desabrochar sob os tecidos. "A almotolia! Vou trazê-la amanhã, como hei-de fazer para não me esquecer?" Estava sozinho.

Parou, trespassado. Não era verdade. Não estava só. Marcelle não o abandonara, pensava nele, pensava: "O estupor fez-me isto, esqueceu-se dentro de mim como uma criança que faz chichi na cama." Podia andar

pelas ruas desertas, anonimamente, enfiado até ao pescoço na sua roupa, não lhe escaparia. A consciência de Marcelle ficara lá cheia de desgraças e de gritos, e Mathieu não a deixara: ele continuava no quarto cor-de-rosa, nu e sem defesa, diante daquela pesada transparência, mais incômoda do que um olhar. "Uma única vez", murmurou com ódio. E repetiu-o a meia-voz para convencer Marcelle: "Uma única vez em sete anos." Marcelle não se deixava convencer: ficara no quarto e pensava em Mathieu. Era intolerável ser julgado assim, odiado em silêncio, à distância. Sem se poder defender, nem sequer esconder o ventre com as mãos. Se ao menos, ao mesmo tempo, pudesse existir para outros com aquela força... Mas Jacques e Odette dormiam; Daniel estava bêbedo ou embrutecido. Ivich nunca pensava nos ausentes. Boris talvez... Mas a consciência de Boris era apenas uma faísca difusa, não podia lutar contra a lucidez imóvel e sombria que fascinava Mathieu à distância. A noite amortalhara a maioria das consciências. Mathieu estava só com Marcelle dentro da noite. Um casal.

Havia luz no Café Camus. O patrão empilhava as cadeiras; a servente fechava um dos lados da porta de madeira. Mathieu empurrou a outra porta e entrou. Tinha vontade de se mostrar. Simplesmente de se mostrar. Encostou-se ao balcão.

— Boa noite a todos.

O patrão olhou-o. Havia também um condutor que bebia Pernod, com o boné sobre os olhos. Eram consciências. Consciências afáveis e discretas. O condutor atirou o boné para trás, com um piparote, e olhou para Mathieu. A consciência de Marcelle abandonou a presa e diluiu-se na noite.

— Uma cerveja - pediu Mathieu.

— Raramente aparece - disse o patrão.

— Não é por falta de sede.

— É verdade que temos sede. Parece que estamos no fim do Verão - disse o condutor.

Calaram-se. O patrão lavava os copos, o condutor assobiava baixinho, Mathieu sentia-se contente porque eles olhavam-no de vez em quando. Viu a sua cabeça no espelho: emergia, redonda e lívida, de um mar de prata. No Café Camus tinha-se sempre a impressão de serem quatro horas da manhã, por causa da luz, uma névoa prateada que cansava os olhos, embranquecia os rostos, as mãos, lavava os pensamentos. Bebeu. Refletiu.

"Ela está grávida. Incrível. Não parece verdade." Parecia-lhe, isso sim, chocante, grotesco como quando um velho e uma velha se beijam na boca: depois de sete anos, aquelas histórias não deviam acontecer. "Ela está grávida." Tinha no ventre uma pequena maré translúcida que inchava docemente, que era corno um olho: "E desenvolve-se no meio das porcarias que ela tem no ventre, e vive." Viu um alfinete comprido avançando na penumbra. Um ruído mole e o olho estourou, furado; ficou apenas uma membrana opaca e seca. "Ela vai ver a velha, vai para o talho." Sentia-se venenoso. "Chega." Mexeu-se: eram pensamentos lívidos, pensamentos das quatro horas da manhã.

— Boa noite.

Pagou e saiu.

"Que é que eu fiz?" Andava devagar, procurando lembrar-se. "Dois meses..." Não se lembrava de nada, talvez fosse depois daquelas férias da Páscoa. Tomara Marcelle nos braços como de costume, com ternura sem dúvida, mais por ternura do que por desejo; e no entanto... "Um filho. Eu pensava dar-lhe prazer e fiz-lhe um filho. Não compreendi o que fazia. Agora vou entregar quatrocentos francos a essa velha, e ela vai enfiar o instrumento entre as pernas de Marcelle, e raspar; a vida partirá como veio; e eu continuarei tão estúpido como antes. Destruindo esta vida como a criei, não sabia o que fazia." Riu secamente: "E os outros? Os que gravemente decidiram ser pais e se sentem genitores quando contemplam o ventre das suas mulheres... Compreenderão melhor do que eu? Fizeram-no às cegas, ao acaso. O resto foi trabalho em câmara escura e em gelatina, como a fotografia. Isto faz-se sem eles." Entrou no pátio e viu uma luz por baixo da porta. Era ali. Estava envergonhado.

Mathieu bateu.

— Quem é? - perguntou uma voz.

— Gostaria de falar consigo.

— Não é hora de vir a casa das pessoas.

— Venho da parte de Andrée Besnier.

A porta abriu-se. Mathieu viu uma madeixa de cabelos amarelos e um nariz avantajado.

— Que é que quer? Não venha como guarda porque não me apanha. Estou em ordem. Tenho o direito de deixar a luz acesa a noite inteira, se quiser. Se o senhor é inspetor, mostre-me o seu cartão.

— Não sou da Polícia - disse Mathieu. - Tenho uma complicação e disseram-me que podia procurá-la.

— Entre.

Mathieu entrou. A velha vestia calças de homem e uma blusa com fecho éclair. Era muito magra, de olhos inexpressivos e duros.

— Conhece Andrée Besnier?

Ela encarava-o com um ar furioso.

— Sim - disse Mathieu. - Ela veio procurá-la o ano passado, nas vésperas do Natal, porque estava atrapalhada. Ficou bastante doente e a senhora foi quatro vezes à casa dela para a tratar.

— E então?

Mathieu olhava as mãos da velha. Eram mãos de homem, de estrangulador, ásperas, gretadas, de unhas curtas e pretas, com cicatrizes e cortes. Sobre a primeira falange do polegar esquerdo havia equimoses violáceas e uma crosta negra. Mathieu estremeceu ao pensar na carne tenra e morena de Marcelle.

— Não venho por causa dela - explicou. - Venho por causa de uma das suas amigas.

A velha riu secamente.

— É a primeira vez que um homem tem o descaramento de se vir pavonear na minha frente! Eu não quero negócios com homens, compreende?

O quarto estava sujo, em desordem. Havia caixotes em todos os cantos e palha no chão ladrilhado. Em cima de uma mesa, Mathieu viu uma garrafa de rum e um copo meio vazio.

— Vim porque a minha amiga me pediu. Ela não pôde vir hoje e pediu-me que me entendesse consigo.

No fundo da sala via-se uma porta entreaberta. Mathieu tinha quase a certeza de que havia alguém atrás dessa porta. A velha falou:

— Essas pobres mulheres são muito tolas. Basta olhar para si para ver que é do género de tipo capaz de fazer um disparate, derrubar copos ou partir espelhos. E apesar disso elas confiam-lhes o que têm de mais precioso. Afinal têm aquilo que merecem.

Mathieu continuou correto.

— Gostaria de ver onde costuma operar.

A velha deitou-lhe um olhar de ódio e desconfiança.

— Não faltava mais nada! Quem é que lhe diz que eu opero? Do que é que está a falar? No que é que se está a intrometer? Se a sua amiga me quiser ver, que venha. Com ela, só com ela é que me hei-de entender! Ah!, queria ver, não? Ela também quis ver, antes de se pôr entre as suas patas? O senhor fez uma burrice. Pois bem, peça a Deus para eu ser mais habilidosa, é tudo o que lhe posso dizer. Adeus.

— Adeus, minha senhora - disse Mathieu.

Saiu... Sentia-se liberto de um peso. Dirigiu-se vagarosamente para a Avenida de Orleães. Pela primeira vez desde que a deixara, podia pensar em Marcelle sem angústia, sem horror, com uma terna tristeza. "Amanhã vou a casa da Sara", pensou.

II

Boris olhava para a toalha de quadrados vermelhos e pensava em Mathieu Dela-rue. Pensava: "Um tipo às direitas." A orquestra parara, a atmosfera estava azulada e as pessoas conversavam. Boris conhecia todos na salinha estreita; não era gente que vinha ali para se divertir: apareciam depois do trabalho, eram sérios e tinham fome. O negro que estava em frente de Lola era cantor no Paradise; os seis tipos com as garotas eram músicos do Nénette. Certamente acontecera-lhes qualquer coisa, uma inesperada felicidade, talvez um contrato para o Verão (na antevéspera tinham falado vagamente de uma boate em Constantinopla), porque tinham encomendado champanhe e normalmente eram mais sóbrios. Boris também viu a loura que dançava vestida de marinheiro no Java. O magro, alto e de óculos, que fumava um charuto, era diretor de um cabaré da Rua Tholozé, que a Polícia tinha fechado. Dizia que o ia reabrir muito em breve, pois tinha proteções na alta-roda. Boris lamentava amargamente não ter lá ido, mas iria sem dúvida quando voltasse a abrir. O tipo estava com um pederasta que, de longe, parecia agradável, um louro de rosto fino, que não era muito afetado e tinha um certo encanto. Boris não gostava dos pederastas porque andavam sempre atrás dele, mas Ivich apreciava-os e dizia: "Esses, pelo menos, têm a coragem de não ser como toda a gente." Boris tinha muita consideração pelas opiniões da irmã e fazia grandes esforços para suportar os tipos. O negro comia chucrute. Boris pensou: "Não gosto de chucrute." Queria saber o nome do prato que tinham servido à dançarina do Java: um naco escuro que parecia bom. Havia uma mancha de vinho tinto na toalha. Uma bela mancha, dir-se-ia que a toalha era de cetim naquele lugar. Lola espalhara uma pitada de sal sobre a mancha, porque era cuidadosa. O sal estava cor-de-rosa. Não é verdade que o sal come as manchas. Tinha de dizer a Lola que o sal não come as manchas. Mas era preciso falar e Boris sentia que não podia falar. Lola estava ao seu lado, cansada e quente, e Boris não conseguiu dizer uma só palavra. Tinha a voz morta. "Eu seria assim se fosse mudo." Era voluptuoso, a voz flutuava no fundo da garganta, suave como algodão, e não podia sair, estava morta. Boris pensou: "Gosto muito de Delarue." E regozijou-se com isso. Tinha tido muito mais prazer se não sentisse, de todo o seu lado esquerdo, das

têmporas à cintura, que Lola o olhava. Era por certo um olhar apaixonado. Lola não sabia olhar de outro modo. Era um pouco incomodativo porque os olhares apaixonados pedem, como retribuições, gestos amáveis e sorrisos; e Boris não era capaz do menor movimento. Estava paralisado. Só que não tinha muita importância; não tinha obrigação de ter percebido o olhar de Lola; adivinhava-o, mas isso era da sua conta. Assim como estava, com o cabelo caído sobre os olhos, não via nem um bocadinho de Lola e podia muito bem imaginar que ela olhava a sala e toda aquela gente. Não estava com sono, sentia-se à vontade e satisfeito porque conhecia todos na sala. Viu a língua rósea do negro. Boris estimava aquele negro. Uma vez, o negro descalçou-se, pegou numa caixa de fósforos com os dedos do pé, abriu-a, tirou um fósforo e acendeu-o, tudo com os pés. "Aquele tipo é formidável", pensou Boris com admiração, "toda a gente devia saber servir-se dos pés como das mãos." Doía-lhe o seu lado esquerdo de tanto ser olhado. Sabia que se aproximava o momento em que Lola iria perguntar: "Em que estás a pensar?" Era absolutamente impossível atrasar a pergunta; não dependia dele; Lola havia de a fazer a hora certa, como uma fatalidade. Boris tinha a impressão de gozar um bocadinho de tempo infinitamente precioso. No fundo era agradável. Boris via a toalha, via o copo de Lola (Lola tinha ceado, nunca jantava antes do seu número de canto). Bebera Château Gruau, tratava-se bem, permitia-se uma porção de pequenos caprichos porque andava desesperada com a velhice que a ameaçava. Sobrara um resto de vinho no copo, dir-se-ia sangue empoeirado. O jazz pôs-se a tocar *If the moon turns green* e Boris perguntou a si próprio: "Saberei cantar esta música?" Seria agradável passear pela Rua Pigalle, ao luar, assobiando uma melodiazinha. Delarue tinha-lhe dito: "Você assobia como um porco." Boris riu-se por dentro e pensou: "O estupor!" Transbordava de simpatia por Mathieu. Olhou de lado sem virar a cabeça e reparou nos olhos cansados de Lola por baixo de uma suntuosa madeixa de cabelos ruivos. No fundo, suporta-se sem grande esforço um olhar. Bastava habituar-se àquele calor peculiar que vem queimar o rosto quando se sente que alguém nos observa de modo apaixonado. Boris entregava-se docilmente aos olhares de Lola, o corpo, a nuca magra, o perfil diluído que ela tanto amava. Assim, por esse preço, podia abstrair-se profundamente em si mesmo e ocupar-se com os pensamentos pequeninos e agradáveis que nasciam dentro dele.

— Em que é que estás a pensar? - perguntou Lola.

— Em nada.

— Está-se sempre a pensar em qualquer coisa.

— Não pensava em nada.

— Nem mesmo se gostas do que estão a tocar ou se gostarias de aprender a sapatear?

— Sim, em coisas como essas.

— Estás a ver? Porque é que não me dizes? Quero saber tudo o que pensas.

— Essas coisas não se dizem. Não têm importância.

— Não têm importância? Parece que só te deram uma língua para falar de filosofia com o teu professor.

Ele olhou e sorriu: "Gosto dela porque é ruiva e parece velha."

— Que rapaz estranho! - disse Lola.

Boris piscou os olhos e pôs um ar suplicante. Não gostava que falassem dele; era tão complicado. Perdia-se nessas divagações. Dir-se-ia que Lola estava colérica, mas era simplesmente porque o amava com paixão e se atormentava por causa dele. Havia momentos assim, em que era mais forte do que ela, em que se aborrecia sem motivo, se angustiava, contemplava Boris perdidamente, não sabia o que fazer dele e as mãos agitavam-se-lhe sozinhas. A princípio, Boris estranhara, mas aos poucos habituara-se. Lola pousou a mão na cabeça de Boris.

— Queria saber o que tens aí dentro - disse. - Faz-me medo.

— Porquê? Juro que é inocente - observou Boris a rir.

— Sim, mas não sei como explicar... vem assim, espontaneamente, eu nada posso, cada um dos teus pensamentos é uma pequena fuga.

Despenteou-lhe os cabelos.

— Não levantes a minha madeixa - disse Boris. - Não gosto que me vejam a testa.

Ele pegou-lhe na mão, acariciou-a ligeiramente e largou-a sobre a mesa.

— Estás aí muito terno - disse Lola -, penso que estás bem comigo, e, de repente, não há ninguém, pergunto a mim própria para onde fugiste.

— Estou aqui.

Lola olhava-o bem de perto. O seu rosto pálido estava desfigurado por uma generosidade triste, era precisamente o mesmo ar que tinha quando

cantava Les Écorchés. Avançava os lábios, aqueles lábios enormes de cantos caídos de que ele tinha gostado.

Desde que os sentira na boca, produziram-lhe o efeito de uma nudez húmida e febril no meio de uma máscara de gesso. Agora preferia a pele de Lola, tão branca que não parecia ser verdadeira. Lola perguntou timidamente:

— Tu não te chateias comigo?

— Nunca me chateio.

Lola suspirou e Boris pensou, com satisfação: "É engraçado como ela parece velha; não diz a idade, mas deve seguramente andar pelos quarenta." Gostava que as pessoas que tinham afeição por ele parecessem velhas. Achava isso reconfortante, dava-lhe uma certa segurança. Além disso, dava-lhe uma espécie de fragilidade terrível, que não se revelava a princípio porque todos tinham a pele curtida como couro. Teve vontade de beijar o rosto atormentado de Lola, pensou que ela estava acabada, que tinha estragado a sua vida e ficara só, mais só ainda, talvez, desde que o amava: "Não posso fazer nada por ela", disse consigo mesmo, resignado. Achava-a, naquele instante, muito simpática.

— Tenho vergonha - disse Lola.

A voz era pesada e sombria como uma cortina de veludo vermelho.

— De quê?

— És uma criança.

Ele disse:

— Divirto-me quando dizes criança. É uma linda palavra na tua boca. Tu dizes duas vezes criança em Lês Ecorchés. Só por isso iria ouvir-te. Havia muita gente esta noite?

— Uma cambada vinda nem sei de onde. - E que tagarelava sem parar. - Tinham tanta vontade de me ouvir como de se enforcar. Sarrunyan teve de mandá-los calar. Fiquei chateada, sabes, tinha a sensação de estar a ser indiscreta. Mesmo assim aplaudiram quando entrei.

— É normal.

— Oh!, estou farta - disse Lola. - Desgosta-me cantar para estes idiotas. Gente que aparece porque precisa de retribuir um convite e não pode receber em casa. Se os visses chegar cheios de sorrisos; curvam-se, seguram a cadeira da mulher enquanto ela se senta. Evidentemente,

atrapalhamo-los e quando surgimos medem-nos dos pés à cabeça. Boris - disse bruscamente Lola -, eu canto para viver.

— Já sei.

— Se imaginasse que iria acabar assim, nunca teria começado.

— Mas quando cantavas no music-hall, também vivias do canto.

— Não era a mesma coisa.

Houve um silêncio, e Lola apressou-se a acrescentar:

— Sabes, o tipo que canta depois de mim, o novo, falei com ele esta noite. É delicado, mas é tão russo como eu.

"Ela pensa que me aborrece", pensou Boris. Prometeu a si próprio dizer-lhe de uma vez para sempre que ela nunca o aborrecia. Mas não hoje, noutro dia.

— Talvez ele tenha aprendido russo.

— Mas tu - disse Lola - poderias dizer-me se ele tem boa pronúncia.

— Os meus pais saíram da Rússia em 17, tinha eu três meses.

— É engraçado que tu não saibas russo - concluiu Lola, sonhadora.

"Ela é extraordinária", pensou Boris, "tem vergonha de me amar porque é mais velha do que eu. Acho isso muito natural, um tem de ser mais velho do que o outro." Era mais de acordo com a moral. Boris não poderia amar uma mulher da sua idade. Se ambos são jovens, não sabem como se hão-de conduzir, hesitam, têm a impressão de andar a brincar aos jantarzinhos. Com as pessoas maduras, não. São sabidas, sabem orientar-se e o seu amor é consistente. Quando Boris estava junto de Lola, tinha a aprovação da própria consciência, sentia-se justificado. Naturalmente preferia a companhia de Mathieu, porque Mathieu não era uma simples mulher. Um homem é mais interessante. E depois, Mathieu explicava-lhe coisas. Boris perguntava a si próprio se Mathieu lhe teria amizade. Mathieu era indiferente e brutal. Claro que entre homens não deve haver sentimentalismos, mas há muitas maneiras de mostrar que se gosta e Mathieu já poderia ter tido um gesto que revelasse a sua amizade. Mathieu não era assim com Ivich. Boris recordou de repente o rosto de Mathieu num dia em que ele ajudara Ivich a vestir o casaco; sentiu um aperto desagradável no coração. O sorriso de Mathieu: naquela boca amarga que tanto agradava a Boris, aquele estranho sorriso envergonhado e terno. Mas logo a cabeça de Boris se encheu de fumo e ele não pensou em mais nada.

— Ei-lo a sonhar de novo - murmurou Lola. Ela olhava-o com ansiedade. - No que é que estás a pensar?

— Em Delarue - disse Boris, aborrecido.

Lola sorriu tristemente.

— Não poderias de vez em quando pensar também um pouco em mim?

— Não preciso de pensar em ti, tu estás aí.

— Porque pensas em Delarue? Gostarias de estar com ele?

— Estou contente de estar aqui.

— Estás contente de estar aqui ou de estar comigo?

— É a mesma coisa.

— Para ti é, não para mim. Quando eu estou contigo pouco me importa que seja aqui ou ali. Aliás eu nunca me sinto contente quando estou contigo.

— Não? - indagou Boris surpreso.

— Não, não é contentamento. Não te faças parvo, sabes muito bem o que é isso; já te vi com Delarue, não sabes onde é que te hás-de meter quando ele aparece.

— Não é a mesma coisa.

Lola aproximou dele o seu belo rosto arruinado; parecia implorar.

— Olha para mim, tonto, porque é que gostas tanto dele?

— Não sei. Não é bem assim. É um amigo notável, Lola, mas incomoda-me falar-te dele, porque já me disseste que não podes suportá-lo.

Lola teve um sorriso contrafeito.

— Olha como ele se defende! Mas, querido, eu não te disse que não podia suportá-lo. Só não percebi o que é que viste nele de extraordinário. Explica-me, eu só quero compreender.

Boris pensou: "Não é verdade, mais três palavras e ela vai começar a tossir."

— Acho-o simpático - disse com prudência.

— É o que dizes sempre. Não seria exatamente essa palavra que eu escolheria. Diz-me que ele parece inteligente, que é culto, está bem; mas não é simpático. Enfim, é impressão minha. Para mim um tipo simpático é um amigo do género do Maurice, um tipo assim agradável, mas ele não põe as pessoas à vontade porque não é carne nem é peixe; engana as pessoas. Repara nas mãos dele.

— Que é que têm as mãos? Eu gosto delas.

— São mãos grosseiras de operário. Tremem sempre ligeiramente, como se acabasse de fazer força.

— Por isso mesmo.

— Sim, mas é que ele não é operário. Quando o vejo agarrar no copo de uísque, há qualquer coisa de duro e irónico, de que eu não desgosto, mas depois é preciso não o ver beber com aquela boca esquisita de pastor protestante. Não posso explicar, acho-o austero e, se lhe observarmos os olhos, vê-se logo que é culto, que é o tipo que não gosta de nada simplesmente, nem de beber, nem de comer, nem de dormir com uma mulher; deve refletir sobre tudo; é como a voz dele, uma voz cortante de senhor que nunca se engana. Eu sei que é a profissão que exige isso, quando se ensina: eu tinha um professor que falava como ele, mas já não estou na escola, e isso irrita-me. Compreendo que se possa ser uma coisa ou outra, um bruto ou uma pessoa distinta, professor, pastor, mas não as duas ao mesmo tempo. Não sei se há mulheres a quem isso agrade, deve haver, mas digo-te francamente que me repugnava que um tipo assim me tocasse, não gostaria de sentir sobre mim essas mãos de lutador e ser trespassada pelo seu olhar glacial.

Lola respirou fundo. "Que complicação", pensou Boris. Mas sentia-se tranquilo. As pessoas que gostavam dele não eram obrigadas a gostar umas das outras, e Boris achava natural que cada uma delas o tentasse afastar das outras.

— Compreendo-te muito bem - continuou Lola conciliadora -, não o vês com os meus olhos. Como ele foi bom professor, estás influenciado; bem o percebo numa data de coisas; por exemplo, você, que é tão severo com a maneira como as pessoas se vestem, que nunca as achas muito elegantes, não te incomodas quando se trata dele, que anda sempre tão mal arranjado, que usa gravatas que o empregado do meu hotel não usaria.

Boris estava entorpecido e passivo. Explicou:

— Quando as pessoas não se preocupam em andar bem vestidas, não tem importância que não se seja elegante. O que é ridículo é querer dar nas vistas e não o conseguir.

— Tu consegues, não é?

— Eu sei escolher o que me convém - disse Boris com modéstia.

Pensou que estava com uma camisola azul de gola alta com o ponto grosso e ficou satisfeito; uma linda camisola. Lola pegara-lhe na mão e fazia-a saltar entre as suas. Boris olhou a mão que saltava e pensou: "Não parece minha, parece uma filho." Já não a sentia. Isso divertiu-o e ele ergueu um dedo para a fazer viver. O dedo roçou a palma de Lola e ela olhou-o com gratidão. "É isto que me intimida", pensou Boris com irritação. Disse para si próprio que lhe seria mais fácil mostrar-se terno com Lola se ela não insistisse naquelas expressões de humildade. Quanto a deixar que uma mulher já madura lhe acariciasse a mão em público, não o perturbava de forma alguma. Há muito que ele pensava estar predestinado a isso. Mesmo quando estava só, no metro, por exemplo, as pessoas olhavam-no escandalizadas e as costureirinhas que saíam do trabalho riam-se-lhe na cara. Lola disse de repente:

— Não me chegaste a dizer porque o achavas tão "bem".

Ela era assim, não sabia parar quando começava. Boris tinha a certeza de que ela se mortificava, mas no fundo, devia gostar disso. Contemplava-a: o ar estava azulado em volta dela e o rosto era de um cinza-pálido. Mas os olhos permaneciam febris e duros.

— Diz lá porquê?

— Porque é um homem às direitas. Oh! - gemeu Boris -, estás a chatear-me. Ele não se prende a coisa nenhuma.

— E tu achas bem não se prender a coisa nenhuma? Tu não te prendes a nada?

— A nada.

— Nem um bocadinho a mim?

— Ah! A ti sim.

Lola pareceu infeliz e Boris voltou a cabeça. Não gostava de a ver quando ela tinha aquela expressão. Ela mortificava-se, e ele achava isso estúpido, mas não podia fazer nada. Fazia tudo o que dependia dele. Era fiel a Lola, telefonava-lhe sempre, ia buscá-la três vezes por semana à saída do Sumatra, e então dormia em casa dela. Quanto ao resto, era uma questão de génio, provavelmente. De idade, também; os velhos eram amargos, como se a sua vida estivesse sempre em jogo. Uma vez, quando Boris era pequeno, deixara cair a colher; mandaram-no apanhá-la e ele recusara-se, obstinadamente. Então o pai dissera-lhe com uma atitude majestosa, inesquecível: "Pois bem, eu é que vou apanhá-la." Boris vira um

corpo alto curvar-se com rigidez, uma cabeça calva. Ouvira um ranger de ossos. Era um sacrilégio intolerável e ele desatara a soluçar. Desde então, Boris considerava os adultos como divindades volumosas e impotentes. Se se baixavam, tinha-se a impressão de que se iam partir, se davam um passo em falso e se se estendiam no chão, ficava-se colocado num dilema, de um lado a vontade de rir, de outro um certo temor religioso. E se as lágrimas lhes subiam aos olhos, como em Lola naquele momento, não sabia onde se enfiar. Lágrimas de adulto eram uma catástrofe mística, qualquer coisa como o choro de Deus sobre a maldade do homem. Sob outro ponto de vista, naturalmente apreciava Lola por ser tão apaixonada. Mathieu explicava-lhe que as pessoas deviam ter paixões, e Descartes também o dissera.

— Delarue tem paixões - disse, continuando a pensar em voz alta. - Isso não o impede de não se prender a nada. É livre.

— Pois então eu também sou livre, só estou presa a ti.

Boris não respondeu.

— Eu não sou livre? - perguntou Lola.

— Não é bem a mesma coisa.

"É demasiado difícil de explicar." Lola era uma vítima, não tinha sorte, e era muito comovente. Tudo aquilo não a favorecia. E depois armava-se em heroína. Até certo ponto estava certo. Boris conversara com Ivich, e ambos tinham concordado que estava certo. Mas dependia da maneira como se encarava a coisa: se se faz para se destruir, por desespero ou para afirmar a própria liberdade está certo, só merece elogios. Mas Lola fazia-o com um certo abandono, aliás ávido. Nem sequer estava intoxicada.

— Fazes-me rir - disse Lola secamente. - Sempre a mesma mania de colocar Delarue acima dos outros, por princípio. Aqui entre nós, pergunto: quem é mais livre, ele ou eu? Ele está sossegado, bem instalado, tem ordenado fixo, aposentação garantida, vive como um funcionário. E ainda por cima essa ligação de que me falaste, essa mulher que não sai de casa. Como liberdade não há melhor! Eu só tenho os meus trapos, vivo no hotel, sozinha, nem sequer sei se serei contratada no Verão.

— Não é a mesma coisa - repetiu Boris.

Ele estava irritado. Lola pouco se importava com a liberdade. Entusiasmara-se nessa noite porque queria vencer Mathieu no seu próprio terreno.

— Tenho vontade de te matar quando ficas assim. Então, porque é que não é a mesma coisa?

— Você é livre sem querer - explicou Boris. - É assim. Ao passo que Mathieu é-o voluntariamente, racionalmente.

— Não consigo compreender... - disse Lola sacudindo a cabeça.

— Ele está-se importando com a casa? Vive lá como viveria noutro lugar qualquer. E penso que ele também não liga para a mulher. Fica com ela porque precisa de dormir com alguém. A liberdade dele não se vê, está dentro dele.

Lola parecia ausente; ele teve vontade de a fazer sofrer um pouco. Acrescentou:

— Estás muito agarrada a mim. Ele nunca se deixaria prender assim.

— Ah! - gritou Lola magoada -, estou muito agarrada a ti? Estúpido. E achas que ele não gosta da tua irmã? Bastava olhá-lo, no outro dia, no Sumatra.

— Da Ivich? Magoas-me.

Lola riu com sarcasmo e a cabeça de Boris repentinamente encheu-se de fumo. Passou-se algum tempo, o jazz tocava agora St. James Infirmary, e Boris teve vontade de dançar.

— Vamos dançar.

Dançaram. Lola fechava os olhos e ele ouvia a sua curta respiração. O pederasta levantara-se e fora convidar a dançarina do Java. Boris pensou que ia vê-lo de perto e ficou contente. Lola pesava nos seus braços. Dançava bem e tinha um perfume gostoso, mas era pesada. Boris pensou que preferia dançar com Ivich. Esta dançava admiravelmente bem. Pensou: "Ivich deveria aprender a sapatear." Depois não pensou mais nada por causa do perfume de Lola. Apertou-a nos braços e respirou fortemente. Ela abriu os olhos e olhou-o atentamente.

— Gostas de mim?

— Gosto - disse Boris com uma careta.

— Porque é que fazes essa cara?

— Porque me perturbas.

— Porquê? Não é verdade então que gostas de mim?

— É.

— Porque não dizes isso espontaneamente? É sempre preciso que eu te pergunte.

— Porque não me ocorre. Acho que essas coisas não se dizem.

— Desagrada-te quando digo que te amo?

— Não, podes dizê-lo, se isso te apetece, mas não deve perguntar-me se te amo.

— Querido, é tão raro perguntar-te alguma coisa. A maior parte das vezes, basta-me olhar e sentir que te amo. Mas há momentos em que é o teu amor que eu quero.

— Compreendo - disse Boris com seriedade. - Mas deverias esperar que isso acontecesse. Se não é espontâneo, não tem sentido.

— Mas, meu tonto, se tu próprio dizes que não te lembras disso senão quando eu te pergunto!

Boris riu.

— É verdade, fazes-me dizer asneiras. Pode ter-se um grande sentimento por alguém e não ter vontade de dizer nada.

Lola não respondeu. Pararam e aplaudiram, e a música recomeçou. Boris viu com satisfação que o pederasta se aproximava deles dançando. Mas quando o pôde examinar de perto, desiludiu-se: tinha pelo menos quarenta anos. Conservava no rosto o verniz da juventude e envelhecera por baixo. Tinha grandes olhos azuis de boneca e uma boca infantil, mas sob os olhos de porcelana havia rugas, bem como em torno da boca: as narinas eram finas como se estivessem agonizantes, e os cabelos, que, de longe, se assemelhavam a um halo dourado, mal lhe escondiam o crânio. Boris contemplou com horror aquela velha criança sem barba. "Já foi jovem", pensou. Havia tipos que pareciam feitos para ter trinta e cinco anos - Mathieu, por exemplo - porque nunca tinham tido adolescência., Mas quando um tipo fora realmente jovem ficava marcado para o resto da vida. Aguentava até aos vinte e cinco anos. Depois... era horrível. Pôs-se a olhar para Lola e bruscamente disse-lhe:

— Lola, olhe para mim. Amo-te.

Os olhos de Lola ficaram vermelhos, pisou os pés de Boris. Disse apenas:

— Querido.

Ele teve vontade de gritar: "Aperta-me, força-me a sentir que te amo!" Mas Lola não dizia nada, estava sozinha agora, era a sua vez. Sorria vagamente, baixara as pálpebras, e o seu rosto fechara-se sobre a sua felicidade. Um rosto calmo e deserto. Boris sentiu-se abandonado e o

pensamento desagradável invadiu-o de novo: "Não quero, não quero envelhecer." No ano passado estava sossegado, nunca pensava nessas coisas. Agora era sinistro, sentia a cada passo a mocidade escorregar-lhe entre os dedos. Até aos vinte e cinco anos. "Tenho ainda cinco à minha frente", pensou. "Depois estouro os miolos." Já não podia suportar aquela música e aquela gente. Disse:

— Vamos para casa?

— Vamos já, querido.

Voltaram para a mesa. Lola chamou o empregado e pagou. Pôs a capa de veludo sobre os ombros.

— Vamos.

Saíram. Boris já não pensava em nada, mas sentia-se sinistro. A Rua Blanche estava cheia de tipos velhos e duros. Encontraram o maestro Piranese, do Chat Botté, e cumprimentaram-no. As suas pernas pequeninas mexiam-se sob o ventre rechonchudo. "Eu também, talvez, vá ter barriga." Não se poder ver ao espelho, sentir os próprios gestos secos e quebradiços como se fosse de madeira morta... E cada instante vivido usava um pouco mais a sua mocidade. "Se ao menos pudesse poupar-me, viver devagar, ao ralenti, talvez ganhasse alguns anos. Mas para isso era preciso que não me deitasse todas as noites às duas horas." Olhou para Lola com ódio. "Ela mata-me."

— Que é que tens? - perguntou Lola.

— Nada.

Lola morava num hotel da Rua Navarin. Tirou a chave do cacifo e subiram em silêncio. O quarto estava nu. A um canto uma mala coberta de etiquetas e na parede do fundo uma fotografia de Boris, presa com punaises. Era uma fotografia de passe, que Lola mandara ampliar. "Isto ficará", pensou Boris, "quando eu for uma ruína. Aqui hei-de parecer eternamente jovem." Teve vontade de rasgar a fotografia.

— Estás sinistro - disse Lola -, que é que se passa?

— Estou exausto, com dores de cabeça.

Lola mostrou-se inquieta.

— Não estás doente, não, querido? Queres um comprimido?

— Não, já está a passar.

Lola agarrou-lhe no queixo e levantou-lhe a cabeça.

— Parece que me tens raiva. Não me queres mal, não? Não gostas de mim. Que é que te fiz?

— Não tenho nada, está louca - protestou Boris molemente.

— Estás zangado, sim. Mas que é que eu fiz? Devias dizer, porque assim eu poderia explicar-te. Deve ser um mal-entendido. Não deve ser irremediável. Por favor, Boris, diz-me o que se passa.

— Mas não se passa nada!

Pôs os braços em volta do pescoço de Lola e beijou-a na boca. Lola estremeceu. Boris respirava o hálito perfumado e sentia de encontro aos lábios uma nudez húmida. Estava perturbado. Lola cobriu-lhe o rosto de beijos. Arquejava um pouco.

Boris sentiu que desejava Lola e ficou satisfeito. O desejo aspirava-lhe as ideias sombrias, como aliás todas as ideias. Houve um redemoinho na sua cabeça e ela esvaziou-se rapidamente. Tinha a mão na anca de Lola e sentia a carne através do vestido de seda. Ele era agora apenas aquela mão sobre uma carne de seda. Crispou levemente a mão e a seda deslizou-lhe sob os dedos como uma pele fina, acariciante e morta; a pele verdadeira resistiu por baixo, elástica, fria como uma luva de camurça. Lola atirou a capa sobre a cama e os seus braços apareceram nus, enrolaram-se no pescoço de Boris; ela cheirava bem. Boris via-lhe as axilas raspadas e marcadas de pontinhos azulados, minúsculos e duros. Dir-se-iam espinhos profundamente enterrados. Boris e Lola permaneceram de pé naquele mesmo lugar em que o desejo os apanhara, porque não tinham forças para se afastar. As pernas de Lola puseram-se a tremer e Boris perguntou a si próprio se não iriam estender-se ali no tapete... Apertou Lola contra o peito e sentiu a doçura espessa dos seios.

— Ah! - murmurou Lola.

Ela inclinou-se para trás e ele estava fascinado por aquela cabeça pálida de lábios carnudos, uma cabeça de Medusa. Pensou: "São os seus últimos dias de sol." E apertou-a mais fortemente. "Uma destas manhãs ela ir-se-á abaixo de repente." Já não a odiava; sentia-se nela, rígido e magro, todo músculos, envolvia-a nos seus braços e protegia-a contra a velhice. Depois teve uns momentos de sono e desvario: olhou os braços de Lola, brancos como os cabelos de uma velha, pareceu-lhe segurar a velhice nas mãos e que devia apertá-la com toda a força até a abafar.

— Como tu me apertas - gemeu Lola, feliz. - Magoas-me. Quero-te...

Boris desenvencilhou-se; estava um pouco chocado.

— Dá-me o pijama. Vou despir-me no banheiro.

Entrou e fechou a porta à chave. Detestava que Lola entrasse enquanto se despia. Lavou o rosto e os pés e divertiu-se a pôr talco nas pernas. Estava completamente calmo. Pensou: "E engraçado." Tinha a cabeça pesada e no entanto vazia, não sabia exatamente no que pensava. "Preciso de falar com Delarue." Do outro lado da porta ela esperava-o, de certeza que já estava nua. Mas ele não tinha pressa. Um corpo nu, cheio de odores nus, uma coisa terrível, era o que Lola não compreendia. Ia ser necessário, agora, deslizar até ao fundo de uma sensualidade pesada, de gosto forte. Uma vez que começava, ia bem, mas antes era impossível não ter medo. "Em todo o caso", pensou com irritação, "não vou perder a cabeça como das outras vezes." Penteou-se cuidadosamente por cima da bacia para verificar se lhe estavam a cair os cabelos. Mas não viu um só sobre o esmalte branco. Vestiu o pijama, abriu a porta e entrou no quarto.

Lola estava estendida na cama, inteiramente nua. Era uma Lola diferente, preguiçosa e temível, e espiava-o através dos olhos semicerrados. O corpo sobre a coberta azul era prateado como a barriga de um peixe, com um triângulo de pelos ruivos. Era bela. Boris aproximou-se da cama e encarou-a com um misto de perturbação e de desprazer. Ela estendeu-lhe os braços.

— Espera - disse Boris.

Apagou a luz. O quarto ficou inteiramente vermelho, pois sobre o prédio em frente tinham colocado um anúncio luminoso. Boris deitou-se perto de Lola e pôs-se a acariciar-lhe os ombros e os seios. Ela tinha a pele doce, tão doce, que parecia ter conservado o vestido de seda. Os seios eram um pouco moles, mas Boris gostava deles assim: eram seios de alguém que vivera. Não adiantara apagar a luz, por causa do maldito anúncio luminoso; continuava a ver o rosto de Lola, pálido dentro do vermelho. Os lábios escuros. Ela parecia sofrer, os olhos eram duros. Boris sentiu-se pesado e trágico, exatamente como em Nimes, quando o primeiro touro entrou na arena. Ia acontecer alguma coisa, alguma coisa de inevitável, terrível e pesada, como a morte sanguinolenta do touro.

— Tira o pijama - suplicou Lola.

— Não - disse Boris.

Era um ritual. Todas as vezes Lola lhe pedia que tirasse o pijama e Boris recusava. As mãos de Lola enfiaram-se por baixo do casaco e começaram a acariciá-lo devagar. Boris riu.

— Fazes-me cócegas.

Beijaram-se. Daí a um bocado, Lola pegou na mão de Boris e pô-la sobre o tufo de pelos ruivos. Tinha sempre umas exigências estranhas, e Boris era obrigado a recusar às vezes. Ele deixou durante algum tempo a mão pender, inerte, junto das coxas de Lola. Depois levantou-a docemente até aos ombros.

— Vem - disse Lola, atraindo-o a ela -, adoro-te. Vem, vem...

Não demorou muito a gemer e Boris pensou: "Pronto, vou perder a cabeça." Uma onda pastosa subia-lhe dos rins à nuca...

— Não quero - murmurou Boris, cerrando os dentes. Mas pareceu-lhe repentinamente que o erguiam pelo pescoço como um coelho, e abandonou-se sobre o corpo de Lola e tudo girou num estremecimento vermelho e voluptuoso.

— Querido - disse Lola.

Ela fê-lo deslizar suavemente para o lado e saiu da cama. Boris ficou aniquilado, com a cabeça no travesseiro. Ouviu Lola abrir a porta da casa de banho e pensou: "Quando romper com ela, serei casto, já não quero mais histórias. É repugnante o amor. Não é bem repugnante, mas tenho horror a perder a cabeça. Não se sabe o que se faz, sentimo-nos dominados; e depois, que adianta escolher uma mulher, será a mesma coisa com todas. É fisiológico." Repetiu com asco: "Fisiológico." Lola arranjava-se para dormir. O ruído da água era agradável e inocente. Boris ouviu-o com prazer. Os alucinados sedentos do deserto ouviam ruídos semelhantes, ruídos de fonte. Boris tentou imaginar que era um alucinado sedento. O quarto, a luz vermelha, o barulho da água eram alucinações, ia encontrar-se em pleno deserto, deitado sobre a areia, com um capacete de cortiça sobre os olhos. O rosto de Mathieu surgiu de repente: "É engraçado", pensou, "prefiro os homens às mulheres, nunca me sinto tão feliz como quando estou ao lado de um homem. No entanto, não desejaria dormir com um tipo." Ficou contente: "Hei-de ser um monge quando deixar Lola." Sentiu-se seco e puro. Lola saltou para a cama e tomou-o nos braços.

— Meu pequeno - disse ela. - Meu pequeno.

Acariciou-lhe os cabelos e houve um longo momento de silêncio. Boris já começava a ver girarem as estrelas, quando Lola se pôs a falar. A voz era estranha dentro da noite vermelha.

— Boris, só te tenho a ti. Estou sozinha, tens de me amar, eu só penso em ti. Se penso na minha vida, tenho vontade de me atirar à água, tenho de pensar em ti o dia inteiro. Não sejas cruel, meu amor, nunca me faças mal, é tudo o que eu tenho. Estou nas tuas mãos, querido, não me faças mal. Estou sozinha!

Boris acordou sobressaltado e encarou a situação com nitidez.

— Se estás sozinha é porque gostas - afirmou com voz clara -, é porque é orgulhosa. Se não fosse assim gostarias de um tipo mais velho do que eu. Eu sou demasiado jovem e não te posso impedir de estares só. Tenho a impressão de que me escolheste por causa disso.

— Não sei - disse Lola. - Amo-te apaixonadamente. É tudo o que sei.

Ela abraçou-o furiosamente. Boris ainda a ouviu dizer "Adoro-te", e adormeceu.

III

Verão. O ar era quente e denso. Mathieu caminhava pelo meio da rua sob um céu de um azul límpido. Agitava os braços como se abrisse pesadas cortinas de ouro. O Verão. O Verão dos outros. Para ele um dia sombrio ia começar, um dia que iria arrastando até à noite, um enterro ao sol. Uma direção. Dinheiro. Ia ser preciso correr por todos os lados. Sarah dar-lhe-ia a direção. Daniel emprestaria o dinheiro. Ou Jacques. Tinha sonhado que era um assassino e um resto do sonho ficara-lhe nos olhos sob a luz ofuscante. Rua Delambre, 16. Era ali. Sarah morava no sexto andar e naturalmente o elevador não funcionava. Mathieu subiu a pé. Por trás das portas fechadas, mulheres arranjavam as casas. De avental, com uma toalha apertada em volta da cabeça. Para elas o dia também ia começar. Que dia? Mathieu estava ligeiramente ofegante quando tocou. Pensou: "Devia fazer ginástica." Depois, aborrecido: "Digo isto cada vez que subo uma escada." Ouviu uns passos pequenos. Um homenzinho calvo, de olhos claros, abriu, sorridente. Mathieu reconheceu-o, era um alemão emigrado, já o vira várias vezes no Dome sorvendo deliciado o seu café com leite ou inclinado sobre o tabuleiro de xadrez, chocando as peças com os olhos e lambendo os lábios grossos.

— Desejava falar com Sarah - disse Mathieu.

O homenzinho pôs-se sério e bateu os calcanhares. Tinha as orelhas roxas.

— Weysmuller - disse com firmeza.

— Delarue - respondeu Mathieu sem ligar.

O homenzinho voltou a sorrir amavelmente.

— Entre, entre. Ela está lá em baixo, no estúdio. Vai ficar muito satisfeita.

Fê-lo entrar no vestíbulo e desapareceu a correr. Mathieu empurrou a porta envidraçada e penetrou no estúdio de Gomez. Parou no patamar interno, ofuscado pela luz intensa que entrava pelas grandes janelas empoeiradas. Mathieu fechou os olhos. Doía-lhe a cabeça.

— Quem é? - perguntou Sarah.

Mathieu debruçou-se no corrimão. Sarah estava sentada no sofá, de quimono amarelo, via-lhe a cabeça sob os cabelos ralos e espetados; uma

vela ardia diante dela: uma cabeça ruiva de braquicéfalo... "É Brunet", pensou Mathieu contrariado. Não o via há seis meses, mas não sentia prazer nenhum em encontrá-lo ali. Era um obstáculo, tinham muita coisa a dizer um ao outro, havia uma amizade agonizante entre eles. E Brunet trazia consigo o ar de fora, um universo sadio, estreito e obstinado de revoltas e violências, de trabalho manual, de esforços pacientes, de disciplina. Não precisava de ouvir o vergonhoso segredinho de alcova que Mathieu ia confiar a Sarah. Sarah levantou a cabeça e sorriu.

— Bom dia, bom dia! - disse.

Mathieu sorriu também. Via de cima aquele rosto achatado e sem graça, minado pela bondade, e mais abaixo os seios pesados e moles, meio à mostra através do quimono. Apressou-se em descer.

— Que é que o trás aqui? - perguntou Sarah.

— Preciso de lhe pedir uma coisa.

O rosto de Sarah corou de satisfação.

— Tudo o que quiser.

E acrescentou encantada com o prazer que esperava dar:

— Sabe quem está aqui?

Mathieu voltou-se para Brunet e apertou-lhe a mão. Sarah olhava-os ternamente.

— Viva, velho traidor social - disse Brunet.

Apesar de tudo, Mathieu sentiu-se satisfeito de ouvir aquela voz. Brunet era grande e sólido, com um rosto de camponês. Não parecia muito amável.

— Viva - disse Mathieu. - Pensei que tivesses morrido.

Brunet riu sem responder.

— Sente-se ao pé de mim - disse Sarah com avidez.

Ia fazer-lhe um favor, sabia-o. Agora era portanto propriedade sua. Mathieu sentou-se. O pequenino Pablo brincava por baixo da mesa com cubos de cartão.

— E Gomez? - perguntou Mathieu.

— Sempre o mesmo. Está em Barcelona.

— Teve notícias dele?

— Na semana passada. Contou as suas proezas - respondeu Sarah com ironia.

Os olhos de Brunet brilharam.

— Sabe que ele foi promovido a coronel?

Coronel. Mathieu pensou no sujeito da véspera e a garganta apertou-se-lhe. Gomez partira. Um dia soubera da queda de Irun no Paris-Soir. Passara muito tempo no estúdio, com os dedos enfiados na cabeleira negra. Depois descera sem chapéu nem sobretudo, como se fosse comprar cigarros ao Dome. Não voltara. A sala ficara no estado em que ele a deixou: uma tela inacabada no cavalete, uma lâmina de cobre semigravada sobre a mesa, no meio de frascos de ácidos. O quadro e a gravura representavam a Senhora Stimson. No quadro, ela estava nua. Mathieu recordou-a bêbeda e magnífica, cantando com voz áspera nos braços de Gomez. Pensou: "Ele procedia mal com Sarah."

— Foi o ministro quem lhe abriu a porta? - pergunto Sarah alegremente.

Não queria falar de Gomez. Perdoara-lhe tudo, as traições, as fugas, a maldade. Mas aquilo, não. A partida para a Espanha, não. Partira para matar outros homens. Matara outros homens. Para Sarah a vida humana era sagrada.

— Que ministro? - indagou Mathieu espantado.

— O ratinho de orelhas vermelhas é um ministro - disse Sarah com um orgulho ingênuo. - Pertenceu ao governo socialista de Munique em 22. Agora morre de fome.

— E está claro que você o recolheu.

Sarah pôs-se a rir.

— Veio para cá com a mala. Não, a sério, não tem para onde rir. Puseram-no fora do hotel porque não podia pagar.

Mathieu contou pelos dedos.

— Com Annia, Lopez e Santi são quatro pensionistas.

— Annia vai-se embora - disse Sarah, como que a desculpar-se.
- Arranjou trabalho.

— É um absurdo - murmurou Brunet.

Mathieu sobressaltou-se e voltou-se para ele. A indignação de Brunet era pesada e calma; olhava Sarah com o seu ar de camponês e repetia:

— É um absurdo.

— O quê? Que é que é um absurdo?

— Ah! - disse Sarah com vivacidade, pousando a mão no braço de Mathieu. - Venha em meu socorro, meu caro Mathieu.

— Isso não interessa a Mathieu - disse Brunet a Sarah com ar de descontentamento.

Ela já não o escutava.

— Ele quer que eu mande embora o meu ministro - disse Sarah, chorosa.

— Mandar embora?

— Diz que é um crime conservá-lo aqui.

— Sarah exagera - disse tranquilamente Brunet.

Voltou-se para Mathieu e explicou contrariado:

— Temos más informações acerca desse tipo. Parece que há uns seis meses rondava os corredores da Embaixada da Alemanha. Não é preciso ser muito esperto para imaginar o que poderia lá fazer um judeu emigrado.

— Vocês não têm provas - observou Sarah.

— Não, não temos provas. Se tivéssemos, ele não estaria aqui. Mas mesmo que se trate de meras suposições, Sarah mostra-se de uma imprudência louca.

— Porquê? Porquê? - exclamou Sarah com paixão.

— Sarah - disse Brunet com ternura -, tu farias com que Paris fosse pelos ares para evitar um aborrecimento aos seus protegidos.

Sarah sorriu levemente.

— Não é bem assim, mas é certo que não sacrificarei Weysmuller às intrigas do seu partido. É... é tão abstrato um partido.

— É exatamente o que eu dizia - afirmou Brunet.

Sarah sacudiu violentamente a cabeça. Gorara e os seus olhos verdes humedeceram-se.

— O meu ministro! - disse com indignação. - Tu viu-o, Mathieu. Diga-me lá se ele é capaz de matar uma mosca!

A calma de Brunet era grande. A calma do mar. Era entorpecente e exasperante. Não parecia ser um só homem, tinha a vida lenta, silenciosa e murmurante de uma multidão. Explicou:

— Gomez manda-nos por vezes comunicações. Vem aqui, e aqui nos encontramos; bem sabes que tais comunicações são confidenciais. Portanto, seria este o lugar indicado para instalar um tipo que tem reputação de espião?

Mathieu não respondeu. Brunet empregara a forma interrogativa, mas era uma afirmação; não lhe perguntava a sua opinião. Há muito que

Brunet deixara de pedir conselhos de qualquer espécie a Mathieu.

— Mathieu, fica como testemunha! Se expulsar Wey-muller, ele vai atirar-se ao Sena. Posso realmente levar um homem ao suicídio por causa de uma simples suspeita? - acrescentou Sara com desespero.

Levantou-se, horrível e triunfante. Fazia nascer em Mathieu a cumplicidade que se esboça, que se sente perante os esmagados, as vítimas de acidentes, os indivíduos que exibem feridas desagradáveis.

— A sério? - perguntou. - Vai atirar-se ao Sena?

— Qual nada! - disse Brunet. - Voltará para a Embaixada da Alemanha e tentará vender-se de uma vez.

— É o mesmo - disse Mathieu. - De qualquer maneira está liquidado. Brunet encolheu os ombros.

— Sim - disse com indiferença.

— Está a ouvir, Mathieu? - gritou Sarah com angústia. - Quem é que tem razão? Diga alguma coisa.

Mathieu nada tinha a dizer, Brunet não lhe perguntava nada, não se preocupava com a opinião de um burguês, de um intelectual sujo, de um cão de guarda. "Ele vai ouvir-me com uma cortesia gelada, e ficará na mesma. Vai julgar-me pelo que eu disser, é tudo." Mathieu não queria que Brunet o julgasse. Em tempos, por princípio, nenhum dos dois julgava o outro. "A amizade não suporta a crítica", dizia então Brunet. "É feita de confiança." Talvez o dissesse ainda. Mas agora era nos camaradas do partido que pensava.

— Mathieu! - disse Sarah.

Brunet inclinou-se para ela e tocou-lhe no joelho.

— Escute, Sarah - disse docemente. - Gosto muito de Mathieu e aprecio muito a inteligência dele. Se se tratasse de interpretar um trecho de Espinosa ou Kant, não deixaria de o consultar. Mas este assunto é vulgar e insignificante e juro-lhe que não preciso de conselhos, ainda que seja de um professor de Filosofia. Já formei a minha opinião.

"Evidentemente", pensou Mathieu. "Evidentemente." Sentia-se magoado, mas não tinha qualquer ressentimento contra Brunet. "Quem sou eu para lhe dar conselhos? Que fiz da minha vida?"

Brunet levantou-se.

— Tenho de me ir embora - disse. - Faça como quiser, Sarah. Não pertence ao partido, e o que faz por nós já é considerável. Mas se ele

continuar aqui, pedir-lhe-ei que vá a minha casa quando tiver notícias de Gomez.

— Combinado - disse Sarah.

Os olhos brilharam-lhe, parecia aliviada.

— E não deixe nada por aí. Queime tudo.

— Prometo.

Brunet voltou-se para Mathieu.

— Adeus, até à vista, meu velho.

Não lhe estendia a mão, olhava-o atentamente com um olhar duro, como o olhar de Marcelle na véspera. Aquele mesmo espanto implacável. Mathieu sentia-se nu sob estes olhares, um tipo nu, em migalhas. Um desajeitado. "Quem sou eu para lhe dar conselhos?" Pestanejou. Brunet parecia duro e nodoso. "E eu? Vê-se o aborto no meu rosto." Brunet falou: não era a voz que Mathieu esperava.

— Estás com uma cara! - disse gentilmente. - Que é que tens?

Mathieu também se levantou.

— Eu?... Eu tenho chatices. Mas não é nada de importante.

Brunet pôs-lhe a mão no ombro. Olhava-o hesitante.

— É estúpido. Passa-se a vida a correr de um lado para o outro e não se tem tempo de ver os velhos amigos. Se morresses, só o viria a saber um mês depois, por acaso.

— Não irei tão depressa - disse Mathieu a rir.

Sentia a mão de Brunet no ombro. Pensava: "Não me está a julgar", e sentia-se cheio de uma humilde gratidão. Brunet ficou sério.

— Não - disse -, não será tão cedo. Mas...

Pareceu finalmente decidir-se.

— Estarás livre às duas horas? Tenho uns momentos livres, poderei dar um pulo até à tua casa. Conversaremos um pouco como antes.

— Como antigamente... Sim, estou inteiramente livre e espero-te - disse Mathieu.

Brunet sorriu amistosamente. Conservava o sorriso ingénuo e alegre. Voltou-se e dirigiu-se para a escada.

— Vou acompanhá-lo - disse Sarah.

Mathieu seguiu-os com o olhar. Brunet subia os degraus com uma elasticidade surpreendente. "Nem tudo está perdido", pensou. E sentiu uma coisa estremecer-lhe dentro do peito, uma coisa quente e modesta que se

assemelhava à esperança. Deu alguns passos. A porta bateu por cima da sua cabeça. O pequeno Pablo olhava-o gravemente. Mathieu aproximou-se da mesa e pegou num buril. Uma mosca, que pousara sobre a lâmina de cobre, levantou voo. Pablo continuava a olhá-lo. Mathieu sentia-se incomodado, sem saber porquê. Tinha a impressão de estar a ser devorado pelos olhares da criança. "As crianças", pensou, "são vorazes, todos os seus sentidos são bocas." O olhar de Pablo ainda não era humano e no entanto já era qualquer coisa mais do que a vida. Não havia muito tempo que o rapaz saíra de uma barriga, e isso via-se. Estava ali, indeciso, pequenino, conservava ainda um aveludado doentio de coisa vomitada, mas por detrás dos vagos humores que lhe enchiam as órbitas escondia-se uma conscienciazinha ávida. Mathieu brincava com o buril. "Está quente", pensou. A mosca esvoaçou à volta dele. Num quarto cor-de-rosa, dentro de outra barriga, havia uma bolha que inchava.

— Sabes o que é que eu sonhei? - perguntou Pablo.

— Diz lá.

— Sonhei que era uma pena.

"E pensa", disse para si Mathieu. Perguntou:

— E o que é que fazias quando eras pena?

— Nada. Dormia.

Mathieu atirou bruscamente o buril sobre a mesa. A mosca assustada pôs-se a voar em círculos e pousou finalmente sobre a chapa de cobre, entre dois sulcos que representavam um braço de mulher. Era preciso agir depressa, pois a bolha continuava a inchar, fazia grandes esforços para sair; para se libertar das trevas e se tornar parecida com aquilo, com aquela pequena ventosa pálida e mole que absorvia o mundo...

Mathieu deu alguns passos em direção à escada. Ouvia a voz de Sarah. Ela abriu a porta, deteve-se no limiar e sorriu a Brunet. Do que é que estará à espera para voltar a descer? Deu meia volta, olhou a criança e a mosca. Uma criança, uma carne pensante que grita e sangra quando a matam. Uma mosca é mais fácil de matar do que uma criança. Encolheu os ombros: "Não vou matar ninguém. Vou impedir que nasça uma criança." Pablo pusera-se a brincar novamente com os cubos. Esquecera-se de Mathieu. Mathieu estendeu a mão e tocou na mesa com o dedo. Repetia com espanto: "Impedir que nasça..." Dir-se-ia que havia algures uma criança já formada, aguardando o momento de saltar para o lado daqui do

cenário, naquela sala, ao sol, e Mathieu barrava-lhe a passagem. Na verdade, era mais ou menos isso. Havia um homenzinho mediatundo e dissimulado, mentiroso e sofredor, com uma pele branca e grandes orelhas, sinais e um punhado de distintivos como os que se põem nos passaportes, um homenzinho que não andaria pelas ruas, com um pé na calçada e outro na valeta; e olhos, um par de olhos verdes como os de Mathieu, ou negros como os de Marcelle, e que nunca haviam de ver os céus glaucos de Inverno, nem o mar, nem rosto algum; mãos que não tocariam nunca na neve, nem na carne das mulheres, nem na casca das árvores; havia uma imagem do mundo, sanguinolenta, luminosa, aborrecida, apaixonada, sinistra, cheia de esperanças, uma imagem povoada de jardins e de casas, de mulheres doces e horríveis insetos, que iriam rebentar com um alfinete, como um balão.

— Pronto - disse Sarah. - Esperou muito tempo?

Mathieu ergueu a cabeça e sentiu-se aliviado. Ela estava inclinada sobre o corrimão, pesada e disforme. Era uma adulta, de carnes velhas, que parecia sair da salmoura e nunca ter nascido. Sarah sorriu-lhe e desceu rapidamente a escada. O quimono balançava em volta das pernas curtas.

— Então? Que é que se passa? - disse avidamente.

Os grandes olhos velados encaravam-no fixamente, com insistência. Ele desviou o olhar e disse, secamente:

— Marcelle está grávida.

— Oh!

Sarah parecia mais alegre do que aborrecida. Perguntou com timidez:

— E vocês... vocês vão...

— Não, não - respondeu Mathieu com vivacidade -, não queremos a criança.

— Ah! Sim - disse ela -, compreendo.

Baixou a cabeça e conservou-se silenciosa. Mathieu não pôde suportar aquela tristeza que nem sequer era uma censura.

— Creio que isso lhe aconteceu há tempos. Gomez disse-me - replicou com brutalidade.

— Sim. Há anos.

Ela ergueu bruscamente os olhos e acrescentou com paixão:

— Não é nada, se se for a tempo.

Ela evitava julgá-lo, pôs de parte as suas reservas, as censuras e tinha apenas um desejo: tranquilizá-lo.

— Não é nada...

Ele ia sorrir, encarar o futuro com confiança; ela seria a única a pôr luto por aquela morte minúscula e secreta.

— Escute, Sarah - disse Mathieu irritado -, tente compreender-me. Eu não quero casar. Não é por egoísmo, mas acho o casamento...

Calou-se. Sarah era casada, tinha casado com Gomez cinco anos antes. Ele acrescentou a seguir:

— E depois Marcelle não quer filhos.

— Ela não gosta de crianças?

— Não sente interesse por elas.

Sarah pareceu desconcertada.

— Sim - disse -, se é assim, então efetivamente...

Agarrou-lhe as mãos.

— Meu pobre Mathieu, como deve estar acabrunhado. Desejaria poder ajudá-los.

— É justamente isso - disse Mathieu -, tu pode ajudar-nos. Quando teve... esse aborrecimento, procurou alguém, um russo, julgo eu.

— Sim - disse Sarah, a fisionomia alterou-se-lhe. - Foi horrível!

— Ah! - disse Mathieu com uma voz transtornada. - E... é muito doloroso.

— Não muito, mas... - disse ela com um ar penoso - eu pensava no pequeno. Bem sabe, era Gomez que queria. E quando ele queria qualquer coisa, naquele tempo... mas foi um horror, nunca eu... poderia pedir-me de joelhos, agora, que eu não tornaria a fazer.

Olhou Mathieu, perturbada.

— Deram-me um embrulho depois da operação e disseram-me: "Deite isso na privada." Numa privada. Como um rato morto! Mathieu - disse ela, apertando-lhe com força o braço -, não sabe o que vai fazer!

— E quando se põe uma criança no mundo, sabe-se? - perguntou Mathieu encolerizado.

Uma vida! Uma consciência a mais, uma pequena luz perdida, que voaria em círculo, chocaria contra as paredes e não poderia escapar.

— Não, eu quero dizer que não imagina o que vai exigir de Marcelle. Tenho receio de que ela o fique a detestar depois.

Mathieu reviu, recordou-se dos olhos de Marcelle, grandes olhos duros e cansados.

— E você, odeia Gomez? - perguntou-lhe secamente.

Sarah teve um gesto de desconsolo, de desânimo. Não era capaz de odiar ninguém, e a Gomez ainda menos do que aos outros.

— Em todo o caso - disse resoluta -, não quero mandá-los a esse russo. Ele ainda opera, mas agora bebe e eu já não tenho confiança nele. Houve um caso complicado há dois anos.

— Conhece outro?

— Ninguém - disse Sarah devagar.

Mas de repente toda a bondade se lhe refletiu no rosto e exclamou:

— Sim, é verdade, tenho uma solução, como é que não pensei já nisso? Vou arranjar tudo. Waldmann. Não o viu cá em casa? Um ginecologista. É um especialista de abortos, com ele pode ficar sossegado. Em Berlim tinha uma clientela enorme. Quando os nazis tomaram o poder, foi morar para Viena. Depois disso houve o Anschluss e ele veio ter a Paris com uma maleta. Mas desde há muito que enviara todo o seu dinheiro para Zurique.

— Acha que ele tratará do caso?

— Naturalmente. Vou vê-lo hoje mesmo.

— Estou contente - disse Mathieu -, muito contente. Não leva demasiado caro?

— Em Berlim levava dois mil marcos. Mathieu empalideceu.

— Dez mil francos!

Ela acrescentou, vivamente:

— Mas era um roubo. Pagava-se pela reputação. Aqui ninguém o conhece. Será mais razoável. Vou propor-lhe três mil francos.

— Bem - disse Mathieu, entre dentes.

Perguntava a si próprio aonde iria buscar o dinheiro.

— Escute - disse Sarah -, porque não hei-de ir agora de manhã? Mora na Rua Blaise-Desgoffes, é pertinho. Visto-me e desço. Espera por mim?

— Não, eu... eu tenho um encontro às dez e meia. Sarah, você é um anjo.

Agarrou-lhe os ombros e sacudiu-a a sorrir. Ela acabava de lhe sacrificar as suas repugnâncias mais profundas, de se tornar, por

generosidade, cúmplice num ato que lhe inspirava horror. Irradiava satisfação.

— Onde estará por volta das onze horas? - perguntou ela. - Poderia telefonar-lhe.

— Devo estar no Dupont Latin, Bulevar Saint-Michel. Poderei ficar lá e esperar pelo seu telefonema.

— No Dupont Latin? Está bem.

O roupão de Sarah abriu-se sobre os enormes seios. Mathieu abraçou-a, por ternura e para não lhe ver o corpo.

— Até logo - disse Sarah -, até logo, meu caro Mathieu.

Ergueu para ele o rosto terno e desgracioso. Havia naquele rosto uma humildade perturbadora, quase voluptuosa, que dava vontade de lhe fazer mal, de a humilhar. "Quando a vejo", dizia Daniel, "compreendo o sadismo." Mathieu beijou-a nas duas faces.

*

"Verão!" O céu enchia a rua, era um fantasma mineral; os transeuntes flutuavam no céu, e os rostos deles flamejavam. Mathieu respirou um cheiro vivo, de poeira nova. Pestanejou e sorriu. Verão! Deu alguns passos; o alcatrão negro e mole, cheio de pontos brancos, colou-se à sola dos seus sapatos. Marcelle estava grávida. Já não era o mesmo Verão.

Ela dormia, o corpo, mergulhado numa sombra densa, transpirava a dormir. Os belos seios morenos e arroxeados tinham caído, pequenas gotas nasciam nos bicos, gotas brancas e salgadas como lágrimas. Ela dorme. Dorme sempre até ao meio-dia. A bolha dentro do seu ventre não dormia, não tem tempo para dormir; alimenta-se e incha. A bolha inchava e o tempo passava. É preciso que eu arranje o dinheiro dentro de quarenta e oito horas.

O Luxemburgo, quente e branco. Estátuas, pombos, crianças. As crianças correm, os pombos levantam voo. Correrias, relâmpagos brancos. Sentou-se numa cadeira de ferro. "Aonde é que irei pedir o dinheiro? Daniel não me vai emprestar. Mesmo assim, vou pedir-lhe... em último caso, pedirei a Jacques." A relva tremia a seus pés. Uma estátua mostrava-lhe as nádegas de pedra, os pombos arrulhavam, pássaros de pedra. "Afinal é coisa de uns quinze dias, esse judeu há-de esperar até ao fim do mês, e a 29 recebo."

Mathieu parou de repente. Ele via-se a pensar, tinha horror de si próprio. "Neste momento, Brunet vai sossegado pela rua, à vontade sob este sol, sente-se leve porque espera, anda dentro de uma cidade de vidro que em breve há-de quebrar, sente-se forte, caminha bamboleando-se ligeiramente, com precaução, porque ainda não chegou a hora de partir tudo. Espera. Mas eu? Eu? Marcelle está grávida. Conseguirá Sarah convencer o judeu? Onde arranjar dinheiro? E o que estou a pensar." Lembrou-se de repente de dois olhos muito juntos sob espessas sobrancelhas negras. "Madrid. Queria lá ir. Juro. Mas não pode ser." Pensou subitamente: "Estou a ficar velho."

"Estou velho. Estirado em cima de uma cadeira, comprometido até ao pescoço na vida e não acreditando em nada. E, no entanto, eu também quis partir para a Espanha. Mas não consegui. Haverá realmente uma Espanha? Estou aqui, saboreio, sinto o velho gosto do sangue e da água ferruginosa, o meu gosto, sou o meu próprio gosto, existo. Existir é isso: beber-se a si próprio sem ter sede. Trinta e quatro anos. Há trinta e quatro anos que eu me saboreio, e estou velho. Trabalhei, esperei, tive o que queria: Marcelle, Paris, independência. Está tudo acabado. Não quero mais nada." Contemplava aquele jardim rotineiro, sempre novo, sempre o mesmo, há mais de cem anos percorrido pelas mesmas ondas de cores e ruídos, como o mar. Havia as crianças que correm desordenadamente, as mesmas há mais de cem anos, com o mesmo sol sobre as deusas de gesso, de dedos partidos, e aquelas árvores todas. E havia Sarah com o roupão amarelo, Marcelle grávida, o dinheiro. Tudo isso era tão natural, tão normal, tão monótono, bastava para encher uma vida, era a vida. O resto, as Espanhas, os castelos no ar era... o quê? Uma pobre religião laica para uso próprio. O acompanhamento discreto e seráfico da verdadeira vida. Um alibi? "Assim é que eles me vêem, Marcelle, Daniel, Brunet, Jacques. O homem que quer ser livre. Come, bebe, como qualquer outro, é funcionário, não faz política, lê L'Oeuvre e Le Populaire e está em dificuldades financeiras. Mas quer ser livre, como outros desejam uma coleção de selos. A liberdade é o seu jardim secreto A sua pequena convivência para consigo próprio. Um tipo preguiçoso e frio, um pouco quimérico, mas muito razoável no fundo, que dissimuladamente construiu para si próprio uma felicidade medíocre e sólida, feita de inércia e que justifica de vez em quando com elevadas reflexões. Não é isso que sou?"

Tinha sete anos. Estava em Pithiviers, na casa do tio Jules, o dentista, sozinho na sala de espera, e brincava a fazer que não existia. Era preciso tentar não se engolir, como quando se conserva sobre a língua um líquido demasiado frio, evitando o pequeno movimento da deglutição que o lançaria na garganta. Tinha conseguido esvaziar completamente a cabeça. Mas esse vazio ainda tinha um gosto. Era dia de disparates. Vegetava num calor provinciano que cheirava a moscas e tinha apanhado uma a que arrancara as asas. Verificara que a cabeça se assemelhava a uma cabeça de fósforo, fora buscar a caixa à cozinha e esfregara nela a mosca para ver se acendia. Tudo isso negligentemente: era uma comédia medíocre de vagabundo e não conseguia interessar-se por si próprio, sabia muito bem que a mosca não ia acender-se. Sobre a mesa havia revistas rasgadas e um belo vaso chinês, verde e cinza, com asas como patas de papagaio. O tio dissera-lhe que o vaso tinha três mil anos. Mathieu aproximou-se do vaso com as mãos atrás das costas e contemplou-o com inquietação. Era apavorante ser uma bolinha de miolo de pão neste velho mundo ressequido, diante de um vaso impassível de três mil anos. Voltara-lhe as costas e pusera-se a revirar os olhos e a fungar em frente do espelho, sem conseguir distrair-se. De repente, voltou para junto da mesa, ergueu o vaso, que era pesadíssimo, e atirou-o ao chão. Aconteceu assim e logo a seguir sentiu-se leve, diáfano. Olhava os cacos de porcelana, maravilhado. Algo acabava de acontecer àquele vaso de três mil anos guardado entre as paredes quinquagenárias, na luminosidade do Verão, algo totalmente irreverente que se assemelhava a uma manhã. Pensou: "Fui eu que fiz isto", e sentia-se orgulhoso, livre, sem peias; sem família, sem origem, uma apariçãozinha obstinada que rompera a crosta terrestre.

Tinha dezasseis anos. Era um estúpido. Estava deitado na areia em Arcachon, contemplava as grandes ondas do oceano. Acabara de bater num jovem bordelês que lhe atirara pedras. Ele obrigara-o a comer areia. Sentado à sombra dos pinheiros, arquejante, com as narinas cheias do odor da resina, tivera a impressão de ser uma pequena exploração suspensa no ar, redonda, abrupta inexplicável. Disse a si próprio: "Hei-de ser livre"; ou antes não disse coisa nenhuma, mas era o que queria dizer e era uma aposta, uma promessa. Apostara que toda a sua vida se pareceria com aquele momento excepcional. Tinha vinte e um anos, lia Espinosa no quarto, e era terça-feira de Carnaval. Grandes carros multicores passavam

na rua, cheios de bonecos de papelão. Erguera os olhos e apostara de novo, com aquela ênfase filosófica que lhe era agora peculiar, a ele e a Brunet: "Hei-de salvar-me." Dez, cem vezes tornara a fazer a aposta. As palavras mudavam com a idade e as modas intelectuais, mas era uma só e mesma aposta. E, aos seus próprios olhos, Mathieu não era um tipo que ensinava Filosofia a rapazes num liceu, nem o irmão de Jacques Delarue, o advogado, nem o amante de Marcelle, nem o amigo de Daniel e Brunet. Era unicamente aquela aposta.

Que aposta? Pôs a mão sobre os olhos cansados da luz. Já não sabia bem. Tinha agora - cada vez mais - longos momentos de exílio. Para compreender a aposta, precisava de estar nos seus dias melhores.

— A bola, se faz favor.

Uma bola de ténis rolou-lhe aos pés, um rapazinho corria atrás dela com a raqueta na mão. Mathieu apanhou a bola e atirou-a ao rapaz. Decerto que não estava num desses dias. Vegetava naquele calor sufocante, sofria a velha e monótona sensação do quotidiano. Inutilmente repetia as frases que os exaltavam antes: "Ser livre. Ser a causa de si próprio, poder dizer: sou porque quero; ser o próprio começo." Eram palavras vazias e pomposas, palavras irritantes de intelectual.

Levantou-se. Levantava-se um funcionário, um funcionário em dificuldades financeiras e que ia encontrar-se com a irmã de um dos seus ex-alunos. Pensou: "Estará tudo acabado? Serei apenas um funcionário?" Esperara tanto tempo. Os últimos anos tinham sido uma vigília. Esperara através de mil e uma preocupações quotidianas. Naturalmente durante esse tempo andara atrás de mulheres, viajara e ganhara a vida. Mas através de tudo isso a sua única preocupação fora manter-se disponível. Para uma ação. Um ato. Um ato livre e refletido que acarretaria o destino da sua vida e seria o início de uma nova existência. Nunca pudera prender-se definitivamente a um amor, a um prazer, nunca fora realmente infeliz; sempre lhe parecera estar algures, não ter ainda nascido completamente. Esperava. E durante esse tempo, devagar, sub-repeticiamente, os anos tinham chegado e tinham-no envolvido. Trinta e quatro anos. "Com vinte e cinco é que eu me devia ter comprometido. Como Brunet. Sim, mas nessa idade não se tem plena consciência do que se faz. Vai-se na onda. Eu não queria ir na onda." Tinha pensado partir para a Rússia, abandonar os estudos, aprender um ofício. O que o retivera à beira destas rupturas

violentas fora a ausência de motivos para fazê-lo. Sem motivos, a decisão teria sido uma asneira. Continuara a esperar...

Barquinhos à vela giravam no tanque, chicoteados de quando em quando pelo repuxo. Parou para olhar o carrossel náutico. Pensou: "Já não espero. Ela tem razão. Estou liquidado. Esvaziei-me, esterilizei-me para ser apenas uma espera. Agora estou vazio. Mas já não espero mais nada."

Junto do repuxo, um barquinho parecia perdido, inclinava-se, afundava-se lentamente. Todos riam. Uma criança tentava apanhá-lo com uma vara.

IV

Mathieu olhou para o relógio. "Dez e quarenta, está atrasada." Não gostava que ela se atrasasse, tinha sempre medo de que se deixasse morrer. Ela esquecia-se de tudo, fugia de si mesma, esquecia-se a cada momento, esquecia-se de comer, esquecia-se de dormir. Um dia, esquecer-se-ia de respirar, e pronto. Dois rapazes pararam junto dele; olharam para uma das mesas com desdém, num desafio.

— Sit down - disse um.

— Eu sit down - respondeu o outro. Riram e sentaram-se. Tinham as mãos bem tratadas, a fisionomia dura e a carne tenra. "Só há chatos por aqui", pensou Mathieu, irritado. Estudantes ou liceais. Jovens machos rodeados de fêmeas e que pareciam insetos brilhantes e obstinados. É engraçada a mocidade, pensou Mathieu por fora, esfuziantes, por dentro, não sentem nada. Ivich cheirava a mocidade. Boris também, mas eram exceções. Mártires da juventude. "Eu não sabia que era jovem, nem Brunet, nem Daniel. Só depois é que dei conta."

Lembrou-se sem grande prazer que ia acompanhar Ivich a uma exposição de Gauguin. Gostava de lhe mostrar belos quadros, bons filmes, belos objetos, porque ele não era belo e era uma maneira de se desculpar. Ivich não o desculpava. Hoje como das outras vezes olharia os quadros com um ar selvagem e maníaco. Mathieu ficaria a seu lado, feio, importuno, esquecido. No entanto não desejava ser belo; nunca ela estava tão só como diante da beleza. Pensou: "Não sei o que quero dela." Viu-a nesse mesmo instante. Descia o bulevar ao lado de um rapaz alto de cabeleira crespa e óculos. Ela erguia o rosto para ele e oferecia-lhe um sorriso luminoso. Falavam animadamente. Quando viu Mathieu, os seus olhos apagaram-se; disse um adeus rápido ao companheiro e atravessou a Rua dês Écoles como uma sonâmbula. Mathieu levantou-se.

— Olá, Ivich!

— Bom dia - disse ela.

Estava com o rosto dos dias de festa. Puxara os caracóis louros para a frente, e a franja descia-lhe até aos olhos. No Inverno o vento despenteava-a, descobria-lhe as bochechas gordas e lívidas e a testa curta, a que ela chamava "testa de calmuco". Um rosto largo, pálido, infantil e sensual, como

a Lua entre duas nuvens. Agora Mathieu via apenas um falso rosto, estreito e puro, que ela usava por cima do verdadeiro como uma máscara triangular. Os jovens vizinhos de Mathieu voltaram-se para a ver. Pensavam visivelmente: "Boa pequena." Mathieu contemplou-a com ternura. Ele, só ele, sabia que Ivich era feia. Ela sentou-se, calma e taciturna. Não estava pintada, porque a pintura lhe estragava a pele.

— E para a senhora? - perguntou o empregado.

Ivich sorriu-lhe. Gostava que lhe chamassem senhora. Depois virou-se para Mathieu, indecisa.

— Tome um Pippermint - disse Mathieu -, você gosta disso.

— Gosto disso? - disse divertida. - Então está bem, quero. Mas que é isso? - perguntou quando o empregado se afastou.

— Menta verde.

— Aquela coisa verde e viscosa que bebi no outro dia? Oh!, não quero; cola na boca. Eu deixo-o tomar decisões, mas não o devia ouvir. Não temos os mesmos gostos.

— Você disse que gostava - atalhou Mathieu, contrariado.

— Sim, mas depois refleti, lembrei-me do gosto. - Estremeceu. - Nunca mais beberei disso.

— Garçom! - gritou Mathieu.

— Não, não, deixe-o trazer, é bonito. Não o beberei, pronto. Não estou com sede.

Calou-se. Mathieu não sabia o que dizer. Ivich interessava-se por tão pouca coisa! E ele não tinha vontade de falar. Marcelle estava ali. Não a via, não se referia a ela, mas estava ali. Ivich sim, via-a, podia chamá-la pelo nome ou tocar-lhe no ombro; mas era inatingível com o seu porte frágil e os belos seios duros. Parecia pintada e envernizada como uma taitiana de Gauguin. Inútil. Dentro em pouco, Sarah telefonaria. O empregado chamaria: "Senhor Delarue." Mathieu ouviria do outro lado do fio uma voz sombria: "Ele quer dez mil francos, nem um franco a menos." Hospital, cirurgia, cheiro a éter, questões de dinheiro. Mathieu fez um esforço e voltou-se para Ivich. Ela fechara os olhos e passava levemente os dedos sobre as pálpebras. Reabriu os olhos.

— Tenho a impressão de que ficam abertos sozinhos. De vez em quando eu fecho-os para que descansem. Estão vermelhos?

— Não.

— É o sol. No Verão doem-me. Em dias como este não devíamos sair senão depois de escurecer. Não sabemos onde nos havemos de enfiar, o sol persegue-nos por toda a parte. E as pessoas ficam com as mãos úmidas.

Mathieu tocou com o dedo, por baixo da mesa, com a palma da mão. Estava seca. Era o outro, o rapaz encaracolado, que tinha as mãos húmidas. Olhava Ivich sem se sentir perturbado; achava-se culpado e liberto ao mesmo tempo por lhe querer menos.

— Aborreceu-a tê-la feito sair tão cedo?

— De qualquer maneira eu não podia ficar no quarto.

— Porquê? - perguntou Mathieu admirado.

Ivich encarou-o com impaciência.

— Com certeza não sabe o que é um "lar de estudantes".

— Protegem as mulheres de verdade, sobretudo em tempo de exames. E depois a empregada afeiçoou-se a mim, entra a todo o momento no meu quarto, sob qualquer pretexto, acaricia-me os cabelos. Tenho horror a que me toquem.

Mathieu mal a ouvia. Sabia que ela não pensava o que dizia. Ivich sacudiu a cabeça, irritada.

— Ela gosta de mim porque sou loura. É sempre a mesma coisa. Daqui a três meses vai detestar-me. Há-de dizer que eu sou dissimulada.

— Tu és dissimulada - disse Mathieu.

— Sim... - murmurou ela, num tom arrastado que fazia pensar nas suas faces lívidas.

— Afinal as pessoas acabam por perceber que esconde o rosto e baixa os olhos como uma santa de pau carunchoso.

— Gostaria que soubessem como tu és? - acrescentou com certo desprezo. - É verdade que não liga para essas coisas. Quanto a olhar as pessoas de frente, não posso. Os olhos ardem-me logo.

— Tu perturbava-me a princípio - disse Mathieu. - Olhava-me por cima da testa, à altura dos cabelos. Eu que tenho tanto medo de ficar calvo. Julgava sempre que tivesse reparado num lugar mais ralo e não pudesse tirar de lá os olhos.

— Olho para toda a gente assim.

— Sim, ou então de lado: assim...

Lançou-lhe um olhar matreiro e rápido. Ela riu divertida e furiosa.

— Acabe com isso! Não gosto que me imitem.

— Bom, não era com má intenção.
— Não, mas sinto medo quando imita as minhas expressões!
— Compreendo! - disse Mathieu a sorrir.
— Não é o que está a imaginar, não. Mesmo que você fosse o tipo mais bonito deste mundo, teria medo.

Acrescentou, num tom de voz diferente:

— Eu gostaria que não me doessem tanto os olhos.
— Ouça - disse Mathieu -, vou à farmácia comprar um comprimido. Mas estou à espera de um telefonema, se me chamarem diga ao empregado que volto já.

— Não, não vá - disse ela secamente. - Agradeço, mas não faria nada. É do sol.

Calaram-se. "Estou a ficar chateado", pensou Mathieu com um prazer estranho. Um prazer crispado. Ivich alisava a saia com as palmas das mãos, erguendo ligeiramente os dedos como se fosse tocar piano. As mãos dela estavam sempre avermelhadas porque tinha má circulação. Geralmente levantava-as e agitava-as de vez em quando para as descongestionar. Não lhe serviam para pegar em nada, eram dois idolozinhos gastos nas extremidades dos braços; afloravam as coisas com pequenos gestos inacabados e pareciam menos destinados a segurar do que a modelar. Mathieu olhou as unhas de Ivich, longas e pontiagudas, excessivamente pintadas, quase chinesas. Bastava contemplar aqueles adornos frágeis e incómodos para compreender que Ivich não podia fazer coisa nenhuma com os seus dez dedos. Uma vez caíra-lhe uma unha, ela guardara-a numa caixinha e de vez em quando observava-a com uma mistura de prazer e horror. Mathieu vira-a. Conservara o verniz e assemelhava-se a um besouro morto. "Que será que a preocupa? Nunca esteve tão irritante. Deve ser o exame. A não ser que se chateie de estar comigo. Afinal de contas eu sou adulto."

— Não começa assim, com certeza, quando se vai ficar cego - disse de repente Ivich com um ar neutro.

— Com certeza que não - respondeu Mathieu, sorrindo. - Bem sabe o que lhe disse o médico em Laon: um bocadinho de conjuntivite.

Falava docemente, sorria docemente, sentia-se embebido em doçura. Com Ivich era preciso sorrir sempre, fazer gestos suaves e lentos. "Como Daniel com os gatos."

— Doem-me tanto os olhos - disse Ivich -, basta uma coisa de nada. - Hesitou. - É no interior dos olhos que me dói. Não é assim que começa aquela loucura de que me falava há dias?

— Ah!, aquela história? Olhe, Ivich, da última vez era o coração, receava ter uma crise cardíaca. Que mulher estranha, parece que tem necessidade de se atormentar. E de repente declara que é feita de cimento! É preciso escolher.

A sua voz deixava um gosto a açúcar na boca.

Ivich olhava para os pés, pensativa.

— Deve estar qualquer coisa para me acontecer.

— Já sei - disse Mathieu -, a sua linha da vida foi interrompida. Mas disse-me que não acredita nisso.

— Não, não acredito... Mas não posso imaginar o meu futuro. Há uma barreira.

Calou-se e Mathieu contemplou-a em silêncio. Sem futuro... De repente sentiu um gosto desagradável na boca e percebeu que estava demasiado preso a Ivich. Era verdade que ela não tinha futuro. Ivich com trinta anos, Ivich com quarenta anos, não fazia sentido. Pensou: "Ela não é eterna." Quando Mathieu estava só ou quando falava com Daniel, com Marcelle, a vida estendia-se diante dele, clara e monótona: algumas mulheres, algumas viagens, alguns livros. Um longo declive. Mathieu descia-o lentamente, lentamente, às vezes ele próprio achava que não ia muito depressa. De repente, quando via Ivich parecia-lhe viver uma catástrofe. Ivich era um pequeno sofrimento voluptuoso e trágico, sem futuro. Ir-se-ia embora, ficaria louca, morreria de uma crise cardíaca ou então seria sequestrada pelos pais em Laon. Mas Mathieu não poderia suportar a vida sem ela. Fez um gesto tímido com a mão; queria pegar no braço de Ivich acima do cotovelo e apertá-lo com toda a força. "Tenho horror a que me toquem." A mão de Mathieu caiu. Disse muito depressa:

— Tem uma linda blusa, Ivich.

Foi uma gafe. Inclinou a cabeça, empertigada, e sacudiu a blusa, constrangida. Acolhia as homenagens como se fossem ofensas, era como se fizessem dela uma imagem à machadada, grosseira e fascinante, a que tinha receio de se prender. Só podia pensar o que convinha a si própria. Pensava nisso sem palavras, era uma certeza terna, uma carícia. Mathieu olhou com humildade os ombros de Ivich, o pescoço alto e roliço. Ela dizia muitas

vezes: "Sinto horror pelas pessoas que não sentem o corpo." Mathieu sentia o dele, mas era como um embrulho embaraçoso.

— Ainda quer ir ver os Gauguin?

— Gauguin? Quais? Ah!, a exposição de que me falou? Bem, podemos lá ir.

— Não parece ter muita vontade.

— Tenho.

— Se não tem vontade, Ivich, diga.

— Mas tem você.

— Bem sabe que já lá estive. Tenho vontade é de lhe mostrar, se isso lhe agrada; mas se não lhe interessa, desisto.

— Pois então preferia ir noutra ocasião.

— A exposição acaba amanhã - disse Mathieu, decepcionado.

— É pena - disse Ivich sem energia -, mas há-de haver outra oportunidade. - Acrescentou com calor: - Essas coisas estão sempre a aparecer, não é verdade?

— Ivich! - observou Mathieu com uma amabilidade irritada. - É bem você! Diga que não lhe apetece, mas bem sabe que tão cedo não haverá outra.

— Pois bem - disse ela, gentilmente -, não quero ir hoje por causa do exame. É infernal que nos façam esperar tanto tempo pelo resultado.

— Não é amanhã?

— Justamente.

Acrescentou, roçando a manga de Mathieu com a ponta dos dedos:

— Hoje não deve ligar ao que eu digo. Não estou normal. Dependendo dos outros, é aviltante. Vejo continuamente a imagem de uma folha branca pregada numa parede cinzenta. Eles impõem-nos este pensamento. Quando me levantei hoje de manhã, senti que já era amanhã. Hoje é um dia perdido, riscado. Roubaram-me este dia e já não me restam muitos mais.

Insistiu em voz baixa e rápida:

— Falhei em Botânica.

— Compreendo - disse Mathieu.

Queria encontrar nas suas recordações uma angústia que lhe permitisse compreender a de Ivich. Talvez na véspera da formatura... Não, não era a mesma coisa. Ele vivia sem correr riscos, sossegadamente. Agora

sentia-se frágil, no meio de um mundo ameaçador, mas era através de Ivich.

— Se eu for aprovada - disse Ivich -, vou beber antes da oral.

Mathieu não respondeu.

— Só um bocadinho - repetiu Ivich.

— Disse isso em Fevereiro, antes do exame, e foi lindo, com quatro cálices de rum ficou completamente bêbeda.

— Aliás não ficarei aprovada - disse ela de maneira equívoca.

— Está bem, mas se por acaso ficar?

— Claro que não vou beber.

Mathieu não insistiu. Tinha a certeza de que ela apareceria bêbeda à oral. "Eu é que não faria isso, era demasiado prudente." Estava irritado com Ivich e desgostoso consigo próprio. O empregado trouxe o copo e encheu-o até meio de menta verde.

— Já trago a água e o gelo.

— Obrigada - disse Ivich.

Ela olhava para o copo, e Mathieu olhava-a. Um desejo violento e imperioso invadira-o: ser por um momento aquela consciência perdida e cheia de seu próprio odor, sentir por dentro aqueles braços compridos e finos, sentir, na junção, a pele do antebraço colar-se como um lábio à pele do braço, sentir aquele corpo e todos os pequenos beijos que dava a si próprio sem cessar. "Ser Ivich sem deixar de ser eu." Ivich tirou o balde das mãos do empregado e pôs um pequeno cubo de gelo no copo.

— Não é para beber, mas fica mais bonito.

Pestanejou e sorriu com um ar de criança.

— É bonito.

Mathieu olhou o copo, irritado. Procurou observar a agitação espessa e desordenada do líquido, a brancura turva do gelo. Em vão. Para Ivich era uma pequena volúpia viscosa e verde que a deixava toda melada até à ponta dos dedos. Para ele aquilo não era nada. Nada de nada. Um copo com menta. Podia, pensar o que Ivich sentia, mas ele nunca sentia nada. Para ela as coisas eram presenças abafantes e cúmplices, grandes redemoinhos que a penetravam na carne, mas Mathieu via-as sempre de longe. Olhou-a e suspirou. Estava atrasado, como de costume. Ivich já não contemplava o copo, parecia triste e puxava nervosamente um caracol dos seus cabelos.

— Queria um cigarro.

Mathieu tirou o maço de Gold Flake do bolso e estendeu-lhe.

— Vou-lhe dar fogo.

— Obrigada, prefiro acendê-lo eu.

Acendeu o cigarro e tirou algumas baforadas. Aproximou a mão da boca e divertiu-se, com um ar maníaco, a fazer deslizar o fumo pelas palmas das mãos. Explicou, como para si mesma:

— Queria que o fumo parecesse sair da minha mão. Seria engraçado uma mão com neblina...

— Não é possível, o fumo passa demasiado depressa.

— Eu sei, e isso enerva-me, mas não posso parar. Sinto o meu sopro aquecer a mão, passa-lhe pelo meio, dir-se-ia que a corta em duas.

Teve um riso rápido e calou-se. Continuava a soprar na mão, descontente e obstinada. Depois deitou fora o cigarro e sacudiu a cabeça. O perfume dos cabelos chegou às narinas de Mathieu. Era um cheiro a bolo com açúcar baunilhado, porque ela lavava os cabelos com gema de ovo. Mas esse perfume de pastelaria tinha um gosto voluptuoso.

Mathieu pôs-se a pensar em Sarah.

— Em que é que está a pensar, Ivich?

Ela ficou um instante de boca aberta, desconcertada, depois retomou o seu ar meditativo e o rosto contraiu-se-lhe. Mathieu sentia-se cansado de a olhar. Doíam-lhe os olhos.

— Em que é que está a pensar? - repetiu.

— Eu... - Ivich abanou a cabeça. - Está sempre a perguntar-me isso. Nada de especial. Coisas que não se podem dizer, que não se transmitem.

— Sabe-se lá... Diga.

— Bem, eu olhava para aquele homem que vem ali, por exemplo. Que quer que lhe diga? Que é gordo, que enxuga a testa com um lenço, que traz uma gravata... É estranho que você me obrigue a contar estas coisas - disse de repente, envergonhada e irritada -, não vale a pena dizê-las.

— Para mim, sim. Se eu pudesse desejar qualquer coisa, desejaria que fosse obrigada a pensar alto.

Ivich sorriu sem querer.

— É um vício - disse -, a palavra não foi feita para isso.

— É engraçado esse respeito selvagem pela palavra. Parece crer que ela só foi feita para anunciar mortes, casamentos ou dizer missa. Aliás, você

não olhava para ninguém, Ivich, olhava para a sua mão e a seguir olhou para o pé. E, além disso, sei no que estava a pensar.

— Então porque é que pergunta? Não é preciso ser muito esperto para adivinhar. Pensava no exame.

— Está com medo de reprovar, não é?

— Naturalmente. Estou com medo. Ou melhor, não estou com medo. Sei que vou reprovar.

Mathieu sentiu novamente um gosto de catástrofe na boca. "Se ela reprovar, nunca mais a verei." E ela ia reprovar de certeza. Era evidente.

— Não quero voltar para Laon - disse Ivich com desespero. - Se ficar reprovada, não me deixarão voltar. Disseram-me que era a minha última oportunidade.

Pôs-se a mexer nos cabelos.

— Se tivesse coragem... - disse com hesitação.

— Que faria? - perguntou Mathieu inquieto.

— Qualquer coisa. Tudo menos voltar para lá. Não quero voltar, ficar lá a vida inteira. Não quero.

— Mas disse que seu pai talvez vendesse a serração daqui a um ou dois anos e que viriam todos para Paris.

— Paciência! São todos assim - disse Ivich com um olhar furioso. - Queria ver se fosse consigo! Dois anos naquela cave, ter paciência durante dois anos! Não vê que são dois anos que me roubam? Tenho só uma vida - disse com raiva. - Ao ouvi-lo falar, parece que se julga eterno. Um ano perdido, na sua opinião, substitui-se bem. - As lágrimas vieram-lhe aos olhos. - Não, não se substitui. É a minha mocidade que se escoará gota a gota. Quero viver já, não comecei ainda e não posso esperar. Já estou velha, tenho vinte e um anos.

— Ivich, por favor, faz-me medo. Tente ao menos uma vez dizer com clareza o resultado dos seus trabalhos práticos. Tão depressa parece satisfeita como desesperada.

— Falhei em tudo - disse Ivich, sombria.

— Pensei que em Física tivesse tido êxito.

— Ah!, a Física - atalhou Ivich com ironia. - E em Química foi lamentável. Não consigo enfiar as fórmulas na cabeça. É tão cansativo!

— Mas então porque é que escolheu isso?

— O quê?

— A faculdade.

— Queria sair de Laon - disse ela, obstinada.

Mathieu fez um gesto de impotência. Calaram-se. Uma mulher saiu do café e passou devagar diante deles. Era bela, com um nariz minúsculo num rosto liso, parecia procurar alguém. Ivich devia ter sentido logo o perfume. Ergueu lentamente a cabeça, melancólica, mas, quando a viu, a sua fisionomia transformou-se.

— Que criatura soberba - disse em voz baixa e profunda. Mathieu sentiu horror dessa voz.

A mulher imobilizou-se pestanejando ao sol. Teria talvez trinta e cinco anos, viam-se-lhe as pernas compridas, à transparência, através do tecido leve do vestido. Mas Mathieu não tinha vontade de as olhar. Olhava para Ivich. Esta ficara quase feia, apertava as mãos com força. Dissera uma vez a Mathieu: "Tenho vontade de morder os narizes pequenos." Mathieu inclinou-se ligeiramente e viu-a de perfil: a sua expressão era cruel, e ele pensou que ela tinha vontade de morder.

— Ivich - disse Mathieu, docemente.

Ela não respondeu. Mathieu sabia que ela não podia responder. Já não existia para ela. Ela estava só.

— Ivich!

Era nesses momentos que mais lhe queria, quando aquele corpinho encantador e quase gentil era tomado por uma força dolorosa, por um amor ardente e perturbado desfavorecido pela beleza. Pensou: "Não sou bonito", e sentiu-se também sozinho.

A mulher foi-se embora. Ivich seguiu-a com o olhar e murmurou raivosamente:

— Há momentos em que eu gostaria de ser homem.

Teve um risinho seco, e Mathieu olhou-a tristemente.

— Chamam o Senhor Delarue ao telefone - gritou o garçom.

— Sou eu - disse Mathieu.

Levantou-se.

— Desculpe, é Sarah Gomez.

Ivich sorriu-lhe com frieza. Ele entrou no café e desceu a escada.

— Senhor Delarue? Primeira cabine.

Mathieu pegou no telefone, a porta da cabine não se fechava.

— Alô, é Sarah?

— Tudo corre bem - disse a voz nasalada de Sarah.

— Ah! Fico muito satisfeito.

— Mas é preciso andar depressa. Ele parte domingo para os Estados Unidos. Quer fazer a coisa depois de amanhã para a poder observar durante os primeiros dias.

— Bem... vou avisar Marcelle hoje mesmo, só que a coisa me apanha desprevenido, tenho de arranjar o dinheiro. Quanto é que ele quer?

— Ah!, lamento imenso, mas quer quatro mil à vista. Insisti, juro, disse-lhe que você estava atrapalhado, mas não quis saber. É um estupor de um judeu - acrescentou, a rir.

Sarah era muito bondosa, mas quando era prestável tornava-se brutal e ativa, como uma irmã de caridade. Mathieu afastara um pouco o telefone, pensava: "Quatro mil francos", e ouvia o riso de Sarah, ecoar no auscultador, era um pesadelo.

— Dentro de dois dias? Bem, vou tratar disso. Obrigado, Sarah, és um anjo. Está em casa à noite, antes do jantar?

— Todo o dia.

— Bom. Passarei por lá para tratar ainda de mais umas coisas.

— Até logo à noite.

Mathieu saiu da cabine.

— Uma ficha para o telefone, senhorita - pediu. - Não, não precisa.

Pôs um franco na bandeja e subiu devagar a escada. Não valia a pena telefonar a Marcelle antes de resolver o assunto do dinheiro. "Irei ter com Daniel ao meio-dia." Sentou-se perto de Ivich e olhou-a com ternura.

— A dor de cabeça passou-me - disse ela, amavelmente.

— Ainda bem - disse Mathieu, sentia o coração amargurado.

Ivich olhou-o de lado através das suas longas pestanas. Tinha um sorriso confuso e provocante.

— Poderíamos... poderíamos ir ver os Gauguin.

— Se quiser - disse Mathieu, sem surpresa.

Levantaram-se e Mathieu reparou que o copo de Ivich estava vazio.

— Táxi - gritou.

— Esse não - disse Ivich -, é aberto, o vento no rosto incomoda.

— Não, não - disse Mathieu ao motorista -, não era consigo.

— Mande parar aquele - pediu Ivich -, veja como é bonito, parece um coche e é fechado.

O táxi parou, e Ivich subiu. "Uma vez que lhe vou falar", pensou Mathieu, "pedirei mais mil francos a Daniel, para dar até ao fim do mês."

— Galeria das Belas-Artes. Faubourg Saint-Honoré.

Sentou-se, silencioso, junto de Ivich. Estavam ambos aborrecidos. Mathieu viu entre os seus pés três cigarros de ponta dourada, meio fumados.

— Esteve aqui alguém que ia nervoso neste táxi.

— Porquê?

Mathieu apontou os cigarros.

— Uma mulher - disse Ivich -, há vestígios de baton.

Sorriram e calaram-se. Mathieu disse:

— Uma vez achei cem francos num táxi.

— Deve ter ficado contente.

— Oh! Dei-os ao motorista.

— Pois eu tê-los-ia guardado. Porque é que fez isso?

— Não sei.

O táxi atravessou a Praça St.-Michel; Mathieu ia para dizer: "Olhe o Sena, como está verde!" Mas não disse nada. Foi Ivich quem falou de repente:

— Boris pensava que íamos ao Sumatra, os três, hoje à noite. Eu gostaria...

Voltara a cabeça e olhava os cabelos de Mathieu avançando a boca com ternura. Ivich não era muito coqueta, mas de vez em quando tinha uma expressão terna pelo prazer de sentir o rosto pesado e doce como um fruto. Mathieu achou-a inconveniente e irritante.

— Ficarei muito contente em ver Boris e de estar com vocês - disse -, o que me desagrada um pouco é Lola. Ela não me suporta.

— Que é que isso tem?

Fez-se um silêncio. Era como se eles tivessem imaginado, ao mesmo tempo, que eram um homem e uma mulher fechados num táxi. "Não", disse para si próprio, aborrecido. Ivich continuou:

— Não acho que valha a pena incomodar-se por causa de Lola. É bonita, canta bem, e mais nada.

— Eu acho-a simpática.

— Naturalmente. É a sua moral. Quer sempre ser perfeito. Desde que as pessoas o detestem, esforça-se logo por lhes descobrir qualidades. Eu não

a acho simpática.

— Ela é gentil consigo.

— Não pode fazer outra coisa. Mas não gosto dela, é muito teatral.

— Teatral? - perguntou Mathieu, erguendo as sobrancelhas. - Nunca reparei nisso.

— É engraçado que não tenha reparado; dá profundos suspiros para que pareçam que está desesperada e encomenda bons pratos!

Acrescentou com uma maldade dissimulada:

— Sempre pensei que as pessoas desesperadas não se incomodavam com a morte; fico sempre admirada quando a vejo fazer as contas das despesas e tentar economizar.

— Isso não quer dizer que ela não se sinta desesperada. E assim que fazem as pessoas que envelhecem; quando estão desgostosas consigo próprias e com a vida, pensam no dinheiro e tratam-se bem.

— Pois é, nunca se deveria envelhecer - disse Ivich, secamente.

Olhou-a, perturbado, e apressou-se a acrescentar:

— Tem razão, não é nada agradável envelhecer.

— Oh!, você não tem idade - disse Ivich -, parece-me que foi sempre assim, tem a juventude de um mineral. Às vezes tento imaginar como você era, em criança, mas não consigo.

— Tinha cachos - informou Mathieu.

— Pois eu imagino-o tal como é hoje, mas um pouco mais pequeno.

Desta vez, Ivich não devia saber que tinha um ar terno. Mathieu quis falar, mas sentia um estranho nó na garganta e estava fora de si. Tinha deixado para trás Marcelle, Sarah, os intermináveis corredores de hospital por onde andava desde manhã, já não estava em parte alguma, era livre. Aquele dia de Verão abatia-se nele como uma massa densa e quente, sentia vontade de se abandonar inteiramente. Ainda durante um segundo, pareceu-lhe que ficava suspenso no vácuo com uma intolerável impressão de liberdade, e depois, bruscamente, estendeu o braço, agarrou Ivich pelos ombros e puxou-a para si. Ivich não resistiu, mas ficou dura, rígida, e deixou-se cair como se tivesse perdido o equilíbrio. Não disse nada: ficou com uma expressão neutra. O táxi meteu-se pela Rua de Rivoli. As arcadas do Louvre estendiam-se pesadamente ao longo dos vidros, como se fossem pombas. Estava calor, e Mathieu sentia um corpo quente junto do seu. Através do vidro da frente via as árvores e uma bandeira tricolor na ponta

de um mastro. Lembrou-se do gesto de um tipo que vira uma vez na Rua Mouffetard. Um tipo bastante bem vestido, de rosto cinzento. Aproximara-se de uma mercearia, olhara demoradamente uma fatia de carne fria que estava num prato sobre o balcão. Depois estendera a mão e pegara na carne. Parecia achar a coisa natural e também se devia ter sentido livre. O dono gritou; um guarda levou o tipo, que parecia muito admirado. Ivich continuava sem dizer nada.

"Está a julgar-me", pensou Mathieu, irritado. Inclinou-se. Para a castigar aflorou com os lábios uma boca fria e fechada. Insistia. Ivich calava-se. Ao levantar a cabeça, viu-lhe os olhos, e a sua raivosa alegria esvaiu-se. Pensou: "Um homem casado a conquistar uma mulherzinha num táxi", e o braço recaiu-lhe inerte. O corpo de Ivich voltou, como uma mola, à posição vertical. "Pronto, é irremediável." Encolheu-se. Desejara desaparecer. Um guarda fez sinal para parar e o táxi deteve-se. Mathieu olhava em frente, mas não via as árvores, olhava para o seu amor.

Era amor. Agora era amor. Mathieu pensou: "Que é que eu fiz?" Cinco minutos antes aquele amor não existia; havia entre ambos um sentimento raro e precioso, sem nome, que não se exprimia por gestos. E ele fizera um gesto, o único que não devia ter feito, aliás não o fizera propositadamente, fora espontâneo. Um gesto e aquele amor aparecera perante Mathieu como um objeto importuno e já vulgar. Ivich ia pensar que ele a amava como às outras mulheres que tinha amado. "Que pensará ela?" Estava a seu lado, rígida e silenciosa, e entre eles havia o gesto, "tenho horror a que me toquem", o gesto desajeitado e terno, que tinha já a obstinação impalpável das coisas passadas. "Está aborrecida, despreza-me e pensa que sou como os outros." Não era o que eu queria dela, pensou com desespero. Mas já não conseguia lembrar-se do que queria antes. Era apenas o amor, com os seus desejos simples e as suas condutas vulgares, e Mathieu é que o fizera nascer com inteira liberdade. "Não é verdade", pensou, "não a desejo, nunca a desejei". Mas já sabia que ia desejá-la. Acabava sempre assim. "Olhar-lhe-ei para as pernas, para os seios, e um dia...". Viu de repente Marcelle estendida na cama, nua, de olhos fechados. Odiava Marcelle.

O táxi parou. Ivich abriu a porta e desceu. Mathieu não a seguiu imediatamente. Contemplava com espanto aquele amor completamente novo, e já velho, aquele amor de homem casado, envergonhado e dissimulado, humilhante para ela, humilhado de antemão, aceitava-o já

como uma fatalidade. Desceu finalmente, pagou e juntou-se a Ivich, que o esperava à entrada. Se ao menos ela pudesse esquecer. Deitou-lhe um olhar furtivo e achou que ela tinha uma expressão dura. "Na melhor das hipóteses", pensou, "alguma coisa deve ter acabado entre nós". Mas não tinha vontade de deixar de a amar. Entraram na exposição sem trocar uma palavra.

V

"O arcanjo!" Marcelle bocejou, soergueu-se, sacudiu a cabeça, e o seu primeiro pensamento foi: "O arcanjo vem esta noite." Gostava daquelas visitas misteriosas, mas agora pensava nelas sem prazer. Havia uma repulsa no ar, à sua volta, uma repulsa de meio-dia. Um calor enorme enchia o quarto, um calor que viera de fora, que deixara a luminosidade nas pregas da cortina e jazia ali, estagnado, inerte e sinistro como um destino. "Se ele soubesse, é tão puro, como me acharia repugnante." Sentou-se à beira da cama, como na véspera, quando Mathieu se deitara nu ao lado dela, olhava os tornozelos com um vago descontentamento, e a noite da véspera continuava ainda ali, impalpável, com a sua luz morta e rosada, como um vago perfume... "Não pude, não lhe pude dizer." Ele teria respondido. "Bom, havemos de nos arranjar", com um ar alegre e bem-disposto, de quem vai tomar um medicamento. Sabia que não teria podido suportar aquela expressão e que a coisa lhe parara na garganta. Pensou: "Meio-dia." O teto estava cinzento como uma madrugada, mas o calor era de meio-dia. Marcelle deitava-se tarde e não conhecia nunca as manhãs, parecia-lhe que a vida parara ao meio-dia, que era um eterno meio-dia, que caía largado sobre as coisas, mole, chuvoso, sem esperança, e inútil! Lá fora era o dia dos vestidos claros. Mathieu caminhava lá fora na poeira viva e alegre desse dia que se iniciara sem ela e já tinha um passado. "Ele pensa em mim, anda a tratar de tudo", pensou, sem ternura. Sentia-se irritada porque imaginava uma robusta piedade passeando ao sol, uma piedade ativa e desajeitada de homem saudável. Sentia-se mole e vencida, ainda ensonada: um capacete de aço na cabeça, um gosto de mata-borrão na boca, uma sensação morna nas ancas e nas axilas, nas pontas dos pelos negros, gotas de frio. Tinha vontade de vomitar, mas dominava-se. O dia ainda não tinha começado e já estava contra Marcelle, num equilíbrio instável, e o mínimo gesto fá-lo-ia ruir como uma avalanche.

Teve um sorriso amargo. "A sua liberdade." Quando se acorda de manhã com má-disposição e se sabe que se têm pela frente quinze horas para matar antes de se tornar a deitar, que adianta ser livre? "Não ajuda a viver, a liberdade." Plumas delicadas e embebidas em aloés acariciavam-lhe a garganta, e logo uma repugnância por tudo, como uma bola sobre a

língua, franzia-lhe os lábios. "E tenho sorte, dizem que há pessoas que vomitam durante o dia todo, a partir do segundo mês; eu só vomito de manhã, depois fico cansada, mas aguento. E a minha mãe conheceu mulheres que não podiam suportar o cheiro a fumo; não faltaria mais nada." Levantou-se bruscamente e correu para o lavatório. Vomitou uma água suja, espumante, como uma clara de ovo ligeiramente batida. Marcelle apoiou-se no lavatório e olhou para o líquido espumoso; parecia-se mais com espermatozoides. Sorriu, maldosa, e murmurou: "Recordação de amor." Depois fez-se um grande silêncio no seu cérebro, e o dia começou. Já não pensava em nada, passou a mão pelos cabelos e esperou. De manhã vomitou duas vezes. E de repente recordou o rosto de Mathieu, a sua expressão ingênua e convencida, quando dizia: "Faz-se um aborto, não?", e um clarão de ódio atravessou-a.

Vem vindo. Pensou primeiro na manteiga, e sentiu nojo, parecia-lhe que mastigava um pedaço de manteiga amarela e rançosa, depois sentiu uma espécie de riso no fundo da garganta e inclinou-se sobre o lavatório. Uma aguadilha saía-lhe da boca, e teve de tossir para se livrar dela. Não sentia repugnância. No entanto, enojava-se facilmente consigo mesma. No último Inverno, quando tivera diarreia, não queria que Mathieu lhe tocasse, era como se sentisse um odor permanente. Olhou a baba que escorria devagar pelo buraco do lavatório, deixando traços viscosos e brilhante como lesmas. Disse a meia-voz: "Tem graça!" Não sentia repugnância. Era a vida, uma coisa talvez como o desabrochar da Primavera, não era mais repugnante do que a goma ruiva e odorífera dos rebentos das árvores. "Não é isto que é repugnante." Deixou correr um pouco de água para lavar a bacia, tirou a camisa com gestos lentos. Pensou: "Se fosse um animal, deixar-me-iam sossegada." Podia entregar-se àquela languidez viva, afundar-se nela como no seio de uma grande fadiga feliz. Não era um animal. "Aborta-se?" Desde a véspera que se sentia acuada.

O espelho devolvia-lhe uma imagem cercada de luzes violáceas. Aproximou-se. Não olhou para os ombros nem para os seios. Não gostava do seu corpo. Mirou o ventre, a sua ampla bacia fecundada. Há sete anos - Mathieu tinha passado a noite com ela pela primeira vez -, ela aproximara-se do espelho com o mesmo espanto hesitante. "Sempre é verdade que me podem amar!" E contemplava a carne lisa e sedosa, quase um tecido, e o seu corpo era apenas uma superfície feita para refletir os jogos estéreis de luz e

tremer sob as carícias como a água a ondular ao vento. Hoje já não era a mesma carne. Olhava para a barriga e descobria, perante a abundância pacífica das banhas, uma impressão semelhante à que sentia no Luxemburgo, em pequena, diante dos seios das mulheres que amamentavam: além do medo e do descontentamento, uma espécie de esperança. Pensou: "É aqui. Nesta barriga." Uma bolinha de sangue esforça-se por viver, com uma ingênua precipitação, uma bolinha de sangue estúpida, que nem sequer é ainda um animal e que vão raspar com a ponta de um bisturi. Há outras, neste momento, que olham para a barriga e que também pensam: "É aqui." Mas essas estão orgulhosas. Encolhem os ombros. Aquele corpo que desabrochava absurdamente era feito para a maternidade. Mas os homens tinham resolvido o contrário. Iria a casa da velha. Bastava imaginar que era um fibroma. Aliás, neste momento, não passa de um fibroma. Iria a casa da velha, levantaria as pernas e a velha far-lhe-ia uma raspa-gem com um instrumento. E não sealaria mais nisso, seria apenas uma recordação desagradável, toda a gente tem disso na vida. Voltaria para o seu quarto cor-de-rosa, continuaria a ler, a sofrer dos intestinos e Mathieu viria, como de costume, quatro noites por semana e tratá-la-ia, durante algum tempo ainda, com uma delicadeza terna, como uma jovem mãe, e quando a amasse redobrar de precauções. E Daniel, o arcanjo. Daniel viria também de vez em quando... Uma ocasião perdida, só isso! Surpreendeu os seus olhos no espelho e voltou-se bruscamente. Não queria odiar Mathieu. Pensou: "Vamos, tenho de fazer minha toalete."

Não se sentia com coragem. Tornou a sentar-se na cama, pôs docemente a mão na barriga, um pouco acima dos pelos negros, apertou devagar e pensou com certa ternura. "E aqui." Mas o ódio não se esvaiu. Disse: "Não quero odiá-lo. Está no seu direito, sempre dissemos que em caso de acidente... Não podia saber, a culpa é minha, nunca lhe disse nada." Julgou por momentos que se ia acalmar, o que mais receava era ter de o desprezar. Mas logo a seguir sobressaltou-se. "Como lhe poderia ter dito? Nunca me perguntou nada." Evidentemente, tinham combinado de uma vez para sempre que diriam tudo um ao outro, mas isso era cómodo, principalmente, para ele. Ele gostava de falar de si, de expor os seus pequenos casos de consciência, as suas delicadezas morais. Quanto a Marcelle, tinha confiança nela. Por preguiça. Não se atormentava; pensava: "Se ela tiver algo, dir-me-á." Mas ela não podia falar; não conseguia. "No

entanto, devia saber que não posso falar de mim, que não gosto de mim o suficiente para isso." Só Daniel sabia fazê-la interessar-se por si própria. Tinha uma maneira especial de a interrogar, quando a olhava carinhosamente. Por outro lado, tinham um segredo em comum. Daniel era tão misterioso. Ele via-a às escondidas, e Mathieu ignorava aquela intimidade. Não faziam nada de mal, era quase uma brincadeira, mas a cumplicidade criava entre ambos um laço ténue e encantador. Marcelle não achava desagradável ter um pouco da sua vida pessoal, algo que lhe pertencesse de fato e que não fosse obrigada a repartir. "Ele que fizesse como Daniel", pensou. "Porque é que só Daniel me sabe fazer falar? Se me tivesse ajudado um bocadinho..." Durante todo o dia da véspera tinha sentido um nó na garganta. Gostaria de lhe ter dito: "E se o conservássemos?" Ah!, se ele tivesse hesitado um segundo, ter-lhe-ia dito! Mas ele dissera com o seu ar ingênuo: "Aborta-se?" E ela não conseguira falar. "Ele estava inquieto quando saiu. Não quer que essa velha me faça mal. Ah!, isso sim, vai andar à procura de direções, vai andar ocupadíssimo, agora que não tem aulas. E isso é melhor para ele do que arrastar-se por aí com aquela fulana. Está aborrecido como alguém que partiu um vaso. Mas no fundo tem a consciência tranquila... Deve ter prometido a si próprio encher-me de amor..." Riu. "Pois é. Mas tem de andar depressa. Dentro em breve ultrapassarei a idade do amor." Crispou as mãos no lençol. Estava apavorada. "Se me puser a odiá-lo, que me restará? Teria, ao menos, a certeza de desejar um filho?" Via de longe, no espelho, uma massa sombria e curvada: era um corpo de sultana estéril. Teria ao menos sobrevivido? "Estou podre." Iria a casa dessa velha. Às escondidas, à noite. E a velha passar-lhe-ia as mãos pelos cabelos, como em Andrée, e chamar-lhe-ia: "Minha gatinha", com um ar de cumplicidade imunda. "Quando não se é casada, uma gravidez é tão sórdida como uma blenorragia. Estou com uma doença venérea, é o que tenho de dizer a mim própria."

Mas não pôde deixar de passar docemente a mão no ventre. Pensou: "É aqui." É aqui que vive uma coisa, infeliz como ela própria. Uma vida absurda e supérflua como a dela... Pensou de repente com paixão: "Seria meu. Mesmo que fosse idiota, disforme, seria meu!" Mas aquele desejo secreto, aquela obscura afirmação eram tão solitários, tão inconfessáveis, era preciso escondê-los de tanta gente, que se sentiu repentinamente culpada e teve horror de si própria.

VI

Via-se por cima da porta o emblema da República e as bandeiras tricolores, o que dava logo o tom. A seguir entrava-se nos grandes salões desertos e mergulhava-se numa luz académica que saía de um vitral. Era uma luz dourada que dava nos olhos e se fundia em tons de cinzento. Paredes claras, tapeçarias de veludo bege. Mathieu pensou: "O espírito francês." Um banho de espírito francês, por toda a parte, nos cabelos de Ivich, mas mãos de Mathieu. Era aquele sol expurgado, e o silêncio oficial dos salões. Mathieu sentiu-se acabrunhado por uma quantidade de responsabilidades cívicas. Tinha de falar baixo, não tocar nos objetos expostos, fazer uso do espírito crítico com moderação e firmeza, de nunca se esquecer da mais francesa das virtudes, o bom senso. Havia muitas manchas nas paredes: os quadros. Mas Mathieu já não tinha vontade de os contemplar. Apesar disso arrastou Ivich e mostrou-lhe, sem falar, uma paisagem bretã com um calvário, um Cristo na cruz, um ramo de flores, duas taitianas de joelhos na areia, um grupo de cavaleiros Maoris. Ivich não dizia nada, e Mathieu perguntava a si próprio o que pensava ela de tudo aquilo. Tentava interessar-se pelos quadros, mas em vão. "Os quadros não atraem", pensava irritado, "apresentam-se. Depende de mim que existam ou não. Sou livre perante eles. Demasiado livre." Isso criara-lhe uma responsabilidade suplementar e sentia-se culpado.

— Isto é Gauguin - disse.

Era uma pequena tela quadrada com uma etiqueta, auto-retrato: Gauguin muito pálido e penteado, com um queixo enorme, uma expressão de inteligência fácil, e uma arrogância triste de criança. Ivich não respondeu, e Mathieu deitou-lhe um olhar furtivo. Viu apenas os cabelos sem cor pelo falso brilho da luz. Na semana anterior, ao olhar aquele retrato pela primeira vez, Mathieu tinha-o achado belo. Agora, sentia-se seco. Nem sequer via o quadro. Mathieu estava sobressaltado com a realidade, com a verdade, transido pelo espírito da Terceira República. Via tudo o que era real, tudo o que aquela luz clássica podia clarear, as paredes, as telas nas molduras, as cores pastosas sobre as telas. Não os quadros. Os quadros tinham-se apagado e parecia monstruoso que no fundo de todo aquele bom

senso houvesse gente capaz de pintar, de expor nas telas objetos inexistentes.

Entrou um homem e uma mulher. O homem era alto e rosado. Tinha uns olhos redondos e cabelos brancos. A mulher era do tipo gazela e devia ter uns quarenta anos. Mal entraram, mostraram-se à vontade. Devia ser a força do hábito, havia uma relação visível entre o seu aspecto de juventude e a qualidade da luz. Certamente a luz das exposições nacionais era a que lhes ia melhor. Mathieu mostrou a Ivich uma grande e sombria mancha de bolor na parede do fundo.

— Também é dele.

Gauguin, nu até à cintura, num céu tempestuoso, fixava neles o olhar duro e falso dos alucinados. A solidão e o orgulho tinham-lhe devorado o rosto. O corpo tinha-se tornado num fruto grande e mole dos trópicos. Perdera a dignidade - aquela dignidade humana que Mathieu ainda conservava sem saber o que fazer dela -, mas mantinha o orgulho. Por trás dele havia presenças obscuras, demoníacas formas negras. Da primeira vez que vira aquela carne obscena e terrível, Mathieu tinha-se comovido. Mas estava só. Agora, tinha ao seu lado um corpinho rancoroso, e Mathieu sentia vergonha de si próprio. Era de mais, uma grande imundície na parede.

O homem e a mulher aproximaram-se, foram colocar-se com desembaraço diante da tela. Ivich teve de se pôr de lado porque impediam que fosse vista. O homem inclinou-se para trás e olhou a tela com uma severidade depreciativa. Era uma competência. Condecorada.

— Tche, tche, tche - murmurou meneando a cabeça. - Não gosto nada disto! Palavra de honra, fazia-se passar por Cristo! E aquele anjo ali, atrás dele, isto não é a sério.

A mulher pôs-se a rir.

— É verdade - disse com uma voz aflautada -, esse anjo é literário como tudo!

— Não gosto de Gauguin quando pensa - disse o homem, com profundidade. - O verdadeiro Gauguin é o Gauguin que decora.

Contemplava Gauguin com os seus olhos redondinhos, seco e elegante no seu fato distinto de flanela cinzenta diante do enorme corpo nu. Mathieu ouviu um soluçar estranho e voltou-se. Ivich tivera um ataque de riso e olhava-o com desespero mordendo os lábios. "Ela já não está

zangada", pensou Mathieu com alegria. Agarrou-lhe no braço e conduziu-a até uma poltrona de couro no meio da sala. Ivich deixou-se cair na poltrona às gargalhadas. Os cabelos caíam-lhe para o rosto.

— É formidável - disse em voz alta. - Como é que ele dizia? Não gosto de Gauguin quando pensa. E a mulherzinha. Estão bem um para o outro!

O homem e a mulher mantinham-se impassíveis. Pareciam consultar-se sobre a atitude que deviam tomar.

— Há outros quadros na sala - disse Mathieu timidamente.

Ivich parou de rir.

— Não - disse melancólica -, agora já não é a mesma coisa. Há pessoas...

— Quer ir-se embora?

— Preferia. Estes quadros fizeram-me outra vez ficar com dor de cabeça. Gostaria de passear ao ar livre.

Levantou-se. Mathieu seguiu-a deitando uma olhadela de pesar para o grande quadro da parede à esquerda. Desejaria ter-lhe mostrado. Duas mulheres caminhavam descalças num capim cor-de-rosa. Uma delas tinha um capuz. Era feiticeira. A outra estendia o braço com uma tranquilidade profética. Não tinham uma expressão completamente viva. Parecia que tinham sido surpreendidas quando se metamorfoseavam em coisas.

Lá fora, a rua ardia. Mathieu teve a impressão de atravessar uma fogueira.

— Ivich - murmurou, sem querer.

Ivich fez uma careta e levou a mão aos olhos.

— É como se me picassem os olhos com alfinetes. Oh! - disse furiosa -, detesto o Verão.

Deram alguns passos. Ivich titubeava ligeiramente e continuava a tapar os olhos.

— Cuidado com o passeio - disse Mathieu.

Ivich desviou as mãos e Mathieu viu-lhe os olhos pálidos e franzidos. Atravessaram a rua em silêncio.

— Isto não devia ser público - disse Ivich de repente.

— Refere-se às exposições?

— Refiro-me.

— Se não fosse público - tentava retomar o tom de alegre familiaridade que lhe era habitual -, como havíamos de fazer para lá ir?

— Não íamos - disse Ivich secamente.

Calaram-se. Mathieu pensou: "Continua aborrecida comigo." E de repente foi invadido por uma certeza insuportável. "Ela quer acabar com tudo. Não pensa noutra coisa. Deve estar à procura de uma frase cortês de despedida. Quando a encontrar, deixa-me. Mas eu não quero que ela me deixe", pensou com angústia.

— Não tem nada de especial para fazer? - perguntou.

— Quando?

— Agora.

— Não nada.

— Visto que quer passear, pensei... aborrecia-se de ir comigo até casa do Daniel na Rua Montmartre? Podíamos separar-nos à porta e deixava-me pagar-lhe o táxi para voltar ao Lar.

— Se quiser. Mas não volto para o Lar, vou ver com Boris.

"Ela fica." O que não provava que lhe tivesse perdoado. Ivich não gostava de deixar os lugares e as pessoas, ainda que os odiasse, porque o futuro a apavorava. Abandonava-se com uma indolência mal-humorada às situações mais desagradáveis e acabava por encontrar nelas uma espécie de descanso. Apesar de tudo, Mathieu estava contente. Enquanto estivesse com ele, impedia-a de pensar. Se falasse continuamente, se se impusesse, podia atrasar um pouco a eclosão dos pensamentos coléricos e desprezíveis que lhe iam nascer. Era preciso falar, imediatamente, de qualquer coisa. Mas Mathieu não encontrava nada para dizer. Acabou por perguntar, desajeitadamente:

— Apesar de tudo gostou de ver os quadros?

Ivich encolheu os ombros.

— Naturalmente.

Mathieu teve vontade de limpar a testa, mas não se atreveu a fazê-lo. "Daqui a uma hora ficará livre e há-de julgar-me sem apelo, não me poderei defender. Não é possível deixá-la partir assim, tenho de lhe explicar." Voltou-se para ela, mas viu-lhe um olhar desvairado, e as palavras não lhe saíram.

— Acha que ele era doido? - perguntou bruscamente Ivich.

— Gauguin? Não sei. É por causa do retrato que pergunta isso?

— Por causa dos olhos. E havia também aquelas formas negras atrás dele que pareciam conspirar.

Acrescentou com pesar:

— Era belo.

— Aí está uma ideia que não me teria surgido - disse Mathieu com surpresa.

Ivich tinha uma maneira de falar dos mortos ilustres que o chocava um bocado: entre os grandes pintores e os quadros não estabelecia qualquer relação. Os quadros eram coisas, coisas belas e sensuais que se deviam possuir. Parecia-lhe que existiam desde sempre. Os pintores eram homens como os outros, não os apreciava e não os respeitava. Perguntava se tinham sido simpáticos, graciosos, se tinham tido amantes. Um dia, Mathieu perguntou-lhe se gostava das telas de Toulouse Lautrec, e ela respondeu: "Que horror, ele era tão feio!" Mathieu sentiu-se pessoalmente magoado.

— Sim, era belo - disse Ivich com convicção.

Mathieu encolheu os ombros. Os estudantes da Sorbona, insignificantes e frescos como mulheres, Ivich podia-os devorar com os olhos à vontade. E até Mathieu a tinha achado encantadora uma vez em que ela olhara demoradamente um pupilo do orfanato acompanhado de duas religiosas e dissera com uma espécie de gravidade irrequieta: "Tenho a impressão de que me estou a tornar pederasta." As mulheres também as podia achar belas. Mas não Gauguin. Não aquele homem maduro que fizera quadros de que ela gostava.

— Eu não o acho simpático.

Ivich fez uma cara de desprezo e calou-se.

— Que foi, Ivich? - disse Mathieu com vivacidade. - Censura-me porque não o acho simpático?

— Não, mas pergunto a mim própria porque é que disse isso.

— Disse por dizer. Porque é a minha impressão. O seu ar de orgulho dá-lhe um olhar de peixe morto.

Ivich desatou a puxar um caracol dos seus cabelos. Adquirira uma expressão de obstinação insípida.

— Tem um ar nobre - disse num tom neutro.

— Sim - disse Mathieu no mesmo tom -, uma certa arrogância, se é isso que quer dizer.

— Naturalmente - disse Ivich a rir.

— Porque é que disse naturalmente?

— Porque tinha a certeza de que ia chamar a isso arrogância.

Mathieu disse, carinhosamente:

— Eu não queria dizer mal dele; bem sabe que aprecio as pessoas que são orgulhosas.

Houve um longo silêncio. Depois Ivich disse abruptamente com um ar estúpido e fechado:

— Os Franceses não gostam do que é nobre.

Ivich falava de bom grado do temperamento francês quando se encolerizava, e sempre com aquela expressão estúpida. Acrescentou, conciliadora:

— Aliás, compreendo isso muito bem. De fora, isso deve parecer tão exagerado!

Mathieu não respondeu. O pai de Ivich era nobre. Sem a revolução de 1917, Ivich teria sido educada em Moscovo, no colégio das meninas nobres. Era apresentada na Corte, casava com um oficial da guarda, alto e belo, de testa curta, de olhar mortiço. O Sr. Serguine era agora proprietário de uma serração mecânica em Laon. Ivich estava em Paris, passeava com Mathieu, um burguês de nacionalidade francesa que não gostava da nobreza.

— Foi esse Gauguin que fugiu? - perguntou de repente Ivich.

— Foi - disse Mathieu com solicitude. - Quer que lhe conte a história?

— Parece-me que a conheço: era casado, tinha filhos, não é isso?

— É! Trabalhava num banco e ao domingo ia para o campo com o cavalete e uma caixa de tintas. Era o que chamamos um "pintor de domingo".

— Pintor de domingo?

— Sim. A princípio era isso. Um amador que esborrata telas ao domingo, da mesma maneira que se pesca à linha. Era saudável, compreende, porque se pintam paisagens no campo, respirando o ar puro.

Ivich pôs-se a rir, mas não com a expressão que Mathieu esperava.

— Acha engraçado que ele tenha começado como um pintor de domingo? - perguntou Mathieu com inquietação.

— Não era nele que eu pensava.

— Então no que é que pensava?

— Estava a pensar se também se podia falar em escritores de domingo?

Escritores de domingo! Pequenos-burgueses que escreviam anualmente uma novela, ou cinco ou seis poemas, para realizarem o seu ideal na vida. Por higiene. Mathieu estremeceu.

— Refere-se a mim? - indagou a rir. - Bem viu que isso leva às maiores loucuras. Quem sabe lá se um belo dia não partirei para o Taiti?

Ivich voltou-se para ele, olhou-o de frente. Tinha um ar mau e amedrontado; assustava-se com a sua própria ousadia.

— Isso surpreender-me-ia muito - disse com voz glacial.

— Porque não? Talvez não para o Taiti; mas para Nova York. Gostaria de ir para a América!

Ivich puxava os caracóis com violência.

— Sim - disse -, em missão... com outros professores.

Mathieu olhou-a em silêncio, e ela continuou:

— Talvez me engane... Estou a vê-lo a fazer conferências para estudantes americanos numa universidade, mas não no convés de um navio de emigrantes. Talvez por ser francês.

— Acha que preciso de cabines de luxo? - perguntou ele, corando.

— Não - respondeu secamente Ivich -, de segunda classe.

Ele sentiu dificuldade em engolir a saliva. "Gostaria de a ver num convés de um navio com os emigrantes", pensou, "morreria."

— Enfim - concluiu -, de qualquer maneira, acho estranho vê-la decidir sobre a minha possibilidade de partir. Aliás, está enganada. Tive muitas vezes vontade disso, antigamente. Não o fiz porque era absurdo. Esta história é ainda mais cómica porque veio a propósito de Gauguin, que foi precisamente um funcionário até aos quarenta anos.

Ivich desatou a rir ironicamente.

— Não é verdade? - indagou Mathieu.

— É... visto que o disse. Em todo o caso basta olhá-lo na tela para...

— Para quê?

— Para ver que não deve haver muitos funcionários daquela espécie. Ele parecia... perdido.

Mathieu lembrou-se do rosto pesado e do queixo enorme. Gauguin tinha perdido a dignidade humana, tinha aceitado perdê-la...

— Estou a ver - disse. - Na grande tela do fundo? Estava muito doente naquela altura.

Ivich sorriu com desprezo.

— Estou a falar do quadro em que ele é ainda jovem: parece capaz de tudo.

Olhou indefinidamente; com uma expressão ligeiramente desvairada, e Mathieu sentiu pela segunda vez ciúme.

— Evidentemente! Se é isso que quer dizer, não sou um homem perdido.

— Ah, não! - disse Ivich.

— Aliás, não vejo porque é que isso havia de ser uma qualidade - disse ele -, ou então não estou a perceber o que quer dizer.

— Bem, não se fala mais nisso.

— Claro. É sempre assim. Faz censuras veladas e, depois, recusa-se a dar explicações. É demasiado cómodo.

— Não censuro ninguém - disse ela com indiferença.

Mathieu parou e olhou-a. Ivich parou também, de má vontade. Apoiava-se ora num pé ora noutro e evitava o olhar de Mathieu.

— Ivich! Vai dizer-me o que quer dizer com isso.

— O quê?

— Nessa história de homem "perdido".

— Ainda estamos a falar disso?

— É estúpido, mas quero saber o que pensa exactamente sobre isso.

Ivich recomeçou a puxar os cabelos. Era exasperante.

— Nada... nada. Foi uma palavra que me veio à cabeça.

Calou-se. Tinha ar de querer dizer qualquer coisa. De vez em quando abria a boca, e Mathieu imaginava que ela ia falar. Mas não saía nada. De repente disse:

— Tanto se me dá que seja assim ou assado.

Enrolava um caracol no dedo e puxava-o como se o quisesse arrancar. Acrescentou rapidamente, olhando para a ponta da sapatos:

— Você já está instalado e não mudaria por nada deste mundo.

— Ah!, era isso - disse Mathieu. - Quem é que lhe disse isso?

— É uma impressão, a impressão de que você já tem a vida organizada e com ideias sobre tudo. Estende as mãos para as coisas quando julga que estão ao seu alcance, mas não dá um passo para as apanhar.

— Quem é que lhe disse isso? - repetiu Mathieu.

Não conseguia dizer outra coisa. Pensava que ela tinha razão.

— Julgo - disse Ivich com lassidão. - Julgo que não se quer arriscar, que é demasiado inteligente para isso.

Acrescentou com uma expressão falsa:

— Mas como me diz o contrário...

Mathieu pensou de repente em Marcelle e teve vergonha.

— Não - disse em voz baixa -, sou assim mesmo, como imagina.

— Ah! - disse Ivich triunfante.

— Acha isso desprezível?

— Pelo contrário - respondeu Ivich, com indulgência. - Acho muito melhor assim. Com Gauguin, a vida devia ser impossível.

Acrescentou, sem que se percebesse a mais pequena ironia na sua voz:

— Consigo sentimo-nos em segurança, não há que recear imprevistos com você.

— Com efeito - atalhou Mathieu secamente. - Se quer dizer que não tenho caprichos... Poderia tê-los, como qualquer outro, mas não acho bem.

— Eu sei... tudo o que faz é... tão metódico...

Mathieu sentiu-se empalidecer.

— A que propósito diz isso, Ivich?

— A propósito de tudo - disse ela com ar vago.

— Não, deve estar a pensar alguma coisa de especial.

Ela murmurou, sem o olhar:

— Todas as semanas chegava com a Semaine à Paris, estabelecia um programa...

— Ivich! - disse Mathieu, indignado. - Era para si!

— Eu sei - respondeu Ivich com delicadeza -, estou-lhe muito grata.

Mathieu estava mais surpreendido do que chocado.

— Não compreendo, Ivich. Não gostava de ir a concertos e exposições?

— Gostava.

— Como diz isso sem convicção!

— Gostava realmente muito... Mas tenho horror - disse com uma violência repentina - que me imponham obrigações para com as coisas de que gosto.

— Ah! você não gostava disso - repetiu Mathieu.

Ela levantou a cabeça e alisou os cabelos para trás, descobrindo o rosto largo e pálido; os olhos brilhavam-lhe. Mathieu estava aterrado.

Olhava os lábios finos e moles de Ivich e perguntava a si próprio como os tinha podido beijar.

— Devia ter dito - continuou desolado. - Nunca a teria forçado...

Levara-a aos concertos, às exposições, explicara-lhe os quadros, e durante todo aquele tempo ela odiava-o.

— Que me importam os quadros - disse Ivich sem o ouvir -, se não os posso ter. Todas as vezes, mal me podia conter de raiva e vontade de os levar, e nem sequer lhes podia tocar. E sentia-o a meu lado, tranquilo e reverente. Você ia a essas exposições como se fosse à missa.

Calaram-se. Ivich conservava a sua expressão dura. Mathieu sentiu de repente um nó na garganta.

— Ivich! Peço-lhe desculpa do que se passou esta manhã.

— Esta manhã? Nunca mais pensei nisso. Pensava em Gauguin.

— Não voltará a acontecer. Aliás, nem sei como aconteceu.

Falava por descargo de consciência. Sabia que a sua causa estava perdida. Ivich não respondeu, e Mathieu continuou com esforço:

— Há também os museus, os concertos... Se soubesse como lamento. Pensamos agradecer às pessoas... Mas você nunca dizia nada.

Imaginava que ia parar a cada palavra. Mas vinha-lhe outra do fundo da garganta, erguia-lhe a língua e saía. Falava com repugnância, aos arranques. Acrescentou:

— Vou tentar mudar.

"Sou repugnante", pensou. Uma cólera desesperada ardia-lhe no rosto. Ivich sacudiu a cabeça.

— Não se pode mudar - disse.

Adotara um tom de bom senso, e Mathieu detestou-a francamente. Caminharam lado a lado, silenciosos. Estavam inundados de luz e odiavam-se. Mas ao mesmo tempo, Mathieu via-se com os olhos de Ivich e sentia horror por si próprio. Ela levou a mão à testa e apertou as fontes com os dedos.

— Ainda é longe?

— Um quarto de hora. Está cansada?

— Muito. Desculpe. Foram os quadros. - Bateu o pé e olhou Mathieu com desespero. - Já os confundo, baralham-se-me na cabeça. É sempre a mesma coisa.

— Quer ir-se embora? - Mathieu estava quase aliviado.

— Acho que é melhor.

Mathieu chamou um táxi. Agora, tinha pressa de ficar sozinho.

— Até logo - disse Ivich sem o olhar.

Mathieu pensou: "E o Sumatra? Deverei lá ir apesar de tudo?"

Mas não tinha vontade de a tornar a ver.

— Até logo - disse ele.

O táxi afastou-se, e durante alguns instantes Mathieu acompanhou-o, angustiado, com o olhar. Depois uma porta bateu dentro dele, trancou-se, e pôs-se a pensar em Marcelle.

VII

Nu até à cintura, Daniel barbeava-se diante do espelho do armário. "Hoje de manhã, ao meio-dia, tudo estará acabado." Não era um simples projeto. A coisa já lá estava, à luz da lâmpada elétrica, no ruído leve da navalha. Não se podia tentar afastá-la, nem mesmo aproximá-la para que acabasse mais depressa. Era preciso vivê-la, simplesmente. Tinham acabado de dar as dez horas, mas o meio-dia já estava no quarto, fixo e redondo, como um olho. Para além disso, nada a não ser uma tarde vaga que se retorcia como um verme. Doíam-lhe os olhos porque havia dormido muito mal e tinha uma espinha sob o lábio, uma manchazinha vermelha com um ponto branco. Agora era assim, cada vez que bebia. Daniel apurou o ouvido: "Não, eram os ruídos da rua." Olhou a espinha vermelha e febril. Tinha também aquelas olheiras roxas e pensou: "Estou a dar cabo de mim." Tomava cuidado ao passar com a navalha à volta da espinha, de maneira a não se cortar. Ficaria um pequeno tufo de pelos pretos, paciência. Daniel tinha medo dos arranhões. Ao mesmo tempo escutava. A porta do quarto de dormir estava entreaberta para ouvir melhor. Dizia para si mesmo: "Desta vez não me escapa."

Foi como um leve roçar, quase imperceptível. Daniel saltou com a navalha na mão. Abriu bruscamente a porta da entrada. Tarde de mais, a criança tinha-o pressentido e fugira. Devia ter-se escondido na reentrância de um dos patamares e aguardava, com o coração aos saltos, sustendo a respiração. Daniel descobriu no capacho a seus pés um ramo de cravos: "Fêmea imunda", disse em voz alta. Era a filha da porteira, tinha a certeza. Bastava ver aqueles olhos de peixe frito quando lhe dizia bom dia. Aquilo já durava há quinze dias. Todas as manhãs, ao voltar da escola, colocava flores diante da porta de Daniel. Com um pontapé atirou os cravos escada abaixo. "Tenho de ficar à espreita no vestíbulo uma manhã inteira. Só assim a conseguirei apanhar." Apareceria, nu da cintura para cima, e lançar-lhe-ia um olhar severo. Pensou: "Ela gosta da minha cara. Da cara e dos ombros, porque tem imaginação. Ficarà chocada quando vir que tenho pelos no peito." Tornou para o quarto e voltou a barbear-se. Via no espelho o rosto moreno e nobre, de faces azuladas. Pensou com uma espécie de mal-estar: "E isso que a excita. Um rosto de arcanjo." Marcelle alcunhara-o de

querido arcanjo" e agora tinha de suportar os olhares daquela femeazinha, em plena puberdade. "Imundas", pensou Daniel, irritado. Inclinou-se ligeiramente e com um golpe hábil de navalha decapitou a espinha. Não seria má ideia desfigurar este rosto de que elas tanto gostavam. "Um rosto escalavrado não deixa de ser um rosto, sempre significa alguma coisa; ainda me aborreceria mais depressa." Aproximou-se do espelho e contemplou-se sem prazer. Disse: "Aliás, gosto de ser belo." Parecia cansado. Beliscou as ancas. Tinha de perder um quilo. Sete uísques na véspera, à noite, sozinho no Johnny's. Não se decidira a voltar para casa antes das três horas porque era terrível pôr a cabeça no travesseiro e deixar-se afundar nas trevas imaginando que ia haver um amanhã. Daniel pensou nos cães de Constantinopla, tinham-nos encurralado numa rua, fechado em sacos e abandonado numa ilha deserta. Comeram-se uns aos outros. O vento do mar alto trazia por vezes os uivos deles aos ouvidos dos marinheiros. Não eram cães que deviam lá ter posto. Daniel não gostava dos cães. Enfiou uma camisa de seda creme e umas calças de flanela cinzenta; escolheu com atenção a gravata: a verde às listas porque estava abatido. Depois abriu a janela, e a manhã entrou no quarto; uma manhã pesada, abafada, predestinada. Durante um segundo, Daniel deixou-se flutuar no calor estagnante, depois olhou em volta. Gostava do seu quarto porque era impessoal e não o atraía. Dir-se-ia um quarto de hotel. Quatro paredes nuas, duas poltronas, uma cadeira, uma mesa, um armário, uma cama. Daniel não tinha recordações. Viu o grande cesto de vime, aberto no meio do compartimento, e desviou os olhos. Era hoje.

O relógio de Daniel marcava dez horas e vinte e cinco. Entreabriu a porta da cozinha e assobiou. "Cipião" apareceu primeiro. Era branco e ruivo, com uma barbinha. Olhou duramente Daniel e bocejou com ferocidade, espreguiçando-se. Daniel ajoelhou-se e, com ternura, pôs-se a acariciar-lhe o focinho. O gato, de olhos semicerrados, dava-lhe pequeninas patadas na manga. A seguir, Daniel pegou-lhe pelo pescoço e meteu-o no cesto. "Cipião" ficou lá sem se mexer, eufórico, beatificado. "Malvina" veio a seguir. Daniel gostava menos dela porque era comediente e servil. Logo que percebeu que ele a estava a ver, pôs-se a ronronar e a fazer gracinhas. Coçava a cabeça contra o batente da porta. Daniel roçou-lhe o dedo pelo pescoço rechonchudo; virou-se de costas então, estendeu as patas e ele fez-lhe cócegas nas tetas escondidas sob o pêlo negro.

— Ah - disse com uma voz cantante de comedida - ah, ah!

Ela enrolava-se de um lado para o outro com movimentos graciosos de cabeça. "Espera um pouco", pensou ele, "espera um pouco, até ao meio-dia." Pegou-lhe pelas patas e pô-la ao lado de "Cipião". Pareceu espantada, mas encolheu-se e depois resolveu ronronar.

— Popeia, Popeia - chamou Daniel.

Popeia nunca vinha quando a chamavam. Daniel teve de ir buscá-la à cozinha. Quando ela o viu, pulou para o fogão a gás, assanhando-se. Era uma gata de telhado, com uma grande cicatriz no flanco direito. Daniel tinha-a encontrado no Luxemburgo, numa noite de Inverno, pouco antes do encerramento do jardim, e trouxera-a. Era voluntariosa e má, mordida muitas vezes "Malvina". Daniel gostava dela. Tomou-a nos braços e ela esticava a cabeça para trás, baixando as orelhas e curvando-se toda. Parecia escandalizada. Passou-lhe o dedo no focinho e ela mordeu-o com raiva e divertida ao mesmo tempo. Então beliscou-lhe o pescoço e ela ergueu uma cabecinha obstinada. Não ronronava ("Popeia" nunca ronronava), mas olhou-o bem de frente, e Daniel pensou, como de costume: "É raro um gato olhar-nos de frente." Mas sentiu que uma intolerável angústia o invadia e teve de desviar o olhar. "Bom, bom, bom, minha rainha", e sorriu-lhe sem a olhar. Os outros dois tinham ficado um ao lado do outro, estúpidos, ronronando. Dir-se-ia um canto de cigarras. Daniel contemplou-os com um alívio maldoso: "Um bom guisado." Pensava nas tetas rosadas de "Malvina". Mas para fazer "Popeia" entrar no cesto foi um castigo. Teve de a empurrar pelo rabo, e ela voltou-se raivosa e deu-lhe uma unhada. "Ah!, é assim?" Agarrou-a pela nuca e pelos rins e enfiou-a à força; o vime gemeu sob as garras de "Popeia". A gata teve um momento de estupor e Daniel aproveitou-o para baixar a tampa e fechá-la. "Uf!" A mão ardia-lhe um pouco, uma dorzinha seca, como se fossem cócegas. Levantou-se e olhou para o cesto com uma satisfação irónica. "Presos." Nas costas da mão havia três arranhões e no seu íntimo havia também uma comichão estranha que ameaçava envenená-lo. Agarrou no novelo de fio e guardou-o no bolso das calças.

Hesitou. "É longe; vou ter calor." Queria vestir o casaco de flanela, mas não tinha o hábito de ceder facilmente aos próprios desejos e, depois, seria cómico andar ao sol, corado e a suar com aquele fardo nos braços. Cómico e um bocado ridículo. Sorriu e escolheu o casaco de tweed

arroxeado que já não podia suportar desde Maio. Pegou no cesto pela asa e pensou: "Como são pesados estes infelizes animais." Imaginava a sua posição humilhante e grotesca, o seu terror raivoso. "Era isto que eu gostava tanto de fazer!" Bastara-lhe fechar os três ídolos dentro de um cesto de vime e tinham voltado a ser gatos apenas, simplesmente gatos, pequenos mamíferos vaidosos e estúpidos e que morriam de medo - nada de extraordinário. "Gatos, apenas gatos." Riu-se. Tinha a impressão de que estava a pregar uma boa partida a alguém. Quando atravessou a porta de entrada, teve uma espécie de enjoo, mas passou-lhe logo. Na escada já se sentia indiferente e seco, insípido, uma insipidez de carne crua. A porteira estava à porta da rua e sorriu-lhe. Gostava de Daniel, porque ele era muito cerimonioso e bem-educado!

— Levantou-se muito cedo, Sr. Sereno.

— Receava que estivesse doente, minha senhora - respondeu Daniel respeitosamente. - Voltei tarde ontem à noite e vi luz por baixo da sua porta.

— Veja lá - disse a porteira a rir -, estava tão exausta que adormeci sem apagar a luz. De repente ouvi a campainha. "Ah!", pensei, "aí está o Sr. Sereno" (era o único inquilino que faltava entrar). Apaguei-a logo a seguir. Eram três horas mais ou menos, não?

— Mais ou menos.

— Que cesto tão grande o senhor carrega!

— São os meus gatos.

— Estão doentes? Coitadinhos!

— Não, vou levá-los para a casa da minha irmã em Meudon. O veterinário acha que precisam de ar.

Acrescentou gravemente:

— Sabe que os gatos podem ficar tuberculosos?

— Tuberculosos? - disse a porteira, assustada. - Ah!, trate bem deles. Mas o seu apartamento vai ficar vazio. Eu já me tinha habituado a vê-los, tão bonitos, quando ia lá acima arrumar. O senhor deve estar muito aborrecido.

— Muito, Senhora Dupuy - disse Daniel.

Sorriu gravemente e deixou-a. "Velha toupeira, traiu-se. Devia andar a boliná-los na minha ausência: bem a proibi de lhes tocar; faria melhor se vigiasse a filha." Atravessou o portão, e a luz ofuscou-o, aquela horrível luz

quente e aguda. Fazia-lhe mal aos olhos, corno tinha previsto. Quando se bebe na véspera, não há nada como uma manhã de bruma. Não via nada, nadava na luz, com uma garra de ferro a apertar-lhe o crânio. De repente viu a própria sombra grotesca e disforme, com a sombra da prisão de vime que lhe balançava no braço. Daniel sorriu, era muito alto. Empertigou-se, mas a sombra permaneceu atarracada e disforme, dir-se-ia um chimpanzé. "Dr. Jekyll e Mr. Hyde. Não, nada de táxi, tenho tempo. Serei Mr. Hyde até à paragem do 72." O 72 levá-lo-ia a Charenton. A um quilómetro dali, Daniel conhecia um sítio solitário ao pé do Sena. "Não vou desmaiar assim sem mais nem menos", disse, "não faltava mais nada." A água do Sena era particularmente escura e suja naquele lugar, com manchas esverdeadas de óleo por causa das fábricas de Vitry. Daniel contemplou-se a si próprio com nojo. Sentia-se interiormente tão bom, tão tranquilo, que isso não lhe parecia natural. Pensou: "O homem é assim", com uma espécie de prazer. Era rígido, fechado e no fundo havia uma pobre vítima que pedia clemência. "É estranho que se possa odiar a si mesmo como se fora outra pessoa!" Mas não era verdade; por mais que fizesse, só havia um Daniel. Quando se desprezava, tinha a impressão de se destacar de si mesmo, de planar como um juiz abstrato acima de um formigar impuro, e bruscamente aquilo apanhava-o e sentia-se mergulhar em si próprio. "Merda!", pensou, "vou beber um copo." Tinha de fazer apenas um pequeno desvio e ficaria no Championnet, Rua Tailledouce. Quando empurrou a porta, o bar estava vazio. O empregado limpava as mesas de madeira avermelhada em forma de tonel. A obscuridade era agradável. O silêncio repousante. "Que violenta dor de cabeça!" Pousou o cesto, depois sentou-se num banco do bar.

— Vai com certeza querer um uísque bem dosado - afirmou o barman.

— Não - disse secamente Daniel.

"Que fossem se foder com aquela mania de catalogar os indivíduos, como guarda-chuvas ou máquinas de costura. Eu não sou... nunca se é nada. Mas definem as pessoas num instante. Este dá boas gorjetas, aquele tem sempre uma boa para contar, eu gosto de uísques bem dosados..."

— Um gin-fizz!

O barman serviu-o sem fazer objeções. Devia estar magoado. "Tanto melhor. Nunca mais porei os pés neste buraco, são demasiados familiares." Aliás, o gin-fizz tem gosto de limonada purgativa. Espalhava-se em poeira

ácida sobre a língua e acabava num gosto de aço. "Isto não me dá mais nenhuma sensação.", pensou.

— Um vodka com pimenta num copo grande - pediu.

Bebeu o vodka e ficou um momento a sonhar, com um fogo de artifício na boca. Pensava: "Isto nunca mais acaba." Mas eram pensamentos superficiais, como sempre, cheques sem cobertura. "Que é que nunca mais acaba?" Ouviu-se um miado e um ruído de garras a raspar. O barman assustou-se.

— São gatos - disse Daniel, secamente.

Desceu do banco, pôs vinte francos na mesa e pegou no cesto. Ao levantá-lo, viu no chão uma manchazinha vermelha. Sangue. "Que estarão fazendo aqui dentro?", pensou, angustiado. Mas não tinha vontade de levantar a tampa. Agora só havia na prisão um pavor maciço e indefinido; se abrisse, o terror transformar-se-ia em gatos, e Daniel não poderia suportar isso. "Ah!, não o suportaria. E se eu levantasse a tampa?" Mas Daniel já tinha saído, e a cegueira recomeçava, uma cegueira lúcida e húmida: os olhos ardiam-lhe como fogo, e de repente apercebeu-se de que via casas, a cem passos, na frente, claras e leves como fumo. No fim da rua havia um muro azul. "É sinistro ver com clareza", pensou Daniel. Assim é que imaginava o Inferno: um olhar penetrante que atravessaria tudo, iria até ao fim do mundo - até ao fim de si próprio. O cesto mexeu-se sozinho no seu braço; arranhavam-se lá dentro. Aquele terror que sentia tão próximo da mão, não sabia se lhe causava prazer ou mal-estar. Aliás, tanto lhe fazia. "Há no entanto qualquer coisa que os sossega: o meu cheiro." Daniel pensou: "Para eles sou um cheiro. Paciência." Dentro em breve, Daniel já não teria aquele cheiro familiar, deambularia sem cheiro, sozinho entre os homens que não têm sentidos suficientemente apurados para essa percepção. Sem cheiro e sem sombra, sem passado, nada mais do que um invisível arrancar de si próprio para o futuro. Daniel reparou que estava a alguns passos à frente do seu corpo, perto do lampião e que se olhava e se via chegar, coxeando ligeiramente por causa do peso que levava, a suar. Via-se chegar e era apenas um simples olhar. Mas a vitrine de uma tinturaria refletiu-lhe a imagem, e a ilusão dissipou-se. Daniel, ele próprio, encheu-se de uma água lodosa e insossa. A água do Sena, insossa e lodosa, vai encher o cesto e eles vão ferir-se com as garras. Foi invadido por um imenso nojo, pensou: "É um ato gratuito." Parou, pôs o cesto no

chão. Chatear-se através do mal feito aos outros. Nunca se pode ser diretamente atingido. Pensou novamente em Constantinopla: fechavam as mulheres infiéis dentro de sacos com gatos hidrófobos e atiravam-nos ao Bósforo. Tonéis, sacos de couro, prisões de vime: prisões. "Há piores." Encolheu os ombros. Mais cheques sem cobertura. Não queria armar em trágico, estava farto. Quando se arma em trágico, é porque se leva tudo a sério. E nunca, nunca Daniel levava as coisas a sério. O autocarro surgiu de repente. Daniel fez sinal e subiu para a primeira classe.

— Até ao fim da linha.

— Seis bilhetes - disse o cobrador.

"A água do Sena vai enlouquecê-los." A água cor de café com leite com reflexos roxos. Uma mulher sentou-se diante dele, digna e rígida. Ao lado, uma menina. A menina olhou para o cesto com curiosidade: "Mosquinha imunda", pensou Daniel. O cesto miou, e Daniel estremeceu como se tivesse sido surpreendido em flagrante delito de assassinio.

— Que é? - perguntou a menina, com uma vozinha clara.

— Tchiu - disse a mãe -, deixa o senhor sossegado.

— São gatos - disse Daniel.

— São seus? - indagou a menina.

— São.

— Porque é que os carrega num cesto?

— Porque estão doentes - disse Daniel, docemente.

— Posso vê-los?

— Jeannine - disse a mãe -, estás a abusar.

— Não posso mostrá-los, a doença tornou-os maus.

A menina falou com uma voz convincente e encantadora.

— Comigo não serão maus... os gatos.

— Achas que não? Escuta, querida - disse Daniel em voz baixa e rapidamente -, eu vou afogar estes gatos. E sabes porquê? Porque ainda hoje de manhã eles arranharam horivelmente o rosto de uma linda menina como você que me veio trazer flores. Vai ser preciso arranjar um olho de vidro para ela.

— Oh! - disse a menina, espantada.

Olhou momentaneamente, cheia de terror, para o cesto e foi esconder-se nas saias da mãe.

— Estás a ver - disse a senhora, deitando um olhar indignado sobre Daniel. - Estás a ver! Bem te disse que estivesse sossegada, que não falasses à toa. Não é nada, querida, o senhor estava a brincar.

Daniel olhou-a tranquilamente. "Ela odeia-me", pensou, satisfeito. Via desfilar pelos vidros as casas cinzentas, sabia que a mulher o estava a olhar. "Uma mãe indignada! Está à procura do que poderá odiar em mim. Não é o meu rosto." Ninguém detestava o rosto de Daniel. "Nem a minha roupa, que é nova e macia. Talvez as mãos." As mãos eram curtas e fortes, ligeiramente gordas, com pelos negros sobre as falanges. Pô-las sobre os joelhos: "Olhe! olhe!" Mas a mulher desistira. Tinha os olhos fixos em frente, com um ar indefinido. Descansava. Daniel contemplou-a com uma espécie de avidez. Como faziam essas pessoas assim, quando descansavam? Aquela deixara-se cair com todo o seu peso dentro de si mesma e fundia-se. Nada havia naquela cabeça que se assemelhasse a uma fuga desesperada diante de si, nem curiosidade, nem ódio, nenhum movimento, nem mesmo uma ligeira ondulação. Somente a massa espessa do sono. Acordou de repente, e uma expressão animada veio pousar-lhe no rosto.

— É aqui, é aqui - disse. - Vem, como você é irritante e demorada!

Pegou na mão da filha e arrastou-a. Antes de descer, a menina voltou-se e deitou um olhar de terror para o cesto. O autocarro partiu e mais adiante parou. Algumas pessoas passaram a rir diante de Daniel.

— Ponto final - gritou o cobrador.

Daniel sobressaltou-se. O carro estava vazio. Levantou-se e desceu. Era uma praça movimentada e cheia de bares. Formara-se um grupo de operários em volta de uma carrocinha, as mulheres olharam-no surpreendidas. Daniel apressou o passo e voltou numa rua suja que conduzia ao Sena. De ambos os lados havia tonéis e entrepostos. O cesto desatara a miar ininterruptamente e Daniel quase corria. Carregava um balde furado de que a água se escapava gota a gota. Cada miado era uma gota. O balde era pesado. Daniel mudava de mão e limpava o suor da testa. "É preciso não pensar nos gatos. Ah!, não queres pensar nos gatos? Pois bem, e preciso que penses. Seria cómodo de mais!" Daniel reviu os olhos dourados de "Popeia" e pensou muito depressa noutras coisas, ganhara dez mil francos na Bolsa, dois dias antes; pensou em Marcelle, devia vê-la nessa noite, era o seu dia. "Arcanjo!" Daniel riu de troça: desprezava profundamente Marcelle. Eles não têm coragem de confessar que não se

amam. Se Mathieu visse as coisas como são, teria de tomar uma resolução. Mas não quer. Não quer perder-se. "Ele é normal...", pensou com ironia. Os gatos miaram como se tivessem sido escaldados, e Daniel sentiu que perdia a cabeça. Colocou o cesto no chão e deu-lhe um violento pontapé. Ouviu-se um grande barulho lá dentro e a seguir os gatos deixaram de se ouvir. Daniel ficou um momento imóvel com um estranho estremecimento atrás das orelhas. Operários saíram de um entreposto, e Daniel recomeçou a andar. Era ali. Desceu por uma escada de pedra até à beira do rio, sentou-se no chão junto a uma argola de ferro, entre um barril de alcatrão e um monte de paralelepípedos. O Sena estava amarelo sob o céu azul. Barcaças negras carregadas de tonéis estavam atracadas ao cais na outra margem. Daniel estava sentado ao sol e doíam-lhe as têmporas. Olhou para a água ondulosa e inchada de fluorescências opalinas. Depois tirou do bolso o novelo, e com o canivete cortou um pedaço de fio. Sem se levantar, pegou com a mão esquerda numa pedra, amarrou uma das pontas do fio à asa do cesto, enrolou o resto na pedra, deu vários nós e tornou a pôr a pedra no chão. Que estranha engrenagem! Daniel calculou que teria de pegar no cesto com a mão direita e na pedra com a esquerda. Largaria tudo ao mesmo tempo. O cesto flutuaria talvez durante uns décimos de segundo e a seguir uma força brutal arrastá-lo-ia para o fundo. Daniel pensou que estava com calor, amaldiçoou o pesado casaco, mas não quis tirá-lo. Dentro dele qualquer coisa palpitava que pedia clemência, e Daniel, duro e seco, deu com ele a gemer. Quando não se tem coragem de se matar de uma só vez, tem de se fazer aos bocados. Ia aproximar-se da água e dizer: "Adeus ao que mais amo no mundo..." Ergueu-se levemente sobre as mãos e olhou em volta: à direita a margem estava deserta, à esquerda, lá longe, um pescador recortado a preto na luz. Os remoinhos propagar-se-iam por baixo da água até à isca. Vai pensar que é um peixe... Riu e tirou o lenço para enxugar o suor da testa. Os ponteiros do seu relógio marcavam onze e vinte e cinco. "Às onze e trinta." Era preciso prolongar aquele momento extraordinário. Daniel desdobrava-se. Sentia-se perdido numa nuvem vermelha, sob um céu de chumbo. Pensou com orgulho em Mathieu: "Eu é que sou livre", disse. Mas era um orgulho impessoal, pois Daniel já não era ninguém. Às onze horas e vinte e nove levantou-se; sentia-se fraco e teve de se apoiar ao barril. Manchou o casaco de tweed e ficou a olhar a mancha escura. De repente sentiu que estava sozinho. Que era apenas um solitário.

Um covarde. Um tipo que gostava dos seus gatos e que não os queria deitar à água. Pegou no canivete, baixou-se e cortou o fio. Em silêncio: mesmo dentro dele havia silêncio, tinha demasiada vergonha para falar diante de si. Pegou no cesto e voltou a subir a escada. Era como se passasse, voltando o rosto, perto de alguém que o desprezasse. Dentro dele continuava o deserto, o silêncio. Quando chegou ao último degrau atreveu-se a dizer a si próprio as primeiras palavras: "Que seria aquela gota de sangue?" Mas não ousou abrir o cesto. Pôs-se a caminhar, coxeando. "Sou eu. Sou eu. O imundo." Mas no fundo dele havia um estranho sorriso: porque tinha salvado "Popeia".

— Táxi - gritou. O táxi parou. - Rua Montmartre, 22 - disse Daniel. - Quer ter a bondade de pôr este cesto aí à frente?

Deixou-se embalar pelo movimento do táxi. Não chegava sequer a desprezar-se. Depois a vergonha voltou mais forte e começou a ver-se: era intolerável. "Nem de uma vez só nem aos poucos", pensou amargamente. Quando tirou a carteira para pagar, constatou sem alegria que estava cheia de dinheiro. "Ganhar dinheiro, sim. Isto posso eu fazer."

— De volta, Sr. Sereno? - disse a porteira. - Há justamente alguém que acaba de subir. Um amigo seu, aquele de ombros largos. Disse-lhe que o senhor não estava. "Não está", foi o que ele me respondeu, "pois então vou deixar-lhe um bilhete debaixo da porta."

Ela olhou o cesto e exclamou:

— Mas o senhor trouxe-os de volta!

— Que quer, minha senhora - disse Daniel -, talvez seja condenável, mas não pude separar-me deles.

"É Mathieu", pensou, subindo a escada. "Vem a boa hora o desgraçado." Sentia-se contente por odiar outra pessoa. Encontrou Mathieu no patamar do terceiro.

— Olá! - disse Mathieu. - Já não esperava ver-te.

— Fui levar os meus gatos a passear - disse Daniel. Espantava-se por sentir em si um certo entusiasmo. - Sobes comigo?

— Sim, quero pedir-te um pequeno favor.

Daniel deu-lhe uma olhadela e reparou que estava com uma cara terrosa. "Parece estar em dificuldade", pensou. Tinha vontade de o ajudar. Subiram. Daniel pôs a chave na fechadura e empurrou a porta.

— Entra - disse. Tocou-lhe de leve no ombro e retirou imediatamente a mão. Mathieu entrou no quarto de Daniel e sentou-se numa poltrona.

— Não compreendi nada das histórias da porteira. Disse-me que foste levar os gatos à casa da tua irmã. Reconciliaste-te com a tua irmã?

Qualquer coisa arrefeceu subitamente em Daniel. "Que diria se soubesse de onde venho?" Fixou sem simpatia os olhos sérios e penetrantes do amigo: "É normal, ele é normal." Sentia-se separado dele por um abismo. Riu.

— Ah! sim, à casa da minha irmã, uma inocente mentira - disse.

Sabia que Mathieu não insistiria. Mathieu tinha o hábito irritante de tratar Daniel como um mitómano e pretendia não indagar os motivos que induziam Daniel a mentir. Efetivamente olhou para o cesto com certa curiosidade e calou-se.

— Dás licença? - perguntou Daniel.

Daniel só tinha um desejo. Abrir o cesto o mais depressa possível: "Que seria aquela gota de sangue?" Ajoelhou-se, pensando: "Vão saltar-me em cima." E avançou o rosto de maneira a ficar inteiramente ao alcance dos gatos. Pensava em abrir o fecho. Um bom aborrecimento não lhe faria mal. Perderia, durante algum tempo, o seu otimismo, o seu ar de equilíbrio. "Popeia" fugiu do cesto assanhada e correu para a cozinha. "Cipião" saiu por sua vez; conservava a sua dignidade, mas não parecia muito confiante. Dirigiu-se com passos medidos até ao armário, olhou em volta com uma expressão matreira e escondeu-se debaixo da cama. "Malvina" não se mexia. "Está ferida", pensou Daniel. Jazia no fundo do cesto, aniquilada. Daniel pôs-lhe o dedo debaixo do queixo e levantou-lhe a cabeça. Recebera uma unhada nas narinas e tinha o olho esquerdo fechado, porém já não sangrava. Sobre o focinho havia uma crosta escura e em torno da crosta os pelos estavam duros e viscosos.

— Que foi? - perguntou Mathieu. Tinha-se levantado e olhava para a gata, atentamente.

"Acha-me ridículo", pensou Daniel, "porque me preocupo com uma gata. Se fosse uma criança, acharia natural."

— Malvina foi ferida - explicou. - Foi certamente Popeia. É insuportável. Desculpa, é só um momento para o curativo.

Foi buscar uma garrafa de arnica e um pacote de algodão ao armário. Mathieu acompanhou-o com o olhar, sem dizer palavra, depois passou a

mão pela testa com um ar de velho. Daniel pôs-se a lavar o focinho de "Malvina". A gata debatia-se fracamente.

— Sê bonita - dizia Daniel -, sê boazinha, vamos. Pronto.

Pensava que assim afastava terrivelmente Mathieu e que isso lhe dava alento. Mas, quando levantou a cabeça, viu que Mathieu olhava sem ver, com um olhar duro.

— Desculpa, meu caro - disse Daniel com a sua melhor voz -, só um minuto. Tinha de tratar daquele animal, bem sabes, infecta facilmente. Não te estou a aborrecer muito? - acrescentou com um sorriso amável.

Mathieu estremeceu, mas logo desatou a rir.

— Ora, ora, não me faças esses olhos de veludo!

"Olhos de veludo!" A superioridade de Mathieu era odiosa. "Pensa que me conhece. Fala das minhas mentiras, dos meus olhos de veludo. Não me conhece nada, mas diverte-se em pôr uma etiqueta como se eu fosse uma coisa." Riu, com cordialidade, e enxugou cuidadosamente a cabeça de "Malvina". A gata cerrava os olhos, parecia em êxtase, mas Daniel sabia que ela sofria. Deu-lhe uma palmadinha no dorso.

— Pronto - disse levantando-se -, amanhã estarás boa. Mas a outra deu-lhe uma bela unhada, sabes?

— Popeia? É uma peste - disse Mathieu distraído. E bruscamente:

— Marcelle está grávida.

— Grávida?!

A surpresa de Daniel foi curta, mas teve de lutar contra uma grande vontade de rir. Então era isso! É verdade: "Urina sangue todos os meses lunares e é fértil como uma raia ainda por cima!" Pensou com repugnância que ia vê-la naquela noite. "Não sei se terei coragem de lhe tocar na mão."

— Estou muito chateado - disse Mathieu com uma expressão objetiva.

Daniel encarou-o e observou sóbrio:

— Compreendo.

Depois apressou-se em voltar-lhe as costas, com o pretexto de guardar a garrafa de arnica no armário. Tinha medo de rir. Pôs-se a pensar na morte da mãe, dava sempre resultado nessas ocasiões. E a coisa restringiu-se a dois ou três soluços convulsivos. Mathieu continuava a falar gravemente:

— O pior é que isso a humilha. Não a viste muitas vezes, sabes, mas é uma espécie de valquíria. Uma valquíria fechada num quarto - acrescentou sem maldade. - Para ela é uma diminuição terrível.

— Sim - disse Daniel com solicitude. - E para ti não é nada agradável. Podes dizer o que quiseres, ela deve inspirar-te horror agora. Em mim, isso mataria o amor.

— Eu já não lhe tenho amor - disse Mathieu.

— Não?

Daniel estava profundamente surpreendido e divertido. "Há desporto esta noite", pensou. Perguntou:

— Já lhe disseste?

— Não, evidentemente.

— Porquê evidentemente? Terás de lhe dizer um dia. Vais...

— Não, não quero deixá-la.

— Então?

Daniel divertia-se muito. Tinha agora pressa em ver Marcelle.

— Então nada. Pior para mim. Não é culpa dela que eu já não a ame.

— A culpa é tua?

— É.

— E vais continuar a vê-la às escondidas e a...

— Que tem isso?

— Pois se continuares muito tempo com esse jogo, acabarás por detestá-la.

Mathieu parecia obstinado.

— Não quero que ela se aborreça...

— Preferes sacrificar-te - disse Daniel com indiferença.

Quando Mathieu bancava o quacre ele o odiava.

— Que é que eu sacrifico? Irei ao liceu, verei Marcelle, escreverei um conto de dois em dois anos. É exatamente o que faço!

Acrescentou com uma amargura a que Daniel não estava habituado:

— Sou um escritor de domingo. Aliás, eu quero-lhe bem e ficaria aborrecido se não a voltasse a ver. Só que é mais ou menos como uma amizade familiar.

Houve um silêncio. Daniel sentou-se na poltrona, em frente Mathieu.

— Mas é preciso que tu me ajudes - disse Mathieu. - Tenho uma direção, mas não tenho dinheiro. Empréstame cinco mil francos.

— Cinco mil francos - disse Daniel indeciso.

Bastava-lhe abrir a carteira recheada, tirar de dentro as cinco notas. Mathieu fizera-lhe muitas vezes favores antigamente.

— Eu dar-te-ei metade no fim do mês - disse Mathieu. - E a outra metade a 14 de Julho, quando receber os meus vencimentos de Agosto e Setembro.

Daniel olhou o rosto terroso de Mathieu e pensou: "Este sujeito está realmente aborrecido." Depois pensou nos gatos e sentiu-se sem piedade, inflexível.

— Cinco mil francos! - disse com voz desolada -, mas não os tenho, acredita, isso chateia-me muitíssimo...

— Disseste-me há dias que ias fazer um bom negócio.

— Pois, meu caro, o bom negócio foi um malogro. Bem sabes o que é a Bolsa. Aliás, é simples, estou cheio de dívidas.

Não pusera muita convicção na voz, porque não desejava convencer. Mas quando viu que Mathieu não o acreditava, ficou colérico: "Que vá à merda! Acha-se profundo, imagina que lê em mim. Porque é que havia de ajudá-lo? Que vá procurar os que são como ele." O que lhe parecia insuportável era aquele ar normal e sério que Mathieu nunca perdia, mesmo na aflição.

— Bem - disse Mathieu aparentando bom humor -, então não podes realmente?

Daniel pensou: "É preciso que tenha muita necessidade para insistir assim."

— Realmente, meu caro. Sinto muito.

Perturbava-se com a perturbação de Mathieu, mas isso não lhe era desagradável. Era como se tivesse virado uma unha. Daniel gostava das situações falsas.

— Tens uma necessidade urgente? - indagou, com solicitude. - Não poderás dirigir-te a um outro?

— Gostaria de evitar falar com Jacques.

— É verdade - disse Daniel um pouco decepcionado. - Tens o teu irmão. Portanto não há perigo.

Mathieu mostrou-se desanimado.

— Nisso estás enganado. Meteu na cabeça que não me devia emprestar mais nada, porque me fazia um mau serviço. "Na tua idade", disse-me, "deverias ser independente."

— Oh!, mas num caso destes ele vai certamente emprestar-te - disse Daniel, conciliador. Deitou fora a ponta da língua e pôs-se a lambar

devagar o lábio superior. Soubera encontrar logo o tom otimista, superficial, quase alegre que enfurece os outros.

Mathieu tinha corado.

— Exatamente neste caso é que não lhe posso pedir.

— É verdade - afirmou Daniel. Refletiu um instante: - De qualquer maneira, ainda há as associações, aqueles que emprestam aos funcionários. A maior parte das vezes, dá-se com usurários. Mas que importam afinal os juros, se tens o dinheiro?

Mathieu pareceu interessado, e Daniel pensou, aborrecido, que o tinha acalmado.

— Que espécie de gente é essa? Emprresta logo o dinheiro?

— Não - disse Daniel com vivacidade. - Demora cerca de quinze dias. É preciso um inquérito.

Mathieu calou-se. Meditava. Daniel sentiu repentinamente um pequeno choque mole. "Malvina" saltara-lhe para os joelhos e instalava-se a ronronar. "Não me tem rancor", pensou com nojo. Pôs-se a acariciá-la negligentemente. Os animais e os homens não chegavam a odiá-lo. Por causa da sua inércia bonacheirona ou talvez do seu rosto. Mathieu absorvera-se em pequenos cálculos miseráveis. Também não tinha rancor. Daniel inclinou-se sobre "Malvina" e coçou-lhe o crânio. A mão tremia-lhe.

— No fundo - disse, sem olhar Mathieu -, estou quase contente de não ter dinheiro. Tu queres ser livre, é uma oportunidade para um ato de liberdade.

— Um ato de liberdade? - Mathieu parecia não entender. Daniel levantou a cabeça.

— Sim, casar com Marcelle.

Mathieu encarou-o, franzindo as sobrancelhas. Estaria Daniel a troçar dele? Daniel sustentou o olhar com um ar de gravidade modesta.

— Estás doido? - perguntou Mathieu.

— Porquê? Uma simples palavra e mudas toda a tua vida. Isso não acontece todos os dias.

Mathieu pôs-se a rir. "Ele prefere rir", pensou Daniel, aborrecido.

— Não me tentarás - disse Mathieu. - Sobretudo neste momento.

— Bem... precisamente - continuou Daniel, com o mesmo tom fútil -, deve ser muito divertido fazer, propositadamente, o contrário do que se quer. Sentimo-nos outro.

— Que outro? - disse Mathieu. - Queres que eu arranje três filhos pelo prazer de me sentir outro quando os levar ao Luxemburgo? Se eu fosse um sujeito acabado, é possível que isso me mudasse muito...

"Nem por isso", pensou Daniel, e acrescentou:

— No fundo, não deve ser desagradável um tipo sentir-se conformado, mas até à medula, enterrado. Um sujeito casado, com três filhos! Como isso deve acalmar!

— Com efeito - disse Mathieu. - Tipos assim encontram-se todos os dias. Os pais dos alunos, que me vêm procurar. Quatro filhos, cornudos, membros das associações dos pais dos alunos. Parecem calmos. Benignos até.

— Têm também uma espécie de alegria - disse Daniel. - Dão-me vertigens. E a ti, isso não te tenta, realmente? Vejo-te muito bem, casado; serias como eles, gordo, bem tratado, com um trocadilho sempre à disposição e olhos de celulóide. Eu acho que não detestaria.

— Pareces bem você - disse Mathieu, sem se comover. - Mas eu prefiro pedir os cinco mil francos ao meu irmão.

Levantou-se. Daniel pôs "Malvina" no chão e levantou-se também. "Ele sabe que tenho dinheiro e não me odeia; mas que é preciso fazer para que me odeiem?" A carteira estava ali. Bastava a Daniel pôr a mão no bolso. Diria: "Aqui está, meu caro, quis chatear-te um bocado, para me rir." Mas teve medo de se desprezar.

— Lamento - disse hesitante -, se achar um meio, escrevo-te.

Acompanhara Mathieu até à porta de entrada.

— Não te incomodes - disse Mathieu -, eu me arranjarei.

Fechou a porta. Quando Daniel ouviu o passo de Mathieu na escada pensou: "É irreparável." E sentiu a respiração entrecortada. Mas passou-lhe. Nem sequer um momento ele deixou de ser ponderado, de perfeito acordo consigo mesmo. "Está aborrecido, mas isso fica-lhe por fora. Dentro está à vontade." Foi olhar o seu belo rosto no espelho e pensou: "Ainda valia uns mil se ele fosse obrigado a casar com Marcelle."

VIII

Estava acordada há muito tempo. Devia estar preocupada. Era preciso confortá-la, tranquilizá-la, dizer-lhe que não iria lá em nenhuma das hipóteses. Mathieu lembrou-se com ternura do pobre rosto atormentado da véspera, e ela pareceu-lhe repentinamente de uma fragilidade pungente. "Preciso de lhe telefonar..." Mas resolveu passar primeiro pela casa de Jacques. "Assim, talvez possa ter uma boa notícia para lhe dar." Pensava com irritação na atitude que Jacques ia tomar. Uma expressão divertida e sabida, para além da censura e da indulgência, com a cabeça de lado e os olhos semicerrados: "Como? Mais dinheiro ainda!" Mathieu sentia arrepios. Atravessou a rua e pensou em Daniel. Não lhe tinha rancor. Ninguém tinha rancor a Daniel. Mas sim a Jacques. Parou diante de um edifício atarracado da Rua Réaumur e leu, irritado, como lhe acontecia sempre: Jacques Delarue, tabelião, segundo andar. Tabelião! Entrou, subiu no elevador. "Espero que Odette não esteja", pensou.

Estava. Mathieu viu-a através da porta envidraçada da sala de estar. Estava sentada num sofá, elegante, alta e limpa até à insignificância. Lia. Jacques dizia de bom grado: "Odette é uma das poucas mulheres de Paris que tem tempo para ler."

— O Sr. Mathieu quer falar com a senhora? - perguntou Rosa.

— Sim, quero dizer-lhe bom dia, mas previna meu irmão de que irei vê-lo ao escritório dentro de alguns minutos.

Empurrou a porta. Odette ergueu o belo rosto ingrato e pintado.

— Bom dia, Thieu - disse, contente. - É para mim a visita que veio fazer?

— Para si?

Ele contemplava com uma simpatia descontente aquela fronte alta e calma e aqueles olhos verdes. Era bela sem dúvida, mas de uma beleza que parecia desaparecer com o olhar. Habitado a rostos como o de Lola, cujo sentido se impunha logo, brutalmente, Mathieu tentara imensas vezes reter em conjunto aqueles traços escorregadios, mas escapavam-se, o conjunto desfazia-se a todo o momento, e o rosto de Odette guardava o seu decepcionante mistério burguês.

— Gostaria de lhe fazer uma visita - disse -, mas tenho de ver Jacques, preciso de pedir-lhe um favor.

— Não tenha tanta pressa - disse Odette. - Jacques não vai fugir. Sente-se.

Arranjou-lhe um lugar ao lado dela.

— Cuidado - acrescentou sorrindo. - Um destes dias vou zangar-me. Esquece-se de mim. Tenho direito a uma visita pessoal. Prometeu-me.

— Você é que prometeu receber-me um destes dias.

— Como é delicado - disse ela, a sorrir -, não deve ter a consciência tranquila.

Mathieu sentou-se. Gostava de Odette, mas nunca sabia o que lhe devia dizer.

— Como vai, Odette?

Pôs certo calor na voz para dissimular a vulgaridade da pergunta.

— Muito bem. Sabe onde estive esta manhã? Em Saint-Germain, com o carro, para ver Françoise. Isso encantou-me.

— E Jacques?

— Muito trabalho, ultimamente. Quase não o vejo. Porém, a sua saúde é extraordinária. Como sempre.

Mathieu sentiu bruscamente um profundo desprazer. "Ela pertence a Jacques", pensou. Contemplava com mal-estar o braço moreno e fino que saía de um vestido muito simples, apertado na cintura por um cordão vermelho, quase um vestido de mulherzinha. O braço, o vestido, o corpo por baixo do vestido, tudo pertencia a Jacques, como os móveis, a secretária de mogno, o sofá. Essa mulher discreta e pudica cheirava a posse. Houve um silêncio e em seguida Mathieu voltou à voz quente e ligeiramente nasal que conservava para Odette.

— Tem um vestido muito bonito - disse.

— Oh!, escute - disse Odette com um riso indignado -, deixe o vestido sossegado. Todas as vezes que me vê, fala-me dos meus vestidos. Deixe isso e diga-me antes o que fez esta semana.

Mathieu riu. Sentia-se agora bem-disposto.

— Pois é justamente a propósito desse vestido que quero falar.

— Meu Deus, que é que será?

— Estou a pensar se não deveria usar brincos quando o veste.

— Brincos?

Odette olhou-o de um modo singular.

— Acha vulgar? - indagou Mathieu.

— Não. Mas tornam o rosto indiscreto. - E acrescentou, sem transição, numa risada: - Tu estaria por certo muito mais à vontade comigo se eu usasse brincos.

— Porquê? Não creio - disse Mathieu vagamente.

Estava surpreendido, pensava: "Realmente não é nada parva." Mas a inteligência de Odette era como a sua beleza. Tinha qualquer coisa de vago. Houve um silêncio. Mathieu já não sabia o que dizer. No entanto não tinha vontade de sair. Gozava uma espécie de calma. Odette disse-lhe gentilmente:

— Não devo retê-lo mais. Vá ver Jacques. Parece preocupado.

Mathieu levantou-se. Pensou que ia pedir dinheiro a Jacques e sentiu um formigar na ponta dos dedos.

— Até logo, Odette - disse afetuosamente. - Não, não se levante.

— Voltarei para me despedir.

"Até que ponto será uma vítima?", indagava, batendo à porta de Jacques. "Com este género de mulheres, nunca se sabe."

— Entra - disse Jacques.

Levantou-se, atento e muito empertigado, e avançou para Mathieu.

— Bom dia, meu velho - disse com entusiasmo. - Como vais tu?

Parecia muito mais jovem do que Mathieu, embora fosse mais velho. Mathieu achava que ele estava a engordar na cintura. No entanto devia usar cinta.

— Bom dia - disse Mathieu, com um sorriso afável.

Sentia-se em falta. Há vinte anos que se sentia em falta quando via o irmão ou pensava nele.

— Então, Mathieu, que bons ventos te trazem?

Mathieu fez um gesto de aborrecimento.

— Há alguma novidade? - indagou Jacques. - Senta-te. Um uísque?

— Vá lá - disse Mathieu. Sentou-se com um nó na garganta.

Pensava: "Bebo o uísque e vou-me embora sem dizer nada." Mas já era tarde. Jacques sabia muito bem o que ele queria e pensaria: "Não teve coragem de dar a facada." Jacques permanecia de pé. Pegou na garrafa e encheu dois copos.

— É a última garrafa - disse -, mas não comprarei outra antes do Outono. Digam o que quiserem, um bom gin-fizz é bem melhor com calor, não achas?

Mathieu não respondeu. Olhava sem doçura aquele rosto rosado e fresco de rapaz. Jacques sorria inocentemente, toda a sua pessoa transparecia inocência, mas os olhos eram duros. "Faz de inocente", pensou Mathieu com raiva. "Sabe muito bem porque vim e está a fazer-se desentendido."

Disse ríspidamente:

— Não te iludes por certo, sabes que vim pedir-te dinheiro.

Agora já não podia recuar. O irmão arqueava as sobrancelhas com um ar de profunda surpresa. "Não me perdoará nada", pensou Mathieu irritado.

— Não, não imaginava isso, por que motivo o suspeitaria? Queres insinuar que é esse o único fim das tuas visitas?

Sentou-se, sempre muito correto, cruzou as pernas com certa moleza como para compensar a rigidez do busto. Vestia um magnífico fato desportivo de casimira inglesa.

— Não quero insinuar coisa alguma - disse Mathieu. Pestanejou e acrescentou apertando com força o corpo: - Mas preciso de quatro mil francos de hoje para amanhã.

"Vai dizer não. Que recuse depressa para que eu possa ir-me embora!" Mas Jacques não se apressava. Era advogado, tinha tempo.

— Quatro mil - disse, meneando a cabeça como um conhecedor.

Estendeu as pernas e olhou os sapatos com satisfação.

— Divertes-me, Thieu, divertes-me e instruis-me. Oh!, não leves a mal o que estou a dizer - atalhou diante de um gesto de Mathieu. - Não quero criticar, não quero censurar a tua conduta, mas afinal eu reflito, interrogo-me, vejo tudo de cima, como um "filósofo", diria eu, se não estivesse a falar com um filósofo. Sabes, quando penso em ti, fico mais convencido ainda de que não se deve ser um homem de princípios. Tu estás cheio de princípios, mas não te submetes a eles. Em teoria não há ninguém mais independente. Isso é muito bom. Estás acima das classes. Mas eu pergunto: que aconteceria se eu não existisse? Note-se que, para mim, eu não tenho princípios, é até uma felicidade poder ajudar-te de vez em quando. Mas parece-me que com as tuas ideias eu faria questão de não

dever nada a um horroroso burguês. Porque eu sou um horroroso burguês - acrescentou, rindo alegremente.

Continuou sem deixar de rir:

— E há pior: tu, que cospes na família, aproveitas-te do parentesco para me dar facadas. Sim, porque afinal não virias ter comigo se eu não fosse teu irmão.

Tomou um ar de sincero interesse:

— No fundo, bem no fundo, isso não te aborrece um pouco?

— Que posso fazer? - disse Mathieu, rindo igualmente.

Não ia travar uma discussão de ideias. Essas discussões acabavam sempre mal com Jacques. Mathieu perdia imediatamente o sangue-frio.

— Com efeito - disse Jacques secamente. - Mas não crês que com um pouco de organização...? É contrário às tuas ideias, sem dúvida. Não quero dizer que sejas culpado, vê bem. Para mim a culpa é dos teus princípios.

— Sabes - afirmou Mathieu para dizer alguma coisa -, não ter princípios é ainda um princípio...

— Um mínimo! - disse Jacques.

"Agora", pensou Mathieu, "ele vai dá-las." Mas olhou o rosto cheio do irmão, a sua fisionomia aberta mas obstinada e pensou inquieto: "Parece difícil." Felizmente Jacques retomara a palavra.

— Quatro mil - repetiu. - Uma necessidade súbita? Porque enfim na semana passada quando vieste aqui... pedir-me um pequeno favor, não se tratava disso.

— Efetivamente - disse Mathieu -, eu... isto foi ontem.

Pensou rapidamente em Marcelle, lembrou-se dela sinistra e nua no quarto cor-de-rosa e acrescentou num tom angustiado que o surpreendeu a si próprio:

— Jacques, preciso do dinheiro.

Jacques encarou-o com curiosidade e Mathieu mordeu os lábios. Os dois irmãos não tinham por hábito exprimir assim com tanta vivacidade os seus sentimentos.

— A esse ponto? É estranho... Habitualmente pedes dinheiro porque não sabes ou não queres organizar a tua vida, mas nunca teria imaginado... Naturalmente não te pergunto nada - acrescentou com uma expressão ligeiramente interrogativa.

Mathieu hesitava. "Digo que é para os meus impostos? Não. Ele sabe que os paguei em Maio."

— Marcelle está grávida - disse bruscamente.

Sentiu que corava e encolheu os ombros. Porquê, afinal? Porquê aquela vergonha súbita? Olhou o irmão de frente, com olhos agressivos. Jacques pareceu interessar-se.

— Vocês queriam um filho?

Fingia não compreender.

— Não - disse Mathieu, num tom ríspido. - Foi um acidente.

— Também me admirava - disse Jacques -, mas afinal podias ter desejado levar até ao fim as tuas experiências à margem da ordem estabelecida.

— Sim, mas não é nada disso.

Houve um silêncio, e Jacques perguntou, muito à vontade.

— E quando é o casamento?

Mathieu corou de cólera. Como sempre, Jacques recusava-se a encarar honestamente o problema, girava obstinadamente à volta dele, e durante esse tempo o seu espírito procurava um ninho de águia de onde pudesse fixar um olhar agudo sobre a conduta dos outros. O que quer que se dissesse ou fizesse, o primeiro impulso dele era elevar-se acima do debate. Não sabia ver senão de cima, tinha a paixão dos ninhos de águia...

— Tomámos a decisão de fazê-la abortar - disse Mathieu com brutalidade.

Jacques não pestanejou.

— Já encontraste um médico? - indagou em tom neutro.

— Já.

— Um médico seguro? Segundo o que me disseste, a saúde dessa mulher é delicada.

— Tenho amigos que me garantiram.

— Sim - disse Jacques -, sim, evidentemente. Fechou os olhos um instante, abriu-os e juntou as mãos pelas pontas dos dedos.

— Em suma - disse -, se compreendo exatamente, o que acontece é o seguinte: acabas de saber que a tua amiga está grávida. Não queres casar por questões de princípios, mas consideras-te ligado a ela por obrigações tão estritas como as do casamento. Não querendo nem casar nem manchar a sua reputação, resolveste fazê-la abortar nas melhores condições possíveis.

Os teus amigos recomendaram-te um médico de confiança, o qual exige quatro mil francos. Tens de arranjar o dinheiro. Não é isso?

— Exatamente! - disse Mathieu.

— E porque precisas do dinheiro de hoje para amanhã?

— O médico parte para a América dentro de oito dias.

— Bom - disse Jacques. - Compreendo.

Ergueu as mãos à altura dos olhos e encarou-as com o ar preciso de quem vai tirar conclusões do que acaba de dizer. Mas Mathieu não se iludiu. Um advogado não tira conclusões assim tão depressa. Jacques abaixara as mãos e pousara-as nos joelhos. Afundara-se na poltrona e os olhos já não lhe brilhavam. Disse com voz mole:

— São muito severos neste momento na repressão ao aborto.

— Eu sei - disse Mathieu -, de vez em quando ficam severos. Põem na cadeia uns pobres diabos sem proteção, mas os grandes especialistas nunca são atingidos.

— Queres dizer com isso que há uma injustiça. Sou da mesma opinião. Mas não desaprovo inteiramente os resultados. Pela própria força das circunstâncias, pobres diabos são ervanários ou "fazedores de anjos", que liquidam uma mulher com os seus instrumentos sujos. As batidas estabelecem uma seleção. Já é alguma coisa.

— Enfim... - disse Mathieu, já irritado. - Venho pedir quatro mil francos.

— E... - atalhou Jacques - tens a certeza de que o aborto está de acordo com os teus princípios?

— Porque não?

— Não sei, você é que deve saber. És pacifista por respeito à vida humana, e vai destruir uma vida.

— Estou decidido. Aliás eu sou pacifista, mas não respeito a vida humana. Estás a fazer confusão.

— Ah! Pensei... - disse Jacques.

Olhava Mathieu com uma serenidade divertida.

— Eis que te enfiás na pele de um infanticida. Não te fica bem a fantasia, Mathieu.

"Tem medo que me apanhem", pensou Mathieu, "não me dará um franco." Teria de lhe dizer: "Se pagares não correrás nenhum risco, irei ver um médico hábil e que não figura nas listas da Polícia. Se recusares terei de

mandar Marcelle a um charlatão e já não garanto nada, porque a Polícia os conhece a todos e pode de um momento para outro deitar-lhes a mão." Mas tais argumentos eram diretos de mais para terem influência sobre Jacques. Mathieu disse simplesmente:

— Um aborto não é um infanticídio.

Jacques pegou num cigarro e acendeu-o.

— Sim - disse com displicência. - Um aborto não é um infanticídio, é um assassinio "metafísico".

Acrescentou com seriedade:

— Meu pobre Mathieu, não tenho objeções contra o assassinio metafísico, como não tenho contra outros crimes perfeitos. Mas que tu cometas um assassinio metafísico, você, assim como tu és... - estalou a língua como numa censura - isso não, seria falso...

Acabou, Jacques recusava. Mathieu ia poder sair. Limpou a voz e perguntou por descargo de consciência:

— Então não me ajudas?

— Vê lá se me percebes - disse Jacques. - Não recuso ajudar-te. Mas seria realmente ajudar? Estou persuadido, de resto, que encontrarás com facilidade o dinheiro.

Levantou-se subitamente como se tivesse tomado uma decisão e pousou amistosamente a mão sobre o ombro do irmão.

— Escuta, Thieu - disse com calor -, vamos dizer que recusei. Não quero ajudar-te a mentir a ti mesmo. Mas vou propor-te outra coisa.

Mathieu, que já se levantara, tornou a sentar-se, e a sua velha cólera fraternal invadiu-o. Aquela suave e decidida pressão sobre o ombro era-lhe intolerável. Inclinou a cabeça para trás e viu o rosto diminuído de Jacques.

— Mentir a mim mesmo? Ora, Jacques, diz antes que não te queres meter num negócio de aborto, que não aprovas isso, que não tens dinheiro, estás no teu direito e não te guardarei rancor. Mas para que falar em mentira? Não há mentira nenhuma. Não quero um filho, aparece-me um, suprimo-o, eis tudo.

Jacques retirou a mão, deu alguns passos, refletiu. "Vai fazer-me um discurso", pensou Mathieu, "eu não devia ter aceitado a discussão."

— Mathieu - disse Jacques, com clareza -, conheço-te melhor do que pensas e agora estou assustado. Há muito que receava algo semelhante. Essa criança que vai nascer é o resultado lógico de uma situação em que te

meteste voluntariamente e queres suprimi-la porque não desejas arcar com as consequências dos teus atos. Queres que te diga a verdade? Não mentes a ti próprio neste mesmo instante, mas é a tua vida inteira que se constrói sobre uma mentira.

— Não faças cerimónia - disse Mathieu -, esclarece-me acerca do que escondo a mim próprio. - Sorria.

— O que escondes - disse Jacques - é que é um burguês envergonhado. Eu voltei à burguesia depois de inúmeros erros, fiz um casamento de conveniência, mas tu és burguês por gosto, por temperamento, e é o teu temperamento que te empurra para o casamento. Porque tu estás casado, Mathieu. - disse ele com força.

— Primeira novidade - disse Mathieu.

— Sim, estás casado, mas pretendes o contrário por causa das tuas teorias. Adquiriste hábitos com essa mulher. Quatro vezes por semana vais tranquilamente encontrá-la e passas a noite com ela. E isso dura há sete anos. Não tens outras aventuras. Tu estima-la, sentes que tens obrigações para com ela, não a queres abandonar. Estou certo de que não procuras unicamente o prazer; por maior que tenha sido, deve ter-se embotado. Na realidade, deve sentar-te à noite junto dela e contar longamente os acontecimentos do dia, pedir conselhos nos momentos difíceis.

— Evidentemente - disse Mathieu, encolhendo os ombros.

— Pois bem, podes dizer-me em que difere isso do casamento? O fato de não morarem juntos?

— A abstenção da coabitação - disse Mathieu, ironicamente. - Uma coisa sem importância.

— Imagino muito bem que para ti essa abstenção não deve ser um grande sacrifício.

"Nunca dissera tanto", pensou Mathieu, "é um desafio." Devia sair e bater com a porta. Mas Mathieu sabia que ficaria até ao fim. Sentia um desejo combativo e maldoso de conhecer a opinião do irmão.

— Para mim - disse -, porque é que dizes que não deve ser um sacrifício para mim?

— Porque com isso ganhas comodidade, uma aparência de liberdade. Tens todas as vantagens do casamento e aproveitas os princípios para recusar os inconvenientes. Recusas regularizar a situação, o que é muito fácil e cómodo, pois se alguém sofre não é você.

— Marcelle partilha as minhas ideias acerca do casamento? - disse Mathieu, arrogante. Ouvia-se a pronunciar nitidamente cada palavra e achava-se profundamente desagradável.

— Oh! - disse Jacques -, se não as tivesse, o orgulho impedia-a de confessá-lo. Sabes o que não compreendo? Tu, que estás sempre pronto a indignar-te com uma injustiça, humilhas essa mulher há anos, pelo simples prazer de afirmar que estás de acordo com os teus princípios. Se realmente subordinasses a tua vida às tuas ideias! Mas repito-te, estás casado, tens um apartamento agradável, recebes bons vencimentos em dia certo, não tens nenhuma inquietação quanto ao futuro, porque o Estado te garante uma reforma. E gostas dessa vida calma, regrada, uma vida de funcionário.

— Escuta - disse Mathieu -, há um mal-entendido entre nós; pouco me importa ser ou não burguês. O que eu quero, apenas... - acabou a frase entre os dentes - é conservar a minha liberdade.

— Eu imaginava - disse Jacques - que a liberdade consistia em olhar de frente as situações em que a pessoa se meteu voluntariamente e aceitar as responsabilidades. Não é certamente a tua opinião: condenas a sociedade capitalista e, no entanto, és funcionário dessa sociedade. Proclamas uma simpatia de princípio pelos comunistas, mas tens cuidado em não te comprometer. Nunca votaste. Desprezas a classe burguesa e, no entanto, és um burguês, filho e irmão de burgueses e vive como um burguês.

Mathieu fez um gesto, mas Jacques não deixou que o interrompesse.

— Estás, no entanto, na idade da razão, meu caro Mathieu - disse com uma piedade reprimida. - Mas isso também o escondes, queres parecer mais novo. Aliás... talvez seja injusto. Talvez não tenhas ainda a idade da razão, és uma idade moral, a que cheguei antes de ti.

"Pronto", pensou Mathieu, "vai-me falar da sua juventude." Jacques era muito orgulhoso da sua juventude; era a sua garantia, permitia-lhe defender o partido da ordem em boa consciência. Durante cinco anos imitara afincadamente as loucuras em voga, fora surrealista, tivera algumas aventuras lisonjeiras e chegara mesmo a respirar por vezes, antes do amor, um lenço embebido em éter. Um belo dia acertara o passo. Odette trazia-lhe seiscentos mil francos de dote. Ele escrevera a Mathieu: "É preciso ter a coragem de fazer como toda a gente para não ser como ninguém." E comprara um cartório.

— Não censuro a tua juventude - disse. - Pelo contrário. Tiveste a sorte de evitar alguns maus passos. Mas também não lamento a minha. No fundo, herdámos ambos os instintos daquele pirata que foi nosso avô. Só que eu liquidei-os a todos e tu afasta-los aos bocadinhos. Tens ainda de atingir o fundo. Acho que a princípio não eras muito menos pirata do que eu. É o que te perde. A tua vida não passa de um perpétuo compromisso entre o gosto da revolta e da anarquia, embora modesto, e as tuas tendências profundas que te empurram para a ordem, a saúde moral, a rotina quase. O resultado? Ficaste um velho estudante irresponsável. Mas, meu caro, olha bem para mim. Tens 34 anos, os teus cabelos já estão grisalhos - não tanto como os meus, é certo -, já nada tens de rapazinho, não te faz bem a vida boémia. Aliás, o que é isso, a boémia? Era muito divertido há cem anos, agora... um punhado de desajustados sem perigo para ninguém e que perderam o comboio, simplesmente. Estás na idade da razão, Mathieu, estás ou deverias estar - repetiu distraidamente.

— Ora - disse Mathieu -, a idade da razão é a idade da resignação. Não me interessa, acredita.

Mas Jacques não o escutava. O olhar tornou-se-lhe límpido e alegre e acrescentou:

— Escuta. Como te disse, vou fazer uma proposta. Se recusares, não te será difícil encontrar os quatro mil francos, não tenho remorsos. Ponho dez mil francos à tua disposição se casares com a tua amiga.

Mathieu previra o golpe. De qualquer maneira aquilo fornecia-lhe uma saída digna, que não o desonraria.

— Agradeço, Jacques - disse levantando-se. - é realmente muito bom, mas não serve. Não quero dizer que estejas inteiramente errado, mas se tiver de me casar um dia, será quando sentir vontade de o fazer; agora, seria uma cabeçada estúpida para sair de uma complicação.

Jacques levantou-se igualmente.

— Reflete. Não há pressa. A tua mulher será muito bem recebida aqui; não preciso de o dizer. Confio na tua escolha, e Odette sentir-se-á feliz em tratá-la como amiga. Aliás, a minha mulher ignora por completo a tua vida íntima.

— Já refleti - disse Mathieu.

— Como queiras - observou Jacques, cordialmente. "Terá ficado muito aborrecido?", pensou. E acrescentou: - Quando apareces?

— Venho almoçar no domingo - disse Mathieu. - Adeus.

— Adeus - disse Jacques. - E... sabes, se voltares atrás, a minha proposta mantém-se de pé!

Mathieu sorriu e saiu sem responder. Desceu a escada a correr. "Até que enfim! Até que enfim!" Não estava alegre, mas tinha vontade de cantar. Agora Jacques devia estar sentado à escrivaninha, de olhar absorto, com um sorriso triste e grave: "Este rapaz inquieta-me, no entanto está na idade da razão..." Ou talvez tivesse ido ver Odette. "Mathieu inquieta-me. Não posso dizer-te porquê. Mas não é sensato." Que diria ela? Desempenharia o papel de esposa refletida ou limitar-se-ia a aprovar discretamente sem tirar o nariz de cima do livro?

"Diabo! ", pensou Mathieu, "esqueci-me de dizer adeus a Odette." Teve remorsos; estava com predisposição para o remorso. "Será verdade, será que mantenho Marcelle numa posição humilhante?" Lembrou-se das violentas observações de Marcelle contra o casamento. "Eu quis casar-me, de resto, uma vez... Há cinco anos." Marcelle rira-se dele. "Terei um complexo de inferioridade em relação a meu irmão?" Não, não era isso. Por maior que fosse o seu sentimento de culpa, Mathieu nunca deixara de pensar com razão perante Jacques. "Sim", pensou. "Mas eu gosto deste tipo. Quando não me envergonho diante dele, sinto vergonha por ele. Ah!, a família é como a varíola: tem-se em criança e fica marcada para o resto da vida." Havia um bar na esquina da Rua Montorgueil. Entrou, pediu uma ficha. A cabine telefónica era num recanto sombrio. Sentia-se angustiado ao pegar no telefone.

— Está, está, Marcelle?

Marcelle tinha o telefone no quarto.

— És tu?

— Sim.

— Então?

— A velha, é impossível.

— Hum - murmurou Marcelle, com uma dúvida na voz.

— Juro. Estava quase bêbeda, e fede no apartamento dela, é húmido. E as mãos, se visses! E depois, é um animal.

— Então?

— Tenho alguém em vista. Indicado por Sarah. Alguém excelente.

— Ah! - disse Marcelle com indiferença. E acrescentou: - Quanto?

— Quatro mil.

— Quanto? - repetiu Marcelle, incrédula.

— Quatro mil.

— Mas não é possível, bem sabes. Terei de ir...

— Não, não vais! Peço emprestado.

— A quem? A Jacques?

— Venho de lá. Recusa-se a emprestar.

— Daniel?

— Também se recusa, o estupor! Vi-o esta manhã, tenho a certeza de que estava cheio de "notas".

— Mas não lhe disseste que era... para isto? - perguntou Marcelle, com vivacidade.

— Não.

— E que é que vais fazer agora?

— Não sei. - Sentiu que a voz lhe carecia de firmeza e acrescentou com força. - Não te incomodes. Temos quarenta e oito horas. Hei-de arranjar. Que diabo, quatro mil francos não é um absurdo, é coisa que se consegue.

— Então arranja - disse Marcelle num tom estranho. - Arranja.

— Eu telefono. Te vejo amanhã à noite?

— Sim.

— E tu estás bem?

— Estou.

— Não estás lá muito...

— Estou - disse Marcelle com a voz seca. - Estou angustiada. - E acrescentou docemente: - Enfim, faz o que achares melhor, querido.

— Levo os quatro mil francos amanhã à noite.

Hesitou e disse com esforço:

— Amo-te.

Marcelle cortou a ligação sem responder.

Mathieu saiu da cabine. Ao atravessar o café, ouviu a voz seca de Marcelle. "Estou angustiada." Está magoada comigo. Mas faço o que posso. "Humilhada"... Humilhá-la-ei? E se... Parou à beira do passeio. Se ela quisesse o filho? Então tudo ia por água abaixo, bastava pensar nisso um só instante e tudo tomava outro sentido, e ele próprio se transformava da cabeça aos pés, não deixava de mentir a si próprio, era um

estúpido. Felizmente não era verdade, não podia ser verdade, ouvira-a muitas vezes rir das amigas casadas quando estavam grávidas: "Vasos sagrados", dizia, "rebentam de orgulho porque vão dar à luz..." Quando se diz isso, não se tem o direito de mudar de opinião sem mais nem menos, seria um abuso de confiança. E Marcelle é incapaz de um abuso de confiança, ela tê-lo-ia dito, porque não o havia de ter dito? Nós nos dizemos tudo. Oh! basta, basta! Estava cansado de girar em volta de toda aquela história, Marcelle, Ivich, dinheiro, dinheiro, Ivich, Marcelle. Farei o que for preciso, mas não quero pensar nisso, pelo amor de Deus, quero pensar noutra coisa. Pensou em Brunet. Mas era mais triste ainda. Uma amizade morta. Sentia-se nervoso e triste porque ia voltar a vê-lo. Deu com um vendedor de jornais.

— Paris-Midi, se faz favor.

Não havia. Pegou num jornal ao acaso: Excelsior. Deu o dinheiro e continuou. O Excelsior não era um jornal agressivo, era papel gorduroso, triste e aveludado como tapioca. Nem chegava a meter raiva, tirava simplesmente o gosto de viver enquanto era lido. Mathieu leu: "Bombardeio aéreo de Valência." Ergueu a cabeça vagamente irritado. A Rua Réaumur era de cobre sujo. Duas horas. A hora do dia em que o calor era mais sinistro, e o calor torcia-se e chiava no meio da rua como uma faísca elétrica. "Quarenta aviões sobrevoam durante uma hora o centro da cidade e deixam cair cento e cinquenta bombas. Ignora-se o número exato de mortos e feridos." Passou os olhos sobre o título e leu o terrível texto, apertado, em itálico, que parecia denso e bem documentado: "Do nosso enviado especial." Citavam-se cifras. Mathieu virou a página. Já não lhe apetecia saber mais nada. Um discurso de Flandin em Bar-le-Duc. A França ao abrigo atrás da Linha Maginot... Stokovski declara que não casará com Greta Garbo. Novas informações sobre o caso Weidman. A visita do rei da Inglaterra; quando Paris aguarda o seu Príncipe Encantado. Todos os franceses... Mathieu sobressaltou-se e pensou: "Todos os franceses são uns canalhas", escrevera Gomez, de Madrid, uma vez. Fechou o jornal e pôs-se a ler na primeira página a reportagem do enviado especial. Já se contavam cinquenta mortos e trezentos feridos; havia mais porém, havia seguramente cadáveres sob os escombros. Nem aviões nem defesa antiaérea. Mathieu sentiu-se vagamente culpado. Cinquenta mortos e trezentos feridos, que significa isto exatamente? Um hospital cheio? Um grave acidente de

comboio? Cinquenta mortos. Milhares de leitores teriam lido o jornal com ódio na garganta, cerrando os punhos e murmurando: "Estupores, bandidos!" Mathieu cerrou os punhos e murmurou: "Bandidos!" e sentiu-se mais culpado ainda. Se ao menos tivesse descoberto em si uma emoção qualquer, pequena que fosse, bem viva e modesta, consciente dos seus limites... Mas não: sentia-se vazio. À sua frente havia uma grande cólera, uma cólera desesperada, via-a, podia tocar-lhe. Só que era inerte, esperava para viver, para rebentar, para sofrer, que ele lhe desse o próprio corpo. Era a cólera dos outros. "Bandidos!" Cerrara os punhos, andava a passos largos, mas a coisa não vinha, a cólera ficava de fora. Estive em Valência, vi a Fiesta em 34 e uma grande tourada com Ortega e El Estudiante. O seu pensamento fazia círculos em cima da cidade, procurando uma igreja, uma rua, a fachada de uma casa, qualquer coisa de que pudesse dizer: "Eu vi aquilo, destruíram-no, não existe já. Pronto!" O pensamento desceu-lhe sobre uma rua escura, esmagada por enormes monumentos. Eu vi aquilo, passeava de manhã, sufocava numa sombra ardente, o céu flamejava muito alto acima das cabeças. Pronto! *As bombas caíram naquela rua, sobre os monumentos cinzentos, a rua alargou-se desmedidamente, entra agora até o fundo das casas, já não há sombra na rua, o céu em fusão caiu em cima dela e o sol dardeja sobre os escombros.* Alguma coisa se dispunha a nascer, uma tímida aurora de cólera. Pronto! Mas aquilo esvaziou-se, esbateu-se, ele sentia-se vazio, andava normalmente com a decência de um tipo que acompanha um enterro em Paris, não em Valência, em Paris, possuído por um fantasma de cólera. Os vidros brilhavam, os automóveis deslizavam pela rua, ele caminhava no meio de homenzinhos vestidos de claro, de franceses que não olhavam para o céu, que não tinham medo do céu. No entanto, aquilo é real, algures sob o mesmo sol, é real, os automóveis passaram, os vidros partiram-se, mulheres estupefatas, mudas, acocoraram-se com ares de galinhas mortas junto dos verdadeiros cadáveres, e erguem a cabeça de quando em quando, contemplam o céu venenoso, os Franceses são todos uns estupores. Mathieu estava com calor, era um calor real. Passou o lenço pela frente e pensou: "Não se pode sofrer pelo que se quer." Lá havia uma coisa formidável e trágica a pedir que se sofresse por ela... "Não posso, não estou lá, estou em Paris, no meio de minhas presenças, Jacques atrás da secretária dizendo não, Daniel troçando, Marcelle no quarto cor-de-rosa, Ivich que eu beijei esta manhã. As presenças reais, nojentas por serem tão

verdadeiras. Cada um no seu mundo, o meu é um hospital com Marcelle grávida, e o judeu a pedir quatro mil francos. Há outros mundos. Gomez. Esse estava lá. Partiu. Destino. E o tipo de ontem. Não partiu. Deve andar por aí, como eu. Só que ele, se der com um jornal e ler "Bombardeamento em Valência", não terá de fazer esforços para sofrer, sofrerá lá, na cidade em ruínas. "Por que razão estou eu neste mundo de gritaria, de instrumentos cirúrgicos, de carícias nos táxis, neste mundo sem Espanha? Por que razão não tive vontade de lutar? Poderia escolher outro mundo? Sou ainda livre? Posso ir aonde quero, não encontro resistência, mas é pior, estou numa gaiola sem grades, separado de Espanha por... por nada e no entanto esse outro mundo é intransponível." Olhou a última página do Excelsior: fotografia do enviado especial. Corpos estendidos sobre o passeio, junto de um muro. No meio da rua uma mulher gorda, de costas, de saias repuxadas até às coxas. Sem cabeça. Mathieu dobrou o jornal e atirou-o para a valeta.

Boris espreitava-o à porta do prédio. Ao ver Mathieu, tomou um ar afetado. Era o seu ar de louco.

— Acabo de tocar à sua porta - disse -, mas creio que não estava.

— Tem a certeza? - respondeu Mathieu no mesmo tom.

— Não absoluta, mas o que lhe posso dizer é que não abriu.

Mathieu olhou-o hesitante. Eram duas horas e Brunet só chegaria dentro de meia hora.

— Suba comigo - disse. - Vamos tirar isso a limpo.

Subiram. Na escada, Boris disse na sua voz natural:

— Então continua de pé o Sumatra, hoje à noite?

Mathieu virou-se e fingiu procurar as chaves no bolso.

— Não sei se irei - disse. - Pensei... Lola talvez prefira estar sozinha consigo.

— Sim, é evidente - disse Boris -, mas que importa? Ela é educada. E depois de maneira nenhuma ficaríamos sós. Haverá Ivich.

— Viu Ivich? - perguntou Mathieu abrindo a porta.

— Deixei-a agora.

— Entre.

Boris entrou à frente de Mathieu e dirigiu-se com uma familiaridade desenvolta para a secretária. Mathieu olhou sem afeição as costas magras.

"Viu-a", pensava.

— Vem ou não vem? - perguntou Boris. Voltara-se e olhava para Mathieu com um sorriso zombeteiro e terno.

— Ivich... não lhe disse nada para esta noite? - perguntou Mathieu.

— Para esta noite?

— Sim. Queria saber se ela ia. Pareceu-me preocupada com o exame.

— Ela quer ir - afirmou Boris. - Disse-me que seria divertido encontrarmo-nos os quatro.

— Os quatro? Ela falou nos quatro?

— Pois então - disse Boris ingenuamente -, também há Lola.

— Então ela espera que eu vá?

— Naturalmente - disse Boris, admirado.

Houve um silêncio. Boris inclinara-se sobre o parapeito da janela e olhava a rua. Mathieu aproximou-se e deu-lhe uma palmada nas costas.

— Gosto da sua rua - disse Boris -, mas ao fim de algum tempo deve chatear. Não sei porque mora num apartamento.

— Porquê?

— Não sei. Livre como tu és, deveria vender os móveis e viver no hotel. Está a perceber? Um mês num quarto em Montmartre, um mês no Faubourg du Temple, um mês Rua Mouffetard...

— Ora - disse Mathieu, irritado -, isso não tem importância...

— Pois é - disse Boris, depois de um longo momento -, não tem mesmo nenhuma. Estão a tocar - acrescentou, contrariado.

Mathieu foi abrir. Era Brunet.

— Olá! - disse Mathieu. - Vens adiantado.

— Pois venho. Isso aborrece-te?

— Não, absolutamente nada.

— Quem é? - indagou Brunet.

— Boris Serguine.

— Ah, o famoso discípulo? Não o conheço.

Boris inclinou-se com frieza e recuou até ao fundo do quarto. Mathieu colocara-se, com os braços pendentes, diante de Brunet.

— Detesta que o considerem meu discípulo.

— Bem - disse Brunet com indiferença.

Fazia um cigarro, sólido e despreocupado perante o olhar rancoroso de Boris.

— Senta-te na poltrona - disse Mathieu. Brunet sentou-se na cadeira.

— Não - disse sorrindo -, as tuas poltronas corrompem...

Acrescentou:

— Então, velho traidor, é preciso vir até aqui ao teu quarto para te encontrar.

— Não é culpa minha. Procurei-te mais de uma vez, mas não consegui encontrar-te.

— É verdade - disse Brunet. - Eu tornei-me numa espécie de caixeiro-viajante. Dão-me tanto trabalho, que há dias em que eu próprio tenho dificuldade em me encontrar.

Continuou com simpatia:

— É quando te vejo que me encontro melhor, parece-me que fiquei depositado em tua casa.

Mathieu sorriu, agradecido.

— Pensei muitas vezes que nos devíamos ver mais. Creio que envelhecíamos menos depressa se nos pudéssemos encontrar de vez em quando os três juntos.

Brunet olhou-o com surpresa.

— Os três?

— Então? Você, eu, Daniel.

— É verdade - disse Brunet, atônito. - Daniel! Mas ainda existe esse camarada? Ainda o vês de vez em quando, não é verdade?

A alegria de Mathieu desapareceu. Quando Brunet encontrava Portal ou Bourrelier devia dizer com aquele mesmo tom aborrecido: "Mathieu? É professor no Liceu Buffon, ainda o vejo de vez em quando."

— Ainda o vejo, sim. Imagina você! - disse ele, com amargura.

Fez-se silêncio. Brunet pousara as mãos sobre os joelhos. Estava ali, pesado e maciço, sentado numa cadeira de Mathieu, inclinava a cabeça obstinadamente para a chama do fósforo, o quarto enchia-se com a sua presença, com o fumo do cigarro, com os seus gestos lentos. Mathieu olhava as grandes mãos de camponês do amigo. Pensou: "Ele veio." Sentiu que a confiança e a alegria tentavam timidamente renascer-lhe no coração.

— E fora disso, que tens feito?

Mathieu sentiu-se embaraçado. Na verdade não fazia nada.

— Nada - disse.

— Catorze horas de curso por semana e uma viagem ao estrangeiro durante as férias... não é?

— Isso mesmo - confirmou Mathieu rindo.
Evitou olhar para Boris.

— E teu irmão? Continua Croix-de-Feu¹?

— Não - disse Mathieu. - Os Croix-de-Feu não são muito dinâmicos.

— É caça para Doriot - disse Brunet.

— É o que se diz. A propósito, acabo de me aborrecer com ele - acrescentou Mathieu sem refletir.

Brunet deitou-lhe um olhar rápido e penetrante.

— Porquê?

— Sempre a mesma coisa. Peco-lhe um favor e responde-me com um sermão.

— E então ataca-lo. É estranho - disse Brunet com ironia. - E esperas ainda vir a mudá-lo?

— Claro que não - respondeu Mathieu, irritado.

Calaram-se um instante e Mathieu pensou tristemente: "Se ao menos Boris tivesse a boa ideia de se ir embora." Mas não parecia sequer pensar nessa solução; mantinha-se no seu canto, todo arrepiado, parecia um cão de caça doente. Brunet sentara-se a cavalo na cadeira e olhava igualmente Boris com um olhar pesado. "Ele gostaria que Boris se fosse embora", pensou Mathieu, com satisfação. Pôs-se então a olhar fixamente o rapaz; talvez compreendesse, sob o fogo conjugado dos olhares. Boris não se mexia. Brunet pigarreou:

— Continua a estudar Filosofia, jovem?

Boris disse que sim com a cabeça.

— Em que ponto é que estás?

— Termino agora a minha licenciatura - disse Boris com rapidez.

— A licenciatura - atalhou Brunet com uma expressão absorta. - A licenciatura, ainda bem...

Acrescentou bonacheirão:

— Vai ficar a odiar-me se eu lhe raptar Mathieu por uns momentos? Tu tens a sorte de o ver diariamente e eu... Vamos dar uma volta, Mathieu?

Boris adiantou-se, duro:

— Já percebi - disse. - Fique, fique, sou eu que me vou embora.

Inclinou-se ligeiramente. Estava ofendido. Mathieu acompanhou-o até à porta e perguntou com entusiasmo:

— Até logo à noite, não é verdade? Estou lá às onze.

Boris sorriu, magoado.

— Até logo à noite.

Mathieu fechou a porta e voltou-se para Brunet.

— Então? - disse esfregando as mãos. - Despachaste-o.

Riram. Brunet perguntou:

— Talvez tenha ido longe de mais. Não te aborreces com isso?

— Pelo contrário - disse Mathieu rindo. - Ele está acostumado e depois estou contente por te ver a sós.

Brunet observou com voz calma:

— Eu estava com pressa porque tenho apenas um quarto de hora.

Mathieu parou subitamente de rir.

— Um quarto de hora! Eu sei, eu sei - acrescentou vivamente. - Não dispões de muito tempo. Já foi muito amável da tua parte teres vindo.

— Na verdade, tinha o dia inteiro ocupado. Mas hoje de manhã quando vi a tua cara, pensei: preciso de falar com ele.

— Tinha má cara?

— Sim, meu caro. Demasiado amarela, inchada, com tiques nas pálpebras e no canto dos lábios.

Acrescentou, afetuosamente:

— Disse a mim mesmo: não quero que me deem abaixo.

Mathieu tossiu.

— Nunca imaginei que tivesse uma cara tão expressiva... Dormi mal, sem dúvida - insistiu, desconcertado. - Ando aborrecido, sim. Como toda a gente, aliás. Simples aborrecimentos de dinheiro.

Brunet não parecia convencido.

— Tanto melhor - disse. - Se é apenas isso, dá-se um jeito. Mas tinhas, creio, a cara de um tipo que acaba de perceber que viveu de ideias que não dão nada.

— Ora, as ideias... - disse Mathieu, com um gesto vago.

Olhava Brunet com uma gratidão humilde e pensava: "Foi por isso que ele veio. Tem o dia inteiro tomado, uma porção de encontros importantes e preocupou-se em vir dar-me o seu apoio moral." Apesar de tudo, era melhor se Brunet tivesse vindo pelo simples prazer de o ver.

— Escuta - disse Brunet -, não vamos complicar as coisas. Vou fazer-te uma proposta: queres entrar para o partido? Se aceitares, levo-te comigo e

em vinte minutos estará tudo terminado.

Mathieu estremeceu.

— Para o partido?... Comunista?

Brunet pôs-se a rir. As pálpebras dobravam-se-lhe em preguinhas e mostrava os dentes ofuscantes de brancura.

— Não querias que eu te levasse para o partido de La Rocque?

Fez-se silêncio.

— Brunet - perguntou suavemente Mathieu -, porque queres que eu me torne comunista? Para meu bem ou para o bem do partido?

— Para teu bem - respondeu Brunet. - Não precisas de ficar desconfiado. Não sou sargento recrutador do PC. E depois vejamos: o partido não precisa de ti. Tu representas apenas um pequeno capital de inteligência, e isso de intelectuais temos até para vender. Mas tu, tu tens necessidade do partido.

— É para meu bem - repetiu Mathieu. - Para meu bem... Escuta - acrescentou subitamente -, não esperava essa tua... essa proposta, não pensei... Mas desejava que me dissesse o que pensas exatamente. Sabes, vivo cercado de rapazes que só se preocupam com eles próprios e me admiram por princípio. Nunca ninguém fala de mim. Eu próprio tenho dificuldade em me encontrar, às vezes. Então? Achas que eu tenho necessidade de entrar na luta, de tomar posição?

— Sim - disse Brunet com força. - Tens essa necessidade. Não sentes que a tens?

Mathieu sorriu tristemente. Pensava na Espanha.

— Seguiste o teu caminho - disse Brunet. - é filho de burgueses, não podes vir a nós assim sem mais nem menos, tens de te libertar. Agora já o conseguiste, és livre. Mas para que te serve a liberdade, senão para tomar uma posição? Levaste trinta e cinco anos na limpeza, e o resultado dela é o vácuo, és um corpo estranho, sabes? - continuou com um sorriso amigo: - Vives no ar, cortaste os laços burgueses e não te ligaste ao proletariado, flutuas, és um abstrato, um ausente. Não deve ser muito agradável todos os dias...

— Não - disse Mathieu -, nem sempre é divertido.

Aproximou-se de Brunet e abanou-o pelos ombros com força. Gostava imensamente dele.

— Meu caro aliciador de recrutas - disse -, minha cara puta velha, gosto que digas tudo isso.

Brunet sorriu distraído. Seguia a sua ideia. Disse:

— Renunciaste a tudo para ser livre. Dá mais um passo, renuncia à própria liberdade. E tudo te será devolvido.

— Falas como um abade - disse Mathieu a rir. - A sério, meu caro, não seria um sacrifício. Bem sei que tudo me seria devolvido, carne, sangue, verdadeiras paixões. Escuta, Brunet, acabei por perder o sentido da realidade, nada mais se me afigura inteiramente verdadeiro.

Brunet não respondeu. Meditava. Tinha um rosto pesado, cor de tijolo, de traços caídos, pestanas ruivas, muito claras e compridas. Assemelhava-se a um prussiano. Sempre que o via, Mathieu sentia uma espécie de curiosidade inquieta nas narinas, fungava docemente, certo de perceber de repente um odor forte de animal. Mas Brunet não tinha cheiro.

— És bem real - disse Mathieu. - Tudo aquilo que tocas parece real. Desde que entraste no meu quarto ele parece verdadeiro e enoja-me.

Acescentou subitamente:

— És um homem.

— Um homem? - indagou Brunet, surpreendido. - O contrário seria inquietante. Que é que queres dizer com isso?

— Nada a não ser que escolheste ser um homem.

Um homem de músculos fortes e elásticos, que pensava por meio de curtas e severas verdades, um homem reto, sóbrio, seguro de si, terreno refratário às angélicas tentações da arte, da psicologia, da política, um homem inteiriço, um homem apenas. E Mathieu ali estava, diante dele, indeciso, precocemente envelhecido, desajeitado, assediado por todas as vertigens do inumano. E pensava: "Eu não pareço um homem." Brunet levantou-se.

— Pois faz como eu - disse. - Quem te impede de fazer? Ou imaginas que poderás viver a vida inteira entre parênteses?

Mathieu olhou-o hesitante.

— Evidentemente, evidentemente. E se escolher, escolherei ficar com vocês, não há outra escolha.

— Não há outra - repetiu Brunet.

Esperou um pouco e perguntou:

— Então?

— Deixa-me tomar fôlego - disse Mathieu.

— Respira, respira, mas apressa-te. Amanhã serás demasiado velho, terás os teus pequenos hábitos, serás o escravo da tua liberdade. E talvez o mundo esteja também demasiado velho.

— Não compreendo - disse Mathieu.

Brunet olhou-o e observou rapidamente:

— Vamos ter a guerra em Setembro.

— Estás a brincar?

— Podes acreditar. Os Ingleses sabem disso, o Governo francês está prevenido. Na segunda quinzena de Setembro os Alemães invadem a Checoslováquia.

— Essas informações... - disse Mathieu, contrariado.

— Mas então não compreendes nada? - perguntou Brunet, irritado.

E acrescentou docemente, voltando a si:

— É verdade que se compreendesses não haveria necessidade de pontos. Nos escuta. Tu és mobilizável, como eu. Vamos admitir que partes nesse estado de espírito, arriskas-te e rebentas como uma bolha. Sonhaste durante trinta e cinco anos, e um belo dia uma granada faz explodir os teus sonhos. Morres sem acordar. Foste um funcionário abstrato, serás um herói irrisório e cairás sem ter compreendido nada, a fim de que Schneider conserve os seus interesses nas fábricas Skoda.

— E você? - perguntou Mathieu. E acrescentou a sorrir: - Não acredito que o marxismo o preserve das balas.

— Também não acredito - disse Brunet. - Sabes para onde me vão mandar? Para a frente da Linha Maginot; para dar cabo da saúde não há melhor.

— Então?

— Não é a mesma coisa. E um risco assumido. Agora nada já pode tirar o sentido da minha vida, já nada a pode impedir de ser um destino. - Acrescentou com vivacidade: - Como a de todos os camaradas, aliás.

Dir-se-ia que tinha medo de pecar por orgulho.

Mathieu não respondeu. Foi encostar-se à janela. Meditava. "Disse bem." Brunet tinha razão. A sua vida era um destino. A idade, a classe, a época, tudo lhe fora devolvido, ele escolhera a arma que lhe feriria as têmporas, a granada alemã que lhe perfuraria as vísceras. Comprometera-se, renunciara à liberdade, era apenas um soldado. E tudo lhe fora

devolvido, inclusive a liberdade. "É mais livre do que eu. Está de acordo consigo próprio e com o partido." E ali estava ele, em carne e osso, real, com um gosto real de fumo na boca, as cores e formas com que se enchiam os seus olhos eram mais verdadeiras, mais densas do que as que Mathieu podia ver, e no entanto, nesse mesmo momento, espalhava-se pela terra toda, lutando, sofrendo com os proletários de todos os países. "Nesta hora, neste instante, há tipos que se matam nos arredores de Madrid, há judeus-austriacos que agonizam nos campos de concentração, há chineses nos escombros de Naquim e eu aqui, fresquinho, livre, dentro de um quarto de hora ponho o chapéu e vou passear no Luxemburgo." Voltou-se para Brunet e encarou-o com amargura. "Sou um irresponsável", pensou.

— Bombardearam Valência - disse subitamente.

— Já sei - atalhou Brunet. - Não havia um só canhão de defesa antiaérea em toda a cidade. Atiraram as bombas no mercado.

Não cerrou os punhos, não abandonou o tom sereno, a sua maneira de dizer sonhadora, e no entanto era ele o bombardeado, eram os seus irmãos e irmãs, os seus filhos, os mortos. Mathieu foi sentar-se na poltrona. "As tuas poltronas corrompem." Ergueu-se com vivacidade e sentou-se na ponta da mesa.

— Então? - disse Brunet.

Parecia estar a espiá-lo.

— Tens sorte - disse Mathieu.

— Sorte de ser comunista?

— Sim.

— Essa é boa! Isso escolhe-se, meu caro.

— Eu sei. Tens sorte de ter podido escolher.

O rosto de Brunet endureceu-se um pouco.

— Queres dizer que não vais ter essa sorte?

Pronto. Era preciso responder. Sim ou não. Entrar para o partido, dar um sentido à vida, escolher ser um homem, agir, acreditar. Seria a salvação.

Brunet não despregava os olhos dele:

— Recusas?

— Recuso - disse Mathieu, desesperado. - Recuso.

Pensava: "Veio oferecer-me o que tem de melhor!" Acrescentou:

— Não é coisa definitiva. Mais tarde...

Brunet encolheu os ombros.

— Mais tarde? Se estás à espera de uma revelação interior para escolher, arriskas-te a esperar muito. Pensas que eu estava convencido quando entrei para o partido? A convicção forma-se...

Mathieu sorriu tristemente.

— Eu sei. Põe-te de joelhos e terás fé. Talvez tenhas razão. Mas eu, eu quero acreditar primeiro.

— Naturalmente - disse Brunet com impaciência. - Vocês são todos iguais, vocês os intelectuais. Tudo se desmorona, as espingardas vão disparar sozinhas e vocês, serenos, reivindicam o direito de ser convencidos. Ah!, se ao menos pudesses ver com os meus olhos, compreenderias que não se pode perder tempo.

— E então? Sim, o tempo passa, e daí?

Brunet deu uma palmada de indignação na coxa.

— Muito bem! Finges lamentar o teu ceticismo, mas não te desfazes dele. É teu conforto moral. Quando o atacam, agarras-te a ele avidamente, como o teu irmão se agarra ao dinheiro.

Mathieu indagou docemente.

— Achas que pareço agarrar-me a alguma coisa, neste momento.

— Não quero dizer...

Fez-se silêncio. Brunet parecia mais calmo. "Se ele pudesse compreender-me", pensou Mathieu. Fez um esforço: convencer Brunet era o único meio que lhe restava para se convencer a si próprio.

— Não tenho nada a defender; não me orgulho da minha vida e não tenho um tostão. A minha liberdade? Pesa-me. Há anos que sou livre para nada. Desejo ardentemente trocá-la por uma convicção. De boa vontade trabalharia com vocês, isso afastar-me-ia de mim próprio e tenho necessidade de me esquecer um pouco. E depois, penso como você, que não se é homem enquanto não se encontra uma coisa pela qual se está disposto a morrer.

Brunet levantara a cabeça.

— Então? - indagou quase alegremente.

— Apesar de tudo, não posso comprometer-me, não tenho razões suficientes para isso. Revolto-me, como vocês, contra a mesma espécie de indivíduos, contra as mesmas coisas, mas não é o bastante. Não é culpa minha. Mentia se dissesse que me sentia satisfeito em desfilar de punho erguido ao som da Internacional.

Brunet tomou o seu ar mais fechado, mais camponês, parecia uma torre. Mathieu olhou-o com desespero.

— Estás a compreender-me, Brunet? Diz lá, estás a compreender-me?

— Não sei se te compreendo muito bem - disse Brunet -, mas como quer que seja, não precisas de justificar-te. Ninguém te acusa. Reservas-te para uma melhor oportunidade, estás no teu direito. Espero que essa oportunidade se apresente o mais depressa possível.

— Eu também o espero.

Brunet olhou-o com curiosidade.

— Tens a certeza de que o desejas?

— Tenho.

— Tens? Tanto melhor. Mas receio que não apareça tão cedo.

— Também já pensei nisso - disse Mathieu. - Já pensei que nunca mais viria, ou viria demasiado tarde. Talvez não haja oportunidade.

— E então?

— Nesse caso serei um desgraçado. É tudo.

Brunet levantou-se.

— Pois é... - disse. - Pois é... Não faz mal, apesar de tudo estou contente por te ter visto.

Mathieu também se levantou.

— Não vais... sair assim. Ainda tens um minuto?

Brunet olhou o relógio.

— Já estou atrasado.

Calaram-se. Brunet esperava delicadamente. "Não pode sair assim, tenho de lhe falar", pensou Mathieu. Mas não tinha nada para lhe dizer.

— Não me deve querer mal - disse precipitadamente.

— Mas não te quero mal - disse Brunet. - Não é obrigado a pensar como eu.

— Não é verdade - disse Mathieu, desolado. - Eu conheço-vos bem; acham que se deve pensar como vocês, a não ser que se seja sacana. Tu achas-me um sacana, mas não queres dizê-lo porque julgas o caso perdido.

Brunet sorriu levemente.

— Não te considero um sacana - disse. - Acho apenas que estás menos libertado da tua classe do que eu imaginava.

Enquanto falava, aproximara-se da porta. Mathieu disse-lhe:

— Não podes imaginar o que me comoveu teres vindo oferecer-me a tua ajuda, só porque eu tinha má cara, esta manhã. Tens razão, preciso de ajuda. Mas é do teu apoio pessoal que eu preciso... não do de Karl Marx. Desejaria ver-te sempre e falar contigo, é possível?

Brunet desviou os olhos.

— Também o desejaria - disse -, mas não tenho muito tempo.

Mathieu pensava: "Evidentemente. Teve pena de mim de manhã, mas decepcionei-o. Voltamos a ser estranhos um para o outro. Não tenho nenhum direito sobre o seu tempo." Disse, sem querer:

— Brunet, ainda te lembras? Foste tu o meu melhor amigo.

Brunet brincava com o fecho da porta.

— Porque teria vindo se não me lembrasse? Se tivesses aceitado, poderíamos trabalhar juntos.

Calaram-se. Mathieu pensou: "Está com pressa. Doido por se ir embora." Brunet acrescentou sem o olhar:

— Ainda gosto muito de ti. Do teu focinho, das tuas mãos, da tua voz. E depois há as recordações. Mas isso não modifica a coisa. Os meus únicos amigos agora são os camaradas do partido. Com esses eu tenho um mundo em comum.

— E achas que não temos mais nada em comum?

Brunet ergueu os ombros sem responder. Bastava uma palavra, uma só, e tudo seria devolvido a Mathieu, a amizade de Brunet, razões de viver. Era tentador como o sono. Mathieu endireitou-se repentinamente.

— Não quero demorar-te - disse. - Vem visitar-me quando tiveres tempo.

— Certamente - disse Brunet. - E tu, se mudares de opinião, manda-me um recado.

— Certamente - disse Mathieu.

Brunet abriu a porta. Sorriu para Mathieu e foi-se embora. Mathieu pensou: "Era o meu melhor amigo."

Partiu. Ia pelas ruas gingando um pouco como um marinheiro, e as ruas uma por uma tornavam-se reais. Mas a realidade do quarto desaparecera com ele. Mathieu olhou a poltrona verde, corruptora, as cadeiras, as cortinas verdes e pensou: "Já não se sentará nas minhas cadeiras, já não olhará para as minhas cortinas, já não fumará aqui os seus cigarros." O quarto era agora apenas uma mancha de luz verde que tremia

quando passavam os carros. Mathieu chegou-se à janela e encostou-se ao parapeito. Pensava: "Eu não podia aceitar", e o quarto atrás dele era uma água tranquila, e apenas a cabeça lhe saía da água, o quarto corruptor estava atrás dele, e ele mantinha a cabeça fora da água e olhava a rua pensando: "É verdade? É verdade que não podia aceitar?" Uma menina ao longe saltava à corda, a corda erguia-a acima da cabeça como uma alça e chicoteava o solo sob os pés. Uma tarde de Verão; a luz estava pousada na rua e nos telhados, igual, fixa, fria, como uma verdade eterna. "Será verdade que não sou um sacana?" A poltrona é verde, a corda parece uma alça, isso é indiscutível. Mas em relação às pessoas, pode-se sempre discutir, tudo o que fazem pode ser explicado, por cima ou por baixo, como se desejar. "Recusei porque quero continuar livre. É o que posso dizer. Mas posso dizer também: tive medo, prefiro a minha cortina verde, prefiro tomar ar, à tarde, na minha varanda e não queria que isso mudasse. Agrada-me indignar-me contra o capitalismo, mas não desejo que o suprimam, porque já não teria motivos de indignação. Agrada-me sentir-me desdenhoso e solitário, agrada-me dizer não, sempre não, e teria medo que se construísse um mundo viável porque teria de dizer sim e fazer como os outros. Por cima ou por baixo: quem havia de decidir? Brunet já decidiu. Acha que sou um filho da puta. Jacques também. Daniel também. Todos decidiram que sou um sacana. Este pobre Mathieu está perdido, é um sacana. Que posso eu fazer contra todos? Tenho de decidir, julgar, mas decidir o quê?" Quando disse não, pouco antes, acreditava estar a ser sincero, um entusiasmo amargo nascera no seu coração. Mas quem poderia conservar nesta luz a mesma parcela de entusiasmo? Era uma luz de fim de esperança, eternizava tudo aquilo em que tocava. A menina saltava à corda eternamente, a corda erguia-se eternamente acima da cabeça dela e eternamente fustigava o chão a seus pés. E Mathieu contemplá-la-ia eternamente. Para quê saltar à corda? Para quê? Para quê? Para quê resolver ser livre? Sob aquela mesma luz, em Madrid e em Valência, havia homens, às janelas, que olhavam as ruas desertas e eternas, e diziam: "Para quê? Para quê continuar a lutar?" Mathieu voltou-se para dentro do quarto, mas a luz seguiu-o. "A minha poltrona, os meus móveis." Em cima da mesa havia um pesa-papéis em forma de caranguejo. Mathieu pegou-lhe por cima como se estivesse vivo. "O meu pesa-papéis. Para quê? Para quê?" Deixou cair o caranguejo sobre a mesa e declarou: "Estou fodido."

IX

Eram seis horas. Ao sair do escritório, Daniel olhara para o espelho do vestíbulo e pensara: "Vai recomçar", e teve medo. Entrou pela Rua Réaumur. Era fácil esconder-se ali, não passava de um saguão aberto, uma sala de espera de um tribunal. A tarde esvaziava os edifícios comerciais. Isso permitia, pelo menos, fugir à tentação de imaginar intimidades atrás das vidraças escuras das janelas. Livre, o olhar de Daniel deslizava por entre aquelas falésias abertas até ao céu rosado e corrupto que elas fechavam no horizonte.

Não era muito cómodo esconder-se. Mesmo na Rua Réaumur era muito notado. As mulheres pintadas que saíam das lojas deitavam-lhe olhares provocantes e ele sentia o próprio corpo: "Putas", disse entre dentes. Tinha medo de lhes respirar o cheiro. Por mais que se lave, a mulher cheira sempre. Felizmente eram raras. Não era uma rua para mulheres e os homens não se preocupavam com ele. Liam os jornais ou limpavam com uma expressão de cansaço as lentes dos óculos, ou sorriam no vazio com espanto. Era uma verdadeira multidão, embora não densa, e caminhava devagar. Um pesado destino de multidão parecia esmagá-lo. Daniel seguiu a passo lento o desfile. Apropriando-se do sorriso vago dos homens, do mesmo destino vago e ameaçador, perdeu-se. Nada mais lhe ficou senão um ruído surdo de avalanche; era agora uma praia de luz esquecida. "Vou chegar cedo de mais a casa de Marcelle, tenho tempo de andar um bocado."

Empertigou-se novamente, desconfiado. Voltara a encontrar-se. Nunca se perdia por muito tempo. "Posso andar um pouco." Isso queria dizer: "Vou dar uma volta pela quermesse", pois Daniel já não era capaz de se iludir. Aliás, para quê? Queria ir à quermesse? Pois iria. Iria porque não tinha a menor vontade de deixar de o fazer. De manhã, os gatos, a visita de Mathieu, depois quatro horas de trabalho odioso; à noite, Marcelle, era inevitável, podia perfeitamente desejar uma ligeira compensação.

Marcelle era um charco. Deixava-se doutrinar durante horas, dizia sempre sim, sim, e as ideias amontoavam-se-lhe na cabeça, ela só existia aparentemente. Valia a pena divertir-se um bocado com os imbecis, dar-lhes corda, erguê-los no ar, enormes e leves como elefantes de borracha, puxar a corda e voltá-los; flutuavam a baixa altura, aturdidos, estupefatos,

dançam a cada sacudidela do fio com saltos desajeitados. Mas é preciso mudar constantemente de imbecis, senão é a náusea. E depois, agora Marcelle estava podre. O quarto dela estava irrespirável. Mesmo em tempos normais não podia deixar de fungar, quando lá entrava. Não cheirava a nada, mas tinha-se sempre uma inquietação no fundo dos brônquios. Às vezes provocava asma. "Vou até à quermesse." Não precisava de se desculpar tanto, de resto, não era mal nenhum: queria observar a tática dos maricas no engate. A quermesse do Bulevar Sébastopol era célebre no género, aí é que o inspetor de finanças Durat descobrira a puta que o tinha matado. Os malandros que se distraíam diante dos caça-níqueis à espera de freguês eram muito mais divertidos que os seus colegas de Montparnasse; eram vadios ocasionais, brutais e canalhas, de voz rouca, dissimulados, que procuravam apenas ganhar dez francos e um jantar. Quanto aos michés, era de morrer a rir, ternos, sedosos, vozes de mel, como borboletas, humildes e de olhar ligeiramente alucinado. Daniel não suportava a humildade deles, tinham sempre um ar de se confessar culpados. Sentia desejo de lhes bater. Um homem que se condena a si próprio tem sempre vontade de dar pancada para se liquidar de vez, para partir em mil pedaços o pouco de dignidade que ainda lhe resta. Habitualmente encostava-se a uma coluna, e encarava-os fixamente enquanto batiam as asas sob os olhares maldosos e escarnecedores dos jovens amantes. Os michés tomavam-no por protetor de um dos meninos, e ele estragava-lhes todo o prazer.

Daniel ficou subitamente apressado e esticou o passo: "Vamos rir." Tinha a garganta seca, o ar seco queimava em volta dele. Não via nada, havia uma mancha na frente dos seus olhos, a lembrança de uma luz espessa, cor de gema de ovo, que o repelia e atraía ao mesmo tempo, essa luz ignóbil que flutuava entre os muros baixos como um cheiro a cave. A Rua Réaumur esvaiu-se, só tinha diante dele uma distância com obstáculos, as pessoas. Parecia um pesadelo. Mas nos verdadeiros pesadelos, Daniel nunca atingia o fim da rua. Entrou no Bulevar Sébastopol, calcinado pelo sol claro, e diminuiu o passo. Quermesse; viu a tabuleta, verificou se os rostos lhe eram desconhecidos e entrou.

Era uma trincheira empoeirada com muros caídos de castanho de uma fealdade severa e cheiro de um depósito de mercadorias. Daniel mergulhou na luz amarela, que parecia mais triste ainda e mais cremosa que de costume, pois a claridade do dia amontoava-a no fundo da sala.

Para Daniel era uma luz de enjoo, lembrava-lhe certa noite que passara doente a bordo do navio de Palermo. Na sala das máquinas, deserta, havia uma bruma amarelada semelhante; sonhava com ela às vezes e acordava sobressaltado, feliz por voltar às trevas. As horas que passava na quermesse pareciam-lhe ritmadas pelo martelar surdo das bielas.

Ao longo das paredes tinham posto umas caixas grosseiras sobre quatro pés: eram os jogos. Daniel conhecia-os a todos: os jogadores de futebol, vinte e duas figurinhas de madeira pintada espetadas em ganchos de ferro; sete jogadores de pólo; o automóvel de lata que se tinha de empurrar sobre uma estrada de pano, por entre casas e campos; os cinco gatinhos pretos no teto, ao luar, e que se tinham de derrubar com cinco tiros de revólver; a carabina elétrica; os distribuidores de chocolate e perfume. No fundo da sala havia três filas de kineramas e os títulos dos filmes destacavam-se em letras negras: Jovem Casal, Criadinhas Devassas, Banho de Sol, Noite de Núpcias Interrompida. Um senhor de monóculo aproximou-se de um desses aparelhos. Colocou um franco na ranhura e espreitou pelo binóculo, com uma pressa desajeitada. Daniel sufocava: era aquela poeira, aquele calor e, além disso, tinham começado a dar socos, a intervalos regulares, do outro lado da parede. Viu a isca à esquerda. Uns rapazes pobremente vestidos tinham-se agrupado em volta do pugilista negro, manequim de dois metros de altura que trazia sobre o ventre uma almofada de couro e um mostrador. Eram quatro, um louro, um ruivo e dois morenos. Tinham tirado os casacos, arregaçado as mangas das camisas sobre os bracinhos magros e batiam alucinadamente sobre a almofada. Uma agulha marcava no mostrador a força dos murros. Lançaram olhares maliciosos a Daniel e continuaram a bater com entusiasmo. Daniel franziu o sobrolho para mostrar-lhes que se enganavam no endereço e virou-lhes as costas. À direita, junto à caixa, contra a luz, viu um rapaz alto e de rosto cinzento que vestia um fato amarrotado, uma camisa de dormir e alpercatas. Não era com certeza um canalha como os outros; aliás parecia não os conhecer, devia ter entrado por acaso - Daniel punha as mãos no fogo - e parecia absorto na contemplação de uma grua. No fim de momentos, atraído sem dúvida pela lâmpada elétrica e pela Kodak que descansavam atrás dos vidros sobre uma pilha de bombons, aproximou-se lentamente e meteu uma moeda de um franco na ranhura do aparelho. Depois afastou-se e pareceu perder-se em meditações, coçando o nariz,

pensativo. Daniel sentiu um arrepio familiar percorrer-lhe a nuca. "Ele gosta", pensou, "gosta de se acariciar." Eram os mais atraentes, os mais românticos, aqueles cujo menor movimento revelava uma garridice inconsciente, um amor de si próprio profundo e aveludado. O rapaz, num gesto vivo, pegou nas alavancas e pôs-se a manobrá-las com convicção. O guindaste girou sobre si mesmo com um ruído de engrenagem e estremecimentos senis. O aparelho tremia todo. Daniel fazia votos para que ele ganhasse a lâmpada elétrica, mas o buraco cuspiu de repente um punhado de bombons multicores, que tinham um aspecto avaro e estúpido de feijões. O rapaz não pareceu decepcionado, procurou nos bolsos e descobriu outra moeda. "São as suas últimas moedas", pensou Daniel, "não come desde ontem." Não não devia. Não devia imaginar por detrás daquele corpo magro e atraente, todo preocupado com o seu próprio prazer, uma vida misteriosa de privações, de liberdade e de esperança. "Não hoje. Não aqui neste inferno, nesta luz sinistra, com aqueles murros junto da parede, jurei aguentar, resistir." No entanto, Daniel compreendia muito bem que se podia ser tragado por um daqueles aparelhos, perder todo o dinheiro, e recomeçar, recomeçar sempre, com a garganta seca de vertigem e ódio. Daniel compreendia todas as vertigens. O guindaste pôs-se a girar com movimentos prudentes e desdenhosos. Aquele aparelho niquelado parecia satisfeito. Daniel teve medo; deu um passo em frente, estava cheio de vontade de pousar a mão no braço do rapaz - já sentia o contato da fazenda áspera e usada e dizer-lhe: "Não jogue mais." Ia recomeçar o pesadelo, com aquele gosto a eternidade, aquele tanta vitorioso junto da parede, aquela maré de tristeza resignada que subia nele, aquela tristeza infinita e familiar que ia tudo submergir. Ia precisar de dias e dias para se libertar daquilo... Mas um homem entrou, e Daniel libertou-se. Empertigou-se, pensou que ia desatar a rir. "Eis o homem", pensou. Estava ligeiramente desvairado, mas ainda assim contente por ter resistido.

O senhor avançou com petulância, dobrando os joelhos, o busto reto e as pernas flexíveis. "Deve usar cinta", pensou Daniel. Devia ter uns cinquenta anos, bem barbeado, uma tez aveludada sob os cabelos brancos, um belo nariz florentino e um olhar um pouco mais duro e míope do que o que seria necessário: o olhar de circunstância. Os quatro vadios voltaram-se ao mesmo tempo, exibindo o mesmo ar de inocência viciada, depois recomeçaram a dar socos na barriga do negro, mas sem grande entusiasmo.

O senhor olhou-os com um olhar prudente, do qual não se excluía uma certa severidade. Fez girar as alavancas e examinou os bonecos com uma atenção sorridente, como se ele próprio se divertisse com o capricho que o conduzia ali. Daniel viu o sorriso e sentiu um baque em pleno coração, aquelas simulações e mentiras horrorizaram-no e ele teve uma grande vontade de fugir. Mas foi apenas um instante. Um impulso sem consequências; já o conhecia. Encostou-se comodamente à coluna e lançou sobre o senhor um olhar pesado. À direita, o rapaz de camisa de dormir tirara do bolso uma terceira moeda e recomeçava pela terceira vez a sua dança silenciosa em torno da grua. O senhor petulante inclinou-se sobre o jogo e passou o dedo frágil no corpo magro dos bonecos de madeira. Não queria baixar-se, dando o primeiro passo, considerava sem dúvida, que, com os seus cabelos brancos e a sua roupa clara, era uma isca deleitável para aqueles peixinhos todos. Com efeito, após um rápido conciliábulo, o lourinho destacou-se do grupo. Pusera o casaco sobre os ombros, sem o vestir, e aproximou-se do miché com as mãos nos bolsos. Parecia farejar, temeroso, um olhar de cão sob as sobrancelhas espessas. Daniel reparou enojado nos quadris avantajados, nas gordas bochechas camponesas, mas cinzentas, que uma ligeira barba sujava. "Carne de mulher", pensou, "amassa-se corno pão." O senhor era capaz de o levar para casa, de o lavar e talvez perfumar. Esse pensamento enfureceu Daniel. "Filhos da puta", murmurou. O rapaz parara a poucos passos do velho e fingia examinar também o aparelho. Inclinaram-se ambos sobre as alavancas e inspeccionavam-nas sem se olharem. O rapaz ao fim de um instante pareceu tomar uma decisão heróica: empunhou uma alavanca e fê-la girar com rapidez. Quatro jogadores descreveram um semicírculo e pararam de cabeça para baixo.

— Sabe jogar? - perguntou o velho com uma voz doce. Quer explicar-me?

— Eu não compreendo.

— Ponha um franco e puxe. As bolas saem, é preciso mandá-las para o buraco.

— Mas é preciso ser dois, não é? Eu tento enviar uma bola para o buraco e você procura impedir, não é?

— Isso mesmo - disse o rapaz. A seguir acrescentou: - Precisam de ser dois: um de cada lado.

— Quer fazer uma partida comigo?

— Eu, claro que quero.

Jogaram. O velho disse em voz de falsete:

— É muito hábil! Como conseguiu? Ganha sempre. Ensine-me.

— É o hábito - respondeu o rapaz, com modéstia.

— Sim, sim, faz treinos? Vem sempre aqui, sem dúvida? Eu não.

Acontece-me entrar por acaso, mas nunca o encontrei, lembrar-me-ia de si. Sim, sim, tê-lo-ia visto, sou bom fisionomista e tu tens um rosto interessante. É da província?

— Sou - disse o rapaz, desconcertado.

O senhor parou de jogar e aproximou-se do rapaz.

— Mas a partida não acabou - disse o rapaz, ingenuamente -, ainda tem cinco bolas.

— Pois jogamos daqui a pouco. Prefiro conversar, se não vê mal nisso.

O rapaz sorriu forçadamente. O velho para juntar-se a ele teve de dar uma volta sobre si mesmo. Levantou a cabeça, passando a língua sobre os lábios finos, e deparou com o olhar de Daniel. Este fez um ar de desprezo, e o homem desviou os olhos, pareceu inquieto, esfregou as mãos como um padre. O rapaz não vira nada. De boca aberta, olhar vazio e deferente, aguardava que lhe dirigissem a palavra. Fez-se silêncio e, finalmente, o velho pôs-se a falar com doçura, sem o olhar, em voz baixa. Por mais que Daniel prestasse atenção, ouvia apenas as palavras "rancho" e "bilhar". O rapaz consentiu com a cabeça.

— Deve ser "massa"! - disse em voz alta.

O velho não respondeu e lançou uma olhadela furtiva para o lado de Daniel. Daniel sentia-se reconfortado por uma cólera seca e deliciosa. Conhecia o ritual: parecia um adeus, o velho sairia à frente apressado. O rapaz voltaria para os companheiros com indolência, daria um soco ou dois no ventre do negro, depois sairia por sua vez arrastando os pés. Ia segui-lo, pois. Imaginava o velho de um lado para o outro no passeio, vendo chegar de repente o rapaz acompanhado por Daniel. Daniel gozava de antemão a cena, devorando com olhar de juiz o rosto delicado e gasto da presa. As suas mãos tremiam e a sua felicidade era perfeita se não sentisse a garganta seca com a sede. Se houvesse oportunidade, passaria por polícia de costumes, assentava o nome e o endereço do velho e pregava-lhe um

tremendo susto. "Se pedir os meus documentos, mostro-lhe a minha carteira de funcionário."

— Bom dia, Sr. Lalique - disse uma voz sumida. Daniel sobressaltou-se.

Lalique era um nome de guerra que usava às vezes. Voltou-se bruscamente.

— Que estás a fazer aqui? - perguntou com severidade. - Tinha-te proibido de voltar aqui.

Era Bobby. Daniel empregara-o numa farmácia. Fizera-se gordo e grande, usava roupa nova, comprada pronta, não tinha o menor interesse. Bobby inclinara a cabeça sobre o ombro e fazia como os meninos. Olhava Daniel sem responder, com um sorriso inocente e astuto. Aquele sorriso enfureceu Daniel.

— Vamos, fala!

— Ando à procura do senhor há três dias - disse Bobby com a sua voz arrastada -, não sei a sua morada. Pensei: "Um destes dias o Sr. Daniel vem aqui, dar uma voltinha."

"Um destes dias! Merda insolente." Atrevia-se a julgar Daniel, a fazer previsões: "Imagina que me conhece e pode manobrar-me." E nada há a fazer contra isto, a não ser esmagá-lo como uma lesma, pois uma certa imagem de Daniel ali se achava incrustada, debaixo daquela fronte estreita, e ali ficaria para sempre. Apesar da repugnância, Daniel sentia-se solidário com aquela mancha plácida e viva: era ele que assim vivia na consciência de Bobby.

— Estás feio - afirmou -, engordaste, e essa roupa não te serve, onde a arranjaste? É horrível como a tua vulgaridade sobressai quando estás endomingado!

Bobby pareceu não se incomodar. Olhava Daniel arregalando os olhos gentilmente e continuava a sorrir. Daniel detestava aquela paciência inerte de pobre, aquele sorriso mole e tenaz de borracha, e que ainda continuaria mesmo que lhe rebentassem os lábios a soco. Daniel deitou uma olhadela furtiva para o velho e viu com despeito que este já não fazia cerimónia. Inclinava-se sobre o rapaz, respirava-lhe os cabelos com um ar de bondade. "Era de esperar", pensou Daniel com ódio. "Vê-me com este canalha e toma-me por colega. Estou sujo." Tinha horror a essa franco-

maçonaria de mictórios. "Pensam que todos o são. Em todo o caso, preferia matar-me a parecer-me com esse tipo."

— Que é que queres? - perguntou brutalmente. - Estou com pressa. E vê se te afastas um bocado, que tresandas a brilhantina.

— Desculpe - disse Bobby sem se apressar. - Como estava encostado à coluna e não parecia de modo algum apressado, foi por isso que tomei a liberdade...

— Oh! Tu falas bem! - disse Daniel, desatando a rir. - Compraste uma língua juntamente com a roupa?

Os sarcasmos não atingiam Bobby. Ele inclinava a cabeça para trás e olhava o teto com uma expressão de humilde volúpia através das pálpebras semicerradas. "Agradou-me porque se parecia com um gato", pensou Daniel com um estremecimento de raiva. Sim, um dia Bobby tinha-lhe agradado. Mas isso dar-lhe-ia direitos para sempre?

O velho pegava na mão do jovem amigo e conservava-a paternalmente entre as suas. Depois disse-lhe adeus, com uma palmadinha no rosto, deitou um olhar de cumplicidade a Daniel e saiu a passos largos e dançantes. Daniel mostrou-lhe a língua, mas o outro já tinha virado as costas. Bobby riu-se.

— Que é que foi? - observou Daniel.

— Foi porque o senhor mostrou a língua ao velho maricas - disse Bobby.

E acrescentou em tom carinhoso:

— É sempre o mesmo, Sr. Daniel, sempre brincalhão.

— Bom, bom - disse Daniel, horrorizado.

Invadido por uma suspeita perguntou:

— E a farmácia? Já lá não estás?

— Não tenho sorte - disse Bobby, queixoso.

Daniel encarou-o, com nojo.

— Nem por isso deixaste de engordar.

O tipo louro saiu vagorosamente da quermesse. Ao passar roçou ao de leve Daniel. Os três companheiros seguiram-no logo depois; atropelavam-se, rindo muito alto. "Que estou a fazer aqui?", pensou Daniel. Procurou com o olhar o dorso curvado e a nuca magra do rapaz em camisa de dormir.

— Vamos, fala - disse distraidamente. - Que é que fizeste? Roubaste?

— Foi a mulher do farmacêutico - respondeu Bobby. - Não gostava de mim.

O rapaz em camisa de dormir já não estava lá. Daniel sentiu-se cansado e vazio. Tinha medo da solidão.

— Começou a hostilizar-me porque eu via Ralph.

— Já te tinha dito para não te dares com Ralph, é um tipo estuporado.

— Então devemos abandonar os amigos, só porque tivemos sorte? - atalhou Bobby com indignação. - Via-o menos, mas não queria deixá-lo assim de repente. "E um ladrão", dizia ela, "proíbo que ele entre na minha farmácia." Que fazer, essa mulher era uma puta. Então comecei a ver Ralph fora da farmácia para não ser apanhado. Mas o estagiário encontrou-nos juntos. O estupor parece gostar de coisas - disse Bobby com pudor. - No princípio, quando entrei para a farmácia, era só Bobby para aqui, Bobby para ali, mas eu mandei-o passear. "Não perdes pela demora", disse-me ele. E então vomita tudo na farmácia, que nos viu juntos, que fazíamos coisas, que as pessoas se escandalizavam, sei lá. "Que é que eu te disse?", perguntou a patroa. "Ou não tornas a ver Ralph ou saís daqui." - "Minha senhora", disse eu, "na farmácia a senhora é que manda, mas lá fora não me pode dizer nada." Pan!

A sala estava deserta, o ruído dos socos parara. A caixa levantou-se, era uma loura gorda. Dirigiu-se com passinhos curtos até um distribuidor de perfume e olhou-se no espelho, a sorrir. Bateram as sete horas.

— Na farmácia a senhora é quem manda, mas lá fora não me pode dizer nada - repetiu Bobby com agrado. Daniel estremeceu.

— Então puseram-te na rua? - perguntou.

— Eu é que saí - disse Bobby muito digno. - Disse: "Prefiro, ir-me embora." E não tinha um tostão, hem! Eles não me quiseram pagar o que me deviam, mas não faz mal. Eu sou assim. Durmo na casa de Ralph, durmo de dia porque à noite ele recebe a puta. É uma aventura séria. Não como desde anteontem.

Olhou Daniel, carinhosamente.

— Disse a mim próprio: vou ver se encontro o Sr. Lalique, ele compreende-me.

— És um idiota - disse Daniel. - Já não me interessas. Esfalfo-me para arranjar um lugar e consegues ser posto na rua ao fim de um mês. E depois,

não penses que acredito em metade do que me contaste. Mentes como um camelô.

— Pode perguntar-lhe. Veja se não estou a dizer a verdade.

— Perguntar a quem?

— À patroa.

— Deus me livre! Não estou disposto a ouvir as suas histórias. Aliás, não posso fazer nada por ti.

Sentia-se acovardado, pensou: "Tenho de me ir embora", mas sentia as pernas moles.

— Estávamos com um projeto de trabalhar juntos, Ralph e eu... - disse Bobby com indiferença. - Queremos arranjar um comércio.

— Sim? E vieste pedir-me dinheiro para as primeiras despesas? Guarda essas histórias para outros. Quanto queres?

— É um bom tipo, Sr. Lalique - disse Bobby, com voz humilde. - Ainda hoje dizia a Ralph: se eu encontrar o Sr. Lalique, verás como ele não me deixa em apuros.

— Quanto queres? - repetiu Daniel.

Bobby pôs-se a fazer trejeitos.

— Se pudesse emprestar-me, emprestar, hem. Devolvia-lhe no fim do mês.

— Quanto?

— Cem francos.

— Toma - disse Daniel -, toma cinquenta, são dados. E desaparece.

Bobby meteu o dinheiro no bolso sem falar e ficaram um diante do outro, indecisos.

— Vai-te embora - disse Daniel com rudeza.

O corpo parecia-lhe algodão.

— Obrigado, Sr. Lalique.

Deu uma saída em falso e voltou atrás.

— Se quiser falar comigo ou com Ralph, nós moramos aqui perto. Na Rua des Ours, 6, no sétimo andar. Está enganado sobre o Ralph, ele gosta muito de si.

— Vai-te embora.

Bobby afastou-se, a recuar e sorrindo sempre. Depois deu meia volta e foi-se embora. Daniel aproximou-se do guindaste e olhou. Ao lado da Kodak e da lâmpada elétrica havia um binóculo que não tinha visto antes.

Enfiou uma moeda no aparelho e rodou os manípulos ao acaso. O guindaste deixou cair os ponteiros sobre o monte de bombons. Daniel recolheu cinco ou seis na palma da mão e comeu-os.

*

O sol derramava um pouco de ouro nos grandes edifícios escuros, o céu estava cheio de ouro, mas uma sombra suave e líquida subia da rua, as pessoas sorriam à carícia da sombra. Daniel estava com uma sede infernal, porém não queria beber; morre, desgraçado! Morre de sede! "Afim", pensou, "não fiz nada que mereça castigo." Mas fora pior. Deixara-se roçar pelo Mal, permitira tudo, menos a satisfação, não tivera sequer a coragem de se satisfazer. Agora carregava o Mal dentro dele como uma comichão infecciosa, estava invadido por ele da cabeça aos pés, tinha ainda na vista aquela mancha amarela, os olhos amarelavam-lhe tudo. Tinha sido preferível deixar-se esmagar pelo prazer, pois esmagado daquela maneira também era mal. É verdade que renascia sempre. Voltou-se bruscamente: "É capaz de me seguir para ver onde moro. Gostaria que me tivesse seguido, dar-lhe-ia uma tremenda sova na rua!" Porém Bobby não aparecia. Ganhara o dia e devia ter voltado para casa. Ralph, Rua des Ours, 6.

Daniel estremeceu: "Se pudesse esquecer aquela direção. Se fosse possível esquecer aquela direção..." Mas o quê? Teria cuidado para não o esquecer.

Ao lado dele as pessoas tagarelavam em paz com a consciência. Um senhor disse à mulher:

— Mas isso foi antes da guerra. Em 1912, não em 1913. Eu ainda estava com Paul Lucas.

"A paz. A paz de boa gente, da gente honesta, da gente de bem, dos homens de boa vontade. Porque será a vontade deles a boa, e não a minha?" Assim era... Qualquer coisa naquele céu, naquela luz, naquela natureza, assim o tinha resolvido. Eles bem o sabiam, eles sabiam que tinham razão, que Deus, se existia, estava com eles. Daniel olhou os seus rostos: eram duros apesar de um aparente abandono. Bastaria um sinal para que esses homens se atirassem contra ele e o fizessem em pedaços. E o céu, a luz, as árvores, a natureza toda, tudo os aprovaria, como sempre. Daniel era um homem de má vontade.

No limiar da entrada de um edifício, um porteiro gordo e pálido, de ombros caídos, aquecia-se ao sol. Daniel viu-o de longe; pensou: "Eis o

Bem." O porteiro estava sentado numa cadeira, com as mãos sobre o ventre como um Buda, via as pessoas passarem e de quando em quando aprovava uma qualquer pessoa com um meneio de cabeça. "Ser aquele tipo", pensou Daniel, com inveja. Devia ter um coração reverencioso. Além disso, sensível às grandes forças naturais, ao frio, ao calor, à luz, à humidade. Daniel parou, fascinado pelas longas pestanas estúpidas, pela malícia sentenciosa das bochechas cheias. Embrutecer-se até chegar àquele ponto, até ter na cabeça apenas uma massa branca com um perfumezinho de sabão de barba. "Isto dorme todas as noites", pensou. Já não sabia se tinha vontade de o matar ou de deslizar confortavelmente dentro daquela alma bem regradada.

O homem levantou a cabeça, e Daniel esticou o passo. "Com a vida que levo, resta-me a esperança de me tornar indulgente o mais depressa possível."

*

Deitou um olhar irritado sobre a pasta, não gostava de carregar aquilo, dava-lhe um ar de advogado. Mas o mau humor depressa se esvaiu porque se lembrou de que não a trouxera por acaso. Ser-lhe-ia até muito útil. Não se iludia sobre os riscos, mas estava calmo e frio, um pouco animado, apenas. "Se chegar ao passeio em treze passos..." Deu os treze passos e parou justamente à beira do passeio, mas o último passo tinha sido muito maior do que os outros, fendera-se como um esgrimista. "Aliás, isto não tem a mínima importância, de qualquer maneira o negócio está no papo." Não podia falhar, era científico, era de perguntar como ninguém tinha pensado naquilo antes. "O que acontece", pensou com severidade, "é que os ladrões são uns estúpidos." Atravessou a rua, precisando melhor a sua ideia. "Há muito tempo que deveriam ter-se organizado. Em sindicato, como os prestidigitadores." Uma associação para o conhecimento mútuo e a exploração dos processos técnicos, eis o que faltava. Com uma sede social, uma ética, tradições, biblioteca. Filmoteca também e fitas que decomporiam, em câmara lenta, os movimentos mais difíceis. Cada novo aperfeiçoamento seria reproduzido, a teoria seria gravada em discos e traria o nome do inventor. Tudo se classificaria por categorias. Haveria, por exemplo, o roubo do mostruário pelo processo 1763, ou "processo de Serguine", também denominado ovo de Colombo (porque é simples como tudo, mas tinha de ser descoberto). Boris concordaria em participar de uma fita demonstrativa! "Ah!", pensou, "e cursos gratuitos de psicologia do

roubo, é indispensável." O processo assentava quase inteiramente na psicologia. Viu com prazer um bar cor de abóbora e verificou que estava no meio da Avenida de Orleães. Era espantoso como as pessoas pareciam simpáticas na Avenida de Orleães, entre as sete e sete e meia da noite. A luz contribuía muito para isso, era uma musselina ruiva bem ajustada, e depois era delicioso encontrar-se nos limites de Paris, as ruas deslizavam sob os pés para o centro envelhecido e comercial da cidade, para o mercado, para as vielas sombrias de Saint-Antoine, sentia-se mergulhar no doce exílio religioso da noite e dos arrabaldes. Os transeuntes parece que saíram de casa para estar juntos, não se zangam quando são empurrados, dir-se-ia até que gostam disso. E olham os mostruários com uma admiração inocente e inteiramente desinteressada. No Bulevar Saint-Michel as pessoas olham também os mostruários, mas com a intenção de comprar. "Hei-de vir aqui todas as noites", resolveu Boris, entusiasmado. "E no próximo Verão hei-de alugar um quarto numa dessas casas de três andares que parecem irmãs gêmeas e fazem pensar na revolução de 48. Mas com janelas tão estreitas, como se arranjariam as mulheres para atirar colchões das camas sobre os soldados? Está tudo preto de fumo em volta das janelas, como se tivessem sido lambidas pelas chamas de um incêndio; não é triste, não, essas fachadas lívidas e cheias de buraquinhos negros parecem manchas de tempestade num céu azul. Vejo as janelas, se pudesse subir ao teto da marquise do bar, veria os armários com espelho ao fundo dos quartos, como lagos artificiais; a multidão passa através de meu corpo, e eu penso em guardas municipais, nas grades douradas do Palais-Royal, no 14 de Julho, não sei porquê. Que teria ido fazer aquele comunista a casa de Mathieu?", pensou de repente Boris. Não gostava dos comunistas, eram sérios de mais. Brunet então parecia um papa. "Pôs-me fora", pensou. "Que estupor! Pôs-me mesmo fora." E subitamente uma violenta e rápida borrasca desencadeou-se-lhe na cabeça, uma necessidade de ser mau. "Talvez Mathieu tenha percebido que seguia um caminho errado e vá entrar para o partido." Divertiu-se durante um instante em enumerar as consequências incalculáveis de semelhante conversão. Mas logo parou, receoso. Certamente Mathieu não se enganara, seria demasiado grave agora que Boris se decidira. Na Faculdade sentira-se atraído pelo comunismo, mas Mathieu tinha-o desviado, ensinando-lhe o que era a liberdade. Boris compreendera imediatamente: é um dever fazer o que se quer, pensar o

que bem se entende, ser responsável apenas perante si próprio, analisar permanentemente o que se pensa dos outros. Boris construía a sua vida sobre esses alicerces. Era escrupulosamente livre. Em particular discutia sempre com todos, com excepção de Mathieu e Ivich; com esses era inútil, porque eram perfeitos. Quanto à liberdade, não era recomendável analisá-la demasiado, porque se deixava então de ser livre. Boris coçou a cabeça, com perplexidade, e perguntou a si próprio de onde vinham aqueles impulsos de tudo subverter que o assaltavam de vez em quando. "No fundo, devo ter um temperamento inquieto", pensou, com um espanto divertido. Pois, considerando friamente as coisas, Mathieu não era tipo que se enganasse. Boris sentia-se satisfeito e balançou alegremente a pasta. Interrogou-se também se era moral ter um temperamento inquieto. E viu os prós e os contras, mas não quis levar avante a investigação. Perguntaria a Mathieu. Boris achava indecente um camarada da sua idade pensar por si. Já vira muito disso na Sorbona, os falsos espertos, estudantes de óculos que tinham sempre reservada uma teoria pessoal e acabavam por perder, de uma maneira ou de outra. Aliás, as teorias eram idiotas, angulosas. Boris tinha horror ao ridículo, não queria perder e preferia calar-se a passar por tolo: era menos humilhante. Mais tarde sim, mas por agora confiava em Mathieu. Era o seu ofício. Demais, sempre se tinha alegrado quando Mathieu se punha a pensar. Mathieu corava, olhava os dedos, engasgava-se, gaguejava ligeiramente, mas era afinal um trabalho sóbrio e elegante. No entanto, às vezes, Boris tinha uma ideia, fazia o possível para que Mathieu não percebesse, mas este percebia sempre, o estupor, e dizia-lhe: "Tu tens qualquer coisa na cabeça", e enchia-o de perguntas. Era um suplício, Boris tentava desviar a conversa, porém Mathieu era tenaz como um piolho. Boris acabava por dizer tudo, olhava para os pés, e o pior é que Mathieu ainda por cima o descompunha. "É completamente idiota, raciocina como um cabo de vassoura", exatamente como se Boris se tivesse vangloriado de ser um génio. "Estupor", repetiu Boris rindo. Parou diante do espelho de uma bela farmácia vermelha e olhou a sua imagem com imparcialidade. "Sou modesto", pensou. Achou-se simpático. Subiu para a balança automática e pesou-se para ver se não tinha engordado desde a véspera. Uma lâmpada vermelha acendeu, o mecanismo funcionou com um ruído sibilante e cuspiu um bilhete: cinquenta e sete quilos e meio. Ficou confuso por momentos: quinhentos gramas! Mas percebeu que tinha

a pasta na mão. Desceu da balança e continuou a andar. Cinquenta e sete quilos para um metro e setenta e três estava bem. Sentia-se de excelente humor e como que aveludado por dentro. E depois a atmosfera cheirava a uma melancolia levíssima do dia envelhecido que agonizava devagar em volta dele, que o roçava com uma luz suave e perfumes cheios de saudades. Aquele dia, aquele mar tropical que recuava deixando-o sozinho sob o céu pálido, era uma etapa, mais uma pequenina etapa. A noite ia cair, ele ia ao Sumatra, veria Mathieu, veria Ivich, dançaria. E dali a pouco, exatamente entre o dia e a noite, haveria aquele furto, aquela obra-prima. Empertigou-se e apressou o passo. Tinha de ter cuidado, por causa dos tipos que folheiam os livros, não têm jeito para nada e são detetives particulares. A Livraria Carpure tinha seis. Boris sabia-o por intermédio de Picard, que desempenhara esse papel durante três dias depois de ter reprovado em Geologia; tivera de o fazer porque os pais lhe tinham cortado a mesada, mas deixara-o logo, enojado. Não somente era preciso espiar, como um inspetor vulgar, mas ainda ficar de espreita para apanhar os ingênuos, os tipos de monóculo, por exemplo, que se aproximam timidamente do mostruário. Tinha de cair-lhes em cima de repente acusando-os de terem tentado enfiar um livro no bolso. Naturalmente os infelizes perdiam a cabeça, eram então levados, para o fundo de um corredor, um escritório sombrio, e extorquiam-lhe cem francos com a ameaça de um processo. Boris sentiu-se "embriagado", havia de os vingar; a ele não o apanhavam. "Essa gente não sabe fazer as coisas; em cem ladrões, oitenta improvisam." Ele não improvisava. Por certo não sabia tudo, mas o que sabia aprendera com método, pois sempre considerara que quem trabalha com a cabeça deve ter um ofício manual também, para se manter em contato com a realidade. Até ali não tirara nenhum proveito material dos seus empreendimentos, pois não se podia considerar lucro as dezassete escovas de dentes que possuía, nem os vinte francos, a bússola, a tenaz de lareira e o ovo de passar. O que lhe importava em cada caso era a dificuldade técnica. Mais valia roubar uma caixinha de pastilhas de alcaçuz sob o olhar do farmacêutico que uma carteira de cabedal de uma loja vazia. O benefício do roubo era exclusivamente moral. Neste ponto estava de acordo com os antigos espartanos, era uma ascese. E depois havia um momento de inteira satisfação; era quando dizia: "Vou contar até cinco; a cinco é preciso que a escova esteja no meu bolso." Ficava com um nó na garganta e uma

extraordinária impressão de lucidez e de força. Sorriu. Ia abrir uma exceção aos seus princípios; pela primeira vez, o interesse seria o móbil do roubo. Dentro de meia hora, o mais tardar, possuiria aquela jóia, aquele tesouro indispensável. "Aquele thesaurus!", murmurou, pois gostava da palavra thesaurus, que lhe lembrava a Idade Média, Abelardo, um herbário, Fausto e os cintos de castidade do Museu de Cluny. "Será meu, poderei consultá-lo a qualquer hora do dia ou da noite", ao passo que agora era forçado a consultá-lo de passagem nos mostruários, rapidamente, e, como as páginas não estavam cortadas, às vezes as informações obtidas eram falseadas. Ia colocá-lo naquela mesma noite sobre a mesa-de-cabe-ceira e na manhã seguinte o seu primeiro olhar seria para o livro. "Ora", disse aborrecido, "vou dormir a casa de Lola esta noite." Em todo o caso, levá-lo ia para a biblioteca da Sorbona e de vez em quando, ao interromper o trabalho de revisão, daria uma olhadela para se distrair. Decidiu-se a aprender uma locução por dia, talvez duas; em seis meses seriam trezentas e sessenta. Com as quinhentas ou seiscentas que já conhecia, chegaria ao milhar, o que se podia considerar muito bom. Atravessou o Bulevar Raspail e entrou pela Rua Denfert-Rochereau, com um vago mal-estar. A Rua Denfert-Rochereau aborrecia-o muito, talvez por causa dos castanheiros. Aliás era um recanto sem caráter, com exceção de uma tinturaria escura com cortinas cor de sangue que pendiam lamentavelmente como cabeleiras escarpadas. Boris deitou, ao passar, uma olhadela amável à tinturaria e depois mergulhou no silêncio louro e distinto da rua. Uma rua? Era apenas um buraco com casas de ambos os lados. "Sim, mas o metro passa aqui em baixo", pensou Boris, e tirou dessa verificação algum conforto, imaginou que caminhava sobre uma fina camada de asfalto e que talvez ela fosse ceder. "Tenho de contar isto a Mathieu, ele vai ficar doido." Não. O sangue subiu-lhe ao rosto, não contaria nada. A Ivich sim, ela compreenderia. Se ela própria não roubava, é porque não tinha jeito. Contaria também a história a Lola para a chatear. Mas Mathieu não se mostrava muito à vontade nessas histórias de furtos. Ria com indulgência quando Boris lhe falava, mas Boris não tinha muito a certeza de que ele os aprovasse. Não compreendia o que Mathieu podia censurar-lhe. Lola ficava doida com isso, mas era normal, não podia entender certas subtilezas e depois era um bocado avarenta. Ela dizia-lhe: "Eras capaz de roubar a tua mãe, um dia também me hás-de roubar a mim." E ele respondia: "Quem sabe, quem

sabe, se houver uma oportunidade." Naturalmente isso não tinha sentido, não se roubam os íntimos, é fácil de mais, ele dizia que sim para a irritar, detestava a mania de Lola de ligar tudo a si própria. Mas Mathieu... Não era compreensível. Que podia invocar contra o roubo, desde que fosse efetuado dentro da regra? Essa censura tácita de Mathieu preocupou-o durante alguns instantes, depois sacudiu a cabeça e disse: "É estúpido!" Dentro de cinco anos, sete anos, teria as suas ideias próprias, as de Mathieu parecer-lhe-iam ingênuas e antiquadas, seria o seu próprio juiz. "Nem sei se ainda nos veremos." Boris não tinha nenhuma vontade de que esse dia chegasse e achava que era perfeitamente feliz, mas não era desprovido de bom senso e sabia que isso era uma necessidade. Teria de mudar, de deixar para trás uma multidão de coisas e de gente, não estava ainda maduro. Mathieu era uma etapa, como Lola, e nos momentos em que Boris mais o admirava, havia na sua admiração algo provisório que fazia que ela fosse imensa, mas sem servilismo. Mathieu era tão perfeito quanto possível, mas não podia mudar ao mesmo tempo que Boris, já não podia mudar, era perfeito de mais. Estes pensamentos aborreceram Boris e sentiu-se satisfeito por chegar à Praça Edmond Rostand. Era sempre agradável atravessá-la por causa dos autocarros que se precipitavam sobre as pessoas como enormes perus e evitavam-nos por um fio, com um solavanco do corpo. "Que não tivessem tido a ideia de guardar o livro precisamente hoje!" Na esquina da Rua Monsieur-le-Prince e do Bulevar Saint-Michel, parou. Queria dominar a sua impaciência, não era prudente chegar de rosto corado pela esperança, com olhos de lobo. Tinha como princípio agir friamente. Impôs a si próprio a obrigação de permanecer imóvel diante da loja de um negociante de guarda-chuvas e de cutelaria, a olhar os objetos uns após outros, metodicamente, na vitrine, sombrinhas verdes e vermelhas, guarda-chuvas de cabos de marfim, alguns em forma de cabeça de buldogue, tudo triste, lamentável, e ainda por cima Boris pôs-se a pensar nas pessoas idosas que compravam aqueles objetos. Ia atingir um estado de resolução fria e sem alegria quando viu de repente uma coisa que o mergulhou de novo no júbilo. "Uma navalha espanhola!", murmurou, tremendo de prazer. Era uma verdadeira navalha espanhola, de lâmina espessa e comprida, mola, cabo de osso preto, elegante como um quarto crescente. Havia duas manchas de ferrugem na lâmina, parecia sangue. "Oh!", gemeu Boris, com o coração contraído de desejo. A navalha descansava aberta sobre uma

prancheta de madeira envernizada, entre dois guarda-chuvas. Boris contemplou-a longamente e o mundo perdeu a cor à sua volta, tudo o que não fosse o brilho frio da lâmina deixou de o interessar; queria largar tudo, entrar na loja, comprar a navalha e fugir, como um ladrão, carregando a sua presa. "Picard há-de-me ensinar a atirá-la", mas o sentido do dever dominou-o. Daqui a pouco. Hei-de comprá-la daqui a pouco, como recompensa se tiver bom êxito.

A Livraria Carpure achava-se instalada na esquina da Rua Vaugirard com o Bulevar Saint-Michel e tinha - o que auxiliava as intenções de Boris - uma entrada em cada rua. Diante da livraria tinham colocado seis mesas cheias de livros, na maioria, de ocasião. Boris verificou com uma olhadela onde se encontrava o senhor de bigodes ruivos que rondava amiúde por ali e que desconfiava ser um detetive. Depois, aproximou-se da terceira mesa. O livro ali estava, enorme, tão grande que Boris ficou desanimado durante uns momentos. Setecentas páginas, in-4.º, papel encorpado. "Vai ser preciso enfiar isto na pasta", pensou, sucumbido. Mas bastou-lhe olhar o título dourado que luzia docemente para sentir voltar-lhe a coragem. Dicionário Histórico e Etimológico da Linguagem Popular e do Calão desde o Século XIV até à Época Contemporânea. "Histórico!" repetiu Boris com êxtase. Tocou na encadernação com a ponta dos dedos, num gesto familiar e terno. "Não é um livro, é um móvel, pensou, com admiração. Atrás dele certamente o senhor de bigodes devia estar a espiá-lo. Era necessário iniciar a comédia, folhear o volume, tomar uns ares de interessado que hesita e acaba por se deixar tentar. Boris abriu o dicionário ao acaso. Leu:

"Ser de... para: ser levado a apreciar. Locução usada comumente hoje em dia. Exemplo: O cura era da coisa como um zangão. Traduza-se: o cura apreciava a bagatela. Diz-se também: "ser do homem", por "ser invertido". Esta locução parece originária do Sudoeste da França..."

As páginas seguintes não estavam cortadas. Boris largou a leitura e pôs-se a rir sozinho. Repetia, enlevado: "O cura era da coisa como um zangão." Em seguida tornou-se repentinamente sério e começou a contar: "Um! dois! três! quatro!", enquanto uma alegria austera e pura lhe fazia o coração pular.

Uma mão pousou-lhe sobre o ombro. "Apanhado", pensou Boris, "mas agem cedo demais, não podem provar coisa alguma." Voltou-se devagar, com sangue-frio. Era Daniel Sereno, um amigo de Mathieu. Boris vira-o

duas ou três vezes e achava-o admirável. Mas tinha um ar de sacana, isso tinha.

— Bom dia - disse Sereno -, que está a ler? Parece fascinado.

Não tinha o ar safado habitual, mas era preciso desconfiar. Na verdade mostrava-se até amável de mais. Devia estar a preparar algum golpe sujo. E depois, como que de propósito, surpreendeu Boris a folhear o dicionário de gírias, e isso iria ter por certo aos ouvidos de Mathieu, que troçaria dele.

— Parei um pouco ao passar - respondeu de maneira embaraçada.

Sereno sorriu. Pegou no volume com as duas mãos e ergueu-o até aos olhos. Devia ser ligeiramente míope. Boris admirou-lhe a desenvoltura. De costume, os que folheiam livros deixam-nos sobre a mesa com receio dos detetives particulares. Mas era evidente que Sereno considerava que tudo lhe era permitido. Boris murmurou com uma voz engasgada, mas fingindo-se indiferente:

— É uma obra curiosa...

Sereno não respondeu; parecia mergulhado na leitura. Boris irritou-se e resolveu observá-lo severamente. Por honestidade de espírito, confessou que Sereno era perfeitamente elegante. Havia sem dúvida naquele fato de tweed quase cor-de-rosa, naquela camisa de linho, naquela gravata amarela, uma ousadia calculada que chocava um pouco Boris. Boris apreciava a elegância sóbria e despreocupada. Mas o conjunto era inatacável, apesar de suave como manteiga fresca. Sereno desatou a rir. Tinha um riso quente e agradável, e Boris achou-o simpático porque abria inteiramente a boca quando se ria.

— Ser do homem! - disse Sereno. - Ser do homem! É um achado de que me servirei oportunamente.

Largou o livro sobre a mesa.

— Tu és do homem, Serguine?

— Eu... - disse Boris sem fôlego.

— Não core - disse Sereno. Boris sentiu-se cor de sangue -, e saiba que um tal pensamento nem sequer me passou pelo espírito. Sei quando um tipo é do homem - a expressão divertia-o visivelmente -, os gestos têm uma moleza harmoniosa que não engana. Ao passo que você, não. Estava a observá-lo há um bom bocado e estava seduzido. Os seus gestos são vivos e precisos, mas cheios de ângulos. Deve ser muito hábil.

Boris escutava atentamente. É sempre interessante ouvir alguém explicar como nos vê. E, além disso, Sereno tinha uma voz de baixo muito agradável. Os olhos eram incomodativos. À primeira vista pareciam imbuídos de ternura, mas quando se olhava melhor, descobria-se neles qualquer coisa de duro, quase de maníaco. "Está a querer pregar-me uma partida", pensou Boris, e manteve-se atento. Queria perguntar a Sereno o que entendia por "gestos cheios de ângulos"; mas não se atreveu, pensou que convinha falar o menos possível. Além disso, sob aquele olhar insistente, sentia nascer dentro de si uma estranha e desconcertante doçura, tinha vontade de se agitar, sacudir, pular para fazer com que aquela vertigem de doçura se dissipasse. Virou a cabeça e fez-se um silêncio difícil. "Vai imaginar que sou um idiota", pensou Boris resignadamente.

— Está a estudar Filosofia, creio eu - continuou Sereno.

— Sim, estudo Filosofia - respondeu Boris, atabalhoadamente.

Estava contente por ter um pretexto para romper o silêncio. Mas naquele instante o relógio da Sorbona soou, e Boris parou, gelado. "Oito e um quarto", pensou com angústia. "Se ele não se for embora imediatamente, estou frito." A Livraria Carpure fechava às oito e meia. Sereno não parecia com vontade de se ir embora, não estava apressado. Disse:

— Confesso que não percebo nada de filosofia. Tu deves perceber.

— Um pouco - atalhou Boris, desesperado. Pensou: "Estou a ser estúpido, mas porque é que não se vai embora?" Aliás Mathieu prevenira-o. Sereno surgia sempre fora de propósito, o que fazia parte da sua natureza demoníaca.

— Imagino que gosta disso - continuou Sereno.

— Sim - disse Boris, que se sentiu corar pela segunda vez.

Detestava falar, daquilo de que gostava. Era impudico. Tinha a impressão de que Sereno desconfiava daquele pudor e voluntariamente se mostrava indiscreto. Sereno olhou-o com uma expressão atenta e penetrante.

— Porquê?

— Não sei - disse Boris.

Era verdade, não sabia. No entanto, gostava muito daquilo. Até de Kant.

Sereno sorriu e disse:

— Vê-se logo que não é um amor puramente cerebral.

Boris irritou-se, e Sereno acrescentou com vivacidade:

— Estou a brincar. Na verdade acho que tem sorte. Eu estudei, como toda a gente. Mas a mim não souberam torná-la agradável. Creio que foi Delarue quem me fez perder o gosto pela filosofia. Ele sabe de mais para mim. Pedi-lhe várias explicações, mas quando principiava a dá-las, eu perdia o pé, parecia-me que nem já sequer compreendia a minha própria pergunta.

Boris sentiu-se magoado com o tom irónico, e suspeitou que Sereno queria levá-lo a falar de Delarue, a fim de repeti-lo mais tarde a Mathieu. Admirou Sereno por se mostrar tão gratuitamente sacana, mas revoltou-se e disse, secamente:

— Mathieu explica muito bem.

Sereno riu francamente, e Boris mordeu os lábios com despeito.

— Não duvido, não duvido. Só que somos velhos amigos e eu imagino que ele reserva as suas qualidades pedagógicas para os jovens. Recruta os seus discípulos entre os próprios alunos, em geral.

— Eu não sou discípulo dele - disse Boris.

— Não estava a pensar em si. você não possui cara de discípulo. Pensava em Hourtiguere, aquele alto e louro que partiu há dois anos para a Indochina. Deve ter ouvido falar dele; há dois anos era a grande paixão de Mathieu, estavam sempre juntos.

Boris teve de reconhecer que o golpe atingia o alvo, e a sua admiração por Sereno aumentou, mas gostaria de lhe ter dado um soco na cara.

— Mathieu falou-me dele - observou.

Detestava aquele tal Hourtiguere, que Mathieu conhecera antes de o conhecer a ele, Boris. Mathieu tomava às vezes um ar compenetrado quando Boris ia ter com ele ao Dome e dizia: "Tenho de escrever a Hourtiguere." Depois ficava durante um bom momento a sonhar, aplicando-se como um recruta que escreve à pequena lá da terra e desenhava silhuetas no ar com a caneta, por cima da folha branca. Boris punha-se a trabalhar ao lado de Mathieu, mas com ódio. Não tinha ciúmes de Hourtiguere, evidentemente. Pelo contrário, sentia por ele uma piedade misturada de uma ligeira repulsa (aliás, nada sabia dele, vira apenas uma fotografia que o mostrava como um rapagão infeliz vestido com calças de golfe, e uma dissertação filosófica, perfeitamente idiota, que ainda se

arrastava em cima da mesa de Mathieu). Mas por nada deste mundo desejara que Mathieu o tratasse mais tarde como tratava agora Hourtiguere. Preferia nunca mais ver Mathieu, se imaginasse que um dia ele pudesse vir a dizer a um jovem filósofo, com aquela expressão compenetrada e melancólica: "Hoje tenho de escrever a Serguine." Admitia, se necessário, que Mathieu fosse apenas uma etapa na sua vida - e isso já era bem penoso -, mas não podia aceitar ser ele próprio uma etapa na vida de Mathieu.

Sereno parecia ter-se instalado. Apoiava-se com ambas as mãos à mesa, numa atitude indolente e cómoda.

— Lamento amiúde ser tão ignorante neste terreno - continuou: - Os que estudaram Filosofia afiguram-se-me ter tirado dos estudos grande alegria.

Boris não respondeu.

— Um iniciador, foi o que me faltou. Um tipo assim como você. Não um sábio, mas que levasse a sério as coisas.

Riu como que assaltado por uma ideia agradável.

— Diga-me, não seria divertido se eu tivesse algumas lições consigo?

Boris olhou-o, desconfiado. Devia ser uma armadilha. Não se via, absolutamente nada, a dar lições a Sereno, que devia ser muito mais inteligente do que ele próprio e lhe faria por certo imensas perguntas embaraçosas. Ficaria estrangulado de timidez. Pensou com uma resignação fria que deviam ser oito e vinte e cinco. Sereno continuava a sorrir, parecia encantado com a ideia. Mas tinha um olhar estranho, Boris mal o podia olhar de frente.

— Sou muito preguiçoso - disse Sereno. - Tinha de exercer autoridade sobre mim.

Boris não pôde deixar de se rir e confessou francamente:

— Acho que não saberia fazê-lo.

— Mas sim! - disse Sereno. - Estou persuadido que sim.

— Tu intimidar-me-ia.

Sereno encolheu os ombros.

— Ora, vejamos, dispõe de um minuto? Poderíamos tomar alguma coisa ali em frente e falaríamos do nosso projeto.

"Nosso" projeto... Boris observava com angústia um caixeiro da livraria que começava a empilhar os livros. Gostaria de acompanhar Sereno até o

Harcourt. Era um tipo esquisito e admiravelmente belo, e era divertido conversar com ele porque tinha de jogar com firmeza; era uma permanente impressão de perigo. Debateu-se por momentos, mas o sentimento do dever venceu-o:

— É que estou com pressa - disse num tom que a tristeza de não aceitar tornara cortante.

O rosto de Sereno mudou.

— Muito bem - disse -, não quero incomodá-lo. Desculpe tê-lo detido tanto tempo. Adeus, cumprimentos a Mathieu.

Voltou-se bruscamente e partiu: "Tê-lo-ia magoado?", pensou Boris, constrangido. Acompanhou com um olhar inquieto os largos ombros de Sereno, que subia o Bulevar Saint-Michel. Depois pensou que não podia perder nem mais um momento.

"Um, dois, três, quatro, cinco."

Aos cinco pegou ostensivamente no livro com a mão direita e dirigiu-se para o interior da livraria, sem se esconder.

*

Uma avalanche de palavras que fugiam de todos os lados. As palavras fugiam, Daniel fugia de um corpo frágil, ligeiramente arqueado, olhos cor de avelã, um rosto austero e atraente, um jovem monge, um monge russo, Alioscha. Passos, palavras, os passos soavam dentro da cabeça, ser apenas esses passos, essas palavras, tudo era preferível ao silêncio. Imbecil, não me tinha enganado. A mãe proibiu-me de falar com desconhecidos, quer um bombom, menina, a mãe não deixa... Ah! uma pequena cabeça nada mais, não sei, não sei, não sei, gosta de filosofia, não sei e como o havia de saber, o pobre cordeiro! Mathieu faz de sultão na classe, atirou-lhe o lenço, leva-o ao café e o desgraçado engole tudo, os cafés e teorias, como hóstias. Ora, vai passear esses modos de comunhão solene; é afetado, precioso como um burro carregado de relíquias. E aquele olhar que me deitou, quando lhe disse que não compreendia a filosofia, já não se dava ao trabalho de ser delicado no fim. Tenho a certeza - já o tinha pressentido na época de Hourtiguere -, tenho a certeza de que ele os previne contra mim. "Muito bem, foi bom", pensou satisfeito, "uma excelente lição, e barata, estou contente por me ter mandado passear; se tivesse cometido a loucura de me interessar por ele, de lhe falar com confiança, ele teria ido dizer tudo a Mathieu e ter-se-iam rido de mim." Parou tão bruscamente que uma

senhora chocou com ele com um gritinho. "Ele falou-lhe de mim! Era uma coisa in-to-le-rá-vel, de fazer suar de raiva, imaginá-los ambos bem-dispostos, felizes, de boca aberta naturalmente, arregalando os olhos e pondo a mão em concha no ouvido para nada perderem do maná divino, num café de Mont-parnasse, um desses antros infectos que tresandam a roupa suja... Mathieu deve tê-lo olhado por baixo, com ar profundo, explicando o meu temperamento, é de morrer a rir." Daniel repetiu: "De morrer a rir", e enfiou as unhas na palma da mão. Tinham-no julgado, desmontado, dissecado, e ele não tinha defesa, não desconfiava de nada, se tivesse podido existir naquele dia como nos outros dias, como se fosse apenas uma transparência, sem memória e sem consequência, como se ele não fosse para os outros um corpo ligeiramente gordo, com bochechas já pesadas, uma beleza oriental que fenecia, um sorriso cruel, e talvez... Não, ninguém. Mas Bobby sabe, Ralph sabe. Mathieu não. Bobby é um camarão, não é uma consciência. Mora no n.º 6 da Rua des Ours, com Ralph. Ah!, se se pudesse viver entre cegos. Ele não é cego, sabe ver, vangloria-se disso, é um psicólogo, tem o direito de falar de mim, visto que me conhece há quinze anos e é o meu melhor amigo. E não vai privar-se desse prazer... Quando encontra alguém são duas pessoas para as quais eu existo, e depois três, e depois nove, e depois cem. Sereno, Sereno, o corretor Sereno, Sereno isto, Sereno aquilo... Ah! se ele morresse! Mas qual! Passeia livremente com a sua opinião a meu respeito dentro da cabeça e infecta todos os que se aproximam dele, seria preciso correr por toda a parte, raspar um por um, raspar, apagar, lavar; eu raspei Marcelle até aos ossos. Estendeu-me a mão da primeira vez, olhando-me muito, e disse: "Mathieu falou-me tanto de si." E eu olhei-a também fixamente, estava fascinado, estava lá dentro, eu existia naquela carne, por detrás daquela fronte obstinada, no fundo daqueles olhos, puta! Agora ela já não acredita numa só palavra do que ele diz de mim.

Sorriu com satisfação; tirava tanta vaidade dessa vitória que durante um segundo esqueceu-se de se dominar; produziu-se um rasgão na trama das palavras, rasgão que se ampliou aos poucos, se estendeu, se tornou silêncio. Silêncio pesado e vazio. Não devia ter deixado de falar, não devia. O vento caíra, a cólera hesitava; bem no fundo do silêncio havia o rosto de Serguine, como uma chaga. Doce rosto obscuro, que paciência, que fervor não seriam necessários para iluminá-lo ligeiramente. Pensou: "Eu teria

podido..." Pensou: "A minha última possibilidade." Era a última, e Mathieu roubara-lhe, negligentemente. Ralphs e Bobbys, era o que lhe deixava. "E daquele pobre rapaz ele fará um macaco amestrado!" Caminhava em silêncio, somente os passos lhe ecoavam na cabeça, como uma rua deserta na madrugada. A solidão era tão total sob aquele céu, acariciante como uma consciência limpa, no meio daquela multidão atarefada, que ele se sentia espantado de existir; devia ser o pesadelo de alguém, de alguém que acabaria por acordar. Felizmente a cólera irrompeu, cobriu tudo, sentiu-se reanimado por uma raiva alegre e a fuga recomeçou, o desfile de palavras reiniciou-se: odiava Mathieu. "Aí está um camarada que deve achar muito natural existir, que não faz perguntas a si próprio; esta luz grega e bem doseada, este céu virtuoso foram feitos para ele, ele está em casa, nunca está só. Palavra de honra, julga-se Goethe." Endireitou a cabeça, olhava os transeuntes nos olhos; acariciava o seu ódio: "Mas cuidado, arranja discípulos se isso te diverte, mas não contra mim, senão prego-te uma boa partida." Uma nova onda de cólera avolumou-se, soergueu-o, já não pisava o chão, voava, entregue à alegria de se sentir terrível, e de repente a ideia surgiu, aguda, rutilante: "Mas, mas, mas... talvez eu pudesse ajudá-lo a refletir, a cair em si, fazer com que as coisas não lhe fossem tão fáceis, seria um grande serviço que lhe prestaria." Recordava-se da expressão, rude, masculina, com que Marcelle lhe dissera uma vez: "Quando uma mulher está perdida, só lhe resta arranjar um filho." Seria divertido se ambos não fossem da mesma opinião a esse respeito, se enquanto ele percorria as lojas de ervanários, ela no fundo do seu quarto cor-de-rosa desejasse ardentemente ter um filho. Ela não ousaria dizer-lhe... no entanto se houvesse um bom amigo, um amigo comum para lhe dar coragem. "Sou mau", pensou, transbordando de alegria. A maldade era uma impressão extraordinária de velocidade, destacava-se de repente de si próprio e partia como uma flecha; a velocidade agarra pela nuca, aumenta a cada minuto, é intolerável e delicioso, rola-se sem travões, derrubando os frágeis obstáculos surgidos no caminho, à direita e à esquerda. "Mathieu, coitado, sou um sacana, vou estragar-lhe a vida", barreiras que se quebravam secamente como galhos mortos, e era embriagante essa alegria transpassada de temores, seca como um choque elétrico, essa alegria que não parava, não podia parar. "Ter ainda discípulos? Um chefe de família não encontra facilmente quem apanhar." E o rosto de Serguine quando Mathieu lhe fosse

participar o casamento, o desprezo do rapaz, seu espanto esmagador. "Vai casar-se?" E Mathieu resmungaria: "As vezes têm-se certos deveres." Mas os jovens não compreendem este tipo de dever. Havia qualquer coisa que tentava timidamente renascer. Era o rosto de Mathieu, o seu rosto franco de boa-fé, mas a corrida continuou mais rápida ainda. A maldade só se mantinha em equilíbrio a toda a velocidade, como uma bicicleta. O pensamento saltou-lhe à frente, alerta, eufórico. "Mathieu é um homem de bem. Não é mau, não. E da raça de Abel, tem a consciência do seu lado. Pois então tem de casar com Marcelle. Depois disso que descansa sobre os louros, é jovem ainda, uma vida inteira para se felicitar pela boa ação."

Era tão vertiginoso aquele repouso lânguido de uma consciência pura, de uma insondável consciência pura sob o céu indulgente e familiar, acabado, resignado, calmo, finalmente calmo. "E se ela não quisesse... Mas se houvesse uma só possibilidade de ela desejar o filho, pedir-lhe-ia amanhã mesmo que casasse com ela." O Senhor e a Senhora Delarue... têm a honra de participar... "Em suma", pensou Daniel, "eu sou o anjo-da-guarda, o anjo do lar..." Foi um arcanjo, um arcanjo de ódio, um arcanjo justiceiro que enveredou pela Rua Vercingetorix. Recordou, por momentos, um corpo alto e desajeitado, gracioso, um rosto magro inclinado sobre um livro, mas a imagem desapareceu logo e foi Bobby quem voltou a aparecer. "Rua des Ours, 6." Sentia-se livre como o ar, concedia a si próprio todas as licenças. A grande mercearia da Rua Vercingetorix estava ainda aberta; entrou. Quando saiu, tinha na mão direita o gládio de fogo de S. Miguel e na mão esquerda um pacote de bombons para Mme. Duffet.

X

Soaram as dez horas. Mme. Duffet pareceu não as ouvir. Olhava atentamente para Daniel, mas os seus olhos tinham-se avermelhado. "Não vai demorar a sair", pensou ele. Ela sorria-lhe com uma expressão maliciosa, porém uns sopros ecoavam através dos lábios entreabertos. Bocejava por baixo do sorriso. De repente levantou a cabeça e pareceu tomar uma decisão. Disse alegremente:

— Pois bem, meus filhos, vou dormir. Não a deixe ficar acordada até muito tarde, conto consigo. Senão, dorme até ao meio-dia.

Ergueu-se e foi dar umas palmadinhas nos ombros de Marcelle. Marcelle estava sentada à beira da cama.

— Ouve, querida - disse divertindo-se a falar entre dentes. - Dormes demais. Dormes até ao meio-dia, assim engordas.

— Juro que sairei antes da meia-noite - afirmou Daniel. Marcelle sorriu.

— Se eu deixar.

Ele voltou-se para Mme. Duffet, fingindo-se vítima:

— Que hei-de fazer?

— Bom, sejam razoáveis - disse Mme. Duffet. - E obrigada pelos deliciosos bombons.

Levantou a caixa, decorada com fitas, à altura dos olhos com um gesto ligeiramente ameaçador.

— É demasiado gentil, estraga-me com mimos. Ainda me zango.

— O meu maior prazer é que os aprecie - disse Daniel, com voz profunda.

Inclinou-se sobre a mão de Mme. Duffet e beijou-a. A carne era enrugada, com manchas violáceas.

— Arcanjo - disse Mme. Duffet, enternecida. - Bom, vou-me embora - acrescentou, beijando Marcelle na testa.

Marcelle enlaçou-a pela cintura e reteve-a durante um segundo. Mme. Duffet acariciou-lhe os cabelos e afastou-se.

— Vou arranjar a cama daqui a um minuto - disse Marcelle.

— Não, não, filha ingrata. Deixo-te com o teu arcanjo.

Fugiu com a vivacidade de uma menina, e Daniel acompanhou com um olhar frio a sua silhueta pequena. Tivera a impressão de que ela nunca sairia. A porta fechou-se, mas não se sentiu aliviado; tinha um vago receio de ficar a sós com Marcelle. Virou-se para ela e viu que lhe sorria.

— Que é que a faz sorrir? - perguntou.

— Diverte-me sempre vê-lo com a minha mãe. Você é irresistível, meu querido arcanjo; é uma vergonha não poder deixar de seduzir os outros.

Olhava-o com uma ternura de proprietária, parecia satisfeita de tê-lo para ela sozinha. "A máscara da gravidez", pensou Daniel, com rancor. Irritava-o que ela se mostrasse tão contente. Sentia sempre uma certa angústia ao encontrar-se à beira dessas longas conversas cochichadas e ter de mergulhar nelas. Pigarreou. "Vou ter asma", pensou. Marcelle era um odor espesso e triste, enrolada sobre a cama, e que se esvairia ao menor gesto.

Ela levantou-se.

— Tenho uma coisa para lhe mostrar.

Foi buscar uma fotografia que estava sobre a lareira.

— Você, que sempre quis saber como eu era quando era jovem... - disse, estendendo-lhe.

Daniel pegou-lhe. Era Marcelle com dezoito anos. Parecia uma meretriz de boca mole e olhos duros. E aquela mesma carne flácida, flutuando como um vestido demasiado largo. No entanto era magra. Daniel ergueu os olhos e percebeu-lhe o olhar ansioso.

— Era encantadora - disse com prudência -, mas não mudou nada.

Marcelle riu-se.

— Mudei, sim. Sabe muito bem que mudei, bajulador. Olhe que não está com a minha mãe!

Acrescentou:

— Mas era uma bela mulher, não é verdade?

— Gosto mais de si agora - disse Daniel. - Tinha qualquer coisa de mole na boca... Tu tens um ar muito mais interessante!

— Nunca se sabe quando você fala a sério - disse, amuada. Mas via-se que estava lisonjeada.

Empertigou-se ligeiramente e deitou um olhar ao espelho. O gesto desajeitado e sem pudor irritou Daniel. Havia naquela vaidade uma boa-fé

infantil e desarmada que contrastava com o seu rosto de mulher de trabalho. Ele sorriu.

— Eu também vou perguntar porque se está rir - disse ela.

— Porque fez um gesto de menina para se olhar ao espelho. É tão comovente quando por acaso se ocupa de si mesma.

Marcelle corou e bateu os pés.

— Nunca deixa de lisonjear!

Riram ambos, e Daniel pensou, sem muito entusiasmo: "Vamos." Estava em boas condições para o momento oportuno, mas sentia-se vazio e mole. Pensou em Mathieu para se encorajar e ficou satisfeito de encontrar o seu ódio intacto. Mathieu era liso e seco como um osso, podia-se detestar. Não se podia odiar Marcelle.

— Marcelle! Olhe para mim.

Ele avançara o busto e encarava-a com uma expressão preocupada.

— Pronto - disse Marcelle.

Ela devolveu-lhe o olhar, mas tinha a cabeça agitada por pequenas sacudidelas rígidas; dificilmente sustentava o olhar de um homem.

— Parece cansada.

Marcelle pestanejou.

— Estou um pouco tonta. É do calor.

Daniel inclinou-se um pouco mais e repetiu com uma expressão desolada.

— Muito cansada! Observava-a há pouco enquanto a sua mãe contava a viagem a Roma. Você parecia tão preocupada, tão nervosa...

Marcelle interrompeu-o, com um riso indignado.

— Ouça, Daniel, é a terceira vez que ela lhe conta essa viagem. E escuta-a sempre com o mesmo ar de interesse apaixonado; para ser franca, isso irrita-me, não sei bem o que há na sua cabeça neste momento.

— A sua mãe diverte-me - disse Daniel. - Conheço as histórias dela, mas gosto de ouvi-la contar, tem gestos que me encantam.

Fez um gesto com o pescoço, e Marcelle desatou a rir. Daniel sabia imitar muito bem quando queria. Mas ficou novamente sério e Marcelle parou de rir. Olhou-a com ar de censura e ela estremeceu ligeiramente sob aquele olhar.

— E você que está estranho esta noite! Que é que tem?

Ele não se apressou a responder. Um silêncio incômodo pesou sobre ambos. O quarto era uma fornalha. Marcelle teve um riso desajeitado que lhe morreu imediatamente nos lábios. Daniel divertia-se muito.

— Marcelle - observou -, eu não devia dizer-lhe...

Ela inclinou-se para trás.

— O quê? O quê? Que é que há?

— Não vai zangar-se com Mathieu?

Ela empalideceu.

— Ele... Oh! Tinha-me jurado que não dizia nada.

— Marcelle, é tão importante e queria esconder-me? Já não sou seu amigo?

Marcelle fez um gesto.

— É sujo.

"Pronto!" pensou ele. "Ei-la nua." Já não se tratava de arcanjos nem de fotografias antigas; perdera a máscara de dignidade sorridente. Era apenas uma mulher grávida, que tresandava a carne. Daniel estava com calor, passou a mão pela testa suada.

— Não - disse -, não é sujo.

Ela fez um gesto brusco de cotovelo e de antebraço que cortou o ar escaldante do quarto.

— Deve ter horror de mim.

Ele riu jovialmente.

— Horror? Eu? Marcelle, tinha de procurar muito, antes de encontrar qualquer coisa que me leve a ter horror de si.

Marcelle não respondeu. Baixara o rosto, tristemente. Acabou por dizer:

— Eu queria tanto tê-lo afastado disto tudo!

Calaram-se. Havia agora um novo elo entre eles, como um cordão umbilical.

— Viu Mathieu depois de ele me ter deixado? - perguntou Daniel.

— Telefonou-me há uma hora - respondeu Marcelle, bruscamente.

Endireitara-se e tornara-se dura, estava na defensiva, rígida. O nariz afilado. Sofria.

— Ele disse-lhe que eu recusei o empréstimo?

— Disse que você não tinha dinheiro.

— Tinha.

— Tinha? - repetiu ela admirada.

— Tinha, mas não queria emprestá-lo. Pelo menos antes de ter visto.

Tomou fôlego e acrescentou:

— Marcelle, devo emprestá-lo?

— Mas... (Ficou embaraçada.) Não sei, você é que deve saber.

— Posso perfeitamente. Tenho quinze mil francos, de que posso dispor sem preocupações.

— Então, sim - disse Marcelle -, sim, meu caro Daniel, tem de nos emprestar.

Houve um silêncio. Marcelle amarfanhava o lençol e os seios palpitavam-lhe.

— Tu não compreende - insistiu Daniel. - Quero dizer: deseja do fundo do coração que eu empreste o dinheiro?

Marcelle ergueu a cabeça e olhou-o surpreendida.

— Está estranho, Daniel. Está a magicar alguma coisa.

— Eu só queria saber se Mathieu a tinha consultado.

— Naturalmente. Isto é - disse ela com um leve sorriso -, nós não nos consultamos, bem sabe como somos. Um diz: Fazemos isto ou aquilo, e o outro protesta se não está de acordo.

— Sei, sei - atalhou Daniel. - Isso é uma grande vantagem para quem já tem opinião; o outro é empurrado, não tem tempo para pensar.

— Talvez...

— Eu sei como Mathieu aprecia as suas opiniões - disse. - Mas imagino muito bem a cena. Pensei nela toda a tarde. Deve ter-se encolhido todo como faz nessas ocasiões e depois deve ter dito a engolir a saliva: "Então apelamos para os grandes meios?" Não deve ter hesitado e aliás não podia hesitar. É homem. Mas... não terá sido um pouco precipitado tudo isso? Não deve saber você mesma o que quer?

Inclinou-se novamente para Marcelle.

— Não foi assim?

Marcelle não o olhava. Virara a cabeça para o lado do lavatório e Daniel só lhe via o perfil. Tinha um olhar sombrio.

— Mais ou menos - disse.

Depois corou violentamente.

— Não falemos mais nisso, Daniel, por favor. Isto é... muito desagradável.

Daniel não a perdeu de vista. "Ela palpita", pensou. Mas já não sabia se o seu prazer vinha da humilhação que impunha a Marcelle ou de ser humilhado com ela. Disse para si mesmo: "Mais fácil do que pensava."

— Marcelle - disse -, não se recuse a falar. Eu sei quanto isto é penoso...

— Principalmente para si. Tu és tão diferente, Daniel! "Pois não! Eu sou a pureza."

Ela estremeceu de novo e apertou os braços sobre os seios.

— Não me atrevo a olhá-lo - continuou. - Mesmo que não lhe cause repugnância, tenho a impressão de o ter perdido.

— Eu sei - disse Daniel com amargura. - Um arcanjo assusta-se facilmente. Escute, Marcelle, não me faça desempenhar este papel ridículo. Nada tenho de arcanjo; sou simplesmente um amigo, o seu melhor amigo. E tenho direito a ter uma opinião - acrescentou com firmeza - porque a posso ajudar. Marcelle tem realmente a certeza de que não quer a criança?

Verificou-se uma rápida derrota através do corpo de Marcelle. Dir-se-ia que ia desconjuntar-se. Depois esse prenúncio de desconjuntamento parou, o corpo fincou-se-lhe à beira do leito, imóvel e pesado. Voltou a cabeça para Daniel; estava vermelha, mas contemplava-o sem rancor, com um espanto desarmado. Daniel pensou: "Está desesperada." Basta-lhe dizer uma palavra. Se tem a certeza do que quer, Mathieu receberá o dinheiro amanhã cedo. Quase desejava que ela dissesse que sim. Mandar-lhe-ia o dinheiro e tudo estaria acabado. Mas ela não dizia nada, voltara-se para ele e parecia esperar. Era preciso ir até ao fim. "Oh!", pensou Daniel, "parece cheia de gratidão!" Como "Malvina", quando lhe batia.

— Tu pergunta-me isso, Daniel... E ele... Oh! Daniel, só você se interessa por mim!

Ele levantou-se, veio sentar-se perto dela, tomou-lhe a mão. Uma mão mole e febril como uma confidência. Conservou-a nas dele, sem falar. Marcelle parecia lutar contra as lágrimas; olhava para os joelhos.

— Marcelle, é-lhe indiferente que se suprima a criança.

Marcelle teve um gesto de cansaço.

— Que fazer?

Daniel pensou: "Ganhei." Mas não sentiu nenhum prazer. Sufocava. Dir-se-ia que de perto Marcelle tinha um cheiro, era imperceptível, não chegava mesmo a ser um cheiro, era antes como se fecundasse o ambiente

em torno dela. E depois havia aquela mão suada. Esforçou-se por apertá-la mais fortemente, como que para lhe espremer todo o sumo.

— Não sei o que se pode fazer - disse com voz seca. - Veremos mais tarde. Neste momento estou a pensar apenas em si. Essa criança talvez seja um desastre, mas talvez uma sorte. Marcelle, é preciso que não venha a acusar-me mais tarde por não ter refletido.

— Pois é... - disse Marcelle. - Pois é...

Com o olhar no vazio tinha um ar de boa-fé que a rejuvenescia. Daniel pensou na jovem estudante que vira na fotografia. "Já foi jovem..." Mas naquele rosto ingrato os próprios reflexos da mocidade não eram comoventes. Largou-lhe bruscamente a mão e afastou-se um pouco.

— Reflita - repetiu. - Tem realmente a certeza?

— Não sei - disse levantando-se. - Desculpe, preciso de ir arrumar a cama da minha mãe.

Daniel acedeu silenciosamente. Era o ritual. "Ganhei", pensou quando a porta se fechou. Limpou as mãos no lenço, ergueu-se rapidamente e abriu a gaveta da mesa-de-cabe-ceira. Havia às vezes cartas divertidas, bilhetes de Mathieu muito conjugais, ou intermináveis lamentações de Andrée, que não era feliz. A gaveta estava vazia, e Daniel voltou a sentar-se na poltrona. "Ganhei, está cheia de vontade de parir." Estava satisfeito de ficar só. Podia recuperar um pouco de ódio. "Juro que ele há-de casar-se com ela. Aliás, foi ignóbil, nem sequer a consultou. Não vale a pena", continuou com um riso seco. "Não vale a pena odiá-lo por bons motivos; os outros já me dão muito que fazer."

Marcelle voltou com uma expressão de desespero. Disse com voz alterada:

— E se eu tivesse vontade de ter um filho? Que adiantava? Não posso dar-me ao luxo de ter um filho sem casar e ele nunca se casará comigo...

Daniel ergueu as sobrancelhas.

— Porque não? - perguntou. - Porque não há-de casar consigo?

Marcelle encarou-o, aturdida, depois achou melhor desatar a rir.

— Mas, Daniel! Bem sabe como nós somos!

— Eu não sei nada de nada - disse Daniel. - Sei apenas uma coisa. Se ele quiser, que faça o que é necessário, como toda a gente, e dentro de um mês será mulher dele. Foi você, Marcelle, quem decidiu nunca se casar?

— Sentiria horror de vê-lo casar-se contra a vontade.

— Não é uma resposta.

— Não, realmente era-me totalmente indiferente não me chamar Mme. Delarue.

— Bem sei - disse Daniel com vivacidade. - Mas se fosse esse o único meio de conservar a criança?

Marcelle pareceu perturbada.

— Mas... nunca encarei a coisa por esse prisma.

Devia ser verdade. Era muito difícil fazê-la ver as coisas de frente. Era preciso enfiar-lhe o nariz em cima e mante-la assim, senão dipersava-se em todas as direções. Acrescentou:

— Era... era uma coisa subentendida entre nós. O casamento é uma servidão e não o queríamos, nem um nem outro.

— Mas tu queres a criança?

Ela não respondeu. Era o momento decisivo; Daniel repetiu com voz dura.

— Não é verdade que tu queres a criança?

Marcelle apoiou uma das mãos no travesseiro e pousou a outra sobre a coxa. Ergueu-se um pouco e levou-a ao ventre como se estivesse com dor de barriga. Era grotesco e fascinante. Disse com voz solitária.

— Sim, quero.

Estava ganho. Daniel calou-se. Não podia tirar os olhos daquele ventre. Carne inimiga, carne gorda e nutrida. Pensou que Mathieu a desejara e sentiu uma leve chama de satisfação. Era como se já se tivesse vingado um pouco. A mão morena crispava-se sobre a seda, apertava o ventre. Que sentia por dentro aquela fêmea pesada e perturbada? Gostaria de ser ela. Marcelle disse, com voz surda:

— Daniel, libertou-me. Eu não... não podia dizer isto a ninguém no mundo, cheguei a julgar que era um crime.

Olhou-o, angustiada:

— Não é um crime?

Ele não pôde deixar de rir.

— Um crime? Mas isso é perversão, Marcelle. Achar criminosos os seus desejos quando são naturais.

— Não. Eu digo em relação a Mathieu. É uma espécie de ruptura de contrato.

— Tem de lhe falar com franqueza, é tudo. - Marcelle não respondeu.

Parecia ruminar. De repente falou com paixão:

— Ah!, se eu tivesse um filho, não deixava que ele estragasse a vida como eu.

— Você não estragou a vida.

— Estraguei, sim.

— Não, Marcelle, ainda não.

— Estraguei. Não fiz nada e ninguém precisa de mim.

Ele não respondeu. Era verdade.

— Mathieu não precisa de mim. Se eu morresse... isso não o atingiria. A si também não, Daniel. Tem grande afeição por mim e talvez seja o que tenho de mais precioso na vida, mas não precisa de mim; eu é que preciso de si.

Responder? Protestar? Era preciso desconfiar. Marcelle parecia estar numa das suas crises de clarividência cínica. Pegou-lhe na mão sem falar e apertou-a de um modo significativo.

— Um filho - continuou Marcelle. - Um filho, sim, teria necessidade de mim.

Ele acariciou-lhe a mão.

— É a Mathieu que tu tens de dizer isso.

— Não posso.

— Porquê?

— Sinto-me amarrada. Espero que isso venha dele.

— Mas bem sabe que nunca virá. Ele não pensa nisso.

— Porque é que não pensa? Você pensou.

— Não sei.

— Pois então fica como está! Você empresta o dinheiro e eu vou ao médico.

— Não pode fazer isso - exclamou bruscamente Daniel -, não pode.

Parou repentinamente e olhou-a, desconfiado. A emoção fizera com que tivesse deixado escapar aquela exclamação estúpida. Essa ideia gelou-o, tinha horror ao abandono. Mordeu os lábios e tomou uma atitude irónica. Defesa vã! Seria preciso não a ver. Ela curvara os ombros, os braços pendiam-lhe junto das ancas. Esperava, passiva e gasta, e assim esperaria durante anos, até ao fim. Ele pensou: "A sua última possibilidade", como pensara de si mesmo pouco antes. Entre os trinta e quarenta anos joga-se a

última cartada. Ela ia jogar e perder. Dentro de alguns dias seria apenas uma grande miséria; era preciso evitar isso.

— E se eu próprio falasse a Mathieu?

Uma enorme piedade lodosa tinha-o invadido. Não sentia nenhuma simpatia por Marcelle e sentia um profundo nojo por si mesmo, mas a piedade estava lá, irresistível. Teria feito tudo para se libertar dela. Marcelle levantou a cabeça; parecia pensar que ele era doido.

— Falar com ele? Você? Mas, Daniel, é um absurdo!

— Podia dizer-lhe... que a encontrei.

— Onde? Nunca saio. Mas ainda que fosse verdade, ia assim sem mais nem menos contar-lhe isto?

— Não, evidentemente.

Marcelle pousou-lhe a mão sobre o joelho.

— Daniel, por favor, não se meta nisto. Estou furiosa com Mathieu, ele não lhe devia ter contado..

Mas Daniel era tenaz, seguia a sua ideia.

— Escute, Marcelle. Sabe o que é que vamos fazer? Dizer-lhe simplesmente a verdade. Digo-lhe: "E preciso que perdoes um segredo. Eu e Marcelle víamo-nos de vez em quando e não te dizíamos nada."

— Daniel - suplicou Marcelle -, não faça isso. Não quero que falem de mim. Por nada deste mundo quero que pensem que estou a pedir alguma coisa. Ele é que tem de compreender.

Acrescentou com um ar conjugal:

— E depois, sabe, ele nunca me perdoaria não lhe ter dito eu própria. Nós dizemos sempre tudo um ao outro.

Daniel pensou: "Ela é formidável!", mas não teve vontade de rir.

— Não falo em si - disse. - Digo que a encontrei, que você parecia atormentada e que não é assim tão simples como ele pensa. Tudo isso como se viesse unicamente de mim.

— Não quero... - disse Marcelle, obstinada. - Não quero.

Daniel olhava para os ombros e para o pescoço dela com avidez. Aquela obstinação tonta aborreceu-o, sentia vontade de a partir. Estava possuído de um desejo enorme e monstruoso. Violar aquela consciência, atolar-se com ela na humildade. Mas não era sadismo. Era mais subtil, mais húmido, mais carnal. Era bondade.

— Tem de ser, Marcelle. Olhe para mim!

Tomou-a pelos ombros e os dedos afundaram-se-lhe numa manteiga morna.

— Se eu não falar com ele, você nunca o fará e... viverá junto dele em silêncio, acabará por odiá-lo.

Marcelle não respondeu, mas ele percebeu pela sua expressão rancorosa e abatida que ela ia ceder. Ela ainda repetiu:

— Eu não quero.

Largou-a.

— Se não me deixar fazê-lo - disse zangado -, ficarei aborrecido. Estragará a sua vida com as suas próprias mãos.

Marcelle passeava a ponta do dedo pelo tapete.

— Era preciso dizer-lhe... dizer-lhe coisas vagas - disse -, chamar-lhe apenas a atenção.

— Naturalmente - disse Daniel.

Pensava: "Conta com isso."

Marcelle teve um gesto de despeito.

— Não é possível!

— Bom. Seja razoável. Porque é que não é possível?

— Era obrigado a dizer-lhe que nos vemos.

— Pois digo-lhe - atalhou Daniel, irritado -, já lhe disse que o farei. Mas eu conheço-o. Não se vai zangar. Vai irritar-se um pouco por hora, mas a seguir, como se sente culpado, vai ficar muito satisfeito por ter qualquer coisa a censurar-lhe. Aliás, digo-lhe que nos vemos há apenas alguns meses e muito raramente. De qualquer maneira, tínhamos de lhe dizer um dia.

— É verdade.

Mas não parecia convencida.

— Era o nosso segredo - disse com profunda tristeza. - Escute, Daniel, era a minha vida particular, a minha vida privada, não tinha outra.

Acrescentou, com ódio:

— Só posso ter de meu o que escondo dele.

— É preciso tentar, por causa da criança...

Ela ia ceder, bastava esperar. Ia escorregar, arrastada pelo seu próprio peso, para a resignação, para o abandono. Dentro de momentos estaria completamente aberta, sem defesa, e ia dizer-lhe: "Faça como quiser, estou nas suas mãos." Ela fascinava-o. Aquela chama que o devorava, já não sabia se era de maldade ou de bondade. O Bem e o Mal, o Bem deles e o Mal

dele era igual. Havia aquela mulher e aquela comunhão repugnante e vertiginosa.

Marcelle passou a mão pelos cabelos.

— Pois bem, tentemos - disse num desafio. - Apesar de tudo será uma experiência.

— Uma experiência? - indagou Daniel. - É Mathieu que quer experimentar?

— É.

— Acredita que ele vai ficar indiferente? Que não se vai apressar com explicações?

— Não sei

Acrescentou secamente:

— Tenho necessidade de o estimar.

O coração de Daniel pôs-se a bater com violência.

— Então, já não o estima?

— Estimo... Mas não tenho a mesma confiança com ele, desde ontem. Ele foi... tem razão. Ele foi demasiado negligente. Não se preocupou comigo. E depois o telefonema de hoje foi lamentável. Teve...

Corou.

— Achou-se na obrigação de dizer que me amava ao desligar. Tresandava a consciência suja. Não lhe posso dizer o efeito que isso me causou! Se um dia deixasse de o estimar, mas não quero pensar nisso. Quando fico ressentida com ele, é extremamente penoso. Ah!, se ele tentasse fazer-me falar amanhã, se me perguntasse uma só vez que fosse: "Em que estás a pensar?"

Calou-se, abanou a cabeça, tristemente.

— Vou falar com ele - disse Daniel. - Ao sair daqui mando-lhe um recado e marco um encontro para amanhã.

Ficaram silenciosos. Daniel pensava na entrevista do dia seguinte. Seria violenta e dura, provavelmente, e isso lavá-lo-ia, arrancaria dele aquela piedade viscosa.

— Daniel! - murmurou Marcelle. - Querido Daniel.

Ele ergueu a cabeça e viu o olhar dela. Era um olhar pesado e envolvente, que transbordava de gratidão sexual, um olhar de depois do amor. Fechou os olhos. Havia entre ambos qualquer coisa mais forte do que o amor. Ela abrira-se, ele entrara dentro dela, eram um só.

— Daniel! - repetiu Marcelle.

Daniel abriu os olhos, tossiu com dificuldade. Tinha asma. Pegou-lhe na mão e beijou-a longamente, retendo a respiração.

— Meu arcanjo - dizia Marcelle por cima da cabeça dele.

Ele passará toda a vida inclinado sobre aquela mão perfumada e ela acariciar-lhe-á os cabelos.

XI

Uma grande flor cor de malva subia para o céu, era a noite. Mathieu passeava nessa noite e pensava: "Estou fodido." Era uma ideia nova, era preciso virá-la e revirá-la, farejá-la com circunspecção. De vez em quando, Mathieu perdia-a, ficavam apenas as palavras, e as palavras não eram desprovidas de certo encanto sombrio: "Estou fodido." Imaginava lindos desastres, suicídio, revolta, outras saídas extremas. Mas a ideia voltava depressa. Não era isso, não era absolutamente isso. Tratava-se de uma pequena miséria, tranquila, modesta, e não de desespero. Pelo contrário, era até confortável! Mathieu tinha a impressão de que acabariam de lhe conceder todas as licenças, como a um incurável. "Nada mais tenho a fazer senão deixar-me viver", pensou. Leu "Sumatra" em letras de fogo, e o negro precipitou-se ao seu encontro com o boné na mão. No limiar da porta, Mathieu hesitou. Ouviu ruídos, um tango; tinha o coração ainda cheio de preguiça e de noite. E de repente aconteceu, como pela manhã quando ficamos de pé sem saber como nos levantámos. Afastou a cortina verde, desceu os dezassete degraus da escada e estava numa cave escarlate e rumorejante, as toalhas manchadas de um branco duvidoso. Cheirava a homem, havia muitos homens na sala, como na missa. No fundo da cave, gaúchos de camisa de seda tocavam em cima de um estrado. Diante dele havia pessoas de pé, imóveis e corretas, que pareciam esperar qualquer coisa: dançavam. Eram lúgubres, como presas de um interminável destino. Mathieu perscrutou a sala com o olhar à procura de Boris e Ivich.

— Deseja uma mesa?

Um belo rapaz inclinava-se diante dele com ar de alcoviteiro.

— Procuro alguém - disse Mathieu. O jovem reconheceu-o.

— Ah!, é o senhor - disse cordialmente. - Made-moiselle Lola está-se a vestir. Os seus amigos estão no fundo à esquerda, vou acompanhá-lo.

— Obrigado. Eu encontro-os facilmente sozinho. Está cheio hoje.

— Bastante. Holandeses. São um pouco barulhentos, mas consomem bem.

O rapaz desapareceu. Não era possível abrir passagem entre as pessoas que dançavam. Mathieu esperou. Ouviu o tango e o arrastar dos pés, contemplava as lentas deslocações daquele comício silencioso. Ombros nus,

uma cabeça de preto, o brilho de um colarinho, mulheres soberbas e maduras, muitos homens de idade que dançavam com ar de quem pede desculpa. Os sons agudos do tango passavam por cima das cabeças deles; os músicos não pareciam tocar para eles. "Que é que vim fazer aqui?", pensou Mathieu. O seu casaco brilhava nos cotovelos, as calças já não tinham vincos, não dançava bem, era incapaz de se divertir naquele ócio grave. Não se sentiu à vontade. Em Montmartre, apesar da simpatia dos maitres d'bôtel, nunca se podia sentir à vontade. Havia uma crueldade inquieta e permanente na atmosfera.

As lâmpadas brancas acenderam-se novamente. Mathieu avançou pela sala por entre os ombros em fuga. Numa reentrância havia duas mesas. Numa delas um homem e uma mulher falavam, nervosamente, sem se olhar. Na outra, viu Boris e Ivich. Inclinavam-se um para o outro muito ocupados, com uma austeridade cheia de graça. "Pareciam dois mongezinhos." Era Ivich quem falava, com gestos vivos. Nunca, mesmo nos momentos de maior abandono, oferecera ela a Mathieu um rosto assim. "Como são jovens." Tinha vontade de dar meia volta e sair. No entanto, aproximou-se, porque já não podia suportar a solidão, tinha a impressão de estar a espreitar pelo buraco da fechadura. Depressa o veriam e oferecer-lhe-iam aquele rosto convencional que reservavam para os parentes, os adultos; e no fundo dos seus corações alguma coisa mudaria. Ele estava agora perto de Ivich, mas ela não o via. Inclina-se ao ouvido de Boris e segredava-lhe qualquer coisa. Tinha, um bocadinho, o ar de uma irmã mais velha e falava a Boris com uma condescendência maravilhada. Mathieu sentiu-se ligeiramente reconfortado. Mesmo com o irmão, Ivich não se entregava completamente, desempenhava o papel de irmã mais velha, e nunca se esquecia disso. Boris teve um riso curto.

— Conversa! - disse simplesmente.

Mathieu pousou a mão sobre a mesa. "Conversa!" Com essa palavra o diálogo terminava definitivamente. Era a última réplica de um romance ou de uma peça de teatro. Mathieu olhava Boris e Ivich. Achava-os romanescos.

— Olá! - disse.

— Olá! - respondeu Boris levantando-se.

Mathieu deitou um olhar rápido a Ivich. Ela inclinara-se para trás. Viu dois olhos pálidos e mortos. A verdadeira Ivich desaparecera. "E porquê

a verdadeira?", pensou, irritado.

— Boa noite, Mathieu - disse Ivich.

Ela não sorriu, mas já não tinha um ar admirado ou rancoroso. Parecia achar natural a presença de Mathieu. Boris apontou para a multidão com um gesto rápido.

— Tem gente! - observou com satisfação.

— Sim - disse Mathieu.

— Quer o meu lugar?

— Não, não vale a pena. Guarde-o para Lola daqui a bocado.

Sentou-se. A sala estava deserta, já não havia ninguém no estrado dos músicos. Os gaúchos tinham terminado a série de tangos. O jazz negro Hijito's Band ia substituí-los.

— Que estão a beber? - indagou Mathieu.

As pessoas murmuravam à sua volta. Ivich não o tinha recebido mal, sentia-se penetrado por um calor húmido, gozava a condensação feliz que dá o sentimento de ser um homem entre os outros homens.

— Um vodka - disse Ivich.

— Como? Gosta disso agora?

— É forte - respondeu ela, sem dar a sua opinião.

— E que é isso? - indagou Mathieu por espírito de justiça, apontando para uma espuma branca no copo de Boris. Boris olhava-o com uma admiração jovial de surpresa.

Mathieu sentia-se incomodado.

— É horrível - disse Boris -, é o cocktail da casa.

— Foi por gentileza que o pediu?

— Há três semanas que o barman me chateia para o experimentar. Não sabe fazer cocktails. Fez-se barman porque foi prestidigitador. Acha que o ofício é o mesmo, mas engana-se.

— Suponho que é por causa do misturador - disse Mathieu. - Aliás, para quebrar ovos é preciso ter jeito.

— Então era melhor que tivesse sido malabarista. De qualquer maneira teria bebido essa porcaria, mas pedi-lhe emprestados cem francos.

— Cem francos - disse Ivich -, eu tinha-os!

— Eu também - disse Boris -, mas é porque ele é barman. A um barman, deve pedir-se dinheiro emprestado - explicou num tom de austeridade.

Mathieu olhou o barman. Estava de pé atrás do balcão, todo de branco, de braços cruzados, e fumava um cigarro. Tinha um ar severo.

— Gostaria de ser barman - disse Mathieu. - Deve ser divertido.

— Isso ficava-lhe caro - atalhou Boris -, havia de partir tudo. Fez-se silêncio. Boris olhava Mathieu, e Ivich olhava Boris.

"Estou sobrando", pensou Mathieu tristemente.

O maître d'hôtel apresentou-lhe a lista dos champanhes: tinha de ter cuidado, só lhe restavam quinhentos francos.

— Um uísque - disse Mathieu.

Mas sentiu de repente nojo da economia e daquele maço magro de notas que jazia no fundo da sua carteira. Chamou o maître d'hôtel.

— Espere. Prefiro champanhe.

Olhou a lista. O *Mumm* custava trezentos francos.

— Você também pode beber um bocadinho - disse para Ivich.

— Não - respondeu ela. - Sim, pensando melhor, é preferível.

— Um Mumm cordon rouge.

— Estou contente por beber champanhe - disse Boris. - Não gosto e é preciso que me habitue.

— Vocês são divertidos - disse Mathieu. - Bebem sempre coisas de que não gostam.

Boris regozijou-se. Adorava que Mathieu lhe falasse naquele tom. Ivich mordeu os lábios. "Não se pode dizer nada", pensou Mathieu de mau humor, "há sempre um que se escandaliza". Estavam ali, diante dele, atentos e severos; cada um deles tinha construído uma imagem pessoal de Mathieu e exigiam ambos que ele lhe fosse fiel. Só que essas duas imagens não se conciliavam.

Calaram-se.

Mathieu estendeu as pernas e sorriu de prazer. Sons de trompete, acidulados e gloriosos, chegavam-lhe às rajadas; não lhe passava pela cabeça descobrir neles uma melodia. Era um barulho apenas, mas dava-lhe um grande prazer à flor da pele. Bem sabia que estava fodido, mas afinal naquele dancing, àquela mesa, no meio daqueles tipos igualmente fodidos, isso não tinha importância e não era desagradável de todo. Virou a cabeça. O barman sonhava; à direita havia um camarada de monóculo, sozinho, com ares desgraçados; outro mais longe, sozinho também diante de três capas e uma bolsa de mulher. A mulher e o amigo deviam estar a dançar, e

ele parecia aliviado. Bocejou por trás da mão e os seus olhinhos pestanejaram com volúpia. Por toda a parte, rostos sorridentes e bem arranjados com olhos pisados. Mathieu sentiu-se bruscamente solidário com aqueles tipos todos, que fariam melhor se voltassem para casa; mas já não tinham sequer força para o fazer, e continuavam ali a fumar cigarros e a beber misturas com gosto a aço, a sorrir, de ouvidos tapados pela música, a contemplar de olhos vazios os farrapos do seu destino. Sentiu o apelo discreto de uma felicidade humilde e covarde: "Ser como eles..." Teve medo e sobressaltou-se. Voltou-se para Ivich. Apesar de rancorosa e distante, era ainda o seu único apoio. Ivich olhava inquieta e vagamente o líquido transparente que tinha ficado no copo.

— Bebe de um trago - disse Boris.

— Não faça isso - atalhou Mathieu -, vai incendiar-lhe a garganta.

— Vodka bebe-se de um trago - observou Boris, com seriedade.

Ivich pegou no copo.

— Prefiro beber de um trago, acabará mais depressa.

— Não, não beba, espere pelo champanhe.

— Tenho de engolir isto - disse ela, irritada. - Quero divertir-me.

Inclinou-se para trás aproximando o copo dos lábios e deixou que lhe escorresse na boca todo o conteúdo. Era como se enchesse uma garrafa. Ficou assim um segundo, sem ousar engolir, com aquele pequeno pântano de fogo no fundo da garganta. Mathieu sofria por ela.

— Engole - disse Boris. - Faz de conta que é água.

O pescoço de Ivich inchou e ela pôs o copo na mesa com uma careta horrível. Tinha os olhos cheios de lágrimas. A senhora morena do lado, abandonando por instantes o seu devaneio, deitou-lhe um olhar de censura.

— Uf! - disse Ivich -, queima... é fogo!

— Eu comprei-te uma garrafa para te treinares - disse Boris. Ivich refletiu um segundo.

— É melhor treinar com aguardente; sempre é mais forte.

Acrescentou com uma espécie de angústia:

— Acho que agora vou poder divertir-me.

Ninguém respondeu. Voltou-se vivamente para Mathieu. Era a primeira vez que o olhava.

— Você aguenta o álcool?

— Ele? Ele é formidável - disse Boris. - Já o vi tomar sete uísques de uma vez, a falar de Kant. No fim, eu já não o ouvia, eu é que estava bêbedo.

Era verdade. Mesmo bêbedo, Mathieu não perdia a cabeça. Enquanto bebia agarrava-se a qualquer coisa. A quê? Lembrou-se de repente de Gauguin, um rosto forte e exangue de olhos desertos. Pensou: "A minha dignidade humana." Tinha medo, se se entregasse por momentos, de encontrar na cabeça, disperso e flutuando como uma neblina de Verão, um pensamento de mosca ou de barata.

— Sinto horror em embriagar-me - explicou humildemente. - Bebo, mas não entrego o corpo inteiro à embriaguez.

— Sim - disse Boris -, nesse ponto tu és um cabeçudo, pior que um asno.

— Não sou cabeçudo, fico tenso; não me deixo dominar. É necessário que pense sempre no que me acontece. É uma defesa.

Acrescentou com ironia, como para si próprio:

— Sou um vime pensante.

Como para si próprio. Não era verdade, não era sincero. No fundo, desejava agradar a Ivich. Pensou: "Já descí a isso?" Estava a ponto de se aproveitar da própria decadência, não desdenhava tirar dela pequenas vantagens, servia-se dela para fazer gentilezas às mulheres! "Estupor!" Mas parou, arrepiado; quando se tratava de estupor, também não era sincero, não estava realmente indignado. Era um truque, uma compensação, imaginava salvar-se da abjecção pela "lucidez"; mas essa lucidez não lhe custava nada, antes o divertia. E esse juízo que emitia acerca da sua lucidez, essa maneira de subir pelos próprios ombros... "Será preciso mudar tudo, trocar tudo até à medula." Mas nada o ajudava. Todos os seus pensamentos estavam contaminados desde a origem. De repente, Mathieu abriu-se como uma chaga. Viu-se por inteiro, escancarado: pensamentos, pensamentos sobre pensamentos, pensamentos sobre pensamentos de pensamentos, estava transparente até ao infinito e igualmente podre. Depois aquilo apagou-se, e encontrou-se diante de Ivich, que o contemplava com uma expressão estranha.

— Então - perguntou ele -, trabalhou esta tarde? Ivich encolheu os ombros, raivosamente.

— Não quero que me falem mais nisso. Estou farta, estou aqui para me divertir.

— Passou o dia enrolada no sofá, com olhos do tamanho de um pires.

Boris acrescentou, orgulhosamente, sem se preocupar com o olhar furioso da irmã:

— É esquisita! É capaz de morrer de frio em pleno Verão.

Ivich devia ter gemido durante horas, talvez soluçado. Mas agora já não se percebia nada. Pintara de azul as pálpebras e de vermelho-framboesa os lábios, o álcool inflamava-lhe o rosto, estava resplendente.

— Queria passar uma noite formidável - disse -, porque é a última noite.

— Isso é ridículo.

— Sim - disse com obstinação -, vou levar bomba, bem o sei, e partirei imediatamente, não poderei ficar mais um dia sequer em Paris. Ou então...

Calou-se.

— Ou então?

— Nada, por favor, não falemos mais nisso. Sinto-me humilhada. Ah!, aí está o champanhe - disse ela, alegremente.

Mathieu viu a garrafa e pensou: "Trezentos e cinquenta francos." O tipo que o tinha abordado na véspera, na Rua Vercingetorix, também estava fodido. Porém, modestamente, sem champanhe nem belas loucuras; e ainda por cima tinha fome. Mathieu teve nojo da garrafa. Era pesada e negra, com um guardanapo em volta do gargalo. O empregado, inclinado sobre o balde de gelo, afetado e reverente, fazia-a rodar com competência. Mathieu continuava a olhar para a garrafa, a pensar no tipo da véspera, e sentia o coração magoado por uma verdadeira angústia. Mas nesse momento havia um rapaz muito digno sobre o estrado, a cantar ao microfone:

Il a, mis dam le mille

*Émile*²

E havia aquela garrafa que girava cerimoniosamente na ponta dos dedos pálidos, e toda aquela gente que se cozinava no próprio molho, sem grandes preocupações. Mathieu pensou: "Cheirava a vinho tinto barato; no

fundo, é o mesmo. Aliás, eu não gosto de champanhe." Todo o dancing lhe pareceu um pequeno inferno, leve como uma bola de sabão, e sorriu.

— De que se está a rir? - perguntou Boris, rindo também.

— Estou a lembrar-me de que eu também não gosto de champanhe.

— Puseram-se a rir os três. O riso de Ivich era estridente. A vizinha voltou a cabeça e mediu-a de alto a baixo.

— Somos divertidos! - disse Boris. Acrescentou:

— Pode deitar-se no balde do gelo quando o empregado não estiver a olhar.

— Se quiserem - disse Mathieu.

— Não - atalhou Ivich -, eu quero beber; eu bebo toda a garrafa, se ninguém quiser.

O empregado serviu, e Mathieu levou melancolicamente o copo aos lábios. Ivich contemplava o dela, perplexa.

— Não era mau - observou Boris -, se fosse servido bem quente.

As lâmpadas brancas apagaram-se. Acenderam-se novamente as vermelhas, e um rolar de tambores advertiu o público. Um senhor pequeno, calvo e redondinho, de smoking, saltou para o estrado e sorriu ao microfone.

— Senhoras e senhores, a direção do Sumatra tem o grande prazer de apresentar Miss Ellinor pela primeira vez em Paris! - Miss Ellinor! - repetiu!

Com os primeiros acordes da orquestra surgiu na sala uma mulher alta e loura. Estava nua; o corpo, sob a luz vermelha, parecia um grande pedaço de algodão. Mathieu virou-se para Ivich. Ela contemplava a mulher nua com os grandes olhos arregalados. Ficara com a sua expressão maníaca e cruel.

— Conheço-a - disse Boris.

A mulher dançava, ansiosa por agradar; parecia pouco à vontade, lançava as pernas para a frente, uma depois da outra, com alegria, e os seus pés esticavam-se na extremidade das pernas, como dedos.

— Ela vai cair! - disse Boris.

Na verdade havia uma fragilidade inquietante nos seus longos membros; quando pousava os pés no chão, as pernas estremeciam dos tornozelos até às coxas. Aproximou-se do estrado e virou-se de costas. "Pronto", pensou Mathieu, "vai cair". O ruído das conversas cobria por momentos a música.

— Não sabe dançar - disse a vizinha de Ivich, mordendo os lábios. - Quando se cobra a bebida a trinta e cinco francos, deve pensar-se em escolher melhor os números.

— Têm Lola Montero - observou o tipo gordo.

— Isso não quer dizer nada! É vergonhoso. Apanharam-na na rua.

Bebeu um gole do cocktail e pôs-se a brincar com os anéis. Mathieu percorreu a sala com o olhar e só viu rostos severos e justiceiros. O público deleitava-se com a sua própria indignação, a mulher parecia-lhe duplamente nua, porque era desajeitada. Dir-se-ia que ela sentia a hostilidade e esperava enternecê-los. Mathieu comovia-se com a boa vontade desesperada dela: oferecia-lhes as nádegas entreabertas, num impulso de dedicação que constrangia a alma.

— Como ela se cansa! - disse Boris.

— Isso não os comove - observou Mathieu -, eles querem ser respeitados.

— Eles querem principalmente ver belas nádegas!

— Sim, mas com arte...

Durante uns momentos, as pernas da dançarina escavaram o chão sob a impotência ridícula dos quadris, em seguida endireitou-se, com um sorriso, ergueu os braços e sacudiu-os, provocando no ar tremores que deslizaram ao longo das omoplatas até à reentrância dos rins.

— É espantoso como tem as ancas duras - disse Boris.

Mathieu não respondeu. Pensava em Ivich. Não se atrevia a olhá-la, mas lembrava-se da expressão cruel; afinal a menina sagrada era como os outros: duplamente defendida pela sua graça e pelos vestidos, devorava com os olhos, com sentimentos dúbios, aquela pobre carne nua. Uma onda de rancor subiu aos lábios de Mathieu, envenenou-lhe a boca: "A fita toda desta manhã..." Virou a cabeça e viu o punho crispado de Ivich sobre a mesa. A unha do polegar, carmesim e aguda, apontava para a sala como uma flecha indicadora. "Está só", pensou, "esconde sob os cabelos um rosto arrasado, aperta as coxas, goza." Essa ideia pareceu-lhe insuportável, quis levantar-se e desaparecer, mas não teve forças para fazê-lo, pensou apenas: "E dizer que gosto dela pela sua pureza." A dançarina, de mãos nas ancas, deslocando-se de lado sobre os calcanhares, roçou pela mesa deles. Mathieu quis desejar aquela almofada na ponta de uma espinha medrosa, para se distrair dos seus pensamentos, para pregar uma partida a Ivich. A

mulher acocorava-se com as pernas ligeiramente abertas e balançava-se para a frente e para trás, como essas lanternas pálidas que oscilam de noite nas pequenas estações, na ponta de um braço invisível.

— Que nojo! - disse Ivich. - Já não a posso ver.

Mathieu voltou-se, espantado. Viu um rosto triangular, descomposto pela raiva e pela repugnância. "Não estava perturbada", pensou, com gratidão. Ivich tremia, ele quis sorrir-lhe, mas a cabeça encheu-se-lhe de guizos... Boris, Ivich, o corpo obsceno e a neblina vermelha deslizaram para fora do seu alcance. Estava só, ao longe um fogo-de-bengala, e no fumo um monstro de quatro patas andava à roda... Uma música de quermesse chegava-lhe aos ouvidos, às rajadas, através de um murmúrio de folhas. "Que é que eu tenho?" Era como a manhã. Em volta dele, só havia um espetáculo, Mathieu estava algures.

A música parou, a mulher imobilizou-se com o rosto voltado para o público. Por cima do sorriso brilharam uns lindos olhos aquados. Ninguém aplaudia e houve algumas risadas ofensivas.

— Estupores! - disse Boris.

Bateu as palmas com força. Rostos espantados viraram-se para o lado dele.

— Fica quieto - disse Ivich. - Aplaudir isto?

— Ela fez o que pôde - disse Boris aplaudindo.

— Mais uma razão para não aplaudir.

Boris encolheu os ombros.

— Conheço-a, jantei com ela e com Lola, é uma boa mulher, mas não tem cabeça.

A mulher desapareceu sorrindo e atirando beijos. Uma luz branca invadiu a sala e foi um acordar geral. Todos se sentiam satisfeitos por se encontrarem de novo juntos após a sentença dada. A vizinha de Ivich acendeu um cigarro e teve um amuo terno para si própria. Mathieu não acordara, era um pesadelo branco, nada mais, os rostos abriam-se em volta dele, com uma suficiência sorridente e mole, na sua maioria não pareciam habituados. "O meu ser assim, deve ter essa pertinência dos olhos, dos cantos da boca, e apesar disso deve ver-se que é oco." Era uma personagem de pesadelo aquele homem que saltitava no estrado e fazia gestos para pedir silêncio, com um ar de gozar de antemão o espanto que ia provocar,

com a afetação de soltar no microfone, sem comentários, simplesmente, o nome célebre:

— Lola Montero!

A sala estremeceu de cumplicidade e entusiasmo, ouviram-se aplausos, e Boris pareceu encantado.

— Estão quentes, vai ser uma maravilha!

Lola encostara-se à porta. De longe, o seu rosto achatado e vincado parecia uma cabeça de leão. Os seus ombros, de uma brancura ondeada de reflexos verdes, eram uma folhagem de bétula numa noite de vento sob os faróis de um automóvel.

— Como é bela! - disse Ivich.

Adiantou-se a passos largos e calmos, com um desespero desenvolto. Tinha mãos pequenas e encantos pesados de sultana, mas punha no andar uma generosidade de homem.

— Ela impõe-se - disse Boris, com admiração. - Com ela ninguém se mete!

Era verdade. As pessoas da primeira fila tinham recuado as cadeiras, não se atreviam sequer a olhar de perto aquele rosto célebre. Um bom rosto de tribuno, volumoso e público, marcado pesadamente por uma vaga sugestão da sua importância. A boca conhecia o seu ofício, estava habituada a abrir-se amplamente, com os lábios salientes para vomitar o horror e o nojo e para que a voz fosse longe. Lola imobilizou-se de repente. A vizinha de Ivich suspirou de escândalo e admiração. "Ela domina-os", pensou Mathieu.

Sentia-se incomodado: no fundo, Lola era nobre e apaixonada; no entanto, o rosto mentia, representava a nobreza e a paixão. Ela sofria, Boris desesperava-a, mas durante cinco minutos por dia aproveitava-se do seu número de canto para sofrer espetacularmente. "E eu? Não estou também a sofrer espetacularmente, representando com acompanhamento musical o papel de um tipo fodido? No entanto", pensou, "é indiscutível que estou fodido". Em volta dele era a mesma coisa. Havia pessoas que não existiam, eram vapores, e outras que existiam demasiado. O barman, por exemplo. Pouco antes fumava um cigarro, vago e poético como um jasmineiro; agora acordara, era demasiado barman, sacudia o shaker, abria-o, escorria a espuma amarela nos copos, com gestos de uma precisão supérflua. Representava o papel de barman. Mathieu pensou em Brunet: "Talvez não

possa ser de outra maneira; talvez seja preciso escolher: não ser nada ou representar o que é. Mas é terrível ser-se levado pela nossa própria natureza."

Lola, sem se apressar, percorria a sala com o olhar. A sua máscara dolorosa tornara-se dura, congelara-se, parecia ter ficado esquecida sobre o rosto. Mas no fundo dos olhos, a única coisa viva, Mathieu teve a impressão de surpreender uma chama de curiosidade áspera e ameaçadora que não era fingida. Ela viu Boris e Ivich e tranqüilizou-se.

Sorriu-lhes cheia de doçura e anunciou, com um ar perdido:

— Uma canção de marinheiro: Jobnny Palmer.

— Gosto da voz dela - disse Ivich. - Parece veludo.

— Parece.

Mathieu pensou: "Ainda Jobnny Palmer" A orquestra preludiou, e Lola ergueu os pesados braços. "Pronto, faz a cruz", viu-a abrir sanguinolenta.

Qui est cruel, jaloux, amer?

*Qui triche au jeu, sitôt qu'il perd?*³

Mathieu já não ouviu, sentia-se envergonhado diante daquela imagem de dor. Era apenas uma imagem, bem o sabia, mas mesmo assim... "Não sei sofrer, nunca sofro o suficiente." O que havia de mais penoso no sofrimento era ser o de um fantasma, passava-se o tempo a correr atrás dele, imaginava-se sempre que se ia alcançá-lo, que se ia atirar dentro dele e sofrer de verdade rangendo os dentes, mas no momento em que pensava atingi-lo escapava-se, não se encontrava mais nada a não ser um fogo de artifício de palavras e milhares de raciocínios desvairados em minuciosa efervescência. "Esta tagarelice na minha cabeça; daria tudo para me calar." Olhou Boris com inveja. Aliás, naquela cabeça obstinada devia haver grandes silêncios.

Qui est cruel, jaloux, amer?

*C'est Johnny Palmer.*⁴

"Minto." A sua decadência, as suas lamentações eram mentiras, vácuo; atirava-se para o vácuo, à superfície de si mesmo, fugir à pressão insustentável do mundo verdadeiro. Um mundo negro e terrível que tresandava a éter. Naquele mundo, Mathieu não estava fodido - era muito pior. Era um atrevido e um criminoso. Marcelle é que estava fodida, se ele não descobrisse os cinco mil francos até ao dia seguinte. "Fodida de verdade." Sem lirismo. Tinha o filho ou ia arriscar a vida nas mãos de um charlatão. Naquele mundo o sofrimento não era um estado de alma, não havia necessidade de palavras para exprimi-lo. Era uma expressão das coisas. "Casa com ela, falso boémio, casa com ela, meu caro, porque não hás-de casar com ela?" "Aposto", pensou Mathieu horrorizado, "que ela vai morrer com isto." Todos aplaudiram, e Lola dignou-se sorrir. Inclinou-se e disse:

— Uma canção da "Ópera de Quat-sous": A Noiva do Pirata.

"Não gosto dela nesta canção, Margo Lion era bem melhor. Mais misteriosa. Lola é uma racionalista, não tem mistério. E boa de mais. Ela odeia-me, mas com um ódio grosseiro, volumoso, sadio, um ódio de homem de bem." Ouvia distraidamente esses pensamentos leves que corriam como ratos num sótão. Por baixo havia um sono espesso e triste, um mundo espesso que esperava no silêncio. Mathieu cairia nele mais cedo ou mais tarde. Viu Marcelle, viu-lhe a boca severa e os olhos muito abertos: "Casa com ela, falso boémio, casa com ela, estás na idade da razão, deve casar."

*Un navire de baut bord
Trent' canons au sabord
Entrera dans le port.*⁵

"Basta! Basta! Arranjarei o dinheiro, terei de o arranjar ou casarei com ela, pronto, não sou um ser abjeto, mas hoje, esta noite pelo menos, que me deixem em paz, quero esquecer. Marcelle não se esquece, está no quarto, deitada na cama, lembra-se de tudo, vê-me, ouve os rumores do seu corpo. E que importa? Usará o meu nome, terá a minha vida inteira, mas que me deixe esta noite só para mim." Voltou-se para Ivich, lançou-se ao seu

encontro, ela sorriu-lhe, mas ele deu com o nariz numa muralha de vidro enquanto aplaudiam.

— Mais uma! Mais uma! - gritavam.

Lola não ligou aos pedidos; tinha outro número às duas horas de madrugada, poupava-se. Saudou duas vezes e caminhou na direção de Ivich. Algumas cabeças voltaram-se para a mesa de Mathieu. Mathieu e Boris levantaram-se.

— Boa noite, querida Ivich. Como está?

— Boa noite, Lola - disse Ivich, de uma maneira indolente.

Lola acariciou o queixo de Boris, com delicadeza.

— Boa noite, crápula.

A sua voz calma e grave dava à palavra "crápula" um tom de dignidade. Dir-se-ia que a escolhera a dedo entre as palavras ridículas e patéticas das suas canções.

— Boa noite, minha senhora - disse Mathieu.

— Ah! - respondeu ela -, também está aqui!

Levantaram-se. Lola olhou para Boris. Parecia com-pletamente à vontade.

— Disseram-me que vaiaram Ellinor.

— Estávamos a falar disso.

— Foi chorar ao meu camarim. Sarrunyan está furioso, é a terceira vez em oito dias.

— E vai despedi-la? - perguntou Boris, com ar inquieto.

— Estava com vontade; ela não tem contrato. Eu disse-lhe: se ela sair, eu saio também.

— Que é que ele disse?

— Disse que ficasse mais uma semana.

Percorreu a sala com o olhar e afirmou em voz alta:

— É um mau público, o desta noite.

— Pois eu não diria o mesmo - observou Boris.

A vizinha de Ivich, que devorava Lola imprudentemente com os olhos, estremeceu. Mathieu teve vontade de rir. Achava Lola muito simpática.

— É porque tu não estás habituado - disse Lola. - Quando entrei, logo vi que acabavam de se portar como idiotas, pareciam aborrecidos. Se a mulher perder o lugar, só lhe restará senão cair na vida.

Ivich ergueu a cabeça bruscamente, parecia desvairada.

— Que se prostitua - disse com violência -, tanto me faz, e isso convém-lhe mais do que a dança.

Esforçava-se por manter a cabeça direita e conservar abertos os olhos baços e rosados. Perdeu um pouco a segurança e acrescentou, conciliadora:

— Naturalmente, compreendo que ela precise de ganhar a vida.

Ninguém respondeu, e Mathieu sofreu por ela. Devia ser difícil manter a cabeça direita. Lola olhava-a placidamente. Como se pensasse: "Menina rica." Ivich teve um risinho.

— Eu não preciso de dançar - disse, com um ar malicioso. Mas o riso apagou-se e a cabeça caiu-lhe.

— Que é que ela tem? - disse Boris, tranquilamente.

Lola contemplou a cabeça de Ivich, com curiosidade. Passado um bocado, estendeu a mão gorda, agarrou Ivich pelos cabelos e levantou-lhe a cabeça. Parecia uma enfermeira.

— Que é que aconteceu? Bebeu de mais?

Afastava, como uma cortina, os cachos louros de Ivich, pondo a nu as faces pálidas. Ivich entreabria os olhos amortecidos e deixava a cabeça indinar-se para trás. "Vai vomitar", pensou Mathieu, sem se perturbar. Lola dava puxões nos cabelos de Ivich. Abra os olhos, vamos, abra os olhos, olhe para mim. Os olhos de Ivich arregalaram-se. Brilhavam de ódio.

— Estou a olhar para si - disse com uma voz cortante. - Estou a olhar.

— Ah! - observou Lola -, não está tão bêbeda como isso.

Largou os cabelos de Ivich. Ivich levantou vivamente as mãos, arranjou os caracóis sobre o rosto, parecia modelar uma máscara, e na verdade o rosto triangular apareceu sob os dedos, mas em volta da boca e dos olhos ficou qualquer coisa de pastoso e gasto. Ficou um momento imóvel, com o ar intimidado dum sonâmbulo, enquanto a orquestra tocava um slow.

— Vamos dançar - disse Lola. Boris levantou-se e começaram a dançar.

Mathieu seguiu-os com os olhos, não tinha vontade de falar.

— Essa mulher censura-me - disse Ivich, sombria.

— Lola?

— Não, a minha vizinha. Ela censura-me.

Mathieu não respondeu. Ivich continuou.

— Queria tanto divertir-me esta noite... e afinal... Detesto ganhar champanhe!

"Deve detestar-me também porque a fiz beber!" Viu no entanto, com surpresa, que ela pegava na garrafa e enchia novamente a taça.

— Que está a fazer?

— Acho que não bebi o suficiente. Há um estado que precisamos de atingir, depois sentimo-nos bem.

Mathieu pensou que devia tê-la impedido de beber, mas não se mexeu. Ivich levou a taça aos lábios e fez novamente uma careta.

— Como é ruim! - disse pousando a taça.

Boris e Lola passaram perto da mesa. Riam.

— Como vai isso? - gritou Lola.

— Agora muito bem - disse Ivich com um sorriso amável.

Tomou de novo a taça e esvaziou-a de um trago, sem despregar os olhos de Lola. Lola devolveu-lhe o sorriso, e o par afastou-se a dançar. Ivich parecia fascinada.

— Ela aperta-se contra ele - disse com uma voz quase imperceptível. - É... é ridículo. Tem uma cara de fera.

"Está com ciúmes", pensou Mathieu, "mas de quem?" Estava semiembriagada, sorria com uma expressão maníaca, interessada em Boris e Lola, e não lhe dava a menor atenção, apenas lhe servia de pretexto para falar em voz alta. Os sorrisos, os gestos, todas as palavras que dizia, endereçava-os a ela própria através dele. "Isto devia ser-me insuportável", pensou Mathieu, "mas deixa-me completamente indiferente."

— Vamos dançar! - disse bruscamente Ivich.

Mathieu sobressaltou-se.

— Mas não gosta de dançar comigo.

— Não faz mal, estou bêbeda.

Levantou-se cambaleando, quase a cair, e segurou-se à mesa. Mathieu tomou-a nos braços e arrastou-a. Entraram num banho de vapor, a multidão fechou-se sobre eles, sombria e perfumada. Durante um segundo, Mathieu sentiu-se perdido, mas depressa ficou senhor de si, marcando o passo atrás de um negro. Estava só; logo aos primeiros acordes, Ivich levantara voo, já não a sentia.

— Como é leve!

Baixou os olhos e viu uma porção de pés! "Há quem dance pior do que eu", pensou. Segurava Ivich a certa distância e não a olhava.

— Dança corretamente - disse ela -, mas vê-se que não tem prazer nisso.

— Dançar intimida-me - disse Mathieu.

Sorriu.

— Você é que é espantosa. Há pouco, mal podia andar, e agora dança como uma profissional.

— Posso dançar completamente bêbeda - disse Ivich. - Posso dançar a noite inteira, nunca me canso.

— Gostaria de ser assim.

— Nunca o conseguirá.

— Bem sei.

Ivich olhava em volta, com nervosismo.

— Já não vejo a fera.

— Lola? À esquerda, atrás de si.

— Vamos para lá.

Deram um encontrão num casal magricela. O homem pediu desculpas, e a mulher deitou-lhe um olhar raivoso. Ivich, com a cabeça inclinada para trás, arrastava Mathieu. Nem Boris nem Lola os tinham visto chegar. Lola fechava os olhos: as pálpebras eram duas manchas azuis sobre o rosto duro. Boris sorria, perdido numa solidão angélica.

— E agora? - perguntou Mathieu.

— Fiquemos aqui: já não há espaço.

Ivich tornara-se quase pesada, nem sequer dançava, de olhos fixos no irmão e em Lola. Mathieu via-lhe apenas uma ponta da orelha entre dois caracóis. Boris e Lola aproximaram-se às voltas. Quando chegaram muito perto, Ivich beliscou o cotovelo do irmão.

— Olá, Pequeno Polegar.

Boris arregalou os olhos.

— Eh! Ivich, não fujas! Porque é que me chamas assim?

Ivich não respondeu, fez Mathieu dar meia volta, de maneira a ficar ela própria de costas para Boris. Lola abriu os olhos.

— Percebeste porque é que ela me chamou Pequeno Polegar?

— Parece-me que sim - disse Lola.

Boris murmurou ainda algumas palavras, mas o ruído dos aplausos abafou-lhe a voz. O jazz calara-se, os negros apressavam-se a pôr em ordem os instrumentos, a fim de dar lugar à orquestra argentina.

Ivich e Mathieu voltaram para a mesa.

— Divirto-me loucamente - disse Ivich.

Lola já estava sentada.

— Dança admiravelmente - disse para Ivich.

Ivich não respondeu, fixava em Lola um olhar pesado.

— Você estava magnífico - disse Boris a Mathieu -, pensei que nunca dançasse.

— Foi a sua irmã que quis.

— Forte como é, devia dedicar-se de preferência à dança acrobática.

Fez-se um silêncio difícil. Ivich emudecera, solitária e reivindicadora, e ninguém tinha vontade de falar. Um pequenino céu local formara-se por cima das suas cabeças, redondo, seco e sufocante. As lâmpadas acenderam-se de novo. Às primeiras notas do tango, Ivich dirigiu-se para Lola.

— Venha - disse com voz rouca.

— Não sei guiar - respondeu Lola.

— Eu guio.

Acrescentou maldosamente, mostrando os dentes:

— Não tenha receio, guio como um homem.

Levantaram-se. Ivich abraçou brutalmente Lola e empurrou-a para o meio da sala.

— São cómicas - disse Boris enchendo o cachimbo.

— São.

Lola, principalmente, era engraçada. Parecia uma menina.

— Olhe - disse Boris.

Tirou do bolso um enorme canivete de cabo de chifre e pousou-o sobre a mesa.

— É uma navalha espanhola - explicou - com travão de segurança.

Mathieu pegou delicadamente no canivete e tentou abri-lo.

— Assim não, cuidado, pode magoar-se. Voltou a pegar no canivete, abriu-o e colocou-o perto do copo.

— É uma arma basca - disse. - Está a ver estas manchas escuras? O tipo que ma vendeu garantiu que eram manchas de sangue.

Calaram-se. Mathieu contemplava a cabeça trágica de Lola ao longe, deslizando sobre um mar sombrio. Não sabia que era tão alta. Desviou o olhar e viu no rosto de Boris uma satisfação ingénua que o magoou. "Está contente porque está a meu lado", pensou, com remorsos, "e eu nunca tenho nada para lhe dizer".

— Olhe para aquela mulher que acaba de chegar. À direita, terceira mesa - disse Boris.

— A loura cheia de pérolas?

— São falsas. Cuidado, ela está a olhar para nós.

Mathieu olhou de esguelha para a mulher alta e bela, que tinha um ar distante.

— Que tal?

— Assim, assim...

— Conheci-a terça-feira passada, tinha-se drogado, queria a todo o instante convidar-me para dançar. Além disso, deu-me uma cigarreira. Lola estava louca, mandou o empregado levá-la daqui para fora.

Acrescentou, sombrio:

— Era de prata, incrustada de pedras.

— Ela não tira os olhos de si.

— Acredito.

— Que vai fazer?

— Nada - disse ele, com desprezo -, é uma mulher comprometida.

— E que tem isso? - indagou Mathieu, surpreendido. - Tu estás a ficar muito puritano.

— Não é isso - disse Boris rindo. - Não é isso, mas as prostitutas, as dançarinas, as cantoras, afinal são todas iguais. Ter uma é ter todas.

Pousou o cachimbo e disse gravemente:

— Aliás, sou um casto, não sou como você.

— Hum! - disse Mathieu.

— Há-de ver, há-de ver e vai ficar admirado. Viverei como um monge, quando tiver rompido com Lola.

Esfregava as mãos, satisfeito. Mathieu disse:

— Isso não acaba tão depressa.

— No dia 1º de Julho. Quer apostar?

— Não. Aposto todos os meses que vai acabar no mês seguinte e perde sempre. Já me deve cem francos, um binóculo de corrida, cinco charutos de

Havana e aquele navio dentro da garrafa que vimos na Rua de Seine. Você nunca pensou em acabar, está demasiado preso a Lola.

— É no peito que você me faz mal - explicou Boris.

— É superior às suas forças - continuou Mathieu, sem se perturbar. - Não pode tomar partido, fica desvairado.

— Cale-se - disse Boris furioso e divertido ao mesmo tempo -, pode esperar pelos charutos e pelo navio.

— Eu sei que não paga as suas dívidas de honra; é um desgraçado...

— E você um medíocre

O rosto iluminou-se-lhe.

— Não acha uma injúria formidável: "o senhor é um medíocre!?"

— Não é má, não.

— Ou então: "o senhor é um zero!"

— Não, isso não, enfraqueceria a sua posição.

Boris reconheceu-o de boa vontade.

— Tem razão - disse. - Tu és odioso, porque tem sempre razão.

Acendeu de novo o cachimbo, cuidadosamente.

— Quero confessar-lhe tudo - disse com ar confuso. - Eu queria ter uma mulher da alta-sociedade.

— Ora essa, porquê?

— Não sei. Acho que deve ser divertido, devem ter uns modos! E depois é lisonjeiro... Algumas, às vezes, trazem o nome no Vogue. Imagine! Você compra o Vogue, olha as fotografia e vê, de repente, Mme. Ia Comtesse de Rocamadour, com os seis perdigueiros, e pensa: "Dormi com esta mulher ontem à noite."

— Deve sentir-se uma certa emoção.

— Olhe, ela está a sorrir-lhe agora - disse Mathieu.

— Sim. Que lata! Pura vaidade, quer roubar-me de Lola porque não gosta dela. Vou virar as costas.

— Quem é o tipo que está com ela?

— Um amigo. Dança no Alcazar. É bonito, não acha? Olhe bem aquele focinho. Trinta e cinco anos e ares de querubim.

— Ora, você há-de ser assim aos trinta e cinco anos.

— Com trinta e cinco - disse Boris secamente -, já terei morrido há muito.

— Agradar-lhe dizer isso.

— Estou tuberculoso.

— Já sei - uma vez Boris ferira as gengivas com a escova e cuspira sangue -, já sei. E então?

— Não me incomodo com isso - disse Boris. - Mas na gostava de me tratar. Acho que não se devem ultrapassar os trinta. Depois tornamo-nos uma ficha inútil.

Olhou para Mathieu e acrescentou.

— Não digo isso de si.

— Bem sei - disse Mathieu. - Mas tem razão. Depois dos trinta, já nada se vale.

— Eu gostaria de ter dois anos a mais, e ficar nessa idade o resto da vida.

— Seria agradável.

Mathieu encarou-o com uma simpatia escandalizada. A juventude era para Boris uma qualidade perecível e gratuita de que era preciso tirar proveito cinicamente e uma virtude moral de que se devia mostrar digno. Era ainda mais: uma justificação. "Que importa", pensou Mathieu, "ele sabe ser novo." Só ele, talvez, no meio daquela gente toda, estava realmente ali, naquele dancing, naquela cadeira. No fundo, não é tão estúpido como isso viver a mocidade a fundo até aos trinta e morrer. De qualquer maneira, depois dos trinta já se está morto.

— Tem um ar muito chateado - disse Boris. Mathieu estremeceu.

Boris corara, cheio de confusão, mas olhava Mathieu com uma solicitude inquieta.

— Nota-se isso?

— E de que maneira!

— Dificuldades de dinheiro.

— Tu defende-se mal - disse Boris com severidade. - Se tivesse os seus vencimentos não precisava de pedir emprestado. Quer cem francos do barman?

— Obrigado, eu preciso é de cinco mil.

Boris assobiou com um ar entendido.

— Desculpe! O seu amigo Daniel não lhes empresta?

— Não pode.

— E o seu irmão?

— Não quer.

— Merda - disse Boris, desolado. - Se você quisesse... - acrescentou, embaraçado.

— Se eu quisesse o quê?

— Nada. Estava a pensar que é absurdo. Lola está cheia de dinheiro e não sabe o que lhe há-de fazer.

— Não quero pedir a Lola.

— Mas juro-lhe que ela não sabe o que lhe há-de fazer. Se se tratasse de uma conta no banco, comprar ações, jogar na Bolsa, talvez pudesse ter falta dele. Mas tem sete mil francos em casa há quatro meses, não tocou neles, nem sequer teve tempo de depositá-los no banco. Estão lá. No fundo de uma mala.

— Não está a perceber - disse Mathieu, irritado. - Não quero pedir nada a Lola, porque ela não me suporta.

Boris riu.

— Lá isso é verdade. Não o suporta.

— Estás a ver!

— Não deixa de ser estúpido. Você está chateado por causa de cinco mil francos, tem-nos à mão e não lhes quer pegar. E se os pedisse para mim?

— Não, não faça isso - disse Mathieu com vivacidade -, ela acabaria por saber. A sério - insistiu -, ser-me-ia desagradável que lhos pedisse.

Boris não respondeu. Pegou no canivete com dois dedos e levantou-o devagar à altura da fronte, de ponta para baixo. Mathieu sentia-se perturbado. "Sou ignóbil", pensou, "fazer de cavalheiro à custa de Marcelle". Virou-se para Boris, ia dizer-lhe: "Peça o dinheiro a Lola", mas não conseguiu articular as palavras, e o sangue subiu-lhe às faces. Boris abriu os dedos. O canivete caiu, enfiou-se no chão e o cabo pôs-se a vibrar.

Ivich e Lola voltaram aos seus lugares. Boris levantou a arma e pousou-a sobre a mesa.

— Que é isso? - perguntou Lola.

— Uma navalha espanhola - disse Boris -, para te fazer andar direita.

— És um monstro.

A orquestra iniciara outro tango, Boris olhou para Lola, sombrio.

— Vem dançar - disse, entre dentes.

— Vocês matam-me.

O rosto iluminou-se-lhe e acrescentou com um sorriso feliz:

— Tu és gentil.

Boris levantou-se, e Mathieu pensou: "Ele vai pedir o dinheiro, apesar de tudo." Estava envergonhadíssimo e covardemente aliviado. Ivich sentou-se ao lado dele.

— Ela é formidável - disse com a sua voz enrouquecida.

— Sim, é bela!

— E o corpo! Como é comovente aquele rosto devastado e o corpo amadurecido. Sentia o tempo voar e tinha a impressão de que ela ia murchar nos meus braços.

Mathieu acompanhava Boris e Lola com o olhar. Boris ainda não tocara no assunto. Parecia gracejar, e Lola sorria-lhe.

— Ela é simpática - disse Mathieu, distraidamente.

— Simpática? Ah!, não. É uma mulher horrível, uma fêmea.

Acrescentou, com orgulho:

— Eu intimidava-a.

— Bem vi - disse Mathieu.

Cruzava e descruzava as pernas, nervosamente.

— Quer dançar?

— Não - respondeu Ivich -, quero beber.

Encheu a taça por metade e explicou:

— É conveniente beber quando se dança, porque a dança não deixa ficar embriagado e o álcool sustenta.

Acrescentou, asperamente:

— É fantástico como me divirto aqui. Vou acabar bem.

"Pronto", pensou Mathieu, "ele já está a falar". Boris tomou um ar sério, falava sem olhar para Lola. Lola não dizia nada. Mathieu sentiu que corava, estava irritado com Boris. Os ombros de um negro gigantesco esconderam-lhe o rosto de Lola, que ressurgiu com um ar fechado. A música parou. A multidão dispersou, e Boris apareceu, provocante e mau. Lola seguia-o, não parecia satisfeita. Boris inclinou-se para Ivich:

— Faz-me um favor, convida-a.

Ivich levantou-se sem mostrar espanto e atirou-se ao encontro de Lola.

— Oh!, não - disse Lola -, não, querida, estou exausta. Parlamentaram um minuto e Ivich levou-a para a sala.

— Ela não quer? - indagou Mathieu.

— Não - disse Boris -, mas há-de pagar.

Estava pálido, a expressão rancorosa e acovardada dava-lhe um ar de semelhança com a irmã. Uma semelhança perturbadora e desagradável.

— Não faça asneiras - disse Mathieu.

— Ficou aborrecido comigo? - indagou Boris. - Exigiu que eu não falasse...

— Seria parvo se me zangasse. Bem sabe que o deixei pedir... Porque recusou?

— Não sei - disse Boris, erguendo os ombros. - Fez uma cara de poucos amigos e disse que precisava do dinheiro. Ora, ora - acrescentou com um furor espantado -, a primeira vez que lhe peço alguma coisa. Ela não compreende! Uma mulher da idade dela que quer um tipo como eu, tem de pagar!

— Como é que lhe pôs o problema?

— Disse que era para um amigo que quer comprar uma garagem. Disse-lhe o nome: Picard. Ela conhece-o, e é verdade que ele quer comprar uma garagem.

— Não deve ter acreditado.

— Não sei, o que sei é que vai-me pagar, e já.

— Tenha calma - advertiu Mathieu.

— Ora - disse Boris com ar hostil -, isso é comigo.

Foi inclinar-se diante da loura grande. Ela corou ligeiramente e levantou-se. No momento em que começavam a dançar, Lola e Ivich passaram perto de Mathieu. A loura era toda trejeitos, mas por baixo do sorriso estava atenta. Lola mantinha-se calma, avançava, majestosa, e os dançarinos abriam passagem para lhe demonstrar respeito. Ivich recuava com os olhos virados para o céu, inconsciente, Mathieu pegou na navalha pela lâmina e pôs-se a bater com o cabo na mesa. "Vai haver sangue", pensou. Aliás, estava-se marimbando. Pensava em Marcelle: "Marcelle minha mulher", e alguma coisa se fechou dentro dele, sussurrando. "Minha mulher, viverá na minha casa." Era natural, perfeitamente natural, como respirar, como engolir a própria saliva. Sentia-o por todos os lados. "Não te incomodes, não te irrites, descontrai-te, sê natural. Em minha casa. Hei-de vê-la todos os dias da minha vida." Pensou: "Tudo está claro, tenho uma vida."

"Uma vida." Olhava aqueles rostos avermelhados, aquelas luas ruivas que deslizavam sobre coxins de nuvens. "Todos têm vidas. Todos. Cada um a sua. Elas estendem-se através dos muros do dancing, através das ruas de Paris, pela França, entrecruzam-se, cortam-se e permanecem, tão rigorosamente pessoais quanto uma escova de dentes ou uma lâmina, como os objetos de toilette que não se emprestam. Eu sabia. Eu sabia que cada um tinha a sua vida, ignorava a existência da minha." Pensava: "Não fazendo nada, escapo. Enganava-me." Pousou a navalha na mesa, pegou na garrfa e inclinou-a por cima do copo. Estava vazia. Sobrava um pouco de champanhe na taça de Ivich, bebeu-o.

"Bocejei, li, fiz amor. E isso marcava! Cada um dos meus gestos suscitava, para além de si próprio, no futuro, uma pequena espera obstinada que amadurecia. Sou eu essas esperas, sou eu que me espero nas encruzilhadas, na grande sala da *mairie*⁶ do 14º distrito, sou eu que me espero sentado numa poltrona vermelha, espero a minha chegada, vestido de preto, com um colarinho duro, espero que eu venha a rebentar de calor e a dizer: "Sim, aceito-a como esposa."" Sacudiu violentamente a cabeça, mas a vida manteve-se firme. "Lentamente, mas com segurança, ao sabor dos meus humores, das minhas preguiças, segreguei a minha concha, agora acabou, estou enfiado lá dentro. No centro, o meu apartamento, e eu no meio, entre as poltronas de couro verde; fora, a Rua da Gaite, num sentido, só porque a desço sempre, a Avenida du Maine e Paris inteiro em volta de mim, norte na frente, sul atrás, o Panteão à direita, a Torre Eiffel à esquerda, a Porta de Clignancourt em frente de mim e no meio a Rua Vercingetorix, um burquinho forrado de cetim cor-de-rosa, o quarto de Marcelle, minha mulher, e Marcelle está lá dentro, nua, à minha espera. E em volta de Paris, a França sulcada de estradas de sentido único, e mares tingidos de azul ou de preto, o Mediterrâneo azul, o mar do Norte preto, a Mancha cor de café com leite, e depois outros países, a Alemanha, a Itália - a Espanha é branca porque não fui bater-me por ela - e as cidades redondas, a distâncias fixas do meu quarto. Tombuctu, Toronto, Kazan, Nijni-Novgorod, incríveis como marcos quilométricos. Ando. Vou-me embora, passeio, vagueio, farto-me de viagens: férias de universitário, por onde ando levo a minha concha comigo, fico em casa, no meu quarto, entre os meus livros, não me aproximo um centímetro sequer de Marráquexe ou

de Tombuctu. Mesmo se eu apanhasse o comboio, o barco, o autocarro, se fosse passar as férias a Marrocos e chegasse de repente a Marráquexe, ainda estaria no meu quarto, ainda estaria em casa. Se fosse passear nas praças, se agarrasse no ombro de um árabe para através dele tocar em Marráquexe, esse árabe estaria em Marráquexe, eu não. Eu continuaria sentado no meu quarto, tranquilo e pensativo como escolhi ser, a três mil quilómetros do marroquino e do seu turbante. No meu quarto para sempre. Para sempre o ex-amante de Marcelle e, agora, o seu marido, o professor, aquele que não aprendeu inglês, que não aderiu ao Partido Comunista, que não esteve na Espanha. Para sempre."

"A minha vida." Envolvia-o. Era uma estranha coisa sem começo nem fim e que no entanto não era infinita. Percorria-a com os olhos, de uma mairie à outra, da mairie do XVIII, onde fora examinado pelo serviço de recrutamento em Outubro de 1923, à mairie do XIV, aonde ia casar com Marcelle no mês de Agosto ou Setembro de 1938. Aquela tinha um sentido vago e hesitante como as coisas naturais, uma insipidez tenaz, um cheiro de poeira e de violetas.

"Levei uma vida desdentada", pensou. "Uma vida desdentada. Nunca mordi; esperava, guardava-me para mais tarde - e acabo de perceber que já não tenho dentes. Que fazer? Quebrar a concha? É fácil de dizer. E aliás o que me restaria? Uma pequena massa viscosa que se arrastaria na poeira deixando atrás de si uma esteira brilhante."

Ergueu os olhos e viu Lola. Tinha um sorriso mau nos lábios. Viu Ivich. Ela dançava, de cabeça inclinada para trás, perdida, sem idade, sem futuro: "Não tem concha." Dançava, estava embriagada, não pensava em Mathieu. Absolutamente nada. Como se ele nunca tivesse existido. A orquestra tocava um tango argentino que Mathieu conhecia bem, Mi caballo murió, mas olhava Ivich e parecia-lhe que ouvia aquela melodia triste e rude pela primeira vez. "Nunca será minha, nunca entrará na minha concha." Sorriu, sentia uma dor humilde e refrescante, contemplou com ternura o corpinho rancoroso e frágil em que a sua liberdade se atolara. "Minha querida Ivich, minha querida liberdade." E de repente uma consciência, uma consciência pura, pôs-se a sobrevoar o seu próprio corpo empoeirado, a sua vida, uma consciência sem eu, um pouco de ar quente apenas. Pairava lá em cima, era um olhar, contemplava o falso boémio, o pequeno-burguês preso às suas comodidades, o intelectual falhado, "não

revolucionário revoltado", o sonhador abstrato rodeado por uma vida flácida. E ela pensava: "Este tipo está fodido, bem o merece." Mas não era solidária com ninguém, girava numa bolha giratória, desvairada, sofredora, sobre o rosto de Ivich, ruidosa de música, efémera e desolada. Uma consciência vermelha, um lamento sombrio. Mi caballo murió, era capaz de tudo, de se desesperar de verdade pelos Espanhóis, de resolver qualquer coisa. Se aquilo pudesse durar... Mas não podia durar. A consciência inchava, inchava, a orquestra calou-se, ela cansou-se. Mathieu encontrou-se a sós consigo mesmo, no fundo da sua vida, seco e duro. Já nem se julgava, nem sequer se aceitava, era Mathieu, eis tudo: "Um êxtase a mais, e depois?" Boris voltou ao seu lugar, não parecia muito orgulhoso de si. Disse a Mathieu.

— Safada!

— O quê?

— A loura. É uma puta.

— Que é que ela fez?

Boris franziu as sobrancelhas e estremeceu sem responder. Ivich voltou a sentar-se perto de Mathieu. Estava só. Mathieu olhou em volta da sala e descobriu Lola junto dos músicos falando com Sarrunyan. Este parecia admirado. Depois deitou um olhar matreiro para a grande loura, que se abanava, com negligência. Lola sorriu-lhe e atravessou a sala. Quando se sentou, tinha um ar estranho. Boris olhou para o sapato direito, com afetação, e fez-se um silêncio pesado.

— É demais - gritou a loura -, não têm o direito, não me vou embora.

Mathieu sobressaltou-se, e todos olharam. Sarrunyan inclinara-se obsequiosamente para a loura, como um ma"tre d'hotel que espera ordens. Falava-lhe em voz baixa, com um ar calmo e decidido. A loura levantou-se de repente.

— Vem - disse para o companheiro.

Mexeu dentro da carteira. Os cantos da boca tremiam-lhe.

— Não - disse Sarrunyan -, é convite da casa.

A loura amarrotou uma nota de cem francos e atirou-a para a mesa. O companheiro dela levantara-se, olhava a nota com um ar de censura. Depois, a loura deu-lhe o braço e saíram os dois, de cabeça erguida, dando às ancas do mesmo modo.

Sarrunyan aproximou-se de Lola, assobiando baixinho.

— Nunca mais virá - disse com um sorriso divertido.

— Obrigada - respondeu Lola -, não pensei que fosse tão fácil.

Ele afastou-se. A orquestra argentina deixava a sala, os negros voltavam com os seus instrumentos. Boris fixou em Lola um olhar de raiva e admiração, depois virou-se bruscamente para Ivich.

— Vem dançar.

Lola contemplou-os calmamente, enquanto se levantavam. Mas quando se afastaram, o rosto dela sulcou-se de repente.

Mathieu sorriu-lhe.

— Você faz o que quer nesta boate - disse.

— Precisam de mim - respondeu Lola, com indiferença. - Esta gente vem aqui por minha causa.

Os olhos continuavam-lhe inquietos, e ela tamborilava nervosamente na mesa. Mathieu não sabia que lhe havia de dizer. Felizmente ela levantou-se instantes depois.

— Desculpe.

Mathieu viu-a dar a volta à sala e desaparecer. Pensou: "Está na hora da droga." Ele estava só. Ivich e Boris dançavam, puros como uma melodia, apenas um pouco menos impiedosos. Virou a cabeça e ficou a olhar para os pés. Passou algum tempo. Não pensava em nada. Uma espécie de queixa rouca o fez estremecer. Lola voltara, tinha os olhos cerrados, sorria. "Já tem a sua conta", pensou. Ela abriu os olhos, sem deixar de sorrir.

— Sabia que Boris precisava de cinco mil francos?

— Não - disse ele. - Não sabia. Precisava de cinco mil francos?

Lola continuava a olhá-lo, vacilante. Mathieu via duas grandes íris verdes com pupilas minúsculas.

— Acabo de recusar - disse Lola. - Ele diz que é para Picard. Pensei que fosse para si.

Mathieu pôs-se a rir.

— Ele sabe que nunca tenho um tostão.

— Então não estava ao corrente - perguntou Lola, incrédula.

— Não.

— Que estranho!

Dava a impressão de que ela ia soçobrar, casco para o ar como um velho navio, ou então que a boca se ia rasgar e largar um grito enorme.

— Esteve em casa à tarde? - perguntou ela.

— Sim, lá pelas três horas.

— E não lhe disse nada?

— Não vejo nada de extraordinário nisso. Deve ter encontrado Picard mais tarde.

— Foi o que me disse.

— Então?

Lola encolheu os ombros.

— Picard trabalha durante o dia todo em Argenteuil.

Mathieu disse com indiferença:

— Picard precisava de dinheiro, deve ter passado pelo hotel de Boris. Não o encontrou e depois deve tê-lo visto no Bulevar Saint-Michel, por acaso.

Lola encarou-o ironicamente.

— Pensa que Picard iria pedir cinco mil francos a Boris, que tem apenas trezentos francos por mês de mesada?

— Então, não sei - disse Mathieu, exasperado.

Tinha vontade de dizer: "O dinheiro era para mim." Assim teria acabado imediatamente com aquilo. Mas não era possível por causa de Boris. "Ela ficaria zangada com ele e ele transformar-se-ia em meu cúmplice." Lola tamborilava na mesa com as unhas escarlates, os cantos dos lábios levantaram-se-lhe bruscamente, tremiam e voltavam a cair. Olhava Mathieu com uma insistência inquieta, mas por baixo daquela cólera, Mathieu adivinhava uma grande perturbação. Tinha vontade de rir.

Lola desviou o olhar e perguntou:

— Não seria uma prova?

— Uma prova? - repetiu Mathieu, admirado.

— Sim, uma prova.

— Que ideia!

— Ivich passa a vida a dizer-lhe que eu sou sovina.

— Quem é que lhe disse isso?

— Admira-se de que o saiba? - perguntou Lola, triunfante. - É um tipo leal. Não pensem que podem falar mal de mim diante dele sem que me conte. Aliás eu já o sinto só pela maneira de me olhar. Ou então faz-me perguntas com ar de quem não sabe o que quer. Mas eu sei aonde ele quer chegar. De longe. Não sabe resistir, quer ficar com a consciência limpa.

— E então?

— Quis ver se eu era agarrada. Inventou essa história de Picard. A não ser que alguém lhe tenha soprado a ideia.

— Mas quem haveria de soprar?

— Não sei. Não falta quem pense que já estou velha e que ele é um rapaz.

— Basta ver a cara das idiotas que andam por aqui quando estamos juntos.

— Acredita que se preocupa com elas?

— Não. Mas há também quem acredite fazer-lhe um benefício enchendo-lhe a cabeça.

— Ouça - disse Mathieu -, não vale a pena fazer cerimónia; se é para mim que diz isso, está enganada.

— Ah! - disse Lola, com frieza. - E possível. Fez-se silêncio e depois perguntou repentinamente:

— Como explica que haja sempre cenas quando vem aqui?

— Não sei. Não tenho culpa. Hoje eu nem queria vir... Imagino que gosta de nós de maneira diferente e que fica irritado quando nos encontra ao mesmo tempo a um e outro.

Lola olhava diante de si com uma expressão sombria e tensa. Finalmente disse:

— Ouça bem. - Não quero que me roubem. Tenho a certeza de que não lhe faço mal. Quando se cansar de mim, poderá largar-me, e isso acontecerá por certo bem mais cedo do que espero. Mas não quero que me roubem.

"Desabafa", pensou Mathieu. "É sem dúvida da droga." Mas a outra coisa. Lola detestava Mathieu e no entanto aquilo que lhe dizia agora nunca o tinha dito a ninguém. Entre ambos, apesar do ódio, havia uma espécie de solidariedade.

— Não pretendo roubá-lo - disse ele.

— Pensava - disse Lola com um ar firme.

— Pois bem, não pense nisso. As suas relações com Boris não me interessam. Se me interessassem, achava tudo muito certo.

— Eu pensava: ele acha-se com responsabilidade porque é professor.

Calou-se, e Mathieu compreendeu que não a convencia. Ela parecia escolher as palavras.

— Eu sei... sei que sou uma mulher velha... - continuou, pensativamente - não é preciso que me digam... Mas é por isso que posso ajudá-lo. Há coisas que lhe posso ensinar - acrescentou num desafio. - E depois, quem lhe diz que sou velha de mais para ele? Ele gosta de mim tal como sou, é feliz comigo quando não lhe metem coisas na cabeça.

Mathieu calava-se. Lola exclamou, com uma violência inquieta:

— Devia saber que ele gosta de mim! Deve ter-lhe dito, ele diz-lhe tudo.

— Acho que ele gosta de si.

Lola voltou para ele os olhos pesados.

— Já passei por tudo e não tenho ilusões, mas o que lhe digo é que esse rapaz é a minha última oportunidade. Depois disso, faça o que entender.

Mathieu não respondeu logo. Olhava Boris e Ivich, que dançavam, e tinha vontade de dizer a Lola: "Não nos vamos zangar; bem vê que somos iguais." Mas aquela semelhança desgostava-o ligeiramente. Viu no amor de Lola, apesar da violência e da pureza, algo viscoso e voraz. Entretanto, murmurou:

— Diz-me isso a mim... Mas sei-o tão bem como você...

— Porquê tão bem como eu?

— Somos iguais.

— Que quer dizer com isso?

— Olhe para nós e olhe para eles.

Lola teve um gesto de desprezo.

— Nós não somos iguais - disse.

Mathieu encolheu os ombros, e calaram-se sem se reconciliar. Olhavam ambos Boris e Ivich. Boris e Ivich dançavam, eram cruéis sem o perceber. Talvez o percebessem vagamente. Mathieu estava sentado ao lado de Lola. Não dançavam, porque aquilo já não era para a sua idade. "Devem pensar que somos amantes", pensou. Ouviu Lola murmurar para si própria: "Se ao menos tivesse a certeza de que é para Picard."

Boris e Ivich voltaram. Lola levantou-se com dificuldade.

Mathieu pensou que ela ia cair, mas apoiou-se à mesa e respirou fundo.

— Vem - disse a Boris -, quero falar contigo. Boris pareceu não se sentir à vontade.

— Não podes falar aqui?

— Não.

— Bom, espera que a orquestra toque. Dançaremos.

— Não - disse Lola -, estou cansada. Venha ao meu camarim.

— Desculpe, Ivich.

— Estou bêbeda - disse Ivich, amavelmente.

— Voltamos já. Aliás, já estou quase na hora de cantar.

Lola afastou-se, e Boris acompanhou-a de mau humor. Ivich deixou-se cair na cadeira.

— É verdade que estou bêbeda - disse. - Veio-me de repente, ao dançar.

Mathieu não respondeu.

— Porque se vão embora?

— Vão conversar. Lola tomou a droga. Depois da primeira pitada é uma ideia fixa tomar outra. Penso que gostaria de tomar drogas.

— Naturalmente!

— Que é que tem? - disse Ivich, indignada. - Se tiver de ficar em Laon a vida inteira, será uma distração.

Mathieu calou-se.

— Já percebi - disse ela. - Tu estás zangado porque estou bêbeda.

— Não estou zangado.

— Está. Está a censurar-me.

— Não, já disse, aliás você não está tão embriagada assim!

— Estou for-mi-da-vel-men-te bêbeda - disse Ivich com satisfação.

As pessoas começavam a sair. Deviam ser duas horas. No seu camarim, uma sala gordurosa e forrada a veludo vermelho, Lola ameaçava e implorava: "Boris, Boris, pões-me doida." E Boris baixava a cabeça, receoso e obstinado. Um vestido preto comprido, dando voltas entre as paredes vermelhas, o brilho negro do vestido no espelho e dois lindos braços brancos retorcendo-se de desespero. Em seguida, Lola passaria para trás do biombo e aí, com abandono, com a cabeça inclinada como para sustentar uma hemorragia nasal, respiraria duas pitadas de pó branco. A testa de Mathieu suave, mas ele não se atrevia a enxugá-la, tinha vergonha de transpirar diante de Ivich. Ela tinha dançado sem parar, ficara pálida,

porém não transpirava. Dissera de manhã: "Tenho horror às mãos húmidas." Já não sabia que fazer das mãos. Sentia-se fraco e desanimado, não tinha nenhum desejo, não pensava em nada. De vez em quando dizia com os seus botões que o Sol se ia levantar dentro em pouco e que teria de recomeçar as suas diligências, telefonar a Marcelle, a Sarah, viver do princípio ao fim um novo dia, e isso afigurava-se-lhe incrível. Gostaria de permanecer indefinidamente à mesa, sob aquelas luzes artificiais, de Ivich.

— Divirto-me muito - disse ela, com uma voz de bêbeda.

Mathieu olhou-a. Estava naquele estado de exaltação que um incidente qualquer pode transformar em furor.

— Que me importam os exames - disse Ivich. - Se levar bomba, ficarei satisfeita. Hoje de noite enterro a minha vida de solteira.

Sorriu e afirmou com êxtase:

— Brilha como um pequeno diamante.

— O quê?

— Este momento. É redondinho, está suspenso no vácuo como um diamante. Eu sou eterna.

Pegou no canivete de Boris pelo cabo, apoiou a lâmina contra o bordo da mesa e divertia-se fazendo-a curvar-se.

— Que é que essa quer? - disse de repente.

— Quem?

— Essa mulher de preto, ao meu lado. Desde que chegou que não pára de me censurar.

Mathieu voltou a cabeça. A mulher de preto olhava Ivich pelo canto do olho.

— Então - disse Ivich -, não é verdade?

— Acho que sim.

Percebeu a ruga rancorosa no rosto de Ivich, os olhos maus e vagos e pensou: "Não devia ter falado." A mulher de preto compreendeu que falavam dela; tomou um ar majestoso, o marido tinha acordado e olhava Ivich, de olhos esbugalhados. "Que chatice", pensou Mathieu. Sentia-se preguiçoso e covarde, teria dado tudo para não ter havido histórias.

— Essa mulher despreza-me, porque é decente - murmurou Ivich dirigindo-se ao canivete. - Eu não sou decente, estou bêbeda, estou a divertir-me, vou levar bomba. Odeio a decência - gritou repente.

— Cale-se, Ivich, peço-lhe.

Ivich olhou-o com uma expressão cortante.

— Está a falar comigo, creio. É verdade, tu também és decente. Não tenha medo. Quando eu ficar dez anos em Laon, com a minha mãe e o meu pai, serei ainda mais decente do que você.

Estava encostada à cadeira, apoiava obstinadamente a lâmina contra a mesa e forçava-a a curvar-se. Parecia louca. Fez-se um silêncio pesado e em seguida a mulher de preto voltou-se para o marido.

— Não compreendo como é possível portar-se como essa mulher - disse.

O marido olhou, receoso, para os ombros de Mathieu.

— Hum?

— Não é culpa dela - continuou a mulher -, culpados são os que a trazem aqui.

"Pronto", pensou Mathieu, "o escândalo". Ivich ouvira com certeza, mas não disse nada. Estava quieta. Quieta demais. Parecia espiar qualquer coisa, ergueu a cabeça, com um ar estranho, maníaco e contente ao mesmo tempo.

— Que foi que houve? - perguntou Mathieu, inquieto.

Ivich tornara-se pálida.

— Nada. Eu... mais uma indecência para divertir a senhora. Quero ver como suporta o sangue.

A vizinha de Ivich deu um gritinho e pôs-se a pestanejar.

Mathieu olhou precipitadamente as mãos de Ivich. Segurava o canivete com a mão direita e rasgava a palma esquerda aplicadamente. A carne abrira-se desde o polegar até o mindinho e o sangue gotejava devagar.

— Ivich - gritou Mathieu -, as suas mãos!

Ivich troçava com um ar vago.

— Acha que ela vai desmaiar?

Mathieu estendeu a mão por cima da mesa, e Ivich deixou-o pegar no canivete, sem opor resistência. Mathieu estava desvairado, contemplava os dedos magros de Ivich, que se enchiam de sangue, e pensava na dor que ela sentia.

— Tu és louca! Vamos ao toilette fazer um curativo.

— Um curativo? - Ivich riu, maldosamente. - Está a compreender o alcance do que me está a dizer?

Mathieu levantou-se.

— Venha, Ivich, peço-lhe, venha depressa.

— É uma sensação muito agradável - disse Ivich, sem se levantar. - Parece um pedaço de manteiga.

Erguera a mão à altura do nariz e examinava-a com expressão crítica. O sangue escorria, dir-se-ia o vaivém de um formigueiro.

— O meu sangue. Gosto de ver o meu sangue.

— Basta - disse Mathieu.

Agarrou Ivich pelos ombros, mas ela desenhenciou-se violentamente, e uma pesada gota de sangue caiu sobre a toalha. Ivich olhava para Mathieu com os olhos a brilharem de ódio.

— Atrave-se a tocar em mim?

Acrescentou, com um riso insultuoso:

— Devia ter imaginado que você acharia isto excessivo. Escandaliza-se com o fato de que se possa brincar com o próprio sangue.

Mathieu sentiu que empalidecia de raiva. Sentou-se de novo, estendeu a mão sobre a mesa e disse docemente:

— Excessivo? Não, Ivich, acho isso encantador. Um jogo para meninas nobres, imagino.

Enfiou o canivete de um golpe na palma da mão e não sentiu quase nada. Quando o largou, o canivete ficou enterrado na carne, de pé, com o cabo para o ar.

— Ah!, ah! - exclamou Ivich, compungida -, tire, tire!

— Está a ver? - disse Mathieu, cerrando os dentes. - Qualquer pessoa pode fazê-lo.

Sentia-se terno e maciço e tinha medo de desmaiar. Mas havia nele uma satisfação obstinada e uma má vontade deliciosa. Não era apenas para enfrentar Ivich que tinha feito o golpe, era igualmente um desafio a Brunet, a Daniel, à vida. "Sou um imbecil", pensou, "Brunet tem razão em achar que sou uma criança velha." Não podia deixar de se sentir satisfeito. Ivich olhava a mão de Mathieu, o sangue que escorria em volta da lâmina. Depois fixou Mathieu, tinha o rosto completamente mudado. Disse docemente:

— Porque fez isso?

— E você? - perguntou Mathieu, secamente.

À esquerda ouvia-se um tumulto ameaçador. Era a opinião pública. Mathieu não lhe dava ouvidos. Olhava Ivich.

— Oh! - disse ela -, lamento... tanto.

O tumulto ampliou-se, e o empregado acorreu:

— Minha senhora, deseja alguma coisa?

A mulher de preto apertava o lenço sobre os lábios. Apontou Mathieu e Ivich, sem dizer nada. Mathieu arrancou rapidamente o canivete do ferimento e doeu-lhe muito.

— Ferimo-nos com este canivete.

O empregado não se impressionou, tinha visto coisas piores.

— Se quiserem ir ao toilette - propôs -, há lá tudo quanto é necessário.

Desta vez, Ivich levantou-se docilmente. Atravessaram a sala atrás do empregado, com as mãos feridas levantadas. Era tão cómico que Mathieu deu uma gargalhada. Ivich contemplou-o, inquieta, e depois riu também. Riu tão fortemente que a mão lhe tremeu. Duas gotas de sangue caíram no chão.

— Como isto me diverte! - disse Ivich.

— Meu Deus - exclamou a mulher do toilette -, como foi que fez isso? E o senhor?

— Estávamos a brincar com uma faca.

— Aí está - observou a mulher. - Um acidente acontece tão depressa.

— Era uma faca da casa?

— Não.

— Ah! estava a estranhar. É profundo o corte - disse, examinado o ferimento de Ivich. - Não se inquiete, vou tratar de tudo.

Abriu um armário, e metade do corpo desapareceu-lhe dentro dele. Mathieu e Ivich sorriam. A embriaguez de Ivich parecia ter passado.

— Nunca imaginei que fosse fazer isso - disse Mathieu.

— Bem vê que nem tudo está perdido...

— Dói, agora.

— A minha mão também.

Sentia-se feliz. Leu: "Senhoras", depois "Homens", em letras douradas sobre as portas esmaltadas de cinzento-creme. Olhou o chão de ladrilhos brancos, respirou um cheiro de desinfetante, e o coração dilatou-se-lhe.

— Não deve ser muito desagradável esta profissão - disse, alegre.

— Não mesmo - respondeu Ivich, encantada!

Ela contemplava-o com uma expressão de ternura e selvajaria, hesitou um instante, depois juntou a palma da mão esquerda à palma ferida de Mathieu. Ouviu-se um ruído molhado.

— A mistura dos sangues - explicou. Mathieu apertou-lhe a mão sem falar e sentiu uma dor forte, tinha a impressão de que uma boca se abria na sua mão.

— Faz-me doer - gemeu Ivich.

— Bem sei.

A mulher do toilette saíra do armário, ligeiramente congestionada. Abriu uma lata.

— Aqui está tudo - disse ela.

Mathieu viu um frasco de tintura de iodo, agulhas, tesouras, gazes.

— Está bem equipada - disse ele.

Ela meneou a cabeça, gravemente.

— Há dias em que não é brincadeira. Anteontem, uma senhora atirou um copo à cara de um dos nossos clientes. Ele sangrava, tive medo por causa dos olhos, tirei-lhe um pedaço de vidro da sobancelha.

— O diabo - disse Mathieu.

A mulher movimentava-se em volta de Ivich.

— Um pouco de paciência, vai arder, é tintura de iodo. Pronto!

— Vai dizer-me que sou indiscreta. Mas queria saber em que pensava quando eu estava a dançar com Lola - disse Ivich a Mathieu.

— Há pouco?

— Sim, quando Boris convidou a loura. Tu estava sozinho.

— Parece-me que pensava em mim.

— Eu olhava-o, você estava... quase bonito. Se pudesse conservar sempre essa expressão!

— Não se pode pensar sempre em si próprio!

Ivich riu.

— Eu creio que penso sempre em mim.

— Dê-me a sua mão - disse a mulher do toilette para Mathieu. - Cuidado, vai arder. Pronto!

Mathieu sentiu o ardor, mas não prestou atenção, olhava Ivich, que se penteava desajeitadamente diante do espelho, segurando os caracóis com a mão ferida. Acabou atirando os cabelos para trás, e o largo rosto apareceu inteiramente nu. Mathieu sentiu um desejo áspero e desesperado.

— Tu és linda - disse.

— Não - atalhou Ivich rindo -, sou horrivelmente feia. É o meu rosto secreto.

— Acho que gosto ainda mais dele do que do outro.

— Amanhã vou pentear-me assim.

Mathieu não achou nada para dizer. Inclinou a cabeça e calou-se.

— Pronto - disse a mulher do toilette.

Mathieu reparou que ela tinha um buço cinzento.

— Obrigado, a senhora é hábil como uma enfermeira.

A mulher corou de prazer.

— Oh! - disse -, é natural. No nosso ofício há muito trabalho delicado.

Mathieu pôs dez francos no pires e saíram ambos. Olhavam contentes para as mãos enfaixadas. O dancing estava quase vazio. Lola, de pé no meio do palco, ia cantar. Boris esperava-os à mesa. A mulher de preto e o marido tinham desaparecido. Na mesa estavam duas taças de champanhe meio vazias e uma dúzia de cigarros num maço aberto.

— Que derrota - disse Mathieu.

— Sim - respondeu Ivich -, vinguei-me.

— Vocês magoaram-se?

— Foi o estupor do canivete - respondeu Ivich.

— Parece que corta bem - observou Boris, fixando um olhar de amador nas mãos deles.

— E Lola? - perguntou Mathieu.

Boris tornou-se sombrio.

— Vai mal. Fiz uma asneira.

— O quê?

— Disse que Picard fora a minha casa e que eu o tinha recebido no meu quarto. Parece que lhe tinha dito outra coisa antes, sei lá.

— Tinha-lhe dito que o encontrara no Bulevar Saint-Michel.

— Ai! - disse Boris.

— Está zangada?

— Olhe para ela!

Mathieu olhou. Tinha um rosto irritado e triste.

— Desculpe - disse Mathieu.

— Não tem de quê. A culpa foi minha. E depois isto passa, já estou habituado.

Calaram-se. Ivich contemplava com ternura a mão enfaixada. O sono, a frescura, a alvorada cinzenta tinham invadido a sala, imperceptivelmente; o dancing cheirava a madrugada. "Um pequeno diamante", pensava Mathieu, "ela disse: "Um pequeno diamante."" Estava feliz, não pensava em nada, tinha a impressão de estar sentado lá fora, num banco. Fora do dancing, fora da vida. Sorriu. "Ela disse também: "Sou eterna..."

Lola começou a cantar.

XII

"No Dome às dez horas." Mathieu acordou. O montículo de gaze branca em cima da cama era a sua mão esquerda. Doía-lhe, mas o resto do corpo estava bem-disposto. "No Dome às dez." Ela dissera ainda: "Estarei lá antes de si, não conseguirei dormir." Eram nove horas. Saltou da cama. "Vai mudar de penteado", pensou.

Empurrou as persianas. A rua estava deserta; o céu, baixo e cinzento, e o calor era menor do que na véspera. Uma verdadeira manhã. Abriu a torneira do lavatório e mergulhou a cabeça na água. "Eu também me levanto cedo." A vida caíra-lhe aos pés, parecia uma colcha pesada que o envolvia ainda, embaraçava-lhe os tornozelos, mas saltar-lhe-ia por cima, e deixá-la-ia atrás de si na pele inútil. A cama, a secretária, a lâmpada, a poltrona verde... já não eram seus cúmplices, porém objetos anónimos de ferro e madeira, utensílios: passara a noite num quarto de hotel. Enfiou a roupa e desceu a escada a assobiar.

— Há uma carta para o senhor - disse a porteira.

Marcelle! Mathieu sentiu um gosto amargo na boca. Esquecera-se de Marcelle. A porteira entregou-lhe um sobrescrito amarelo. Era de Daniel.

"Meu caro Mathieu", escrevia Daniel, "falei com conhecidos meus, mas não pude mesmo juntar a importância de que necessitas. Acredita que lamento muito. Queres passar por minha casa ao meio-dia? Desejaria conversar sobre. Daniel".

"Bom", pensou Mathieu, "vou vê-lo. Ele não quer largar o dinheiro, mas deve ter encontrado uma solução. A vida parecia-lhe fácil, era preciso que fosse fácil! Sarah faria com que o médico esperasse alguns dias. Se fosse necessário, mandaria o dinheiro para a América."

Ivich estava lá, num canto sombrio. Viu logo a mão enfaixada.

— Ivich! - disse com ternura.

Ela ergueu os olhos para ele, tinha o mesmo rosto mentiroso e triangular de sempre, a sua maldosa pureza, e os caracóis escondiam-lhe metade das faces. Não mudara de penteado.

— Conseguiu dormir um pouco? - perguntou Mathieu tristemente.

— Nada.

Sentou-se. Ela percebeu que ele olhava para as mãos enfaixadas. Retirou lentamente a dela e escondeu-a debaixo da mesa. O empregado aproximou-se. Conhecia Mathieu.

— Como vai, Sr. Mathieu?

— Bem. Dê-me um chá e duas maçãs.

Houve um silêncio de que Mathieu se aproveitou para enterrar as recordações noturnas. Quando sentiu que o coração estava vazio, levantou a cabeça.

— Não parece muito alegre. É o exame?

Ivich respondeu apenas com um gesto de desprezo, e Mathieu não disse mais nada. Olhou as mesas vazias. Uma mulher lavava o chão, de joelhos. O Dome acordava, era manhã. Quinze horas ainda até à hora de dormir! Ivich pôs-se a falar em voz baixa, com um ar atormentado.

— É às duas horas. São nove agora. Sinto as horas caírem sobre mim. Recomeçara a puxar os caracóis como uma maníaca, era insuportável.

Disse:

— Acha que me aceitariam numa loja como caixeira?

— Nem pense nisso, Ivich, é exaustivo.

— E manequim?

— É pouco alta, mas poder-se-á experimentar...

— Hei-de fazer qualquer coisa para não ficar em Laon. Vou lavar pratos.

Acrescentou com uma expressão preocupada e envelhecida:

— Em casos como este, não se põe um anúncio nos jornais?

— Ouça, Ivich, teremos muito tempo para pensar nisso. E depois, ainda não levou bomba.

Ivich encolheu os ombros, e Mathieu continuou com vivacidade:

— Mesmo que levasse não estaria ainda perdida. Por exemplo: poderia ir passar dois meses a casa, entretanto eu procuraria; com certeza que havia de encontrar qualquer coisa.

Falava com uma expressão de convicção serena e bem humorada, mas não tinha a menor esperança. Sabia que se por acaso descobrisse um emprego ela se despediria ao fim de uma semana.

— Dois meses em Laon - disse Ivich com raiva. - Vê-se que fala sem saber. É... insuportável.

— De qualquer maneira, teria lá ido passar as suas férias.

— Sim, mas como me vão receber agora?

Calou-se. Ele contemplou-a sem falar. Tinha a tez amarelada da manhã, de todas as manhãs. A noite parecia ter deslizado sobre ela. "Nada influi nela", pensou.

Não pôde deixar de observar:

— Não levantou os cabelos?

— Bem vê que não - respondeu Ivich, secamente.

— Prometeu-me ontem - atalhou ele, ligeiramente irritado.

— Estava bêbeda.

Repetiu energicamente como se desejasse intimidá-lo:

— Estava completamente embriagada.

— Não parecia tão embriagada assim, quando o prometeu.

— Ora - disse ela impaciente -, que tem isso? Vocês são impossíveis com as promessas.

Mathieu não respondeu. Tinha a impressão de que a todo o instante lhe faziam perguntas exigindo respostas imediatas. "Como arranjar cinco mil francos antes da noite? Como fazer para trazer Ivich a Paris no ano próximo? Que atitude tomar para com Marcelle?" Não tinha tempo de voltar às interrogações que desde a véspera lhe enchiam o pensamento: "Quem sou? Que fiz da minha vida?" Como voltasse a cabeça para afastar de si essa nova preocupação, viu ao longe a silhueta hesitante de Boris, que parecia procurá-lo do lado de fora.

— Boris! - disse, contrariado.

Perguntou, tomado de repentina e desagradável suspeita:

— Disse-lhe que viesse?

— Não - respondeu Ivich, estupefata. - Devia encontrá-lo ao meio-dia porque... porque passou a noite com Lola. E olhe o ar que tem!

Boris vira-os. Vinha em direção a eles. Tinha os olhos muito abertos e fixos, estava lívido. Sorria.

— Olá! - disse Mathieu.

Boris levantou dois dedos à altura da testa para fazer o gesto habitual de saudação, porém não pôde ir até ao fim. Apoiou as mãos sobre a mesa e pôs-se a balançar sem dizer nada. Sorria sempre.

— Que é que tens? - perguntou Ivich. - Pareces Frankenstein.

— Lola morreu - disse Boris.

Olhava para a frente fixamente com uma expressão estúpida. Mathieu ficou alguns instantes sem compreender, e de repente sentiu-se invadido por um espanto escandalizado.

— O quê?

Encarou Boris. Nem se podia pensar em interrogá-lo imediatamente. Agarrou-o pelo braço e forçou-o a sentar-se ao lado de Ivich.

Repetiu, maquinalmente:

— Lola morreu!

Ivich voltou-se para o irmão, de olhos esbugalhados. Recuara um pouco como se tivesse medo de lhe tocar.

— Suicidou-se? - perguntou.

Boris não respondeu, mas as mãos dele começaram a tremer.

— Responda! - repetiu Ivich, nervosa. - Ela suicidou-se? Suicidou-se?

O sorriso de Boris abriu-se, de um modo inquietante. Os lábios dançavam-lhe. Ivich encarava-o fixamente, puxando os caracóis.

"Ela não está a ver bem", pensou Mathieu, com irritação.

— Deixe - disse -, contará mais tarde. Não fale agora.

Boris começou a rir:

— Se vocês... se vocês...

Mathieu deu-lhe uma bofetada seca e silenciosa com a ponta dos dedos. Boris parou de rir, olhou-o resmungando, de boca aberta, com ar estúpido. Calavam-se os três, e a morte estava entre eles, anónima e sagrada. Não era um acontecimento, era uma atmosfera, uma substância pastosa através da qual Mathieu via a chávena de chá, a mesa de mármore e o rosto nobre e maldoso de Ivich.

— E para o senhor? - perguntou o empregado.

Aproximara-se e contemplava Boris com ironia.

— Depressa, um conhaque - disse Mathieu com naturalidade. - O rapaz está com muita pressa.

— O empregado afastou-se e voltou com uma garrafa e um cálice.

Mathieu sentia-se mole e vazio. Só então começava a perceber os efeitos da noitada.

— Beba - disse para Boris.

Boris bebeu docilmente. Ergueu o cálice e murmurou como para si mesmo:

— Não é nada divertido!

— Querido! - disse Ivich aproximando-se dele. - Querido!

Sorriu-lhe com ternura, segurou-o pelos cabelos e sacudiu-lhe a cabeça.

— Oh!, tu estás aí, as tuas mãos estão quentes - suspirou Boris, aliviado.

— Agora conta - disse Ivich. - Tens a certeza de que ela morreu?

— Tomou a droga esta noite - explicou Boris, com dificuldade. - As coisas não iam bem entre nós.

— Então ela envenenou-se?

— Não sei.

Mathieu olhava para Ivich com espanto. Ela acariciava ternamente a mão do irmão, mas o lábio superior arreganhava-se-lhe de modo estranho sobre os dentes pequenos... Boris tornou a falar com voz surda. Não parecia dirigir-se a eles.

— Subimos para o quarto e ela tomou a droga. Já tomara antes, no camarim, durante a discussão.

— Essa já devia ser a segunda vez - observou Mathieu.

— Parece-me que ela tomou cocaína quando tu estavas a dançar com Ivich.

— Então - disse Boris com lassidão - foram três vezes. Nunca tomava tanto. Deitámo-nos sem falar. Ela saltava na cama, e eu não podia dormir. De repente, ficou quieta e eu adormeci.

Esvaziou o copo e continuou:

— Acordei cedo porque abafava. Era o braço dela. Estava estendido na cama por cima de mim. Eu disse-lhe: "Tira o braço, sufocas-me." Ela não o tirava. Pensei que fosse para fazer as pazes e peguei-lhe no braço. Estava gelado. Perguntei: "Que é que tens?" Não respondeu. Então empurrei o braço com toda a força e ela quase caiu no chão. Saltei da cama, agarrei-lhe o pulso e puxei-a para a endireitar. Os olhos estavam abertos. Vi-lhe os olhos - murmurou com uma espécie de raiva -, nunca mais os esquecerei.

— Pobre querido - disse Ivich.

Mathieu esforçava-se por ter pena de Boris, mas não conseguia. Boris desconcertava-o ainda mais do que Ivich. Parecia que odiava Lola por ter morrido.

— Agarrei nas minhas coisas, vesti-me - continuou Boris, com voz monótona. - Não queria que me encontrassem no quarto dela. Ninguém me viu sair, não havia ninguém na porta. Apanhei um táxi e vim.

— Estás triste? - perguntou Ivich docemente. Inclinar-se sobre ele, porém sem demasiada compaixão. Parecia pedir uma informação. Disse: - Olha para mim! Estás triste?

— Eu... - olhou-a e disse bruscamente: - Isto horroriza-me.

Chamou o empregado.

— Outro conhaque.

— Tão urgente como o primeiro? - perguntou o empregado a sorrir.

— Vá, sirva depressa - observou Mathieu, secamente.

Boris enojava-o vagamente. Já nada lhe restava daquela graça e rígida. O seu novo rosto assemelhava-se demasiado ao de Ivich. Mathieu pôs-se a pensar no corpo de Lola, estendido numa cama de um hotel. Uns homens de chapéu de coco iam entrar no quarto. Contemplariam o corpo suntuoso com um misto de concupiscência e de interesse profissional, dobrariam as cobertas, levantariam a camisola para verificar se havia ferimentos, pensando que por vezes a profissão tinha as suas vantagens. Teve um arrepio.

— Mora sozinha? - perguntou.

— Sim, acho que a vão descobrir ao meio-dia - disse Boris com um ar preocupado. - A criada costuma acordá-la a essa hora.

— Daqui a duas horas - observou Ivich.

Tinha retomado os ares de irmã mais velha. Acariciava os cabelos do irmão com uma expressão de piedade e triunfo. Boris deixava-se acariciar. Bruscamente gritou:

— Com os diabos!

Ivich sobressaltou-se. Boris falava normalmente em calão, mas não tinha o hábito de praguejar.

— Que é que aconteceu? - perguntou inquieta.

— As minhas cartas! Que estúpido, deixei-as em casa dela.

Mathieu não compreendia.

— Cartas que lhe escreveu?

— Sim.

— E que tem isso?

— O médico! O médico vai saber que morreu intoxicada!

— Você falava de drogas nas cartas?

— Falava - respondeu Boris, abatido.

Mathieu tinha a impressão de que ele representava.

— Também tomava cocaína? - perguntou.

Estava ligeiramente ressentido, porque Boris nunca lhe tinha dito.

— Eu... uma vez ou duas por curiosidade. Mas falo de um tipo da Boule-Blanche, a quem comprei uma vez para Lola. Não desejava que ele fosse preso por minha causa.

— Boris! Você é louco! - disse Ivich. - Como pudeste escrever essas coisas?

Boris levantou a cabeça.

— Estão a ver o sarilho!

— Talvez não as encontrem - disse Mathieu.

— É a primeira coisa que encontrarão. Na melhor das hipóteses serei chamado como testemunha.

— Oh!, o pai! - atalhou Ivich. - Vai ficar danado!

— É capaz de me chamar para Laon e de me enfiar num banco.

— Fazes-me companhia - disse Ivich com uma voz sinistra.

Mathieu contemplou-os com piedade. "São assim! É assim que eles são!" Ivich perdeu o seu ar vitorioso. Encolhidos um ao lado do outro, lívidos e descompostos, pareciam duas ovelhinhas. Fez-se silêncio e em seguida Mathieu percebeu que Boris o olhava de esguelha, com uma expressão de astúcia na boca, uma pobre astúcia desarmada. "Há qualquer coisa no ar", pensou Mathieu, irritado.

— Você disse que a criada vai acordá-la ao meio-dia? - perguntou.

— Sim. Ela bate até que Lola lhe responda.

— Pois bem. São dez e meia. Tem tempo de ir sossegadamente buscar as cartas. Apanhe um táxi se quiser, mas poderá ir até de autocarro.

Boris desviou o olhar.

— Não quero lá voltar.

"Cá está", pensou Mathieu. Perguntou:

— Isso é-lhe realmente impossível?

— Não posso.

Mathieu viu que Ivich o observava:

— Onde estão as cartas?

— Numa mala preta, diante da janela. Em cima da mala há outra mala, é só empurrar. Vê-se logo, há uma porção de cartas, as minhas estão amarradas com uma fita amarela.

Demorou um bocado e acrescentou afetando indiferença.

— Há "notas" também.

"Notas?" Notas. Mathieu assobiou baixinho. Pensava: "Não perde a cabeça o rapaz, prevê tudo, até o pagamento."

— A mala está fechada à chave?

— Está, a chave está na bolsa de Lola sobre a mesa-de-cabeceira. Há um molho de chaves e uma pequena chave chata. É essa.

— Qual é o número do quarto?

— Vinte e um, terceiro andar, segundo quarto à esquerda.

— Bem - disse Mathieu -, vou lá.

Levantou-se. Ivich continuava a olhá-lo. Boris parecia aliviado. Atirou os cabelos para trás com a graça habitual e disse sorrindo levemente:

— Se alguém lhe perguntar alguma coisa, diga que vai ver Bolívar, é o negro do Kamtchatka. Conheço-o, mora também no terceiro.

— Esperem-me aqui - disse Mathieu.

— Falara em tom de comando.

Acrescentou mais baixo:

— Estou de volta dentro de uma hora.

— Esperamos - disse Boris.

E acrescentou com um ar de admiração e imensa gratidão:

— Tu és um tipo de ouro.

Mathieu deu alguns passos no Bulevar Montparnasse, sentia-se contente por estar só. Ivich e Boris iam agora começar a cochichar, iam reconstituir o seu mundo irrespirável e precioso. Mas tanto se lhe dava. Em volta dele havia as preocupações da véspera, o amor por Ivich, a gravidez de Marcelle, o dinheiro, e no meio uma mancha negra: a morte. Disse repetidas vezes "uf!", passando a mão no rosto e esfregando as faces. "Pobre Lola, gostava dela." Mas não lhe cabia a ele lamentá-la. Aquela morte era maldita porque não recebera nenhuma sanção e não lhe competia sancioná-la. Ela caíra pesadamente dentro de uma pequenina alma medrosa e perturbava-a. Só a essa pequenina alma cabia a responsabilidade esmagadora de pensar nela e de redimi-la. Se Boris tivesse tido ao menos uma vaga tristeza... Mas sentia horror. A morte de Lola ficaria eternamente

à margem do mundo, eternamente desclassificada, como uma censura. "Morreu como um cão!" Era um pensamento insuportável.

— Táxi! - gritou Mathieu.

Quando se sentou no carro, sentiu-se mais calmo. Experimentava mesmo um sentimento de tranquila superioridade, como se, de repente, tivesse alcançado de si próprio perdão por já não ter a idade de Ivich, ou melhor, como se a mocidade subitamente já não tivesse valor. "Dependem de mim", pensou com amarga vaidade. Era melhor que o táxi não parasse em frente do hotel.

— Na esquina da Rua Navarin com a Rua dês Martyrs - avisou.

Mathieu contemplava o desfile dos grandes edifícios tristes do Bulevar Raspail. Repetiu: "Dependem de mim." Sentiu-se sólido e mesmo até um pouco pesado. Depois os vidros escureceram, o táxi entrou no estreito gargalo da Rua du Bac, e repentinamente Mathieu inteirou-se de que Lola morrera, de que ia entrar no quarto dela, ver os grandes olhos abertos e o corpo branco. "Não olharei." Estava morta. A consciência dela aniquilara-se. Mas não a vida. Abandonada pelo animal mole e sentimental que a habitara durante tanto tempo, aquela vida deserta parara simplesmente; flutuava, cheia de gritos sem ecos e de esperanças ineficazes, de brilhos sombrios, de figuras e de perfumes mortos, flutuava à margem do mundo, entre parênteses, inesquecível e definitiva, mais indestrutível do que um mineral e nada a podia impedir de ter sido; acabava de sofrer a última metamorfose. O seu futuro coagulava-se. "Uma vida", pensou Mathieu, "é feita com o futuro, como os corpos são feitos com o vácuo". Baixou a cabeça. Pensava na própria vida. O futuro penetrara-a até à medula. Tudo nela estava em suspenso, em *sursis* (**Prorrogação; espera*). Os dias mais recuados da sua infância, o dia em que dissera "Serei livre", o dia em que dissera "Serei grande", apareciam-lhe, ainda agora, com o futuro particular, como um pequenino céu pessoal e bem redondo em cima deles, e esse futuro era ele, ele tal qual era agora, cansado e amadurecido. Tinham direitos sobre ele e através de todo aquele tempo decorrido mantinham as suas exigências e ele tinha amiúde remorsos esmagadores porque o seu presente negligente e cético era o velho futuro dos dias do passado. Era ele que tinham esperado vinte anos, era dele, desse homem cansado, que uma criança dura exigira a realização de suas esperanças; dependia dele que os juramentos infantis permanecessem infantis para sempre, ou se tornassem

os primeiros sinais de um destino. O seu passado sofria sem cessar os retoques do presente; cada dia vivido destruía um pouco mais os velhos sonhos de grandeza, e cada novo dia tinha novo futuro; de espera em espera, de futuro em futuro, a vida de Mathieu deslizava docemente... em direção a quê?

Em direção a nada. Pensou em Lola. Estava morta, e a vida dela, como a de Mathieu, não fora senão uma espera. Tinha havido com certeza, num Verão passado, uma menina de caracóis ruivos, que jurara ser uma grande cantora, e também lá por volta de 1923 uma jovem cantora impaciente por se tornar um cartaz. E o amor por Boris, esse grande amor de velha, por causa do qual tanto sofrera, ficara em suspenso desde o primeiro dia. Ainda ontem, obscuro e vacilante, ele esperava o seu sentido do futuro, ainda ontem ela esperava viver e ser amada um dia por Boris; os momentos mais cheios, mais pesados, as noites de amor que lhe tinham parecido mais eternas não passavam de esperas.

Não havia tido de esperar. A morte desabara sobre todas essas esperas, parando-as. Elas continuavam imóveis, mudas, sem objetivo, absurdas. Não tinha havido nada que esperar, nunca ninguém saberia se Lola teria afinal sido amada por Boris, a questão não tinha sentido. Lola estava morta, não havia mais um gesto a fazer, nem uma carícia, nem uma prece; já nada havia senão esperas de esperas, nada mais senão uma vida vazia, de cores confusas, e que se abatia sobre si mesma. "Se eu morresse hoje", pensou repentinamente Mathieu, "ninguém saberia se estava realmente fodido ou se tinha ainda possibilidade de me salvar".

O táxi parou. Mathieu desceu.

— Espere - disse ao motorista.

Atravessou a rua em diagonal, empurrou a porta do hotel, entrou no vestíbulo escuro e perfumado. Em cima de uma porta envidraçada um retângulo de esmalte: "Gerência." Mathieu deitou uma olhadela através do vidro. A sala parecia vazia, ouvia-se apenas o tiquetaque do relógio. A freguesia habitual do hotel cantores, dançarinos, negros do jazz deitavam-se tarde e acordavam tarde. Tudo dormia. "E preciso que não suba depressa de mais", pensou. Ouvia as pancadas do coração e tinha as pernas a tremer. Parou no patamar do terceiro e olhou em volta. A chave estava na porta. "E se houver alguém lá dentro?" Escutou com atenção uns momentos e bateu. Ninguém respondeu. No quarto andar um hóspede puxou o autoclismo.

Mathieu ouviu o ruído da água a descer, um barulho líquido e uma espécie de assobio. Empurrou a porta e entrou.

O quarto estava escuro e conservava ainda um cheiro húmido de sono. Mathieu perscrutou a penumbra, estava ansioso por ler a morte no rosto de Lola, como se fosse um sentimento humano. A cama ficava à direita, no fundo do quarto. Mathieu viu Lola, muito branca, a olhar. - Lola - disse em voz baixa. Lola não respondeu. Tinha um rosto extraordinariamente expressivo, porém indecifrável. Os seios estavam descobertos, um dos seus belos braços, rígido, estendia-se sobre o leito, o outro estava debaixo das cobertas. - Lola - repetiu Mathieu avançando para o leito. Não podia arredar o olhar daquele busto orgulhoso, tinha vontade de a tocar. Ficou durante alguns instantes à beira da cama, hesitante, inquieto, o corpo envenenado por um desejo ácido, depois virou-se, pegou rapidamente na bolsa que estava na mesa-de-cabeceira. A chave chata estava ali. Mathieu pegou-lhe e dirigiu-se à janela. Uma luz cinzenta filtrava-se através da cortina, o quarto estava cheio de uma presença imóvel. Mathieu ajoelhou-se diante da maleta; a presença irremediável estava ali, atrás dele, como um olhar. Introduziu a chave na fechadura. Ergueu a tampa, mergulhou as mãos na maleta e sentiu uns papéis amarfanharem-se entre os dedos. Eram notas, muitas notas. Notas de mil francos. Sob um monte de recibos e de notas, Lola escondera um pacote de cartas amarrado com uma fita amarela. Mathieu levou o pacote à luz, examinou a letra e murmurou: "Ei-las." Depois enfiou o pacote no bolso. Mas não podia arredar pé, com o olhar fixo nas notas. No fim de instantes remexeu nervosamente nos papéis, virando a cabeça, sem olhar, escolhendo pelo tato. "Estou pago", pensou. Atrás dele, havia aquela mulher alta e branca, alucinada, cujos braços pareciam abrir-se ainda e cujas unhas vermelhas pareciam ainda arranhar. Levantou-se, limpou os joelhos com a mão direita. A esquerda segurava um maço de notas. Pensou: "Saí do buraco", e observou as notas com perplexidade. "Saí do buraco." Escutava atentamente, sem querer, e ouvia o corpo silencioso de Lola, sentia-se pregado no sítio. - Bom - murmurou resignado. Os dedos abriram-se e as notas caíram em rodopio dentro da maleta. Mathieu fechou-a, pôs a chave no bolso e saiu do quarto, com cuidado.

A luz ofuscou-o. "Não trouxe o dinheiro", lembrou-se, espantado.

Permanecia imóvel, com a mão no corrimão da escada, pensava: "Sou um fraco." Esforçava-se por tremer de raiva, mas não se pode ter uma raiva verdadeira contra si próprio. Subitamente, pensou em Marcelle, na ignóbil velha de mãos de assassina, e teve medo de verdade. "Bastava um gesto para que não sofresse, para que evitasse essa coisa sórdida que ia marcá-la. E não pude. Sou demasiado delicado. Bom rapaz! Depois disso", pensou olhando a mão faixada, "posso dar a mim próprio uns bons golpes de canivete na mão, para fazer de trágico diante das mulherzinhas; nunca poderia levar-me a sério". Ela iria ao consultório da velha, não havia outra solução; caberia a ela mostrar-se corajosa, lutar contra a angústia e o medo, enquanto ele ganharia coragem bebendo nos bares. "Não. Ela não irá. Casarei com ela, só sirvo para isso." Pensou premindo com força a mão ferida sobre o corrimão: "Casarei com ela", e pareceu-lhe que se afogava. Murmurou: "Não, não", sacudindo a cabeça, depois respirou fundo, girou sobre os calcanhares e entrou de novo no quarto. Encostou a porta como da primeira vez e tentou acostumar os olhos à escuridão.

Nem sequer tinha a certeza de poder roubar. Deu alguns passos incertos e discerniu afinal o rosto pálido de Lola e os olhos arregalados que o contemplavam.

— Quem está aí? - indagou Lola.

Era uma voz fraca, mas irritada. Mathieu sentiu um arrepio percorrer-lhe o corpo da cabeça aos pés. "Estúpido", pensou.

— É Mathieu.

Houve um silêncio demorado. Em seguida, Lola perguntou:

— Que horas são?

— Um quarto para as onze.

— Estou com dor de cabeça - disse ela.

Puxou as cobertas até o queixo e ficou imóvel, com os olhos pregados em Mathieu. Ainda parecia morta.

— Onde está Boris? Que está a fazer aqui?

— Você esteve doente - explicou Mathieu, precipitadamente.

— Que é que tive?

— Estava rígida, de olhos arregalados. Boris falava-lhe e não lhe respondia. Ele teve medo.

Lola não parecia ouvir. Subitamente, pôs-se a rir de modo desagradável. Mas logo se calou. Disse com esforço:

— Ele pensou que eu tinha morrido?

Mathieu não respondeu.

— Não foi isso? Pensou?

— Teve medo - disse Mathieu, evasivamente.

— Uf!

Houve novo silêncio. Ela fechou os olhos, os maxilares tremiam-lhe. Parecia fazer um esforço para voltar a si finalmente. Disse de olhos fechados:

— Dê-me a minha bolsa, está na mesa-de-cabeceira.

Mathieu estendeu-lhe a bolsa, ela tirou uma caixinha de pó-de-arroz e olhou-se no espelhinho, com repugnância.

— É verdade, pareço morta.

Pousou a bolsa na cama com um suspiro de exaustão e acrescentou:

— Aliás, não valho muito mais.

— Sente-se mal?

— Bastante. Mas sei o que é. Isto passará durante o dia.

— Precisa de alguma coisa? Quer que eu vá chamar um médico?

— Não, esteja sossegado. Então foi Boris quem o mandou?

— Foi. Ele está desvairado.

— Está lá em baixo? - perguntou Lola, erguendo-se ligeiramente.

— Não... eu estava no Dome, ele foi procurar-me. Apanhei um táxi.

A cabeça de Lola recaiu no travesseiro.

— Obrigada.

Pôs-se a rir. Um riso sufocante e penoso.

— Em resumo, ele teve um pavor louco, coitado. Fugiu sem querer saber de mais nada. E mandou-o aqui para ver se eu estava bem morta.

— Lola!

— Ora, nada de histórias.

Fechou novamente os olhos, e Mathieu pensou que fosse desmaiar. Mas continuou secamente depois de um momento:

— Diga-lhe que se tranquilize. Não estou em perigo. São coisas que me acontecem às vezes, quando... Enfim, ele sabe. E o coração que fraqueja. Diga-lhe que venha já. Estou à espera dele. Ficarei aqui até à noite.

— Bem - disse Mathieu -, não precisa mesmo de nada?

— Não. À noite já estarei boa. Irei cantar.

Acrescentou:

— Ainda não foi desta vez.

— Então, até logo.

Dirigiu-se para a porta, mas Lola chamou-o. Disse com uma voz suplicante:

— Promete que o manda vir? Zangámo-nos ontem, diga-lhe que já não estou zangada, que não se falará mais disso. Mas que venha! Peco-lhe que venha! Não posso suportar a ideia de que me julge morta.

Mathieu estava comovido.

— Está bem. Vou dizer-lhe que venha.

Saiu. O pacote de cartas que enfiara no bolso interno da casaco pesava-lhe fortemente sobre o peito. "A cara que ele vai fazer!", pensou, "tenho de lhe entregar a chave, ele que se arranje para a pôr novamente na bolsa", tentou repetir alegremente. "Fui esperto em não ter pegado no dinheiro." Mas não estava alegre, pouco importava que a sua cobardia tivesse tido consequências favoráveis, o que importava era não ter tido a coragem de agarrar no dinheiro. "Mesmo assim, estou satisfeito de que não tenha morrido."

— Olá - gritou o motorista -, por aqui!

Mathieu voltou-se, admirado.

— Que é? Ah! - disse, reconhecendo o táxi. - Leve-me ao Dome.

Sentou-se e o táxi arrancou. Quis afugentar do pensamento a humilhante derrota. Pegou no pacote de cartas, desfez o laço e começou a ler. Eram frases curtas, secas, que Boris enviara de Laon durante as férias da Páscoa. De vez em quando havia alusões à cocaína, mas tão veladas que Mathieu se surpreendeu. "Não imaginei que ele fosse prudente." As cartas começavam todas por: "Querida Lola", em seguida breves relatórios das suas atividades. "Nado. Discuti com meu pai. Conheci um antigo lutador que me vai ensinar o catch (*modalidade de luta livre). Fumei um Henry Clay até ao fim sem deixar cair a cinza." Boris terminava sempre assim: "Amo-te muito e beijo-te. Boris." Mathieu imaginou sem dificuldade em que estado de espírito Lola devia ter lido aquelas cartas, a decepção sempre prevista e no entanto sempre nova e o esforço que devia fazer todas as vezes para dizer a si própria com alegria: "No fundo ele ama-me, não sabe é dizê-lo." Pensou: "E apesar de tudo guardou-as." Atou-as de novo cuidadosamente e colocou o maço no bolso. "Boris terá de se arranjar para as pôr na mala sem que ela o perceba." Quando o táxi parou, pareceu a

Mathieu que ele era o aliado natural de Lola. Mas não podia pensar nela senão no passado. Ao entrar no Dome teve a impressão de que ia defender a memória de uma morta.

Parecia que Boris não fizera um movimento desde a saída de Mathieu. Estava sentado de lado, de ombros recurvos, boca aberta, narinas crispadas. Ivich falava-lhe ao ouvido, com animação. Mas calou-se ao ver Mathieu. Este aproximou-se e atirou o maço das cartas sobre a mesa.

— Aí estão.

Boris pegou-lhes e fê-las desaparecer no bolso. Mathieu olhava-o sem amizade.

— Não foi muito difícil? - perguntou Boris.

— Nada difícil, só que Lola não morreu.

Boris ergueu os olhos para ele, parecia não compreender.

— Lola não morreu - repetiu estupidamente.

Prostrou-se ainda mais, dir-se-ia que estava esmagado. "Ora", pensou Mathieu, "já começava a habituar-se." Ivich olhava Mathieu, de olhos faiscantes.

— Tê-lo-ia apostado - disse. - Então o que é que teve?

— Simples desmaio - respondeu Mathieu, secamente.

Calaram-se. Boris e Ivich custavam a engolir a notícia. "Que farsa", pensou Mathieu. Boris levantou a cabeça. Tinha os olhos vidrados.

— Foi... foi ela que lhe entregou as cartas?

— Não. Estava ainda desmaiada quando as apanhei. Boris bebeu um trago de conhaque e pousou o cálice na mesa.

— Essa é boa!

— Ela disse que aquilo lhe acontece às vezes quando toma cocaína. Disse que você devia saber.

Boris não respondeu. Ivich parecia ter recuperado o sangue-frio.

— Que disse ela? - indagou, curiosa. - Devia ter ficado transtornada ao vê-lo ao pé da cama!

— Não muito. Eu disse que Boris tinha tido medo e me viera chamar. Naturalmente disse-lhe que viera apenas ver o que acontecera. Lembre-se disso, Boris. Não vá confundir tudo. E arranje-se para pôr as cartas no lugar sem que ela o veja.

Boris passou a mão pela testa.

— Não sei que fazer, vejo-a morta.

Mathieu estava farto.

— Ela quer que a vá ver imediatamente.

— Eu... eu pensei que estivesse morta - repetiu Boris como para se desculpar.

— Pois não está - disse Mathieu, exasperado. - Apanhe um táxi, vá vê-la.

Boris não se mexeu.

— Está a ouvir? Ela sofre, é uma desgraçada. Estendeu a mão para agarrar no braço de Boris, mas Boris safou-se com uma sacudidela violenta.

— Não! - disse com a voz tão alta que uma mulher, na mesa do passeio, se virou para ver. Ele continuou mais baixo, com uma obstinação mole e invencível: - Não vou.

— Mas... - disse Mathieu, espantado -, a história de ontem acabou, ela prometeu não falar mais nisso.

— Oh!, as histórias de ontem - atalhou Boris, com um encolher de ombros.

— Então?

Boris olhou com uma expressão maldosa.

— Ela inspira-me horror!

— Porque pensou que estaria morta? Boris, tenha juízo, toda esta história é absurda. Enganou-se, é tudo.

— Acho que Boris tem razão - disse Ivich, com vivacidade.

E acrescentou, com uma intenção que Mathieu não compreendeu:

— No lugar dele, eu teria feito o mesmo.

— Mas não vê que ele a vai matar?

Ivich meneou a cabeça, exibia o seu rostinho irritado e sinistro. Mathieu lançou-lhe um olhar de ódio. "Ela está a meter-lhe coisas na cabeça", pensou.

— Se ele voltar, será por piedade - disse Ivich -, não pode exigir isso dele, não pode haver nada mais repugnante, mesmo para ela.

— Pelo menos tente vê-la.

Ivich fez uma expressão impaciente.

— Há coisas que você não sente - disse.

Mathieu ficou estupefato, e Boris aproveitou-se.

— Não quero tornar a vê-la - afirmou, obstinado. - Para mim está morta.

Mas isso é estúpido. Boris olhou-o, sombrio.

— Não queria dizer-lhe, mas se a tornar a ver, tenho de lhe tocar. E isso - acrescentou com desgosto -, isso não posso.

Mathieu sentiu-se impotente. Olhou com desânimo aquelas duas cabecinhas hostis.

— Então - disse -, espere um bocado... até que essa recordação se apague. Prometa-me que a vê amanhã ou depois de amanhã.

Boris pareceu aliviado.

— Está bem - atalhou hipocritamente -, amanhã.

Mathieu quis dizer: "Pelo menos telefone a avisá-la de que não pode ir", mas reteve-se. Pensou: "Ele não telefonará, vou eu telefonar." Levantou-se.

— Preciso de ir a casa de Daniel - disse a Ivich. - Quando saberá o resultado? Às duas horas?

— Sim.

— Quer que o vá ver?

— Obrigada. Boris vai.

— E quando a voltarei a ver?

— Não sei.

— Mande-me um telegrama imediatamente, a dizer se passou.

— Está bem.

— Não se esqueça - disse Mathieu afastando-se. - Adeus!

— Adeus - responderam os dois ao mesmo tempo.

Mathieu desceu à cave do Dome e consultou a lista telefónica. "Pobre Lola! Amanhã sem dúvida Boris voltará ao Sumatra. Mas este dia que ela vai ficar à espera! Não gostava de estar no lugar dela!"

— Quer dar-me Trudaine 00-35? - pediu à telefonista gorda.

— As duas cabines estão ocupadas, tem de esperar.

Enquanto Mathieu esperava, por entre duas portas abertas, via os esmaltes brandos dos toilettes. Na véspera, noutro toilette... Estranha recordação de amor.

Sentia-se cheio de rancor por Ivich. "Eles têm medo da morte", pensou. "Por mais frescos e limpos que sejam, têm almas sinistras, porque têm medo. Medo da morte, da doença, da velhice. Agarram-se à mocidade como um moribundo à vida. Quantas vezes vi Ivich massajar o rosto inquieto em frente de um espelho. Treme diante da possibilidade de ter

rugos. Vivem a ruminar a sua mocidade, só fazem projetos a curto prazo, como se só tivessem diante de si cinco ou seis anos. Depois... Depois, Ivich fala em suicidar-se, mas estou tranquilo, nunca se atreverá; não morrerão tão cedo. Afinal eu tenho rugas, uma pele de crocodilo, músculos retorcidos, mas ainda tenho muitos anos para viver... Começo a crer que nós é que somos jovens. Queríamos parecer homens, éramos ridículos, mas pergunto se o único meio de salvar a mocidade não será esquecê-la." Mas continuava pouco à vontade, sentia-os lá em cima, juntinhos, sussurrantes e cúmplices, mas fascinantes apesar de tudo.

— Esse telefonema vem ou não? - perguntou.

— Um momento - respondeu a telefonista, asperamente. - Alguém pediu Amsterdã.

Mathieu voltou-se e deu alguns passos. "Não pude pegar no dinheiro!" Uma mulher descia a escada, viva e leve, uma dessas que dizem com uma expressão de menina: "Vou fazer um chichizinho." Viu Mathieu, hesitou, continuou a andar com passos deslizantes, fez-se toda espírito, toda perfume, entrou flor na latrina. "Não pude pegar no dinheiro, a minha liberdade é um mito. Brunet tinha razão - e a minha vida constrói-se por debaixo deste mito com um rigor mecânico, um vazio, o sonho orgulhoso e sinistro de não ser nada, de ser sempre outra coisa diferente do que sou. É para não ser da minha idade que há um ano ando a brincar com esses dois garotos. Em vão. Sou um homem, um adulto, e foi este homem que beijou a pequena Ivich num táxi. É para não ser da minha classe que escrevo nas revistas de esquerda. Em vão. Sou um burguês, não pude pegar no dinheiro de Lola, os tabus deles impediram-me. É para fugir da minha vida que sussurro por toda a parte, com licença de Marcelle, que me recuso a casar. Em vão. Sou casado, vivo como se fosse casado." Tinha aberto o anuário e folheava-o distraidamente. Leu: "Holle-becque, autor dramático, Nord 77-80." Sentia náuseas. Pensou: "Querer ser o que sou, eis a liberdade que me resta. A minha única liberdade. Querer casar com Marcelle." Estava tão cansado de ser atirado de um lado para outro, de oscilar entre correntes contrárias, que quase se sentiu reconfortado. Cerrou os punhos e pronunciou interiormente, com uma gravidade de pessoa adulta, de burguês, de homem, de chefe de família: "Quero casar com Marcelle."

"Puf!, palavras, uma opção infantil e vã. Isso também é mentira; não preciso de ter vontade para casar com ela; basta deixar-me ir." Fechou o

anuário. Olhava, acabrunhado, os destroços da sua dignidade humana. E subitamente pareceu-lhe ver a sua liberdade. Estava fora de alcance, cruel, jovem e caprichosa como a graça. Ela ordenava-lhe simplesmente que largasse Marcelle. Foi um momento apenas. Essa inexplicável liberdade, que atingia as aparências do crime, entreviu-a apenas. Ela amedrontava-o. E estava tão longe. Encostou-se obstinadamente à sua vontade demasiado humana, a estas palavras demasiado humanas: "Hei-de casar com ela!"

— É a sua vez - disse a telefonista. - Na segunda cabine.

— Obrigado.

Entrou.

— Pegue no telefone.

Mathieu ergueu-o docilmente.

— Alô? Trudaine 00-35? Um recado para a senhora Montero. Não, não a incomode. Pode transmiti-lo mais tarde. É da parte do Senhor Boris. Ele não pode ir.

— Senhor Maurice? - disse a voz.

— Não, não é Maurice. É Boris. B de Bernard, O de Octave... Ele não pode ir. É só isso. Obrigado.

Saiu. Pensou, coçando a cabeça: "Marcelle deve estar aflita, devia telefonar-lhe, aproveitar a ocasião." Olhou a telefonista, indeciso.

— Quer outra ligação?

— Sim... dê-me Ségur 25-64.

Era o número de Sarah.

— Alô, Sarah, é Mathieu.

— Bom dia - respondeu a voz rude de Sarah. - Então? Arranjou?

— Não - disse Mathieu. - Esta gente não larga a "massa". É exatamente por isso que lhe queria pedir se não poderá dar um salto a casa desse tipo e solicitar-lhe crédito até ao fim do mês.

— Mas no fim do mês ele já estará longe.

— Mandar-lhe-ei o dinheiro para a América.

Houve um breve silêncio.

— Posso tentar - disse Sarah, sem entusiasmo. - Mas será difícil. É um velho avarento e atravessa uma crise de hipersionismo; detesta tudo o que não é judeu desde que foi expulso de Viena.

— Apesar de tudo, tente, se isso não a aborrece.

— Não me aborrece absolutamente nada. Irei logo a seguir ao almoço.

— Obrigado, Sarah, tu és formidável!

XIII

— Ele é demasiado injusto - disse Boris.

— Pois é - respondeu Ivich. - Se imagina que prestou um serviço a Lola!

Deu uma risadinha seca, e Boris calou-se satisfeito. Ninguém o compreendia como a Ivich. Voltou a cabeça para a escada dos toilettes e pensou com severidade: "Foi longe de mais, não se deve falar a ninguém como me falou. Não sou Hourtiguere." Olhava para a escada, esperava que Mathieu lhe sorrisse ao subir. Mathieu voltou, saiu sem um olhar, e Boris sentiu um nó na garganta.

— Como é orgulhoso - disse.

— Quem?

— Mathieu. Acaba de sair.

Ivich não respondeu. Tinha um ar neutro, olhava a mão enfaixada.

— Está zangado - continuou Boris -, acha que não sou moral.

— Sim - disse Ivich -, mas isso passa-lhe.

Encolheu os ombros:

— Não gosto dele quando se torna moral.

— Eu gosto - atalhou Boris.

Acrescentou depois de certa reflexão:

— Mas eu sou mais moral do que ele.

— Puf! - disse Ivich.

Balançou-se sobre o banco, tinha uma expressão tola e disse de modo cínico:

— A moral, eu estou-me sem me importar com a moral!

Boris sentiu-se só. Gostava de se aproximar de Ivich, mas Mathieu ainda estava ali, entre ambos. Disse apenas:

— Ele é injusto. Não me deixou explicar-lhe.

Ivich disse, conciliadora:

— Há coisas que não se podem explicar.

Boris não protestou por hábito, mas pensava que se podia explicar tudo a Mathieu, contanto que ele tivesse boa vontade. Parecia-lhe sempre que não falavam do mesmo Mathieu. O de Ivich era mais enfadonho.

Ela sorriu levemente.

— Que ar obstinado!

Boris não respondeu. Ruminava o que devia ter dito a Mathieu. Que não passava de um estúpido e que tivera um choque terrível ao pensar que Lola morreria. Sentira mesmo por um momento que ia sofrer, e isto tinha-o escandalizado. Achava o sofrimento imoral e, de resto, não o podia realmente suportar. Fizera então um esforço de domínio sobre si mesmo. Por moralidade. Mas alguma coisa falhara, um desarranjo no motor, era preciso esperar que se normalizasse.

— É estranho - disse -, quando penso agora em Lola, tenho a impressão de ser uma velha qualquer.

Ivich riu e Boris ficou chocado. Acrescentou por espírito de justiça:

— Ela é que não deve achar nada disto engraçado.

— Ah, não!

— Não quero que ela sofra.

— Pois então vai vê-la - disse Ivich num tom cantante.

Ele compreendeu que ela lhe preparava uma armadilha e respondeu vivamente:

— Não vou. Depois... continuo a vê-la morta. E não quero que Mathieu imagine que pode fazer de mim o que quiser.

Nesse ponto não ia ceder, não era Hourtiguere. Ivich disse com doçura:

— E é bem verdade que faz de ti o que quer.

Era uma maldade; Boris percebeu-a sem se zangar. Ivich tinha boas intenções, queria que ele rompesse com Lola. Para o bem dele. Toda a gente tinha sempre em vista o bem de Boris, mas esse bem variava segundo as pessoas.

— Eu dou-lhe a impressão disso - disse ele com serenidade. - É a minha tática com ele.

Mas ela pusera-lhe o dedo na ferida, e ele sentiu raiva a Mathieu. Mexeu-se um pouco no banco, e Ivich olhou-o inquieta.

— Querido, pensas de mais. Basta imaginares que morreu de verdade.

— Seria muito cómodo, mas não consigo.

Ivich pareceu achar divertido.

— É estranho - disse -, eu consigo. Quando não vejo as pessoas, elas deixam de existir.

Boris admirou a irmã, e calou-se. Não se sentia capaz de tanta força espiritual. Passado um instante, disse:

— Terá levado o dinheiro? Seria bonito!

— Que dinheiro?

— O dinheiro de Lola. Ele precisava de cinco mil francos.

— Ah, é!?

Ivich fez um ar intrigado e descontente. Boris pensou que tinha feito melhor se se tivesse calado. É certo que diziam tudo um ao outro, mas de vez em quando devia haver algumas exceções.

— Pareces zangada com Mathieu.

Ivich mordeu os lábios.

— Ele enerva-me. Agora de manhã dava-se ares de homem diante de mim.

— Bem sei... - disse Boris.

Perguntava a si próprio o que queria dizer Ivich, mas não o deixou perceber. Deviam compreender-se por meias palavras ou o encanto romper-se-ia. Houve um silêncio, e em seguida Ivich acrescentou, bruscamente:

— Vamos. Já não posso suportar mais o Dome.

— Nem eu - disse Boris.

Levantaram-se e saíram. Ivich agarrou Boris pelo braço. Boris sentiu uma ligeira e tenaz vontade de vomitar.

— Achas que ele vai ficar zangado muito tempo?

— Não - disse Ivich, com impaciência.

Boris acrescentou maliciosamente:

— Também está zangado contigo.

Ivich riu-se.

— É possível. Pensarei nisso mais tarde; tenho outras preocupações na cabeça.

— É verdade - disse Boris, confuso -, tu estás chateada.

— Muito.

— Por causa do exame?

Ivich encolheu os ombros e não respondeu. Andaram um bocado calados. Ele perguntava a si próprio se seria realmente por causa do exame. Desejava que fosse, porque seria mais moral.

Ergueu os olhos. O Bulevar Montparnasse estava delicioso sob aquela luz cinzenta. Parecia Outubro. Boris gostava muito do mês de Outubro.

Pensou: "No mês de Outubro passado ainda não conhecia Lola." Ao mesmo tempo sentiu-se livre: "Ela vive." Pela primeira vez, desde que abandonara o cadáver na escuridão do quarto, sentia que ela vivia, era uma ressurreição. Pensou: "Não é possível que Mathieu fique sentido muito tempo, visto que ela não morreu." Até agora sabia que ela sofria, que o esperava angustiada, mas esse sofrimento e essa angústia só se afiguravam irremediáveis e imutáveis como os sofrimentos e a angústia das pessoas que morrem desesperadas. Mas era um erro. Lola vivia, descansava de olhos abertos na cama, estava dominada por uma cólera viva, como quando ele chegava atrasado ao encontro marcado. Uma cólera que não era nem mais nem menos respeitável do que as outras, apenas mais violenta, talvez. Não tinha para com ela essas obrigações incertas e temíveis que os mortos impõem, mas deveres sérios, deveres de família. Boris pôde assim evocar sem horror a imagem de Lola. Não foi o rosto de um morto que recordou, mas aquele rosto ainda jovem e carrancudo que lhe mostrara na véspera quando lhe gritara: "Mentira! Não viste Picard." Mas ao mesmo tempo sentiu dentro de si um sólido rancor contra aquela falsa morta que provocara todas aquelas catástrofes.

— Não voltarei ao hotel, ela é capaz de ir lá.

— Vai dormir em casa de Claude.

— Vou.

Ivich teve uma ideia.

— Devias escrever-lhe. Era mais correto.

— A Lola? Oh!, não.

— Sim.

— Não saberia o que lhe havia de dizer.

— Eu faço a carta, palerma.

— Mas a dizer o quê?

Ivich olhou-o, admirada.

— Não queres romper com ela?

— Não sei.

Ivich pareceu irritada, mas não insistiu. Não insistia nunca; era assim. Mas como quer que fosse, entre Ivich e Mathieu, Boris tinha de se mover com habilidade. Naquele momento tinha tanta vontade de perder Lola como de a ver.

— Veremos - disse -, não vale a pena pensar nisso.

Sentia-se feliz naquele bulevar, os transeuntes tinham bom ar, conhecia-os quase todos de vista, e havia um raio-zinho de sol que cariciava as vitrines da Closerie de Lilás.

— Estou com fome - disse Ivich -. Vou almoçar.

Entrou na Mercearia Demaria. Boris esperou-a cá fora. Sentia-se comovido e fraco como um convalescente e perguntava a si próprio o que poderia fazer para ter uma satisfação. A escolha recaiu no Dicionário Histórico e Etimológico do Calão. Alegrou-se. O dicionário estava agora sobre a sua mesa-de-cabeceira. "É um móvel", pensou, entusiasmado, "foi um golpe de mestre". E como uma felicidade nunca vem sozinha, pensou no canivete espanhol, tirou-o do bolso e abriu-o. "Que sorte!" Comprara-o na véspera e já tinha uma história, ferira duas pessoas que lhe eram queridas. "Corta que se farta", pensou.

Uma mulher que passava, olhou-o com insistência. Estava muito bem vestida. Voltou-se para a ver de costas. Ela também se voltara e contemplaram-se com simpatia.

— Pronto - disse Ivich.

Trazia duas maçãs canadenses. Esfregou uma delas no quadril, e quando a viu brilhante mordeu-a, estendendo a outra a Boris.

— Não - disse Boris -, não tenho fome. - Acrescentou: - Tu ofendes-me.

— Porquê?

— Esfregar a maçã assim no traseiro.

— É para limpar - disse Ivich.

— Olha aquela mulher que vai lá adiante. Dei-lhe no gosto.

Ivich comia serenamente.

— Mais uma? - disse com a boca cheia.

— Aí não - disse. - Atrás de ti.

Ivich voltou-se para ver e arqueou as sobrancelhas.

— É bela - disse simplesmente.

— Viste o vestido? Ainda hei-de ter uma mulher assim. Uma mulher da alta-sociedade. Deve ser agradável.

Ivich olhava a mulher que se afastava. Tinha uma maçã em cada mão e parecia oferecer-lhas.

— Quando me cansar dela, passo-te - disse Boris, generosamente.

Ivich mordeu a maçã.

— Isso é o que tu pensas!

Pegou-lhe no braço, e arrastou-o bruscamente. Do outro lado do Bulevar Montparnasse havia uma loja japonesa. Atravessaram e pararam diante da vitrine.

— Olha as tacinhas - disse Ivich.

— É para o saké - disse Boris.

— Que é isso?

— Aguardente de arroz.

— Hei-de vir comprá-las. Para tomar chá.

— São pequenas de mais.

— Enchem-se várias vezes.

— Podias encher seis ao mesmo tempo!

— Pois é - disse Ivich, contente. - Ponho seis tacinhas cheias diante de mim e beberei ora uma, ora outra.

Recuou ligeiramente e disse com uma expressão apaixonada, de dentes cerrados:

— Queria comprar tudo isto!

Boris não apreciava o gosto da irmã por aquelas bugigangas. Apesar disso, quis entrar na loja. Ivich não o deixou.

— Hoje não. Vamos.

Subiram a Rua Denfert-Rochereau, e Ivich disse:

— Era muito capaz de me vender a um velho para ter um quarto cheio daqueles bibelôs! Mas um quarto cheio!

— Não - disse Boris, com severidade. - Não podias. É um ofício que se aprende.

Andavam devagar, era um momento de felicidade. Certamente, Ivich tinha-se esquecido do exame, parecia alegre. Nesses momentos, Boris tinha a impressão de que eram uma só pessoa. No céu havia grandes pedaços de azul e nuvens brancas que, turbilhonavam. A folhagem das árvores estava pesada com a chuva, havia um cheiro a fogo de lenha como na rua principal de uma aldeia.

— Gosto deste tempo - disse Ivich, encetando a segunda maçã. - É húmido, mas não pegajoso. E não fere os olhos. Sinto-me com forças para andar vinte quilómetros a pé.

Boris verificou discretamente se não havia um café nas proximidades. Quando Ivich falava em fazer vinte quilómetros a pé, acontecia-lhe

fatalmente pedir para se sentar logo a seguir.

Ela olhou para o Leão de Balfort e disse, extasiada:

— Gosto deste leão. Parece um feiticeiro.

— Hum.

Respeitava os gostos da irmã, embora não partilhasse deles. Aliás, Mathieu já o dissera uma vez: "A sua irmã tem mau gosto, mas é melhor do que o melhor gosto." "É um mau gosto profundo." Nestas condições não havia que discutir. Pessoalmente, Boris era mais sensível à beleza clássica.

— Vamos pelo Bulevar Arago?

— Qual?

— Aquele.

— Vamos - disse Ivich. - Está brilhante...

Andaram em silêncio. Boris observou que a irmã se tornava sombria, se enervava, e que de propósito caminhava a torcer os pés. "Vai começar a agonia", pensou, resignado. Ivich entrava em agonia cada vez que estava à espera do resultado de um exame. Ergueu os olhos e viu quatro jovens operários que vinham ao seu encontro e os encaravam a rir. Boris estava habituado a essas expansões e considerou-as com simpatia. Ivich tinha a cabeça baixa e parecia não os ter visto. Ao chegarem junto deles os rapazes separaram-se. Dois passaram à esquerda de Boris e dois à direita de Ivich.

— Faz-se uma sanduíche? - propôs um deles.

— Cara de peido! - disse Boris, gentilmente.

Nesse momento, Ivich pulou e deu um grito agudo, que abafou logo pondo a mão na boca.

— Pareço-me com uma cozinheira - disse vermelha de fúria.

Os operários já iam longe.

— Que foi?

— Beliscou-me - disse Ivich, com desagrado. - O estupor!

Acrescentou, com severidade:

— Não devia ter gritado.

— Qual deles? - disse Boris, indignado.

Ivich reteve-o.

— Por favor, fique quieto. São quatro. E depois já fui suficientemente ridícula.

— Não é por ele te ter beliscado - explicou Boris. - Mas não posso suportar que façam isso quando estás comigo. Quando estás com Mathieu,

ninguém te mexe. Tenho cara de quê?

— É isso mesmo, querido - disse Ivich melancolicamente. - Eu também não te protejo. Não somos respeitáveis.

Era verdade. Boris admirava-se disso muitas vezes: quando olhava para o espelho, achava que tinha um ar intimidante.

— Não somos respeitáveis - repetiu.

Apertaram-se um contra o outro e sentiram-se órfãos.

— Que é aquilo? - perguntou Ivich.

Apontava um muro comprido e escuro através do verde dos castanheiros.

— E a Santé - disse Boris -, uma prisão.

— Extraordinário - disse Ivich -, nunca vi nada mais sinistro. Há quem fuja de lá?

— É raro. Li uma vez que um preso saltou por cima do muro. Agarrou-se a uma pernada de um castanheiro e saltou.

— Deve ser aquele. Se nos sentássemos no banco ao lado? Estou cansada. E talvez vejamos saltar outro prisioneiro.

— Talvez - disse Boris sem convicção. - Acho que fazem isso de noite, compreendes?

Atravessaram a rua e foram sentar-se. O banco estava molhado. Ivich disse, contente:

— Está fresco.

Mas quase a seguir começou a agitar-se e a puxar os caracóis. Boris teve de dar-lhe uma pancada na mão para que não arrancasse os cabelos.

— Segura na minha mão - disse Ivich -, está gelada.

Era verdade. E Ivich estava lívida, parecia sofrer, todo corpo lhe tremia. Boris achou-a tão triste que tentou pensar em Lola, por simpatia. Ivich levantou bruscamente a cabeça: tinha um ar sombrio de resolução:

— Tens os dados?

— Tenho.

Mathieu tinha oferecido a Ivich um poker de dados num saquinho de couro. Ivich tinha-o dado a Boris e jogavam juntos muitas vezes.

— Vamos jogar - disse.

Boris tirou os dados do saquinho. Ivich acrescentou:

— Duas partidas e a negra se for preciso. Começa.

Afastaram-se um do outro. Boris sentou-se a cavalo no banco e rolou os dados sobre o banco. Fez um poker de reis.

— Só de uma vez - disse.

— Odeio-te.

Franziu as sobrancelhas, e antes de agitar os dados soprou nos dedos a resmungar. Era uma conjura. "É a sério", pensou Boris, "está a jogar o resultado do exame". Ivich jogou e perdeu: trio de damas.

— Segunda partida - disse a olhar para Boris com olhos faiscantes. Fez um trio de ases.

— De uma só vez - disse.

Boris jogou e viu que ia fazer um poker de ases, mas antes que os dados parassem estendeu a mão como para evitar que caíssem e virou dois com ponta do indicador e do anular. Apareceram dois reis.

— Dois pares - disse com ar de despeito.

— Ganhei a segunda - disse Ivich triunfante. - Vamos à negra.

Boris não sabia se ela o vira fazer trapaça. Mas não tinha grande importância. Ivich só tinha em conta o resultado. Ganhou a negra com dois pares sem que ele precisasse de intervir.

— Bem - disse ela simplesmente.

— Queres jogar mais?

— Não. Estava a jogar para saber se passaria.

— Não sabia - disse Boris. - Então, passaste?

Ivich encolheu os ombros.

— Não acredito.

Calaram-se, ficaram ali lado a lado, de cabeça baixa. Boris não olhava para Ivich, mas sentia-a tremer.

— Estou com calor - disse ela. - Que horror: tenho as mãos húmidas e estou cheia de angústia.

Na verdade, a sua mão direita, pouco antes gelada, estava agora a ferver. A mão esquerda, enfaixada, jazia inerte sobre o joelho.

— Esta ligadura repugna-me. Pareço um ferido de guerra, vou arrancá-la.

Boris não respondeu. Ouviu-se um relógio ao longe. Ivich sobressaltou-se.

— Meio-dia e meia? - perguntou, desvairada.

— Uma e meia - disse Boris consultando o relógio.

Olharam-se e Boris disse:

— Bem, agora tenho de lá ir.

Ivich apertou-se contra ele, abraçando-o.

— Não vás, Boris, querido, não quero saber, volto para Laon hoje à noite... Não quero saber nada.

— Estás a delirar - disse Boris com doçura. - Precisas de saber o que aconteceu para dizer lá em casa...

Ivich deixou cair os braços.

— Então vai. Mas volta o mais depressa possível. Espero aqui.

— Aqui? Não preferes que façamos o caminho justos? Esperas num café do Quartier Eatin.

— Não, não, espero aqui.

— Como quiseres. E se chover?

— Boris, por favor, não me tortures, vai depressa. Ficarei aqui, mesmo que chova, mesmo que a terra trema. Não me posso pôr de pé, não posso levantar um dedo.

Boris levantou-se e foi-se embora a passos largos. Depois de atravessar a rua, voltou-se. Viu Ivich de costas. Curvada no banco, com a cabeça enfiada entre os ombros, parecia uma pobre velha. "Apesar de tudo, é capaz de ter passado", pensou. Deu alguns passos e lembrou-se de repente do rosto de Lola. Do verdadeiro rosto. Pensou: "Como é infeliz", e o coração pôs-se-lhe a bater violentamente.

XIV

Dentro em pouco. Dentro em pouco. Começaria a busca infrutífera. Dentro em pouco, assombrado pelos olhos rancorosos de Marcelle, pelo rosto matreiro de Ivich, pela máscara mortuária de Lola, tornaria a sentir um gosto de febre na boca, a angústia viria pesar-lhe no estômago. Dentro em pouco. Afundou-se na poltrona e acendeu o cachimbo. Estava solitário e calmo, entregava-se à frescura sombria do bar. Havia aquele tonel envernizado que lhe servia de mesa, aquelas fotografias de artistas, aquelas boinas de marinheiros penduradas na parede, a rádio invisível que sussurrava como um repuxo, os dois senhores gordos e ricos ao fundo da sala, fumando charutos e bebendo vinho do Porto - últimos fregueses, homens de negócios; os outros tinham ido almoçar há muito tempo. Devia ser uma e meia, mas parecia manhã ainda, o dia ali estava, estendido como um mar inofensivo. Mathieu diluía-se nesse mar sem paixão, sem ondas, era um *spiritual* negro apenas perceptível (*literalmente, "espiritual"; tipo de música americana), um tumulto de vozes distintas, uma luz cor de ferrugem e o embalar de todas aquelas lindas mãos cirúrgicas que oscilavam com os seus charutos, como caravelas carregadas de especiarias. Aquele ínfimo fragmento de vida beata, bem sabia que lhe emprestavam apenas, que seria preciso devolvê-lo dentro em pouco, mas gozava-o agora sem amargura. Aos tipos fodidos, a vida ainda concedia inúmeros pequenos prazeres; é mesmo para esses tipos que ela reserva uma boa parte das suas graças efémeras, com a condição de que as gozem modestamente. Daniel estava sentado à sua esquerda, solene, silencioso. Mathieu podia contemplar à vontade o belo rosto de xequê árabe, e isso também era um prazer para os olhos. Mathieu esticou as pernas e sorriu para si próprio.

— Recomendo-te o Xerez - disse Daniel.

— Bem, se me ofereces. Estou sem um tostão.

— Ofereço. Mas queres que te empreste duzentos francos? Tenho vergonha de oferecer tão pouco...

— Não - disse Mathieu -, não vale a pena.

Daniel voltou para ele os seus grandes olhos acariciantes. Insistiu:

— Não faças cerimónia. Tenho quatrocentos francos até acabar a semana. Vamos dividi-los.

Era preciso recusar-se a aceitar, não estava dentro da regra do jogo.

— Não - disse Mathieu. - Muito obrigado.

Daniel pousou nele um olhar cheio de solicitude.

— Não precisas mesmo de nada?

— Sim - informou Mathieu -, preciso de cinco mil francos. Mas não agora. Agora só desejo um Xerez e conversar contigo.

— Espero que a minha conversa esteja à altura do Xerez.

Não se referia ainda à sua carta nem às razões que o tinham levado a convocar Mathieu. Mathieu estava-lhe grato pela descrição. Isso viria depressa. Disse:

— Sabes que vi Brunet ontem?

— É verdade? - disse Daniel, cortês.

— Acho que desta vez tudo acabou entre nós.

— Zangaram-se?

— Pior do que isso.

Daniel manifestava um grande aborrecimento. Mathieu não pôde deixar de sorrir.

— Não te estás se importando com Brunet!

— Bem sabes que nunca fui tão íntimo dele como você. Estimo-o muito, mas se tivesse alguma autoridade, mandava-o empalhar e colocar no Museu do Homem, seção século XX.

— Não faria lá má figura.

Daniel mentia. Gostara muito de Brunet outrora. Mathieu provou o Xerez.

— É bom.

— É - disse Daniel -, é o que há de melhor. Mas as provisões estão a esgotar-se, já não se pode renová-las por causa da guerra de Espanha.

Pousou o copo vazio e pegou numa azeitona do pires.

— Vou confessar-te uma coisa.

Tinha acabado. Aquela felicidade simples e leve entrara no passado. Mathieu olhou Daniel pelo canto do olho. Daniel tinha um ar nobre e compenetrado.

— Diz lá - disse Mathieu.

— Estou a pensar no efeito que isto vai fazer em ti - continuou Daniel hesitante. - Ficaria triste se te aborrecesses comigo.

— Fala e depois saberás - disse Mathieu, sorridente.

- Pois bem... sabes quem vi ontem à noite?
- Quem viste ontem à noite? Como hei-de saber? Vês tanta gente...
- Marcelle Duffet.
- Marcelle?

Mathieu não estava surpreso. Daniel e Marcelle não se tinham encontrado muitas vezes, mas Marcelle parecia ter simpatia por Daniel.

- Tens sorte - disse -, ela nunca sai. Onde a encontraste?

— Em casa dela... - disse Daniel sorrindo. - Onde querias que a encontrasse, se não sai?

Acrescentou, baixando as pálpebras modestamente:

- Devo dizer-te que nos vemos de vez em quando.

Houve um silêncio. Mathieu contemplava os cílios negros e compridos de Daniel. Tremiam ligeiramente. O relógio bateu duas vezes, uma voz de negro cantava baixinho *Ther'is cradle in Caroline*. "Vemo-nos de vez em quando." Mathieu voltou a cabeça e fixou o olhar no botão vermelho de uma boina de marinheiro.

- Vocês vêem-se... - repetiu sem compreender bem. - Mas onde?

— Em casa dela, acabo de te dizer - observou Daniel, vagamente irritado.

- Em casa dela? Queres dizer que vais a casa dela?

Daniel não respondeu. Mathieu perguntou:

- Que ideia foi essa? Como é que isso aconteceu?

— Muito simplesmente. Sempre tive grande simpatia por Marcelle Duffet. Admiro muito a sua coragem e generosidade.

Calou-se um momento, e Mathieu repetiu com espanto: "A coragem de Marcelle, a sua generosidade." Não eram as qualidades que mais apreciava em Marcelle. Daniel continuou:

— Um dia, estava aborrecido e veio-me à ideia de ir a casa dela. Acolheu-me muito amavelmente. É tudo. Daí por diante continuámos a ver-nos. A nossa culpa está em não te termos dito nada.

Mathieu mergulhou no perfume espesso, na atmosfera algodoadada do quarto cor-de-rosa. Daniel estava sentado na poltrona, olhava para Marcelle com os seus grandes olhos doces e Marcelle sorria desajeitadamente, como se lhe fossem tirar uma fotografia. Mathieu sacudiu a cabeça. Não, era absurdo, eles nada tinham em comum, não podiam entender-se.

— Vais à casa dela, e ela escondeu-me isso?

Acrescentou serenamente:

— É uma brincadeira.

Daniel ergueu os olhos e encarou Mathieu com uma expressão sombria.

— Mathieu! - disse com uma voz muito profunda. - Far-me-ás justiça, se reparares que nunca me permiti a menor brincadeira neste assunto das tuas relações com Marcelle. É uma coisa muito séria.

— Bem sei, bem sei, não impede que isso seja uma graça.

Daniel pareceu ficar desanimado.

— Bom - disse tristemente. - Não falemos mais nisso.

— Não, continua, é muito divertido. Mas não vou na onda. É tudo.

— Não me facilitas a tarefa - disse Daniel com um ar de censura. - Já é bastante penoso acusar-me diante de ti.

Suspirou:

— Preferia que acreditasses em mim, sob palavra de honra. Mas como exiges provas...

Tirou do bolso uma carteira cheia de notas. Mathieu viu o dinheiro e pensou: "Sacana!" Mas com preguiça.

— Olha - disse Daniel.

Entregou uma carta a Mathieu. Era a letra de Marcelle. Leu:

Tinha razão como sempre, querido Arcanjo. Eram de fato pervincas. Mas não compreendo uma só palavra do que me escreve. Que seja sábado, uma vez que não está livre amanhã. A minha mãe disse que lhe vai dar uma descompostura por causa dos bombons. Venha depressa, querido Arcanjo. Esperamos com impaciência a sua visita.

Marcelle.

Mathieu olhou para Daniel.

— Então, é verdade?

Daniel fez um sinal com a cabeça; mantinha-se direito, fúnebre e distinto como uma testemunha de duelo. Mathieu releu a carta do princípio ao fim. Trazia a data de 20 de Abril. "Escreveu isto." Aquele estilo precioso e jovial nada tinha dela! Esfregou nariz, perplexo, depois desatou a rir.

— Arcanjo! Ela chama-te arcanjo. Eu nunca teria encontrado essa expressão. Um arcanjo decaído, um tipo do género de Lúcifer. E tu também vês a velha e tudo...

Daniel parecia desconcertado.

— Ainda bem - disse. - Pensei que te zangasses.

Mathieu voltou a cabeça e olhou-o com indecisão. Viu que Daniel esperava a sua cólera.

— Sim, deveria zangar-me. Seria normal. E talvez me zangue ainda. Por enquanto estou apenas tonto.

Esvaziou o copo, admirando-se por sua vez de não se sentir irritado.

— Estás com ela muitas vezes?

— Sem regularidade, duas vezes por mês mais ou menos.

— Mas que é que podem dizer, de que é que conversam?

Daniel sobressaltou-se e os olhos brilharam-lhe.

— Terás alguns temas a propor-nos?

— Não te zangues - disse Mathieu conciliador. - Tudo isto é tão imprevisto... quase me diverte. Mas não tenho más intenções. Então é verdade? Gostam de conversar? Mas... não te aborreças, não, estou a tentar compreender... de que falam vocês?

— De tudo - disse Daniel friamente. - Evidentemente, Marcelle não espera de mim conversas muito elevadas, mas isso descansa-a.

— É incrível! Vocês são tão diferentes!

Não conseguia afastar a imagem absurda. Daniel todo cerimonioso, cheio de gentilezas maliciosas e nobres, com os seus ares de Cagliostro e o sorriso africano, e Marcelle diante dele rígida, desajeitada, leal. Leal? Rígida? Não devia ser assim tão rígida. "Venha, Arcanjo, esperamos a sua visita." Fora Marcelle quem escrevera aquilo, fora ela quem se espraíara naquelas gentilezas grosseiras. Era a primeira vez que Mathieu se sentia invadido por uma espécie de cólera. "Ela mentiu-me", pensou com espanto, "mente há seis meses". Continuou:

— Admira-me muito que Marcelle me tenha escondido qualquer coisa.

Daniel não respondeu.

— Foste tu que lhe disseste para se calar?

— Fui. Não queria que fiscalizasses as nossas relações. Agora já a conheço há bastante tempo, já não tem tanta importância.

— Foste tu que pediste - repetiu Mathieu mais calmo. - E ela não pôs dificuldades?

— Admirou-se muito.

— Mas não recusou?

— Não. Não devia achar grande mal nisso. Riu-se, lembro-me, e disse: "É um caso de consciência." Ela pensa que gosto de me rodear de mistério.

Acrescentou com uma ironia velada que agradou a Mathieu:

— A princípio chamava-me Lohengrin, depois, como vês, fixou-se em Arcanjo.

Mathieu pensou: "Ele diverte-se à custa dela." E sentiu-se humilhado por Marcelle. O cachimbo apagou-se-lhe. Estendeu a mão e pegou maquinalmente numa azeitona. Era grave. Não se sentia suficientemente abatido. Um espanto intelectual sim, como quando se descobre que nos enganamos redondamente.

Antes, porém, teria havido qualquer coisa dentro dele que sangraria. Disse apenas, com voz tépida:

— Nós dizíamos tudo um ao outro...

— É o que pensavas. Poder-se-á dizer tudo?

Mathieu encolheu os ombros, irritado, mas estava zangado sobretudo consigo mesmo. E essa carta! "Nós esperamos a sua visita."

— Parece-me que descubro uma Marcelle diferente.

Daniel pareceu atemorizar-se.

— Uma Marcelle diferente, não exageres. Não vás levar a sério uma infantilidade!

— Censuravas-me há pouco por não levar a sério as coisas.

— Mas passas de um extremo ao outro - disse Daniel. Continuou com uma expressão de compreensão afetuosa: - O que acontece é que confias demasiado nas tuas opiniões sobre os outros. Esta história prova apenas que Marcelle é mais complicada do que imaginas.

— Talvez - disse Mathieu -, mas há outra coisa.

Marcelle tinha-se tornado culpada, mas ele não lhe queria mal. "Não devia perder a confiança nela naquele dia - naquele dia em que talvez fosse obrigado a sacrificar-lhe a própria liberdade. Tinha de a estimar, senão era-lhe muito difícil."

— Aliás - continuou Daniel -, sempre tivemos a intenção de te dizer, mas era divertido brincar aos conspiradores; nós adiávamos sempre.

"Nós"! Ele dizia "nós". Alguém que podia dizer "nós" a Mathieu ao falar de Marcelle. Mathieu olhou para Daniel, sem amizade. Era o momento de o odiar, mas Daniel desarmava-o, como sempre. Mathieu disse-lhe:

— Daniel, porque é que ela fez isso?

— Ora, já te disse - respondeu Daniel. - Porque lhe pedi. E depois acho que ter um segredo a devia divertir.

Mathieu abanou a cabeça.

— Não. Há outra coisa. Ela sabia muito bem o que fazia. Porque o fez?

— Imagino que não era muito agradável viver sempre à luz do teu esplendor. Procurou um recanto na sombra.

— Ela acha-me... totalitário?

— Nunca o disse de uma maneira positiva, mas creio que assim o pensa. Que queres - acrescentou -, é uma força. Note-se que ela te admira, admira essa maneira que tens de viver dentro de uma casa de vidro e dizer abertamente aquilo que se costuma conversar em segredo. Mas isso cansa-a. Não te falou das minhas visitas porque teve receio de que a forçasses a pôr um rótulo no sentimento que tinha por mim, de que o desmontasses para devolvê-lo em pedacinhos bem analisados... É qualquer coisa hesitante, mal definida.

— Ela disse-te isso?

— Disse. Disse mais: "O que me diverte em si é que nunca sei para onde vou. Com Mathieu sei sempre."

"Com Mathieu sei sempre." Ivich dizia: "Consigo não há imprevistos." Mathieu encolheu os ombros.

— Porque é que ela nunca me falou disso tudo?

— Ela diz que tu nunca lhe perguntas nada.

Era verdade. Mathieu baixou a cabeça. Cada vez que se tratava de compreender os sentimentos de Marcelle sentia-se possuído por uma incomensurável preguiça. Quando por vezes acreditara discernir uma sombra nos olhos dela, encolhera os ombros. "Ora, se houvesse qualquer coisa, ela di-la-ia, diz-me tudo. E era isso que eu intitulava a minha confiança nela! Estraguei tudo."

Sacudiu-se e disse bruscamente:

— Porque me dizes isso hoje?

— Tinha de te dizer um dia ou outro. Aquele ar evasivo era propositado. Para espicaçar a curiosidade.

Mathieu não se enganou.

— Por que razão hoje e porquê você? Teria sido... mais normal que fosse ela a falar em primeiro lugar.

— Bem - disse Daniel representando -, talvez me tenha enganado... Mas pensei que fosse bom para ambos.

— Bom. - Mathieu empertigou-se: "Cuidado, é agora."

Daniel continuou:

— Vou dizer toda a verdade. Marcelle ignora que te falei e ainda ontem não estava resolvida a pôr-te ao par da situação tão cedo. Ficar-te-ei muito grato se não lhe disseses nada da nossa conversa, por enquanto.

Mathieu riu sem querer.

— És mesmo o demónio! Semeias segredos por toda a parte. Ontem conspiravas com Marcelle contra mim e hoje pedes a minha cumplicidade contra ela! Que estranho traidor.

Daniel sorriu.

— Não tenho nada de diabo. O que me levou a falar foi a inquietação real que se apossou de mim ontem. Pareceu-me que havia um mal-entendido muito grave entre vocês. Naturalmente, Marcelle é orgulhosa de mais para falar.

Mathieu apertou com força o copo nas mãos. Começara a entender.

— É a propósito do seu... do seu acidente - disse Daniel.

— Ah! - atalhou Mathieu -, disseste-lhe que estavas ao corrente?

— Não, não disse nada. Foi ela quem falou.

— Oh!

"Ontem ao telefone parecia temer que eu lhe contasse, e à noite é ela quem fala. Mais uma comédia." Acrescentou:

— E então?

— Então há qualquer coisa que não está certo.

— Que é que te leva a dizer isso? - perguntou Mathieu, com um nó na garganta.

— Nada de especial... é talvez a maneira como me contou as coisas.

— Então? Ela tem-me raiva porque lhe arranjei um filho?

— Não, não é isso. E por causa da tua atitude de ontem. Ela falou-me disso com rancor.

— Que é que eu fiz?

— Não o sei dizer exatamente. O que ela me disse foi, entre outras coisas, isto: "Ele é quem resolve sempre, e se não estou de acordo devo protestar. Mas isso é uma vantagem para ele, que já tem opinião sobre as coisas e não me dá tempo para formar a minha." Não garanto a exatidão das palavras.

— Mas não tinha nenhuma decisão a tomar - atalhou Mathieu, espantado. - Estivemos sempre de acordo sobre o que se faria em semelhante circunstância.

— Sim, mas procuraste saber a opinião dela anteontem?

— Não, por certo. Estava convencido de que pensava como eu.

— Bom, não lhe perguntaste nada. E quando encararam pela última vez essa eventualidade?

— Não sei, há dois ou três anos.

— Dois ou três anos. E não acreditas que ela tenha mudado de opinião?

No fundo da sala os senhores distintos levantaram-se, congratulavam-se sorridentes. Um empregado trouxe-lhes os chapéus, três feltros e um chapéu de coco. Saíram com um cumprimento amistoso para o barman, e o empregado desligou a rádio. "Isto vai acabar mal", pensou Mathieu. Não sabia exatamente o que ia acabar mal. O dia pesado e borrascoso, aquela história de aborto, Marcelle... Não. Era qualquer coisa mais vaga e mais ampla. A sua vida, a Europa, a paz insípida e sinistra. Eembrou-se dos cabelos ruivos de Brunet. "Em Setembro temos a guerra." Naquele momento, no bar deserto e escuro, acreditava-se nisso. Havia qualquer coisa de podre na sua vida, naquele Verão.

— Ela tem medo da operação? - perguntou.

— Não sei - disse Daniel com um ar distante.

— Tem vontade de se casar comigo? Daniel pôs-se a rir.

— Não sei, meu caro, perguntas de mais. Isso não pode ser assim tão simples. Devias falar-lhe à noite. Sem te referires a mim, evidentemente; como se tivesses tido escrúpulos. A julgar pelo que vi ontem, ela dir-te-ia tudo. Parecia tão acabrunhada.

— Está bem. Tentarei falar-lhe.

Houve um silêncio. Daniel continuou com um ar aborrecido:

— Enfim, é tudo. Eu avisei-te.

— Bem sei, obrigado!

— Desejas-me mal?

— De maneira nenhuma. Aliás, é mesmo o tipo de serviço que podes fazer: cai-nos na cabeça como uma telha.

Daniel riu com vontade. Abriu a boca mostrando os dentes brilhantes e o fundo da garganta.

*

"Eu não devia...", pensava ela, com a mão sobre o auscultador, "eu não devia, mas nós contávamos sempre tudo. Ele pensa, ruminando: "A Marcelle contava-me tudo." Ah! Ele pensa nisso. Sabe agora, com o espanto a oprimir-lhe e esta vozinha na cabeça: "Marcelle dizia-me sempre tudo!" Ela está lá, neste momento, ela está lá na sua cabeça, é intolerável, preferia mil vezes que me odiasse, mas ele está lá, sentado no café, de braços abertos como se tivesse deixado cair qualquer coisa, com o olhar fixo no chão como se alguma coisa se tivesse partido. Pronto, a conversa já se deu. Eu não estava lá, não soube nada, mas ela está, ela esteve, as palavras foram ditas e eu nada sei, a voz grave subia como fumo para o teto do café, a voz virá de lá, a bela voz grave que faz sempre vibrar o auscultador do telefone, e a voz virá e dirá: já está. Meu Deus, meu Deus, que irá ela dizer? Estou nua, grávida, e essa voz sairá toda vestida da placa branca, não devíamos, ela teria detestado Daniel se fosse possível detestá-lo, mas foi generoso, tão bom, foi o único a preocupar-se comigo, tomou a minha causa a peito, o Arcanjo emprestou à minha causa a sua voz soberba. Uma mulher, uma pobre mulher, fraca e defendida no mundo dos homens e dos vivos por uma voz sombria e quente, a voz sairá dali, dirá: "Marcelle dizia-me tudo", pobre Mathieu, querido Arcanjo!" Pensou: "Arcanjo" e os seus olhos encheram-se de lágrimas, doces lágrimas, lágrimas de abundância e fertilidade, lágrimas de verdadeira mulher, após oito dias tórridos, de doce mulher defendida. "Ele abraçou-me, acariciou-me, defendeu-me"; a lágrima trémula dos olhos, e a carícia em sulco sinuoso no rosto, o tremor dos lábios... Durante oito dias ela olhara ao longe um ponto fixo, com os olhos secos e vazios: vão matá-lo, durante oito dias ela fora para ele Marcelle a decidida, Marcelle a dura, Marcelle a razoável, Marcelle a masculina, ele diz que sou um homem e agora a água, a mulher frágil, a chuva nos olhos, porquê resistir, amanhã serei dura e razoável, uma só vez as lágrimas, os remorsos, a doce piedade de si, a humildade ainda mais

doce, aquelas mãos de veludo sobre as minhas ancas, sobre as minhas nádegas, tenho vontade de abraçar Mathieu e de lhe pedir perdão, de joelhos. Pobre Mathieu, meu pobre querido. Uma vez, ao menos uma vez, ser defendida, perdoada, é tão bom!" Subitamente surgiu-lhe uma ideia nítida, o ácido correu-lhe nas veias. "Esta noite, quando ele chegar, quando eu lhe puser os braços em volta do pescoço e o beijar, ele saberá tudo, e eu terei de fingir que ignoro que ele já o sabe. Ah!, nós mentimos-lhe", pensou com desprezo, "continuamos a mentir-lhe, dizemos-lhe tudo, mas a nossa sinceridade está envenenada. Ele sabe, chegará esta noite, verei os seus olhos bons, pensarei: ele sabe e como poderei suportar isso, meu pobre Mathieu, meu bom Mathieu, pela primeira vez na vida fiz-te sofrer, ah!, aceitarei tudo, irei ver a velha, matarei a criança, tenho vergonha, farei o que ele quiser, tudo o que tu quiseres."

O telefone tocou sob os seus dedos. Crispou a mão sobre o auscultador.

— Alô - disse ela -, é Daniel?

— Sim - respondeu uma voz calma -, quem fala?

— É Marcelle.

— Bom dia, querida Marcelle.

— Bom dia - disse Marcelle. O coração batia-lhe fortemente.

— Dormiu hem? - A voz grave ecoava-lhe no ventre, era insuportável e delicioso. - Deixei-a muito tarde ontem. Madame Duffet deve ter ficado zangada. Mas espero que não tenha sabido.

— Não - disse Marcelle, arquejante -, não soube de nada. Dormia a sono solto quando você saiu...

— E você - insistia a voz terna - dormiu?

— Eu? Mais ou menos. Estou um pouco enervada.

Daniel riu. Era um belo riso de luxo, tranquilo e forte. Marcelle sentiu-se melhor.

— Não deve enervar-se - disse ele. - Correu tudo otimamente.

— Tudo? É verdade?

— É verdade. Melhor do que eu esperava. Tínhamos menosprezado Mathieu, minha querida Marcelle.

Marcelle sentiu-se invadida por amargos remorsos. Disse:

— Não é verdade? Não é verdade que o menosprezamos?

— Ele deteve-me às primeiras palavras - disse Daniel. - Disse-me que compreendia muito bem, que percebeu que havia qualquer coisa e que isso o atormentava todo o dia.

— Tu... tu disse que nos víamos?

— Naturalmente - respondeu Daniel, espantado. - Não tínhamos combinado isso?

— Sim, sim, como reagiu ele?

— Foi tudo bem, afinal. A princípio não queria acreditar.

— Deve ter-lhe dito que dizíamos tudo um ao outro...

— Efetivamente - Daniel parecia divertir-se -, disse-o exatamente nesses termos.

— Daniel, tenho remorsos.

Ouviu novamente o riso profundo e sadio.

— Acontece! Ele também. Saiu cheio de remorsos. Se vocês dois estão com essas disposições, eu queria estar escondido no quarto para ver quando se encontrassem. Promete ser delicioso.

Riu de novo e Marcelle pensou com humilde gratidão: "Está a trocar de mim." Mas a voz voltara a ser grave e o telefone vibrava como um órgão.

— A sério, Marcelle, tudo corre bem. Estou satisfeito por sua causa. Ele não me deixou falar, interrompeu-me logo às primeiras palavras e disse: "Pobre Marcelle, sou um grande culpado, tenho ódio a mim próprio, mas hei-de arranjar tudo, achas que ainda posso reparar o mal?" E tinha os olhos vermelhos. Como ele gosta de si!

— Oh! Daniel! - dizia Marcelle. - Oh! Daniel... Oh! Daniel...

Houve um silêncio, e Daniel continuou:

— Disse-me que queria falar-lhe hoje à noite, com o coração aberto. "Espremer o abcesso." Agora tudo está nas suas mãos. Ele fará o que você quiser.

— Oh! Daniel! Oh! Daniel!

Tomou fôlego e acrescentou:

— Você foi tão bom, foi... quero vê-lo o mais cedo possível, tenho tanta coisa a contar-lhe e não posso falar sem lhe ver o rosto. Pode ser amanhã?

A voz pareceu-lhe mais seca, tinha perdido o tom harmonioso.

— Amanhã, não. Com certeza que desejo muito vê-la. Telefonarei, Marcelle, é mais fácil.

— Está bem - disse Marcelle -, telefone depressa. Ah!, Daniel, querido Daniel.

— Até logo, Marcelle, seja desembaraçada hoje à noite...

— Daniel!...

Mas o telefone tinha sido desligado.

Marcelle pôs o auscultador no descanso e passou o lenço pelos olhos húmidos: "Arcanjo! Fugiu depressa para que eu não lhe agradecesse." Aproximou-se da janela e contemplou os transeuntes: mulheres, crianças, operários, pareceu-lhe que tinham um ar de felicidade. Uma jovem senhora corria pelo meio da rua com o filho no braço, falava-lhe arquejante, e ria. Marcelle seguiu-a com o olhar. Depois aproximou-se do espelho e mirou-se com espanto. Sobre a prateleira do lavatório havia três rosas vermelhas num copo. Marcelle pegou numa com hesitação, virou-a timidamente entre os dedos, depois fechou os olhos e enfiou a rosa na cabeleira escura: "Uma rosa nos meus cabelos." Abriu as pálpebras e olhou-se no espelho, arranjou a cabeleira e sorriu para si própria cheia de confusão.

XV

— Faça favor de esperar aqui - disse o homenzinho.

Mathieu sentou-se num banco. Era uma sala escura que tresandava a couve. À esquerda via-se uma luz fraca através de uma porta envidraçada. Tocaram, e o homenzinho foi abrir. Uma mulher jovem entrou vestida com uma decência miserável.

— Faz favor de se sentar, minha senhora.

Acompanhou-a, obsequioso, até ao banco, em que ela se sentou, encolhendo as pernas.

— Já estive aqui - disse a mulher -, é para um empréstimo.

— Sim, minha senhora, com certeza.

O homenzinho falava-lhe muito junto ao rosto.

— É funcionária?

— Eu, não. Meu marido.

Pôs-se a procurar na bolsa. Não era feia, mas tinha uma expressão dura e perseguida. O homenzinho olhava-a com cobiça. Ela tirou dois ou três papéis cuidadosamente dobrados; ele pegou-lhes, chegou à porta envidraçada, para ter mais luz e examinou-os demoradamente:

— Muito bem - disse, devolvendo-os. - Muito bem. Dois filhos? Parece tão nova... Esperamo-los com impaciência, não é verdade? Mas quando chegam, desorganizam as finanças. Está um bocado atrapalhada, não é?

A jovem mulher corou e o homenzinho esfregou as mãos:

— Pois bem - disse -, vamos arranjar tudo, vamos arranjar tudo, é para isso que estamos aqui.

Contemplou-a pensativo e sorridente durante uns instantes, depois afastou-se. A jovem mulher deitou uma olhadela hostil a Mathieu e pôs-se a brincar com o fecho da bolsa. Mathieu não estava à vontade; introduzira-se entre os verdadeiros pobres e era o dinheiro deles que ia buscar, um dinheiro cinzento e triste, que cheirava a couve. Baixou a cabeça e olhou o chão entre os pés. Viu as notas sedosas e perfumadas na maleta de Lola. Não era o mesmo dinheiro.

A porta envidraçada abriu-se e surgiu um senhor alto, de bigode branco. Tinha os cabelos prateados, cuidadosamente penteados para trás.

Mathieu acompanhou-o ao escritório. O senhor apontou-lhe amavelmente uma poltrona de couro já gasto e sentaram-se ambos. O senhor apoiou os cotovelos na mesa e juntou as belas mãos brancas. Usava uma gravata verde-escura, cuja severidade era discretamente aliviada por uma pérola.

— Deseja recorrer aos nossos serviços? - perguntou paternalmente.

— Desejo.

Examinou o rosto de Mathieu; os olhos azul-claros projetavam-se ligeiramente para fora do rosto.

— Senhor?

— Delarue.

— Não ignora que os estatutos da nossa sociedade estabelecem um serviço de empréstimo destinado exclusivamente aos funcionários públicos?

A voz era bela e branca, um pouco gorda, como as mãos.

— Sou funcionário - disse Mathieu. - Professor.

— Ah! Ah! - disse o senhor com interesse. - Temos muito prazer em auxiliar os universitários. É professor do liceu?

— Sou. No Liceu Buffon.

— Muito bem. Vamos então às formalidades da praxe. Em primeiro lugar vou pedir-lhe um documento de identidade. Um qualquer, passaporte, caderneta militar, cartão de eleitor...

Mathieu entregou-lhe os documentos. O senhor tomou-os, examinou-os distraidamente.

— Muito bem. E qual é o montante da soma de que vai precisar?

— Seis mil francos - disse Mathieu.

Ele refletiu um pouco e disse:

— Ponhamos sete mil.

Mathieu estava agradavelmente surpreendido. Pensou: "Não imaginava que fosse tão fácil."

— Conhece as nossas condições? Emprestamos por seis meses, possibilidade de adiamento. Somos obrigados a exigir vinte por cento de juros, porque temos despesas enormes e corremos sérios riscos.

— Está bem, está bem - atalhou Mathieu.

O senhor tirou da gaveta duas folhas impressas.

— Quer ter a bondade de preencher estes formulários? Assine em baixo.

Era um formulário de pedido de empréstimo em duplicado. Tinha de indicar a idade, o estado civil, a morada. Mathieu escreveu.

— Muito bem - disse o senhor percorrendo as folhas. - Nascido em Paris... 1905... pai e mãe franceses... Bem, é tudo por agora. Na entrega dos sete mil francos exigiremos um recibo selado, reconhecendo a dívida. O selo é por sua conta.

— Na entrega do dinheiro? Não pode entregá-lo agora?

O senhor pareceu muito surpreendido.

— Agora? Mas, meu caro professor, necessitamos de quinze dias pelo menos para as informações!

Que informações? Já viu os meus documentos. O senhor considerou Mathieu com uma indulgência divertida.

— Ah! - disse -, os universitários são todos iguais. Todos idealistas. Note que neste caso particular não ponho em dúvida a sua palavra, Mas, de um modo geral, quem nos prova que os seus documentos não são falsos? (Sorriu tristemente.) Quando se lida com dinheiro, aprende-se a desconfiar. É um sentimento miserável, concordo, mas não temos o direito de ser confiantes. Por isso faremos o nosso pequeno inquérito, dirigindo-nos diretamente ao Ministério. Mas nada receie, procederemos com a máxima discrição. Porém, o senhor sabe, entre nós, como são as administrações. Duvido muito que possa contar com o nosso auxílio antes de 5 de Julho.

— É impossível - disse Mathieu, angustiado. - Preciso do dinheiro para hoje à noite ou o mais tardar amanhã de manhã cedo é uma necessidade urgente. Não se poderia... com um juro mais elevado?

O senhor mostrou-se escandalizado. Ergueu as belas mãos e disse:

— Não somos usurários, meu caro professor! A nossa sociedade tem o apoio moral do Ministério das Obras Públicas. E uma instituição por assim dizer oficial. Cobramos os juros normais, estabelecidos de acordo com as despesas e os riscos e não nos podemos prestar a nenhuma transação desse género!

Acrescentou com severidade:

— Se tinha pressa, devia ter vindo antes. Não leu os nossos avisos?

— Não - disse Mathieu levantando-se. - Foi uma decisão repentina.

— Lamento - disse friamente o senhor. - Devo rasgar os formulários que acaba de preencher?

Mathieu pensou em Sarah: "Seguramente deve ter obtido um prazo."

— Não rasgue - disse -, vou ver se me arranjo até à data da entrega.

— Pois é - disse o senhor amavelmente -, há-de encontrar um amigo que lhe adiante o dinheiro por quinze dias. A morada está certa - disse apontando para o formulário -, Rua Huyghens, número 12?

— Está.

— Pois bem, nos primeiros dias de Julho mandar-lhe-emos uma convocatória.

Ergueu-se e acompanhou Mathieu até à porta.

— Até à vista, senhor - disse Mathieu. - Obrigado.

— Ao seu serviço - respondeu o senhor, inclinando-se. - E muito prazer.

Mathieu atravessou a sala com grandes passadas. A jovem mulher ainda estava ali. Mordia a luva com um olhar desvairado.

— Queira entrar, minha senhora - disse o homem por trás de Mathieu.

Lá fora uma luminosidade vegetal tremia no ar cinzento. Mas agora Mathieu tinha sempre a impressão de estar enterrado. "Mais um desastre", pensou. Só tinha esperança em Sarah.

Estava no Bulevar Sébastopol. Entrou num café e pediu ficha ao balcão.

— No fundo, à direita, ficam os telefones.

Enquanto marcava o número pensou: "Oxalá tenha conseguido, oxalá tenha conseguido." Era quase uma prece.

— Alô, Alô, Sarah?

— Aló - disse uma voz. - É Weysmuller.

— Daqui é Mathieu Delarue. Posso falar com Sarah?

— Saiu.

— Ah! Que chatice. Não sabe quando volta?

— Não. Quer deixar algum recado?

— Não. Diga-lhe apenas que telefonei.

Desligou e saiu. A sua vida já não dependia dele, estava nas mãos de Sarah. Só lhe restava esperar. Fez sinal a um autocarro, subiu e sentou-se junto de uma velha que tossia no lenço. "Os judeus entendem-se sempre bem", pensou. "O assunto vai ser resolvido."

— Denfert-Rochereau?

— Três bilhetes - disse o cobrador.

Mathieu pagou e pôs-se a olhar pelos vidros. Pensava em Marcelle com um rancor melancólico. Os vidros tremiam, a velha tossia, as flores dançavam-lhe no chapéu de palha. O chapéu, as flores, a velha, Mathieu, tudo era transportado pela enorme máquina. A velha não tirava o nariz do lenço e tossia. Tossia na esquina da Rua dês Ours com o Bulevar Sébastopol, tossia na Rua Réaumur, tossia na Rua Montorgueil, tossia no Pont-Neuf, por cima das águas calmas e escuras. "E se o judeu não for nisso?" Mas esse pensamento não o chegou a arrancar do seu torpor. Já não passava de um saco de carvão empilhado com outros sacos no fundo de um camião. "Tanto faz, pelo menos acaba, eu digo-lhe hoje à noite que caso com ela." O autocarro enorme e infantil transportava-o, fazia-o virar à direita e à esquerda, sacudia-o, maltratava-o; os acontecimentos batiam de encontro aos vidros, ao banco, era embalado pela rapidez da sua vida. Pensava: "A minha vida já não me pertence, a minha vida é apenas um destino." Via surgirem um por um os pesados edifícios sombrios da Rua dos Saints-Peres, via a sua vida desfilar. "Caso, não caso: já não tenho nada com isso. É cara ou coroa."

O autocarro parou com uma travagem brusca. Mathieu endireitou-se e olhou angustiado as costas do motorista. Toda a sua liberdade acabava de retroceder sobre ele. Pensou: "Não, não é cara ou coroa. O que quer que aconteça, é através de mim que há-de acontecer."

Ainda que se deixasse levar, desamparado, desesperado, mesmo que se deixasse transportar como um saco de carvão, tinha escolhido a sua perdição. Era livre, livre, para tudo, com liberdade de ser um animal ou uma máquina, de aceitar, de recusar, de hesitar, casar, desaparecer, de se arrastar durante anos com aquela cadeia aos pés. Podia fazer o que quisesse, ninguém tinha o direito de aconselhá-lo. Só havia para ele Bem e Mal se os inventasse. Em volta dele as coisas tinham-se agrupado, esperavam sem um sinal, sem a menor sugestão. Estava só no meio de um silêncio monstruoso, só e livre, sem auxílio nem desculpa, condenado a decidir-se sem apelo possível, condenado à liberdade para sempre.

— Denfert-Rochereau - gritou o cobrador.

Mathieu levantou-se e desceu. Enfiou pela Rua Froi-devaux. Estava cansado e nervoso, via continuamente uma maleta aberta, no fundo de um quarto escuro, e, na maleta, notas perfumadas e sedosas. Era como um remorso. "Devia ter roubado."

— Uma carta para o senhor - disse a porteira.

Mathieu pegou na carta, rasgou o sobrescrito. No mesmo instante os muros que o cercavam desmoronaram-se e pareceu-lhe que mudava de mundo. Havia três palavras no meio da página. Uma letra grande e inclinada:

"Reprovada. Inconsciente. Ivich."

— São más notícias? - perguntou a porteira.

— Não.

— Bem, é que o senhor ficou tão assustado.

"Reprovada. Inconsciente. Ivich."

— É um aluno meu que ficou reprovado nos exames.

— Ah! É que estão cada vez mais difíceis, segundo me disseram.

— Muito mais.

— Imagine! Toda essa gente que estuda. Ficam com diplomas. Que é que se lhes há-de fazer?

— Pois é, que se há-de fazer!

Leu pela quarta vez a carta. Impressionava-se com a grandiloquência inquietante. "Reprovada, inconsciente... deve estar a fazer alguma asneira. É claro como a água, está prestes a fazer uma asneira."

— Que horas são?

— Seis horas.

"Seis horas. Soube do resultado às duas horas. Há quatro horas que anda por aí pelas ruas de Paris." Enfiou a carta no bolso.

— Madame Garinet, empreste-me cinquenta francos - pediu à porteira.

— Não sei se os tenho - disse a porteira, admirada.

Mexeu na gaveta da mesa de costura.

— Só tenho cem, dá-me depois o troco.

— Bem... Obrigado.

Saiu. "Onde estará ela?" Tinha a cabeça vazia e as mãos trémulas. Um táxi parou, Mathieu chamou-o:

— Lar dos Estudantes, 173, Rua Saint-Jacques, depressa.

— Está bem - disse o motorista.

"Onde estará ela? Na melhor das hipóteses terá partido para Laon; na pior... E estou com quatro horas de atraso!" Estava dobrado para a frente e apoiava fortemente o pé sobre o tapete para acelerar.

O táxi parou. Mathieu desceu e tocou à campainha.

— A srta. Ivich Serguine está?

A mulher olhou-o, com desconfiança.

— Vou ver - respondeu. Voltou logo.

— A srta. Serguine não voltou desde esta manhã. Tem algum recado para ela?

— Não.

Mathieu subiu novamente para o automóvel.

— Hotel de Pologne, Rua Sonimerard.

Passados instantes bateu no vidro.

— Ali, à esquerda.

Saltou e empurrou a porta.

— O Senhor Serguine está?

O empregado, gordo, albino, estava na caixa. Reconheceu Mathieu e sorriu.

— Não voltou, não veio dormir.

— E a irmã... uma mulher loura, não passou por aqui?

— A Menina Ivich? Não, não veio. A Senhora Montero é que telefonou duas vezes para falar com o Senhor Boris, quer que ele vá vê-la imediatamente quando chegar. Se o encontrar, pode dar-lhe o recado.

— Está bem.

Saiu. "Onde estaria? No cinema? Pouco provável. Nas ruas? Em todo o caso não tinha ainda deixado Paris, pois teria passado antes pelo Lar para levar a bagagem." Mathieu tirou a carta do bolso e examinou o sobrescrito. Tinha sido enviada da agência da Rua Cujas, mas isso não queria dizer nada.

— Aonde vamos? - perguntou o motorista.

Mathieu olhou-o, indeciso, mas de repente percebeu: "Para me mandar aquilo, devia estar bêbeda."

— Ouça - disse -, vamos subir devagar o Bulevar Saint-Michel, desde o cais, preciso de entrar em todos os cafés, ando à procura de alguém.

Ivich não estava no Biarritz, nem no Source, nem no Harcourt, nem no Biard, nem no Palais du Café. No Capoulade viu um estudante chinês que a conhecia. Correu. O estudante tomava uma dose de vinho do Porto, sentado num banco do bar.

— Desculpe - disse Mathieu. - Parece-me que conhece a Serguine. Não a viu hoje?

— Não - disse o chinês. Falava com dificuldade. - Aconteceu-lhe alguma desgraça?

— Como diz?

— Estou a perguntar ao senhor se lhe aconteceu alguma desgraça.

— Não sei - disse-lhe Mathieu, voltando-lhe as costas.

Nem sequer pensava em proteger Ivich; sentia apenas uma necessidade dolorosa e violenta de a tornar a ver. "E se ela tivesse tentado suicidar-se? É muito capaz disso", pensou com fúria. Mas afinal talvez estivesse simplesmente em Montparnasse.

— Carrefour Vavin - disse.

Subiu para o táxi. As mãos tremiam-lhe; enfiou-as nos bolsos. O táxi deu a volta à Fonte Médicis, e Mathieu viu Renata, a amiga italiana de Ivich. Saía do Luxemburgo com uma pasta debaixo do braço.

— Pare! Pare!

— Saltou do táxi e correu para ela.

— Viu Ivich?

Renata tomou um ar digno.

— Bom dia - disse.

— Bom dia. Viu Ivich?

— Ivich? Vi, sim.

— Quando?

Há uma hora mais ou menos.

— Onde?

— No Luxemburgo. Estava com uma gente muito esquisita. Sabe que ela reprovou, a coitada?

— Sei. Para onde é que ela foi?

— Queriam ir ao dancing. Ao Tarantule, creio.

— Onde é isso?

— Rua Monsieur-le-Prince. E uma casa de discos, o dancing é na cave.

— Obrigado.

Deu alguns passos, depois voltou:

— Desculpe, também me esqueci de lhe dizer adeus.

— Adeus.

Mathieu voltou para o táxi.

— Rua Monsieur-le-Prince, fica a dois passos. Devagar, eu aviso.

"Tomara que ainda lá esteja, senão terei de correr todos os chás-dançantes do Quartier Latin."

— Pare. É aqui. Espere um momento. Entrou na casa de discos.

— O dancing? - perguntou.

— Na cave. Desça a escada.

Mathieu desceu, sentiu um cheiro a mofo, empurrou uma porta de couro e recebeu um golpe no estômago; Ivich estava ali, dançava. Encostou-se à ombreira da porta e pensou: "Ela está aqui."

Era uma sala vazia, sem uma sombra. Uma luz coada saía dos lustres de papel oleoso. Mathieu viu umas quinze mesas espalhadas sob a luz morta. Nas paredes tinham pregado papéis multicores que tinham forma de plantas exóticas e os quais já se estavam a despregar sob a ação da humidade. Os cactos estavam inchados como bolhas. Um gira-discos invisível difundia um paso-doble e essa música em conserva tornava a sala ainda mais nua.

Ivich apoiava a cabeça no ombro do seu par e colava-se a ele. Ele dançava bem. Mathieu reconheceu-o. Era o jovem moreno e alto que estava com Ivich na véspera, no Bulevar Saint-Michel. Ele respirava os cabelos de Ivich e de quando em quando beijava-os. Ela afastava então a cabeça e ria, muito pálida, de olhos fechados, enquanto ele lhe sussurrava ao ouvido. Estavam sós no meio da sala. No fundo quatro rapazes e uma mulher muito pintada batiam palmas e gritavam "Olé!" O tipo alto e moreno reconduziu Ivich à mesa deles, segurando-a pela cintura. Os estudantes rodearam-na e fizeram-lhe uma festa; tinha um ar esquisito, ao mesmo tempo empertigado e familiar. Envolviam-na à distância com gestos redondos e ternos. A mulher pintada mostrava-se reservada. Estava de pé, pesada e mole, com o olhar parado. Acendeu um cigarro e disse, pensativa:

— Olé!

Ivich deixou-se cair numa cadeira entre a mulher e um lourinho de barba. Ria como uma louca.

— Não, não - dizia agitando a mão diante do rosto -, nada de álibis!

O de barbas levantou-se atenciosamente para dar lugar ao dançarino moreno. "Fantástico", pensou Mathieu, "reconhecem-lhe o direito de se

sentar ao lado dela". O belo moreno parecia achar a coisa muito natural. Era, aliás, o único à vontade.

Ivich apontou o de barbas.

— Foge porque eu prometi beijá-lo - disse a sorrir.

— Desculpe - disse o de barbas com dignidade -, não prometeu, ameaçou.

— Pois bem, não te beijarei. Beijarei Irma.

— Quer beijar-me, Ivich? - disse a mulher, surpreendida e lisonjeada.

— Quero, vem. - E puxou-a pelo braço, autoritária.

Os outros afastaram-se, escandalizados. Alguém disse: "Ivich!" com uma voz docemente reprovadora. O belo moreno olhava-a friamente com um leve sorriso. Esperava. Mathieu sentiu-se humilhado. Para aquele rapaz elegante, Ivich não passava de uma presa, ele despia-a com um olhar sensual de amador, já estava nua diante dele, ele adivinhava-lhe os seios, as coxas, o cheiro da carne... Mathieu sacudiu-se bruscamente e avançou para Ivich. Tinha as pernas moles. Percebera pela primeira vez que a desejava vergonhosamente através do desejo de outro.

Ivich fizera mil trejeitos antes de beijar a mulher. Finalmente agarrara-lhe no rosto entre as mãos e beijara-a na boca. Mas repeliu-a violentamente.

— Cheiras a borracha - disse com asco.

Mathieu colocou-se diante da mesa.

— Ivich!

Ela olhou-o, de boca aberta, e ele ficou a duvidar que o tivesse reconhecido. Mas ela ergueu a mão esquerda e apontou-o.

— És tu - disse. - Olha.

Arrancara o curativo. Mathieu viu uma crosta avermelhada com pequenos pontos brancos de pus.

— Conservaste o teu - disse Ivich, decepcionada. - É verdade que é prudente.

— Ela arrancou-o contra a nossa vontade - desculpou-se a mulher. - É um demónio.

Ivich ergueu-se subitamente e olhou Mathieu com um ar sombrio.

— Leve-me daqui, estou a achincalhar-me.

Os rapazes entreolharam-se.

— Sabe - disse o de barbas -, não a fizemos beber, quisemos até impedi-la.

— Isso é verdade - afirmou Ivich desgostosa -; são uns verdadeiros pajens...

— Menos eu, Ivich - disse o dançarino -, menos eu. Olhava-a com ar cúmplice.

Ivich voltou-se para ele e disse:

— Menos este, que é um cafajeste.

— Venha - disse Mathieu docemente.

Tomou-a pelos ombros e conduziu-a. Ouviu atrás dele um ruído de consternação. No meio da escada, Ivich tornou-se pesada.

— Ivich!

Ela sacudiu os caracóis, contente.

— Quero sentar-me aqui.

— Eu peço-lhe, Ivich...

Ela pôs-se a rir e levantou a saia acima do joelho.

— Quero sentar-me aqui.

Mathieu agarrou-a pela cintura e empurrou-a. Na rua largou-a. Não se debatera. Ela pestanejou e olhou em volta, melancólica.

— Quer voltar para casa? - propôs Mathieu.

— Não - gritou Ivich.

— Quer ir para a casa de Boris?

— Ele não está em casa.

— Onde está ele?

— Sei lá.

— Para onde quer ir?

— Sei lá. Você é que deve saber, já que me trouxe de lá.

Mathieu refletiu.

— Bem - disse.

Levou-a até ao táxi.

— Rua Huyghens, 12. Levo-a para a minha casa - explicou. - Poderá deitar-se no sofá e eu farei um pouco de chá.

Ivich não protestou. Subiu com dificuldade para o automóvel e atirou-se para cima da almofada.

— Não se sente bem?

Estava lívida.

— Estou doente.

— Vou mandar parar numa farmácia.

— Não - disse violentamente.

— Então, estenda-se e feche os olhos, chegaremos num instante.

Ivich gemeu um pouco. De repente ficou verde e pendurou-se na janela. Mathieu viu as costas magras sacudidas pelos vômitos. Estendeu o braço e segurou o trinco, tinha medo de que a porta se abrisse. Depois de um instante a tosse cessou. Mathieu encostou-se para trás, tirou o cachimbo, encheu-o e fingiu estar absorto. Ivich tornou a encostar-se na almofada e Mathieu guardou o cachimbo.

— Chegámos - avisou.

Ivich ergueu-se com dificuldade.

— Tenho vergonha - disse.

Mathieu desceu primeiro e deu-lhe a mão para a ajudar, mas ela recusou e saltou com vivacidade para o passeio. Ele pagou ao motorista apressadamente e voltou-se para ela. Ela olhava-o com uma expressão neutra. Um cheiro azedo de vômito exalava da sua boca tão pura. Mathieu respirou apaixonadamente esse cheiro.

— Está melhor?

— Já não estou embriagada - disse Ivich, sombria. - Mas a cabeça dói-me.

Mathieu conduziu-a devagar pela escada.

— Cada degrau é uma pancada - disse ela, hostil. No segundo patamar parou para tomar fôlego. - Agora lembro-me de tudo.

— Ivich!

— Tudo. Andei com aquela gente imunda, dei um espetáculo. E... fui reprovada.

— Venha. Só mais um andar.

Subiram em silêncio. Ivich disse subitamente:

— Como me encontrou?

Mathieu inclinou-se para enfiar a chave na fechadura.

— Eu estava à sua procura e encontrei Renata.

Ivich resmungou atrás dele:

— Estava à espera que viesse.

— Entre - disse Mathieu, afastando-se.

Ela roçou-o ao passar e ele teve vontade de apertá-la nos braços.

Ivich deu alguns passos incertos e entrou no quarto. Olhou em volta com um olhar morto.

— É a sua casa?

— É.

Era a primeira vez que a recebia no seu apartamento. Olhou as poltronas de couro verde e a mesa de trabalho. Viu-as nos olhos de Ivich e teve vergonha.

— Aí está o sofá. Deite-se.

Ivich atirou-se para o sofá sem dizer uma palavra.

— Quer chá?

— Estou com frio.

Mathieu foi buscar uma coberta e estendeu-a sobre as pernas dela. Ivich fechou os olhos e pousou a cabeça na almofada. Sofria. Três pequenas rugas verticais sulcavam-lhe a fronte.

— Quer chá?

Ela não respondeu. Mathieu pegou numa chaleira elétrica e foi enchê-la na torneira do lavatório. No armário descobriu metade um limão já seco, mas bem apertado talvez se arranjasse ainda uma gota. Pô-lo em cima de uma bandeja com duas chávenas e voltou ao quarto.

— Pus água a ferver - disse.

Ivich não respondeu. Dormia. Mathieu puxou uma cadeira junto do sofá e sentou-se sem ruído. As três rugas tinham desaparecido. A fronte estava lisa e pura, ela sorria. "Como é jovem", pensou. Pusera toda a sua esperança numa criança. Era tão fraca e tão leve sobre o sofá, não podia auxiliar ninguém, precisava antes de auxílio. E Mathieu não podia auxiliá-la. Ivich partiria para Laon, embrutecer-se-ia lá, passariam um Inverno ou dois e surgiria um tipo - um jovem - que a levaria consigo. "Eu casarei com Marcelle." Mathieu levantou-se e foi devagarinho ver se a água estava a ferver. Depois voltou e sentou-se junto de Ivich. Olhava com ternura o corpinho doente e maculado que permanecia tão nobre no sono; pensou que amava Ivich e admirou-se: não parecia amor, não era uma emoção específica, nem um matiz especial dos seus sentimentos, dir-se-ia uma maldição pregada no horizonte, uma promessa de desgraça. A água pôs-se a chiar na chaleira, e Ivich abriu os olhos.

— Vou fazer chá - disse Mathieu -, quer?

— Chá? - indagou Ivich, perplexa. - Mas Você não sabe fazer chá.

Endireitou os cabelos com a palma da mão e ergueu-se esfregando os olhos.

— Dê-me o pacote do chá - disse -; vou fazer chá à moda russa. Mas preciso de um samovar.

— Só tenho uma chaleira - respondeu Mathieu, entregando-lhe o pacote de chá.

— Oh!, chá de Ceilão! Enfim, tanto pior.

Passou a ocupar-se da chaleira.

— E o bule?

— É verdade.

Foi buscar o bule à cozinha.

— Obrigada.

Estava ainda sombria, porém mais animada. Pôs a água no bule e voltou a sentar-se.

— É preciso esperar um pouco - disse. Houve um silêncio.

— Não gosto do seu apartamento.

— Já o sabia. Se estiver melhor, podemos sair.

— Ir aonde? Não. Estou contente aqui. Todos esses cafés giravam em torno de mim. E depois aquela gente toda! Um pesadelo! Aqui é feio, mas calmo. Não poderia fechar as cortinas? Acenderíamos a lâmpada pequena.

Mathieu levantou-se, fechou as persianas e as cortinas pesadas. Acendeu a lâmpada da secretária.

— É noite - disse Ivich, encantada.

Encostou-se às almofadas do sofá.

— Como é suave; é como se o dia tivesse terminado. - Depois de uma ligeira pausa, acrescentou: - Quero que seja noite quando sair, tenho medo de voltar a ver o dia.

— Ficaré aqui quanto tempo quiser. Não espero ninguém. Aliás, se vier alguém, deixaremos que toque, não abriremos. Estou inteiramente livre.

Não era verdade. Marcelle esperava-o às onze horas. Pensou com rancor: "Que espere."

— Quando parte?

— Amanhã. Há um comboio ao meio-dia.

Mathieu ficou um momento sem falar. Depois disse, controlando a voz:

— Eu acompanhá-la-ei à estação.

— Não - atalhou Ivich. - Detesto isso. Detesto as despedidas moles que se esticam como borracha. E depois estarei exausta.

— Como queira. Telegrafou aos seus pais?

— Não. Boris queria, mas não deixei.

— Então tem de lhes comunicar, você mesma?

Ivich baixou a cabeça:

— Tenho.

Calaram-se. Mathieu olhava a cabeça baixa de Ivich e os seus ombros frágeis. Parecia-lhe que ela o abandonava aos poucos.

— Então - disse -, é a sua última noite do ano?

— Ah! - respondeu ela irónica -, do ano!...

— Ivich, não deve... Irei visitá-la a Laon.

— Não quero. Tudo o que toca Laon fica sujo.

— Pois bem, tu há-de voltar.

— Não.

— Há um novo exame em Novembro, os seus pais não podem...

— Não os conhece.

— Não. Mas não é possível que lhe estraguem a vida para a castigar por ter fracassado uma vez.

— Não pensarão em castigar. Será pior. Vão desinteressar-se de mim, sairei simplesmente da cabeça deles. É, aliás, o que mereço. Não sou capaz de aprender um ofício e prefiro passar o resto da vida em Laon do que voltar a fazer esse exame.

— Não diga isso - atalhou Mathieu, alarmado. - Não se deve resignar dessa maneira. Você detesta Laon.

— Detesto!

Mathieu levantou-se para ir buscar o bule e as chávenas. Subitamente o sangue subiu-lhe ao rosto. Voltou-se para ela e murmurou sem a olhar:

— Ouça, Ivich, tu vais partir amanhã, mas dou-lhe a minha palavra que voltará. Em fins de Outubro. Daqui até lá hei-de-me arranjar.

— Há-de-se arranjar? - indagou Ivich, surpreendida e cansada. - Mas não tem nada que arranjar, já lhe disse que sou incapaz de aprender um ofício.

Mathieu atreveu-se a erguer os olhos para ela, mas não se sentia tranquilo. Como encontrar palavras que não a ferissem?

— Não é o que queria dizer... se você... se quisesse, se me permitisse auxiliá-la.

Ivich não parecia compreender, e Mathieu acrescentou:

— Terei algum dinheiro.

Ivich encolheu os ombros.

— Ah!, é isso

Observou secamente:

— Totalmente impossível.

— Não, de modo nenhum - disse Mathieu com calor -, não é absolutamente impossível. Ouça, durante as férias eu farei economias. Odette e Jacques convidam-me sempre para passar o mês de Agosto em Juan-les-Pins e eu nunca aceitei, mas um dia terei de ir. Pois irei este ano, isso divertir-me-á e eu farei economias... Não recuse sem saber, será um empréstimo.

Interrompeu-se. Ivich afundara-se no sofá e o olhava por baixo com uma expressão má.

— Não me olhe assim, Ivich!

— Ah!, não sei como estou a olhar, só sei que estou com dor de cabeça - disse Ivich, aborrecida.

Baixou os olhos e continuou:

— Quero ir dormir.

— Ivich, ouça. Eu arranjarei dinheiro, você viverá em Paris. Não diga que não, sem pensar. Isso não pode aborrecê-la, tu há-de reembolsar-me quando ganhar a sua vida.

Ivich fez um gesto, e Mathieu acrescentou vivamente:

— Ou então paga-me Boris.

Ivich não respondeu. Enterrou o rosto nos cabelos. Mathieu permanecia em frente dela, aborrecido e infeliz.

— Ivich!

Ela continuava calada. Teve vontade de lhe pegar no queixo e erguer-lhe a cabeça à força.

— Ivich, responda. Porque não responde?

Ivich continuava calada. Mathieu pôs-se a andar de um lado para o outro. Pensava: "Ela vai aceitar, não a largarei enquanto não aceitar. Darei lições, corrigirei provas."

— Ivich, vai dizer-me porque é que não aceita.

Era possível vencer Ivich pelo cansaço; para isso era preciso espicaçá-la com perguntas, mudando de tom todas às vezes.

— Porque é que não aceita? Diga, porque é que não aceita?

Ela murmurou finalmente, sem erguer a cabeça:

— Não quero o seu dinheiro.

— Porquê? Não aceita o dos seus pais?

— Não é a mesma coisa.

— Efetivamente, não é. Disse-me mil vezes que os odiava.

— Não tenho motivos para aceitar o seu dinheiro.

— E tem motivos para aceitar o deles?

— Não quero que sejam generosos comigo. Com os meus pais não preciso de ser grata.

— Ivich, que orgulho é esse? Não tem o direito de desperdiçar a sua vida por uma questão de dignidade. Pense na existência que terá em Laon, há-de lamentá-lo todos os dias, todas as horas. Vai arrepender-se de ter recusado.

Ivich alterou-se:

— Deixe-me! Deixe-me!

Acrescentou em voz baixa e rouca:

— Que suplício não ser rica! Em que situações abjetas uma pessoa se mete!

— Não a compreendo - disse Mathieu, com doçura. - Disse-me no mês passado que o dinheiro era uma coisa aviltante com a qual as pessoas não se deviam preocupar. Você dizia: "Não me importa de onde venha, contanto que o tenha."

Ivich encolheu os ombros. Mathieu via-lhe apenas o alto da cabeça, um bocadinho da nuca entre os caracóis e a gola da blusa. A nuca era mais escura do que a pele do rosto.

— Não foi isto que disse?

— Não quero que me dê dinheiro.

Mathieu perdeu a paciência.

— Ah!, então é porque sou um homem - disse com um riso nervoso.

— Que é que está a dizer? - Olhara-o com um ódio frio. - É grosseiro. Nunca pensei nisso... e pouco me importa. Nem sequer imagino...

— Então? Pense nisto: pela primeira vez na sua vida seria totalmente livre; há-de morar onde quiser e fazer o que lhe agradar. Disse-me que

gostaria de estudar Filosofia, pois poderá tentar. Eu e Boris ajudá-la-emos.

— Porque deseja fazer-me bem? Nunca lhe fiz bem. Sempre fui insuportável para consigo e agora tu tens pena de mim.

— Não tenho pena de si.

— Então, porque quer dar-me dinheiro?

Mathieu hesitou e depois disse, desviando o olhar:

— Não posso suportar a ideia de não a voltar a ver.

Houve um, silêncio, e Ivich perguntou, num tom estranho:

— Quer... quer dizer que... é por egoísmo que me ajudaria?

— Puro egoísmo - disse Mathieu, secamente -, tenho vontade de a ver, é tudo.

Não se atreveu a olhá-la. Ela olhava-o arqueando as sobrancelhas, com a boca entreaberta. Depois, subitamente, pareceu acalmar-se.

— Então, talvez - murmurou com indiferença. - Nesse caso isso é consigo. Afinal tem razão. Que o dinheiro venha de um lado ou de outro.

Mathieu respirou. "Pronto!" Mas não estava ainda sossegado. Ivich continuava com um ar aborrecido.

— Que vai dizer aos seus pais? - perguntou para a comprometer ainda mais.

— Qualquer coisa. Podem ou não acreditar. Que importa, se não são eles que pagam?

Baixou a cabeça com um ar sombrio.

— Tenho de lá ir - disse ela.

Mathieu esforçou-se por esconder a sua irritação.

— Mas se voltar...

— Oh!... - disse ela - isso é uma utopia... Digo não, digo sim, mas não chego a acreditar. Está tão longe. Ao passo que Laon, sei que estarei lá amanhã à tarde...

Tocou na garganta com o dedo.

— Sinto-o aqui. Mas tenho de fazer as malas. Tenho que fazer a noite inteira...

Levantou-se.

— O chá deve estar pronto. Vamos toma-lo.

Encheu as chávenas. Estava escuro como café.

— Eu hei-de escrever-lhe - disse Mathieu.

— Eu também - respondeu ela -, mas não sei o que lhe hei-de dizer.

— Vai descrever-me a casa, o quarto. Quero poder imaginá-la em Laon.

— Não gostaria de falar nisso. Basta vivê-lo.

Mathieu pensou nas cartinhas secas de Boris a Lola. Mas foi apenas um instante. Olhou as mãos de Ivich, as unhas vermelhas e bicudas, os pulsos magros e pensou: "Vou tornar a vê-la."

— Que chá esquisito! - disse Ivich.

Mathieu estremeceu. Acabavam de tocar a campainha. Não disse nada. Esperava que Ivich não tivesse ouvido.

— Não tocaram? - indagou ela.

Mathieu pôs um dedo sobre os lábios.

— Já dissemos que não íamos abrir.

— Abriremos, sim - disse Ivich com voz clara. - Talvez seja importante. Vá abrir.

Mathieu dirigiu-se para a porta. Pensava: "Tem horror de parecer minha cúmplice." Abriu a porta. Era Sarah.

— Bom dia - falou ela, arquejante. - O que me fez correr... O ministro disse-me que me tinha telefonado e eu vim. Nem sequer pus o chapéu.

Mathieu olhou-a, espantado. No horrível tailleur verde, rindo com os dentes estragados, os cabelos despenteados e a sua expressão de bondade doentia, cheirava a catástrofe.

— Bom dia - disse com vivacidade -, sabe, estou com...

Sarah empurrou-o amavelmente e espreitou por cima do ombro de Mathieu.

— Quem está aí? - perguntou com uma curiosidade sôfrega. - Ah!, é Ivich Serguine. Como passa?

Ivich levantou-se e fez uma espécie de reverência. Parecia decepcionada. Sarah também, aliás. Ivich era a única pessoa que Sarah não suportava.

— Como está magrinha - disse Sarah. - Aposto que não come bem, não é razoável.

Mathieu colocou-se diante de Sarah e olhou-a fixamente. Sarah riu.

— Lá está Mathieu a fazer-me olhinhos feios - disse. - Não quer que eu lhe fale de regime.

Voltou-se para Mathieu.

— Cheguei tarde. Não encontrei Waldmann. Há vinte dias que está em Paris e já se meteu numa quantidade de negócios escuros. Só às seis horas é que lhe pus a vista em cima.

— É muito boa, Sarah, obrigado.

E Mathieu acrescentou, alegre:

— Falaremos disso mais tarde. Venha tomar uma chávena de chá.

— Não, não; não posso, preciso de ir à Livraria Espanhola, querem ver-me urgentemente, chegou um amigo de Gomez.

— Quem? - perguntou Mathieu para ganhar tempo.

— Ainda não sei. Disseram-me: um amigo de Gomez. Vem de Madrid.

Ela olhou Mathieu com ternura. Os olhos pareciam inundados de bondade.

— Meu pobre Mathieu, más notícias para si. Ele recusa.

— Hem?

Ainda assim, Mathieu teve forças para dizer:

— Deseja sem dúvida falar-me particularmente?

Franziu as sobrancelhas repetidas vezes. Mas Sarah não via nada.

— Não vale a pena - disse tristemente. - Não tenho quase nada a dizer. Insisti o mais que pude. Nada. É preciso que a pessoa em questão esteja lá amanhã com o dinheiro.

— Bem - disse Mathieu. - Não se fala mais nisso.

Acentuou as últimas palavras, mas Sarah queria justificar-se.

— Fiz o possível, supliquei, ele perguntou-me se ela era judia. Disse que não. Então disse: "Não dou crédito. Se quer que eu opere, que pague. Aliás, há muitos médicos em Paris."

Mathieu ouviu o sofá ranger. Sarah continuava:

— Disse ainda: "Nunca mais lhes fio, fizeram-nos sofrer de mais." E é verdade, eu compreendo-o. Falou-me dos judeus de Viena, dos campos de concentração. Eu não podia acreditar... - Sua voz se estrangulou: - Martirizaram-nos.

Calou-se e fez-se um silêncio pesado. Continuou, meneando a cabeça:

— Que vai fazer?

— Não sei.

— Não pensa em...

— Penso - disse Mathieu tristemente -, acho que vai acabar assim.

— Meu caro Mathieu - disse Sarah, comovida.

Ele olhou-a duramente e ela calou-se, desconcertada. E viu acender-se-lhe nos olhos algo que se assemelhava a um clarão de consciência.

— Bem - disse ela ao fim de um momento -, vou-me embora. Telefone amanhã sem falta, quero saber.

— Está bem, adeus Sarah.

— Adeus, minha senhora - disse Ivich

Quando Sarah saiu, Mathieu voltou a andar de um lado para o outro no quarto. Estava com frio.

— Esta mulher é um vendaval - disse a rir. - Entra, derruba tudo, e sai como um golpe de vento.

Ivich não respondeu. Mathieu sabia que ela não responderia. Foi sentar-se ao lado dela e disse sem a olhar:

— Ivich, vou casar-me com Marcelle.

Fez-se silêncio. Mathieu contemplava as pesadas cortinas verdes. Estava triste. Explicou a Ivich, de cabeça baixa:

— Ela disse-me anteontem que está grávida.

As palavras saíam com dificuldade. Não se atrevia a olhar para Ivich, mas sabia que ela o olhava.

— Não sei porque me está a dizer isso - observou ela com uma voz gelada. - Não tenho nada com isso.

Mathieu encolheu os ombros.

— Mas sabia que ela...

— Era sua amante? - disse Ivich com arrogância. - Não me preocupo muito com essas coisas.

Hesitou e continuou como se estivesse distraída:

— Não sei porque está tão abatido. Se casa é porque quer, sem dúvida. Segundo me disseram, há muitos meios de...

— Não tenho dinheiro - disse Mathieu. - Procurei por toda a parte.

— Foi por isso que encarregou Boris de pedir cinco mil francos a Lola?

— Eu não... pois bem; foi para isso.

— É sórdido - disse Ivich com uma voz neutra.

— Pois é.

— Aliás, não tenho nada com isso. Você é que sabe o que deve fazer.

Acabou de tomar o chá e perguntou:

— Que horas são?

— Quinze para as nove.

— Está escuro?

Mathieu foi à janela e levantou as cortinas. Uma luz suja filtrou-se através das persianas.

— Ainda não.

— Não faz mal - disse Ivich levantando-se. - De qualquer maneira vou-me embora. Tenho de fazer as malas - gemeu.

— Então, até breve - disse Mathieu.

Não tinha vontade que ela ficasse.

— Até breve.

— Vê-la-ei em Outubro?

Saíra-lhe sem querer. Ivich teve um estremecimento violento.

— Em Outubro? - disse ela com um olhar faiscante. - Em Outubro!

Ah! Não.

Depois riu-se.

— Desculpe, mas está com um ar tão cómico. Nunca pensei em aceitar o seu dinheiro. Nem tem o suficiente sequer para o casamento.

— Ivich! - gritou Mathieu pegando-lhe no braço.

Ivich gritou e desenhenciou-se violentamente.

— Largue-me! Não me toque.

Mathieu largou-a. Sentia uma raiva desesperada subir dentro dele.

— Bem percebi - continuou Ivich, arquejante. - Ontem de manhã... quando se atreveu a tocar-me... pensei: "São modos de homem casado..."

— Chega! - disse Mathieu com dureza. - Não precisa de insistir. Já compreendi.

Ela pusera-se diante dele, vermelha de ódio e com um sorriso insolente. Ele teve medo de si próprio. Precipitou-se para a saída empurrando-a e bateu com a porta atrás de si.

XVI

Tu ne sais pas aimer, tu ne sais pas

*En vain je tends les bras.*⁷

O Café dos Três Mosqueteiros brilhava com todas as suas luzes na noite ainda indecisa. Uma multidão desocupada agrupara-se nas mesas da esplanada. Dentro em pouco a renda luminosa da noite estender-se-ia sobre Paris, café por café, vitrine por vitrine. As pessoas esperavam a noite ouvindo música, pareciam felizes e juntavam-se ali, como se estivessem com frio, diante daqueles primeiros fogos vermelhos. Mathieu contornou a multidão lírica: a doçura crepuscular não era para ele.

Tu ne sais pas aimer, tu ne sais pas

*Jamais, jamais tu ne sauras.*⁸

Uma rua comprida e direita: atrás dele um quarto verde, uma conscienciazinha cheia de ódio repelia-o com toda a força. Diante dele um quarto cor-de-rosa, uma mulher imóvel esperava-o cheia de esperança. Dentro de uma hora entraria escondido naquele quarto cor-de-rosa e deixar-se-ia envolver por aquela doce esperança, por aquela gratidão, por aquele amor. Para toda a vida, para sempre! Muitos atiram-se à água por muito menos.

— Cretino!

Mathieu atirou-se para a frente a fim de evitar o automóvel, esbarrou no passeio e caiu no chão. Caíra sobre as mãos.

— Merda!

Levantou-se. As palmas das mãos ardiam-lhe. Olhou com gravidade as mãos sujas de lama. A direita estava preta, com alguns arranhões. A esquerda doía-lhe; a lama sujara-lhe a ligadura. "Só faltava mais isto", e murmurou seriamente, "só faltava mais isto". Tirou o lenço, molhou-o com saliva e esfregou as mãos com uma espécie de ternura. Tinha vontade de chorar. Durante um segundo ficou suspenso, olhando espantado. Depois deu uma gargalhada. Ria de si mesmo, de Marcelle, de Ivich, da ridícula queda, da vida, das suas miseráveis paixões. Recordava as antigas

esperanças e ria porque tinham dado naquilo, naquele homem grave que quase chorava porque dera uma queda. Olhava-se sem vergonha, com uma curiosidade divertida, fria, e pensava: "Dizer que me levava a sério." Deixou de rir, depois de uns momentos; não havia razão para rir.

Um vazio. O corpo volta a marchar arrastando os pés, pesado e quente, com arrepios, ardores de raiva na garganta e no estômago. Mas já ninguém o habita. As rugas esvaziaram-se como por um buraco de esgoto; aquilo que ainda há pouco as enchia desapareceu. As coisas ficaram ali, intactas, mas o molho desfez-se, caem do céu como enormes estalactites, sobem do chão como absurdos menires, todas as pequenas solicitações quotidianas, todos os pequenos cantos de cigarra se dissiparam no ar. Elas calam-se. Havia outrora um futuro de homem que se interpunha entre elas e que elas refletiam num leque de tentações diversas. O futuro morreu.

O corpo vira à direita, mergulha num gás luminoso a dançar no fundo de uma greta imunda, entre blocos de gelo riscados por clarões. Massas sombrias arrastam-se a ranger. Ao nível dos olhos, flores peludas balançam. Entre as flores, no fundo da fenda, uma transparência desliza e se contempla com uma paixão gelada. "Irei buscá-las." O mundo reformou-se, barulhento e ativo, com autos, pessoas, vitrines. Mathieu encontrou-se no meio da Rua Départ. Mas não era o mesmo mundo nem exatamente o mesmo Mathieu. No fim do mundo, para além dos edifícios e das ruas, havia uma porta fechada. Tirou da carteira uma chave. Lá longe aquela porta fechada, aqui esta chave chata. Eram os únicos objetos do mundo. Entre eles não havia nada a não ser um monte de obstáculos e distância. "Dentro de uma hora. Posso ir a pé." Uma hora, o tempo de chegar até à porta e abri-la; além dessa hora não havia nada. Mathieu andava com um passo regular, em paz consigo mesmo, sentia-se mal e sereno. "E se Lola tiver ficado na cama?" Pôs a chave no bolso e pensou: "Que importa! Pego no dinheiro mesmo assim."

*

A lâmpada iluminava mal. Perto da janela que dava para o telhado, entre a fotografia de Marlene Dietrich e a de Robert Taylor, uma folhinha e um pequeno espelho já manchado de ferrugem. Daniel aproximou-se, abaixando-se ligeiramente, e começou a dar o nó na gravata; tinha pressa em acabar de se vestir. No espelho, atrás dele, quase apagado pela penumbra e a sujidade, viu o perfil magro e duro de Ralph e as suas mãos

puseram-se a tremer. Tinha vontade de apertar aquele pescoço fino com a maça-de-adão saliente e de esfrangalhá-lo entre os dedos. Ralph voltara a cabeça para o lado do espelho e olhava para Daniel com um estranho olhar. Não sabia que Daniel o podia ver. "Cara de assassino", pensou Daniel com um arrepio, talvez de prazer. "Está humilhado o macho, odeia-me." Demorou-se a dar o nó na gravata. Ralph continuava a olhá-lo, e Daniel gozava aquele ódio que os unia, um ódio requentado, que parecia ter vinte anos; aquilo purificava-o. "Um dia um tipo como este liquida-me à traição." O rosto avolumar-se-ia no espelho e seria o fim, a morte infame que merecia. Voltou-se, e Ralph baixou os olhos vivamente. O quarto era um forno.

— Não tens uma toalha? Tinha as mãos húmidas.

— Veja dentro do jarro.

Dentro do jarro havia uma toalha sujíssima. Daniel enxugou cuidadosamente as mãos.

— Nunca houve água neste jarro. Vocês não parecem muito amigos da água.

— Nós lavamo-nos no lavatório do corredor - disse Ralph, chateado.

Explicou, depois de um silêncio:

— É mais cómodo.

Sentado à beira da cama estreita, calçava os sapatos inclinando o busto, com o joelho direito erguido. Daniel contemplava o dorso magro, os braços jovens e musculosos que saíam de uma camisa Lacoste de mangas curtas. "Tem uma certa graça", pensou com imparcialidade. Mas tinha horror àquela graça. Dentro de um minuto, estaria lá fora, e pronto! Mas bem sabia o que o esperava lá fora. No momento de vestir o casaco, hesitou. Tinha os ombros e o peito inundados de suor, e pensava apreensivo no peso do casaco que lhe ia colar a camisa de linho contra a carne húmida.

— O teu quarto é terrivelmente quente!

— É debaixo do telhado...

— Que horas são?

— Nove, acabam de soar.

— Dez horas ainda, antes da manhã!

Não se deitaria. Quando se deitava depois, era muito mais penoso. Ralph ergueu a cabeça:

— Queria perguntar-lhe, Sr. Lalique, foi o senhor quem aconselhou Bobby a voltar para a farmácia?

— Aconselhou? Não. Só lhe disse que era asneira tê-la deixado.

— Bom, não é a mesma coisa. Ele veio dizer-me hoje de manhã que ia pedir desculpas, que era o senhor que queria, não parecia muito franco.

— Eu não quero coisa alguma - disse Daniel - e não lhe disse para pedir desculpas.

Sorriram ambos com desprezo. Daniel quis vestir o casaco, mas não teve coragem.

— Eu disse-lhe: faz o que quiseses. Não é da minha conta - explicou Ralph. - Se foi o Sr. Lalique quem te aconselhou... mas estou a ver, agora.

Fez um movimento irritado para dar o laço no sapato do pé esquerdo.

— Não lhe vou dizer nada. Ele é assim. Precisa sempre de mentir. Mas há um a quem eu deitarei a mão quando o apanhar.

— O farmacêutico?

— Sim. Mas não o velho. O tipo novo.

— O estagiário?

— Sim. Esse estupor. O que foi dizer de Bobby e de mim! Bobby não tem vergonha. Voltar para aquela casa! Mas eu vou esperar o homem à saída.

Sorriu maldoso. Comprazia-se no seu ódio.

— Vou chegar de mãos nos bolsos, com um arzinho de poucos amigos. "Estás-me a conhecer? Estás? Então ouve. Que é que foste dizer de mim, hem! Que é que foste contar? Ah!, vai ver." - "Não disse nada, não disse nada". - "Ah!, não disseste nada? Pois toma." E zás no estômago. Atiro-o ao chão, salto-lhe em cima e bato-lhe com a cabeça contra o passeio.

Daniel olhava-o, com uma irritação irónica. Pensava: "São todos iguais." Todos menos Bobby, que era uma fêmea. Depois todos falam em quebrar a cara a alguém. Ralph entusiasmara-se, os olhos brilhavam-lhe, as orelhas estavam vermelhas. Tinha necessidade de fazer gestos vivos e bruscos. Daniel não soube resistir ao desejo de o humilhar ainda mais.

— Eh!, talvez seja ele que te liquide.

— Ele? - Ralph riu maldosamente. - Pode vir. Pergunte só ao empregado do Oriental. Ele sabe. Um camarada de trinta anos e com braços assim. Queria-me pôr fora, era o que ele dizia. Daniel sorriu com insolência.

— E tu desfizeste-o, naturalmente.

— Pergunte! Pergunte só! - disse Ralph, magoado. - Havia uns a olhar. "Vens cá para fora", disse eu. Era Bobby, e um muito alto que eu já vi consigo. E Corbin do matadouro. Ele saiu: "Queres ensinar a viver a um pai de família?" Foi o que ele disse. Mande-lhe uma! Um murro no olho para começar, e de passagem limpei-lhe o focinho com o cotovelo: assim. Em cheio.

Levantara-se imitando as fases da luta. Voltou-se sobre os pés mostrando as nádegas duras, moldadas pelas calças azuis. Daniel sentiu-se cheio de ódio. Apetecia-lhe espancá-lo.

— Mijava sangue - continuou Ralph. - Uf! Uma rasteira e estatelou-se no chão. Já não sabia onde estava, o pai de família.

Calou-se, sinistro e arrogante, coberto de glória. Parecia um inseto. "Eu mato-o", pensou Daniel. Não acreditava muito naquelas histórias, mas achava humilhante que Ralph tivesse dominado um homem de trinta anos. Pôs-se a rir.

— A brincar aos heróis, hem! Acabarás por te espetar.

Ralph riu também e aproximaram-se um do outro.

— Então - continuou Daniel -, não tens medo de ninguém, hem? Não tens medo de ninguém.

Ralph estava vermelho.

— Não são os maiores que são os mais fortes - disse.

— E você? Vamos lá ver se tens força. - E Daniel deu-lhe um empurrão. - Vamos ver.

Ralph abriu a boca espantado, mas os olhos faiscaram-lhe de raiva.

— Consigo posso eu bem. A brincar, claro - disse ele com voz sibilante. - Não ganharia.

Daniel agarrou-o pela cintura:

— Vou mostrar-te, menino.

Ralph era duro e flexível. Os músculos escorregavam nas mãos de Daniel. Lutavam em silêncio, e Daniel começou a arquejar. Tinha a impressão vaga de ser um tipo gordo e de bigode. Ralph conseguiu erguê-lo, mas Daniel enfiou-lhe as mãos na cara e ele largou-o. Encontraram-se novamente um diante do outro, sorridentes e raivosos.

— Ah!, está a querer de verdade - disse Ralph num tom estranho. - Está mesmo com vontade?

Atirou-se subitamente sobre Daniel, de cabeça. Daniel desviou-se e agarrou-o pela nuca. Estava sem fôlego. Ralph não parecia nada cansado. Juntaram-se de novo e principiaram a girar no meio do quarto. Daniel sentiu um gosto áspero e febril no fundo da boca. "Tenho de acabar com isto ou então ele vence-me." Empurrou Ralph com toda a força, mas Ralph resistiu. Uma raiva louca invadiu Daniel, pensava: Estou a ser ridículo." Baixou-se de repente e pegou Ralph pelos rins, levantou-o, atirou-o para a cama e caiu em cima dele. Ralph debateu-se, tentou arranhá-lo, mas Daniel segurou-lhe os pulsos e apertou-lhe os braços sobre o travesseiro. Ficaram assim um bom momento, Daniel demasiado cansado para se levantar. Ralph estava pregado na cama, impotente, esmagado sob aquele peso de homem, de pai de família. Daniel contemplava-o, satisfeito. Os olhos de Ralph estavam cheios de ódio. Era belo.

— Quem ganhou? - perguntou Daniel ainda arquejante. - Quem ganhou, menino?

Ralph sorriu imediatamente e disse com uma voz falsa:

— O Sr. Lalique é forte.

Daniel largou-o e pôs-se de pé. Estava arquejante e humilhado. O coração batia-lhe como se fosse estourar.

— Já fui forte - disse. - Agora não tenho fôlego.

Ralph estava de pé, arranjava o colarinho da camisa e não arquejava. Tentou rir, mas desviava os olhos de Daniel.

— O fôlego não é nada - disse, generoso. - Questão de treino.

— Lutas bem - observou Daniel -, mas há a diferença de peso.

Riram ambos, contrafeitos. Daniel tinha vontade de agarrar Ralph pelo pescoço e encher-lhe a cara de socos. Vestiu o casaco, a camisa molhada de suor colou-se-lhe à pele.

— Bom - disse -, vou-me embora. Adeus.

— Boa noite, Sr. Lalique.

— Escondi uma coisa para ti no quarto. Procura, que hás-de encontrá-la.

A porta fechou-se, Daniel desceu as escadas, com as pernas moles. "Antes de mais nada", pensou, "vou lavar-me dos pés à beça". Como transpusesse o limiar da porta, um pensamento veio-lhe repentinamente. Parou. Barbeara-se pela manhã, antes de sair, e deixara a navalha aberta sobre a lareira...

Ao abrir a porta, Mathieu fez soar uma campainha surda. Não notara isso de manhã, pensou: "Talvez liguem só de noite, depois das nove." Olhava de viés pelo vidro da porta do escritório e viu uma sombra. Havia alguém. Caminhou sem se apressar até ao quadro das chaves. Quarto 21. A chave estava ali, Mathieu pegou-lhe rapidamente e enfiou-a no bolso, depois deu uma volta e dirigiu-se para a escada. Uma porta abriu-se atrás dele: "Vão chamar-me." Mas não teve medo, tinha previsto isso.

— Eh! Aonde vai? - perguntou uma voz áspera.

Mathieu voltou-se. Era uma mulher alta e magra, de lornhão. Parecia importante e mostrava-se inquieta. Mathieu sorriu-lhe.

— Aonde vai? - repetiu ela. - Não pode avisar na caixa?

"Bolivar. O nome do negro era Bolivar."

— Vou ver o Sr. Bolivar, no 3.º - disse Mathieu tranquilamente.

— Bom. Vi o senhor mexer no quadro das chaves - disse a mulher, desconfiada.

— Estava a ver se a chave estava lá.

— Não está?

— Não, ele não saiu.

A mulher aproximou-se do quadro. Uma possibilidade sobre duas.

— Pois é - disse aliviada. - Não saiu.

Mathieu pôs-se a subir sem responder. No patamar do 3.º parou um instante, depois enfiou a chave na porta do 21 e abriu.

O quarto estava escuro. Uma escuridão avermelhada que cheirava a febre e a perfume. Fechou a porta à chave e avançou para a cama. A princípio estendia os braços para se proteger contra os possíveis obstáculos, mas já se acostumara à escuridão. A cama estava desarrumada e havia dois travesseiros ainda amassados pelo peso das cabeças. Mathieu ajoelhou-se diante da maleta e abriu-a. Sentia uma vaga vontade de vomitar. As notas que ele largara de manhã tinham caído sobre os maços de cartas. Pegou em cinco, não queria roubar para ele. "Que vou fazer da chave?" Hesitou, depois resolveu deixá-la na fechadura da maleta. Ao levantar-se percebeu no fundo do quarto uma porta que não vira de manhã. Abriu-a. Era o toilette. Mathieu riscou um fósforo e viu surgir no espelho o seu rosto avermelhado pela chama. Contemplou-se até que a chama se extinguiu, depois largou o fósforo e voltou para o quarto. Agora distinguia com nitidez

os móveis, os vestidos de Lola, o pijama, o roupão, o fato cuidadosamente dispostos sobre as cadeiras. Teve um risinho mau e saiu.

O corredor estava vazio, mas ouviam-se passos e risos. Havia gente a subir a escada. Fez um movimento para voltar ao quarto. Não. Pouco se lhe dava ser surpreendido. Enfiou a chave na fechadura e fechou a porta. Quando se voltou, viu uma mulher com um soldado.

— É no quarto andar - disse ela.

E o soldado respondeu:

— É alto.

Mathieu deixou-os passar. Depois desceu. Pensava, divertido, que o mais difícil ainda estava por fazer: pôr a chave no lugar.

No primeiro andar parou e inclinou-se sobre o corrimão. A mulher estava perto da porta de entrada e de costas voltadas para o quadro das chaves. Mathieu desceu sem fazer barulho, depositou a chave e saiu ruidosamente. A mulher virou-se e ele cumprimentou-a:

— Adeus, minha senhora.

— Adeus, até logo - respondeu ela.

Saiu. Sentia o olhar da mulher ferindo-lhe as costas. Tinha vontade de rir.

*

Morta a serpente, morre o veneno. Anda a passos largos, de pernas moles. Tem medo, a boca seca. As ruas são azuis de mais, a temperatura demasiado suave. *A chama corre ao longo da mecha, o barril de pólvora está no fim.* Sobe a escada a quatro e quatro. Custa-lhe a encontrar a fechadura, a mão treme-lhe. Dois gatos passam-lhe entre as pernas. Tem muito medo agora. *Morta a serpente...*

A navalha está sobre a lareira. Pega-lhe pelo cabo e contempla-a. O cabo é preto, a lâmina branca. *A chama corre ao longo da mecha.* Passa o dedo pelo fio da navalha e sente na ponta do dedo um gosto ácido de corte. Arrepiase. A minha mão é que tem de fazer tudo. A navalha não ajuda, é uma coisa inerte, pesa apenas como um inseto na mão. Dá alguns passos no quarto, procura um socorro, um sinal. Tudo está inerte e silencioso. A mesa está inerte, as cadeiras estão inertes, flutuam na luz móvel. Só ele de pé, só ele vivo na luz demasiado azul. "Nada me ajudará, ninguém." Os gatos arranham na cozinha. Agora apoia a mão na mesa, ela responde à pressão com uma pressão igual, nem mais nem menos. As coisas são servis. Dóceis.

Manejáveis. A minha mão fará tudo sozinha. Boceja de angústia e tédio. Mais ainda de tédio que de angústia. Está sozinho naquele cenário. Nada o impede de resolver; nada o impede. Tem de decidir sozinho, o seu ato não é senão uma ausência. Aquela flor vermelha entre as pernas não está ali; aquela poça vermelha no soalho não está ali. Olha para o soalho. É liso, unido, não há lugar para manchas. *Ficarei deitado no chão, inerte, com a braguilha aberta e viscosa, a navalha estará no chão, vermelha, cega, inerte.* Contempla fascinado a navalha, o soalho; se pudesse imaginar nitidamente aquela poça vermelha e aquele odor, de um modo suficientemente nítido para que se realizassem por si, sem que precisasse de fazer o gesto! A dor aguento-a. Quero-a, chamo-a. Mas é o gesto, o gesto. Contempla o soalho, depois a lâmina. Em vão. A temperatura é suave, o quarto está docemente iluminado, a navalha brilha docemente, pesa-lhe docemente na mão. Um gesto. É preciso um gesto, e o presente cai com a primeira gota de sangue. A minha mão, a minha mão é que deve fazer tudo.

Vai até à janela, olha para o céu. Puxa as cortinas. Com a mão esquerda, acende a luz. Com a mão esquerda. Passa a navalha para a mão esquerda. Pega na carteira. Tira cinco notas de mil francos. Pega num sobrescrito, põe o dinheiro dentro. Escreve: Senhor Delarue, Rua Huyghens, 12. Coloca o sobrescrito bem à vista sobre a mesa. Levanta-se, anda, carrega a fera no ventre, ela chupa-lhe o sangue, ele sente-a. Sim ou não. Tem de se resolver. Tem a noite toda para isso. Sozinho consigo mesmo. A noite toda. A mão direita apossa-se novamente da navalha. Tem medo da mão, examina-a. Está rígida na ponta do braço. Diz: "Vamos!" E um arrepio irónico percorre-lhe as costas, da nuca aos rins. "Vamos!" Se pudesse encontrar-se mutilado, como se encontra de pé, de manhã, depois que o despertador toca, sem saber como se levantou. Mas é preciso fazer primeiramente o gesto obsceno, o gesto de mictório, desabotoar-se com paciência. A inércia da navalha contamina-lhe a mão, o braço. Um corpo vivo e quente com um braço de pedra. Um enorme braço de estátua, inerte, gelado, e a navalha na ponta. Abre os dedos: a navalha cai em cima da mesa.

A navalha está ali, sobre a mesa, aberta. Nada mudou. Pode estender a mão e agarrá-la. A navalha obedecerá, inerte. Ainda tem tempo. Nunca será tarde de mais, tem a noite toda. Anda de um lado para outro. Já não se odeia, não deseja nada, flutua. A serpente ali está, entre as pernas, reta,

dura, que nojo! Se tens assim tanta repugnância, pequeno, a navalha está ali... Morta a serpente... A navalha. A navalha. Gira em torno da mesa sem despregar os olhos da navalha. Nada o impedirá de a agarrar. Nada. Tudo está inerte e tranquilo. Estende a mão, toca na lâmina. A minha mão fará tudo. Salta para trás, abre a porta e lança-se escada abaixo. Um gato desvairado rola pela escada com ele.

Daniel corria na rua. Lá em cima a porta tinha ficado aberta, a lâmpada acesa, a navalha sobre a mesa. Os gatos erravam pela escada escura. Nada o impedia de retroceder. O quarto esperava-o docilmente. Nada estava decidido, nunca seria decidido. Era preciso correr, fugir, o mais longe possível, mergulhar no ruído, nas luzes, entre as pessoas da rua, voltar a ser um homem entre os homens, ser olhado por outras pessoas. Correu até ao Rói Olaf. Empurrou a porta sem fôlego.

— Um uísque - pediu, arquejante.

As pancadas violentas do coração repercutiam-se nas pontas dos dedos e sentia um gosto de tinta na boca. Sentou-se ao fundo do café.

— Parece cansado - disse o empregado respeitosamente.

Era um norueguês que falava francês sem sotaque. Olhava amavelmente para Daniel, e Daniel sentiu que se tornava um freguês rico, com qualquer coisa de maníaco e que dava boas gorjetas.

— Não estou muito bem - explicou -, estou um pouco febril.

O empregado abanou a cabeça e foi-se embora. Daniel voltou à solidão. O seu quarto esperava-o, a porta estava aberta e a navalha brilhava em cima da mesa. "Nunca mais poderei voltar." Beberia o que fosse necessário. Lá pelas quatro horas o empregado, com o barman, levá-lo-iam para casa. Como sempre.

O empregado voltou com um copo cheio e uma garrafa de Perrier.

— Exatamente como gosta - disse.

— Obrigado.

Daniel estava só naquele bar tranquilo. A luz loura espumava em volta dele; a madeira clara dos tabiques brilhava docemente, embebida num verniz grosso que se colava às mãos quando se lhe tocava. Deitou um pouco de água Perrier no copo, o uísque ferveu durante um segundo; bolhas apressadas subiam à superfície, como comadres atarefadas. E depois toda aquela agitação se acalmou. Daniel olhou o líquido amarelo e mole,

no qual flutuava um pouco de espuma. Dir-se-ia cerveja morta. No bar, invisíveis, o empregado e o barman falavam norueguês.

— Beber mais!

Atirou o copo com um safanão. Esmagou-se no pavimento. O barman e o empregado calaram-se subitamente. Daniel inclinou-se por cima da mesa. O líquido escorria lentamente sobre os ladrilhos, deitando os pseudópodes em direção aos pés de uma cadeira.

O empregado correu.

— Sou um desastrado - disse Daniel, sorrindo.

O empregado baixara-se para enxugar o chão e apanhar os cacos.

— Trago-lhe outro?

— Traga. Não - disse bruscamente. - É um aviso - acrescentou em tom de piada. - Não devo beber esta noite. Dê-me meia Perrier com limão.

O rapaz afastou-se. Daniel sentia-se mais calmo. Um ambiente opaco formava-se em volta dele. O odor a gengibre, a luz loura, os tabiques de madeira...

— Obrigado.

O empregado abriu a garrafa e encheu o copo. Daniel bebeu. Pensou: "Sabia! Sabia que não o faria." Quando caminhava a passos largos pela rua, e quando subiu as escadas, já sabia que não iria até ao fim. Sabia-o quando pegara na navalha, não se iludira um só instante. Pobre comediante! Só no fim conseguira amedrontar-se, fugira. Pegou no copo e apertou-o com raiva, queria ter nojo de si, não havia melhor oportunidade. "Estupor! Comediante covarde. Estupor!" Houve um momento em que pensou que ia consegui-lo, mas não, eram palavras. Ter-lhe-ia sido preciso... Um juiz qualquer! Qualquer juiz, aceitaria qualquer um, menos ele próprio, não aquele atroz desprezo sem força suficiente, aquele fraco e moribundo desprezo, que parecia sempre a ponto de se aniquilar e que nunca passava. Se alguém soubesse, se pudesse sentir pesar sobre ele o desprezo de outrem... "Mas nunca poderei, prefiro castrar-me." Olhou o relógio, onze horas, oito ainda por viver antes da manhã. O tempo não passava.

Onze horas! Sobressaltou-se. "Mathieu está em casa de Marcelle. Ela fala. Neste momento ela fala, abraça-o, acha que ele não se declara suficientemente depressa... Isso, também, fui eu que fiz." Pôs-se a tremer: "Cederá, sim, tem de ceder, eu estraguei-lhe a vida."

Largou o copo. Está de pé, com olhar fixo. Não pode desprezar-se nem esquecer. Gostaria de estar morto e existia, continuava a fazer-se existir, obstinadamente. Gostaria de estar morto, pensa que gostaria de estar morto, pensa que pensa que gostaria de estar morto... "*Há um meio.*"

Tinha falado alto. O empregado correu.

— Chamou?

— Sim - disse Daniel, distraído. - Tome, é para si.

Pôs cem francos na mesa. "Há um meio. Um meio de arranjar tudo." Empertigou-se e dirigiu-se apressadamente para a porta. "Um meio notável." Riu. Alegrava-se sempre com a oportunidade de uma boa farsa.

XVII

Mathieu fechou a porta devagar, erguendo-a ligeiramente sobre os gonços para que não rangesse. Depois pôs o pé no primeiro degrau da escada, curvou-se e desapertou os sapatos. O peito roçava-lhe os joelhos. Tirou os sapatos, segurou-os com a mão esquerda, endireitou-se e pousou a mão direita sobre o corrimão, de olhos erguidos para uma neblina rósea que parecia suspensa nas trevas. Já não se julgava. Subiu lentamente na escuridão, evitando que os degraus estalassem.

A porta do quarto estava entreaberta. Empurrou-a. A atmosfera era pesada. Todo o calor do dia se depositara no fundo daquele compartimento como uma borra. Sentada na cama, uma mulher contemplava-o sorridente, era Marcelle. Vestira o seu belo roupão branco de cordão dourado, pintara-se cuidadosamente, tinha um ar solene e alegre. Mathieu fechou a porta e ficou imóvel, de braços caídos, tomado por uma insuportável doçura de existir que lhe apertava a garganta. Ele estava ali, ali desabrochava, junto daquela mulher sorridente, inteiramente mergulhado naquele cheiro de doença, de bombons e de amor. Marcelle inclinara a cabeça para trás e observava maliciosamente através das pálpebras semicerradas. Ele sorriu também e foi guardar os sapatos no armário. Uma voz cheia de ternura suspirou atrás dele:

— Meu querido!

Voltou-se subitamente e encostou-se ao armário.

— Olá - disse em voz baixa.

Marcelle ergueu a mão até à fronte e mexeu os dedos.

— Olá, olá!

Passou-lhe o braço em volta do pescoço e beijou-o, deslizando a língua por entre os lábios dele. Ela pusera sombra azul nas pálpebras e tinha uma flor nos cabelos.

— Estás quente - disse ela, acariciando-lhe a nuca.

Olhava-o de baixo para cima, com a cabeça levemente inclinada, mexendo a ponta da língua entre os dentes com uma expressão animada e feliz... Estava bela. Mathieu pensou, com coração triste, na fealdade magra de Ivich.

— Estás bem disposta - disse. - No entanto, ontem ao telefone não parecias muito bem.

— Não. Estava estúpida. Mas hoje estou bem, muito bem mesmo.

— Dormiste bem?

— Admiravelmente. De um sono só.

Beijou-o de novo e ele sentiu sobre os lábios o veludo rico daquela boca e aquela nudez glabra, quente e esperta da língua. Desenvencilhou-se docemente. Marcelle estava nua por baixo do roupão. Viu-lhe os seios formosos e passou-lhe pela boca um gosto a açúcar. Ela pegou-lhe na mão e puxou-o para a cama.

— Senta-te junto de mim.

Ele sentou-se. Ela continuava a segurar a mão dele entre as suas e apertava-a de vez em quando, desajeitadamente, e Mathieu sentia que o calor daquelas mãos lhe subia até às axilas.

— Como está calor aqui - disse.

Ela não respondeu. Devorava-o com os olhos entreabertos, uma expressão de humildade e confiança. Ele deslizou devagar a mão esquerda diante do estômago e enfiou-a sorrateiramente no bolso das calças para tirar o tabaco. Marcelle viu-lhe a mão, de passagem, e exclamou:

— Que é que fizeste na mão?

— Cortei-me.

Marcelle largou a mão direita de Mathieu e pegou-lhe na outra; virou-a e examinou-lhe a palma com um olhar clínico.

— Mas o curativo está sujo. Isto vai infectar. Tem lama por cima, que foi isto?

— Caí.

Ela teve um riso indulgente e escandalizado.

— Cortei-me, dei uma queda. Já me viste tão tolo?

— Mas que foi que andaste a fazer? Espera, vou arranjar este curativo; não podes andar assim.

Desfez a ligadura e abanou a cabeça:

— Que ferida tão feia, como conseguiste cortar-te deste modo? Estavas embriagado?

— Não. Foi ontem à noite no Sumatra.

— No Sumatra?

"Rosto largo e lívido, cabelos de ouro, amanhã, amanhã eu pentear-me-ei assim para si." Aquilo voltava.

— Uma fantasia do Boris - respondeu. - Comprou um canivete e desafiou-me duvidando que eu mal tivesse coragem de o espetar na mão.

— E você, naturalmente, apressaste-te em demonstrar o contrário. És completamente doido, querido, esses rapazes fazem o que querem de ti. Olha para esta pobre "pata" devastada.

A mão de Mathieu repousava, inerte, entre as mãos dela. O ferimento era repugnante, com a sua crosta escura e mole. Marcelle levantou devagar aquela mão à altura do rosto e olhou-a de perto, e subitamente inclinou-se e apoiou os lábios no ferimento num impulso de humildade. "Que é que te aconteceu?", pensou Mathieu. Ele puxou-a para si e beijou-lhe a orelha.

— Estás bem comigo? - perguntou Marcelle.

— Naturalmente.

— Não pareces.

Mathieu sorriu sem responder. Ela levantou-se para ir buscar os apetrechos ao armário. Virava-lhe as costas, erguera-se nas pontas dos pés e levantava os braços para alcançar a prateleira de cima. As mangas caíram. Mathieu olhou aqueles braços nus que tantas vezes acariciara e os antigos desejos giraram-lhe em volta do coração. Marcelle voltou para ele alerta e lentamente.

— Dá a pata.

Embebera a esponja no álcool e pusera-se a lavar-lhe a mão. Ele sentia contra a sua anca o calor daquele corpo tão conhecido.

— Lambe!

Marcelle apresentava-lhe um penso. Pôs a língua e lambeu docilmente a cobertura rósea. Marcelle aplicou-a na ferida. Depois pegou no curativo sujo, suspendeu-o na ponta dos dedos e considerou-o com uma falsa repugnância.

— Que vou fazer desta porcaria? Quando saíres, deita-o no lixo.

Ligou-lhe rapidamente a mão com uma ligadura branca de gaze.

— Então, Boris desafiou-te? E tu retalhaste a mão? Que criança! E ele também se cortou?

— Não.

Marcelle riu-se.

— Pregou-te uma boa partida!

Ela segurava um alfinete-de-ama na boca e rasgava a gaze com as mãos. Disse, apertando nos lábios o alfinete:

— Ivich estava lá?

— Quando me cortei?

— Sim.

— Não, dançava com Lola.

Marcelle pôs o alfinete na ligadura. Sobre o aço ficara um pouco de bâton.

— Pronto. Divertiram-se muito?

— Mais ou menos.

— É bonito o Sumatra? Sabes o que eu queria? Que me levasses lá um dia.

— Mas isso aborrece-te, cansa-te - disse Mathieu, contrariado.

— Oh!, uma vez... Será uma festa, um passeio, há tanto tempo que não saio contigo.

"Uma saída!" Mathieu repetia esta palavra conjugal. Marcelle não era feliz nas suas expressões.

— Queres? - disse Marcelle.

— Não pode ser antes do Outono - disse. - Agora precisas de descansar seriamente, depois virão as férias. Lola vai para a África do Norte.

— Então iremos no Outono. Prometes?

— Prometo.

Marcelle tossiu, constrangida.

— Percebo que não estás muito bem comigo - disse.

— Eu?

— Sim... fui desagradável anteontem.

— Não. Porquê?

— Fui. Estava nervosa.

— E tinhas razão. É tudo culpa minha, querida.

— Não tens culpa - disse ela, confiante. - Nunca tive nada que te censurar.

Ele não se atreveu a voltar-se para ela, imaginava bem de mais a expressão do seu rosto, e não podia compreender aquela confiança inexplicável e espontânea. Houve um longo silêncio, ela esperava sem dúvida uma palavra de ternura, de perdão, Mathieu não aguentou mais.

— Olha - disse.

Tirou a carteira do bolso e pousou-a nos joelhos. Marcelle esticou o pescoço e apoiou o queixo no ombro de Mathieu.

— Que é que devo olhar?

— Isto.

— Tirou as notas da carteira.

— Uma, duas, três, quatro, cinco - disse, fazendo-as estalar triunfantemente. Tinham conservado o perfume de Lola. Mathieu esperou um instante, com o dinheiro em cima dos joelhos; e como Marcelle não falasse, voltou-se. Ela erguera a cabeça e olhava as notas pestanejando. Não parecia compreender. Disse lentamente:

— Cinco mil francos.

Mathieu fez um gesto para colocar as notas em cima da mesa-de-cabeceira.

— Pois é, cinco mil. E que me deram trabalho a encontrar.

Marcelle não respondeu. Mordia o lábio inferior e olhava para as notas, incrédula. Envelhecera de repente. Fixou o olhar em Mathieu com uma expressão triste, mas ainda confiante. Disse:

— Pensei...

Mathieu interrompeu-a, categórico:

— Agora podes ir ao judeu. Parece que é uma competência. Centenas de mulheres, em Viena, passaram pelas mãos dele. E gente da alta, gente rica.

Os olhos de Marcelle apagaram-se.

— Tanto melhor, tanto melhor.

Pegara noutro alfinete-de-ama do cestinho, abria-o e fechava-o nervosamente. Mathieu acrescentou:

— Deixo com você. Penso que Sarah te levará à casa dele e é tu que vais pagar. Ele quer que lhe paguem adiantado, o estupor.

Fez-se silêncio, e Marcelle perguntou:

— Onde arranjaste o dinheiro?

— Adivinha.

— Daniel?

Ele encolheu os ombros. Ela sabia muito bem que Daniel não lhe quisera emprestar.

— Jacques?

- Não. Já te disse ao telefone, ontem.
- Então não sei - falou secamente. - Quem?
- Ninguém me deu o dinheiro.

Marcelle sorriu, irónica.

- Não me vais dizer que o roubaste.
- Roubei.
- Roubaste? Não é verdade.
- É. Roubei-o a Lola.

Fez-se silêncio. Mathieu enxugou a testa suada.

- Hei-de contar-te um dia.

— Roubaste! - disse lentamente Marcelle. O rosto tornara-se-lhe cinzento.

Observou, sem olhar para ele:

- Que vontade tens de te ver livre da criança!
- Tinha vontade principalmente de que não fosses à velha.

Ela refletia. A boca exibia de novo aquele sulco duro e cínico. Ele perguntou:

- Censuras-me por tê-lo roubado?
- Não me interessa.
- Então, que é que há?

Marcelle fez um gesto brusco e os apetrechos de farmácia espalharam-se pelo soalho. Olharam-se ambos, e Mathieu empurrou-os com o pé. Marcelle voltou lentamente a cabeça para ele, tinha um ar admirado.

- Então, que é que há? - repetiu Mathieu.

Ela teve um riso seco.

- Porque te ris?
- Rio-me de mim própria - disse.

Tirara a flor dos cabelos e fazia-a rodopiar nos dedos. Murmurou:

- Fui demasiado estúpida.

O rosto emudecera. Continuava com a boca aberta como se tivesse vontade de falar, mas as palavras não lhe saíam. Parecia amedrontada com o que ia dizer. Mathieu pegou-lhe na mão, mas ela retirou-a e disse sem o olhar:

- Já sei que estiveste com Daniel.

Bom, era isso. Ela inclinara-se para trás e crispara as mãos no lençol; parecia espavorida e aliviada. Mathieu também se sentia aliviado. As cartas

estavam sobre a mesa, era preciso ir até ao fim. Tinham a noite inteira à sua frente.

— Sim, estive com ele - disse Mathieu. - Como soubeste? Foste tu que o mandaste? Tinham combinado tudo?

— Não fales tão alto - pediu Marcelle -, vais acordar a minha mãe. Não fui eu, mas sabia que ele te ia procurar.

Mathieu disse, tristemente:

— Foi chato!

— Sim, foi chato! - concordou Marcelle com amargura.

Calaram-se; Daniel estava ali, sentado entre os dois.

— Pois bem- disse Mathieu -, expliquemo-nos francamente.

— Não há nada que explicar. Estiveste com Daniel, ele disse o que te tinha a dizer e ao deixá-lo foste roubar os cinco mil francos a Lola.

— Sim, tu recebes Daniel há meses, às escondidas. Bem vês que há explicações necessárias. Escuta, que foi que se passou anteontem?

— Anteontem?

— Sim, não finjas que não percebes. Daniel disse-me que tu tinhas censurado a minha atitude de anteontem.

— Oh!, não adianta falar nisso.

— Peço-te, Marcelle, não te obstines. Juro que tenho boa vontade, que saberei reconhecer os meus erros. Mas diz o que se passou anteontem. Seria muito melhor se pudéssemos ter novamente um pouco de confiança um no outro.

Ela hesitava, triste, menos irritada.

— Peço-te - disse ele, pegando-lhe na mão.

— Pois bem... foi como das outras vezes, pouco te incomodavas com o que eu tinha na cabeça.

— E que é que tinhas na cabeça?

— Porque é que queres que eu diga? Sabe-lo muito bem.

— É verdade - disse Mathieu. - Julgo que sei.

Pensou: "Acabou-se, caso com ela." Era evidente. "Era preciso que eu fosse muito sacana para imaginar que escapava." Ela estava ali, sofria, era infeliz e má e bastava um gesto para a acalmar. Disse:

— Queres que nos casemos, não é verdade? Ela tirou-lhe a mão e ergueu-se de um salto.

Ele olhou-a com espanto. Estava lívida.

— Foi Daniel quem te disse isso?

— Não - respondeu Mathieu, surpreso. - Foi o que me pareceu...

— Foi o que te pareceu - disse ela rindo. - Foi o que te pareceu!

Daniel disse-te que eu estava aborrecida, e tu julgaste que eu queria casar, obrigar-te a casar comigo. E é o que pensas de mim, Mathieu, depois de sete anos!

As mãos também lhe tremiam agora. Mathieu teve vontade de apertá-la nos braços, mas não se atreveu.

— Tens razão, não devia ter pensado nisso.

Ela parecia não ter ouvido. Ele insistiu:

— Há circunstâncias atenuantes. Daniel acabou de me comunicar que tu te encontravas com ele e não me dizias nada.

Ela continuou a não responder. Ele acrescentou docemente:

— É um filho que tu queres?

— Ah! - disse Marcelle -, isso não é da tua conta. O que eu quero já não é da tua conta.

— Calma - disse Mathieu -, ainda há tempo.

Ela sacudiu a cabeça.

— Não, já não há tempo.

— Mas porquê, Marcelle? Porque não conversas calmamente comigo? Uma hora apenas e tudo se acerta, tudo se esclarece.

— Eu não quero.

— Mas porquê? Porquê?

— Porque já não te estimo o suficiente, e tu já não me amas.

Falara com segurança, mas mostrava-se surpreendida e amedrontada com o que dissera. Já não havia nos seus olhos senão uma interrogação inquieta. Continuou tristemente:

— Para pensares de mim o que pensaste, é preciso que tenhas deixado de me amar...

Era quase uma pergunta. Se ele a abraçasse, se lhe dissesse que a amava, tudo poderia ainda salvar-se. Casaria com ela, teriam a criança, viveriam juntos o resto da vida. Ele levantara-se. Ia dizer: "Amo-te." Hesitou e disse com voz clara:

— É verdade... já não sinto amor por ti.

Durante muito tempo ficou a ouvir a frase, estupefato. Pensou: "Está acabado." Marcelle atirara-se para trás com um gesto de triunfo, mas

imediatamente tapou a boca com a mão e fez-lhe sinal para se calar:

— A minha mãe - murmurou, ansiosa.

Escutaram, mas só ouviram o ruído longínquo dos automóveis.

Mathieu disse:

— Marcelle, eu quero-te muito ainda.

Marcelle riu altivamente.

— Sim, mas de outra maneira... não é?

Ele pegou-lhe na mão.

— Ouve.

Ela retirou a mão, com um gesto seco.

— Chega! - disse. - Já sei o que queria saber.

Levantou umas madeixas de cabelos, encharcados em suor, que lhe pendiam da fronte. Subitamente sorriu, como se se lembrasse de alguma coisa.

— Mas - atalhou, com uma alegria nervosa - não foi o que me disseste ontem ao telefone. Disseste: "Amo-te." E ninguém te perguntou nada.

Mathieu não respondeu. Ela acrescentou como que esmagada:

— Como deve desprezar-me...

— Eu não te desprezo - disse Mathieu. - Eu...

— Vai. Vai-te embora.

— Estás louca. Não posso. Preciso explicar-te...

— Vai - repetiu ela com voz surda, de olhos cerrados.

— Mas eu tenho por ti toda a minha ternura! - disse, desesperado. - Não quero abandonar-te. Quero ficar junto de ti a vida inteira, quero casar-me contigo, quero...

— Vai - disse ela -, vai, já não posso ver-te. Vai, ou não respondo por mim... desato a gritar.

Pusera-se a tremer. Mathieu avançou um passo, mas ela repeliu-o violentamente.

— Se não saíres, chamo a minha mãe.

Ele abriu o armário e tirou os sapatos. Sentia-se ridículo e odioso. Ela disse:

— Pegue o seu dinheiro.

Ele voltou-se.

— Não. Isso não. Não há razão...

Ela pegou nas notas e atirou-as à cara dele. As notas voaram através do quarto e caíram no tapete, perto da cama. Mathieu não as apanhou. Olhava para Marcelle. Ela ria, soluçando, de olhos fechados. E dizia:

— Ah!, que estúpida, que estúpida, eu que pensava...

Ele quis aproximar-se, mas ela abriu os olhos e atirou-se para trás apontando a porta. "Se ficar, ela vai gritar." Parou um instante, com os sapatos na mão. Quando chegou ao fim da escada, calçou-se, parou um instante, escutando com a mão no fecho. Ouviu de repente o riso de Marcelle, uma gargalhada profunda e sombria que se elevava como um repuxo e caía em cascata! Uma voz gritou:

— Marcelle! Que foi, Marcelle?

Era a mãe. O riso parou subitamente, e fez-se de novo silêncio. Mathieu escutou ainda e, como não ouvisse mais nada, abriu a porta e saiu.

XVIII

Pensava: "Sou um sacana", e isso espantava-o enormemente. Não havia mais nada nele senão fadiga e espanto. Parou no patamar do segundo andar para tomar fôlego; as pernas estavam moles. Dormira apenas seis horas em três dias, talvez nem isso: "Vou deitar-me." Despiria a roupa ao acaso, iria titubeando até à cama e deixar-se-ia cair. Mas sabia que ficaria acordado a noite toda, de olhos abertos no escuro. Subiu. A porta do apartamento ficara aberta. Ivich devia ter fugido, desvairada. Na secretária, a lâmpada estava acesa.

Entrou e viu Ivich. Estava sentada no sofá, muito direita.

— Não parti - disse ela.

— Estou a ver - respondeu Mathieu, secamente.

Ficaram silenciosos um momento. Mathieu ouvia o ruído forte e regular da sua própria respiração. Ivich disse, virando a cabeça:

— Fui odiosa.

Mathieu não respondeu. Olhava os cabelos de Ivich e pensava. "Será por ela que fiz aquilo?" Ela baixara a cabeça, ele contemplava-lhe a nuca morena e doce com uma grande ternura. Gostaria de verificar que a amava mais do que tudo no mundo para que o seu ato tivesse uma justificação. Mas não sentia nada, a não ser um ódio sem objetivo, e o seu ato estava atrás dele, nu, escorregadio, incompreensível. Roubara, abandonara Marcelle grávida, para nada.

Ivich fez um esforço e disse, com cortesia.

— Eu não devia ter-me metido a dar a minha opinião...

Mathieu encolheu os ombros.

— Acabo de romper com Marcelle.

Ivich levantou a cabeça. Observou com uma voz neutra:

— Deixou-a... sem dinheiro?

Mathieu, sorriu: "Naturalmente", pensou, "se o tivesse feito, censurar-me-ia agora".

— Não. Consegui arranjar-me.

— Arranjou dinheiro?

— Arranjei.

— Onde?

Ele não respondeu. Ela olhou-o, inquieta.

— Não...

— Sim. Roubei. É o que quer dizer? De Lola. Subi ao quarto durante a ausência dela.

Ivich pestanejou, nervosa, e Mathieu continuou:

— Vou devolver-lhe, aliás. É um empréstimo... forçado.

Ivich tinha uma expressão estúpida. Repetiu lentamente, como Marcelle tinha feito pouco antes:

— Roubou de Lola.

A expressão irritou Mathieu. Ele atalhou, com vivacidade:

— Sim, não é lá muito glorioso. Uma escada a subir, uma porta a abrir.

— Porque fez isso?

Mathieu deu uma risada seca.

— Se o soubesse!

Ela levantou-se bruscamente, e o seu rosto tornou-se duro e solitário como quando se voltava na rua para seguir, com o olhar, uma mulher bela ou um belo rapaz. Mas desta vez era Mathieu que ela olhava. Mathieu sentiu que corava. Disse por escrúpulo:

— Não a queria abandonar. Queria apenas dar-lhe o dinheiro para não ser obrigado a casar.

— Compreendo - disse Ivich.

Ela parecia não compreender, olhava-o apenas. Ele insistiu desviando os olhos:

— Não foi bonito. Foi ela que me mandou embora. Levou a mal, não sei o que esperava.

Ivich não respondeu, e Mathieu calou-se angustiado. Pensava: "Não quero que me recompense."

— Tu és belo - disse Ivich.

Mathieu sentiu, acabrunhado, renascer aquele áspero amor dentro dele. Pareceu-lhe que abandonava Marcelle pela segunda vez. Não disse nada. Sentou-se perto de Ivich e pegou-lhe na mão. Ela insistiu:

— E inacreditável como parece só.

Ele teve vergonha. Acabou por dizer:

— Não sei o que pensa, Ivich. Tudo isto é lamentável. Roubei por desvario e agora tenho remorsos.

— Bem vejo que tem remorsos - disse Ivich, sorrindo. - Creio que também teria, no seu lugar; é impossível evitar da primeira vez.

Mathieu apertava com força a mãozinha áspera de unhas pontiagudas. Disse:

— Engana-se, eu não sou...

— Cale-se.

Retirou a mão num gesto brusco, puxou os cabelos para trás, descobrindo o rosto e as orelhas. Bastaram-lhe alguns movimentos rápidos e, quando baixou as mãos, a sua cabeleira estava penteada e o rosto apresentava-se nu.

— Assim - disse.

Mathieu pensou: "Quer tirar tudo de mim, até os meus remorsos." Estendeu o braço, puxou Ivich para si. Ela deixou.

Ele ouvia dentro dele uma melodia viva e alegre cuja lembrança pensara ter perdido. A cabeça de Ivich rolou no seu ombro, ela sorriu de lábios entreabertos. Ele devolveu-lhe o sorriso e beijou-a de leve, depois olhou-a e a melodia cessou repentinamente. "Mas é uma criança!" E sentiu-se inteiramente só.

— Ivich! - disse docemente.

Ela olhou-o surpreendida.

— Ivich... fiz mal.

Ela franziu as sobrancelhas e a sua cabeça agitava-se com minúsculas sacudidelas. Mathieu deixou cair o braço e murmurou com lassidão:

— Não sei o que quero de si.

Ivich teve um sobressalto e desenvencilhou-se rapidamente. Os seus olhos faiscaram, mas ela baixou-os e assumiu uma atitude triste e terna. Só as mãos continuavam raivosas; borboleteavam em torno dela, abatiam-se sobre a cabeça e puxavam os cabelos. Mathieu sentia a garganta seca, mas considerava aquela crise com indiferença. Pensava: "Também desperdicei isto e no entanto estava quase contente." Era uma expiação. Continuou, procurando o olhar que ela desviava obstinadamente.

— Não devo tocá-la.

— Oh!, não tem importância - disse, vermelha de ódio.

E acrescentou num tom cantante:

— Parecia tão orgulhoso de ter tomado uma decisão; pensei que viesse buscar a recompensa.

Ele sentou-se perto dela e agarrou-lhe docemente o braço um pouco acima do cotovelo. Ela não o retirou.

— Mas eu amo-a, Ivich.

Ivich empertigou-se.

— Não quero que imagine...

— Que imagine o quê?

Ele sabia. Largou-lhe o braço.

— Eu... não lhe tenho amor - disse Ivich.

Mathieu não respondeu. Pensava: "É uma vingança. Está bem." Aliás, era sem dúvida verdade. Porque havia de o amar? Não desejava mais nada senão permanecer um bom momento silenciosamente ao lado dela e que ela se fosse finalmente sem falar. No entanto disse:

— Voltará no próximo ano?

— Voltarei.

Ela sorriu-lhe ternamente, devia considerar que a honra estava salva. Era o mesmo rosto que lhe mostrara na véspera enquanto a mulher do toilette lhe ligava a mão. Olhou-a hesitante, sentiu-lhe renascer o desejo. Um desejo triste e resignado que não era desejo de nada. Pegou-lhe no braço, percebeu sob os dedos a carne fresca e disse:

— Eu...

Interrompeu-se. Estavam a tocar. Um toque primeiro, depois outro, depois muitos ininterruptamente. Mathieu ficou gelado. Pensou: "Marcelle." Ivich empalidecera, tivera com certeza a mesma ideia. Olharam-se.

— É preciso abrir - sussurrou ela.

— Acho que sim.

Não se mexeu. Agora batiam violentamente à porta.

Ivich disse num estremecimento:

— É horrível pensar que há alguém atrás da porta.

— Pois é. Quer... Quer entrar na cozinha? Fecharei a porta, ninguém verá.

Ela olhou-o com um ar de autoridade calma.

— Não. Fico.

Mathieu foi abrir e viu na penumbra um rosto trágico. Dir-se-ia uma máscara. Era Lola. Ela empurrou-o para entrar mais depressa.

— Onde está Boris? Ouvi a voz dele.

Mathieu nem sequer se deu ao trabalho de fechar a porta, entrou no escritório atrás de Lola. Lola avançara para Ivich, ameaçadora.

— Diga-me onde está Boris.

Ivich olhava-a, aterrorizada. No entanto Lola não parecia dirigir-se a ela, nem a ninguém, e nem parecia vê-la. Mathieu colocou-se entre ambas:

— Não está aqui.

Lola voltou para ele o rosto desfigurado. Tinha chorado.

— Ouvi a voz dele.

— Além desse escritório - disse Mathieu, tentando encontrar o olhar de Lola - só há no apartamento uma cozinha e um banheiro. Pode verificar se quiser.

— Onde está então?

Conservara o vestido de seda preta e a maquilhagem de teatro. Os grandes olhos escuros pareciam ter murchado.

— Deixou Ivich às três horas - disse Mathieu. - Não sabemos por onde andou depois disso.

Lola pôs-se a rir como uma cega. As mãos amarfanhavam uma bolsa pequena de veludo preto que parecia conter um objeto pesado e duro. Mathieu olhou para a bolsa e teve medo. Era preciso mandar Ivich embora imediatamente.

— Pois se não sabem por onde andou, posso dizer-lhes. Subiu ao meu quarto lá pelas sete horas, no momento em que eu saía. Abriu a minha porta, arrombou uma maleta e roubou-me cinco mil francos.

Mathieu não se atrevia a olhar para Ivich, mas disse-lhe docemente, com os olhos fixos no chão:

— Ivich, é melhor sair. Preciso falar com Lola... Vejo-a ainda esta noite?

Ivich estava alterada.

— Oh! Não! - disse. - Quero ir para casa, fazer as minhas malas, dormir. Preciso tanto de dormir.

Lola perguntou:

— Vai partir?

— Vai. Amanhã cedo.

— Boris também vai?

— Não.

Mathieu pegou na mão de Ivich.

— Vá dormir, Ivich. Foi um dia muito duro. Não quer que eu vá à estação?

— Não, não gosto.

— Bom, então até para o ano que vem.

Olhava-a na expectativa de descobrir nos olhos dela um sinal de ternura, mas só havia pânico.

— Até ao próximo ano - disse ela.

— Eu escrevo-lhe, Ivich - disse Mathieu tristemente.

— Sim, sim.

Disponha-se a sair. Lola interceptou-lhe a passagem.

— Perdão! Quem me prova que não se vai juntar a Boris?

— E se for? - disse Mathieu. - Ela é livre, creio.

— Fique - disse Lola, apertando o pulso de Ivich.

Ivich deu um grito de dor e ódio.

— Largue-me, não me toque. Não quero que me toquem.

Mathieu empurrou violentamente Lola, que deu três passos para trás a resmungar. Ele olhava-lhe para a bolsa.

— Que mulher horrível! - disse Ivich entre dentes.

Apalpava o pulso com o indicador e o polegar.

— Lola - disse Mathieu sem tirar os olhos da bolsa -, deixe-a partir, tenho muito que lhe dizer, mas deixe-a partir primeiro.

— Vai dizer-me onde está Boris?

— Não, mas vou explicar-lhe a história do roubo.

— Pois que vá - disse Lola. - E se encontrar Boris, diga-lhe que me queixei.

— A queixa será retirada - disse Mathieu a meia-voz, sempre a olhar para a bolsa. - Adeus, Ivich.

Ivich não respondeu, e Mathieu ouviu aliviado o ruído dos passos dela. Não a viu sair, mas o ruído extinguiu-se, e ele sentiu um aperto no coração. Lola deu um passo em frente e gritou:

— Diga-lhe que se enganou! Que é ainda muito jovem para me enganar.

Voltou-se para Mathieu com aquele olhar incomodativo que parecia não ver.

— Então - disse ela, asperamente. - Vamos à história.

— Ouça, Lola.

Lola desatou a rir.

— Não nasci ontem. Ah!, não. Já disseram mais de uma vez que podia ser mãe dele.

Mathieu avançou.

— Lola!

— Ele deve ter pensado: "Está doida por mim, a velha, ainda se vai sentir muito feliz por eu lhe roubar a "massa", ainda vai dizer obrigada." Não me conhece! Não me conhece!

Mathieu segurou-a pelo braço e sacudiu-a como um arbusto, enquanto ela gritava a rir:

— Não me conhece!

— Cale-se!

Lola acalmou-se e pela primeira vez pareceu vê-lo.

— Fale.

— Lola - perguntou Mathieu -, apresentou realmente alguma queixa?

— Apresentei. Que é que tem a dizer?

— Fui eu que roubei.

Lola olhava-o com indiferença. Ele teve de repetir:

— Fui eu que roubei os cinco mil francos!

— Ah!, foi você?

Encolheu os ombros.

— A gerente viu-o a ele.

— Como pode tê-lo visto, se fui eu?

— Ela viu-o - disse Lola, irritada. - Ele subiu às sete horas, escondendo-se. Ela deixou-o subir porque eu tinha dado ordem. Esperei o dia inteiro e havia dez minutos que eu descera. Devia estar a espiar-me na rua. Subiu, logo que saí.

Falava rapidamente, mas de uma maneira monótona e parecia exprimir uma convicção absoluta. "Dir-se-ia que tem necessidade de acreditar naquilo", pensou Mathieu desanimado. Perguntou:

— A que horas voltou ao hotel?

— Da primeira vez, às oito.

— As notas ainda estavam na maleta.

— Já disse que Boris subiu às sete.

— Pode ser, talvez quisesse vê-la. Mas você não olhou para a maleta.

— Olhei.

— Olhou às oito horas?

— Olhei.

— Lola, você está a mentir. Eu sei que não olhou. Eu sei. Às oito horas eu estava com a chave e você não a podia ter aberto. Aliás, se você tivesse descoberto o roubo às oito horas, não teria esperado pela meia-noite para vir aqui. Às oito horas arranhou-se, pôs o seu belo vestido e foi para o Sumatra. Não é verdade?

Lola olhou-o, obstinada.

— A gerente viu-o subir.

— Bem sei, mas você não olhou para a maleta. Às oito horas o dinheiro ainda lá estava. Eu subi às dez horas e trouxe-o. Havia uma velha no escritório, ela viu-me, pode testemunhar, você só deu conta do roubo à meia-noite.

— Pois foi - disse Lola, cansada. - Foi à meia-noite. Mas é o mesmo. Senti-me mal no Sumatra e voltei para casa. Deitei-me e pus a maleta ao meu lado, continha... continha as cartas, que eu queria voltar a ler.

Mathieu pensou: "É verdade, as cartas. Porque esconde que lhe roubaram as cartas?" Tinham-se calado ambos. De quando em quando, Lola oscilava como se estivesse a dormir em pé. Finalmente pareceu acordar.

— Tu roubou-me?

— Sim, eu.

Ela riu-se.

— Conte a história ao juiz, se quer apanhar seis meses em vez dele.

— Mais uma prova, Lola. Porque me arriscaria em apanhar seis meses se fosse Boris o ladrão?

Ela fez um gesto.

— Sei lá o que vocês fazem juntos!

— É absurdo, Lola. Juro que fui eu. A maleta estava diante da janela, debaixo da outra mala. Peguei no dinheiro e deixei a chave na fechadura.

Os lábios de Lola tremiam e ela apertava convulsivamente a bolsa.

— É tudo quanto tem a dizer-me? Então vou-me embora.

Quis passar, mas Mathieu segurou-a.

— Lola, você não está convencida.

Lola empurrou-o.

— Não está a ver o meu estado? Por quem me toma com essa história?

— Estava debaixo de outra mala, diante da janela - repetiu Mathieu.

— Boris esteve aqui, pensa que não sei? Vocês combinaram o que deviam dizer à velha. Vamos, deixe-me ir embora.

Mathieu quis agarrá-la pelos ombros, mas Lola desenhenciou-se e tentou abrir a bolsa. Mathieu arrancou-a das mãos dela e atirou-a para o sofá.

— Bruto! - disse Lola.

— Vitriolo ou revólver? - perguntou Mathieu a sorrir.

Lola começou a tremer completamente. "É uma crise de nervos", pensou Mathieu. Tinha a impressão de viver um sonho sinistro e absurdo. Mas era preciso convencer Lola. Ela deixara de tremer, encostara-se à janela e olhava-o com os olhos brilhantes de ódio impotente. Mathieu voltou a cabeça; não tinha medo do ódio, mas via naquele rosto uma secura desolada que lhe era insuportável.

— Subi ao meu quarto hoje de manhã - explicou calmamente. - Tirei a chave da sua bolsa. Quando acordou, eu ia abrir a maleta. Não pude voltar a pôr a chave no lugar e foi isso que me deu a ideia de lá voltar esta noite.

— É inútil! Eu vi-o entrar de manhã. Quando lhe falei ainda não tinha chegado ao pé da cama.

— Já tinha entrado uma primeira vez e voltado a sair.

Lola soltou um riso de troça, e ele observou contrafeito:

— Por causa das cartas.

Ela pareceu não o ter ouvido. Era inútil falar das cartas, ela só pensava no dinheiro, precisava de pensar no dinheiro para manter acesa a sua cólera, o seu único recurso. Acabou por dizer com um risinho seco:

— Mas é que ele pediu-me cinco mil francos ontem à noite! Foi por isso mesmo que nos zangámos.

Mathieu sentiu a sua impotência. Era evidente, o culpado só podia ser Boris. "Deveria ter previsto isso", pensou, acabrunhado.

— Não se incomode que eu hei-de apanhá-lo. Se enganar o juiz com a sua história, apanho-o de outra maneira.

Mathieu olhou para a bolsa no sofá. Lola também.

— O dinheiro que lhe pediu era para mim.

— Bem sei. E foi também para si que ele roubou um livro à tarde? Vangloriava-se disso quando dançava comigo.

Calou-se e subitamente recomeçou, com uma calma ameaçadora:

— Então foi você quem roubou?

— Fui.

— Pois então devolva-me o dinheiro.

Mathieu não soube o que dizer. Lola continuou, triunfante:

— Devolva-me que retiro a queixa.

Mathieu não respondeu, e Lola disse:

— Basta. Já percebi.

Pegou na bolsa novamente, sem que ele a tentasse impedir.

— Que é que isso provaria? - disse ele. - Boris poderia ter-me passado o dinheiro...

— Não lhe pergunto isso. Digo-lhe apenas: devolva-me o dinheiro.

— Já não o tenho.

— Essa é boa. Roubou-me às dez horas e à meia-noite já gastou tudo?

Os meus cumprimentos.

— Dei o dinheiro.

— A quem?

— Não posso dizer. - Acrescentou vivamente: - Não foi a Boris.

Lola sorriu sem responder. Dirigiu-se para a porta, sem que ele a impedisse. Pensava: "É no Comissariado da Rua des Martyres, irei explicar-me lá." Mas, quando viu de costas aquela forma negra que se retirava com a rigidez cega de uma catástrofe, teve medo. Pensou na bolsa e tentou um último esforço. Afinal posso dizer para quem era: era para Mademoiselle Duffet, uma amiga minha.

Lola abriu a porta e saiu. Ouviu-a gritar no patamar, e o seu coração deu um salto. Lola reapareceu, como uma louca.

— Vem aí alguém - disse.

Mathieu pensou: "É Boris." Era Daniel. Entrou com nobreza e inclinou-se diante de Lola.

— Aqui estão os cinco mil francos, minha senhora, faz favor de verificar.

Mathieu pensou ao mesmo tempo: "Foi Marcelle quem o mandou, e ele escutou atrás da porta."

Mathieu perguntou:

— Ela...

Daniel sossegou-o com um gesto.

— Tudo corre bem.

Lola olhava desconfiada para o sobrescrito.

— Estão aqui cinco mil francos?

— Estão.

— Como prova que são os meus?

— Não tomou nota dos números? - perguntou Daniel.

— Imagine!

— Ah! Minha senhora - disse Daniel com um ar de censura -, é preciso anotar sempre os números!

Mathieu teve uma inspiração; lembrara-se do pesado perfume de Chipre que exalava da maleta.

— Cheire - disse.

Lola hesitou, depois pegou no sobrescrito, rasgou-o e levou as notas ao nariz. Mathieu receava que Daniel se risse. Mas Daniel estava sério como um papa, olhava para Lola, com compreensão.

— Obrigou Boris a devolvê-las? - perguntou ela.

— Não conheço ninguém com esse nome. Foi uma amiga de Mathieu que as confiou a mim, a fim de que as trouxesse. Vim a correr e ouvi o fim da conversa, pelo que peço desculpa.

Lola estava imóvel, de braços caídos. Apertava a bolsa na mão esquerda e com a direita amarrotava as notas. Parecia angustiada e estupefata.

— Mas porque teria feito isto - perguntou subitamente -, que são cinco mil francos para si?

Mathieu respondeu sem alegria.

— Pelo que se vê, deve ser muito.

Acrescentou docemente:

— Não se pode esquecer de retirar a queixa, Lola. Ou então, se quiser, apresente queixa contra mim.

Lola voltou a cabeça e disse depressa:

— Ainda não tinha apresentado queixa.

Continuava imóvel no meio da sala. De repente disse:

— As cartas...

— Já não as tenho. Trouxe-as esta manhã quando pensávamos que tivesse morrido. Foi o que me deu a ideia de ir buscar o dinheiro.

Lola contemplou Mathieu, sem ódio, apenas com um enorme espanto e uma espécie de curiosidade.

— Roubou-me cinco mil francos! É estranho!

Os olhos porém apagaram-se-lhe e as feições tornaram-se duras. Parecia sofrer.

— Vou-me embora.

Deixaram-na sair sem dizer nada. À porta, voltou-se:

— Se ele não fez nada, porque não volta?

— Não sei.

Lola soluçou e apoiou-se à ombreira da porta. Mathieu deu um passo em frente, mas ela já se tinha dominado.

— Acha que ele vai voltar?

— Acho. São incapazes de fazer a felicidade de alguém, mas são igualmente incapazes de se ir embora; isso ainda é mais difícil para eles.

— Pois é - disse Lola -, adeus.

— Adeus, Lola, não precisa de nada?

— Não.

Saiu. Ouviram a porta fechar-se.

— Quem é esta velha senhora? - perguntou Daniel.

— É Lola, a amiga de Boris Serguine. Está transtornada.

— Parece.

Mathieu não se sentia à vontade sozinho com Daniel.

Parecia-lhe que o tinham colocado subitamente na presença do seu erro. Ali estava ele, na sua frente, vivo, vivia no fundo dos olhos de Daniel, e só Deus sabe que forma tomara naquela consciência caprichosa e falsa. Daniel parecia disposto a abusar da situação. Mostrava-se cerimonioso, insolente e fúnebre como nos seus piores dias. Mathieu endureceu-se e ergueu a cabeça. Daniel estava lívido.

— Estás com uma cara! - disse Daniel com um sorriso mau.

— Ia dizer-te o mesmo - respondeu Mathieu.

Daniel encolheu os ombros.

— Vens da casa de Marcelle?

— Venho.

— Foi ela quem mandou o dinheiro?

— Ela não precisa dele - disse Daniel evasivamente.

— Não precisa?

— Não.

— Diz-me ao menos se ela tem mais para...

— Não se fala mais nisso, meu caro, isso é uma história antiga.

Erguera a sobrancelha esquerda e olhava para Mathieu com ironia, como que através de um monóculo imaginário. "Se me quer impressionar", pensou Mathieu, "deve impedir que as mãos lhe tremam".

Daniel disse, indolentemente:

— Caso-me com ela. Ficaremos com a criança.

Mathieu acendeu um cigarro. A cabeça soava-lhe como um sino. Disse com calma:

— Então você amava-a?

— Porque não?

"E de Marcelle que se trata", pensou Mathieu. "De Marcelle." Não conseguia convencer-se totalmente.

— Daniel - disse ele -, não acredito.

— Espera e verás.

— Não. Quero dizer que não acredito que ames Marcelle. Não sei o que há por baixo disto tudo.

Daniel estava abatido. Sentou-se sobre a secretária balançando um pé com desenvoltura. "Diverte-se", pensou Mathieu com raiva.

— Ficarias muito espantado se soubesses - disse-lhe Daniel.

Mathieu pensou: "Era amante dele."

— Se não queres dizer, cala-te - atalhou secamente.

Daniel olhou-o como se se divertisse a intrigá-lo; depois, subitamente, levantou-se e passou a mão pela testa.

— Isto vai mal - disse ele.

Observava Mathieu com uma certa surpresa.

— Não era disso que te vinha falar. Escuta, Mathieu, eu sou...

Deu uma gargalhada forçada.

— Não me vais levar a sério, se te disser!

— Bom, bom. Falas ou não falas?

— Pois bem, eu sou...

Parou de novo e Mathieu, impaciente, terminou a frase:

— És amante de Marcelle. Não é o que queres dizer?

Daniel arregalou os olhos e assobiou. Mathieu sentiu que corava.

— Nada mal - disse Daniel com admiração. - Não querias outra coisa, hem? Não, meu caro, nem sequer terás essa desculpa.

— Pois então fala - pediu Mathieu, humilhado.

— Espera um pouco. Não tens nada para beber? Uísque?

— Não, só tenho rum branco. É uma ideia - acrescentou -, vamos beber um copo.

Foi à cozinha e abriu o armário. "Fui ignóbil", pensou. Voltou com dois copos e a garrafa. Daniel pegou na garrafa e encheu os copos.

— É da Rhumerie Martiniquaise?

— É.

— Ainda vais lá de vez em quando?

— Ainda. À tua saúde - disse Mathieu.

Daniel olhou-o com um ar inquisidor, como se Mathieu dissimulasse qualquer coisa.

— Aos meus amores - disse.

— Estás bêbedo - observou Mathieu enojado.

— Sim, bebi um pouco. Não te aflijas. Bebi depois de sair de casa de Marcelle, antes não...

— Vens de lá?

— Sim, com uma paragem no Falstaff.

— Deve tê-la visto logo depois de eu ter saído.

— Estava à espera que saíesses - disse Daniel, sorridente. - Subi logo a seguir.

Mathieu não pôde evitar um gesto de contrariedade.

— Estavas à espreita! Tanto melhor, afinal. Assim Marcelle não ficou só. E que é que me querias dizer?

— Nada, meu velho - disse Daniel com súbita cordialidade. - Queria apenas participar-te o casamento.

— Só?

— Só... é, só...

— Como quiseses - disse Mathieu, friamente.

Calaram-se um instante, e Mathieu perguntou:

— Como vai ela?

— Querias que eu te dissesse que está satisfeítíssima? - perguntou Daniel ironicamente. - Poupa-me a minha modéstia...

— Ouve - disse Mathieu secamente -, é evidente que não tenho nenhum direito, mas afinal vieste aqui...

— Pois bem - atalhou Daniel -, pensava que encontraria maior dificuldade em convencê-la. Mas atirou-se à minha proposta como a

miséria sobre o mundo.

Mathieu viu-lhe um brilho de rancor nos olhos. Disse, como para desculpar Marcelle:

— Ela estava desesperada...

Daniel encolheu os ombros e pôs-se a andar de um lado para outro. Mathieu não se atrevia a olhá-lo. Daniel dominava-se. Falava serenamente, mas parecia possesso. Mathieu cruzou as mãos e fixou os olhos no sapato. Depois, disse como para si próprio:

— Então era o filho que ela queria. Não compreendi. Se me tivesse dito...

Daniel calava-se. Mathieu continuou, obstinado.

— Era o filho. Eu queria suprimi-lo. Talvez seja melhor que nasça.

Daniel não respondeu.

— Nunca o verei, não é verdade?

Não chegava a ser uma interrogação, e ele acrescentou sem esperar resposta:

— Acho que deveria estar contente. Num certo sentido, tu vais salvá-la... mas não compreendo, porque é que fizeste isso?

— Com certeza, não foi por filantropia - disse Daniel, secamente. - É horrível este rum. Não faz mal, dá-me mais um copo.

Mathieu encheu os copos. Beberam.

— E agora - perguntou Daniel -, que é que vais fazer?

— Nada, nada de especial.

— Essa pequena Serguine?

— Não.

— Mas agora estás livre.

— Ora!

— Bom, boa noite - disse Daniel levantando-se. - Vim para devolver o dinheiro e tranquilizar-te. Marcelle não tem nada a temer e tem confiança em mim. Toda esta história a abalou terrivelmente, mas não se sente muito infeliz.

— Vais casar com ela - repetiu Mathieu. - Ela odeia-me.

— Põe-te no lugar dela - disse Daniel, duramente.

— Bem sei. Já me pus. Falou-te de mim?

— Muito pouco.

— Sabes - disse Mathieu -, o fato de ires casar com ela perturba-me um pouco.

— Lamentas alguma coisa? Tens saudades?

— Não, acho isso sinistro.

— Obrigado.

— Para os dois. Não sei por quê.

— Não te preocupes. Tudo correrá bem. Se for um menino, pomos-lhe o nome de Mathieu.

Mathieu levantou-se, cerrando os punhos.

— Cala-te!

— Não te zangues - disse Daniel.

Repetiu distraído:

— Não te zangues, não te zangues.

E não se decidia a sair.

— Em suma - disse-lhe Mathieu -, vieste ver a cara que eu faria depois dessa história toda.

— Em parte - disse Daniel com franqueza -, há qualquer coisa disso. Mostravas-te sempre tão sólido... irritavas-me.

— Pois já viste. Não sou tão sólido como isso.

— Pois não...

Daniel deu uns passos em direção à porta e bruscamente voltou. Perdera a expressão irónica, mas não se tornara mais agradável.

— Mathieu - disse -, sou um pederasta.

— Hem? - disse Mathieu.

Daniel afastara-se e contemplava-o com espanto e ódio.

— Isso enoja-te, não é?

— És pederasta? - repetiu lentamente Mathieu. - Não, não tenho nojo. Porque havia de ter nojo?

— Oh! - disse Daniel -, não penses que é obrigado a mostrares-te generoso!

Mathieu não respondeu. Olhava Daniel e pensava: "Ele é pederasta." Mas não estava muito admirado.

— Não dizes nada? - continuou Daniel, cortante. - Tens razão. É a reação normal, a reação que deve ter todo o homem são. Mas fazes bem em não dizer nada.

Daniel estava imóvel, de braços colados ao corpo, parecia apertado na sua roupa. "Que ideia aquela de se vir torturar aqui", pensou Mathieu, sem simpatia. Achava que devia dizer qualquer coisa, mas mergulhava na mais completa indiferença, uma indiferença profunda e paralisante. E, depois, tudo aquilo lhe parecia tão natural, tão normal. Ele era um estupor. Daniel era um pederasta. Era a ordem das coisas. Disse finalmente:

— Podes ser o que bem entenderes, não tenho nada com isso.

— Bem sei - disse Daniel sorrindo com altivez. - Efetivamente não tens nada com isso. A tua própria consciência já te dá bastante trabalho.

— Então porque me vieste contar?

— Eu... eu queria ver o efeito que isso podia provocar num tipo como você - disse Daniel coçando a garganta. - E, agora que há alguém que sabe, talvez eu consiga acreditar nisso.

Estava verde, falava com dificuldade, mas continuava a sorrir. Mathieu não pôde suportar o sorriso e voltou a cabeça. Daniel troçou:

— Isto espanta-te? Modifica a ideia que tinhas dos invertidos?

Mathieu ergueu vivamente a cabeça.

— Não te armes em cínico. É desagradável. Não precisas de tomar atitudes diante de mim. Talvez tenhas nojo de ti próprio, eu também tenho de mim. Somos iguais. Aliás é por isso mesmo que me contas essa história. Deve ser mais fácil confessar-se a um miserável. E tem-se sempre o benefício da confissão.

— Tu és astucioso - disse Daniel com uma vulgaridade que Mathieu não conhecia.

Calaram-se. Daniel olhava sem ver, com um olhar fixo, à maneira dos velhos. Mathieu sentiu um remorso agudo.

— Se é assim, porque te casas com Marcelle?

— Uma coisa nada tem a ver com a outra.

— Não posso permitir que cases com Marcelle.

Daniel levantou-se. Um rubor sombrio manchou-lhe o rosto aflito.

— Ah!, não podes? - perguntou, arrogante. - E que farás para o impedir?

Mathieu não respondeu. Pegou no telefone e marcou o número de Marcelle.

— Daniel contemplava-o com ironia.

Fez-se silêncio.

— Alô - disse a voz de Marcelle.

Mathieu estremeceu.

— Alô, é Mathieu. Escuta, fomos idiotas há pouco. Eu queria... alô, Marcelle! Estás a ouvir? Marcelle!

Não respondia. Ele perdeu a cabeça e gritou ao telefone.

— Marcelle, quero casar contigo.

Houve um curto silêncio, depois uma espécie de gemido e desligou. Mathieu conservou um momento o telefone na mão, depois largou-o devagar. Daniel olhava sem falar, não parecia triunfante. Mathieu bebeu um gole de rum e tornou a sentar-se na poltrona.

— Bem - disse.

Daniel sorriu.

— Tranquiliza-te - observou como consolação. - Os pederastas deram sempre bons maridos, bem se sabe.

— Daniel! Se casas por casar, vais estragar-lhe a vida.

— Devias ser o último a dizê-lo. E depois não caso por casar. E, demais, o que ela quer, principalmente, é o filho.

— E... ela sabe?

— Não!

— Porque é que casas?

— Por amizade.

O tom não o convencia. Encheram os copos, e Mathieu disse com obstinação:

— Não quero que ela seja infeliz.

— Juro que não o será.

— Ela julga que a amas?

— Não creio. Ela propôs-me viver ao seu lado, mas isso não me convém. Vou instalá-la em minha casa. O sentimento virá com o tempo.

Acrescentou com uma ironia dolorosa:

— Estou resolvido a cumprir os meus deveres conjugais até ao fim.

— Mas...

Mathieu corou violentamente e acrescentou:

— Também gostas de mulheres?

Daniel fungou; disse:

— Não muito.

— Compreendo.

Mathieu baixou a cabeça, e lágrimas de vergonha inundaram-lhe os olhos. Disse:

— Tenho ainda mais nojo de mim, depois de saber que vais casar com ela.

Daniel bebeu.

— Sim - disse com um ar distraído e imparcial -, acho que te deve sentir bastante mal.

Mathieu não respondeu. Olhava para o chão entre os pés: "É um pederasta e vai casar com ela." Abriu as mãos e raspou o sapato no chão, sentia-se perseguido. Subitamente o silêncio tornou-se pesado. Pensou: "Daniel está a olhar para mim", e ergueu a cabeça precipitadamente. Daniel olhava-o efetivamente e com tal ódio que o coração de Mathieu se apertou.

— Porque me olhas assim? - perguntou.

— Bem sabes. Há alguém que sabe.

— Gostarias de me enfiar uma bala na pele?

Daniel não respondeu. Mathieu foi invadido por uma ideia insuportável.

— Daniel - disse -, casas-te para te martirizares!

— E então? Isso é comigo

Mathieu pôs a cabeça entre as mãos.

— Meu Deus! - disse.

Daniel acrescentou vivamente:

— Isso não tem importância. Para ela não terá importância nenhuma.

— Você odeia-a?

— Não.

Mathieu pensou tristemente: "E a mim que ele odeia." Daniel continuou a sorrir:

— Vamos esvaziar a garrafa?

— Vamos.

Beberam, e Mathieu percebeu que estava com vontade de fumar. Acendeu um cigarro.

— Escuta - disse -, o que tu és não me interessa. Mesmo agora. Mas desejo saber uma coisa. Porque é que tens vergonha disso?

Daniel teve um riso seco:

— Eu esperava essa pergunta - disse. - Tenho vergonha de ser pederasta, porque sou pederasta. Já sei o que vais dizer. "No teu lugar,

reagiria, exigiria um lugar ao sol, é um gosto como outro qualquer, etc., etc." Mas dirás isso tudo, exatamente porque não é pederasta. Todos os invertidos têm vergonha, está na sua natureza.

— Mas não seria melhor... assumir isso? - perguntou timidamente Mathieu.

Daniel pareceu irritado.

— Falaremos disso no dia em que aceitares ser um sacana. Não, os pederastas que se vangloriam ou se exibem, ou simplesmente se aceitam... estão mortos; morreram de vergonha, de tanto terem vergonha, e eu não quero esse género de morte.

Mas parecia mais calmo e olhava para Mathieu sem ódio.

— Já me assumi demasiado - continuou com doçura. - Conheço-me muito bem.

Não havia nada a dizer. Mathieu acendeu outro cigarro e, como ainda havia um resto de rum no copo, bebeu-o. Daniel inspirava-lhe horror. Pensou: "Dentro de dois anos, de quatro... serei assim?" E subitamente foi invadido pelo desejo de falar a Marcelle, só a ela podia falar da sua vida, dos seus receios, das suas esperanças. Mas lembrou-se de que nunca mais a veria, e o desejo transformou-se numa espécie de angústia. Estava só.

Daniel parecia refletir. Tinha o olhar parado e de vez em quando os lábios entreabriam-se-lhe. Suspirou e qualquer coisa pareceu ceder no seu rosto. Passou a mão pela fronte, tinha um ar de espanto.

— Hoje, apesar de tudo, surpreendi-me - disse em voz baixa.

Sorriu de um modo singular, quase infantil, que parecia deslocado naquele rosto cor de azeitona que a barba crescida manchava de azul. "É verdade", pensou Mathieu, "ele foi até ao fim desta vez". Uma ideia repentina causou-lhe um certo mal-estar: "Ele é livre." E o horror que Daniel lhe inspirava misturou-se com a inveja.

— Deve estar num estado horrível.

— Sim, num estado horrível.

Daniel continuava a sorrir com ar de boa-fé. Disse:

— Dá-me um cigarro.

— Fumando agora?

— Um só, esta noite.

Mathieu disse subitamente:

— Gostaria de estar no teu lugar.

— No meu lugar? - repetiu Daniel sem mostrar grande surpresa.

— Sim.

Daniel encolheu os ombros.

— Nesta história ganhaste por todos os lados. - E explicou: - És livre.

— Não - disse Mathieu -, não basta abandonar uma mulher para se ser livre.

Daniel olhou Mathieu com curiosidade.

— Hoje de manhã parecias acreditar que sim.

— Não sei. Não era muito claro. Nada é claro. Mas a verdade é que abandonei Marcelle por nada.

Fixava o olhar nas cortinas da janela, agitadas pela brisa noturna. Estava cansado.

— Por nada - repetiu. - Em toda esta história eu não fui senão recusa e negação. Marcelle já não faz parte da minha vida, mas há o resto.

— O quê?

Mathieu mostrou a secretária num gesto largo e vago.

— Tudo isto, todo o resto.

Sentia-se fascinado por Daniel. Pensava: "Será isto a liberdade? Ele agiu, agora já não pode voltar atrás; deve parecer-lhe estranho sentir atrás de si um ato desconhecido, que já quase não compreende e que lhe vai transformar a vida. Eu, tudo o que faço, faço-o por nada; dir-se-ia que me roubam as consequências dos meus atos, tudo se passa como se eu pudesse sempre voltar atrás. Não sei o que daria para cometer um ato irremediável."

Disse em voz alta:

— Anteontem, à noite, encontrei um tipo que queria alistar-se nas milícias espanholas.

— E então?

— Não o fez, agora está fodido.

— Porque é que me dizes isso?

— Não sei.

— Tiveste vontade de partir para Espanha?

— Tive, mas não o suficiente.

Calaram-se. Depois de um momento, Daniel atirou o cigarro fora e disse:

— Eu queria ser seis meses mais velho.

— Eu não - disse Mathieu. - Daqui a seis meses serei a mesma coisa que sou hoje.

— Com remorsos a menos.

Daniel levantou-se.

— Ofereço-te um copo no Clarisse.

— Não - disse Mathieu. - Hoje não tenho vontade de me embriagar. Não sei o que faria se bebesse...

— Nada de sensacional - observou Daniel. - Então, não vens?

— Não. Não queres ficar mais um bocado?

— Preciso de beber. Adeus.

— Adeus... Ver-nos-emos em breve? - perguntou Mathieu.

— Acho que será difícil. Marcelle disse que não queria mudar nada na minha vida, mas acho que lhe seria penoso saber que nos vemos.

— Bem - disse Mathieu, secamente. - Nesse caso, felicidades.

Daniel sorriu sem responder, e Mathieu acrescentou bruscamente:

— Odeias-me.

Daniel aproximou-se e pousou a mão no ombro dele num gesto desajeitado e envergonhado.

— Não neste momento.

— Mas amanhã...

Daniel baixou a cabeça sem responder.

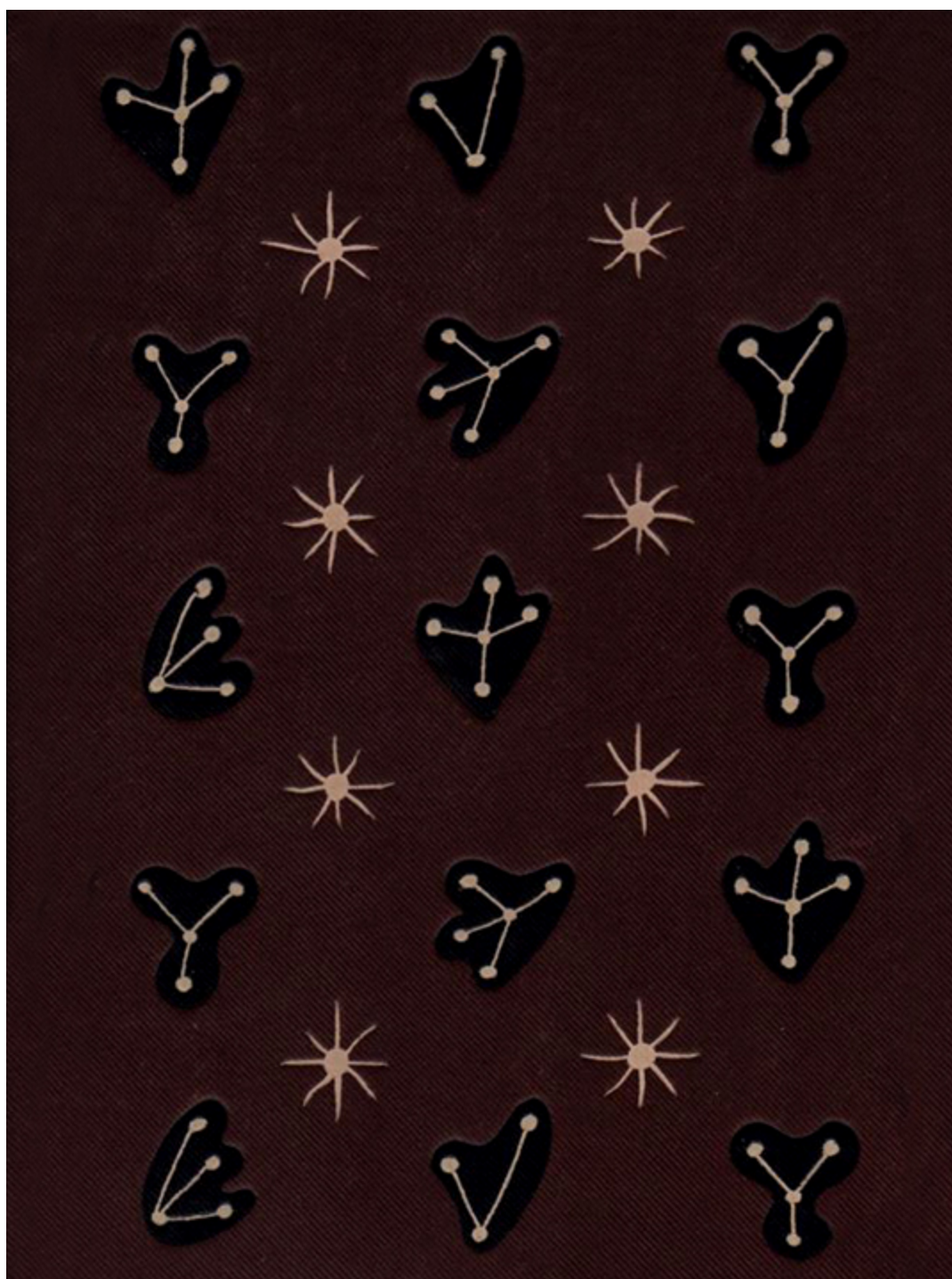
— Adeus - disse Mathieu.

— Adeus.

Daniel saiu. Mathieu chegou-se à janela e levantou as cortinas. Era uma noite agradável, agradável e azul. O vento varrera as nuvens, viam-se as estrelas por cima dos telhados. Encostou-se no parapeito e bocejou longamente. Na rua, em baixo, um homem caminhava tranquilamente. Parou na esquina da Rua Huyghens com a Rua Froidevaux e olhou o céu. Era Daniel. Um ruído de música subia da Avenida do Maine, a luz branca de um farol deslizou no céu, demorou-se em cima de uma chaminé e escorregou por trás dos telhados. Era um céu de festa na aldeia, um céu que sabia a férias e bailes campestres. Mathieu viu Daniel desaparecer e pensou: "Fico só." Só, mas não mais livre do que antes. Dissera a si mesmo na véspera: "Se ao menos Marcelle não existisse!" Mas era uma mentira. "Ninguém entrou a minha liberdade, foi a minha vida que a bebeu." Fechou a janela e voltou para o quarto. O perfume de Ivich ainda flutuava

ali. Respirou-o e recordou aquele dia tumultuoso. Pensou: "Muito barulho, por nada. Por nada." Aquela vida tinha-lhe sido dada para nada, ele não era nada e, no entanto, já não mudaria. Estava formado. Tirou os sapatos e ficou imóvel, sentado no braço da poltrona, com um sapato na mão. Sentia ainda no fundo da garganta o calor adocicado do rum. Bocejou. Tinha acabado o seu dia, tinha acabado com a sua juventude. Morais comprovadas já lhe ofereciam os seus serviços. O epicurismo desiludido, a indulgência sorridente, a resignação, a seriedade de espírito, o estoicismo, tudo isso que permite apreciar, minuto a minuto, como bom conhecedor, uma vida falhada. Tirou o casaco, pôs-se a desfazer o nó da gravata. Repetia a bocejar:

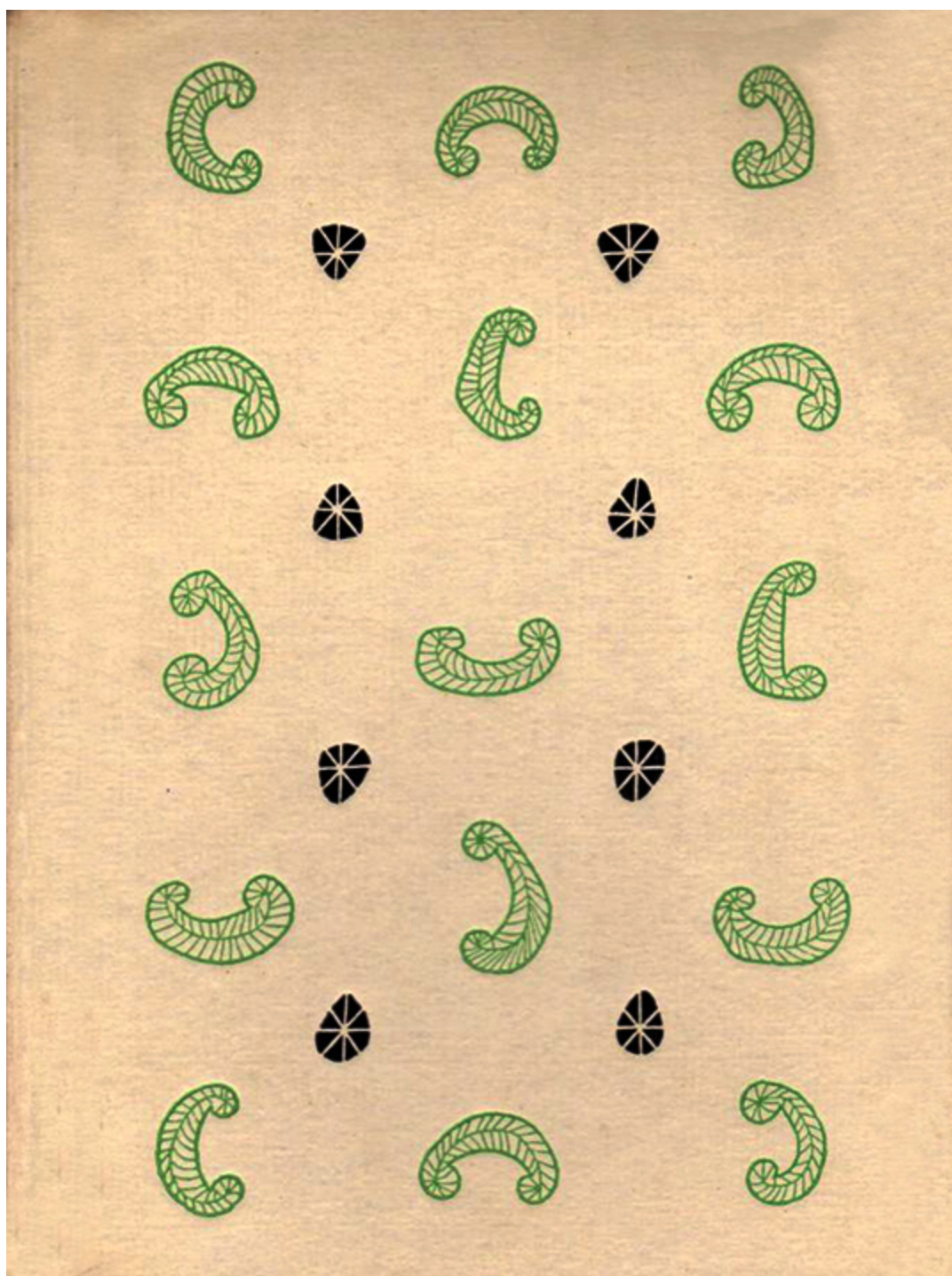
— Não há dúvida, não há dúvida, estou na idade da razão.



SURSI

JEAN-PAUL SARTRE





Sexta-Feira, 23 de Setembro

Dezesseis horas e trinta em Berlim, quinze e trinta em Londres. O hotel entediava-se na colina, deserto e solene, com um velho no seu interior. Em Angoulême, Marselha, Gand, Douvres, pensavam: "Que estará ele a fazer? São mais de três horas, porque não desce?" Ele estava sentado no salão com as persianas semicerradas, os olhos parados sob as espessas sobranceiras, a boca ligeiramente aberta, como se lhe viesse à memória uma lembrança muito antiga. Já não lia, a sua mão velha e malhada, que ainda segurava os papéis, pendia ao longo dos joelhos. Voltou-se para Horace Wilson e perguntou: "Que horas são?", e Horace Wilson respondeu: "Quatro e meia, mais ou menos." O velho ergueu os seus grandes olhos, esboçou um sorriso amável e disse: "Está calor." Um calor encarniçado, crepitante, faiscante, tinha caído sobre a Europa; as pessoas tinham calor nas mãos, nos olhos, nos brônquios; esperavam enjoadas de calor, de poeira e de angústia. No átrio do hotel, os jornalistas esperavam. No pátio três motoristas esperavam imóveis ao volante dos seus carros; do outro lado do Reno, imóveis no átrio do Hotel Dreesen, prussianos altos e vestidos de negro esperavam. Milan Hlinka não esperava mais. Desde a antevéspera que deixara de esperar. Houvera aquele dia pesado e sombrio, cortado por uma certeza fulgurante: "Eles abandonaram-nos!" Depois recomeçara a marcha do tempo, livremente; os dias já não se viviam por si mesmos, já não eram senão dias seguintes e doravante só haveria dias seguintes.

Às quinze horas e trinta Mathieu ainda esperava, à beira de um futuro horrível; no mesmo instante, às dezesseis e trinta, Milan já não tinha futuro. O velho levantou-se, atravessou o salão, de joelhos firmes, num passo nobre e saltitante. Diz: "Senhores!" e sorri amavelmente; pousou o documento sobre a mesa e alisou as folhas com o punho cerrado; Milan colocara-se diante da mesa; o jornal aberto cobria toda a largura do oleado. Milan leu pela sétima vez: "O presidente da República, e com ele o Governo, não puderam deixar de aceitar as propostas das duas grandes potências a respeito das bases para uma futura atitude. Nada mais nos restava fazer, uma vez que ficamos sós." Neville Henderson e Horace Wilson aproximaram-se da mesa, o velho voltou-se para eles, com um ar inofensivo e vazio, e disse: "Meus senhores, eis o que nos resta fazer." Milan

pensava: "Nada mais podia ser feito." Um rumor confuso entrava pela janela e Milan pensava: "Ficámos sós."

Uma vozinha fina ouviu-se da rua: "Viva Hitler!" Milan correu à janela:

— Espera um pouco - gritou. - Espera que eu desça!

Ouviu-se uma fuga desastrada, o bater de galochas; ao fundo da rua o garoto voltou-se, remexeu o bolso da blusa e pôs-se a fazer movimentos com o braço. Duas pancadas secas contra a parede.

— É o pequeno Liebknecht - disse Milan -, está a dar o seu passeio.

Debruçou-se: a rua estava deserta como aos domingos. Os Schoenhof tinham pendurado na varanda bandeiras vermelhas e brancas com cruzes gamadas. Todos os postigos da casa verde estavam fechados. Milan pensa: "Nós não temos postigos."

— É preciso abrir todas as janelas - disse ele.

— Porquê? - perguntou Anna.

— Quando as janelas estão fechadas, eles visam as vidraças.

Anna encolheu os ombros:

— De toda a maneira... - retorquiu ela.

Os cantos e gritos chegavam em grandes rajadas indefinidas.

— Continuam na praça - tornou Milan.

Pousara as mãos no peitoril e pensava: "Está tudo acabado." Um homem corpulento surgiu ao fundo da rua. Trazia uma mochila às costas e apoiava-se a um bastão. Parecia cansado, seguiam-no duas mulheres, curvadas sob o peso de enormes fardos.

— Os Jägerschmitt estão de volta - diz Milan sem se voltar.

Tinham fugido na segunda-feira à tarde e deviam ter atravessado a fronteira na noite de terça para quarta-feira. Voltavam agora de cabeça erguida. Jägerschmitt aproximou-se da casa verde e subiu os degraus da entrada. Um estranho sorriso desenhava-se no seu rosto empoeirado. Pôs-se a procurar nos bolsos do paletó e tirou uma chave. As mulheres haviam largado os fardos no chão e olhavam para ele.

— Voltas quando já não há perigo! - gritou-lhe Milan. Anna diz com vivacidade:

— Milan!

Jägerschmitt erguera a cabeça. Viu Milan e os seus olhos claros brilharam.

— Voltas quando já não há perigo.

— Sim, volto - gritou Jàgerschmitt. - E tu, tu vais embora!

Deu uma volta à chave na fechadura e empurrou a porta; as duas mulheres entraram atrás dele. Milan voltou-se:

— Covardes imundos! - gritou.

— Tu provoca-os - disse Anna.

— São uns covardes - insistiu Milan - da raça suja dos Alemães. Lambiam-nos as botas há dois anos.

— Não importa. Não debes provocá-los.

O velho parou de falar; a sua boca permanecia entreaberta como se, em silêncio, continuasse a emitir opiniões sobre a situação. Os seus grandes olhos redondos encheram-se de lágrimas, tinha arqueado as sobrancelhas, e olhava para Horace e Neville com um ar de interrogação. Eles calaram-se, Horace fez um movimento brusco e desviou o olhar; Neville dirigiu-se para a mesa, pegou no documento, considerou-o por um instante e afastou-o com descontentamento. O velho ficou perplexo; abriu os braços em sinal de impotência e confiança. Disse então pela quinta vez: "Encontro-me em face de uma situação inteiramente imprevista; pensava que discutiríamos tranquilamente as propostas de que eu era portador..." Horace pensa: "Velha raposa! Onde vai ele buscar esta voz de avozinho?" Diz: "Bem Excelência, dentro de dez minutos estaremos no Hotel Dreesen."

— Larchen chegou - disse Anna. - O marido está em Praga; ela está inquieta.

— Ela que venha para a nossa casa.

— Se você pensa que ela estará mais tranquila - retorquiu Anna a sorrir. - Com um louco como tu, que se põe à janela para insultar as pessoas na rua...

Ele olhou para o seu rosto fino e calmo, com traços vincados, para os ombros estreitos, o ventre enorme.

— Senta-te - disse ele. - Não gosto de te ver de pé.

Ela sentou-se, cruzou as mãos sobre o ventre; o ardina apregoava jornais, gritando: "Paris-Soir, última edição, restam-me dois, comprem." Ele tinha gritado tanto que ficara rouco. Maurice comprou o jornal. Leu: "O primeiro-ministro Chamberlain enviou ao chanceler Hitler uma carta à qual, como se acredita nos meios britânicos, este deverá responder. A

entrevista que deveria realizar-se esta manhã com o senhor Hitler foi, consequentemente, adiada para mais tarde."

Zézette olhava para o jornal por cima do ombro de Maurice. Perguntou:

— Há novidades?

— Não. Sempre a mesma coisa.

Virou a página e viram uma fotografia escura que representava uma espécie de castelo, uma habilidade medieval, no cimo de uma colina, com torres, sinos e centenas de janelas.

— É Godesberg - disse Maurice.

— É aí que está Chamberlain? - perguntou Zézette.

— Parece que enviaram reforços da polícia.

— Sim - disse Milan. - Dois policiais. São seis ao todo.

— Entrincheiraram-se no posto.

Uma enorme gritaria invadiu o quarto. Anna tremeu mas o seu rosto permaneceu calmo.

— Se telefonássemos!? - lembrou ela.

— Telefonar?

— Sim, para Prisecnice.

Milan mostrou-lhe o jornal sem responder: "Segundo um telegrama da D.N.B. datado de quinta-feira, as populações alemãs das regiões dos Sudetas teriam assumido o controle da manutenção da ordem até à fronteira linguística."

— Isso talvez não seja verdade - contrariou Anna. - Disseram-me que isso só aconteceu em Eger.

Milan deu um soco na mesa:

— Meu Deus! Pedir socorro, mais uma vez.

Estendeu as mãos; eram enormes e nodosas, com manchas escuras e cicatrizes: tinha sido lenhador antes do acidente. Olhava para elas, abrindo os dedos. Disse:

— Que venham. Dois, três. Vamos divertir-nos um pouco, juro-te.

— Virão seiscentos - diz Anna. Milan baixou a cabeça; sentia-se só.

— Ouve! - exclamou Anna.

Ele pôs-se à escuta: ouviram-nos mais distintamente; deviam ter-se posto a caminho. O ódio fê-lo tremer; já não via muito bem e doía-lhe o crânio. Aproximou-se da cômoda, resfolgando.

— Que vais fazer? - perguntou Anna.

Ele tinha-se inclinado sobre a gaveta da cômoda e resfolgava. Curvou-se um pouco mais e grunhiu sem responder.

— Não deves fazer isso - disse ela.

— O quê?

— Não deves. Dá-me isso.

Ele voltou-se: Anna tinha-se levantado e estava encostada à cadeira, com um ar grave. Ele pensou no seu ventre; entregou-lhe o revólver.

— Bem - disse Milan. - Vou telefonar para Prisecnice.

Desceu ao rés-do-chão, foi até à sala de aula, abriu as janelas e pegou no auscultador.

— Ligue-me para o posto da polícia de Prisecnice.

O ouvido direito percebia um crepitar seco, em ziguezague. O ouvido esquerdo ouvia-os. Odette deu uma risada confusa:

— Nunca soube muito bem onde é a Checoslováquia - disse, enterrando os dedos na areia.

Ao fim de um instante houve um ruído da ligação.

— Pronto.

Milan pensou: "Estou a pedir socorro." Apertou o auscultador com toda a força.

— Aqui Pravnitz - disse ele -, sou o mestre-escola. Somos vinte checos, há três democratas alemães escondidos numa adega, o resto está em Henlein; estão cercados por cinquenta tipos da milícia que atravessaram a fronteira ontem à noite e que os reuniram na praça. O presidente da Câmara está com eles.

Houve um silêncio, depois a voz atalhou, insolente:

— Bitte! Deutsch sprechen.

— Schweinkopf! - gritou Milan. Desligou e subiu a mancar. Doía-lhe a perna. Entrou no quarto e sentou-se.

— Estão lá - disse ele.

Anna foi para junto dele, pousou as mãos nos seus ombros:

— Meu querido amor.

— Safados! - gritou Milan. Compreendiam tudo e riam-se.

Puxou-a para os seus joelhos. O ventre enorme tocava o seu:

— Agora estamos sós - disse ele.

— Não posso acreditar.

Levantou a cabeça lentamente e olhou-a de alto a baixo; ela era séria e decidida no trabalho, mas tinha aquela característica das mulheres: necessidade, sempre, de confiar em alguém.

— Ei-los! - disse Anna.

As vozes pareciam mais próximas: deviam estar a desfilarem na rua principal. Ao longe, os gritos de alegria da multidão assemelhavam-se a gritos de horror.

— A porta está trancada?

— Está - respondeu Milan. - Mas eles podem entrar pelas janelas ou dar a volta pelo jardim.

— Se subirem... - disse Anna.

— Não tenhas medo. Podem partir tudo, que eu não moverei um dedo.

Sentiu de repente no rosto os lábios quentes de Anna:

— Meu querido amor. Sei que é por mim que farás isso.

— Não é por ti. Tu és eu. És pela criança.

Sobressaltaram-se: tinham tocado.

— Não vás à janela - gritou Arma.

Ele levantou-se e foi à janela. Os Jägerschmitt haviam aberto todos os postigos; a bandeira hitleriana estava pendurada por cima da porta. Debruçando-se, viu uma sombra minúscula.

— Desço já - gritou ele. Atravessou o quarto:

— É Marikka.

Desceu a escada e foi abrir. Rojões, gritos, música por todos os lados: era um dia de festa. Olhou para a rua vazia e o coração apertou-se-lhe.

— Que você vem aqui fazer? - perguntou. - Não há aula.

— Foi a mamã que me mandou - disse Marikka. Trazia um cestinho com maçãs e torradas com margarina.

— A tua mãe é louca; vais voltar para casa.

— Ela disse-me que o senhor não me mandaria embora.

Estendeu-lhe um papel dobrado em quatro. Ele desdobrou e leu: "o pai e Georg perderam a cabeça. Peço por favor que fique com Marikka até à noite."

— Onde está o teu pai? - perguntou Milan.

— Pôs-se atrás da porta com George. Têm machados e espingardas.

Acrescentou com certa importância:

— A mamã fez-me sair pelo pátio, ela disse que eu estaria melhor aqui porque o senhor é mais sensato.

— Bem - disse Milan. - Bem, sou sensato. Vá, sobe.

Dezassete horas e trinta em Berlim, dezesseis e trinta em Paris. Ligeira depressão ao norte da Escócia. O senhor Von Dörnberg apareceu na escadaria do Grande Hotel, os jornalistas cercaram-no e Pierryl perguntou: "Ele vai descer?" O senhor Von Dörnberg segurava um papel na mão direita, levantou a esquerda e disse: "Não foi ainda decidido se o senhor Chamberlain verá o Fuhrer esta noite."

— É aqui - disse Zézette. - Vendia aqui flores, num carrinho verde.

— Estavas bem colocada - disse Maurice.

Ele olhava docilmente para a calçada, pois era isso que eles tinham querido ver, tanto ela falara naquilo. Mas não o impressionava. Zézette largara-lhe o braço, ria sozinha sem ruído, vendo os carros passar. Maurice perguntou:

— Trazias uma cadeira?

— Imagina! Um banquinho - disse Zézette.

— Não devia ser muito divertido.

— Na Primavera era bom.

Ela falava-lhe em surdina sem se virar para ele, como num quarto de doente; pusera-se a fazer movimentos com as costas e os ombros, a sua atitude não era natural. Maurice estava a aborrecer-se; havia pelo menos vinte pessoas diante de uma vitrine, ele aproximou-se e pôs-se a olhar por cima das cabeças. Zézette continuava extasiada à beira do passeio; pouco depois alcançou-o e agarrou-lhe de novo o braço. Sobre uma placa de vidro lapidado viam-se dois pedaços de couro vermelho com uma penugem, também vermelha, em toda a volta, como um pompom de pó-de-arroz. Maurice riu.

— São sapatos - disse ele numa risada. Duas ou três cabeças moveram-se. Zézette fez "psiu" e afastou-o.

— Que foi? - perguntou Maurice. - Não estamos na missa.

Mas mesmo assim baixara a voz: as pessoas avançaram a passos leves umas atrás das outras, pareciam conhecer-se todas mas ninguém falava.

— Há bem uns cinco anos que não venho aqui - sussurrou Maurice.

Zézette mostrou-lhe o Maxim's com orgulho

— É o Maxim's - disse-lhe ela ao ouvido.

Maurice olhou e virou a cabeça: tinham-lhe falado daquilo, uma bela porcaria onde os burgueses bebiam champanhe em 1914, enquanto os operários enfrentavam a polícia. Disse entre dentes:

— Podridão!

Mas sentia-se pouco à vontade, sem saber porquê. Andava a passo curto, saltitando; as pessoas pareciam-lhe frágeis e ele tinha medo de as magoar.

— Talvez - disse Zézette. - Mas é uma bela rua, mesmo assim, não achas?

— Nada de extraordinário. Falta-lhe ar.

Zézette encolheu os ombros e Maurice pôs-se a pensar na Avenida de Saint-Ouen: quando saía do hotel pela manhã, indivíduos passavam por ele assobiando, de maleta às costas, curvados sobre o guiador das suas bicicletas. Ele sentia-se feliz: uns paravam em Saint-Denis e outros continuavam o seu caminho, toda a gente ia na mesma direção, a classe operária em marcha. Disse a Zézette:

— Aqui está-se com os burgueses.

Deram alguns passos no meio de um odor a papel aromático e de repente Maurice parou e pediu perdão.

— Que dizes? - perguntou Zézette.

— Nada - respondeu Maurice envergonhado. - Não digo nada.

Tinha, mais uma vez, esbarrado com alguém; os outros, ainda que andassem de olhos no chão, davam sempre um jeito para se desviarem no último instante; devia ser uma questão de hábito.

— Vens?

Mas ele já não tinha vontade de andar, tinha medo de partir alguma coisa, e aquela rua não ia dar a lado nenhum, não tinha direção, havia os que subiam para as avenidas, outros que desciam para os lados do Sena, e os que ficavam a esfregar o nariz nas vitrinas, o que provocava redemoinhos locais, mas não movimentos de conjunto, sentia-se só. Estendeu a mão e pousou-a no ombro de Zézette; apertava fortemente a carne através do tecido. Zézette sorriu-lhe, ela divertia-se, olhava tudo com avidez, sem perder o seu ar sabido, remexia com graça as nádegas pequenas. Ele fez-lhe cócegas no pescoço e ela sorriu.

— Maurice - disse ela -, pára com isso.

Ele gostava muito das cores fortes com que ela se pintava, o branco que parecia açúcar e o belo vermelho das maçãs. De perto, ela cheirava a panqueca de mel. Ele perguntou-lhe em voz baixa:

— Estás a divertir-te?

— Conheço tudo - disse Zézette com os olhos brilhantes.

Ele largou-lhe o ombro e começaram a andar em silêncio: ela conhecera burgueses que vinham comprar-lhe flores, para quem ela sorria, e alguns tentavam mesmo namoriscá-la. Olhava para a nuca branca de Zézette e sentia-se estranho, tinha vontade de rir e de zangar-se.

— Paris-Soir - gritou uma voz.

— Compramos? - perguntou Zézette.

— É o mesmo de há pouco.

A multidão cercava o vendedor arrancando-me os jornais sem dizer palavra. Uma mulher saiu do grupo, usava sapatos de saltos altos e um ridículo chapéu na cabeça. Desdobrou o jornal e pôs-se a ler enquanto andava. As suas feições tomaram um ar deprimido e soltou um grande suspiro.

— Olha para aquela senhora - disse Maurice. Zézette olhou:

— O homem dela está talvez prestes a partir.

Maurice encolheu os ombros: parecia tão engraçado ser-se infeliz com aquele chapéu e aqueles sapatos de mulherzinha.

— E então? - disse ele. - O homem dela é um oficial.

— Mesmo que seja - disse Zézette - pode deixar por lá a pele como os companheiros.

Maurice olhou-a de soslaio:

— Dás-me vontade de rir com esses oficiais. Vai ver se em 14 eles perderam a pele.

— Justamente - disse Zézette. - Sempre pensei que muitos tivessem morrido.

— Os soldados das trincheiras é que morreram, e nós...

Zézette abraçou-o com força:

— Oh! Maurice, acreditas realmente que vai haver guerra?

— Que sei eu disso?

De manhã ainda estava convencido que sim e os amigos também. Chegavam à margem do Sena e olhavam para a fila de guindastes e para a draga, havia camaradas em mangas de camisa, os duros de Gennevilliers

que cavavam uma valeta para um cabo elétrico, e era evidente que a guerra estouraria. Afinal de contas, as coisas não mudariam muito para aqueles camaradas: iriam para algum lugar no Norte, cavar trincheiras debaixo do sol quente, ameaçados pelas balas, pelos obuses e pelas granadas, tal qual como agora pelas barreiras, pelas quedas, pelos acidentes de trabalho; aguardariam o fim da guerra como aguardavam o fim da miséria. Sandre dissera: "Nós faremos essa guerra, minha gente. Mas quando voltarmos conservaremos as espingardas."

Agora já não tinha a certeza de nada: em Saint-Ouen era a guerra em permanência, aqui não. Aqui era a paz: havia vitrines, objetos de luxo, tecidos coloridos, espelhos, todo o conforto. As pessoas pareciam tristes, mas era de nascença. Porque lutariam? Não precisavam de nada, tinham tudo. Devia ser sinistro nada esperar senão que a vida continuasse indefinidamente como começara!

— A burguesia não quer a guerra - explicou Maurice subitamente. - Tem medo da vitória, porque será a vitória do proletariado.

O velho levantou-se, conduziu Neville Henderson e Horace Wilson até à porta. Olhou-os com um ar comovido; assemelhava-se a todos os velhos de feições puídas que cercavam o ardina na Rua Royale, as bancas de jornais de Pall Mall Street, e que não desejavam mais nada a não ser que a vida terminasse como começara. Ele pensava nesses velhos e nos filhos desses velhos e disse:

— Perguntai, além disso, ao senhor Von Ribbentrop se o chanceler Hitler julga útil que tenhamos uma última entrevista antes da minha partida, lembrando-lhe que uma aceitação de princípio acarretaria para ele a necessidade de nos comunicar novas propostas. Insisti no fato de que estou resolvido a fazer o que for humanamente possível para resolver o litígio através de negociações, pois parece-me incrível que os povos da Europa, que não querem a guerra, sejam lançados para um conflito sangrento por uma questão que está, em grande parte, resolvida. Boa sorte.

Horace e Neville inclinaram-se, desceram a escadaria, a voz cerimoniosa, tímida, quebrada, civilizada, ressoava ainda nos seus ouvidos e Maurice olhava para as carnes suaves, gastas, civilizadas, dos velhos e das mulheres e pensava com nojo que seria necessário sangrá-los.

Seria necessário sangrá-los, o que seria ainda mais nojento do que esmagar lesmas, mas inevitável. As metralhadoras varreriam a Rua Royale,

que ficaria deserta durante alguns dias, com vidraças partidas, vitrines furadas em forma de estrela, mesas viradas nas calçadas dos cafés no meio de estilhaços de vidro; aviões girariam no céu por cima dos cadáveres. Depois recolher-se-iam os mortos, erguer-se-iam as mesas, substituir-se-iam as vidraças e a vida recomeçaria, homens atarracados, de nuças possantes e vermelhas, blusas de couro e bonés, repovoariam a rua. Assim foi na Rússia, Maurice vira fotografias da Avenida Newsky; os proletários tinham tomado posse da avenida luxuosa, passeavam nela, os palácios e as pontes de pedra já não os espantavam.

— Desculpe! - disse Maurice, confuso.

Tinha dado uma bela cotovelada nas costas de uma velha, que lhe deitou um olhar indignado. Sentiu-se cansado e desanimado: sob os grandes painéis publicitários, as letras de ouro sujo penduradas no balcão, entre as confeitarias e sapatarias, diante das colunas da Madeleine, não se podia imaginar uma multidão diferente dessa, com muitas velhinhas saltitantes e crianças vestidas de marinheiro. A luz triste e dourada, o cheiro a incenso, os prédios esmagadores, as vozes doces, os rostos angustiados e adormecidos, o raspar sem esperança das solas no asfalto, tudo se combinava, tudo era real. A revolução é que não passava de um sonho. "Não devia ter vindo", pensou Maurice, olhando para Zézette, com rancor. "O lugar de um proletário não é aqui." Uma mão tocou-lhe no ombro; ele corou de alegria ao reconhecer Brunet.

— Bom dia, meu velho - disse Brunet, sorridente.

— Olá, camarada - disse Maurice.

A mão de Brunet era dura e calosa como a sua e apertava com força. Maurice olhou para Brunet e pôs-se a rir com prazer. Despertava: sentia os camaradas a seu lado, em Saint-Ouen, Ivry, Montreuil, mesmo em Paris, em Belleville, Montrouge, La Villette, ombro a ombro, preparando-se para a refrega.

— Que fazes aqui? - perguntou Brunet. - Estás desempregado?

— Estou de férias - explicou Maurice um tanto desajeitado.

— Zézette quis vir porque trabalhou aqui antigamente.

— E aqui está Zézette - disse Brunet. - Olá, camarada Zézette.

— É Brunet - disse Maurice. - Leste o artigo dele hoje no H uma.

Zézette olhou para Brunet sem timidez e estendeu-lhe a mão. Ela não tinha medo dos homens, mesmo que fossem burgueses ou os membros

mais importantes do Partido.

— Quando o conheci era deste tamanho - disse Brunet, designando Maurice. - Estava nos Falcões Vermelhos, no coro; nunca vi ninguém mais desafinado. Por fim, combinámos que ele só fingiria cantar nos desfiles.

Riram-se.

— E então? - disse Zézette. - Será que vai haver guerra? Deve saber, está bem colocado para isso.

Era uma pergunta idiota, uma pergunta de mulher, mas Maurice ficou-lhe grato por ela a ter feito. Brunet tinha-se tornado sério.

— Não sei se haverá guerra - disse ele. - O principal, porém, é não ter medo: a classe operária deve saber que não é fazendo concessões que a evitará.

Falava bem. Zézette lançara-lhe um olhar cheio de confiança e sorria docemente enquanto o ouvia. Maurice irritou-se: Brunet falava como o jornal e não dizia nada a mais.

— Acha que Hitler se amedrontaria se arreganhássemos os dentes? - perguntou Zézette.

Brunet assumira um ar oficial, não parecia compreender que lhe pediam a sua opinião pessoal.

— É muito possível - disse ele. - E depois, aconteça o que acontecer, a URSS está connosco.

"Evidentemente", pensou Maurice, "os membros importantes do Partido não se vão pôr, assim a pedido, a dar a sua opinião pessoal a um pobre mecânico de Saint-Ouen". Mas não deixava de sentir uma certa decepção. Olhou para Brunet e a sua alegria esvaiu-se por completo: Brunet tinha mãos grossas de camponês, o queixo forte, olhos que sabiam o que queriam; mas usava colarinho e gravata, um fato completo de flanela, e parecia sentir-se à vontade no meio dos burgueses.

As suas imagens refletiam-se numa vitrine: Maurice viu uma mulher desgrenhada e um latagão de boné sobre a nuca e blusão de couro a conversarem com um senhor. Contudo, ele continuava ali, de mãos nos bolsos, e não se decidia a despedir-se de Brunet.

— Continuas em Saint-Mandé? - perguntou Brunet.

— Não - disse Maurice -, em Saint-Ouen. Trabalho no Flaive.

— Ah! Pensei que estivesse em Saint-Mandé! Ajustador?

— Mecânico.

— Bem - disse Brunet. - Bem, bem, bem. Pois então, até à vista, camarada.

— Adeus, camarada. - Sentia-se perturbado e vagamente desiludido.

— Adeus, camarada - disse Zézette, com um sorriso aberto.

Brunet acompanhou-os com o olhar até eles se afastarem. A multidão envolvera-os novamente, mas os ombros enormes de Maurice emergiam por cima dos chapéus. Devia segurar Zézette pela cintura: o seu boné roçava no cabelo dela e, de cabeças coladas uma à outra, pareciam valsar entre os transeuntes. "E um bom tipo", pensou Brunet, "mas não gosto da sua maneira de rir". Continuou a andar, com um ar sério, e um vago remorso à flor da pele. "Que poderia eu responder-lhe?", pensou ele. Em Saint-Denis, em Saint-Ouen, em Sochaux, em Creusot, centenas de milhares esperavam com o mesmo olhar ansioso e confiante.

Centenas de milhares de cabeças como aquela, boas cabeças redondas e duras, grosseiramente talhadas, autênticas cabeças de homens que se voltavam para Leste, para Godesberg, Praga, Moscovo. E que responder-lhes? Defendê-los; por enquanto era tudo o que se poderia fazer. Defender o seu pensamento lento e tenaz contra todos os que tentavam descarrilá-lo. Hoje a velha Boningue, amanhã Dottin, o secretário do Sindicato dos Professores, depois de amanhã os pivertistas: era a sua tarefa; iria vê-los todos, tentaria fazê-los calar. A velha Boningue olhá-lo-ia docemente, falar-lhe-ia do "horror de derramar sangue" agitando as suas mãos idealistas. Era uma mulheraça, cinquentona, de tez vermelha, coberta por uma penugem clara, cabelos curtos, e um olhar macio de padre por detrás dos óculos; usava um casaco de homem e, na lapela, a fita da Legião de Honra. "Eu dir-lhe-ei: as mulheres não devem começar a fazer idiotices; em 14, empurravam os seus homens para os vagões quando então seria preciso deitarem-se nos trilhos para impedir o comboio de partir, e hoje, que a luta pode ter um sentido, vão criar ligas em prol da paz e sabotar o moral dos homens." O rosto de Maurice reapareceu e Brunet encolheu os ombros, enfurecido: "Uma palavra, uma só palavra, basta às vezes para esclarecê-los, e eu não soube encontrá-la." Pensou com rancor: "E por culpa dela, elas são especialistas em fazer perguntas idiotas." As faces empoadas de Zézette, os seus olhinhos obscenos, o seu perfume ignóbil; essas mulheres iriam angariar assinaturas sem fim, insistentes e gentis, as gordas todas radicais, as judias trotskistas, as oposicionistas S.F.I.O., entrariam em todo o lado,

com o seu sagrado atrevimento, caíam em cima da velha camponesa preparando-se para a ordenha, enfiar-lhe-iam uma caneta nos dedos molhados: "Assine aqui, se é contra a guerra." A guerra nunca. Negociações sempre. Paz antes de tudo. E que faria Zézette se lhe dessem uma caneta, assim de repente? Terá ela conservado reflexos de classe, suficientemente são para zombar dessas gordas senhoras benevolentes? Ela arrastou-o para os bairros chiques. Olhava para as lojas de modas com satisfação, e uma camada de maquilhagem no rosto... Pobre rapaz, não seria nada agradável se ela se lhe pendurasse ao pescoço para o impedir de partir: eles não precisavam disso... Intelectual. Burguês. "Não posso suportá-la porque se pinta e tem as mãos mal tratadas."

Contudo, nem todos os camaradas podem ser celibatários. Sentia-se cansado e lento; subitamente pensou: "Condeno a sua maquilhagem porque não gosto de cosméticos baratos." Intelectual. Burguês. Amá-los. Amá-los a todos e a todas, cada um e cada uma, sem distinção. Pensou: "Não deveria sequer querer amá-los, isso deveria acontecer naturalmente, assim como se respira, por necessidade." Intelectual. Burguês. Separado para sempre. "Não adianta, nunca teremos as mesmas lembranças." Joseph Mercier, 33 anos, heredo-sifilítico, professor de História Natural no Liceu Buffon e no Colégio Sevigné, subia a Rua Royale fungando e retorcendo periodicamente a boca com um pequeno estalo húmido; aí com a sua pontada do lado esquerdo, sentia-se miserável e pensava: "Será que eles pagarão o tratamento dos funcionários mobilizados?" Andava de cabeça baixa para não ver todos aqueles rostos impiedosos e esbarrou com um homem alto e ruivo que vestia um fato de flanela cinzento, lançando-o contra uma vitrine; Joseph Mercier ergueu os olhos e pensou: "Que animal!"

Era uma coisa, uma parede, um desses brutos insensíveis e cruéis, como aquele Charmelier da aula de Matemática elementar, que zombava dele, um desses tipos que não duvidam de nada, nem de si mesmos, que nunca adoeceram, que não têm manias, que agarram as mulheres e a vida com decisão e caminham direito à meta, lançando os outros contra as vitrines. A Rua Royale descia devagar para o Sena e Brunet deslizava com ela, alguém esbarrara com ele, e viu escapar-se uma minhoca magra, de nariz espalmado, chapéu de coco e um colarinho postiço; pensava em Zézette e em Maurice e reencontrara a sua velha angústia familiar, a sua

vergonha diante dessas recordações inexprimíveis, a casa branca à beira do Marne, a biblioteca do pai, as mãos longas e perfumadas da mãe, que o separavam deles para sempre.

Estava uma bela tarde dourada, fruto de Setembro. Stephen Hartley, debruçado na varanda, murmurava: "O lento e vasto redemoinho da turba vespertina." Todos aqueles chapéus, aquele mar de feltro, algumas cabeças nuas flutuando no meio das ondas, pensou: "como gaivotas." Pensou que escreveria: "como gaivotas", duas cabeças loiras e uma cinzenta, um belo crânio ruivo, por cima dos outros, já atingido pela calvície; Stephen pensava "a multidão francesa" e ficou comovido. Pequena multidão de pequenos heróicos e meio velhos. Escreveria: "O povo francês aguarda os acontecimentos com calma e dignidade."

Na primeira edição do New York Herald, em letras grandes: "Eu auscultei o povo francês." Homens pequenos, que nunca tinham um ar muito asseado, grandes chapéus de mulheres, multidão silenciosa e suja, dourada pela hora calma de uma tarde de Paris, entre a Madeleine e a Concorde, ao pôr do Sol. Escreveria: "a imagem da França"; escreveria: "a eterna imagem da França." Deslizes, murmúrios, que dir-se-iam respeitosos e maravilhados, seria exagero "maravilhados"; um francês alto e ruivo, ligeiramente calvo, calmo como o pôr do Sol, reflexos de luz nos vidros dos automóveis, alguns clamores; cintilar de vozes, pensou Stephen. E pensou: "O meu artigo está feito."

— Stephen! - chamou Sylvia, atrás dele.

— Estou a trabalhar - disse Stephen sem se voltar.

— Mas é preciso que me respondas, querido. Só há bilhetes de primeira classe no Lafayette.

— Compra, compra beliches de luxo. O Lafayette será talvez o último navio a partir para a América, não haverá outro tão cedo.

Brunet andava devagar, respirando um odor a papel aromático, levantou a cabeça, viu as letras douradas penduradas de uma varanda; a guerra estoirou: ela ali estava no fundo daquela inconsistência luminosa, inscrita como uma evidência nas paredes da linda cidade quebrável: era uma explosão fixa que rasgava ao meio a Rua Royale; as pessoas passavam por ela sem a ver; Brunet via-a. Sempre ali estivera, mas aquela gente não sabia ainda. Brunet pensara: "O céu cair-nos-á sobre a cabeça." E tudo se pôs a cair, vira as casas como eram de verdade: quedas sustidas. Aquela loja

graciosa sustentava toneladas de pedras e cada pedra, colada às outras, caía no mesmo lugar, obstinadamente, há cinquenta anos; alguns quilos a mais e a queda recomençaria; as colunas arredondar-se-iam vacilando e teriam feias fraturas com lascas; a vitrine far-se-ia em pedaços; carradas de pedras enterrar-se-iam na cave, esmagando os fardos de mercadorias. Têm bombas de quatro mil quilos. Brunet sentiu o coração apertar-se: ainda há pouco, nestas fachadas bem alinhadas, havia um sorriso humano misturado com a poeira dourada da tarde. Mas o sorriso desaparecera; cem mil quilos de pedra; homens erravam no meio de avalanchas estabilizadas. Soldados entre ruínas, ele morrerá, talvez. Viu sulcos negros nas faces maquilhadas de Zézette.

Paredes empoeiradas, pedaços de paredes com grandes fendas escancaradas, e quadrados de papel azuis ou amarelos, por todo o lado, e manchas de lepra; ladrilhos vermelhos no meio dos escombros, lajes descoladas pelos tufo de ervas. Depois, barracões de madeira, acampamentos. E mais tarde, seriam construídas grandes casernas monótonas como nas avenidas periféricas. O coração de Brunet apertou-se: "Gosto de Paris", pensou com angústia. A evidência apagou-se de repente e a cidade reconstituiu-se à sua volta. Brunet parou; sentiu-se suavizado por uma doçura mole e pensou: "Se não houvesse guerra! Se pudesse não haver guerra!" E olhava avidamente para os grandes portões, para a vitrine cintilante de Driscoll, para as tapeçarias azul-rei da Cervejaria Weber. Por fim, teve vergonha; continuou a andar e pensou: "Gosto de mais de Paris." Como Pilniak em Moscovo, que gostava de mais das velhas igrejas. O Partido tem razão em desconfiar dos intelectuais. A morte está inscrita nos homens, a ruína está inscrita nas coisas; outros homens virão, reconstruirão Paris, reconstruirão o mundo. Dir-lhe-ei: "Então quer a paz por qualquer preço?" Falar-lhe-ei afavelmente fixando-a bem nos olhos e dir-lhe-ei: "É preciso que as mulheres nos deixem sossegados. Não é altura de nos aborrecerem com as suas idiotices."

— Queria ser homem - disse Odette.

Mathieu soergueu-se sobre um cotovelo. Estava bem bronzado, agora. Perguntou a sorrir:

— Para brincar aos soldados?

Odette corou:

— Oh, não! - respondeu com vivacidade. - Mas acho idiota ser mulher neste momento.

— Não deve ser muito cómodo - admitiu ele.

Fizera, mais uma vez, figura de tonta; as palavras que empregava voltavam-se sempre contra ela. Parecia-lhe, no entanto, que Mathieu não teria podido censurá-la se ela tivesse sabido explicar-se: teria sido necessário dizer-lhe que os homens a punham sempre constrangida quando falavam de guerra à sua frente. Não eram naturais, mostravam demasiada segurança, como se desejassem dar-lhe a entender que era negócio de homem, e apesar disso tinham sempre um ar de quem espera alguma coisa dela: uma espécie de arbítrio, porque é mulher e não partiria, ficaria fora da confusão. E o que poderia ela dizer-lhes? Fiquem? Partam? Não lhe cabia a ela decidir, porque não partiria. Ou então deveria dizer-lhes: "Façam o que quiserem." Mas se eles não quisessem nada? Ela apagava-se, fingia não os ouvir, servia-lhes café e licores, entre as palavras resolutas que pronunciavam. Suspirou, pegou num pouco de areia e fê-la escorrer, quente e branca, sobre a sua perna morena. A praia estava deserta, o mar cintilava e sussurava. No pontão de pranchas do Provençal, três senhoras, em calças de praia, tomavam chá. Odette fechou os olhos. Jazia sobre a areia, metida num calor sem data, sem idade: o calor da sua infância, quando fechava os olhos deitada sobre essa mesma areia e brincava à salamandra metida numa grande chama vermelha e azul. O mesmo calor, a mesma carícia húmida do fato de banho; senti-lo fumegar levemente ao sol, o mesmo ardor da areia na nuca, antes ela fundia-se com o céu, o mar, e a areia, já não distinguia o passado do presente. Ergueu-se de olhos bem abertos: hoje, havia um verdadeiro presente; havia essa angústia no estômago, havia Mathieu, bronzeado e nu, sentado em cima do roupão branco. Mathieu mantinha-se silencioso. Ela não lhe teria pedido para fazer outra coisa. Mas quando não o obrigava a dirigir-lhe palavra, perdia-o: ele prestava-se a isso, condescendentemente, um, pequeno discurso com a sua voz clara e um pouco rouca, e logo se afastava, desaparecia, deixando-lhe como penhor um corpo bem desenhado. Se ao menos pudesse supor que ele se absorvia em pensamentos agradáveis: mas ele olhava fixamente, para a frente, com um ar profundamente desgraçado, enquanto as mãos se ocupavam em fazer um bolo de areia. O bolo desmanchava-se, e as mãos reconstruíam-no sem cessar; Mathieu não olhava nunca para as mãos, era enervante, afinal.

— Não se fazem bolos com areia seca - disse Odette. - Uma criança de colo já sabe isso.

Mathieu pôs-se a rir.

— Em que pensas? - perguntou Odette.

— Preciso de escrever a Ivich, e sinto-me embaraçado.

— Não acreditaria que isso pudesse incomodar-te - respondeu com um risinho. - Manda-lhe livros.

— Pois é. Mas houve uns imbecis que a amedrontaram. Ela pôs-se a ler os jornais, mas não entende nada: quer que eu lhe explique. Vai ser fácil... confunde os Checos com os Albaneses e pensa que Praga é à beira-mar.

— É bem russo isso - disse Odette secamente.

Mathieu fez uma careta e Odette sentiu-se antipática. Ele atalhou sorrindo:

— O pior é que ela está furiosa comigo.

— Porquê?

— Porque sou francês. Ela vivia tranquilamente com os franceses, e eis que os franceses, de repente, querem lutar. Ela acha isso escandaloso.

— É encantador - disse Odette indignada. Mathieu assumiu uma atitude ingênua:

— É preciso que nos coloquemos no lugar dela - disse ele docemente. - Atormenta-a a ideia de sermos mortos ou feridos! Acha que os feridos carecem de tato porque somos obrigados a pensar nos seus corpos. Questões fisiológicas, diz ela. Tem horror ao fisiológico, tanto nela como nos outros.

— Amorzinho - murmurou Odette.

— É verdade - disse Mathieu. - Fica dias inteiros sem comer, porque lhe repugna fazê-lo. Quando tem sono, à noite, toma café para não dormir.

Odette não respondeu; mas pensava: "Uma boa tarefa era o que ela precisava." Mathieu remexia a areia com um ar poético e idiota. "Não come nunca, mas estou certa de que esconde grandes boiões de compota no quarto. Os homens são muito anjinhos." Mathieu tinha voltado aos seus bolos de areia; e partira outra vez, só Deus sabe para onde e por quanto tempo: "Eu como carne em sangue e durmo quando tenho sono", pensou ela com amargura. No pontão do Provençal, os músicos tocavam a Serenata Portuguesa. Eram três. Italianos. O violinista não era muito mau; fechava os

olhos quando tocava. Odette sentiu-se comovida; era sempre divertido ouvir música ao ar livre, tão ténue, tão fútil. Principalmente naquele momento: toneladas de calor e de guerra pesavam sobre o mar, sobre a areia, e havia aquele guincho de ratinho subindo até ao céu.

Ela voltou-se para Mathieu, queria dizer-lhe: "Gosto muito desta música." Mas calou-se: talvez Ivich detestasse a Serenata Portuguesa. As mãos de Mathieu imobilizaram-se e o bolo desmanchou-se.

— Gosto muito desta música - disse ele erguendo a cabeça. - Como se chama?

— É a Serenata Portuguesa - disse Odette.

Dezoito horas e dez em Godesberg. O velho esperava. Em Angoulême, em Marselha, Gand e Douvres, pensavam: "Que estará ele a fazer? Terá decidido? Estará a falar com Hitler? E muito possível que neste instante estejam a combinar tudo entre os dois." E esperavam. O velho esperava, também, no salão de persianas semicerradas. Estava só; arrotou e aproximou-se da janela. A colina descia para o rio, verde e branca. O Reno estava negro, parecia uma estrada asfaltada, molhada da chuva.

O velho arrotou novamente, sentiu um gosto azedo na boca. Pôs-se a tamborilar na vidraça e as moscas espantadas esvoaçaram à volta dele. Fazia um calor branco e empoeirado, pomposo, cético, caduco, um calor de gola engomada, do tempo de Frederico II; no âmago desse calor, um velho inglês sentia-se aborrecido, um velho inglês do tempo de Eduardo VII e o resto do mundo estava em 1938. Em Juan-les-Pins, no dia 23 de Setembro de 1938, às dezassete horas e dez minutos, uma mulher alta, vestida de branco, sentou-se num banquinho, tirou os óculos azuis e pôs-se a ler o jornal. Era o Petit Niçois, Odette Delorme via o título em letras grandes: "Sangue-frio", e, esforçando-se um pouco, pôde decifrar o subtítulo: "Chamberlain envia uma mensagem a Hitler." Ela pergunta a si mesma: "Será que eu tenho realmente horror à guerra?" e pensou: "Não. Não, de certeza."

Se tivesse um horror total, ter-se-ia levantado de um salto, teria corrido até à estação e gritado: "Não partam! Fiquem em casa!" Viu-se, por um instante, assim firme, de braços abertos e a gritar, teve uma espécie de vertigem. Depois sentiu com alívio que era incapaz de tão grosseira indiscrição. Não até ao fim. Uma senhora, uma francesa sensata e discreta, com uma quantidade de preceitos, com o preceito de nada pensar até ao

fim. Em Laon, num quarto sombrio, uma menina odiosa e escandalizada recusava a guerra com todas as suas forças, cegamente, obstinadamente. Odette dizia: "A guerra é uma coisa horrível. Só penso nos pobres diabos que partem." Mas ainda não pensava em nada, esperava, sem impaciência: sabia que lhe diriam logo tudo o que deveria pensar, dizer, fazer. Quando o pai morreu, em 1918, disseram-lhe:

"Muito bem, é preciso ser-se corajosa", e ela aprendeu logo a usar o véu de luto com uma tristeza altiva, a mergulhar nos olhos dos outros um olhar de órfã de guerra. Em 1924, o seu irmão fora ferido em Marrocos, voltara coxo e tinham-lhe dito: "Muito bem, antes de tudo é preciso não mostrar ter pena", e Jacques dissera-lhe alguns anos mais tarde:

"É curioso, pensava que Étienne fosse mais forte, ele nunca aceitou a sua enfermidade, tornou-se amargo." Jacques partiria, Mathieu partiria e estaria tudo bem, estava convencida disso. Por enquanto, os jornais ainda hesitavam; Jacques dizia: "Seria uma guerra idiota" e Candide dizia: "Não vamos lutar só porque os Alemães dos Sudetas querem usar meias brancas." Mas, em breve, o país seria uma imensa aprovação; as câmaras aprovariam unanimemente a política do Governo, o Jour celebraria o heroísmo dos nossos soldados. Jacques diria: "Os operários são admiráveis"; os transeuntes trocariam sorrisos piedosos e cúmplices: seria a guerra, Odette também aprovaria, tricotando agasalhos.

Ele ali estava, parecia escutar a música, sabia o que se devia pensar de verdade mas não o dizia. Escrevia a Ivich cartas de vinte páginas para lhe explicar a situação. A Odette não explicava nada.

— Em que pensa

Odette sobressaltou-se:

— Eu... eu não estava a pensar em nada.

— Não está a ser correta - disse Mathieu. - Eu já lhe respondi.

Ela inclinou a cabeça sorrindo; mas não tinha vontade de falar. Parecia inteiramente acordado agora; olhava para ela.

— O que há? - perguntou ela, embaraçada. Ele não respondeu.

Ria com ar espantado.

— Percebeu que eu existia? - disse Odette. - E isso perturbou-o, não?

Quando Mathieu ria, os seus olhos enrugavam-se, assemelhava-se a uma criança chinesa.

— Pensa que pode passar despercebida?

— Não sou muito barulhenta - disse Odette.

— Não. Nem fala muito. Além disso faz o que pode para que a esqueçam. Pois isso não é certo: mesmo quando fica muito quietinha a olhar o mar, sem fazer mais ruído do que o de um ratinho, sentimos que está perto. E assim mesmo. No teatro, eles chamam a isso presença; há atores que a têm, e outros que não. Tu tem-na.

Odette corou um pouco:

— Está estragado pelos russos - disse ela com vivacidade. - A presença deve ser uma qualidade muito eslava. Mas não creio que esse seja o meu género.

Mathieu observou-a com gravidade.

— E qual é o seu género? perguntou ele.

Odette sentiu que os seus olhos se desorientavam e tremiam um pouco nas órbitas. Dominou o olhar e dirigiu-o para os pés nus, com as unhas pintadas. Não gostava que lhe falassem dela.

— Sou uma burguesa - disse alegremente -, uma burguesa francesa, nada de muito interessante.

Não devia ter-lhe parecido muito convicta, por isso acrescentou com força, para encerrar a discussão:

— Uma mulher como qualquer outra.

Mathieu não respondeu. Ela olhou-o de soslaio: as suas mãos tinham recomeçado a raspar a areia. Odette perguntava a si própria que erro poderia, ter cometido. De qualquer modo, ele podia ter discutido um pouco, ainda que só por delicadeza.

Ao fim de um momento, ouviu-lhe a voz doce e rouca:

— É duro sentir-se uma pessoa qualquer?

— A gente habitua-se - disse Odette.

— É o que suponho. Eu ainda não me habituei.

— Mas você não é uma pessoa qualquer - disse ela vivamente.

Mathieu contemplava o bolo que edificara. Desta vez, era um bonito bolo que se mantinha de pé sozinho. Destruiu-o com uma pancada.

— É-se sempre uma pessoa qualquer - disse ele. Riu-se: “Isto é idiota.”

— Como está triste - disse Odette.

— Não mais que os outros. Estamos todos um tanto enervados com estas ameaças de guerra.

Ela ergueu os olhos e quis falar, mas encontrou o seu olhar, um belo olhar calmo e terno. Calou-se. Um casal como qualquer outro: um homem e uma mulher que se olhavam numa praia; e a guerra estava ali, à sua volta; tinha descido até eles e tornara-os semelhantes aos outros, a todos os outros. "Ele sente-se uma pessoa qualquer, olha-me, sorri, mas não é para mim que ele sorri, é para outra pessoa qualquer." Não lhe pedia nada, apenas que se calasse e fosse anônima como de costume. Era preciso que se calasse: se ela lhe tivesse dito:

"Não é uma pessoa qualquer, é belo, forte, romântico, não se parece com ninguém", e se ele tivesse acreditado, então escaparia outra vez, voltaria aos seus sonhos, teria ousado talvez amar outra, aquela russa, por exemplo, que tomava café quando tinha sono. Teve um sobressalto de orgulho e pôs-se a falar. Disse muito depressa:

— Será terrível, desta vez.

— Será principalmente imbecil - disse Mathieu. - Vão destruir tudo o que puderem. Paris, Roma, Londres... Vai ser bonito depois!

Paris, Roma, Londres. E a casa de Jacques, branca e burguesa, à beira-mar. Odette sentiu um calafrio; olhou para o mar. O mar não era mais que um vapor cintilante; nu e moreno, inclinado para a frente, um esquiador, puxado por um barco a motor, deslizava sobre este vapor. Nenhum homem poderia destruir aquela cintilação luminosa.

— Pelo menos, isto ficará - disse ela.

— O quê?

— O mar.

Mathieu sacudiu a cabeça.

— Nem mesmo isso - disse ele -, nem mesmo isso.

Ela olhou-o surpreendida: nem sempre compreendia muito bem o que ele queria dizer. Pensou em perguntar -lhe, mas, de repente, apeteceu-lhe ir-se embora. Pôs-se de pé, calçou as sandálias e envolveu-se no roupão.

— Que vai fazer? - perguntou Mathieu.

— Preciso de me ir embora.

— E isso deu-lhe de repente?

— Acabo de me lembrar de que prometi a Jacques um molho de alho e azeite para esta noite. Madeleine não o saberá fazer sozinha.

— E, além disso, é raro ficar muito tempo no mesmo sítio - disse Mathieu. - Pois eu vou voltar à água.

Ela subiu os degraus cobertos de areia e, ao chegar ao terraço, virou-se para trás. Viu Mathieu a correr para o mar. "Ele tem razão ando como bicho-carpinteiro." Sempre a partir, sempre a recomeçar, sempre a fugir. Quando permanecia um pouco mais nalgum lugar, sentia-se culpada. Olhava o mar, e pensou: "Tenho sempre medo." Atrás dela, a cem metros, estava a casa de Jacques, a gorda Madeleine, o molho de alho e azeite a preparar, as justificações, a refeição: continuou a andar. Perguntaria a Madeleine: "Como vai a sua mãe?" e Madeleine responderia, fungando um pouco: "Sempre na mesma", e Odette dir-lhe-ia: "Convém fazer-lhe um caldo e dar-lhe um pouco de peito de frango; tire uma asa antes de servir, verá como ela come", e Madeleine responderia: "Ah!, minha pobre senhora, ela não toca em nada." Odette diria: "Dê-me isso." Pegaria no frango, cortaria uma asa com as suas próprias mãos, sentir-se-ia justificada. "Nem mesmo isso." Lançou um último olhar para o mar. Ele dissera: "Nem mesmo isso." O mar era tão leve que parecia o céu do avesso, que poderiam fazer contra ele? Era pastoso e glauco, cor de café com leite, tão raso, tão monótono, o mar de todos os dias, cheirava a iodo e a medicamentos, o mar deles, a brisa marinha deles, e por ele fazem-nos pagar cem francos diários; ele soergueu-se sobre os cotovelos e olhou para as crianças que brincavam na areia cinzenta, a pequena Simone Chassieux corria e ria arrastando a perna esquerda encerrada num aparelho ortopédico. Perto da escadaria, havia um garoto que não conhecia, um recém-chegado sem dúvida, magro de meter medo, com orelhas enormes; enfiara um dedo no nariz e olhava fixamente para três meninas que faziam bolos de areia. Vergava os ombrinhos pontiagudos e dobrava os joelhos; mas o seu busto volumoso continuava como pedra. Colete. Escoliose tuberculosa. "Ainda por cima, deve ser idiota."

— Deite-se - disse Jeannine -, estenda-se ao comprido.

— Como está agitado, hoje.

Ele obedeceu e viu o céu. Quatro nuvenzinhas brancas. Ouviu rangerem as rodas de um carrinho na calçada: "Recolhem-no bem cedo, quem será?"

— Adeus, cabeça de vento - disse uma voz grossa.

Levantou os braços rapidamente e fez girar o espelho por cima da cabeça. Já havia passado, mas reconheceu o grande traseiro da enfermeira: era Darrieux.

— Quando é que cortas a barba? - gritou-lhe.

— Quando tu cortares os colhões! - respondeu a voz longínqua de Darrieux.

Riu-se, alegre: Jeannine detestava palavrões.

— Quando é que me recolhem?

Viu a mão de Jeannine remexer o bolso da blusa branca e tirar um relógio.

— Mais um quartinho de hora. Está aborrecido?

— Não.

Ele nunca se aborrecia. Os vasos de flores nunca se aborrecem. Põem-nos lá fora quando faz sol, recolhem-nos quando cai a noite. Nunca se lhes pergunta o que querem, nada lhes cabe decidir, nada têm a esperar. Não se imagina como é absorvente chupar luz e ar por todos os poros. O céu ressoou como um gongo e ele viu cinco pontinhos cinzentos formando um triângulo, que brilharam entre duas nuvens. Distendeu-se, os dedos dos pés tremelicaram-lhe: o som chegava em grandes ondas de cobre, era agradável, acariciante, assemelhava-se ao odor do clorofórmio quando nos adormecem na mesa de operação.

Jeannine suspirou e ele olhou-a de soslaio; ela levantara a cabeça e parecia ansiosa, havia de certeza qualquer coisa que a atormentava. "Ah!, é verdade: vai haver guerra." Ele sorriu.

— Então - disse ele, voltando um pouco o pescoço -, estão mesmo decididos a fazê-la, a guerra deles, os sempre-em-pé?

— Já sabe o que eu lhe disse - respondeu ela secamente. - Se continuar a falar assim, não responderei mais.

Ele calou-se, tinha tempo, o avião roncava nos seus ouvidos, sentia-se bem; a mim, o silêncio não me desgosta. Ela não podia lutar, os sempre-em-pé estão sempre inquietos, é necessário que falem, que se mexam: ela acabou por dizer:

— É o que receio; vai haver guerra.

Assumia o seu ar dos dias de operação, um ar de criança pobre e de enfermeira-chefe. Quando entrou no primeiro dia e lhe disse: "Levante-se um pouco, vou retirar a bacia", tinha aquele ar. Ele estava a suar e sentia o seu próprio cheiro, o horrível cheiro a curtume, ela estava de pé, hábil, desconhecida, estendia-lhe as suas mãos de luxo e tinha aquele ar.

Humedeceu os lábios docemente: Dominara-a bem, desde então. Disse-lhe:

— Parece que está muito emocionada.

— Não é caso para menos!

— Que lhe interessa a guerra? Que, temos nós a ver com isso?

Ela virou a cabeça, e ele tamborilou com um certo humor no rebordo do aparelho. Ela não tinha que se preocupar com a guerra. O seu trabalho consistia em tratar dos doentes.

— Estou-me pouco ligando para a guerra - disse ele.

— Porque finge de mau? - disse ela docemente. - Não gostaria, com certeza, que a França fosse derrotada.

— Senhor Charles!, faz-me medo quando está assim.

— Não é por minha culpa se sou nazi - sorriu, trocista.

— Nazi! - exclamou ela desanimada. - Que irá inventar mais! Nazi! Eles espancam os Judeus e a todos aqueles que não concordam com eles põem-nos na prisão e perseguem os padres, incendiaram o Reichstag, e são uns gangsters. São coisas que não se devem dizer; um jovem como você não tem o direito de dizer que é nazi, nem por brincadeira.

Ele conservava nos lábios um sorriso matreiro, para lhe aumentar a indignação. Não tinha, aliás, antipatia pelos nazis. Eram violentos e taciturnos, pareciam querer engolir tudo: logo se veria até onde iriam, logo se veria. Teve uma ideia impagável:

— Se houvesse guerra, ficaríamos todos paralelos.

— Ah!, ficou contente - disse Jeannine -, o que é que foi inventar agora? E ele prosseguiu:

— Os sempre-em-pé estão cansados de estar em pé, vão deitar-se ao comprido, de barriga para baixo nas trincheiras. Eu de costas, eles de barriga para baixo: ficaremos todos paralelos.

Já havia muito tempo que se curvavam sobre ele, que o limpavam, raspavam, tamponavam com as suas mãos destras e ele permanecia imóvel, com todas estas mãos sobre o corpo, a ver as caras a partir do queixo, as narinas com crostas sobre o promontório dos lábios, e a linha escura dos cílios no horizonte: "Seria a vez de eles se estenderem." Jeannine não reagiu: estava menos alegre que de costume. Pousou docemente a mão no ombro dele:

— Malvado! - chamou-lhe ela. - Malvado, malvado, malvado!

Era altura da reconciliação. Disse-lhe:

— Uma canja, puré de batata e depois vai ficar contente: lampreia.

— E como sobremesa? Ameixas?

— Não sei.

— Deve ser ameixas - disse ele. - Ontem tivemos compota de pêssego.

Só mais cinco minutos; estendeu-se e aspirou fortemente para melhor aproveitar o ar; olhava para o seu pedacinho de mundo pelo seu terceiro olho: o espelho. Um olho empoeirado e fixo, com manchas escuras: decompunha sempre um pouco os movimentos, era divertido, tornavam-se duros e mecânicos como nos filmes antigos.

E, justamente, uma mulher de preto, deitada num aparelho como o seu, surgiu no espelho e desapareceu: um garoto empurrava o carrinho.

— Quem é? - perguntou ele a Jeannine.

— Não o conheço - disse Jeannine. - Creio que está no Mon- Repos, a grande casa vermelha à beira-mar.

— Onde André foi operado?

— Sim.

Respirou fundo. Um sol fresco e aveludado corria-lhe pela boca, narinas e olhos. "E aquele soldado, que vem ele aqui fazer? Será que precisa de respirar o ar dos doentes?" O soldado passou pelo espelho, teso como uma imagem de lanterna mágica, parecia estar preocupado. Charles soergueu-se sobre um cotovelo e acompanhou-o com um olhar curioso: "Ele anda, sente as pernas e as coxas, todo o seu corpo lhe pesa sobre os pés."

O soldado parou e começou a falar com uma enfermeira: "Ah! É alguém daqui", pensou Charles, aliviado. Falava com gravidade, meneando a cabeça, sem perder o ar triste. "Ele lava-se e veste-se sozinho, vai para onde quer, precisa sempre de se ocupar consigo mesmo, sente-se desajeitado porque está de pé: tenho conhecimento disso. Vai acontecer-lhe alguma coisa. Amanhã haverá guerra e alguma coisa vai acontecer a todos. Não a mim. Eu, eu sou um objeto."

— Está na hora - disse Jeannine. -

Ela olhava-o tristemente, tinha os olhos cheios de lágrimas. "Como está feia".

Disse-lhe:

— Gosta muito desta sua boneca?

— Muito.

— Não me despreze como se fosse embora.

— Não.

— As lágrimas rebentaram e rolaram sobre as suas faces pálidas.

Ele olhou-a desconfiado.

— O que há?

Ela não respondeu, curvou-se sobre ele, fungando, e arranhou-lhe as cobertas; ele via-lhe as narinas.

— Está-me a esconder qualquer coisa.

Ela continuava a não responder.

— Que é que me esconde? Discutiu com a senhora Gouverné? Vamos! não gosto que me tratem como uma criança.

Ela tinha-se endireitado, olhava-o com uma ternura desesperada.

— Vão evacuá-los - disse ela a chorar. Ele não compreendeu muito bem. Disse:

— A mim?

— A todos os doentes de Berck. É perto de mais da fronteira.

Ele pôs-se a tremer. Puxou a mão de Jeannine e apertou.

— Mas eu quero ficar!

— Não deixarão aqui ninguém - disse ela com uma voz suave.

Ele apertou a mão com toda a força:

— Não quero - disse ele. - Não quero.

Ela desprende a mão sem responder, passou para trás do carrinho e pôs-se a empurrá-lo. Charles soergueu-se e começou a torcer uma ponta da coberta, entre os dedos.

— Mas, para onde vão mandar-nos? Quando partimos? E as enfermeiras também vão? Diga alguma coisa!

Ela continuava calada e ele ouvia-a suspirar por cima da sua cabeça. Deitou-se novamente e disse com raiva:

— Levaram-me até ao fim.

Não quero olhar para a rua. Milan pôs-se à janela, olha, com o semblante sombrio. Ainda não chegaram, mas arrastam os pés, em volta do quarteirão. Ouço-os. Debruço-me sobre Marikka, digo-lhe:

— Vai para ali.

— Para onde?

— Junto à parede, entre as janelas.

Ela pergunta-me:

— Porque é que me mandaram para sua casa?

Eu não respondo. Ela diz:

— Quem está a gritar?

Não respondo. Há pés que se arrastam, chuque, chuque, chuque. Sento-me no chão perto dela. Sinto-me pesada. Abraço-me a ela. Milan está à janela, rói as unhas com um ar vazio. Digo-lhe:

— Milan! Vem para junto de nós; não fiques à janela.

Ele resmunga, debruça-se sobre o peitoril, propositadamente. Os pés arrastam-se. Dentro de cinco minutos estarão aqui. Marikka franze as sobrancelhas.

— Quem é que está a marchar?

— Os alemães.

"Ah!", diz ela, e a sua fisionomia volta a ser pura. Escuta docilmente os pés a arrastarem-se, como escuta a minha voz na aula, ou a chuva, ou o vento nas árvores. Olho-a e ela retribui-me com um olhar puro. Um olhar que não compreende, que não prevê. Desejaria ser surdo, fascinar-me com aqueles olhos, ler o barulho naqueles olhos. Um leve ruído, destituído de significado, como o ruído da folhagem. Eu, eu sei que são pés a arrastarem-se. É lento. Chegarão lentamente e espancá-lo-ão até que ele fique, totalmente mole nos seus braços. Ele ali está, forte e duro, olhando pela janela: eles arrastá-lo-ão, ele manterá um ar idiota na cara espezinhada; espancá-lo-ão até o deixarem no chão e amanhã ele sentirá vergonha diante de mim. Marikka treme nos meus braços, pergunto-lhe:

— Tens medo?

Ela diz que não com a cabeça. Não tem medo. O seu ar é grave, como quando escrevo no quadro e ela acompanha o meu braço com os olhos, entreabrindo a boca. Esforça-se: já compreendeu as árvores e a água, e os bichos que andam sozinhos e as pessoas, as letras do alfabeto. Agora, mais isto: o silêncio dos adultos e esses pés que se arrastam na rua; é isto que é preciso compreender. Porque somos um país pequeno. Virão, os seus tanques passarão através dos nossos campos, atirarão sobre os nossos homens. Porque somos um país pequeno. Meu Deus! Fazer com que os Franceses nos venham ajudar, meu Deus, impedi-os de nos abandonar.

— Ei-los - disse Milan.

Não quero ver o seu rosto. Somente o de Marikka porque ela não compreende. Na nossa rua: eles avançam, arrastam os pés na nossa rua, gritam pelo nosso nome, ouço-os. Estou sentada no chão, pesada e imóvel; o revólver de Milan está no bolso do meu avental. Ele olha para o rosto de Marikka: ela entreabre a boca; os seus olhos são puros e não compreende nada.

Ele andava ao longo dos carris, olhava para as lojas e ria de satisfação. Olhava para os carris, olhava para as lojas, olhava para a rua branca diante dele, piscando os olhos, e pensava: "Estou em Marselha." As lojas estavam fechadas, as persianas de ferro descidas, a rua deserta, mas ele estava em Marselha. Parou, pousou a sacola, tirou o blusão de couro e pô-lo no braço, depois enxugou a testa e voltou a pôr a sacola às costas. Apetecia-lhe conversar um pouco com alguém. Disse: "Tenho doze pontas de cigarros e uma de charuto no meu lenço." Os carris brilhavam, a rua branca e comprida ofuscava-o: "Tenho um litro de vinho tinto na sacola." Estava com sede e de bom grado o beberia, mas teria preferido tomar um copo numa tasca, se não estivessem todas fechadas. "Quem diria", disse ele. Continuou a andar entre os carris, a rua cintilava como um rio, entre as casinhas escuras. À esquerda, havia uma quantidade de lojas, mas não se podia saber o que vendiam, porque os taipais de ferro estavam descidos; à direita havia casas abertas ao vento e vazias, parecendo gares, e, de quando em quando, uma parede de tijolos. Mas era Marselha. Gros-Louis perguntou:

— Onde poderão eles estar?

— Entrem depressa - gritou uma voz.

À esquina de um beco havia um café aberto. Um tipo de ombros largos e bigodes duros estava de pé junto da porta e gritava: "Entrem depressa" e um magote de gente que Gros-Louis nunca vira saiu do chão e pôs-se a correr em direção ao café.

Gros-Louis também correu: os outros entravam aos empurrões e ele quis acompanhá-los, mas o tipo de bigodes disse-lhe com uma pancadinha seca no peito:

— Fora.

Um rapazola de bata tentava introduzir no café uma mesa redonda maior que ele.

— Vou já, meu velho. Mas não me poderias dar um copo?

— Já te disse para te ires embora.

— Vou já - disse Gros-Louis. - Não tenhas medo; não costumo ficar onde não me querem.

O tipo virou-lhe as costas, arrancou com uma sacudidela o trinco exterior da porta e entrou no café, fechando-o atrás de si. Gros-Louis olhou para a porta: no lugar do trinco via-se um burquinho redondo com os bordos em relevo. Coçou a nuca e repetiu: "Vou já, não é preciso ter medo." Aproximou-se da vidraça, mesmo assim, e tentou dar uma olhadela para o café, mas alguém puxou as cortinas lá dentro e não viu mais nada.

Pensou: "Quem diria." Via a rua à direita e à esquerda a perder de vista, os carris brilhavam e sobre eles havia um vagonete completamente negro, abandonado. "Gostaria muito de entrar em qualquer parte", disse Gros-Louis. Gostaria de tomar um copo numa tasca e conversar com o patrão. Explicou coçando o crânio:

"Não é que eu tenha o hábito de ficar ao ar livre."

Só que, quando ele estava aqui fora, os outros também estavam, havia os carneiros e os outros pastores, já era uma companhia, e, além disso, quando não havia ninguém, não havia ninguém, e pronto. Ao passo que agora ele estava aqui fora e os outros lá dentro, atrás das suas paredes e das portas sem trinco. Estava completamente só, aqui fora, com o vagonete. Bateu à janela do café e esperou. Ninguém respondeu: se não os tivesse visto entrar, com os seus próprios olhos, juraria que o café estava vazio. E disse:

"Vou-me embora", e foi. Começava a sentir realmente sede; nunca poderia imaginar Marselha assim.

Caminhava, pensando que naquela rua cheirava a ar viciado. Disse: "Onde é que me vou sentar?", e ouviu atrás de si um rumor, como se fosse um rebanho de carneiros que muda de pasto. Voltou-se, e viu ao longe um grupo de tipos com bandeiras. "Ah!, vou vê-los passar", disse ele. Sentiu-se muito contente. Do outro lado dos carris, havia uma espécie de praça, com dois casebres verdes encostados a um muro grande; pensou: "Vou sentar-me ali para ver." Um dos casebres era uma loja, cheirava a salsicha e a batatas fritas. Gros-Louis viu um velho de avental branco mexendo numa frigideira. Disse-lhe:

— Tiozinho, dá-me batatas fritas!

O velho virou-se:

— Merda! - disse ele.

— Tenho dinheiro - disse Gros-Louis.

— Merda! Estou-me pouco ligando para o teu dinheiro, vou fechar a loja.

Saiu e pôs-se a girar uma manivela. A porta de ferro desceu cuidadosamente.

— Ainda não são sete horas - disse Gros-Louis aos berros para dominar o barulho. O velho não respondeu.

— Pensava que fechavas por serem sete horas - gritou Gros-Louis.

A porta de ferro estava descida. O velho tirou a manivela, endireitou-se e cuspiu.

— Ora diz lá, sua espécie de múmia, não os viste vir, não? Não me importo de dar as minhas batatas fritas. - disse ele entrando no casebre.

Gros-Louis observou a porta verde, por mais um pouco, depois sentou-se no chão no meio da praça, apoiou-se à sacola e ficou a aquecer-se ao sol. Lembrou-se que possuía um naco de pão, um litro de vinho tinto, doze pontas de cigarros e uma de charuto, e disse: "Pois bem, vou encher o bucho." Do outro lado dos carris, os tipos começavam a desfilar, agitavam as bandeiras, cantavam e gritavam; Gros-Louis tinha tirado a faca do bolso e olhava-os, cortando o pão. Uns erguiam-lhe os punhos, outros gritavam-lhe: "Vem connosco!", e ele ria, saudava-os ao passarem, gostava muito do barulho e do movimento, era uma distração.

Ouviu passos e voltou-se. Um negro alto vinha direito a ele, tinha os braços nus e uma camisa de um rosa desbotado; as calças, de pano azul, alargavam-se e colavam-se às pernas a cada passo. Não parecia estar com pressa. Parou e torceu um calção de banho entre as suas mãos escuras e róseas. A água caía em gotas na poeira e marcava-a com pequenos furos redondos. O negro enrolou o calção de banho numa toalha e depois ficou a olhar para o desfile, assobiando despreocupadamente.

— Olá! - gritou Gros-Louis. O negro fixou-o e sorriu.

— Que é que eles estão a fazer?

O negro dirigiu-se a ele balançando os ombros: não parecia apressado.

— São os estivadores - disse ele.

— Fazem greve?

— A greve acabou - disse o negro. - Mas eles querem recomeçá-la.

— Ah!, é por isso! - disse Gros-Louis.

O negro olhou-o, por um instante sem falar, dir-se-ia que procurava coordenar as suas ideias. Por fim, sentou-se no chão, pôs o calção sobre os joelhos e principiou a enrolar um cigarro. Assobiava.

— Donde vens? - indagou.

— Venho de Prades - disse Gros-Louis.

— Não sei onde é.

— Ah!, não sabes onde é! - disse Gros-Louis a rir. Riram os dois e Gros-Louis explicou: "Já não gostava daquilo."

— Vens procurar trabalho? - perguntou o negro.

— Eu era pastor, guardava carneiros no Canigou. Mas já não gostava daquilo.

O negro meneou a cabeça.

— Já não há trabalho - disse ele com severidade.

— Oh!, eu arranjarei um - disse Gros-Louis. Mostrou as mãos. - Posso fazer tudo.

— Já não há trabalho - repetiu o negro.

Calaram-se. Gros-Louis olhava para aquela gente que desfilava a gritar: "Para a força! Sabiani para a força!" Havia mulheres com eles, eram vermelhas e desgrenhadas, abriam a boca como se fossem engolir tudo, mas não se ouvia o que diziam, os homens gritavam mais alto. Gros-Louis estava contente, tinha companhia. Pensou: "E engraçado." Uma gorducha passou no meio das outras, balançando os seios. Gros-Louis pensou que não desgostaria de acariciá-la entre duas refeições, dava para encher as mãos. O negro riu-se. Riu-se tanto que se engasgou com o fumo do cigarro.

Ria e tossia ao mesmo tempo. Gros-Louis bateu-lhe nas costas:

— Porque ris? - perguntou-lhe ele também a rir. O negro voltou a ficar sério:

— Sei lá.

— Bebe um gole - disse Gros-Louis.

O negro pegou na garrafa e bebeu pelo gargalo. Gros-Louis também bebeu. A rua estava de novo deserta.

— Onde dormiste? - perguntou o negro.

— Não sei. Foi numa praça com vagões, sob um encerado. Cheirava a carvão.

— Tens dinheiro?

— Pode ser que sim - disse Gros-Louis.

A porta do café abriu-se e um grupo de homens saiu. Ficaram na rua por um momento; olharam para o lado onde iam os grevistas, escondendo os olhos com as mãos. Depois, uns foram-se embora a passos lentos e acendendo cigarros, e os outros ficaram na rua, aos grupinhos. Um tipo avermelhado e barrigudo gesticulava. Disse irritado a um rapaz que não parecia muito saudável:

— Estamos com a guerra em cima e vens falar-nos de sindicalismo!

Transpirava, não trazia casaco, a camisa aberta tinha duas manchas de suor nas axilas. Gros-Louis voltou-se para o negro:

— A guerra? Qual guerra?

— Um banco! - disse Daniel. - É o que precisamos.

Era um banco verde, encostado ao muro da quinta, sob a janela aberta. Daniel empurrou a cancela e entrou no pátio. Um cão ladrrou e atirou-se para a frente, puxando a corrente; uma velha apareceu à porta, segurando uma caçarola.

— Quietos! - disse ela, agitando a caçarola.

O cão rosnou um pouco e deitou-se.

— A minha mulher está cansada - disse Daniel, tirando o chapéu. - Permite que ela se sente neste banco?

A velha franziu os olhos desconfiada: talvez não soubesse francês. Daniel repetiu com uma voz forte:

— A minha mulher está um pouco cansada.

A velha voltou-se para Marcelle, que estava encostada à cancela, e a sua desconfiança desapareceu.

— Pois com certeza, a sua senhora pode sentar-se. Os bancos foram feitos para isso. E não será ela quem o estragará, ao tempo que ele aí está. Vêm de Peyrehorade?

Marcelle entrou e foi sentar-se a sorrir:

— Sim - disse ela. - Queríamos ir até à penedia; mas presentemente é um pouco longe para mim. A velha piscou o olho.

— Não há dúvida; e no seu estado é preciso ser-se prudente.

Marcelle encostou-se ao muro, semicerrando os olhos com um sorriso feliz. A velha olhou para o ventre, como boa conhecedora, depois virou-se para Daniel, meneou a cabeça e sorriu-lhe com um ar de estima. Daniel apertou o castão da bengala e sorriu também. Uma criança saiu de casa aos tropeções, mas, dando com Marcelle, parou e fixou-lhe um olhar perplexo.

Não tinha calças; as suas nádegas eram avermelhadas e com algumas crostas.

— Queria ver a penedia - disse Marcelle, fingindo-se aborrecida.

— Mas há um táxi em Peyrehorade - disse a velha. - É do filho do Lamblin, a última casa na estrada de Bidasse.

— Eu sei - disse Marcelle.

A velha voltou-se para Daniel e ameaçou-o com o dedo:

— O senhor tem de ser muito gentil para com a sua esposa; é altura de lhe fazer todas as vontades.

Marcelle sorriu:

— Ele é gentil - disse ela. - Fui eu quem quis andar.

Ela estendeu o braço e acariciou a cabeça do garoto. Interessava-se pelas crianças havia uns quinze dias; isso viera-lhe de repente. Cheirava-as e apalpava-as se lhe passassem ao alcance da mão.

— É seu neto?

— É filho da minha sobrinha. Anda pelos quatro anos.

— É bonito - disse Marcelle.

— Quando é bonzinho. - A velha baixou a voz: - Será um rapaz?

— Bem queria que fosse! - disse Marcelle. A velha riu-se:

— Deve repetir todos os dias a oração a Santa Margarida.

Houve um silêncio, povoado de anjos. Todos os olhares se tinham voltado para Daniel. Ele inclinou-se sobre a bengala e baixou as pálpebras com um ar modesto e viril.

— Vou incomodá-la ainda, minha senhora - disse ele docemente.

— Poderia pedir-lhe uma tigela de leite para a minha mulher?

Virou-se para Marcelle:

— Bebes um pouco de leite, sim?

— Vou trazê-lo já - disse a velha. E desapareceu na cozinha.

— Venha sentar-se a meu lado - disse Marcelle. Ele sentou-se.

— Como é atencioso! - disse ela agarrando-lhe a mão.

Ele sorriu. Ela olhava-o extasiada e ele continuou a sorrir, abafando um bocejo que lhe arreganhara os lábios até às orelhas. Pensava: "Devia ser proibido parecer grávida a tal ponto." O ar estava húmido, um pouco febril, odores flutuavam no espaço, aos tufos como algas; Daniel fixava o brilho verde e ruivo de um arbusto, do outro lado da cerca; sentia as narinas e a boca cheias de folhagem. Mais quinze dias, quinze dias verdes e brilhantes,

quinze dias de campo. Ele detestava o campo. Um dedo tímido passeava na sua mão, com a hesitação de um ramo de árvore agitada pelo vento. Baixou os olhos e olhou para o dedo. Era branco, um pouco gorducho, tinha uma aliança. "Ela adora-me", pensou Daniel. Adorado. Noite e dia esta adoração colava-se a ele, humilde e insinuantemente, como os odores vivos do campo.

Fechou os olhos e a adoração de Marcelle fundiu-se com a folhagem murmurante, com o cheiro do estrume e do sanfeno.

— Em que pensa?

— Na guerra - respondeu Daniel.

A velha voltava com o leite. Marcelle pegou na tigela e bebeu a grandes goles. O seu lábio superior ia buscar o líquido até bem fundo na tigela e sorvia-o com um leve ruído. O leite cantava ao passar-lhe pela garganta.

— Faz bem - disse com um suspiro.

Um bigode branco desenhava-se sobre o lábio. A velha olhava-a com bondade:

— Um leite forte, eis o que a criança vai precisar.

Riram-se as duas, entre mulheres, e Marcelle levantou-se apoiando-se ao muro:

— Sinto-me refeita - disse a Daniel. - Podemos partir quando quiser.

— Adeus, minha senhora - disse Daniel, passando-lhe uma nota. - Agradecemos-lhe muito a sua amável hospitalidade.

— Obrigada, minha senhora - disse Marcelle com um sorriso íntimo.

— Ora, adeus. Vão devagar.

Daniel abriu a cancela e deixou passar a mulher: ela tropeçou numa pedra e cambaleou.

— Ai! - exclamou a velha de longe.

— Agarre-se ao meu braço - disse Daniel.

— Sou tão desajeitada - observou ela, confusa.

Ela agarrou-se-lhe ao braço; sentiu-a contra ele, quente e disforme; pensou: "Mathieu pôde desejar isto!"

— O principal é andar com cuidado.

Cercas sombrias. O silêncio. Os campos. A linha negra dos pinheiros no horizonte. Os homens voltavam para casa, a passos pesados e lentos; sentar-se-iam à mesa comprida e engoliriam a sopa sem dizer palavra. Uma

manada de vacas atravessou o caminho. Uma delas espantou-se e pôs-se aos saltos. Marcelle chegou-se para Daniel.

Imagine: tenho medo de vacas - disse ela, baixando a voz. Daniel apertou-lhe o braço ternamente: "Vai para o diabo", pensou. Ela respirou fundo e calou-se. Ele olhou-a de lado e viu os seus olhos vagos, o seu sorriso sonolento, o seu ar de beatitude:

"Pronto! Ei-la a sonhar." Isso acontecia-lhe às vezes quando a criança se mexia no ventre ou quando uma sensação estranha a invadia; devia sentir-se invulnerável e formigante, uma via láctea. Fosse como fosse, eram cinco minutos ganhos. Pensou: "Estou a passear no campo, há vacas a pastar, esta mulher gorda é minha mulher." Teve vontade de rir: nunca tinha visto tantas vacas. "Tu o quiseste! Tu o quiseste! Desejavas uma catástrofe paulatina, a prestações, estás servido." Caminhavam docemente, como dois namorados, de braço dado, e as moscas zumbiam à volta deles. Um velho apoiado à sua enxada, imóvel à beira do caminho, viu-os passar e sorriu-lhes. Daniel sentiu corar violentamente. Neste momento, Marcelle saiu do seu torpor.

— Acreditas na guerra? - perguntou bruscamente.

Os seus gestos haviam perdido aquela secura agressiva, tinham-se tornado pesados e lânguidos. Mas conservava a voz abrupta e positiva. Daniel olhou para os campos. Campos de quê? Não sabia distinguir um campo de milho de um campo de beterraba. Ouviu Marcelle repetir:

— Acreditas?

Ele pensou: "Se houvesse guerra!" Ela ficaria viúva. Viúva com uma criança e seiscentos mil francos líquidos. Sem contar com algumas recordações de um marido incomparável: que poderia desejar mais? Parou bruscamente, transtornado de desejo; apertou a bengala com toda a força, e, pensou: "Meu Deus, tomara que haja guerra!" Um raio selvagem que fizesse estourar aquela doçura, que revolvesse horivelmente aqueles campos, e transformasse aquelas terras planas e monótonas num mar de ressaca; a guerra, a hecatombe dos homens de boa vontade, o massacre dos inocentes. "Este céu puro, vão rasgá-lo com as suas próprias mãos. Como se vão odiar! Como vão tremer de medo! E eu, como gozarei nesse mar de ódio." Marcelle olhava-o surpreendida. Ele teve vontade de rir.

— Não. Não acredito.

Crianças pelos caminhos, com as suas vozes acres e inofensivas, e os seus risos. A paz. O sol cintila nas cercas como ontem, como amanhã; o campanário de Peyrehorade ergue-se na curva do caminho. Cada coisa no mundo tem o seu odor, a sua sombra crepuscular, pálida e longa, o seu futuro particular. E a soma de todos esses futuros é a paz: pode-se tocá-la na madeira carcomida desta cancela, na nuca fresca desta criança, pode-se lê-la nos seus olhos ávidos; sobe das urtigas aquecidas pela luz do dia, ouvimo-la no tocar dos sinos. Por toda a parte, os homens juntam-se à volta das terrinas fumegantes, partem o pão, enchem os copos de vinho, limpam as facas, e os seus gestos quotidianos fazem a paz. Ei-la, tecida com todos esses futuros, impregnada da obstinação hesitante da Natureza; ela é o retorno do sol, a imobilidade fremente dos campos, o sentido do trabalho dos homens. Não há um só gesto que não a chame e não a realize; mesmo o andar saltitante e pesado de Marcelle a meu lado, mesmo a pressão dos meus dedos no seu braço. Uma chuva de pedras pela janela: "Fora daqui! Fora daqui!" Milan só teve tempo de se atirar para trás, uma voz aguda gritou pelo seu nome: "Hlinka! Milan Hlinka!, fora daqui." Alguém cantou: "Os Checos são como piolhos na pele alemã!" As pedras tinham rolado pelo soalho. Um paralelepípedo partiu o vidro da lareira, outro caiu na mesa e pulverizou uma cafeteira. O café correu sobre o oleado e pôs-se a pingar lentamente para o chão. Milan encostou-se à parede, olhou para o vidro, para a mesa, para o chão, enquanto os outros vociferavam em alemão, sob a janela. Pensou: "Entornaram o meu café", e pegou numa cadeira pelo encosto. Transpirava. Levantou a cadeira até acima da sua cabeça.

— Que estás a fazer? - gritou Anna.

— Vou-lhes partir a cara.

— Milan! Não tens esse direito. Não estás só. Largou a cadeira e olhou para as paredes com espanto. Não era já o seu quarto.

Tinham-no estripado; uma nuvem vermelha subiu-lhe aos olhos; enfiou as mãos nos bolsos repetindo: "Não estou só. Não estou só." Daniel pensava: "Eu estou só." Só com os seus sonhos sanguinários naquela paz imensa. Os tanques e os canhões, os aviões, as crateras lamacentas nos campos, eram uma pequena confusão na sua cabeça. Aquele céu nunca se fenderia; o futuro estava ali, pousado naqueles campos; Daniel estava dentro dele, como um verme numa maçã. Um só futuro. O futuro de todos os homens: construíram-no com as suas próprias mãos, lentamente,

durante anos, e não me deixaram o menor lugar, a mais humilde possibilidade. Lágrimas de raiva subiam aos olhos de Milan, e Daniel voltou-se para Marcelle: "Minha mulher, meu futuro, o único que me resta, pois que o mundo se decidiu pela paz."

Como um rato na ratoeira! Ele soerguera-se sobre os cotovelos e olhava para as lojas a desfilarem.

— Deite-se! - disse a voz chorosa de Jeannine. - E não esteja sempre a virar-se para a direita e para a esquerda; fico com vertigens.

— Para onde nos vão levar?

— Já lhe disse que não sei.

— Sabe que nos vão evacuar e não sabe para onde nos mandam? Ora, não acredito!

— Juro que não me disseram nada. Não me torture!

— E quem lhe disse? Não será boato? Você engole qualquer coisa.

— Foi o médico-chefe da clínica - disse Jeannine, contrariada.

— E ele não disse para onde iríamos?

O carrinho passava em frente da Peixaria Cusier; ele entrou num odor enjoativo e cortante de maresia.

— Mais depressa! Isto cheira a urina de criança!

— Eu... eu não posso ir mais depressa. Por favor, não se agite, vai ter trinta e nove de novo.

Suspirou e disse como se fosse para si mesma: "Não devia ter-lhe contado."

— Naturalmente! E no dia da partida ter-me-iam cloroformizado ou inventado um piquenique?

Estendeu-se novamente porque iam passar em frente da Livraria Nattier. Ele detestava a Livraria Nattier, com a sua vitrine de um amarelo sujo. E depois a velha estava sempre à porta e ficava de mãos postas quando o via passar.

— Está a sacudir-me. Tenha cuidado.

"Como um rato na ratoeira! Outros poderiam levantar-se, esconder-se na cave ou no sótão. Eu, eu sou um embrulho; bastará que venham carregar-me."

— É você quem vai colar as etiquetas, Jeannine?

— Quais etiquetas?

— As etiquetas para a expedição; este lado para cima, aquele para baixo, frágil, manejar com precaução. Terá de me colar uma na barriga e outra atrás.

— Malvado! - disse ela. - Malvado, malvado!

— Basta! Vão-nos fazer viajar de comboio, naturalmente?

— Como queria que fizessem?

— Em comboio sanitário?

— Mas eu não sei - gritou Jeannine. - Não quero inventar, já lhe disse que não sei!

— Não grite. Não sou surdo.

O carrinho parou subitamente e ele ouviu-a assoar-se.

— Que há? Pára-me em plena rua?...

As rodas voltaram a rodar sobre os paralelepípedos desiguais. Ele insistiu:

— E repetiram-nos tantas vezes que devíamos evitar as viagens de comboio...

Ouviu um fungar inquietante por cima da sua cabeça, e calou-se: tinha receio que ela soluçasse. As ruas estavam cheias de doentes àquela hora: seria bonito, um rapagão empurrado por uma enfermeira em lágrimas. Mas uma ideia subiu-lhe à mente, e não pôde deixar de murmurar entre dentes:

— Tenho horror às novas cidades.

"Decidiram tudo, encarregaram-se de tudo, tinham saúde, força, lazeres; voltaram, escolheram os seus chefes, andavam sobre os pés, percorriam a terra toda com ares importantes e graves, combinavam entre si o destino do mundo, e em particular o dos pobres enfermos, essas crianças grandes. E o resultado? A guerra. Bonito! Porque devo pagar pelos erros deles? Estava doente, ninguém me pediu a minha opinião! Agora lembram-se que eu existo e querem-me arrastar para a sua merda. Vão pegar-me pelas axilas e pelos tornozelos, dizendo: "Desculpe, mas estamos em guerra", e colocar-me-ão num canto como uma bosta, para que eu não atrapalhe o seu brinquedo de morte." A pergunta que retinha havia meia hora subiu-lhe aos lábios de repente. Ela ficaria contente de mais, mas paciência, não podia ficar calado por mais tempo...

— Vocês... as enfermeiras acompanham-nos?

— Algumas.

— E... você?

— Não - disse ela. - Eu não.

Ele pôs-se a tremer e indagou com voz rouca:

— Vai-nos deixar?

— Estou nomeada para o hospital de Dunquerque.

— Bom, bom! - disse Charles. - As enfermeiras são todas iguais, não é assim?

Jeannine não respondeu. Soergueu-se e olhou em volta. A sua cabeça virava-se por si mesma, para a esquerda e para a direita, era fatigante e sentia umas cócegas no fundo dos olhos. Um carrinho vinha em sentido contrário, empurrado por um velho elegante. No aparelho repousava uma senhora nova, de rosto cavado e cabelos doirados; trazia sobre as pernas um magnífico casaco de peles. Ela mal o olhou, inclinou a cabeça para trás e murmurou algumas palavras, que subiram diretamente ao rosto atento do velho.

— Quem é? - perguntou Charles. - Já há muito tempo que a vejo.

— Não sei. Creio que é uma artista de music-hall. Primeiro foi uma perna, depois um braço.

— Ela sabe?

— O quê?

— Estou a perguntar se os doentes sabem.

— Ninguém sabe, o médico proibiu-nos de contar.

— É pena - disse ele sarcasticamente. - Talvez estivesse menos orgulhosa.

— Ponha um pouco de Flit aí - disse Pierre antes de subir para o fiacre. - Cheira a piolhos.

O árabe vaporizou docilmente as capas brancas do encosto e as almofadas do banco.

— Pronto.

Pierre franziu as sobrancelhas:

— Hum!

Maud pôs-lhe a mão na boca:

— Chega - disse ela. - Está bom assim.

— Bem, mas se ficares com piolhos, não te venhas queixar a mim.

Estendeu-lhe a mão para ajudá-la a subir, depois sentou-se ao pé dela. Os dedos magros de Maud deixaram-lhe um calor seco e vivo na

palma da mão: ela tinha sempre um pouco de febre.

— Leve-nos a dar uma volta pelas fortificações - disse ele secamente.

Digam o que disserem, a pobreza banaliza. Maud era vulgar detestava a camaradagem que a ligava aos cocheiros, aos carregadores, aos guias, aos empregados de cafés: ela dava-lhes sempre razão e se os apanhávamos em flagrante achava sempre maneira de os desculpar.

O cocheiro chicoteou o cavalo e o carro partiu a ranger:

— Que ferro-velho! - disse Pierre a rir. - Tenho sempre medo que se quebre um eixo.

Maud debruçava-se e olhava para tudo com os seus grandes olhos graves e escrupulosos.

— É o nosso último passeio.

— É verdade! - disse ele. - É verdade.

Ela sentia-se poética porque é o último dia e tomamos o navio amanhã. Era irritante, mas ele suportava-lhe melhor o mutismo do que a alegria. Não era muito bonita, e quando queria mostrar-se graciosa ou animada, era um desastre. "Assim está bem", pensou ele. Haveria o dia seguinte, e três dias de travessia; e depois em Marselha, boa noite, cada qual para seu lado. Felicitou-se por ter reservado uma cabine de primeira: as quatro mulheres viajavam em terceira; a convidariam quando tivesse desejo dela, mas, tímida como era, não ousaria subir à primeira sem que fosse buscá-la.

— Reservaram lugares no autocarro?

Maud mostrou-se embaraçada:

— Enfim, não tomaremos o autocarro. Levam-nos de automóvel até Casablanca.

— Quem?

— Um conhecido de Ruby, um velhote encantador que nos levará a dar uma volta por Fez.

— É pena - disse ele cortesmente.

O trem deixara Marraquexe e atravessava a cidade europeia. À sua frente, o imenso terreno baldio apodrecia na poeira, com bidões rebentados e caixas de conservas vazias. O carro rolava entre grandes cubos brancos de vidraças faiscantes. Maud pôs os óculos escuros, Pierre franzia os olhos por causa do sol.

Os cubos, colocados com sabedoria, uns ao lado dos outros, não pesavam sobre o deserto; se soprasse um bom vento, voariam. Num deles tinham colocado uma placa indicadora: "Rua Marechal Lyautey." Mas não havia rua: apenas um pequeno braço de deserto asfaltado entre imóveis. Três indígenas viam o carro passar; o mais novo, tinha um olho branco. Pierre ergueu-se um pouco e lançou-lhe um olhar firme. Mostrar a sua força para não ter de a usar, o lema não era válido só para os militares, também valia para os colonos e até para os simples turistas.

Não era necessário fazer grande exibição de poderio: bastava não se abandonar, manter-se ereto. A angústia que o oprimia desde manhã desapareceu. Aos olhos estúpidos daqueles árabes, sentia que representava a França.

— Que vamos encontrar ao voltarmos? - disse Maud subitamente.

Ele cerrou os punhos sem responder. Imbecil: devolvera-lhe, de chofre, a sua angústia. Ela insistia:

— Talvez a guerra. Para ti a mobilização; para mim o desemprego.

Tinha horror em ouvi-la falar de desemprego com aquele ar sério, como um operário. No entanto, ela era o segundo-violino na Orquestra Feminina Baby's, que fazia tournées, pelo Mediterrâneo e Próximo Oriente: isso podia passar por uma profissão artística. Teve um gesto agastado:

— Por favor, Maud, não falemos dos acontecimentos. Só por hoje, está bem? E o nosso último dia em Marraquexe.

Ela chegou-se para junto dele:

— É verdade, é o nosso último dia.

Ele acariciou-lhe os cabelos, mas conservava aquele gosto amargo na boca. Não era medo, não: sabia que nunca teria medo. Era antes... desencanto.

O trem passava ao longo das fortificações. Maud mostrou-lhe uma porta vermelha, acima da qual se viam folhas verdes de palmeira.

— Pierre, lembraste?

— De quê?

— Há um mês, dia a dia. Foi ali que nos encontramos.

— Ah!, é verdade.

— Amas-me?

Tinha um rostinho magro, um pouco ossudo, com olhos enormes e uma bela boca.

— Amo-te, sim.

— Diz isso de outra maneira!

Debruçou-se sobre ela e abraçou-a.

O velho parecia furioso, olhava-os fixamente, franzindo as grossas sobrancelhas: "Um memorando! Eis todas as suas concessões!" Horace Wilson meneou a cabeça e pensava: "Porque representa?" Não saberia Chamberlain que haveria um memorando? Não fora tudo resolvido na véspera? Não tinham combinado toda a cena quando estiveram sós, um em frente do outro, com aquele falso doutor Schmitt?

— Abraça a tua Maudinha; ela está triste hoje...

Ele abraçou-a e ela pôs-se a falar com uma vozinha de criança:

— Tu não tens medo da guerra?

Ele sentiu um calafrio desagradável na nuca.

— Não, filhinha, não. Um homem não tem medo da guerra.

— Pois eu garanto-te que Lucien tinha medo. Foi mesmo o que me afastou dele: era medroso de mais.

Ele inclinou-se e beijou-lhe os cabelos; perguntava-se porque tivera, de repente, vontade de lhe dar uma bofetada.

— É assim, como pode um homem proteger uma mulher, se anda sempre apavorado?

— Não era um homem - disse ele docemente. - Eu sou um homem.

Ela tomou-lhe o rosto nas mãos e pôs-se a falar:

— Sim senhor, era um homem, sim senhor. Com os seus cabelos negros e a sua barba negra, parecia ter vinte e oito anos.

Ele desprendeu-se; sentia-se adocicado e insípido, uma náusea subia-lhe do estômago à boca e não sabia o que o enjoava mais: se o deserto faiscante, os muros de tijolo vermelho, ou a mulher aconchegada nos seus braços. "Como estou farto de Marrocos!" Gostaria de estar em Tours, em casa dos pais, pela manhã, e que a mãe lhe trouxesse o pequeno-almoço à cama! "Pois bem, o senhor descera ao salão dos jornalistas", disse ele a Neville Henderson, "e fará o favor de lhes comunicar que, atendendo à solicitação do chanceler Hitler, estarei no Hotel Dreesen às vinte e duas horas e trinta, mais ou menos."

— Cocheiro! Cocheiro! Volte para a cidade por essa estrada.

— Que te aconteceu? - perguntou Maud, espantada.

— Estou farto das fortificações - disse ele violentamente -; estou farto do deserto e estou farto de Marrocos.

Mas dominou-se logo e, tomando-lhe o queixo entre dois dedos:

— Se fores boazinha, iremos comprar chinelas árabes.

A guerra não estava na música dos carroceis, não estava nos cafés formigantes da Rua Rochechouart. Nem uma aragem. Maurice transpirava, sentia, contra a sua, a coxa morna de Zézette, faz-se um pequeno truque de magia, e pronto, passávamos a não estar nos campos, no tremor imóvel do ar quente por cima da cerca, no chilreio redondo e branco dos pássaros, no riso de Marcelle, ela tinha-se erguido no deserto, junto aos muros de Marraquexe. Levantara-se um vento pesado e vermelho, fazia redemoinho em volta do trem, corria sobre as ondas do Mediterrâneo, fustigava o rosto de Mathieu; Mathieu secava-se na praia deserta, pensava: "Nem mesmo isso", e o vento da guerra soprava sobre ele.

Nem mesmo isso! Fazia um pouco de frio mas ele não tinha vontade de entrar imediatamente. Uns após os outros, os banhistas haviam abandonado a praia; era a hora do jantar. O próprio mar despovoava-se, uma grande luz desmoronada jazia, deserta e solar, e o trampolim preto do esqui náutico perfurava-a como a ponta de um recife.

"Nem mesmo isso", pensava Mathieu. Ela tricotava, diante da janela aberta, esperando as cartas de Jacques. De vez em quando, ergueria o rosto com uma vaga esperança; procuraria o seu mar com os olhos. O seu mar: uma bóia, um trampolim, um pouco de água lambendo a areia quente. Um calmo jardimzinho feito à medida do homem, com algumas avenidas grandes e inúmeros atalhos. E voltaria sempre ao seu tricot com a mesma decepção: tinham mudado o seu mar. O interior do país, erigido de baionetas e sobrecarregado de canhões, teria puxado a si o litoral; a água e a areia ter-se-iam retraído e continuariam a sua vida eterna, cada qual para seu lado. Cercas de arame farpado estriando as escadarias de sombras estreladas; canhões nos parques, entre os pinheiros; sentinelas diante das vivendas; oficiais atravessariam como cegos esta cidade de água, desolada. O mar voltaria à sua solidão. Seria impossível banhar-se: a água, militarmente guardada, assumiria, à beira-mar, um aspecto administrativo; o trampolim, a bóia já não ficariam a uma distância apreciável da terra; todos os caminhos que Odette traçara sobre as ondas, desde a infância, ter-se-iam apagado. Mas o mar alto, em compensação, o mar alto agitado,

desumano, com as suas batalhas navais a cinquenta milhas de Malta, os seus navios afundados perto de Palermo, as suas profundezas rasgadas por peixes de ferro, o mar alto seria todo contra ela, descobriria em toda a parte, sobre as ondas, a sua presença glacial, e o mar alto erguer-se-ia no horizonte como um muro sem esperança. Mathieu levantou-se: estava seco; limpou o calção de banho com a mão. "Como vai ser chata, essa guerra", pensou E depois da guerra? Seria um outro mar. Mar de vencidos? Mar de vencedores? Dentro de cinco anos, dentro de dez, ele estaria talvez aqui, numa tarde de Setembro, à mesma hora, sentado sobre esta mesma areia, diante desta enorme massa de gelatina, e a mesma luz ruiva roçaria a superfície da água. Mas que veria ele?

Levantou-se e vestiu o roupão. Os pinheiros do parque já se projetavam negros contra o céu. Lançou um último olhar para o mar: a guerra ainda não rebentara; as pessoas jantavam tranquilamente nas suas vivendas; nem um canhão, nem um soldado, nem uma cerca de arame farpado, a frota estava nos ancoradouros de Bizerte e Toulon; ainda era permitido ver o mar em flor, o mar das últimas tardes de paz; mas ele continuou inerte e neutro: uma grande extensão de água salgada, que se agitava um pouco, não significava nada.

Mathieu encolheu os ombros e subiu os degraus de pedra; havia alguns dias que as coisas o abandonavam, uma após outra. Perdera os odores, todos os odores do sul, depois os gostos.

Agora o mar. "Como os ratos que abandonam o navio perdido."

Quando chegasse o dia da partida, ele estaria seco, nada mais teria a lamentar. Voltou para o bangalô a passos lentos, e Pierre pulou do carro:

— Vem, terás o teu par de chinelas.

Entraram no mercado. Era tarde; os árabes apressavam-se para alcançar a Praça Djemaa-el-Fnâ antes do pôr do Sol. Pierre sentia-se mais em forma; o vaivém da multidão produzia nele um efeito reconfortante. Olhava as mulheres veladas, e quando elas lhe devolviam o olhar apreciava-se nos olhos delas.

— Olha - disse ele. - Aí estão as chinelas.

Havia de tudo no mostruário, era um bricabraque de tecidos, colares, sapatos, bordados.

— Como é bonito! - disse Maud.

Mergulhou as mãos naquele amontoado heteróclito e Pierre afastou-se um pouco: não queria dar aos árabes o espetáculo de um europeu absorto na contemplação de adornos femininos.

— Escolhe - disse ele distraidamente -, escolhe o que quiseres.

Ao lado, empilhavam-se livros franceses; entreteve-se a folheá-los. Havia uma mistura de romances policiais e fitas romanceadas. Ouviu à sua direita o ruído metálico de anéis e pulseiras nas mãos de Maud.

— Estás satisfeita?

— Estou a escolher, estou a escolher. É preciso pensar.

Ele voltou à sua leitura. Sobre uma pilha de Texas Jack e de Buffalo Bill descobriu um livro com fotografias. Era uma obra do coronel Picot acerca dos ferimentos na cara; as primeiras páginas não existiam já, e as outras estavam amassadas. Quis largá-lo depressa, mas era tarde: o livro tinha-se aberto sozinho. Pierre viu uma cara horrível, um só buraco do nariz ao queixo, sem lábios nem dentes; o olho direito fora arrancado e unia larga cicatriz marcava a face direita. O rosto torturado conservava um sentido humano, um ar ignobilmente zombeteiro. Pierre sentia alfinetadas glaciais em todo o couro cabeludo e perguntava a si mesmo: mas como é que esta obra veio aqui parar?

— É um bom livro - disse o vendedor. - O senhor vai-se divertir.

Pierre pôs-se a virar as páginas. Viu tipos sem nariz, sem olhos, ou sem pálpebras, com os globos oculares salientes como nas pranchas anatómicas. Estava fascinado, contemplava as fotografias uma a uma e indagava: mas como veio esta obra aqui parar? A fotografia mais horrorosa mostrava uma cabeça sem o maxilar inferior; o superior perdera o lábio, via-se um pedaço de gengiva com quatro dentes. "E ele vive", pensou. Este tipo vive. Ergueu os olhos: um espelho enfiado numa moldura refletiu-lhe a imagem; fixou-a apavorado...

— Pierre - disse Maud -, vem ver. Achei.

Ele hesitou. O livro queimava-lhe as mãos, mas não se decidia a largá-lo entre os outros, a afastar-se dele, a virar-lhe as costas.

— Vou indo.

Apontou o livro e perguntou ao vendedor:

— Quanto?

O rapaz andava aqui e lá como uma fera, no escritório pequeno. Irene lia um artigo interessante sobre as desgraças do militarismo. Parou e

levantou a cabeça:

— Dá-me vertigens.

— Não me irei embora - disse Philippe. - Não irei enquanto ele não me receber...

— Qual história! Quer vê-lo? Pois bem, ele está aí, atrás da porta; entre e vê-lo-á.

— Perfeitamente! - disse Philippe. Deu um passo em frente e parou:

— Eu... isso seria um erro, eu indispor-lo-ia. Oh! Irene, não quer pedir-lhe mais uma vez? Pela última vez, juro que é pela última vez.

— É infernal. Deixe isso. Pitteaux é um mau tipo: não compreende que é uma sorte para si que ele não o queira ver mais? Só lhe poderia fazer mal.

— Mal! - disse ele ironicamente. - Será que me podem fazer mal? Bem se vê que não conhece os meus pais: têm todas as virtudes, só me deixaram o partido do mal.

Irene olhou para os seus olhos:

— Imagina que eu não sei o que ele quer de si?

O rapaz corou mas não respondeu.

— Oh!, isso é consigo, afinal - disse ela, encolhendo os ombros.

— Vá pedir-lhe de novo, Irene - implorou Philippe.

— Vá pedir. Diga-lhe que estou a pensar em tomar uma decisão capital.

— E ele importa-se muito com isso.

— Vá dizer-lhe isso mesmo.

— Ela empurrou a porta e entrou sem bater.

Pitteaux ergueu a cabeça e fez uma careta:

— Que há? - perguntou com voz de trovão. Ele não a intimidava.

— Basta - disse ela. - Não precisa de berrar. É o garoto; estou farta de o aguentar. Não quer tomar conta dele por um minuto?

— Já disse que não.

— Ele afirma que vai tomar uma resolução capital.

— Que é que eu tenho com isso?

— Ora, arranje-se - disse ela impaciente. - Sou sua secretária, não sou a ama-seca do menino.

— Está bem - disse ele com os olhos faiscantes.

— Que entre! Ah! Vai tomar uma resolução capital! Pois eu, é uma execução capital que vou fazer.

Ela riu-se e voltou-se para Philippe:

— Entre.

O rapaz precipitou-se, mas parou à porta do escritório, religiosamente, e ela teve de empurrá-lo para o fazer entrar. Fechou a porta atrás dele e foi sentar-se à mesa. Quase imediatamente, começaram os berros do outro lado do tabique. Ela voltou ao seu trabalho com indiferença: sabia que a partida estava perdida para Philippe. Explorava Pitteaux sem escrúpulos, e ficava de boca aberta diante dele; Pitteaux quisera aproveitar-se disso para o possuir, por vício, simplesmente: não era sequer um pederasta. No último momento, o rapaz tivera medo. Era como todos os rapazolas, queria tudo sem dar nada. Agora suplicava a Pitteaux que continuasse seu amigo, mas Pitteaux mandou-o à fava. Ela ouviu-o gritar: "Patife, é um covarde, um pequeno-burguês, um filho de papá rico que brinca aos bandidos." Ela riu e datilografou algumas linhas do artigo. "Haverá monstros mais sinistros do que os oficiais superiores que condenaram Dreyfus?" "Ele não os poupa", pensou, satisfeita.

A porta abriu-se e fechou-se com ruído. Philippe estava diante dela. Tinha chorado. Debruçou-se sobre a secretária, apontando o indicador para Irene:

— Ele encostou-me à parede - disse ele com um ar feroz. - Ninguém tem o direito de fazer perder a paciência aos outros.

Inclinou a cabeça para trás e riu: "Ouvirão falar de mim."

— Não te rales - disse Irene suspirando.

A enfermeira fechou a tampa da mala: vinte e dois pares de sapatos; não devia dar muito trabalho aos sapateiros, quando um par estava gasto, lançava-o para a mala e comprava um novo; mais de cem pares de meias puídas no calcanhar e furadas no sítio do dedo grande, seis fatos bastante usados no armário e tudo sujo, um verdadeiro covil de celibatário. Podia muito bem deixá-lo cinco minutos; deslizou pelo corredor, entrou na casinha, levantou a saia, deixando a porta aberta por precaução. Aliviou-se rapidamente, ouvido atento ao menor ruído: mas Armand Viguier permanecia bem quietinho, estendido na cama, as mãos amarelas repousando nos lençóis, cabeça magra, barba grisalha, olhos fundos, sorrindo com um ar distante. As suas pernas curtas alongavam-se sob a

coberta, os pés formavam um ângulo de oitenta graus, as unhas crescidas - aquelas unhas terríveis dos dedos grandes, que ele costumava cortar a canivete, de três em três meses, e lhe furavam as meias há vinte e cinco anos. Tinha escaras nas nádegas, embora lhe tivessem passado uma almofada de borracha sob os rins, mas já não sangravam: estava morto. Sobre a mesa-de-cabeceira tinham colocado o seu monóculo e, dentro de um copo de água, a sua dentadura.

Morto. E a sua vida ali estava, em tudo, impalpável, terminada, dura e inteiriça como um ovo, tão compacta que todas as forças do mundo não poderiam fazer-lhe entrar um átomo e tão porosa que Paris e o universo passavam através dela, dispersa pelos quatro cantos da França e condensada por inteiro em cada ponto do espaço, uma grande feira imóvel e ruidosa; os gritos estavam ali, os risos, o apito das locomotivas e o estouro das granadas, a 6 de Maio de 1917, a zoadia sangrenta na sua cabeça, enquanto caía entre duas trincheiras, os ruídos estavam ali, congelados e a enfermeira, atenta, ouvia apenas um sussurro debaixo da saia. Levantou-se, não puxou a água por respeito à morte, e voltou a sentar-se à cabeceira de Armand, atravessando o grande sol imóvel que ilumina para sempre um rosto de mulher num bote, na Grande Jatte, em 20 de Julho de 1900. Armand Viguiet estava morto, a sua vida flutuava, encerrando dores imóveis, uma grande lista negra que trespassava todo o mês de Março de 1922, a sua dor intercostal, pequenas jóias indestrutíveis, o arco-íris sobre o cais de Bercy num sábado à tarde, choveu, os passeios estão escorregadios, dois ciclistas passam a rir, o rumor da chuva na varanda, numa tarde abafada de Março, uma melodia cigana que lhe traz lágrimas aos olhos, gotas de orvalho brilhando na grama, uma revoada de pombos na Praça de São Marcos. Ela abriu o jornal, ajustou os óculos, leu: "Ultima hora. O Sr. Chamberlain não conferenciou com o chanceler Hitler, esta tarde." Pensou no sobrinho, que seria, sem dúvida, mobilizado, pousou o jornal, suspirou. A paz estava ali, como o arco-íris, como o sol da Grande Jatte, como o braço loiro encrespado pela luz. A paz de 1939, de 1940 e de 1980, a grande paz dos homens; a enfermeira cerrava os lábios e pensava: "E a guerra", olhava ao longe, de olhos fixos, e o seu olhar passava através da paz. Chamberlain meneou a cabeça e disse: "Farei o que puder, naturalmente, mas não tenho grande esperança." Horace Wilson sentiu um desagradável calafrio percorrer-lhe a espinha; disse para si mesmo: "Se ele fosse sincero?" e a

enfermeira pensou: "O meu marido em 14, em 38 o meu sobrinho: terei vivido entre duas guerras." Mas Armand Viguiet sabe que a paz acaba de nascer, Chantal pergunta-lhe: "Com ideias como as tuas, porque lutaste?", e ele respondeu: "Para que seja a última guerra." Dia 27 de Maio de 1919. Para sempre. Ouve Briand a falar, pequenino na tribuna, sob um céu diáfano; está perdido no meio da multidão de peregrinos, a paz desceu sobre eles, tocam-na, vêem-na, e gritam: "Viva a paz." Para sempre. Está sentado no Jardim do Luxemburgo, numa cadeira de ferro, olha para sempre os castanheiros floridos, a guerra afundou-se no passado, ele estende as pernas curtas, olha as crianças que correm, pensa que não conhecerão nunca os horrores da guerra. Os anos vindouros são uma estrada real e tranquila, o tempo desdobra-se como um leque. Olha as suas velhas mãos aquecidas pelo sol, sorri e pensa: "Graças a nós. Não haverá mais guerra, nem durante a minha vida, nem depois." Dia 22 de Maio de 1938. Para sempre. Charles Viguiet estava morto e ninguém mais podia dar-lhe razão, ou achar que errara. Ninguém podia mudar o futuro indestrutível da sua vida morta. Um dia mais, um só dia, e todas as suas esperanças desmoronar-se-iam talvez, descobriria que a sua vida fora esmagada entre duas guerras, como entre o martelo e a bigorna. Mas morrera no dia 23 de Setembro de 1938, às quatro horas da manhã, após sete horas de coma. Carregara consigo a paz. A paz, toda a paz, a paz do mundo, implacável, fora de alcance. A campanha tocou, ela sobressaltou-se, devia ser a prima de Angers, a única parente, tinham-na prevenido na véspera por telegrama. Abriu a porta a uma mulherzinha de preto com um focinho de rato e cabelos caídos sobre o rosto.

— Sou Madame Verchoux.

— Sim, senhora.

— Posso vê-lo ainda?

— Pode. Está aí.

Madame Verchoux aproximou-se da cama, contemplou o rosto magro, os olhos fundos.

— Ele mudou muito.

Vinte horas e trinta em Juan-les-Pins, vinte e uma horas e trinta em Praga.

— Permaneçam atentos. Uma comunicação muito importante vai ser transmitida a seguir. Permaneçam atentos. Uma comunicação...

— Acabou-se - disse Milan.

Mantinha-se no vão da janela. Anna não respondeu. Baixou-se e começou a apanhar os cacos de vidro; juntou as pedras maiores no avental e deitou-as fora pela janela. A lâmpada tinha-se partido, o quarto estava escuro e azulado.

— Agora - disse ela - vou dar uma boa varredela. Repetiu: "Uma boa varredela", e começou a tremer.

— Vão-nos tirar tudo - disse ela a chorar -, vão partir tudo, vão-nos expulsar.

— Cala-te - disse Milan. - Por amor de Deus, não chores!

Aproximou-se do rádio e rodou os botões, as lâmpadas acenderam-se.

— Não está partido - disse satisfeito.

A voz meio azeda e mecânica encheu repentinamente o quarto: "Permaneçam atentos. Uma comunicação muito importante vai ser transmitida a seguir. Permaneçam atentos. Uma comunicação muito importante..."

— Ouve - disse Milan com voz alterada -, ouve!

Pierre andava a passos largos. Maud corria ao seu lado apertando as chinelas debaixo do braço. Estava feliz.

— São lindas - disse ela. - Ruby ficará cheia de inveja; ela comprou umas em Fez que não valem estas nem de longe. E depois são tão cómodas, enfia-se isto ao saltar da cama, não é preciso nem tocá-las com as mãos, ao passo que os outros chinelos não. Só é preciso ter jeito para não as perder, é preciso arquear os pés, pondo os dedos assim. Perguntarei à criada do hotel, que é árabe.

Pierre continuava a não responder. Ela deitou-lhe um olhar inquieto e continuou:

— Devias ter comprado umas também tu, que andas sempre descalço no quarto; sabes que ficam tão bem aos homens como às mulheres?

Pierre parou no meio da rua:

— Basta! - disse ele com voz de trovão. Ela também parou, perturbada.

— Que te aconteceu?

— Servem também para os homens! - disse Pierre imitando-a. - Ora bolas! Sabias muito bem em que eu estava a pensar enquanto tagarelavas! E

pensavas o mesmo que eu - acrescentou ele com violência. Passou a língua pelos lábios e sorriu ironicamente.

Maud quis falar, mas olhou para ele e calou-se, gelada.

— Só não se quer enfrentar a realidade. Principalmente as mulheres, quando pensam numa coisa, começam logo a falar doutra. Não é?

— Mas, Pierre - disse Maud aterrorizada -, tu estás louco? Não percebo o que dizes. O que imaginas tu que eu estava a pensar? Em que pensas?

Pierre tirou um livro do bolso, abriu-o e pô-lo em frente do nariz dela:

— Nisto.

Era uma fotografia de um rosto mutilado. O homem não tinha nariz, usava uma venda num olho.

— Tu... tu compraste isso? - perguntou ela, estupefata.

— E então! Sou um homem; eu não tenho medo; quero ver a cara que terei no ano que vem.

Agitava a fotografia diante dos olhos de Maud:

— Amar-me-ás, quando eu estiver assim?

Ela receava compreender, teria dado tudo para que ele se calasse.

— Responde! Amar-me-ás?

— Cala-te - disse ela -, suplico-te que te cales.

— Esses homens vivem para sempre em Val-de-Grâce. Só saem à noite, e, mesmo assim, de máscara.

Ela quis tirar-lhe o livro das mãos, mas ele agarrou-o e pô-lo no bolso. Olhou-o, com os lábios a tremer, esforçava-se por não desatar aos soluços.

— Oh, Pierre! - disse docemente. - Tens então medo?

Ele calou-se bruscamente e lançou-lhe um olhar estúpido. Permaneceram imóveis por um momento, depois ele disse com uma voz pastosa:

— Todos os homens têm medo. Todos. Aquele que não tem medo não é normal; isso não tem nada a ver com a coragem. E tu, tu não tens o direito de me julgar porque não vais para a guerra.

Recomeçara a andar em silêncio. Ela pensava: "É um covarde!" Olhava para a fronte bronzeada, o seu nariz florentino, a sua bela boca, e pensava: "É um covarde. Como Lucien. Não tenho sorte."

O busto de Odette emergia na luz, enquanto o resto do seu corpo se diluía na sombra da sala de jantar, estava debruçada na varanda a ver o

mar, Gros-Louis pensava: "Que guerra!" Caminhava e a luz vermelha do sol-poente dançava nas suas mãos, na sua barba, Odette sentia nas costas o bom quarto sombrio, o bom refúgio, a toalha branca que luzia debilmente no escuro, mas ela erguia-se na luz, a luz, o saber e a guerra, entravam-lhe pelos olhos, pensava que ele ia partir, a luz elétrica formava coágulos na fluidez do dia moribundo, coágulos como gemas de ovos, Jeannine rodara o botão do comutador, as mãos de Marcelle agitavam-se sob a luz amarela da lâmpada, pediu o sal e as suas mãos projetaram sombras na toalha, Daniel disse: "É bluff, há que aguentar, ele cederá." A luz dura que raspa os olhos como lixa, é assim, no Sul, até ao último minuto. E meio-dia e, de repente, a noite cai, Pierre tagarelava, queria fazer crer que recuperara a calma, mas ela caminhava ao seu lado, em silêncio, e fixava nele um olhar tão duro como a luz.

Quando chegaram à praça, ela teve medo que ele lhe propusesse passarem a noite juntos, mas Pierre tirou o chapéu e disse com frieza: "Como nos temos de levantar cedo amanhã, e ainda tens de arranjar as malas, acho melhor ires dormir com as tuas companheiras." Ela respondeu: "Eu também acho melhor." Ele disse: "Até amanhã." "Até amanhã no navio", disse ela.

"Permaneçam atentos. Uma comunicação muito importante vai ser transmitida", estava deitado, as mãos sob a nuca, sentia-se todo cinzento disse: "Esta bonequinha é muito querida." Ela tremeu e disse: "É..." Como todas as noites, ela tinha medo.

"Gosto muito dela, sim!" Às vezes concordava, às vezes dizia não, mas desta vez não ousaria. "Então, e a pequena carícia, a pequena carícia da noite?" Ela suspirou, envergonhada, era divertido. "Hoje não", disse ela. "Pobre boneca, pobre boneca, tão agitada que ela está hoje, far-lhe-ia bem. Para adormecê-la, não quer? Não? Sabe que isso me acalma sempre...", disse ele. Ela assumiu o seu ar de enfermeira-chefe, como quando o ajeitava na bacia, a sua cabeça ficou firme sobre os ombros, não fechava os olhos, mas era como se preparasse para não ver nada e as suas mãos desabotoaram-no com agilidade, mãos de especialista, o rosto tão triste, era divertido de verdade, a mão entrou, tão suave, um creme de amêndoas, Odette sobressaltou-se e disse:

"Assustou-me; Jacques está consigo?" Charles suspirou, Mathieu disse que não. "Não", disse Maurice, "é preciso fazer o que se deve fazer". Tinha

colocado a chave por cima do quadro: "Continua a feder a latrina, que porcaria." "E o menino de Madame Salvador", disse Zézette, "põe-no na rua quando recebe os seus homens, e ele então arreia as calças por todo o lado para se distrair."

Subiram a escada: "Permaneçam atentos, uma comunicação..."

Milan e Anna debruçaram-se sobre o aparelho, os rumores de vitória entravam pela janela: "Baixa isso mais", disse Anna, "não devemos provocá-los", a mão doce, doce como um creme de amêndoas, Charles cresceu, floriu, o enorme fruto desabrochou, a casca ia estoirar, um fruto bem ereto para o céu, um fruto suculento, toda uma primavera de sufocante doçura, o silêncio, o tilintar dos garfos e o longo ruído no aparelho, a carícia do vento no grande fruto aveludado, macia, Anna sobressaltou-se e apertou o braço de Milan.

"Cidadãos. O Governo checoslovaco resolve proclamar a mobilização geral; todos os homens com menos de quarenta anos e especialistas de todas as idades devem apresentar-se imediatamente. Todos os oficiais, sargentos e soldados da reserva, e da segunda reserva de todas categorias, todos os licenciados devem apresentar-se sem demora nos seus centros de equipamento. Devem apresentar-se vestidos com roupas usadas, munidos dos seus papéis militares e de víveres para dois dias. O prazo para a apresentação terminará às quatro e trinta da madrugada. Todos os veículos, automóveis ou aviões estão mobilizados. A venda de gasolina é permitida com autorização escrita pelas autoridades militares. Cidadãos! Estamos no momento decisivo. O êxito depende de todos. Que todos ponham as suas forças ao serviço da pátria. Sede bravos e fiéis. A nossa luta é uma luta pela justiça e pela liberdade. Viva a Checoslováquia!"

Milan levantou-se, estava afogueado, pôs as mãos nos ombros de Anna, disse-lhe:

— Enfim! Anna, enfim!

Uma voz de mulher repetiu o decreto em eslovaco, já não compreendiam mais nada, salvo algumas palavras, de vez em quando, mas era como uma marcha militar. Anna repetiu: "Enfim! Enfim!", e as lágrimas rolaram-lhe pela cara. Depois entenderam de novo: Die Regierung hat entschlossen, era alemão, Milan rodou o botão completa-mente, e o aparelho pôs-se a berrar, a voz esmagava de encontro às paredes as odiosas canções deles, os seus ruídos de festa, saíria pela janela, partiria as vidraças

dos Jàgerschmitt, iria encontrá-los no seu salão muniquense em pequena reunião familiar, e gelar-lhes-ia os ossos. O cheiro a latrina e a leite azedo esperava-o, aspirou-o profundamente e sentiu-o penetrar, como uma vassourada, purificando-o dos perfumes loiros e limpinhos da Rua Royale, era o cheiro da miséria, era o seu cheiro. Maurice pôs-se à porta do seu quarto, enquanto Zézette metia a chave na fechadura, e Odette dizia alegremente: "Para a mesa, então! Para a mesa! Jacques, vais ter uma surpresa", sentia-se forte e duro, tinha reencontrado o mundo da cólera e da revolta; no segundo andar, os meninos gritavam porque o pai voltara bêbado; no quarto vizinho, ouviam-se os passos de Maria Pranzini, cujo marido, pedreiro, tinha caído de um telhado, o mês passado, os ruídos, as cores, os odores, tudo parecia verdadeiro, ele acordara, havia redescoberto o mundo da guerra.

O velho voltou-se para Hitler, olhava para o rosto mau e infantil, aquela cara de mosca, e sentia-se chocado até ao fundo da alma. Ribbentrop entrara, disse algumas palavras em alemão e Hitler fez um sinal ao Dr. Schmitt: "Acabamos de ser informados", disse o Dr. Schmitt em inglês, "que o Governo do Sr. Benes acaba de decretar a mobilização geral". Hitler abriu os braços em silêncio, como um homem que deplora que o acontecimento lhe dê razão. O velho sorriu amavelmente e um clarão vermelho abrasou-lhe os olhos. Um clarão de guerra.

Restava-lhe ficar ali irritado, como o Fuhrer, restava-lhe abrir os braços como se dissesse: "Pois bem, é assim!", e a pilha de pratos, que ele mantinha em equilíbrio há dezassete dias, ruiria sobre o soalho. O Dr. Schmitt contemplava-o com curiosidade, pensava que devia ser tentador abrir os braços quando se carregava uma pilha de pratos há dezassete dias:

"Eis o momento histórico", pensava que se havia chegado ao último recurso, à liberdade pura e simples de um velho comerciante de Londres. Agora o Fuhrer e o velho olhavam-se em silêncio e não era necessário nenhum intérprete. O Dr. Schmitt recuou um passo. Sentou-se num banco da Praça Gélu e pousou o banjo ao seu lado. Reinava uma escuridão azulada sob os plátanos, havia música e era tarde, os mastros dos barcos de pesca saíam do chão, muito direitos, pretos, e do outro lado porto janelas cintilavam às centenas. Um menino fazia correr a água da fonte; no banco ao lado, outros negros vieram sentar-se e saudaram-no. Não tinha fome, não tinha sede, banhara-se atrás do molhe, encontrara um sujeito grandão

e hirsuto que parecia ter caído da Lua e lhe oferecera vinho, tudo isso era bom. Tirou o banjo do estojo, tinha vontade de cantar. Um instante, só um instante, tosse, limpa a garganta, vai cantar num instante, Chamberlain, Hitler e Schmitt esperavam a guerra em silêncio, ela ia chegar num instante, o pé inchava mas a coisa ia, num instante tirá-lo-ia do sapato, Maurice, sentado na cama, puxava com toda a força, num instante Jacques teria acabado de comer a sopa, Odette não ouviria mais aquele sussurrozinho irritante, o fogo de artifício, o formigueiro dos foguetes prestes a partir, num instante os sóis filtrariam rodopiando até ao teto, a sua boneca, num instante haveria um cheiro a absinto e uma cola quente e abundante inundaria as suas coxas paralisadas e a voz subiria, rica e eterna, através da folhagem dos plátanos; um instante, Mathieu comia, Marcelle comia, Daniel comia, Boris comia, Brunet comia, tinham almas instantâneas que pequeninas volúpias pastosas enchiam até à borda, um instante e ela chegaria coberta de aço, temida por Pierre, aceite por Boris, desejada por Daniel, a guerra, a grande guerra dos sempre-em-pé, a guerra maluca dos brancos. Um instante; estoirara no quarto de Milan, escapava por todas as janelas, derramava-se com fragor em casa dos Jàgerschmitt, rondava pelas fortificações de Marraquexe, soprava sobre o mar, esmagava os prédios da Rua Royale, enchia as narinas de Maurice com o seu cheiro a latrina e leite azedo, nos campos, nos estábulos, nos pátios das quintas, ela não existia, era jogada, a cara e a coroa, entre dois espelhos, nos salões ornamentados do Hotel Dreesen. O velho passou a mão pela testa e disse com voz clara: "Pois bem, se o senhor quiser, vamos discutir, um por um, os artigos do seu memorando." E o Dr. Schmitt percebeu que a hora dos intérpretes voltara a soar.

Hitler aproximou-se da mesa, e a bela voz grave subiu ao ar puro; no quinto andar do Hotel Massilia, uma mulher que tomava ar fresco na varanda ouviu-a e disse: "Gomez!, vem ouvir o negro, canta bem!" Milan pensou na sua perna, e a alegria desapareceu-lhe, apertou com força o ombro de Anna e disse: "Não hão-de querer saber de mim, já não sirvo para nada." E o negro cantava. Charles Viguiet estava morto, as suas duas mãos pálidas repousavam sobre os lençóis, as duas mulheres velavam-no falando dos acontecimentos, tinham logo simpatizado uma com a outra, Jeannine pegou numa toalha e limpou as mãos, em seguida pôs-se a esfregar-lhe as coxas, Chamberlain dizia: "No que se refere ao primeiro

parágrafo, apresentarei duas objeções" e o negro cantava: Bei mir, bist du schön; isto significa: "Para mim, é a mais bonita."

Duas mulheres pararam, ele conhecia-as, Anina e Dolores, duas prostitutas da Rua Eacydon, Anina disse-lhe: "Estás a cantar?", e ele não respondeu, cantava e as duas mulheres sorriam para ele, e Sarah chamou impaciente: "Gomez, Pablo, venham já, que é que estão a fazer? Está aqui um negro a cantar, é uma beleza.

Sábado, 24 de Setembro

Em Crevilly, ao soarem seis horas, o velho Croulard entrou na esquadra e bateu à porta do escritório. Pensava: "Acordaram-me." Pensava que lhes diria: "Porque me acordaram?" Hitler dormia, Chamberlain dormia, o seu nariz produzia uma musicazinha de flauta, Daniel sentara-se na cama, inundado de suor, pensando: "Foi só um pesadelo!"

— Entre! - disse o oficial. - Ah!, és tu, velho Croulard? Pois vai ser preciso fazer força.

Ivich gemeu um pouco e virou-se de lado.

— Foi o rapaz quem me acordou - disse o velho Croulard. Olhou o oficial com rancor: - Deve ser muito importante!

— Ah!, meu velho Croulard - disse o oficial -, precisa de engraxar as botas!

Croulard não gostava do oficial. Disse:

— Isso de botas não é comigo. Não tenho botas, só uso tamancos.

— Será preciso engraxar as botas - repetiu o oficial -, estamos no mato sem cachorro!

Sem bigode, parecia uma mulher. Usava monóculo e tinha o rosto rosado como a professora. Inclina-se para a frente, de braços abertos, apoiando-se à mesa com a ponta dos dedos.

Croulard olhava-o e pensava: "Foi ele quem me mandou acordar."

— Ele disse-lhe que trouxesse a cola?

Croulard segurava o frasco de cola atrás de si; mostrou-o em silêncio.

— E os pincéis? - perguntou o oficial. - E preciso andar depressa! Não vai ter tempo de voltar a casa.

— Os pincéis estão no meu blusão - disse Croulard com dignidade. - Despertaram-me de repente, mas, mesmo assim, não esqueceria os pincéis.

O oficial estendeu-lhe o rolo:

— Cole um na fachada da Câmara, dois na praça, e um na casa do notário.

— Do notário Belhome? É proibido colar cartazes aí.

— Que me importa? - disse o oficial; parecia nervoso e alegre e disse: - Tomo a responsabilidade, toda a responsabilidade.

— É mesmo a mobilização?

— Faça o que eu disse. Vai custar caro, vais custar caro.

— Oh! - disse Croulard. - Eu e o senhor, penso que vamos ficar aqui.

Bateram à porta e o tenente foi abrir. Era o presidente da Câmara. Estava de tamancos, mas pusera a faixa oficial por cima do blusão. Disse:

— Que me veio dizer o rapaz?

— Eis os cartazes - disse o tenente.

O prefeito pôs os óculos e começou a ler os cartazes. Leu a meia voz: "Mobilização geral", e pousou-os novamente na mesa como se tivesse medo de se queimar. Disse:

— Estava a trabalhar no campo, vim buscar a minha faixa.

O velho Croulard estendeu a mão, enrolou os cartazes e pô-los debaixo do braço. Disse ao prefeito:

— Eu também dizia para mim mesmo que não era normal acordarem-me tão cedo.

— Vim buscar a minha faixa - disse o prefeito. Olhou inquieto para o tenente: - Elas não falam de requisições.

— Há outro cartaz - disse o tenente.

— É o diabo! É o diabo! Essa história vai então recomeçar!

— Eu fiz a guerra, eu. - disse o velho Groulard. - Cinquenta e dois meses sem um ferimento. - Franziu os olhos, excitado pela lembrança.

— Eu sei, eu sei - disse o prefeito. - Fez a outra guerra, mas não fará esta. E depois, que importância têm as requisições para si?

O tenente bateu na mesa com autoridade:

— É preciso fazer alguma coisa. Alguma coisa.

O prefeito parecia desorientado. Enfiara as mãos na faixa e fazia-se de importante:

— O homem que toca tambor está doente - explicou ele.

— Eu sei tocar - disse Croulard. - Posso substituí-lo. - Sorriu: - há dez anos que sonhava com isso.

— Tambor? - disse o tenente. - O senhor vai mandar é dobrar o sino. É isso que o senhor vai fazer!

Chamberlain dormia, Mathieu dormia, o cabila encostou a escada ao autocarro, pôs a mala ao ombro e subiu sem a ajuda das mãos. Ivich dormia, Daniel pôs as pernas fora da cama, o sino batia desesperadamente na sua cabeça, Pierre olhava para a planta dos pés, rósea e negra, do cabila, e pensava: "É a mala de Maud." Mas Maud não estava ali, partiria um

pouco mais tarde com Doucette, France e Ruby no carro de um velho muito rico que era amante de Ruby; em Paris, Nantes, Mâcon, os homens colavam cartazes brancos nas paredes, os sinos dobravam em Crevilly, Hitler dormia, Hitler era uma criança, tinha quatro anos. Haviam-lhe vestido a sua roupa mais bonita, um cão negro passou, ele quis agarrá-lo com a rede de apanhar borboletas; os sinos dobravam, Madame Reboulrier acordou assustada e disse:

— Está alguma coisa a arder.

Hitler dormia, cortara em tiras, com uma tesoura de unhas, as calças do pai, Leni von Riefenstahl entrou, apanhou as tiras de flanela e disse: "Vais ter de comê-las em salada."

Os sinos dobravam, dobravam, dobravam, Maublanc disse para a mulher:

— Aposto que foi a serração que ardeu.

Foi para a rua. Madame Reboulrier, de camisa cor-de-rosa, por trás da persiana, viu-o passar e chamar o carteiro que corria.

Maublanc gritou:

— Eh! Anselme!

— É a mobilização - gritou o carteiro.

— O quê? Que disse ele? - perguntou Madame Reboulrier ao marido, que viera juntar-se a ela. - Não é incêndio?

Maublanc olhou para os dois cartazes e leu-os a meia voz, depois deu meia volta e regressou a casa. A sua mulher estava à porta, ele disse-lhe: "Diz a Paul que atrele a carroça."

Ouviu um ruído e voltou-se: era Chapin, na sua carroça; falou-lhe: "Ena! levantaste-te cedo, estás assim com tanta pressa?" Chapin não respondeu. Maublanc olhou para a traseira da carroça: dois bois acompanhavam-na amarrados a uma corda. Disse a meia voz: "Bichos danados e bonitos." "Podes dizê-lo", atalhou Chapin com cólera, "podes dizer que são uns belos animais". Os sinos dobravam, Hitler dormia, o velho Fraigneau dizia ao filho: "Se me levam os dois cavalos e a ti, como é que eu vou trabalhar?" Nanette batia à porta e Madame Reboulrier disse-lhe: "És tu, Nanette? Vá à praça ver porque tocam os sinos." E Nanette respondeu: "Mas a senhora não sabe? É a mobilização geral."

Como todas as manhãs. Mathieu pensava: "Como todas as manhãs."

Pierre encostara-se à vidraça: olhava, pela janela, os árabes sentados no chão ou nos baús coloridos, esperando o carro para Ouarzazat; Mathieu abriu os olhos, olhos de recém-nascido, ainda cegos, pensava: "Para quê?", como todas as manhãs. Uma manhã de terror, uma flecha de fogo atirada contra Casablanca, Marselha, o autocarro trepidava aos seus pés, o motor funcionava, lá fora, o motorista, um tipo alto com um boné cinzento de viseira de couro, acabava de fumar o cigarro sossegadamente. Pierre pensava: "Maud despreza-me." Uma manhã como todas as manhãs, estagnada e viva, uma pomposa cerimónia quotidiana com clarins e fanfarra e o despertar público do sol.

Houvera outrora outras manhãs: começos; o despertador tocava, Mathieu levantava-se de um pulo, os olhos duros, sem cansaço, como ao toque de um clarim militar. Já não havia começos, nada mais a empreender. E, no entanto, ia ser preciso levantar-se, tomar parte na cerimónia, abrir caminhos e atalhos nesse calor, fazer todos os gestos do culto, como um padre que perdeu a fé. Pôs as pernas fora da cama, ergueu-se, tirou o pijama. "Para quê?" E deixou-se cair novamente de costas, todo nu, as mãos sob a nuca, começou a distinguir o teto, através de uma bruma branca. "Exausto. Completamente exausto. Antes, eu carregava os dias às costas, fazia-os passar de uma margem para a outra; agora são eles que me carregam." O autocarro trepidava, batia, dava socos sob os seus pés, o soalho queimava, parecia-lhe que as solas dos pés se rachavam com o calor, o grande coração covarde de Pierre batia, dava socos, dava socos de encontro às almofadas mornas, o vidro queimava e no entanto ele sentia-se gelado, e pensava: "Começa." Acabaria num buraco, perto de Sedan ou de Verdun, e ainda estava no começo. Ela tinha-lhe dito: "Você é então covarde", olhando-o com desprezo. Lembrou-se do rostinho sério, febril, de olhos sombrios, lábios finos, sentiu uma pontada no coração e o autocarro arrancou. Fazia ainda bastante frio; Louison Corneille, a irmã da guarda-cancela, que tinha vindo de Lisieux para ajudar a mana doente a tomar conta da casa, saiu para abrir a passagem de nível e disse: "O frio até corta!" Estava de bom humor porque estava noiva. Há dois anos que estava noiva, mas cada vez que pensava nisso ficava bem-humorada. Pôs-se a dar à manivela e depois parou. Estava certa de que havia alguém na estrada, atrás de si. Não pensara em olhar ao sair de casa, mas tinha a certeza.

Voltou-se e ficou sem fôlego: havia mais de cem carroças, carretas, carros de bois, velhos trens que esperavam, imóveis, em fila. Os homens estavam sentados, muito direitos nos bancos, de chicote na mão, ar zangado, em silêncio. Havia outros a cavalo e outros a pé, puxando os seus bois. Era tão engraçado que teve medo. Girou a manivela depressa e saltou para o lado da estrada. Os homens chicotearam os cavalos e as carroças começaram a andar diante dela, o autocarro rodava entre as estepes vermelhas, os árabes formigavam atrás de si, Pierre disse: "Malandros do diabo, nunca estou tranquilo quando os sinto atrás de mim, sabe Deus o que preparam!" Pierre lançou uma olhadela para o fundo do carro: estavam ali amontoados, já cinzentos e esverdeados, de olhos fechados. Uma mulher de véu deixara-se escorregar entre os sacos e as bagagens, de costas, viam-se-lhe as pálpebras cerradas por cima do véu. "Que porcaria, daqui a cinco minutos vão começar a vomitar, essa gente não tem estômago." Louison reconhecia-os ao passarem, eram os rapazes de Crevilly, podia chamar pelo nome de cada um deles, mas eles não tinham o seu aspecto habitual, o grandalhão vermelho era o filho de Chapin, dançara com ele na noite de São Martinho, gritou-lhe: "Eh! Mareei, estás muito orgulhoso!" Ele voltou-se e olhou-a de um modo intimidante.

Ela disse: "Será que vai para a farra?" Ele respondeu: "Tens razão, sim, é mesmo uma farra." A carreta atravessou os carris às sacudidelas, dois bois seguiam-na, dois belos animais.

Outras carretas passaram, ela olhava-as protegendo os olhos com as mãos. Reconheceu Maublanc, Tournus, Cauchois, eles não lhe ligaram, passavam, bem direitos nos bancos, pegando nos chicotes como em cetros, tinham cara de reis maus. O seu coração parecia apertar-se e gritou-lhes: "E a guerra?" Mas ninguém lhe respondeu.

Passaram nos seus carros mancos, aos saltos, acompanhados pelos bois com um ar cómico de nobreza, desapareceram, uns após os outros, na curva da estrada; ela ficou um momento a olhar, com a mão a proteger os olhos, contra o sol-nascente, o autocarro corria como o vento, virava, rodava a roncar, ela pensava em Jean Matrat, o seu noivo, que fazia o serviço militar em Angoulême, num regimento de sapadores, as carretas voltaram a aparecer, como moscas na estrada branca, coladas ao flanco da colina; o autocarro enfiou-se por entre os rochedos escuros, virou, virou, e a cada curva os árabes eram lançados uns contra os outros e gemiam com

uma voz patética. A mulher de véu levantou-se subitamente e da sua boca, invisível sob a musselina branca, saíram horríveis imprecações; agitou os braços grossos como coxas, por cima da cabeça, as mãos pequenas e roliças dançavam, com as suas unhas pintadas; por fim, arrancou o véu, debruçou-se na janela e pôs-se a vomitar gemendo. "Pronto", disse Pierre, "vão-se estripar em cima de nós". As carreiras não avançavam, pareciam coladas à estrada.

Louison contemplou-as durante longo tempo: moviam-se, moviam-se sem dúvida, alcançavam, uma após outra, o cimo da colina e desapareciam. Louison deixou cair a mão e os seus olhos ofuscados piscaram, em seguida, voltou para dentro para tratar das crianças. Pierre pensava em Maud, Mathieu pensava em Odette, sonhara com ela, agarravam-se pela cintura e cantavam a barcarola dos Contos de Hoffmann no pontão do Provençal. Agora estava nu, suando na cama, olhava para o teto e Odette fazia-lhe companhia. "Se não morri de tédio, é bem a ela que o devo." Um rumor cinzento tremia ainda nos seus olhos, um resto de ternura ainda bulia no seu coração. Uma ternura pálida, uma triste ternura de sonho de um instante, um pretexto para ficar estendido de costas por mais um pouco. Dentro de cinco minutos a água fria escorrer-lhe-ia pela nuca e pelos olhos, a espuma do sabão crepitaria nos seus ouvidos, o dentrífico empastar-lhe-ia as gengivas, não teria mais ternura por ninguém. Cores, luzes, odores, sons. E palavras, palavras amáveis, sérias, sinceras, divertidas, palavras até à noite. Mathieu... pfff! Mathieu era um futuro. Não há mais futuro. Mathieu só existe em sonho, entre a meia-noite e as cinco da manhã. Chapin pensava: "Dois belos animais!"

Estava-se pouco ligando para a guerra: depois se veria. Mas aqueles animais, cuidava deles há cinco anos, castrara-os ele próprio, isso cortava-lhe o coração. Chicoteou o cavalo e obrigou-o a puxar para a esquerda, a sua carroça passou lentamente pela de Simenon. "Que história é essa?", disse Simenon. "Estou farto, gostaria de já ter chegado!" "Vais cansar os animais", tornou Simenon. "Pouco me importa agora", disse Chapin. Tinha vontade de ultrapassar todos. Pusera-se de pé, dava estalos com a língua e gritava: "Vá! Vá!", ultrapassou a carroça de Popaul, desviou-se da carroça de Poulaille. "Estás a fazer uma corrida?", perguntou Poulaille.

Chapin não respondeu e Poulaille gritou atrás dele: "Cuidado com os animais, vais estourá-los!" e Chapin pensou: "Que rebentem!" Batiam;

Chapin ia à frente e os outros seguiam-no e batiam nos seus cavalos por imitação; batiam, Mathieu levantara-se, esfregava os olhos, batiam; o autocarro derrapou para não ir contra um árabe de bicicleta que transportava uma muçulmana gorda de véu; batiam. Chamberlain sobressaltou-se e disse: "Quem é? Quem está a bater?", e uma voz respondeu: "São sete horas. Excelência." À entrada do quartel havia uma cancela de madeira. Uma sentinela guardava-a. Chapin puxou as rédeas e berrou: "C'os diabos!" "Ena", disse a sentinela, "de onde é que tu vens com essa pressa?" "Vamos, levanta essa cancela", disse Chapin. "Não tenho ordens", disse a sentinela.

"Já te disse para levatares isso." Um sargento saiu do posto de guarda. Todas as carroças tinham parado; ele observou-as por um instante e depois assobiou: "Que é que vocês vêm aqui fazer?", perguntou. "Estamos mobilizados", disse Chapin, "será que já não precisam de nós?" "Tens a caderneta?", perguntou o sargento. Chapin passou revista aos bolsos, o sargento olhava para aqueles homens silenciosos, sombrios, orgulhosos, imóveis, que pareciam apresentar armas e sentiu-se orgulhoso sem saber porquê. Deu um passo em frente e gritou: "E os outros? Todos têm as suas cadernetas? Peguem nelas." Chapin encontrara a sua. O sargento pegou nela e folheou-a: "Pois bem, você é o número três, seu idiota, tem assim tanta pressa? É para a próxima vez." "Estou-lhe a dizer que estou mobilizado", disse Chapin. "Sabe melhor do que eu?", tornou o sargento. "Naturalmente que sei, li no cartaz", disse Chapin.

Atrás deles, os homens impacientavam-se, Poulaille gritou: "Então, acaba ou não acaba?" "Leu no cartaz?", perguntou o sargento. "Pois olha aí o cartaz, lê-o se é que sabes ler." Chapin largou o chicote, saltou para o chão, aproximou-se da parede. Havia três cartazes. Dois a cores: "Assentai praça no exército colonial!" e um branco: "Chamada imediata de certas categorias de reservistas." Ele leu vagarosamente, a meia voz, meneando a cabeça: "Não foi esse que colaram lá na terra!"

Maublanc, Poulaille, Fraigneau tinham descido das carroças, olharam para o cartaz e disseram: "Esse não é o nosso." "De onde é que vocês vêm?", indagou o sargento. "De Crevilly", disse Poulaille. "Não sei, não", disse o sargento, "mas tenho a ideia de que há lá no posto de Crevilly um bom imbecil! Enfim! Entreguem as vossas cadernetas e vamos ter com o tenente". Na grande Praça de Crevilly, as mulheres cercavam Madame

Reboulrier, que tanta caridade fazia no lugar, ali estavam a Marie, a Stéphanie, a mulher do vendedor de cigarros e a Jeanne Fraigneau. Marie chorava docemente, Madame Reboulrier pusera o seu grande chapéu preto, falava agitando a sombrinha: "Não chore, Marie, é preciso cerrar os dentes. Sim, cerrar os dentes. O seu marido voltará cheio de citações no boletim do exército e de medalhas. E talvez não seja ele o mais desgraçado, verás. Porque, desta vez, todos estão mobilizados, homens e mulheres."

Apontou a sombrinha para leste e sentiu-se vinte anos mais nova: "Vai ver, vai ver, talvez sejam os civis que ganharão a guerra!" Mas Marie assumira o seu ar de estupidez profunda, os soluços sacudiam-lhe os ombros e ela olhava o monumento aos mortos através das lágrimas, e conservava um silêncio irritante.

"Às ordens", disse o tenente. Apertava o auscultador contra o ouvido e repetia: "Às ordens." E a voz mole e furiosa não parava: "E está a dizer-me que partiram? Meu pobre amigo, belo trabalho! Ah!, não posso deixar de lhe dizer que é um golpe capaz de acabar com a sua carreira!" O velho Croulard atravessava a praça com as brochas e um rolo branco debaixo do braço. Marie gritou-lhe: "O que é isso?"

Madame Reboulrier viu com impaciência que nos olhos dela brilhava uma estúpida esperança. O velho Croulard ria satisfeito, mostrou o rolo branco e disse: "Não é nada. Foi o tenente que se enganou no cartaz!" O tenente desligou o telefone e sentou-se, tinha as pernas moles: "Um golpe capaz de liquidar a sua carreira!" Levantou-se, foi até à janela aberta: no muro em frente, fresquinho, ainda húmido, branco como a neve, o cartaz brilhava: "Mobilização geral." A cólera subiu-lhe à garganta, pensava: "Disse-lhe para tirar aquele antes de todos os outros, mas o desgraçado vai deixá-lo para o fim." Subitamente, saltou pela janela, correu para o cartaz e pôs-se a rasgá-lo. Croulard mergulhou a brocha na cola, Madame Reboulrier olhava-o aborrecida, o tenente raspava, raspava, tinha bolinhas de papel nas unhas; Blomart e Cormier tinham ficado no quartel; os demais haviam voltado aos seus cavalos e entreolhavam-se hesitantes; tinham vontade de rir e de se zangarem, sentiam-se vazios como depois da feira. Chapin aproximou-se dos seus bois e acariciou-os. Tinham o focinho e o peito cheios de baba, pensou tristemente: "Se soubesse, não os teria castigado tanto." "Que vamos fazer?", perguntou Poulaille atrás dele. "Não podemos voltar já", disse Chapin, "é preciso deixar que os animais

descansem". Fraigneau olhava para o quartel e enchia-se de recordações, deu uma cotovelada em Chapin, rindo manhosamente: "Se a gente fosse até lá?" "Até lá onde, homem?", indagou Chapin. "Ora, ao bordel!", disse Fraigneau. Cercaram-no todos, dando-lhe pancadinhas nas costas, riam e diziam: "Fraigneau danado! Tem sempre boas ideias!" O próprio Chapin desanuviou-se: "Eu sei onde é, pessoal, subam para as carroças que eu vou à frente!"

Oito horas e trinta. Um esquiador girava em volta do trampolim, puxado por um barco; de quando em quando, Mathieu ouvia o roncar do motor e em seguida o barco afastava-se, o esquiador transformava-se num ponto escuro e não se ouvia mais nada. O mar, raso, duro e branco, parecia uma pista de patinagem deserta. Dentro em pouco, tornar-se-ia azulado, pôr-se-ia a marulhar, far-se-ia líquido e profundo e seria o mar de todo o mundo, cheio de gritos, manchado de cabecinhas pretas. Mathieu atravessou o terraço, seguiu durante algum tempo pelo passeio. Os cafés estavam ainda fechados, dois automóveis passaram. Saíra sem objetivo preciso: para comprar o jornal, para respirar o cheiro forte dos sargaços e eucaliptos que se arrastava pelo porto e para fazer horas. Odette dormia ainda, Jacques trabalhava até às dez horas. Voltou para uma rua comercial que ia até à estação, cruzou-se com duas jovens inglesas que riam; quatro pessoas tinham-se reunido em volta de um cartaz. Mathieu aproximou-se: sempre o faria passar mais um momento. Um homenzinho barbudo meneava a cabeça. Mathieu leu:

"Por ordem do ministro da Defesa Nacional e da Guerra e do ministro da Força Aérea, os oficiais, sargentos e soldados da reserva, portadores de uma ordem ou caderneta de mobilização de cor branca, trazendo carimbado o número dois, deverão pôr-se a caminho imediatamente, sem demora, sem aguardar notificação individual.

Dirigir-se-ão ao local de convocação indicado na sua caderneta ou ordem de mobilização, nas condições determinadas por este documento.

Sábado, 24 de Setembro de 1938, nove horas.

O ministro da Defesa Nacional, da Guerra e da Força Aérea."

"Ta, ta, ta, ta", murmurou o homenzinho com um ar de censura. Mathieu sorriu-lhe e releu com atenção: era um daqueles documentos de que se devia tomar conhecimento, e que há algum tempo enchiam os jornais sob o título "Declaração do Foreign Office" ou "Comunicação do

Quai d'Orsay". Era sempre necessário lê-los duas vezes para entender. Mathieu leu: "Dirigir-se-ão ao local de convocação indicado", e pensou: "Mas eu tenho a ordem n.º 2!" Subitamente, o cartaz começou a visá-lo, era como se tivessem escrito o seu nome na parede, entre insultos e ameaças. Mobilizado: estava ali, na parede - talvez já se pudesse ler isso também no seu rosto. Corou e afastou-se rapidamente. "Ordem n.º 2. Pronto. Começo a ficar tonto." Odette ia olhá-lo com uma emoção contida. Jacques assumiria o seu ar de domingo e dir-lhe-ia: "Meu velho, não tenho nada a dizer-te." Mas Mathieu sentia-se modesto e não tinha vontade de entontecer. Virou à esquerda, na primeira rua, e apertou o passo: na calçada da direita havia outro pequeno grupo zumbindo diante de um cartaz. Na França inteira. Aos pares. Aos magotes. Diante de milhares de cartazes. E em cada grupo há pelo menos um tipo que apalpa a sua caderneta militar através do tecido do casaco, e se sente tonto. Rua do Correio. Dois cartazes, dois agrupamentos. Falava-se ainda deles. Enveredou por uma viela comprida e sombria. Pelo menos aquela, tinha a certeza, teria sido poupada pelos coladores de cartazes. Estava só, podia pensar em si. Pensou: "Pronto, chegou a hora!" Sim, aquele dia, redondo e cheio, em que devia morrer de velhice, serenamente, sem sair do seu lugar, alongava-se subitamente, como uma flecha, lançava-se para dentro da noite fragorosamente, deslizava na sombra, no fumo, nos campos desertos, através de um tumulto de eixos e rodas, Mathieu escorregava por ele como num tobogã e só pararia ao fim da noite, em Paris, no cais da estação de Lião. Já falsas luzes se infiltravam no dia claro: as futuras luzes das gares noturnas. Já uma vaga dor flutuava no fundo dos seus olhos: a futura dor seca das insônias. Mas ele não se aborrecia: nem com isso, nem com outra coisa... não se divertia, tão-pouco; fosse como fosse, era anedótico, pitoresco. "Vou ter de perguntar a hora do comboio para Marselha", pensou. A viela reconduziu-o insensivelmente à Corniche. Desembocou, de repente, em plena luz e sentou-se na esplanada de uma cervejaria que acabava de abrir. "Um café e o horário dos comboios." Um senhor de bigodes grisalhos veio sentar-se perto dele. Uma mulher madura acompanhava-o. O senhor abriu o Eclairer de Nice, a mulher voltou-se para o mar. Mathieu fixou-a por um instante e ficou triste. Pensou: "Será preciso pôr os meus negócios em ordem. Instalar Ivich em Paris no meu apartamento, dar-lhe uma procuração para que ela possa receber o meu ordenado." A cabeça do senhor reapareceu por cima do

jornal: "E a guerra", disse ele. A mulher suspirou sem responder; Mathieu olhou para as faces brilhantes e polidas do senhor, para o seu casaco de tweed, para a camisa de riscas violeta e pensou: "E a guerra."

A guerra. Alguma coisa que ainda se ligava a ele só por um fio desprendeuse, contraiu-se e caiu para trás. Era a sua vida; ela estava ali morta. Morta. Ele voltou-se e olhou para ela. Viguier, morto, tinha as mãos estendidas sobre o lençol branco, uma mosca andava-lhe na testa, e o seu futuro alongava-se a perder de vista, ilimitado, fixo como o seu olhar fixo sob as pálpebras mortas. O seu futuro: a paz, o futuro do mundo, o futuro de Mathieu. O futuro de Mathieu estava ali, a descoberto, fixo e vítreo, fora de jogo. Mathieu sentara-se a uma mesa de café, bebia, situava-se além do seu futuro olhava-o e pensava: "A paz." Madame Verchoux mostrou Viguier à enfermeira, estava com torcicolo, os seus olhos ardiam, disse: "Era um bom homem." E procurou uma palavra, uma palavra mais cerimoniosa para o qualificar; era a sua parente mais próxima e cabia-lhe concluir. A palavra "calmo" veio-lhe à boca, mas não era bastante concludente. Disse: "Era um homem pacífico" e calou-se. Mathieu pensou: "Tive um futuro pacífico." Um futuro pacífico: amara, odiara, sofrera, e o futuro estava ali, à sua volta, acima da sua cabeça, por toda a parte, como um oceano, e cada um dos seus acessos de raiva, cada uma das suas desgraças, cada um dos seus sorrisos, alimentavam-se desse futuro invisível e presente. Um sorriso um simples sorriso, era uma hipoteca sobre a paz do dia seguinte, do ano seguinte, do século; senão eu nunca teria ousado sorrir. Anos e anos de paz futura haviam-se depositado previamente nas coisas e tinham-nas amadurecido, dourado; pegar no relógio, num trinco da porta, na mão de uma mulher, era tomar a paz nas mãos. O pós-guerra era um começo. O começo da paz. Vivia-se nele sem pressa como se vive uma manhã. O jazz era um começo, e o cinema, de que tanto gostei, era um começo. E o surrealismo. E o comunismo. Eu hesitava, escolhia demoradamente, tinha tempo. O tempo, a paz, eram a mesma coisa. Agora esse futuro está aqui, a meus pés, morto. Era um falso futuro, uma impostura. Recordava os vinte anos serenos que vivera, uma planície marinha, e via-os agora como tinham sido: um número finito de dias, comprimidos entre dois muros altos, sem esperança, um período catalogado, com um começo e um fim, que figuraria nos manuais de História sob a denominação de "entre duas guerras". "Vinte anos: 1918-1938. Vinte anos apenas! Ontem, esse tempo parecia mais curto

e mais longo, simultaneamente: de resto, ninguém tinha pensado em contar, porquanto não estava acabado. Agora está acabado. Era um falso futuro. Tudo aquilo que nós vivemos há vinte anos, vivemo-lo em falso. Éramos aplicados e sérios, procurávamos compreender e eis o que nos aconteceu: aqueles belos dias tinham um futuro secreto e negro, enganavam-nos, a guerra de hoje, a nossa Grande Guerra, furtava-nos às ocultas. Éramos atraídos sem o sabermos. Agora a guerra está aí, a minha vida morreu. Era isso, a minha vida: é preciso reconsiderar tudo, desde o início." Procurou uma lembrança, qualquer uma, a que primeiro aparecesse, aquela tarde em Pérouse, sentado na esplanada, comendo um sorvete de damasco e olhando ao longe, na poeira, a colina serena de Assise. Pois bem, era a guerra que deveria ter lido no rubor do crepúsculo. "Se eu tivesse podido entrever uma promessa de tormenta e de sangue nos ruivos raios de luz que douravam a mesa e o parapeito, aquele momento pertencer-me-ia agora, ao menos isso estaria salvo. Mas eu estava confiante, o sorvete dissolvia-se na minha boca e eu pensava: "Velhos ouros, amor, glória mística."" E perdi tudo. O empregado passava, Mathieu chamou-o, pagou e levantou-se sem saber bem o que fazia. Deixava a vida atrás de si, eu mudei. Atravessou a rua e foi debruçar-se na balaustrada em frente do mar.

Sentia-se sinistro e leve; estava nu, tinham-lhe roubado tudo. "Não possuo mais nada, nem o meu passado. Mas era um falso passado e não o lamento." Pensou: "Despojaram-me da minha vida. Era uma vida medíocre e malograda, Marcelle, Ivich, Daniel, uma vida miserável, mas isso pouco me importa agora, posto que está morta. A partir desta manhã, desde que colaram aqueles cartazes brancos nas paredes, todas as vidas são malogradas, todas estão mortas. Se eu tivesse feito o que queria, se ao menos uma vez, uma única vez, eu tivesse podido ser livre, nem por isso a minha vida teria deixado de ser um engano, pois eu teria sido livre para a paz, nesta paz enganadora, e agora estaria aqui na mesma, diante do mar, apoiado à balaustrada, com todos esses cartazes brancos colados atrás de mim: todos esses cartazes que falam de mim, em todas as paredes de França, e que dizem que a minha vida morreu e que jamais houve paz: não valia a pena ter-me esforçado tanto, ter tido tantos remorsos." O mar, a praia, as tendas, a balaustrada: frios e exangues. Perdera o seu antigo futuro e ainda não lhe haviam dado outro: flutuavam no presente. Mathieu

flutuava. Um sobrevivente, nu numa praia, entre trapos encharcados, caixotes rebentados, objetos sem uso definido que o mar devolveu. Um moço moreno saiu de uma tenda, parecia calmo e vazio, olhou o mar, hesitante: um sobrevivente, somos todos sobreviventes, os oficiais alemães sorriam e cumprimentavam, o motor roncava, o hélice girava, Chamberlain cumprimentou, sorriu, deu meia volta e colocou o pé na escada.

O exílio da Babilónia, a maldição contra Israel e o Muro das Lamentações, nada mudara para o povo judeu desde os tempos em que os seus filhos passavam acorrentados entre as torres vermelhas da Assíria, sob o olhar cruel dos conquistadores de barba encaracolada. Schalom caminhava no meio desses homens de cabelo preto, de anéis bem torneados e cruéis. Pensava que nada mudara. Schalom pensava em Georges Lévy. Pensava: "Já não temos o sentido da solidariedade entre os judeus, eis a verdadeira maldição divina!", e sentia-se patético, mas não de muito mau humor, porque vira aqueles cartazes brancos nas paredes. Pedira um auxílio a Georges Lévy, mas Georges Lévy era um homem duro, um judeu alsaciano; recusara. Não recusara exatamente, gemera e torcera os braços, falara da mãe, da crise. Mas toda a gente sabia que ele detestava a sua velha mãe e que não havia crise no comércio de peles. Schalom pusera-se, ele também, a gemer e erguera os braços aflitos para o céu, falara do novo êxodo e dos pobres judeus emigrados que tinham sofrido por todos os outros e na sua carne. Lévy era um homem duro, um mau rico, gemera mais forte, empurrando Schalom para a porta com o ventre proeminente, e soprando-lhe no nariz. Schalom gemia e recusava, com os braços erguidos, e tinha vontade de sorrir, imaginando como se estariam a divertir com o espetáculo os empregados do outro lado da porta. Na esquina da Rua Quatre-Septembre havia uma rica charcutaria coberta de espelhos. Schalom deteve-se maravilhado, olhava os chouriços, os pastéis, os rosários de salsichas envernizadas, as mortadelas barrigudas, os salames enrugados, os salsichões com as suas pontinhas rosadas, e pensava em Viena. Evitava, na medida do possível, comer carne de porco, mas os pobres emigrados são obrigados a alimentarem-se com o que encontram.

Quando saiu da charcutaria, trazia, pendurado num dedo por um fio cor-de-rosa, um pacotinho tão branco, tão delicado, que se diria de doces. Estava scandalizado. Pensava: "Todos os franceses são maus ricos." O povo mais rico de toda a Europa.

Schalom seguiu pela Rua Quatre-Septembre, invocando a maldição divina contra os maus ricos e, como se o céu o houvesse entendido, viu, com o canto do olho, um grupo de franceses, imóveis e mudos diante de um cartaz branco. Passou perto deles, baixando o olhar e apertando os lábios, porque não convinha naquele momento que um pobre judeu fosse apanhado a sorrir nas ruas de Paris. Birnenschatz, lapidário: era ali.

Hesitou um instante, antes de atravessar o portão, e meteu o pacote de mortadela na pasta. Os motores trabalhavam, roncavam, o soalho tremia, o ar cheirava a éter e gasolina, o autocarro afundava-se nas chamas, oh!, Pierre, então você é um covarde, o avião nadava no sol, Daniel martelava o cartaz com a ponta da bengala; dizia: "Estou tranquilo, não seremos tão tolos a ponto de irmos lutar sem aviões." O avião passou por cima das árvores, raspando-as quase, o Dr. Schmitt levantou a cabeça, o motor roncava, ele viu o avião entre as folhas, um brilho de mica no céu, pensou: "Boa viagem!" e sorriu; os árabes, vencidos, resignados, lívidos, jaziam amontoados ao fundo do carro, um negrinho saiu da choupana, agitou as mãos, ficou a contemplar o autocarro que se afastava: "Viram o judeuzinho? Comprou-me meio quilo de mortadela, e eu que pensava que eles não comiam porco!" O negrinho e o intérprete voltavam a passos lentos, a cabeça ainda cheia do roncar dos motores. Era uma mesa redonda de ferro, pintada de verde, com um buraco no meio para o cabo do guarda-sol, estava manchada de castanho como uma pêra, e sobre ela o jornal *Le Petit Niçois*, nem sequer aberto. Mathieu tossiu, ela estava sentada junto da mesa, tomara o café no jardim, como é que eu lhe vou dizer? Nada de histórias, principalmente nada de histórias, se ela pudesse não dizer nada, não, calar-se ainda era muito, se ela pudesse levantar-se e dizer: "Pois bem, vou preparar umas sanduíches para a viagem." Simplesmente. Ela estava de roupão e lia a correspondência. "Jacques ainda não desceu", disse ela, "trabalhou esta noite até tarde". As suas primeiras palavras eram para falar de Jacques, depois não se referia mais a ele. Mathieu sorriu e tossiu. "Sente-se", disse ela, "há duas cartas para si". Ele pegou nelas e perguntou:

— Leu o jornal?

— Ainda não, Mariette trouxe-o com a correspondência e não me decidi ainda a abri-lo. Nunca apreciei muito os jornais, mas agora detesto-os.

Mathieu sorria e aprovava com a cabeça, mas os seus dentes continuavam cerrados. Entre eles tudo voltara a ser como antes. Bastava um cartaz colado a uma parede e tudo voltara a ser como antes: ela era novamente a mulher de Jacques, ele não achava mais nada para lhe dizer. "Presunto", pensou ele, "eis o que eu gostaria de comer na viagem".

— Leia, leia as suas cartas - disse Odette com vivacidade. - Não se incomode comigo; tenho de subir para me ir vestir.

Mathieu pegou na primeira carta, com o selo de Biarritz; sempre eram alguns minutos ganhos. Quando ela se levantasse, ele dir-lhe-ia: "A propósito, vou partir..." Não, pareceria à-vontade de mais. "Estou de partida..." Era melhor assim.

Reconheceu a letra de Boris e pensou com remorso: "Há mais de um mês que não lhe escrevo." O sobrescrito continha um cartão-postal. Boris, escrevera nele o seu próprio endereço e colara um selo à esquerda.

Do lado direito traçara algumas linhas:

"Meu caro Boris,

Vou bem mal.*

*Eis a razão do meu silêncio: irritação legítima, ilegítima, má vontade, conversão súbita, loucura, doença, preguiça, ignomínia pura e simples**.*

**Risque a menção inútil.*

***Idem*

Escrever-lhe-ei uma longa carta daqui a... dias.

Queira aceitar as minhas desculpas e a expressão da minha amizade arrependida.

Assinatura."

— Está-se a rir sozinho. - disse Odette.

— É Boris - disse Mathieu. - Está em Biarritz com Lola. - Estendeu-lhe a carta e ela pôs-se também a rir:

— Esse é encantador. Que idade tem? Tem idade para...

— Dezanove anos - disse Mathieu. - Dependerá da duração da guerra.

Odette olhou-o com ternura.

— Os seus alunos fazem o que querem de si!

Tornava-se cada vez mais difícil falar-lhe. Mathieu abriu a outra carta. Era de Gomez, o marido de Sarah. Mathieu não o tornara a ver desde a sua partida para Espanha. Era coronel no exército.

"Meu caro Mathieu,

Vim a Marselha em missão e aqui me encontrei com Sarah e o menino. Volto terça, mas não sem tê-lo visto. Espere-me domingo no comboio das quatro e reserve-me um quarto em qualquer lugar. Vou ver se consigo dar um pulo a Juan-les-Pins. Temos muito que conversar.

Amigavelmente,

Gomez."

Mathieu pôs a carta no bolso, aborrecido. "Amanhã é sábado, já terei embarcado." Tinha vontade de tornar a ver Gomez; naquele momento, era o único amigo que desejaria ver: ele sabia um pouco o que era a guerra. "Poderia talvez encontrá-lo em Marselha, entre dois comboios..." Tirou a carta do bolso, toda amachucada: Gomez não dera o endereço. Mathieu encolheu os ombros, irritado, e lançou a carta para a mesa; Gomez continuava o mesmo, embora fosse coronel: imperioso e impotente. Odette decidiu-se a abrir o jornal, sustinha-o no ar com os braços estendidos e lia-o:

— Oh! - disse ela.

Voltou-se para Mathieu e perguntou-lhe como se não desse grande importância ao caso:

— Não tem o número dois?

Mathieu sentiu que corava, piscou os olhos:

— Tenho - respondeu, confuso. Odette olhava-o com dureza, como se fosse culpado. Ele acrescentou precipitadamente:

— Mas não vou partir hoje, fico ainda por quarenta e oito horas: tenho um amigo que vem ver-me.

Sentiu-se aliviado com a resolução: afastava as efusões por dois dias: "E longe de Juan-les-Pins a Nancy, não me irão chatear por causa de algumas horas de atraso." Mas o olhar de Odette não se abrandava e ele debatia-se, repetindo: "Ainda fico quarenta e oito horas, ainda fico quarenta e oito horas", enquanto Ella Birnenschatz pendurava os seus braços magros e morenos no pescoço do pai.: "Ês um amor, papá!"

Odette levantou-se bruscamente:

— Pois bem, vou deixá-lo. Preciso de me ir vestir, mas penso que Jacques vai já descer para lhe fazer companhia.

Saiu, apertando o roupão nas ancas redondas e finas, Mathieu pensou: "Ela portou-se bem; quanto a isto, portou-se bem", e sentiu que lhe era grato. Que linda menina, que menina danada, repeliu-a fingindo-se aborrecido, Weiss encostara-se à porta, tinha um ar endomingado:

— Molhas-me todo - disse Birnenschatz, enxugando a cara.

— E enches-me de bâton.

Ela riu-se:

— Estás com medo do que irão pensar as datilógrafas? Toma! disse, beijando-lhe o nariz - Toma, toma!

E ele sentiu os lábios quentes na sua cabeça. Segurou-a pelos ombros e afastou-se quanto pôde. Ela ria e debatia-se, ele pensava: "Einda menina, linda menina." A mãe era gorda e mole, com grandes olhos medrosos e resignados que o punham pouco à vontade, mas Ella parecia-se com ele e no fundo não devia nada a ninguém, devia a ela própria e a Paris: "Digo-lhes sempre: a raça, o que é a raça, então vocês tomariam Ella por judia se a encontrassem na rua? Fina como uma parisiense, com a tez quente das mulheres do Sul e um rostinho atento e apaixonado, um rostinho equilibrado, repousante, sem tara, sem raça, sem destino, um autêntico rostinho francês." Largou-a, pegou no estojo que estava na secretária e deu-lhe:

— Toma. - E acrescentou, enquanto ela olhava para as pérolas: - No ano que vem, serão duas maiores, mas serão as últimas: o colar está terminado.

Ela ainda o quis beijar, mas ele disse-lhe: "Vai, vai, feliz aniversário. Vai depressa, chegarás atrasada à aula."

Ela partiu, sorrindo para Weiss; uma moça fechou a porta, atravessou o escritório, saiu, e Schalom, sentado à beira da cadeira, o chapéu sobre os joelhos, pensou: "Linda judiazinha"; tinha uma cabecinha de macaco, lançada para a frente, que caberia na palma da mão, com grandes olhos míopes, belíssimos, devia ser a filha de Birnenschatz. Schalom levantou-se, fez uma ligeira saudação, que ela não percebeu.

Tornou a sentar-se, pensando: "Parece inteligente de mais; nós somos assim, nós, as nossas expressões estão gravadas a fogo nos nossos rostos; dir-se-ia que suportamos um martírio."

Birnenschatz pensava nas pérolas, dizia com os seus botões:

"Não é um mau investimento." Valiam cem mil francos; pensou que Ella as aceitaria sem demonstrações exageradas de alegria, mas sem indiferença: conhecia o valor das coisas, mas achava natural ter dinheiro, receber belos presentes, ser feliz. "Meu Deus, ainda que eu não tivesse feito outra coisa, com a mulher que tenho e com os velhos de Cracóvia atrás de mim, se eu só tiver realizado isso, essa menina, filha de judeus polacos, que não se atormenta à toa, que não se diverte com a própria desgraça, que acha natural ser feliz, creio que não terei perdido o meu tempo." Voltou-se para Weiss:

— Sabes para onde vai ela? Aposto que não adivinhas. Fazer um curso na Sorbona! É um fenómeno.

Weiss sorriu vagamente, sem perder o seu ar solene.

— Patrão, vim despedir-me.

Birnenschatz olhou-o por cima dos óculos.

— Vai embora?

Weiss confirmou com a cabeça e Birnenschatz olhou-o com fingida severidade:

— Já esperava isso! é suficientemente trouxa para arranjares um número dois, não é?

— De fato - disse Weiss a sorrir -, sou mesmo uma trouxa.

— Pois bem! - diz Birnenschatz cruzando os braços -, metes-me em bons lençóis! Que vou eu fazer sem ti?

Repetiu distraidamente: "Que vou eu fazer sem ti? Que vou eu fazer sem ti?" Procurava lembrar-se de quantos filhos tinha Weiss. Weiss olhava-o de lado, inquieto:

— O senhor há-de encontrar um substituto.

— Um substituto! Já terei de pagar-te para não fazeres nada, queres ainda que arranje outro! O teu lugar espera-te, meu caro.

Weiss estava comovido, esfregava o nariz, meio vesgo, era horivelmente feio.

— Patrão...

Birnenschatz interrompeu-o: achava obscenos os agradecimentos; e depois, não tinha lá muita simpatia por Weiss, pois aí estava um que trazia o destino na cara, com os seus olhos furtivos e o grande lábio inferior trémulo de bondade e amargura.

— Bom, está bem. Não deixas a casa, representá-la-ás junto dos oficiais. é tenente, não é?

— Sou capitão - disse Weiss.

"Belo capitão...", pensou Birnenschatz. Weiss tinha um ar feliz, as suas orelhas estavam roxas. Belo capitão... e é isso a guerra, a hierarquia militar.

— Que disparate!

— Hum!

— Não é um disparate?

— Sem dúvida - disse Weiss. - Mas eu queria dizer: para nós, não é assim tão idiota.

— Para nós? - atalhou Birnenschatz espantado. - Para nós quem?

Weiss baixou os olhos:

— Para nós, judeus. Depois do que eles fizeram contra os judeus da Alemanha, temos motivos para lutar. Birnenschatz deu alguns passos, excitado:

— Que história é essa de nós, judeus? Não sei o que é isso. Eu sou francês. Tu sentes-te judeu?

— O meu primo de Gratz está em minha casa desde terça-feira - disse Weiss. - Mostrou-me os braços. Queimaram-nos com charutos desde os cotovelos às axilas.

Birnenschatz parou subitamente, agarrou no encosto da cadeira com as suas mãos fortes e um ódio subiu-lhe aos olhos:

— Os que fizeram isso - disse ele -, os que fizeram isso... Weiss sorria. Birnenschatz acalmou-se:

— Não é por o teu primo ser judeu, Weiss. É porque é um homem. Não suporto que se maltrate um homem. Mas o que é um judeu? É um homem que os outros homens consideram judeu. Olha para Ella. Tomá-las por isso, se não a conhecesses?

Weiss não parecia convencido. Birnenschatz adiantou-se, tocou-lhe no peito com o indicador:

— Escuta, meu caro Weiss, eis o que te quero dizer: saí da Polónia em 1910, vim para França. Receberam-me bem, dei-me bem aqui, disse para mim mesmo: bem, agora a França é que é o meu país. Em 1914 houve a guerra. Bem (disse), faço a guerra porque este é o meu país. E eu sei o que é a guerra, estive no Chemin dês Dames. Mas agora, agora eu posso dizer: sou francês. Não judeu, não judeu francês: francês! Os judeus de Berlim e

de Viena, os dos campos de concentração, tenho pena deles e dá-me ódio pensar que martirizam esses homens. Mas, escuta bem, tudo o que puder fazer para impedir que um francês, um só, se mate por eles, fá-lo-ei. Sinto-me mais próximo do primeiro tipo que encontrar aí na rua do que dos meus tios de Lenz ou dos meus sobrinhos de Cracóvia. As histórias dos judeus alemães não são da nossa conta.

Weiss tinha um ar sonso e teimoso. Sorriu, lamentavelmente:

— Mesmo que fosse verdade, patrão, o senhor não deveria dizê-lo. É preciso que os que partem encontrem motivos para o fazer.

Birnenschatz sentiu o calor da confusão subir-lhe ao rosto. "Pobre diabo", pensou com remorso.

— Tens razão - disse bruscamente. - Não passo de um velho emplastro e nada tenho a dizer desta guerra, pois não vou participar nela. Quando partes?

— No comboio das dezasseis e trinta.

— No comboio de hoje? E então? Que estás aqui a fazer? Vai depressa ver a tua mulher. Precisas de dinheiro?

— Não, por enquanto. Obrigado.

— Vai-te embora. Manda-me a tua mulher, combinarei tudo com ela. Vai, vai, adeus!

Abriu a porta e empurrou-o para fora. Weiss curvava-se e murmurava agradecimentos ininteligíveis. Birnenschatz apercebeu-se, por cima dos ombros do empregado, de um homem sentado no hall. Reconheceu Schalom e franziu as sobrancelhas: não gostava que os solicitadores esperassem.

— Entre. Há muito tempo que está à espera?

— Há uma meia horinha apenas - disse Schalom com ar de resignação. - Mas o que é meia hora? O senhor anda tão ocupado. Eu tenho tempo. Que faço eu de manhã à noite? Espero. A vida no exílio não passa de uma espera, o senhor sabe.

— Entre - disse Birnenschatz, com vivacidade. - Deviam ter-me avisado.

Schalom entrou. Sorria e curvava-se. Birnenschatz entrou atrás e fechou a porta. Reconhecia perfeitamente Schalom: "Ele foi qualquer coisa no movimento sindicalista bávaro." Schalom vinha de vez em quando,

arrancava-lhe dois ou três mil francos e desaparecia durante algumas semanas.

— Um charuto?

— Não fumo - disse Schalom, com uma pequena reverência.

Birnenschatz pegou num charuto, virou-o distraidamente entre os dedos e recolocou-o no estojo.

— Então? As coisas arranjam-se? Schalom procurava uma cadeira.

— Sente-se! Sente-se - disse Birnenschatz com afabilidade.

Não. Schalom não desejava sentar-se. Aproximou-se da cadeira, colocou a pasta no assento para ficar mais à vontade e, voltando-se para Birnenschatz, emitiu um longo gemido melodioso.

— Ah! nada se arranja. Não é bom que um homem viva na terra dos outros, não aceitam de bom grado; censuram-lhe o pão que come. É essa desconfiança francesa! Quando voltar para Viena, eis a imagem que guardarei da França: uma escadaria escura que subimos penosamente, um botão que se aperta, uma porta que se abre: "Que deseja", e logo se fecha. A polícia das casas de aluguel de quartos, a prefeitura, a fila à porta da esquadra. No fundo, é natural, estamos na terra deles. Só que poderiam deixar-nos trabalhar; eu, por mim, não quero outra coisa, quero ser útil. Mas, para encontrar emprego, é preciso ter a carteira profissional, é preciso trabalhar em algum lugar. Com a melhor boa vontade do mundo, não consigo ganhar a vida. E talvez o que eu suporto menos facilmente: ser um fardo para os outros. Sobretudo, quando no-lo fazem sentir tão cruelmente. E quanto tempo perdido! Começara a escrever as minhas memórias isso poderia dar-me algum dinheiro. Mas são tantas as solicitações a fazer o dia inteiro que tive de abandonar tudo.

Era minúsculo, vivo, agitado, pousara a pasta na cadeira, e as suas mãos livres esvoaçavam em torno das orelhas arroxeadas: "Que cara de judeu!" Birnenschatz aproximou-se displicentemente do espelho e lançou uma rápida olhadela: um metro e oitenta, nariz quebrado, cara de pugilista americano sob os óculos pesados: não, não somos da mesma espécie. Mas não ousava olhar para Schalom, sentia-se comprometido. "Como seria bom se este tipo saísse já!" Mas não devia esperar por isso. Era unicamente pela duração da visita e pela animação da conversa que Schalom se distinguia a seus próprios olhos de um simples mendigo. "Preciso de conversar", pensou Birnenschatz. Schalom tinha direito a isso. Tinha direito a três mil francos e

a um quarto de hora de conversa. Birnenschatz sentou-se à beira da mesa. A sua mão direita, que enfiara no bolso do casaco, brincava com o estojo de charutos.

— Os franceses são homens duros - disse Schalom.

A sua voz ampliava-se e diminuía profeticamente, mas uma chama divertida tremia nos seus olhos desbotados. Homens duros. Na opinião deles, um estrangeiro é, por princípio, suspeito, quando não criminoso. "Ele fala comigo como se eu não fosse francês. Naturalmente: eu sou judeu, judeu polaco, entrado em França a 19 de Julho de 1910, ninguém se recorda disso, aqui, mas ele não esqueceu. Um judeu que teve sorte." Voltou-se para Schalom e fixou-o irritado. Schalom baixava ligeiramente a cabeça, apresentando-lhe a frente, por deferência, mas olhava-o de frente, sob as sobrancelhas arqueadas. Olhava-o, e os seus grandes olhos desbotados viam-no judeu. Dois judeus, tranquilos, sós, num escritório da Rua Quatre-Septembre, dois judeus, dois cúmplices; e à volta deles, nas ruas, nas outras casas, franceses, somente franceses. Dois judeus, o grandalhão, que enriqueceu, e o pequeno, o magrizona mal alimentado que não teve sorte. Laurel e Hardy.

— São homens duros! - disse Schalom. - Homens impiedosos!

Birnenschatz encolheu os ombros: "É preciso colocar-se no lugar... deles", disse secamente, não ousara dizer no nosso lugar. "Sabe quantos estrangeiros se instalaram em França desde 1934?"

— Sei - disse Schalom. - Sei. E acho que é uma grande honra para a França. Mas que faz ela para merecê-la? Veja só: os jovens que percorrem o Quartier Latin, se alguém se parece com um judeu, caem-lhe em cima aos socos.

— O ministro Blum prejudicou-nos muito - observou Birnenschatz.

Dissera "nos", aceitaria a cumplicidade daquele pequeno meteco. Nós. Nós, os Judeus. Mas fora por caridade. Os olhos de Schalom fixavam-no com uma insistência respeitosa. Schalom era magro e pequeno, haviam-no maltratado e expulso da Baviera, agora estava ali, devia dormir num hotel sórdido e passar os dias no café. E o primo de Weiss, tinham-no queimado com charutos. Birnenschatz olhava Schalom e sentia-se viscoso. Não era simpatia que nutria por ele, oh!, não: era... era...

Ela olhava-o e pensava: "E um homem de pressa. Eles são marcados e é através deles que as guerras chegam." Mas ela sentia que o seu velho amor

não morrera.

Birnenschatz apalpava a carteira.

— Enfim - disse com benevolência -, esperemos que tudo isso não dure muito.

Schalom mordeu os lábios e ergueu a cabeça com vivacidade.

"Fiz o gesto cedo de mais", pensou Birnenschatz.

Um homem de pressa. Ele possui as mulheres, ele mata os homens. Pensa que é um forte. Mas não é verdade, ele é marcado, nada mais.

— Depende dos Franceses - disse Schalom. - Se os Franceses recobram o sentido da sua missão histórica...

— Que missão? - indagou friamente Birnenschatz. Os olhos de Schalom brilharam de ódio:

— A Alemanha provoca-os e insulta-os de todas as maneiras disse com voz dura e aguda. - Que esperam eles? Pensam, porventura, desarmar a cólera de Hitler? Cada nova demissão na França prolonga por dez anos o regime nazi. E durante esse tempo, aqui estamos nós, as vítimas, a esperar com os punhos cerrados. Hoje vi cartazes brancos nas paredes e recobrei alguma esperança. Mas, ainda ontem, eu pensava: "Os Franceses já não têm sangue nas veias e eu morrerei no exílio."

Dois judeus num escritório da Rua Quatre-Septembre. O ponto de vista dos Judeus acerca dos acontecimentos internacionais. Je Suis partout escreverá amanhã: "São os Judeus que empurram a França para a guerra." Birnenschatz tirou os óculos, limpou-os com o lenço: estava louco de raiva. Perguntou suavemente:

— E se houver guerra, vai fazê-la?

— Muitos emigrados se alistarão, tenho a certeza. Mas eu, olhe só - acrescentou, mostrando o corpo raquítico -, quem me aceitaria?

— Então, trate de nos deixar em paz! - berrou Birnenschatz - E façam-nos o favor de se ir embora! Porque é que nos vem aqui chatear? Eu sou francês, não sou judeu alemão e não me interessam os judeus alemães. Vá fazer a sua guerra para outro lado!

Schalom observou-o por um instante com estupor, depois recobrou o sorriso, estendeu a mão, pegou na pasta e aproximou-se da porta, recuando. Birnenschatz tirou a carteira do bolso:

— Espere.

Schalom alcançara a porta.

— Não preciso de nada. Peço, por vezes, auxílio aos judeus. Mas o senhor tem razão, o senhor não é judeu, enganei-me.

Saiu e Birnenschatz ficou a olhar para a porta durante muito tempo, sem um gesto. *É um homem duro, um homem de pressa, eles têm uma estrela, para eles tudo está bem: mas a guerra acontece por causa deles; e a morte, e a desgraça. São a chama e o incêndio, fazem mal, ele fez-me mal, trago-o como uma lasca de madeira numa unha, como um carvão em brasa sobre as pálpebras, como um espinho no coração.* "E o que ele pensa de mim." Não precisava de lhe perguntar, conhecia-a, se pudesse entrar naquela cabeça negra e encrespada, encontraria a qualquer momento essa ideia fixa e inexorável, é uma dura, à sua maneira, não esquece nunca. Debruçava-se, em pijama, sobre a Praça Gélú, estava ainda frio, o céu estava azul-pálido, cinzento no horizonte, era a hora em que a água escorre pelos ladrilhos e sobre o balcão de madeira dos peixeiros, o ar cheirava a manhã e a partida. A manhã, o mar alto, e, lá longe, a vida sem remorsos, os fuminhos redondos das granadas, sobre o solo gretado da Catalunha. Mas atrás dele, atrás da janela entreaberta, no quarto cheio de sono e noite, havia aquele pensamento morto que o vigiava, que o julgava, havia o seu remorso. Partiria amanhã, abraçá-los-ia na plataforma da estação, ela voltaria ao hotel com o menino, desceria aos saltos a escadaria monumental; pensaria: ele voltou para Espanha. Ela nunca lhe perdoaria ter partido para Espanha; era um pedaço de coisa morta no seu coração. Debruçava-se sobre a Praça Gélú para adiar o instante de voltar ao quarto: tinha necessidade de gritos, de cantos amargos, de dores violentas e rápidas, não daquela horrível doçura. A água escorria pela praça. A água, os odores molhados da manhã, os gritos campestres da manhã. Sob os plátanos, a praça estava escorregadia, líquida, branca e ligeira como um peixe no mar. E esta noite um negro tinha cantado, e a noite parecera-lhe pesada e seca, uma noite espanhola. Gomez fechou os olhos, sentiu-se atravessado pelo áspero desejo da Espanha e da guerra. Ela não compreende isso. Nem a noite, nem a manhã, nem a guerra.

— Pan, pan! Pan, pan, pan, pan, pan! - gritava Pablo furiosamente.

Gomez voltou-se e entrou no quarto. Pablo pusera o capacete, segurava a carabina pelo cano e utilizava-a como se de uma maça de armas se tratasse. Corria pelo quarto do hotel dando golpes terríveis no vácuo,

golpes que o faziam perder o equilíbrio. Sarah acompanhava-o com o seu olhar morto.

— E uma chacina! - disse Gomez.

— Mato-os a todos! - respondeu Pablo sem se deter.

— Todos quem?

Sarah estava sentada à beira da cama, em roupão. Consertava meias.

— Todos os fascistas - disse Pablo. Gomez lançou-se para trás e pôs-se a rir:

— Mata-os! Não deixes nem um. Olha que te estás a esquecer daquele lá em baixo!

Pablo correu na direção indicada por Gomez e chicoteou o ar com a carabina.

— Pan, pan! Pan, pan, pan. Não escapará nem um!

Parou e voltou-se para Gomez com um semblante sério e apaixonado, ofegante.

— Oh! Gomez - disse Sarah. - Vê só! Como pudeste...

Gomez tinha comprado na véspera uma panóplia para Pablo.

— É preciso que aprenda a bater-se - disse Gomez, acariciando a cabeça do menino. - Senão, vai ficar um covarde, como os Franceses.

Sarah ergueu os olhos para ele e ele viu que a tinha ferido profundamente.

— Não compreendo que se possa chamar isso a quem não quer fazer guerra.

— Há momentos em que é preciso querer - disse Gomez.

— Nunca! Em caso algum. Não há nada que justifique que eu me veja um dia numa estrada, com a minha casa destruída a meu lado e um filho morto nos braços.

Gomez não respondeu. Não havia que responder. Sarah tinha razão. Segundo o seu ponto de vista, ela tinha razão. Mas o ponto de vista de Sarah era daqueles que cumpria desprezar por princípio sem o que não se chegaria nunca a nada. Sarah esboçou um sorriso amargo:

— Quando te conheci eras pacifista, Gomez.

— Porque naquela altura era preciso ser pacifista. O objetivo não mudou, mas os meios para atingi-lo são diferentes.

Sarah calou-se, confundida. Tinha a boca entreaberta e o lábio inferior descobria os seus dentes cariados. Pablo fez um movimento com a

carabina, gritando:

— Espera um pouco, francês porco, francês covarde!

— Estás a ver? - disse Sarah.

— Pablo! - observou Gomez com energia. - Não batas nos Franceses! Os Franceses não são fascistas.

— Os Franceses são covardes - gritou Pablo. E pôs-se a dar coronhadas nas cortinas, que voaram pesadamente.

Sarah não disse nada, mas Gomez teria preferido não ver o olhar que lançou a Pablo. Não era um olhar duro: era, antes, um olhar de espanto, hesitante, como se visse o filho pela primeira vez. Largara a meia que consertava e olhava para aquele pequeno estrangeiro, aquele animalzinho sadio que decepava cabeças e amassava crânios, e devia pensar com estupor: "Fui eu quem o fez!" Gomez teve vergonha. "Oito dias", pensou, "bastaram oito dias".

— Gomez, acreditas realmente que vai haver guerra? - perguntou Sarah bruscamente.

— Espero que sim. Espero que Hitler acabará por obrigar os Franceses a lutar.

— Gomez, sabes o que compreendi ultimamente? Que os homens são maus.

Gomez encolheu os ombros:

— Não são bons nem maus. Agem de acordo com os seus interesses.

— Não, não. São maus. - Não perdia de vista o pequeno Pablo, parecia vaticinar-lhe o destino. - Maus e encarniçados em fazer o mal - acrescentou.

— Eu não sou mau - respondeu Gomez.

— És sim - disse Sarah sem o olhar. - És mau, meu pobre Gomez, é muito mau. E não tens culpa: os outros são infelizes. Mas você é mau e feliz.

Houve um grande silêncio. Gomez fixava aquela nuca curta e gorda, aquele corpo sem graça que tivera nos braços todas as noites, e pensava: "Ela não tem amizade por mim. Nem ternura. Nem estima. Ela ama-me simplesmente: qual de nós dois é o pior?"

Mas, subitamente, voltou a sentir remorsos. Chegara certa noite de Barcelona, feliz, é verdade, profundamente feliz.

Emprestara-se durante oito dias. Partiria no dia seguinte: "Não sou bom", pensou.

— Há água quente?

— Morna - disse Sarah. - A torneira da esquerda.

— Vou fazer a barba. - Entrou na casa de banho, deixando a porta bem aberta, e escolheu uma lâmina: "Depois de me ir embora, a panóplia não durará muito." Sarah, sem dúvida, quando voltasse para casa, escondê-la-ia no armário dos remédios, a menos que achasse mais simples esquecê-la no hotel. "Ela só lhe dá brinquedos de menina." Dentro de quanto tempo tornaria a ver Pablo e que teria ela feito do filho? No entanto, o menino parecia capaz de resistir. Aproximou-se da pia e viu-os pelo espelho. Pablo estava no meio do quarto, ofegante, corado, pernas abertas, mãos nos bolsos. Sarah ajoelhara-se diante dele e olhava-o sem dizer palavra: "Está a ver se ele se parece comigo", pensou Gomez. Sentiu-se pouco à vontade e fechou a porta sem ruído. "... com o menino. Espere-me domingo no comboio das quatro e reserve-me um..." Uma mão pousou com força no seu ombro esquerdo, outra mão pegou-o pelo ombro direito. Uma pressão calorosa, amiga. "Pronto", pensou, enfiou a carta no bolso e ergueu os olhos.

— Olá!

— Odette acaba de me dizer... - disse Jacques, fixando o olhar nos olhos de Mathieu: - Meu velho!

Sentou-se, sem tirar os olhos do irmão, no sofá em que Odette estivera; a mão puxou com habilidade a calça, as pernas cruzaram-se sozinhas. Ignorava esses pequeninos incidentes: todo ele era apenas um olhar.

— Sabes que não parto hoje? - disse Mathieu.

— Sei. Não tens medo que te aborreçam?

— Oh!... algumas horas apenas... Jacques respirou fundo:

— Que queres que te diga? Outrora, quando um tipo partia podíamos dizer-lhe: defendes os teus filhos, defendes a tua liberdade, ou a tua propriedade, defendes a França; enfim, podíamos descobrir razões para arriscar a pele. Mas hoje...

Encolheu os ombros. Mathieu baixara a cabeça e riscava o chão com o salto do sapato.

— Não respondes - disse Jacques com voz penetrante. - Preferes não falar, com medo de falares de mais. Mas eu sei o que pensas...

Mathieu continuava a riscar o chão com o salto. Disse sem levantar a cabeça:

— Não, não sabes.

Houve um breve silêncio. E ele ouviu a voz incerta do irmão:

— Que queres dizer com isso?

— Que não penso em nada.

— Como quiseses - disse Jacques ligeiramente irritado. - Não pensas em nada, mas estás desesperado, é o mesmo.

Num esforço, Mathieu ergueu a cabeça e sorriu:

— Nem sequer estou desesperado.

— Enfim - disse Jacques -, não me vais fazer acreditar que partes resignado, como um carneiro que levam ao matadouro?

— Bem - disse Mathieu -, acho que não deixa de haver alguma semelhança. Afinal, eu parto porque não posso deixar de partir. Quanto a ser uma guerra justa ou injusta, para mim é uma coisa secundária.

Jacques cravou em Mathieu um olhar perscrutador:

— Mathieu, tu desnorteias-me. Completamente. Já não te reconheço. Tinha um irmão revoltado, cínico, sarcástico, que não queria ser enganado, que não podia erguer o dedo mindinho sem se indagar porquê o mindinho e não o indicador, porquê o da mão direita e não o da mão esquerda. Agora, estoura a guerra e mandam-no para as trincheiras, e o revoltado, o subversivo, parte gentilmente, sem discussão, dizendo: "Parto porque não posso deixar de partir."

— A culpa não é minha - disse Mathieu. - Jamais consegui ter uma opinião a respeito dessas questões.

— Mas, vejamos - disse Jacques -, é portanto claro: estamos em presença de um senhor (refiro-me a Benes) que se comprometeu em fazer da Checoslováquia uma federação pelo modelo suíço. Comprometeu-se - repetiu com energia -, li-o nas atas da Conferência da Paz, e bem vês que cito boas fontes. Essa promessa equivalia a dar aos alemães dos Sudetas uma verdadeira autonomia etnográfica. Bem. Eis que esse senhor esquece totalmente as suas promessas e manda administrar, julgar, vigiar os alemães por checos. Os alemães não gostam: é um direito estrito deles. Tanto quanto eu conheço esses funcionários checos (estive na Checoslováquia)

sabem fazer perder a paciência à humanidade! E querem que a França, país da liberdade, como eles dizem, derrame o seu sangue para que esses funcionários checos continuem a exercer pequenos vexames sobre as populações alemãs, e eis a razão por que tu, professor de Filosofia do Liceu Pasteur, vais passar os teus últimos anos de mocidade a dez pés debaixo da terra entre Bitche e Wissembourg. Por isso, quando me vens dizer que partes resignado e pouco te importas que esta guerra seja justa ou injusta, eu não engulo, compreendes?

Mathieu olhava o irmão, cheio de perplexidade: "Autonomia etnográfica! Eu nunca me teria lembrado disso!" Mesmo assim, falou por descargo de consciência:

— Não é a autonomia etnográfica que os Sudetas querem agora: é a integração na Alemanha. Jacques fez uma careta de sofrimento:

— Por favor, Mathieu, não fales como o meu porteiro, não digas Sudetas. Sudetas são montanhas: diz alemães dos Sudetas, se quiseres, ou alemães simplesmente. Então? E eles desejam a união com a Alemanha? É porque os exasperaram. Se lhes tivessem dado o que eles pediam no início, não teríamos chegado a este ponto. Mas Benes serviu-se de ardis, enganou, porque os nossos políticos cometeram o erro imenso de lhe fazer crer que teria a França a apoiá-los: eis o resultado.

Olhou Mathieu com tristeza:

— Tudo isso suportaria eu ainda; sei há muito, o que valem os políticos. Mas tu, um homem sensato, um universitário, que tenhas perdido os reflexos mais elementares, a ponto de sustentar tranquilamente que vais para o matadouro porque não podes deixar de ir, isso não, isso eu não admito. Se muitos pensarem como você, a França está desgraçada, meu velho.

— Mas que queres que nós façamos?

— Como? Mas ainda estamos numa democracia, Mathieu!

— Ainda há uma opinião pública em França, suponho!

— E então?

— Então? Se milhões de franceses, em lugar de se degladiarem em querelas vãs, se tivessem erguido e dito aos nossos governantes: "Os alemães dos Sudetas querem integrar-se na Alemanha? Que se arranjem, o problema é deles!", não teria havido um só político capaz de correr o risco de uma guerra por essa bagatela.

Pousou a mão no joelho de Mathieu e continuou num tom conciliador.

— Eu sei que não aprecias o regime hitleriano. Mas afinal de contas, pode não se compartilhar das tuas reservas. É um regime jovem, entusiasta, que deu provas da sua eficiência e que exerce indiscutível atração sobre as nações da Europa Central. E, depois, de qualquer modo, é um assunto deles; não devemos meter-nos nisso.

Mathieu reprimiu um bocejo e encolheu as pernas sob a cadeira. Lançou um olhar malicioso ao rosto balofo do irmão e pensou que ele estava a envelhecer.

— Talvez - disse docilmente -, talvez tenhas razão.

Odette desceu a escada e sentou-se junto deles, silenciosa. Tinha a graça e a serenidade de um animal doméstico: sentava-se, levantava-se, tornava a sentar-se, certa de passar despercebida. Mathieu voltou-se para ela, excitado: não gostava de vê-los juntos. Quando Jacques estava presente, a fisionomia de Odette não mudava, permanecia uniforme e fugidia, como a de uma estátua de olhos sem pupilas. Mas era-se forçado a interpretá-lo de outra forma.

— Jacques acha que não me entristeço suficientemente por ter de partir - disse sorrindo. - Procura atormentar-me, explicando que vou morrer por nada.

Odette devolveu-lhe um sorriso. Não o sorriso mundano que ele esperava, mas um sorriso só para ele; num instante, o mar surgiu diante dele: o balançar ligeiro das ondas, e as sombras chinesas a deslizarem sobre as águas, e a lava de sol palpitante no oceano, as piteiras verdes e as pinhas atapetavam o chão e a sombra pontiaguda dos grandes pinheiros, o calor redondo e o odor a resina, toda a espessura de uma manhã de Setembro em Juan-les-Pins. Querida Odette! Mal-casada, mal-amada; mas ter-se-ia o direito de dizer que ela perdera a vida quando podia, com um sorriso, fazer surgir um jardim à beira-mar no calor do Verão? Contemplou Jacques, gordo e amarelo; as mãos tremiam-lhe: "De quem tem ele medo?", pensou Mathieu. No sábado, 24 de Setembro, às onze horas da manhã, Pascal Montastruc, nascido em Nîmes a 6 de Fevereiro de 1899 e apelidado o Zarolho, porque enfiara um canivete no olho esquerdo a 6 de Agosto de 1907, ao tentar cortar as cordas do balouço do seu amiguinho Julot Truffier para ver o que acontecia, vendia, como todos os sábados, lírios e botões-de-

ouro no cais de Passy, pouco antes da estação do metro; tinha a sua técnica pessoal de pegar nos ramos, belos ramos no seu cesto de palha, colocado sobre um banquinho, e descia à rua, os automóveis passavam a buzinar, ele gritava: "Olhem os ramos, belos ramos para as senhoras", agitando o ramo amarelo, o automóvel avançava até ele como um touro na arena, ele não se mexia, encolhia a barriga, punha a cabeça para trás, deixava passar o carro muito perto e gritava pela janela aberta: "Olhem os ramos, belos ramos!", e geralmente os automobilistas paravam, ele subia o estribo, e o automóvel vinha encostar-se ao passeio, porque era weekend e eles gostavam de voltar para os seus belos apartamentos da Rua Vignes ou da Rua Ranelagh com ramos de flores para as suas damas. "Belos ramos de flores", deu um salto para trás, a fim de evitar um carro, o centésimo que passava, sem parar: "Bolas!" Não sei o que é que eles têm hoje. Guiavam depressa e brutalmente pendurados ao volante, surdos como postes. Não viravam na Rua Charles Dickens ou na Avenida Lamballe, seguiam pelo cais, com toda a velocidade, como se quisessem ir até Pontoise. Pascal, o Zarolho, não percebia nada: "Mas para onde é que vão? Para onde é que vão?" E afastava-se, olhando para o cesto cheio de flores amarelas e cor-de-rosa, tão cheio que era uma pena.

— Loucura pura! - disse ele. - O mais belo suicídio da História. Como? A França sofreu duas terríveis sangrias em cem anos: uma durante as Guerras do Império, outra em 1914; além disso, o índice de natalidade baixa todos os dias. E é o momento que se escolhe para desencadear uma nova guerra que custará três ou quatro milhões de homens? Três ou quatro milhões de homens que não poderemos recuperar jamais - disse ele, acentuando as palavras. - Vencedor ou vencido, o país cairá na categoria das nações de segunda ordem, isto é certo.

— E há mais: a Checoslováquia será engolida antes que tenhamos tempo de piscar um olho. Basta ver o mapa: ela parece um pedaço de carne na boca do lobo alemão. Se o lobo fechar um pouco a boca...

— Mas - disse Odette -, isso seria passageiro, reconstituíramos o Estado checoslovaco depois da guerra.

— Ah! Sim? - Jacques riu insolentemente: - Imagina só! Como se os Ingleses fossem deixar reconstituir o foco do incêndio! Quinze milhões de habitantes de nacionalidades diferentes é um desafio ao bom senso. Os

Checos não podem deixar-se iludir - acrescentou com severidade -, o seu interesse vital é evitar essa guerra a todo o custo.

“De que tem medo?” Ele via passar os carros, apertando na mão o ramo inútil; parecia a estrada de Chantilly numa tarde de corridas, havia quem levasse malas, outros carregavam colchões, carrinhos de bebê, máquinas de costura, e todos os automóveis estavam cheios de malas, embrulhos, cestos: “Ena!”, disse Pascal, o Zarolho. Passavam tão pesadamente carregados que a cada ressalto os guarda-lamas raspavam os pneus. “Estão a ir-se embora”, pensou ele. Deu um ligeiro salto para trás para se desviar de um Salmson, mas nem se lembrou de voltar ao passeio. Aqueles cavalheiros bem barbeados, com os filhos gorduchos e as suas belas mulheres, fugiam como se tivessem fogo no rabo, diante dos “boches”, dos bombardeamentos, do comunismo. Com isso ele perdia todos os seus fregueses. Mas achava a coisa tão cómica, aquele desfile de carros, aquela fuga desesperada para a Normandia, sentia-se pago por tantas coisas, que continuou na rua, roçando-se pelos automóveis a fugirem e pôs-se a rir às gargalhadas.

— E de que modo, pergunto eu, poderíamos socorrer-los? Sim, porque teríamos de atacar a Alemanha na mesma. E então? Por que lado? A leste há a Linha Siegfried, partiríamos o nariz. Ao norte há a Bélgica. Violar a neutralidade belga? Diga, diga por onde! Dar a volta pela Turquia? Puro romance! Tudo o que poderíamos fazer seria esperar, de armas na mão, que a Alemanha liquidasse a Checoslováquia. Depois do que viria ocupar-se de nós...

— Pois bem - disse Odette -, seria então que...

Jacques lançou-lhe um olhar de marido:

— Que o quê? - perguntou ele friamente. Voltou-se para Mathieu: - Já te falei de Laurent, que foi um grande tipo na Air-France e continua a ser conselheiro de Cot e Guy la Chambre? Pois aqui tens sem comentários o que ele me disse em Julho: o Exército francês dispõe ao todo de quarenta bombardeiros e setenta caças. Se o resto for assim, os Alemães estarão em Paris no 1.º de Janeiro.

— Jacques! - exclamou Odette, furiosa.

“De que tem ele medo?” Pascal ria, ria, deixava cair o ramo para rir à vontade, deu um pulo para trás e a roda de um carro passou por cima dos caules das flores. “De que tem medo?” Ela está furiosa porque ele permitiu

que se encarasse a derrota da França. Ela não é muito simpática: as palavras metem-lhe medo. Têm medo dos Zeppelins e dos Taubes, eu vi-os em 1916; não se mostraram muito valentes e a coisa recomeça; os automóveis passavam a toda a velocidade sobre os caules das flores, esmagados, e Pascal tinha lágrimas nos olhos de tanto rir. Maurice não achava nada engraçado. Pagara uma rodada aos camaradas e ainda lhe ardiam os ombros das boas pancadas que recebera. Agora estava sozinho e daí a pouco teria de contar a novidade a Zézette. Viu o cartaz branco na parede alta e cinzenta da fábrica Penhoet e aproximou-se, precisava reler devagar, sem ninguém a seu lado:

"Por ordem do ministro da Defesa Nacional e da Guerra e do ministro da Força Aérea." A morte, afinal, não era terrível, um acidente de trabalho; Zézette era saudável e bastante nova para refazer a vida, é sempre tão simples quando não se tem filhos. Quanto ao resto, ia partir e, no fim, guardaria o fuzil. Mas quando chegaria o fim? Dois anos? Cinco? A última durara cinquenta e dois meses. Durante cinquenta e dois meses seria preciso obedecer aos sargentos, aos cabos, a todos aqueles idiotas que tanto detestava. Obedecer sem pestanejar, fazer-lhes continência na rua, quando se esforçava por conservar as mãos nos bolsos, se os encontrava, para não lhes cair em cima. Na trincheira ainda têm de se manter bonzinhos com medo de uma bala nas costas, mas fora do barulho, espremem o camarada como no quartel. "Que chegue o dia do primeiro ataque e derrubarei o cabo que estiver à minha frente!" Recomeçou a andar, sentia-se triste e doce como no tempo em que se dedicava ao boxe e se despia no vestiário, um quarto de hora antes da luta. A guerra era uma longa, longa estrada, não se devia pensar de mais nela, senão acabar-se-ia por achar que nada tinha sentido, nem mesmo o fim, nem mesmo o regresso a casa com o fuzil na mão. Uma longa, longa estrada. E talvez rebentasse no meio do caminho como se não tivesse outro objetivo senão receber uma bala para defender a fábrica Schneider ou o cofre do senhor Wendel. Caminhava na poeira negra entre o muro da fábrica Penhoet e o das construções Germain; via até bastante longe, à direita, os telhados inclinados das ferrovias do Norte e, além, mais longe ainda, a grande chaminé vermelha da fundição, e pensava: "Uma longa, longa estrada." O Zarolho ria no meio dos automóveis, Maurice caminhava na poeira e Mathieu estava sentado à beira-mar, ouvia o que Jacques lhe dizia, meditando: "Talvez tenhas razão."

Ia largar as suas roupas, a sua profissão, a sua identidade, partir nu para a mais absurda das guerras, para uma guerra perdida de antemão, e sentia-se naufragar no fundo do anonimato; já não era nada, nem o velho professor de Boris, nem o velho amante da velha Marcelle, nem o demasiado velho apaixonado de Ivich; nada mais do que um anônimo sem idade, a quem haviam roubado o futuro e que tinha dias imprevisíveis à sua frente. Às onze horas e trinta, o autocarro parou em Safi e Pierre desceu para desenferrujar as pernas. Cabanas chatas e amarelas à beira da estrada asfaltada; atrás dela, Safi, invisível, deslizava para o mar. Árabes cozinhavam, agachados numa larga faixa de terra ocre, o avião voava por cima de um tabuleiro de xadrez amarelo e cinza, era a França. "Como esses tipos podem ser indiferentes", pensou Pierre com inveja; caminhava entre os árabes, podia tocá-los e, no entanto, não estava presente entre eles; fumavam tranquilamente o seu kif ao sol e ele ia ser morto na Alsácia. Tropeçou num montinho de terra, o avião entrou num vácuo e o velho pensou: "Não gosto de andar de avião." Hitler debruçava-se sobre a mesa, o general mostrava o mapa e dizia: "Cinco brigadas de tanques e mil aviões partirão de Dresda, de Tempelhof, de Munique", e Chamberlain comprimia o lenço nos lábios e pensava: "É a minha segunda viagem de avião. Não gosto de viajar de avião." "Eles não me podem ajudar; estão acocorados ao sol, semelhantes a pequenas caçarolas fumegantes, estão contentes, estão sós sobre a terra; ah!, se eu pudesse ser árabe, meu Deus!", pensou desesperado.

Às onze e quarenta e cinco, François Hannequin, farmacêutico de primeira classe em Saint-Flour, um metro e setenta, nariz direito, testa mediana, ligeiro estrabismo, barba passa-piolho, forte odor da boca e dos pelos do sexo, enterite crónica até aos sete anos, complexo de Édipo liquidado por volta dos treze, conclusão do curso secundário aos dezassete, masturbação até ao serviço militar à razão de duas ou três ejaculações por semana, leitor do Temps e do Matin (assinante), marido, sem filhos, de Dieulafoy, Esperance, católico praticante à razão de duas ou três comunhões por trimestre, subiu ao primeiro andar, ao quarto nupcial, onde a mulher experimentava um chapéu, e disse: "É exatamente o que eu te dizia: estão a chamar os n.º 2." Ela largou o chapéu, tirou os alfinetes da boca e disse: "Então partes hoje à tarde?" - "Sim, no comboio das cinco horas". "Que maçada", disse a mulher, "não sei se terei tempo de arranjar

tudo. Que é que vais levar? Camisas, naturalmente, ceroulas, tens de lã, de musselma e de algodão, creio que é melhor levares as de lã. Oh!, e também cintas de flanela, talvez possas levar algumas cinco ou seis enroladas." - "Não, nada de cintas", disse Hannequim, "são ninhos de piolhos". - "Que horror! Não terás piolhos. Leva para me fazeres a vontade; depois logo vês. Felizmente que ainda tenho conservas, sabes, as que comprei em 36 quando houve as greves, tu troçaste de mim, tenho uma lata de chucrute em vinho branco, mas não gostas disso..." - "Faz-me azia. Mas", disse esfregando as mãos, "talvez tenhas uma latinha de feijoada..." - "Uma lata de feijoada, ah!, meu bom amigo, mas como é que vais aquecer? É preciso pôr em banho-maria." - "Bom, então uma geleia de galinha, não tens?" - "Isso mesmo, uma geleia de galinha e um pouco de mortadela daquela que os primos de Clermont nos mandaram." Ele pensou um instante e disse: "Vou levar o meu canivete suíço." - "Sim. E onde é que eu vou enfiar o termo para o teu café?" - "Sim, sim, café é preciso qualquer coisa quente para atestar; será a primeira vez, desde que casei, que passarei sem sopa", disse sorrindo melancolicamente. "Arranja algumas ameixas, também, e um frasco de conhaque." - "Levas a mala amarela?" Ele sobressaltou-se: "A mala? Nunca na vida, é incómodo e não quero perdê-la; roubam tudo lá, vou levar a minha mochila." - "Que mochila?" - "Aquela que usava para ir à pesca, antes do nosso casamento. O que é que fizeste dela?" - "Que fiz dela? Ah!, não sei, fazes-me tonta, penso que a guardei no sótão!"

"No sótão! Meu Deus, com os ratos! Deve estar limpa!" - "Seria muito melhor que levasses a mala, não é grande, poderás muito bem tomar conta dela. Ah!, já sei onde ela está, emprestei-a à Mathilde para um piquenique." - "Emprestaste a minha mochila à Mathilde?" - "Não, quem é que está a falar da mochila? O termo sim", atalhou ela. - "Eu quero a mochila", disse ele com firmeza. "Ah, querido, que queres que eu te diga, vê só o que eu tenho para fazer, ajuda, procura você a mochila. Podias dar uma vista de olhos no sótão." Ele subiu ao sótão e empurrou a porta, cheirava a poeira, não se via nada, um rato passou-lhe entre as pernas: "Deus meu, os ratos devem tê-la comido", pensou. Havia ali malas, um manequim de vime, um mapa-mundo, um forno velho, uma cadeira de dentista, um harmónio, e era preciso mexer em tudo. Se ao menos ela tivesse tido a ideia de guardá-la numa mala. Abriu as malas uma após outra e fechou-as com cólera. Era tão cômoda, de couro e com fecho, cabia tanta

coisa dentro e tinha , dois compartimentos. São esses objetos que ajudam nos maus momentos; ninguém imagina como são preciosos: "Em todo o caso, não partirei com a mala", pensou encolerizado, "preferiria não levar nada".

Sentou-se numa mala, tinha as mãos negras de poeira, sentia a poeira como uma coisa seca e áspera em todo o seu corpo, mantinha as mãos no ar para não manchar o casaco preto, parecia-lhe que jamais teria a coragem de sair do sótão; nada mais me interessa; e naquela noite ia passar sem uma sopa quente! Tudo era tão inútil, sentia-se só e perdido, lá em cima, bem em cima, sobre a mala, com aquela estação barulhenta e sombria que o esperava a duzentos metros, abaixo dele, mas o grito vibrante de Esperance fê-lo tremer; era um grito de triunfo; "Achei-a! Achei-a!" Abriu a porta e correu para a escada: "Onde está?" - "Achei a tua mochila; estava na cave." Desceu a escada, tirou a mochila das mãos da mulher, olhou-a, limpou-a com a mão e depois, pousando-a na cama, disse: "Escuta, querida, estava a pensar se não conviria comprar um bom par de sapatos!?" Para a mesa! Para a mesa!

Tinham penetrado no túnel ofuscante do meio-dia; lá fora, o céu branco do calor, as ruas mortas e brancas, o no man's land, a guerra; atrás das janelas fechadas, eles cozinham a fogo lento, Daniel pôs o guardanapo sobre os joelhos, Hannequin pendurou-o ao pescoço, Brunet pegou no guardanapo de papel, amarrotou-o e limpou os lábios, Jeannine empurrou Charles para o grande refeitório quase deserto e estendeu-lhe o guardanapo no peito; era a trégua: a guerra, pois bem, a guerra, mas o calor! A manteiga de contornos flácidos e oleosos, dentro de água, água morna e cinzenta por cima e os pequenos pedaços de manteiga mortos que flutuavam de barriga para cima, Daniel via derreterem-se os pedacinhos de manteiga no pratinho. Brunet enxugou a fronte, o queijo suava no seu prato como um homem a trabalhar, a cerveja de Maurice estava morna, ele empurrou o copo: "Parece urina!" Um pedaço de gelo nada no vinho tinto de Mathieu, ele bebeu-o, sentiu a princípio um pouco de água fria na boca, em seguida um gole de vinho fraco, ainda quente, que logo se derreteu na água.

Charles virou a cabeça e disse: "Mais sopa! É preciso ser tarado para servir sopa em pleno Verão." Colocaram-lhe o prato sobre o peito, queimava um pouco a pele através do guardanapo e da camisa, ele só via o rebordo

de louça, mergulhou a colher ao acaso, ergueu-a verticalmente, mas quando estamos de costas nunca se tem a certeza da vertical, uma parte do líquido tornou a cair no prato salpicando, Charles trouxe devagar a colher acima dos lábios, inclinou-se de lado e... merda! Sempre a mesma coisa, o líquido a ferver escorreu-lhe pela cara e inundou-lhe o colarinho. A guerra! Oh!, a guerra! "Não, não", disse Zézette, "nada de rádio, não quero pensar mais nisso". "Ora, um pouco de música!", disse Maurice". Chrr, Goodb, Chersau, minha estrela, informações, sombreros e mantilhas, J'attendrai, pedido por Huguette Arnal, Pierre Ducroc, sua senhora e suas filhas em Roche-Canillac, pela menina Éliane em Calvi e Jean-François Roquette para a sua filhinha Marie-Madeleine e por um grupo de datilógrafas de Tulle para os seus soldados, J'attendrai, le jour et la nuit, um pouco mais de sopa de peixe? "Não, obrigado", disse Mathieu, "não será possível um entendimento", o rádio crepitava por cima das praças brancas e mortas, quebrava as vidraças, entrava na cidade, nas estufas sombrias, Odette pensava: "Não é possível um entendimento", era evidente, fazia um tal calor. A menina Éliane, Zézette, Jean-François Roquette e a família Ducroc de Roche-Canillac pensavam: "Não é possível um entendimento", fazia um tal calor. "Que querem vocês que eles façam?", perguntou Daniel. "Era um boato", pensava Charles, "vão deixar-nos aqui". Ella Birnenschatz pousou o garfo inclinou a cabeça para trás e disse: "Não acredito na guerra." J'attendrai toujours ton retour; o avião voava por cima de um vidro chato, empoeirado; no fim do vidro, ao longe, via-se um pouco de betume, Henry inclinou-se para o ouvido de Chamberlain e gritou-lhe: é a Inglaterra. A Inglaterra e a multidão ansiosa no aeroporto, aguardando a sua volta, on retour, mon amour, toujours, teve um minuto de desânimo, fazia tanto calor, desejava esquecer o conquistador com cara de mosca e o Hotel Dreesen e o memorando, desejo de acreditar, meu Deus, de acreditar que ainda podia haver um entendimento, fechou os olhos: Minha boneca querida, pedido pela senhora Duranty e sua sobrinha, de Decazeville, a guerra, meu Deus, a guerra e o calor e o triste e resignado sono da tarde; Casablanca, aí está Casablanca, o autocarro parou numa praça branca e deserta, Pierre foi o primeiro a descer e lágrimas ardentes vieram-lhe aos olhos; restava ainda um pouco de manhã no autocarro, mas, lá fora, o sol a pino era a morte da manhã. Acabada a manhã, Minha boneca querida, acabada a mocidade, acabadas as esperanças, ante a grande catástrofe do

meio-dia. Jean Servin afastara o prato, lia a página desportiva do Paris-Soir, não soubera do decreto de mobilização parcial, fora trabalhar, voltara para o almoço, regressaria ao trabalho às duas horas; Lucien Rénier partia nozes com as mãos, lera o decreto, pensava: "É um bluff."

François Destutt, auxiliar de laboratório do Instituto Der-rien limpava o prato com um pedaço de pão, não pensava em nada, a sua mulher também não pensava em nada, René Malleville, Pierre Charnier não pensavam em nada. Pela manhã, a guerra fora um pedaço de gelo pontiagudo e cortante nas suas cabeças, depois dissolvera-se, tornara-se uma pocinha de água morna. Minha boneca querida, o gosto espesso e sombrio do bife à borgonhesa, o cheiro a peixe, o farrapo de carne entre os dois molares, as emanações do vinho tinto e o calor, o calor! "Caros ouvintes, a França, inabalável mas pacífica, enfrenta resolutamente o seu destino."

Ele estava cansado, tonto, passou três vezes a mão diante dos olhos, a luz magoava-o e Dawburn, que mordida a ponta do lápis, disse ao seu confrade do Morning Post: "Ele levou uma boa chicotada!" Ergueu a mão e disse com voz fina:

— O meu primeiro dever, agora que estou de volta, é apresentar um relatório aos Governos francês e inglês acerca dos resultados da minha missão, e enquanto não o tiver feito ser-me-á difícil dizer alguma coisa.

O meio-dia envolvia-o no seu lençol branco, Dawburn olhava-o e pensava em estradas longas e desertas no meio de rochedos cinzentos e enferrujados sob o fogo do céu. O velho acrescentou com voz sumida:

— Limitar-me-ei a isto: confio em que todos os interessados continuarão a fazer esforços para resolver pacificamente o problema da Checoslováquia, porque nele assenta a paz da Europa nos nossos dias.

Ela apanha atentamente migalhas de pão na toalha. Sente-se um pouco oprimida, como quando está resfriada. Disse-me: "Tenho uma bola de ar no estômago", depois derramou algumas lágrimas, desnorteada: "Isso vai sair dos teus hábitos." Respondi-lhe: "Nos primeiros tempos. Só nos primeiros tempos." Ela pensa que é infeliz, aquele friozinho sombrio na cabeça, interpreta-o como desgraça iminente. Mantém-se firme, pensa que não tem o direito de se entregar, que todas as mulheres francesas são tão infelizes como ela. Digna, calma, intimidante, os belos braços repousando sobre a toalha, parece dominar a caixa de um grande armazém.

Não pensa, não quer pensar que estará mais sossegada depois da partida dele. Em que pensa ela? Que há mais uma mancha de ferrugem no porta-talheres. Franze as sobrancelhas, raspa a mancha com a ponta da sua unha vermelha. Estará muito mais sossegada. A mãe, as amigas, a salinha, a cama grande só para ela: come muito pouco, fará ovos estrelados num canto do fogão, a alimentação da menina não é complicada, papas, sempre papas, eu dizia-lhe: "Mas dá-me qualquer coisa, qualquer coisa, não procures arranjar grandes refeições nunca ligo muito ao que como"; ela obstinava-se, como era seu dever.

— Georges?

— Querida?

— Queres um chá?

— Não, obrigado.

Ela bebeu o seu chá suspirando, tem as olhos vermelhos. Mas não olha para mim, olha para o aparador, porque está ali mesmo à frente dela. Não tem nada a dizer-me ou então dir-me-á: "Não apanhes frio." Talvez chegue a imaginar-me esta noite no comboio um pequeno vulto magro encolhido ao fundo da carruagem, mas não vai além, é difícil de mais; pensa na sua vida aqui. Vai haver um vácuo. Um pequeno vácuo, Andrée: não ocupo muito lugar. Eu estava sentado no sofá com um livro, ela consertava meias, não tínhamos nada a dizer um ao outro. O sofá continuará no seu lugar. O importante é o sofá. Ela escrever-me-á. Três vezes por semana. Escrupulosamente. Ficará muito séria, procurará a tinta durante muito tempo, a caneta, os óculos amarelos, e depois instalar-se-á com o seu ar intimidante diante da secretária incômoda que herdou da avó Vasseur: "Os dentes da menina começam a aparecer, a minha mãe virá pelo Natal, a senhora Ancelin morreu, Emilienne casa-se em Setembro; o noivo é muito bom, de certa idade trabalha em seguros." Se a menina tiver coqueluche, ela não me dirá nada para não me aborrecer. "Pobre Georges, não precisa de saber, preocupa-se por nada." Mandar-me-á pacotes de mantimentos, chouriços açúcar, café, tabaco, meias de lã, latas de sardinhas, comprimidos manteiga salgada. Um pacote entre dez mil, igual a todos, se me entregarem por engano o de um companheiro, não o perceberei, os pacotes, as cartas, as papas de Jeannette, as manchas no porta-talheres, o pó no armário, isso bastar-lhe-á; à noite dirá: "Estou cansada, já não consigo fazer tudo." Não lerá jornais. Como agora, detesta-os por serem papel que

anda pelos cantos e não se pode aproveitar, antes da tinta bem seca, na cozinha ou nas retretes; a senhora Hébertot virá trazer-lhe notícias, tivemos uma grande vitória ou a coisa não vai bem, querida, não vai, não avança. Henri e Pascal já combinaram com as suas mulheres uma linguagem cifrada, para dizer onde estão: sublinharão certas letras. Mas com Andrée é inútil. Mesmo assim ele tentou, só para ver:

— Posso mandar-te dizer onde estou.

— Mas isso não é proibido? - perguntou ela surpreendida.

— É, mas combinamos, como na guerra de 14, juntas todas as maiúsculas, por exemplo.

— É muito complicado - disse ela suspirando.

— Não é, verás, é simples como tudo.

— Sim, mas podes ser descoberto, lançarão as tuas cartas para o cesto e eu ficarei inquieta.

— Vale a pena arriscar.

— Se quiseses, meu amigo, mas, sabes, a geografia e eu... Verei num mapa, um ponto com um nome em cima, que adiantará isso? Assim é. Em certo sentido é bem melhor; ela receberá o meu ordenado...

— Já te dei a procuração?

— Já, querido, guardei-a na secretária.

— É muito melhor. Deve ser chato deixar alguém preocupado, devemo-nos sentir vulneráveis.

Arredou a cadeira.

— Não, querido, não precisas de dobrar o guardanapo...

— É verdade!

Não me pergunta onde vou. Nunca me pergunta. Digo-lhe:

— Vou ver a menina.

— Não a acordes...

Não a acordarei; ainda que o quisesse, não saberia fazer o barulho suficiente, sou leve de mais. Empurrou a porta, uma porta da janela abria-se, uma luz ofuscante e branca entrara; metade do quarto ainda estava na sombra, mas a outra brilhava sob os raios de sol empoeirados. A menina dormia no berço; Georges sentou-se perto dela. Os cabelos loiros, a boquinha pura e as bochechas gordinhas que lhe davam um ar de magistrado inglês! Ela começava a gostar de mim. O sol ganhava terreno; empurrou devagar o berço para mais longe. Assim. "Não será bonita,

parece-se comigo. Coitadinha, seria melhor que se parecesse com a mãe. Ainda molinha, dir-se-ia sem ossos. E já traz dentro dela essa lei que foi a minha, as células proliferarão de acordo com a minha lei, as cartilagens endurecerão, o crânio ossificar-se-á de acordo com a minha lei. Uma menina magrizona, de aspecto insignificante, de cabelos baços, escoliose do ombro direito, forte miopia, deslizará sem ruído, sem tocar no chão, fazendo enormes desvios para evitar pessoas e coisas porque será demasiado leve e fraca para deslocá-las. Deus meu!

Todos esses anos que virão para ela, uns após os outros, inevitavelmente, e tudo tão inútil, tudo está escrito na sua carne e será preciso que ela viva o seu destino, minuto a minuto, e que acredite inventá-lo e aí está ele, inteirinho, repugnante de tão previsível; contaminei-a, e porque deverá ela viver gota a gota o que já vivi? Porque deverá tudo repetir-se, indefinidamente? Uma magrizelazinha, uma almazinha tímida e clarividente, tudo o que é necessário para sofrer bastante. Eu vou-me embora, sou chamado a desempenhar outras funções, ela vai crescer, aqui, obstinadamente, imprudentemente, ela vai representar-me. E a coqueluche, as convalescenças demoradas, e essa paixão infeliz pelas camaradas belas e gordas, de carnes rosadas, e os espelhos em que se verá, pensando: "Será que sou feia de mais para que me amem?" Tudo isso, dia após dia, com esse gosto do já visto, valerá a pena? A menina acordou um instante, era para ela um instante, era para ela um instante novo, e olhou-o com uma curiosidade grave. Tirou-a do berço, apertou-a com força nos braços: "Minha pequenina! Meu querido bebê! Minha pobre queridinha!" Mas ela assustou-se e pôs-se a gritar.

"Georges", chamou por trás da porta uma voz cheia de censura. Deitou-a novamente no berço. Ela olhou-o mais um instante, com um ar severo e tristonho, depois os seus olhos fecharam-se, reabriram, piscando, e tornaram a fechar-se. "Começava a gostar de mim. Fora preciso passar o dia aqui, habituá-la tão profundamente à minha presença que ela não pudesse mais ver-me. Quando durará isso? Cinco, seis anos? Encontrarei uma menina de verdade que me contemplará com espanto, que pensará: "É isto o meu pai?" e que terá vergonha de mim diante das amigas. Isso também eu vivi. Quando o pai veio da guerra eu tinha doze anos." A luz da tarde invadira quase inteiramente o quarto. A guerra devia parecer-se com uma

tarde interminável. Ele levantou-se, sem ruído, abriu devagar a janela e fechou a persiana.

Cabina 19, é esta. Ela não ousava entrar, permanecia à porta, com a mala na mão, esforçando-se por se persuadir de que conservara alguma esperança. E se por acaso fosse um beliche bonitinho, com tapete e flores num copo, sobre o lavabo? São coisas que acontecem, encontramos muitas vezes pessoas que nos dizem: "A bordo de tal navio, não vale a pena viajar em segunda, as terceiras são tão luxuosas como as primeiras."

Naquele momento, talvez France estivesse desarmada, talvez dissesse: "Pois aí está uma cabina que não é como as outras. Se as terceiras fossem assim..." Maud imaginava-se France. Uma France conciliante e mole, dizendo: "Bom, não faz mal... arranjar-nos-emos mesmo assim." Mas não gostava que a encontrassem a vaguear pelos corredores, uma vez houve um roubo e tinham-na interrogado de maneira bastante desagradável, quando se é pobre é preciso ter cuidado com as coisas pequeninas, porque as pessoas são impiedosas: achou-se de repente no meio da cabina e não teve tempo sequer de uma decepção, esperava aquilo. Seis lugares: três beliches sobrepostos à direita, três outros à esquerda: "Aqui está... aqui está!" Nada de flores no lavabo, nem tapetes, aliás nunca acreditara nisso. Nem cadeiras tão-pouco, nem mesa. Quatro pessoas sentir-se-iam mal acomodadas ali, porém o lavabo estava limpo. Tinha vontade de chorar, mas não valia a pena: previra tudo aquilo. France não podia viajar em terceira, aí está o fato, a verificação indiscutível. Como era também indiscutível o fato de Ruby não poder viajar de comboio com as costas voltadas para a locomotiva. Podia-se ser tentado a perguntar por que razão France se obstinava em comprar passagens de terceira. Porém, nesse ponto como em outros, France não merecia censuras: comprava passagem de terceira porque era económica e geria prudentemente as finanças da Orquestra Baby's; quem a poderia criticar? Maud pousou a mala no chão, tentou, durante um segundo, enraizar-se na cabina, fingir que estava ali há dois dias. Então os beliches, a vigia, os parafusos amarelos da parede, tudo lhe parecia familiar, íntimo; murmurou com convicção: "Mas esta cabina é excelente." Depois, como se sentia cansada, tornou a pegar na mala e ficou de pé entre os beliches, sem saber o que fazer, se ficarmos aqui terei de desfazer a minha mala, mas não vamos ficar certamente, e se France vir que comecei a instalar-me, com o seu espírito de contradição, isso há-de ser

mais um motivo para que ela decida trocar de cabina. Sentia-se provisória na cabina, no navio, em terra. O capitão era grande e gordo, com cabelos brancos. Ela sobressaltou-se: "Afinal estaríamos bem as quatro na cabina, se ficássemos sozinhas."

Mas bastou-lhe um olhar para perder a esperança: no beliche da direita havia bagagens; um cesto de vime com um fecho enferrujado e uma mala de fibra - não, nem isso, de papelão prensado com os cantos amassados. E depois, para cúmulo do azar, ouviu um leve ruído, ergueu os olhos e viu que uma mulher de uns trinta anos jazia no beliche superior da direita, muito pálida, de olhos fechados. Bom, tudo vai mal. Ele tinha-lhe olhado para as pernas, quando ela passou pela coberta; fumava um charuto, ela conhecia bem essa espécie de homens que cheiram a charuto e a água-de-colónia. Bem, elas subiram no dia seguinte, ruidosas e pintadas, à coberta da segunda, as pessoas já estariam instaladas, teriam travado conhecimento e distribuído as suas simpatias, Ruby andaria muito tesa, de cabeça erguida, sorridente e míope, balançando o traseiro, e Doucette diria com uma vozinha afetada: "Não, meu bem, vem, é o capitão que quer." Os senhores bem-vestidos, sentados com cobertas por cima dos joelhos, acompanhá-la-iam com o olhar frio, as mulheres deixariam escapar reflexões desonestas, à sua passagem, e à noite, nos corredores, encontrariam alguns gentlemen amáveis de mais, de mãos agitadas. Ficar aqui, meu Deus, aqui entre estas quatro chapas de ferro pintadas de amarelo, estaríamos tão bem sozinhas!

France empurrou a porta. Ruby entrou atrás. "Não trouxeram as bagagens?", perguntou France bem alto. Maud fez-lhe sinal para que se calasse, mostrando-lhe a enferma. France ergueu os seus grandes olhos claros sem cílios para o beliche: o seu rosto continuava imperioso e inexpressivo como de costume, mas Maud compreendeu que a partida estava perdida.

— Não é assim tão ruim - disse Maud com bom humor -, a cabina está quase a meio, sente-se menos o balanço do navio.

Ruby encolheu os ombros. France perguntou, como que indiferente:

— Como nos instalamos?

— Como quiser. Quer que eu fique no beliche de baixo? - perguntou, obsequiosa.

France não conseguia dormir com duas pessoas por cima dela.

— Veremos, veremos...

O capitão tinha os olhos claros e gélidos num rosto avermelhado... A porta abriu-se e uma senhora de preto surgiu. Mastigou algumas palavras e foi sentar-se no seu beliche entre a mala e o cesto. Teria uns cinquenta anos e estava pobremente vestida, a pele era rude, terrosa, enrugada e os olhos pareciam sair-lhe da cabeça. Maud olhou-a e pensou: "Vai tudo muito mal." Tirou um bâton da bolsa e começou a pintar os lábios. Mas France olhou-a de lado, com um ar de tão majestosa satisfação que Maud, aborrecida, deixou cair o bâton novamente para o fundo da bolsa. Houve um longo silêncio, que pareceu familiar a Maud; reinara numa cabina igualzinha, quando o Saint-Georges as levara a Tânger e um ano antes, no Théophile Gautier, quando foram tocar ao Polythéion de Corinto. Esse silêncio foi entretanto perturbado por um ruídozinho fanhoso: a mulher de preto puxara de um lenço e abria-o sobre o rosto: chorava sem violência, mas sem cerimónia, como alguém que se prepara para uma longa crise. Ao fim de um momento, abriu o cesto e tirou dele uma fatia de pão com manteiga, um pedaço de carne de carneiro grelhada e uma garrafa térmica enrolada num guardanapo. Pôs-se a comer chorando, desenrolou a garrafa e encheu de café a caneca; com a boca cheia, pesadas lágrimas rolaram-lhe, brilhantes, pelas bochechas. Maud viu a cabina com novos olhos: era uma sala de espera numa pequena estação de província. "Tomara que ele não seja um viciado..." Fungou e inclinou a cabeça para trás por causa do rímel. France olhava-a de lado, friamente.

— Esta cabina é pequena de mais - disse France em voz alta -, ficaremos muito mal acomodadas. Prometeram-me em Casablanca que estaríamos sós numa cabina de seis lugares.

Começava a cerimónia, havia no ar algo de sinistro e um pouco solene; Maud disse em voz baixa:

— Poderíamos completar as passagens.

France não respondeu. Sentara-se no beliche da esquerda e parecia meditar. Ao fim de um instante, a sua fisionomia fez-se sorridente e ela disse alegremente:

— E se propuséssemos ao capitão dar um concerto gratuito no salão de primeira classe? Talvez ele consentisse em mandar transportar as nossas bagagens para uma cabina mais confortável.

Maud não respondeu; cabia a Ruby fazê-lo.

— Excelente ideia - disse esta vivamente. Maud sentiu um calafrio e teve horror de si mesma. Voltou-se para France, suplicante:

— Vai, France! Tu és o nosso chefe de equipa, tu és que deves ir ter com o capitão.

— Não, querida - disse France muito amável. - Que pode obter uma mulher velha como eu? Ele será muito mais gentil para com uma belezazinha da tua idade.

Um vermelhão gordo, de cabelos e olhos cinzentos. Devia ser meticulosamente asseado, como sempre. France estendeu o braço e premiu a campainha:

— E melhor resolver isto já - disse. A mulher de preto continuava a chorar, ergueu bruscamente a cabeça e pareceu aperceber-se da presença delas.

— Vão mudar de cabina? - perguntou, inquieta. France observou-a com um ar glacial. Maud respondeu com vivacidade:

— Temos muita bagagem, ficaríamos encurraladas aqui, iríamos incomodá-la.

— Não, não me incomodam - disse a mulher. - Gosto de companhia.

Tocaram, o steward entrou. "A sorte está lançada", pensou Maud. Pegou no bâton e no pó-de-arroz, aproximou-se do espelho e começou a pintar-se cuidadosamente.

— Quer perguntar ao capitão - disse France - se tem um minuto para receber a menina Maud Dassignies, da Orquestra Feminina Baby's?

— Não - disse ele. - Aposto que não.

Os sofás de vime, a sombra dos plátanos. Daniel banhava-se em velhas recordações, aborrecidas; em Vichy, em 1920, adormecera num sofá de vime sob as grandes árvores do parque, tinha nos lábios o mesmo sorriso cortês e a mãe tricotava a seu lado, Marcelle tricotava a seu lado sapatinhos para o bebé, sonhava com a guerra, não tinha olhar. O eterno zumbido do moscardo já tanto tempo decorrido, desde Vichy, e o moscardo continuava a zumbir, havia um cheiro a menta; atrás deles, no salão do hotel, alguém tocava piano há vinte anos, há cem anos.

Um pouco de sol nos dedos frisando os pelos das falanges, um pouco de sol aquecia, no fundo da xícara vazia, uma pequenina poça de café com um recife de açúcar, escuro e granulado, com mil arestas brilhantes. Daniel esmagou o açúcar pelo prazer melancólico de sentir sob a colher o

desmoronamento da areia rangente. O jardim deslizava lentamente para o rio, a água morna e lenta, o odor de planta aquecida e a Revue des Deux Mondes que o senhor Lestrage, coronel aposentado, deixara sobre uma mesa do outro lado da entrada. A morte, a eternidade, ninguém se furtará a ela, a doce, a insinuante eternidade, as folhas verdes e viscosas acima das cabeças; o eterno montinho das primeiras folhas mortas. Emile cavava, único ser vivo, sob os castanheiros. Era o filho dos patrões, lançara para o chão, à beira da valeta, um saco de pano cinzento. No saco estava Zizi, a cadela morta: Emile cavava-lhe uma cova; trazia na cabeça um imenso chapéu de palha, o suor escorria-lhe pelo dorso nu. Um rapazola grosseiro e insignificante, de fisionomia dura, um rochedo com duas fendas horizontais e musgosas no lugar dos olhos, tinha dezassete anos, e já corria atrás das mulheres, era campeão local de bilhar e fumava charuto, mas era dono daquele corpo delicioso, imerecido.

— Ah! - disse Marcelle -, se eu ousasse acreditar...

Naturalmente. Naturalmente não ousava acreditar. E no entanto, a ela, que mal podia fazer a guerra? Continuará a engordar em alguma aldeia, algures no campo. Será que ela não se vai embora, está a deixar passar a hora da sesta. Ele apoiava o pé sobre a pá e premia com toda a força; pousar docemente as mãos nas ancas e subir, uma leve pressão, como um massagista, enquanto ele cava a terra, roçar a ponta dos dedos na sombra húmida das axilas; o seu suor cheira a timo. Bebeu um golo de bagaço.

— Seria bom de mais - disse Marcelle. - E depois, a mobilização já começou.

— Mas, minha cara Marcelle, como pode levar isso a sério? A Home Fleet vai dar uma volta pelo mar do Norte, a França mobiliza duzentos mil homens, Hitler reúne quatro divisões blindadas na fronteira checa. Depois, esses senhores ficarão com a consciência tranquila e poderão conversar calmamente à volta de uma mesa.

Um corpo de mulher agarra-se. Borracha, carne desossada, isso arranja-se até de mais. Aquele belo corpo exigia carinhos de escultor, seria preciso modelá-lo. Daniel endireitou-se bruscamente no sofá e fixou Marcelle com um olhar faiscante. Isso não, isso nunca; esse vício distraído... ainda não tenho idade para isso. Bebo um copo de bagaço, falo com gravidade acerca da guerra que se anuncia e, durante esse tempo, o meu

olhar roça, indolentemente, um jovem dorso nu, um traseiro bem feito, ofusca todas as possíveis dádivas de uma tarde de Verão. Que venha! Que venha então a guerra, que venha matar os meus olhos, afundá-los nas órbitas, mostrar-lhes enfim corpos conspurcados, sangrentos, desarticulados, que ela me arranque destes eternos desejos, pequeninos e fracos, das folhagens, do zumbido das moscas, dos sorrisos, um géiser de fogo sobe aos céus, uma chama que queima o rosto e os olhos, como se tivéssemos as faces arrancadas, que venha afinal o instante inominável que não lembra coisa alguma.

— Mas - disse Marcelle com uma doce indulgência (ela não apreciava as qualidades políticas dele) - a Alemanha não pode recuar, não é? E nós chegámos ao máximo das concessões. Então?

— Não tenha medo - disse Daniel com amargura. - Faremos todas as concessões necessárias, não haverá limites. E depois a Alemanha pode dar-se ao luxo de recuar, quem ousaria falar de recuo? Diriam que foi generosidade.

Émile endireitou-se, enxugava a fronte com as costas da mão, as suas axilas fumegavam, olhava para o céu a sorrir, um jovem deus. Um jovem deus! Daniel arranhou o braço do sofá. Quantas vezes, Senhor, quantas vezes não dissera: um jovem deus ao contemplar um adolescente ao sol. Palavras gastas de tia idosa; sou um pederasta, dizia, e eram ainda palavras que não o perturbavam, de repente pensou: "O que poderia a guerra modificar?" Estaria sentado em algum outeiro, durante uma acalmia, olharia distraidamente o dorso nu de um jovem soldado cavando a terra ou catando piolhos, os lábios já bem treinados murmurariam sozinhos: "Um jovem deus; entusiasmano-nos em qualquer parte."

— Afinal - disse bruscamente -, estamos a discutir à toa. Quando houver guerra? Imagino que será vivida mesquinamente, como tudo.

— Oh! Daniel. - Marcelle tinha um ar de quem estava verdadeiramente escandalizada. - Como pode dizer isso? Seria... seria terrível!

— Palavras. Sempre palavras.

— O que é terrível - disse Daniel a sorrir - é que nada é jamais muito terrível. Não há extremos.

Marcelle olhou-o com certa surpresa, os seus olhos tinham perdido o brilho: "O sono está a vencê-la", pensou Daniel, satisfeito.

— Se me dissesse isso dos sofrimentos morais, eu compreenderia. Mas, Daniel!, há os sofrimentos físicos...

— Ah! - disse Daniel, ameaçando-a com o dedo.

— Já está a pensar nas futuras dores! Verá, verá! Penso que isso também é um exagero.

Marcelle sorriu-lhe, reprimindo um bocejo.

— Vamos - disse Daniel levantando-se -, não se atormente, Marcelle. Quase deixou passar a hora da sesta. Não dorme o suficiente; no seu estado é preciso dormir muito.

— Não durmo o suficiente? - Ria e bocejava ao mesmo tempo. - Até tenho vergonha, não leio nada, passo os dias na cama.

"Felizmente", pensou Daniel, beijando-lhe a ponta dos dedos.

— Aposto que ainda não escreveu à senhora sua mãe.

— É verdade. Sou uma filha ingrata. - Bocejou, acrescentando:

— Vou fazê-lo antes de dormir.

— Não, não - disse Daniel com vivacidade. - Vá descansar imediatamente. Eu é que lhe mandarei uma palavrinha.

— Oh! Daniel - disse Marcelle encantada e confusa -, uma carta do genro, ela vai sentir-se tão orgulhosa!

Subiu a escada com dificuldade e ele voltou a sentar-se no sofá. Bocejou, passou-se algum tempo e percebeu que estava a ouvir um piano. Olhou para o relógio: eram três horas e vinte e cinco. Marcelle desceria às seis para o seu passeio aperitivo.

"Tenho duas horas e meia diante de mim", pensou com certa apreensão. Bem: outrora a sua solidão era como o ar que se respira, vivia-a sem a ver. Agora, era-lhe concedida aos poucos e ele não sabia o que fazer dela. O mais extraordinário é que me aborreço menos quando Marcelle está comigo. "Tu o quiseste", disse a si mesmo, "tu o quiseste!"

Sobrava um gole de bagaço no fundo do copo, bebeu-o. Naquela noite de Junho, quando resolvera desposar Marcelle, arquejava de angústia, julgava mergulhar no horror. Tudo isso para chegar àquele ponto, ao sofá de vime, ao gosto levemente podre do bagaço na boca, ao dorso nu. A guerra seria a mesma coisa.

O horror é sempre para o dia seguinte. Eu casado, eu soldado: só encontro eu próprio. E nem mesmo eu: uma sequência de pequenas deslocações excêntricas, de pequenos movimentos centrífugos e nenhum

centro. No entanto, há um centro. Um centro: eu. Eu - e o horror está no centro. Ergueu a cabeça, a mosca zumbia à altura dos seus olhos, espantou-a. Mais uma fuga. Um pequeno gesto com a mão, um quase nada, já ele escapava de si: que importa a mosca? Ser de pedra, imóvel, insensível, sem um gesto, sem um ruído, cego e surdo, as moscas, os insetos passando sobre o meu corpo, uma estátua severa de olhos vazios sem um projeto, sem uma preocupação: talvez conseguisse coincidir comigo mesmo. Não, certamente, para me aceitar; para ser, enfim, o objeto do meu ódio. Houve uma espécie de dilaceração, quatro notas de uma polaca, o brilho daquele dorso nu, um formigueiro no polegar e depois caiu em si novamente. Ser o que sou, ser um pederasta, um mau, um covarde, essa imundície, em suma, que não chega sequer a existir. Encostou os joelhos, pousou as mãos sobre as coxas, teve vontade de rir: devo ter um ar muito decente, e encolheu os ombros: "Imbecil! Não me incomodar com o meu aspecto, sobretudo não olhar mais para mim, se me olho sou dois. Ser. No escuro, às cegas. Ser pederasta, como a árvore é a árvore. Apagar o olhar interior." Pensou:

"Apagar." A palavra soou como um trovão, repercutiu-se por imensas salas vazias. Espantar as palavras, eram um pulular de pequenos prazos, cada qual marcando-lhe um encontro ao fim de si mesmo... Houve uma nova dilaceração, Daniel encontrou-se sonolento e aborrecido, um tipo que tem apenas duas horas diante de si e distrai-se como pode. Ser como eles me vêem, como Mathieu me vê - e Ralph com a sua cabecinha suja; espantar as palavras como mosquitos; pôs-se a contar mentalmente, um, dois - as palavras surgiram: divertimento de veranistas. Mas contou mais depressa, apertou as malhas da rede e as palavras já não passaram. Cinco, seis, sete, oito, o fundo do mar, uma imagem estava ali, agachada, medonha, comum a essas profundezas, uma aranha-do-mar, desabrochando, vinte e dois, vinte e três, Daniel percebeu que retinha a respiração, relaxou-a, vinte e sete, vinte e oito, o outro cavava lá em cima, na superfície: era uma chaga aberta, boca amarga, esses lábios abertos e o sangue que brota deles, trinta e três, a imagem era-lhe familiar e no entanto, formava-a pela primeira vez. Espantar as imagens também; estava tomado por um medo estranho e leve. Deslizar deixar-se deslizar como quando se deseja dormir. Mas estou a adormecer!

Sacudiu-se, emergiu à tona. Que silêncio, aqui fora; o silêncio esmagador, semimorto, que buscava em vão dentro dele, estava ali, e fazia

medo. O sol esparso juncava o chão de círculos pálidos e irrequietenos, a cadeia morta, o murmúrio do rio na copa das árvores, o dorso nu, tão próximo, tão longínquo, sentia-se tão terrivelmente estranho a tudo que se deixou mergulhar outra vez, afundou-se para trás, agora via o jardim por baixo como um mergulhador que ergue a cabeça e olha para o céu através da água. Sem ruído, sem voz, pequeno tagarela no centro do silêncio. Um, dois, três, espantar as palavras, que o silêncio achesse, se junte e se unifique através de mim; regularizar a minha respiração. Lentamente, profundamente, que cada coluna de ar esmague como um pistão as palavras que tentarem nascer. Ser, como uma árvore, como o dorso nu, como as lúmulas borboletantes na terra rósea. Se fechasse os olhos: os olhos conduzem até longe de mais, para fora do instante, para fora de mim, para longe, nas folhas, no dorso; o olhar perseguido, furtivo, fugidio, sempre no extremo de si mesmo, apalpa a distância. Mas não ousou cerrar as pálpebras; Émile devia olhá-lo às escondidas, de vez em quando, e ele teria o ar de um senhor de idade apanhado por uma sonolência digestiva; antes fascinar-se com alguma coisa, dar alimento aos olhos, amarrar o olhar, nutri-lo e descer ao fundo de si mesmo, liberto dos olhos, dentro da minha noite espessa; fixou o canteiro, à esquerda, um grande ritmo verde, coagulado: uma onda imobilizada no momento em que se desfaz; o olhar perdido, lançado sem cessar de uma para outra folha, dissolvia-se naquela desordem vegetal. Um (inspiração), dois (expiração), três (inspiração), quatro (expiração). Descia rodopiando, no caminho encontrou uma formigante vontade de rir, faço o dervixe, tomara que eu não engula a língua, já ela se projetava acima dele, ele afundava-se, cruzava palavras em trapos: medo, desafio, que voltavam à tona. Um desafio ao céu claro, ele imaginava-o sem imagens, sem palavras está a vir, a abrir-se como uma boca de esgoto. Sob o azul, uma reivindicação amarga, uma súplica vã, Eli, Eli, lama sabachthni, foram as últimas palavras que encontrou, subiam dele como bolhas leves, a parede verde do canteiro estava ali, despercebida, uma plenitude de presença diante dos seus olhos, está a vir, está a vir. Sentir-se cortado, rasgado como por uma foice, era extraordinário, desesperante, delicioso.

Aberto, aberto, a casca estoira, aberto, aberto, pleno, eu mesmo para sempre, pederasta, mau, covarde. Estão a ver-me, não. Não é isso; alguma coisa me vê. Sentia-se objeto de um olhar. Um olhar que o perscrutava até

ao fundo, que o penetrava a golpes de punhal e que não era o seu olhar: um olhar opaco, a própria noite, que o esperava no fundo dele mesmo e o condenava a ser ele mesmo, covarde, hipócrita, pederasta para sempre. Ele mesmo, palpitando sob esse olhar e desafiando esse olhar. O olhar. A noite. Como se a noite fosse um olhar. Estou a ser visto. Transparente, transparente, trespassado.

— Por quem? - Não estou só - disse Daniel em voz alta. Émile ergueu-se.

— Que é que há, senhor Sereno?

— Estava-lhe a perguntar se demoraria muito ainda.

— Estou a acabar - disse Émile -, só mais uns minutos.

Não se apressava em recommençar a cavar, olhava para Daniel com uma curiosidade insolente. Mas aquilo era um olhar humano, um olhar que se podia enfrentar. Daniel levantou-se, tremia de medo:

— Não fica cansado de cavar assim com tanto sol?

— Estou habituado - disse Émile.

Tinha um peito encantador, um pouco gordo, com dois minúsculos pontos róseos; apoiava-se à enxada com um ar provocante; a três passos... Mas havia aquele estranho gozo, mais acre que todas as volúpias, havia aquele olhar.

— Faz calor de mais para mim - disse Daniel -, acho que vou subir para descansar um instante.

Inclinou a cabeça ligeiramente e subiu a escada. Tinha a boca seca, mas estava decidido: no quarto, de cortinas corridas, persianas fechadas, recommençaria a experiência.

Dezassete horas e quinze minutos em Saint-Flour. A senhora Hannequin acompanhava o marido à estação; tinham seguido pelo atalho íngreme. O senhor Hannequin vestia o seu fato de sport, trazia a sacola a tiracolo; tinha calçado os sapatos novos que lhe feriam o peito do pé. A meio caminho encontraram a senhora Calvé. Ela parara em frente da casa do tabelião para tomar fôlego.

— Ah!, pobres pernas - disse ela ao vê-los -, estou a envelhecer. Uma pobre velha.

— Está mais jovem que nunca - disse a senhora Hannequin e não conheço muita gente capaz de voltar por este atalho sem tomar fôlego.

— Onde vão assim tão depressa? - perguntou a senhora Calvé.

— Ah!, minha cara Jeanne - disse a senhora Hannequin -, acompanho o meu marido. Ele vai partir, foi chamado!

— Não é possível! Mas eu não sabia! Ora, ora! - Pareceu ao senhor Hannequin que ela o olhava com um interesse especial. - Deve ser duro - acrescentou ela - partir num dia tão lindo.

— Ora, ora! - disse o senhor Hannequin.

— Ele é muito corajoso - atalhou a senhora Hannequin.

— Ainda bem - disse a senhora Calvé, sorrindo para a senhora Hannequin. - É o que eu dizia ontem ao meu marido: os franceses partirão todos com coragem.

Hannequin sentiu-se jovem e corajoso.

— Desculpe-nos, temos de ir.

— Então até breve.

— Até breve... - disse a senhora Hannequin meneando a cabeça.

— Sem dúvida, sem dúvida - disse o senhor Hannequin -, até breve!

Seguiram. O senhor Hannequin andava depressa, a senhora Hannequin observou:

— Devagar, François, não posso acompanhar esse passo por causa do meu coração...

Cruzaram-se com Marie, cujo filho estava a cumprir o serviço militar. O senhor Hannequin gritou-lhe:

— Não quer nada para o seu filho, Marie? Talvez o encontre, sou soldado de novo. Marie pareceu impressionada:

— Jesus! - implorou, de mãos postas.

Hannequin fez um gesto de adeus e entraram na estação. Era Charlot quem picotava os bilhetes.

— Então, senhor Hannequin desta feita é o grande bumbum?

— O zim-badabum, a rumba do amor - respondeu o senhor Hannequin, estendendo-lhe o bilhete.

O tabelião Pineau estava na cave. Gritou-lhes de longe:

— Então, uma farrinha em Paris?

— Sim - disse ele -, vou receber bombas em Nancy. E acrescentou sobriamente: "Fui chamado."

— Como? - disse o tabelião. - Mas então, tem o número dois?

— Pois tenho!

— Vá! Voltará em breve: tudo isso é fita.

— Não sei - respondeu secamente o senhor Hannequin. - Na diplomacia há conjunturas que começam como farsas e acabam em tragédias, em sangue.

— E... acha justo ir lutar pelos Checos?

— Checos ou não, é sempre pelo rei da Prússia que nos batemos.

Riram e cumprimentaram-se. O comboio de Paris entrava na estação, mas Pineau não deixou de beijar a mão da senhora Hannequin.

O senhor Hannequin subiu para o compartimento sem se servir das mãos. Lançou a sacola para um canto que reservara, voltou para o corredor, baixou o vidro da janela e sorriu para a mulher:

— Olá! Estou muito bem. Há muitos lugares. Se continuar assim poderei estender as pernas para dormir.

— Oh!, deve subir muita gente em Clermont.

— É o que receio.

— Escreve-me. Uma só palavra todos os dias, não é preciso escrever muito.

— Está bem.

— Não te esqueças de usar as cintas de flanela, fá-lo por mim.

— Juro - disse ele com um ar de solenidade, sorridente.

Atravessou novamente o corredor, voltou à escadinha da carruagem:

— Um beijo, minha velha.

Beijou-a no rosto redondo, molhado por duas lágrimas.

— Meu Deus! - disse ela. - Todo... este aborrecimento. Não faltava mais nada!

— Bom, bom...

Calaram-se. Ele sorria-lhe, ela olhava-o sorrindo e chorando, nada mais tinha a dizer. O senhor Hannequin fazia votos para que o comboio partisse o mais depressa possível.

Dezassete horas e cinquenta e dois minutos em Niort. O ponteiro grande do relógio desloca-se com uma sacudidela a cada minuto, oscila um pouco e pára. O comboio é escuro, a estação é escura. Fuligem. Ela teimou em vir. Por dever. Eu disse-lhe: "Não vale a pena." Ela olhou para mim escandalizada: "Como, Georges? Nem penses nisso." Eu disse-lhe: "Não te demores, não podes deixar a menina sozinha por muito tempo." Ela respondeu: "Vou pedir à senhora Cornu para ficar com ela. Levo-te ao comboio e depois volto a ir buscá-la." Agora está aí, debruço-me à janela do

meu compartimento e olho-a. Tenho vontade de fumar, mas não ousa, penso que não seria decente. Ela olha para o fim da plataforma, abrigando os olhos com a mão por causa do sol. De vez em quando lembra-se de que estou a seu lado e que deve olhar para mim. Ergue a cabeça, pousa os olhos em mim, sorri, não sabe o que dizer. No fundo, já parti. Travesseiros, cobertores, laranjas, limonadas, sanduíches.

— Georges!

— Querida?

— Queres laranjas?

A minha sacola está cheia. Mas ela tem vontade de me dar alguma coisa. Porque vou partir. Se eu recusar ela terá remorsos. Não gosto de laranjas.

— Não, obrigado.

— Não, mesmo?

— Não, de verdade. És muito gentil.

Sorriso pálido. Beijei há pouco essas belas faces frias e cheias, e o canto desse sorriso. Ela beijou-me, senti-me um pouco envergonhado: porquê todas essas histórias, Deus meu? Porque vou partir? Muitos partem. É verdade que os beijos também. Quantas mulheres bonitas assim de pé, ao crepúsculo, no fumo e na fuligem, erguendo um sorriso de lábios pintados para um homem debruçado à janela da sua carruagem! E depois? Nós devemos parecer um tanto ridículos: ela é bela de mais, fria de mais, eu sou demasiado feio.

— Escreve-me - disse ela -, já te disse mas é preciso passar o tempo, sempre que puderes. Uma só palavra basta...

Será uma só palavra, com efeito. Não terei nada para dizer. Não me acontecerá nada, nunca me acontece nada. E, além disso, eu já a vi ler cartas. O seu ar importante, aplicado, aborrecido; coloca os óculos na ponta do nariz, lê a meia voz e ainda acha uma maneira de pular linhas inteiras.

— Bem, querido, vou dizer-te adeus. Vê se dormes um pouco esta noite.

Pois é, é preciso dizer alguma coisa. Mas ela sabe que eu nunca durmo no comboio. Repeti-lo-á daqui a pouco à senhora Cornu: "O comboio estava repleto. Pobre Georges, espero que mesmo assim possa dormir."

Olha à sua volta, com um ar infeliz; o grande chapéu de palha balançou-lhe na cabeça. Um rapaz com a sua jovem mulher pára ao lado dela.

— Preciso de me ir embora. Preciso de ir ver a menina. - Falou alto por causa deles. Eles são intimidantes porque são belos. Mas não lhe prestam atenção.

— Vai, querida, adeus. Volta depressa para casa. Escreverei logo que for possível.

Uma lagrimazinha, mesmo assim. Porquê, meu Deus, porquê? Ela hesita. E se de repente me estendesse os braços e me dissesse: "Tudo isto não passa de um mal-entendido, eu amo-te, eu amo-te!"

— Não apanhes frio.

— Não, não. Adeus.

Ela parte. Um aceno de mão, um olhar claro e ei-la que se vai, devagar, baançando um pouco as ancas duras, dezassete horas e cinquenta e cinco. Não tenho vontade de fumar mais. O rapaz e a mulher jovem ficaram na gare. Olho-os. Ele transporta uma sacola e falaram de Nancy; também foi chamado. Não dizem mais nada; olham-se. E eu olho para as mãos deles, as belas mãos sem alianças. A mulher é pálida, esguia, tem cabelos pretos rebeldes; ele é grande, loiro, uma pele doirada, os seus braços nus destacam-se da camisa de seda azul de manga curta. As portas fecham-se com estrondo; eles não ouvem; nem sequer se olham mais, não precisam de se olhar, é por dentro que eles estão juntos.

— Passageiros para Paris!

Ela treme, não fala. Ele não a beija, encerra nas suas mãos os braços nus à altura dos ombros, e deixa as mãos deslizarem até aos punhos. Punhos magros, frágeis. Parece apertá-los com toda a força. Ela submete-se, os seus braços pendem inertes, o rosto parece adormecido.

— Passageiros para Paris!

O comboio põe-se em movimento, o rapaz salta para o vagão, fica pendurado no corrimão de cobre. Ela voltou-se para ele, o sol branqueia-lhe o rosto, pisca os olhos, sorri. Um sorriso largo e quente, tão confiante, tão sereno, tão terno: não é possível que um homem, por mais belo e forte que seja, leve consigo, para si só, um tal sorriso. Ela não me vê, só vê a ele, pisca os olhos, luta contra o sol para o ver mais um instante. Sorriu também para ela, devolvo-lhe o seu sorriso. Dezoito horas. O comboio deixou a

estação, o sol entra, todos os vidros brilham. Ela ficou na gare, pequenina, escura. Não se mexe. Não acena com o lenço, os seus braços colam-se ao corpo, mas sorri, dir-se-ia que se extingue a sorrir. Agora ainda sorri, sem dúvida, mas já não se vê o seu sorriso. Vemo-la apenas. Ali está para ele, para todos os que partem, para mim. A minha mulher está na nossa casa calma, sentada junto da menina, o silêncio e a paz reconstituem-se à volta dela. Eu parto, pobre Georges, partiu, espero que possa dormir mesmo assim, eu parto, evado-me no sol e sorrio com todas as minhas forças para uma forma pequena, escura, que ficou na gare.

Dezoito horas e dez. Pitteaux andava de um lado para o outro na Rua Cassette, tinha encontro marcado às dezoito horas; olhou para o relógio de pulso, dezoito e dez, subirei daqui a cinco minutos. A quinhentos e vinte e oito quilômetros a sudoeste de Paris, Georges, apoiado à janela, deslizava entre pastagens, olhava para os postes telegráficos, suave, sorria.

Pitteaux dizia para com os seus botões: "Que disparate poderá ter feito ainda esse chato?" Sentiu-se tomado por um desejo violento de subir, tocar gritar: "Então que foi que ele fez agora? Não tenho nada com isso!" Mas decidiu-se a dar meia volta, irei até ao lampião, caminhou, antes de tudo não parecer apressado, censurava-se por ter vindo, devia ter respondido em papel timbrado: "Minha senhora, se desejar falar-me, estou no meu escritório diariamente das dez ao meio-dia." Voltou as costas para o lampião, apressou o passo sem dar por ele. Paris: quinhentos e dezoito quilômetros.

Georges enxugou a fronte, deslizava de lado para Paris, como um caranguejo, Pitteaux pensava: "Negócio chato", quase corria, o comboio atrás dele, virou na Rua de Rennes, entrou no 71, subiu ao terceiro andar e tocou; a seiscentos e trinta e nove quilômetros de Paris, Hannequin olhava para as pernas da sua vizinha, eram grossas e bem desenhadas dentro de meias um pouco brilhantes e felpudas. Pitteaux tocara, esperava à porta enxugando a fronte. Georges enxugava a fronte no meio do barulho das rodas nos carris, que disparate terá ainda feito, um negócio chato, Pitteaux tinha dificuldade em engolir e o estômago, principalmente o estômago, sentia-o vazio e cheio de espasmos, mas mantinha-se ereto, de cabeça erguida, dilatando um pouco as narinas, e fazia a sua carranca, a sua terrível carranca; a porta abriu-se, o comboio de Hannequin mergulhou num túnel, Pitteaux penetrou numa escuridão fresca, cheirava a poeira

sagrada, a criada disse-lhe: "Queira entrar por favor", uma mulher gordinha e perfumada, braços nus e moles, suave moleza das carnes quadragenárias, com uma mecha branca no meio dos cabelos pretos, precipitou-se ao seu encontro; sentiu o seu odor maduro.

— Onde está ele?

Inclinou-se, ela tinha chorado. A vizinha de Hannequin descruzou as pernas e ele viu um pedaço de coxa acima da liga.

Pitteaux fez uma careta:

— A quem se refere, minha senhora?

Ela disse:

— Onde está Philippe?

Ele sentiu-se cheio de ternura, talvez ela chorasse diante dele, torcendo os belos braços; uma mulher do seu meio devia, sem dúvida, raspar as axilas.

Uma voz de homem fê-lo sobressaltar, vinha do fundo do vestíbulo:

— Cara amiga, não percamos tempo. Se o senhor Pitteaux quiser vir ao meu escritório, dir-lhe-emos.

Apanhado na ratoeira! Entrou a tremer de raiva, mergulhou num calor branco, o comboio saía do túnel, uma flecha de luz branca entrou no vagão. Sentaram-se de costas para a luz, naturalmente, e eu estou de frente para a claridade. Eram dois.

— Sou o general Lacaze - disse o homem de uniforme.

Indicou o seu vizinho, um gigante melancólico, e acrescentou:

— Este é o doutor Jardies, médico psiquiatra, que nos fez o favor de examinar Philippe e de acompanhar o seu caso nestes últimos tempos.

Georges voltou ao compartimento e sentou-se, um moreninho falava, tinha cara de espanhol: "O seu patrão ajudá-lo-á, tudo isso está certo para os empregados e funcionários. Eu não tenho ordenado fixo, recebo muitas gorjetas, sou criado de café, é tudo. Vocês dizem que isso não vai durar, que é para aterrorizá-los, quero crer, mas suponham que dura dois meses, como é que a minha mulher vai comer?"

— Philippe, meu enteado, abandonou o lar sem nos prevenir, nas primeiras horas da manhã. Lá pelas dez, a sua mãe achou esta carta na mesa da sala de jantar. - Estendeu-a por cima da secretária com ar autoritário: - Queira tomar conhecimento.

Pitteaux pegou na carta com repugnância, aquela caligrafia mesquinha e suja, irregular, pontiaguda, com rasuras e manchas; ele chegava, esperava horas inteiras, e eu ouvia-o andar de aqui para lá, depois saía deixando em qualquer lugar, no chão, na cadeira, por baixo da porta, papelinhos amassados, cobertos de garatujas, Pitteaux olhava para a caligrafia sem dizer nada, como uma sequência de desenhos absurdos e demasiado conhecidos, que lhe provocavam nojo, gostaria de nunca o ter conhecido.

"Mãezinha, estamos no tempo dos assassinos, eu prefiro o martírio. Sofrerás, talvez, um pouco: assim o espero.

Philippe."

Largou a carta na secretária e sorriu:

— Tempo dos assassinos! A influência de Rimbaud tem sido nefasta.

O general fixou-o:

— Trataremos daqui a pouco da questão das influências. Sabe onde está o meu enteado?

— Como o saberia?

— Quando viu o rapaz pela última vez?

"Essa agora! Submetem-me a um interrogatório", pensou Pitteaux. Voltou-se para a senhora Lacaze e disse afavelmente:

— Não sei dizer, há oito dias, creio. Agora a voz do general feria-o de lado:

— Ele deu-lhe a conhecer as suas intenções?

— Não - disse Pitteaux, sorrindo para a mãe. - A senhora conhece o Philippe, age por impulsos. Estou convencido de que não sabia ontem à noite o que faria esta manhã.

— E posteriormente - perguntou o general - não lhe escreveu nem telefonou?

Pitteaux hesitou, mas a sua mão já se movimentara, uma mão dócil, servil, que mergulhou no bolso interior e estendeu um papelucho. A senhora Lacaze pegou avidamente no bilhete. "Não mando mais nas minhas mãos." Mandava ainda no rosto, fez aquela sua carranca, arqueando o cenho.

— Recebi isto hoje de manhã.

— Lcetus et errabundus - leu a senhora Lacaze com atenção. - Pela paz.

O comboio rodava, o navio balançava, o estômago de Pitteaux cantava, pôs-se de pé, penosamente:

— Isso quer dizer: alegre e vagabundo - explicou Pitteaux cortesmente. - É o título de um poema de Verlaine.

O psiquiatra deitou-lhe um olhar:

— Um poema um tanto especial.

— É tudo? - indagou a senhora Lacaze. Virava e revirava o papelucho.

— Infelizmente, minha senhora, é tudo. Ouviu-se a voz cortante do general:

— Quer mais, quer minha amiga? Acho essa carta perfeitamente clara, e estranho que o senhor Pitteaux pretenda desconhecer as intenções de Philippe.

Pitteaux voltou-se bruscamente, olhou para o uniforme, não o rosto, e o sangue subiu-lhe à cabeça.

— Senhor - disse -, Philippe escrevia-me bilhetes desse tipo três a quatro vezes por semana, eu já não ligava a isso. O senhor há-de desculpar-me, mas tenho outras ocupações.

— Senhor Pitteaux - disse o general -, o senhor dirige desde 1937 a revista O Pacifista, na qual tomou nitidamente posição não só contra a guerra, mas ainda contra o Exército francês. O senhor conheceu o meu enteado em Outubro de 37 em condições que ignoro e converteu-o às suas ideias. Sob a sua influência, ele adotou uma atitude inadmissível em relação a mim, porque sou oficial, e em relação à mãe, porque se casou comigo. Ele entregou-se publicamente a manifestações de caráter francamente antimilitarista. Agora abandona o lar, no momento de maior tensão internacional, avisando-nos na carta, que o senhor leu, que pretende tornar-se um mártir da paz. O senhor tem trinta anos e Philippe ainda não tem vinte, portanto não lhe causarei surpresa ao dizer-lhe que o considero pessoalmente responsável por tudo quanto possa acontecer ao meu enteado em consequência desta fuga.

— Pois é - disse Hannequin à vizinha -, vou dizer-lhe: fui mobilizado. - Meu Deus! - disse ela. Georges olhava para o criado de mesa, achava-o simpático e tinha vontade de lhe dizer: eu também fui mobilizado, mas não ousava, por pudor, o comboio balançava terrivelmente. "Estou em cima das rodas", pensou.

— Recuso qualquer responsabilidade - disse Pitteaux categoricamente.
- Compreendo o seu sofrimento, mas nem por isso hei-de aceitar a função de bode expiatório. Philippe Grésigne veio à sede da revista em Outubro de 37, é um fato que não pretendo ignorar. Entregou-nos um poema que nos pareceu promissor, e nós publicámo-lo no nosso número de Dezembro. Depois disso, apareceu muitas vezes e nós tudo fizemos para desencorajá-lo: era exaltado de mais e, para dizer a verdade, não sabíamos o que fazer dele. (Sentado à beira da cadeira, fixava em Pitteaux o seu olhar azul e incómodo, via-o beber e fumar, via-o mexer os lábios, mas não fumava, não bebia, enfiava de vez em quando o dedo no nariz ou a unha entre os dentes, sem parar de olhá-lo.)

— Mas onde poderá estar? - gritou subitamente a senhora Lacaze. - Onde poderá estar? Que estará a fazer? O senhor fala dele como se tivesse morrido!

Calaram-se. Ela inclinara-se para a frente com uma fisionomia de angústia e desprezo; Pitteaux via-lhe a linha dos seios pelo decote da blusa; o general permanecia ereto no seu sofá, esperava, concedia alguns minutos de silêncio à legítima dor de uma mãe. O psiquiatra olhou para a senhora Lacaze com atenta simpatia, como se fosse uma das suas doentes. Depois, meneou a cabeçorra melancólica, voltou-se para Pitteaux e reiniciou as hostilidades:

— Admito, senhor Pitteaux, que Philippe não tenha compreendido todas as suas ideias. O fato é que se tratava de um rapaz muito influenciável e que lhe devotava uma enorme admiração.

— Cabe-me a mim a culpa?

— Talvez não lhe caiba a culpa. Mas o senhor abusava da sua força.

— Ora, tenha paciência! Enfim, se o senhor examinou Philippe, sabe que é um doente!

— Não é bem um doente - disse o médico, sorrindo.

— Tinha certamente uma hereditariedade pesada. Do lado do pai - acrescentou, deitando um olhar ao general.

— Mas não era um psicopata propriamente dito. Era um rapaz solitário, desajustado, preguiçoso e vaidoso. Sestros, fobias, naturalmente, com predominância de ideias sexuais. Veio ver-me amiúde nestes últimos tempos, conversámos, confessou-me que... como dizer? Desculpe-me a rudeza de médico... senhora Lacaze.

— Tinha ejaculações frequentes e sistemáticas. Sei que muitos colegas vêem nisso um efeito apenas; penso, como Esquirol, que é antes uma causa. Em suma, atravessava penosamente isso a que Mendousse chamou, com muita felicidade, a crise de originalidade dos adolescentes: necessitava de um guia. O senhor foi um mau pastor, senhor Pitteaux, um mau pastor.

O olhar da senhora Lacaze parecia pousado em Pitteaux por acaso; mas era insustentável. Pitteaux preferia voltar-se francamente para o psiquiatra.

— Que a senhora Lacaze me perdoe - disse -, mas, uma vez que me forçam a dizê-lo, declaro com toda a franqueza que sempre considerei Philippe como o tipo acabado do degenerado. Se precisava de um guia porque não se preocupou com ele? E a sua profissão.

O psiquiatra sorriu tristemente e lambeu os lábios, suspirando. Ela sorria, encostada à porta da cabina, toda arrepiada:

— Pois bem, menina - disse o capitão -, volte às nove horas e dir-lhe-ei o que puder fazer por si e pelas suas amigas. - Tinha os olhos vazios e claros, estava muito vermelho, acariciou-lhe os seios e o pescoço e acrescentou: - Não se esqueça, esta noite às nove horas.

— O general Lacaze houve por bem comunicar-me algumas páginas do diário de Philippe e achei que era meu dever tomar conhecimento delas. Senhor Pitteaux, deduz-se dessa leitura que o senhor praticava chantagem com esse infeliz. Sabendo a que ponto ele aspirava à sua estima, o senhor aproveitava, parece, para solicitar certos favores que não se esclarecem no diário. Nestes últimos tempos ele resolveu revoltar-se e o senhor manifestou-lhe tal desprezo que o levou ao desespero.

Que saberão eles? Mas a cólera foi mais forte, sorriu por sua vez. Maud sorria e cumprimentava, o traseiro já estava para fora, ao ar livre, o busto inclinava-se, mergulhava no ar quente e perfumado da cabina:

— Certamente, capitão. Então às nove horas; combinado.

— Quem o levou ao desespero? Quem o humilhava diariamente? Quem foi que o esbofeteou no sábado à mesa? Eu? Quem o tratava como um doente e o mandava a um psiquiatra e o forçava a responder a perguntas deprimentes?

— Você também foi chamado? - perguntou o criado de mesa. Georges sorriu-lhe com um ar infeliz, mas fora preciso falar, responder às perguntas das duas jovens:

— Não - disse -, vou em negócios a Paris. A voz aguda da senhora Lacaze sobressaltou-o:

— O senhor não se cala? Não pode calar-se? Como o senhor o despreza! Um rapaz de vinte anos, o senhor despiu-o, manchou-o, e a mim, será que também não me respeita? Talvez ele se tenha atirado ao Sena e os senhores estejam para aí a culparem-se mutuamente! Somos todos culpados; ele dizia: "Não têm o direito de me exasperar", e todos nós o exasperávamos.

O general estava vermelho. Maud estava vermelha:

— Pronto - disse -, virão buscar as bagagens, dormiremos na segunda classe, esta noite.

— Estás a ver, querida? - disse France. - Fazias disso um cavalo de batalha, mas não era assim tão difícil.

— Rose - disse ele sem elevar a voz, fixando nela os seus olhos frios. Ela tremeu, olhou-o, de boca aberta.

— É... é imundo, tenho vergonha! Ele estendeu a sua mão forte e fechou-a no braço despido da mulher, repetindo:

— Rose - com uma voz sem entonação. O corpo da senhora Lacaze comprimiu-se, fechou a boca, sacudiu a cabeça e pareceu despertar; olhou o general e este sorriu-lhe: tudo voltara à normalidade.

— Não compartilho das inquietações da minha mulher. O meu enteado desapareceu, roubando dez mil francos da secretária da mãe. É-me difícil crer, portanto, que esteja disposto a atentar contra a vida.

Houve um silêncio. O navio já balançava um pouco; Pierre sentia-se enjoado, pusera-se diante do seu beliche, abrira a maleta, donde saiu um cheiro a lavanda, a dentrítico e tabaco loiro que lhe transtornou o estômago, pensou: "O steward disse que faríamos uma má travessia!" O general meditava, a mulher parecia uma criança bem-educada, Pitteaux não compreendia, o estômago cantava-lhe, a cabeça doía-lhe, não compreendia; a azia, hop, subia-lhe às narinas, o soalho vibrava-lhe sob os pés, o ar quente e viscoso, olhava o general e não tinha força para odiá-lo.

— Senhor Pitteaux - disse o general, concluindo esta entrevista -, acho que o senhor deve ajudar-nos a encontrar o meu enteado. Até agora limitei-me a alertar os comissariados. Mas dentro de quarenta e oito horas, se não encontrarmos Philippe, tenho a intenção de entregar o caso ao meu amigo o procurador Déterne e perguntar-lhe, aproveitando a oportunidade,

se a justiça não andaria certa examinando a origem dos fundos de O Pacifista.

— Eu... eu naturalmente ajudá-los-ei. Todos podem meter o nariz na contabilidade de O Pacifista, podemos mostrá-la em pleno dia.

O navio afundou-se, era uma montanha russa; respondeu, empurrando as palavras pela garganta apertada:

— Mas não me recuso a ajudar. Por simples sentimento de humanidade, general.

O general inclinou a cabeça:

— É como o entendo.

Aquilo subia devagar, devagar, mal se percebia, e descia do mesmo modo, não podíamos deixar de olhar para os beliches ou para o lavabo, para surpreender, de passagem, algo que estivesse a subir ou a descer, mas não se via nada, a não ser, de quando em quando, uma faixa azul-escura, ligeiramente inclinada, que surgia no rebordo inferior da vigia e logo se sumia; era um pequeno movimento vivo e tímido, uma pulsação, o coração de Pierre batia em uníssono; durante horas e horas aquilo continuaria, a língua de Pierre era um fruto inchado e succulento na boca, a cada deglutição ouvia um estalido cartilaginoso nos ouvidos, havia também uma coroa de ferro a apertar-lhe as têmporas e ainda aquela vontade de bocejar. Mas estava sossegado: só enjoa de verdade quem quer. Bastar-lhe-ia levantar-se, dar uma volta pelo convés, recuperaria o equilíbrio, o seu ligeiro mal-estar dissipar-se-ia: "Vou visitar Maud", disse. Largou a mala, pôs-se muito teso à borda do beliche, era como se despertasse. Agora o navio subia e descia sob os seus pés, mas a cabeça e o estômago estavam livres: os olhos cheios de desprezo de Maud reapareceram - e o medo, e a vergonha. Eu dir-lhe-ei que estava doente, uma ligeira insolação, que bebi de mais. É preciso que me explique, ele falaria, feri-lo-ia com o seu olhar duro, como é cansativo. Engoliu penosamente a saliva, que lhe deslizou pela garganta num horrível roçar sedoso, e já uma água salobra lhe vinha à boca, cansativo, cansativo, as suas ideias dissiparam-se, restava apenas uma doçura abandonada, um desejo de subir e descer compassadamente, de vomitar docemente, longamente, de se entregar ao travesseiro, sem pensar, subir, subir, levado pelo grande balanço do mundo; recuperou-se a tempo: só enjoa de verdade quem quer. Reencontrou-se por inteiro, teso e seco, um covarde, um amante desprezado, um futuro morto de guerra, e enfrentou-

se novamente com todo o seu medo lúcido e gelado. Pegou na segunda mala do beliche superior, colocou-a no beliche inferior e pôs-se a desfazê-la. Permanecia ereto, sem se inclinar, sem sequer olhar para a mala e os seus dedos adormecidos apalpavam a fechadura ao acaso; valeria a pena? Valeria a pena lutar? Ele não seria senão uma grande doçura, não pensaria em mais nada, já não teria medo, bastava relaxar-se: "É preciso que eu vá procurar Maud." Ergueu a mão e moveu-a no ar com uma lentidão hesitante e algo solene. Gestos suaves, suaves batidas dos cílios, doce sabor ao fundo da minha boca, doce cheiro a lavanda e dentífrico, o navio sobe devagar, torna a descer devagar. Bocejou e o tempo tornou-se mais lento, tudo se tornou vaporoso à sua volta: bastava endireitar-se, dar três passos fora da cabina, ao ar livre. Mas para quê? Para encontrar o medo? Afastou a mala com a mão e estendeu-se no beliche. Um xarope. Um xarope adocicado. Já não tinha medo, já não tinha vergonha, era delicioso enjoar.

Sentou-se à beira do cais, as pernas pendiam acima da água: estava cansado e disse: "Marselha não seria má se não tivesse tantas casas." Em baixo, os barcos mexiam-se um pouco, não muito, eram pequenos, numerosos, com flores ou então com belas cortinas vermelhas e estatuetas nuas. Olhava os barcos, alguns pulavam como cabras, outros não se mexiam, via a água azul e uma ponte de ferro ao longe. Temos prazer em olhar para o que está longe, descansamos. Doía-lhe os olhos; dormia debaixo do vagão quando apareceram uns homens com lanternas; haviam iluminado tudo e tinham-no expulso com palavras humilhantes; depois disso encontrara, é certo, um monte de areia, mas não pudera dormir. Indagou: "Como é que me vou arranjar esta noite?" Havia seguramente bons lugares com um pouco de grama, mas era preciso conhecê-los. Deveria ter perguntado ao negro. Tinha fome e pôs-se de pé, os seus joelhos entorpecidos estalaram. "Não tenho mais nada que comer. Preciso de ir a uma pensão." Reiniciou a caminhada, tinha andado o dia inteiro: entrava, perguntava: "Há trabalho?" e continuava. O negro dissera: "Não há trabalho." Nas cidades, andar torna-se cansativo por causa dos paralelepípedos. Atravessou o cais em diagonal, olhando para a direita e para a esquerda para evitar os carros elétricos, quando ouvia as suas campainhas assustava-se. Havia muita gente, uns rapazinhos que andavam muito depressa, olhando para os pés como se procurassem alguma coisa; esbarravam nele e pediam-lhe desculpa sem sequer olharem para ele; ter-

lhês-ia falado, mas pareciam tão frágeis que o intimidavam. Subiu para o passeio, e viu cafés com belas esplanadas, e tavernas, mas não entrou: tinham toalhas nas mesas e é difícil não as manchar. Seguiu por uma viela escura, perguntando a si mesmo: "Mas onde e que vou comer, afinal?", e foi quando descobriu o que queria: uma dúzia de mesas de madeira dentro de uma sala, quatro ou cinco pratos em cada mesa e uma pequena lâmpada que não devia iluminar muito, e nada de toalhas. Numa das mesas, um senhor comia com a mulher. Gros-Louis sentou-se à mesa vizinha e sorriu-lhes. A senhora olhou-o com severidade e recuou um pouco a cadeira. Gros-Louis chamou a criada: era pequenina e magra, mas possuía um par de nádegas duras e provocantes:

— O que é que se come aqui, linda? Era bonita e cheirava bem, mas não parecia contente por vê-lo ali. Fixou-o hesitante:

— Veja a ementa.

— Ah! Sim!

Pegou no papel e fingiu olhar, mas tinha receio de segurá-lo ao contrário. A criada afastara-se, falava com um senhor perto da porta. O senhor ouvia-a, meneando a cabeça e olhando para Gros-Louis. Por fim, deixou-a e aproximou-se, com um ar triste, de Gros-Louis.

— Que deseja, amigo?

— Quero comer - disse Gros-Louis espantado. - Não terá aí uma sopa com um pedaço de toucinho?

O senhor sacudiu a cabeça tristemente:

— Não, não temos sopa.

— Tenho dinheiro. Não quero fiado.

— Sei, sei, mas o senhor deve ter-se enganado. Não estaria aqui à vontade e incomodar-nos-ia.

Gros-Louis olhou-o:

— Não é uma casa de pasto, isto?

— É - disse o patrão -, mas temos um certo tipo de freguesia... o senhor deveria seguir pelo outro lado da Canebiere, há por lá uma porção de pequenos restaurantes que lhe convirão perfeitamente.

Gros-Louis levantara-se. Coçou a cabeça desajeitadamente.

— Tenho dinheiro, posso mostrar.

— Não é preciso. Eu acredito na sua palavra.

Agarrou-o pelo braço, gentilmente, fê-lo dar uns passos rua.

— Vá por ali, irá dar ao cais, siga pela direita, não pode errar.

— O senhor é muito correto - disse Gros-Louis, tocando no chapéu. Sentia-se culpado.

Voltou a encontrar-se no cais, no meio dos homenzinhos escuros que lhe corriam entre as pernas, andava devagar, receoso de derrubar um deles, e estava triste; a esta hora costumava descer do Canigou a caminho de Villefranche, o rebanho tratava à frente, era uma campanha, encontrava muitas vezes o senhor Pardoux, que ia para a sua quinta do Vétill e que nunca passava por ele sem lhe oferecer um charuto e um par de palmadas nas costas, a montanha era ruiva e muda, ao fundo do vale viam-se as chaminés de Villefranche. Estava perdido, toda aquela gente andava depressa de mais, só lhes via o alto da cabeça ou a copa do chapéu. Um moleque escorregou-lhe entre as pernas, olhou-o a rir e disse ao companheiro:

— Bolas! Não achas que ele se aborrece lá em cima, sozinho?

Gros-Louis viu-o correr e sentiu-se culpado: tinha vergonha de ser tão grande: Disse: "Eles lá têm os seus hábitos", e apoiou-se ao muro. Estava triste, tão triste como no dia em que ficara doente. Pensou no negro, que era delicado e alegre, seu único amigo, e disse: "Não o devia ter deixado ir embora."

Subitamente teve uma ideia divertida: um negro, vê-se de longe, não deve ser difícil de encontrar, recomeçou a andar, sentia-se menos só, procurava com o olhar e pensava: "Vou-lhe pagar um copo."

Estavam todas na praça, tinham o rosto avermelhado pelo sol crepuscular. Havia Jeanne, Ursule, as irmãs Clapot, a Marie e todas as outras. Primeiro tinham esperado em casa, finalmente haviam voltado à praça uma após outra e esperavam. Viram, através do vidro fosco, acenderem-se as primeiras lâmpadas no café da viúva Tremblin; formavam três manchas nebulosas na parte de cima do vidro. Viram as manchas e sentiram-se melancólicas: a viúva Tremblin acendera as lâmpadas no seu café vazio, sentara-se a uma mesa de mármore, e consertava as meias de algodão sem demonstrar inquietação, porque era viúva. Mas elas permaneceram aqui fora; esperavam os seus homens, atrás delas havia as casas vazias e as cozinhas que a noite invadia pouco a pouco e, diante delas, aquela longa estrada de aventura e ao fim da estrada havia Caen. Marie viu as horas no relógio da igreja e disse a Ursule: "Já vão bater nove horas,

devem tê-los retido." O prefeito afirmara que isso era impossível, mas que sabia ele? Não conhecia melhor do que elas os hábitos nas cidades. Porque iriam recusar homens fortes que se apresentavam espontaneamente? Talvez mesmo lhes tivessem dito:

"Uma vez que aqui estão..." e os teriam segurado. A menina Rose chegou a correr, estava ofegante e gritava: "Lá vêm eles! Lá vêm eles!" E todas as mulheres se puseram a correr também; correram até à quinta de Darbois, de onde se via um bom bocado da estrada, e viram-nos na poeira branca, entre os prados; estavam nas suas carroças, em fila, voltavam devagar, cantando. Chapin vinha à frente, estava sentado despreocupadamente, as mãos mal seguravam as rédeas do cavalo, o qual andava por hábito; Marie viu que ele tinha um olho preto e pensou que devia ter brigado. Atrás dele, na sua carroça, o jovem Renard cantava a plenos pulmões, mas não parecia alegre, os outros acompanhavam, manchas escuras no horizonte claro. Marie virou-se para a Clapot e disse-lhe: "Estão bêbados, não faltava mais nada." A carroça de Chapin chegava devagar, rangendo, as mulheres apartaram-se para deixá-la passar. Ela passou e a Louise Chapin disse num grito agudo: "Deus meu! Traz só um boi, que terá feito ao outro, vendeu-o para beber." O jovem Renard, cantando a plenos pulmões, fazia a carroça ziguezaguear de um lado para o outro e atrás dele havia outros cantando também, em pé, nas carroças empunhando os chicotes. Marie viu o seu homem, não parecia bêbado, mas quando olhou de perto a cara enfadonha, percebeu que ele bebera e que ia bater-lhe: "Pior do que um bicho!", pensou, com o coração apertado. Mas mesmo assim, estava contente por ele ter voltado, havia muito que fazer na quinta, era melhor que lhe batesse de vez em quando, ao sábado, mas que estivesse a postos para as tarefas pesadas. Ele deixara-se cair numa cadeira na esplanada de um café, pedira vinho, tinham-lhe servido vinho branco num copo pequeno, sentia as pernas, estendeu-as sobre a mesa e mexeu com os dedos: "É divertido", disse. Bebeu e pensou: "É divertido, procurarei bem, por toda a parte." Tê-lo-ia feito sentar-se ali à sua frente, teria contemplado a sua boa cabeça negra: tinha rido só de vê-lo e o negro também rira, parecia confiante e manso como um animal:

"Eu dar-lhe-ia tabaco e vinho." O seu vizinho olhava-o: ele acha-me estranho porque falo sozinho; era um rapaz de vinte anos, mal desenvolvido, doentio, com uma pele de mulher, tinha o nariz achatado,

pelos nas orelhas e uma âncora tatuada no antebraço esquerdo. Gros-Eouis percebeu que falavam dele, no seu patoá. Sorriu-lhes e chamou o criado de mesa:

— Mais um copo, rapaz. E se tiveres copos maiores não faças cerimónia.

O rapaz não se mexia, estava mais do que mudo. Gros-Louis tirou a carteira do bolso e colocou-a na mesa.

— Então! Que cara é essa? Pensas que eu não posso pagar?

— Olha!

Tirou da carteira três notas de mil e exibiu-as.

— Que dizes a isto? Vamos, traz lá um copo dessa porcaria.

Guardou a carteira e percebeu que o rapazinho de cabelo frisado lhe sorria gentilmente:

— A coisa vai, hem?

— Mais ou menos. Procuro o meu negro.

— Você não é daqui?

— Não - disse Gros-Louis a rir. - Não sou daqui. Queres beber um trago? Sou eu quem te convida.

— É coisa que não se recusa - disse o rapaz. - Posso chamar o meu companheiro?

Disse algumas palavras ao amigo, no seu patoá. Este sorriu e levantou-se em silêncio. Sentaram-se em frente de Gros-Louis.

O rapazinho cheirava a perfume barato.

— Cheiras a perfume - disse Gros-Louis.

— Venho do barbeiro.

— Então é isso. Como te chamas?

— Eu chamo-me Mário; o meu amigo é italiano. O seu nome é Starace. Somos marinheiros. Starace sorriu, sem dizer coisa alguma.

— Não sabe francês, mas é impagável. Tu sabes italiano?

— Não.

— Não faz mal, verás; é divertido na mesma.

Falaram italiano. Era bonito, pareciam cantar. Gros-Louis sentia-se satisfeito por estar com eles; assim, tinha companhia, mas no fundo estava só.

— O que é que vocês tomam?

— Pastis - disse Mário.

— Três pastis - disse Grous-Luis. - Que é isso? É vinho?

— Não, muito melhor, verás.

O rapaz encheu três copos de um licor. Mário pôs água nos copos e o licor transformou-se numa névoa esbranquiçada.

— Saúde! - disse Mário.

Bebeu ruidosamente e limpou a boca com a manga. Gros-Louis bebeu também; não era mau, cheirava a anis.

— Olha Starace, vais divertir-nos.

Starace fazia-se de vesgo; ao mesmo tempo, franziu o nariz e remexia as orelhas como um coelho. Gros-Louis riu, mas sentia-se chocado e aborrecido: pensou que não gostava de Starace. Mário chorava a rir:

— Eu avisei-te - disse Mário a rir. - Ele é formidável. Agora vai fazer o truque do pires.

Starace pousou o copo na mesa, encaixou o pires na palma da mão e passou três vezes seguidas a mão esquerda sobre a direita. À terceira vez o pires desapareceu. Valendo-se da surpresa de Gros-Louis, Starace enfiou-lhe a mão entre os joelhos. Gros-Louis sentiu uma coisa a raspar-lhe as pernas e a mão reapareceu com o pires. Gros-Louis riu moderadamente, embora Mário lhe batesse nas coxas, rindo como um louco.

— Velho malandro! - disse Mário entre dois soluços. - Eu avisei-te: nunca paras de rir, connosco.

Acalmou-se progressivamente; quando enfim tornou à seriedade, um silêncio pesado caiu sobre os três homens. Gros-Louis achava-os cansativos e tinha mesmo uma vaga vontade de que eles se fossem embora, mas pensou que a noite ia cair e que teria de recomeçar a caminhada ao acaso pelas ruas compridas e escuras e procurar interminavelmente um canto para comer e outro para dormir; sentiu-se angustiado e pediu uma nova rodada de pastis.

Mário inclinou-se para o seu lado e Gros-Louis respirou de novo aquele cheiro.

— Então não é daqui? - perguntou Mário.

— Não sou daqui e não conheço ninguém. O único tipo que conhecia não o consigo encontrar. A menos que vocês o conheçam. É um negro.

Mário sacudiu a cabeça com um ar vago.

Subitamente, tornou a inclinar-se sobre Gros-Louis, piscando os olhos:

— Marselha é uma cidade em que nos podemos divertir. Se não conheces Marselha, nunca te divertiste na vida.

Gros-Louis não respondeu. Divertira-se muitas vezes em Villefranche. E também nos bordéis de Perpignan quando servira no exército: coisa fina. Mas não conseguira imaginar que alguém pudesse divertir-se em Marselha.

— Não te apetece divertir? - perguntou Mário. - Não gostas de bonecas bonitas?

— Não é isso - disse Gros-Louis. - Mas agora eu preferia comer. Se vocês conhecerem alguma casa de pasto por aí, eu ofereço o jantar.

Com o crepúsculo, os sólidos haviam-se evaporado, ficaram vagas massas gasosas, brumas sombrias; ela andava depressa, de cabeça baixa, ombros encolhidos; tinha medo de dar, de repente, um encontrão no cordame, passava rente às paredes. Deixar-se roer pela noite, não ser mais do que um pouco da vapor suspenso na imensa neblina e desfazer-se pouco a pouco pelos beirais. Mas sabia que o seu vestido branco era um farol. Atravessava o convés da segunda classe, não ouvia um ruído, a não ser o eterno lamento do mar; mas havia por toda a parte homens imóveis e silenciosos, que se destacavam sobre a sombra achatada das águas, e tinham olhos; de quando em quando uma brasa pontiaguda fazia um buraco na noite, avermelhava um rosto, olhos brilhavam, fixavam-na, esvaíam-se, quisera morrer. Foi preciso descer uma escada, atravessar o convés da terceira classe, subir outra escada, abrupta e branca; se me virem, não pode haver engano, a cabina é lá em cima, isolada; ele precisa de trabalhar, não é muito provável que me prenda por toda a noite. Tinha receio de que ele se habituassem e mandassem todas as tardes um steward buscá-la ao salão, como o capitão grego, mas não, para um gorducho assim sou magra de mais, vai ter uma decepção, só ossos. Não precisou de bater, a porta estava aberta, ele esperava-a no escuro, disse:

— Entre, bela senhora.

Ela hesitou um instante, com um nó na garganta; uma mão puxou-a para dentro da cabina e a porta fechou-se. Viu-se achatada subitamente de encontro a um ventre gordo, uma boca velha que cheirava a cortiça esmagou-lhe a boca. Deixava-o fazer, pensando com altiva resignação: "E do ofício, faz parte do meu ofício." O comandante acendeu a luz, a sua cabeça emergiu da sombra, o branco dos seus olhos era líquido e azulado, com uma manchinha vermelha no olho esquerdo. Ela desenhara-se,

sorrindo; tudo se tornara muito mais difícil com as luzes acesas; até então ela imaginava-o maciçamente, mas agora ele existia nos mais ínfimos detalhes, ela ia fazer amor com um ser único no mundo, como todos os seres, e essa noite seria uma noite única, como todas as noites, uma noite de amor, única e irreparável, irreparavelmente perdida. Maud sorria e dizia:

— Espere, capitão, espere, está muito apressado: precisamos de travar conhecimento.

— Que foi? - Soergueu-se inquieto

O navio parecia imóvel. Deu três ou quatro arrotos, um dos quais, muito mau, lhe passou pelo nariz; sentiu-se vazio, mas lúcido. "Que foi?", pensou. E viu-se de repente sentado no beliche, com um círculo de ferro a apertar-lhe a cabeça e aquela angústia já demasiado familiar a morder-lhe o coração. O tempo pusera-se novamente em marcha, era um mecanismo inexorável e brusco, cada segundo o feria, rasgava-o como um dente de serrote, cada segundo aproximava-o de Marselha e da terra cinzenta onde ia morrer. O mundo estava ali de novo, em volta da cabina, um mundo atroz, de gares, fumos uniformes, campos devastados, um mundo em que não podia viver e não queria abandonar, com a cova lamacenta que o aguardava na Flandres. Um covarde, um filho de oficial com medo da guerra, tinha horror a si mesmo. E no entanto, agarrava-se desesperadamente à vida. Mais imundo ainda; não é pelo que valho que quero viver, é... por nada, por nada, só porque vivo. Sentia-se capaz de tudo para salvar a pele, de fugir, de pedir perdão, de trair, e no entanto não tinha assim tanto amor a essa pele. Levantou-se:

"Que é que lhe vou dizer? Que tive uma insolação, um ataque de paludismo? Que não estava no meu estado normal?" Aproximou-se do espelho, vacilante, e viu que estava amarelo como um limão. "É o fim; não posso ter confiança nem mesmo no estômago. E devo estar a cheirar a vomitado, ainda por cima." Passou água-de-colónia pelo rosto e gargarejou com água de Botot.

"Quanta história", pensou ele irritado. "É sem dúvida a primeira vez que me preocupo com o que uma mulher possa pensar de mim. Quase uma prostituta, uma violinista de barzinho; e tive mulheres casadas, mães de família. Esta prendeu-me", pensou ele, vestindo o casaco, "e ela sabe-o".

Abriu a porta e saiu. O capitão estava nu, tinha uma pele lisa como cera, sem pelos, salvo quatro ou cinco brancos, nos peitos, os outros deviam

ter caído de velhos, ele ria, parecia um bebê gorducho e travesso. Maud encostou as pontas dos dedos às coxas grossas e polidas e ele retorceu-se:

— Estás a fazer-me cócegas!

Ele sabia o número da cabina: 27. Tomou pelo corredor da direita, depois pelo da esquerda, batiam na parede com grandes pancadas regulares; 27, era ali. Uma jovem estava estendida de costas, pálida como um cadáver; uma senhora idosa, sentada no beliche, tinha os olhos vermelhos e inchados e comia uma fatia de pão com queijo.

— Ah! - disse ela -, as três moças? Eram muito gentis, partiram, foram para a segunda classe, lamento bastante.

Ele olhava-a com surpresa, pousou-lhe a mão no osso ilíaco:

— Seria bonita, com essa carinha de anjo, mas como é magra...

Ela riu, quando lhe tocavam no osso ilíaco tinha vontade de rir:

— Não gosta das magras, capitão?

— Não desgosto não, mesmo nada.

Subiu as escadas a correr; precisava de ver Maud. Agora estava no corredor da segunda classe, um belo corredor com tapete, as portas e as paredes pintadas de azul-cinza. Teve sorte: Ruby surgiu bruscamente, acompanhada por um steward que carregava as suas malas.

— Bom dia - disse Pierre. - Estão na segunda?

— Sim, estamos - respondeu Ruby. - France receia adoecer. Chegámos a acordo: quando a saúde está em jogo, não se olha a sacrifícios.

— Onde está Maud?

Maud estava deitada de lado, o capitão acariciava-lhe as nádegas com uma cortesia distraída: ela sentia-se profundamente humilhada: "Se não sou o seu tipo, é preciso que ele pense que não tem obrigação." Passou-lhe a mão pelas ancas para retribuir a gentileza: pele velha.

— Maud? - disse Ruby. - Quem sabe onde ela anda? Você conhece-a; deve ter tido vontade de fazer a corte ao pessoal do porão, a menos que seja ao comandante, ela adora as travessias, está sempre a correr de um lado para o outro.

— Menina curiosa! - disse o capitão. Riu e agarrou-lhe o pulso. - Vou fazer a inspeção de proprietário - disse. E os seus olhos brilharam pela primeira vez. Maud deixou-se inspeccionar, estava confusa por causa da mudança de cabinas, era necessário que ele ficasse satisfeito, lamentava vivamente ser magra de mais, tinha a impressão de o ter enganado. O

capitão sorria, baixava os olhos, tinha um ar casto e interior, apertava o pulso de Maud e orientava-lhe a mão com firmeza e doçura. Maud estava contente, pensava:

"Seria absurdo recusar-lhe a única coisa que deseja, depois de todo o trabalho que lhe demos, principalmente se ele não gosta das magras."

— Obrigado! Muito obrigado!

Inclinou a cabeça e reiniciou a corrida. Era preciso encontrar Maud; deve estar no convés. Subiu ao convés da segunda classe, estava escuro, era quase impossível reconhecer as pessoas, salvo olhando-as de muito perto. Sou um idiota, basta esperá-la aqui; de onde quer que venha tem de passar por esta escada. O capitão fechara os olhos, tinha um ar sereno e religioso que agradava muito a Maud, ela tinha a mão cansada, mas estava contente por lhe dar prazer e depois sentia-se sozinha, como quando era pequena e a avó Théveneur a fazia trepar para os joelhos e de repente adormecia, balançando a cabeça. Pierre olhava o mar e pensava:

"Sou um covarde." Um vento fresco escorria-lhe pelo rosto e fazia vibrar a mecha de cabelos, olhava o mar a subir e descer; olhava-se a si mesmo com espanto e pensava: "Covarde. Não o teria nunca imaginado." Covarde até ao último grau.

Bastara um dia para que descobrisse a sua verdadeira natureza, sem as ameaças de guerra nunca o saberia. Se tivesse nascido em 1860, por exemplo. Teria passeado pela vida com uma segurança tranquila; teria condenado severamente a covardia dos outros e nada, absolutamente nada, lhe teria revelado a sua covardia. Falta de sorte. Um dia, um dia apenas: agora sabia e estava só. Os automóveis, os comboios, os navios, lavravam a noite clara e sonora, convergiam todos para Paris, levando jovens como ele que não dormiam, que se debruçavam no convés ou colavam o nariz nas vidraças sombrias. "Não é justo", pensou. "Há milhares de pessoas, milhões talvez que viveram épocas felizes e nunca conheceram as suas limitações: tiveram o benefício da dúvida. Alfred de Vigny talvez tenha sido um covarde. E Musset? E Sainte-Beuve? E Bau-delaire? Tiveram sorte. Ao passo que eu!", murmurou, batendo o pé.

"Ela não o teria sabido nunca, teria continuado a olhar-me com adoração, não teria durado mais do que as outras, eu abandoná-la-ia ao fim de três meses. Mas agora ela sabe. Ela sabe. É dona de mim, agora."

Estava escuro lá fora, mas no bar havia tanta luz que Gros-Louis se ofuscava. Era até engraçado porque não se viam lâmpadas; havia um longo tubo vermelho à volta do teto e um outro branco, e a luz vinha dali. Tinham colocado espelhos por todo o lado; no que estava à sua frente, Gros-Louis via toda a sua cabeça e o cocuruto da de Starace; não via nem Mário nem Daisy, pequenos de mais. Pagara as refeições, e quatro rodadas de pastis; mandou trazer conhaques. Estavam sentados ao fundo do bar, diante do balcão, era agradável, cercava-os um ruído macio que embalava.

Gros-Louis estava exuberante, tinha vontade de subir para a mesa e cantar, mas não sabia cantar. Em certos momentos os seus olhos fechavam-se, caía num buraco, sentia-se acabrunhado como se algo horrível lhe acontecesse, reabria os olhos, tentava lembrar-se mas nada lhe ocorrera. Em suma, sentia-se bem, um pouco irritado mas confortável; custava-lhe manter os olhos abertos. Estendera as pernas compridas sobre a mesa, uma entre as de Mário e outra entre as de Starace, via-se no espelho e isso fazia-o rir; tentou fazer a careta de Starace, mas não podia mexer as orelhas nem olhar como um vesgo. Abaixo do espelho havia uma mulherzinha muito decente, que fumava pensativa; devia ter pensado que a careta era para ela porque lhe mostrou a língua e depois, pegando no pulso direito com a mão esquerda, fechou o punho e fê-lo girar, a rir. Gros-Louis desviou o olhar atônito, receava tê-la magoado.

Daisy estava sentada junto dele, pequena, rija, quentinha. Mas ela não lhe ligava. Cheirava bem, estava bem pintada, tinha seios volumosos, mas ele gostava das mais frágeis, alegres, que brincam e provocam, que sopram na orelha, por exemplo, e dizem baixinho ao ouvido, de olhos baixos, coisas grosseiras que se não entendem logo. Daisy era viva e grave; falava a sério da guerra com Mário. Dizia:

— Pois faremos a guerra; se for necessário faremos a guerra. Starace mantinha-se teso na cadeira, em frente de Daisy; parecia prestar atenção, sem dúvida por cortesia, pois não compreendia nada. Gros-Louis simpatizara com ele porque ficava sossegado sem nunca se zangar. Mário olhava Daisy, maliciosamente, meneava a cabeça e dizia:

— Não digo que não, não digo. Mas não parecia convencido.

— Eu prefiro a guerra à greve - atalhou Daisy. - Não preferes? Basta ver a greve dos estivadores, o que custou a todos, tanto a nós como aos outros.

— Não digo que não.

Daisy falava com cuidado e com um ar infeliz; sacudia a cabeça enquanto falava. "Durante a guerra, nada de greves - disse severamente. - Todos trabalham. Ah!, se tivesses visto os navios em 17, eras uma criança; eu também era, mas lembro-me. Era uma farra, à noite viam-se as luzes até Estaque. E aquelas caras que se encontravam na rua, terias pensado que estavas noutro mundo, sentíamo-nos orgulhosos, e as filas na Rua Boucherille, havia ingleses, americanos, italianos, alemães e até hindus, muitos, tanto que ela ganhava, a minha mãe!"

— Não havia alemães - disse Mário -, estávamos em guerra contra eles.

— Pois eu digo-te que havia, e em uniforme ainda por cima, com uma coisa nos bonés. Se os vi!

— Estávamos em guerra contra eles.

Daisy encolheu os ombros.

— Pois sim, lá em cima, ao norte. Aqueles não vinham das trincheiras, chegavam do mar, para comerciar.

Uma mulher grande e gorda, loira como manteiga, passou por eles, mas parecia séria também. Gros-Eouis pensou: "É por morarem na cidade que ficam assim." Ele debruçou-se sobre Daisy, tinha um ar de indignação:

— Pois eu detesto a guerra, ouviste? Porque estou farta dela, compreendes, e o meu irmão fez a de 14, queres que recomece? E a fazenda do meu tio, não a queimaram? Isso não te diz nada?

Daisy ficou desnorteada por um momento, mas recobrou o sangue-frio:

— Então preferes as greves, diz lá?

Mário olhou para a grande loira que se foi embora sem dizer mais nada, sacudindo a cabeça. Sentou-se não longe deles e pôs-se a falar com veemência a um homenzinho triste que mastigava uma palha. Apontava para Daisy e falava com surpreendente rapidez. O homenzinho não respondia, mastigava a palha, sem erguer os olhos, não parecia sequer ouvi-la.

— Ela é de Sedan - explicou Mário.

— Onde é?

— Ao norte.

Daisy encolheu os ombros.

— Então porque é que se zanga, no norte eles estão habituados.

Gros-Louis bocejou com toda a força e lágrimas rolaram-lhe pelo rosto. Aborrecia-se, mas estava contente porque gostava de bocejar. Mário deitou-lhe um olhar rápido. Starace pôs-se a bocejar também.

— O nosso amigo está-se a aborrecer - disse Mário, apontando para Gros-Louis. - Sê gentil com ele, Daisy.

Daisy voltou-se para Gros-Louis, passou-lhe o braço pelo pescoço. Já não tinha aquele ar sério.

— É verdade, meu pequerrucho, porque te aborreces? Com um bom pedaço de mulher ao teu lado?

Gros-Louis ia responder quando viu o negro. Estava em pé, diante do balcão e bebia um líquido amarelo num copo grande. Vestia um fato verde e tinha um chapéu de palha com uma fita multicolor. "Ah! bem!", disse Gros-Louis. Olhava para o negro e sentia-se feliz.

— Que é que tens? - perguntou Daisy, espantada.

Ele virou a cabeça para ela, depois para Starace, encarando-os com estupor. Tinha vergonha deles. Sacudiu os ombros para que o braço de Daisy se desprendesse, levantou-se e aproximou-se do negro sem ruído. O negro bebia e Gros-Louis ria de alegria. Daisy dizia atrás dele em tom azedo: "O que foi que deu a esse cretino? Ele chateou-me." Gros-Louis não ligava, libertara-se de Mário e de Starace. Levantou a mão direita por cima do negro e mandou-lhe uma pancada formidável entre as omoplatas. O negro quase se engasgou; tossiu, cuspiu e voltou-se furioso para Gros-Louis.

— Sou eu - disse Gros-Louis.

— Não está louco, não? - berrou o negro.

— Não vês que sou eu!

— Não o conheço - disse o negro. Gros-Louis olhou-o com tristeza:

— Não te lembras? Encontrámo-nos ontem, acabavas de tomar banho.

O negro tossiu e cuspiu. Starace e Mário tinham-se levantado e colocado um a cada lado de Gros-Louis: "Será que não me vão deixar em paz?", pensou encolerizado. Mário puxou-o pela manga discretamente:

— Vamos - disse -, estás a ver que ele não te liga.

— É o meu negro - disse Gros-Louis em tom ameaçador.

— Levem-no - disse o negro. - A que horas é que o põem na cama?

Gros-Louis olhava para o negro e sentia-se infeliz: era ele, sem dúvida, estava tão bem vestido com o seu belo chapéu de palha. Porque é que ele se mostrava tão desmemoriado e ingrato?

— Eu dei-te um gole de vinho.

— Vamos - repetiu Mário. - Não é o teu negro: são todos muito parecidos.

Gros-Louis cerrou os punhos e voltou-se para Mário:

— Já te disse para ires embora. Isso é aqui comigo.

Mário recuou um passo:

— Os negros são todos parecidos - disse ele inquieto.

— Deixa-o, Mário - atalhou Daisy -, é um estúpido.

Gros-Louis já ia bater quando a porta se abriu e um segundo negro surgiu, igualzinho ao outro, de chapéu de palha e fato cor-de-rosa. Olhou para Gros-Louis com indiferença e foi debruçar-se ao balcão. Gros-Louis esfregou os olhos e encarou os dois negros separadamente, comparando-os. Pôs-se a rir, então.

— Parecem dois do mesmo.

Mário aproximou-se:

— Então, estás a ver?

Gros-Louis estava confuso. Não gostava muito de Starace nem de Mário, mas sentia-se culpado. Pegou-os pelo braço:

— Pensei que fosse o meu negro - explicou.

O negro voltara-lhe as costas e recomeçara a beber. Mário olhou para Starace e viraram-se os dois para Daisy. Daisy estava de pé; mãos nas ancas, esperava-os. Tinha um ar de poucos amigos.

— Hum! - fez Mário.

— Hum! - fez Starace.

Deram meia volta, pegaram em Gros-Louis pelos braços e levaram-no:

— Vamos procurar o teu negro - disse Mário.

A rua, estreita e deserta, cheirava a repolho. Por cima dos telhados viam-se estrelas. "São todas parecidas", pensou Gros-Louis tristemente. Perguntou:

— Há muitos em Marselha?

— Muitos quê, meu velho?

— Negros.

— Bastantes - disse Mário meneando a cabeça.

"Estou entre negros", pensou Gros-Louis. "Mas vou ajudá-la", disse o capitão, "serei o seu criado de quarto. Mário segurava Gros-Louis pela cintura, o capitão pegara na combinação de Maud, esta não pôde deixar de rir: "Está do avesso!" Mário inclinava-se para a frente, apertava com força a cintura de Gros-Louis e esfregava a cabeça no estômago dele: "é o meu querido, não é verdade, Starace, é o meu queridinho, amamo-nos, nós dois." E Starace ria silenciosamente, a sua cabeça rodava, rodava, os dentes brilhavam, era um pesadelo, a sua cabeça estava cheia de gritos e luzes, ele partia para outros ruídos e outras luzes, não o largariam aquela noite, o riso de Starace, o seu rosto bronzeado que subia e descia, a cara de fuinha de Mário, tinha ânsias de vômito, o mar descia e subia no estômago de Pierre, ele sabia muito bem que nunca mais encontraria o seu negro. Mário empurrava-o, Starace puxava-o, o negro era um anjo, eu estou no inferno. Disse:

— O negro era um anjo.

E duas lágrimas rolaram-lhe pelas faces. Mário empurrava-o, Starace puxava-o, e assim viraram a esquina; Pierre fechou os olhos; não se via senão a luz piscante do lampião na calçada e o chiar da espuma de encontro ao navio.

Janelas fechadas, cheirava a percevejo e formol. Ele inclinava-se sobre o passaporte, a vela iluminava os seus cabelos grisalhos e ondulados, mas projetava a sombra do crânio sobre toda a mesa. "Porque é que ele não acende a luz elétrica, vai estragar a vista." Philippe aclarou a voz: sentiu-se afogado no silêncio e no esquecimento; lá eu existo, lá sou sólido, imponho-me, ela não pode engolir um bocado sequer, tem uma bola de lágrimas na garganta e está estupefato, essa mão que se ergueu contra mim secará, não me acreditava capaz disto lá, acabo de nascer e no entanto estou é aqui, diante deste velhinho atarracado, de bigodes grisalhos, que parece ter-me esquecido inteiramente. Aqui; aqui! Aqui, aqui, a minha presença monótona entre cegos e surdos, fundo-me na sombra e lá entre a poltrona e o sofá eu existo, eu conto. Bateu o pé e o velho levantou os olhos, olhos de míope, duros, lacrimejantes e cansados.

— Esteve em Espanha?

— Sim - disse Philippe -, há três anos.

— O passaporte não está válido. Devia tê-lo renovado.

— Sei - disse Philippe com impaciência.

— Eu não tenho nada com isso. Fala espanhol?

— Como o francês.

— Se eles o tomarem por espanhol, terá sorte, com esses cabelos cor de palha.

— Há espanhóis loiros.

O velho encolheu os ombros:

— Bem, estou a dizer isto por dizer...

Folheava distraidamente o passaporte. "Eu, eu estou aqui; no escritório de um falsificador." Não parecia verdade. Desde manhã que nada lhe parecia verdadeiro. O falsificador não lhe parecia falsificador, mas sim um guarda.

— O senhor tem cara de guarda.

O velho não respondeu; Philippe sentia-se incomodado. A insignificância. Voltara à transparente insignificância da véspera, quando passava através dos seus olhares, quando era um vidro aos solavancos às costas de um vidraceiro e passava através do sol. Lá, eu sou agora opaco como um morto; ela pergunta a si mesma: "Onde estará ele? Que estará a fazer? Será que pensa em mim?" Mas o velho não parece saber que há um lugar no mundo onde eu sou uma pedra preciosa.

— Então? - perguntou Philippe.

— O velho pousou nele um olhar cansado:

— É Pitteaux quem o envia aqui?

— E a terceira vez que o senhor me pergunta isso. Sim, foi Pitteaux - disse Philippe com altivez.

— Bem - disse o velho. - Normalmente faço isso por nada; mas para si custará três mil francos. Philippe fez a careta de Pitteaux.

— Sem dúvida. Não tinha a intenção de lhe pedir um serviço gratuito.

O velho sorriu, com ar trocista. "A minha voz soou falso", pensou Philippe com irritação. A minha insolência não é ainda natural. Principalmente para com os velhos. Entre mim e eles há uma conta de bofetadas muito antiga a pagar. Será preciso devolvê-las todas, antes que eu possa falar-lhes de igual para igual. "Mas afinal", pensou, "a última está paga".

— Ei-los.

Tirou prontamente o porta-moedas do bolso e pôs três notas de mil sobre a mesa.

— Garoto imbecil! - disse o velho. - Se eu agora os embolsasse e me recusasse a prestar-lhe o serviço?

Philippe olhou-o inquieto e fez um movimento para recuperar as notas. O velho deu uma gargalhada.

— Pensei... - disse Philippe.

O velho continuava a rir, Philippe retirou a mão, despeitado, e sorriu:

— Conheço os homens - disse. - Sei que o senhor não faria isso.

O velho parou de rir. Assumiu uma atitude jovial, maldosa.

— Conheces os homens! Pobre lombriga, vens procurar-me, nunca me viste, tiras os teus papéis de identificação e põe-os em cima da mesa, isso é suicídio. Vai, vai deixa-me trabalhar. Fico com mil, desde já, para o caso de mudares de ideia. Trar-me-ás o resto quando vieres buscar os papéis. Uma bofetada mais, devolvê-las-ei todas.

As lágrimas vieram-lhe aos olhos. Tinha o direito de se zangar, mas o que sentia era estupor. Como podem eles ser assim duros, nunca desarmam, estão sempre de atalaia, ao menor erro saltam-nos em cima e ferem-nos. O que é que eu lhes fiz? E a eles, lá no salão azul, o que é que eu lhes fiz? Aprenderei as regras do jogo, serei duro, hei-de fazer com que tremam.

— Quando estará pronto?

— Amanhã cedo.

— Pensava... não pensava que demorasse tanto.

— Sim? E os carimbos, sou eu quem os inventa? Vai, rapaz, volta amanhã, uma noite não é de mais para fazer o trabalho.

Lá fora, a noite, a noite morna e repugnante, com os seus monstros; os passos que ressoam longamente atrás de nós sem que ousemos virar a cabeça, a noite em Saint-Ouen, o bairro é perigoso.

Philippe perguntou com voz angustiada:

— A que horas devo vir?

— À hora que quiseres, a partir das seis.

— Há hotéis por aqui?

— Na Avenida Saint-Ouen, podes escolher à vontade. Vai-te embora.

— Virei às seis - disse Philippe, resolutivo.

Pegou na mala, fechou a porta, desceu a escada. As lágrimas rebentaram-lhe no terceiro andar, esquecera o lenço, enxugou os olhos com a manga do casaco, fungou duas vezes, não sou um covarde. O velho salão

tomara-o por um covarde, o desprezo dele perseguiu-o com um olhar. Eles olham para mim. Philippe apressou-se a descer os últimos degraus. "Porta, por favor." A porta abriu-se para uma atmosfera cinzenta, morna e turva.

Philippe mergulhou naquela onda suja. Não sou um covarde, só esse velho é que o imagina. Aliás já não imagina, decidiu. Não pensa em mim, está a trabalhar. O olhar apagou-se, Philippe apertou o passo. "Então, Philippe, tens medo?" - "Não tenho medo, não posso fazer isso." - "Não podes, Philippe? Não podes mesmo?" Encostara-se ao muro. Pitteaux acariciou-lhe as ancas, o peito, tocou-lhe nas maminhas através da camisa, depois, com dois dedos da mão direita, deu-lhe uma pancadinha na boca:

"Adeus, Philippe, vai-te embora, não gosto de medrosos." A rua povoara-se de estátuas noturnas, esses homens encostados aos muros e que não dizem nada, não fumam e vêem-nos passar, sem um gesto, com os olhos sujos de noite. Corria quase, e o seu coração batia mais depressa. "Com essa cara? Deixa isso, é um covarde." Verão, todos verão, tanto ele como os outros, há-de ler o meu nome e dizer: "Sim senhor, nada mal, para um filho de papá rico, um fedelho, nada mal."

Um buraco de luz à direita, um hotel. O rapaz estava à porta; era vesgo, será que está a olhar para mim? Philippe andou mais devagar, mas deu um passo a mais, ultrapassou a porta, o rapaz devia estar a olhar de lado; decentemente, não podia voltar atrás. O criado vesgo ou o duelo dos ciclopes. Ou ainda isto: uma história triste para o ciclope. Vê-se, um belo dia, ao espelho porque sente uma comichão nas maçãs do rosto: um segundo olho acaba de brotar ao lado do primeiro! Que desespero! Impossível obrigá-lo a manobrar juntos, o primeiro ficara muito tempo sozinho, não ligava ao companheiro, trabalhava por conta própria. Do outro lado da rua havia também um hotel, o Hotel de Concarneau, pequeno edifício de um andar. Vou? E se me pedirem documentos? Não ousou atravessar, reiniciou a caminhada pela mesma calçada. E preciso coragem, mas esta noite não tenho muita, o velho liquidou-me, ou então, pensou ao deparar-se-lhe um letreiro:

"Café, vinho, licores", um soco no nariz. Empurrou a porta. Era um estabelecimento insignificante, com um balcão e duas mesas, aparas de madeira espalhadas pelo chão colavam-se às solas dos sapatos. O patrão olhou-o com desconfiança. "Estou bem vestido de mais", pensou Philipp irritado.

— Conhaque - pediu, aproximando-se do balcão.

O patrão pegou numa garrafa com uma rolha de metal, serviu, Philippe pousara a mala e olhava divertido: um fiozinho de álcool escorria do bico; parece que está a regar legumes.

Philippe tomou um gole e pensou: "Deve ser de má qualidade." Nunca bebia aquilo, tinha um gosto a vinho chamuscado, incendiou-lhe a garganta; largou o copo precipitadamente. O patrão examinava-o. Haveria ironia naqueles olhos plácidos?

Philippe tornou a pegar no copo e levou-o aos lábios com um ar negligente; a garganta ardia-lhe, os olhos lacrimejavam-lhe, bebeu tudo de um trago. Quando pousou o copo no balcão sentia-se mole e ligeiramente tocado. Pensou: "Eis uma oportunidade para observar." Descobrira quinze dias antes que não sabia observar, sou poeta, não analiso. Desde então, fazia inventários, por toda a parte; contava, por exemplo, todos os objetos expostos numa vitrine. Deitou um olhar circular, vou começar pela última fila de garrafas, lá em cima, atrás do balcão. Quatro garrafas de Byrrh, uma de Coudron, duas de Noilly, uma botija de rum.

Alguém entrara. Um operário de boné. Philippe pensou: "É um proletário." Não tivera a oportunidade de encontrar muitos proletários, mas pensava frequentemente neles. Era um homem de cerca de trinta anos, musculoso, mas mal feito, com braços compridos de mais e pernas tortas, sem dúvida fora o trabalho manual que o deformara: tinha pelos amarelos e duros sob o nariz; trazia um distintivo tricolor no boné, parecia descontente e agitado. Pediu:

— Um copo de vinho, patrão, e depressa.

— Vamos fechar - disse o patrão.

— Você não vai recusar um copo de vinho a um mobilizado - disse o operário.

Falava com dificuldade, com uma voz rouca, como se tivesse passado o dia a gritar. Explicou-se, piscando o olho direito:

— Parto amanhã.

O patrão pegou numa garrafa e num copo:

— Para onde vai? - perguntou, pousando o copo no balcão.

— Soissons - disse o tipo. - Estou nos tanques. Ergueu o copo, a mão tremia, um pouco de vinho derramou-se no soalho.

— Vamos entrar-lhes na pança.

— Hum! - fez o patrão.

— É assim! - disse o tipo.

Bateu duas vezes com a palma da mão direita no punho esquerdo.

— Eles são fortes, os porcos! - disse o patrão.

— Vai ser como eu lhe digo!

Bebeu, fez estalar a língua e cantou. Parecia excitado e exausto; de instante a instante os seus traços vincavam-se, os olhos cerravam-se, os lábios pendiam: mas logo uma força impiedosa lhe levantava as pálpebras, puxava para cima os cantos dos seus lábios: dir-se-ia a presa esgotada de uma alegria que não queria acabar. Voltou-se para Philippe:

— E você? Estás mobilizado?

— Eu... ainda não - disse Philippe, afastando-se.

— Porque esperas? E preciso entrar-lhes na pança.

Era um proletário: Philippe sorriu-lhe e esforçou-se por dar um passo em frente.

— Toma um copo - disse o proletário. - Patrão, dois copos, um para si e outro para ele: é a minha rodada.

— Não tenho sede - disse o patrão com severidade. - E além disso, está na hora de fechar; eu levanto-me às quatro horas.

Contudo, pousou no balcão um copo para Philippe.

— Vamos beber à nossa saúde - disse o proletário.

Philippe ergueu o copo. Há pouco, no quarto de um falsificador; agora bebia ao balcão com um operário. Se eles me vissem!

— À sua saúde!

— À vitória! - disse o proletário. Philippe olhou-o com surpresa: devia estar a brincar, os operários são a favor da paz.

— Diz como eu: à vitória!

Parecia falar com seriedade, tinha um ar de descontentamento.

— Não quero dizer isso - disse Philippe.

— Como?

Cerrara os punhos. Um arroto cortou-lhe a palavra; olhou friamente, deixou cair o queixo, e a cabeça oscilou molemente durante um segundo.

— Faça como ele - disse o patrão.

O proletário recobrou o sangue-frio, veio falar-lhe ao nariz, cheirava a vinho.

— Não direi: à vitória.

— Não queres dizer: à vitória? A mim é que dizes isso? A um mobilizado? A um soldado de 38?

O proletário segurou-o pela gravata e empurrou-o de encontro ao balcão:

— Fazes-me isso a mim? Não vais beber à saúde?

“Que faria Pitteaux? Que faria Pitteaux no meu lugar?”

— Vamos - disse o patrão com voz severa -, faça o que ele diz: não quero confusão; e, além disso, vão-se embora, levanto-me às quatro, sabem.

Philippe ergueu o copo:

— À vitória - murmurou.

Bebeu, mas tinha um nó na garganta, pensou que não pudesse engolir. O tipo largara-o e ria zombeteiro, limpando o bigode com as costas da mão.

— Não queria dizer: à vitória - explicou ao patrão. - Agarrei-o pela gravata: "Fazes-me isso a mim, mau francês? A um mobilizado? A um soldado de 14?"

Philippe lançou uma moeda de dois francos para o balcão, pegou na mala e apressou-se a sair. Era um bêbado, devia ceder, Pitteaux teria cedido, não sou covarde.

— Eh! rapaz!

O tipo saíra atrás dele, Philippe ouviu o patrão fechar a porta à chave. Sentiu-se gelado, pareceu-lhe que os enfiavam a ambos no mesmo cubículo.

— Não te vás embora assim. Vamos entrar-lhes na pança.

Aproximou-se de Philippe e abraçou-o pelo pescoço, Mário pegara no braço de Gros-Louis e apertava-o com ternura, era o inferno, caminhavam pelas vielas escuras, nunca paravam, Gros-Louis não podia mais, tinha ânsias de vômito e os ouvidos zuniam-lhe.

— É que eu estou com uma certa pressa - disse Philippe.

— Onde é que vamos? - perguntou Gros-Louis.

— Procurar o teu negro.

— Não vai brincar comigo, hem! Quando convido para beber é para beber, entendes?

Gros-Louis olhou para Mário e teve medo, Mário dizia-lhe: "Então, meu velho, estás cansado, meu velho?" Mas não tinha a mesma fisionomia. Starace pegara-lhe no braço esquerdo, era o inferno. Tentou libertar o braço direito, mas sentiu uma dor aguda no cotovelo.

— Eh!, partes-me o braço!

Philippe deu um pulo e pôs-se a correr. É um bêbado, não há nada de mal em fugir de um bêbado. Starace largou-o de repente e deu um passo para trás. Gros-Louis quis voltar-se para ver o que o outro maquinava, mas Mário agarrava-se-lhe ao braço.

Philippe ouvia atrás de si uma respiração sincopada: "Putá, merda, não tenhas medo, ah!, vou castigar-te." "Que foi, que foi, velhinho? Então já não somos amigos?" Gros-Louis pensou:

"Vão-me matar", o medo gelou-lhe os ossos, agarrou Mário pelo pescoço com a mão livre e levantou-o no ar, mas ao mesmo tempo a sua própria cabeça fendia-se até ao queixo, largou Mário e caiu sobre os joelhos, o sangue corria-lhe pelas sobrancelhas.

Tentou agarrar-se ao casaco de Mário, mas este deu um pulo para trás e Gros-Louis não o viu mais. Via agora o negro que deslizava junto ao chão, mas sem tocar na terra, não se parecia com os outros negros, vinha ao seu encontro, de braços abertos, rindo. Gros-Louis estendeu as mãos, sentia aquela dor imensa na cabeça, gritou: "Socorro", recebeu novo golpe no crânio e caiu de nariz na sarjeta. Philippe continuava a correr. No Hotel do Canadá parou, recobrou o fôlego e olhou para trás, tinha-o distanciado. Apertou o nó da gravata e entrou no hotel a passos lentos.

Balouço, balanceio. Balouço, balanceio. As oscilações do navio subiam-lhe em espiral pelas pernas e pelas coxas e iam morrer em espessas vibrações no baixo-ventre. Mas a cabeça continuava livre, apenas um ou dois arrotos azedos; apertava com força o corrimão da escada. Onze horas; o céu tremeluzia, um fogo vermelho dançava ao longe, no mar; será talvez essa imagem que me subirá aos olhos por último, e neles se fixará para sempre, quando eu estiver na trincheira, de costas no chão com o maxilar fraturado, sob um céu cintilante. Essa imagem negra e pura com o seu ruído de palmas e essas presenças de homens, tão remotas atrás da luz vermelha na escuridão. Viu-os de uniforme, apertados como arenques por trás do seu farol, deslizando silenciosamente para a morte.

Olhavam-no sem dizer palavra, a luz vermelha escorregava sobre a água, eles deslizavam, desfilavam diante de Pierre e contemplavam-no. Odiou-os a todos, sentiu-se só e obstinado sob o olhar cheio de desprezo da noite; gritou-lhes: eu é que tenho razão, tenho razão em ter medo, fui feito

para viver, não para morrer: nada vale a vida. Ela não chegava, onde poderia estar? Debruçou-se sobre a entreponte deserta.

"Prostituta, hás-de pagar-me esta espera." Tinha tido modelos, manequins, dançarinas maravilhosamente bem feitas, mas aquela magrizona, quase desengonçada, era a primeira mulher que desejava violentamente. Acariciar-lhe a nuca, ela adora isso, onde nascem os seus cabelos negros, fazer subir devagar o êxtase do ventre à cabeça, empastar as suas ideias pequeninas e claras, beijar-te-ei, beijar-te-ei, entrarei no teu desprezo e estourá-lo-ei como uma bolha; quando estiveres transbordando de mim e grites "meu Pierre" revirando o branco dos olhos, veremos se me chamarás covarde. "Até à vista, querida, querida amiga, até à vista, volte, volte!"

Era um sussurro, o vento dispersou-o, Pierre virou a cabeça e o vento entrou-lhe pela orelha. Lá no convés da proa, uma lâmpada pendurada à porta da cabina do capitão iluminava um vestido branco, balançando no ar. A mulher de branco desceu lentamente a escada segurando-se ao corrimão por causa do vento e do movimento do navio: o vestido, ora inchado, ora colando-se às coxas, parecia um sino dobrando. Desapareceu repentinamente, devia estar a atravessar a entreponte, o navio entrou num buraco, o mar estava acima dele, branco e preto, desceu lentamente e a cabeça da mulher surgiu, ela subia a escada da segunda classe. Eis porque mudaram de cabina. Ela suave e estava um pouco despenteada; com o seu ar honesto e grave passou por Pierre sem o ver.

"Meretriz", disse Pierre. Sentiu-se submergido por um enorme tédio, não tinha desejo de estar com ela, nem de viver. O navio caía, caía, no fundo do mar. Pierre caía, num algodão mole, hesitou um instante e depois deixou a boca encher-se de biles, inclinou-se sobre a água escura e vomitou.

— Agora a assinatura - disse o rapaz.

Philippe pousou a mala, pegou na caneta e mergulhou-a na tinta. O rapaz olhava-o, de braços cruzados nas costas. Bocejo ou sorriso abafado? "Porque estou bem vestido", pensou Philippe encolerizado. "Olham todos para a roupa, o resto nem sequer vêem." Escreveu com mão firme: Isidore Ducasse. Caixeiro-viajante.

— Conduza-me - disse ao rapaz, olhando-o nos olhos.

O rapaz apanhou uma das pesadas chaves penduradas no quadro e subiram. A escada era escura, lâmpadas azuis iluminavam-na de vez em

quando; os chinelos do rapaz batiam nos degraus de pedra. Atrás de uma porta uma criança chorava; cheirava a urina. "É uma casa de passe", pensou Philippe. Lera muitas vezes isso em romances naturalistas, e sempre com repugnância.

— Pronto - disse o rapaz com a chave na fechadura.

Um quarto bastante grande, ladrilhado; as paredes eram cor de terra até meia altura e depois amarelo-sujo até ao teto. Uma mesa e uma cadeira, apenas: pareciam perdidas no meio do quarto; duas janelas, um lavabo que se diria de cozinha, uma cama grande encostada à parede: "Puseram o leito nupcial na cozinha", pensou Philippe.

O rapaz não se ia embora. Disse com um sorriso:

— São dez francos. Gostaria que pagasse já.

Philippe estendeu-lhe vinte francos.

— Fique com o troco. E acorde-me às cinco e meia.

O rapaz não se mostrou impressionado.

— Boa noite - disse saindo. Philippe escutou por um instante.

Quando deixou de ouvir o ruído gelatinoso dos chinelos, deu duas voltas à chave, fechou o trinco e encostou a mesa à porta. Depois largou a mala sobre a mesa e ficou a olhá-la de braços caídos. O candelabro do salão apagou-se, a vela do falsificador apagou-se; a escuridão comeu tudo. Uma escuridão anônima. Só o quarto nu brilhava na penumbra, tão pessoal quanto a própria noite. Philippe olhava a mesa, entorpecido, sem saber o que fazer. Bocejou. Não tinha sono, porém; estava vazio. Uma mosca esquecida que desperta no início do Inverno, quando todas as outras estão mortas, e não tem força para voar. Olhou para a mala, dizendo: é preciso abri-la para tirar o meu pijama. Mas os desejos adormeciam na sua cabeça, não chegava sequer a erguer um braço. Olhava para a mala, olhava para a parede, pensava: "Para quê?, para quê evitar de morrer se essa parede existe diante de mim, com as suas cores imundas e triunfantes?" Nem mesmo tinha medo.

Sobe... e desce, sobe e desce. Já não tinha medo. A bacia subia e descia cheia de espuma, ele subia e descia estendido de costas, já não tinha medo. O steward vai ficar furioso quando entrar e vir que vomitei no chão, mas que se arranje. Tudo era tão suave, a água na boca, o cheiro a vômito, aquela bola no peito, o seu corpo era todo doçura, e essa roda que girava, girava, esmagando-lhe a fronte, ele via-a, divertia-se a vê-la, era uma roda

de táxi com um pneu cinzento e gasto. A roda girava, os pensamentos familiares giravam, giravam, mas ele pouco se importava, finalmente podia não ligar, dentro de oito dias em Argonne eles atirarão contra mim mas eu não ligo, ela despreza-me, ela pensa que eu sou um covarde que me importa, hoje não ligo a nada, hoje não ligo. Não ligo, não ligo, não penso em nada, não tenho medo de nada, não me censuro em nada.

Sobe e desce, sobe e desce, é tão agradável não ligar a nada. Onze horas, onze toques no silêncio. Estendeu a mão, abriu a mala, a face direita queimava-o como uma tocha; onze horas, o candelabro acendeu-se dentro da noite, ela estava sentada na poltrona pequenina, roliça, com os seus belos braços nus, a face queimava, a tortura recomeçara, a mão erguia-se, a face queimava, eu não sou um covarde, não sou um covarde, desdobrou o pijama; onze horas, boa noite, mamã, beijava o rosto perfumado da hetera do general, olhava-me os braços, inclinava-se diante dele, boa noite, pai, boa noite, Philippe, boa noite, Philippe. Ontem, ainda ontem. Pensava com estupor: ontem. Mas que fiz eu? Que aconteceu desde ontem? Pus o meu pijama na mala, saí como todos os dias e tudo mudou: um rochedo caiu atrás de mim na estrada e destruiu-a, não posso voltar. Mas, quando, quando foi que isso aconteceu? Peguei na mala, abri devagar a porta, desci a escada... Foi ontem. Ela está sentada na poltrona, ele em pé junto da lareira, ontem. O salão é morno e claro, eu sou Philippe Grésigne, enteado do general Lacaze, licenciado em Letras, poeta de futuro, ontem, ontem, ontem para sempre.

Despira-se, enfiou o pijama. No hotel eram gestos novos, hesitantes, precisava aprendê-los. O Rimbaud estava na mala, deixou-o lá, não lhe apetecia ler. Uma única vez, se por uma única vez ela tivesse acreditado em mim, se uma única vez tivesse passado os seus belos braços em volta do meu pescoço, se me tivesse dito: tenho confiança em ti, é corajoso, serás forte, eu não teria partido. E uma hetera, trazia para o meu quarto palavras de general, palavras fósseis, largava-as, eram pesadas de mais para ela, rolavam para debaixo da cama, deixei-as amontoarem-se durante cinco anos; puxem a cama, encontrá-las-ão todas, pátria, honra, virtude, família, na poeira; não me aproveitei de nenhuma. Ficara descalço no ladrilho, espirrou: "Vou-me constipar", o botão da luz estava perto da porta, apagou a lâmpada e foi tateando até ao leito, tinha receio de pisar bichos, a enorme aranha que tem patas como dedos de homem e parece uma mão decepada,

e se houvesse uma aqui, se houvesse? Enfiou-se entre os lençóis e o leito gemeu. A face queimava, uma tocha dentro da noite, uma chama vermelha, apoiou-a ao travesseiro. Vão deitar-se, ela vestiu a camisa cor-de-rosa com rendas. Esta noite é um pouco menos doloroso imaginar isso; esta noite ele não ousará tocar nela, terá vergonha e ela, a hetera, não o permitiria, enquanto o seu filho morre de frio e de fome pelas estradas, ela pensa em mim, finge dormir, vê-me pálido e duro, lábios crispados, olhos secos, vê-me a caminhar. Não é um covarde, o meu filho não é um covarde, o meu filho, o meu menino querido. Se estivesse lá, se pudesse estar lá, só para ela, e beber essas lágrimas que rolam pelo seu rosto e acariciar os seus belos braços ternos, mamã, mamãzinha. O general é chanceler, diz uma estranha voz aos seus ouvidos. Um pequeno triângulo verde desprende-se e principiou a girar, o general é chanceler.

O triângulo girava, era Rimbaud, cresceu como um cogumelo, tornou-se seco e cascudo, um inchaço na face, à vitória, à vitória, À VITÓRIA. "Não sou um covarde", gritou Philippe acordando sobressaltado. Estava sentado na cama, molhado de suor, olhos esgazeados, o lençol cheirava a enxofre, com que direito se fazem eles meus juizes? Os malandros! Julgam-me pelas suas regras e eu só aceito as minhas. A mim, minhas altivas orgias! A mim, meu orgulho! Sou da raça dos senhores.

"Ah!", pensou com raiva, "mais tarde! Mais tarde!"

É preciso esperar. Mais tarde colocarão uma placa de mármore na parede deste hotel, aqui Philippe Grésigne passou a noite de 24 para 25 de Setembro de 1938. Mas eu terei morrido. Um murmúrio vago e suave passava por baixo da porta. Subitamente a noite morreu. Ele olhava-a do fundo do futuro, com os olhos dos homens de casaco preto que corriam sob a placa de mármore. Cada minuto deslizava na escuridão, precioso e sagrado e já extinto. Um dia, esta noite terá passado, gloriosa e passada como as noites de Maldoror, como as noites de Rimbaud. Minha noite.

"Zézette", disse uma voz de homem. O orgulho vacilou, o passado rasgou-se, era o presente. A chave girou na fechadura, o coração pulsou no peito. "Não, é ao lado." Ouviu a porta gemer.

"São dois pelo menos, um homem e uma mulher", pensou.

Conversavam. Philippe não ouvia tudo o que diziam, mas compreendeu que o homem se chamava Maurice e isso tranquilizou-o um pouco. Tornou a deitar-se; estendeu as pernas, afastou o lençol do queixo

com medo de apanhar borbulhas. Uma espécie de canto de flauta fez-se ouvir. Um cantozinho engraçado.

— Não chores - disse o homem com ternura -, não chores, isso não adianta.

Tinha uma voz quente e dura, atacava as palavras com rudeza, aos arranques, saíam do fundo da sua garganta ora muito depressa, ora devagar, ásperas e raspantes; mas prolongavam-se todas numa suave vibração sombria. O canto de flauta cessou após um ou dois sussuros. Ele debruçou-se sobre ela, tomou-a pelos ombros. Philippe sentia duas fortes mãos sobre os seus próprios ombros, um rosto inclinava-se sobre o seu. Um rosto moreno e magro, quase escuro, de faces azuladas, nariz de pugilista e uma bela boca amarga, uma boca de negro.

— Não chores - repetia a voz. - Não chores, meu bem, acalma-te.

Philippe acalmou-se completamente. Ouvia-os irem e virem, dir-se-ia que estão no meu quarto. Arrastaram um objeto pesado pelo soalho. Talvez a cama, ou uma mala. E a seguir o homem tirou os sapatos.

— No próximo domingo - disse Zézette.

Tinha uma voz vulgar mas cantante. Via-a menos nitidamente: talvez fosse loira, muito pálida, como a Sônia do Crime e Castigo.

— Então?

— Oh!, Maurice, esqueceste-te! Deviamos ir a Corbeil, a casa de Jeanne.

— Irás sozinha.

— Não terei coragem.

Baixaram a voz, Philippe não compreendia o que diziam, mas sentia-se feliz porque estavam tristes. Eram proletários. O outro era um bêbado, um vagabundo.

— Já estiveste em Nancy? - perguntou Zézette.

— Outrora, sim.

— Como é?

— Não é má.

— Vais mandar-me um pacote de bilhetes-postais. Quero poder imaginar onde estarás.

— Eles não o permitirão, sabes.

Um verdadeiro proletário. Aquele não tinha vontade de fazer a guerra, não pensava na vitória: partia, com a morte na alma, porque não

podia deixar de partir.

— Meu homem... - disse Zézette.

Calaram-se. Philippe pensava: "Estão tristes", e lágrimas suaves molharam-lhe os olhos. Suaves anjos tristes. Entraria, estender-lhes-ia as mãos, e dir-lhes-ia: "Eu também estou triste. Por causa de vocês, por vocês. Foi por vocês que abandonei o lar. Por vocês e por todos os que partem para a guerra." Ficariam ambos ao lado dela e eu dir-lhes-ia: "Sou o mártir da paz." Fechou os olhos, calmo: não estava só, dois anjos tristes protegiam-lhe o sono. O mártir, deitado de costas como um jacente de pedra e dois anjos tristes à cabeceira, com palmas. Murmurava, meu homem, meu homem, não me deixes, eu amo-te, e outra expressão também, suave e preciosa, já não se recordava, mas era a mais terna das expressões ternas, girou, flamejou como uma coroa de fogo e Philippe levou-a consigo no seu sono.

— Merda, puta que os pariu! - disse Gros-Louis. - Sentara-se à beira da calçada; nunca pensara ser possível um tal dor de cabeça, cada pontada despertava nele um novo estupor.

"Oh!, merda, puta que os pariu!" Levou a mão ao rosto, estava viscoso e fazia-lhe cócegas, devia ser sangue. "Vou fazer uma ligadura. Onde é que eles puseram o meu saco?" Apalpou à sua volta e a sua mão encontrou um objeto duro, era uma carteira:

"Será que eles perderam a carteira?" Pegou nela, abriu-a, estava vazia. Procurou no bolso, acendeu um fósforo: era a sua carteira. "A coisa vai melhor agora", verificou. A caderneta militar ficara no bolso do blusão, mas a carteira fora esvaziada. "Como é que vou fazer agora?" Continuava a passear as mãos pelo chão, disse: "Não vou procurar a polícia, isso não se faz." Fechou os olhos por um instante e pôs-se a respirar fundo: a cabeça doía-lhe tanto que ele perguntava a si próprio se não havia um buraco lá dentro. Tocou no crânio com precaução, não parecia aberto mas os cabelos tinham-se coagulado em tufo viscosos e depois, bastara-lhe apoiar um pouco para que fosse como se lhe dessem marteladas. "Não gosto da polícia", disse. "Mas como vou fazer?" Os seus olhos habituavam-se à penumbra, distinguiu uma massa escura na rua, a alguns metros: é a minha sacola. Gatinhou, porque não se podia pôr de pé. "Que será?" Tinha posto a mão numa poça: "Partiram a minha garrafa", pensou com um nó no peito. Pegou na sacola, estava ensopada, a garrafa em cacos. "É de mais", disse, "é de mais, isso é de mais". Largou a sacola, sentou-se no rego de vinho, no

meio da rua, e começou a chorar; os soluços passavam-lhe pelo nariz e sacudiam-no, ele tinha a impressão de que o crânio ia estoirar. Nunca chorara tanto desde a morte da velha. Charles estava nu, de pernas para o ar, diante de seis enfermeiras-chefes, a mais nova bateu as asas e mexeu as mandíbulas, isso queria dizer: bom para o serviço. Mathieu encolheu-se e ficou como uma bola, Marcelle esperava-o de pernas abertas, Marcelle era um buraco, quando Mathieu ficou bem redondo, Jacques deu-lhe um pontapé e ele caiu no buraco de granadas, caiu na guerra; a guerra desencadeara-se com toda a fúria, uma bomba partiu as vidraças e rolou ao pé da cama, Ivich levantou-se, a bomba desabrochou, era um ramalhete de rosas, dele surgiu Offenbach: "Não parta", disse Ivich. "Não vá para a guerra, senão que será de mim?" Vitória, Philippe participava no assalto à baioneta, berrava vitória, vitória, os doze czares fugiram, a czarina estava liberta, desamarrou as cordas, estava nua, pequena e gordinha, olhava de lado; os shrapnells e as grandes corridas atrás do comandante, com toda a velocidade, Pierre agarrava-os pelas costas e metia-os saco, eram ordens, mas o quarto quis levantar voo, apanhou-o pelos élitros, trémulo e esperneante, estoirou a rir e pôs-se a depená-lo o comandante olhava-o, estava estendido de costas, os shrapnells tinham-lhe comido as bochechas e as gengivas, mas sobravam os olhos, os seus grandes olhos cheios de desprezo, Pierre fugiu a toda a velocidade, desertava, desertava, corria no deserto, Maud perguntou-lhe: "Posso levantar a mesa?" Viguier estava morto, cheirava mal; Daniel tirou as calças, pensava: "Há um olhar", erguia-se diante de um olhar covarde, pederasta, mau, como um desafio. "Vê-me como sou." Hannequin não podia dormir, pensava:

"Estou mobilizado" e isso parecia-lhe engraçado, a cabeça da sua vizinha pesava-lhe no ombro, ela cheirava a cabelo e brilhantina, ele deixava pender o braço e tocava-lhe na coxa, era agradável mas cansativo. Caíra de cara, já não tinha pernas. "Meu amor!", gritou ela. "Que estás tu a dizer?", perguntou a voz sonolenta. "Estava a sonhar", disse Odette, "dorme, meu querido, dorme". Philippe acordou sobressaltado, não era o canto do galo, era um doce gemido de mulher, ah, ah, ahhh, pensou a princípio que ela chorava, mas não, conhecia bem esses lamentos, escutara-os muitas vezes colando o ouvido à porta, pálido de frio e ódio. Mas desta vez, a coisa não lhe repugnava. Era novo e cheio de ternura: música de anjos.

— Haâh, como te amo - disse Zézette com voz rouca. - Oh, oh, oh... ohohoh... haaâah!

Houve um silêncio. Ele pesava sobre ela com todo o peso do corpo duro, o belo anjo de cabelos negros e boca amarga. Ela estava esmagada, satisfeita. Philippe soergueu-se bruscamente e sentou-se, a boca má, o coração mordido de ciúmes. No entanto ele gostava de Zézette.

— Haâahh.

Respirou: era um grito peremptório e definitivo; tinham acabado. Ao fim de um momento ouviu ruídos de panos molhados: pés descalços corriam sobre os ladrilhos, a torneira cantou, um pássaro no galho, e todos os canos da água foram sacudidos por horríveis borborismos. Zézette voltara para Maurice, fresca, as pernas frias; a cama gemeu, ela deitara-se perto dele, no leito quente e húmido, apertava-se contra ele, respirava o odor ruivo do seu suor.

— Se morresses, matava-me.

— Não digas isso.

— Matava-me mesmo, Momo.

— Seria pena. Tu é bem feita, trabalhadora; gostas de comer bem, gostas de amar: vê o que perderias.

— É contigo que eu gosto de fazer amor. Contigo - disse Zézette apaixonadamente. - Mas tu, tu não te importas muito com isso, partes, estás contente.

— Não, não estou contente - disse Maurice. - Chateio-me de partir.

“Vai partir.” Vai-se embora, tomará o comboio para Nancy, não os verei jamais, não verei a sua fisionomia, ele nunca saberá quem sou. Os seus pés arranharam o lençol; quero vê-los.

— Se não partisses. Se pudesses não partir.

Maurice observou-lhe docemente:

— Não digas disparates.

“Quero vê-los.” Pulou da cama. A aranha espiava-o, encolhida debaixo da cama, mas ele correu mais depressa do que ela. Premiu o botão e o bicho desapareceu na luz. Quero vê-los. Enfiadas as calças, pôs os pés nus nos sapatos e saiu. Duas lâmpadas azuis iluminavam o corredor. No quarto n.º 19 lia-se num papelucho cinzento pregado à porta com uma punaise: "Maurice Gounod." Philippe apoiou-se à parede, o coração batia-lhe com força e estava ofegante como se tivesse corrido. O que é que eu

posso fazer? Estendeu a mão e tocou ao de leve na porta: estavam ali, do outro lado. Não quero nada, só quero vê-los. Baixou-se e colou o olho à fechadura: recebeu um sopro frio na córnea, piscou e não viu nada; tinham apagado a luz.

"Quero vê-los", pensou, batendo à porta. Não responderam. Sentiu um nó na garganta e bateu com mais força.

— Que é? - perguntou a voz. Era brusca e dura, mas mudaria.

Abriria a porta e a voz mudaria. Philippe bateu: não podia falar.

— Pílulas! - disse a voz com impaciência. - Quem é?

Philippe parou de bater. Já não tinha fôlego. Aspirou com força e forçou a voz a passar pela garganta:

— Queria falar com o senhor.

Houve um longo silêncio, Philippe pensava em ir-se embora quando ouviu um ruído de passos, um sopro junto à porta e um ligeiro barulho: tinham acendido a luz. Os passos afastaram-se, está a vestir as calças. Philippe recuou e encostou-se à parede, tinha medo. A chave girou na fechadura, a porta abriu-se, surgiu na abertura discreta uma cabeça ruiva e hirsuta, de maçãs largas e pele vincada de rugas. O tipo tinha olhos claros sem cílios; olhava Philippe com um espanto cómico.

— O senhor enganou-se no quarto.

Era a voz, mas passando por aquela boca tornava-se irreconhecível.

— Não - disse Philippe -, não me enganei.

— Então o que deseja?

Philippe olhava para Maurice, pensava: "Já não vale a pena." Era tarde de mais. Disse:

— Gostaria de falar com o senhor.

Maurice hesitava; Philippe viu nos seus olhos que iria fechar a porta, e apoiou-se vivamente contra o batente.

— Gostaria de falar com o senhor - repetiu.

— Não o conheço - disse Maurice. Os seus olhos pálidos eram duros e maliciosos. Parecia-se com o canalizador que consertara a banheira.

— Quem é, Maurice? - perguntou Zézette. - Que é que ele quer?

A voz era verdadeira; verdadeiro também era o terno rosto invisível. A cara de Maurice é que era um sonho. Um pesadelo. A voz emudeceu, o terno rosto esvaiu-se; a cabeça de Maurice saiu da sombra, dura e maciça, verdadeira.

— É um sujeito que eu não conheço. Não sei o que quer.

— Posso ser-lhe útil - disse Philippe.

Maurice media-o com desconfiança. "Está a ver as minhas calças de flanela", pensou Philippe, "está a ver os meus sapatos de couro de vitela, o meu casaco de pijama, preto com gola russa".

— Eu... Estava no quarto ao lado - disse, retesando-se contra a porta.
- Juro que posso ser-lhe útil.

— Vem deitar-te, Maurice - disse Zézette -, entra, deixa aí o homem.

Maurice continuava a examinar Philippe. A sua carranca, após algum tempo de reflexão, desanuviou-se:

— Foi Émile que o mandou?

Philippe desviou o olhar.

— Foi.

— Então?

Philippe tremeu:

— Não posso falar aqui.

— De onde é que conhece Émile? - continuou Maurice, hesitando.

— Deixe-me entrar - implorou Philippe. - Que é que tem? Não posso dizer nada neste corredor.

Maurice abriu a porta:

— Entre. Mas somente por cinco minutos. Estou com sono. - Philippe entrou.

O quarto era igual ao seu. Mas havia roupas sobre as cadeiras, meias, calças e sapatos de mulher no ladrilho, perto da cama e sobre a mesa um fogareiro a gás com uma caçarola. Cheirava a banha fria. Zézette estava sentada na cama, com um xaile violeta pelos ombros. Era feia, com olhinhos fundos e inquietos. Olhava Philippe com hostilidade.

A porta fechou-se, ele tremeu.

— Então, o que é que Emile quer de mim?

Philippe olhou Maurice com angústia, não podia falar.

— Vamos, ande depressa - disse Zézette furiosa. - Ele parte amanhã cedo. Não é o momento de nos vir incomodar.

Philippe abriu a boca e fez um esforço violento, mas não saiu som algum. Via-se com os olhos deles, era insuportável.

— Estou a falar francês creio bem. Estou-lhe a dizer que ele parte amanhã.

Philippe virou-se para Maurice e disse com voz estrangulada:

— Não deve partir.

— Partir para onde?

— Para a guerra.

Maurice parecia estar consternado.

— É um provocador - disse Zézette.

Philippe olhava para os ladrilhos vermelhos, de braços caídos, sentia-se todo entorpecido: era quase agradável. Maurice pegou-o pelo ombro, sacudi-o:

— Conheces Emile, tu?

Philippe não respondeu. Maurice tornou a sacudi-lo com mais força:

— Vais responder? Pergunto-te se conheces Emile.

Philippe lançou-lhe um olhar desesperado:

— Conheço um velho que falsifica documentos - disse rapidamente em voz baixa.

Maurice largou-o bruscamente, Philippe baixou a cabeça e acrescentou:

— Fará documentos para si.

Houve um silêncio, e depois Philippe ouviu a voz triunfante de Zézette:

— É o que eu dizia: um provocador.

Ousou erguer os olhos, Maurice fixava-o com um ar terrível. Estendeu a pata peluda, Philippe deu um pulo para trás.

— Não é verdade - disse, protegendo-se com o braço -, não é verdade, não sou um provocador.

— Então que vens aqui fazer?

— Sou um pacifista - disse Philippe quase a chorar.

— Pacifista! - repetiu Maurice com estupor. - Só me faltava ver isto!

Coçou o crânio e deu uma gargalhada.

— Pacifista! Imagina só, Zézette!

Philippe pôs-se a tremer.

— Não quero que riam - disse em voz baixa. Mordeu os lábios para não chorar e acrescentou penosamente: - Mesmo se não for um pacifista, deve respeitar-me.

— Respeitar-te? - repetiu Maurice. - Respeitar-te?

— Sou um desertor - disse Philippe com dignidade. - Se lhe proponho papéis falsos é porque os mandei fazer para mim. Depois de amanhã estarei na Suíça.

Philippe encarou Maurice, este franzira as sobrancelhas, uma ruga em Y desenhou-se na sua fronte, parecia refletir.

— Venha comigo - disse Philippe. - Tenho dinheiro para dois.

Maurice olhou-o com repugnância.

— Seu safado! Já viste como ele está vestido, Zézette? É natural que tenhas horror à guerra, é natural que não queiras lutar contra os fascistas. Antes os abraçarias, os facistas, hem? Os que protegem as tuas massas, filho de papá rico.

— Não sou fascista - disse Philippe.

— Não, sou eu o fascista! Vamos, vai-te embora, seu porco! Vai, senão cometo uma desgraça!

Eram as pernas de Philippe que queriam fugir. As pernas e os pés. Mas ele não fugiria. Arrastou as pernas para a frente, chegou-se a Maurice, baixou com força o braço infantil que se erguia sozinho. Olhou para o queixo de Maurice; não conseguia levantar o olhar até aos olhos pálidos e sem cílios. Disse:

— Não vou embora.

Ficaram um momento face a face e subitamente Philippe estourou:

— Como são duros! Todos. Todos. Eu estava ali, ouvia-os falar, esperava... Mas vocês são como os outros, um muro. Sempre a condenar sem procurar entender; sabem por acaso quem sou eu? Por vocês é que desertei; poderia ter ficado em casa, onde como e durmo sem problemas, bem instalado, com criados, mas larguei tudo por vocês. E você, oh!, vocês! mandam-nos para a matança e vocês acham bem, não mexem um dedo sequer; põem-lhes um fuzil nas mãos e vocês pensam que são heróis, e se alguém tenta agir de outro modo, tratam-no logo como um filho de papá rico, fascista, medroso, só porque não faz como toda a gente. Não sou medroso, mentem, não sou fascista e não tenho a culpa de ser menino rico. E muito mais fácil, fiquem sabendo, é muito mais fácil ser menino pobre.

— Aconselho-te que vás embora - disse Maurice com raiva - porque não gosto muito de provocações e poderia zangar-me.

— Não me irei embora - disse Philippe batendo o pé. - Basta, afinal! Estou farto desta gente que finge não me ver, ou olha de cima. Com que

direito? Eu existo e valho tanto quanto vocês. Não irei embora, ficarei aqui a noite toda, se necessário; quero explicar-me de uma vez para sempre.

— Ah! Não vais! - disse Maurice. - Ah!, não vais, não é?

Maurice agarrou-o pelos ombros e empurrou-o para a porta. Philippe quis resistir, mas era inútil: Maurice era forte como um touro.

— Largue-me - gritou Philippe. - Largue-me; se me puser lá fora ficarei diante da porta e farei barulho, não sou um covarde, quero que me escute. Largue-me, seu brutamontes - repetiu, dando-lhe pontapés.

Viu a mão erguida de Maurice, o seu coração parou:

— Não - disse. - Não.

Maurice deu-lhe dois socos.

— Não batas com força - disse Zézette -, é uma criança.

Maurice largou Philippe e contemplou-o com uma espécie de surpresa.

— Vocês... eu odeio-os - murmurou Philippe.

— Escuta, rapaz - disse Maurice com um ar incerto.

— Vocês verão, vocês verão! Terão vergonha.

Saiu correndo, entrou no quarto e fechou a porta. O comboio rolava, o navio subia e descia, Hitler dormia, Ivich dormia, Chamberlain dormia, Philippe lançou-se para a cama e começou a chorar. Gros-Louis titubeava, casas e mais casas, a cabeça ardia-lhe mas não podia parar dentro da noite, era-lhe preciso andar dentro da noite, à espreita, dentro da noite terrível, sussurrante, Philippe chorava, exilado dentro da noite fria e miserável, a noite cinzenta das encruzilhadas, Mathieu despertara, levantou-se, pôs-se à janela, ouvia o murmúrio do mar, sorriu para a linda noite esbranquiçada.

Domingo, 25 de Setembro

Um dia de vergonha, um dia de repouso, um dia de medo, o dia de Deus, o sol nascia num domingo. O farol, o fanal, a cruz, a face, a FACE, Deus carrega a sua cruz nas igrejas, eu carrego a minha face nas ruas endomingadas, mas o senhor tem um inchaço; não: foram pancadas na cara, ignóbil indivíduo que traz as nádegas no rosto, a cabeçorra incômoda, a cabeça rachada, enfaixada, a abóbora, a cabaça, bateram por trás, um, dois, ele andava na sua cabeça, as solas batiam na cabeça, é domingo, onde vou eu achar trabalho, as portas estavam fechadas, as grandes portas de ferro, pregadas, ferrujentas, cerradas sobre a escuridão, sobre o vazio com cheiro a aparas de madeira, de fuligem e ferro-velho, sobre o chão de terra, juncado de cavacos, estavam fechadas as terríveis portas de madeira, fechadas sobre o cheio, sobre quartos cheios até rebentar de móveis, de recordações, de crianças, de ódios, com esse odor espesso de cebolas fritas, e o colarinho brilhante sobre a cama e as mulheres pensativas atrás das janelas, ele andava entre olhares, teso, petrificado pelos olhares. Gros-Louis caminhava entre as paredes de tijolo e as portas de ferro, caminhava, nem um centavo, nada para mastigar e a cabeça batendo como um coração, caminhava e as suas solas batiam na cabeça, plac, plac, eles andavam, a suar, pelas ruas assassinadas pelo domingo, a sua face iluminava a avenida diante dele, pensava: "Ruas de guerra, já." Pensava: "Como é que eu vou comer?" Os dois pensavam: "Não haverá ninguém que me ajude?" mas os homenzinhos morenos, os operários grandes de caras petrificadas, faziam a barba pensando na guerra, pensando que teriam um dia inteiro para passear a sua angústia pelas ruas assassinadas. A guerra: as lojas fechadas, as ruas desertas, trezentos e sessenta e cinco domingos por ano. Philippe chamava-se Pedro Cazares, trazia o nome junto ao peito, Pedro Cazares, Pedro Cazares. Pedro Cazares partia naquela mesma noite para a Suíça, levava para a Suíça uma bochecha florida, marcada por cinco falanges. As mulheres olhavam-no das suas janelas.

Deus olhava para Daniel.

Direi Deus? Uma só palavra e tudo muda. Encostava-se à porta cinzenta da loja do correeiro, as pessoas apressavam-se a caminho da igreja, pretos na rua rosada, eternos. Tudo era eterno. Uma senhora passou, loira,

leve, os cabelos meticulosamente despenteados, morava no hotel, o marido vinha vê-la duas vezes por quinzena, era um industrial de Pau; ela pusera o rosto em repouso porque era domingo, os seus pezinhos trotavam para a igreja, a sua alma era um lago de prata. A igreja: um buraco; a fachada era romana, havia uma estátua jacente de pedra na segunda capela à direita. Sorriu para a dona da mercearia com o seu menino. Direi Deus? "Não estava espantado", pensava, "devia acontecer. Cedo ou tarde". Sentia que havia alguma coisa. Tudo, fiz sempre tudo, diante de uma testemunha. Sem testemunha evaporamo-nos.

— Bom dia, senhor Sereno - cumprimentou Nadine Pichon. - Vai à missa?

— Vou a correr - disse Daniel.

Seguiu-a com os olhos, ela mancava mais que o costume, duas meninas alcançaram-na e puseram-se a girar alegremente à sua volta. Olhou-as. Fixar nelas o meu olhar olhado! O meu olhar é oco, o olhar de Deus atravessa-o de lado a lado. "Estou a fazer literatura", pensou bruscamente. Deus já não estava ali. Esta noite no suor dos lençóis havia a presença de Deus e Daniel sentiu-se Caim: "Eis como me fizeste, covarde, pederasta, oco. E depois?" E o olhar ali estava, por toda a parte, mudo, transparente, misterioso. Daniel acabaria por adormecer e ao despertar estava só. Uma recordação de olhar. A multidão surgia de todas as portas bem abertas, luvas pretas, colarinhos engomados, peles de coelho e livros de missa familiares na ponta dos dedos. "Ah!", disse Daniel, "seria preciso um método. Estou cansado de ser essa evaporação incessante para um céu vazio, quero um teto". O carneiro esbarrou com ele de passagem, era um homem gordo e vermelho que punha monóculo ao domingo para ser notado; a sua mão peluda fechava-se sobre um missal. Daniel pensou: "Vai exhibir-se, os olhares cairão nele das redomas e dos vitrais vão todos exhibir-se, a metade da humanidade vive debaixo de olhares. Sentirá ele o olhar quando bate com a machadinha na carne que eclode sob os golpes, que se abre, revelando o osso redondo e azulado? Vêem-no, vêem-lhe a dureza como lhe vejo as mãos, a avareza como lhe vejo os cabelos ralos e essa carência de piedade como lhe vejo o crânio sob os cabelos; ele sabe-o, virara as páginas do missal e gerará: "Senhor, Senhor, sou avarento"." E o olhar de Medusa descera do alto, petrificante. Virtudes de pedra, vícios de pedra: que repouso! "Essa gente tem técnicas eficazes", pensou Daniel despeitado,

olhando os dorsos negros que se afundavam nas trevas da Igreja. Três mulheres caminhavam juntas na claridade esbranquiçada da manhã. Três mulheres tristes e recolhidas, possuídas pelo quotidiano. Acenderam o lume, varreram o chão, puseram leite no café e ainda não eram nada senão um pedaço de braço na ponta da vassoura, uma mão a segurar a asa do bule, aquela rede de bruma que cresce sobre as coisas, através dos muros, por campos e bosques. Agora andam ali pelas trevas, vão ser o que são. Seguiu-as de longe. "Se eu fosse lá? Só para rir: eis como me fizeste, triste e covarde, irremediável. Tu olhas para mim e toda a esperança se esvai; estou farto de fugir de mim. Mas sei que ante o teu olhar não posso fugir de mim. Entrarei, ficarei de pé, no meio dessas mulheres de joelhos, como um momento de iniquidade. Direi: "Sou Caim." E então? Foste tu quem me fez assim, carrega-me. O olhar de Marcelle, o olhar de Mathieu, o olhar de Bobby, o olhar dos meus gatos: sempre se desviaram da minha pele. Mathieu, sou pederasta. Sou, sou, sou pederasta, meu Deus." O velho de rosto enrugado trazia uma lágrima no olhar, mordida com um ar maldoso o bigode avermelhado pelo fumo. Entrou na igreja gasto, alquebrado, gaga e Daniel entrou atrás. Era a hora em que Ribadeau chegava assobiando ao cais de descarga e os rapazes indagavam: "Então, Ribadeau, em forma hoje?" Ribadeau pensava nisso, enrolando o cigarro, sentia as mãos vazias; contemplava melancolicamente os vagões e as filas de barris e faltava-lhe alguma coisa nas mãos, o peso de uma bola bem colada à palma; olhava os tonéis e pensava: "Um domingo, mas que pena!" Marius, Cláudio, Remy tinham partido, brincavam aos soldados; Jules e Charlot faziam o que podiam, rolavam os barris ao longo dos carris, juntavam-se para levantá-los e lançavam-nos para dentro dos vagões. Eram fortes mas velhos, Ribadeau ouvia-lhes a respiração ofegante e o suor escorria pelas costas nuas: nunca mais se acabava. Havia um tipo grande com a cabeça ligada, que rondava pelo entreposto há um bom quarto de hora; acabou por se aproximar de Jules, e Ribadeau viu que os lábios dele se mexiam. Jules escutava-o com o seu ar idiota. Por fim, endireitou-se mais ou menos, pôs as palmas das mãos nos rins e designou Ribadeau com a cabeça.

— O que há? - indagou Ribadeau.

O tipo aproximou-se hesitante; andava como um pato, com os pés para fora. Um verdadeiro bandido. Tocou na ligadura da cabeça à maneira de cumprimento.

— Tem trabalho? - perguntou.

— Trabalho? - repetiu Ribadeau. Olhava o tipo, um verdadeiro bandido, o penso estava sujo, quase preto; o homem parecia forte, mas o rosto era a tal ponto pálido que metia medo.

— Trabalho?

Encararam-se, Ribadeau perguntava a si próprio se o tipo não ia desmaiar:

— Trabalho - disse, coçando o crânio -, não é o que falta aqui.

O homem piscou os olhos. De perto, não parecia assim tão mau.

— Posso trabalhar - disse.

— Não tem cara de muita saúde.

— Como?

— Estou a dizer que tem cara de doente.

— Não estou doente.

O tipo olhou-o espantado.

— Está lívido. Para que é essa ligadura?

— Nada, eles bateram-me - explicou.

— Quem é que lhe bateu? Os guardas?

— Não, os companheiros. Posso trabalhar.

— É preciso ver.

O tipo baixou-se, pegou num barril e levantou-o sem esforço.

— Posso trabalhar - disse, tornando a colocar o barril no chão.

— Filho da puta! - exclamou Ribadeau com admiração. E acrescentou:

- Como te chamas?

— Gros-Louis.

— Tens documentos?

— A caderneta militar.

— Mostra.

Gros-Louis vasculhou o bolso interior do blusão e tirou com precaução a caderneta. Ribadeau olhou-a e pôs-se a assobiar.

— Olha lá! Olha lá!

— Está em ordem - disse Gros-Louis inquieto.

— Em ordem? Sabes ler

Gros-Louis olhou-o com malícia:

— Não é preciso saber para carregar barris.

Ribadeau devolveu-lhe a caderneta.

— Tens o número dois, rapaz. Estão à tua espera em Montpellier. Acho bem que te apresses, senão serás um desertor.

— Montpellier? - disse Gros-Louis, estupefato. - Não tenho nada que fazer em Montpellier.

Ribadeau zangou-se:

— Já te disse que estás mobilizado. Tens o número dois.

Gros-Louis guardou a caderneta no bolso.

— Então não me dá trabalho?

— Não posso dar emprego a um desertor.

Gros-Louis baixou-se e levantou um barril.

— Já sei, já sei - disse Ribadeau com vivacidade. - Tu és forte, não digo que não. Mas há-de adiantar muito se te vierem prender dentro de quarenta e oito horas.

Gros-Louis pusera o barril às costas. Olhava para Ribadeau com atenção, franzindo as sobrancelhas espessas. Ribadeau encolheu os ombros:

— É pena.

Não tinha mais nada para dizer. Afastou-se, a pensar: "Não quero um refratário." Gritou:

— Eh!, Charlot!

— Eh? - disse Charlot.

— Sabes, aquele tipo é um refratário.

— É pena - disse Charlot -, poder-nos-ia ajudar.

— Não vou contratar um refratário!

— Naturalmente que não.

Voltaram-se ambos, o tipo tornara a colocar o barril no chão e virava a caderneta nas mãos com um ar infeliz.

A multidão cercava-os, levava-os, girava à volta deles, e fazia-se mais compacta. René não sabia se estava imóvel ou se girava com a multidão. Contemplava as bandeiras francesas que tremulavam em cima da entrada da Gare de Leste; a guerra estava ali, ao fundo dos carris, não o incomodava, ele sentia-se ameaçado por uma catástrofe muito mais imediata: as multidões são frágeis, há sempre uma desgraça maquinando acima delas. *"O enterro de Gallieni, ele arrasta-se, passeia a sua pequena veste branca entre as raízes negras da multidão, sob o horror do sol, os andaimes desmantelam-se e abatem-se, não olhes, transportaram a mulher, tesa, com um pé de renda vermelha saindo da botina aberta."* A multidão

cercava-o, sob o sol claro e oco, detesto as multidões, sentia olhares por toda a parte, sóis provocam o desabrochar de flores, nas costas, no ventre, que acendiam o seu nariz comprido e pálido, a partida para os arrabaldes nos primeiros domingos de Maio, e no dia seguinte nos jornais: "O domingo vermelho", sempre ficam alguns estirados na rua. Irene protegia-o com o seu corpinho roliço, "não olhes, ela leva-me pela mão, puxa-me e a mulher passa por detrás de mim, desliza sobre a multidão como um cadáver sobre o Ganges". Ela olha com um ar de censura, para os punhos erguidos, ao longe, sob as bandeiras tricolores, acima dos bonés. Diz:

— Idiotas!

René fez como se não tivesse ouvido; mas a irmã prosseguiu com uma lentidão convicta:

— Idiotas. Mandam-nos para a matança e estão contentes. - Era escandalosa.

No autocarro, no cinema, no metro, era escandalosa, dizia sempre o que não devia, a sua voz decidida lançava palavras escandalosas. Deu uma olhadela para trás: um tipo com cara de fuinha, olhar demasiado fixo, nariz achatado, escutava. Irene pôs-lhe a mão sobre os ombros, acabava de se lembrar que era a irmã mais velha, ele pensou que ela iria dar-lhe conselhos aborrecidos, mas, como quer que fosse, dera-se ao trabalho de o acompanhar à estação. E agora estava ali sozinho, no meio daqueles homens sem mulheres, como nos dias em que a conduzia ao boxe em Puteaux, não devia humilhá-la. Ela lia, deitada no sofá, fumando muito, e exprimia os seus pensamentos pessoais, pensamentos que "fazia" como fazia os seus chapéus. Disse-lhe:

— Escuta, René. Não vais fazer como aqueles idiotas.

— Não - disse René em voz baixa.

— Escuta bem - continuou ela -, não queiras ser mais real que o rei.

Quando estava convencida, a sua voz tinha um alcance maior. Disse:

— Que te adiantaria? Vais porque não podes evitá-lo, mas não te destaques quando lá estiveres. Nem no bem, nem no mal: é o mesmo. E abriga-te sempre que puderes.

— Sim, sim.

Ela segurava-o fortemente pelos ombros, olhava-o com um olhar penetrante, mas sem afeição; seguia a sua ideia.

— Porque eu conheço-te, René. Tu gostas de te mostrar, farias tudo para que falassem de ti. Mas eu previ-no-te, se voltares condecorado, não falo mais contigo. E se voltares com uma perna mais curta do que a outra ou um buraco na cara não contes comigo para te lamentar, nem me venhas dizer que foi acidente; com um pouco de prudência evitam-se certas coisas.

— Sim, sim.

Ele pensava que ela tinha razão, mas que não se devia dizer isso. Nem mesmo pensar. Isso devia fazer-se sozinho, tranquilamente, sem palavras, pela força das circunstâncias, de maneira a não ter remorsos. Bonés, um mar de bonés, os bonés da segunda-feira pela manhã, dos dias de trabalho, os bonés das construções, dos comícios do sábado, Maurice estava à vontade, em plena multidão. A maré balançava os punhos erguidos, deslocava-os devagar, com paragens súbitas, hesitações, novas partidas na direção das bandeiras tricolores, *"camaradas, camaradas, os punhos de Maio, os punhos floridos correm para Garches, para os stands vermelhos dos prados de Garches, eu chamo-me Zézette e os falcões cantam, cantam o lindo mês de Maio, o mundo que nasce"*. Cheirava a veludo e vinho, Maurice estava em toda a parte, pululava, cheirava a veludo, cheirava a vinho, roçava a manga no tecido áspero de um casaco, um homenzinho de cabelo frisado enfiava-lhe a mochila nos rins, o ruído surdo de milhares de pés subia-lhe pelas pernas até ao ventre, um roncar no céu por cima da cabeça, ergueu os olhos, olhou para o avião, depois os seus olhos baixaram e ele viu uma porção de caras para o ar, reflexos da sua cara, sorriu-lhes. Dois lagos claros numa pele curtida, cabelos crespos, uma cicatriz, sorriu. Sorriu para o homem de binóculo que parecia tão atento, sorriu para o barbudo magro e pálido que mordida os lábios e não sorria. Tudo gritava aos seus ouvidos, é o cúmulo, Jojo, é preciso uma guerra para que nos encontremos! Era domingo. Quando as fábricas estão fechadas, quando os homens estão juntos e esperam, de mãos vazias, nas estações, sacola às costas sob um destino de ferro, é domingo e não tem muita importância que se vá para a guerra ou se passeie em Fontainebleau. Daniel, em pé, diante de um genoflexório, respirava um odor calmo de adega e incenso, olhava os crânios nus sob a luz roxa, único em pé no meio dos homens de joelhos. Maurice, cercado de homens de pé, homens sem mulheres, no odor febril de vinho, carvão, fumo, olhando para os bonés à luz da manhã, pensava: é domingo. Pierre dormia, Mathieu apertou o tubo e um cilindro

de pasta rosada esguichou a chiar, partiu-se, caiu nos pelos da escova. Um rapazola deu um empurrão a Maurice, rindo: "Eh, Simon! Simon!" E Simon voltou-se tinha as faces vermelhas, ria, e disse: "É caso para dizer domingo sombrio⁹". Maurice achou graças, pôs-se a repetir: "Domingo sombrio", e um jovem devolveu-lhe o sorriso, uma mulher nada feia e bem-vestida acompanhava-o, pendurada no braço dele, olhava-o com ar de súplica, mas ele não olhava para ela, se o tivesse feito ter-se-iam fechado um no outro, teriam ficado um só. Um casal solitário. Ela ria, olhava para Maurice, a mulher não contava, Zézette não contava, *"ofegante, ela tem um cheiro forte, está mole debaixo de mim, amor, amor, entra em mim"*, e havia ainda um pouco de noite como um suor entre o seu corpo e a camisa, um pouco de fuligem, um pouco de angústia viscosa e mole, mas ele ria ao ar livre e as mulheres estavam a mais; a guerra era a guerra, a revolução, a vitória. Conservaremos os fuzis. Todos eles ali, o de cabelos frisados, o barbudo, o do binóculo, o jovem, todos voltarão com os seus fuzis cantando a Internacional e será domingo. Domingo para sempre. Ergueu o punho.

— Ergue o punho! Isso é inteligente.

Maurice virou-se para trás, de punho erguido:

— Que é que há?

Era o barbudo. Perguntou:

— Então quer morrer pelos Sudetas?

— Cala a boca - disse Maurice. O barbudo olhou-o com raiva, hesitante, dir-se-ia que procurava recordar alguma coisa.

Subitamente gritou:

— Abaixo a guerra!

— Vais fechar a boca? - repetiu Maurice.

Deu um passo para trás e a sua mochila bateu nas costas de alguém.

— Vai se calar?

— Abaixo a guerra! - gritou o barbudo. - Abaixo a guerra!

As suas mãos tinham começado a tremer e os seus olhos reviravam, não podia parar de gritar. Maurice olhava-o com estupor, sem cólera, pensou um instante em dar-lhe um soco na cara, só para fazê-lo calar, sacudimos as crianças quando estão com soluços, mas sentia ainda uma carne mole nas falanges e não estava muito orgulhoso com isso, batera num

menino, muita água há-de passar sob as pontes antes que eu recomece. Enfiou a mão no bolso:

— Continua então - disse ele simplesmente.

O barbudo continuou a gritar com voz cortês e cansada - uma voz de rico; e Maurice teve de repente a impressão desagradável de que a cena era falsa. Olhou à sua volta e a sua alegria desapareceu: era culpa dos outros, não faziam o que deviam fazer. Nos comícios, quando um tipo se põe a berrar cretinices, a multidão cai em cima dele e abafa-o, vêem-se uns braços no ar durante um momento e pronto. Em vez disso, os camaradas tinham recuado, haviam estabelecido um vácuo em volta do barbudo; a mulher contemplava-o com curiosidade, largara o braço do seu homem, os companheiros afastavam-se, não tinham um ar franco, fingiam não ouvir.

— Abaixo a guerra! - gritou o barbudo.

Um estranho mal-estar invadia Maurice: havia aquele sol, aquele tipo que gritava sozinho, e todos aqueles homens silenciosos que baixavam a cabeça... O mal-estar transformou-se em angústia, abriu passagem na multidão com os ombros e dirigiu-se para a entrada da estação, para os camaradas de verdade, que erguiam o punho sob as bandeiras. O Bulevar Montparnasse estava deserto. Domingo: Na esplanada do Coupole cinco ou seis pessoas bebiam; a vendedeira de gravatas esperava junto à porta; no primeiro andar do 99, por cima do Kosmos, um homem em mangas de camisa assomou à janela e apoiou-se no parapeito. Maubert e Thérèse deram um grito de alegria, havia ali um, na parede entre a Coupole e a farmácia, havia um grande cartaz amarelo tarjado a vermelho, "Franceses", ainda húmido. Maubert atirou-se para a frente, enterrando o pescoço nos ombros. Thérèse seguiu-o, divertia-se com uma louquinha: já haviam rasgado seis sob o olhar espantado dos bons burgueses, era formidável ter um patrão jovem e desportivo, vigoroso e que sabe o que quer.

— Porcaria! - disse Maubert.

Olhou em volta; uma menina parara perto, podia ter uns dez anos e contemplava-os, brincando com as tranças. Maubert repetiu, bem alto:

— Porcaria!

E Thérèse disse atrás dele em voz alta, igualmente:

— Como pode o Governo permitir que se afixem essas porcarias?

A vendedeira de gravatas não respondeu: era uma mulher gorda, um vago sorriso profissional pairava-lhe nos lábios.

Franceses,

As exigências alemãs são inadmissíveis. Tudo fizemos para conservar a paz, mas ninguém pode exigir que a França renegue os seus compromissos e consinta em tornar-se uma nação de segunda categoria. Se abandonarmos hoje os Checos, amanhã Hitler pedir-nos-á a Alsácia...

Maubert pegou no cartaz por uma ponta e puxou-o, arrancando uma fita comprida de papel amarelo. Thérèse pegou nele pelo outro lado e ficou com um pedaço grande na mão:

*que a França rene
e consinta em torn
uma nação de s
abando.*

Restava uma estrela amarela e irregular na parede. Maubert recuou um passo para admirar a sua obra: uma estrela amarela, nada mais que uma estrela amarela, com palavras inofensivas e incompletas. Thérèse sorriu e olhou para as mãos enluvadas, um pedacinho colara-se à luva direita: "rene"... esfregou o polegar no indicador e o fragmentozinho fez-se num bolinha, secou, ficou duro como uma cabeça de alfinete. Thérèse abriu os dedos, a bolinha caiu e ela sentiu uma impressão embriagadora de poder.

— Um bife pequeno, senhor Désiré, um bifinho de uns trezentos gramas, mas bonito, bem cortado: ontem foi o seu empregado quem me serviu, não fiquei satisfeita, era tudo nervos. Ah!, diga-me uma coisa: que é que aconteceu ali em frente? No 24, alguém morreu? - "Não sei", disse o carneiro. No 24 não tenho fregueses, comprem no Berthier. Olhe como o estou a servir bem, rosado, tenro, espuma como champanhe e não tem nervos, eu comeria isto até cru. "No 24", disse a senhora Lieutier, "eu sei, é o senhor Viguiet." - "Viguiet? Não conheço; um novo inquilino." - "Não, aquele velhinho que dava bombons a Thérèse." - "Ah!, aquele tão amável? Que pena! Imagine, o senhor Viguiet!" - "Já estava bastante velho para morrer." - "Oh!", disse a senhora Lieutier, "e como eu disse ao meu marido, morreu a tempo, o velhinho, teve faro, nós talvez lamentemos não nos acontecer o mesmo daqui a seis meses. Sabe que eles têm uma invenção?" - "Eles quem?" - "Os alemães. Um negócio que mata gente como moscas, com terríveis sofrimentos." - "Será possível, meu Deus! Que bandidos. Mas o que é?" - "E uma espécie de gás, ou de raio, explicaram-me." - "Ah!, é o raio da morte", disse o carneiro, meneando a cabeça. "Pois é uma coisa assim, não

acha que é melhor estar enterrado?" - "Tem razão, é o que digo sempre. Não ter mais casa, mais preocupações, eis como gostaria de morrer: adormecemos e não acordamos mais." - "Dizem que ele morreu assim." - "Quem?" - "O velhinho." "Há gente com sorte, nós temos de passar por tudo, apesar de sermos mulheres, não viu o que se passou em Espanha? Não, só uma costeleta. E não tem bofe para o meu gato? Quando penso: mais uma guerra! O meu marido fez a de 14, agora é a vez do meu filho, os homens são loucos. Será tão difícil entenderem-se?" - "Mas Hitler não quer, senhora Bonnetain." - "Como Hitler? Ele quer os Sudetas? Pois eu dar-lhe-ia os Sudetas. Nem sei se são homens ou montanhas, e o meu filho vai morrer por isso? Eu dar-lhe-ia os Sudetas. Quer os Sudetas? Pois tome os Sudetas! Queria ver o que ele fazia. Mas diga", continuou com seriedade, "é hoje o enterro? Não sabe a que horas? Sim, porque eu poderia ver da janela". Que quer de mim essa gente toda com a sua guerra? Segurava a caderneta militar, não se conformava em guardá-la no bolso: era tudo o que possuía no mundo. Abriu-a sem parar de andar, viu o seu retrato e sentiu-se mais confortado: aqueles pequeninos desenhos pretos que falavam dele eram menos inquietantes, enquanto os olhava não pareciam tão perigosos. Murmurou: "Coisa triste não saber ler." Um desertor, um rapazinho exausto que subia a Avenida de Clichy, arrastando a sua imagem de espelho em espelho, aquele rapazinho sem ódio era um insubmisso, um desertor, um tipo terrível, de cabeça ferida, que vive em Barcelona, no Bairro Chinês, escondido por uma mulher que o adora. Mas como se pode ser um desertor? Com que olhos nos devemos olhar?

Estava de pé na nave, o padre cantava para ele; pensou. "O repouso, a calma, a calma, o repouso." *Tel qu'en lui-même enfin l'éternité le change.* Tu criaste-me como sou e os teus desígnios são impenetráveis; sou o mais vergonhoso dos teus pensamentos, tu vês-me e eu sirvo-te, ergo-me contra ti, insulto-te e sirvo-te insultando-te. Sou a tua criatura, tu amas-me a mim, tu carregas comigo, tu que criaste os monstros. A campainha tocou, os fiéis inclinaram a cabeça, mas Daniel permaneceu direito, o olhar parado. Tu vês-me. Tu amas-me. Sentia-se calmo e sagrado.

O carro funerário parou diante da porta 24. "Ei-los, ei-los", disse a senhora Bonnetain. "É no terceiro", explicou a porteira. Reconheceu o funcionário e disse-lhe: "Bom-dia, senhor René, sempre bem?" - "Bom dia", respondeu o senhor René, "que ideia esta de se enterrar ao domingo!" -

"Ah!", sorriu a porteira, "é que éramos livres-pensadores." Jacques olhava Mathieu: deu um soco na mesa e falou: "E ainda que a ganhássemos, essa guerra sabes quem tiraria proveito? Estaline." - "E se não nos mexermos o benefício será de Hitler", disse Mathieu suavemente. "E depois? Hitler, Estaline, é tudo igual. Só que um entendimento com Hitler nos economiza dois milhões de homens e evita a revolução." Pronto, Mathieu levantou-se e foi dar uma olhadela pela janela. Não estava sequer irritado, pensava: para quê tudo isto? Ele desertara e o céu conservava o seu arzinho camarada aos domingos, as ruas cheiravam a comida fria, pastéis, frangos, famílias. Passou um casal, o homem transportava um doce embrulhado em papel vegetal amarrado com uma fitinha cor-de-rosa. Como todos os domingos. "Mentira, não tem importância, vê como tudo está calmo, sem agitação, simplesmente aquela agoniazinha dominical, a agoniazinha em família, basta voltar atrás, o céu existe, as mercadorias existem, a torta existe; os desertores não existem." Domingo, domingo, a primeira fila diante do mictório de Clichy, o primeiro calor do dia. Entrar no elevador que acaba de descer, respirar na gaiola sombria o perfume da loira do terceiro, premir o botãozinho branco, o pequeno choque, o suave deslizar, pôr a chave na fechadura, como todos os domingos, pendurar o chapéu no terceiro cabide, arranjar o nó da gravata diante do espelho do hall, empurrar a porta do salão gritando: "Sou eu." Que faria ela? Não viria para junto dele como todos os domingos, murmurando: "Meu querido!" Era tão evidente, de uma verosimilhança tão abafante! No entanto, perdera tudo aquilo para sempre! Se ao menos eu pudesse zangar-me! "Esbofeteou-me", pensou, "esbofeteou-me". Parou, sentia uma dor de lado, apoiou-se a uma árvore, não estava com raiva. "Ah!", pensou, "porque não sou uma criança?" Mathieu tornou a sentar-se perto de Jacques. Jacques falava, Mathieu olhava-o e tudo era tão aborrecido, a secretária na penumbra, a musicazinha do outro lado dos pinheiros, as bolinhas de manteiga no pratinho, as tigelas vazias na bandeja: uma eternidade sem importância. Teve vontade de falar, por sua vez. Para não dizer nada, para quebrar o silêncio eterno que a voz do irmão não conseguia romper. Disse-lhe:

— Não te preocupes. Guerra, paz, é indiferente.

— Indiferente? - disse Jacques espantado. - Vai dizer isso aos milhões de homens que se preparam para morrer.

— E depois? - disse Mathieu de bom humor. - Traziam a morte na vida desde o seu nascimento. E quando os tiverem massacrado todos até ao último, a humanidade continuará cheia como antes, sem uma lacuna, sem um ausente.

— Menos doze ou quinze milhões de homens - disse Jacques.

— Não é uma questão de número. Estará cheia de si mesma, ninguém lhe faz falta e ela não espera ninguém. Continuará a não ir para parte alguma e os mesmos homens farão as mesmas perguntas e falharão nas suas vidas.

Jacques olhava-o a sorrir para mostrar que não o levava a sério.

— E aonde é que queres chegar?

— Exatamente a nenhum lugar, a nada.

— Estão aí, estão aí - gritou a senhora Bonnetain muito animada -, vão colocar o caixão no carro. - A guerra não é nada, o comboio partia, eriçado de punhos erguidos, Maurice encontrara os companheiros: Dubech e Laurent esmagavam-no contra a janela, ele cantava: Il Internationale sera le genre humain. "Cantas muito mal", disse-lhe Dubech. "Não importa", respondeu Maurice. Estava com calor, doíam-lhe as têmporas, era o mais belo dia da sua vida. Estava com frio, com dores de barriga, tocou pela terceira vez; ouviu um ruído de passos apressados no corredor, as portas bateram mas não apareceu ninguém: "Que estarão elas a fazer? São capazes de me deixar cagar nas calças." Alguém correu pesadamente, passou diante do quarto...

— Ó, ó... - gritou Charles.

Os passos afastaram-se, o ruído cessou, mas começaram a dar marteladas violentas no andar de cima. Que vão todos à merda, se fosse a menina Dorliac, que lhes passa cinco notas por mês, só em gorjetas, elas brigavam para entrar no quarto. Teve um tremor de frio, as janelas deviam estar todas abertas, um ventinho gelado entrava por baixo da porta, estão a arejar, ainda não partimos e já estão a arejar: os ruídos, o vento frio, os gritos entravam como num moinho, estou positivamente numa praça pública. Desde a sua primeira radiografia que não tivera tamanha angústia.

— Ó, ó... - gritou.

Onze horas menos dez, Jacqueline não viera, tinham-no deixado sozinho durante toda a manhã. Vão acabar com isto, lá em cima? As marteladas ressoavam-lhe no fundo dos olhos, dir-se-ia que estão a pregar

o meu caixão. Sentia os olhos secos e doloridos, acordara sobressaltado, às três horas da manhã, depois de um pesadelo. Felizmente, fora apenas um sonho: ficara em Berck; a praia, os hospitais, as clínicas, tudo estava vazio; nem doentes, nem enfermeiras, janelas negras, salas desertas, areia cinzenta e nua a perder de vista. Mas aquele vazio não era simplesmente vazio; só se vê isso em sonho. O sonho continuava; tinha os olhos bem abertos e o sonho prosseguia; estava no seu aparelho bem no meio do quarto e no entanto o quarto já estava vazio; não tinha alto nem baixo, nem direita nem esquerda. Sobravam quatro tabiques, somente quatro tabiques quase chocavam em ângulo reto, apenas um pouco de ar marítimo entre quatro paredes. Elas arrastavam pelo corredor um objeto pesado e áspero, sem dúvida uma mala grande de rico:

— Ó, ó... - gritou.

A porta abriu-se, a senhora Louise entrou.

— Arre! - disse ele.

— Um minuto. Temos cem doentes para vestir; cada um por sua vez.

— Onde está Jacqueline?

— Se pensa que ela tem tempo para se ocupar de si! Está a vestir as Pottier.

— Dê-me a bacia depressa - disse Charles. - Depressa!

— Que história é essa? Não é a sua hora.

— Estou angustiado. Deve ser por isso.

— Sim, mas eu preciso de vos preparar. Toda a gente deve estar pronta às onze horas. Enfim, despache-se.

Ela desatou o cordão do pijama e puxou as calças, depois soergueu-o pelos rins e pôs a bacia por baixo. O esmalte era frio e duro. "Estou com diarreia", pensou chateado.

— Como é que eu vou fazer se tiver diarreia no comboio?

— Não se incomode. Está tudo previsto. Ela olhava-o, brincando com o molho de chaves. Disse-lhe:

— Vão ter bom tempo para partir.

Os lábios de Charles puseram-se a tremer.

— Não queria partir...

— Ora, ora. Vamos, acabou?

Charles fez um último esforço.

— Acabei.

Ela tirou do bolso do avental uma toalha de papel e uma tesoura. Cortou o papel em oito pedaços.

— Levante-se - disse.

Ele ouviu-a amarrotar o papel e sentiu que o esfregavam.

— Arre! - disse.

— Pronto. Ponha-se de barriga para baixo enquanto guardo a bacia. Vou acabar de o limpar.

Pôs-se como tal, ouviu-a andar no quarto e depois sentiu a carícia dos dedos hábeis. Era o seu momento preferido. Uma coisa.

Uma pobre pequenina coisa abandonada. O seu sexo endureceu e ele acarinhou-o no lençol fresco. Louise virou-o como um pacote. Olhou-lhe o ventre e riu:

— Malandro! Ah!, vamos ter saudades suas, senhor Charles, era um grande animador.

Puxou as cobertas e tirou-lhe o pijama:

— Um pouco de água-de-colónia no rosto - disse, esfregando-o.

— Hoje a toilette tem de ser sumária. Levante o braço. Bem. A camisa. Agora a ceroula, não se agite assim, não posso enfiar-lhe as meias.

Recuou para julgar a sua obra e disse com satisfação:

— Está limpo como uma moeda.

— Será longa a viagem? - indagou Charles com a voz alterada.

— Provavelmente - respondeu ela, vestindo-lhe o casaco.

— E para onde vamos?

— Não sei. Creio que vamos parar primeiramente em Dijon.

Olhou à sua volta:

— É preciso não esquecer nada. Ah!, naturalmente, a sua xícara azul. Gosta tanto dela.

Tirou-a do aparador e debruçou-se sobre a mala. Era uma xícara de faiança azul com borboletas vermelhas. Realmente muito bonita.

— Vou colocá-la entre as camisas para que não se parta.

— Dê-me - disse Charles.

Ela olhou-o com surpresa e estendeu-lhe a xícara. Ele pegou nela, ergueu-se sobre o cotovelo e lançou-a com toda a força contra a parede.

— Vândalo! - gritou Louise indignada. - Se não queria levá-la consigo devia ter-me dado!

— Não queria dá-la nem levá-la - disse Charles. Ela encolheu os ombros, foi até à porta e abriu-a de par em par.

— Partimos?

— Partimos. Quer perder o comboio?

— Tão depressa! Tão depressa!

Ela voltara a colocar-se atrás dele; empurrou o aparelho, ele estendeu a mão para tocar na mesa de passagem, viu durante um momento a janela e um pedaço de parede no espelho, fixado em cima da sua cabeça, depois não viu mais nada. Estava no corredor, atrás de uma série de aparelhos em fila ao longo da parede; era como se lhe torcessem o coração.

O cortejo pôs-se em marcha: "Estão a sair", disse a senhora Bonnetain. "Não tem muita gente para o acompanhar até à sua última morada." Avançam pouco a pouco, uma paragem após cada volta; na cova sombria elas empurravam os aparelhos aos pares, mas havia um só elevador e levava tempo.

— Como é demorado - disse Charles.

— Não partirão sem você, sossegue - disse Louise.

O carro funerário passava sob a janela; a mulherzinha de luto devia ser da família, a porteira fechara à chave o seu aposento, seguia ao lado de uma mulher forte, de cinzento, com um chapéu de feltro azul, a enfermeira. O senhor Bonnetain apoiou-se ao parapeito junto da mulher: "Viguiet era um irmão de categoria", disse. "Como é que sabes?" - "Ah!", disse ele com ar de importância. E acrescentou: "Desenhava triângulos na minha mão com o polegar, cada vez que me cumprimentava." A senhora Bonnetain experimentou uma sensação de raiva, ouvindo o marido falar com tanta displicência de um morto. Acompanhava o enterro com o olhar e pensou: "Pobre homem." Estava ali estirado de costas, levam-no para a cova. Pobre homem, é triste não ter família. Fez o sinal-da-cruz. Empurraram-no para a cova escura, sentira o elevador descer.

— Quem parte connosco? - indagou.

— Ninguém daqui - disse Louise. - Designaram três enfermeiras do chalé normando e mais a Georgette Fouquet, uma morena alta que o senhor certamente conhece, está na clínica do doutor Robertal.

— Sim, sim - disse Charles, enquanto ela o empurrava devagar para a cova. - Uma morena de pernas bonitas. Não parece muito camarada.

Ele tinha-a observado muitas vezes na praia, vigiando um grupo de meninos raquíticos e distribuindo sopapos com equidade; andava de pernas nuas e usava alpercatas. Belas pernas nervosas e aveludadas, ele dissera para si que gostava de ser tratado por ela. Descê-lo-ão com cordas para a cova e ninguém se inclinará para vê-lo, salvo essa mulherzinha que nem sequer tem um ar muito decente, é triste morrer assim; Louise empurrou o aparelho para dentro do elevador, já havia outro ali, no escuro.

— Quem está aí? - perguntou Charles, piscando os olhos.

— Petrus - disse uma voz.

— Ah!, bandido! Então, de mudança?

Petrus não respondeu, houve uma sacudidela, Charles teve a sensação de planar a alguns centímetros acima do aparelho, desciam pela cova, o soalho do terceiro andar já se encontrava acima da sua cabeça, deixava a sua vida por baixo, pelo escoadouro da pia.

— Mas onde está ela? - perguntou num curto soluço -, onde está Jacqueline?

Louise não pareceu ouvir e Charles reprimiu o choro por causa de Petrus. Philippe caminhava, não podia parar, se parasse desmaiaria; Gros-Louis caminhava, tinha magoado o pé direito; um homem passou na rua deserta, era pequeno, gorducho, com bigode e chapéu de abas estreitas, Gros-Louis estendeu-lhe a mão:

— Escuta, sabes ler?

O homem deu um pulinho para o lado e apertou o passo.

— Não fujas - disse Gros-Louis -, não te vou comer.

O homem apertou ainda mais o passo. Gros-Louis pôs-se a correr atrás dele, estendendo-lhe a caderneta militar: o homem resolveu correr, dando um pequeno grito como um bicho.

Gros-Louis parou, ficou a coçar o crânio abaixo da ligadura suja, vendo-o afastar-se; o homem tornou-se pequenino e redondo como uma bola, rolou até a uma esquina, pulou, virou, desapareceu.

— Ó, lá, lá! - disse Gros-Louis. - Ó, lá, lá!

— Não chore - disse Louise, enxugando-lhe os olhos com o lenço. Nem tinha percebido que chorava. Sentiu-se enternecido; era agradável chorar sobre si mesmo.

— Era tão feliz aqui!

— Ninguém o diria - observou Louise. - Estava sempre a reclamar.

Abriu a porta do elevador e empurrou-o para o vestíbulo. Charles soergueu-se sobre os cotovelos, reconheceu Totor e a menina Gavalda. Esta estava pálida como um lençol. Totor afundara-se nas cobertas e fechava os olhos. Homens de boné pegavam nos carrinhos, à saída do elevador, e desapareciam no parque. Um deles chegou-se para o lado de Charles.

— Adeus, boa viagem - disse Louise. - Mande-nos um postal quando chegar. E não se esqueça: a mala com as coisas de toilette está junto aos pés, sob a coberta.

O tipo já se inclinava sobre Charles.

— Eh! - gritou Charles. - Muito cuidado. É difícil não dar solavancos quando não se está habituado.

— Bom, bom - disse o tipo -, não é nada difícil. Carretas na estação de Dunquerque, vagonetes em Lens, carroças em Anzin, não fiz outra coisa na vida!

Charles calou-se, tinha medo: o tipo que empurrava o carrinho de Gavalda fê-lo dar uma curva sobre duas rodas e roçou o aparelho na parede.

— Espere - disse Jacqueline -, espere! Sou eu que vou conduzi-lo à estação.

Descia a escada a correr, ofegante.

— Senhor Charles!

Olhava-o num êxtase triste, o seu peito arfava fortemente, fingiu que arranjava as cobertas para poder tocá-lo; ele tinha ainda alguma coisa na terra; onde quer que estivesse ainda teria isso: um coração bom que continuaria a bater por ele em Berck, numa clínica deserta.

— Então - disse ele -, abandonou-me.

— Oh!, senhor Charles, não pude. A senhora Louise deve ter-lhe dito.

Deu a volta ao aparelho, triste, diligente, bem firme sobre as duas pernas e ele tremeu de ódio: era uma sempre-em-pé, tinha recordações verticais, ele não ficaria muito tempo ao abrigo daquele coração.

— Vamos - disse secamente. - Depressa: conduza-me.

— Entre - disse uma voz fraca.

Maud empurrou a porta e um odor a vômito apertou-lhe a garganta. Pierre estava estendido no beliche. Estava amarelo, os olhos devoravam-lhe o rosto, mas parecia calmo. Ela fez um movimento de recuo, mas dominou-

se e entrou na cabina. Sobre a cadeira, à cabeceira de Pierre, havia uma bacia cheia de água turva e espumante.

— Só vomito bílis - disse Pierre com uma voz sem timbre. - Há muito tempo que deitei fora tudo o que tinha no estômago. Tira a bacia e senta-te.

Maud tirou a bacia retendo a respiração e largou-a perto da pia. Sentou-se; deixara a porta aberta para arejar a cabina. Houve um silêncio: Pierre contemplava com uma curiosidade incômoda.

— Não sabia que estavas doente - disse ela -; teria vindo antes.

Pierre ergueu-se sobre o cotovelo:

— Estou um pouco melhor, mas ainda muito fraco. Não paro de vomitar desde ontem. Talvez devesse comer alguma coisa ao meio-dia, que é que achas? Ia pedir uma asa de frango.

— Não sei - disse Maud aborrecida. - Deves saber se tens fome!

Pierre fixava a coberta com um ar preocupado:

— Evidentemente, poderá pesar-me no estômago, mas pode também servir para acalmá-lo, e, se as náuseas voltarem, terei alguma coisa para vomitar.

Maud olhava-o com espanto. Pensava: "E preciso mesmo muito tempo para conhecer um homem."

— Pois bem, direi ao steward que traga uma sopa de legumes e um pedaço de peito de frango.

Riu constrangida e acrescentou:

— Se pensas em comer é porque não estás muito doente.

Houve um silêncio: Pierre levantara os olhos e observava-a com uma mistura desconcertante de atenção e indiferença.

— Diz-me: estão na segunda classe agora?

— Quem te disse? - perguntou Maud descontente.

— Ruby. Encontrei-a ontem nos corredores.

— Pois é verdade. Estamos na segunda classe.

— Como arranjaram isso?

— Oferecemos um concerto.

— Ah! - disse Pierre.

Não cessava de olhá-la. Estendeu as mãos sobre o lençol e disse docemente:

— E tu, dormiste com o capitão?

— Que história é essa?

— Vi-te sair da cabina, não podia haver engano.

Maud sentiu-se pouco à vontade. Até certo ponto não lhe devia mais explicações, mas, por outro lado, teria sido mais correto preveni-lo. Baixou os olhos e tossiu; sabia-se culpada e isso reavivava a sua ternura por Pierre.

— Escuta - disse -, se eu tivesse recusado, France não teria compreendido.

— Mas o que é que France tem a ver com isso?

Ela ergueu bruscamente a cabeça; ele sorria, conservava o seu ar de curiosidade cínica. Sentiu-se ultrajada; teria preferido que ele gritasse.

— Pois é assim - disse secamente -; quando estou num navio, durmo com o capitão para que a Orquestra Baby's possa fazer a travessia na segunda classe. Eis tudo.

Esperou um momento que Pierre protestasse, mas ele não disse palavra. Ela debruçou-se sobre ele e acrescentou com energia:

— Não sou uma prostituta.

— Quem disse que eras? Fazes o que queres ou podes. Não vejo mal nisso.

Ela teve a sensação de uma chicotada no rosto. Levantou-se:

— Ah!, não vês mal nisso? Não vês mal nisso?

— Não, não vejo!

— Pois é um erro, um grande erro.

— Há mal, então? - indagou Pierre, divertindo-se.

— Ah!, não tentes atrapalhar-me. Não há mal: porque haveria? Quem me pede para não o fazer? Por certo não serão os tipos que andam atrás de mim nem as companheiras, que se aproveitam disso, nem a minha mãe, que já não ganha nada e a quem mando dinheiro. Mas tu deverias ver mal nisso, porque é o meu amante.

Pierre juntou as mãos sobre a coberta; tinha um ar falso e fugidio de doente:

— Não grites - disse com doçura. - Estou com dores de cabeça.

Ela dominou-se e olhou-o friamente:

— Não tenhas medo, não gritarei mais. Só te quero dizer que está tudo acabado entre nós. Hás-de compreender, já me repugna suficientemente deixar-me cortejar por aquele velho, e se me tivesses insultado ou tivesses tido pena, eu teria acreditado que gostavas um pouco de mim, isso ter-me-ia dado coragem. Mas se posso dormir com quem

quiser, sem que isso incomode alguém, nem mesmo você, então sou uma cadela, uma puta. Pois bem, meu caro, as putas correm atrás dos bonitões e não devem perder tempo com malandros da tua espécie.

Pierre não respondeu: cerrara os olhos. Ela derrubou a cadeira com um pontapé e saiu batendo a porta. Deslizava, apoiado ao cotovelo, entre vivendas, clínicas, pensões familiares; tudo vazio, as cento e vinte janelas do Hotel Brun estavam abertas, no vestibulo da vivenda Mon Désir, no jardim da vivenda Oásis, doentes aguardavam, de cabeça erguida, deitados nos seus esquifes. Olhavam em silêncio o desfile dos aparelhos: toda uma multidão de aparelhos que rodava para a estação. Ninguém falava, só se ouviam os gemidos dos eixos e o choque surdo das rodas, passando da calçada para a estrada. Jacqueline caminhava depressa; passaram por uma velha gorda, rubicunda, que um velhinho empurrava chorando, passaram por Zozo, era a sua mãe que o conduzia à estação.

— Eh! Ó! - gritou Charles.

Zozo tremeu, soergueu-se e olhou para Charles com os seus olhos claros e vazios.

— Não temos sorte - disse suspirando.

Charles deixou-se cair de costas novamente; sentia, à direita e à esquerda, aquelas presenças horizontais, dez mil pequenos enterros. Reabriu os olhos e viu um pedaço de céu e depois centenas de pessoas às janelas da Grande-Rue, que agitavam lenços. Safados! Não é 14 de Julho. Um voo de gaivotas turbilhou, berrando acima da sua cabeça, Jacqueline assoou-se atrás dele. Chorava sob o véu de crepe. A enfermeira fixava a única coroa que balançava atrás do carro funerário, ouvia-a chorar, não devia deplorá-lo muito, há mais de dez anos que não o via, mas guardamos sempre dentro de nós uma tristeza envergonhada e insatisfeita que espera modestamente um enterro, uma primeira comunhão, um casamento, para conseguir enfim as lágrimas que jamais ousara reclamar; a enfermeira pensou na sua mãe paralítica, na guerra, no sobrinho que ia partir, na dura condição de enfermeira e pôs-se a chorar também, estava contente, a velhinha chorava, atrás delas a porteira começava a fungar, pobre velho, tão pouca gente para acompanhá-lo, que se tenha um ar triste ao menos; Jacqueline chorava empurrando o carrinho, Philippe andava, vou desmaiar, Gros-Louis andava, a guerra, a doença, a morte, a partida, a miséria; era

domingo, Maurice cantava à janela da carruagem, Marcelle entrou na pastelaria para comprar um saint-honoré.

— Você não está muito conversador - disse Jacqueline.

— Pensei que se entristecesse um pouco ao deixar-me.

Seguiam pela rua da estação.

— Acha que não estou suficientemente chateado? Fazem de mim um embrulho, carregam-me para não sei onde, sem pedir a minha opinião e ainda por cima quer que me entristeça.

— Você não tem coração.

— Basta - disse ele duramente. - Queria que estivesse no meu lugar. Só queria ver.

Ela não respondeu e ele viu um teto escuro acima da cabeça.

— Chegámos - disse Jacqueline.

— Para quem apelar? A quem deveria suplicar que não me levem, farei o que quiserem, mas que me deixem aqui, ela tratará de mim, levar-me-á a passear e, à noite, far-me-á a minha pequena carícia...

— Ah!, sinto que vou rebentar durante a viagem.

— Mas está louco - disse Jacqueline apavorada. - Está completamente louco, como pode dizer essas coisas? Deu a volta ao aparelho e inclinou-se sobre ele; ele sentia-lhe a respiração quente.

— Vamos! - disse ele a rir. - Nada de manifestações. Não é você que terá aborrecimentos se eu morrer. É a bela morena, sabe, a enfermeira do doutor Robertal.

Jacqueline disse bruscamente:

— Ela é uma fera; não imagina todas as partidas que fez a Lucienne. Verá como ela é! E não adianta fazer-lhe olhinhos, ela é menos parva do que eu.

Charles endireitou-se e olhou em volta com receio. Havia mais de duzentos aparelhos alinhados na saída. Os carregadores empurravam-nos para a plataforma.

— Não quero partir - murmurou entre dentes. Jacqueline fixou-o subitamente, com um ar esgazeado:

— Adeus - disse. - Adeus, minha boneca querida.

Ele quis responder, mas o carrinho pusera-se em movimento. Um tremor percorreu-o dos pés à nuca; torceu a cabeça e viu uma cara vermelha inclinada sobre o rosto.

— Escreva-me - gritou Jaqueline -, escreva-me. Já está na plataforma, no meio de um barulho de assobios e gritos de adeus.

— Não é esse comboio? - perguntou angustiado.

— Não? Que mais quer? O Oriente-Expresso? - disse o empregado com ironia.

— Mas são vagões de carga!

O empregado cuspiu.

— Vocês não caberiam num comboio de passageiros - explicou. - Seria preciso tirar os bancos, imagine só.

Os carregadores pegavam nos aparelhos pelas extremidades, tiravam-nos dos carrinhos e transportavam-nos até aos vagões. Nos vagões havia empregados de boné, curvavam-se, seguravam nos aparelhos como podiam e levavam-nos para a escuridão. O belo Samuel, o Dom Juan de Berck, que possuía dezoito fatos, passou perto de Charles nos braços dos carregadores e desapareceu no furgão, com as pernas no ar.

— Mas há comboios sanitários - disse Charles indignado.

— Como se fossem mandar comboios sanitários, em vésperas da guerra, para transportar paráliticos.

Charles quis responder, mas o seu aparelho balouçou bruscamente e ele viu-se içado de cabeça para baixo.

— Carreguem-me direito - gritou.

Os carregadores puseram-se a rir, o buraco aproximou-se, cresceu, largaram a corda e o caixão caiu com um ruído mole na terra húmida. Inclínadas sobre a cova, a enfermeira e a porteira soluçavam.

— Estás a ver - disse Boris -, todos eles se vão embora.

Estavam sentados no hall do hotel, perto de um senhor condecorado que lia o jornal. O porteiro desceu duas malas de pele de porco e pousou-as na entrada, ao lado de outras.

— Cinco partidas de manhã - disse com voz neutra.

— Olha para as malas - disse Boris -, são de pele de porco. Essa gente não as merece - acrescentou com severidade.

— Porquê?

— Deveriam estar cobertas de etiquetas.

— Mas então já não se veria a pele de porco - disse Lola.

— Justamente. O verdadeiro luxo deve esconder-se. Eu, se possuísse uma assim, não estaria aqui.

— E onde estarias?

— Algures! No México, na China. Contigo - acrescentou.

Uma mulher alta, de chapéu preto, atravessou o hall, muito agitada.

Gritava:

— Mariette! Mariette!

— É a senhora Delarive - disse Lola. - Parte hoje à tarde.

— Vamos ficar sós no hotel; será divertido: mudaremos de quarto todas as noites.

— Ontem, no Casino - disse Lola -, havia só dez pessoas para me ouvirem. Também não me esforço mais. Pedi que os juntassem todos nas mesas do centro e sussurrei-lhes as minhas canções aos ouvidos.

Boris levantou-se para ir ver as malas, apalpou-as discretamente e voltou.

— Porque se vão eles embora? - disse ele sentando-se. - Não estariam pior aqui, pode muito bem acontecer que as suas casas sejam bombardeadas ao chegarem.

— Sim, mas são as suas casas. Não compreendes?

— Não.

— Pois é assim. A partir de certa idade esperam-se os aborrecimentos em casa.

Boris riu e Lola endireitou-se inquieta; conservava aquele receio de outrora: quando ele ria, pensava que estivesse a troçar dela.

— Porque ris?

— Porque te acho extraordinária. Estás aí a explicar-me o que sentem as pessoas de certa idade. Mas não percebes nada disso, minha querida, nunca tiveste um lar!

— Não - disse Lola tristemente. Boris pegou-lhe na mão e beijou-lhe a palma. Lola corou.

— Como é gentil comigo. Já não é o mesmo.

— E queixas-te!

Lola apertou-lhe a mão com força.

— Não me queixo, mas gostaria de saber porque é tão gentil.

— Porque estou a envelhecer - disse ele.

Ela abandonara-lhe a mão; sorria, encostada à poltrona. Ele sentia-se contente por vê-la feliz; queria deixar-lhe uma boa lembrança. Acariciou-lhe a mão, pensando: "Um ano, só tenho mais um ano para viver com ela";

sentia-se cheio de ternura, a aventura já tinha um sabor a passado. Outrora tratava-a com dureza, mas era porque tinham um contrato ilimitado; isso aborrecia-o, gostava dos compromissos de duração definida. Um ano: dar-lhe-ia toda a felicidade que ela merecia, repararia; depois deixá-la-ia, mas não indecentemente, não por outra mulher ou porque se houvesse cansado dela, a coisa arranjar-se-ia naturalmente, pela própria força das circunstâncias, porque atingiria a maioridade e mandá-lo-iam para a frente.

Olhou-a pelo canto do olho: tinha um ar jovem, o seu peito inchava de prazer, pensou com melancolia: "Terei sido o homem de uma só mulher." Mobilizado em 40, morto em 41, não, em 42, pois tinha de contar o tempo de preparação, isso queria dizer: uma mulher em 22 anos. Três meses antes sonhava ainda dormir com mulheres da alta sociedade; porque era um fedelho, pensou com indulgência. Morreria sem ter conhecido duquesas, mas não lamentava nada. Poderia, nos meses vindouros, coleccionar aventuras, mas não era o caso. "Dispensar-me-ia. Quando só se têm dois anos para viver, convém concentrarmo-nos seriamente." Jules Renard dissera ao filho: "Estuda uma só mulher, mas estuda-a bem, e conhecerás a mulher." Era necessário estudar Lola com cuidado, no restaurante, na rua, na cama. Passou o dedo pelo punho de Lola, e pensou: "Ainda não a conheço muito bem." Havia recantos do seu corpo que ele ignorava e nem sempre sabia o que ela escondia na mente. Mas tinha um ano à sua frente. Ia começar desde já. Virou a cabeça para ela e considerou-a atentamente.

— Porque me estás a olhar assim?

— Estou a estudar-te.

— Não gosto que me olhes de mais, tenho sempre receio de que me aches velha.

Boris sorriu-lhe. Desconfiava, não se habituava à sua felicidade.

— Não te preocupes - disse ele. Uma viúva cumprimentou-os secamente e deixou-se cair na poltrona, ao lado do senhor condecorado.

— Pois é, cara senhora - disse o senhor -, vamos ter um discurso de Hitler.

— Quando?

— Amanhã à noite, no Sportpalast.

— Brr... Então vou deitar-me cedo e enfiar a cabeça debaixo da cobertura para não o ouvir. Imagino que nada tenha de agradável a dizer-nos.

— Receio que não.

Houve um silêncio e ele continuou:

— O nosso grande erro, cometemo-lo em 36, quando da remilitarização da região do Reno. Era preciso enviar para lá dez divisões. Se tivéssemos arreganhado os dentes, os oficiais alemães tinham a ordem de retirada no bolso. Mas Sarraut aguardava a decisão da Frente Popular e esta preferia dar armas aos comunistas espanhóis.

— A Inglaterra não nos teria acompanhado - observou a viúva.

— Não nos teria acompanhado? Não nos teria acompanhado? - repetiu ele, impaciente. - Pois vou perguntar-lhe uma coisa, minha senhora: sabe o que teria feito Hitler, se Sarraut tivesse mobilizado?

— Não sei.

— Ter-se-ia sui-ci-da-do. Sei-o de boa fonte; há vinte anos que conheço um oficial do serviço de informações.

A viúva meneou a cabeça tristemente:

— Quantas oportunidades perdidas!

— E de quem é a culpa?

— Ah! - fez ela.

— Pois é - disse o senhor -, pois é. Aí está no que dá votar na esquerda. O francês é incorrigível: a guerra bate-lhe à porta e ele reclama férias pagas.

A viúva ergueu os olhos: parecia realmente angustiada.

— Então acredita mesmo na guerra?

— A guerra - disse o senhor com espanto. - Oh!, vamos mais devagar: Daladier não é uma criança; fará certamente as concessões necessárias. Mas vamos ter os piores aborrecimentos.

— Safados! - murmurou Lola.

Boris sorriu-lhe com simpatia. Para ela a questão da Checoslováquia era muito simples: um pequeno país era atacado, a França devia defendê-lo. Era um pouco ingênua em política, mas era generosa.

— Vem almoçar - disse ela -, essa gente enerva-me.

Levantou-se. Ele contemplou as ancas belas e fortes, pensou: "A mulher." Era a mulher, toda a mulher que ia possuir à noite. Sentiu que um desejo violento lhe aquecia as orelhas.

Atrás dela, a estação - e Gomez no comboio, os pés sobre o banco. Ele encurtara as despedidas: "Não gosto de beijos na gare." Ela descia a

escadaria monumental, o comboio ainda estava na estação, Gomez lia fumando, os pés sobre o banco, tinha sapatos novos de pele de vaca. Ela viu os sapatos sobre o veludo cinzento do banco: fora de primeira classe; a guerra dá dinheiro. "Odeio-o", pensou. Sentia-se seca, oca. Viu, ainda por um instante, o mar brilhante e depois mais nada: hotéis sombrios, tetos, elétricos.

— Pablo, não desças tão depressa! Vais cair.

O pequeno parou num degrau, com um pé no ar. Vai visitar Mathieu. Poderia ter ficado mais um dia comigo, mas preferiu Mathieu. As suas mãos queimavam. Enquanto ele ali estivera, fora um suplício, agora que partiu não sei o que fazer.

Pablo olhou-a muito sério:

— O papá partiu?

Um relógio diante deles marcava uma hora e trinta e cinco. O comboio partira há sete minutos.

— Sim - disse Sarah -, partiu.

— Vai fazer a guerra? - perguntou Pablo com os olhos brilhantes.

— Não, vai visitar um amigo.

— Mas depois, vai fazer a guerra?

— Depois - disse Sarah - vai mandar os outros para a guerra.

Pablo detivera-se no último degrau; dobrou os joelhos e pulou a pés juntos para a calçada, depois virou-se e olhou a mãe, sorrindo com orgulho. "Cabotino", pensou ela. Voltou-se sem sorrir e percorreu com o olhar a escadaria monumental. Os comboios andavam, paravam, partiam outra vez, acima da sua cabeça. O comboio de Gomez rolava na direção leste, entre escarpas calcárias, talvez entre casas. A estação estava deserta, acima da sua cabeça, uma grande bola cinzenta, cheia de sol e fumo, um cheiro a vinho e fuligem, os carris reluziam. Ela baixou a cabeça, não lhe era agradável pensar naquela estação abandonada no calor branco da tarde. Em Abril de 33, ele partira naquele mesmo comboio, vestido de tweed cinzento, Mistress Simpson esperava-o em Cannes, tinham passado quinze dias juntos em San Remo.

"Ainda preferia isso", pensou. Um punhozinho tateante roçou-lhe a mão. Abriu-a e fechou-a sobre o punho de Pablo. Baixou os olhos e contemplou-o. Vestia uma blusa com colarinho à marinheiro e um chapéu de pano.

— Porque me estás a olhar assim? - indagou Pablo.

Sarah desviou a cabeça e olhou para a rua. Apavorava-se por se sentir tão dura. "É uma criança", pensou. Uma criança. Olhou-o de novo, tentando sorrir, mas não conseguiu, os seus maxilares cerraram-se, a sua boca fez-se de madeira. Os lábios do menino começaram a tremer e ela percebeu que ele ia chorar. Puxou-o bruscamente e pôs-se a andar a passos largos. O pequeno, surpreendido, esqueceu as lágrimas, trotava a seu lado.

— Onde vamos, mamã?

— Não sei.

Tomou pela primeira rua à direita. Era uma rua deserta; todas as lojas estavam fechadas. Apertou ainda mais o passo e virou noutra rua, à esquerda, com casas escuras e sujas. E sempre ninguém.

— Obrigas-me a correr - disse Pablo.

Sarah apertou-lhe a mão sem responder e arrastou-o. Seguiram por uma grande rua direita, uma rua de elétricos. Não se viam automóveis nem elétricos, somente cortinas de ferro baixadas e os carris que levavam até ao porto. Pensou que era domingo e doeu-lhe o coração. Puxou violentamente Pablo pelo punho.

— Mamã! - gemeu o pequeno. - Mamã!

Pusera-se a correr para acompanhá-la. Não chorava, mas estava branco e com olheiras; erguia para ela uma fisionomia espantada e desconfiada. Sarah parou: as lágrimas molharam-lhe as faces.

— Pobre menino - disse -, pobre pequeno inocente!

Agachou-se diante dele; que importava no que se tornaria mais tarde! Por enquanto, estava ali inofensivo e feio, como uma sombra minúscula a seus pés, tinha um ar de solitário no mundo e havia todo esse escândalo nos olhos dele; afinal de contas não pedira para nascer.

— Porque choras, mamã? Porque é que o papá partiu?

As lágrimas de Sarah secaram de imediato e ela teve vontade de rir. Mas Pablo olhava-a com ar preocupado.

— É isso mesmo, porque o papá partiu.

— Vamos voltar para casa logo?

— Estás cansado? É ainda longe. Vem. Vem. Iremos devagar.

Deram alguns passos e Pablo parou apontando:

— Olha! - disse num êxtase quase doloroso. Era um cartaz à porta de um cinema todo azul. Aproximaram-se. Vinha do hall sombrio e fresco um

cheiro a formol. No cartaz cowboys perseguiram um cavaleiro mascarado, dando tiros de revólver.

Mais tiros, mais revólveres! Ele olhava, ofegante; poria o seu capacete dentro em pouco, pegaria na seu fuzil e correria pelo quarto, como se fosse o bandido mascarado. Ela não teve a coragem de o arrastar, virou simplesmente a cabeça. A moça da caixa abanava-se na cabina de vidro. Era uma mulher gorda e morena, pálida, com olhos ardentes. No guiché, atrás dos vidros, havia flores dentro de uma jarra; fixara à parede, com punaises, um retrato de Robert Taylor. Um homem de idade indefinida saiu da sala e aproximou-se da caixa.

— Quanto?

— Cinquenta e três entradas - disse ela.

— É o que tinha contado. E ontem sessenta e sete. Um lindo filme como este, com correrias e tiros!

— As pessoas ficam em casa - disse a moça, encolhendo os ombros.

Um homem parara perto de Pablo, olhava para o cartaz, respirando, mas não parecia vê-lo. Era um tipo alto e lívido, de roupas rasgadas, com uma ligadura ensanguentada na cabeça e lama seca nas mãos e na cara. Devia vir de longe. Sarah pegou na mão de Pablo.

— Vamos - disse.

Esforçou-se por andar bem devagar por causa do pequeno, mas tinha vontade de correr, parecia-lhe que alguém a olhava por trás. Diante dela os carris reluziam, o asfalto amolecia ao sol, o ar tremia um pouco em volta do lampião, já não era o mesmo domingo. "As pessoas ficam em casa." Ainda há pouco adivinhava, além dos blocos de casas, avenidas alegres e superlotadas, que cheiravam a pó-de-arroz e a tabaco loiro; ela caminhava numa calma rua de arrabalde, toda uma multidão invisível e próxima a acompanhava. Agora corriam para o porto, brancos e desertos; o ar tremia entre muros cegos.

— Mamã - disse Pablo -, o homem está a seguir-nos.

— Não - disse Sarah -, faz como nós: passeia.

Virou à esquerda, e era a mesma rua interminável e fixa; não havia senão uma rua errando através de Marselha. E Sarah estava nessa rua, aqui fora, com uma criança; e todos os marselheses estavam dentro de casa. Cinquenta e três entradas. Ela pensava em Gomez no riso de Gomez: naturalmente, todos os franceses são covardes. E que mais? Ficam em casa,

é natural, têm medo da guerra e têm razão. Mas ela não se sentia à vontade. Percebeu que tinha apertado o passo e quis diminuir a marcha por causa de Pablo. Mas o pequeno puxou-a para a frente.

— Depressa - disse com voz abafada. - Mamã!

— O que é? - disse ela secamente.

— O homem continua atrás da nós.

Sarah virou a cabeça, e viu o vagabundo; seguia-os, era evidente. O seu coração deu pulos no peito.

— Vamos correr - disse Pablo.

Ela pensou na ligadura ensanguentada e deu meia volta bruscamente. O tipo parou, olhou-os com os seus olhos brumosos. Sarah tinha medo. O pequeno agarrara-se a ela com ambas as mãos e puxava-a para trás com toda a força: "As pessoas ficam em casa." Podia chamar, pedir socorro, ninguém apareceria.

— Precisa de alguma coisa? - indagou, fixando o vagabundo nos olhos.

Ele sorriu lamentavelmente e o medo de Sarah esvaiu-se.

— Sabe ler? - perguntou ele.

Entregava-lhe uma caderneta militar. Pablo agarrava-se às suas pernas, ela sentia o seu corpinho quente.

— E então?

— Queria saber o que está escrito aí - disse o tipo, mostrando uma folha com o dedo.

Tinha um ar de bondade apesar do olho roxo e semi-cerrado Sarah contemplou-o por um momento e depois fechou a caderneta.

— Que desgraça - disse o tipo, confuso. - Que desgraça não saber ler.

— Pois o senhor tem de ir para Montpellier - disse Sarah.

Ela devolveu-lhe a caderneta mas ele não pegou nela imediatamente. Perguntou-lhe:

— É verdade que vamos ter guerra?

— Não sei.

Ela pensou: ele vai partir. Depois pensou em Gomez. Indagou:

— Quem lhe fez o curativo?

— Fui eu mesmo.

Sarah remexeu a bolsa. Possuía alfinetes e dois lenços.

— Sente-se no passeio - disse com autoridade.

O tipo sentou-se com dificuldade.

— Tenho as pernas pesadas - disse como que em desculpa.

Sarah rasgou os lenços. Gomez lia L'Humanité em primeira classe, pés estendidos sobre o banco. Veria Mathieu e depois iria a Toulouse tomar o avião para Barcelona. Ela desfez a ligadura ensanguentada e tirou-a com alguns puxões. O tipo resmungou um pouco. Uma crosta negra e viscosa estendia-se por metade do crânio. Sarah deu um lenço a Pablo.

— Vai buscar água à fonte.

O pequeno correu, feliz por se afastar. O tipo ergueu os olhos para Sarah e disse:

— Não me apetece lutar.

Sarah pousou-lhe docemente a mão sobre o ombro. Desejara pedir-lhe perdão.

— Sou pastor - disse ele.

— Que está a fazer em Marselha?

Ele sacudiu a cabeça:

— Não me apetece lutar - repetiu. Pablo voltara, Sarah lavou como pôde o ferimento e refez rapidamente o curativo.

— Levante-se - disse.

Ele levantou-se. Contemplava-a com olhos vagos.

— Então tenho de ir para Montpellier? Ela enfiou a mão na bolsa e tirou duas notas de cem francos.

— Para a viagem - disse.

O tipo não pegou logo nelas; olhava-a com atenção, procurando entender.

— Pegue - disse Sarah, baixinho e depressa. - Pegue e não lute, se puder evitar.

Ele pegou nas notas. Sarah apertou-lhe a mão.

— Não lute. Faça o que quiser, volte para casa, esconda-se, mas não lute.

Ele olhava-a sem entender. Ela pegou na mão de Pablo, deu meia volta e continuaram a andar. Ao fim de um momento, voltou-se: ele contemplava o curativo que Sarah lançara para a sarjeta. Acabou por se baixar: recolheu-o às apalpadelas e pô-lo no bolso.

Gotas de suor rolavam-lhe pelas faces, desciam pela fronte e iam até as narinas. Acreditara, a princípio, que fossem bichos, dera uma pancada e

a mão esmagara lágrimas mornas.

— Deus meu! - disse o vizinho da esquerda. - Que calor!

Reconheceu a voz, era de Blanchard, um animal!

— Fazem de propósito - disse Charles. - Deixam os vagões ao sol durante horas.

Houve um silêncio e Blanchard perguntou:

— És tu, Charles?

— Sou eu.

Lamentava ter falado. Blanchard adorava as brincadeiras estúpidas, aspergia as pessoas com um revólver de água ou grudava uma aranha de papelão nas cobertas dos outros.

— Como nos encontramos! - disse Blanchard.

— Sim.

— O mundo é pequeno.

Charles recebeu uma golfada de água mesmo na cara. Enxugou-se e cuspiu. Blanchard ria.

— Cretino! - Tirou o lenço e enxugou o pescoço esforçando-se por rir. - É o teu revólver de água?

— Claro que é! Não errei, hem? Mesmo na cara. Não te incomodes, tenho os bolsos cheios desses truques: vamos rir durante a viagem.

— Que cretino - disse Charles, rindo feliz. - Que cretino, que criança!

Blanchard amedrontava-o; os aparelhos tocam-se, se me quiser beliscar ou lançar-me pó de fazer comichão nas costas, bastar-lhe-á estender a mão. "Não tenho sorte", pensou. Terei de ficar de sobreaviso durante toda a viagem. Suspirou e percebeu que olhava para o teto, era uma grande chapa sombria, eriçada de pregos. Virava o seu espelho para trás, estava preto como uma placa de vidro suja de fumo. Charles ergueu-se um pouco e deitou um olhar à sua volta. Havia deixado a porta do vagão aberta; uma luz amarelada brilhava sobre os corpos estendidos, as cobertas, os rostos. Mas a zona iluminada era estritamente limitada pela ombreira da porta: à esquerda tudo estava escuro. Camaradas de sorte, devem ter dado uma gorjeta aos carregadores, terão toda a luz, todo o ar; de vez em quando, apoiando-se ao cotovelo, verão uma árvore verde. Tornou a encostar-se, exausto; a camisa estava molhada. Se ao menos pudessem partir! Mas o comboio estava ali, abandonado, envolvido no sol. Um cheiro estranho - palha podre e perfume de Houbigant - flutuava junto ao chão.

Torcei o pescoço para fugir ao odor, que lhe dava ânsias de vômito, mas o suor inundou-o, relaxou-se e a camada de cheiro formou-se de novo por cima do seu nariz. Lá fora havia carris e sol e vagões vazios nos desvios e arbustos cobertos de poeira: o deserto. E mais adiante era domingo. Um domingo em Berck: as crianças brincavam na praia, famílias tomavam café com leite nos cafés. "É engraçado", pensou, "é engraçado". Uma voz fez-se ouvir do outro lado do vagão:

— Denis! Denis! - Ninguém respondeu.

— Maurice, estás aí?

Houve um silêncio e a voz concluiu: "Os safados!" Alguém gemeu perto de Charles:

— Que calor.

E uma voz respondeu, pálida e alquebrada, uma voz de doente grave:

— Vai melhorar quando o comboio partir.

Falavam-se às cegas sem se reconhecerem: alguém disse com um risinho:

— Assim é que viajam os soldados.

Novamente o silêncio. O calor, o silêncio, a angústia. Charles viu subitamente duas belas pernas dentro de meias de fio branco, o seu olhar subiu ao longo do avental: era a bela enfermeira. Acabava de subir para o vagão. Segurava uma mala com uma das mãos e com a outra um banquinho; passeava um olhar irritado à sua volta:

— É uma loucura - disse -, pura loucura.

— O quê, o quê? - indagou uma voz rude do lado de fora.

— Se tivessem refletido por um instante, teriam compreendido que não se deviam juntar as mulheres com os homens.

— Pusemos como nos mandaram.

— E como querem que trate deles, uns diante dos outros?

— Devia estar aqui, nessa altura.

— Não posso estar em toda a parte. Tratava de registar as bagagens.

— Que confusão - disse o homem.

— É caso para dizer isso.

Houve um silêncio e ela continuou:

— O senhor vai chamar o seu companheiro: transportarão os homens para o último vagão.

— Espere aí! A senhora paga o trabalho suplementar?

— Farei queixa - disse ela secamente.

— Pois faça, minha beleza, importo-me muito com a sua queixa, percebe?

A enfermeira encolheu os ombros e afastou-se, andou com cuidado por entre os doentes e foi sentar-se no seu ban-quinho, não longe de Charles, à beira do retângulo de luz.

— Eh! Charles! - disse Blanchard.

— Que é?

— Há mulheres aqui. Charles não respondeu.

— E como é que eu vou fazer - disse Blanchard em voz alta - se tiver vontade de cagar?

Charles corou de ódio e vergonha, mas pensou no pó de comichões e emitiu um risinho cúmplice.

Verificou-se um movimento ao nível do chão, sem dúvida tipos que torciam o pescoço para ver se tinham vizinhas. Mas, no conjunto, uma espécie de mal-estar pesava sobre o vagão. Os cochichos arrastaram-se e extinguiram-se. "Como é que eu vou fazer, se tiver vontade de cagar?" Charles sentia-se sujo por dentro, um pacote de tripas colantes e molhadas: se tivesse de pedir a bacia diante das mulheres, que vergonha! Trancou-se por dentro, pensou: "Aguentarei até ao fim." Blanchard respirava com ruído, o seu nariz tocava uma musicazinha inocente; Deus meu, se pudesse dormir! Charles teve um momento de esperança, tirou um cigarro do bolso, acendeu um fósforo.

— Que é isso? - indagou a enfermeira.

Largara o tricot sobre os joelhos. Charles via-lhe a fisionomia carrancuda muito acima e muito longe dele, numa sombra azulada.

— Estou a acender um cigarro - respondeu. A sua voz pareceu-lhe engraçada e indiscreta.

— Ah!, não. Não se fuma aqui.

Charles apagou o fósforo e tateou à sua volta com a ponta dos dedos. Encontrou entre duas cobertas uma tábua húmida e rugosa que arranhou com a unha, antes de deitar fora o pequeno pedaço de madeira semicarboni-zado; subitamente, esse contato afigurou-se-lhe horrível, juntou novamente as mãos sobre o peito e pensou: "Estou no chão." Mesmo no chão. Sob as mesas e cadeiras, sob os pés das enfermeiras e dos carregadores, esmagado, confundido com a lama e a palha, todos os bichos

que frequentam as frinchas do soalho podiam subir-lhe para o ventre. Agitou as pernas, raspou os saltos no aparelho.

Devagar para não despertar Blanchard. O suor escorria-lhe pelo peito; encolheu os ombros sob a coberta. Esses formigueiros inquietos nas coxas e nas pernas, essas revoltas violentas e vagas de todo o seu corpo, tinham-no atormentado sem cessar, nos primeiros tempos de Berck. Depois acalmara-se: esquecera as pernas, achara natural ser empurrado, rodado, carregado, tornara-se uma coisa. "Será que isso vai voltar?", pensou com angústia. "Será que vai voltar?" Estendeu as pernas, cerrou as pálpebras. Era preciso pensar: "Sou apenas uma pedra, sou uma pedra, uma pedra." As suas mãos crispadas abriram-se, sentiu o corpo petrificar-se lentamente sob a coberta. Uma pedra entre pedras.

Soergueu-se sobressaltado, de olhos abertos, pescoço duro: houvera uma sacudidela, em seguida um ranger de ferros e ruídos de rodas, monótonos, calmantes como a chuva: pusera-se em marcha. Passava ao lado de alguma coisa; lá fora havia objetos sólidos e encharcados de sol, que deslizavam pelos vagões; sombras indistintas, a princípio lentas, a seguir mais rápidas, sempre mais rápidas, corriam pela parede luminosa, em frente da porta aberta; dir-se-ia uma tela de cinema. A luz empalideceu um pouco, acinzentou-se e subitamente intensificou-se com violência: "Estamos a sair da estação." Charles sentia dores no pescoço, mas estava mais calmo. Deitou-se novamente, levantou os braços e deu ao seu aparelho uma volta de noventa graus. Via agora, no canto esquerdo do espelho, um pedaço de retângulo iluminado. Isso bastava-lhe; aquela superfície brilhante vivia, era toda uma paisagem. Ora a luz tremia e empalidecia, como se fosse apagar-se, ora endurecia, fixava-se e assumia o aspecto de uma camada de ocre; e depois, de vez em quando, tremia por inteiro, atravessada por ondulações oblíquas e como que enrugada pelo vento. Charles olhou-a longamente; ao fim de um instante sentiu-se liberto, como se estivesse sentado no estribo do vagão, pernas balançando e olhando para o desfile das árvores, dos campos, do mar.

— Blanchard! - murmurou.

Não houve resposta. Esperou um pouco e soprou:

— Estás a dormir?

Blanchard não respondeu. Charles deu um suspiro de prazer e distendeu-se, completamente deitado, porém sem perder o espelho de

vista. Dorme, dorme. Quando entrou, mal se sustinha; deixara-se cair no banco, mas os seus olhos eram duros, diziam: não me abaterão. Encomendou o seu café com um ar colérico, há tanta gente que encara os criados de café como inimigos: gente nova, que pensa que a vida é uma luta; leram isso nos livros, lutam então nos cafés, encomendam uma groselha com um olhar de meter medo.

— Um café - pediu Félix - e dois americanos.

Ela comprimiu os botões e fez girar a manivela. Félix piscou os olhos e apontou para o rapazinho que dormia. Não é uma luta, é um pântano, um simples movimento e afundamo-nos, mas eles não sabem isso, mexem-se muito, a princípio, isso faz com que se afundem mais depressa; eu fui assim, mexi-me muito, agora estou velha, permaneço muito quieta, de braços estendidos ao longo do corpo, na minha idade já não nos afundamos muito. Dormia de boca aberta, o queixo pendia-lhe sobre o peito, não tinha nada de bonito, as pálpebras vermelhas e inchadas, o nariz roxo, davam-lhe um aspecto de carneiro. Adivinhei logo quando o vi entrar na sala vazia, como um cego com esse sol lá fora e todos esses fregueses na esplanada; eu disse logo: vai escrever uma carta ou então espera uma mulher, ou então é qualquer coisa que vai mal. Ele ergueu a mão comprida e pálida, afugentou as moscas sem abrir os olhos; não havia moscas. Sente-se triste mesmo no sono; os aborrecimentos nunca nos largam, eu estava sentada no banco, contemplava os carris e o túnel, havia um pássaro a cantar e estava grávida, triste, já não tinha olhos para chorar, nem dinheiro, só o meu bilhete, adormeci, sonhei que me matavam, que me puxavam pelos cabelos, chamando-me vagabunda, e depois o comboio chegou e eu subi: às vezes, penso que ele terá o seu abono, um velho operário, um inválido, que não se lhe poderá recusar, às vezes acho que tentarão não lhes dar nada, eles são duros; e eu aqui, velha, já não me mexo mais, mas tenho ideias. Está vestido como um rapaz rico, tem certamente uma mamã para lhe tomar conta das coisas, mas os seus sapatos estão cobertos de pó: que terá feito? Por onde terá andado? Os moços têm sangue quente, se ele me tivesse dito: "Bate", eu teria matado pai e mãe, como se pode ser cabeçuda, quem sabe se não assassinou uma velha como eu, será preso pela certa, ele não tem força; virão buscá-lo aqui e o *Matin* publicará a sua fotografia, uma carinha de malandro, nada parecida com ele, e haverá sempre quem diga: tem mesmo cara de assassino. E eu digo-lhe: para , os condenar é preciso não os

ter visto de perto, porque, quando os vimos afundarem-se um pouco mais em cada dia, pensamos que ninguém pode nada e que afinal é o mesmo, tomar um café com leite na esplanada de um café ou fazer economias para comprar uma casa, ou assassinar a mãe. O telefone tocou, ela sobressaltou-se.

— Alô? - disse ela.

— Quero falar com a senhora Cuzin.

— Sou eu.

— Recusaram-me o abono - disse Julot.

— Não é possível!

— Recusaram.

— Mas um inválido, um velho operário! Que foi que te disseram?

— Que não tinha direito.

— Oh! - disse ela - Oh!

— Até logo à noite. - disse Julot.

Ela desligou. Recusaram-lhe o abono. Um inválido, um velho operário, disseram-lhe que não tinha direito. "Agora vou-me aborrecer de verdade", pensou. O rapaz roncava, tinha um ar tolo e sentencioso. Félix saiu levando na bandeja os dois americanos e o café; empurrou a porta e o sol entrou, o espelho cintilou em cima do dorminhoco, depois a porta fechou-se de novo, o espelho apagou-se, ficaram os dois sozinhos. "Que terá feito? Por onde terá andado? Que será que leva na mala? Vai pagar agora; vinte anos, trinta anos, a menos que morra na guerra, pobre rapaz, está na idade de ser chamado. Dorme, ronca, sofre, na esplanada toda a gente fala de guerra, o meu marido não receberá o abono. Piedade", disse ela, "tende piedade de nós, pobres homens"!

— Pitteaux! - gritou o rapaz.

Acordara sobressaltado, olhou-a durante um instante, de boca aberta, depois fechou os maxilares com ruído, mordeu os lábios, tinha um ar inteligente e maldoso.

— Rapaz!

Félix não ouvia; ela via-o na esplanada, ele ia e vinha, tomava nota dos pedidos. O jovem perdeu a sua segurança, bateu na mesa, virando a cabeça de um lado para o outro como se estivesse encurralado. Ele teve pena.

— É Um franco - disse ela, da caixa.

Ele deitou-lhe um olhar de ódio, lançou uma moeda de cinco francos para a mesa, pegou na mala e saiu a coxear. O espelho cintilou, um bafo de gritos e calor entrou na sala; a solidão também. Ela olhou para as mesas, espelhos e porta, todos aqueles objetos conhecidos que não mais poderiam reter o seu pensamento. "Pronto, vou-me aborrecer de verdade."

Ele viu-se inundado de luz. Alguém fixava no seu rosto a luz de uma lâmpada de bolso. Virou a cara e grunhiu. A lâmpada virara para o chão; pôs-se a piscar os olhos. Atrás desse sol, um olho calmo e implacável fixava-o, era inaceitável.

— Que há?

— É ele mesmo - observou uma voz cantante.

"Uma mulher." O fardo oblongo à minha direita é uma mulher. Teve um minuto de satisfação, depois pensou encolerizado que ela o fulminara como um objeto, passeou aquela luz por mim como se eu fosse um muro. Disse secamente:

— Não a conheço.

— Já nos encontrámos muitas vezes.

A lâmpada apagou-se. Continuava ofuscado, rodela roxa giravam-lhe nos olhos.

— Não posso vê-la.

— Pois eu vejo-o, mesmo sem a lâmpada.

A voz era jovem e bonita, mas ele desconfiava. Repetiu:

— Não posso vê-la; ofuscou-me.

— Eu vejo no escuro - disse ela com orgulho.

— É albina? - Ela riu:

— Albina? Não tenho olhos vermelhos nem cabelos brancos, se é o que quer dizer.

— Tinha um sotaque acentuado e fazia de todas as suas frases interrogações.

— Quem é você?

— Adivinhe. Não é muito difícil; ainda anteontem me encontrou e me olhou com ódio.

— Ódio? Não odeio ninguém.

— Como não. Acho que até odeia todo o mundo.

— Espere! Não tinha uma pele? - Ela continuava a rir:

— Estenda a mão. Toque.

Ele estendeu o braço e tocou numa massa informe. Era a pele, sob a pele havia certamente cobertas, depois montes de roupas e por fim o corpo branco e mole, um caracol, a lesma dentro da carapaça. Como deve sentir calor! Acariciou um pouco a pele e dela exalou um perfume morno e pesado. Acariciava a pele a contrapelo e estava contente.

— Você é loira - disse triunfalmente -, usa brincos de ouro.

Ela riu e acendeu a lâmpada de novo. Mas, desta feita, virara-a para o próprio rosto. O movimento do comboio sacudia a lâmpada na sua mão e a luz subia e descia do peito à frente, passava pelos lábios, pintados, dourava um ligeiro buço na comissura dos lábios, rosava um pouco as narinas. Os cílios dobrados e pintados de preto erguiam-se como patinhas em cima das pálpebras inchadas, dir-se-iam dois insetos de costas. Era loira: os cabelos eram uma nuvem fria em volta da cabeça. Sentiu um aperto no coração, pensou: "É bela", e retirou bruscamente a mão.

— Estou a reconhecê-la. Havia sempre um velho que a empurrava. Você passava sem olhar para ninguém.

Via-o muito bem por trás das pestanas. Ela ergueu um pouco a cabeça e ele reconheceu-a inteiramente.

— Nunca imaginei que pudesse olhar para mim - disse. - Você parecia tão rica, tão acima de nós; pensava que estivesse na Pensão Beaucaire.

— Não. Estava no Mon Chalet.

— Não podia esperar encontrá-la num vagão de carga.

A luz apagou-se.

— Sou muito pobre - disse ela.

Ele estendeu a mão e apoiou-se docemente na pele:

— E isto?

— É tudo o que resta.

Entrara novamente na escuridão. Um pacote, informe e sombrio. Mas tinha ainda nos olhos a imagem dela. Juntou de novo as mãos sobre o ventre e pôs-se a olhar para o teto. Blanchard roncava ao de leve; os doentes conversavam em grupos de dois ou três; o comboio rolava gemendo. Era pobre e doente, estava deitada no vagão de carga, vestiam-na e despiam-na como a uma boneca. Era bela. Bela como uma estrela de cinema. A seu lado, toda essa beleza humilhada, esse corpo esguio, puro e conspurcado. Era bela. Cantava em music-halls e vira-o por entre os cílios, e

desejara conhecê-lo; era como se o tivessem recolocado em pé, sobre os dois pés.

— Era cantora? - indagou bruscamente.

— Cantora? Não. Sei tocar piano.

— Pensei que fosse cantora.

— Sou austríaca. Todo o meu dinheiro ficou lá, nas mãos dos alemães. Abandonei a Áustria depois do Anschluss.

— Já estava doente?

— Já. Os meus pais trouxeram-me de comboio. Como hoje, só que era um dia claro e eu estava estendida num banco de primeira classe. Aviões alemães passavam por cima de nós, pensávamos que iam lançar bombas. A minha mãe chorava, eu estava de costas, sentia o céu pesar sobre mim através do teto. Foi o último comboio que deixaram sair.

— Depois?

— Depois vim para cá. A minha mãe está em Inglaterra, precisa de ganhar a vida.

— E o velho que a empurrava?

— Um idiota - disse com voz dura.

— Então está sozinha?

— Sozinha.

Ele repetiu:

— Só no mundo - e sentiu-se forte e duro como um carvalho.

— Quando soube que era eu?

— Quando acendeu o fósforo.

Não se queria abandonar à alegria. A alegria era pesada e indiferenciada, estava quase esquecida; ela é que comunicava aquele tremorzinho ácido à sua voz. Mas guardava-a para a noite, queria gozá-la solitário.

— Viu a luz na parede?

— Vi - disse ela. - Contemplei-a durante uma hora.

— Olhe, olhe: é uma árvore.

— Ou um poste telegráfico?

— O comboio não está a andar.

— Não. Está com pressa?

— Não. Não se sabe para onde se vai.

— Não, por certo - disse ela jovialmente. A sua voz também tremia.

— Afinal - disse ele -, não se está mal assim, aqui.

— Temos ar. E essas sombras que passam distraem-nos.

— Lembra-se do mito da caverna?

— Não. Que mito é esse?

— São escravos acorrentados no fundo de uma caverna. Vêm sombras na parede.

— Porque estão acorrentados?

— Não sei. Está em Platão.

— Sim, Platão... - disse ela com um ar vago.

"Ensinar-lhe-ei quem é Platão", pensou com entusiasmo. Doía-lhe um pouco a barriga, mas fazia votos para que a viagem não terminasse nunca.

Georges sacudiu o trinco da porta. Via através do vidro um sujeito de bigode e uma mulher com uma toalha enrolada na cabeça, lavavam chávenas e copos atrás do balcão. Um soldado passava pelo sono a uma das mesas. Georges puxou violentamente o trinco e o vidro tremeu, mas a porta não se abriu. A mulher e o tipo não pareciam ouvir.

— Não abrirão...

Voltou-se: um homem gordo, maduro, olhava-o sorrindo. Usava fato preto, polainas, um chapéu mole e colarinho engomado. Georges mostrou-lhe o aviso: "A cantina abre às cinco."

— São cinco e dez.

O homem encolheu os ombros. Trazia a tiracolo uma sacola volumosa e uma máscara antigásica, abria os braços, com os cotovelos erguidos.

— Eles abrem quando querem.

O pátio da caserna estava cheio de homens de meia-idade que pareciam aborrecidos. Muitos passeavam sozinhos, olhando para o chão. Uns usavam capote militar, outros calças de caqui, outros trajes civis, com tamancos novos em folha, que batiam com ruído no asfalto. Um sujeito alto, ruivo, que tivera a sorte de conseguir trajes completos, caminhava pensativo, de mãos nos bolsos; o chapéu de banda, dava-lhe um ar de desordeiro. Um tenente passou pelos grupos e dirigiu-se à cantina.

— Ainda não foi buscar a sua farda? - perguntou o baixinho e gordo. Puxava as correias da sacola a fim de a passar para as costas.

— Já não têm mais nada.

O tipo cuspiu:

— A mim deram-me isto. Morro abafado aqui dentro, com este sol de morte. Que desordem.

Georges fez sinal para o oficial:

— Fazemos-lhe continência?

— Como? Afinal não posso tirar o chapéu!

O oficial passou ao lado deles sem para eles olhar. Georges acompanhou com os olhos o dorso magro e sentiu-se abatido. Fazia calor, as vidraças dos edifícios militares estavam pintadas de azul; atrás dos muros brancos, havia estradas brancas, campos de aviação verdes, a perder de vista, ao sol; os muros da caserna recortavam nos prados uma pequena praça rasa e poeirenta, onde os homens giravam como nas ruas de uma cidade. Era a hora em que a sua mulher abria as persianas: o sol entrava pela sala de jantar. O sol estava em toda a parte: nas casas, nas casernas, nos campos. Murmurou: "Sempre a mesma coisa." Mas não sabia muito bem em que consistia essa mesma coisa. Pensou na guerra e percebeu que não tinha medo de morrer. Um comboio apitou ao longe e foi como se alguém lhe sorrisse.

— Escute - disse.

— O quê?

— O comboio.

O gorduchinho olhou-o sem entender, tirou um lenço do bolso e pôs-se a enxugar a fronte. O comboio tornou a apitar. Partia, cheio de civis, de mulheres belas, de crianças; os campos deslizavam, inofensivos, pelos vidros das janelas. O comboio apitou e diminuiu a marcha.

— Vai parar - disse Charles.

Os eixos guincharam e o comboio parou. O movimento escorreu de Charles, que ficou seco e vazio como se houvesse perdido todo o sangue, esvaiu-se.

— Não gosto que os comboios parem - disse.

Georges pensava nos comboios de passageiros que descem para o sul, para o mar, para as casas brancas à beira-mar; Charles sentia o capim verde que crescia entre os carris, sentia-o através das chapas de ferro, via no retângulo luminoso, recortado no vagão, prados verdes a perder de vista, o comboio estava preso nos campos como um navio nos gelos, o capim ia subir pelas rodas, passar pelas frinças, por entre as tábuas, atravessar de lado a lado o comboio imóvel. O comboio preso na armadilha apitava,

apitava lamentavelmente; o apito longínquo arrastava-se poeticamente; o comboio rodava devagarinho, a cabeça do vizinho de Maurice tremia dentro do colarinho amarelado, era um tipo gordo que cheirava a alho, cantara a Internacional desde o momento da partida e bebera dois litros de vinho. Acabou por se inclinar sobre o ombro de Maurice, roncando. Maurice estava com muito calor, mas não ousava mexer-se; estava angustiado por causa desse calor, do vinho branco e do sol que o cegava através dos vidros empoeirados, e pensava: "Gostaria de já ter chegado." Os olhos arderam-lhe, tornaram-se vidrados e duros, cerrou as pálpebras; ouvia o sangue bater-lhe nos ouvidos e o sol atravessava-lhe as pálpebras; sentia aproximar-se dele um sono branco, suado, ofuscante, os cabelos do companheiro faziam-lhe cócegas no pescoço e no queixo, era uma tarde sem esperança. O tipo gordo tirou uma fotografia da carteira:

— Minha mulher - disse.

Era uma mulher sem idade, nada se podia dizer dela.

— Tem saúde - observou Georges.

— Come por quatro.

Permaneciam um diante do outro, indecisos. Georges não alimentava simpatias por ele, que fungava ao falar, mas tinha vontade de lhe mostrar o retrato da filha.

— Casado?

— Sim.

— Com filhos?

Georges olhou-o sem responder, algo zombeteiramente. Depois meteu bruscamente a mão no bolso, e pegou numa fotografia da carteira.

— Tu tens umas botas magníficas - disse o tipo, segurando a fotografia - Hão-de ser-lhe úteis.

— Tenho calos - respondeu Georges com humildade. - Acha que me deixarão usá-las?

— Naturalmente, eles não têm lá botas para todos.

Contemplou as botas por um momento, depois desviou o olhar com pena e fixou-o na fotografia. Georges sentiu que o outro corava:

— Que bela criança - disse. - Quanto pesa?

— Não sei.

Considerava com estupor o tipo gordo que segurava a fotografia e deixava cair nela o seu olhar descolorido. Disse:

— Quando eu voltar, não me reconhecerá...

— É possível. A menos que...

— A menos que?

— Então? - disse Sarraut. - Começo?

Virava a folha na mão. Daladier afiara um fósforo com o canivete e enfiara-o entre dois dentes. Não respondia, encolhido na cadeira.

— Começo?

— É a guerra - disse Bonnet docemente. - É a guerra perdida.

Daladier tremeu e fixou em Bonnet um olhar pesado. Bonnet sustentou-o inocentemente, com os seus olhos claros e rasos. Parecia um tamanduá. Champentier de Ribes e Reynaud assistiam de mais longe, silenciosos, desaprovando. Daladier encolheu-se completamente.

— Comece - grunhiu com um gesto mole.

Sarraut levantou-se e saiu da sala. Desceu a escada, pensando que a cabeça lhe doía. Estavam todos ali, calaram-se ao vê-lo e assumiram uma atitude profissional. "Corja de imbecis", pensou Sarraut.

— Vou ler o comunicado.

Houve um rumor que ele aproveitou para limpar os óculos. Depois leu:

— "O Conselho de Gabinete tomou conhecimento da exposição do senhor presidente e do senhor Georges Bonnet acerca do memorando entregue ao senhor Chamberlain pelo chanceler do Reich. Aprovou por unanimidade as declarações que os senhores Édouard Daladier e Georges Bonnet se propõem entregar em Londres, ao Governo inglês."

"Pronto", pensou Charles. "Estou com vontade de cagar." Acontecera de repente: o ventre enchera-se, ia rebentar.

— Sim - disse ele -, penso como você.

As vozes subiam paralelamente, serenas. Gostaria de se refugiar por completo na sua própria voz, ser apenas uma voz grave junto da bela voz cantante e loira. Mas havia primeiramente aquele calor, aquela insegurança palpitante, aquele pacote de matérias molhadas que borbulhavam nos intestinos. Houve um silêncio; ela sonhava a seu lado, fresca, inconsciente, ele ergueu a mão com precaução e passou-a pela testa húmida. "Ah!", gemeu subitamente.

— Que foi?

— Nada. É o meu vizinho que está a roncar.

Aquilo tomará-lhe o ventre como um acesso de riso, uma vontade violenta e sombria de se abrir, de chover por baixo; uma borboleta desnorreada batia as asas entre as suas nádegas. Apertou-as e o suor escorreu-lhe pelo rosto, entrou-lhe pelas orelhas, fez-lhe cócegas na cara. "Vou largar tudo", pensou aterrorizado.

— Você parou de falar - disse a voz loira.

— Eu... eu perguntava a mim mesmo... porque é que me desejou conhecer.

— Tu tens uns belos olhos arrogantes - disse ela. - E além disso, queria saber porque me odiava.

Ele deslocou ligeiramente os rins, para enganar a necessidade, e disse:

— Odiava toda a gente porque sou pobre. Tenho um gênio desgraçado.

Aquilo escapara-lhe sob o impulso da necessidade; abrira-se por cima. Por cima ou por baixo, precisava de se abrir.

"Tenho um gênio desgraçado. Sou um invejoso." Nunca dissera tudo. A ninguém. Ela tocou-lhe na mão com a ponta dos dedos.

— Não me odeie: também sou pobre.

Um frêmito percorreu-lhe o sexo: não era por causa daqueles dedos magros e quentes na sua mão, vinha de mais longe, do grande quarto nu, à beira-mar. Ele chamava. Jacqueline chegava, tirava as cobertas, deslizava-lhe a bacia sob os rins, via-o liquefazer-se e, por vezes, pegava-lhe no Máster Jack entre o polegar e o indicador, ele adorava isso.

Agora, a sua carne estava condicionada, habituara-se àquilo; todas as suas vontades eram envenenadas por um langor ácido de se abrir sob um olhar profissional. "Eis o que sou", pensou. E perdeu a coragem. Tinha horror de si mesmo, sacudia a cabeça e o suor queimou-lhe os olhos. "Não partiria nunca, aquele comboio?" Parecia-lhe que, se tivesse recomeçado a andar, teria deixado ali os seus turvos e dolorosos desejos e aguentado mais um pouco. Abafou um gemido: sofria, ia rasgar-se como um pedaço de pano; apertou em silêncio a doce mão tão magra. *Mãos de pasta de amêndoas pegam em Master Jack com competência, Master Jack exulta, indolente, a cabeça ligeiramente inclinada, uma empregada de salsicharia pega, entre os dedos, na linguiça do seu leito de geleia. Nuzinho. Fendido. Visto. Uma casca de fruto que estoura. A Primavera. Que horror! Detestava Jeannine.*

— Como tem as mãos quentes! - disse a voz.

— Estou com febre.

Alguém gemeu docemente ao sol, um dos doentes estendidos perto da porta. A enfermeira levantou-se e dirigiu-se a ele, passando por cima dos corpos. Charles ergueu o braço esquerdo, manobrou rapidamente o espelho, enquadrando a enfermeira inclinada sobre um adolescente corado e de orelhas em leque.

Ela endireitou-se e voltou ao seu lugar. Parecia desesperadamente apressada. Charles viu-a mexer na mala. Trazia agora uma bacia para urinar. Indagou em voz alta:

— Ninguém tem vontade? Se alguém tem vontade seria melhor fazê-lo durante a paragem. É mais cómodo. E não tenham vergonha uns dos outros. Não há aqui homens e mulheres: só há doentes.

Passeou por eles um olhar severo, mas ninguém respondeu. O adolescente apossou-se da bacia com avidez e fê-la desaparecer sob a coberta. Charles apertou com força a mão da amiga. A enfermeira baixou-se, pegou na bacia e ergueu-a. A bacia brilhou ao sol, cheia de uma bela água amarela e espumante. A enfermeira aproximou-se da porta e inclinou-se para fora, Charles viu-lhe a sombra na parede, de braço erguido, recortada no retângulo de luz. Inclinação a bacia, uma sombra de líquido escorria.

— Minha senhora! - disse uma voz fraca.

— Ah! - respondeu ela. - Já se decidem! Vou já.

Cederam todos, uns após os outros. As mulheres aguentaram mais tempo do que os homens. "Eles vão empestar as vizinhas, ousarão depois dirigir-lhes a palavra?" "Sujos", pensou ele. Houve um ligeiro tumulto ao nível do chão; apelos murmurados surgiam de todo o lado. Charles percebeu vozes de mulheres.

— Esperem - disse a enfermeira. - Um de cada vez.

"Só há doentes." Pensam que tudo lhes é permitido porque são doentes. Nem homens, nem mulheres: doentes. Ele sofria mas tinha orgulho em sofrer: não cederei; sou um homem, eu. A enfermeira ia de um para outro; ouvia-se o ruído dos seus passos e, de vez em quando, um amarrotar de papel. Um odor enjoativo e quente enchia o vagão. "Não cederei", pensou torcendo-se com dor.

— Minha senhora! - disse a voz loira.

Acreditou ter ouvido mal, mas a voz repetiu, envergonhada e cantante:

— Aqui, minha senhora.

— Pronto.

A mão quente e magra torceu-se na mão de Charles e escapou-se. Ele ouviu o ruído dos sapatos; a enfermeira estava ali, acima deles, imensa e severa, um arcanjo.

— Vire-se - disse a voz suplicante. E murmurou mais uma vez: - Vire-se.

Ele virou a cabeça, quisera entupir os ouvidos e o nariz. A enfermeira mergulhou, enorme voo de pássaros negros escurecendo o espelho. Não viu mais nada. "É uma doente", pensou. Devia ter tirado a pele: por um instante o perfume cobriu tudo, depois, pouco a pouco, um odor rançoso e forte furou o ar, encheu-lhe as narinas. É urina doente. É uma doente, a linda pele macia estendia-se sobre vértebras líquidas, sobre intestinos purulentos. Hesitou, dividido entre o nojo e um imundo desejo. Depois, de um só golpe, trancou-se, as suas entranhas fecharam-se como um punho, não sentiu mais o corpo. É uma doente. Todas as vontades, todos os desejos se tinham apagado, ele sentia-se limpo e seco, era como se tivesse recobrado a saúde. Uma doente: "Resistiu quanto pôde", pensou com amor. Ouviu o amarrotar do papel, a enfermeira reerguer-se, já outras vozes a chamavam do outro lado do vagão. Ele não chamaria: planava a algumas polegadas do chão, acima deles. Não era uma coisa, não era um bebé. "Ela não pôde resistir", pensou com uma ternura tão forte que lágrimas lhe vieram aos olhos. Ela não falava mais, já não ousava dirigir-lhe a palavra; estava com vergonha. "Eu protegê-la-ei", pensou, com amor. De pé. De pé, inclinado sobre ela e contemplando a sua doce e linda fisionomia. Estava um pouco ofegante, na obscuridade. Ele estendeu a mão e passou-a sobre a pele. O jovem corpo encrespou-se mas Charles encontrou uma mão e pegou nela. A mão resistiu, puxou-a para si com toda a força. Uma doente. E ele ali, seco, duro, liberto; ele protegê-la-ia.

— Como se chama? - indagou.

— Leia - disse Chamberlain com impaciência.

Lorde Halifax pegou na mensagem de Masaryk e começou a ler: "Não era preciso tanta ênfase", pensou Chamberlain.

"O meu Governo", leu Halifax, "estudou o documento e o mapa. Trata-se de um ultimato de fato, como os que se apresentam em geral a uma nação vencida, e não de uma proposta a um estado soberano, que mostrou as mais decididas disposições para fazer sacrifícios em prol da paz na Europa. O Governo do senhor Hitler não manifestou ainda o menor indício de disposição análoga para os sacrifícios. O meu Governo estranha o conteúdo do memorando. As propostas vão muito além do que havíamos aceite no chamado Plano Anglo-Francês. Privam-nos de todas as garantias da nossa existência nacional. Devemos ceder posições importantes das nossas fortificações, tão cuidadosamente preparadas, e deixar que os exércitos alemães penetrem profundamente no nosso território, antes de ter podido organizá-lo sobre novas bases, ou de haver iniciado quaisquer preparativos de defesa. A nossa independência nacional e económica desaparecerá automaticamente, com a adopção do plano do senhor Hitler. Todo o processo de transferência da população se reduzirá a um forte pânico para os que não aceitarem o regime nazi alemão. Deverão abandonar os seus lares sem terem sequer o direito de levar os seus bens de uso pessoal, nem mesmo, no caso dos camponeses, a sua vaca leiteira. O meu Governo espera que eu declare, com toda a solenidade possível, que as exigências do senhor Hitler, na sua forma atual, são absoluta e incondicionalmente inaceitáveis. Contra essas novas e cruéis exigências, o meu Governo sente-se decidido a uma resistência suprema, e assim agiremos, com a ajuda de Deus. A nação de São Venceslau, de João Huss e de Thomas Masaryk não será uma nação de escravos. Contamos com as duas grandes democracias ocidentais, cujos conselhos seguimos contra a nossa própria opinião para que estivessem ao nosso lado nesta hora crucial."

— É tudo? - indagou Chamberlain.

— É tudo.

— Eis-nos a braços com novas dificuldades.

Lorde Halifax não respondia; mantinha-se teso como um remorso, respeitoso e reservado.

— Os ministros franceses chegarão daqui a uma hora - disse Chamberlain secamente. - Acho esse documento, pelo menos, inoportuno.

— Pensa que seja de natureza a pesar sobre as decisões deles? - indagou Halifax com ligeira ironia.

O velho não respondeu. Pegou no papel e pôs-se a lê-lo resmungando.

— As vacas! - exclamou ele de repente e com irritação. - Que têm as vacas a ver com isto? É de uma infelicidade!

— Não acho - disse Halifax. - Fiquei comovido.

— Comovido? - O velho sorriu. - Meu caro, trata-se de um negócio. Os que se comoverem perderão a partida.

Tecidos vermelhos, cor-de-rosa, vestidos malva e brancos, pescoços nus, belos seios sob os lenços, poças de sol nas mesas, mãos, líquidos viscosos e dourados, e outras mãos, e coxas jorrando dos shorts, vozes alegres, vestidos vermelhos, cor-de-rosa e brancos, vozes alegres girando no ar, coxas, a valsa Viúva Alegre, o odor dos pinheiros, da areia quente, o perfume de baunilha do alto mar, todas as ilhas do mundo invisíveis e presentes dentro do sol, ilha de Páscoa, ilhas Sanduíche, lojas de luxo junto ao mar, o impermeável feminino de três mil francos, os clips, as flores vermelhas, rosadas e brancas, as mãos, as coxas, a música, as vozes alegres, girando no ar; Suzanne, e a tua dieta? Ora, só por uma vez! As velas sobre as ondas, os esquiadores saltando, de braços tesos, de onda em onda, o odor dos pinheiros chegando em ondas, a paz. A paz em Juan-les-Pins. Ali estava, largada, esquecida, irritando-se. As pessoas iludiam-se: sarças de cores, cercas vivas de música dissimulavam-lhes a angustiazinha inexperienced; Mathieu caminhava devagar, ao longo dos cafés, das lojas, tinha o mar à esquerda; o comboio de Gomez só chegaria às 18 horas e 17. Olhava para as mulheres por hábito, olhava-lhes para as coxas pacíficas, os seios pacíficos. Mas estava em falta. Desde as três e vinte e cinco que estava em falta: às três e vinte e cinco um comboio partira para Marselha. "Já não estou aqui. Estou em Marselha, num café da Avenida da Gare, aguardo o comboio para Berlim, estou no comboio. Estou em Paris, numa manhã ensolarada, estou numa caserna, dou voltas no pátio em Essey-les-Nancy." Em Essey-les-Nancy, Georges parou de falar porque era preciso gritar; ergueram os olhos, o avião passava rente aos telhados com um ruído de trovão, Georges acompanhou-o por cima dos muros, por cima dos telhados, por cima de Nancy até Niort, estava em Niort, no seu quarto com a pequena, e aquele gosto a poeira na boca. Que me vai dizer? Saltará do comboio vivo e moreno como um turista de Juan-le-Pins. Estou tão moreno quanto ele, agora, mas não tenho nada a dizer-lhe. Estive em Toledo, em

Guadalajara, tu onde andaste? Eu vivia... Estive em Málaga, fui dos últimos a deixar a cidade, e você? Eu vivi. "Ah", pensou agastado, "espero um amigo, não um juiz". Charles ria, ela não dizia nada, ainda estava com vergonha, ele segurava-lhe na mão e ria: "Bonito nome, Catherine." Ele tem sorte, afinal, fez a guerra em Espanha, sem armas, dinamitadores contra os tanques, emboscadas na montanha, amores nos hotéis desertos de Madrid, pequenos combates individuais na planície, a Espanha não perdeu o seu sabor, e eu? É uma guerra triste a que me espera, uma guerra cerimoniosa e aborrecida; armas antitanques contra tanques, uma guerra coletiva e técnica, uma epidemia. Era ali a Espanha, um risco sobre a água azul. Maud, debruçada no parapeito, olha para a Espanha. Lutam, por lá. O navio deslizava perto da costa; lá ouve-se o canhão; aqui ouvia-se o ruído das ondas, um peixe-voador pulou. Mathieu caminhava em direção a Espanha, o mar à esquerda, a França à direita: Maud deslizava perto da costa, a Argélia à esquerda, a França à direita; a Espanha era aquele hálito tórrido e aquela bruma.

Maud e Mathieu pensavam na guerra de Espanha e isso repousava-os da outra guerra, da guerra cor de azinhavre que se preparava à direita. Era preciso escorregar até ao muro em ruínas, dar a volta e regressar, então a missão estaria cumprida. O marroquino subia de gatas pelas pedras escuras, a terra estava quente, tinha terra nas unhas dos pés e das mãos, tinha medo, pensava em Tânger; bem no cimo de Tânger havia uma casa amarela de um andar onde se via o rutilar eterno do oceano, aí morava um negro de barbas brancas que punha cobras na boca para divertir os ingleses. Era preciso pensar nessa casa amarela. Mathieu pensava na Espanha, Maud pensava na Espanha, o marroquino arrastava-se pelo solo gretado de Espanha, pensava em Tânger e sentia-se só, Mathieu dobrou a esquina de uma rua ofuscante, a Espanha virou, ardeu, transformou-se numa bruma de fogo imprecisa à sua esquerda. Nice à direita e, depois de Nice, um buraco, a Itália. A estação diante dele; diante dele a França e a guerra, a guerra verdadeira, Nancy. Ele estava em Nancy; além da estação, caminhava para Nancy. Não tinha sede, não tinha calor, não estava cansado. O seu corpo estava abaixo dele, anônimo, pastoso; as cores e os sons, os raios de sol, os odores, enterravam-se no seu corpo; tudo aquilo nada mais tinha a ver com ele. "Assim é que começa uma doença", pensou. Philippe passou a mala para a mão esquerda, estava exausto mas era preciso

aguentar até à noite. Até à noite: dormiria no comboio. O terraço da Tour d'Argent zumbia como uma colmeia, vestidos vermelhos, rosados, malva, meias de seda artificial rostos pintados, líquidos caramelizados, uma multidão xaporosa e colante, sentiu o coração trespassado de piedade, arrancá-los-ão dos cafés, dos seus quartos, e será com eles que farão a guerra. Tinha pena deles, tinha pena de si mesmo: cozinhavam ao sol, viscosos, fartos e desesperados. Philippe teve de repente uma vertigem de fadiga e orgulho: sou a consciência deles.

Mais um café. Mathieu olhava para aqueles homens morenos, tão gordos, tão seguros de si, e sentia-se isolado. Têm à direita o casino, à esquerda os correios, atrás o mar, é tudo: França, Espanha, Itália são lâmpadas que não se acendem nunca para eles. Aí estão, todos juntos e inteiros, a guerra e um fantasma. "Eu sou um fantasma", pensou. Eles seriam tenentes, capitães, dormiriam em camas, fariam a barba diariamente e muitos deles saberiam "dar um jeito". Não os censurava. Quem poderia impedi-los de o fazerem? A solidariedade para com os que vão arriscar a pele? Mas eu vou arriscar a minha, e não exijo nenhuma solidariedade. "Porque é que vou, afinal?", pensou. "Atenção!", gritou Philippe ao levar um empurrão. Baixou-se para pegar na mala; o tipo alto, de alpercatas, nem sequer se voltou. "Estúpido!", murmurou Philippe. Virou-se para o café e olhou para aquela gente toda com um olhar feroz, mas ninguém percebeu o incidente. Uma criança chorava, a mãe enxugava-lhe os olhos com um lenço. Na mesa vizinha, três homens acabrunhados, diante de laranjadas.

"Não são assim tão inocentes", pensou, fixando na multidão o seu insustentável olhar. Porque partem? Bastar-lhes-ia dizer não." O carro corria. Daladier, afundado nas almofadas, chupava um cigarro apagado, olhando os transeuntes. Ir a Londres aborrece-o, nada de aperitivos, comeria como um porco, uma mulher desgrenhada ria, como uma louca. Pensou: "Eles não fazem ideia." Meneou a cabeça. Philippe pensou: "Levamos para o matadouro e eles nem fazem ideia!" Encaram a guerra como uma doença. "A guerra não é uma doença", pensou com força. "E um mal insuportável porque o homem é quem o inflige ao homem." Mathieu empurrou a porta: "Venho esperar um amigo", disse ele ao empregado. A estação era fresca, deserta e silenciosa como um cemitério. Porque é que vou? Sentou-se no banco verde. "Alguns vão recusar-se a partir. Não tinha nada com isso. Recusar, cruzar os braços, fugir para a Suíça, porquê? Não

sinto isso. Não tenho nada com isso. A guerra em Espanha também não tinha nada a ver com ele. Nem com o Partido Comunista. Mas com que é que eu tenho alguma coisa a ver?", indagou, angustiado. Os carris brilhavam, o comboio chegaria pela esquerda. Deste lado, bem lá no fundo, aquele lago reluzente, no ponto em que os carris se juntavam, era Toulon, Marselha, Port-Bou, Espanha. Uma guerra absurda, injustificável, Jacques diz que está perdida de antemão.

"A guerra é uma doença", pensou; "cabe-me suportá-la como uma doença. Por nada. Serei um doente corajoso, eis tudo. Porquê fazê-la? Não aprovo. Porquê não a fazer? A minha pele não vale a tentativa de a salvar. Eis tudo", pensou, "eis tudo: sou conduzido"! Um funcionário. E o que lhe deixavam era o estoicismo triste dos funcionários, que tudo suportam, a pobreza, as doenças e a guerra, por respeito a si mesmos.

Sorriu e disse para si: "Eu nem mesmo me respeito. Um mártir, precisam de um mártir", pensou Philippe. Flutuava, banhava-se na fadiga, não era desagradável, mas fora necessário entregar-se, abandonar-se; simplesmente, ele já não via muito claro, à direita e à esquerda dois batentes vedavam-lhe a rua. A multidão cercava-o, as pessoas saíam de todo o lado, crianças corriam-lhe entre as pernas, rostos piscando os olhos por causa do sol deslizavam-lhe acima e abaixo da cabeça, sempre a mesma face, inclinando-se de trás para diante, sim-sim-sim. Sim, aceitaremos esses salários de miséria, sim, iremos à guerra, sim, faremos fila diante das padarias, com os nossos filhos nos braços. A multidão, era a multidão, esse imenso consentimento silencioso. "E se lhes explicamos partem-nos a cara", pensou Philippe, com a cara em fogo, espezinham-nos com furor, gritando: "Sim." Olhava para as fisionomias mortas, media a sua impotência: não se lhes pode dizer nada, é de um mártir que precisam. Alguém que se erga de repente nos pés e diga NÃO. Cairiam sobre ele e fá-lo-iam em pedaços. Mas esse sangue vertido por eles comunicar-lhes-ia uma nova força: o espírito do mártir desceria sobre eles, levantariam a cabeça sem piscar os olhos, e um troar de recusas far-se-ia ouvir de um lado ao outro da multidão, como um trovão. "Sou esse mártir", pensou. Uma alegria de supliciado invadiu-o, uma alegria demasiado forte; inclinou a cabeça, largou a mala, caiu de joelhos, tragado pelo consentimento universal.

— Olá! - gritou Mathieu.

Gomez corria ao seu encontro, sem chapéu, belo como sempre.

Uma nuvem nos olhos, piscou, piscou, onde estou? Vozes diziam acima dele: "Que foi que houve? Foi uma vertigem, onde é que mora?" Uma cabeça inclinou-se sobre ele, era uma velha, será que me vai morder? Onde mora? Mathieu e Gomez olhavam-se rindo de prazer, onde mora, onde mora, ONDE MORA, ele fez um esforço violento e levantou-se. Sorria. Disse:

— Não é nada, minha senhora, é o calor. Moro aqui perto. Vou para casa.

— É preciso acompanhá-lo - dizia alguém atrás dele.

— Não pode ir sozinho. - E a voz perdeu-se num roçar ruidoso de folhas: - Sim, sim, é preciso acompanhá-lo, é preciso acompanhá-lo.

— Larguem-me - gritou -, larguem-me, não me toquem. Não, não, não, NÃO. Não à guerra, não ao general, não às mãos culpadas, não a Zézette e a Maurice, não, não me atormentem. - Afastaram-se dele e ele pôs-se a correr, com solas de chumbo. Corria, corria, alguém lhe pousou a mão no ombro, e pensou que iria rebentar em soluços. Era um rapaz de bigodinho que lhe estendia a mala.

— Esqueceu-se da mala - disse a rir.

O marroquino parou bruscamente: era uma cobra o que ele pensara ser um galho seco. Uma cobrinha; uma pedra e esmagar-lhe-ia a cabeça. Mas a cobra retorceu-se de repente, riscou o chão como um raio escuro e desapareceu no fosso. Feliz presságio. Nada se movia atrás do muro. "Voltarei vivo", pensou.

Mathieu pegou em Gomez pelos ombros.

— Olá, coronel!

Gomez sorriu cheio de nobreza e mistério:

— General.

Mathieu retirou as mãos.

— General? Avança-se depressa em Espanha.

— Falta de quadros - explicou Gomez sempre a sorrir. - Como está moreno, Mathieu!

— Queimado do sol, um luxo - disse Mathieu embaraçado. - Isto arranja-se nas praias não fazendo nada.

Procurava nas mãos, no rosto de Gomez, as marcas do sofrimento; estava disposto a todos os remorsos. Mas Gomez, vivo e esguio no seu fato

de flanela, endireitando o porte, não se abria tão depressa. Por agora, parecia um turista.

— Onde vamos? - indagou.

— Vamos procurar um restaurantezinho sossegado - disse Mathieu. - Moro com o meu irmão e cunhada, mas não o convido para ir lá, eles não são muito divertidos.

— Quero um lugar com música e mulheres - disse Gomez. Olhou Mathieu com impudência: - Acabo de passar oito dias no seio da família.

— Bem! Então iremos ao Provençal.

A ordenança via-os aproximarem-se. Tinha um ar de profissional, sem dureza. Mantinha-se imóvel, ligeiramente arqueado, entre os dois distribuidores automáticos de bilhetes; o sol avermelhava-lhe o fuzil e o capacete.

Chamou-os ao passarem. Indagou-lhes:

— Para onde?

— Essey-les-Nancy - disse Maurice.

— À saída tomem o elétrico à vossa esquerda e desçam na última paragem.

Eles saíram. Era uma praça triste como todas as que ficam diante das estações, com cafés e hotéis. No céu viam-se colunas de fumo.

— É agradável desentorpecer as pernas - observou Dornier com um suspiro.

Maurice ergueu os olhos e sorriu, piscando.

— Aqui não há elétricos - disse Bébert. Uma mulher olhou-os com simpatia:

— Ainda não chegou! Para onde vão?

— Essey-les-Nancy - disse Maurice.

— Um bom quarto de hora. De vinte em vinte minutos passa um elétrico.

— Dá tempo para ir beber qualquer coisa - disse Dornier a Maurice.

Estava fresco, o comboio rodava, o ar vermelho; um frêmito de felicidades percorreu-o, puxou as cobertas. Disse: "Catherine!" Ela não respondeu. Mas uma coisa roçou-lhe no peito e subiu devagar até ao pescoço, um pássaro, depois o pássaro levantou voo e tornou a pousar à sua frente. Era a mão dela, a doce mão perfumada deslizou pelo nariz de Charles, os dedos leves tocaram-lhe nos lábios, fazia cócegas. Pegou na mão

e aproximou-a da boca. Estava morna, passou os dedos pelo punho e sentiu o pulso dela.

Fechou os olhos, beijava a mão magra e o pulso batia-lhe nos dedos como o coração de um passarinho. Ela riu: "Como se fôssemos cegos: precisamos de travar conhecimento com os dedos." Ele estendeu o braço por sua vez, receava magoá-la; tocou no cabo de ferro do espelho e depois nos cabelos sobre a coberta, loiros, com a ponta dos dedos, e depois na fronte e depois numa face, tenra e carnuda como um corpo de mulher e depois uma boca morna aspirou-lhe os dedos, dentes mordiscaram-nos enquanto mil agulhas o picavam dos rins até à nuca; disse: "Catherine!" E pensou: "Estamos a amar." Ela largou a mão e suspirou, Maurice soprou para o seu copo de cerveja e fez saltar a espuma para o soalho, bebeu, ela disse: "Como se chamam esses barcos onde nos deitamos um ao lado do outro?" Maurice lambeu o lábio superior: "Está fresca!" - "Não sei", respondeu Charles, "gôndolas, creio". - "Não, não são gôndolas, mas não faz mal, é como se estivéssemos num desses barcos." Ele tomou-lhe a mão, deslizavam juntinhos ao sabor da corrente, era sua amante, a estrela de cabelos de ouro-pálido, ele era outro homem, protegia-a. Disse-lhe: "Gostaria que o comboio não chegasse nunca." Daniel mordida a caneta, bateram à porta, reteve a respiração, olhava sem ver a folha branca.

"Daniel", disse a voz de Marcelle. Ele não respondeu. Os passos afastaram-se, desciam a escada, os degraus rangiam; sorriu, mergulhou a pena na tinta e escreveu: "Meu caro Mathieu." Uma mão apertada no escuro, um roçar de pena, o rosto de Philippe sai da sombra e vem ao seu encontro, pálido nas trevas do espelho, um balançar de navio, a cerveja gelada faz gluglu na garganta e corta a respiração, o comboio de aço percorre trinta e três metros entre Paris e Ruão, um segundo homem, trimilésimo segundo da vigésima hora do dia 24 de Setembro de 1938. Um segundo perdido atrás de Charles e Catherine no campo quente, entre os carris, abandonado por Maurice na poeira do café sombrio e fresco, nadando na esteira do navio da Companhia Paquet, preso aos borrões de tinta fresca, brilhando e secando nas pernas do M de Mathieu, enquanto a pena raspa o papel e rasga-o, enquanto Daladier, afundado nas almofadas, chupa um cigarro apagado, olhando para os transeuntes. Chateava-se com Londres; voltava obstinadamente os olhos para a porta a fim de não ver o focinho de Bonnet e a fisionomia impenetrável daquele inglês.

Pensava: "Não fazem ideia." Viu uma mulher desgrenhada que ria como uma louca. Contemplava todo o automóvel com um ar inexpressivo, dois ou três gritavam: "Hurra!", mas não tinham noção decididamente, não compreendiam que levava a guerra ou a paz a Downing Street, a guerra ou a paz, cara ou coroa, esse automóvel preto que andava buzinando pela estrada de Londres.

Daniel escrevia. O comandante detivera-se à porta do salão de primeira classe, lia: "Esta noite, às 21 horas, a Orquestra Feminina Baby's dará um concerto sinfónico no salão. Todos os passageiros, sem distinção de classe, são graciosamente convidados." Deu uma cachimbada e pensou: "É magra de mais!" E exatamente nesse momento sentiu um perfume quente, ouviu um ruído de asas, era Maud, ele voltou-se; em Madrid o sol crepuscular dourava a fachada em ruínas da cidade universitária; Maud olhava-o, ele deu um passo, o marroquino deslizava entre as ruínas, o belga visou-o, Maud e o comandante olhavam-se. O marroquino ergueu os olhos e viu o belga; olharam-se e subitamente Maud sorriu e desviou o olhar, o belga puxou o gatilho, o marroquino morreu, o comandante deu um passo em direção a Maud e depois pensou: "É magra de mais!" e parou. "Desgraçado, safado", disse o belga. Contemplava o marroquino morto e dizia: "Desgraçado, safado."

— Então? - disse Gomez. - E Marcelle? Sarah disse-me que tinha acabado.

— Acabou. Casou com Daniel.

— Daniel Sereno? Mas que ideia! Enfim, você libertou-se.

— Libertei-me? De quê?

— Marcelle não lhe convinha - disse Gomez.

— Ora!

As mesas cobertas de toalhas brancas cercavam em semicírculo a pista arenosa e juncada de caruma. O Provençal estava deserto; somente um sujeito comia uma asa de frango bebendo água de Vichy. Os músicos subiram preguiçosamente ao estrado, sentaram-se no meio de um barulho de cadeiras arrastadas e puseram-se a cochichar enquanto afinavam os instrumentos; ainda se distinguia o mar escuro entre os pinheiros. Mathieu estendeu as pernas sob a mesa e bebeu um gole de Porto. Pela primeira vez, desde há oito dias, sentia-se em casa; tinha-se refeito de um golpe, cabia por inteiro naquele estranho lugar, misto de salão e bosque sagrado. Os

pinheiros pareciam de papelão recortado, as lâmpadas pequenas, cor-de-rosa, na doçura da noite natural, deitavam uma luz de alcova nas toalhas, um projetor acendeu-se entre as árvores, e iluminou repentinamente a pista, que se fez branca como se fosse de cimento. Mas havia uma ausência por cima das cabeças, e no céu as estrelas eram vagos bichinhos atarefados; havia aquele cheiro a resina e aquele vento do mar, agitado, inquieto, alma penada, que desfolhava as toalhas e enfiava de repente o focinho frio no pescoço das pessoas.

— Falemos de si - disse Mathieu. Gomez pareceu surpreso:

— E não lhe aconteceu mais nada?

— Nada - disse Mathieu.

— Há dois anos para cá?

— Nada. Encontra-me como me deixou.

— Malditos franceses! - disse Gomez a rir. - São todos eternos.

O saxofonista ria: o violinista falava-lhe ao ouvido. Ruby inclinou-se para Maud, que afinava o seu violino.

— Espreita o velho na segunda fila.

Maud riu: o velho era calvo como um ovo. O seu olhar percorreu o auditório, eram uns quinhentos. Viu Pierre em pé perto da porta e parou de rir. Gomez olhou para o violinista com um ar sombrio, depois deitou um olhar para as cadeiras vazias.

— Como lugar sossegado, não se pode exigir melhor - disse resignado.

— Tem música - observou Mathieu.

— Estou a ver.

Olhou para os músicos com um ar de censura. Maud lia a censura em todos aqueles olhos, sentia o rosto afogueado e como sempre pensava: "Deus meu, para quê, para quê!" Mas France, de pé, esfuziante e tricolor, manifestava a sua felicidade, sorria, marcava o compasso de antemão, segurava o arco, como se fosse um garfo, erguendo o dedo mindinho.

— Tu prometeu-me mulheres - disse Gomez.

— Pois é - disse Mathieu desolado -, não sei o que há: a semana passada a estas horas todas as mesas estavam ocupadas, e por mercadoria de excelente qualidade.

— São os acontecimentos - disse Gomez com voz macia.

— Provavelmente.

“Os acontecimentos; é bem verdade.” Para eles também, lá do outro lado, os “acontecimentos” existem. Batem-se, junto aos Pirenéus, olhos voltados para Valência, Madrid, Tarragona; mas lêem os jornais e pensam em todo esse formigar de homens e armas, atrás deles, e têm as suas opiniões sobre a França, a Checoslováquia, a Alemanha. Agitou-se um pouco na cadeira: um peixe aproximava-se do vidro do aquário e olhava-o com olhos redondos. Ele ofereceu a Gomez um escarniozinho cúmplice e disse sem muita segurança:

— E que as pessoas começam a compreender.

— Não compreendem coisa alguma - disse Gomez. - Um espanhol pode compreender, um checo também, talvez mesmo um alemão, porque estão no negócio. Os franceses não estão; não compreendem nada; têm medo.

Mathieu sentiu-se magoado; disse com vivacidade:

— Não devemos censurá-los. Eu não tenho nada a perder e partir não me aborrece assim tanto; varia. Mas quando se quer realmente alguma coisa, acho que é difícil passar dignamente da paz à guerra.

— Eu fi-lo numa hora - disse Gomez. - Acha que eu não estava preso à minha pintura?

— Você é diferente. - Gomez encolheu os ombros.

— Fala como Sarah.

Calaram-se. Mathieu não tinha muita estima por Gomez. Menos do que por Brunet, menos do que por Daniel. Mas sentia-se culpado aos olhos dele, porque se tratava de um espanhol. Um peixe diante do vidro do aquário. Era francês, desse ponto de vista, francês até à medula. Culpado. Culpado e francês. Tinha vontade de lhe dizer: “Bolas”, eu era intervencionista!” Mas não era esse o problema. O que esperara e desejara pessoalmente não contava. Era francês, nada teria adiantado pretender desligar-se dos demais franceses. Escolhi a não intervenção na Espanha, não mandei armas, fechei a fronteira aos voluntários. Era preciso defender-se com todos, ou deixar-se condenar com todos, com o mordomo e o senhor dispéptico que bebia água de Vichy.

— Que tolice! - disse. - Imaginava que você viria fardado.

Gomez sorriu:

— Fardado? Quer ver-me em uniforme? Tirou do bolso um punhado de fotografias e entregou-as a Mathieu.

— Aí está o homem.
— Era um oficial de aparência dura, nos degraus de uma igreja.
— Não está muito à vontade.
— Era preciso - disse Gomez. Mathieu olhou e riu.
— Sim - disse Gomez -, é uma farsa.
— Não é o que pensava. Eu perguntava a mim mesmo se teria uma cara tão má como a sua, fardado.
— Você é oficial?
— Simples soldado.
Gomez teve um gesto de irritação.
— Todos os franceses são simples soldados.
— Todos os espanhóis são generais - disse Mathieu com vivacidade.
Gomez riu.

— Veja só isto.
Era uma mocinha morena e sombria, muito bonita, Gomez segurava-a pela cintura e sorria com o ar superior que assumia sempre nas fotografias.
— Marte e Vénus - disse.
— Estou a reconhecê-lo - disse Mathieu -, mas escolhe-as muito jovens.

— Quinze anos; mas a guerra amadureceu-as. E eis-me a combater.
Mathieu viu um homenzinho agachado junto de um muro em ruínas.
— Onde?
— Madrid. Na Cidade Universitária. Combate-se amiúde por lá.

“Ele lutou.” Deitou-se realmente atrás desse muro e atiraram sobre ele. Era capitão, naquele tempo. Talvez faltassem as munições e pensasse: “Franceses da merda.” Gomez reclinara-se na cadeira, acabava o seu Porto; pegou na caixa de fósforos com calma, acendeu um cigarro, os seus traços nobres e cómicos jorraram da escuridão e apagaram-se. Bateu-se; não se notava nada nos seus olhos. A noite caía, envolvia-o de doçura, por cima da lâmpada rosada o céu fazia-se azul, a orquestra tocava No te quero mas, o vento agitava a toalha, uma mulher entrou, rica e só, e sentou-se perto, o seu perfume flutuou até onde estavam. Gomez aspirou-o, dilatando o nariz, o seu rosto fez-se duro, virou a cabeça, pesquisando.

— À direita - disse Mathieu.

Gomez fixara nela um olhar de lobo, ficara grave; disse:

— Bela mulher.

— É uma atriz - respondeu Mathieu. - Tem doze trajos de praia.

É um industrial de Lião que a sustenta.

— Hum! - fez Gomez.

Ela devolveu o olhar e desviou os olhos esboçando um sorriso.

— Não vai perder a noite - disse Mathieu.

Ele não respondeu. Pousara o antebraço na toalha, Mathieu olhava para a mão peluda, de anel, que parecia rosada à luz da lâmpada. Ei-lo todo azul, com as suas mãos rosadas, respira esse perfume de loira e chama-a com os olhos. Bateu-se. Atrás dele, na cidade incendiada, turbilhões de poeira vermelha, explosões de foguetes que não brilham sequer no seu olhar. Bateu-se, vai voltar para se bater de novo e aí está, vê essas toalhas brancas que eu vejo. Tentou contemplar os pinheiros, a pista, a mulher com os olhos de Gomez, olhos queimados pelas chamas da guerra, conseguiu-o durante um minuto e, depois, a aspereza inquieta e suntuosa que o tomara esvaiu-se. Bateu-se... como é romanesco! "Eu não sou romanesco", pensou Mathieu. "Não", disse Odette, "dois pratos só, o senhor Mathieu não vem jantar". Aproximou-se da janela, ouvia a música do Provençal, era um tango. Eles escutavam a música; Mathieu pensava: "Está de passagem." O criado serviu-lhes a sopa. "Não", disse Gomez, "nada de sopa". Elas tocavam o Tango do Gato; o violino de France pulava na luz e mergulhava de repente na sombra como um peixe-voador. France sorria, olhos semicerrados, mergulhava com o violino, o arco raspava, o violino miava, Maud ouvia o violino miar ao seu ouvido, ouvia o senhor calvo tossir e Pierre olhava-a, Gomez pôs-se a rir, sem bondade.

— Um tango! - disse. - Um tango! Se os franceses tivessem a ideia de tocar um tango assim num café de Madrid...

— Lançar-lhes-iam tomates?

— Pedras!

— Não gostam de nós?

— Há motivos para isso.

Empurrou a porta: o bar basco estava deserto, Boris entrara uma noite por causa do nome: Bar Basque. Fazia pensar em "barbaque¹⁰" e "barbaque" era uma palavra que não podia pronunciar sem rir. Acontecera que o bar era excelente e Boris voltara todas as noites, enquanto Lola trabalhava. Pelas janelas abertas ouvia-se a música longínqua do Casino; de

uma feita, pensara mesmo reconhecer a voz de Lola, mas o fato não se reproduzira.

— Bom dia, senhor Boris - disse o patrão.

— Bom dia, patrão. Um rum branco, por favor.

Sentia-se eufórico. Ia beber dois runs brancos, fumando o seu cachimbo: depois, lá pelas onze horas, pediria uma sanduíche de mortadela. À meia-noite iria buscar Lola. O patrão inclinou-se e encheu-lhe o copo.

— Não está, o marselhês?

— Não. Tem um banquete profissional.

— Ah!

O marselhês era representante de espartilhos e havia ainda outro tipo, um tipógrafo chamado Charlier. Boris jogava por vezes às cartas com eles ou ficavam os três a falar de política e desportos, ou mesmo calados, uns no balcão, outros nas mesas do fundo. Charlier rompia o silêncio para dizer: "Pois é assim mesmo, não é?", meneava a cabeça e o tempo passava agradavelmente.

— Não há muita gente hoje - disse Boris. O patrão encolheu os ombros.

— Vão-se todas embora. Geralmente abro até ao dia de Todos os Santos - disse, voltando ao balcão. - Mas se continuar assim, fecho a boate no primeiro de Outubro e vou para a minha terra.

Boris parou de beber, impressionado. De qualquer modo o contrato de Lola terminava em Outubro e partiriam. Mas não gostava de pensar que o Bar Basque fechasse tão cedo. O Casino também ia fechar, bem como os hotéis. Biarritz ficaria deserta. Era como quando se pensa na morte; se se tivesse a certeza de que os outros homens, depois de nós, beberiam ainda rum branco, tomariam banhos de mar, ouviriam a música de jazz, sentir-nos-íamos um pouco reconfortados; mas se fosse necessário pensar que toda a gente morreria ao mesmo tempo, e que depois de nós a humanidade fecharia as portas, não seria nada divertido.

— Quando reabrirá? - indagou para se tranquilizar.

— Se houver guerra, não reabrirei.

Boris contou pelos dedos, 26, 27, 28, 29, 30, voltarei cinco vezes ainda e depois nunca mais, nunca mais verei o Bar Basque. Engraçado. Cinco vezes. Beberia ainda cinco vezes runs brancos naquela mesa e depois seria a

guerra, o Bar Basque fecharia e, em Outubro de 1939, Boris seria convocado. Lâmpadas em forma de velas, suspensas de candelabros de carvalho, deitavam uma luz bela nas mesas.

Boris pensou: "Não verei mais esta luz: exatamente esta, cobre sobre preto." Naturalmente veria muitas outras, os foguetes noturnos acima do campo de batalha, dizem que não é nada feio. Mas esta luz apagar-se-ia no dia 1 de Outubro e Boris nunca mais a veria. Considerou com respeito uma mancha de luz estendida na mesa e pensou que fora culpado. Sempre tratara os objetos, garfos, colheres, como se fossem indefinidamente renováveis: era um erro grave; havia um número finito de bares, cinemas, casas, cidades e aldeias e, a cada um, o mesmo indivíduo só podia ir um certo número de vezes.

— Quer que ligue o rádio? - perguntou o patrão.

— Não, obrigado. Estou bem assim.

No momento da sua morte, em 42, teria almoçado 365 x 22, isto é, 8030, contando as refeições da primeira infância. E se se admitisse que tinha comido omeletas à razão de 1 por 10, teria engolido 803 omeletas. "Somente 803?", pensou com espanto. Não, há também os jantares; logo, 16 060 refeições e 1606 omeletas. Como quer que fosse, para um amador não era considerável. E os cafés, continuou. Pode-se contar o número de vezes que irei ainda ao café: admitamos que vá duas vezes por dia e seja chamado daqui a um ano, isso dá 730 vezes. 730!, como é pouco! Ficou impressionado mas não particularmente surpreso, pois sempre soubera que morreria cedo. Dissera a si próprio mais de uma vez que morreria tuberculoso ou assassinado por Lola. Mas no fundo nunca duvidara de que devia perecer na guerra. Trabalhava, preparava a sua licenciatura, mais por passatempo, porém, como as mulheres que frequentam cursos da Sorbona enquanto esperam o casamento. Engraçado, pensou: "Houve épocas em que as pessoas estudavam Direito ou Filosofia com o fim de ter um escritório de notário aos 40 anos ou de se aposentar como professor aos 60. É de perguntar o que podiam ter na cabeça. Gente que tinha à frente de dez a quinze mil noitadas no café, quatro mil omeletas, duas mil noites de amor! E, se deixavam um lugar do seu agrado, podiam dizer, sem receio de errar: voltaremos no próximo ano ou daqui a dez anos. Deviam ter feito tolices, sentenciou com severidade. Não é possível orientar a vida com quarenta anos de antecedência. Ele era mais modesto: arquitetava projetos para dois

anos; depois, tudo estaria acabado. É preciso ser modesto. Um junco deslizou lentamente pelo rio Azul e Boris ficou triste de repente. Não iria nunca à Índia, nem à China, nem ao México, nem mesmo a Berlim, a sua vida era mais modesta do que desejara. Alguns meses na Inglaterra, Laon, Biarritz, Paris - e há quem dê a volta ao mundo! Uma só mulher. Era uma vidinha de nada; já parecia terminada, pois sabia de antemão o que não conteria. É preciso ser modesto. Endireitou-se, bebeu um gole de rum e pensou: "Melhor; assim, não se corre o risco de se esbanjar."

— Outro rum, patrão.

Ergueu a cabeça e observou as lâmpadas elétricas com atenção.

O relógio deu horas à sua frente, em cima do espelho; via neste o seu rosto. Pensou: "São nove e quarenta e cinco"; pensou: "Às dez horas" e chamou a criada.

— A mesma coisa.

A criada saiu e voltou com uma garrafa de conhaque e um pires. Encheu o copo de Philippe e colocou o pires em cima dos outros três. Sorria com ironia, mas Philippe olhou-a nos olhos com lucidez; pegou no copo com mão firme, bebeu um gole e largou-o sem tirar os olhos dos dela.

— Quanto?

— Quer pagar?

— Imediatamente.

— Pois são doze francos.

Deu-lhe quinze. Pensou: "Não devo mais nada a ninguém." E riu um pouco por trás da sua mão. Pensou: "A ninguém!" Viu-se rir no espelho, e isso deu-lhe vontade de rir. Ao soarem as dez horas, levantar-se-ia, arrancaria a sua imagem do espelho e o martírio. Por ora, sentia-se alegre, considerava a situação como um diletante. O café era acolhedor, estava em Cápuia, o banco era mole como um colchão de penas, ele afundava-se nele, uma musicazinha vinha detrás do balcão e também um ruído de talheres que lhe lembravam os sinos das vacas em Seelisberg.

Via-se no espelho, poderia ficar assim uma eternidade a olhar-se e a ouvir a música. Às dez horas. Levantar-se-ia, pegaria na sua imagem com as mãos e arrancá-la-ia do espelho como uma pele morta, como uma belida dos olhos. *Os espelhos operados da catarata...*

Cataratas do dia.

Nos espelhos operados da catarata.

Ou então:

O dia transforma-se em catarata no espelho operado da catarata.

Ou ainda:

Niágara do dia em catarata no espelho operado da catarata.

As palavras caíram em pó e ele agarrou-se ao mármore frio, o vento leva-me, havia aquele gosto a álcool viscoso na garganta. O MÁRTIR. Olhou-se no espelho e pensou que olhava para o mártir; sorriu para si mesmo e saudou-se. Dez menos dez, ah!, pensou com satisfação: "Acho que o tempo custa a passar". Cinco minutos, uma eternidade. Mais duas eternidades sem se mexer, sem pensar, sem sofrer, contemplando o belo rosto abatido do mártir, depois o tempo precipitar-se-á mugindo num táxi, no comboio até Genebra.

Ataraxia.

Niágara do tempo.

Niágara do dia.

Nos espelhos operados da catarata.

Vou-me embora de táxi.

Para Gauburge, para Bibracta.

Da qual basta, da qual ata! da qual catarata.

Riu, parou de rir. olhou à sua volta, o café cheirava a estação, comboio, hospital; tinha ganas de pedir socorro. Sete minutos. Que seria mais revolucionário? Pensou: "Partir ou não partir? Se partir, faço a revolução contra os outros; se não partir, faço-a contra mim, é mais forte. Preparar tudo, roubar, mandar fazer documentos falsos, romper com tudo e com todos e no último momento, pof... já não parto, boa noite! A liberdade ao segundo grau; a liberdade contestando a liberdade." Às dez menos três resolveu jogar cara ou coroa.

Via nitidamente a entrada da Estação de Orsay, deserta e inundada de luzes, e a escadaria que se afundava no solo, no fumo das locomotivas, tinha um gosto a fumo na boca, pegou na moeda de dois francos, coroa vou, lançou-a para o ar, coroa, eu vou! Coroa, eu vou! Pois então vou, disse para a sua imagem. Não porque deteste a guerra, a família, nem mesmo porque tenha resolvido partir: por simples acaso, porque uma moeda caiu de um lado e não do outro.

Admirável, pensou: "Estou na ponta extrema da liberdade." O mártir gratuito; se ela me tivesse visto lançar a moeda para o ar! Um minuto ainda,

joguemos aos dados! Ding, jamais, ding, ding, um golpe, ding, de dados, ding, ding, lerá, ding, o acaso. Ding! Levantou-se, caminhou direito, colocava os pés um após outro na frincha do soalho, sentia o olhar da criada nas suas costas, mas não lhe daria motivos para rir. Ela chamou-o:

— Senhor!

Ele voltou-se, trémulo.

— A sua mala.

“Merda.” Atravessou a sala a correr, apoderou-se da mala e pôs-se a titubear. Alcançou penosamente a porta no meio de gargalhadas, saiu, chamou um táxi. Levava na mão esquerda a mala e, com a direita, apertava a moeda de dois francos. O automóvel parou à sua frente.

— Endereço?

O motorista de bigode ostentava uma verruga na face.

— Rua Pigalle - disse Philippe. - À Cabana Cubana.

— Perdemos a guerra - disse Gomez.

Mathieu sabia-o mas pensava que Gomez não o sabia ainda: a orquestra tocava I'm looking for Sallie, os pratos brilhavam sob a lâmpada, e a luz dos projetores caía na pista como um luar monstruoso, um luar-reclamo para Honolulu. Gomez estava sentado, o luar jazia à sua direita, à sua esquerda uma mulher sorria discretamente; ele ia voltar a Espanha e sabia que os republicanos tinham perdido a guerra.

— Vocês não podem ter a certeza disso. Ninguém pode ter a certeza.

— Sim - disse Gomez -, estamos convencidos disso.

Não parecia triste: verificava-o, eis tudo. Olhava Mathieu com um ar calmo, de libertação:

— Todos os meus soldados têm a certeza de que a guerra está perdida.

— Mesmo assim lutam?

— Que quer que eles façam?

Mathieu encolheu os ombros.

— Evidentemente.

Pego no meu copo, bebo dois goles de Cbâtean-Margaux, dizem-me eles: "Eles lutam até ao último homem, não podem fazer outra coisa." Eu bebo um gole de Cbâteau-Margaux, encolho os ombros, digo: "Evidentemente. Patife!"

— Que é isso? - indagou Gomez.

— Os filetes à Rossini - respondeu o mordomo.

— Ah!, sim, nada mau.

Os filetes estão na mesa: um para ele, outro para mim. Tem o direito de saborear o dele, tem o direito de o mastigar com os seus belos dentes brancos, tem o direito de olhar para a mulher à sua esquerda e de pensar: bela mulher! Eu não. Se como, uns quantos espanhóis mortos saltam-me à garganta. Não paguei.

— Beba! - disse Gomez. - Beba!

Pegou na garrafa e encheu o copo de Mathieu.

— Você é que manda - disse Mathieu com um risinho.

Pegou no copo e esvaziou-o. O filete encontrou-se repentinamente no seu prato. Pegou no garfo e na faca:

— Se é a Espanha quem manda - murmurou.

Gomez não pareceu ouvi-lo. Enchera bem o copo. Bebeu e sorriu:

— Hoje, filetes; amanhã, grão-de-bico. É a última noite que passo em França. E terá sido o único bom jantar.

— Como? - disse Mathieu. - E em Marselha?

— Sarah é vegetariana.

Olhava para a frente, era simpático. Disse:

— Quando obtive esta licença, há três semanas que Barcelona estava sem fumo. Isto não lhe diz nada? Toda uma cidade que não deita fumo?

Voltou os olhos para Mathieu e subitamente pareceu vê-lo; o seu olhar assumiu um aspecto próprio bem desagradável:

— Vocês verão tudo isso - disse.

— Não é verdade! - disse Mathieu. - A guerra ainda pode ser evitada.

— Naturalmente! A guerra sempre pode ser evitada. Esboçou uma gargalhada e acrescentou:

— Bastaria abandonar os Checos.

"Não, meu caro", pensou Mathieu, "não. Os Espanhóis podem dar-me lições sobre a Espanha, é o seu setor. Mas para lições checoslovacas exijo a presença de um checo".

— Francamente, Gomez - disse Mathieu -, devem auxiliá-los? Não há muito, os comunistas reclamavam autonomia para os Sudetas.

— Deve-se auxiliá-los? - atalhou Gomez imitando Mathieu.

— Devia auxiliar-nos? Devia-se auxiliar os Austríacos? E vocês? Quem os auxiliará quando chegar a vossa vez?

— Não se trata de nós - disse Mathieu.

— Trata-se de vocês. De quem se trataria senão de vocês?

— Gomez - disse Mathieu -, coma o seu filete. Compreendo que você nos deteste. Mas afinal é a sua última noite, a carne arrefece no seu prato, uma mulher sorri para si, e, afinal de contas, eu era intervencionista.

Gomez acalmara-se:

— Eu sei, eu sei - disse sorrindo.

— E depois - continuou Mathieu - na Espanha a situação era clara. Mas quando me fala na Checoslováquia, já não o acompanho, porque vejo a coisa com menos nitidez. Há uma questão de direito que não consigo deslindar; sim, porque, afinal, e se os alemães dos Sudetas não querem ser checos?

— Deixe essas questões de direito - disse Gomez, encolhendo os ombros. - Estão a procurar uma razão para brigar? Há uma só; se não o fizerem ficarão fritos. O que Hitler quer não é Praga, nem Viena, nem Dantzig: é a Europa.

Daladier olhou para Chamberlain, olhou para Halifax e depois desviou os olhos para um relógio dourado em cima de uma mísula; os ponteiros marcavam dez e trinta e cinco, o táxi deteve-se em frente da Cabana Cubana. Georges virou-se de costas e gemeu um pouco, os roncos do vizinho impediam-no de dormir.

— Não posso senão repetir o que já disse - observou Daladier. - O Governo francês assumiu compromissos com a Checoslováquia. Se o Governo de Praga continuar a recusar as propostas alemães e se, em consequência dessa recusa, for vítima de uma agressão, o Governo francês ver-se-á na obrigação de agir.

Tossiu, olhou para Chamberlain e esperou.

— Sim - disse Chamberlain. - Sim, evidentemente.

Pareceu disposto a acrescentar algumas palavras, mas as palavras não lhe ocorreram. Daladier esperava, fazendo círculos no tapete com a ponta do pé. Acabou erguendo a cabeça e perguntando com voz cansada:

— Qual seria, nessa eventualidade, a posição do Governo britânico?

France, Maud, Doucette e Ruby levantaram-se e agradeceram. Ouviram-se aplausos fracos nas primeiras filas e o público dispersou no meio de um arrastar de cadeiras. Maud procurou Pierre com os olhos, mas ele desaparecera. France voltou-se para ela, tinha o rosto abrasado e sorria.

— Uma boa festa - disse -, realmente uma linda noite.

A guerra estava ali na pista branca, era o brilho morto do luar artificial, a falsa acidez do clarinete e aquele frio sobre a toalha, era o cheiro do vinho tinto, e aquela velhice secreta, dos traços de Gomez. A guerra; a morte; a derrota. Daladier fixava Chamberlain, lia a guerra nos olhos dele. Halifax fixava Bonnet, Bonnet fixava Daladier; calavam-se e Mathieu via a guerra no seu rosto, no molho escuro e mosqueado do filete.

— E se nós também perdêssemos a guerra?

— Então a Europa seria fascistizada - disse Gomez com displicência. - Não é uma má preparação para o comunismo.

— Que será de si, Gomez?

— Penso que os tipos me matarão nalgum quarto de hotel ou então irei passar fome nos Estados Unidos. Que importa? Terei vivido.

Mathieu contemplou Gomez com curiosidade:

— E não lamentará nada?

— Nada.

— Nem a pintura?

— Nem a pintura.

Mathieu meneou a cabeça. Gostava dos quadros de Gomez.

— Não poderei pintar. Nunca mais.

— Porquê?

— Não sei. É uma coisa física. Perdi a paciência: seria chato.

— Mas na guerra também é preciso ser paciente.

— Não é a mesma paciência.

Calaram-se. O chefe de mesa trouxe crepes num prato de estanho, regou-os com rum e Calvados e acendeu o fósforo para inflamar o molho. Um espectro de chamas flutuou por um instante no ar.

— Gomez - disse repentinamente Mathieu -, você é forte; sabe por que se bate?

— Quer dizer que você não sabe?

— Sim. Acho que sei. Mas não pensava em mim. Há tipos que possuem a vida, Gomez. E ninguém faz nada por eles. Ninguém. Nenhum governo, nenhum regime. Se o fascismo substituísse a República, neste país, eles nem sequer perceberiam. Por exemplo, um pastor das Cévennes. Imagina que ele sabe por que se bate?

— No meu país, são os pastores os mais resolutos.

— Por que se batem?

— Depende. Conheci alguns que se batiam para aprender a ler.

— Em França todos sabem ler - disse Mathieu. - Se eu encontrasse no meu regimento um pastor das Cévennes e o visse morrer a meu lado para defender a minha República e as minhas liberdades, juro que não me sentiria nada orgulhoso. Gomez, não se envergonha, por vezes, desses indivíduos todos que morreram por si?

— Isso não me perturba. Arrisco a pele como eles.

— Os generais morrem na cama.

— Não fui sempre general.

— De modo nenhum é a mesma coisa.

— Não tenho piedade deles - disse Gomez.

Estendeu a mão por cima da toalha e apertou o antebraço de Mathieu:

— Mathieu - disse em voz baixa e compassada -, a guerra é bela.

O seu rosto resplandecia. Mathieu tentou libertar-se, mas Gomez apertou-lhe mais o braço e acrescentou:

— Gosto da guerra.

Não havia mais nada a dizer. Mathieu sorriu embaraçado. Gomez largou-o.

— Você impressionou fortemente a vizinha - disse Mathieu.

Gomez deu uma olhadela para a esquerda por entre os seus belos cílios.

— Sim? Convém malhar o ferro enquanto está quente. Esta pista é para dançar?

— Certamente.

Gomez levantou-se, abotoando o casaco. Dirigiu-se para o lado da atriz e Mathieu viu-o curvar-se diante dela. Ela reclinou-se para trás e olhou-o com um sorriso cordial, depois afastaram-se dançando. Dançavam; ela não cheirava a negra, devia ser da Martinica. Philippe pensava: "Martiniquense", e foi a palavra "malabarina" que lhe veio aos lábios. Murmurou:

— Minha bela malabarina.

Ela respondeu:

— Dança bem.

Havia na sua voz uma musiquinha de pífaro, não era desagradável.

— Fala muito bem o francês - disse ele. Ela olhou-o indignada:

— Nasci em França.

— Não faz mal. Fala muito bem francês, mesmo assim.

Pensou: "Estou embriagado" e riu. Ela disse-lhe, sem raiva:

— Está completamente bêbado.

— Sim...

Não sentia mais o cansaço, teria dançado até ao amanhecer mas resolveu dormir com a negra, era mais sério. O que havia de mais gostoso na embriaguez era aquele poder que ela lhe outorgava sobre os objetos. Não era necessário tocar neles, um simples olhar bastava para que os possuísse; possuía aquela fronte, aqueles cabelos negros, acariciava os olhos naquele rosto liso. Além, tudo era vago, brumoso; havia um homem gordo bebendo champanhe e pessoas, que, espojando-se umas nas outras, não distinguia muito bem. A dança terminara; foram sentar-se.

— Como dança bem - disse ela. - Bonito como é, deve ter tido mulheres.

— Sou virgem! - disse Philippe.

— Mentiroso!

Ele ergueu a mão:

— Juro que sou virgem. Juro-o sobre a cabeça de minha mãe.

— Ah! - disse ela -, então as mulheres não lhe interessam.

— Não sei. Há que ver.

Olhou-a, possuía-a com os olhos, fez uma careta e disse:

— Conto contigo.

Ela soprou-lhe o fumo do cigarro para o rosto:

— Verás o que sei fazer.

Ele agarrou-a pelos cabelos e puxou-a para si; de perto ela cheirava um pouco a gordura. Beijou-a ao de leve nos lábios. Ela disse:

— Virgem! Vou ganhar o grande prémio.

— Ganhar? Perde-se sempre.

Não a desejava absolutamente nada. Mas estava contente porque ela era bonita e não o intimidava. Sentia-se completamente à vontade e pensou: "Sei falar com as mulheres." Largou-a, ela endireitou-se; a mala de Philippe caíra no chão.

— Cuidado! - disse ele -, estás bêbada.

Ela levantou a mala:

— Que há aí dentro?

— Não lhe toques: é uma mala diplomática.

— Quero saber o que tem dentro - disse ela, fazendo-se de criança. - Queridinho, diz-me o que tem dentro.

Ele quis arrancar-lhe a mala, mas ela já a tinha aberto e visto um pijama e uma escova de dentes.

— Um livro! - disse, descobrindo o Rimbaud. - Que livro é?

— E um livro de um tipo que se foi embora.

— Para onde?

— Que te interessa? Foi-se embora.

Pegou no livro e tornou a pô-lo na mala.

— É de um poeta - disse com ironia. - Compreendes melhor assim?

— Claro. Porque não disseste logo?

Ele tornou a fechar a mala, pensou: "Não parti", e a sua embriaguez dissipou-se. "Porquê? Porque não parti?" Agora distinguia bem o senhor gordo; não era assim tão gordo e tinha olhos intimidantes. Os cachos humanos desfizeram-se sozinhos, havia mulheres pretas e brancas, homens também. Teve a impressão de que o examinavam com insistência. "Porque é que estou aqui? Como é que entrei? Porque não parti?" Havia um buraco na sua memória: jogara uma moeda ao ar, chamara um táxi e pronto: agora estava sentado àquela mesa, diante de uma taça de champanhe com aquela negra que cheirava a cola de peixe.

Ele olhava para o Philippe que lançara a moeda, tentava decifrá-lo, pensava: "Sou um outro. Não me conheço." Voltou-se para a negra:

— Porque estás a olhar para mim? - disse ela.

— Por nada.

— Achas-me bela?

— Assim-assim.

Ela pigarreou e os seus olhos faiscaram. Levantou o traseiro a algumas polegadas do assento, apoiando as mãos na mesa.

Se me achas feia, posso ir-me embora: não somos casados. Ele tirou do bolso três notas de mil francos amarrotadas.

— Toma - disse. - E fica.

Ela pegou nas notas, desamarrotou-as, alisou-as e tornou a sentar-se, rindo:

— Um menino mau, eis o que tu é.

Um abismo de vergonha abriu-se a seus pés; era só deixar-se cair. Esbofeteado, batido, expulso, nem sequer se tinha ido embora. Debruçava-se sobre o buraco e sentia vertigens. A vergonha esperava-o no fundo; bastava-lhe escolher a vergonha.

Fechou os olhos e todo o cansaço do dia se refletia nele. A fadiga, a vergonha, a morte. Escolher a vergonha. Porque não parti? Porque escolhi não partir? Parecia-lhe que carregava o mundo aos ombros.

— Tu não falas muito - disse ela. Ele pôs-lhe o dedo sob o queixo.

— Como te chamas?

— Flossie.

— Não é um nome malabarino.

— Já te disse que nasci em França - disse ela irritada.

— Pois bem, Flossie, já te passei três mil. Não há-de querer que converse ainda por cima.

Ela encolheu os ombros e virou a cabeça. O abismo sombrio continuava a seus pés com a vergonha no fundo. Ele olhava-a, debruçava-se em cima dele e de repente entendeu, a angústia torceu-lhe o coração: é uma armadilha, se cair nela não poderei suportar-me mais. Nunca mais. Endireitou-se, pensou com força: "Foi porque estava embriagado que não parti." E o abismo fechou-se: escolhera. "Foi porque estava embriagado que não parti." Roçara na vergonha; tivera muito medo; agora escolhera não passar mais pela vergonha. Nunca mais.

— Devia tomar o comboio, mas estava bêbedo demais.

— Partirás amanhã - disse ela gentilmente.

Ele fremiu:

— Porque dizes isso?

— Pois quando se perde um comboio toma-se o seguinte - disse ela, espantada.

— Já não parto - atalhou ele, franzindo as sobrancelhas. - Mudei de ideias.

— Sabes o que significa um sinal?

— Um sinal?

— O mundo está cheio de sinais. Tudo é sinal. É preciso saber decifrá-los. Devias partir, mas embriagas-te, já não partes; porque não partiste? É que não devias partir. Eis um sinal. Tinhas uma coisa mais importante para fazer aqui.

Ela sacudiu a cabeça.

— É verdade. É verdade o que estás a dizer. Coisa mais importante a fazer.

A multidão na Bastilha, lá é que é preciso falar. In loco. Dilacerar-se se necessário. Orfeu. *Abaixo a guerra!* Quem poderá dizer que sou um covarde? Verterei o meu sangue por todos eles, por Maurice e Zézette, por Pitteaux, pelo general, por todos esses homens cujas unhas vão dilacerar. Voltou-se para a negra e olhou-a com ternura: uma noite, uma última noite. A minha primeira noite de amor. A minha última noite.

— Tu és linda, Flossie. Ela sorriu:

— Poderias ser gentil, se quisesses.

— Vem dançar. Serei gentil até o galo cantar.

Dançavam. Mathieu contemplava Gomez; pensava: "A sua última noite" e sorria. A negra gostava de dançar, fechava os olhos, Philippe dançava, pensava: "A minha última noite, minha primeira noite de amor." Não sentia já vergonha; estava cansado, fazia calor; amanhã verterei o meu sangue pela paz. Mas a alvorada ainda estava longe.

Dançava, sentia-se confortável, e justificado; achou-se romanesco. As luzes deslizaram ao longo do vagão; o comboio reduziu a velocidade, guinchos e sacudidelas, parou, a luz invadiu tudo. Charles piscou os olhos e largou a mão de Catherine.

— Laroche-Migennes - gritou a enfermeira. - Chegámos.

— Laroche-Migennes? - disse Charles. - Mas não passámos por Paris.

— Desviaram-nos - observou Catherine.

— Juntai as vossas coisas - gritou a enfermeira -, vão descê-los.

Blanchard acordara sobressaltado:

— O quê? O quê? Onde é que estamos?

Ninguém respondeu. A enfermeira explicava:

— Retomaremos o comboio amanhã. Passamos a noite aqui.

— Doem-me os olhos - disse Catherine a rir -, é essa luz.

Ele virou-se para o lado dela, ela ria protegendo a vista com a mão.

— Juntai as vossas coisas - gritava a enfermeira. - Juntai as vossas coisas.

Inclinou-se sobre um homem calvo, cujo crânio brilhava:

— Acabou?

— Um minuto, que diabo! - respondeu ele.

— Depressa, os carregadores estão a chegar.

— Pronto, pode tirar, cortou-me a vontade.

Ela levantou-se, levava a bacia com os braços estendidos; passou por cima dos corpos e dirigiu-se para a porta.

— Podemos dormir sossegados - disse Charles. - São talvez uma dúzia e têm vinte vagões. Até chegarem aqui...

— A menos que comecem pela cauda.

Charles pôs o antebraço diante dos olhos:

— Onde nos irão enfiar? Nas salas de espera?

— Acho que sim.

— Chateia-me um pouco deixar o vagão, já arranjava o meu canto. E você?

— Eu, desde que esteja consigo...

— Ei-los - gritou Blanchard.

Alguns homens entraram no vagão. Eram pretos porque voltavam as costas para a luz. As suas sombras recortaram-se na parede; dir-se-ia que entravam aos pares. Fizera-se silêncio.

Catherine disse em voz baixa:

— Tinha-lhe dito que começariam por nós. - Charles não respondeu.

Viu dois homens curvarem-se sobre um doente e sentiu um nó no peito. Jacques dormia, o seu nariz cantava; ela não podia dormir; enquanto ele não voltasse ela não poderia dormir. Exatamente diante dos pés, Charles viu uma sombra enorme que se dobrava em duas, levavam o companheiro, seria a sua vez depois, a noite, o fumo, o balanço, a gare deserta, tinha medo. Havia uma réstia de luz sob a porta, ela ouviu barulho no andar térreo, ele chegara. Reconheceu o passo na escada e a calma invadiu-a; está aqui, em nossa casa, comigo. Mais uma noite. A última. Mathieu abriu a porta, fechou-a novamente; abriu as janelas e fechou as persianas ela ouviu o ruído da água a correr. Vai dormir. Do outro lado desta parede, em casa.

— É a minha vez - disse Charles. - Peça-lhes que a levem a seguir.

Apertou-lhe fortemente a mão enquanto dois homens se debruçavam e ele recebia em cheio, no rosto, um hálito de vinho.

— Ha! - fez o tipo atrás dele.

De repente teve medo e manobrou o espelho enquanto o erguiam; queria ver se ela o seguia, mas só pôde perceber os ombros do carregador e a sua cara de ave noturna.

— Catherine - gritou.

Não obteve resposta. Balançava-se acima da soleira, o tipo dava ordens atrás dele, as suas pernas baixaram, pensou que ia cair.

— Devagar! - disse. - Devagar!

Mas já via as estrelas no céu escuro, fazia frio.

— Ela vem aí? - indagou.

— Ela quem? -, perguntou o tipo de cara de ave noturna.

— A minha vizinha. É uma amiga.

— Passaremos as mulheres depois - disse o tipo. - Não vão para o mesmo local.

Charles começou a tremer.

— Pensei...

— Você também não queria que elas urinassem à sua frente!

— Pensei..., pensei - disse Charles.

Passou a mão pela fronte e subitamente pôs-se a gritar:

— Catherine! Catherine! Catherine!

Balançava nos braços deles, via as estrelas, uma lâmpada jorrava-lhe nos olhos, e de novo as estrelas, e de novo a lâmpada, e ele gritava:

— Catherine! Catherine!

— Está louco, esse camarada - disse o carregador. - Não vai calar a boca, desgraçado?

— Nem mesmo o apelido dela eu sei - disse Charles, com a voz estrangulada. - Vou perdê-la para sempre.

Depuseram-no no chão, abriram uma porta, ergueram-no de novo, ele viu um teto amarelo e sinistro, ouviu a porta fechar-se, estava preso na armadilha.

— Safados! - gritou, enquanto o largavam no chão. - Safados!

— Eh! Devagar! - disse o tipo com cara de ave noturna.

— Deixa - observou o outro -, estás a ver que o miolo não funciona.

Ouviu os passos afastarem-se, a porta reabriu-se e tornou a fechar-se.

“Como o mundo é pequeno”, disse a voz de Blanchard. No mesmo instante Charles recebeu um jato de água na cara. Mas não disse nada, ficou imóvel como um morto e fixava o teto com os olhos bem abertos, enquanto a água lhe escorria pelas orelhas e pelo pescoço. Ela não queria dormir, permanecia imóvel, de costas, no quarto sombrio; ele vai deitar-se logo, logo estará a dormir e eu acordada. É forte, é puro, soube esta manhã

que partia para a guerra e nem sequer piscou os olhos. Mas agora está desarmado; vai dormir, é a sua última noite. "Ah!", pensou, "como é romanesco!"

Era um quarto perfumado e morno, com luzes acetinadas e flores por toda a parte.

— Entre - disse ela.

Gomez entrou. Olhou à sua volta, viu uma boneca sobre o sofá e pensou em Teruel. Dormira num quarto igualzinho, com candeeiros, bonecas e flores, mas sem perfume e sem teto: havia um buraco no centro do soalho.

— Porque sorri?

— É encantador aqui.

Ela aproximou-se:

— Se o quarto lhe agrada pode voltar sempre que lhe apetecer.

— Parto amanhã - disse Gomez.

— Amanhã? Para onde?

Ela olhava-o com os seus belos olhos inexpressivos.

— Para Espanha.

— Para Espanha? Mas então...

— Sim. Sou soldado em licença.

— De que lado está?

— De que lado quer que esteja?

— De Franco?

— Ora!

Ela pôs-lhe os braços em volta do pescoço:

— Meu belo soldado!

Tinha um hálito delicioso; ele beijou-a.

— Uma única noite - disse ela. - Não é muito. Por uma vez encontro o homem que me agrada!

— Voltarei - disse ele. - Quando Franco tiver ganho a guerra...

Ela beijou-o ainda, e desenhava-se docemente:

— Espere-me. Há gin e uísque no aparador.

Abriu a porta da casa de banho e desapareceu. Gomez foi até ao aparador e encheu um copo de gin. Os camiões rodavam, as vidraças tremiam, Sarah, sobressaltada, sentou-se na cama.

"Mas quantos!", pensou. "Nunca mais acabam!" Pesados camiões passavam, já camuflados, com toldos cinzentos, riscados de verde e castanho; deviam estar repletos de homens e de armas. Ela pensou: "É a guerra", e pôs-se a chorar. Catherine! Catherine! Durante dois anos conservara os olhos secos; e quando Gomez subira para o comboio, não tivera uma lágrima. Agora as lágrimas corriam. Catherine! Os soluços soergueram-na, caiu sobre o travesseiro, chorava mordendo-o, para não despertar o menino. Gomez bebeu um gole de gim e achou-o bom. Deu alguns passos no quarto e sentou-se no sofá.

Com uma das mãos segurava o copo, com a outra agarrou a boneca pelo pescoço e instalou-a sobre o joelho. Ouvia correr a água na banheira, uma doçura conhecida subia-lhe ao longo das costelas, como duas mãos sedosas. Estava feliz. Bebeu, pensou: "Sou forte." Os camiões rodavam, as janelas tremiam, a água da torneira corria, Gomez pensava: "Sou forte, gosto da vida, e arrisco a vida, espero a morte amanhã, daqui a pouco, e não a receio, gosto do luxo, e vou encontrar de novo a miséria e a fome, sei o que quero, sei por que me bato, mando e obedecem-me, renunciei a tudo, à pintura, à glória, e sou feliz." Pensou em Mathieu: "Não gostaria de estar na pele dele!" Ela abriu a porta, estava nua sob o roupão cor-de-rosa.

Disse-lhe:

— Aqui estou.

— Oh!, merda - disse ela -, oh!, merda!

Passara uma meia hora na banheira a lavar-se, a perfumar-se, porque os brancos nem sempre gostavam do seu cheiro, viera para junto dele, sorridente, de braços abertos e ele dormia, nu, na cama, a cabeça enfiada no travesseiro. Agarrou-o pelos ombros e sacudiu-o furiosamente:

— Vais acordar, palerminha, vais acordar!

Ele abriu os olhos e olhou-a com os seus olhos vagos. Pousou o copo no aparador, a boneca no sofá, levantou-se sem pressa e tomou-a nos braços. Estava feliz.

— Podes ler isto? - indagou Gros-Louis. O empregado empurrou-o.

— E a terceira vez que perguntas. Já te disse que vais para Montpellier.

— E onde é o comboio para Montpellier?

— Parte às quatro horas da manhã; ainda não está formado.

Gros-Louis encarou-o inquieto:

— Então? O que e que eu devo fazer?

— Enfia-te na sala de espera e dorme uma soneca até às quatro horas. Já tens bilhete?

— Não - disse Gros-Louis.

— Vai buscá-lo, então. Não, por aí não. Ah!, que pedaço de asno, naquele postigo, palerma.

Gros-Louis dirigiu-se ao guichê. Um empregado de óculos dormitava atrás do vidro.

— Eh! - disse Gros-Louis. O empregado sobressaltou-se.

— Vou para Montpellier - disse Gros-Louis.

— Montpellier?

O empregado parecia espantado; sem dúvida não estava bem acordado. Uma suspeita, entretanto, passou pela cabeça de Gros-Louis.

— Mostrou a caderneta militar.

— Montpellier - disse o empregado. - Um quarto de passagem, são quinze francos.

Gros-Louis estendeu-lhe os cem francos da mulher.

— E agora - disse. - Que é que eu faço?

— Vai para a sala de espera.

— A que horas sai o comboio?

— Quatro. Não sabe ler?

— Não - disse Gros-Louis.

Hesitava. Perguntou:

— É verdade que vai haver guerra?

O empregado encolheu os ombros.

— Que quer que eu saiba? Não está escrito no horário, pois não?

Levantou-se, foi até ao fundo do hall. Fingiu consultar papéis, mas ao fim de um momento sentou-se de novo, apoiou a cabeça nas mãos e voltou a dormir. Gros-Louis olhou à sua volta. Desejaria encontrar um camarada que o informasse acerca dessas histórias da guerra, mas o hall estava deserto. "Bom, vou para a sala de espera." Atravessou o hall arrastando os pés: tinha sono e as coxas doíam-lhe.

— Deixa-me dormir - gemeu Philippe.

— Uma ova! - disse Flossie. - Virgem! Tens de aguentar vais dar-me sorte.

Ele empurrou a porta e entrou na sala. Havia uma quantidade de gente a dormir nos bancos e muitas malas e embrulhos no chão. A luz era

triste; uma porta envidraçada abriu-se lá ao fundo, para a escuridão. Aproximou-se de um banco e sentou-se entre duas mulheres. Uma delas suava e dormia de boca aberta. O suor corria-lhe pelo rosto desenhando riscos cor-de-rosa. A outra abriu os olhos e olhou para ele.

— Fui chamado - explicou Gros-Louis. - Preciso de ir a Montpellier.

A mulher afastou-se e deitou-lhe um olhar de censura. Gros-Louis pensou que ela não gostava de soldados, mas mesmo assim perguntou-lhe:

— É verdade que vai haver guerra?

Ela não respondeu. Reclinara a cabeça e tornara a dormir. Gros-Louis tinha receio de dormir. Disse: "Se dormir, não acordarei." Estendeu as pernas; comeria alguma coisa, pão com salame, por exemplo, ainda tinha dinheiro, mas era noite, estava tudo fechado. Disse: "Com quem é que estamos em guerra?" Devia ser com os Alemães. Talvez por causa da Alsácia-Lorena. Havia um jornal a seus pés, no chão, pegou nele, depois pensou na mulher que lhe tinha ligado a cabeça, e disse: "Não deveria ter partido. Sim, mas para onde iria? Já não tenho dinheiro. Na caserna vão-me dar de comer." Não gostava, porém, de casernas, nem de salas de espera.

Subitamente, sentiu-se triste e vazio. Tinham-no embebedado e batido, e agora mandavam-no para Montpellier. Disse: "Bolas!, já não percebo nada. É porque não sei ler." Toda aquela gente que dormia sabia mais do que ele; tinham lido o jornal, sabiam porque ia haver guerra. E ele estava sozinho dentro da noite, sozinho, miserável, não sabia nada, não percebia nada, era como se fosse morrer. Estava ali escrito. Tinham escrito tudo: a guerra, a previsão do tempo, o preço das coisas, o horário dos comboios. Abriu o jornal e olhou. Viu milhares de manchinhas pretas, assemelhavam-se aos rolos de realejos, com aqueles furos no papel, que fazem barulho quando se dá à manivela. Quando se olha durante muito tempo faz tonturas. Também possuía uma fotografia: um tipo bem vestido e bem penteado a rir. Deixou cair o jornal e pôs-se a chorar.

Segunda-Feira, 26 de Setembro

Dezasseis horas e trinta. Toda a gente olha para o céu, eu olho para o céu. Dumur diz: "Não estão atrasados." Já preparou a kodak, contempla o céu, faz uma careta por causa do sol. O avião é ora escuro, ora brilhante, cresce, mas o ruído continua idêntico, um belo ruído que dá prazer. Eu digo: "Não empurrem." Estão aí todos, atrás de mim, a empurrarem-se.

Volto-me: inclinam a cabeça para trás, fazem caretas, são verdes ao sol e os seus corpos têm movimentos vagos como os das rãs decapitadas. Dumur diz: "Um dia estaremos assim de nariz para o ar, num campo; só que estaremos vestidos de caqui e o avião será um Messerschmidt." Eu digo: "Não vai ser amanhã, com todos esses maricas." O avião traça círculos no céu, desce, desce, toca o solo, salta, corre na erva, pára.

Corremos para o avião, somos cinquenta, Sarraut corre à nossa frente, curvado, há uma dúzia, de tipos de chapéu de coco que correm no relvado torcendo os pés, toda a gente se imobiliza, o avião está parado, olhamo-lo em silêncio, a porta continua fechada, dir-se-ia que estão todos mortos lá dentro. Um homem vestido de azul chega com uma escada e encosta-a à carlinga do avião, a porta abre-se, um tipo desce, depois outro, e, por fim, Daladier. Na minha cabeça sinto o coração a bater. Daladier ergue os ombros e baixa a cabeça.

Sarraut aproxima-se e diz:

— Então?

Daladier tira a mão do bolso e faz um gesto vago. Anda depressa, cabeça baixa, a malta corre atrás dele e cerca-o. Não me mexo, sei que não dirá nada. O general Gamelin salta do avião. É vivo, calça lindas botas e tem uma cara de buldogue. Olha para a frente com um ar de juventude e energia.

— Então? - indaga Sarraut. - Então, general, é a guerra?

— Será o que Deus quiser.

Sinto a boca seca, rebento! Grito para Dumur: "Vou-me embora, tira as fotografias sozinho." Corro até à saída, corro pela estrada, tomo um táxi, berro: "Para o Humánité." O motorista sorri, eu sorrio, ele diz:

— Então, camarada?

Respondo:

— Já está! Desta vez não escapam; não puderam recuar.

O táxi anda a toda a velocidade, olho para as casas e pessoas. Estas não sabem nada, não prestam atenção ao táxi e o táxi anda no meio delas, levando alguém que sabe. Ponho a cabeça para fora, tenho ganas de lhes gritar que a coisa aconteceu. Salto do táxi, pago, subo a escada a correr. Estão todos presentes: Dupré, Charvel, Renard, Chabot. Em mangas de camisa. Renard fuma, Charvel escreve, Dupré está à janela.

Olham-me com espanto. Digo-lhes:

— Venham, desçam comigo, a rodada é minha. Continuam a olhar para mim; Charvel levanta a cabeça e fixa o olhar em mim.

Digo:

— Pronto! Desta vez é a guerra! Desçam, é a minha rodada!

— O seu chapéu é lindo - disse a patroa.

— Não é? - disse Flossie. Ela vê-se ao espelho ali e diz com satisfação:

— Tem plumas.

— Tem mesmo! - disse a patroa. - Há alguém no seu quarto, Madeleine não pôde fazer a cama.

— Eu sei. Não faz mal. Eu mesma a farei.

Subiu a escada e empurrou a porta do quarto. As persianas estavam fechadas, o quarto cheirava a noite. Flossie fechou a porta devagar e foi bater na 15.

— Quem é? - perguntou a voz rouca de Zou.

— É Flossie.

Zou veio abrir, estava em trajes menores.

— Entra depressa.

Flossie entrou. Zou pôs os cabelos para trás, colocou-se no meio do quarto e esforçou-se por enfiar os seios pesados dentro do soutien. Flossie pensou que ela deveria rapar as axilas.

— Só agora é que te levantas?

— Deitei-me às seis. Que é que há?

— Vem ver o meu rapazinho.

— Que história é essa?

— Vem ver o meu rapazinho.

Zou enfiou um roupão e acompanhou-a. Flossie fê-la entrar no quarto, pondo um dedo nos lábios.

— Não se vê nada - disse Zou.

Flossie empurrou-a para a cama e cochichou:

— Olha.

Inclinara-se e Zou pôs-se a rir silenciosamente.

— Merda! - disse. - Merda! E uma criança!

— Chama-se Philippe.

— Como é bonito!

Philippe dormia de costas; parecia um anjo. Flossie contemplou-o num misto de encantamento e rancor.

— É mais loiro que eu - disse Zou.

— É virgem - disse Flossie.

Zou fixou-a, sorrindo maliciosamente:

— Era.

— O quê?

— Tu dizes: é virgem. Eu digo: era virgem.

— Pois olha, sabes, acho que continua a sê-lo.

— Não me digas!

— Está a dormir assim desde as duas da manhã.

Philippe abriu os olhos, olhou para as mulheres que se debruçavam sobre ele, disse "hum!", e virou-se de barriga para baixo.

— Olha! - disse Flossie.

Puxou as cobertas; o corpo surgiu, branco e nu. Zou arregalou os olhos:

— Miam, miam! - fez ela. - Cobre já isso, senão faço disparates.

Flossie passou ao de leve a mão sobre as ancas estreitas do rapaz, sobre as nádegas esguias, depois endireitou as cobertas.

— Um Noilly-cassis - pediu Birnenschatz. Deixou-se cair para o banco e enxugou a testa. Pelos espelhos da porta podia vigiar a entrada do escritório.

— Que é que quer? - perguntou a Neu.

— A mesma coisa.

O criado afastou-se, Neu chamou-o:

— Traga-me o Information.

Olharam-se em silêncio. Neu levantou subitamente os braços.

— Ai, ai, meu pobre Birnenschatz!

— É verdade - disse Birnenschatz.

O criado encheu os copos e entregou o jornal a Neu. Neu olhou para as cotações do dia e largou o jornal sobre a mesa.

— Mau, mau.

— Evidentemente. Que quer que eles façam? Aguardam o discurso de Hitler.

Birnenschatz passeou o olhar melancólico pelas paredes e pelos espelhos. Normalmente, gostava daquele café fresco e macio; hoje, irritava-se por não se sentir à vontade.

— Só nos resta esperar - continuou. - Daladier fez o que pôde. Agora é esperar. Vamos jantar sem apetite e a partir das oito e trinta ligaremos o rádio e esperamos pelo discurso. Esperar o quê? - continuou repentinamente, batendo na mesa. - A decisão de um homem. Os negócios estão parados, a Bolsa desmorona-se, os meus empregados perderam a cabeça, o pobre See foi chamado: por causa de um só homem; a guerra e a paz estão nas suas mãos. Tenho vergonha pela humanidade.

Brunet levantou-se. A senhora Samboulier olhou-o; agradava-lhe, devia saber amar bem, surdamente, tranquilamente, com uma lentidão de camponês.

— Não fica? - indagou. - Jantaria comigo. - Apontou para o rádio e acrescentou:

— Como digestivo ofereço-lhe o discurso de Hitler.

— Tenho um encontro às sete - disse Brunet. - E depois, para dizer a verdade, o discurso não me interessa.

A senhora Samboulier olhou-o sem entender.

— Se a Alemanha capitalista quer viver - disse Brunet - precisa de todos os mercados europeus; é necessário, pois, que elimine pela força todos os concorrentes industriais. A Alemanha terá de fazer a guerra - acrescentou com força - e deve perdê-la. Se Hitler tivesse sido morto em 1914, estaríamos exatamente no mesmo ponto.

— Então - perguntou ela - esse negócio da Checoslováquia não é um bluff?

— Talvez seja um bluff na cabeça de Hitler, mas o que está na cabeça de Hitler não tem a mínima importância.

— Ele ainda pode evitá-la - disse ela. - Se quiser poderá evitá-la. Todos os trunfos estão com ele: a Inglaterra não quer a guerra, os Estados Unidos estão longe de mais, a Polônia está com ele; se ele quisesse seria o

dono do mundo sem dar um tiro. Os Checos aceitaram o plano franco-inglês, basta-lhe aceitá-lo também. Se desse essa prova de moderação...

— Já não pode recuar - disse Brunet. - Toda a Alemanha está por trás dele, a empurrá-lo.

— Nós podemos recuar.

Brunet olhou-a e pôs-se a rir.

— É verdade! Tinha-me esquecido de que você é pacifista. Neu virou a caixinha e os dominós caíram em cima da mesa.

— Ai, ai - disse. - Tenho medo da moderação de Hitler. Imagine só o prestígio que lhe daria?

Curvara-se sobre Birnenschatz e cochichava-lhe ao ouvido. Birnenschatz recuou aborrecido. Neu não podia dizer três palavras sem cochichar com ares de conspirador, enquanto as suas mãos se agitavam no ar.

— Se ele aceitasse o plano franco-inglês, dentro de três meses Doriot assumiria o poder.

— Doriot... - disse Birnenschatz, encolhendo os ombros.

— Doriot ou outro.

— E depois?

— E nós? - indagou Neu, baixando a voz. Birnenschatz fixou o olhar na sua boca dolorosa e sentiu que a cólera lhe subia à cabeça:

— Tudo será preferível à guerra.

— Dê-me a sua carta, a pequena pô-la-á no correio.

Ele pôs o sobrescrito em cima da mesa, entre uma caçarola e um prato de estanho: "Senhora Ivich Serguine, Rua da Mégisserie, 12, Laon." Odette deu uma olhadela para o endereço mas não fez comentários. Acabava de amarrar um embrulho.

— Pronto - disse. - Não se impaciente.

A cozinha era branca e limpa, uma enfermaria. Cheirava a resina e a mar.

— Pus duas asas de frango e um pouco da geléia de que você gosta, umas fatias de pão escuro, e umas sanduíches de presunto. Na garrafa térmica há vinho. E melhor guardá-lo para quando lá chegar.

Ele procurou-lhe o olhar, mas ela baixou os olhos para o embrulho e parecia muito atarefada. Correu ao aparador, cortou um bom pedaço de fio e voltou a correr para o embrulho.

— Está bem amarrado - disse Mathieu.

A criadinha riu, mas Odette não respondeu. Pôs o fio na boca, prendeu-o, apertando os lábios, e virou com presteza o embrulho. O odor a resina encheu repentinamente as narinas de Mathieu e, pela primeira vez, desde a antevéspera, pareceu-lhe que ia ter saudades de qualquer coisa. Era a paz daquela tarde na cozinha, aquelas calmas tarefas domésticas, aquele sol laminado pela persiana e que caía em migalhas nos ladrilhos. E, mais além de tudo isso, a sua infância, talvez, e certo tipo de vida tranquila e ativa que ele recusara de uma vez para sempre.

— Ponha aqui o dedo - disse Odette.

Aproximou-se, inclinou-se e apoiou o dedo no fio. Gostaria de dizer algumas palavras ternas, mas a voz de Odette não dava ensejo à ternura. Ela ergueu os olhos para ele:

— Quer ovos cozidos? Pode pô-los nos bolsos.

Parecia uma menina. Não lamentava deixá-la. Talvez por ser a mulher de Jacques. Pensou que esqueceria depressa aquela fisionomia tão modesta. Mas desejava que a sua partida custasse um pouco a Odette.

— Não - disse -, obrigado. Nada de ovos cozidos.

Ela entregou-lhe o embrulho:

— Aqui está! Um bom embrulho.

Ele indagou:

— Acompanha-me à estação?

Ela sacudiu a cabeça:

— Não. Jacques acompanha-o. Creio que ele prefere ficar a sós consigo nos últimos momentos.

— Então, adeus: escrever-me-á?

— Teria vergonha: escrevo cartas de menina de colégio, com erros de ortografia. Não, mas mandar-lhe-ei coisas.

— Gostaria que me escrevesse.

— Pois bem, então, de vez em quando, encontrará um bilhetinho entre as latas de sardinha e o sabonete.

Ele estendeu-lhe a mão e ela apertou-a rapidamente. Tinha a mão seca e quente. Ele pensou vagamente: "É pena." Os dedos compridos escorreram entre os seus como areia cálida. Ele sorriu e saiu da cozinha. Jacques, no salão, estava ajoelhado em frente do rádio. Mathieu passou diante da porta e subiu devagar a escada. Não se sentia descontente por

partir. Ao aproximar-se do seu quarto, ouviu um ligeiro ruído e voltou-se: era Odette. Estava no último degrau, muito pálida e olhava para ele.

— Odette - disse ele.

Ela não respondeu, continuava a olhá-lo com um ar duro. Ele sentiu-se embaraçado e passou o embrulho para o braço esquerdo a fim de recobrar o sangue frio.

— Odette - repetiu.

Ela chegou-se a ele, tinha o rosto indiscreto e profético que ele conhecia.

Estava bem perto dele. Fechou os olhos e, de repente, pousou os lábios nos lábios dele. Ele fez um movimento para a tomar nos braços, mas ela escapou-se. Retomara o seu ar modesto; desceu a escada sem virar a cabeça. Ele entrou no quarto e colocou o embrulho na mala. Estava tão cheia que precisou de lhe pôr um joelho em cima para a fechar.

— Que há? - disse Philippe.

Soerguera-se sobressaltado e olhava Flossie com terror.

— Sou eu, meu bebezinho.

Ele estirou-se outra vez e levou a mão à fronte. Gemeu:

— Que dor de cabeça!

Ela abriu a gaveta da mesa de cabeceira e tirou um tubo de aspirinas; ele abriu a gaveta do bar, pegou num copo e numa garrafa de Pernod, colocou-os na secretária presidencial e afundou-se na poltrona. O motor do avião girava-lhe ainda no crânio; tinha só um quarto de hora para se recompor. Pôs um pouco de Pernod no copo, pegou no jarro e deixou cair a água de bem alto. O líquido agitava-se e prateava em vagas sucessivas. Descolou a ponta do cigarro do lábio inferior e lançou-o para o cesto dos papéis. Fiz o que pude. Sentia-se vazio. Pensou: "A França... a França..." e tomou um gole. Fiz o que pude; Hitler tem a palavra agora.

Tomou outro gole, estalou a língua, pensou: "A posição da França está nitidamente definida: agora é esperar", estava exausto, estendeu as pernas e pensou com uma espécie de satisfação: "Agora é esperar." Como toda a gente. A sorte está lançada. Ele dissera: "Se as fronteiras checas forem violadas, a França cumprira a sua palavra." E Chamberlain respondera: "Se, em consequência dessas obrigações, as forças francesas se comprometessem ativamente nas hostilidades contra a Alemanha, nós sentir-nos-íamos no dever de as apoiar."

Sir Neville Henderson adiantou-se, Sir Horace Wilson acompanhou-o muito teso; Sir Neville Henderson entregou a mensagem ao chanceler do Reich; o chanceler tomou-a e pôs-se a lê-la. Quando terminou, o chanceler do Reich perguntou a Sir Neville Henderson:

— Esta é a mensagem do senhor Chamberlain?

Daladier tomou mais um gole, suspirou e Sir Neville Henderson respondeu com firmeza:

— Sim, é a mensagem do senhor Chamberlain.

Daladier levantou-se e foi guardar a garrafa de Pernod; o chanceler disse com a sua voz rouca:

— Podereis considerar o meu discurso desta noite como uma resposta à mensagem do senhor Chamberlain.

Daladier pensava: "Que imbecil! Que imbecil! Que irá dizer esse imbecil?" Uma ligeira embriaguez subia-lhe às têmporas. Pensava: "Os acontecimentos escapam ao meu controlo." Era como um grande repouso. Pensou: "Fiz tudo para evitar a guerra; agora a guerra e a paz não estão já nas minhas mãos." Não há mais nada a decidir; é esperar. Como toda a gente. Sorriu, era o carvoeiro da esquina, tinham-no despojado das suas responsabilidades; a posição da França está nitidamente definida... Era um grande repouso. Fixava as flores escuras do tapete, sentia a vertigem subir-lhe à cabeça. Mas perguntava agora a si mesmo se no fundo não desejava que a enorme torrente o levasse como a uma palha, perguntava-se se não desejava de repente aquelas imensas férias: a guerra.

Ele olhou em volta com estupor, e gritou:

— Eu não parti!

Ela fora abrir as persianas, voltou para junto da cama e debruçou-se sobre ele. Ela transpirava, ele respirou o seu cheiro a peixe.

— Que é que estás a dizer, pequeno vagabundo? Que é que estás a dizer?

Pousara sobre o peito dele uma das suas mãos pesadas e pretas. O sol fazia brilhar uma das suas faces. Philippe olhou-a profundamente humilhado: ela tinha rugas nos cantos dos olhos e da boca. "Era tão linda à luz do candeeiro", pensou. Ela soprava-lhe no rosto e movia a sua língua rosada entre os lábios.

"Não parti", pensou ele. E disse-lhe:

— Você já não é muito nova.

Ela teve um ar de despeito e respondeu:

— Não tanto quanto você, canalha.

Ele quis pular da cama, mas ela retinha-o com força; ele estava nu e desarmado; sentia-se miserável.

— Meu querido canalha - disse ela -, querido canalha.

As mãos escuras desceram ao longo das suas ancas. "Afim", pensou ele, "nem a todos acontece perder a virgindade com uma negra". Deixou-se cair de costas e saias pretas e cinzentas rodopiavam-lhe junto ao rosto. O tipo berrava mais baixo atrás dele; era um estertor, uma espécie de gorgolejar. Um sapato ergueu-se acima da sua cabeça, viu uma sola pontiaguda, um pedaço de barro colara-se ao salto. A sola pousou-se rangendo, ao lado do seu aparelho: era um sapato pesado, preto, com botões. Ergueu os olhos, viu uma batina e, lá em cima, no ar, duas narinas peludas por cima de uma gola. Blanchard soprou-lhe ao ouvido:

— Deve estar muito mal, o camarada, para que tenham chamado esse fenômeno.

— Que é que há? - indagou Charles.

— Não sei, mas Pierre está a dizer que vai esticar o pernil.

Charles pensou: "Porque não eu?" Via a sua vida e pensava: "Porque não eu?" Dois carregadores passaram perto, reconheceu-os pelas calças; ouvia por trás de si a voz untuosa do padre; o enfermo já não gemia: "Talvez tenha morrido", pensou. A enfermeira passou, com uma bacia nas mãos. Ele disse timidamente:

— A senhora não poderia dar um pulinho até ali, agora?

Ela baixou os olhos sobre ele, corando de raiva:

— Ainda você: o que quer?

— Não pode mandar alguém lá, ao canto das mulheres?

Ela chama-se Catherine.

— Ah!, não me aborreça. É a quarta vez que me pede isso.

— Seria simplesmente para lhe perguntar o apelido e dar-lhe o meu: isso não a vai atrapalhar muito.

— Há aqui um agonizante - disse ela com violência. - Imagine só se tenho tempo para pensar nas suas tolices.

Foi-se e o tipo começou a gemer; era difícil suportá-lo. Charles manobrou o espelho, viu um amontoado de corpos estendidos lado a lado, e o enorme traseiro do padre ajoelhado junto do enfermo. Acima deles

havia uma chaminé com um espelho emoldurado. O padre ergueu-se e os carregadores inclinaram-se sobre o corpo, levaram-no.

— Morreu? - perguntou Blanchard.

O aparelho de Blanchard não possuía espelho rotativo.

— Não sei - disse Charles.

O cortejo passou perto deles, numa nuvem de poeira. Charles tossiu, depois viu o dorso curvado dos carregadores que se dirigiam para a porta. Um vestido turbilhonou a seu lado e imobilizou-se de repente. Ouviu a voz da enfermeira.

— Dentro disto, não se tem notícias, estamos isolados do mundo. Como vão as coisas, senhor padre?

— Nada bem. Nada bem. Hitler vai falar esta noite, não sei o que irá dizer, mas creio que é a guerra.

A sua voz caía em camada sobre o rosto de Charles; Charles pôs-se a rir.

— Porque te estás a rir? - perguntou Blanchard.

— Estou a rir porque o fenómeno disse que vai haver guerra.

— Não acho nada engraçado.

— Eu acho - disse Charles.

"Terão a sua guerra, não escaparão dela." Continuava a rir; a um metro e setenta acima da sua cabeça estava a guerra, a tormenta, a honra ultrajada, o dever patriótico; mas junto ao solo não havia guerra nem paz; só a miséria e a vergonha dos sub-homens, dos podres, dos deitados. Bonnet não a queria, Champetier de Ribes desejava-a; Daladier olhava para o tapete, era um pesadelo, não conseguia livrar-se daquela vertigem que o tomara por detrás das orelhas: que estoure! Que estoure! Que ele a declare esta noite, o lobo mau de Berlim. Esfregou com força o sapato no soalho; no soalho, Charles sentia a vertigem subir-lhe do ventre à cabeça: a vergonha, a doce e confortável vergonha, era só o que lhe faltava! A enfermeira alcançara a porta, pulou por cima de um corpo e o padre afastou-se para a deixar passar.

— Minha senhora! - gritou Charles. - Minha senhora!

— Ela voltou-se, grande e forte, com um belo rosto, de buço e olhos furiosos.

Charles gritou com uma voz clara que ecoou pela sala toda:

— Minha senhora! Senhora! Depressa, depressa, a bacia.

Ei-lo! Ei-lo! Empurravam-nos por trás, empurraram o guarda, que recusou um passo abrindo os braços. Gritaram: "Hurra!" Ele caminhava a passos duros e calmos, dava o braço à mulher, Fred estava comovido, o meu pai, a minha mãe, o domingo em Greenwich; gritou: "Hurra!" Era tão bom vê-los ali, tão serenos, quem ousaria ter medo vendo-os no seu passeio da tarde, como velhos esposos muito unidos? Segurou com força a mala, ergueu-a acima da cabeça e gritou: "Viva a paz! Hurra!" Voltaram-se ambos para o seu lado e Chamberlain sorriu-lhes; Fred sentiu que a calma e a paz desciam até ao fundo do seu coração, estava protegido, governado, reconfortado, e o velho Chamberlain ainda achava um meio para passear tranquilamente nas ruas, como qualquer um, e de sorrir para ele. Toda a gente dava hurras a seu lado, Fred contemplava o dorso magro de Chamberlain, afastando-se no seu passeio de prelado, pensou: "E a Inglaterra!" e lágrimas molharam-lhe os olhos. Sadie baixou-se e pegou numa fotografia sob os braços do guarda.

— Para a fila, minha senhora, para a fila, como toda a gente.

— E preciso fazer fila para comprar o Paris-Soir?

— E então? E mesmo assim, duvido que obtenha!

Ela não acreditava no que ouvia.

— Merda! Não vou fazer fila por causa do Paris-Soir; nunca me aconteceu fazer fila para comprar o jornal.

Virou as costas. O ciclista chegava com o embrulho. Colocou-o na mesa ao lado do quiosque e puseram-se a contar.

— Os jornais! Os jornais!

Formou-se um redemoinho da multidão.

— Então! - disse a vendedora. - Deixam-me contar?

— Não empurrem, não empurrem - disse a senhora bem-vestida -, estou a dizer para não empurrarem.

— Não estou a empurrar - atalhou o tipinho gordo -, empurram-me a mim.

— E eu - disse o magrizona - peço-lhe que não seja grosseiro com a minha mulher.

A senhora de luto voltou-se para Emilie:

— É a terceira discussão esta manhã.

— Ah! - disse Emilie -, neste momento os homens andam nervosos.

O avião aproximava-se das montanhas; Gomez olhou para elas e depois olhou para baixo, para os rios e prados, havia uma cidadezinha à esquerda, tudo era ridículo, tão pequeno, era a França, verde e amarela, com os seus tapetes de pastagens e os seus riachos tranquilos: "Adeus! Adeus!" Ia afundar-se nas montanhas, adeus filetes à Rossini, charutos, mulheres, desceria, planando sobre a terra vermelha, o sangue. Adeus: todos os franceses estavam ali, abaixo dele, na cidade redonda, nos campos, à beira da água. Dezoito e trinta e cinco: eles agitam-se como formigas, aguardam o discurso de Hitler. A mil metros abaixo de mim eles aguardam o discurso de Hitler. Eu não espero nada. Dentro de um quarto de hora não veria mais aqueles doces prados, enormes blocos de pedra os separariam daquela terra de medo e avareza. Dentro de um quarto de hora desceria junto dos homens magros de gestos vivos, olhos duros, dos seus homens. Sentia-se feliz, com um rolo de angústia na garganta. As montanhas aproximavam-se, eram terrosas agora. Pensou: "Como vou encontrar Barcelona?"

— Entre - disse Zézette.

Era uma mulher um tanto forte e muito bonita, de chapéu de palha e tailleur príncipe-de-gales. Olhou em volta, dilatando as narinas, e sorriu gentilmente.

— Senhora Suzanne Tailleur?

— Sou eu - disse Zézette, intrigada.

Levantara-se. Pensou que tinha os olhos vermelhos e encostou-se à janela. A senhora olhava para ela piscando. De perto parecia mais velha. E exausta.

— Não a incomodo?

— Não. Sente-se.

A senhora inclinou-se, examinou a cadeira e sentou-se.

— Mantinha-se bem direita, sem se encostar ao espaldar.

— Subi bem uns quarenta andares esta manhã. E as pessoas nem sempre se lembram de oferecer cadeiras.

Zézette percebera que conservava o dedal no dedo. Tirou-o e lançou-o para a cesta da costura. Nesse momento o bife pôs-se a crepitar na frigideira. Ela corou e correu a fechar o gás. Mas o cheiro persistia.

— Não quero impedi-la de comer.

— Ora!, tenho tempo - disse Zézette.

Olha-a para a senhora e sentia-se ao mesmo tempo embaraçada e com vontade de rir.

— O seu marido foi mobilizado?

— Partiu ontem, pela manhã.

— Partem todos - disse a senhora. - É terrível. Deve encontrar-se numa situação material... difícil.

— Acho que vou voltar ao meu trabalho - disse Zézette. - Era florista.

A senhora meneou a cabeça:

— Terrível! Terrível!

Parecia tão sucumbida que Zézette teve um gesto de simpatia:

— O seu marido partiu também?

— Não sou casada. - Fixou o olhar em Zézette e acrescentou, com vivacidade:

— Mas tenho dois irmãos que poderiam ser chamados.

— Que é que deseja? - perguntou Zézette secamente. A senhora sorriu:

— Não conheço as suas ideias, mas o que lhe vou perguntar não tem nada com política. Fuma? Quer um cigarro?

Zézette hesitou:

— Sim, pode ser.

Estava em pé junto do fogão a gás e as suas mãos estavam pousadas na mesa, atrás das costas. O cheiro do bife e o perfume da visitante tinham-se misturado. A mulher estendeu-lhe a cigarreira e Zézette deu um passo à frente. A mulher tinha dedos finos e brancos, com unhas bem cuidadas. Zézette pegou num cigarro com os seus dedos avermelhados. Olhava para os seus dedos e para os da mulher e fazia votos para que ela se fosse embora o mais depressa possível. Acenderam os cigarros e a mulher perguntou:

— Não acha que é preciso impedir esta guerra? Por qualquer preço?

Zézette recuou até ao fogão e olhou-a com desconfiança. Estava inquieta. Percebeu que havia sobre a mesa umas calças e um par de ligas.

— Não crê que se todas nós uníssemos as nossas forças...

Zézette atravessou a sala com um ar de indiferença, quando chegou à mesa perguntou:

— Nós quem?

— Nós, as mulheres - disse a visitante com energia.

— Nós, mulheres - repetiu Zézette. Abriu rapidamente a gaveta e lançou lá para dentro as ligas e as calças, depois voltou-se para a interlocutora, aliviada:

— Nós, mulheres; mas que podemos nós fazer?

A mulher fumava como um homem, deitando o fumo pelo nariz; Zézette admirava-lhe o tailler e o colar de jade e parecia-lhe estranho dizer "nós".

— Sozinha, nada poderá fazer - disse a mulher com bondade.

— Mas não está só; neste momento há cinco milhões de mulheres que temem pela vida de um ente querido. No andar de baixo há a senhora Panier, o irmão e o marido acabam de partir e ela tem seis filhos. Do outro lado da rua, há a padeira. Em Passy a duquesa de Cholet.

— Oh!, a duquesa de Cholet... - murmurou Zézette.

— E então?

— Não é a mesma coisa.

— Porque é que não é a mesma coisa? O que é que não é igual? Porque anda de automóvel, enquanto as outras tratam elas mesmas da casa? Ah!, minha senhora, sou a primeira a exigir uma melhor organização social. Mas pensa que a guerra no-la dará? As questões de classe pesam bem pouco em face do perigo que nos ameaça. Somos, antes de mais nada, mulheres, mulheres que são atingidas no que têm de mais sagrado. Suponha que todas damos as mãos e gritamos juntas: não. Afinal, a senhora não gostaria de o ver voltar?

Zézette sacudiu a cabeça. Era uma farsa aquela mulher a tratá-la por senhora.

— Não se pode impedir a guerra - disse. A mulher corou ligeiramente:

— E porque não?

Zézette encolheu os ombros. Aquela senhora queria impedir a guerra, Maurice queria acabar com a miséria. No fim, ninguém impedia coisa alguma.

— É assim. Ninguém pode impedir.

— Não deve pensar assim - disse a visitante, censurando-a. - São os que pensam assim que fazem com que haja guerra. E, depois, é preciso pensar um pouco nos outros. Por mais que a senhora faça, a senhora não poderá deixar de estar solidária com as demais.

Zézette não respondeu. Guardava na mão a ponta de cigarro apagada, tinha a impressão de estar no grupo escolar.

— Não pode recusar-me uma assinatura - disse a mulher. - Vejamos, minha senhora, uma simples assinatura.

Tirou da bolsa uma folha de papel e colocou-a sob os olhos de Zézette.

— Que é isso? - perguntou Zézette.

— Uma petição contra a guerra. Colhemos adesões aos milhares.

Zézette leu a meia voz:

"As mulheres de França que assinam a presente petição declaram que confiam no Governo da República para salvaguardar a paz por todos os meios. Afirmam a sua convicção absoluta de que a guerra, quaisquer que sejam as circunstâncias em que ocorra, é sempre um crime. Há sempre possibilidades de negociação e troca de opiniões; que não se apele nunca para a violência. Pela paz universal, contra a guerra sob todas as formas. Paris, 22 de Setembro de 1938. Liga das Mães e Esposas Francesas." Virou a página: o verso estava coberto de assinaturas, apertadas umas abaixo das outras, horizontais, oblíquas, ascendentes, em tinta roxa, em tinta azul. Algumas espalhavam-se em grandes caracteres angulosos, outras eram mesquinhas e pontiagudas, encolhendo-se envergonhadas num cantinho. Ao lado de cada assinatura um endereço: Jeanne Plémeux, Rua d'Aubignac, 6; Solange Péres, Avenida de Saint-Ouen, 142. Zézette percorreu com o olhar todos aqueles nomes de mulheres. Todas se tinham inclinado sobre aquele papel. Umas haviam assinado enquanto a criança berrava no quarto ao lado, outras num boudoir com uma caneta de ouro. Agora os nomes misturavam-se. Suzanne Tailleur: bastar-lhe-ia pedir uma caneta e ela também se tornaria uma senhora, o seu nome exibir-se-ia, importante e melancólico, abaixo dos outros.

— Que vai fazer com tudo isso?

— Quando tivermos bastantes assinaturas, mandaremos uma delegação de mulheres levar a petição à Presidência do Conselho.

Senhora Suzanne Tailleur. Era a senhora Suzanne Tailleur. Maurice repetia-lhe a cada instante que se devia ser solidário com a própria classe. E eis que agora tinha deveres em comum com a duquesa de Cholet. Pensou: "Uma assinatura; não lhes posso recusar uma assinatura."

Flossie apoiou os cotovelos na almofada e olhou para Philippe:

— Então? Que tal?

— Serve - disse Philippe. - Deve ser melhor quando não se está com dores de cabeça.

— Preciso de me levantar - disse Flossie. - Vou comer, depois irei à boate. Vens?

— Estou cansado demais. Vai sem mim.

— Esperas-me aqui? Juras que me esperas?

— Espero - disse Philippe, franzindo as sobrancelhas. - Vai depressa, eu espero.

— Então - disse a visitante -, a senhora assina?

— Não tenho caneta.

A mulher estendeu-lhe uma esferográfica. Zézette pegou nela e assinou no fim da página. Repetiu o nome bem legível e pôs o endereço ao lado da assinatura, depois ergueu os olhos e olhou para a visitante: parecia-lhe que alguma coisa ia acontecer. Não aconteceu nada. A mulher levantou-se. Pegou na folha, examinou-a atentamente.

— Perfeito. O dia está acabado.

Zézette abriu a boca, tinha uma quantidade de perguntas para fazer. Mas não lhe ocorreram. Disse apenas:

— Vai levar isso a Daladier?

— Naturalmente.

Agitou a folha por um instante, depois dobrou-a e fê-la desaparecer na bolsa. Zézette sentiu um nó no peito quando a bolsa se fechou. A mulher levantou a cabeça, olhou-a bem nos olhos:

— Obrigada. Obrigada por ele. Obrigada por todas nós. A senhora é uma mulher de coração, senhora Tailleur.

Estendeu-lhe a mão:

— Tenho de me ir embora.

Zézette apertou a mão depois de a ter enxugado no seu avental. Sentia-se amargamente decepcionada.

— É... é tudo?

A mulher riu. Os dentes eram como pérolas. Zézette repetiu para si mesma: "Somos solidárias." Mas as palavras não tinham já sentido.

— Sim, por enquanto é tudo.

Abriu a porta, voltou uma última vez o rosto sorridente para Zézette e desapareceu. O seu perfume flutuava ainda na sala. Zézette ouviu

extinguir-se o ruído dos passos, fungou duas ou três vezes. Parecia-lhe que lhe haviam roubado alguma coisa. Foi até à janela, abriu-a e debruçou-se no parapeito. Um automóvel estava parado junto da calçada. A mulher saiu do hotel, abriu a porta e entrou para o carro, que partiu. "Fiz um disparate", pensou Zézette. O automóvel virou na Avenida de Saint-Ouen e desapareceu levando a assinatura e a bela senhora perfumada. Zézette suspirou, fechou a janela e abriu o gás. A banha pôs-se a crepitar, o cheiro a carne frita sobrepôs-se ao perfume e Zézette pensou: "Se Maurice vier a saber, vai dar bronca."

— Mamã, estou com fome.

— Que horas são? - perguntou a mãe a Mathieu.

Era uma bela e forte marsehesa com um vago buço. Mathieu deu uma olhadela para o relógio:

— Oito e vinte.

A mulher puxou de debaixo das pernas uma cesta com cadeado.

— Sossega, menina impossível, vais comer.

Virou a cabeça para Mathieu:

— Faz perder a cabeça a um santo!

Mathieu endereçou-lhe um sorriso vago e benevolente. "Oito e vinte", pensou, "dentro de dez minutos Hitler irá falar. Estão no salão, há um quarto de hora que Jacques está a mexer no rádio".

A mulher pousou o cesto no banco; abriu-o. Jacques gritou:

— Pronto! Apanhei Estugarda.

Odette estava de pé ao lado dele, pusera-lhe a mão no ombro. Ouviu um ruído surdo e pareceu-lhe que o sopro de uma sala comprida e abobadada lhe batia no rosto. Mathieu ajeitou-se para dar lugar ao cesto: não deixara Juan-les-Pins. Estava perto de Odette, junto de Odette, mas cego e surdo, o comboio levava os seus ouvidos e os seus olhos para Marselha. Não tinha amor por ela, era outra coisa, ela tratara-o como se ele não tivesse morrido inteiramente. Quis dar uma fisionomia a essa ternura que pesava nele: procurou a fisionomia de Odette, mas o rosto fugia-lhe, o de Jacques surgiu em lugar dela, duas vezes. Mathieu acabou por entrever uma forma imóvel numa poltrona, com um pedaço de nuca inclinada e um ar de atenção numa face desprovida de boca e olhos.

— Apanhámos a tempo - disse Jacques a Odette -, ele não começou ainda a falar.

Os meus olhos estão aqui. Via o cesto: um belo guardanapo branco riscado de preto e vermelho cobria o conteúdo. Mathieu contemplou por um instante a nuca morena, e depois largou-a: era tão pouco para tão pesada ternura. Ela desapareceu na sombra e o guardanapo começou a exigir demasiado, instalou-se nos seus olhos, expulsando à toa pensamentos e imagens. Os meus olhos estão aqui. Um som de campainha abafada fê-lo sobressaltar.

— Queridinha, depressa, depressa! - disse a marselhesa.

Voltou-se para Mathieu com um sorriso de desculpa:

— É o despertador. Ponho-o sempre para as oito e meia.

A menina abriu precipitadamente a mala, mergulhou as mãos dentro e a campainha parou. Oito e trinta, ele vai entrar no Sportpalast. Estou em Juan-les-Pins, estou em Berlim; mas os meus olhos estão aqui. Algures, um automóvel comprido e preto detinha-se diante de uma porta, deles desciam homens com camisas de caqui. Algures, a noroeste, mas aqui havia o guardanapo que lhe tapava a visão. Dedos roliços e com anéis puxaram-na pelas pontas, ela desapareceu, Mathieu viu uma garrafa térmica deitada de lado e uma pilha de fatias de pão: teve fome. Estou em Juan-les-Pins, estou em Berlim, estou em Paris, já não tenho vida, já não tenho destino. Mas aqui tenho fome. Aqui, perto desta morena forte e desta menina.

Levantou-se, alcançou a sua mala, abriu-a e pegou, às apalpadelas, no embrulho de Odette. Tornou a sentar-se e, com o canivete, cortou o fio; tinha pressa, como se precisasse de acabar a tempo de ouvir o discurso de Hitler. Hitler entra; um clamor formidável faz as vidraças tremerem, o clamor acalma-se, ele estende a mão. Algures, havia dez mil homens empertigados, de cabeça tesa, braço erguido. Algures, atrás dele, Odette inclinava-se sobre o aparelho de rádio. Ele fala, diz: "Meus compatriotas", e a sua voz já não lhe pertence, tornou-se internacional. Ouvem-na em Brest-Litowsk, Praga, Oslo, Tãnger, Cannes. Morlaix, no grande navio branco da Companhia Paquet que singra o oceano entre Casablanca e Marselha.

— Tens a certeza de que apanhaste Estugarda? - perguntou Odette. - Não se ouve nada.

— Psiu... tenho a certeza.

Lola parou diante da entrada do Casino.

— Então até já.

— Canta bem - disse Boris.

— E tu onde vais, querido?

— Ao Bar Basque - disse Boris. - Tenho lá uns amigos que não sabem alemão, pediram-me para traduzir o discurso de Hitler.

— Hum... não te vais divertir.

— Gosto de traduzir.

Está a falar! Mathieu fez um violento esforço para ouvir, mas sentiu-se vazio e relaxou-se. Comia, à sua frente a menina mordida uma fatia de pão com geleia; ouvia-se o resfolegar ritmado das molas, era uma tarde de mel, unida. Mathieu desviou o olhar para o mar, através do vidro da janela. A tarde cor-de-rosa e redonda fechou-se sobre ele. E no entanto uma voz trespassava aquele ovo de açúcar. Está em toda a parte, o comboio mergulha nela e ela está dentro do comboio, aos pés da menina, nos cabelos da mulher, no meu bolso, se tivesse um rádio eu fá-la-ia desabrochar debaixo do banco.

Está aqui, enorme, domina o barulho do somboio, sacode os vidros - e eu não a ouço. Sentia-se cansado, percebeu ao longe uma vela sobre as águas e ficou só a pensar nela.

— Escuta! - disse Jacques triunfante. - Escuta!

Um imenso rumor saiu de repente do rádio. Odette deu um passo atrás, era quase insuportável. "Como são numerosos, como o admiram!", disse. Lá longe, a milhares de quilômetros, dezenas de milhares de possesos. E as suas vozes ecoavam no calmo salão militar - e era o destino que se jogava lá longe.

— Ei-lo - disse Jacques. - Ei-lo!

A tormenta aplacava-se aos poucos; distinguiram-se vozes nasaladas e duras, depois houve um silêncio e Odette compreendeu que ele ia falar. Boris empurrou a porta do bar e o patrão fez-lhe sinal que se apressasse.

— Rápido - disse -, vai começar.

Eram três, apoiados ao balcão: o marselhês, Charlier, o tipógrafo de Ruão e um tipo grande e forte que vendia máquinas de costura e se chamava Chomis.

— Boa noite - disse Boris, em voz baixa.

Cumprimentaram-se rapidamente e ele acercou-se do aparelho. Estimava-os porque não haviam hesitado em jantar à pressa para ouvir coisas desagradáveis. Eram camaradas duros, que olhavam a realidade de frente.

Ele apoiara as mãos na mesa, olhava o mar imenso, ouvia o barulho do mar. Ergueu a mão direita e o mar acalmou-se.

Disse:

"Meus caros compatriotas:

Há um limite para além do qual já não é possível ceder, porque ceder tornar-se-ia uma fraqueza nociva. Dez milhões de alemães acham-se fora do Reich em dois grandes territórios constituídos. Eram alemães que desejavam reintegrar-se no Reich. Eu não teria o direito de comparecer diante da história da Alemanha se me limitasse a abandoná-los com indiferença. Não teria, tão-pouco, moralmente, o direito de ser o Führer deste povo. Já fiz sacrifícios suficientes, já renunciei demasiado. Aí está o limite que eu não podia transpor. O plebiscito na Áustria mostrou até que ponto esse sentimento tinha razão de ser. Um ardente testemunho foi dado então, um testemunho que o mundo certamente não esperava. Mas já vimos que, para as democracias, um plebiscito é inútil, e mesmo funesto, quando não produz o resultado que elas esperam. Entretanto o problema foi resolvido para felicidade do grande povo alemão no seu conjunto. E agora temos à nossa frente o último problema que deve ser e que será resolvido."

O mar rebentou aos seus pés e ele ficou um momento sem falar, contemplando as enormes ondas. Odette apertou a mão contra o peito, aqueles clamores sobressaltavam-lhe o coração.

Inclinou-se ao ouvido de Jacques, que conservava as sobrancelhas franzidas, com um ar de extrema atenção, embora Hitler estivesse calado há vários segundos. Perguntou-lhe sem muita esperança de resposta precisa:

— Que foi que ele disse?

Jacques tinha a pretensão de compreender o alemão porque passara três meses em Hanôver e há dez anos que ouvia, escrupulosamente, pelo rádio, todos os oradores de Berlim. Assinara mesmo o Frankfurter Zeitung por causa dos artigos financeiros. Mas as informações que dava sobre o que lera ou ouvira eram sempre muito vagas. Encolheu os ombros.

— Sempre a mesma coisa. Fala dos sacrifícios e da felicidade do povo alemão.

— Admite em fazer sacrifícios? - perguntou Odette animada. - Isso quer dizer que faria concessões?

— Parece... não sei... ficou tudo muito no ar.

Estendeu a mão e Karl parou de gritar; era uma ordem. Karl olhou para a direita e para a esquerda, murmurando: "Escutem! Escutem!, parecia-lhe que a ordem muda do Fuhrer lhe atravessava o corpo, tomava a forma de corpo na sua boca.

"Escutem! Escutem!" Ele era apenas um instrumento dócil; o prazer fê-lo tremer da cabeça até aos pés.

Toda a gente se calou, a sala inteira abismou-se no silêncio e na noite; Hess, Goering e Goebbels tinham desaparecido, não havia mais ninguém no mundo senão Karl e o seu Fuhrer. O Fuhrer falava diante da grande bandeira vermelha com a cruz gamada, falava para Karl, para Karl somente. Uma voz, uma única voz no mundo. Ele fala por mim, ele pensa por mim, ele decide por mim, o meu Fuhrer.

"É a última reivindicação territorial que tenho a formular na Europa, mas é uma reivindicação a que não renunciarei, que realizarei, com a graça de Deus."

Fez uma pausa. Karl compreendeu então que tinha licença para gritar e gritou com toda a força. Puseram-se todos a gritar, a voz de Karl avolumou-se, subiu até ao teto e sacudiu os vidros. Ele ardia de alegria, possuía dez mil bocas e sentia-se histórico.

"Cala essa boca!", gritou Mimile para o aparelho. Virou-se para Robert e disse: "Estás a ver! Que bando de cretinos! Aqueles tipos só ficam contentes quando podem berrar todos juntos. Parece que acontece o mesmo com as distrações. Têm lá em Berlim grandes salas, para vinte mil pessoas, reúnem-se aos domingos e cantam em coro bebendo cerveja."

O rádio continuava a mugir.

— Basta - disse Robert -, damos-lhe uma rasteira!

Viraram o botão, as vozes cessaram e pareceu-lhes de repente que o quarto saía da escuridão, estava ali, em volta deles, pequeno e calmo, o conhaque ao alcance da mão, bastara virar um botão e todos aqueles clamores de possessos tinham voltado à sua caixa. Uma bela tarde comedida chegara pela janela, uma tarde francesa; estavam entre franceses.

"Esse Estado checo começou por uma grande mentira. O autor dessa mentira chama-se Benes." Rajadas no aparelho. "Esse Benes apresentou-se em Versalhes e afirmou em primeiro lugar que existia uma nação checoslovaca." Gargalhadas no aparelho. A voz continuou, escarnecendo: "Era obrigado a inventar essa mentira, a fim de dar ao reduzido efetivo dos

seus concidadãos uma importância um pouco maior, e, portanto, mais justificada. E os estadistas anglo-saxões, que nunca se familiarizaram suficientemente com as questões étnicas e geográficas, não julgaram necessário, então, verificar as afirmações do senhor Benes. Como esse Estado não parecia viável, juntaram-lhe simplesmente três milhões e meio de alemães, contrariando o seu direito de dispor livremente de si mesmos e da sua vontade de livre escolha."

O aparelho gritou: "Chii, chii, chii." Birnenschatz berrou: "Mentira! Não os tiraram da Alemanha, esses alemães!" Ella contemplava o pai, apoplético de indignação, fumando um enorme charuto na poltrona; contemplava a sua mãe e a irmã Ivy e quase que as odiava. "Como podem escutar isso!"

"Como se não bastasse, foi ainda preciso juntar um milhão de magiares e russos subcarpáticos e por fim alguns milhares de polacos."

"Eis o que é esse Estado que posteriormente se chamou Checoslováquia, contrariando o direito de livre escolha dos povos e o desejo e a vontade claramente expressos pelas nações violentadas. Falando-vos aqui, condoo-me naturalmente com o destino de todos esses oprimidos: o destino dos Eslavos, dos Polacos, dos Húngaros, dos Ucrânicos; mas falo, é evidente, apenas da sorte dos Alemães."

Um imenso clamor encheu a sala. Como podem escutar isso? E esses Heil! Heil! machucavam-lhe o coração. "Afiml somos judeus", pensou irritada, "não devemos estar a ouvir o que diz o nosso carrasco. Ele, ainda vá, sempre o ouvi dizer que os judeus não existiam. Mas ela", pensou, olhando para a mãe, "ela sabe que é judia, sente-o e fica ali". A senhora Birnenschatz, um pouco dada a profecias, exclamara na véspera: "É a guerra, meus filhos, e, perdida a guerra, só resta ao povo judeu voltar a pôr a mochila às costas." Agora, dormitava no meio do clamor, fechava de vez em quando os seus olhos maquilhados e a sua cabeça grande e sombria, de cabelos negros, oscilava. A voz continuou dominando a tormenta: "E agora começa o cinismo. Esse Estado, que só é governado por uma minoria, obriga os seus nacionais a fazer uma política que os forçaria um dia a atirar contra os próprios irmãos."

Ella levantou-se. Aquelas palavras roucas, arrancadas penosamente de uma garganta sempre pronta a tossir, eram outras tantas punhaladas. Ele torturou os judeus: enquanto fala, milhares deles agonizam nos campos de

concentração, e nós deixamos que a sua voz se pavoneie neste salão onde ainda ontem recebemos o primo Dachauer com as pálpebras queimadas.

"Benes exige isto dos Alemães: "Se eu fizer a guerra contra a Alemanha, terás de atirar aos Alemães. E se recusares, serás um traidor e mandar-te-ei fuzilar." E exige a mesma coisa dos Húngaros e Polacos."

A voz ali estava, enorme, odienta; o homem era o seu inimigo. A grande planície alemã, as montanhas da França, tinha-se desmoronado, ele estava junto dela, sem distância, agitava-se dentro da caixa, olha para mim, está-me a ver. Voltou-se para a mãe e para Ivy: mas elas tinham saltado para trás. Podia ainda vê-las, mas não tocá-las. Paris também recuara, a luz que entrava pela janela caía morta no tapete. Ocorrera uma imperceptível deslocação das pessoas e coisas, ela estava só no mundo com aquela voz.

"A vinte de Fevereiro deste ano, declarei no Reichstag que era necessário que se verificasse uma mudança na existência dos dez milhões de alemães que vivem fora das nossas fronteiras. Ora, o senhor Benes agiu de outro modo. Instituiu uma opressão ainda mais completa contra o nosso povo."

Falava-lhe a sós, olhos nos olhos, com uma irritação crescente e o desejo de a amedrontar, de a magoar. Ela estava fascinada, o seu olhar não se desviava do rádio. Não compreendia o que ele dizia, mas a voz dele rasgava-lhe a pele, esfolava-a.

"Um terror ainda maior... uma espécie de dissolução..." Afastou-se bruscamente e deixou a sala. A voz perseguia-a no hall, indistinta, esmagada, ainda venenosa. Entrou à pressa no quarto e fechou a porta à chave. No salão, ele continuava a ameaçar. Mas ela só ouvia agora um murmúrio confuso. Deixou-se cair numa cadeira, não haverá então ninguém, nenhuma mãe de judeu supliciado, nenhuma mulher de comunista assassinado, que agarre num revólver e o mate? Cerrava os punhos, pensava que, se fosse alemã, teria a coragem de o matar.

Mathieu levantou-se, pegou num dos charutos de Jacques do impermeável e abriu a porta do compartimento.

— Se é por minha causa não faça cerimónia - disse a marselhesa -, o meu marido fuma, estou habituada.

— Obrigado - disse Mathieu -, mas estou com vontade de desenferrujar as pernas.

Tinha principalmente vontade de não a ver mais. Nem a menina nem o cesto. Deu alguns passos no corredor, parou, acendeu o charuto. O mar estava azul e calmo, ele deslizava ao longo do mar, pensava: "Que é que me está a acontecer?" Assim, a resposta desse homem foi mais do que nunca: fuzilemos, prendamos, encarceremos. E isto para todos os que, de uma maneira ou de outra, não lhe convinham; ele queria esforçar-se por compreender. Jamais lhe acontecera alguma coisa que não tivesse compreendido; era a sua única força, a sua única defesa, o seu último orgulho. Olhava para o mar e pensava: "Não compreendo", então verificou-se a minha reivindicação de Nuremberga. Essa reivindicação foi perfeitamente clara: e pela primeira vez; "acontece que vou para a guerra", disse para com os seus botões. Não parecia muito complicado, no entanto não era nada claro. No que lhe dizia pessoalmente respeito era simples, límpido; jogara e perdera, a sua vida ficara para trás fracassada. Não deixou nada, não lamentou nada, nem mesmo Odette, nem mesmo Ivich, não sou ninguém. Restava o próprio acontecimento. Declarei que o direito de livre escolha devia, enfim, vinte anos depois das declarações do presidente Wilson, entrar em vigor para esses três milhões e meio de homens tudo o que o atingira até então estava ao seu alcance, dentro da sua medida de homem, os pequenos aborrecimentos e catástrofes, ele vira-os chegar, olhara-os de frente. Quando fora buscar o dinheiro ao quarto de Lola, vira as notas, tocara-as, respirara o perfume da cômoda; e quando abandonara Marcelle, olhava-a nos olhos enquanto lhe falava, podia pensar: tive razão, errei; podia julgar-se. Agora, tornara-se impossível e novamente o senhor Benes deu a sua resposta: novos mortos, novas encarnações, novos. Pensou: "Parto para a guerra e isso nada significa." Alguma coisa que o ultrapassava acontecera. A guerra ultrapassava-o. Não é bem isso, é que não existe. Onde está ela? Por toda a parte: nasce de todos os lados, o comboio corre dentro da guerra, Gomez aterra na guerra, esses turistas de branco passeiam na guerra, não há consciência que não esteja tomada por ela. E no entanto ela é como a voz de Hitler, que enche este comboio e eu não posso ouvir: Direi claramente ao senhor Chamberlain o que consideramos agora a única possibilidade de solução; de vez em quando pensamos que vamos tocá-la em qualquer coisa, no molho de um filete, estendemos a mão, já não está mais ali: resta apenas um pedaço de carne no molho. "Ah!", pensou, "seria preciso estar ao mesmo tempo em toda a parte". Meu Fuhrer,

meu Fuhrer, falas e eu transformo-me em pedra, não penso mais, não quero mais nada, sou apenas a tua voz, eu esperá-lo-ia à saída, visaria o coração, mas sou, antes de mais, o porta-voz dos Alemães e foi para os Alemães que falei, assegurando-lhes que já não estou disposto a permanecer como espectador passivo e calmo, enquanto esse demente de Praga imagina poder, eu serei esse mártir, não parti para a Suíça, agora só me resta aguentar esse martírio, juro ser esse mártir, juro, juro, silêncio, disse Gomez, estamos a ouvir o discurso do títere.

"Aqui, Rádio Paris, não desliguem: dentro de alguns instantes transmitiremos a tradução francesa da primeira parte do discurso do chanceler Hitler."

— Estás a ver - disse Germain Chabot -, estás a ver? Não valia a pena descer e correr duas horas atrás do Intran. Eu disse-te: fazem sempre isso.

A senhora Chabot pousou o inço no cesto e aproximou a cadeira:

— Vamos saber o que ele disse. Não gosto disso. Abre-me sempre um vazio no estômago. Não te acontece a mesma coisa?

— Sim - disse Germain Chabot.

O aparelho roncava, emitiu dois ou três borborismos. E Chabot apertou o braço da mulher:

— Ouve - disse.

Inclinaram-se um pouco, de ouvido atento, e alguém se pôs a cantar a Cucaracha.

— Tens a certeza de que é a Rádio Paris?

— Absoluta.

— Então é para que a gente não se impaciente.

A voz cantou três estrofes e o disco parou.

— Pronto - disse Chabot.

Ouviu-se um ligeiro chiado e uma orquestra havaiana pôs-se a tocar Honey Moon.

Seria preciso estar em toda a parte. Olhou tristemente para a ponta do cigarro: em toda a parte, senão somos enganados. Eu estou enganado. Sou um soldado que parte para a guerra. Eis o que fora preciso ver; a guerra e o soldado. Uma ponta de charuto, casas brancas à beira-mar, o deslizar monótono dos vagões sobre os carris e esse viajante demasiado conhecido, Fez, Marraquexe, Madrid, Perúgia, Viena, Roma, Praga, Londres, que fuma pela milésima vez no corredor de um vagão de terceira classe. Nem guerra

nem soldado: seria preciso estar em toda a parte, seria preciso ver-me de toda a parte, de Berlim, como a trimilionésima parte do Exército francês, com os olhos de Gomez, como um desses cães franceses que eles empurram a pontapés para a batalha, com os olhos de Odette. Seria preciso ver-me com os olhos da guerra. Mas onde estão os olhos da guerra? Estou aqui, diante dos meus olhos passam grandes superfícies claras, sou clarividente, vejo - e, no entanto, oriento-me às apalpadelas, às cegas e cada movimento acende-me uma lâmpada ou faz soar uma campainha num mundo que eu não vejo. Zézette fechava a janela, mas a luz do crepúsculo entrava ainda pelas frinchas, sentia-se cansada, morta, lançou a combinação para uma cadeira e escorregou nua entre os lençóis; durmo tão bem quando estou triste; mas na cama nessa cama onde Maurice a acariciara na antevéspera - assim que se relaxava ele surgia sobre ela, esmagava-a; e se ela abria os olhos, ele já não estava ali, dormia lá longe na caserna, e depois havia aquele rádio desgraçado que berrava em língua estrangeira, era o rádio dos Heinemann, os refugiados alemães do primeiro andar, uma voz rouca e viperina que arranhava os nervos, isso nunca mais acabará, nunca! Mathieu sentiu inveja de Gomez, depois pensou: "Gomez não vê melhor do que eu, debate-se contra invisíveis - e deixou de o invejar. Que vê ele? Paredes, um telefone sobre uma secretária, a cara da ordenança. Faz a guerra mas não a vê. Assim, nós todos a fazemos. Levanto a mão, chupo o meu charuto, faço a guerra. Sarah amaldiçoa a loucura dos homens, aperta Pablo nos braços, faz a guerra.

Odette faz a guerra quando embrulha sanduíches e presunto num papel. A guerra agarra tudo, junta tudo, não deixa que se perca nada, nem um pensamento, nem um gesto, e ninguém a pode ver, nem mesmo Hitler. Ninguém." Repetiu: "Ninguém", e, de repente, vislumbrou-a. Era um corpo estranhíssimo, realmente impensável. "Aqui, Rádio Paris, não desliguem: dentro de alguns instantes transmitiremos a tradução francesa da primeira parte do discurso do chanceler Hitler."

Não se mexeram. Olharam-se de lado e quando Rina Ketty se pôs a cantar J'attendrai, sorriam. Mas ao fim da primeira estrofe, a senhora Chabot desatou a rir:

— J'attendrai - disse. - Bem apanhado! Estão a brincar connosco.

Um corpo enorme, um planeta, num espaço de cem milhões de dimensões; os seres não podiam sequer imaginá-lo. E no entanto cada

dimensão era uma consciência autônoma. Se se tentasse olhar de frente esse planeta, ele desintegrar-se-ia e só restariam consciências. Cem milhões de consciências livres, cada uma delas vendo paredes, pontas de cigarros, rostos familiares e construindo o seu destino por conta da própria responsabilidade. Entretanto, se fôssemos uma dessas consciências, perceberíamos, através de imperceptíveis, de insensíveis mudanças, que estávamos presos a um gigantesco e invisível polipeiro. A guerra: todos são livres e no entanto a sorte está lançada. Está por toda a parte, é a totalidade de todos os meus pensamentos, de todas as palavras de Hitler, de todos os atos de Gomez, mas não há ninguém que estabeleça o total. Só existe para Deus. Mas Deus não existe. Contudo a guerra existe.

"E não deixei nenhuma dúvida acerca do fato de que doravante a paciência alemã tem um limite. Não deixei nenhuma dúvida acerca do fato de que é característico da mentalidade alemã testemunhar uma grande paciência, mas, chegado o momento, é preciso resolver."

— Que está ele a dizer? - perguntou Chomis. Boris explicou:

— Diz que a paciência alemã tem limites.

— A nossa também - disse Charlier. Puseram-se todos a berrar no aparelho e Herrera entrou na sala:

— Olá - disse, ao ver Gomez. - Então? Divertiu-se?

— Assim-assim.

— Sempre... prudentes, os Franceses?

— Nem me fale! Mas creio que desta vez não escapam. - Mostrou o receptor -, o títere de Berlim está furioso.

— Ótimo. - Os olhos de Herrera faiscaram. - Mas, diga, isso muda as coisas inteiramente!

— É o que penso - disse Gomez. Olharam-se por um instante sorrindo. Tilquin, que estava à janela, voltou-se:

— Baixem o rádio, estou a ouvir qualquer coisa.

Gomez virou o botão e os ruídos atenuaram-se.

— Estão a ouvir? Estão a ouvir?

— Bom - disse Herrera -, um alarme, o quarto desde manhã.

— O quarto! - disse Gomez.

— Sim. Ah!, vai achar tudo mudado!

Hitler falava novamente; debruçaram-se sobre o aparelho;

Gomez escutava o discurso com um só ouvido, com o outro acompanhava o ronco dos aviões. Houve uma explosão surda ao longe.

"Que faz ele? Não cedeu o território, agora expulsa os Alemães! Mal o senhor Benes acabava de falar e já as medidas militares de opressão haviam recomeçado, mais drásticas ainda. Verificámos estas cifras apavorantes: num dia dez mil pessoas em fuga, no dia seguinte vinte mil..."

O ronco diminuiu e subitamente ampliou-se de novo; ouviram-se duas longas detonações.

— É o porto que está a receber o dele - cochichou Tilquin.

"... trinta e sete mil a seguir e, dois dias mais tarde, quarenta mil; depois, sessenta e duas mil, e setenta e oito mil, e agora oitenta mil, cento e sete mil, cento e trinta e sete mil. Exatamente hoje, duzentos e catorze mil. Regiões inteiras são despovoadas, aldeias incendiadas, é com granadas e gases que tentam livrar-se dos Alemães. O senhor Benes está instalado em Praga e diz para consigo mesmo: "Não pode acontecer nada, tenho finalmente o apoio da França e da Inglaterra.""

Herrera beliscou o braço de Gomez:

— Atenção - disse -, agora é que vem a história!

Tinha o rosto corado e olhava para o receptor com simpatia. A voz elevou-se, tonitruante e áspera:

"E agora, companheiros, acho que chegou a hora de falar sem subterfúgios."

Uma série de explosões fez-se ouvir, cobrindo os aplausos, mas Gomez não se incomodou; fixava o receptor, escutava a voz ameaçadora e sentia renascer dentro dele um sentimento há muito sepultado, algo que se assemelhava à esperança.

Vous qui passez sans me voir
Sans même dire bonsoir
Donnez-moi un peu d'espoir
Ce soir

J'ai tant de peine.[11](#)

— Compreendi - disse Germain Chabot. - Desta vez compreendi.

— O quê? - disse a sua mulher.

— É uma combinação com os jornais da noite. Não querem transmitir a tradução antes que os jornais a publiquem.

Levantou-se, pegou no chapéu:

— Vou descer. Hei-de achar um Intran na Avenida Barbes.

Era a hora. Tirou as pernas da cama, pensou: "É a hora." Ela não mais encontraria o pássaro mas acharia uma nota de mil francos espetada no lençol, se tiver tempo juntar-lhe-ei um poema de adeus. Sentia a cabeça pesada mas já não lhe doía. Passou as mãos pelo rosto com repugnância, cheirava a negra.

Na prateleira de vidro do toilette havia um sabonete cor-de-rosa ao lado de um vaporizador e uma esponja de borracha. Pegou na esponja mas sentiu uma náusea, e foi buscar à mala a sua luva de toilette e o seu sabonete. Lavou-se da cabeça aos pés, a água corria sobre o soalho mas não tinha importância. Penteou-se, tirou uma camisa limpa da mala e vestiu-se. A camisa do mártir. Estava triste e decidido. Havia uma escova em cima da mesinha, escovou o casaco com cuidado. "Mas onde é que eu enfiei as minhas calças?" Espiou debaixo da cama, entre os lençóis; nada. Murmurou: "Como devia estar bêbado!"

Abriu o armário, começava a sentir-se inquieto; as calças não estavam lá. Ficou um momento no meio do quarto, em camisa, a coçar a cabeça, olhando à sua volta, e de repente teve um ataque de raiva, porque a situação era ridícula para um futuro mártir, ali colocado, de meias, no quarto de dormir de uma prostituta, com as fraldas pelos joelhos. Foi quando deparou com um armário embutido à sua direita. Correu para ele, mas a chave não estava na fechadura. Tentou abrir com as unhas e depois com uma tesoura que encontrou, mas não o conseguiu. Lançou a tesoura para o chão, e pôs-se a bater os pés dizendo, furioso: "Putá de uma figa! Escondeu as minhas calças para que eu não saísse!"

"E agora só posso afirmar uma coisa: dois homens acham-se em frente um do outro: o senhor Benes e eu." A multidão inteira pôs-se a hurrar.

Anna olhou inquieta para Milan. Ele aproximara-se do rádio e considerava-o com as mãos nos bolsos. O seu rosto escurecera e algo mexia na sua face.

— Milan - disse Anna.

"Somos homens de género diferente. Quando o senhor Benes, durante a grande luta dos povos, ia e vinha pelo mundo longe do perigo, eu, como leal soldado alemão, cumpria o meu dever. Hoje, eis-me erguido diante desse homem, como soldado do meu povo." Aplaudiram novamente.

Anna levantou-se e pousou a mão no braço de Milan: o músculo contraía-se, o corpo era de pedra. "Vai cair", pensou ela. Ele disse, gaguejando:

— Sem-vergonha!

Ela apertou-lhe o braço com toda a força, mas ele empurrou-a. Tinha os olhos enraivecidos.

— Benes e eu - gaguejou. - Benes e eu! Porque tens setenta e cinco milhões de homens atrás de ti.

Deu um passo em frente; ela pensou: "Que vai fazer?", e correu para junto dele, mas ele já havia cuspidos duas vezes para o receptor.

A voz continuava.

"Tenho pouco a declarar: agradeço a Chamberlain todos os esforços que despendeu. Assegurei-lhe que o povo alemão só deseja a paz; mas declarei-lhe também que não posso recuar mais os limites da nossa paciência. Assegurei-lhe, e aqui repito, que uma vez resolvido este problema, não há outro problema territorial para a Alemanha, na Europa. Assegurei-lhe ainda que, a partir do momento em que a Checoslováquia tiver resolvido este problema, isto é, a partir do momento em que os Checos se tiverem explicado com as suas outras minorias, não pela opressão, mas pacificamente, eu não me interessarei mais pelo Estado checoslovaco. E isto eu lhe garanti! Nós não queremos checos! Mas desejo agora declarar da mesma forma, diante do povo alemão, que, no que diz respeito aos Sudetas, a minha paciência chegou ao fim. Fiz ao senhor Benes uma proposta que não é outra coisa senão a realização do que ele mesmo prometera. Ele tem agora a decisão nas mãos: paz ou guerra. Ou aceita essa proposta e dá liberdade aos alemães ou nós mesmos a iremos buscar."

Herrera ergueu a cabeça, exultava:

— Bolas! Bolas! Ouviram? Mas é a guerra!

— É - disse Gomez. - Benes é duro: não cederá. É a guerra.

— Se pudesse ser! - disse Tilquin. - Se pudesse ser! Ah!

— Deus meu!

— Que é isso? - indagou Chamberlain.

— A continuação - disse Woodhouse.

Chamberlain pegou nas folhas e começou a ler. Woodhouse perscrutava-lhe o rosto com ansiedade. Ao fim de um momento o primeiro-ministro levantou a cabeça e sorriu-lhe amavelmente.

— Pois é - disse -, nada de novo. Woodhouse olhou-o surpreso:

— O chanceler Hitler exprimiou-se com muita violência - observou.

— Ora - disse Chamberlain -, ele não podia agir de outro modo.

"Hoje, marcho à frente do meu povo como o seu primeiro soldado; e atrás de mim, que o mundo não se iluda, marcha um povo, um povo diferente do de 1918. Nesta hora, todo o povo alemão unir-se-á a mim. Sentirá a minha vontade como sua, assim como eu considero o seu futuro e o seu destino o motor da minha ação! Queremos fortalecer esta vontade comum, como quando parti como simples soldado à conquista de um Reich, não duvidando nunca da vitória definitiva. À minha volta juntou-se um grupo de homens bravos e de mulheres decididas e todos marcharam comigo. E agora, meu povo alemão, eu peço-te isto: marcha comigo, homem após homem, mulher após mulher. Nesta hora, todos queremos ter uma vontade comum. Essa vontade deve ser mais forte do que qualquer desespero, do que qualquer perigo; pois se for mais forte do que o perigo e o desespero, vencerá, vencerá o perigo e o desespero. Estamos decididos. Cabe ao senhor Benes escolher."

Boris virou-se para os outros:

— Terminou.

Não reagiram de imediato; fumavam atentos. Por fim o patrão indagou:

— Então? Torcemos-lhe o pescoço?

— Você pode tentar!

O patrão debruçou-se sobre as garrafas e fechou o rádio. Durante um minuto Boris sentiu-se desorientado; era como um grande vácuo. Um pouco de vento e de noite entrava pela porta aberta.

— Que foi que ele disse? - perguntou o marselhês.

— Ao terminar ele disse: "Todo o meu povo está comigo, estou disposto a ir à guerra. Cabe ao senhor Benes decidir."

— Que tristeza! Então é a guerra?

Boris encolheu os ombros.

— Eu que há seis meses que não vejo a minha mulher e as minhas filhas! - disse o marselhês. - Vou chegar a Marselha e, boa noite: um aceno e caserna.

— Eu talvez não tenha tempo sequer de ver a minha mãe - disse Chomis -, sou do Norte.

— Pois é - disse o marselhês, meneando a cabeça.

Calaram-se. Charlier esvaziou o cachimbo, batendo no salto do sapato. O patrão disse:

— Tomem mais alguma coisa. Como estamos em guerra, ofereço a rodada.

O ar lá fora era fresco e negro, ouvia-se a música do Casino ao longe: era talvez Lola a cantar.

— Eu estive na Checoslováquia - disse o tipo do Norte. - E estou contente de lá ter estado; assim sabemos por que nos batemos.

— Esteve lá muito tempo? - perguntou Boris.

— Seis meses, a derrubar árvores. Dava-me bem com os Checos. São trabalhadores.

— Os Alemães também - disse o patrão -; isso não basta.

— Sim, mas os Alemães oprimem a humanidade, ao passo que os Checos são tranquilos.

— À vossa saúde - disse Charlier.

— À vossa saúde.

Bateram os copos e o marselhês comentou:

— Começa a fazer frio.

Mathieu acordou sobressaltado.

— Que é isto? - indagou esfregando os olhos.

— É Marselha, Estação Saint-Charles, ponto final.

— Bom - disse Mathieu -, bom, bom.

Pendurou o impermeável e pegou na mala. Sentia-se tonto. "Hitler deve ter terminado o seu discurso", pensou com alívio.

— Vi-os partir em 14 - disse o tipo do Norte. - Eu tinha dez anos. Era outra coisa!

— Entusiasmo?

— E que entusiasmo! Berravam! Cantavam! Gesticulavam!

— É verdade que não tinham a noção da coisa - disse o marselhês.

— Ah! Não!

— Nós, nós sabemos - disse Boris.

Houve um silêncio. O tipo do Norte olhava fixamente para a frente. Disse:

— Eu vi-os de perto, os Fritz. Quatro anos de ocupação. Não lhes digo nada. A aldeia foi arrasada, nós escondíamos-nos durante semanas nas pedreiras. Então, compreendem, quando penso que vai ser preciso

recomeçar... - Acrescentou: - O que não quer dizer que eu não vá fazer como os outros.

— O que há comigo - disse o patrão - é que tenho medo da morte. Desde criança. Só me conformei ultimamente. Disse para mim mesmo: o chato é morrer, mas quer seja de gripe espanhola ou de estilhaço de obus, é a mesma coisa.

Boris estava no sétimo céu; achava-os simpáticos. Pensou: "Prefiro os homens às mulheres." A guerra tinha isso de bom: fazia-se entre homens. Durante três anos, cinco anos, só veria homens. "E cederei a minha vez de licença aos chefes de família."

— O que importa - disse Chomis - é podermos dizer que vivemos. Eu tenho trinta e seis anos, e nem sempre tive um mar de rosas pela frente. Houve altos e baixos. Mas eu vivi. Podem cortar-me em pedaços que não me levarão isso. - Voltou-se para Boris: - Para um jovem como você deve ser duro.

— Oh! - disse Boris com vivacidade. - Há tanto tempo que me dizem que haverá guerra!

Corou ligeiramente e acrescentou:

— Quando se é casado é que não se deve gostar nada.

— É - disse o marselhês, suspirando. - A minha mulher é corajosa e tem um ofício; é cabeleireira. O que me chateia são as meninas; afinal é sempre melhor ter um pai, não acham? Mas afinal nem todos morrem.

— Evidentemente - disse Boris.

A música cessara. Um casal entrou no bar. A mulher era ruiva e trazia um vestido verde muito comprido e decotado. Sentaram-se a uma mesa do fundo.

— Mesmo assim - disse Charlier -, é idiota a guerra. Não sei de nada mais cretino.

— Nem eu - disse o patrão.

— Nem eu - disse Chomis.

— Então? - indagou o marselhês. - Quanto devo? Uma rodada é minha.

— E outra minha - disse Boris.

Pagaram. Chomis e o marselhês saíram de braços dados. Charlier hesitou um momento, virou-se nos calcanhares e foi sentar-se com o seu cálice de conhaque. Boris ficara diante do balcão, pensando: "Como são

simpáticos", e sentiu-se feliz. Haveria idênticos nas trincheiras, milhares e milhares igualmente simpáticos. E Boris viveria com eles e não os deixaria dia e noite, teria que fazer. Pensou: "Tenho sorte"; quando se comparava aos pobres da sua idade, que haviam sido atropelados ou morrido de cólera, era forçado a aceitar que tivera sorte.

Não o tinham apanhado desprevenido, não se tratava de uma dessas guerras que derrubam sem aviso a vida de um homem, como um simples acidente: estava prevista há seis ou sete anos, tinha-se tido tempo de a ver chegar. Pessoalmente, Boris nunca duvidara do que ia acontecer; esperara-a como um príncipe herdeiro que sabe, desde criança, que nasceu para reinar.

Tinham-no criado para esta guerra, haviam-no educado para ela, mandaram-no para o liceu, para a Sorbona, haviam-lhe dado uma cultura. Diziam que era para que se tornasse professor, mas isso sempre lhe parecera duvidoso; agora sabia que queriam fazer dele um oficial de reserva; nada haviam poupado para que desse um belo morto, novinho e sadio. O mais engraçado, pensava, é que não nasci em França, sou somente naturalizado.

Mas, afinal, isso não tinha muita importância; se tivesse ficado na Rússia ou se os seus pais se tivessem refugiado em Berlim ou Budapeste, teria sido a mesma coisa; não é questão de nacionalidade, mas de idade, os jovens alemães, húngaros, ingleses e gregos tinham pela frente a mesma guerra, o mesmo destino. Na Rússia houvera primeiramente a geração da Revolução, depois a do plano quinquenal, e a seguir a do conflito mundial; cada qual com sua sorte. Afinal nascemos para a guerra, ou para a paz, como se nasce operário ou burguês, eis tudo, não é dado a todos ser suíço. Um indivíduo que teria direito de protestar seria Mathieu, pensou: certamente nasceu para a paz; acreditou na verdade que morreria de velhice e já tem as suas manias, na sua idade já não mudamos. Ao passo que, para mim, esta é a minha guerra. A que me fez, a que farei, somos inseparáveis; não posso sequer imaginar o que seria se ela não acontecesse.

Pensou na sua vida e já não a achou demasiado curta: as vidas não são nem curtas nem longas. Era uma vida, apenas. Com a guerra no fim. Sentiu-se de repente revestido de uma nova dignidade, porque tinha uma função na sociedade, e também porque ia morrer de morte violenta; sentiu-se incomodado na sua modéstia. Era hora de ir buscar Lola. Sorriu para o patrão e saiu rapidamente.

O céu estava nublado; de quando em quando viam-se estrelas, o vento soprava do mar. Durante um instante sentiu uma bruma na cabeça, depois pensou: "A minha guerra!", e dispersou-se porque não tinha por hábito pensar muito na mesma coisa. "Como vou ter medo", pensou. "Como vou ter medo!" Pôs-se a rir de escândalo e alegria, ante a ideia desse pavor gigantesco. Mas parou de rir ao fim de alguns passos, sob pressão de uma súbita inquietação: é que seria preciso não ter medo de mais. Não iria muito longe, sem dúvida, mas isso não era uma razão para desperdiçar a sua vida e ser complacente consigo mesmo. O caminho estava traçado, mas tinham-lhe deixado amplas possibilidades, a sua guerra era mais uma vocação do que um destino. Evidentemente, teria podido desejar outra coisa: o destino de um grande filósofo, por exemplo, de um Dom Juan ou de um financeiro. Mas não se escolhe a vocação; acerta-se ou malogra-se, é tudo, e o pior, na sua, era que não podia voltar atrás. Havia existências que se assemelhavam aos exames finais: submetiam-nas a várias provas e, se fracassavam em Física, podiam alcançar média com as Ciências Naturais ou Filosofia. A dele sugeria antes um certificado de Filosofia Geral, no qual se é julgado por uma única prova; era terrivelmente intimidante. Como quer que fosse, cabia-lhe ter êxito nessa prova e não noutra. Era preciso ter uma boa conduta, mas isso não bastava. Era preciso principalmente instalar-se na guerra, arranjar o seu canto nela e tratar de bem aproveitar tudo. Era preciso dizer para consigo mesmo que, de certo modo, tudo é equivalente: um ataque em Argonne vale um passeio de gôndola, o café fraco das trincheiras, pela manhã, vale o que se bebe nas estações espanholas de madrugada. E depois há os companheiros, a vida ao ar livre, os pacotes de presentes, e sobretudo o espetáculo; um bombardeamento não deve ser feio. Apenas era preciso não ter medo. Se tiver medo, deixarei que me roubem a vida, serei uma vítima. Não terei medo, decidiu.

As luzes do Casino arrancaram-no do sonho, ondas de música passavam pelas janelas abertas, um automóvel Preto arrumou-se silenciosamente diante da escadaria. "Mais ano ainda", pensou agastado. Passava da meia-noite, o Sportpalast estava escuro e deserto, cadeiras viradas, pontas de charuto esmagadas. Chamberlain falava no rádio, Mathieu vagueava pelo cais de Vieux-Port, pensando: "E uma doença, exatamente uma doença; atacou-me por acaso, não me diz respeito, preciso

de enfrentá-la com estoicismo, como a gota ou a dor de dentes." Chamberlain disse:

"Espero que o chanceler não rejeite esta proposta, feita dentro do mesmo espírito de amizade com que fui recebido na Alemanha; proposta que, se for aceite, dará satisfação ao desejo alemão da união dos Sudetas com o Reich, sem efusão de sangue na Europa."

Fez um gesto com a mão para indicar que terminara, e afastou-se do microfone. Zézette, que não podia adormecer, pusera-se à janela e contemplava as estrelas por cima dos telhados. Boris esperava Lola na entrada do Casino; por toda a parte, no ar, sem ser ouvida quase, uma flor sombria tentava desabrochar: *If the moon turns green*, interpretada pelo jazz do Hotel Astória e transmitida por Daventry.

Terça-Feira, 27 de Setembro

Vinte e duas horas e trinta. "Senhor Delarue!", disse a porteira. "Que surpresa! Só o esperava daqui a oito dias." Mathieu sorriu-lhe. Teria preferido passar despercebido, mas era necessário pedir as chaves.

— Não está mobilizado?

— Eu? - disse Mathieu. - Não.

— Ah! - disse ela -, tanto melhor! Tanto melhor. Nunca será tarde de mais. Que diz aos acontecimentos? Quanta coisa desde que o senhor se foi. E o senhor acredita na guerra?

— Não sei, senhora Garinet. - E acrescentou com vivacidade:

— Chegou alguma carta?

— Mande-lhe tudo ontem - disse a porteira. - Ainda ontem mandei um impresso para Juan-les-Pins; se o senhor me tivesse avisado! E hoje de manhã chegou isto.

Entregou-lhe um sobrescrito comprido e cinzento. Mathieu reconheceu a letra de Daniel. Pegou na carta e enfiou-a no bolso.

— Quer as chaves? Que pena não ter avisado; teria feito uma limpeza. Ao passo que assim... As janelas não foram sequer abertas.

— Não faz mal - disse Mathieu pegando nas chaves. - Não tem importância. Boa noite.

A casa estava ainda deserta. De fora, Mathieu vira as persianas fechadas. Havia retirado o tapete da escada, durante o Verão. Passou devagar diante do apartamento do primeiro andar. Crianças ali berravam outrora, e Mathieu acordara muitas vezes agitado, com os ouvidos feridos pelo coro do recém-nascido. Agora os quartos estavam escuros e vazios por trás das janelas fechadas. Férias. Mas ele pensava, no fundo de si mesmo: a guerra. Eram a guerra essas férias trancadas, encurtadas para uns, prorrogadas para outros. No segundo andar morava uma mulher sustentada por algum amante; às vezes o seu perfume deslizava por baixo da porta e expandia-se pelo patamar. Devia estar em Biarritz, num grande hotel abafado pelo calor e pelo marasmo dos negócios. Alcançou o terceiro andar e girou a chave na fechadura. Debaixo dele, por cima dele, pedras, noite, silêncio. Entrou no escuro e no escuro largou a mala e o impermeável: o hall cheirava a poeira. Ficou imóvel, de braços colados ao

corpo, envolto nas trevas, depois, bruscamente, acendeu a luz e atravessou todas as divisões uma a uma deixando as portas escancaradas. Acendeu a luz do escritório, da cozinha, das casas de banho, do quarto. Todas as lâmpadas brilhavam, uma corrente contínua de luz percorria o apartamento. Deteve-se à beira da cama.

Alguém dormira ali. As cobertas estavam amarrotadas, a fronha suja, migalhas de pão juncavam o lençol. Alguém: "Eu", pensava, "fui eu quem dormiu aqui. Eu, a 15 de Julho, pela última vez". Mas olhava para a cama com nojo: o seu antigo sono arrefecera nos lençóis, agora era o sono de um outro.

"Não dormirei aqui."

Voltou-se e entrou no escritório; o nojo persistiu. Um copo sujo sobre a lareira. Sobre a mesa, perto do caranguejo de bronze, um cigarro partido pelo meio: dele saíam fiapos secos. "Quando parti este cigarro ao meio?" Apertou-o e sentiu nos dedos um roçar de folhas mortas. Os livros. Um volume de Arbelet, outro de Martineau, Lamiel, Leuwen, as recordações do Egotismo. Alguém projetara escrever um artigo sobre Stendhal. Os livros continuavam ali e o projeto, petrificado, tornara-se uma coisa. Maio, 38: ainda não era absurdo escrever sobre Stendhal. Uma coisa. Uma coisa como as suas encadernações cinzentas, como o pó que se depositara nas lombadas. Uma coisa opaca, passiva, uma presença impenetrável. Meu projeto.

O seu projeto de beber, que se depositara em manchas mortas na transparência do copo, o seu projeto de fumar, o seu projeto de escrever, o homem pendura os seus projetos por toda a parte. Havia aquela poltrona de couro verde em que o homem se sentava à tarde. Era de tarde; Mathieu contemplou a poltrona e sentou-se na ponta de uma cadeira. "As tuas poltronas são corruptoras." Uma voz dissera aqui mesmo: "As tuas poltronas são corruptoras." No sofá, uma jovem loira sacudira os cabelos com raiva. Naquela época o homem mal lhe percebia os caracóis, mal lhe ouvia a voz: via e ouvia o seu futuro de Parte a parte. Agora o homem tinha partido, levando o seu velho futuro mentiroso; as presenças tinham arrefecido, continuavam ali, uma película de banha coagulada sobre os móveis, as vozes flutuavam ao nível dos olhos; tinham subido até ao teto e depois tornaram a cair, flutuavam. Mathieu sentiu-se indiscreto, foi à janela e empurrou as persianas.

Havia ainda um pouco de luz no céu, uma luz anônima; respirou. A carta de Daniel. Estendeu a mão para pegar nela e deixou cair a mão sobre o parapeito. Daniel partira por aquela rua, numa tarde de Junho, passara sob aquele candeeiro; o homem tinha-se posto à janela e havia-o seguido com os olhos. Era àquele homem que Daniel escrevera. Mathieu não tinha vontade de ler a carta. Voltou-se bruscamente e lançou um olhar para o escritório, com uma sensação de alegria seca. Estavam todos ali, encerrados, mortos, Marcelle, Ivich, Brunet, Boris, Daniel. Tinham vindo e ficado presos, continuariam ali. As cóleras de Ivich, as censuras de Brunet, Mathieu recordava-as com a mesma imparcialidade com que evocam a morte de Luís XVI. Pertenciam ao passado do mundo, não ao seu; ele já não tinha passado. Fechou novamente as janelas, atravessou o escritório, hesitou e após refletir, deixou a lâmpada acesa. Amanhã cedo virei buscar as malas. Fechou a porta de entrada e desceu as escadas. Leve. Vazio e leve. Lá em cima, atrás dele, os círios elétricos iluminariam durante toda a noite a sua vida morta.

— Em que pensas? - perguntou Lola.

— Em nada - disse Boris.

Estavam sentados na praia. Lola não cantava naquela noite porque havia recepção de gala no Casino. Um casal acabava de passar diante deles, depois passou um soldado.

Boris pensava no soldado.

— Sê bonzinho - insistiu Lola -, diz-me em que estás a pensar.

Boris encolheu os ombros:

— No soldado que passou.

— Ah! - disse Lola surpreendida. - E o que pensavas dele?

— Que queres tu que se pense de um soldado?

— Boris - gemeu Lola -, que tens tu? Estavas tão terno, tão amável. E eis que tudo recomeçou como antes. Quase que não me falaste durante todo o dia.

Boris não respondeu, pensava no soldado. Pensava: "Tem sorte; eu, mais um ano ainda de espera." Um ano: voltaria a Paris, passearia pelo Bulevar Montparnasse, pelo Bulevar Saint-Michel, que conhecia de cor, iria ao Dome, à Coupole, dormiria na casa de Lola todos os dias. "Se pudesse ver Mathieu, ainda não seria muito mau, mas Mathieu estará mobilizado. E o meu diploma!", pensou de repente, porque havia isso, essa piada

desagradável: o diploma de estudos superiores. O seu pai exigiria certamente que se apresentasse aos exames e Boris seria obrigado a entregar um ensaio sobre a Imaginação em Renouvier ou o Hábito em Maine de Biran. Porquê essa comédia? Tinham-no criado para a guerra, estavam no seu direito, mas agora queriam forçá-lo a tirar um diploma, com se tivesse toda uma vida de paz para viver. Que brincadeira!

Durante um ano frequentaria bibliotecas, fingiria ler as obras completas de Maine de Biran na edição Tisserand, fingiria tirar apontamentos, fingiria estar a preparar-se para os exames, mas não deixaria de pensar na verdadeira prova que o aguardava, não deixaria de indagar a si próprio se teria medo ou não. "Se não houvesse esta mulher", pensou, deitando um olhar irritado para Lola, "eu alistava-me já, já; pregava-lhes uma boa partida".

— Boris! - gritou Lola atormentada. - Como me olhas! Já não gostas de mim?

— Pelo contrário - disse Boris, cerrando os dentes. - Não podes imaginar como te amo. Não fazes a menor ideia.

Ivich acendera o candeeiro da cabeceira, estendera-se na cama, totalmente nua. Deixara a porta aberta e espiava o corredor. Havia um círculo de luz no teto e todo o resto do quarto estava azul. Uma bruma azul fluía em cima da mesa, cheirava a limão, a chá e a cigarro. Ouviu um ruído no corredor e uma massa enorme passou silenciosamente diante da porta.

— Olá - gritou ela.

O pai virou a cabeça e olhou-a com um ar de censura.

— Ivich, já te disse: fecha a porta ou veste-te.

Ele corara um pouco e a sua voz parecia mais cantante que de costume.

— Por causa da criada.

— A criada foi dormir - disse Ivich sem se abalar. E acrescentou: - Eu estava à espreita. Fazes tão pouco barulho quando passas, tinha medo de te perder. Vira as costas.

O senhor Serguine virou-se, ela pôs-se de pé e enfiou o roupão. O pai mantinha-se direito, de costas, à entrada da porta. Ela olhou-lhe para a nuca, para os ombros atléticos, e pôs-se a rir sem ruído.

— Podes olhar!

Ele estava agora de frente. Fungou duas ou três vezes e disse:

— Fumas demais.

— São os nervos - disse ela.

Ele calou-se. O candeeiro iluminava-lhe o rosto pesado, duro. Ivich achou-o belo. Belo como uma montanha, como as cataratas do Niágara. Ele disse por fim:

— Vou-me deitar.

— Não - suplicou Ivich. - Não, papá; eu queria ouvir o rádio.

— Para quê? A esta hora?

Ivich não se deixou enganar: sabia que ele tornava a sair do quarto todas as noites aí pelas onze, e ia ouvir notícias, em surdina, no seu escritório. Era esperto e leve como um elfo apesar dos seus noventa quilos.

— Vai sozinha. Eu levanto-me cedo amanhã.

— Mas, papá - disse Ivich, fazendo beijo -, sabes bem que eu não sei mexer no aparelho.

O senhor Serguine pôs-se a rir.

— Queres ouvir música? - indagou, novamente sério. - A tua mãe está a dormir, coitada.

— Não, papá - disse Ivich furiosa. - Não quero ouvir música. Quero ver em que pé estamos nesta história da guerra.

— Vem, então.

Ela acompanhou-o descalça, ele debruçou-se sobre o rádio. As suas mãos longas e fortes manejavam tão suavemente os botões que Ivich sentiu um nó na garganta e teve saudade da intimidade de outrora. Quando tinha quinze anos, estavam sempre juntos, a senhora Serguine sentia ciúmes; quando o senhor Serguine levava Ivich ao restaurante, fazia-a sentar-se em frente dele, ela própria escolhia os seus pratos, os criados chamavam-lhe senhora, ela ria contente e ele mostrava-se orgulhoso, parecia uma aventura.

Ouviram-se os últimos compassos de uma marcha militar e depois um alemão começou a falar com voz irritada.

— Papá - disse ela como que a censurá-lo -, não compreendo alemão.

Ele olhou-a com ar ingênuo. "Fez de propósito", pensou ela.

— Nesta hora são as melhores informações.

Ivich escutou atentamente para ver se pescava de passagem a palavra Krieg, cujo sentido conhecia. O alemão calou-se, depois tocou outra

marcha; Ivich já não a suportava, porém Serguine quis ouvir até ao fim, não desgostava de música militar.

— Então? - perguntou Ivich angustiada.

— Vai mal - respondeu Serguine, mas não parecia muito preocupado.

— Ah! - disse ela com voz rouca. - Sempre é por causa dos Checos?

— É.

— Como os odeio! - disse apaixonadamente. E acrescentou ao fim de alguns instantes: - Mas se um país se recusasse a fazer a guerra, poderiam obrigá-lo a lutar?

— Ivich - disse Serguine severamente -, é uma criança.

— Ah! - fez Ivich. - Ah! Sim, evidentemente.

Duvidava que o seu pai tivesse uma compreensão mais precisa das coisas. O senhor Serguine hesitou.

— Papá!

“Está furioso porque vim. Estrago-lhe a festa.” O senhor Serguine gostava de segredos, possuía seis malas fechadas a cadeado, duas malas a ferrolho, e abria-as por vezes quando ficava só. Ivich contemplou-o com ternura, era tão simpático que ela quase lhe falou da angústia que a devorava.

— Dentro de um momento - disse ele após uma hesitação - ouviremos os franceses.

Olhou-a com os seus olhos pálidos e ela sentiu que ele nada podia fazer por ela. Perguntou somente:

— Como seria se houvesse guerra?

— Os Franceses seriam vencidos.

— Ora! Os Alemães entrariam na França?

— Naturalmente.

— Viriam a Laon?

— Suponho que sim. Suponho que tentariam alcançar Paris.

"Não sabe nada", pensou Ivich. "É um polichinelo." Mas o seu coração pulava no peito.

— Tomariam Paris, mas não a destruiriam, pois não?

Arrependeu-se da pergunta. Depois que os bolchevistas tinham incendiado os seus castelos, Serguine tornara-se pessimista. Ele meneou a cabeça semicerrando os olhos:

— Quem sabe!

Vinte e três e trinta. Era uma rua morta, afogada na escuridão; de longe em longe uma luz. Uma rua de nenhum lugar, no meio de uns tantos mausoléus anônimos. Todas as persianas fechadas e nenhum raio de luz. "Foi outrora a Rua Delambre."

Mathieu atravessara a Rua Cels, a Rua Froidevaux, seguira pela Avenida du Maine e pela Rua de Ia Gaite; eram todas parecidas, ainda mornas, e já irreconhecíveis, ruas de guerra, já. Alguma coisa se perdera.

Paris já não era senão um grande cemitério de ruas. Mathieu entrou no Dome porque o Dome estava ali. Um criado surgiu com um sorriso amável, era um rapaz de óculos, doentio, e cheio de boa vontade. Um novo. Os antigos deixavam que os franceses esperassem durante uma hora e depois chegavam displicentes e anotavam o pedido sem sorrir.

— Onde está Henri?

— Henri?

— O moreno, gordo, com olhos enormes.

— Ah! Sim. Foi mobilizado.

— E Jean?

— O loiro? Também. Sou eu quem o substitui.

— Dê-me um conhaque.

O criado saiu apressado. Mathieu piscou, depois observou a sala com espanto. Em Julho, o Dome não tinha limites precisos, escorria dentro da noite pelas vidraças e a porta giratória expandia-se pela calçada, os transeuntes banhavam-se naquelas luzes amarelas que tremiam sobre as mãos e a face dos motoristas estacionados no meio do Bulevar Montparnasse. Um passo a mais e mergulhava-se no vermelho, a face direita dos motoristas era vermelha: a Rotonde. Agora as trevas de fora esmagavam-se de encontro às vidraças, o Dome estava reduzido à expressão mais simples: uma coleção de mesas, de bancos, de vidros secos, privados daquela luminosidade difusa que era a sua sombra noturna. Tinham desaparecido os emigrados alemães, o pianista húngaro, a velha americana alcoólica, e todos os casais gentis que davam as mãos e falavam de amor até de madrugada, com olhos vermelhos de sono. À sua esquerda, um major ceava com a mulher. Em frente dele, uma prostituta anamita sonhava diante do café com leite e, na mesa vizinha, um capitão comia um chucrute. À direita, um rapaz fardado abraçava uma mulher. Mathieu conhecia-o de vista, era um aluno da Escola de Belas-Artes, alto, pálido e

perplexo; a farda dava-lhe um ar feroz. O capitão ergueu a cabeça e o seu olhar atravessou as paredes. Mathieu acompanhou o olhar: no fim havia uma estação, luzes, reflexos nos carris, homens de rostos terrosos, olhos cheios de insônia, sentados nos vagões, com as mãos sobre os joelhos. Em Julho, estávamos sentados à volta do candeeiro, não nos perdíamos de vista, nenhum dos nossos olhares se transviava. Agora, perdem-se: dirigem-se para Wissemburgo, para Montmédy; há muito vazio e muita sombra entre as pessoas. Mobilizaram o Dome, fizeram do café um utensílio de primeira necessidade; uma cantina. "Ah!", pensou alegremente, "não reconheço nada, não lamento nada, nada deixo atrás de mim".

A pequena indochinesa sorriu-lhe. Era graciosa, com mãos minúsculas; há dois anos que Mathieu vinha sonhando em passar uma noite com ela. Era altura. Passearei a boca na sua pele fria, respirarei o seu odor de inseto e raízes; ficarei nu e vulgar ante os seus dedos profissionais; há em mim algumas velharias que morreriam com isso. Bastava sorrir-lhe.

— Quanto devo?

— São dez francos.

Mathieu pagou e saiu. "Ainda a conheço bastante bem."

Estava escuro. A primeira noite de guerra. Não completamente escuro. Ainda restavam muitas luzes pregadas às empenas das casas. Dentro de um mês, dentro de quinze dias, o primeiro alerta apagá-las-ia; por enquanto, tratava-se apenas de um ensaio geral. Mas Paris perdera o seu teto de algodão rosado. Pela primeira vez, Mathieu viu uma grande bruma escura sobre a cidade: o céu. O de Juan-les-Pins, de Toulouse, Dijon, Amienes, um mesmo céu para os campos e para as cidades, para toda a França. Mathieu parou, levantou a cabeça e olhou: um céu de qualquer lugar, sem privilégios. E eu nessa grande equivalência: um homem qualquer. Um homem qualquer num lugar qualquer: a guerra. Fixou os olhos numa poça de luz, repetiu, para ver: "Paris, Bulevar Raspail." Mas tinham-nos mobilizado também, aqueles nomes de luxo pareciam sair de um mapa de estado-maior ou de um comunicado. Nada mais restava do Bulevar Raspail. Estradas, somente estradas, que corriam de sul para norte, de oeste para leste; estradas numeradas. De vez em quando, calçavam-nas num quilômetro ou dois, passeios e lojas jorravam do chão e àquilo chamavam rua, avenida, bulvar. Mas nunca passava de um pedaço de estrada.

Mathieu caminhava, com o rosto voltado para a fronteira belga, num trecho de estrada departamental ligado à Nacional 14. Virou para a longa via reta transitável que prolongava as linhas férreas da Companhia do Oeste, antiga Rua de Rennes.

Uma chama envolveu-o, fez saltar uma luz da sombra, apagou-se: um táxi passava, rodava em direção às estações da margem direita. Surgiu atrás um automóvel preto cheio de oficiais, depois reinou novamente o silêncio. A beira do caminho, sob um céu indiferenciado, as casas tinham-se reduzido à sua função mais grosseira: eram prédios de renda, agora eram dormitórios e refeitórios para os mobilizáveis e suas famílias. Já se pressentia o seu destino final: tornar-se-iam pontos estratégicos e, enfim, alvos. Depois disso, podiam destruir Paris se quisessem: já estava morta. Um novo mundo germinava: o mundo austero e prático dos utensílios.

Um raio de luz passou entre as cortinas do café dos Deux-Magots. Mathieu sentou-se a uma mesa da esplanada. Atrás dele cochichavam no escuro: os últimos fregueses. Começava a refrescar.

— Um duplo - pediu Mathieu.

— Quase meia-noite - observou o criado. - Não servimos na esplanada.

— Só um duplo.

— Bem, então, não se demore.

Atrás de Mathieu uma mulher ria. Era o primeiro riso que ouvia desde a sua volta; quase se sentiu chocado. No entanto, não estava triste, mas não tinha vontade de rir. Uma nuvem rasgou-se no céu e surgiram duas estrelas. Mathieu pensou: "É a guerra."

— Se não se importasse de me pagar já... Depois deixá-lo-ei sossegado.

Mathieu pagou, o criado voltou para a sala. Um casal de sombras ergueu-se, deslizou entre as mesas, desapareceu. Mathieu estava sozinho na esplanada. Levantou a cabeça e viu, do outro lado da praça, uma bela igreja, novinha, branca, dentro da noite. Uma igreja de aldeia. Ontem, naquele lugar, erguia-se um edifício bem parisiense: a Igreja de Saint Germain-des-Prés, monumento histórico, muitas vezes Mathieu marcava encontro com Ivich ali, sob o pórtico. Amanhã talvez não houvesse em frente do Deux- Magots senão um utensílio quebrado, contra o qual cem canhões atirariam obstinadamente.

Mas hoje, hoje Ivich estava em Laon. Paris estava morta, acabava de enterrar a paz, a guerra ainda não tinha sido declarada. Uma grande forma branca assentava numa praça, escamas brancas da noite. Uma igreja de aldeia. Era nova e bela; não tinha nenhuma utilidade. Um vento ligeiro principiou a soprar; um automóvel de faróis apagados passou, um ciclista, a seguir, e depois dois camiões fizeram o chão tremer. A imagem de pedra turvou-se por um instante, o vento caiu, fez-se silêncio e ela tornou a formar-se, branca, inútil, inumana, erguendo-se no meio de todos aqueles utensílios verticais, à margem da estrada de leste, o futuro impassível e nu do rochedo. Eterna. Bastaria um pontinho escuro no céu para fazer que se estilhaçasse e no entanto era eterna. Um homem só, esquecido, devorado pela sombra dessa eternidade perecível. Estremeceu e pensou: "Eu também sou eterno."

Aquilo aconteceu sem tragédias. Havia um homem terno e timorato que gostava de Paris e passeava pela cidade. O homem morrera. Estava tão morto quanto Waldeck-Rousseau ou Thureau-Dangin; afundara-se no passado do mundo, com a Paz, a sua vida fora registada nos arquivos da Terceira República; as suas despesas quotidianas alimentariam as estatísticas acerca do nível de vida das classes médias após 1918, as suas cartas serviriam de documentos para a história da burguesia entre as duas guerras, as suas inquietações, as suas hesitações, as suas vergonhas, os seus remorsos seriam preciosos para o estudo dos costumes franceses depois da queda do Segundo Império. Esse homem construía um futuro à sua medida, curtido, moqueado, resignado, sobrecarregado de sinais, de escombros, de projetos. Um pequeno futuro histórico e mortal: a guerra caíra-lhe em cima com todo o seu peso e esmagara-o.

Entretanto até àquele momento ainda restava alguma coisa a que se poderia chamar Mathieu, alguma coisa a que se agarrava com todas as suas forças. Não saberia defini-la. Talvez algum hábito muito antigo, talvez certa maneira de escolher os seus pensamentos à sua imagem, de se escolher a si mesmo ao acaso dos dias, à imagem dos seus pensamentos, de escolher os seus alimentos, os seus hábitos, as árvores e as casas que via.

Abriu as mãos e largou tudo; aquilo passava-se muito longe, no fundo de si mesmo, numa região em que as palavras não têm sentido. Largou tudo: sobrou apenas um olhar. Um olhar novo, sem paixão, uma simples

transparência. "Perdi a minha alma", pensou com alegria. Uma mulher atravessou essa transparência.

Apressava-se, os seus saltos ressoavam na calçada. Escorregou dentro do olhar imóvel, preocupada, mortal, temporal, devorada por mil projetos pequenos, passou a mão pela fronte sem deixar de andar, a fim de lançar uma mecha de cabelos para trás. Eu era como ela: uma colmeia de projetos. A sua vida é a minha vida; sob aquele olhar, sob aquele céu indiferente, todas as vidas se equivaliam. A escuridão agarrou-a, os saltos ressoaram na Rua Bonaparte; todas as vidas humanas se fundiram na sombra, o ruído cessou.

O meu olhar. Contemplava a brancura abafada do campanário. Tudo está morto. O meu olhar e essas pedras. Eterno e mineral como ela. No meu velho futuro homens e mulheres esperavam-me a 20 de Junho de 1940, a 16 de Setembro de 1942, a 8 de Fevereiro de 1944, faziam-me sinais. Agora é só o meu olhar que se espera a si mesmo no futuro, a perder de vista, como essas pedras esperam, esperam continuar pedras amanhã, depois de amanhã, sempre olhar e uma alegria enorme como o mar; era uma festa.

Pousou as mãos nos joelhos, queria ficar calmo: quem me prova que não voltarei a ser amanhã o que era ontem? Mas não tinha medo. A igreja pode desmoronar, posso cair num buraco de obus, recair na minha vida: nada me pode arrancar este momento de eternidade. Nada: haveria, para sempre, este relâmpago seco inflamando pedras sob o céu escuro; o absoluto, para sempre; o absoluto, para sempre; o absoluto, sem causa, sem razão, sem objetivo, sem outro passado, sem outro futuro, senão a permanência, gratuito, fortuito, magnífico. "Sou livre", pensou subitamente. E a sua alegria transformou-se de imediato em esmagadora angústia.

Irene aborrecia-se. Não acontecia nada, só a orquestra tocando Music Maestro Please e Marc olhando-a com olhos de foca. Nunca acontecia nada, aliás, ou então, se acontecia alguma coisa, por acaso, não se percebia no momento. Acompanhava com o olhar uma escandinava, uma grande loira que dançava há mais de uma hora sem sequer se sentar entre as danças. Pensou com imparcialidade: essa mulher está bem vestida. Marc também estava bem vestido; toda a gente estava bem vestida, salvo Irene que se sentia suja no seu vestido grená, mas não se importava, eu bem sei que não tenho gosto para escolher as minhas toilettes; e depois, onde

arranjaria o dinheiro para as renovar, apenas; já que temos de nos dar com os ricos, precisamos de achar uma maneira de não dar nas vistas. Havia já uma meia dúzia de indivíduos que a olhavam; um vestido vagabundo, um pouco brilhante, suscitava-lhes o apetite, sentiam-se menos intimidados. Marc estava à vontade porque era rico; gostava de levá-la aos lugares de gente rica porque a colocava, assim, em estado de inferioridade e, supunha, de menor resistência.

— Porque não quer? - perguntou ele. Irene estremeceu.

— O que é que eu não quero? Ah!, sim... - Sorriu sem responder.

— Em que pensava?

— No seu copo vazio. Peça outro Cherry Gobler.

Marc pediu outro Cherry Gobler. Era divertido fazê-lo porque anotava as despesas diariamente num bloco. Esta noite, anotaria: passeio com Irene, um gin-fizz, dois Cherry Gobler: cento e sessenta francos. Ela percebeu que ele lhe acariciava o antebraço com a ponta do indicador, há um bom momento que devia estar a divertir-se assim.

— Diga, Irene, porquê?

— Sei lá - respondeu ela bocejando. - Nem sei.

— Mas exatamente: se não sabe realmente...

— Não, pelo contrário. Quando durmo com alguém quero saber porque o faço. Ou é por causa de uma frase dita pelo indivíduo ou porque ele é bonito.

— Eu sou bonito - disse Marc em voz baixa. Irene riu e ele corou.

— Enfim - murmurou ele -, você sabe o que eu quero dizer.

— Muito bem.

Ele pegou-lhe no pulso:

— Irene! Que é preciso fazer?

Inclinava-se sobre ela com uma humildade irritada, a emoção perturbava-lhe a respiração. "Como estou aborrecida", pensou ela.

— Nada. Absolutamente nada.

— Bem...

Largou-a, endireitou-se, mostrando um pouco os dentes. Ela via-se ao espelho, uma mulherzinha mal vestida com belos olhos, pensou: "Deus meu, quanta história por tão pouco!" Tinha vergonha pelos dois e tudo era tão insípido, tão aborrecido; nem compreendia porque se recusava: seria bem melhor dizer-lhe: "Quer mesmo? Pois vamos. Meia hora num quarto

de hotel, uma pequena sem-vergonha entre dois lençóis, depois volta-se aqui para terminar a noite e deixa-me sossegada." Mas era de crer que ainda dava demasiada importância ao seu pobre corpo: sentia muito bem que não cederia.

— Acho-a engraçada! - disse ele.

Virava os olhos belos e maus.

— Vai tentar magoar-me, é natural, depois pedirá desculpa.

— Como se defende - disse ele com ironia. - Se não a conhecesse há quatro anos poderia pensar que é por virtude!

Ela olhou-o com um interesse repentino e pôs-se a pensar. Quando pensava aborrecia-se muito menos.

— Tem razão - respondeu -, é engraçado: sou uma mulher fácil, é verdade, e no entanto preferia deixar que me cortassem em pedaços a dormir consigo. Explique-me isso!

Examinou-o imparcialmente e concluiu: "Não posso sequer dizer que me repugna realmente."

— Fale baixo! Fale mais baixo. - E ele acrescentou maldosamente: - Tem uma vozinha cristalina que se ouve ao longe.

Calaram-se. As pessoas dançavam, a orquestra tocava Caravane, Marc fazia girar o copo sobre a toalha e os pedaços de gelo entrechocavam-se lá dentro. Irene voltou ao seu estado de aborrecimento.

— No fundo - disse ele bruscamente -, demonstrei demasiado que a desejava.

Estendera as mãos sobre a toalha e alisava-a com calma; tentava recobrar a sua dignidade humana. Nenhuma importância, vai tornar a perdê-la dentro de cinco minutos. Sorriu-lhe, contudo, porque ele lhe oferecia a oportunidade de se interrogar sobre si mesma.

— Sim - disse ela -, há um pouco disso.

Via Marc através de uma bruma, uma bruma tranquila feita de espanto e que lhe subira do coração aos olhos. Adorava sentir-se assim espantada, com todas as indagações que se fazem indefinidamente e ficam sempre sem resposta.

Explicou-lhe:

— Fico escandalizada quando me desejam muito. Marc, sinto-me ridícula: amanhã Hitler ter-nos-á talvez atacado e você aí excitado porque

eu não quero dormir consigo! E preciso realmente que seja um pobre coitado para se pôr dessa maneira por uma pobre coitada como eu.

— Isso é comigo - disse ele irado.

— Comigo também: detesto que me superestimem.

Houve um silêncio.

“Somos animais, fazemos frases em torno de um instinto.” Olhou-o de soslaio: pronto, vai perder a linha. Os traços dele acentuavam-se, o pior momento estava ainda por vir; uma vez ele chorara no Melody's. Abriu a boca, ia falar. Mas atalhou com vivacidade:

— Cale-se, Marc, peço-lhe: vai dizer uma estupidez ou uma grosseirice.

Ele não a ouviu, meneava a cabeça, tinha um ar fatal.

— Irene, vou partir.

— Partir? Para onde?

— Não se faça de parva. Sabe muito bem.

— E então?

— Pensei que isso a comoveria um pouco.

Ela não respondeu: olhava-o fixamente. Ao fim de um momento ele continuou, desviando o olhar. Em 14, muitas mulheres se entregaram a tipos que as amavam, simplesmente porque eles iam partir. Ela não disse nada; as mãos de Marc puseram-se a tremer.

— Irene, é uma coisa que vale tão pouco para si, e para mim tem tanta importância, principalmente neste momento...

— Isso não pega.

Ele voltou-se com violência:

— Afinal é por si que eu me vou bater!

— Sórdido!

Ele acalmou-se imediatamente: mas tinha os olhos irados.

— Não posso suportar a ideia de morrer sem a ter tido.

Irene levantou-se.

— Venha dançar.

Ele levantou-se também, docilmente. Dançaram. Colara-se a ela, fazia-a dar grandes passos na sala, mas de repente ela deteve-se ofegante.

— Que foi? - perguntou ele.

— Nada.

Ela acabava de reconhecer Philippe, sentado, bem comportadinho, perto de uma crioula bastante bonita mas já um pouco passada. "Estava aqui! Enquanto o procuravam por toda a parte!" Achou-o pálido, de olhos pisados. Empurrou Marc para o meio dos dançarinos; era preciso que Philippe não a visse. A orquestra parou, voltaram para a mesa. Marc deixou-se cair no banco. Irene ia sentar-se, quando viu um sujeito inclinar-se diante da crioula.

— Sente-se - disse Marc. - Não gosto de a ver de pé.

— Um minuto! - atalhou ela com impaciência.

A negra levantou-se preguiçosamente e o sujeito enlaçou-a, Philippe olhou-os por um instante, como que acuado, e Irene sentiu o coração pular-lhe do peito. De repente, ele ergueu-se e saiu.

— Desculpe-me por um momento - disse Irene.

— Onde vai?

— Ao toilette. Está satisfeito?

— Vai fingir que vai ao toilette e vai-se embora.

Ela mostrou-lhe a bolsa.

— A minha bolsa está aí.

Marc resmungou qualquer coisa, ela atravessou a pista aos tombos.

— Está louca, essa camarada! - disse uma mulher.

Marc erguera-se atrás dela e ela ouvia-o gritar:

— Irene! Irene!

Mas já estava lá fora. Como quer que fosse, ele precisaria de cinco minutos para pagar a conta. A rua estava escura: "É pena", pensou, "perdi-o de vista". Mas quando os seus olhos se habituaram à penumbra, ela percebeu-o; caminhava em direção à Trinité, colando-se às paredes. Ela pôs-se a correr: "Que fique com a bolsa! Perco o estojo, cem francos, duas cartas de Maxime, não faz mal." Não se aborrecia mais. Percorreram assim uma centena de metros, correndo ambos, e de repente Philippe parou tão bruscamente que Irene teve medo de esbarrar com ele.

Desviou-se, ultrapassou-o e, aproximando-se de uma porta, tocou duas vezes à campainha. A porta abriu-se, Philippe passou por trás dela. Ela esperou um segundo; depois, bateu à porta violentamente, como se tivesse entrado no imóvel.

Philippe andava agora devagar, era fácil segui-lo. De vez em quando, a escuridão envolvia-o e mais adiante ele emergia da noite sob a chuvinha

luminosa de um lampião. "Como me divirto", pensou ela. Adorava seguir as pessoas; perdia horas inteiras atrás de gente que nem sequer conhecia.

Nos bulevares ainda havia muita gente e estava claro por causa dos cafés e das vitrines. Philippe parou pela segunda vez, mas Irene não se deixou surpreender; postou-se atrás dele num canto escuro e esperou. "Talvez tenha um encontro." Ele voltou-se para o lado dela, estava lívido; subitamente, pôs-se a falar e ela pensou que a tivesse reconhecido; estava porém certa de que ele não a podia ver. Philippe deu um passo atrás, murmurou alguma coisa, parecia aterrorizado. "Ficou louco", pensou ela.

Duas mulheres passaram, uma jovem e uma velha, com chapéus provincianos. Ele chegou-se a elas, tinha uma cara de exibicionista.

— Abaixo a guerra! - gritou.

As mulheres apressaram o passo, não pareciam compreender. Dois oficiais vinham atrás; Philippe calou-se e deixou que passassem. Uma prostituta, cujo perfume se infiltrou nas narinas de Irene, seguia-os. Philippe colocou-se diante dela com um ar maldoso: ela já lhe sorria, mas ele disse com voz estrangulada:

— Abaixo a guerra! Abaixo Daladier! Viva a paz!

— Idiota! - disse a mulher.

Passou. Philippe sacudiu a cabeça, olhou furioso para a direita e para a esquerda e mergulhou subitamente nas trevas da Rua Richelieu. Irene riu tão alto que quase se deixou descobrir.

— Mais dois minutos. - disse ela.

Mexia no botão, uma música de jazz jorrou do aparelho, quatro notas de saxofone, uma estrela cadente.

— Ah!, deixe - disse Ivich. - É bonito.

Serguine virou o botão e o lamento do saxofone foi substituído por um ruído arrastado e áspero. Ele considerou Ivich com severidade:

— Como podes gostar desta música de selvagens?

Desprezava os negros. Da sua vida de estudante em Munique conservava recordações fulgurantes, um culto por Wagner.

— Está na hora - observou Serguine.

Uma voz fez tremer o receptor. Uma voz francesa, bem grave, afável, que se esforçava por exprimir, através de inflexões, todos os matizes do discurso, uma voz penetrante e persuasiva de irmão mais velho. Detesto as

vozes francesas. Ela sorriu para o pai e disse, covardemente, a fim de reviver um pouco a antiga intimidade:

— Detesto as vozes francesas.

Serguine emitiu um ligeiro grunhido, mas não respondeu e, com a mão, impôs-lhe silêncio.

"Hoje", dizia a voz, "o representante do primeiro-ministro britânico foi recebido novamente pelo chanceler do Reich, o qual lhe fez saber que se até amanhã às catorze horas não tivesse recebido uma resposta satisfatória de Praga, a respeito da promessa de evacuação das regiões dos Sudetas, tomaria as medidas que julgasse necessárias.

Considera-se que o chanceler Hitler quis mencionar a mobilização geral, cuja ordem estava sendo esperada para segunda-feira, por ocasião do discurso do chanceler, e que só terá sido adiada em consequência da carta do primeiro-ministro britânico".

A voz calou-se. Ivich, com a garganta seca, ergueu os olhos para o pai. Ele bebera aquelas palavras com um ar estúpido de beatitude.

— Que significa exatamente uma mobilização? - perguntou ela com displicência.

— Significa a guerra.

— Não necessariamente.

— Ora!

— Não nos bateremos - disse ela com violência. - Não podemos bater-nos por causa da Checoslováquia.

Serguine sorriu com doçura:

— Sabes, quando se mobiliza...

— Mas se não queremos a guerra!

— Se não quiséssemos a guerra não teríamos mobilizado.

Ela olhou-o com estupor:

— Mobilizámos? Nós também?

— Não - disse ele corando. - Quero referir-me aos Alemães.

— Ah!, e eu falava dos Franceses - disse Ivich secamente.

A voz recomeçou, calma e benigna:

— Pensa-se em geral nos círculos estrangeiros de Berlim...

— Psiu! - fez Serguine.

Tornou a sentar-se, voltado para o receptor. "Sou uma órfã", pensou Ivich. Deixou a sala na ponta dos pés, atravessou o corredor, fechou-se no

quarto. Batia os dentes: passarão por Laon, incendiarão Paris, a Rua de Seine, a Rua Gaité, a Rua Rosiers, o baile de Montagne Sainte-Genievieve; se Paris for incendiada, mato-me. "Oh!", pensou bruscamente, "e o Museu Grévin?" Nunca fora ao museu, Mathieu prometera levá-la em Outubro e iam reduzi-lo a pó com as suas bombas. E se fosse esta noite? O seu coração dava pulos; sentia frio nos antebraços e nas mãos; que é que os impede de fazê-lo? Talvez a esta hora Paris já tenha sido reduzida a um montão de cinzas e escondem-no para que a população não seja tomada de pânico. A menos que seja proibido por acordos internacionais. Como sabê-lo? "Oh!", pensou furiosa, "tenho a certeza de que há pessoas que sabem, eu não percebo nada, mantiveram-me ignorante, obrigavam-me a estudar latim, e ninguém me disse nada, e aí está agora. Mas tenho direito a viver", pensou desnorteada, "puseram-me no mundo para viver, tenho esse direito". Sentia-se tão profundamente lesada, que se abateu sobre o travesseiro e foi sacudida por cinco ou seis soluços. "E injusto", murmurava, "na melhor das hipóteses, serão seis anos, dez anos, e todas as mulheres se vestirão como enfermeiras, e quando tudo terminar serei uma velha". Mas as lágrimas não correram, tinha um pedaço de gelo no coração. Endireitou-se bruscamente: "Quem, quem quer a guerra?"

Individualmente, separadamente ninguém era belicoso. Os homens, em verdade, só pensavam em comer, ganhar dinheiro e fazer filhos. Mesmo os Alemães. E no entanto a guerra estava ali, Hitler mobilizara. "Afinal, ele não pode decidir isso sozinho", pensou. Uma frase veio-lhe ao espírito, onde a lera? Certamente em algum jornal, a menos que a tivesse ouvido ao almoço, de um freguês do pai; quem está por trás dele?, repetiu a meia voz, franzindo as sobrancelhas e fitando a ponta dos chinelos: "Quem está por trás dele?" Esperava que tudo se esclarecesse e passava em revista todas essas grandes potências obscuras que governam o mundo: a maçonaria, os jesuítas, as duzentas famílias, os fabricantes de armas, os donos do ouro, a muralha do dinheiro, os trusts americanos, a Internacional Comunista, o Ku-Klux-Klan; devia haver um pouco de tudo e mais outra coisa talvez, uma sociedade secreta e formidavelmente poderosa, da qual se ignorava até o nome. "Mas que podem eles querer?", indagava, enquanto duas lágrimas de ódio lhe escorriam pelo rosto. Tentou em vão adivinhar-lhes as razões, mas sentia-se vazia, com uma argola de metal em volta do cérebro. "Se eu soubesse onde é a Checoslováquia!" Pregara à parede com punaises uma

grande aguarela em ouro e azul: era a Europa, divertira-se a pintá-la no Inverno anterior, copiando-a de um atlas, com algumas correções de linhas; pusera rios por toda parte, chanfrara as costas demasiado chatas e evitara cuidadosamente escrever qualquer nome; dava uma impressão de coisa erudita e pretensiosa, nenhuma fronteira tão-pouco, detestava as linhas pontilhadas. Aproximou-se, a Checoslováquia estava ali, algures, no âmago das terras, a menos que fosse a Rússia. E a Alemanha? Onde está? Olhava para a grande forma amarela e lisa, cercada de azul e pensava: "Toda esta terra!" Sentia-se perdida. Virou-se, deixou cair o roupão e contemplou-se nua ao espelho; em geral isso consolava-a um pouco, quando tinha aborrecimentos. Mas viu-se de repente pequenina, um feto, com uma pele granulosa, porque estava toda arrepiada e as pontas dos seios retesavam-se, ela detestava isso, um corpo de hospital, feito para ferimentos, dizem que eles violentam as mulheres, podem cortar-me uma perna. Se entrassem no seu quarto e a encontrassem nua na cama: a senhora tem cinco minutos para se vestir, e virariam as costas como fizeram com Maria Antonieta, mas ouviriam tudo, o barulho mole dos pés no tapete, o roçar do vestido na pele. Pegou nas calças e nas meias e enfiou-as rapidamente, deve-se esperar a desgraça de pé e vestida.

Depois de vestir a saia e a blusa, sentiu-se um pouco protegida. Mas no momento em que calçava os sapatos ouviu uma voz cantarolando em alemão no corredor.

— "Ich hatte einen Kamera de..."

Ivich precipitou-se, abriu a porta e deu de cara com o pai, solene e esperto.

— Que é que está a cantar? - perguntou furiosa. Ele olhou-a com um sorriso sabido:

— Esperança, bichinha, esperança! Tornaremos a ver a nossa Santa Rússia.

Ela voltou para o quarto batendo a porta com toda a força: "Que tenho eu a ver com a Santa Rússia! Não quero que destruam Paris, e se eles fizerem qualquer coisa verá se os aviões franceses não irão lançar bombas na sua Munique."

O ruído de passos perdeu-se no corredor e tudo voltou a cair no silêncio. Ivich mantinha-se tesa no meio do quarto, evitando olhar-se ao espelho. Subitamente ouviram-se três silvos imperiosos, vinham da rua, ela

estremeceu da cabeça aos pés. Lá fora. Na rua. Tudo se passava lá fora: o seu quarto era uma prisão. Decidiam da sua vida por toda a parte, ao norte, a leste, a sul, por toda a parte naquela noite envenenada, cortada por relâmpagos, cheia de cochichos e conciliábulos, por toda a parte menos ali onde se achava, entre paredes, e onde não acontecia nada. As suas mãos e pernas puseram-se a tremer, pegou na bolsa, passou o pente pelos cabelos, abriu a porta sem ruído e saiu.

"Lá fora. Tudo está lá fora: as árvores no cais, as duas casas da ponte, rosadas dentro da noite, o galope imóvel de Henrique IV acima da minha cabeça: tudo o que pesa. Lá dentro nada, nem um fumo, não existe lá dentro, não existe nada. Eu: nada. Sou livre", pensou, com a boca seca.

A meio da Pont-Neuf ele parou e pôs-se a rir; essa liberdade, procurei-a bem longe, estava tão próxima que não a podia ver, não a podia tocar, era apenas eu. Eu sou a minha liberdade. Esperava ter um dia uma imensa alegria, ser trespassado por um raio. Mas não havia nem raio nem alegria: apenas aquela nudez, aquele vácuo tomado de vertigem diante de si mesmo, aquela angústia cuja própria transparência impedia que se visse. Estendeu as mãos e passou-as devagar sobre a pedra do parapeito, era rugosa, vincada, uma esponja petrificada, ainda quente do sol da tarde. Estava ali enorme e maciça, encerrando em si o silêncio esmagado, as trevas comprimidas que constituem o âmago das coisas. Estava ali, uma plenitude.

Teria desejado agarrar-se a essa pedra, fundir-se nela, encher-se da sua opacidade, do seu repouso. Mas ela não o podia servir, estava lá fora, para sempre. No entanto havia as suas mãos no parapeito branco: quando as olhava, pareciam de bronze. Mas, justamente porque as podia olhar, não lhe pertenciam mais, eram mãos de outro, de lá de fora, como as árvores, como os reflexos do Sena, mãos cortadas. Fechou os olhos e elas tornaram a ser dele: não houve mais nada sobre a pedra quente, senão um gostinho ácido e familiar, um saborzinho de formiga muito desdenhável. As minhas mãos: a inapreciável distância que me revela as coisas e delas me separa para sempre. Não sou nada, não tenho nada. Tão inseparável do mundo quanto a luz, e no entanto exilado, como a luz, deslizando à superfície das pedras, e da água, sem que nada, jamais, me prenda ou me faça encalhar. Fora. Fora. Fora do mundo, fora do passado, fora de mim mesmo: a liberdade é o exílio e estou condenado a ser livre.

Deu alguns passos, sentou-se no parapeito e ficou a olhar para a água a correr. E o que é que vou fazer desta liberdade toda?. Que é que vou fazer de mim? Havia balizado o seu futuro com tarefas precisas: a estação, o comboio para Nancy, a caserna, o museio de armas. Mas nem esse futuro nem essas tarefas lhe pertenciam mais. Nada mais lhe pertencia: a guerra arava a terra, mas não era a sua guerra. Estava só naquela ponte, só no mundo e ninguém lhe podia dar ordens. "Sou livre para nada!", pensou desanimado. Nem um sinal no céu ou na terra, os objetos deste mundo estavam demasiado absorvidos na sua guerra, voltavam para leste as suas múltiplas cabeças.

Mathieu corria à superfície das coisas e elas não o sentiam. Esquecido. Esquecido pela ponte, que o suportava com indiferença, pelos caminhos que levavam à fronteira, por essa cidade que se soerguia lentamente a fim de contemplar no horizonte um incêndio que não lhe dizia respeito. Esquecido, ignorado, só: um retardatário. Todos os mobilizados haviam partido na antevéspera, não tinham mais nada a fazer ali.

Tomaria o comboio? Não tem importância. Partir, ficar, fugir; atos que não poriam em jogo a sua liberdade. E no entanto era preciso arriscá-la. Agarrou-se com as duas mãos à pedra e debruçou-se sobre a água. Seria suficiente um mergulho, a água devorá-lo-ia, a sua liberdade tornar-se-ia água. O repouso. Porque não? Esse suicídio obscuro seria também um absoluto. Toda uma lei, toda uma escolha, toda uma moral. Um ato único, incomparável, que iluminaria durante um segundo a ponte e o Sena. Bastaria debruçar-se um pouco mais e ter-se-ia escolhido para a eternidade. Debruçou-se, mas as suas mãos não largaram a pedra, sustinham todo o peso do seu corpo. Porque não? Não tinha razão particular para se afogar, mas não tinha tão-pouco nenhuma para não o fazer. E o ato ali estava, à sua frente, sobre a água escura, desenhava-lhe o futuro. Todas as amarras haviam sido cortadas, nada no mundo o podia reter: era isso a horrível liberdade. Bem no fundo de si, sentia bater o coração desorientado: um só gesto, mãos que se abrem, e terei sido Mathieu. A vertigem ergueu-se devagar sobre o rio; o céu e a ponte desmoronaram-se: nada mais restava senão ele e a água; ela subia até ele, lambia-lhe as botas. A água, o seu futuro. "Agora é verdade, vou matar-me." De repente resolveu não se suicidar. Resolveu: seria apenas uma prova. Reencontrou-se de pé,

caminhando, escorregando sobre a crosta de um astro morto. “Será da próxima vez.”

Ela corria na rua principal, ouviu ainda dois ou três silvos e depois mais nada, e eis que a rua era também uma prisão; não acontecia nada, as fachadas das casas eram cegas e achatadas, todas as janelas estavam fechadas, a guerra estava algures. Apoiou-se por um instante ao marco de uma fonte, estava cheia de ansiedade e desiludida, mas não sabia o que esperara: luzes talvez, lojas abertas, gente comentando os acontecimentos. Não havia nada: as luzes iluminavam as embaixadas e os palácios nas grandes cidades políticas e ela estava fechada numa noite cotidiana. “Tudo acontece sempre algures”, disse, batendo o pé. Ouviu um ligeiro ruído como se alguém se tivesse aproximado dela, por trás; reteve a respiração, e escutou muito tempo; mas o ruído não se repetiu. Estava com frio, o medo apertava-lhe a garganta; pensou: “Não seria melhor voltar?” Mas não podia voltar, tinha horror ao seu quarto. Ali, pelo menos caminhava sob o céu de todo o mundo, permanecia em comunicação pelo céu com Paris e Berlim. Ouvia um arranhar prolongado atrás de si e dessa vez teve a coragem de olhar. Era apenas um gato: os olhos brilharam e o bicho atravessou a rua, da direita para a esquerda, mau sinal. Recomeçou a correr, virou na Rua Thiers e parou, ofegante. “Os aviões!” Roncavam surdamente, deviam estar ainda muito longe. Escutou: o ronco não vinha do céu.

Dir-se-ia... “Naturalmente”, pensou, despeitada: “é alguém que ronca”. Era Lescat, o notário, reconheceu a placa. Roncava, de janelas abertas, ela não pôde deixar de rir e de repente o seu riso cessou: estão todos a dormir! Estou sozinha na rua, cercada de pessoas que dormem, ninguém dá por mim. Por toda a parte, na terra, dormem ou preparam a sua guerra nas repartições, não há uma só pessoa que esteja a pensar no meu nome. “E eu existo aqui”, pensou escandalizada. Estou aqui, sinto, vejo, existo tanto quanto Hitler.

Ao fim de um instante, reiniciou a caminhada e foi ter à esplanada. Abaixo de Laon estendia-se a planície melancólica. De longe em longe haviam colocado candeeiros, mas essas luzes não inspiravam confiança; Ivich sabia muito bem o que iluminavam: carris dormentes, pedras, vagões abandonados nas vias. No fim da planície havia Paris. Respirou; se estivesse em chamas, ver-se-ia um clarão no horizonte. O vento colava-lhe a saia aos joelhos, mas ela não se mexia: “Paris está ali, ainda banhada em luzes, e

talvez seja a sua última noite." Havia, exatamente nesse momento, gente que descia e subia o Bulevar Saint-Michel. No Dome também havia pessoas a conversar, que talvez a conhecessem. A última noite - e estou aqui, nesta água escura, e quanto for livre só encontrarei um monte de ruínas com tendas entre as pedras.

"Deus meu", disse ela, "faça com que eu possa voltar a vê-la uma última vez!" A estação era exatamente lá em baixo, era aquele clarão perto da escada, o noturno saía às três e vinte: "Tenho cem francos", murmurou triunfalmente, "tenho cem francos na minha bolsa".

Descia apressada a ladeira da estação; Philippe descia a correr a Rua Montmartre, medroso, pobre medroso, ah!, eu sou um medroso. Pois vão ver. Desembarcou numa praça; um buraco sombrio e buliçoso abria-se do outro lado da rua, cheirava a repolho e carne crua. Parou diante da grade de uma estação do metro, havia caixotes vazios nas calçadas, viu a seus pés pedaços de palha e folhas de alface sujas de lama; à direita, sombras passavam e repassavam na luz branca de um café. Ivich chegou-se ao guichê:

— Um bilhete de terceira para Paris.

— Ida e volta?

— Ida - respondeu com segurança.

Philippe limpou a voz e berrou com toda a força:

— Abaixo a guerra!

Não aconteceu nada, o vaivém das sombras continuou. Pôs as mãos em trombeta e tornou a berrar:

— Abaixo a guerra!

A sua voz pareceu-lhe um trovão. Algumas sombras pararam e ele viu homens que vinham para o seu lado. Eram numerosos, avançavam devagar e olhavam-no com interesse.

— Abaixo a guerra!

Estavam perto dele; havia também duas mulheres e um jovem moreno de físico bastante agradável. Philippe olhou-o com simpatia, e pôs-se a gritar sem o perder de vista:

— Abaixo Daladier! Abaixo Chamberlain! Viva a paz!

Cercavam-no agora e ele sentia-se à vontade pela primeira vez em quarenta e oito horas. Fitavam-no, arqueando as sobrelhas, e não diziam nada. Quis explicar que eram vítimas do imperialismo capitalista,

mas a sua voz não se podia calar e gritava: "Abaixo a guerra!" Era um hino triunfal. Subitamente recebeu um murro ao pé do ouvido e continuou a gritar, depois um soco na boca e outro no olho direito; caiu de joelhos e não gritou mais. Uma mulher colocara-se diante dele, via-lhe as pernas e os sapatos de salto baixo, ela debatia-se dizendo:

— Brutos! Brutos! É uma criança, não batam.

Mathieu ouviu uma voz aguda: "Brutos! Brutos! E uma criança, não batam!", alguém se debatia no meio de uma dezena de sujeitos de boné; era uma mulher pequenina, erguia os braços e os cabelos caíam-lhe pelo rosto. Um jovem moreno, com uma cicatriz sob a orelha, sacudia-a violentamente e ela gritava:

— Ele tem razão, são todos uns covardes, deveriam estar na Concorde manifestando-se contra a guerra; mas preferem bater numa criança, é menos perigoso.

Uma rufia gorda, diante de Mathieu, contemplava a cena com olhos brilhantes:

— Tirem a roupa dela! - disse.

Mathieu voltou-se aborrecido: incidentes como aquele deviam repetir-se por toda a parte. Véspera de guerra, vigília de armas: era pitoresco, não lhe dizia respeito. De repente decidiu que aquilo lhe dizia respeito. Afastou a rufia com um empurrão, entrou no grupo e pôs a mão no ombro do rapaz moreno.

— Polícia - disse. - Que é que há? O tipo fitou-o com desconfiança:

— Foi o menino que gritou: "Abaixo a guerra."

— E tu batestes-lhe - observou Mathieu severamente. - Não podias chamar um guarda?

— Não há guarda - disse a rufia.

— Tu, aí - atalhou Mathieu -, falarás quando eu me dirigir a ti.

O tipo moreno parecia preocupado.

— Não lhe fizemos mal - disse, lambendo as falanges esfoladas.

— Demos-lhe uns safanões, mais nada.

— Quem deu os safanões? - indagou Mathieu. O tipo da cicatriz olhou para as mãos, suspirando:

— Eu - respondeu.

Os outros haviam recuado uns passos. Mathieu virou-se para eles:

— Querem ser citados como testemunhas?

Eles recuaram mais um pouco sem responder. A rufia tinha desaparecido.

— Andem - ordenou Mathieu. - Ou tomo os vossos nomes.

— Tu, aí, fica.

— Então - disse o tipo -, nessa altura engaiolam-se os Franceses quando eles corrigem um "boche" provocador?

— Não te incomodes, vamos explicar-nos.

Os curiosos haviam-se dispersado. Dois ou três olhavam da porta de um café. Mathieu inclinou-se sobre o menino; tinham-no magoado bastante. A boca sangrava e tinha um olho fechado. Com o outro, olhava fixamente para Mathieu.

— Eu gritei - disse ativamente.

— Não fizeste muito bem. Podes levantar-te?

O menino pôs-se de pé, com dificuldade. Caíra em cima da alface, uma folha colara-se-lhe ao traseiro e um pouco de palha enlameada prendia-se ao casaco. A mulher limpou-o com a mão.

— Conhece-o? - perguntou Mathieu. Ela hesitou:

— N... não.

O rapazinho riu:

— Naturalmente conhece-me. É Irene, a secretária de Pitteaux.

Irene fixou em Mathieu um olhar sombrio.

— O senhor não vai prendê-lo por causa disso?

— Vou dar-lhe bombons?!

O tipo da cicatriz puxou-o pela manga, não parecia muito satisfeito:

— Ganho a minha vida, senhor inspetor, trabalho. Se o acompanhar até à esquadra, perco a minha noite.

— Os seus papéis.

O tipo mostrou um passaporte Nansen, chamava-se Canaro.

— Nascido em Constantinopla! Ora vejam só; é preciso que ames de verdade a França para rebentar assim o primeiro que a ataque.

— É a minha segunda pátria - disse o tipo com dignidade.

— Vai se alistar, espero!

O tipo não respondeu. Mathieu anotou-lhe o nome e o endereço num caderninho.

— Vai-te embora - disse. - Serás chamado. Os outros venham comigo.

Entraram os três na Rua Montmartre e deram alguns passos.

Mathieu sustinha o rapaz, que vacilava. Irene perguntou:

— Não vai soltá-lo?

Mathieu não respondeu: não estava ainda bastante longe das Halles. Andaram mais um pouco; como passassem por baixo de um candeeiro, Irene colocou-se à frente de Mathieu e olhou-o com ódio.

— Seu comissário nojento!

Mathieu riu. Os cabelos tinham-lhe caído no rosto e ela era forçada a olhar de lado para o ver entre as mechas.

— Eu não sou comissário - disse ele.

— Tem a certeza de que não é?

Ela sacudia a cabeça para se livrar dos cabelos. Acabou por os juntar com raiva e os lançar para trás. O rosto apareceu, pele seca e grandes olhos. Era bonita e não parecia demasiado espantada.

— Se não é comissário, enganou-os muito bem.

Mathieu não respondeu. A história já não o divertia. Experimentara uma vontade súbita de ir passear na Rua Montorgueil.

— Bem - disse -, vou enfiá-los num táxi.

Havia dois ou três estacionados no meio da rua. Mathieu aproximou-se de um, puxando o rapaz pela mão. Irene acompanhava-os. Ela segurava os cabelos no alto da cabeça com a mão direita.

— Entrem para aí. - Ela corou:

— É preciso que lhe diga: perdi a minha bolsa.

Mathieu empurrava o rapaz para o automóvel, com unia das mãos entre as omoplatas; com a outra, segurava a porta.

— Procure no bolso do meu casaco. O bolso da direita.

Irene tirou a carteira:

— Achei cem francos e uns níqueis.

— Pegue nos cem francos.

Um empurrão mais e o rapaz estatelou-se no banco. Irene subiu logo atrás.

— A sua morada? - perguntou ela a Mathieu.

— Já não tenho morada. Adeus.

— Eh! - gritou Irene.

Mas ele já tinha ido embora: queria ver a Rua Montorgueil por mais uma vez. Queria tornar a vê-la imediatamente. Andou um minuto, depois

um táxi veio encostar-se ao passeio, junto dele. A porta abriu-se e uma moça debruçou-se: era Irene.

— Suba depressa - disse ela. - Depressa.

Mathieu subiu.

— Sente-se nesse banquinho.

Sentou-se:

— Que é que há?

— O menino perdeu a cabeça. Diz que se vai entregar; está sempre a mexer na porta e quer atirar-se para fora. Não sou suficientemente forte para o segurar.

O rapaz encolhera-se no banco, tinha os joelhos mais altos do que a cabeça.

— Tem queda para mártir - disse Irene.

— Que idade tem ele?

— Não sei; uns dezanove anos.

Mathieu olhava para as pernas magras e compridas do rapaz; tinha a idade dos seus alunos mais velhos.

— Se ele tem vontade de ser preso - disse -, a senhora não o deve impedir.

— O senhor é engraçado - disse Irene indignada. - Não sabe o que ele arrisca.

— Matou alguém?

— Não!

— Que foi que fez?

— É uma longa história - comentou ela com melancolia.

Ele observou que ela havia arranjado o penteado, pondo o cabelo no alto do crânio. Isso dava-lhe um ar cómico e voluntarioso, apesar da sua bela boca caída.

— Em todo o caso isso é lá com ele. Ele é livre.

— Livre? Se lhe estou a dizer que perdeu a cabeça.

Ao ouvir a palavra "livre", o pequeno abriu um olho e resmungou alguma coisa que Mathieu não compreendeu; depois, bruscamente, lançou-se ao trinco da porta e tentou abrir. Um automóvel passou rente ao táxi; naquele preciso momento.

Mathieu pôs a mão no peito do rapaz e empurrou-o para o banco.

— Se eu quisesse ser prisioneiro - continuou Mathieu - não gostaria que me impedissem.

— Abaixo a guerra! - gritou o rapaz.

— Está certo - disse Mathieu -, tens razão.

Segurava-o no banco. Voltando-se para Irene acrescentou:

— Realmente, creio que perdeu a cabeça.

O motorista indagou:

— Vamos?

— Avenida do Parque Montsouris, 15 - disse Irene triunfante.

O rapaz arranhou a mão de Mathieu; depois, quando o táxi principiou a andar, resolveu sossegar-se. Ficaram silenciosos por um momento; o táxi andava por ruas escuras, que Mathieu não conhecia. De vez em quando o rosto de Irene saía da escuridão para mergulhar nela logo a seguir.

— É bretã? - perguntou Mathieu.

— Eu sou de Metz. Porque me pergunta?

— Por causa do penteado.

— É feio, não é? É uma amiga que quer que eu me penteie assim.

Calou-se um momento, depois indagou:

— Como é que não tem morada?

— Estou a mudar de casa.

— Sei, sei... mobilizado, não é?

— Sim. Como toda a gente.

— Está contente com a guerra?

— Não sei; nunca me meti nisso.

— Eu sou contra - disse Irene.

Já percebi.

Ela inclinou-se, solícita:

— Perdeu alguém?

— Não. Tenho cara de quem perdeu alguém?

— Tem um ar engraçado. Cuidado! Olhe!

O rapaz estendera a mão e disfarçadamente tentava abrir a porta.

— Quer fazer o favor de estar quieto? - gritou Mathieu, empurrando-o novamente para o fundo do banco. - Que estucha! - disse ele para Irene.

— É filho de um general!

— Ah! Não deve ter muito orgulho no pai.

O táxi parara. Irene desceu primeiro e depois foi preciso descer o rapaz. Ele agarrava-se a tudo e dava pontapés. Irene pôs-se a rir:

— Que espírito de contradição: agora não quer sair!

Mathieu acabou por pegar nele ao colo até ao passeio.

— Arre!

— Um segundo - disse Irene. - A chave está na minha bolsa, tenho de entrar pela janela.

Aproximou-se de um andar que tinha uma janela aberta. Mathieu segurava o rapaz com uma das mãos; com a outra tirou o dinheiro do bolso e entregou-o ao motorista.

— Fique com o troco.

— Que é que tem o garoto? - perguntou o motorista, zombeteiro.

— Passou da conta...

O táxi partiu. Atrás de Mathieu uma porta abriu-se e Irene surgiu, num retângulo de luz.

— Entre - disse.

Mathieu entrou empurrando o rapaz, que não dizia mais nada. Irene fechou a porta.

— À esquerda - advertiu.

Mathieu procurou às apalpadelas o botão da luz e acendeu. Viu um quarto empoeirado, com uma cama, um jarro com água e uma bacia sobre o toucador. Uma bicicleta sem rodas estava suspensa por cordinhas ao teto.

— É o seu quarto?

— Não, é o quarto de visitas.

Ele olhou-a e riu:

— As suas meias.

Estavam brancas de poeira, e rasgadas até aos joelhos.

— Foi ao subir pela janela - disse ela sem ligar.

O rapaz colocara-se no meio do quarto, vacilava de maneira inquietante e examinava tudo com um só olho. Mathieu perguntou a Irene:

— Que fazemos dele?

— Tire-lhe os sapatos e deite-o; vou lavar-lhe a cara.

O rapaz não opôs resistência: parecia liquidado. Irene voltou com a bacia e um pouco de algodão.

— Vamos - disse. - Seja bonzinho, Philippe.

Inclinara-se sobre ele e passava-lhe desastradamente o algodão pelas sobancelhas. O rapaz pôs-se a resmungar.

— Dói; mas faz bem - disse ela maternalmente. Foi colocar a bacia sobre o toucador. Mathieu levantou-se:

— Vou-me retirar.

— Ah!, não - disse ela vivamente. E acrescentou em voz baixa:

— Se ele quiser fugir não terei força para o segurar.

— Mas não pense que eu o vou vigiar a noite inteira!

— Como é pouco gentil! - disse ela irritada. E acrescentou em tom mais conciliante: - Espere ao menos até que ele adormeça, não vai demorar muito.

O garoto agitava-se na cama, murmurando palavras confusas.

— Onde poderá ter andado para ficar em semelhante estado? - observou Irene.

Era meio gorducha, com uma carne baça, um pouco macia de mais, um pouco húmida, e que não parecia muito, muito limpa; dir-se-ia que acabava de se levantar, a cabeça era admirável: uma boca minúscula com comissuras indolentes, olhos imensos e pequeninas orelhas rosadas.

— Então - disse Mathieu -, ele está a dormir!

— Acha?

Estremeceram; o rapaz erguera-se a berrar:

— Flossie, as minhas calças!

— Merda! - disse Mathieu. Irene sorriu:

— Vai ficar até amanhã.

Mas fora um pouco de delírio antes do sono: Philippe deixou-se cair de costas, grunhiu durante alguns instantes e logo se pôs a roncar.

— Venha - disse Irene, em voz baixa.

Acompanhou-a ao grande quarto forrado de cretone cor-de-rosa. Ela tinha pendurado na parede uma guitarra e um uculele.

— É o meu quarto. Deixo a porta entreaberta por causa do rapaz.

Mathieu viu uma cama espaçosa e por fazer, um pufe, um gramofone e discos sobre uma mesa Henrique II. Numa cadeira de balouço, estavam meias usadas, calcinhas, combinações, tudo a monte. Irene seguiu o olhar:

— Comprei os móveis numa feira da ladra.

— Nada feio - disse Mathieu -, nada feio.

— Sente-se.

— Onde?

— Espere.

Sobre o pufe havia um navio dentro de uma garrafa. Ela pegou nele, colocou-o no chão, depois tirou as roupas da cadeira de balouço e lançou-as para o pufe.

— Pronto. Eu sento-me na cama. Mathieu sentou-se e pôs-se a balançar.

— A última vez que me sentei numa cadeira de balouço foi em Nîmes, na entrada do Hotel dês Arenes. Tinha quinze anos.

Irene não respondeu. Mathieu reviu a entrada sombria com a sua porta envidraçada, faiscante ao sol: essa recordação ainda lhe pertencia; e havia outras, íntimas e indistintas, que tremiam em torno daquela: não perdi a minha infância. A idade madura, a idade da razão, ruíra, mas restava a infância, ainda quente: nunca estivera tão próximo dela. Tornava a pensar no pequeno deitado nas dunas de Arcachon e que exigia liberdade: diante daquele pequeno obstinado Mathieu deixara de se sentir envergonhado. Levantou-se.

— Já vai?

— Vou passear! - respondeu.

— Não quer ficar mais um pouco? - Ele hesitou:

— Francamente, preferiria estar só. - Ela pousou a mão no braço dele:

— Verá, comigo será como se estivesse só.

Olhou-a: tinha um jeito engraçado de falar, suave e um tanto ingênuo na sua gravidade; mal abria a boquinha e sacudia um pouco a cabeça para fazer cair as palavras.

— Fico - disse ele.

Ela não demonstrou nenhuma satisfação. A sua fisionomia, aliás, parecia pouco expressiva. Mathieu deu alguns passos no quarto, aproximou-se da mesa e pegou nalguns discos. Estavam gastos, alguns rachados, quase nenhum possuía saco. Havia música de jazz, um pot-pourri de Maurice Chevalier, o Concerto para Mão Esquerda, o Quarteto de Debussy, a Serenata de Toselli e a Internacional cantada por um coro russo.

— É comunista? - perguntou ele.

— Não. Não tenho opinião. Acho que seria comunista se os homens não fossem imundos. - Depois de refletir acrescentou:

— Sou pacifista.

— Você é engraçada - disse Mathieu -, se os homens são imundos devia-lhe ser indiferente que eles morressem na guerra ou não.

Ela meneou a cabeça com uma gravidade obstinada.

— Justamente. Se são imundos é ainda mais nojento fazer guerra com eles.

Houve um silêncio. Mathieu contemplou uma teia de aranha no teto e pôs-se a assobiar baixinho.

— Não posso oferecer-lhe nada. A menos que goste de xarope de orchata, ainda há uma pinguinha no fundo da garrafa.

— Hum! - fez Mathieu.

— Já sabia. Ah!, há um charuto na lareira, fume se quiser.

— Com prazer. - Levantou-se e pegou nele:

— Posso aproveitá-lo no cachimbo?

— Como quiser.

Tornou a sentar-se, partindo a ponta do charuto com os dedos; sentia o olhar de Irene fixado nele.

— Ponha-se à vontade - disse ela. - Se não quiser falar, não fale.

— Está bem.

Ela perguntou ao fim de um momento:

— Não quer dormir?

— Não.

Parecia-lhe que nunca mais teria vontade de dormir.

— Onde estaria agora se não me tivesse encontrado?

— Na Rua Montorgueil.

— Que faria aí?

— Passearia.

— Deve parecer-lhe estranho estar aqui.

— Não.

— É verdade - disse ela com uma vaga censura -; está há tão pouco tempo...

Ele não respondeu: pensava que ela tinha razão. Aquelas quatro paredes e aquela mulher na cama, era um acidente sem importância. Uma das imagens inconsistentes da noite. Mathieu estava por toda a parte onde fizesse noite, das fronteiras do Norte à Cote d'Azur; eram um só, olhava Irene com todos os olhos da noite: ela não passava de uma luz minúscula na escuridão. Um grito agudo fê-la sobressaltar.

— Que inferno, esse rapaz. Vou ver.

Saiu na ponta dos pés e Mathieu acendeu o cachimbo. Já não tinha vontade de ir à Rua Montorgueil: a Rua Montorgueil estava ali; atravessava o quarto, todas as estradas de França passavam por ali, todas as ervas ali cresciam. Tinham colocado quatro tabiques num ponto qualquer. Mathieu estava num ponto qualquer. Irene voltou: era uma pessoa qualquer. Não era a uma bretã que se assemelhava. Era antes à anamita do Dome. Tinha a mesma pele cor de açafão, o rosto inexpressivo e a graça impotente.

— Não é nada - disse ela. - Pesadelos.

Mathieu deu uma cachimbada.

— Deve ter passado por duras experiências, esse rapaz!

Irene encolheu os ombros e a sua fisionomia mudou bruscamente:

— Ora!

— Tu tornou-se dura de repente - disse Mathieu.

— É que me sinto irritada quando se tem dó de um rapazinho dessa espécie, tudo isso são histórias de filhinho de papá.

— O que não o impedirá de ser infeliz.

— Dá-me vontade de rir. Eu, o meu pai pôs-me na rua com dezasseis anos: como vê, não me dava bem com ele. Mas não diria nunca que era infeliz.

Por um instante, Mathieu entreviu, sob o seu rosto de luxo, uma face rude e experiente de mulher de trabalho. A voz dela era lenta e volumosa, deslizava com uma espécie de monotonia na indignação:

— Somos infelizes - disse - quando temos frio ou estamos doentes ou não temos que comer. O resto são ninharias.

Ele pôs-se a rir. Ela franzia o nariz com atenção e abria a boca para vomitar as palavras. Mal a ouvia: via-a. Um olhar. Um olhar imenso, um céu vazio: ela debatia-se nesse olhar, como um inseto na luz de um farol.

— Não - disse ela -, estou disposta a recebê-lo e tratar dele, a impedi-lo de fazer disparates; mas não quero que tenham dó. Porque eu conheço a miséria! E quando os burgueses afirmam que são desgraçados...

Olhou-o atentamente, recobrando o fôlego:

— E verdade que é burguês?

— Sim, sou burguês.

Ela vê-me. Pareceu-lhe que endurecia e diminuía a toda a velocidade. Atrás desses olhos há um céu sem estrelas, há também um olhar. Ela vê-me:

como a mesa e o uculele. E para ela eu sou: uma partícula suspensa num olhar, um burguês. E no entanto não chegava a senti-lo. Ela continuava a fitá-lo:

— Que é que faz na vida? Deixe-me adivinhar. Médico?

— Não.

— Advogado?

— Não.

— Bem... Poderia ser um intrujão...

— Sou professor.

— É curioso - disse um tanto decepcionada. Mas acrescentou vivamente: - Não tem importância.

“Ela olha para mim.” Levantou-se e pegou-lhe no braço um pouco abaixo do cotovelo. A carne doce e morna cedia um pouco sob a pressão dos dedos.

— Que é que quer?

— Tinha desejo de lhe tocar. Sem maldade; porque olha para mim.

Ela deixou-se abraçar e o seu olhar cobriu-se de bruma.

— Gosto de si - disse.

— Também gosto de si.

— Tem mulher?

— Ninguém.

Sentou-se perto dela, na cama:

— E você? Tem alguém na vida?

— Alguns... - disse com um ar triste - sou uma mulher fácil.

O olhar apagara-se. Restava uma bonequinha chinesa com cheiro de acaju.

— Fácil? E o que tem isso?

Ela não respondeu. Pusera a cabeça entre as mãos e olhava o vácuo com ar grave: "É uma pensativa", verificou Mathieu.

— Quando uma mulher anda mal vestida, precisa de ser fácil - disse ela por fim.

Voltou-se para Mathieu, inquieta:

— Não sou intimidante, sou?

— Não - disse Mathieu -, não se pode dizer que seja.

Mas ela parecia tão desolada que ele a tomou nos braços.

O café estava deserto.

— São duas horas da manhã, não são? - perguntou Ivich ao criado.

Ele esfregou os olhos com as costas das mãos e deitou um olhar para o relógio. Marcava oito e meia.

— Pode ser - resmungou.

Ivich encolheu-se muito quietinha a um canto e puxou a saia sobre os joelhos. Seria uma órfã que se vai juntar à tia num arrabalde de Paris. Pensou que tinha os olhos demasiado brilhantes e desfez os cabelos por cima do rosto. Mas o seu coração transbordava de uma quase alegre excitação: uma hora de espera, uma rua para atravessar e pularia para o comboio. “Lá pelas seis estarei na Estação do Norte, irei primeiro ao Dome, comerei duas laranjas e daí irei a casa de Renata para arranjar quinhentos francos emprestados.” Tinha vontade de pedir um conhaque, mas uma órfã não bebe álcool.

— Quer servir-me um chá de tília? - pediu com voz fina.

O criado virou-se, era horroroso mas era necessário seduzi-lo. Quando trouxe o chá, ela deitou-lhe um olhar todo doçura e susto.

— Obrigada - suspirou.

Ele colocou-se diante dela, perplexo.

— Onde é que vai assim?

— A Paris, para casa de minha tia.

— A senhora não é a filha do senhor Serguine, o da serralharia?

“O idiota!”

— Não - respondeu. - O meu pai morreu em 1918. Sou órfã de guerra.

Ele sacudiu a cabeça várias vezes e afastou-se: era um rústico, um rapazola. Em Paris, os criados têm olhos de veludo e acreditam no que lhes dizemos. Vou tornar a ver Paris. Na estação já seria reconhecida: tudo a estaria esperando. As ruas esperavam-na, as vitrines, as árvores do cemitério, Montparnasse e... as pessoas também. Certas pessoas que não teriam partido - como Renata - ou que teriam voltado. Voltarei a ser a mesma; só lá ela seria Ivich, entre a Avenida Du Maine e o cais. E mostrar-me-ão a Checoslováquia num mapa. “Ah!”, pensou com paixão, “que bombardeiem se quiserem, morreremos juntos, ficará somente Boris para ter saudade”.

— Apague.

Ele obedeceu, o quarto fundiu-se na grande noite de guerra, os dois olhares diluíram-se na escuridão; restava apenas uma réstia de luz na porta entreaberta, um olho comprido que parecia vê-los. Mathieu, perturbado, dirigiu-se para a porta.

— Não - disse a voz atrás dele -, deixe aberta; por causa do rapaz; quero ouvir.

Ele voltou em silêncio, tirou os sapatos e as calças. O sapato direito fez barulho ao cair no soalho.

— Ponha a roupa na poltrona.

Colocou as calças, o casaco e a camisa na cadeira de balouço, que rangeu. Ficou nu, braços soltos, dedos crispados, no meio do quarto. Tinha vontade de rir.

— Venha.

Estendeu-se na cama, junto de um corpo quente e nu, estava deitada de costas, não fez um gesto, os seus braços continuaram estendidos, colados ao corpo. Mas quando ele lhe beijou o peito, um pouco abaixo da garganta, sentiu o bater do coração, grandes marteladas que a faziam estremecer da cabeça aos pés. Ficou um instante sem se mexer, dominado por aquela imobilidade palpitante: esquecera o rosto de Irene; estendeu a mão e passou os dedos por aquela carne cega. Uma pessoa qualquer. Ouviu passos na calçada, riam alto.

— Eh! Mareei! - disse uma mulher -, se fosses Hitler poderias dormir esta noite?

Riram, os passos e os risos afastaram-se e Mathieu ficou só.

— Se tenho de tomar precaução - disse uma voz sonolenta -, é melhor dizer logo.

— Não precisa - atalhou Mathieu. - Não sou intrujão.

Ela não respondeu. Ele ouvia-lhe a respiração forte e regular. Um prado dentro da noite, respirava como o capim, como as árvores; talvez tivesse adormecido. Mas uma mão inexperiente, semifechada, tocou-lhe rapidamente nas ancas e nas coxas; a rigor podia passar por carícia. Ergueu-se devagar e deslizou por cima dela.

Boris retirou-se bruscamente, puxou as cobertas e deixou-se cair de lado. Lola não se mexera; continuava estendida de costas, de olhos fechados. Boris encolheu-se a fim de evitar o mais possível o contato do lençol com o seu corpo suado. Lola disse sem abrir os olhos:

— Começo a acreditar que me amas.

Ele não respondeu. Esta noite amara em Lola todas as mulheres, as duquesas e as outras, as mãos que até então um pudor insuperável mantinha sobre os ombros e os seios de Lola, tinham passeado por toda a parte; por toda a parte passeava os lábios, o semidesmaio que o invadia como de costume no meio do prazer e lhe repugnava, buscara-o com frenesi; havia pensamentos de que queria fugir. Agora sentia-se pastoso e conspurcado, o coração batia loucamente, não era desagradável: nesse momento era preciso pensar o menos possível. Ivich dizia-lhe sempre: pensa de mais. Tinha razão. Viu de repente surgir um pouco de água ao canto das pálpebras de Lola, eram dois pequenos lagos cujo nível subia lentamente de ambos os lados do nariz. "Que história é essa?" Vivia há vinte e quatro horas com uma angústia seca no estômago, não estava disposto a enternecer-se.

— Dá-me o lenço - disse Lola. - Está debaixo do travesseiro.

Enxugou os olhos e abriu-os. Fitava-o com ar desconfiado e duro. "Que terei feito?" Mas não era o que ele pensava: ela disse com voz angustiada:

— Vamos partir.

— Para onde? Ah!, sim, mas não já, dentro de um ano.

— E o que é um ano?

Ela olhava-o com insistência; ele tirou a mão debaixo do lençol e tapou os olhos com uma mecha de cabelos.

— Dentro de um ano a guerra talvez tenha acabado - disse prudentemente.

— Acabado! Sabe-se quando uma guerra começa, não quando acaba.

O braço branco saiu das cobertas e Lola pôs-se a apalpar o rosto de Boris, como se fosse cega. Acariciou-lhe as têmporas e as faces, contornou as orelhas, o nariz: ele sentia-se ridículo.

— Um ano é muito - disse com amargura. - Teremos tempo para pensar nisso.

— Bem se vê que é uma criança. Se soubesses como passa depressa um ano, na minha idade.

— Eu acho muito! - insistiu Boris com obstinação.

— Então tens vontade de lutar?

— Não é isso.

Sentia menos calor, virou-se de costas, distendeu as pernas, que encontraram um pedaço de pano no fundo da cama: as calças do pijama. Explicou, fixando os olhos no teto:

— Se devo ser chamado, que seja logo e que não se fale mais nisso.

— E eu? - gritou Lola. E acrescentou ofegante: - Não te perturba deixar-me, bicho mau?

— Mas, se tenho de te deixar de qualquer maneira!

— O mais tarde possível - disse ela apaixonadamente. - Morrerei. Principalmente como você é, passarás três dias sem escrever, por preguiça, e eu pensarei que estás morto. Ah!, não sabes o que isso é.

— Nem você - disse Boris. - Espera que aconteça para te atormentares.

Houve um silêncio e ela falou com voz áspera e rouca que ele conhecia tão bem:

— Em todo o caso, não deve ser muito difícil dar um jeito. Ela conhece mais gente do que imaginas, a tua velha.

Ele afastou-se e fitou-a furioso:

— Lola, se fizeres isso...

— Então?

— Nunca mais te verei.

Ela acalmara-se. Disse-lhe com um estranho sorriso:

— Pensei que a guerra te inspirasse horror. Quantas vezes me disseste que eras antimilitarista!

— Continuo sendo.

— Então?

— Não é a mesma coisa.

Ela fechara novamente os olhos e mantinha-se serena, mas já não tinha a mesma fisionomia: as duas velhas rugas de fadiga acabavam de reaparecer na comissura dos lábios. Boris fez um esforço:

— Sou antimilitarista porque não posso suportar os oficiais - disse, conciliante. - Dos simples soldados não desgosto.

— Mas serás oficial! Eles forçar-te-ão a ser oficial. - Boris não respondeu; era complicado de mais; perdia-se naquela confusão. Detestava os oficiais, sem dúvida. Mas por outro lado, como era a guerra e como o haviam destinado a uma pequena carreira, era preciso que fosse tenente. "Ah!", pensou, "se pudesse estar lá e acompanhar a companhia pela força

das circunstâncias, e não me aborrecer mais com tudo isso!" Disse bruscamente:

— Gostaria de saber se terei medo.

— Medo?

— Isso é que me atormenta.

Pensava que Lola não compreenderia: fora melhor explicar-se com Mathieu ou mesmo Ivich, mas uma vez que ela estava ali...

— Durante todo o ano vamos ler nos jornais: os franceses avançam sob um dilúvio de ferro e fogo, ou outros truques assim, sabes o que eu quero dizer. E de cada vez eu pensarei: aguentarei? Ou então interrogarei os soldados em licença, perguntarei: é duro? E eles responderão: muito duro, e eu não me sentirei à vontade. Vai ser divertido.

Ela riu e imitou-o com alegria.

— Espera que aconteça para te atormentares. E se tivesses medo, tolinho? Que grande tragédia!

Boris pensou: "Não adianta explicar-lhe, não compreende nada. Bocejou e perguntou:

— Vamos apagar? Estou com sono.

— Se quiseres - disse Lola. - Dá-me um beijo.

Beijou-a e apagou a luz. Detestava-a, pensou: "Não gosta de mim, de mim mesmo, senão teria compreendido." Eram todos iguais, fingiam-se de cegos; fizeram de mim um galo de briga, um touro de raça e agora fecham os olhos, o meu pai quer que eu tire o diploma, e essa quer dar um jeito para me dispensar, só porque dormiu uma vez com um coronel. Subitamente sentiu um corpo nu e quente colar-se ao seu. "Sempre este corpo a meu lado, e mais um ano ainda. Ela abusa de mim." Fez-se ríspido. Afastou-se.

— Onde vais? - perguntou Lola. - Vais cair no chão!

— Fazes-me suar.

Ela deixou-o resmungando. Um ano. Um ano a perguntar-me se sou um covarde, um ano a ter medo de ter medo. Ouvia a respiração regular de Lola, que dormia; e depois novamente o corpo colou-se ao dele, não era culpa dela, havia uma depressão a meio da cama, mas Boris estremeceu de raiva e desespero. Vai esmagar-me até amanhã cedo. Oh!, viver com homens, cada um na sua cama. De repente foi tomado por uma espécie de

vertigem, tinha as costas suadas: acabava de compreender que se alistaria como voluntário no dia seguinte.

A porta abriu-se e a senhora Birnenschatz surgiu de camisola, com um lenço na cabeça.

— Gustave! - disse berrando para dominar o barulho do rádio. - Por favor, vem dormir!

— Dorme você, não te incomodes comigo.

— Mas eu não posso dormir se não te deitares.

— Ora - disse ele aborrecido -, pois não vês que estou à espera de uma coisa!

— Mas o quê? Porque estás sempre a mexer nesse maldito rádio? Os vizinhos acabarão por se queixar. O que é que esperas?

Birnenschatz voltou-se para ela, segurou-lhe o braço com força:

— Aposto que é um bluff. Aposto que haverá um desmentido agora à noite.

— Mas o quê? - indagou ela assustada. - De que estás a falar?

Fez-lhe sinal para que se calasse. Uma voz calma e pausada começara a falar: "Desmentem-se em Berlim, nas fontes bem informadas, todas as notícias divulgadas no estrangeiro acerca de um ultimato que teria sido enviado à Checoslováquia pela Alemanha, dando-lhe um derradeiro prazo até hoje às catorze horas, bem como a respeito de uma pretensa mobilização que seria decretada em caso de recusa."

— Escuta! - gritou Birnenschatz -, escuta!

"Considera-se que tais notícias só podem espalhar o pânico e criar uma psicose de guerra. Desmente-se igualmente uma declaração que teria sido divulgada pelo ministro Goebbels a um jornal estrangeiro, acerca desse mesmo prazo. O senhor Goebbels não recebe nenhum jornalista estrangeiro há várias semanas."

Birnenschatz escutou mais um pouco, mas a voz emudecera. Então fez a mulher rodopiar uns passos de valsa, gritando:

— Eu disse-te! Eu disse-te! É o recuo, o pálido recuo. Não teremos guerra, Catherine, não teremos guerra, os nazis estão fritos!

A luz. As quatro paredes levantaram-se bruscamente, entre Mathieu e a noite. Ergueu-se sobre as mãos e contemplou a fisionomia calma de Irene: a nudez do corpo subira até ao rosto, o corpo recuperara-o como a natureza recupera os jardins abandonados; Mathieu não o podia isolar mais dos

ombros redondos, dos seios pequenos e pontiagudos, era tudo uma flor de carne tranqüila e vaga.

— Não foi muito aborrecido? perguntou ela.

— Aborrecido?

— Há quem me ache chata porque não sou muito ativa. Uma vez um tipo aborreceu-se tanto comigo que foi embora pela manhã e nunca mais voltou.

— Eu não me aborreci.

Passou-lhe ao de leve o dedo no pescoço.

— Mas, sabe?, não deve pensar que sou fria.

— Sei, fique quieta.

Tomou-lhe a cabeça nas mãos e inclinou-se sobre os olhos dela. Eram lagos de geleia, transparentes e sem fundo. Ela olha para mim. Atrás desse olhar, o corpo e o rosto tinham desaparecido. No fundo desses olhos é a noite. A noite virgem. Ela fez-me entrar nesses olhos: existo nessa noite: um homem nu. Vou deixá-la dentro de algumas horas e no entanto ficarei nela para sempre. Nela, nessa noite anônima. Pensou: "Não sabe sequer o meu nome." E de repente começou a querê-la tão fortemente que teve ímpeto de lhe dizer. Mas calou-se: as palavras teriam mentido; era àquele quarto que se prendia tanto quanto a ela mesma, à guitarra na parede, ao rapazola a dormir, a este instante, a toda esta noite.

Ela sorriu-lhe:

— Olha para mim mas não me vê.

— Vejo-a.

Ela bocejou:

— Queria dormir um pouco.

— Durma - disse Mathieu. - Mas ponha o despertador para as seis; preciso de passar por casa antes de ir para a estação.

— Parte esta manhã?

— Às oito horas.

— Posso acompanhá-lo à estação?

— Se quiser.

— Espere - disse ela. - Preciso de sair da cama para acertar o despertador e apagar a luz. Mas não olhe, fico com vergonha por causa do meu traseiro, volumoso e baixo.

Virou a cabeça, ouviu-a andar no quarto, viu apagar-se as luzes. Ela disse-lhe, ao voltar para a cama:

— Às vezes levanto-me a dormir e passeio pelo quarto. Basta dar-me umas bofetadas.

Quarta-Feira, 28 de Setembro

Seis horas da manhã...

Estava orgulhosa de si: não pregara olho durante toda a noite e no entanto não tinha sono. Apenas um ardor seco no fundo dos olhos, uma ligeira comichão no olho esquerdo, esse tremorzinho das pálpebras e, de vez em quando, frêmitos de cansaço a percorrerem-lhe as costas dos rins à nuca. Viajara num comboio horrivelmente deserto, a última criatura que vira fora o chefe da estação, em Soissons, agitando a bandeira vermelha. E, de repente, na estação de leste, a multidão. Era uma multidão feia, de velhas e soldados; mas tinha tantos olhos, tantos olhares, e além disso Ivich adorava aquele movimento perpétuo de cotovelos, de rins, de ombros, o balançar obstinado das cabeças umas atrás das outras; era tão agradável não mais suportar sozinha o peso da guerra. Parou em frente de um dos grandes portões de saída e contemplou religiosamente o Bulevar Strasbourg; era preciso encher os olhos, juntar na memória as árvores, as lojas fechadas, os autocarros, os carris dos elétricos, os cafés que começavam a abrir e a atmosfera embaciada da madrugada. Mesmo que jorrasse bombas dentro de cinco minutos, de trinta segundos, não me poderiam tirar isso. Verificou se não deixava escapar nada, nem mesmo o imenso cartaz Dubon-dubon-dubonnet à esquerda, e de repente sentiu-se tomada de frenesi: tinha de entrar na cidade antes que eles chegassem. Deu um empurrão a duas bretãs que transportavam gaiolas de passarinhos, passou o portão, deu entrada na verdadeira calçada de Paris. Pareceu-lhe que entrava num braseiro, era exaltante e sinistro. "Tudo se queimará: mulheres, crianças, velhos, eu perecerei nas chamas." Não tinha medo; de qualquer modo teria horror à velhice; mas a pressa secava-lhe a garganta; não podia perder um minuto: tanta coisa a ver! A Foire aux Puces, as catacumbas, Ménilmontant e outras que ainda não conhecia, como o Museu Grévin; se me derem oito dias, se não vierem antes de terça-feira próxima, terei tempo para tudo. "Ah!", pensou com paixão, "oito dias de vida, quero divertir-me mais do que em um ano inteiro, quero morrer a divertir-me". Aproximou-se de um táxi:

— Rua Huyghens, 12.

— Suba.

— Passe pelo Bulevar Saint-Michel, Rua Auguste Comte, Rua Vavin, Rua Delambre, Rua da Gaité e Avenida Du Maine.

— É um percurso mais longo.

— Não faz mal.

Entrou no automóvel e fechou a porta. Deixara Laon atrás para sempre. Nunca mais! Morreremos aqui! "Que lindo dia!", murmurou. "Que lindo dia! À tarde iremos à Rua Rosiers e à ilha Saint-Louis."

— Depressa, depressa - gritou Irene. - Venha!

Mathieu estava em mangas de camisa, penteava-se diante do espelho. Pousou o pente na mesa, pôs o casaco debaixo do braço e entrou no quarto de visitas.

— Que foi?

Irene mostrou-lhe a cama com um gesto poético.

— Foi-se embora!

— Não é possível!

Mathieu olhou para a cama desfeita, coçando a cabeça, depois desatou a rir. Irene fitou-o com ar sério e espantado, mas o riso foi contagioso.

— Passou-nos uma rasteira - disse Mathieu.

Vestiu o casaco. Irene continuava a rir.

— Encontramo-nos no Dome, às sete horas.

— Às sete - disse ela.

Inclinou-se e beijou-a ao de leve.

Ivich subiu a escada a correr e deteve-se ofegante no patamar do terceiro andar. A porta estava entreaberta. Começou a tremer.

"Talvez seja a porteira", pensou. Entrou: todas as portas estavam abertas, assim como todas as luzes. No hall uma mala grande: ele está aqui!

— Mathieu!

Ninguém respondeu. A cozinha estava vazia, mas no quarto a cama achava-se desarrumada. "Dormiu aqui." Entrou no escritório, abriu as janelas e as persianas. "Não é assim tão feio", pensou, "eu era injusta". Viveria ali, escrever-lhe-ia quatro vezes por semana; não, cinco. E um dia, ele leria nos jornais: "Bombardeamento de Paris", e nunca mais receberia cartas. Deu a volta ao escritório, mexeu nos livros, no peso para papéis em forma de caranguejo.

Havia um cigarro partido junto de uma obra de Martineau sobre Stendhal; pegou nele e guardou-o no bolso com as suas relíquias. Depois sentou-se muito direitinha no sofá. Ao fim de um momento, ouviu passos na escada e o seu coração deu pulos.

Era ele. Deteve-se um instante no hall, depois entrou com a mala. Ivich abriu as mãos e deixou cair a bolsa no chão.

— Ivich!

Não parecia espantado. Largou a mala, levantou a bolsa, entregou-lha.

— Está aqui há muito tempo?

Ela não respondeu: estava um pouco amuada porque deixara cair a bolsa. Ele foi sentar-se perto dela. Ela não o via. Fitava o tapete e a ponta dos sapatos.

— Tenho sorte - disse alegremente. - Uma hora mais tarde e não me encontraria. Tomo o comboio para Nancy às oito.

— Mas como? Parte já?

Calou-se, descontente consigo mesma e odiando a própria voz. Tinham tão pouco tempo, quisera ser simples, mas era mais forte do que ela: quando passava muito tempo sem ver as pessoas, não sabia ser simples ao vê-las de novo. Deixara-se dominar por um mole torpor que se assemelhava a um amuo. Escondia-lhe cuidadosamente o rosto mas mostrava-lhe o seu desnorreamento; sentia-se mais impudica do que se o olhasse de frente. Duas mãos estenderam-se para a mala, pegaram num despertador e deram-lhe corda. Mathieu levantou-se para colocar o despertador sobre a mesa. Ivich ergueu um pouco os olhos e viu-o, mancha escura contra a luz. Tornou a sentar-se, continuava calado, mas Ivich recobrou um pouco de coragem. Olhava-a, sabia que ele a olhava.

Ninguém, há três meses, a havia olhado como ele a olhava naquele momento. Sentia-se preciosa e frágil; um pequeno ídolo mudo; era doce, irritante e um pouco doloroso. Bruscamente, percebeu o tiquetaque do despertador e pensou que ele devia partir. "Não quero ser frágil, não quero ser um ídolo." Fez um esforço violento e conseguiu virar-se para o lado dele. Não tinha o olhar que ela esperava.

— Você aqui, Ivich. Você aqui.

Não parecia pensar no que dizia. Sorriu-lhe, mesmo assim, mas estava gelada da cabeça até aos pés. Ele não devolveu o sorriso; disse lentamente:

— Você...

Considerava-a com espanto.

— Como veio? - continuou num tom mais animado.

— De comboio. - Juntava as mãos e apertava-as com força para fazer estalar as falanges.

— Os seus pais sabem?

— Não.

— Fugiu?

— Mais ou menos.

— Bem. Bem. Está certo; poderá morar aqui.

Acrescentou com interesse:

— Aborrecia-se em Laon?

Ela não respondeu. A voz caía-lhe na nuca como um cutelo frio e tranquilo:

— Pobre Ivich!

Ela principiou a puxar os cabelos aos punhados. Ele continuou:

— Boris está em Biarritz?

— Está.

Boris levantara-se às apalpadelas, vestiu as calças e o casaco a tremer, deitou um olhar para Lola, que dormia de boca aberta, abriu a porta sem ruído e saiu para o corredor, com os sapatos na mão.

Ivich olhou para o despertador e viu que já eram seis horas e vinte. Perguntou com voz queixosa:

— Que horas são?

— Seis e vinte. Espere. Vou pôr uns objetos na mala e depois estarei inteiramente livre.

Ajoelhou-se junto da mala. Ela contemplava-o inerte. Não sentia mais o corpo, porém o tiquetaque do despertador feria-lhe os ouvidos. Ao fim de um momento ele levantou-se:

— Pronto.

Mantinha-se em pé diante dela. Ela via-lhe as calças um pouco puídas nos joelhos.

— Escute, Ivich - disse ele suavemente. - Vamos falar de coisas sérias: o apartamento é seu, a chave está pendurada num prego atrás da porta, vai morar aqui até ao fim da guerra. Quanto aos meus vencimentos, já tomei providências; dei uma procuração a Jacques, ele os receberá e e os enviará para você mensalmente. Terá de pagar pequenas contas periodicamente: o

aluguel, por exemplo, e os impostos, a menos que isentem os soldados - e depois mandar-me-á de vez em quando um pequeno embrulho com coisas, conservas, o que sobrar é para você. Acho que poderá viver.

Ela escutava a voz igual e monótona, que se assemelhava à do locutor da rádio. Como ousava ser tão chato? Não compreendia muito bem o que ele dizia, mas imaginava nitidamente a cara que devia fazer, meio sorridente, as pálpebras pesadas e um ar de falsa beatitude. Olhou-o para o odiar ainda mais e o ódio evadiu-se. Não tinha a cara da voz. “Estará a sofrer? Não, não parecia infeliz. Era um ar que ela não lhe reconhecia, eis tudo.”

— Está-me a ouvir, Ivich? - perguntou ele a sorrir.

— Certamente - disse ela. Levantou-se:

— Mathieu, quero que me mostre a Checoslováquia num mapa.

— Não tenho mapas - disse ele. - Ah!, sim, devo ter um Atlas velho.

Foi buscar um álbum encadernado, à biblioteca, e colocou-o em cima da mesa, abriu-o: "Europa Central". As cores eram neutras: somente cinzento e roxo. Não tinha azul; nem mares nem oceanos. Ivich olhou atentamente para o mapa e não conseguiu descobrir a Checoslováquia.

— É de antes de 1914 - disse Mathieu.

— E antes de 1914 não havia Checoslováquia?

— Não.

Pegou na caneta e riscou o meio do mapa uma curva irregular e fechada.

— É mais ou menos isto - disse.

Ivich olhou para aquela extensão de terras sem água, de cores tristes, o traço de tinta preta, tão feio junto dos caracteres tipográficos, leu a palavra "Boémia" dentro da curva e disse:

— Ah! É isso a Checoslováquia?

Tudo se lhe afigurou inútil e ela pôs-se a soluçar.

— Ivich!

Achou-se bruscamente meio estendida no sofá. Mathieu enlaçava-a. A princípio ela endireitou-se: não quero piedade, sou ridícula, mas ao fim de um momento relaxou-se, não houve mais guerra, nem Checoslováquia, nem Mathieu; somente aquela suave pressão em volta dos ombros.

— Dormiu ao menos esta noite? - perguntou ele.

— Não - disse ela entre dois soluços.

— Minha pobre Ivichzinha!

Levantou-se e saiu; ela ouvia-o andar no quarto ao lado. Quando voltou, recobrou um pouco aquele ar ingênuo e beato de que ela tanto gostava.

— Arranjei lençóis limpos - disse, sentando-se ao lado dela. - A cama está feita, poderá dormir logo que eu me for embora.

Ela encarou-o:

— Eu... eu não vou consigo à estação?

— Pensei que detestasse as despedidas...

— Ora - disse conciliante -, numa circunstância tão importante...

Mas Mathieu sacudiu a cabeça:

— Prefiro ir só. E além disso, precisa de dormir.

— Ah! - disse ela -, está bem.

Pensou: "Como sou tola." E sentiu-se de repente fria e fechada. Sacudiu a cabeça energicamente, enxugou as lágrimas e sorriu.

— Tem razão. Estou nervosa demais. É o cansaço: vou repousar.

Ele tomou-lhe a mão e fê-la erguer-se:

Quero mostrar-lhe o apartamento. Parou no quarto, diante de um armário:

— Aqui encontrará seis pares de lençóis, fronhas e cobertores. Há também um edredão por aí, não sei onde o enfiei, a porteira sabe.

Abriu o armário e olhava para as pilhas de roupa branca. Riu, não tinha um ar muito bom.

— Que há? - indagou cortesmente Ivich.

— Tudo isto era meu, é ridículo.

Voltou-se para ela:

— Vou mostrar-lhe também a despensa. Venha. Entraram na cozinha e ele indicou-lhe umas prateleiras.

— É aí. Ainda há azeite, sal, pimenta e latas de conserva. Erguia as latas cilíndricas, uma após outra, à altura dos olhos e fazia-as girar à luz da lâmpada: "Salmão, cassoulet, três latas de chucrute. Ponha esta em banho-maria..." - Calou-se e aquele riso mau aflorou-lhe novamente aos lábios. Mas não acrescentou nada, olhou para uma lata de ervilhas, com olhos mortos, e depois tornou a colocá-la na prateleira.

— Cuidado com o gás, Ivich. É preciso fechar o contador todas as noites, antes de se deitar.

Tinha voltado ao escritório.

— A propósito - disse ele -, avisarei a porteira, quando descer, que deixo o apartamento a seu cargo. Ela mandar-lhe-á a senhora Balaine. E quem faz a limpeza aqui, não é desagradável.

— Balaine! Que nome esquisito. - Riu e Mathieu sorriu.

— Jacques não volta antes do princípio de Outubro - continuou ele. - Preciso de lhe dar algum dinheiro para que possa ir esperá-lo.

Tinha na carteira uma nota de mil francos e duas de cem. Entregou-lhe a de mil.

— Obrigada. Muito obrigada - disse ela amarrotando-a na mão crispada.

— Qualquer coisa que aconteça, chame Jacques. Eu escrever-lhe-ei dizendo-lhe que a confio a ele.

— Obrigada. Obrigada.

— Sabe o endereço dele?

— Sei. Sei. Obrigada.

— Até breve. - Aproximou-se dela: - Até breve, querida Ivich. Escreverei logo que tiver uma morada. Pegou-a pelos ombros e puxou-a para si.

— Querida Ivich.

Ivich estendeu-lhe docilmente a testa e ele beijou-a. Depois apertou-lhe a mão e saiu. Ela ouviu-o bater a porta do bali. Só então desamarrotou a nota de mil francos, olhou para a vinheta e rasgou-a em oito pedaços, que lançou para o chão.

Um velho colonial de barba ruiva pousava uma das mãos no ombro do recruta e com a outra mostrava a costa africana: "Aliste-se no exército colonial." O jovem recruta tinha um ar estúpido: durante seis meses Boris teria esse ar idiota. Ponhamos três meses: os anos de guerra contam a dobrar. "Cortarão a minha mecha de cabelos", pensou. Animais! Nunca se sentira tão ferozmente antimilitarista. Passou perto de uma sentinela imóvel na guarita. Deitou-lhe um olhar dissimulado e de repente sentiu-se amedrontado. "Merda", pensou. Mas estava decidido a tudo, sentiu-se mal da cabeça até aos pés. Entrou na caserna de pernas moles. O céu estava rutilante, um vento muito brando trazia até àqueles arrabaldes longínquos o cheiro do mar: "Que pena", pensou Boris. "Que pena que o dia esteja tão lindo." Um guarda vigiava a porta do comissariado.

Philippe contemplava-o, estava com frio: doíam-lhe a face e o lábio superior. Será um martírio sem glória. Sem glória e sem alegria: a prisão e, de manhã, o fuzilamento nos fossos de Vincennes; ninguém o saberia, tinham-no renegado.

— O comissário? - perguntou. O guarda encara-o:

— Primeiro andar.

— Serei a minha própria testemunha, não tenho de prestar contas a ninguém. Só a mim mesmo.

— Seção de alistamento?

Os dois soldados trocaram um olhar e Boris sentiu o rosto a afogear-se, que cara devo ter, pensou.

— No fundo do pátio, primeira porta à esquerda.

Boris saudou negligentemente com dois dedos e atravessou o pátio com passo firme; mas pensava: "Estou com uma cara de idiota", e isso aborrecia-o bastante. "Devem torcer-se a rir", pensou. "Um tipo que vem sozinho, sem ser forçado, hão-de achar a coisa engraçada." Philippe estava de pé, em plena luz, encarava o homenzinho condecorado, de queixo quadrado, e pensava em Raskolnikoff.

— É o senhor o comissário?

— Sou o secretário dele.

Philippe falava com dificuldade por causa do lábio tumeficado, mas a voz era clara. Deu um passo em frente:

— Sou desertor - disse com firmeza. - E trago comigo um passaporte falso.

O secretário examinou-o com atenção.

— Sente-se - disse cortesmente.

O táxi rodava para a estação de leste.

— Vai chegar atrasado - disse Irene.

— Não - respondeu Mathieu. - Exatamente à hora.

Acrescentou como explicação:

— Tinha uma moça em casa.

— Uma moça?

— Veio de Laon para me ver.

— Ama-o?

— Não, não.

— E você ama-a?

— Tão-pouco: cedo-lhe o meu apartamento.

— É uma boa menina?

— Não, não é uma boa menina. Mas também não é má.

— Calaram-se.

O táxi atravessava o mercado.

— Foi ali - disse Irene. - Foi ali.

— Sim.

— Ontem. Deus meu!, como está longe...

Ajeitou-se no fundo do banco para olhar pelo vidro de trás.

— Acabou-se - disse voltando à posição normal. Mathieu não respondeu. Pensava em Nancy, onde nunca estivera.

— Você não conversa muito - disse Irene. - Mas não me aborreço consigo.

— Conversei muito outrora - respondeu Mathieu com um risinho curto. - E você que vai fazer hoje?

— Nada, nunca faço nada. O meu velho dá-me uma pensão.

O táxi parou, desceram e Mathieu pagou.

— Não gosto de estações - disse Irene. - É sinistro.

Agarrou-o pelo braço de repente. Ia ao lado dele silenciosa e familiar; Mathieu tinha a impressão de que a conhecia há dez anos.

— Preciso de comprar o bilhete. Abriram caminho na multidão.

Era uma multidão civil, lenta, muda, com alguns soldados.

— Conhece Nancy?

— Não - disse Mathieu.

— Eu conheço. Diga-me, onde vai ficar?

— Na caserna de Essey-les-Nancy.

— Conheço - disse ela. - Conheço.

Homens com mala faziam fila diante do guichê.

— Quer que vá comprar um jornal enquanto está na fila?

— Não - disse ele apertando-lhe o braço. - Fique comigo.

Ela sorriu contente. Avançaram, passo a passo.

— Essey-les-Nancy.

Estendeu a caderneta militar e o empregado deu-lhe um bilhete. Ele virou-se para ela:

— Acompanhe-me até à cancela, mas prefiro que não entre na gare.

Deram alguns passos e pararam.

— Então, adeus - disse ela.

— Adeus.

— Terá durado apenas uma noite.

— Uma noite. Mas você será a minha única recordação de Paris.

Beijou-a. Ela indagou:

— Vai escrever-me?

— Não sei.

Encarou-a um momento sem falar e depois afastou-se.

— Eh!

Ele voltou-se. Ela sorria, mas os seus lábios tremiam um pouco.

— Não sei sequer o seu nome.

— Chamo-me Mathieu Delarue.

— Entre!

Estava sentado na calma, de pijama, sempre bem penteado, sempre bonitão, ela perguntava a si mesma se ele não punha uma rede para dormir. O quarto cheirava a água-de-colônia. Olhou-a espantadíssimo, pegou rapidamente nos óculos e colocou-os no nariz.

— Ivich!

— Eu - disse ela, com candura.

Sentou-se na beira da cama e sorriu-lhe. O comboio de Nancy saía da estação de leste; em Berlim os bombardeiros acabavam talvez de levantar voo. "Quero divertir-me! Quero divertir-me!" Olhou em volta: era um quarto de hotel, rico e feio. A bomba atravessará o teto e o soalho do sexto andar: Morrerei aqui.

— Não pensava em voltar a vê-la - disse ele muito digno.

— Porquê? Porque se portou como um intrujão!

— Tínhamos bebido.

— Eu tinha bebido porque acabava de saber que fracassara nos exames. Mas você não havia bebido; queria levar-me para o seu quarto: estava à espreita.

— Ele mostrava-se inteiramente desorientado.

— Pois bem, eis-me aqui no seu quarto. Então?

Ele ficou roxo:

— Ivich!

Ela desatou a rir:

— Não parece muito perigoso!

Houve um longo silêncio e depois uma mão tímida tocou-lhe na cintura. Os bombardeiros tinham atravessado a fronteira. Ela morria a rir: como quer que seja, não morrerei virgem.

— Este lugar está vago?

— Hum! - fez o velho gorducho.

Mathieu colocou a mala no porta-malas e sentou-se. O compartimento estava repleto. Mathieu tentou ver os companheiros de viagem, mas a escuridão ainda era grande.

Ficou um instante imóvel até que houve uma sacudidela brusca e o comboio pôs-se a andar. Mathieu estremeceu de alegria: acabou-se! Amanhã, Nancy, a guerra, o medo, a morte, talvez, a liberdade. "Vamos ver", pensou. "Vamos ver." Pôs a mão no bolso para pegar no cachimbo e os seus dedos tocaram num sobrescrito: era a carta de Daniel. Teve vontade de a enfiar de novo no bolso, mas unia espécie de pudor impediu-o de fazê-lo. Era preciso lê-la, afinal. Encheu o cachimbo, acendeu-o, rasgou o sobrescrito e tirou de dentro sete folhas de papel cobertas de uma letra igual e carregada, sem rasuras: "Fez um borrão. Como é comprida!", pensou aborrecido. O comboio felizmente saíra da estação, via-se melhor. Leu:

"Meu caro Mathieu:

Imagino demasiado bem o teu estupor, para não sentir profundamente até que ponto esta carta é inoportuna. Afinal, nem mesmo eu sei porque me dirijo a ti: é de se supor que, assim como o do crime, o caminho das confidências é uma ladeira escorregadia. Ao revelar-te, em Junho último, um aspecto pitoresco da minha natureza, talvez tenha feito de ti - sem o perceber - a minha testemunha prioritária. Muito o lamentaria pois, se devesse estampilhar por ti todos os acontecimentos da minha vida, seria levado a votar-te um ódio ativo, que não deixaria de ser cansativo para mim e nocivo para ti. Bem sabes que digo isto a brincar. Há alguns dias, ando a sentir uma leveza de chumbo - se é que a aliança das duas palavras não te assusta - e o Rire outorgou-me certa graça suplementar. Mas deixemos isso de lado, mesmo porque não é o extraordinário da minha vida que te vou relatar e sim uma aventura extraordinária. Sem dúvida não se me afigurará ela inteiramente real, enquanto não existir também para outros. Não porque confie muito na tua boa fé. Duvido que consintas em abandonar por um instante sequer esse racionalismo que há dez anos ou mais é o teu ganha-pão. Mas talvez tenha justamente decidido comunicar essa experiência

inacreditável àquele, dentre os meus amigos, que fosse o menos indicado para a compreender: talvez tenha visto nisso algo como uma contraprova. Não que te peça uma resposta: desagradar-me-ia que te acreditasse obrigado a escrever-me essas exortações ao bom senso que - dá-me a honra de crê-lo - não deixei de fazer-me de viva voz. É mesmo preciso que te confesse: é quando penso no bom senso, na razão sadia, nas ciências positivas que, a maior parte das vezes, o maná do riso cai sobre mim. Imagino por outro lado que Marcelle se sentiria magoada se encontrasse uma carta tua na minha correspondência. Pensaria surpreender uma correspondência clandestina e talvez, conhecendo-te como te conhece, imaginasse que te pões generosamente à minha disposição para guiar os meus primeiros passos na vida conjugal. Eis porque o teu silêncio me pode servir de contraprova: se me for possível imaginar o teu "horroroso sorriso" sem me perturbar e conceber a ironia inconfessada com que encararás o meu "caso" sem abandonar o caminho excepcional que escolhi, terei adquirido a certeza de que estou no caminho certo. Acrescento, para evitar qualquer mal-entendido, e agradecendo à boa vontade do psicólogo subtil, que desta vez é ao filósofo que me dirijo, pois convém situar a narrativa que te envio no plano metafísico. Julgarás sem dúvida que isso é muito pretensioso, porque não li Hegel nem Schopenhauer; não te formalizes, não seria certamente capaz de fixar em noções os movimentos atuais do meu espírito, deixo isso ao teu cuidado, mesmo porque cabe dentro da tua profissão; contentar-me-ei em viver às cegas o que vós, os clarividentes, concebeis.

Contudo, não preciso que cedas tão facilmente: este riso, estas angústias, estas intuições fulgurantes, é infelizmente muito verosímil que te sintas na obrigação de classificá-los pelo meu caráter e pelos meus costumes, abusando das confidências que tive a fraqueza de te fazer. Isso não é da minha conta: o que foi dito está dito; tens portanto a liberdade de aproveitá-lo como quiseses, ainda que seja para cometer erros monumentais a meu respeito. Quero mesmo confessar-te que é com um secreto prazer que me disponho a fornecer-te todas as informações necessárias à reconstituição da verdade, embora sabendo que as utilizarás para chafurdar deliberadamente no erro.

Passemos aos fatos. O riso faz cair-me a caneta das mãos. Lágrimas de riso. O que só ventilo tremendo, isso de que nunca falei a ninguém, por pudor tanto quanto por respeito, vou trocá-lo por miúdos, em palavras públicas, e

essas palavras é a ti que endereço, ficarão nestas folhas azuis e dentro de dez anos ainda as poderás reler para te divertires. Parece-me que cometo um sacrilégio contra mim mesmo e isso é a coisa mais indesculpável; mas percebi também isto que te revelo com o resto: o sacrilégio provoca o riso. O que mais amo não me seria nunca inteiramente caro, se ao menos uma vez não me tivesse feito rir. Pois bem, ter-te-ia dado a oportunidade de rir da minha nova fé, transportarei comigo uma certeza humilhada que te ultrapassará em toda a sua imensidade e que estará nas tuas mãos; o que aqui me esmaga será diminuído aí, à medida da tua indignidade. Sabe, portanto, se te divertires com a leitura desta carta, que te antecede: rio-me; Deus feito homem, sobreexcedendo todos os homens e por todos zombando, pendurado na cruz, de boca aberta, esverdeado, mais mudo do que uma carpa sob os sarcasmos, haverá coisa mais risível? Por mais que faças, meu caro, as mais doces lágrimas de riso não correrão pelas tuas faces.

Vejamos, pois, o que podem as palavras. Antes de tudo, poderás compreender-me se te disser que nunca soube o que sou? Os meus vícios e as minhas virtudes, estou com o nariz em cima deles, não os posso ver nem recuar suficientemente para me considerar um conjunto. Além disso, sinto a estranha sensação de ser uma matéria mole e movediça em que as palavras se atolam, mal tento nomear-me e já quem é nomeado se confunde com quem nomeia, e é preciso recomeçar tudo. Muitas vezes desejei odiar-me e bem sabes que tinha boas razões para tanto. Mas esse ódio, logo que o experimentava, já não passava de uma recordação. Não podia amar-me tão pouco - estou convencido disso, embora jamais o tenha tentado. Mas era necessário que eu "fosse" assim eternamente; era o meu próprio fardo. Não assaz pesado, Mathieu, nunca bastante pesado. Um momento, nesta tarde de Junho, aprouve-me confessar-me a ti, acreditei tocar-me nos teus olhos amedrontados. Tu vias-me, aos teus olhos eu era sólido e previsível; os meus atos e os meus humores já não eram as consequências de uma essência fixa. Esta essência, é através de mim que a conheces, eu tinha-te descrito com palavras, eu tinha-te revelado fatos que ignoravas e que haviam permitido entrevê-la. No entanto, tu é que a vias e eu só podia ver-te a vê-la. Durante um instante, foste o mediador entre mim mesmo, o mais precioso do mundo a meus olhos, pois esse sólido e denso que eu era, que queria ser, tu percebia-lo tão simplesmente, tão vulgarmente como eu te percebia. Porque eu existo, afinal, eu sou, mesmo não me sentindo ser; e não é suplício comum

encontrar em si uma tal certeza sem o menor fundamento, um tal orgulho sem alicerces. Compreendi, então, que só nos podíamos alcançar através do juízo de outrem, do ódio de outro. Pelo amor de outro também, talvez; mas não se tratará disso aqui. Por essa revelação dediquei-te uma gratidão mitigada. Não sei que nome dás hoje às nossas relações. Não é amizade, nem exatamente ódio. Digamos que há um cadáver entre nós. O meu cadáver.

Estava ainda com essa disposição de espírito quando parti para Sauveterre com Marcelle. Ora queria procurar-te, ora sonhava matar-te. Mas, um dia, concordei com a reciprocidade das nossas relações. Que serias tu sem mim, senão essa mesma espécie de inconsistência que sou para mim mesmo? E graças à minha intercepção que podes adivinhar por vezes - não sem alguma exasperação - como é de verdade: um racionalista um pouco curto, muito seguro de si aparentemente, incerto no fundo, cheio de boa vontade para com tudo o que depende da tua razão, cego e mentiroso em relação ao resto; raciocinador por prudência, sentimental por gosto, muito pouco sensual; em suma, um intelectual comedido, moderado, fruto delicioso das nossas classes médias. Se é certo que não me posso alcançar sem a tua intercepção, não é menos certo que a minha te é necessária se te queres conhecer. Vimo-nos então exibindo, um por intermédio do outro, os nossos nada, e pela primeira vez ri, ri com esse riso profundo e confortador que abraça tudo. Depois recaí numa espécie de indiferença melancólica, tanto mais quanto o sacrifício que fizera nesse mesmo mês de Junho e se apresentava então como uma expiação dolorosa, revelara-se, com o correr dos dias, horivelmente suportável. Mas devo calar isto: não posso falar de Marcelle sem rir, e, por uma questão de decência que saberás apreciar, não quero rir dela contigo. Foi então que surgiu a sorte mais improvável e mais louca. Deus vê-se, Mathieu; eu sinto-o, eu sei-o. Eis tudo dito de chofre. Gostaria por isso de estar perto de ti e colher uma certeza mais forte, se é que é possível, no espetáculo do riso pesado que vai sacudir-te durante um momento.

Agora basta. Já nos rimos bastante um do outro: volto à narrativa. Certamente, já tiveste no metro, na entrada de um teatro numa carruagem, a impressão repentina e insuportável de ser espiado por trás. Tu voltas-te, mas o curioso já mergulhou o nariz no livro; tu não consegues saber quem te observa. Voltas à posição anterior mas sabes que o desconhecido reergueu os olhos, e sentes um formigueiro nas costas, comparável a uma crispação

violenta e rápida de todos os teus tecidos. Pois bem, eis o que senti pela primeira vez, a 26 de Setembro, às três da tarde, no parque do hotel. Não havia ninguém, entendes, ninguém. Mas havia o olhar. Compreende bem: não o agarrei como se apanha de passagem um perfil, uma fronte, uns olhos, porquanto pela sua própria natureza ele é inapreensível. Só me endireitei, me concentrei, estava ao mesmo tempo trespassado e opaco, existia na presença de um olhar. Desde então nunca deixei de estar diante de uma testemunha: diante de uma testemunha, mesmo no meu quarto fechado; por vezes, a consciência de ser trespassado por esse gládio, de dormir diante de uma testemunha, despertava-me sobressaltado. Em suma, perdi o sono quase por completo. Ah!, Mathieu, que descoberta: viam-me, agitavam-me para me conhecer, acreditava esgotar-me por todas as extremidades, pedia a tua intercepção benevolente e durante esse tempo viam-me, o olhar estava ali, inalterável, aço invisível. E eu também, zombador incorrigível, o olhar vê-te, mas não o sabes. Dizer o que é esse olhar ser-me-ia fácil: porque não é nada; é uma ausência. Imagina a noite mais escura. É a noite que te olha. Mas uma noite ofuscante; a noite em plena luz, a noite secreta do dia. Estou banhado por luz negra; cobre-me as mãos, os olhos, o coração e eu não a vejo. Podes crer que essa violentação perpétua foi-me a princípio odiosa: sabes que o meu sonho mais antigo era ser invisível; cem vezes desejei não deixar nenhum vestígio na terra e nos corações. Que angústia descobrir subitamente esses olhos como um ambiente universal de que não posso evadir-me. Mas que repouso, também. Sei finalmente que sou. Transformo para uso próprio, e com toda a sua indignação, a palavra imbecil e criminosa do vosso profeta, esse "penso, logo existo" que tanto me fez sofrer - pois, quanto mais pensava, menos me parecia existir - e digo: vêem-me, logo existo. Não me cabe mais suportar a responsabilidade do meu pastoso escoamento: quem me vê e me faz ser. Sou como ele me vê. Volto para a noite, minha face noturna e eterna, ergo-me como um desafio, e digo a Deus: eis-me. Eis-me como sou, como me vedes. Que posso fazer? Vós me conheceis e eu não me conheço. Que posso fazer senão suportar-me? E vós, cujo olhar me foge eternamente, suportai-me. Mathieu, que alegria, que suplício! Estou enfim transformado em mim mesmo. Odeiam-me, desprezam-me, suportam-me, uma presença me sustém e auxilia-me a ser para sempre. Sou infinito e infinitamente culpado. Mas sou, Mathieu, eu sou. Perante Deus e perante os homens, eu sou. Ecce homo.

Fui visitar o cura de Sauveterre. É um camponês instruído e matreiro, com uma cara gasta e viva de velho ator. Não me agrada muito, mas não me desagradava que o meu primeiro contato com a Igreja se estabelecesse por seu intermédio. Recebeu-me num aposento guarnecido de livros que certamente não leu inteiramente. Primeiramente, dei-lhe mil francos para os seus pobres e vi que ele me julgou um criminoso arrependido. Senti que ia rir e tive de encarar a tragicidade da minha situação para ficar sério:

— Senhor cura - disse-lhe -, quero apenas uma informação: a vossa religião ensina que Deus nos vê?

— Ele vê-nos - respondeu com espanto. - Lê os nossos corações.

— E que vê Ele? Verá essa espuma de que são feitos os meus pensamentos quotidianos ou o seu olhar atinge a nossa essência eterna?

O velho, esperto, deu-me esta resposta, onde reconheci uma sabedoria secular: "Deus tudo vê, senhor. Compreendi que..."

Mathieu amarrotou a carta com impaciência. "Quanta velharia", pensou. O vidro estava aberto, fez uma bola da carta e lançou-a pela janela, desistindo de ler o resto.

— Não, não - disse o comissário -, pegue no telefone, não gosto de falar com esses oficiais mais graduados, tratam-nos como lacaios.

— Creio que esse será mais amável - disse o secretário -; afinal devolvemos-lhe o filho; e além disso, ele tinha razão, em suma: deveria tê-lo vigiado melhor.

— Verá, verá, arranjava um pretexto para ser desagradável. Principalmente nas circunstâncias atuais: nas vésperas de uma guerra, é inútil tentar fazer com que um general reconheça o seu erro.

O secretário marcou o número: o comissário acendeu um cigarro.

— Seja hábil, Mirant - disse ele. - Tom de voz profissional e não fale demais.

— Está, está! General Lacaze?

— Sim - disse uma voz desagradável. - Que deseja?

— Sou o secretário do comissariado da Rua Delambre.

A voz pareceu demonstrar maior interesse.

— Bem, e então?

— Apresentou-se um rapaz neste comissariado às oito horas, mais ou menos - disse o secretário com voz neutra e branda. - Afirmo ser desertor e possuir um passaporte falso. Encontramos efetivamente, nos seus bolsos,

uma passaporte espanhol grosseiramente imitado. Ele recusou-se a declarar a sua verdadeira identidade. Mas a chefia tinha-nos descrito e enviado fotografias do seu enteado e nós reconhecemo-lo imediatamente.

Houve um silêncio e o secretário continuou, meio embaraçado:

— Evidentemente, meu general, não exercemos nenhuma atitude contra o rapaz. Não é desertor, porquanto não foi chamado; possui um passaporte falso, mas isso não constitui delito porque não teve a oportunidade de usá-lo. Conservamo-lo à sua disposição e o senhor pode vir buscá-lo quando quiser.

— Deram-lhe pancada? - O secretário estremeceu.

— Que foi que ele disse? - perguntou o comissário.

O secretário tapou o auscultador com a mão.

— Pergunta se lhe demos uma sova.

O comissário ergueu os braços, enquanto o secretário respondia:

— Não, meu general, naturalmente que não.

— É pena - disse o general.

O secretário tomou a liberdade de rir respeitosamente.

— Que foi que ele disse? - indagou novamente o comissário.

Mas o secretário, impaciente, voltou-lhe as costas e inclinou-se sobre o telefone.

— Irei hoje ou amanhã. Daqui até lá mantenham-no preso. Será uma lição.

— Sim, meu general.

— Que disse ele? - insistiu o comissário.

— Queria que déssemos uma sova no rapaz.

O comissário esmagou o cigarro no cinzeiro.

— Imagine só! - disse com ironia.

Dezoito e trinta. O Sol sobre o mar não acabava de desaparecer, nem as vespas de zumbir, nem a guerra de se aproximar; ela espantou uma vespa com um gesto que também não acabava; Jacques, atrás dela, acabava de beber o seu uísque aos golinhos. Ela pensou: "A vida é interminável." Pai, mãe, irmãos, tios e tias, durante quinze anos haviam-se reunido naquele salão nas belas tardes de Setembro, direitos e mudos como retratos de família; ela esperava o jantar, a princípio debaixo das mesas, mais tarde numa cadeirinha, costurando, perguntando a si mesma: para quê viver? Todas as tardes ficavam ali, perdidas no ouro ruivo daquela hora vã. O pai,

atrás dela, lia o Temps. Para quê viver? Para quê? Uma mosca subia desnorteada pelo vidro, caía, tornava a subir; Odette acompanhava-a com o olhar, tinha vontade de chorar.

— Vem sentar-te - disse Jacques. - Daladier vai falar.

Ela voltou-se: ele dormia mal; estava sentado no sofá com o ar infantil que assumia quando tinha medo. Odette sentou-se no braço do sofá. Todos os dias serão iguais. Todos os dias. Olhou lá para fora e pensou: "Ele tinha razão, o mar mudou."

— Que vai ele dizer?

Jacques encolheu os ombros.

— Vai anunciar que a guerra foi declarada.

Odette estremeceu ligeiramente. Quinze noites. Durante quinze noites de angústia suplicara em vão; teria dado tudo, casa, saúde, dez anos de vida para salvar a paz. Mas que estoure. Meus Deus! Que estoure de uma vez essa guerra! Que aconteça afinal alguma coisa: que a campainha para o jantar toque, que um raio caia no mar, uma voz sombria anuncie subitamente: "Os alemães invadiram a Checoslováquia." Uma mosca. Uma mosca afogada no fundo de uma chávena; ela deixava-se afogar nessa tarde serena de catástrofe: olhava para os cabelos ralos do marido e não compreendia muito bem porque valia a pena preservar os homens da morte e as casas da ruína. Jacques pousou o copo sobre o aparador. Disse tristemente:

— É o fim.

— O fim de quê?

— De tudo. Nem sei já o que se deva desejar: vitória ou derrota.

— Oh! - fez ela docemente.

— Vencidos, seremos germanizados; mas eu juro-te que os Alemães saberão restabelecer a ordem. Comunistas, judeus e maçons, só lhes restará fazerem as malas. Vencedores, seremos bolchevizados, é o triunfo da frente crapulosa, a anarquia, pior, talvez... Ah! - continuou com voz queixosa -, não se devia ter declarado esta guerra, não se devia.

Ela não ouvia muito atenta. Pensava: "Está com medo, é mau sente-se só." Inclinou-se sobre ele e acariciou-lhe os cabelos. "Meu pobre Jacques."

— Meu querido Boris.

Sorria-lhe, parecia serena. Boris sentiu um remorso morder-lhe o coração, será preciso que lhe diga tudo afinal.

— É estúpido - continuou Lola -, estou nervosa, tenho vontade de saber o que ele nos vai dizer, mas, enfim, não é como se fosses partir imediatamente.

Boris olhou para os pés e pôs-se a assobiar baixinho. Era melhor fingir que não ouvira, senão ela acusá-lo-ia de hipócrita ainda por cima. Cada minuto, a coisa tornava-se mais difícil. Ela faria aquela cara de mágoa e espanto e diria: "Fizeste isso? Fizeste isso? E não me disseste nada?" "A coisa está a ficar negra", pensou.

— Um Martini - pediu Lola. - E você?

— Um Martini, também.

Recomeçou a assobiar baixinho. Depois do discurso de Daladier haveria talvez uma oportunidade: Lola ficaria a saber que a guerra fora declarada, isso estonteá-la-ia e então Boris entraria do chofre: "Alistei-me!" antes que ela recobrasse a respiração. Há casos em que o excesso de desgraça provoca reações inesperadas: o riso, por exemplo; seria engraçado se ela desatasse a rir.

"Sentir-me-ia um tanto humilhado", pensou com objetividade. Todos os hóspedes estavam reunidos à entrada, até os dois padres. Afundavam-se nas poltronas e assumiram ares confortáveis, porque se sentiam observados, mas não estavam nada sossegados e Boris surpreendeu alguns olhando de esguelha para o relógio. Bem, bem, ainda uma meia hora de espera. Boris não estava contente, não gostava de Daladier e repugnava-lhe pensar que na França inteira centenas de milhares de casais, famílias numerosas, padres, se dispunham a acolher como uma maná celestial as palavras desse tipo que torpedeara a Frente Popular. "É importância de mais para ele", pensou. E voltando-se para o receptor, bocejou ostensivamente.

Fazia calor, estavam todos com sede, três dormiam: dois perto do corredor e o mais velhinho, de mãos juntas, que parecia rezar; os outros quatro tinham estendido um lenço sobre os joelhos e jogavam às cartas. Eram novos e não muito feios, haviam dependurado os casacos que balançavam atrás das suas nucas e lhes desmanchavam os cabelos ao passar. De quando em quando Mathieu olhava de soslaio os antebraços nus e crespos do vizinho, um loirinho cujas mãos e unhas largas e pretas manejavam as cartas com destreza. Era tipógrafo, o tipo ao lado dele era serralheiro. Um dos dois outros que estavam sentados no banco em frente de Mathieu era caixeiro-viajante; o segundo tocava violino num café de

Bois-Colombes. O compartimento cheirava a homens, fumo e vinho, o suor escorria pelos rostos duros, moldava-os, fazia-os luzir: no queixo mole do velhinho, no meio do restolho duro e branco do rosto, o suor parecia mais oleoso e azedo: um excremento da face. Do outro lado da janela, sob um sol áspero, estendia-se um campo cinzento e plano.

O tipógrafo não tinha sorte - perdia; debruçava-se sobre o jogo arqueando as sobrancelhas com um ar de espanto e obstinação.

— É demais!

O viajante juntou rapidamente as cartas e baralhou-as. O tipógrafo acompanhava-as com o olhar ao passarem de uma mão para a outra.

— Não tenho sorte - disse com rancor. Jogavam silenciosamente.

Ao fim de um momento, o tipógrafo fez uma vaza:

— Trunfo! - disse satisfeito. - A coisa vai mudar, minha gente! Vou-me animar um pouco.

Mas já o viajante ostentara o jogo: "Trunfo, trunfo, e retrunfo. Nada de histórias: a rainha-mãe não as aprecia." O tipógrafo empurrou as cartas.

— Não jogo mais, perco demasiado.

— Tens razão. E depois isso abala muito - observou o serralheiro.

O viajante dobrou o lenço e pô-lo no bolso. Era um homem grande e pálido, com uma cabeça mole de sapo, maxilares avantajados e crânio estreito. Os três outros tratavam-no por "senhor", porque ele possuía alguma instrução e era sargento. Mas ele tratava-os por "você". Deitou um olhar hostil para Mathieu e levantou-se cambaleando:

— Vou tomar qualquer coisa.

— É uma ideia.

O serralheiro e o tipógrafo tiraram as suas garrafas das malas; o serralheiro bebeu pelo gargalo e estendeu a garrafa ao violinista.

— Um gole de vinho?

— Agora não.

— Não sabe o que é bom.

Calaram-se, acabrunhados de calor. O serralheiro encheu as bochechas e suspirou, o viajante acendeu um cigarro. Mathieu pensava: "Não gostam de mim. Acham-me orgulhoso." No entanto, simpatizava com eles, até com o viajante: bocejavam, dormiam, jogavam às cartas, mas tinha um destino, como os reis, como os mortos. Um destino esmagador, que se fundia com o calor, a fadiga, as moscas: o vagão, fechado como uma estufa,

cercado de sol, comprimido pela velocidade, leva-os aos solavancos para a mesma aventura. Uma mancha de luz ornava a orelha vermelha do tipógrafo: o lóbulo parecia um morango de sangue:

"É com isso que se faz a guerra", pensou Mathieu. Até então ela aparecera-lhe sob a forma de uma mistura confusa de aço retorcido, vigas partidas, ferro e pedra. Agora o sangue tremia aos raios de sol, uma claridade ruiva invadira o vagão: a guerra era um destino de sangue; seria feita com o sangue daqueles seis homens, com o sangue que se estagnava no lóbulo das suas orelhas, com o sangue que corria sob a sua pele, com o sangue dos seus lábios. Rachar-se-iam como odres, todas as imundícies saltariam para fora; os intestinos farsistas do serralheiro que faziam gluglu e de vez em quando soltavam um traque surdo, arrastar-se-iam na poeira, trágicos, como os de um cavalo estripado na arena.

Pois eu vou desentorpecer as pernas - disse o tipógrafo como se falasse consigo mesmo. Mathieu viu-o levantar-se e chegar ao corredor: essa frase já era história. Um morto tinha-a pronunciado a meia voz, num dia de verão da sua vida. Um morto, ou, o que dava no mesmo, um sobrevivente. Mortos desde já. Eis porque não tenho nada a dizer-lhes. Olhava-os numa espécie de vertigem, gostaria de estar comprometido na sua grande aventura histórica, mas achava-se excluído dela. Acocorava-se no seu calor, sangraria nos mesmos caminhos deles, e no entanto não estava com eles, era apenas um halo pálido e eterno: não tinha destino.

O tipógrafo que fumava no corredor voltou-se subitamente para eles:

— Aviões!

— São?

O viajante baixou-se. O peito tocava-lhe as coxas gordas e ele erguia a cabeça e as sobrancelhas.

— Onde?

— Ali, ali. Uma porrada deles!

— Ah!... ó... ó... - fez o serralheiro.

— São franceses? - perguntou o violinista, erguendo para o tipógrafo os olhos esgazeados.

— Estão alto de mais, não se vêem.

— Naturalmente são franceses - disse o serralheiro. - O que é que querem que sejam? A guerra não foi declarada.

O tipógrafo inclinou-se sobre os outros apoiando as mãos nos batentes da porta.

— Quem sabe! Há onze horas que estamos a andar. Pensam talvez que vão esperar pela nossa chegada para a declarar?

O serralheiro pareceu impressionado:

— Merda - disse. - Tens razão, animal. Eh!, companheiros, talvez já se esteja em guerra desde manhã.

Voltaram-se todos para o viajante.

— Que é que acha? Acha que estamos em guerra?

O viajante tinha um ar sereno. Encolheu os ombros enfaticamente:

— Em que pensam? Que nos iríamos bater pela Checoslováquia? Já viram num mapa a Checoslováquia? Não? Pois eu vi. E mais de uma vez. É uma merda. Grande como um lenço. Tem talvez dois milhões de homens, que nem sequer falam a mesma língua. Vê lá se Hitler está a ligar. E Daladier? E depois, Daladier não é Daladier: é as duzentas famílias. E elas não se vão aborrecer com a Checoslováquia, as duzentas famílias!

Passeou o olhar pelo auditório e concluiu:

— A verdade é que havia descontentamento deste lado e do outro desde 36. Então, que é que fizeram os Chamberlain, os Hitler e os Daladier? Eles disseram: vamos acabar com isso. E assinaram um contrato secreto. Hitler, o seu truque quando os operários reclamam é mobilizá-los. Assim, calada, boca fechada. Não estão contentes? Duas horas de plantão! Continuam a grunhir! Seis! Depois disso os camaradas estão de joelhos, não pensam senão em dormir. Então os outros ministros pensaram também: vamos fazer a mesma coisa. Pronto. Nada de guerra, nem pela Checoslováquia, nem pela Turquia. Só que nós, nós somos mobilizados, vamos aguentar três anos, ou quatro, e durante esse tempo, na retaguarda, eles quebrarão a espinha do proletariado.

Olhavam-no hesitante: não estavam convencidos, talvez não tivessem compreendido. O serralheiro disse com ar vago:

— O que é certo é que os grandes quebram os vidros e os pequenos é que pagam.

O violinista meneou a cabeça apavorado, e tornaram todos a ficar silenciosos. O tipógrafo virou-se e colou a testa a um dos grandes espelhos do corredor. "Evidentemente", pensou Mathieu, "não estão muito entusiasmados com a perspectiva da guerra". Pensava nos homens de 14 a

berrarem, com os seus fuzis floridos. E depois? Estes é que têm razão. Falam por provérbios, mas as palavras atraíam-nos, há alguma coisa na sua cabeça que não pode ser expressa por palavras. Os seus pais fizeram uma chacina absurda e há vinte anos que lhes explicam que a guerra não compensa... Depois disso, querem que gritem: "A Berlim!" Aliás, tudo o que dizem, tudo o que pensam não tem a menor importância; cintilações furtivas à margem do seu destino. Dirão dentro em breve: os soldados de 38, como disseram: os soldados do ano II, os soldados de 14. Escavariam os seus abrigos como os outros, nem pior nem melhor, depois estender-se-iam lá dentro, porque era o que lhes cabia fazer. "E você?", pensou bruscamente, "que fazes de testemunha deles sem que ninguém o peça, quem é você? Que farás tu? E se tu escapares, quem serás tu?"

O tipógrafo bateu no vidro.

— Continuam ali.

— Quem? - indagou o violinista estremecendo.

— Os aviões. Eles sobrevoam o comboio.

— Sobrevoam? Não estás maluco?

— Não os vejo, não?

— Mas que coisa! - disse o serralheiro. - Que coisa!

O velhinho despertara.

— Que foi? - indagou com a mão encostada à orelha.

— Aviões.

— Ah!, aviões!

Sorriu e tornou a dormir.

— Venham ver - gritou o tipógrafo -, são uns trinta; nunca vi tantos, desde Villacoublay.

O serralheiro e o viajante tinham-se levantado, Mathieu acompanhou-os ao corredor. Havia duas dezenas de bichos transparentes, camarões nas águas do céu. Pareciam existir por intermitência, quando não estavam no sol desapareciam.

— Se fossem alemães?

— Não fales nisso! Estávamos fritos. Como alvo o nosso comboio é uma beleza!

Havia muita gente no corredor, todos de nariz para o ar.

— O caso parece-me sério - disse o viajante.

Tinham todos um ar nervoso. Um tipo tamborilava no vidro, outro marcava compasso com o pé. A esquadriha virou em ângulo agudo e desapareceu por cima do comboio.

— Arre! - disse alguém.

— Esperem - observou o tipógrafo -, já fizeram o mesmo há pouco; garanto que tornam a virar no sentido do nosso comboio.

— Estão ali! Estão ali!

Um tipo grande de bigodes baixara o vidro da porta e reclinara-se de costas. Os aviões tinham surgido novamente, um deles largava uma esteira de fumo.

— São alemães - disse o de bigode endireitando-se.

Atrás de Mathieu o violinista ergueu-se bruscamente e pôs-se a sacudir os dois dorminhocos.

— Que foi que houve? - indagou um deles, com voz pastosa, entreabrindo um olho rosado.

— A guerra foi declarada - disse o violinista. - A coisa vai ficar escura, já há aviões "boches" em cima do comboio.

Lola apertou nervosamente o pulso de Boris.

— Escuta!, escuta!

Jacques empalidecera:

— Escuta!, ele vai falar.

Era uma voz lenta, baixa e surda, ligeiramente anasalada:

"Anunciei que faria hoje uma comunicação ao país acerca da situação internacional, mas recebi no princípio da tarde um convite do Governo alemão para me encontrar amanhã em Munique com o chanceler Hitler e os senhores Mussolini e Chamberlain. Aceitei esse convite.

Compreendereis que em vésperas de negociações tão importantes tenha o dever de adiar as explicações que vos quisera dar. Mas antes de partir, desejo endereçar ao povo da França os meus agradecimentos pela sua atitude corajosa e digna.

Desejo agradecer em particular aos franceses que foram chamados, pelo sangue-frio e decisão que demonstraram nessa oportunidade. A minha tarefa é rude. Desde o início das dificuldades que vimos enfrentando, não deixarei de trabalhar com todas as minhas forças para salvaguardar a paz e os interesse vitais da França. Continuarei fortalecido pela certeza de que estou em pleno acordo com a nação inteira."

— Boris! - chamou Lola. - Boris! Ele não respondeu. Ela insistiu:

— Acorda, querido, que estás a sentir? É a paz: vai haver uma conferência internacional.

Encarava-o muito excitada e corada. Ele resmungou entre dentes:

— Merda, merda de bordel! Merda!

A alegria de Lola esvaiu-se:

— Mas que tens, querido? Estás verde!

— Alistei-me por três anos - disse Boris.

O comboio andava, os aviões giravam.

— O maquinista está louco - gritou um tipo. - Que é que espera para parar? Se começam a lançar bombas, vamos morrer como animais.

O tipógrafo estava lívido, mas sereno; continuava de cabeça erguida a espiar os aviões.

— Devíamos saltar - disse.

— Merda, saltar com esta velocidade! - exclamou o viajante.

— Eu não. - Tirou o lenço do bolso, enxugou a fronte:

— Seria melhor puxar o sinal de alarme. O serralheiro e o tipógrafo fitaram-se.

— Puxa, você - disse o tipógrafo.

— Eu! E se forem franceses?

Mathieu recebeu um empurrão nas costas: um tipo grandalhão corria para a frente gritando:

— Está a diminuir a marcha: todos para as portas!

O tipógrafo virou-se para o viajante: fazia gestos estranhos e desconjuntados, com um sorrisinho que lhe descobria os dentes:

— Está a ver? O comboio diminui a marcha, são alemães. É engano!, engano! - continuou, imitando o viajante -, olhe para ver se é engano.

— Não disse isso - observou o outro calmamente -, eu disse...

O tipógrafo voltou-lhe as costas e dirigiu-se para a frente do comboio. De todos os compartimentos saíam homens, apressando-se pelos corredores, para serem os primeiros a saltar para o campo. Alguém tocou no braço de Mathieu; era o velhinho, encarava-o com perplexidade.

— Que é que há? Que é que há?

— Nada - disse Mathieu aborrecido. - Durma.

Debruçou-se à janela. Dois tipos haviam-se pendurado nos estribos do vagão. Um saltou a gritar, tocou o solo, deu dois passos de lado, bateu

com o ombro num poste telegráfico, rolou de cabeça para baixo no talude. Mathieu virou a cabeça; viu-o levantar-se, pequenino, erguer os braços e correr pelos campos. O outro hesitava, inclinado para a frente, e segurando o corrimão de cobre.

— Não empurrem - berrou alguém. - Morre-se abafado.

O comboio continuou a diminuir a marcha. Viam-se cabeças em todas as janelas e nos estribos juntavam-se os que se preparavam para saltar. Na curva surgiu uma estação, estava a trezentos metros. Mathieu viu uma cidade-zinha ao longe. Dois homens ainda se lançaram e saltaram uma passagem de nível. O comboio já entrava na estação. "É com isto que vão fazer heróis!", pensou Mathieu.

Uma enorme algazarra vinha da estação, vestidos claros brilhavam ao sol, mãos de luvas brancas erguiam-se, moças de chapéu de palha acenavam com os seus lenços, crianças corriam rindo e gritando pela plataforma. O violinista empurrou Mathieu com violência e debruçou-se até à barriga pela janela.

Pôs as mãos em concha na boca e berrou:

— Fugam! Aviões!

As pessoas na estação olhavam-no sem compreender, sorrindo e gritando. Ele levantou o braço acima da cabeça e apontou para o céu. Um grande clamor respondeu. A princípio Mathieu não ouviu bem, mas entendeu de repente:

— Paz! Paz! É a paz!

O comboio inteiro berrou:

— Os aviões! Os aviões!

— Hurra! - gritaram as moças. - Hurra!

Elas acabaram por olhar para o céu e erguendo os braços tornaram a agitar os lenços. O viajante roía nervosamente as unhas.

— Não compreendo - murmurou -, não compreendo.

Após dois ou três solavancos o comboio parou completamente. Um empregado da estação subiu para um banco com a bandeira debaixo do braço e clamou:

— A paz! Conferência em Munique. Daladier parte esta noite.

O comboio permanecia silencioso, imóvel, incompreensivo. E subitamente pôs-se a berrar também.

— Hurra! Viva Daladier! Viva a paz!

Os vestidos de tafetá azul e rosa desapareceram numa maré de casacos escuros e pretos; a multidão agitou-se num ruído semelhante ao das folhagens, o sol cintilava por toda a parte, os bonés e os chapéus de palha giravam, era uma valsa. Jacques fez Odette valsar no meio do salão, a senhora Birnenschatz abraçava Ella e gemia:

— Como sou feliz, Ella, minha filha, minha querida, como sou feliz!

Sob a janela um rapaz corado e rindo como um louco saltou para uma camponesa e beijou-a nas duas faces. Ela ria também, despenteada, o chapéu de palha posto para trás, e gritava: "Hurra!" Jacques beijou Odette na orelha, exultava:

— A paz! E é de se imaginar que não se limitarão a resolver a questão dos Sudetas. Um pacto a quatro. É por aí que se deveria ter começado.

A criada entreabriu a porta:

— Posso servir, minha senhora?

— Sirva! - disse Jacques -, sirva e depois vá buscar à adega uma garrafa de champanhe e uma de Chambertin.

Um velho imponente, de óculos, trepara para o banco, erguia numa das mãos uma garrafa de vinho e na outra uma caneca:

— Um gole de vinho, rapazes, um trago à saúde da paz.

— Aqui - gritou o serralheiro -, aqui. Viva a paz!

— Ah!, senhor abade, deixe-me beijá-lo.

O padre recuou, mas a velha foi mais rápida e executou a ameaça. Gressier enfiou a concha na terrina: "O fim de um pesadelo, meus filhos!" Zézette abriu a porta: "Então, é verdade, dona Isidore?" - "É, minha filha, é verdade, ouvi-o no rádio, ele voltará, o seu Momo, eu bem lhe dizia que Deus não queria isso!"

Dançava de alegria, Hitler retraiu-se, Hitler voltou atrás; creio que nós é que recuamos, mas que me importa, desde que não tenhamos mais de lutar, não, não, estava avisado, comprei tudo de novo, um golpe de cem mil francos, escute, meu amigo, trata-se de uma circunstância excepcional, pela primeira vez uma guerra que parecia fatal é evitada pela vontade de quatro chefes de Estado, a importância da sua posição ultrapassa muito a hora presente; agora a guerra não é possível. Munique é a primeira declaração de paz. Deus meu, Deus meu, rezei e disse: meu Deus, levai o meu coração, a minha vida, e vós me atendestes, meu Deus, sois o maior, o mais sábio, o mais amante, o padre desenhencilhhou-se. Mas eu disse-lhe sempre: Deus é

formidável, e merda para os Checos, que se arranjam sozinhos. Zézette andava pela rua, Zézette cantava, todos os passarinhos dentro do meu coração, as pessoas tinham caras sorridentes, diziam bom dia com o olhar, mesmo sem se conhecerem. Eles sabiam, ela sabia, todos tinham o mesmo pensamento, todos eram felizes, bastava fazer como toda a gente: a linda tarde, essa mulher que passa, leio no fundo do seu coração, somos um, pôs-se a chorar, todos se amavam, toda a gente era feliz, toda a gente era como toda a gente e Momo devia estar contente, apesar de tudo, ela chorava, todos a olhavam e isso fazia- lhe calor nas costas e no peito, todos esses olhares, quanto mais a olhavam mais ela chorava, sentia-se orgulhosa e pública como uma mãe que amamenta o filho.

— Jacques! Bebes demais. - Odette ria sozinha. Disse:

— Sem dúvida vão logo desmobilizar os reservistas?

— Dentro de uns quinze dias, um mês.

Ela riu e bebeu mais um gole de vinho. E de repente o sangue subiu-lhe ao rosto.

— Que é que tens? - perguntou Jacques. - Ficaste vermelha como um tomate.

— Não é nada. Bebi um pouco demais, é tudo. Nunca o teria beijado se soubesse que voltaria tão depressa.

— Subam! Subam!

O comboio movimentava-se devagar. Os homens começaram a correr, gritando e rindo; agarravam-se aos punhados às portas. A cara suada do serralheiro surgiu à janela, pendurara-se a ela e gritava:

— Ajudem-me!, vou-me largar!

Mathieu içou-o, ele passou a perna pela janela e saltou para o corredor.

— Arre! - disse enxugando a testa. - Pensei que tivesse as pernas esmagadas.

O violinista apareceu por sua vez:

— Todos presentes, aqui estamos todos.

— Mais um joguinho?

— De acordo.

Voltaram para o compartimento. Mathieu olhava-os pelo vidro. Começaram por tomar um bom gole de tinto, depois o viajante puxou o lenço e estendeu-o sobre os joelhos.

— Dás tu.

O serralheiro peidou:

— Olha, aquela beleza azul - disse, mostrando no teto um foguete imaginário.

— Porco! - disse o tipógrafo alegremente.

"Que fazem eles aqui?", pensou Mathieu. "E eu próprio"? O destino deles esvaíra-se, o tempo voltava a correr à toa, sem objetivo; o comboio rodava à toa, por hábito; ao lado do comboio flutuava uma estrada, inerte; agora, não levava a parte alguma, era apenas um pouco de terra com asfalto. Os aviões tinham desaparecido; a guerra havia desaparecido. Um céu pálido onde a paz despertava docemente no crepúsculo, uma campanha entorpecida, jogadores de cartas, dorminhocos, uma garrafa partida no corredor, pontas de cigarros numa poça de vinho, um forte cheiro a urina, todos esses resíduos injustificáveis... "Dir-se-ia ser este o dia seguinte a uma festa", pensou Mathieu com dor no coração.

Douce, Maud e Ruby subiram a Canebiere. Douce estava muito animada; o seu fraco sempre fora a política.

— Parece que houve um mal-entendido - explicava. - Hitler pensava que Chamberlain e Daladier queriam pregar-lhe uma partida e, enquanto isso, Chamberlain e Daladier pensavam que ele tinha a intenção de os atacar. Então Mussolini foi procurar os dois e fez-lhes compreender que se enganavam. Agora estão todos bem: amanhã almoçam todos juntos.

— Que banquete - suspirou Ruby.

A Canebiere tinha um ar festivo, as pessoas andavam a passos curtos, algumas riam sozinhas. Maud estava aborrecida. Por certo que estava contente que tudo se tivesse arranjado, mas era principalmente pelos outros. De qualquer maneira teria de passar ainda uma noite no quarto malcheiroso do Hotel Genievre e depois, estações, comboios, Paris, desempregos, dores de estômago: a entrevista de Munique, qualquer que fosse o resultado, não mudaria nada. Sentia-se só. Ao passar diante do Café Riche, sobressaltou-se:

— Que foi? - perguntou Ruby.

— É Pierre - respondeu Maud. - Não olhes. Terceira mesa à esquerda. Pronto, ele viu-nos.

Pierre levantou-se, brilhava no fato de linho, ostentava o seu semblante mais viril e rico. "Naturalmente", pensou ela, "já não há perigo

agora". Enquanto ele se dirigia para o lado delas, tentou lembrar-se da fisionomia dele, esverdeada, na cabina que cheirava a vômito. Mas o cheiro e a fisionomia tinham sido varridos pelo vento do mar. Ele cumprimentou, parecia seguro de si. Queria virar-lhe as costas, mas as pernas indolentes levaram-na para ele, embora contra a vontade. Ele disse-lhe a sorrir:

— Então, separamo-nos assim sem sequer tomarmos alguma coisa?

Encarou-o e pensou: "É um covarde." Mas não se dava por isso. Via uns lábios irónicos e corajosos, um rosto másculo e aquela maçã de adão tão saliente.

— Vem - murmurou ele. - Tudo isso é uma história antiga.

Pensou no quarto do hotel, com o seu fedor a amoníaco. Ela disse:

— E preciso que convides Douce e Ruby.

Ele adiantou-se e sorriu-lhes. Ruby achava-o simpático porque era distinto. Três flores sentaram-se à volta de uma mesa do Café Riche. Era um canteiro de flores; flores, rostos cheios de sol e frementes, bandeiras, repuxos, sóis. Baixou as pálpebras e respirou profundamente: entre os seus olhos girava um sol, não se tem o direito de julgar um homem doente. Para ela era também a paz.

"Porque não gostam de mim?" Estava só na sala cinzenta, inclinava-se sobre os cotovelos fincados nas coxas, sustentando a sua cabeça pesada. Pousara sobre o banco a seu lado as sanduíches e a caneca de café que o guarda lhe trouxera ao meio-dia. Para quê comer? Estava acabado.

Alistá-lo-iam à força, revoltar-se-ia e seria o fuzilamento ou vinte anos de prisão celular: a sua vida acabava ali. Fitava com espanto o teto: fora uma empresa fracassada do princípio ao fim. As suas ideias escorriam à direita e à esquerda, incolores, fluidas, uma única permanecia, uma única que não comportava resposta; porque não gostam de mim? Na sala vizinha houve grandes explosões de riso, os guardas estavam alegres.

Uma voz grave gritou:

— Isso festeja-se!

Talvez houvesse guardas que gostassem uns dos outros, as pessoas, lá fora, nas ruas, nas casas, sorriam umas para as outras, agradavam-se mutuamente, falavam-se com deferência e cortesia e, entre elas, algumas amavam-se realmente, como Zézette e Maurice. Talvez fosse por serem mais idosos: tinham tido tempo para se habituarem uns aos outros. Um jovem é como um viajante que entra à noite num compartimento quase

cheio; detestam-no e procuram fazê-lo acreditar que já não há lugar. No entanto, o meu lugar estava reservado, posto que nasci. Ou então é porque estou podre. Os guardas começaram a rir e um deles pronunciou a palavra Munique. As ruas, as casas, os vagões, o comissariado; um mundo cheio até à borda, o mundo dos homens. Philippe não podia entrar. Ficaria a vida inteira numa cela como aquela, no canto que os homens destinam aos que não desejam a seu lado. Viu uma mulherzinha gorda e sorridente, de braços roliços, a hetera. Pensou: "Ao menos ela há-de vestir luto por mim." A porta abriu-se e o general entrou. Philippe, no seu banco, recuou até ao canto mais escuro, gritando:

— Deixe-me. Quero cumprir a minha pena, não preciso da sua proteção.

O general deu uma gargalhada. Atravessou a cela com o seu passo seco e duro e colocou-se em frente de Philippe.

— Cumprir a tua pena? Quem pensas que é?, seu imbecil!

O cotovelo. Ergueu-se contra a vontade de Philippe e colocou-se diante do rosto de Philippe para o proteger dos golpes. Mas Philippe baixou-o e disse com voz firme:

— Sou desertor!

— Desertor! Hitler e Daladier assinam um acordo amanhã, meu pobre amigo: não haverá guerra e tu nunca foste desertor.

Encarava Philippe com uma ironia insultante.

— Mesmo para fazer o mal é preciso ser um homem, Philippe. É preciso vontade e perseverança. Tu não passas de um garoto nervoso e mal-educado; faltaste-me ao respeito e mergulhaste a tua mãe numa atroz inquietação. Eis tudo o que pudeste fazer.

Guardas zombeteiros espiavam pela porta entreaberta. Philippe levantou-se de um pulo. Mas o general agarrou-o pelos ombros e obrigou-o a sentar-se novamente.

— Que história é essa? Vai ouvir-me até ao fim. Esta tua última ciancice prova que é preciso reeducar-te inteiramente. A tua mãe concordou há pouco que fora demasiado fraca. Agora sou eu quem se encarregará de ti.

Aproximara-se ainda mais de Philippe. Philippe ergueu o cotovelo e gritou:

— Se me bater eu luto.

— É o que veremos.

Baixou-lhe o cotovelo com a mão esquerda e com a direita esbofeteou-o duas vezes. Philippe caiu em cima do banco e pôs-se a chorar.

Havia uma agitação alegre no corredor, uma mulher cantava Vapetit mousse. Odiava-as todas, todas me enjoam! A enfermeira entrou trazendo o jantar numa bandeja.

— Não tenho fome - disse ele.

— É preciso comer, senhor Charles, senão ainda enfraquece mais. E depois, tenho boas notícias para lhe aumentar o apetite: a guerra foi evitada. Daladier e Chamberlain terão uma entrevista com Hitler.

Ele olhou-a com espanto: é verdade, a história dos Sudetas continua...

A enfermeira estava um pouco corada e os seus olhos brilhavam:

— Então, não está contente?

"Arrastaram-me para fora da casa, carregaram-me como a um pacote, exausto, e nem sequer se batem." Mas não estava com raiva: tão longe, tudo!

— Que é que eu tenho com isso? - disse.

Noite, 29 para 30 de Setembro

Uma hora e trinta.

Os senhores Hubert Masaryk e Mastny, membros da delegação checoslovaca, aguardavam no quarto de Sir Horace Wilson, em companhia do senhor Ashton-Gwatkin. Mastny, muito pálido, transpirava e tinha olheiras profundas. Hubert Masaryk andava de um lado para o outro; Ashton-Gwatkin estava sentado na cama; Ivich encolhera-se ao fundo do leito, não o sentia mas sentia o seu calor e ouvia-lhe a respiração; não podia dormir e sabia que ele também não dormia. Descargas elétricas percorriam-lhe as pernas e as coxas, morria de vontade de se pôr de costas, mas se se mexesse tocaria nele; enquanto ele pensasse que dormia, deixá-la-ia sossegada. Mastny voltou-se para Ashton-Gwatkin e disse:

— Está a demorar-se.

Ashton-Gwatkin fez um gesto de indiferença. O sangue subiu ao rosto de Masaryk.

— Os réus aguardam a sentença - disse com voz surda.

Ashton-Gwatkin não pareceu ouvir. Ivich pensou: "Não acabará nunca esta noite?" Sentiu subitamente uma carne suave demais junto da sua anca, ele aproveitava o seu sono para tocar nela, é preciso que eu não me mexa senão ele perceberá que eu estou acordada. A carne escorregou devagar pelos seus rins, era quente e mole, era uma perna. Ivich mordeu violentamente os lábios e Masaryk prosseguiu:

— Para que a semelhança seja completa, mandam a polícia receber-nos.

— Como? - perguntou Ashton-Gwatkin, fazendo uma cara de espanto.

— Fomos conduzidos ao Hotel Regina num automóvel da polícia - explicou Mastny.

— Ora, ora - fez Ashton-Gwatkin com um ar de censura.

Agora era uma mão; descia ao longo da anca, muito ao de leve, como que distraída; os dedos tocaram-lhe o ventre: "Não é nada", pensou, "é um bicho, estou a dormir, estou a dormir, estou a sonhar; não farei um gesto". Masaryk pegou no mapa que Horace lhe havia entregue. Os territórios que deveriam ser imediatamente ocupados pelo Exército alemão estavam

assinalados a azul. Olhou-o por um instante e lançou-o para a mesa com raiva.

— Eu... eu continuo a não compreender - disse, encarando Ashton-Gwatkin. - Somos ainda uma nação soberana?

Ashton-Gwatkin encolheu os ombros; parecia querer dizer que não tinha culpa, mas Masaryk pensou que ele estivesse mais comovido do que desejava mostrar.

— Essas negociações com Hitler são muito difíceis - observou. - Leve isso em consideração.

— Tudo dependia da firmeza das grandes potências - respondeu Masaryk com violência.

O inglês corou ligeiramente. Levantou-se e disse com tom solene:

— Se os senhores não aceitarem este acordo, terão de se arranjar sozinhos com a Alemanha. - Tossiu e acrescentou mais serenamente: - Talvez os franceses o digam com mais cuidado. Mas, acreditem, estão de acordo conosco: em caso de recusa, desinteressar-se-ão.

Masaryk riu desagradavelmente e todos se calaram. Uma voz cochichou:

— Está a dormir?

Ela não respondeu, mas sentiu logo uma boca perto da orelha e um corpo encostado ao seu.

— Ivich! - murmurou ele.

Era preciso não gritar, nem debater-se; não sou uma mulher que se violenta. Virou-se de costas e disse com voz clara:

— Não, não estou a dormir. E daí?

— Eu amo-te.

Uma bomba! Uma bomba que caísse de cinco mil metros e os matasse de chofre. Uma porta abriu-se e Sir Horace Wilson entrou: baixava os olhos, falava-lhes, olhando para o chão. De vez em quando devia percebê-lo: erguia a cabeça e mergulhava-lhes nos olhos um ar vazio.

— Senhores, esperam-nos.

Os três homens acompanharam-nos. Atravessaram compridos corredores desertos. Um criado dormia numa cadeira; o hotel parecia morto; o corpo dele estava a ferver; ele juntou o peito aos seios de Ivich e ela ouviu um ruído mole de ventosa, o suor inundava-os.

— Se me ama, afaste-se de mim, estou com calor demais.

— É aqui - disse Sir Horace Wilson, encolhendo-se.

Ele não se afastava, com uma mão arrancou as cobertas, com a outra segurou-lhe o ombro com força. Estava deitado sobre ela agora, e amassava-lhe os ombros e os braços com as suas mãos violentas, mãos de rapina, enquanto a voz infantil e suplicante murmurava:

— Eu amo-te, Ivich, meu amor, eu amo-te.

Era uma sala pequena e baixa, fortemente iluminada. Chamberlain, Daladier e Léger conservavam-se de pé, atrás de uma mesa cheia de papéis. Os cinzeiros estavam cheios de pontas de cigarro, mas ninguém mais fumava. Chamberlain pousou as mãos sobre a mesa. Tinha um ar fatigado.

— Meus senhores - disse, com um sorriso afável.

Masaryk e Mastny inclinaram-se sem falar. Asthon-Gwatkin afastou-se com vivacidade, com se não pudesse suportar aquela companhia, e foi colocar-se atrás de Chamberlain, ao lado de Sir Horace Wilson. Agora tinham os checos cinco homens diante deles, do outro lado da mesa. Atrás havia uma porta e os corredores desertos do hotel. Durante um instante reinou pesado silêncio. Masaryk olhou-os um a um e depois procurou o olhar de Léger. Mas Léger guardava os seus papéis na pasta.

— Queiram sentar-se - disse Chamberlain. Os franceses e os checos sentaram-se, mas Chamberlain permaneceu de pé.

— Bem... - disse Chamberlain. Tinha os olhos vermelhos de sono. Considerou as mãos com um ar de incerteza, depois endireitou-se bruscamente e disse:

— A França e a Grã-Bretanha acabam de assinar um acordo acerca das reivindicações alemãs a respeito dos Sudetas. Esse acordo, graças à boa vontade de todos, pode considerar-se um processo positivo em relação ao memorando de Godesberg.

Tossiu e calou-se. Masaryk mantinha-se muito direito na sua poltrona, esperava. Chamberlain pareceu querer continuar, mas mudou de ideia e estendeu uma folha de papel a Mastny.

— Quer tomar conhecimento do acordo? Seria talvez melhor lê-lo em voz alta.

Mastny pegou na folha; alguém passava de mansinho no corredor. Os passos cessaram. Um relógio, algures na cidade, bateu duas horas. Mastny começou a ler. Tinha uma voz anasalada e monótona; lia devagar, como se refletisse entre cada frase, e a folha tremia-lhe nas mãos:

As quatro potências: Alemanha, Reino Unido, França, Itália, tendo em vista o arranjo já realizado em princípio para a cedência à Alemanha dos territórios dos Sudetas, chegaram a um acordo quanto às disposições e condições seguintes, que regulamentam a dita cedência, bem como as medidas que acarretam. As quatro potências, por este acordo, comprometem-se a assegurar-lhe a execução.

1.º A evacuação começará a 1 de Outubro;

2.º O Reino Unido, a França e a Itália concordam em que a evacuação do território em questão deverá estar terminada a 10 de Outubro, sem que nenhuma das instalações lá existentes seja destruída. O Governo checoslovaco assumirá a responsabilidade de efetuar essa evacuação sem que dela resulte nenhum prejuízo para as referidas instalações;

3.º As condições desta evacuação serão determinadas pormenorizadamente por uma comissão internacional composta de representantes da Alemanha, do Reino Unido, da França, da Itália e da Checoslováquia;

4.º A ocupação progressiva dos territórios de predominância alemã pelo exército do Reich iniciar-se-á a 1 de Outubro. As quatro zonas indicadas no mapa anexo serão ocupadas pelo Exército alemão pela seguinte ordem:

Zona 1 - Dias 1 e 2 de Outubro.

Zona 2 - Dias 2 e 3 de Outubro.

Zona 3 - Dias 3, 4 e 5 de Outubro.

Zona 4 - Dias 6 e 7 de Outubro.

Os demais territórios de preponderância alemã serão determinados pela comissão internacional e ocupados pelo Exército alemão até ao dia 10 de Outubro.

A voz monótona erguia-se no silêncio, no meio da cidade adormecida. Tropeçava, parava, prosseguia impiedosamente, um pouco trémula, e milhões dormiam a perder de vista, à sua volta, enquanto ela expunha minuciosamente as mobilidades de um assassinio histórico. A voz suplicante e cochichante, meu amor, meu bem, gosto dos teus seios, gosto do teu cheiro, gostas de mim, subia na noite e as mãos sob o seu corpo, fervente, assassinavam.

— Gostaria de fazer uma pergunta - disse Masaryk. - Que se deve entender por território de preponderância alemã?

Dirigia-se a Chamberlain. Mas Chamberlain olhou-o sem responder, com um ar ligeiramente apalermado. Visivelmente não escutara a leitura. Léger tomou a palavra, atrás de Masaryk. Masaryk imprimiu um movimento de rotação à poltrona e viu Léger de perfil:

— Trata-se - disse Léger - de maiorias calculadas segundo as propostas aceites pelos senhores.

Mastny tirou o lenço do bolso e enxugou a testa, depois continuou a leitura:

5.º A comissão internacional mencionada no parágrafo 3.º determinará quais os territórios em que haverá plebiscito. Tais territórios serão ocupados por contingentes internacionais até ao término do plebiscito...

Interrompeu a leitura e perguntou:

— Esses contingentes serão efetivamente internacionais ou serão formados somente por tropas inglesas?

Chamberlain bocejou por trás da mão e uma lágrima rolou-lhe pelo rosto. Retirou a mão:

— A questão não foi ainda inteiramente resolvida. Encara-se também a participação de soldados belgas e italianos.

Esta comissão, - continuou Mastny -, fixará igualmente as condições em que o plebiscito deve ser instituído, tomando por base as condições do plebiscito do Sarre. Fixará, além disso, para o início do plebiscito, uma data que não poderá ser posterior ao fim de Novembro.

Interrompeu-se de novo e perguntou a Chamberlain com certa doçura irónica:

— O membro checoslovaco dessa comissão terá o mesmo direito de voto dos outros?

— Naturalmente - disse Chamberlain benevolente.

Algo viscoso como um coágulo conspurcou Ivich, introduziu-se no seu sangue, não sou uma mulher que se violenta, abriu-se e deixou-se apunhalar, mas enquanto frêmitos de gelo e fogo subiam ao seu peito, a

cabeça continuava fria; salvara a cabeça e gritava-lhe, dentro da cabeça, odeio-te!

6.º A fixação final das fronteiras será restabelecida pela comissão internacional. Essa comissão terá também competência para recomendar às quatro potências, Alemanha, Reino Unido, França e Itália, em certos casos excepcionais, modificações de alcance restrito à determinação estritamente etnológica das zonas transferíveis sem plebiscito.

— Devemos considerar este artigo como uma cláusula, destinada a assegurar a proteção dos nossos interesses vitais? - indagou Masaryk.

Voltara-se para Daladier e olhava-o com insistência. Mas Daladier não respondeu; parecia velho e acabado. Masaryk observou que ele conservara no canto da boca uma ponta de cigarro apagado.

— Essa cláusula fora-nos prometida - disse Masaryk com energia.

— Em certo sentido - disse Léger -, este artigo pode ser considerado em função da cláusula a que alude. Mas é preciso ser modesto para começar. A questão da garantia das fronteiras será de competência da comissão internacional.

Masaryk deu uma gargalhada curta e cruzou os braços:

— Nem sequer uma garantia! - disse meneando a cabeça.

7.º, leu Mastny. "Haverá um direito de opção permitindo ser incluído nos territórios transferidos ou deles excluído. Essa opção será exercida no prazo de seis meses a partir da data do presente acordo.

8.º O Governo checoslovaco, num prazo de quatro semanas a partir da conclusão do presente acordo, libertará todos os alemães dos Sudetas que o desejarem das formações militares ou policiais a que pertençam. No mesmo prazo, o Governo checoslovaco libertará os prisioneiros alemães dos Sudetas que cumprem penas de prisão por delitos políticos.

Munique, 29 de Setembro de 1938.

— Pronto - disse ele -, aí está.

Olhava para a folha como se não tivesse acabado de a ler. Chamberlain bocejou fortemente, depois principiou a tamborilar na mesa.

— Pronto - disse Mastny.

Estava acabado. A Checoslováquia de 1918 deixara de existir. Masaryk acompanhou com o olhar a folha branca que Mastny ia largar na mesa. Voltou-se depois para Daladier e Léger e encarou-os fixamente. Daladier afundara-se na poltrona, de queixo caído sobre o peito. Tirou um cigarro do bolso, olhou-o por um instante e tornou a colocá-lo no maço. Léger estava um pouco vermelho, parecia impaciente.

— Esperam uma declaração ou resposta do meu Governo? - indagou Masaryk.

Daladier não respondeu. Léger baixou a cabeça e disse muito depressa:

— Mussolini deve voltar à Itália hoje pela manhã; não dispomos de muito tempo.

Masaryk continuava a fixar Daladier. Disse: "Nem mesmo uma resposta? Devo compreender com isso que somos obrigados a aceitar?"

Daladier fez um gesto de desânimo e Léger respondeu atrás dele:

— Que mais podem fazer?

Ela chorava, o rosto voltado para a parede. Chorava em silêncio e os soluços sacudiam-lhe os ombros.

— Porque estás a rir? - perguntou uma voz hesitante.

— Porque o odeio - respondeu ela.

Masaryk levantou-se, Mastny fez o mesmo. Chamberlain bocejava a ponto de desarticular o maxilar.

Sexta-Feira, 30 de Setembro

O soldadinho aproximou-se de Gros-Louis agitando um jornal.

— A paz! - gritou.

Gros-Louis largou o balde:

— Que estás tu a dizer, rapaz?

— Paz!, estou eu a dizer.

Gros-Louis encarou-o com desconfiança:

— Não pode haver paz se não houver guerra.

— Já assinaram, saloio. Olha o jornal.

Entregou-lhe o jornal. Gros-Louis empurrou-lhe de volta.

— Não sei ler.

— Ah!, que estupidez - disse o soldadinho com pena. - Então olha para a fotografia.

Gros-Louis pegou no jornal com repugnância, chegou-se à janela da estrebaria e olhou para a fotografia. Reconheceu Daladier, Hitler, Mussolini, que sorriam: pareciam bons amigos.

— Bem, bem!

Olhou para o soldadinho, franzindo as sobrancelhas e de repente ficou alegre:

— Reconciliados agora! - disse a rir. - E nem sei porque brigavam!

O soldado pôs-se a rir e Gros-Louis acompanhou-o.

— Adeus, meu velho! - disse o soldado.

Afastou-se. Gros-Louis aproximou-se da égua preta e começou a acariciar-lhe a garupa.

— Bem, bem, minha bela, bem, bem.

Sentia-se vago. Disse:

— Bem, que vou eu fazer agora? Que vou eu fazer?

Birnenschatz dissimulava-se atrás do jornal, via-se subir um fuminho recto por trás das folhas abertas. A senhora Birnenschatz agitava-se na poltrona.

— Preciso de ver Rose, por causa dessa história do aspirador.

Era a terceira vez que falava do aspirador, mas não saía. Ella encarava-a sem simpatia, gostaria de ficar a sós com o pai.

— Achas que o vão aceitar? - perguntou a senhora Birnenschatz voltando-se para a filha.

— Estás sempre a perguntar-me isso. Não sei, mamã!

Na véspera, a senhora Birnenschatz chorara de alegria abraçando a filha e as sobrinhas. Agora já não sabia o que fazer da sua alegria; era uma alegria pesada e mole como ela própria, que se transformaria logo em profecia, a menos que conseguisse compartilhá-la.

Virou-se para o marido:

— Gustave!

Birnenschatz não respondeu.

— Estás muito quieto hoje.

— Estou!

Mesmo assim, baixou o jornal e olhou-a por cima dos óculos. Parecia desanimado e envelhecido. Ella sentiu um nó na garganta: apetecia-lhe beijá-lo mas era melhor não se lançar em efusões diante da senhora Birnenschatz, já por de mais propensa a tais manifestações.

— Estás contente, ao menos? - perguntou a mulher.

— Contente com quê? - indagou ele secamente.

— Ora - disse ela já a gemer -, disseste cem vezes que não desejavas esta guerra, que seria uma catástrofe, que era preciso tratar com os Alemães; pensei que estivesse contente.

Birnenschatz encolheu os ombros e voltou ao jornal. A senhora Birnenschatz fixou por um instante o seu olhar cheio de surpresa e censura no muro de papel. O lábio inferior tremia-lhe: suspirou, levantou-se com dificuldade e dirigiu-se para a porta.

— Não compreendo o meu marido nem a minha filha - disse, ao sair.

Ella acercou-se do pai e beijou-o docemente no crânio.

— Que há, papá?

Birnenschatz tirou os óculos e ergueu a cabeça para ela:

— Não tenho nada a dizer. Esta guerra, eu não estava na idade de a fazer, não é? Por isso, fico calado.

Dobrou meticulosamente o jornal, resmungando como para si mesmo:

— Eu era pela paz...

— Então?

— Então...

Inclinou a cabeça para a direita e ergueu o ombro esquerdo num movimento engraçado e infantil:

— Tenho vergonha - disse sombrio.

Gros-Louis esvaziou o balde na latrina, espremeu cuidadosamente a água da esponja, pôs a esponja no balde e levou tudo para a estrebaria. Fechou a porta, atravessou o pátio e entrou no edifício B. Estava deserto. "Não têm pressa de partir", pensou, "devem estar contentes aqui". Tirou de debaixo da cama as calças e o seu casaco de civil. "Eu não gosto", disse, começando a despir-se. Não ousava alegrar-se. "Há oito dias que me chateiam." Enfiou as calças e depôs com cuidado a sua farda em cima da cama. Não sabia se o patrão o aceitaria ainda. "Quem irá guardar agora as suas ovelhas?" Pegou na mala e saiu. Diante do tanque, quatro tipos olhavam-no a rir. Gros-Louis disse-lhes adeus com a mão e atravessou o pátio. Não tinha nem um níquel, mas iria a pé. "Eu ajudá-los-ei nas fazendas e eles dar-me-ão de comer." De repente, reviu o céu azul-claro por cima das charnecas do Canigou, reviu os traseiros saltitantes das ovelhas e compreendeu que estava livre.

— Eh! Onde é que você vai?

Gros-Louis voltou-se: era o sargento Peltier, um homem gordo. Vinha a correr, ofegante.

— Eh! - gritou. - Que historia é essa?

Parou a dois passos de Gros-Louis, fungando, vermelho de furor.

— Onde vai? - repetiu.

— Vou-me embora!

— Vai-se embora! - disse o sargento cruzando os braços. - Vai-se embora! Mas para onde? - perguntou, numa atitude de indignação exasperada.

— Para casa! - disse Gros-Louis.

— Para casa! Ele vai para casa! Sem dúvida que ou é a comida que não lhe agrada ou então é o colchão que é duro. - Tornando-se novamente ameaçador, acrescentou: - Vai-me fazer o favor de dar meia volta, a trote! Vou-te ensinar, meu rapaz.

"Não sabe que eles se reconciliaram", pensou Gros-Louis.

Disse:

— Assinaram a paz, meu sargento!

O sargento parecia não acreditar no que ouvia.

— Está a fazer-se de idiota ou a zombar de mim?

Gros-Louis não desejava zangar-se. Desviou-se e continuou a andar. Mas o tipo gordo correu atrás dele, puxou-o pela manga, colocou-se à sua frente. Empurrava-o com a pança e gritava:

— Se não me obedecer imediatamente, vai responder a conselho de guerra.

Gros-Louis parou, coçou o crânio. Pensou em Marselha e sentiu dores na cabeça.

— Há oito dias que me chateiam aqui - disse lentamente.

O sargento sacudiu-o pelo casaco, berrando:

— Que está a dizer?

— Há oito dias que me chateiam aqui - gritou Gros-Louis com voz de trovão.

Agarrou o sargento pelo ombro e bateu-lhe na cara. Ao fim de um momento viu-se forçado a passar-lhe o braço pelo sovaco para continuar a bater; sentiu-se seguro por trás, torceram-lhe os braços. Largou o sargento Peltier, que caiu no chão sem dizer palavra, e pôs-se a sacudir aqueles tipos pendurados nele, mas alguém lhe passou uma rasteira, e Gros-Louis caiu de costas. Começaram a socá-lo. Ele virava a cabeça de um lado para o outro para evitar os socos e dizia ofegante:

— Deixem-me partir, deixem-me partir, estou a dizer que assinaram a paz!

Gomez raspou com as unhas o fundo do bolso e conseguiu uns restos de tabaco misturado com poeira e pedaços de palha. Enfiou tudo no cachimbo e acendeu. O fumo tinha um gosto áspero e sufocante.

— Já acabou a provisão de tabaco? - indagou Garcin.

— Desde ontem à noite. Se soubesse teria trazido mais.

Lopez entrou com os jornais. Gomez olhou-o e baixou os olhos sobre o cachimbo. Compreendera. Viu Munique em caracteres enormes na primeira página.

— Então? - indagou Garcin.

— Então, estamos perdidos - disse Lopez.

Gomez mordeu o cachimbo com força. Ouviu o canhão e pensava na calma noite em Juan-les-Pins, no jazz na praia: Mathieu teria ainda muitas noites iguais.

— Os safados! - murmurou.

Mathieu permaneceu um instante à entrada da cantina, depois saiu para o pátio e fechou a porta. Conservava a sua roupa de civil: já não havia uma só farda no armazém militar. Os soldados passeavam aos grupos, pareciam espantados e inquietos. Dois jovens que caminhavam para o seu lado puseram-se a bocejar ao mesmo tempo.

— Divertem-se, vocês dois! - disse Mathieu.

O mais novo fechou a boca e disse como que desculpando-se:

— Não se sabe o que fazer!

— Olá! - disse alguém atrás de Mathieu. Mathieu voltou-se, era um tal Georges, vizinho de cama, que tinha uma boa cara lunar e melancólica. Sorria-lhe:

— Então? - disse Mathieu. - Tudo bem?

— Mais ou menos.

— Queixa-te! - disse Mathieu. - Não deverias estar aqui neste momento. Deverias estar no fogo.

— Sim - disse o outro, encolhendo os ombros - aqui ou noutro lugar...

— É verdade.

— Estou contente porque vou tornar a ver a garota. Senão... Vou voltar ao escritório, não me dou muito bem com a minha mulher... Vamos ler os jornais, vamos aborrecer-nos com Dantzig: tudo recomeçará como no ano passado. - Bocejou e acrescentou:

— A vida é sempre a mesma coisa, não acha?

— Sempre.

Sorriam indolentemente. Não tinham mais nada a dizer.

— Até logo - disse Georges.

— Até logo.

Do outro lado da grade alguém tocava acordeão. Do outro lado da grade era Nancy, era Paris, catorze horas de aulas por semana, Ivich, Boris, Irene talvez. A vida é igual em toda a parte, sempre a mesma coisa. Dirigiu-se a passos lentos para a grade.

— Cuidado!

Soldados faziam-lhe sinais para que se afastasse: tinham traçado uma linha no chão e lançavam niqueis sem grande convicção. Mathieu deteve-se um instante: viu niqueis a rolares, e mais niqueis, e mais ainda. De vez em quando uma moeda rodopiava como um pião, tropeçava e caía sobre outra, cobrindo-a em parte. Então eles erguiam-se e davam gritos.

Mathieu continuou a andar. Tantos comboios e camiões pela França, tanta dor, tanto dinheiro, tantas lágrimas, tantos gritos em todas as estações de rádio do mundo, tantas ameaças e desafios em todas as línguas, tantos conciliábulos para chegar a isso: andar à volta de um pátio ou jogar com niqueis na poeira. Todos esses homens tinham-se esforçado por partir sem lágrimas, todos haviam visto de repente a morte de perto, e todos, com muita dificuldade ou simplesmente, tinham aceitado morrer. Agora estavam imbecilizados, de braços soltos, atolados nessa vida que refluía neles, que lhes deixavam ainda durante mais algum tempo e que não sabiam aproveitar. "Foi um primeiro de Abril", pensou. Agarrou-se com ambas as mãos à grade e olhou para fora: o sol sobre uma rua vazia. Nas ruas comerciais da cidade, há vinte e quatro horas havia paz. Mas em volta das casernas e dos fortes uma vaga bruma de guerra ainda acabava de se dissipar aos poucos. O acordeão tocava Madelon; um ventinho morno levantou um turbilhão de pó na estrada. "E da minha vida, que é que eu vou fazer?" Era muito simples: havia Paris, Rua Huyghens, um apartamento que o esperava, dois quartos, aquecimento central, água, gás, electricidade, com poltronas verdes e um caranguejo de bronze em cima da mesa. Voltaria para casa, poria a chave na fechadura, voltaria à sua cátedra no Liceu Buffon. E nada teria ocorrido. Nada. A sua vida esperava-o, familiar, deixara-a em cima da secretária, no quarto de dormir; entraria nela sem mais histórias - ninguém se meteria em invenções, ninguém faria alusão à entrevista de Munique, dentro de um mês tudo estaria esquecido, restaria apenas uma pequenina cicatriz na continuidade da sua vida, uma fenda, a lembrança de uma noite em que pensara partir para a guerra. "Não quero!", pensou, apertando as grades com toda a força. "Não quero! Isso não acontecerá." Voltou-se bruscamente, olhou sorrindo para as janelas faiscantes do sol.

Sentia-se forte; havia no seu íntimo uma pequena angústia que começava a conhecer, uma pequena angústia que lhe dava confiança. Uma pessoa qualquer, num lugar qualquer. Não possuía mais nada, não era mais nada. A noite sombria da antevéspera não seria perdida; aquela enorme agitação não seria inteiramente inútil. Que tornem a colocar o sabre na bainha, que façam a sua guerra, ou não façam, pouco me importa; não sou trouxa. O acordeão emudecera. Mathieu recomeçou a andar pelo pátio

"Permanecerei livre", pensou.

O avião descrevia grandes círculos em cima do Bourget, um pez negro e ondulante cobria metade do aeroporto. Léger inclina-se para Daladier e diz, apontando:

— Que multidão!

Daladier olhou também, e pela primeira vez desde Munique falou:

— Vieram para me partir a cara.

Léger não protestou. Daladier encolheu os ombros:

— Compreendo-os.

— Tudo depende do serviço de ordem - disse Léger suspirando.

Entrou no quarto com os jornais. Ivich estava sentada na cama, baixava os olhos:

— Pronto! Assinaram esta noite.

Ivich ergueu os olhos, ele parecia feliz mas calou-se bruscamente, embaraçado com o olhar dela.

— Quer dizer que não haverá guerra? - perguntou ela.

— Naturalmente.

Nada de guerra, nada de aviões sobre Paris; os tetos não desmoronariam sob as bombas, ia ser preciso viver.

— Não haverá guerra! - disse ela soluçando. - Não haverá guerra e você parece satisfeito!

Milan acercou-se de Anna. Titubeava e os seus olhos estavam rosados. Tocou-lhe no ventre e disse:

— Aqui está um que não vai ter sorte.

— Quem?

— O garoto. Digo que não terá sorte.

Aproximou-se da mesa mancando e encheu um copo de álcool. Era o quinto naquela manhã.

— Lembras-te - disse - quando caíste da escada? Pensei que tivesses um aborto.

— Então? - disse ela secamente.

Virara-se para ela, com o copo na mão: parecia fazer uma saúde.

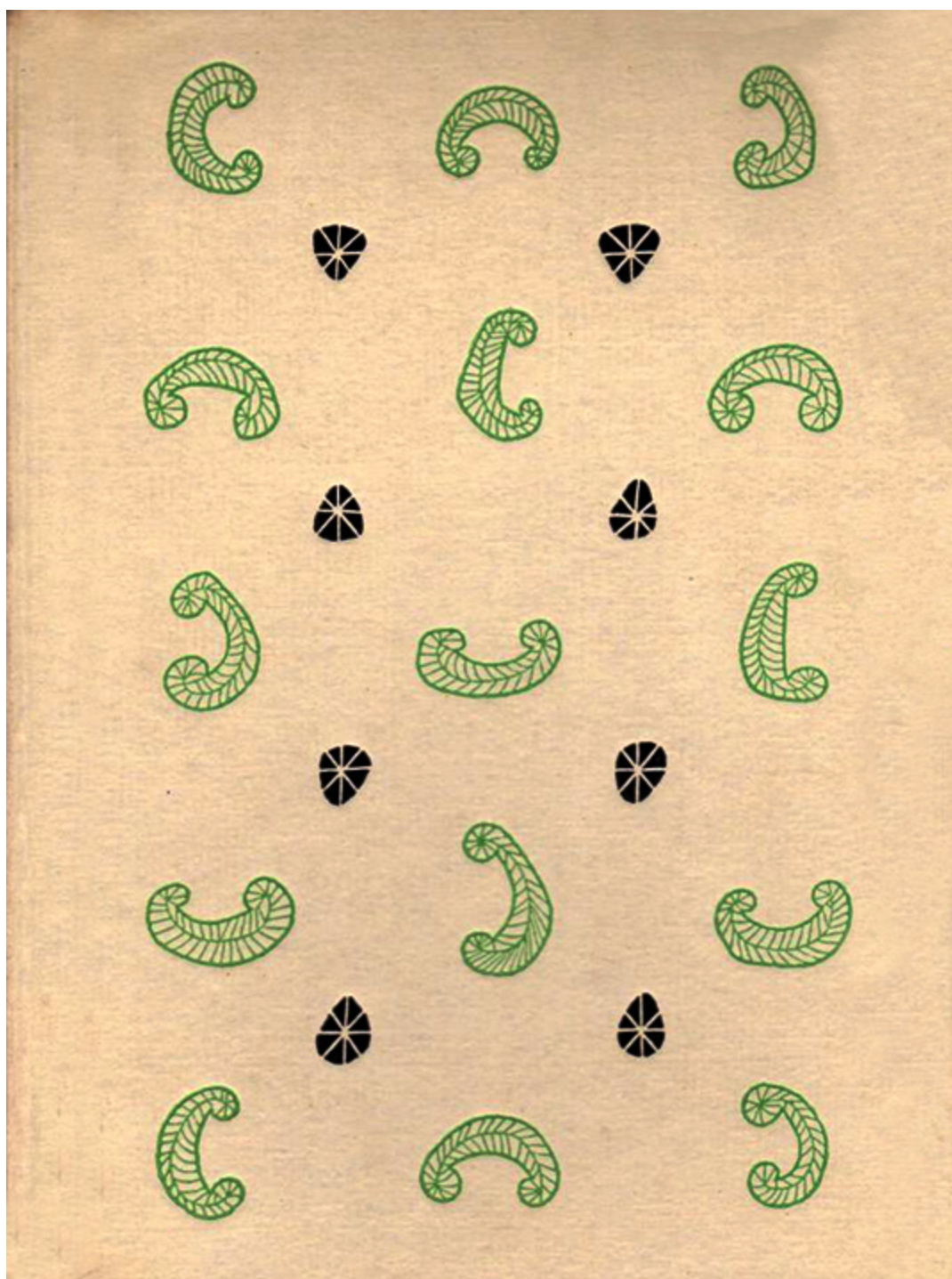
— Teria sido melhor - disse escarnecendo.

Ela olhou: ele erguia o copo, a sua mão tremia um pouco.

— Talvez - disse ela. - Talvez tivesse sido melhor.

O avião aterrara. Daladier saiu com dificuldade da carlinga e pôs o pé na escada. Estava lívido. Ouviu-se um clamor imenso da multidão e toda

aquela gente se pôs a correr, rebentando os cordões da polícia, derrubando as barreiras; Milan bebeu e disse, rindo: "Pela França! Pela Inglaterra! Pelos nossos gloriosos aliados!" Depois lançou com toda a força o copo contra a parede. A multidão gritava: "Viva a França! Viva a Inglaterra! Viva a paz!" Transportavam bandeiras e ramos de flores. Daladier parara no primeiro degrau. Olhava-os com estupor. Voltou-se para Léger e disse entre dentes: Cretinos!



COM A MORTE NA ALMA

JEAN-PAUL SARTRE





Primeira Parte

*Nova Iorque, nove horas da manhã,
sábado, 15 de Junho de 1940.*

Um polvo? Pegou na faca, abriu os olhos, era um sonho. Não. O polvo estava lá, sugava-o com as ventosas: o calor. Suava. Tinha adormecido cerca da uma hora; às duas, o calor havia-o acordado, mergulhara num banho frio e tornara-se a deitar sem se limpar; logo em seguida a forja voltara a ressoar-lhe sob a pele, recomeçara a transpirar. De madrugada tinha adormecido, sonhou com incêndios; agora o Sol já ia alto, e Gomez suava ainda: suava sem interrupção há quarenta e oito horas. "Meu Deus!", suspirava ao passar a mão pelo peito molhado. Isto não era do calor, era uma doença da atmosfera: o ar tinha febre, o ar suava, desfazia-se em suor. Levantar-se. Começar a suar dentro de uma camisa. Erguer-se: "Hombre! Já não tenho mais camisas." Encharcara a última, a azul, porque era obrigado a mudar-se duas vezes por dia. Agora era o fim: usaria este trapo húmido e mal cheiroso até que a roupa viesse da lavanderia. Levantou-se cautelosamente, mas sem poder evitar a inundação, as gotas corriam-lhe pelo corpo como piolhos e faziam-lhe cócegas. A camisa amarrotada, cheia de pregas, estava no espaldar da cadeira. Apalpou-a: nada seca neste país de merda. O coração batia-lhe, sentia um travo na boca, como se se tivesse embriagado na véspera.

Vestiu as calças, aproximou-se da janela e correu as cortinas: na rua, a luminosidade era branca como uma catástrofe; mais treze horas de luz. Olhou para a rua com angústia e raiva. A mesma catástrofe: lá longe, na fértil terra negra, debaixo de fumo, sangue e gritos; aqui, entre as casinhas de tijolo vermelho, luz, apenas luz, apenas luz e transpiração. Mas era a mesma catástrofe. Dois negros passaram e riram, uma mulher entrou no drugstore. "Meu Deus!" Via as cores tornarem-se berrantes: mesmo tendo tempo, mesmo tendo cabeça para isso, como poderia pintar com esta luminosidade! "Meu Deus!", disse, "meu Deus!"

Bateram à porta. Gomez foi abrir. Era Ritchie.

— É um crime - disse Ritchie ao entrar.

Gomez estremeceu:

— O quê?

— Este calor: é um crime. O quê - acrescentou com um ar de censura -, não estás vestido? Ramon espera-nos às dez horas.

Gomez encolheu os ombros:

— Adormeci tarde. - Ritchie tornou a sorrir, e Gomez apressou-se a acrescentar: - Está muito calor. Não consigo dormir.

— Acontece, nos primeiros tempos - disse Ritchie complacentemente. - Depois habituas-te.

Olhou para ele atentamente:

— Tomas pastilhas de sal?

— Sim, claro, mas não fazem efeito.

Ritchie abanou a cabeça e a sua benevolência matizou-se de severidade: as pastilhas de sal deviam impedir a transpiração. Se não produziam efeito em Gomez, então ele não era como as outras pessoas.

— Mas então! - disse subitamente Ritchie, franzindo o sobrolho -, tu devias estar treinado: em Espanha também há muito calor.

Gomez pensou nas manhãs secas e trágicas de Madrid, nessa bela luminosidade sobre Alcalá, que era ainda a esperança; abanou a cabeça:

— Não era o mesmo calor.

— Menos húmido, não? - disse Ritchie, com uma espécie de orgulho.

— Sim. E mais humano.

Ritchie tinha um jornal na mão; Gomez estendeu o braço para lhe pegar, mas não ousou. A mão pendeu-lhe.

— É um grande dia - disse Ritchie alegremente-, é a festa de Delaware. Sou de lá, sabes?

Abriu o jornal na décima terceira página; Gomez viu uma fotografia. La Guardia cumprimentava um homem forte e ambos sorriam com naturalidade.

— Este tipo à esquerda - continuou Ritchie - é o governador de Delaware. La Guardia recebeu-o ontem no World Hall. Foi formidável.

Gomez tinha vontade de lhe arrancar o jornal e de ver a primeira página. Mas pensou: "Estou-me pouco ligando", e foi para a casa de banho. Encheu a banheira de água fria e barbeou-se rapidamente. Quando se ia a meter no banho, Ritchie gritou-lhe:

— A quantas anda você?

— Muito mal, já não tenho nenhuma camisa e restam-me dezoito dólares. Além disso, Manuel chega na segunda-feira, tenho de lhe devolver o apartamento.

Mas estava a pensar no jornal: Ritchie lia enquanto esperava; Gomez ouvia- o voltar as páginas. Limpou-se cuidadosamente; em vão: e água emergia da toalha. Enfiou a camisa húmida, esfregando-a nas costas, e entrou no quarto.

— Desafio dos Gigantes.

Gomez olhou Ritchie sem compreender.

— O basebol, ontem. Ganharam os Gigantes.

— Ah!, sim, o basebol...

Baixou-se para apertar os sapatos. Procurava ler, espreitando, os títulos da primeira página. Acabou por perguntar:

— E Paris?

— Não ouviste a rádio?

— Não tenho rádio.

— Acabado, liquidado - disse Ritchie tranquilamente. - Entraram esta noite.

Gomez dirigiu-se para a janela, colou a testa ao caixilho escaldante, olhou para a rua. Este sol inútil, este dia inútil. De futuro, apenas dias inúteis. Voltou-se e deixou-se cair na cama.

— Ande depressa - disse Ritchie. - Ramon, não gosta de esperar.

Gomez levantou-se. A camisa já estava encharcada. Foi pôr a gravata em frente do espelho:

— Ele está de acordo?

— Em princípio, sim. Sessenta dólares por semana e farás a crônica das exposições. Mas ele quer ver-te.

— Ver-me-á - disse Gomez. - Ver-me-á.

Voltou-se bruscamente:

— Preciso de um adiantamento. Achas que ele irá nisso?

Ritchie encolheu os ombros e após um momento:

— Disse-lhe que vieste de Espanha e ele desconfia de que não tens grande admiração por Franco; - mas não lhe falei das tuas... explorações. Não lhe digas que eras general: no fundo, não sabemos o que pensa.

General! Gomez olhou para as calças usadas e para as manchas escuras que o suor punha na camisa. Disse serenamente:

— Não tenhas medo, não tenho vontade de me gabar. Sei o que custa, aqui, ter feito a guerra em Espanha: há seis meses que estou sem trabalho.

Ritchie pareceu abalado:

— Os Americanos não gostam de guerra - explicou secamente.

Gomez pôs o casaco debaixo do braço:

— Vamos.

Ritchie dobrou lentamente o jornal e levantou-se. Na escada perguntou:

— A tua mulher e o teu filho estão em Paris?

— Espero bem que não - replicou vivamente Gomez. - Espero que Sarah tenha sido suficientemente esperta para se raspar para Montpellier.

Acrescentou:

— Não tenho notícias deles desde o dia 1 de junho.

— Se tiveres trabalho, podes mandá-los vir - disse Ritchie.

— Sim - disse Gomez. - Sim, sim. Veremos.

A rua, o brilho das janelas, o sol a incidir sobre as longas casas achatadas e sem teto, de tijolos escurecidos. Em frente de cada porta degraus de pedra branca; uma bruma de calor do lado de East River; a cidade tinha um ar definhado. Nem uma sombra: em nenhuma rua do mundo nos sentiríamos tão estranhos. Agulhas incandescentes furavam-lhe os olhos; levantou a mão para se defender, e a camisa colou-se-lhe à pele. Arrepiou-se:

— Um crime!

— Ontem - disse Ritchie -, um pobre velho caiu à minha frente: insolação. Horrível, não gosto de ver mortos.

"Vai para a Europa e estás servido", pensou Gomez. Ritchie acrescentou:

— Faltam quarenta prédios. É melhor apanhar o autocarro.

Pararam junto ao posto amarelo. Uma jovem esperava. Olhou-os com ar sabido e triste, depois voltou-lhes as costas.

— Bela mulher - disse Ritchie com ar colegial.

— Tem ar de prostituta - disse Gomez com rancor.

Aquele olhar tinha-o feito sentir-se sujo e transpirado. Ela não estava a transpirar. Ritchie também não: rosado e fresco na sua bonita camisa branca, só o nariz arrebitado brilhava um pouco. O belo Gomez. O belo general Gomez. O general debruçara-se sobre olhos azuis, verdes, negros,

sombreados pelo bater dos cílios; a prostituta apenas se apercebera de um pequeno meridional avaliado em cinquenta dólares por semana, - que suava no seu fato comprado feito. "Tomou-me por um Dago¹²" Mesmo assim, olhou para as belas pernas longas enquanto continuava a suar. "Há quatro meses que não sei o que é fazer amor." Antes, sentia o desejo como um sol seco no ventre. Presentemente, o belo general Gomez tinha desejos vergonhosos e fugidios de vagabundo.

— Um cigarro? - ofereceu Ritchie.

— Não. Sinto a garganta a arder. Gostaria mais de beber.

— Não temos tempo.

Com um ar perturbado deu-lhe uma pequena palmada no ombro:

— Faça o possível para sorrir - disse.

— O quê?

— Se Ramon te vê com essa cara, assusta-se. Não te peço que sejas cerimonioso - apressou-se a dizer, perante um gesto a Gomez. - Ao entrares, fazes um sorriso impessoal e esforças-te por conservar; durante esse tempo, podes pensar no que quiseses.

— Vou sorrir - disse Gomez.

Ritchie olhou com solicitude:

— É com o garoto que estás preocupado?

— Não.

Ritchie fez um esforço doloroso de reflexão:

— É por causa de Paris?

— Paris? estou-me pouco ligando para Paris - disse Gomez violentamente.

— Ainda bem que tomaram a cidade sem combate, não achas?

— Os Franceses podiam defendê-la - respondeu Gomez com uma voz neutra.

— Bah, uma cidade plana.

— Podiam defendê-la. Madrid resistiu dois anos e meio...

— Madrid... - repetiu Ritchie com um gesto vago. Retomou: - Mas para quê defender Paris? É estúpido. Teriam destruído o Louvre, a ópera, Notre-Dame. Quanto menos estragos houver, melhor. Agora - acrescentou satisfeito -, a guerra, acabará depressa.

— Essa agora! - disse Gomez ironicamente. - dentro de três meses teremos a paz nazi.

— A Paz - disse Ritchie - não é democrática, nem nazi: é a paz. Sabes que não gosto dos nazis. Mas são homens como os outros. Uma vez conquistada a Europa, verá surgir as primeiras dificuldades e terão de se moderar. Se forem razoáveis, deixarão que cada país se administre por si próprio no seio de uma federação européia. Qualquer coisa como os nossos Estados Unidos.

Falava lentamente e com aplicação. Acrescentou:

— Se isso vos impedir de estar em guerra de vinte em vinte anos, será esse o preço.

Gomez olhou-o irritado: havia uma imensa boa vontade nos seus olhos cinzentos. Ritchie era alegre, amava a humanidade, as crianças, as aves, a arte abstrata; pensava que com dois reis de bom senso todos os conflitos seriam sanados. Não tinha muita simpatia pelos imigrantes de raça latina; entendia-se melhor com os alemães. "A tomada de Paris, para ele, que poderia representar?"

Gomez voltou a cabeça e olhou para o mostruário multicolor do vendedor de jornais: Ritchie pareceu-lhe, de repente, impiedoso.

— Vocês, os Europeus - disse Ritchie -, agarram-se sempre a símbolos. Há oito dias que se sabe que a França está perdida. Bem: viveste lá, tens boas recordações, compreendo que isso te entristeça. Mas a tomada de Paris? Em que te perturba, se a cidade, está intacta? No fim da guerra voltaremos.

Gomez sentiu-se tomado de uma extraordinária e colérica alegria:

— Que me importa isso? - perguntou com voz trêmula. - Dá-me prazer! Quando Franco entrou em Barcelona eles abanavam a cabeça, diziam que era pena, mas ninguém mexeu um dedo. Pois bem, é a vez deles; que se avenham! Sim, dá-me prazer - gritou no meio do ruído do autocarro que, entretanto, tinha chegado -, dá-me prazer!

Subiram depois da mulher jovem. Gomez fez o possível por lhe ver as pernas; ficaram de pé na plataforma. Um homem gordo, de óculos de ouro, afastou-se precipitadamente deles e Gomez pensou: "Devo, cheirar mal."

Na última fila de lugares sentados, um passageiro tinha desdobrado um jornal. Gomez leu, por cima do ombro: "Toscanini aclamado no Rio, onde toca pela primeira vez depois de cinquenta e quatro anos." E mais

abaixo: "Estréia em Nova Iorque: Ray Milland e Loretta Yoting em O Doutor Vú Casar."

Por todo o lado se abriam jornais: La Guardia recebe o governador de Delaware; Loretta Young; incêndio no Illinois; Ray Milland; o meu marido começou a gostar de mim quando comprei desodorizante Pitts; comprem Chrisargyl, o laxativo da lua-de-mel; um homem em pijama sorria à jovem esposa; La Guardia sorria ao governador de Delaware; "Não há bolos para os mineiros", declara Buddy Smith. Iam lendo; as grandes folhas brancas e negras falavam-lhes de si próprios, das suas preocupações, dos seus prazeres; sabiam quem era Buddy Smith, e Gomez não sabia; viravam para o chão, para as costas do condutor, as letras grossas da primeira página: "Tomada de Paris", ou então "Montmortre em chamas". Iam lendo, mas os títulos gritavam-lhes entre as mãos sem serem ouvidos. Gomez sentiu-se velho e cansado. Paris estava longe; era o único a preocupar-se, no meio de cento e cinquenta. milhões de homens, era apenas uma pequena preocupação pessoal, pouco mais importante do que a sede que lhe queimava a garganta.

— Dá-me o jornal - pediu a Ritchie.

Os Alemães ocupam Paris. Pressão em direção ao Sul. Tomada do Havre. Assalto da Linha Maginot.

As letras gritavam, mas os três negros que conversavam atrás dele continuavam a rir sem ouvir.

Intacto o exército francês, a Espanha toma Tânger.

O homem de óculos de ouro procurava alguma coisa, metodicamente, na pasta, e acabou por retirar uma chave Yale, que examinou com satisfação. Gomez teve vergonha, sentia vontade de fechar o jornal, como se nele se falasse dos seus segredos mais íntimos. Estes gritos enormes que lhe faziam tremer as mãos, os pedidos de socorro, os estertores, eram enormes incongruências, como o seu suor de estrangeiro, como o seu cheiro demasiado intenso. *A palavra de Hitler posta em dúvida. O presidente Roosevelt não acredita... Os Estados Unidos farão o que puderem pelos Aliados...; o Governo de Sua Majestade fará o que puder pelos Checos; os Franceses farão o que puderem pelos republicanos de Espanha. Ligaduras, medicamentos, latas de leite. Miséria! Manifestação de estudantes em Madrid para exigir a devolução de Gibraltar aos Espanhóis.* Viu a palavra Madrid e já não pôde continuar. "Bem feito, patifes! Patifes! Que peguem o

fogo aos quatro cantos de Paris que a reduzam a cinzas." Tours (do nosso correspondente particular Archambaud): *A luta continua, os Franceses declaram que a pressão inimiga diminui; pesadas perdas nazistas.*

Naturalmente a pressão diminui, diminuirá até ao último dia e até ao último jornal francês; pesadas perdas, pobres palavras, últimas palavras de esperança que já não enganam ninguém; pesadas perdas fascistas à volta de Tarragona; a pressão diminui; Barcelona resistirá... e, no dia seguinte, a debandada.

Berlim (do nosso correspondente particular Brook Peters): A França perdeu toda a indústria; Montmédy foi tomado; a Linha Maginot assaltada; o inimigo em fuga; canto de glória, canto cheio de sonoridade, sol; em Berlim, em Madrid, canta-se em uniforme; Barcelona, Madrid, em uniforme; Barcelona, Madrid, Varsóvia, Paris, amanhã Londres. Em Tours, senhores de casaco escuro passeavam pelos corredores dos hotéis. Bem feito! É bem feito, que tomem tudo, a França, a Inglaterra, que desembarquem em Nova Iorque, é bem feito!

O senhor de óculos de ouro olhava-o; Gomez teve vergonha, como se tivesse gritado. Os negros sorriam, a jovem mulher sorria, o cobrador sorria, *not to grin is a sin*¹³.

— Vamos descer - disse Ritchie sorrindo.

Nos anúncios, na capa das revistas, a América sorria. Gomez pensou em Ramon e começou a sorrir.

— São dez horas - continuou Ritchie -, só estamos atrasados cinco minutos.

Dez horas, três horas em França: uma tarde enevoadada, sem esperança, despontava desta manhã colonial.

*

Três horas em França.

— Estamos bem arrançados - disse o tipo.

Estava petrificado no assento; Sarah via o suor escorrer-lhe pela nuca; ouvia o barulho das buzinas.

— Já não temos gasolina!

Abriu a porta, saltou do carro e ficou parado em frente dele, olhando-o ternamente:

— Santo Deus! - murmurou entre dentes. - Santo Deus!

Afagava o carro escaldante: Sarah via-o, através da janela, de pé contra o céu faiscante, no meio de tanto barulho; os carros que passavam desde manhã distanciavam-se numa nuvem de poeira. Atrás deles, as buzinas, os apitos, as campainhas: um gorjeio de pássaros de ferro, o canto do ódio.

— Porque se zangam? - perguntou Pablo.

— Porque impedimos a passagem.

Ela gostaria de ter saltado do carro, mas o desespero mantinha-a no assento. O tipo levantou a cabeça:

— Desça! - disse ele irritado. Não os está a ouvir? Ajude-me a empurrar. - Desceram.

— Empurre atrás - ordenou o tipo a Sara. - E com força.

— Também quero empurrar - disse Pablo.

Sarah agarrou-se ao carro e empurrou com toda a força, de olhos fechados, como num pesadelo. O suor ensopava-lhe a blusa: através das pálpebras cerradas, o sol feria-lhe os olhos. Abriu-os: em frente dela, o tipo empurrava com a mão esquerda apoiada na janela; com a direita, manobrava o volante; Pablo tinha-se precipitado contra o pára-choques traseiro e dava gritos selvagens.

— Cuidado para não seres atropelado - recomendou Sarah.

O carro deslizou devagar para a beira da estrada.

— Parem! Parem! - disse o tipo - Já está bom, meu Deus!

As buzinas calaram-se; o rio recomeçou a correr.

Os carros passavam junto do automóvel avariado, com rostos colados contra as janelas; Sarah sentiu-se corar sob esses olhares e escondeu-se. Um homem alto e magro, ao volante de um Chevrolet, debruçou-se e gritou:

— Filho da puta!

Caminhões, camionetas, automóveis, táxis com bandeiras pretas, carroças. De cada vez que um carro passava por eles, Sarah perdia um pouco de coragem e Gien afastava-se um pouco mais. Depois, o desfile das carroças, e Gien afastava-se cada vez mais, rangendo; por fim a mancha negra dos peões cobriu a estrada. Sarah refugiou-se na valeta: as multidões assustavam-na. Andavam devagar, com dificuldade, o sofrimento dava-lhes um ar de família: quem quer que entrasse no grupo se lhes assemelharia. Recuso-me. Recuso-me a ser como eles. Não a olhavam; evitavam o carro sem o olhar: já não tinham olhos. Um gigante de chapéu de palha com uma

mala em cada mão esbarrou no carro deu meia volta e retomou a sua marcha. Estava pálido. Uma das malas tinha etiquetas de várias cores: Sevilha, Cairo, Sarajevo, Stresa.

— Está morto de cansaço - gritou Sarah. - Vai cair.

Não caía. Ela seguiu com os olhos o chapéu de fita vermelha e verde que balançava alegremente acima do mar de chapéus.

— Pegue na mala e continue sem mim.

Sarah estremeceu - e, sem responder olhava a multidão com uma repugnância assustada.

— Está a ouvir o que eu digo?

Ela voltou-se para ele:

— Não será possível esperar que um carro passe e pedir-lhe uma lata de gasolina? Depois dos pedestres, virão mais automóveis.

O tipo sorriu agressivamente.

— Aconselho-a a tentar.

— Porque não, porque não havemos de tentar?

Ele cuspiu com desprezo e durante um momento não respondeu.

— Não os viu? - perguntou ele por fim. - Empurram-se uns aos outros. Como quer que parem?

— E se eu encontrar gasolina?

— Já lhe disse que não encontra. Ou pensa que vão perder o lugar na fila por sua causa?

Olhou-a de alto a baixo, troçando:

— Se você fosse bonita e tivesse vinte anos não digo que não.

Sarah fingiu não ouvir. Insistiu:

— E se, apesar de tudo, eu conseguisse?

Abanou a cabeça, teimoso:

— Não há nada a fazer. Não continuo. Mesmo que arranje vinte litros; ou até cem. Já vi como é.

Cruzou os braços:

— Está a ver - disse ele com severidade. - Travar, derrapar, engatar de vinte em vinte metros. Mudar de velocidade cem vezes por hora: é isso que dá cabo de um carro!

O vidro estava sujo. Ele pegou no lenço e limpou-o solícitamente.

— Não me devia ter deixado arrastar...

— Bastava ter gasolina em quantidade suficiente. - disse Sarah.

Abanou a cabeça sem responder; ela tinha vontade de o esbofetear. Conteve-se e disse calmamente:

— Então? O que tenciona fazer?

— Ficar aqui e esperar.

— Esperar o quê?

Ele não respondeu. Ela pegou-lhe no braço e apertou-o com toda a força:

— Se ficar aqui, sabe o que lhe acontece? Os alemães deportarão todos os homens válidos.

— Claro! E cortarão as mãos ao garoto e violá-la-ão, se tiverem coragem. Tudo isso são balelas: eles não são certamente tão maus como dizem.

Sarah tinha a garganta seca e os lábios tremiam-lhe. E, quase sem voz:

— Está bem. Onde estamos?

— A vinte e quatro quilômetros de Gien.

"Vinte e quatro quilômetros! Não me vou pôr a chorar em frente deste patife!"

Entrou para o carro, pegou na mala, tornou a sair, deu a mão a Pablo.

— Vem, Pablo!

— Aonde?

— Para Gien.

— É longe?

— Ainda é bastante, mas pegar-te-ei ao colo quando estiveres cansado. E depois - acrescentou em ar de desafio - encontraremos certamente boa gente que nos ajude.

O homem plantou-se-lhes na frente, impedindo-lhes a passagem. Franzia o sobrolho e coçava a cabeça com ar inquieto.

— Que pretende? - perguntou Sarah secamente.

Ele não sabia o que queria. Olhava alternadamente para Sarah e Pablo; parecia procurar alguma coisa.

— Então? - disse ele inseguro. - Vai-se embora sem se quer me agradecer?

— Obrigada - disse Sarah apressadamente -, obrigada.

O homem tinha encontrado o que procurava: o, ódio. Encolerizou-se e tornou-se escarlate.

— E os meus duzentos francos? Onde estão?

— Não lhe devo nada - disse Sarah.

— Não me prometeu duzentos francos? Esta manhã? Em Melun? Na minha garagem?

— Sim, se me levasse a Gien: mas deixou-me no meio da estrada com uma criança.

— Não sou eu que a deixo, é o carro.

Abanou a cabeça e as veias das têmporas incharam-lhe. Os olhos brilhavam-lhe e parecia contente. Sarah não tinha medo dele.

— Quero os meus duzentos francos.

Ela meteu a mão na carteira.

— Tome lá cem francos. Não lhes devo, e você é certamente, mais rico do que eu. Dou-lhes para que me deixe em paz.

Ele pegou na nota e meteu-a no bolso; depois tornou a estender a mão. Estava vermelho, com a boca aberta e olhar pensativo.

— Ainda me deve cem francos.

— Não lhe dou nem mais um tostão. Deixe-me passar.

Ele não se mexia, impávido. Na verdade, não queria os cem francos. Não sabia o que queria: talvez quisesse que o garoto lhe desse um beijo antes de partir: a sua linguagem traduzia isso. Avançou para ela e ela percebeu que lhe ia tirar a mala.

— Não me toque.

— Ou me dá os cem francos ou fico com a mala.

Olhavam-se olhos nos olhos. Era visível que ele não tinha vontade alguma de ficar com a mala e Sarah estava tão cansada que de boa vontade lha teria dado. Mas, presentemente, era preciso representar a cena até ao fim. Hesitaram, como se não se lembrassem do respectivo papel; depois Sarah disse:

— Experimente levá-la! Experimente!

Ela agarrou na mala pela pega e começou a puxar. O homem podia ter-lha arrancado com um esticão, mas limitava-se a puxar, sem ver o que estava a fazer; por seu lado, Sarah puxava também; Pablo começou a chorar. O rebanho de peões já ia longe, recomeçara o desfile dos automóveis. Sarah sentiu-se ridícula. Puxou com força pela mala; ele, por sua vez, puxou ainda mais e arrancou-lha. Olhou para Sarah e para a mala com espanto; talvez nunca lha tivesse querido tirar, mas era um fato, presentemente: segurava-a na mão.

— Devolva-me a mala - disse Sarah.

Ele não respondeu; tinha um ar idiota e persistente. A raiva apoderou-se de Sarah, que se lançou em direção aos automóveis:

— Agarrem que é ladrão! - gritou ela

Um grande Buick preto passou ao pé deles.

— Vamos - disse o tipo -, nada de histórias!

Agarrou-a pelos ombros, mas ela conseguiu libertar-se; as palavras e os gestos saíam-lhe com segurança e precisão. Saltou para o degrau do automóvel e agarrou-se ao caixilho da janela.

— Um ladrão! Um ladrão!

Um braço saiu do carro e empurrou-a.

— Desça, vai matar-se.

Ela sentia-se enlouquecer: era agradável.

— Parem - gritou. - Um ladrão! Ajudem-me!

— Vamos, desça!

— Como quer que pare? Chocariam comigo.

A raiva de Sarah desapareceu subitamente. Saltou para o chão e tropeçou. O garagista levantou-a do chão. Pablo gritava e chorava. Tudo acabado; Sarah tinha vontade de morrer. Meteu a mão na carteira e tirou cem francos.

— Tome! Mais tarde terá vergonha.

O tipo pegou na nota sem levantar os olhos e deixou a mala.

— Agora, deixe-nos passar.

Ele afastou-se; Pablo ainda estava a chorar.

— Não chores, Pablo - disse ela sem meiguice. - Acabou-se, vamos embora.

Afastaram-se. O tipo ficou a murmurar:

— Quem me pagaria a gasolina?

O cortejo de formigas negras continuava a ocupar a estrada; Sarah tentou aproximar-se deles, mas o barulho das buzinas atirou com ela para a valeta.

— Vem atrás de mim.

Torceu o pé e parou.

— Senta-te.

Sentaram-se na erva. Os insetos arrastavam-se à sua frente, enormes, lentos, misteriosos; ele estava de costas, com a inútil nota de cem francos na

mão; os automóveis rangiam como lagostas, cantavam como grilos. Os homens haviam-se transformado em insetos. Ele tinha medo.

— Ele é mau - disse Pablo. - Mau! Mau!

— Ninguém é mau! - disse Sarah apaixonadamente.

— Então porque é que roubou a mala?

— Não se diz: porque é que roubou a mala. Porque roubou a mala.

— Então porque roubou a mala?

— Estava com medo - explicou ela.

— De que estamos à espera? - perguntou Pablo.

— De que os automóveis passem, para podermos ir pela estrada.

Vinte e quatro quilômetros. O garoto pode fazer oito, quando muito. Bruscamente subiu a rampa e começou a acenar. Os carros iam passando por ela e sentia-se vista por olhos escondidos, por estranhos olhos de moscas, de formigas.

— Que estás a fazer, mamã?

— Nada - disse Sarah amargamente. - Tolices.

Tornou a descer para a valeta, pegou na mão de Pablo e olharam para a estrada em silêncio. A estrada e as carapaças que por ela se arrastavam. Gien, vinte e quatro quilômetros. Depois de Gien, Nesers, Limoges, Bordéus, Hendaia, os consulados, papelada, as esperas humilhantes nas repartições. Teria muita sorte se arranjasse um comboio para Lisboa. Em Lisboa, seria um milagre apanhar barco para Nova Iorque. E em Nova Iorque? Gomez está sem dinheiro, talvez viva com uma mulher; talvez seja a desgraça e a vergonha total. Ele abriria o telegrama e diria: "Santo Deus!" Voltar-se-ia para uma loira enorme, com um cigarro entre os lábios grossos, e dir-lhe-ia: "A minha mulher está para chegar, que grande desgraça!" Agora vê-o no cais, os outros acenam com lenços; ele não, olha para a escada com ar carrancudo. "Vá, anda", - pensou ela, "se eu fosse sozinha nunca mais ouvirias falar de mim; mas tenho de viver para educar o filho que me fizeste". Os automóveis tinham desaparecido, a estrada estava vazia. Do outro lado da rua, havia campos amarelos e colinas. Passou um homem de bicicleta; estava pálido e suava; pedalava furiosamente. Olhou para Sarah desnortado e gritou sem parar:

— Paris está em chamas. Bombas incendiárias.

— Como?

Mas ele já atingira, os automóveis, ela viu-o agarrar-se à parte traseira de um Renault. Paris em chamas. Para quê viver? Para quê proteger esta frágil vida? Para que ele vagueie de país em país, amargo e amedrontado?, - para que arraste durante meio século a maldição que pesa sobre a sua raça? Para que aos vinte anos morra numa estrada, metralhado e com as tripas de fora? Serás orgulhoso, sensual e mordaz como o teu pai. E judeu, como eu. Pegou-lhe na mão:

— Anda! - Vamos! São horas.

A multidão invadiu a estrada e os campos, densa, tenaz, implacável; uma inundação. Nenhum barulho, além do roçar chiante das solas dos sapatos. Sarah sentiu-se angustiada por um instante, teve vontade de fugir para os campos; mas controlou-se, pegou em Pablo, levou-o consigo, deixou-se ir. O cheiro. O cheiro dos homens, quente e insípido, de sofrimento, amargo, perfumado; o cheiro antinatural dos animais que pensam. Por entre duas nucas avermelhadas abrigadas por chapéus, ela viu afastarem-se os últimos carros, as últimas esperanças. Pablo pôs-se a rir e Sarah estremeceu.

— Chiu! - disse ela envergonhada.

— Não devemos rir.

Continuava a rir, sem fazer barulho.

— Porque ris?

— É como nos enterros - explicou ele.

Sarah, sentia rostos e olhos, à direita, à esquerda, mas não tinha coragem de olhar para eles. Andavam; obstinavam-se em andar como ela teimava em viver: levantavam-se nuvens de poeira que caíam sobre eles; continuavam a andar. Sarah, muito direita, de cabeça erguida, olhava fixamente para longe, entre cabeças, e murmurava: "Não serei como eles!" Mas, instantes depois, este caminhar coletivo penetrou-a, subiu-lhe pelas coxas até ao ventre, sentiu-o bater dentro de si como um grande coração. O coração de todos.

— Eles matavam-nos, os nazis, se nos apanhassem? - perguntou Pablo de repente.

— Chiu! - disse Sarah. - Não sei.

— Matavam toda esta gente?

— Fique calado. Já te disse que não sei.

— Então vamos a correr.

Sarah apertou-lhe a mão.

— Não corras. Fica aqui. Não nos matarão.

À sua esquerda, uma respiração áspera. Há cinco minutos que a ouvia sem lhe prestar atenção. Agora apoderara-se dela, instalara-se-lhe nos brônquios, tornara-se a sua respiração. Voltou-se e viu uma velha de melenas cinzentas e húmidas de suor. Era uma velha da cidade, pálida e olheirenta; ofegava. Devia ter vivido sessenta anos num pátio de Montrouge, nas traseiras de uma loja de Clichy; agora, haviam-na abandonado na estrada; sustinha contra ela um pacote de forma alongada; cada passada, uma queda: tropeçava ora num pé ora noutro e a cabeça caía-lhe também. "Quem a teria aconselhado a partir, com esta idade? As pessoas não serão já suficientemente infelizes, para ainda procurarem mais complicações?" A bondade subiu-lhe ao peito como leite: ajudar-lhe-ei, pegar-lhe-ei no pacote, na fadiga, na desgraça. Perguntou ternamente:

— A senhora está sozinha?

A velha nem sequer virou a cabeça.

— Está sozinha? - perguntou Sarah mais alto. A velha olhou-a com um ar hermético.

— Posso levar-lhe o embrulho - ofereceu Sarah.

Esperou um instante; olhava o embrulho com concupiscência. Acrescentou com uma voz insistente:

— Dê-me, peço-lhe: levá-lo-ei enquanto o garoto puder andar.

— Não lhe dou o embrulho - disse a velha.

— Mas a senhora está exausta; não chegará ao fim.

A velha lançou-lhe um olhar raivoso e deu um passo para o lado:

— Não dou o meu embrulho a ninguém - respondeu ela.

Sarah suspirou e calou-se. A sua bondade não utilizada enchia-a como um gás. Não querem ser amados. Algumas cabeças tinham-se voltado para ela, corou. Não querem ser amados, não estão habituados.

— Ainda é longe, mamã?

— Quase tão longe como há bocado - respondeu Sarah, aborrecida.

— Pega-me ao colo, mamã.

Sarah encolheu os ombros. "Está a experimentar-me, ficou com ciúmes por eu querer levar o embrulho da velha."

— Tenta andar mais um bocado.

— Já não posso mais, mamã. Pega-me.

— Ainda não estás cansado, Pablo - cochichou-lhe severamente. - Acabas de sair do carro.

O garoto recomeçou a andar; Sarah caminhava, de cabeça erguida, esforçando-se por não pensar nele. Após um momento, lançou-lhe uma olhadela e viu-o chorar. Chorava calmamente, sem barulho, só para ele; de vez em quando levava a mão à cara para limpar as lágrimas. Ela teve vergonha, e pensou: "Sou demasiado dura. Boa para os outros por orgulho, dura para ele que é meu." Entregava-se aos outros, esquecia-se de si, esquecia-se de que era judia; porque era perseguida, evadia-se numa grande caridade impessoal e, nesses momentos, detestava Pablo, porque ele era carne da sua carne e porque refletia a sua raça. Pôs a mão na cabeça do garoto e pensou: "Não tens culpa de teres a cara do teu pai e a raça da tua mãe." Os silvos da respiração da velha entravam-lhe nos pulmões. "Não tenho o direito de ser generosa." Passou a mala para a mão esquerda e acocorou-se.

— Põe os braços à volta do meu pescoço - disse ela alegremente. - Faz- te leve. Upa! Vou carregar você.

Ele era pesado, ria-se às gargalhadas e o sol secava-lhe as lágrimas, ela tornara-se como os outros, uma ovelha do rebanho; línguas de fogo lambiam-lhe os brônquios de cada vez que respirava; uma dor aguda e falsa serrava-lhe o ombro; uma fadiga, que não era desejada nem generosa tocava tambor no seu peito. Uma fadiga de mãe e de judia, a sua fadiga, o seu destino. A esperança apagou-se: nunca mais chegaria a Gien. Nem ela, nem ninguém. Ninguém tinha esperança, nem a velha, nem as duas nucas encha peladas, nem o casal que empurrava um carrinho de pneus furados. Mas estamos metidos na multidão e a multidão avança e nós avançamos; somos apenas patas deste interminável verme. Para quê andar se a esperança está morta? Para quê viver?

Quando começaram a gritar, quase não se surpreendeu; parou enquanto todos debandavam, saltavam a valeta e se deitavam nos fossos. Deixou cair a mala e ficou no meio da estrada, direita, sozinha e orgulhosa; ouvia os estrondos do céu, olhava a sua sombra já longa, apertava Pablo contra si, os ouvidos encheram-se-lhe de estrépitos; por momentos, foi a morte. Mas o barulho diminuiu, viu que os girinos se sumiam nas águas do céu, as pessoas saíam dos fossos, era preciso recomeçar a viver, recomeçar a andar.

*

— Bem vistas as coisas - disse Ritchie -, correu tudo bem: ofereceu-nos o almoço e avançou-te cem dólares.

— Sim, de fato - disse Gomez.

Encontravam-se no rés-do-chão do Modern Art Museum, na sala de exposições temporárias. Gomez estava de costas para os quadros e para Ritchie: tinha a testa apoiada na janela e olhava para o asfalto e para a relva do jardimzinho. Disse, sem se voltar:

— Agora talvez possa pensar em algo mais do que a minha sobrevivência.

— Deves estar muito contente - disse Ritchie bondosamente.

Era um convite discreto: "Encontraste um emprego, tudo está ótimo no melhor dos mundos; convém que manifestes um entusiasmo construtivo." Gomez olhou de soslaio para Ritchie: "Contente? Tu é que estás contente, porque já não me terás sempre à tua volta." Sentia-se tão ingrato quanto possível.

— Contente? - disse ele. - Vamos a ver.

A expressão de Ritchie endureceu ligeiramente:

— Não estás contente?

— Vamos a ver - repetiu Gomez com ar trocista.

Tornou a apoiar a testa na janela, olhou para a relva com um misto de desejo e repulsa. Até esta manhã, graças a Deus, as cores tinham-no deixado tranquilo; enterrara as recordações do tempo em que vagueava pelas ruas de Paris, alucinado, doido de orgulho perante o destino, e repetindo cem vezes por dia: sou pintor. Mas Ramon tinha-lhe dado dinheiro, - Gomez bebera Chili White Wine, falara de Picasso pela primeira vez em três anos. Ramon dissera: "Depois de Picasso, não vejo o que um pintor possa fazer de melhor." Gomez sorria e respondera: "Eu sei", uma chama seca reacendera-se-lhe no peito. À saída do restaurante, foi como se o tivessem operado a uma catarata: todas as cores se tinham tornado visíveis ao mesmo tempo e festejavam-no, como em 29, no baile de máscaras, no Carnaval, a Fantasia; as pessoas e os objetos haviam-se congestionado; um vestido lilás tornara-se arroxeadado, a porta vermelha de um drugstore tornara-se escarlata, as cores palpitavam violentamente nos objetos, como pulsos desordenados; eram pontadas, vibrações que inchavam até à explosão; os objetos iam destruir-se ou cair apopléticos, e

tudo gritava, em uníssono; era uma feira. Gomez encolhera os ombros: devolviam-lhe as cores quando ele já não acreditava no destino; sei muito bem o que é preciso fazer, mas outro o fará. Agarrara seco braço de Ritchie; apressara o passo, de olhar fixo, mas as cores continuavam a assaltá-lo, rebentavam-lhe nos olhos como ampolas de sangue e fel. Ritchie arrastara-o até ao museu e, presentemente, estava lá e, do outro lado da janela, existia este verde, este verde natural, inacabado, ambíguo, uma secreção orgânica, semelhante ao mel, ao leite cru; este verde a oferecer-se; atraí-lo-ei, levá-lo-ei à incandescência... Que farei dele? Já não pinto. Suspirou: um crítico de arte não é pago para se ocupar da loucura da erva, mas sim para pensar no pensamento dos outros. Atrás dele, as cores dos outros estendiam-se sobre as telas: extratos, essências, pensamentos. Essas haviam tido a sorte de se concretizarem; tinham-nas inchado, soprado, levado ao extremo limite, e cumpriam o seu destino; agora bastava conservá-las nos museus. As cores dos outros; presente mente era tudo o que possuía.

— Vamos - disse ele -, tenho de ganhar estes cem dólares.

Voltou-se; cinquenta telas de Mondrian nas paredes brancas desta clínica: pintura esterilizada numa sala climatizada; nada de suspeito; estava-se ao abrigo dos micróbios e das paixões. Aproximou-se de um quadro e olhou-o atentamente. Ritchie auscultava o rosto de Gomez e sorria antecipadamente.

— Não me diz nada - murmurou Gomez.

Ritchie parou de sorrir, mas mostrou-se muito compreensivo.

— Claro - disse ele, dando provas de tato. - Não vem de repente, tens de te adaptar.

— Adaptar-me? - repetiu Gomez irritado. - Mas não a isto.

Ritchie voltou-se para o quadro. Uma vertical negra cruzada por dois traços horizontais sobressaía de um fundo cinzento; um disco azul coroa a extremidade esquerda do traço superior.

— Pensei que gostasses de Mondrian.

— Também eu - disse Gomez. Pararam em frente de outra tela.

Gomez olhava-a e tentava lembrar-se.

— É mesmo necessário que escrevas sobre isto? - perguntou Ritchie inquieto.

— Necessário, não. Mas Ramon quer que o meu primeiro artigo lhe seja dedicado. Parece-me que ele acha que dá um ar de seriedade.

— Trata de ser prudente - disse Ritchie. - Não comeces com atritos.

— Porque não? - perguntou Gomez agressivo. Ritchie sorriu com uma ironia benévola:

— Vê-se que não conheces o público americano. Sobretudo, preciso não o assustar. Começa por fazer nome: diz coisas simples sensatas, e di-las de um modo agradável. E se tiveres mesmo de atacar alguém, que não seja Mondrian: é o nosso Deus.

— Evidentemente - concordou Gomez -, ele não levanta problemas.

Ritchie abanou a cabeça e deu vários estalos com a língua, em sinal de desaprovação.

— Levanta muitíssimos - disse.

— Sim, mas não problemas importantes.

— Ah! - continuou Ritchie -, referes-te a problemas sobre a sexualidade, ou o sentido da vida, ou a pobreza? É certo que estudaste na Alemanha. A Grundlichkeit, hem? - disse ele batendo-lhe no ombro. - Não achas que está um pouco fora de moda?

Gomez não respondeu.

— A minha opinião - prosseguiu Ritchie - é que a arte não é feita para levantar problemas perturbadores. Imagina que alguém me pergunta se eu desejei a minha mãe: pô-lo-ia na rua, a não ser que se tratasse de um investigador científico. Nestas condições, não vejo porque se hão-de autorizar os pintores a interroga-me publicamente sobre os meus complexos. Sou como toda a gente - acrescentou conciliador -, tenho os meus problemas. Só que, no dia em que eles me angustiam, não, vou ao museu: telefono ao psicanalista. Cada um no seu lugar: o psicanalista inspira-me confiança porque começou por se fazer analisar. Enquanto os pintores não fizerem o mesmo, podem dizer o que quiserem, mas não lhes pedirei que me ponham perante mim próprio.

Que lhes pedes? - perguntou Gomez distraidamente.

Inspeccionava a tela atentamente. Pensava: "é água límpida."

— Peço-lhes inocência - disse Ritchie. - Esta tela...

— Então?

— É seráfica - continuou ele em êxtase. - Nós, os Americanos, queremos, a pintura para as pessoas felizes ou que tentam sê-lo.

— Não sou feliz - retorquiu Gomez -, e seria um patife se tentasse sê-lo, quando todos os meus companheiros estão presos ou foram fuzilados.

A língua de Ritchie estalou outra vez:

— Meu velho - disse ele -, compreendo muito bem as tuas inquietações de homem. O fascismo, a derrota dos Aliados, a Espanha, a tua mulher, o teu filho: são problemas! Mas é necessário, por momentos, que nos elevemos acima de tudo isso.

— Nem por um instante! - replicou Gomez. - Nem por um instante!

Ritchie corou ligeiramente.

— Que pintavas então? - perguntou ele, magoado. - Greves? Carnificinas? Capitalistas de cartola? Soldados atirando sobre o povo?

Gomez sorriu.

— Sabes, nunca acreditei muito na arte revolucionária? E, presentemente, não acredito mesmo em nada.

— Sim, então - disse Ritchie. - estamos de acordo.

— Talvez; só que agora pergunto a mim próprio se não deixei de acreditar mesmo na arte.

— E na revolução? - perguntou Ritchie.

Gomez não respondeu. Ritchie sorriu novamente:

— Vocês, os intelectuais europeus, divertem-me: têm um complexo de inferioridade relativamente à ação.

Gomez virou-se bruscamente e agarrou Ritchie pelo braço:

— Vem! Já vi o suficiente. Conheço Mondrian de cor, posso perfeitamente engendrar um artigo. Subamos.

— Aonde?

— Ao primeiro andar, quero ver os outros.

— Quais outros?

Atravessaram as três salas de exposição. Gomez empurrava Ritchie à sua frente sem olhar para nada.

— Quais outros? - repetiu Ritchie de mau humor.

— Todos os outros. Klee, Rouault, Picasso: os que levantam problemas importantes.

Estavam ao pé da escada. Gomez parou. Olhou para Ritchie, perplexo, e disse, quase timidamente:

— São os primeiros quadros que vejo desde trinta e seis!

— Desde trinta e seis! - repetiu Ritchie estupefato.

— Foi nesse ano que parti para Espanha. Nessa altura fazia gravuras em cobre. Houve uma que não tive tempo de acabar, ficou em cima da

minha mesa.

— Desde trinta e seis! E em Madrid? E as telas do Prado?

— Encaixotadas, escondidas, dispersas.

Ritchie abanou a cabeça:

— Deves ter sofrido muito.

Gomez sorriu de um modo grosseiro:

— Não.

O espanto de Ritchie misturava-se de censura:

— Pessoalmente - disse - nunca toquei num pincel, mas tenho de ir a todas as exposições: é uma necessidade. Como pode um pintor estar quatro anos sem ver pintura?

— Espera - respondeu Gomez -, espera um pouco! Daqui a um instante saberei se sou ainda um pintor.

Subiram a escada, entraram numa sala. Na parede da esquerda estava um Rouault vermelho e azul. Gomez pôs-se em frente do quadro.

— É um rei mago - disse Ritchie. Gomez não respondeu.

— Eu não aprecio muito Rouault - continuou Ritchie. - Mas a ti deve-te agradar.

— Cala-te, por favor!

Olhou ainda um instante, depois baixou a cabeça:

— Vamo-nos embora.

— Se gostas de Rouault - disse Ritchie -, há um, ao fundo, que me parece muito mais belo.

— Não vale a pena - replicou Gomez. - Tornei-me cego.

Ritchie olhou para ele, entreabriu a boca e calou-se. Gomez encolheu os ombros.

— Era preciso não ter atirado sobre os homens.

Desceram a escada. Ritchie muito direito, com ar de aprecia dor. "Ele acha-me suspeito", pensou Gomez. Ritchie era um anjo, bem entendido; lia-se nos seus olhos a obstinação dos anjos; os seus bisavôs, que também eram anjos, tinham queimado feiticeiros nas praças de Boston. "Transpiro, sou pobre, tenho pensamentos equívocos, pensamentos europeus; os belos anjos da América acabarão por me queimar. Lá longe os campos de concentração, aqui a fogueira: resta-me escolher."

Tinham chegado ao balcão de venda, ao pé da entrada. Gomez folheou distraidamente um álbum de reproduções. A arte é otimista.

— Conseguimos fazer fotos magníficas - disse Ritchie. - Olha para estas cores: é um verdadeiro quadro.

Um soldado morto, uma mulher a gritar: reflexos sobre um coração tranquilo. A arte é otimista; os sofrimentos justificam-se, pois servem de origem à beleza. Não estou tranquilo, não quero justificar os sofrimentos que vi. Paris... Voltou-se bruscamente para Ritchie:

— Se a pintura não for tudo, é uma brincadeira.

— Como?

Gomez fechou violentamente o álbum:

— Não se pode pintar o Mal.

A desconfiança tinha gelado o olhar de Ritchie; fitava Gomez com um ar provinciano. De repente riu-se abertamente e apontou-lhe um dedo para as costelas:

— Compreendo, amigo! Quatro anos de guerra: vai ser precisa toda uma reeducação.

— Não vale a pena - disse Gomez. - Estou pronto para ser crítico.

Fez-se um silêncio; depois Ritchie falou apressadamente:

— Sabes que há um cinema na cave?

— Nunca lá pus os pés.

— Projetam clássicos e documentários.

— Queres lá ir?

— Preciso de ficar por aqui - Justificou-se Ritchie. Tenho um encontro aqui perto, às cinco horas.

Aproximaram-se de um painel de madeira laqueada e leram o programa:

— Caravana para o Oeste, já o vi três vezes - disse Ritchie. - Mas a extração dos diamantes no Transval talvez seja divertido. Tu vens? - acrescentou sem entusiasmo.

— Não gosto de diamantes - respondeu Gomez.

Ritchie pareceu aliviado. Sorriu abertamente, de lábios salientes, e deu-lhe uma palmada no ombro.

— See you again - despediu-se em inglês, como se retomasse ao mesmo tempo a sua língua natal e a sua liberdade.

"É o momento de lhe agradecer", pensou Gomez. Mas não conseguiu dizer uma palavra. Apertou-lhe a mão em silêncio.

Ritchie o polvo; mil ventosas o sugavam, o suor brotava por todos os poros e encharcou-lhe de uma só vez a camisa, passavam-lhe uma lâmina incandescente pelos olhos. Que importa! Que importa! Estava contente porque tinha saído do museu: o calor era um cataclismo mas era real. Também era real o selvagem céu índio que o cimo dos arranha-céus afastava mais do que todos os céus da Europa; Gomez andava por entre casas de tijolos, que eram reais, demasiado feias para que alguém pensasse em pintá-las, e aquele edifício alto que se assemelhava, como os barcos de Élaude Lorrain, a uma leve pincelada sobre uma tela, era real, enquanto os barcos de Claude Lorrain não eram reais: os quadros são sonhos. Pensou nessa vila da Sierra Madre onde se tinham batido de manhã à noite: na estrada o vermelho era real. Nunca mais pintaria, decidiu com um áspero prazer. Deste lado do vidro, precisamente aqui, aqui esmagado por este espesso forno, neste passeio escaldante; a verdade construía altos muros à sua volta, tapava todas as fendas do horizonte; não havia nada no mundo além deste calor e destas pedras, a não ser os sonhos. Voltou no Sétima Avenida; a multidão avançava como as marés, cada vaga trazia na crista um feixe de olhos brilhantes e mortos, o passeio estremecia, as cores superaquecidas salpicavam- no, a multidão fumegava como um trapo húmido ao sol; sorrisos e olhos, not to grin is a sin, olhos vagos ou firmes, rápidos ou lentos, todos mortos.

Tudo lhe rebentou nas mãos, a alegria apagou-se; tinham olhos como nos quadros. Saberão que Paris foi tomada? Será que pensam? Andavam todos com o mesmo passo apressado, a espuma branca dos olhares roçava-o de passagem. "Não são reais", pensou ele, "são os sócias. Onde estarão os reais? Não importa onde, mas aqui não estão. Ninguém aqui está a sério; eu não mais do que os outros". O sócia de Gomez tinha apanhado o autocarro, lido o jornal, sorrido a Ramon, falado de Picasso, observado os Mondrian. Ia caminhando por Paris; a Rue Royal está deserta, a Place de la Concorde está deserta, uma bandeira alemã foi içada na Câmara dos Deputados, um regimento de SS passa sob o Arco do Triunfo, o céu está coalhado de aviões. As paredes de tijolos caíram, a multidão recolheu-se, Gomez andava sozinho por Paris. Em Paris, na verdade, na única Verdade; no sangue, no ódio, na derrota e na morte. "Patifes de Franceses!", murmurou cerrando os punhos. "Não souberam aguentar-se, fugiram como coelhos, já sabia, eu sabia que estavam perdidos." Virou à direita, meteu-se pela 56 a Rua, parou

em frente de um bar-restaurant francês: À la Petite Coquette. Olhou para a entrada vermelha e verde, hesitou um instante, depois empurrou a porta: queria ver a cara que os franceses tinham.

— Não são famosas as notícias, pois não? - perguntou Gomez.

Lá dentro estava escuro-e quase frio; as cortinas estavam corridas, os candeeiros acesos. Gomez ficou contente por encontrar luz artificial. A sala do fundo, mergulhada na sombra e no silêncio, era o restaurante. Um tipo enorme, de lunetas e cabelo cortado à escovinha, estava no bar; de vez em quando a cabeça caía-lhe para a frente, mas ele endireitava-a logo, com dignidade. Gomez sentou-se num tamborete do bar. Conhecia vagamente o barman.

— Um uísque duplo - pediu em francês. - Não tem um jornal de hoje?

O barman tirou de uma gaveta um New York Times e deu-lhe. Era um jovem louro de ar triste e pontual; poderia parecer de Lille se não tivesse sotaque de Borgonha. Gomez fingiu que estava a ler o Times e levantou subitamente a cabeça. O barman olhou-o com um ar cansado. O barman inclinou a cabeça.

— Paris foi tomada - disse Gomez.

O barman emitiu um som melancólico, encheu uma medida de uísque e despejou-a para um copo grande; recomeçou a operação e pôs o copo grande diante de Gomez. O americano de lunetas olhou por um instante para eles com olhos vítreos, depois a cabeça inclinou-se-lhe lentamente, como se os estivesse a cumprimentar.

— Soda?

— Sim.

Gomez recomeçou sem se desencorajar.

— Parece-me que a França está perdida.

O barman suspirou sem responder e Gomez pensou, com uma alegria cruel, que estava demasiado infeliz para poder falar. Insistiu, quase ternamente.

— Não acredita?

O barman deitou a água gasosa no copo de Gomez. Gomez não deixava de olhar para esta cara lunar e lamurienta. E se, no momento exato, lhe dissesse com voz alterada: "O que fez você pela Espanha? Pois bem, é a vossa vez." O barman levantou os olhos e o dedo; subitamente, com uma

voz grossa, lenta e agradável, um pouco nasal, com um forte sotaque da Borgonha, disse:

— Tudo se paga.

E Gomez, trocista:

— Sim, tudo se paga.

O barman passeou o dedo por cima da cabeça de Gomez: um cometa anunciando o fim do mundo. Não tinha, de modo algum, um ar infeliz:

— A França - prosseguiu ele - vai saber o que custa abandonar os aliados naturais.

"Que quer isso dizer?", pensou Gomez espantado. O triunfo insolente e rancoroso que ele esperava que lhe brilhasse no rosto acabava de o surpreender nos olhos do barman. Começou prudentemente, para tatear:

— Quando a Checoslováquia...

O barman encolheu os ombros e interrompeu-o:

— A Checoslováquia! - retorquiu com desprezo.

— Então? - perguntou Gomez. - Você deixou transparecer qualquer coisa.

O barman sorria:

— Senhor - disse ele -, no reinado de Luís, o bem-Amado, a França já não tinha mais nenhum erro para cometer.

— Ah! - exclamou Gomez -, você é canadiano?

— Sou de Montreal - explicou o barman.

— Já o devia ter dito.

Gomez pôs o jornal no balcão. Depois perguntou:

— Nunca aqui vêm franceses?

O barman apontou para trás de Gomez e este voltou-se: sentado a uma mesa coberta com uma toalha branca, um velho sonhava em frente de um jornal. Um verdadeiro francês, de cara redonda, sulcada, enrugada, de olhos brilhantes e duros e com um bigode cinzento. Ao pé da bela face americana do homem de lunetas, parecia feito de um material pobre. Um verdadeiro francês, com um verdadeiro desespero no coração.

— É boa! - disse ele -, não o tinha visto.

— Este senhor é de Roanne - explicou o barman. - É um freguês.

Gomez bebeu o uísque de um gole e saltou para o chão. "Que fez pela Espanha?". O velho olhou-o espantado. Gomez plantou-se diante dele e contemplou esse velho rosto avidamente.

— É francês?

— Sou - respondeu o velho.

— Pago-lhe um copo - disse Gomez.

— Obrigado. Não é altura para isso.

A crueza do velho fez bater o coração de Gomez.

— Por causa disso? - perguntou pousando o dedo no título do jornal.

— Por causa disso.

— Por isso lhe ofereço um copo - disse Gomez. - Vivi dez anos em França, a minha mulher e o meu filho ainda lá estão. Uísque?

— Sem soda, então.

— Um uísque sem soda e outro com - pediu Gomez.

Calaram-se. O americano de lunetas voltara-se para eles e olhava-os em silêncio. Bruscamente o velho perguntou:

— Não é italiano, espero?

Gomez sorriu:

— Não - respondeu. - Não sou italiano.

— Os Italianos são uns patifes - disse o velho.

— E os Franceses?

Gomez continuou, com voz doce:

— Tem lá alguém?

— Em Paris, não. Só tenho os meus sobrinhos em Moulins.

Olhou para Gomez atentamente:

— Vê-se bem que não está aqui há muito tempo.

— E você? - perguntou Gomez.

— Estabeleci-me aqui em 1897. É alguma coisa.

Acrescentou:

— Não gosto deles.

— Porque fica?

O velho encolheu os ombros:

— Ganho dinheiro.

— É comerciante?

— Barbeiro. O meu estabelecimento é perto daqui. De três em três anos ia dois meses a França. Devia lá ir este ano, mas aconteceu isto.

— Pois foi - disse Gomez.

— Desde esta manhã - retomou o velho -, já foram quarenta clientes à minha barbearia. Há dias assim. E queriam tudo: barba, corte, lavagem da

cabeça, massagens elétricas. Pensa que me falaram da, minha terra? Uma ova! Liam os jornais sem uma palavra e eu ia vendo os títulos enquanto os barbeava. Havia entre eles dois clientes de vinte anos, e nada disseram. Se não os cortei, foi porque tiveram sorte: a mão tremia-me. Finalmente deixei o trabalho e vim até aqui.

— Estão-se pouco ligando - disse Gomez.

— Não é tanto por se estarem pouco ligando, é que não sabem o que hão-de dizer. Paris é uma palavra que lhes diz alguma coisa. Por isso não falam: justamente porque os toca. São assim.

Gomez lembrava-se da multidão da Sétima Avenida.

— Todos esses tipos que andam pelas ruas, acredita que pensam em Paris?- perguntou Gomez.

— De certo modo, sim. Mas, sabe, não o fazem como nós. Para o Americano, pensar em qualquer coisa que o aborreça consiste em fazer tudo o que pode para não pensar nisso.

O barman trouxe copos. O velho pegou no dele e levantou-o.

— Bom - disse -, à sua saúde.

— À sua - brindou Gomez.

O velho sorriu tristemente.

— Não sabemos ao certo o que desejar, hem?

Reconsiderou, após uma breve reflexão:

— Sim, bebo pela França. Apesar de tudo, pela França.

Gomez não desejava beber à saúde da França.

— Pela entrada dos Estados Unidos na guerra.

O velho fez um breve sorriso.

— Pode esperar!

Gomez esvaziou o copo e virou-se para o barman.

— A mesma coisa.

Tinha necessidade de beber. Ainda há pouco pensava ser o único a preocupar-se com a França, a queda de Paris era consigo: uma desgraça para a Espanha e ao mesmo tempo uma punição para França. Agora sabia que ela estava também no bar, errando sob uma forma vaga e abstracta através de seis milhões de almas. Era quase insuportável: tinham-se-lhe rompido os laços com, Paris, não era mais do que um imigrante recém-chegado, atravessado, como tantos outros, por uma obsessão coletiva.

— Não sei - disse o velho - se me vai compreender, mas há mais de quarenta anos que aqui vivo, e só esta manhã é que me senti verdadeiramente no estrangeiro. Conheço-os e não guardo fusões, garanto-lhe. Mas pensei que, pelo menos, haveria um que tivesse uma palavra de conforto para me dizer.

Os lábios começaram a tremer-lhe, repetiu:

— Clientes de vinte anos.

"É um francês", pensou Gomez. "Um desses que nos chamavam Frente Crapular". Mas não conseguia sentir-se satisfeito: "É demasiado velho", decidiu. O velho olhava vagamente e disse, sem acreditar muito:

— Repare: é talvez por discrição.

— Hum! - fez Gomez.

— É possível - continuou o velho. - É muito possível. Com eles tudo é possível.

Prosseguiu no mesmo tom:

— Tinha uma casa em Roanne. Contava retirar-me para lá. Agora penso que morro aqui: isso mede a perspectiva.

"Naturalmente", pensou Gomez, "naturalmente, vais morrer aqui". Voltou a cabeça; sentia vontade de se ir embora. Mas reconsiderou, corou bruscamente, fitou o velho nos olhos e perguntou com voz estridente:

— Era pela intervenção em Espanha?

— Qual intervenção? - perguntou por sua vez o velho, espantado.

Olhou para Gomez interessadamente:

— Você é espanhol?

— Sou.

— Também teve muitas desgraças, você.

— Os Franceses não nos ajudaram muito - disse Gomez com voz neutra.

— Não. E veja: os Americanos também não nos ajudam. As pessoas e os países são a mesma coisa: cada um por si.

— Sim - confirmou Gomez -, cada um por si. Não levantaram o dedo para defender Barcelona; Barcelona caiu; Paris caiu e nós estamos os dois no exílio, nas mesmas condições.

O empregado pousou os dois copos na mesa; eles pegaram-lhes ao mesmo tempo, sem deixarem de se olhar.

— Bebo pela Espanha - declarou o velho.

Gomez hesitou, depois disse entre dentes:

— Bebo pela libertação da França.

Calaram-se. Era incrível: dois fantoches velhos e partidos, no fundo de um bar de Nova Iorque. Bebiam pela Espanha, pela França. Desgraça! O velho dobrou cuidadosamente o jornal e levantou-se:

— Tenho de voltar à barbearia. A última rodada é minha.

— Não - disse Gomez. - Não, não. Barman, eu pago tudo.

— Então, obrigado.

O velho chegou à porta, Gomez viu que ele coxeava. "Pobre velho", pensou.

— A mesma coisa - pediu ao barman.

O americano desceu do tamborete e dirigiu-se para ele.

— Estou bêbedo - disse ele.

— Ah! - exclamou Gomez.

— Não tinha notado?

— Não, imagine.

— E sabe porque estou bêbedo? - perguntou.

— Estou-me pouco ligando.

O americano arrotou ruidosamente e caiu sobre a cadeira que o velho acabara de deixar.

— Porque os "hunos" tomaram Paris.

A expressão tornou-se-lhe triste e acrescentou:

— É a pior notícia desde 1927.

— Em 1927, o que aconteceu?

Pôs um dedo na boca.

— Chiu - disse ele. - Coisa pessoal.

Pousou a cabeça na mesa e pareceu adormecer. O barman deixou o balcão e aproximou-se de Gomez:

— Tome conta dele dois minutos - pediu. - Está na hora: preciso de lhe ir buscar um táxi.

— Quem é este tipo? - perguntou Gomez.

— Trabalha na Wall Street.

— É verdade que se embebedou porque Paris foi tomada?

— Se o disse, deve ser verdade. Só que, na semana passada, foi por causa dos acontecimentos da Argentina e, na semana anterior, tinha sido

por causa da catástrofe de Salt Lake City. Embebedava-se todos os sábados, mas nunca sem razão.

— É demasiado sensível - concluiu Gomez.

O barman saiu rapidamente. Gomez pôs a cabeça entre as mãos e olhou para a parede; via-se com nitidez a gravura que tinha deixado em cima da mesa. Seria necessária uma mancha escura à esquerda para equilibrar. Arbustos. Reviu a gravura, a mesa, a grande janela e começou a chorar.

Domingo, 16 de Junho

— Ali! Ali! Mesmo por cima das árvores.

Mathieu dormia e a guerra estava perdida. Perdida até ao fundo do seu sono. A voz acordou-o sobressaltado: deitara-se de costas, de olhos fechados, com os braços colados ao corpo, e tinha perdido a guerra. Não se lembrava muito bem do sítio onde se encontrava, mas sabia que perdera a guerra.

— À direita! - gritou Charlot vivamente. - Mesmo por cima das árvores, como te disse! Não tens olhos na cara?

Mathieu ouvia a voz lenta de Nippert.

— Ah!, ah! Assim! - exclamou Nippert. - Assim!

Onde estamos? Na relva. Oito cidadãos no campo, oito civis em uniforme, enrolados dois a dois em cobertores do exército e deitados no meio de um pomar. Perdemos a guerra; confiaram-no-la e nós perdemo-la. Tinha-se-lhes escapado e fora perder-se algures no Norte, desgraçadamente.

— Ah! Assim! Assim!

Mathieu abriu os olhos e viu o céu; estava cinzento-pérola, sem nuvens, sem profundidade, apenas como uma ausência. Nele se formava lentamente uma manhã, uma gota de luz que ia cair sobre a terra e inundá-la de ouro. Os Alemães estão em Paris e nós perdemos a guerra. Um começo, uma manhã. A primeira manhã do mundo, como todas as manhãs: tudo estava por fazer, todo o futuro estava no céu. Tirou uma mão debaixo do cobertor e coçou uma orelha: é o futuro dos outros. Em Paris, os Alemães levantavam os olhos para o céu, liam nele a vitória e o futuro. Eu já não tenho futuro. A manhã acetinada acariciava-lhe o rosto; mas ele sentia contra si, à direita, o calor de Nippert; à esquerda, na coxa, o calor de Charlot. Ainda muitos anos para viver: anos para matar. Este dia triunfante que se anunciava, vento brando de manhã nos choupos, ao meio-dia sol nas searas, à tarde odor de terra aquecida; à noite, os Alemães farão de nós prisioneiros. O barulho aumentou, ele pôde ver o avião no sol-nascente.

— É um macaroni - disse Charlot.

Vozes sonolentas lançaram pragas ao ar. Tinham-se habituado à escolta complacente dos aviões alemães, a uma guerra cínica, barulhenta e

inofensiva: era a sua guerra. Os italianos não faziam o mesmo jogo: atiravam bombas.

— Um macaroni? Coisa nenhuma - confirmou Lubéron. - Não ouves o trabalhar regular do motor? É mesmo um Messerschmidt, modelo 37.

Sentiu-se um alívio debaixo dos cobertores; rostos voltados para cima sorriram ao avião alemão. Mathieu ouviu algumas detonações abafadas e quatro nuvenzinhas redondas formaram-se no céu.

— Bandidos! - protestou Charlot. - Agora atiram sobre os alemães.

— Ainda acabamos num massacre - disse Longin irritado.

E Schwartz acrescentou com desprezo:

— Esses tipos ainda não compreenderam.

Soaram duas detonações, e duas nuvens escuras e espessas apareceram por cima dos choupos.

— Bandidos! - repetiu Charlot. - Bandidos!

Pinette tinha-se apoiado, num cotovelo. Com o seu ar parisiense estava rosado e fresco. Olhava para os camaradas numa atitude de desafio:

— Cumprem o seu dever - disse secamente.

Schwartz encolheu os ombros:

— Para quê, neste momento?

A D.C.A¹⁴, calara-se; as nuvens desfaziam-se; já só se ouvia um roncar glorioso e regular.

— Já não o vejo, - disse Nippert.

— Olha, além, na direção do meu dedo.

Um legume branco levantou-se e apontou para o avião: Charlot dormia nu debaixo dos cobertores:

— Fique quieto - ordenou o sargento Pierné com uma voz inquieta. - Podem ver-nos.

— Nem penses nisso! A esta hora, pensam que somos couves-flores.

Mesmo assim encolheu-se quando o avião passou sobre eles e todos seguiram com os olhos, a sorrir, esse pedaço de sol rutilante: era uma distração matinal, o primeiro acontecimento do dia.

— Dá um pequeno passeio como aperitivo - disse Lubéron.

Eram oito e haviam perdido a guerra, cinco secretários, dois observadores, um meteorologista, deitados uns ao lado dos outros no meio de alhos-porros e cenouras. Tinham perdido a guerra, como se perde

tempo: sem se aperceberem. Oito: Schwartz, o canalizador, Nippert, o empregado bancário, Longin, o preceptor, Lubéron, oficial de diligências, Charlot Wroclaw, fabricante de sombrinhas, guarda-chuvas, Pinette, controlador na T.C.R.P.¹⁵, e os dois professores: Mathieu e Pierné. Tinham-se aborrecido durante nove meses, ora nos pinhais ora nas vinhas; um belo dia, uma voz de Bordéus anunciara-lhes a derrota e haviam compreendido que não tinham razão. Uma mão desajeitada passou pela cara de Mathieu. Voltou-se para Charlot:

— Que queres, rapaz?

Charlot deitara-se de lado, Mathieu via-lhe as faces vermelhas e a boca bem rasgada.

— Queria saber - respondeu Charlot em voz baixa - se partimos hoje.

Pelo seu rosto jovial passou um ar de angústia que não chegou a perdurar.

— Hoje? Não sei.

Tinham deixado Morsbronn no dia 12; haviam feito uma corrida desordenada e, depois, de repente, esta paragem.

— Que estamos aqui a fazer? Sabes dizer-me?

— Dizem que estamos à espera da infantaria.

— Se eles não conseguirem safar-se, não nos vamos deitar a perder com eles.

Acrescentou, com modéstia:

— Sou judeu, compreendes. E tenho um nome polaco.

— Eu sei - disse Mathieu tristemente.

— Calem-se - ordenou Schwartz. - Ouçam!

Era um ruído abafado e contínuo. Na véspera e na entevéspera durara de madrugada até à noite. Ninguém sabia quem atirava nem contra quem.

— Devem ser quase seis horas - disse Pinette. - Ontem começaram às 5h45. Mathieu levantou o braço e olhou para o relógio:

— São seis e cinco.

— Seis e cinco - confirmou Schwartz. - Muito me admirava se partíssemos hoje. - Bocejou.

— Vamos! Mais um dia neste terreno.

O sargento Pierné também bocejou:

— Pois bem - disse. - temos de nos levantar.

— Sim - apoiou Schwartz. - Sim, sim. Temos de nos levantar.

Ninguém se mexeu. Um gato passou ao pé, deles a toda a velocidade, aos ziguezagues. De repente agachou-se, prestes a dar um salto; depois, esquecendo o projeto, afastou-se desinteressado. Mathieu apoiara-se sobre o cotovelo e seguia-o com o olhar. Viu diante de si. umas pernas arqueadas metidas em polainas de caqui e levantou a cabeça: o tenente Ulmann plantara-se diante deles, de braços cruzados, e olhava-os arqueando as sobancelhas. Mathieu reparou que ele não fizera a barba.

— Que estão a fazer? Mas que estão a fazer? São doidos? Podem dizer-me o que fazem aqui?

Mathieu esperou um instante e, como ninguém falava, respondeu sem se levantar:

— Preferimos dormir ao ar livre, meu tenente.

— Vejam isto! Com aviões inimigos a sobrevoar a região! A vossa preferência pode ficar-nos cara: vocês são capazes de fazer bombardear a divisão.

— Os alemães sabem muito bem que estamos aqui, pois deslocámo-nos sempre à luz do dia - disse Mathieu pacientemente.

O tenente pareceu não ouvir.

— Tinha-vos proibido - insistiu ele. - Tinha-vos proibido de saírem da quinta. E que maneiras são essas de continuarem deitados na presença de um superior!

Ouviu-se um remexer indolente pelo chão e os oito homens sentaram-se nos cobertores, piscos de sono. Charlot, que estava nu, tapou o sexo com um lenço. Estava frio. Mathieu teve um arrepio e procurou à sua volta o casaco para pôr pelos ombros.

— Você também aí está, Pierné? Não tem vergonha, um graduado? Devia dar o exemplo.

Pierné cerrou os lábios e não respondeu.

— Incrível - comentou o tenente. - Mas explicam-me por que deixaram a quinta, ou não?

Falava sem convicção, com uma voz violenta e cansada; tinha olheiras, e o seu ar fresco tornara-se carregado.

— Tínhamos muito calor, meu tenente. Não podíamos dormir.

— Muito calor? O que queriam mais? Um quarto climatizado? Vou mandá-los dormir para a escola, esta noite. Com os outros. Não sabem que

estamos em guerra?

Longin fez um gesto com a mão.

— A guerra acabou, meu tenente - disse com um estranho sorriso.

— Não acabou. Devia ter vergonha de dizer que acabou, quando há tipos que morrem a trinta quilômetros daqui para nos defenderem.

— Pobres tipos - comentou Longin. - Dão-lhes ordens para se deixarem abater enquanto assinam o armistício.

O tenente corou violentamente.

— Em todo o caso, vocês ainda são soldados. Enquanto não vos mandarem para casa, serão soldados e obedecerão aos vossos chefes.

— Mesmo nos campos de prisioneiros? - perguntou Schwartz.

O tenente não respondeu: olhava para os soldados com uma timidez desdenhosa; os homens devolviam-lhe o olhar sem impaciência nem perturbação; mal gozavam o prazer inédito de se sentirem intimidantes. Após um momento, o tenente encolheu os ombros e deu meia volta:

— Façam-me o favor de se levantarem, e depressa - ordenou por cima do ombro.

Afastou-se, muito direito, com passos de dança. "A sua última dança", pensou Mathieu; "daqui a algumas horas os pastores alemães levar-nos-ão para leste, em fila, sem distinção de hierarquia". Schwartz bocejou e começou a chorar; Longin acendeu um cigarro; Charlot arrancava tufo de erva à sua volta. Todos tinham medo de se levantarem.

— Viu? - comentou Lubéron. - Ele disse: "Vou mandá-los dormir para a escola." Portanto, é porque não partimos hoje.

— Disse por dizer - respondeu Charlot. - Sabe tanto como nós.

O sargento Pierné explodiu bruscamente:

— Então quem é que sabe? - perguntou. - Quem é que sabe?

Ninguém respondeu. Um instante depois, Pinette deu um salto:

— Vamo-nos lavar? - perguntou.

— Eu vou. - Assentiu Charlot bocejando.

Levantou-se. Mathieu e o sargento Pierné levantaram-se.

— Bebê Cadum! - gritou Longin.

Rosado e nu, sem um pêlo, com as faces rosadas e a barriga gorda acariciada pela luz clara da manhã, Charlot parecia o mais belo bebê de França. Schwartz foi atrás dele sorrateiramente, como todas as manhãs.

— Estás todo arrepiado - disse fazendo-lhe cócegas. - Estás todo arrepiado, bebê.

Charlot riu e gritou, esquivando-se, como de costume, mas com menos entusiasmo. Pinette voltou-se para Longin, que fumava com ar contrariado.

— Não vens?

— Fazer o quê?

— Lavar-te.

— Merda! - suplicou Longin. - Lavar-me! Para quem? Para quem? Para os "boches"? Levam-me como estou.

— Ainda não se sabe se te levam.

— Vamos, vamos! - disse Longin. - Vamos!

— Podemos safar-nos, meu Deus! - comentou Pinette.

— Acreditas no Papai Noel?

— Mesmo que te levassem, não era razão para estares sujo.

— Para eles, não me quero lavar...

— É idiota o que estás a dizer! - contrapôs Pinette - estupidamente idiota!

Longin troçou sem responder; continuava metido nos cobertores com um ar de superioridade. Lubéron também não se mexera: fingia dormir. Mathieu pegou no cantil e aproximou-se do tanque. A água corria por dois canos de ferro para o tanque de pedra; era fria e nua como a própria pele; durante toda a noite Mathieu tinha ouvido o seu murmúrio cheio de esperança, a sua interrogação infantil. Mergulhou a cabeça no tanque, o pequeno canto elementar tornou-se numa frescura muda e luzidia nas orelhas, nas narinas, neste ramo de rosas molhadas, de flores de água sem coração: os banhos no Loire, os juncos, a pequena ilha verde, a infância. Quando se endireitou, Pinette ensaboava o pescoço furiosamente. Mathieu sorriu-lhe: gostava muito de Pinette.

— Longin é parvo - disse Pinette. - Se os "boches" chegarem, temos de estar limpos.

Meteu um dedo no ouvido e rodou-o violentamente.

— Se gostas tanto de limpeza - gritou-lhe Longin - do seu lugar lava também os pés.

Pinette lançou-lhe um olhar de piedade.

— Os pés não se vêem.

Mathieu começou a fazer a barba. A lâmina era velha e arranhava-lhe a pele: "No cativeiro deixarei crescer a barba." Nascia o Sol. Os longos raios oblíquos ceifavam a erva; sob as árvores a erva estava tenra e fresca, um pedaço de sono apesar da manhã. Na folhagem dos choupos, obedecendo a um sinal invisível, uma multidão de pássaros pôs-se a cantar estridentemente, como, uma rajada extraordinariamente violenta, e, depois, calou-se misteriosamente. A angústia rondava pela verdura e pelos legumes desabrochados como as faces de Charlot; não conseguiu pousar em parte nenhuma. Mathieu limpou a lâmina cuidadosamente e pô-la na caixa. O fundo do seu coração era cúmplice da madrugada, do orvalho, da sombra; no fundo do seu coração esperava uma festa. Levantara-se cedo e barbeara-se como para uma festa. Uma festa num jardim, uma primeira comunhão ou um casamento, com lindos vestidos rodados nos bosques, uma mesa posta na relva, o zumbido quente das vespas ébrias de açúcar. Luberon levantou-se e foi urinar contra a cerca; Longin entrou na quinta, com os cobertores debaixo do braço; tornou a sair, aproximou-se descontraidamente do tanque e mergulhou um dedo na água com um ar trocista e ocioso. Mathieu não precisou de olhar muito para o seu rosto pálido para sentir que não haveria festa, nem agora, nem nunca mais.

O velho lavrador saíra de casa. Olhava para eles, enquanto fumava cachimbo.

— Viva, papa - cumprimentou Charlot.

— Viva! - respondeu o lavrador abanando a cabeça. - É Sim. Viva!

Deu alguns passos e plantou-se diante deles:

— Então? Não se foram embora?

— É como vê - respondeu Pinette secamente.

O velho escarneceu, não parecia bem-disposto.

— Já vos tinha dito. Vocês não partirão.

— Talvez.

Cuspiu entre os pés e limpou o bigode.

— E os "boches"? É hoje que vêm?

Puseram-se a rir:

— Talvez sim, talvez não - respondeu Luberon. - Estamos como você, esperamo-los: preparamo-nos para os receber.

O velho olhava para eles com um ar estranho.

— Como eu, não é bem assim - replicou. - Vocês escaparão.

Tirou uma fumaça e acrescentou:

— Eu sou alsaciano.

— Já sabemos, papa - disse Schwartz -, mude de disco.

O velho sacudiu a cabeça.

— É uma estranha guerra - comentou ele. - Agora são os civis que são mortos e os soldados que escapam.

— Vamos, vamos! Você sabe muito bem que eles não o matam.

— Já te disse que sou alsaciano.

— Também eu - retorquiu Schwartz. - Também sou alsa...

— Pode ser - insistiu o velho - ; mas eu, quando deixei a Alsácia, ela pertencia-lhes.

— Não lhe farão mal - tranquilizou-o Schwartz. - São homens como nós.

— Como nós? - replicou o velho subitamente indignado. - Então, merda! Tu eras capaz de cortar as mãos a uma criança, tu?

Schwartz desatou a rir.

— Está-nos a contar histórias da outra guerra - disse piscando o olho a Mathieu.

Pegou na toalha, limpou os braços musculosos e explicou, voltando-se para o velho:

— Eles não são doidos. Claro que vos darão cigarros e chocolates, é o que se chama propaganda, e vocês não terão outro remédio senão ficar com eles, isso não obriga a nada.

Acrescentou, rindo sempre:

— Já lhe disse, papá, hoje em dia vale mais ser de Estrasburgo do que de Paris.

— Não me quero tornar alemão com esta idade - retorquiu o lavrador. - Bolas! Prefiro que me fuzilem.

Schwartz deu uma palmada na própria coxa:

— Ouviram? Bolas! - comentou imitando-o. - Eu preferia ser um alemão vivo do que um francês morto.

Mathieu levantou a cabeça e olhou-o; Pinette. e Charlot olhavam-no também. Schwartz parou de rir, corou e sacudiu os ombros. Mathieu desviou os olhos; não gostava de brincar aos juizes e, além disso, apreciava aquele homem rude, forte e tranquilo; não queria de modo algum

contribuir para a sua confusão. Ninguém dizia palavra; o velho inclinou a cabeça e olhou em volta com rancor.

— Ah - disse ele -, era preciso não a perder esta guerra, absolutamente necessário não a perder.

Calaram-se; Pinette tossiu, aproximou-se do tanque e pôs-se a mexer na torneira com um ar imbecil. O velho despejou o cachimbo no chão, esgravatou a terra com o salto do sapato para enterrar a cinza, depois voltou-lhes as costas e dirigiu-se para casa com passos lentos. Houve um longo silêncio; Schwartz mantinha-se muito direito, de braços abertos. Por fim, pareceu ter acordado. Riu-se dolorosamente:

— Disse aquilo para o aborrecer.

Não obteve resposta: todos os homens olhavam para ele. E depois, sem que nada tivesse mudado aparentemente, alguma coisa cedeu, se distendeu; assistiu-se a uma dispersão imóvel; o pequeno grupo carrancudo que se formara à sua volta desfez-se, Longin começou a palitar os dentes com uma faca, Lubéron coçou o pescoço, e Charlot, de olhar inocente, pôs-se a cantarolar. Não conseguiam nunca manter-se indignados, a não ser quando se tratava de uma licença ou do rancho. Mathieu sentiu subitamente um odor a absinto e a hortelã: depois dos pássaros, as ervas e as flores acordavam; lançavam os seus odores como eles tinham lançado os seus gritos: "É verdade", pensou Mathieu, "os odores também existem". Odores verdes e alegres, ainda pontiagudos, ainda ácidos: tornar-se-iam cada vez mais doces, cada vez mais opulentos e femininos, à medida que o céu se tornasse azul e se aproximassem os tanques alemães. Schwartz fungou ruidosamente e olhou para o banco que haviam arrastado na véspera para junto do muro da casa.

— Bem - disse ele -, bem, bem.

Foi sentar-se no banco. Tinha as mãos pendentes entre os joelhos e as costas curvas, mas mantinha a cabeça erguida e olhava em frente com um olhar duro. Mathieu hesitou por um momento, depois juntou-se-lhe e sentou-se ao lado dele. Pouco depois, Charlot afastou-se do grupo e foi-se pôr em frente deles. Schwartz levantou a cabeça e olhou para Charlot, com ar concentrado.

— Tenho de ir lavar a roupa - disse.

Fez-se um silêncio. Schwartz continuava a olhar para Charlot.

— Não fui eu quem a perdeu, esta guerra...

Charlot parecia perturbado; pôs-se a rir. Mas Schwartz continuou na sua idéia.

— Se toda a gente tivesse feito como eu, talvez a ganhássemos. Nada tenho a censurar-me.

Coçou a face com um ar surpreendido:

— Tem graça! - comentou.

"Tem graça", pensou Mathieu. "Sim, tem graça. Olha sem ver, pensa: "sou francês" e acha isso engraçado, pela primeira vez na vida. Tem graça. A França, nunca a tínhamos visto: estávamos aqui dentro, sentíamos a pressão do ar, a atração da terra, o espaço, a visibilidade, a certeza tranquila de que o mundo foi feito para o homem; era tão natural ser francês, era o meio mais simples, mais econômico, de nos sentirmos universais. Não havia nada a explicar: competia aos outros, aos Alemães., aos Ingleses, aos Belgas, explicar por que desgraça ou erro eles não eram completamente homens. Agora, a França virou-se ao contrário e vemo-la, vemos uma grande máquina avariada e pensamos: era isto. Isto: um acidente de terreno, um acidente da História. Ainda somos franceses, mas já não, é natural. Bastou um acidente para nos fazer compreender que nós éramos acidentais. Schwartz pensa que é acidental, já não se compreende, sente-se embaraçado; - pensa: "Como é que se pode ser francês?" Pensa: "Com um pouco de sorte podia ter nascido alemão. "Toma então um ar grave e apura o ouvido para sentir chegar a pátria substituta; espera o exército cintilante que o vai festejar; espera. O momento em que possa trocar a nossa derrota pela rua vitória, em que parecerá natural ser vitorioso e alemão".

Schwartz levantou-se bocejando:

— Vamos - disse -, vou lavar a roupa.

Charlot deu meia volta e juntou-se a Longin com Pinette. Mathieu ficou sozinho no banco. Lubéron bocejou também, ruidosamente.

— Aborrecemo-nos imenso aqui! - concluiu que conversava.

Charlot e Longin bocejaram. Lubéron viu-os bocejar e bocejou mais uma vez.

— O que nos falta - disse - é um bordel.

— E como é que conseguias fazer o serviço às seis horas da manhã? - perguntou Charlot indignado.

— Eu? Consigo a qualquer hora.

— Pois bem, eu não. De resto, não tenho mais vontade de fazer amor do que de receber um pontapé no bunda.

Lubéron riu-se.

— Se fosses casado, aprenderias a fazer isso mesmo sem vontade, grande parvo! O que há de bom no amor é que não se pensa em mais nada.

Calaram-se. Os choupos agitavam-se, um velho sol estremecia entre as folhas; ouvia-se ao longe o roncar sereno dos canhões, tão quotidiano, tão calmo, que mais parecia um ruído da natureza. Alguma coisa rebentou no ar e uma vespa fez o seu aparecimento entre eles.

— Ouçam! - exclamou Lubéron.

— Que é?...

Havia uma espécie de vazio à volta deles, uma estranha calma. Os pássaros cantavam, um galo ria na capoeira; ao longe, alguém batia regularmente sobre um pedaço de ferro; no entanto, havia silêncio: o barulho dos canhões parara.

— Eh! - disse Charlot. - Eh!, vejam só!

— Sim.

Apuraram o ouvido sem deixarem de se olhar.

— Assim é que vai começar - comentou Pierné desinteressado. - Num dado momento, em toda a frente, far-se-à o silêncio.

— Em que frente? Não há frente nenhuma.

— Enfim, por toda a parte.

Schwartz deu um passo em direção a eles, timidamente.

— Sabem - disse -, parece-me que vamos ter primeiro um toque de clarim.

— Nem sonhes! - contrariou Nippert - Já não há ligações: mesmo que já tivessem assinado há vinte e quatro horas ainda aqui estaríamos à espera.

— Talvez a guerra tenha acabado à meia-noite. - disse Charlot rindo de esperança. - A ordem de cessar-fogo é sempre dada à meia-noite.

— Ou ao meio-dia.

— Não, idiota, à meia-noite: às zero horas, compreendes?

— Calam-se, ou não? - perguntou Pierné.

Calaram-se.

Pierné apurava o ouvido com esgares de nervosismo; Charlot mantinha a boca aberta. através do silêncio murmurante ouviam a Paz.

Uma Paz sem glória nem sinos, sem tambores nem trombetas, que parecia a morte.

— Merda! - exclamou Lubéron.

O barulho dos canhões recomeçara: parecia menos surdo, mais próximo, mais ameaçador. Longin apertou as mãos e fez estalar as falanges. Comentou com azedume:

— Mas, meu Deus, porque esperam eles! Acham que ainda não fomos suficientemente derrotados? Que ainda não. perdemos uma quantidade suficiente de homens? Será preciso que a França esteja completamente desfeita para pararem com a carnificina?

Estavam nervosos e moles, indignados na sua fraqueza, com esse tom acinzentado próprio das indignações. Bastara um ruído de tambor ao longe para que a grande vaga da guerra se abatesse sobre eles. Pinette voltou-se bruscamente para Longin. Tinha os olhos coléricos, a mão crispada na borda do tanque.

— Que carnificina? Hem? Que carnificina? Onde estão os mortos e feridos? Se os viste, tens sorte. Eu só vi medricas como tu, que corriam pelas estradas com o rabo entre as pernas.

— Que tens tu, idiota? - perguntou Longin solícita e velhacamente. - Não te sentes bem?

Olhou para os outros com cumplicidade:

— Era bom tipo, o nosso Pinette, gostávamos dele porque sentia medo como nós, não era ele que se apresentava quando pediam um voluntário. Agora que a guerra está no fim é que lhe está a dar.

Os olhos de Pinette faiscaram.

— Não é agora, ouviste, patife?

— Então estás a brincar aos soldadinhos.

— Melhor do que borrar-me todo, como tu.

— Estão a ver: borro-me todo porque digo que o exército francês foi derrotado.

— Como é que sabes que o exército francês foi derrotado? - perguntou Pinette gaguejando de raiva. - Estás nos segredos de Weygand?

Longin fez um sorriso insolente e cansado:

— Não preciso dos segredos de Weygand: metade dos efetivos está derrotada e a outra cercada; não te basta?

Pinette varreu o espaço com um gesto peremptório:

— Vamos reagrupar-nos no Loire; juntar-nos-emos às tropas do Norte, em Saumur.

— Tu acreditas nisso, grande malandro?

— Foi o capitão que me disse. Pergunta a Fontainat.

— Pois sim, mas é preciso que elas se possam mexer, as tropas do Norte, e têm os "boches" atrás, percebes? E, pela nossa parte, muito me admirava se estivéssemos presentes ao encontro.

Pinette, de cabeça baixa, espreitava Longin assobiando e batendo com o pé. Abanou violentamente os ombros como para se desembaraçar de uma matilha. Acabou por dizer, furioso e acossado:

— Mesmo que recuássemos até Marselha, mesmo que atravessássemos a França toda, ainda Tínhamos a África do Norte.

Longin ergueu os braços e sorriu de desprezo:

— E porque não Saint-Pierre et Miquelon, grande parvo?

— Pensas que és muito esperto? Estás convencido disso? - perguntou Pinette avançando para ele.

Charlot meteu-se entre os dois:

— Calma!, calma! Não vão começar a lutar? Toda a gente está de acordo em que a guerra não resolve nada e que não são precisas disputas. Santo Deus! - disse convictamente -, que isso nunca mais aconteça.

Olhava para eles intensamente, tremia de paixão. A paixão de conciliar tudo: Pinette e Longin, os Alemães e os Franceses.

— Enfim - concluiu com uma voz quase suplicante -, devíamos poder entender-nos com eles, não nos querem comer, que diabo!

Pinette virou a sua raiva contra ele.

— Se a guerra está perdida, os responsáveis são os tipos como tu.

Longin escarnecia:

— Mais um que ainda não compreendeu, é o que é.

Fez-se um silêncio; depois, lentamente, todas as cabeças se viraram para Mathieu. Ele já estava à espera: no fim de cada discussão, perguntavam-lhe a opinião, porque ele era instruído.

— Que pensas? - inquiriu Pinette.

Mathieu baixou a cabeça e não respondeu.

— És surdo? Estamos a perguntar-te o que pensas.

— Não penso nada - respondeu Mathieu.

Longin atravessou o canteiro e pôs-se em frente dele:

— Não é possível: um professor está sempre a pensar.

— Pois bem, estás a ver: não é sempre.

— Enfim, não és estúpido: sabes muito bem que a resistência é impossível.

— Como poderia saber?

Por sua vez Pinette aproximou-se. Estavam um de cada lado de Mathieu, como o bom e o mau anjo.

— Não és um cretino, tu - reforçou Pinette. - Não podes querer que os Franceses deponham as armas antes de se terem batido até ao fim!

Mathieu encolheu os ombros:

— Se fosse eu a bater-me, talvez tivesse uma opinião. Mas os outros é que se farão abater, é no Loire que lutarão: não posso decidir por eles.

— Estás a ver - replicou Longin olhando Pinette com um ar trocista. - Não podemos decidir da morte dos outros.

Mathieu olhava-os com inquietação:

— Não disse isso.

— Como, não disseste isso? Acabas de o dizer.

— Se tivéssemos alguma chance - acrescentou Mathieu. - por menor que fosse...

— E então?

Mathieu abanou a cabeça:

— Como podemos saber?

— Que queres dizer com isso? - perguntou Pinette.

— Quer dizer - explicou Charlot - que só resta esperar, sem esquentar muito.

— Não! - gritou Mathieu. - Não!

Levantou-se bruscamente, de punhos cerrados.

— Espero desde a infância!

Olhavam para ele sem compreender; conseguiu acalmar-se.

— Que adianta decidirmos nós ou não - insistiu. - Quem nos pede a nossa opinião? Será que vocês se apercebem da nossa situação?

Recuaram, assustados.

— Sim - disse Pinette -, claro que nos apercebemos.

— Tens razão - apoiou Longin -, somos demasiado insignificantes para ter opinião.

Esboçou um sorriso frio e sabujo que horrorizou Mathieu.

— Um prisioneiro ainda mais - respondeu secamente.

Tudo nos pede a nossa opinião. Tudo. Uma grande interrogação nos rodeia: é uma farsa. Põem- nos o problema como a homens; querem fazer-nos crer que ainda somos homens. Mas não. Não. Não. Que farsa esta sombra de problema posto por uma sombra de guerra a homens em aparência!

— Para que serve ter uma opinião? Não és tu quem vai decidir.

Calou-se. Pensou bruscamente: será preciso viver. Viver, colher dia a dia os frutos bolorentos da derrota, trocar em miúdos esta escolha total que agora recusava. Mas, meu Deus! Eu não queria.esta guerra, nem esta derrota; como podem obrigar-me a assumi-las? Sentiu subir-lhe no peito uma raiva de animal apanhado à traição e, levantando a cabeça, viu brilhar a mesma raiva nos olhos dos outros. Gritaram todos juntos: "Não temos nada a ver com estas histórias! Estamos inocentes!" O seu entusiasmo decresceu: claro que a inocência estava patente no sol matinal, podia tocar-se-lhe nas folhas das ervas. Mas mentia: o real era este erro intocável e comum, o nosso erro. Fantasma de guerra, fantasma de derrota, culpabilidade fantasma. Olhou ora para Pinette ora para Longin, abrindo as mãos: não sabia se queria ajudá-los ou pedir-lhes ajuda. Olharam-no também e depois viraram a cabeça e afastaram-se. Pinette olhava para os pés; Longin sorria para si próprio com um sorriso altivo e perturbado; Schwartz mantinha-se à parte com Nippert; falavam um com o outro em alsaciano; tinham já o ar de dois cúmplices; Pierné abria e fechava espasmodicamente a mão direita. Mathieu pensou: "Eis no que nos tornámos."

Marselha, 14 horas

Bem entendido, condenava severamente a tristeza, mas, quando se está dentro dela, é o diabo para conseguir sair. "Devo ter um temperamento infeliz", pensou ele. Tinha muitas razões para estar satisfeito: em particular, devia felicitar-se por ter escapado da peritonite, por se haver curado. Em vez disso pensava: "Sobrevivo", e afligia-se. Na tristeza, são as razões de satisfação que se tornam tristes e então alegramo-nos tristemente. "De resto", pensou, "estou morto". Tanto quanto dependia de si, estava morto em Maio de 40, em Sedan: o aborrecimento, eram todos os anos que ainda lhe restavam para viver. Suspirou de novo, seguiu com o olhar uma grande mosca verde que andava no teto e concluiu: sou um medíocre. Esta idéia era-lhe profundamente desagradável. Até lá, Boris havia criado uma regra segundo a qual nunca se interrogava sobre si próprio e sentia-se bem assim; por outro lado, enquanto não se tratasse de se matar decentemente, não era muito importante ser medíocre: pelo contrário, menos tinha a lamentar. Mas, presentemente, tudo havia mudado: destinavam-no a viver e ele era obrigado a reconhecer que não possuía vocação, nem talento, nem dinheiro. Enfim, nenhuma das qualidades requeridas, senão, justamente, a saúde. "Como me vou aborrecer!", pensou. E sentiu-se frustrado. A mosca levantou vôo, zumbindo; sob a camisa, Boris passou a mão pela cicatriz que lhe traçava o ventre na altura da virilha; gostava de sentir este pequeno sulco de carne. Olhava para o teto, acariciava a cicatriz e tinha o coração pesado. Francillon entrou no quarto, avançou para Boris sem pressa, entre as camas desertas, e parou de repente, fingindo-se surpreendido:

— Andava à tua procura no pátio - disse ele.

Boris não respondeu. Francillon cruzou os braços com indignação:

— Às duas da tarde, ainda estás na cama!

— Estou chateado - retorquiu Boris.

— Estás preocupado?

— Não estou preocupado: estou chateado.

— Deixa lá - replicou Francillon. - Isto tem de acabar.

Sentou-se à cabeceira de Boris e começou a enrolar um cigarro. Francillon possuía uns olhos enormes que lhe saíam da cara e um nariz

aquilino; tinha um ar terrível. Boris gostava muito dele: por vezes, só de o ver, desatava às gargalhadas.

— Falta pouco! - disse Francillon.

— Quanto?

— Precisamente quatro.

Boris contou pelos dedos.

— Então é a dezoito.

Francillon resmungou em sinal de consentimento, lambeu a cola do papel, acendeu o cigarro e debruçou-se sobre Boris, em confidência:

— Não está aqui ninguém?

Todas as camas estavam vazias; os homens estavam no pátio ou tinham saído.

— Bem vêes - disse Boris. - A não ser que haja espiões de baixo das camas.

Francillon debruçou-se ainda mais:

— Na noite de dezoito - explicou ele - é Blin que está de serviço. O pássaro estará na pista pronto a partir. Entramos à meia-noite, descolamos às duas horas, estaremos em Londres às sete. Que dizes a isso?

Boris não dizia nada. Apalpava a cicatriz, pensava: "Têm sorte", e sentia-se cada vez mais triste. "Vai perguntar-me o que decidi".

— Então? Então? Que pensas?

— Penso que vocês têm sorte - respondeu Boris.

— O quê, sorte? Tens é de vir connosco. Depois não digas que não te pedimos.

— Não - reconheceu Boris. - Não direi isso.

— Então, que decidiste?

— Não decidi nada de especial - disse ele com humor.

— Espero que não queiras ficar em França?

— Não sei.

— A guerra ainda não acabou - reforçou Francillon com ar teimoso. - Os que dizem que já acabou são caga rolas e mentirosos. É preciso que estejas onde se der o combate; não tens o direito de ficar em França.

— Não me digas isso a mim - retorquiu Boris amargamente.

— Então?

— Então, nada. Espero uma companheira, já te disse. Resolverei depois de a ver.

— Uma companheira não é razão: isto é negócio de homens.

— Pois bem, é como te disse - respondeu Boris secamente.

Francillon pareceu intimidado e calou-se. "E se ele pensa que estou com medo?" Boris perscrutou-lhe os olhos para se certificar; mas Francillon endereçou-lhe um sorriso que o tranquilizou.

— Chegam às sete horas? - perguntou Boris.

— Sim, às sete horas.

— Deve ser formidável ver a costa de Inglaterra de manhãzinha. Há grandes falésias brancas do lado de Dôver.

— Ah! - exclamou Francillon.

— Nunca andei de avião - disse Boris. Tirou a mão da camisa.

— Acontece-te, a ti, coçar a cicatriz.?

— Não.

— Eu estou sempre a coçá-la: irrita-me.

— Atendendo ao sítio em que tenho a minha - retorquiu Francillon -, era difícil coçá-la em público.

Fez-se um silêncio, depois Francillon recomeçou:

— Quando chega a tua companheira?

— Não sei. Ela devia vir de Paris, imagina!

— Ela que se despache - disse Francillon. - Porque nós não podemos esperar.

Boris suspirou e virou-se de barriga. Francillon continuou descontraidamente:

— A minha não sabe de nada e, no entanto, vejo-a todos os dias. No dia da partida mando-lhe um bilhete: quando o receber já estaremos em Londres.

Boris abanou a cabeça sem responder.

— Espantas-me! - comentou Francillon. - espantas-me.

— Não podes compreender - disse Boris.

Francillon calou-se, estendeu a mão e pegou num livro. Passarão sobre as falésias de Dôver de madrugada. Não queria pensar nisso: Boris não acreditava no impossível, sabia que Lola diria que não.

— Guerra e Paz. - leu Francillon. - Que é isto?

— É um romance sobre a guerra.

— Sobre a de catorze?

— Não. Outra. Mas é sempre a mesma coisa.

— Sim - concordou Francillon rindo -, é sempre a mesma coisa.

Tinha aberto o livro ao acaso e lia franzindo o sobrolho com um ar de interesse doloroso.

Boris tornou a deixar-se cair sobre a cama. Pensava: "Não posso fazer-lhe isso, não posso partir pela segunda vez sem lhe pedir opinião. Se ficar por causa dela, será uma prova de amor. Oh! lá! lá! Uma estranha prova de amor. Mas teremos o direito de ficar por uma mulher? Francillon e Gabel diriam que não, bem entendido. Mas eles eram muito jovens, não sabiam, o que era o amor. O que quero que me digam", pensou Boris, "não é que é o amor: isso sei eu muito bem. É o que ele vale. Teremos o direito de ficar para tornar uma mulher feliz? Posto nestes termos, penso que não. Mas teremos o direito de partir, se isso faz a infelicidade de alguém?"

Lembrava-se de uma frase de Mathieu: "Não sou suficientemente covarde para ter medo de fazer sofrer alguém quando é preciso." Está certo: simplesmente, Mathieu fazia sempre o contrário do que dizia; nunca tinha coragem de desgostar ninguém. Boris parou, com a respiração suspensa: "Se fossem apenas desculpas? Se a minha vontade de partir me fosse ditada por puro egoísmo, pelo medo de me aborrecer na vida civil? Talvez eu seja um aventureiro. Talvez seja mais fácil deixarmo-nos matar do que viver. E se eu ficasse por gosto pelo conforto por medo, para ter uma mulher à mão?" Voltou-se. Francillon debruçava-se sobre o livro com uma aplicação cheia de confiança, como se fosse obrigado a decifrar as mentiras do autor. "Se for capaz de lhe dizer: vou-me embora, se a frase puder sair da minha boca, digo." Engoliu em seco, entreabriu a boca e esperou. Mas a frase não saiu. "Não posso dar-lhe esse desgosto." Boris compreendeu que não podia partir sem ter consultado Lola. "Ela dirá certamente que não e, então, estamos quites. E se ela não chegar a tempo?", pensou ele, aflito., Se ela não estivesse lá às dezoito? Teria de decidir sozinho? "Suponhamos que fico, que ela chega às vinte e me diz: ter-te-ia dito que partisses. Ficarei em bom estado! Outra suposição: parto, ela chega às dezanove e suicida-se. Oh! merda." Misturou-se-lhe tudo na cabeça, fechou os olhos e afundou-se no sono.

— Serguine - gritou Berager da porta.- Está uma pequena à tua espera no pátio.

Boris sobressaltou-se e Francillon levantou a cabeça.

— É a tua companheira.

Boris saltou da cama e coçou a cabeça.

Seria bom de mais - disse ele bocejando. - Não, é o dia da minha irmã.

Ah! - repetiu Francillon com um ar estúpido -, é o dia da tua irmã? É a pequena que estava contigo da outra vez?

— É.

— Não é feia de todo - acrescentou Francillon sem entusiasmo.

Boris compôs as polainas e vestiu o casaco; despediu-se de Francillon apenas com dois dedos, atravessou a sala e desceu a escada assobiando. No meio dos degraus parou e pôs-se a rir: "É engraçado", pensou. "É engraçado que eu esteja triste." Não o divertia nada ver Ivich. "Quando se está triste, ela não ajuda", pensou, "agrava". Ela estava à espera no pátio do hospital: os soldados que andavam por ali a passear olhavam-na de passagem, mas ela não lhes prestava atenção. Sorriu-lhe ao longe:

— Bom dia, mano.

Quando viram aparecer Boris, os soldados riram-se e gritaram; gostavam muito dele. Boris saudou-os com a mão, mas verificou sem prazer que ninguém lhe dizia: "Que sorte!" Ou "Quem me dera tê-la na minha cama". De fato, Ivich envelhecera muito e estava mais feia depois de ter abortado. Naturalmente, Boris sentia-se orgulhoso dela, mas de outro modo.

— Bom dia, monstrozinho - cumprimentou passando a ponta dos dedos pelo pescoço de Ivich.

Presentemente, à volta dela havia sempre um cheiro a febre e a água de colônia. Examinou-a com imparcialidade.

— Estás com mau aspecto - disse-lhe ele.

— Já sei. Sou feia.

— Não passa mais batom?

— Não - concordou ela secamente.

Calaram-se. Ela trazia uma blusa cor de sangue de boi, de gola alta, muito russa, que a fazia parecer ainda mais pálida. Se, pelo menos, se permitisse mostrar os braços ou o peito: tinha uns belos ombros roliços. Mas usava sempre blusas subidas e saias muito compridas: dir-se-ia que sentia vergonha do seu corpo.

— Ficamos aqui? - perguntou. ela.

— Posso sair tenho direito a isso.

— O carro espera-nos - disse Ivich.

— Ele está lá? - perguntou Boris, assustado.

— Quem?

— O teu sogro.

— Imagine só!

Atravessaram o pátio e transpuseram o portão. Ao ver o enorme Buick verde do senhor Sturel, Boris sentiu-se contrariado:

— Na próxima vez deixa o carro na esquina da rua - recomendou.

Subiram para o carro; era ridiculamente grande, perdiam-se lá dentro.

— Podíamos jogar às escondidas - disse Boris entre dentes.

O motorista voltou-se e sorriu para ele; era um tipo atarracado e cerimonioso com um bigode grisalho. Perguntou:

— Para onde, minha senhora?

— Que achas? - perguntou Boris.

Ivich refletiu:

Preciso de ver gente?

A Canabiere, então?

A Canabiere, oh!, não. Sim, sim, se quiseres.

— Para o cais, na esquina da Canabiere - ordenou Boris

— Sim, senhor Serguine.

"Vagabundo!" pensou Boris. O carro começou a andar e Boris pôs-se a olhar pela janela: não tinha vontade de falar porque o motorista podia ouvi-los.

— E Lola? - perguntou Ivich.

Boris voltou-se para a irmã, que tinha aspecto de quem está completamente à vontade; ele pôs um dedo sobre a boca, mas ela repetiu alto e forte, como se o motorista não contasse absoluta mente para nada:

— Tens notícias de Lola?

Ele encolheu os ombros sem responder.

— Hum?

— Não tenho notícias - respondeu.

Quando Boris se foi tratar para Tours, Lola fora-se instalar perto dele. No princípio de junho havia sido evacuado para Marselha e ela tinha ido a Paris, prevendo o pior, para levantar dinheiro do banco, antes de se juntar a ele. Depois, ocorreram "os acontecimentos" e ele não soubera mais nada. Um solavanco fê-lo ir contra Ivich; ocupavam tão pouco lugar no assento do Buick que lhe fez lembrar o tempo em que tinham desembarcado em Paris: divertiam-se a considerarem-se dois órfãos perdidos na capital e muitas

vezes abraçavam-se assim, um contra o outro, num banco do Dôme ou da Coupole. Levantou a cabeça para falar a Ivich, mas viu o seu ar caído e disse apenas:

— Paris foi tomada, viste?

— Sim, vi - respondeu Ivich com indiferença.

— E o teu marido?

— Também não tenho notícias.

Inclinou-se para ele e disse rapidamente e baixo:

— Gostaria que ele morresse.

Boris lançou uma olhadela ao motorista e viu que ele os olhava pelo retrovisor. Tocou no cotovelo de Ivich, que se calou: mas mantinha nos lábios um sorriso mau e grave. O automóvel parou ao fundo da Canabiere. Ivich saltou para o passeio e disse ao motorista com superioridade:

— Venha buscar-me ao Café Riche às cinco horas.

— Boa tarde, senhor Serguine - cumprimentou o motorista delicadamente.

— Adeus - disse Boris aborrecido.

Pensou: "Volto, de autocarro." Deu o braço a Ivich e subiram a Canabiere. Passaram oficiais; Boris não os saudou e eles não pareceram preocupados com isso. Boris sentia-se indignado porque as Mulheres se voltavam à sua passagem.

— Não cumprimentas os oficiais? - perguntou Ivich.

— Para quê?

— As mulheres olham para ti - acrescentou ela ainda.

Boris não respondeu; uma morena sorriu lhe, Ivich voltou-se vivamente:

— Sim, é verdade, é belo - disse ela nas costas da morena.

— Ivich! - suplicou Boris -, não nos tornes notados.

Agora era assim. Um dia alguém afirmara que ele era belo e, a partir daí, toda a gente lhe dizia o mesmo. Francillon e Gabei chamavam-lhe "Belo Amor". Naturalmente, Boris não ligava importância, mas era desagradável porque a beleza não é um atributo masculino. Teria sido preferível que todas estas mulheres se preocupassem com o próprio corpo e que os homens fizessem, ao passar, um pequeno cumprimento a Ivich, não muito: apenas o suficiente para ela se sentir bonita.

Na esplanada do Café Riche, quase todas as mesas estavam ocupadas; sentaram-se no meio de belas mulheres morenas, de oficiais, de soldados elegantes, de homens idosos de mãos gordas; todo um mundo inofensivo e bem-pensante, gente para destruir sem lhes fazer mal. Ivich passava as mãos pelos cabelos. Boris perguntou-lhe:

— Há alguma coisa que não vai bem?

Ela encolheu os ombros. Boris estendeu as pernas e verificou que se chateava.

— Que queres beber? - perguntou ele.

— É bom o café?

— Assim, assim.

— Morro de vontade de beber um café. Lá em baixo é infecto...

Dois cafés - pediu Boris ao empregado.

Virou-se para Ivich e perguntou:

— Como vai isso com os teus sogros?

Desapareceu o entusiasmo do rosto de Ivich.

— Vai indo - respondeu. - Estou quase como eles.

Acrescentou, com um sorriso:

— A minha sogra diz que eu sou parecida com ela.

— Que fazes durante todo o dia?

Ontem levantei-me às dez horas, arranjei-me o mais devagar que pude, até às onze e meia, li os jornais...

— Tu não sabes ler os jornais - interrompeu Boris severamente.

— Não. Não sei.

Ao almoço, falou-se da guerra e a mamã Sturel chorou umas lágrimas ao pensar no seu querido filho; quando ela chora, levantam-se-lhe os lábios, penso sempre que vai começar a rir. Depois fizemos malha e ela fez-me confidências de mulher: Georges, quando era pequeno, tinha uma saúde delicada, imagina, teve uma enterite aos oito anos; se ela fosse obrigada a escolher entre o filho e o marido, é horrível, mas preferia que fosse o marido a morrer, porque é mais mãe do que esposa. Depois falou-me das suas doenças, do útero, dos intestinos e da bexiga, está tudo muito mal.

Boris tinha sobre os lábios um grande ar de gozo: surgira-lhe uma idéia tão depressa que estava na dúvida se a tinha lido algures. No entanto, não. "As mulheres, entre si, falam do interior ou dos seus interiores." É uma

maneira pretensiosa de dizer, parecia uma máxima de La Rochefoucauld. "Uma mulher fala do seu interior ou dos seus interiores", ou "Quando uma mulher não fala do seu interior, é porque está a falar dos seus interiores." Assim, sim, talvez... Perguntou a si próprio se diria, a Ivich. Mas ela tinha cada vez menos sentido de humor. Disse simplesmente:

— Estou a ver. E depois?

— Depois, fui para o meu quarto até à hora do jantar.

— E que fizeste mais?

— Nada. Depois de jantar ouvimos notícias na rádio e comentámo-las. Parece que nada está perdido, que devemos manter o sangue-frio e que a França já esteve pior. Depois, fui novamente para o quarto e fiz chá no meu fogão elétrico. Tenho-o escondido porque rebenta quase sempre com os fusíveis. Sentei-me numa poltrona e esperei que adormecessem.

— E então?

— Respirei fundo.

— Devias dedicar-te à leitura - recomendou Boris.

— Quando leio as letras dançam diante dos meus olhos - explicou ela.

- Penso constantemente em Georges. Estou sempre à espera da notícia da sua morte.

Boris não gostava do cunhado e nunca percebera o que levara Ivich, em Setembro de 38, a fugir de casa para se deitar ao pescoço daquele grande nabo. Mas agradava-lhe reconhecer que ele não era tão mau como isso; quando soube que ela estava grávida, Georges mostrou-se mesmo muito sério: insistiu em casar com ela. Mas era demasiado tarde: Ivich odiava-o por ele lhe ter feito um filho. Ela achava-se horrível, tinha-se refugiado no campo e nem quisera tornar a ver o irmão. Certamente que se mataria, se não tivesse tanto medo de Morrer.

— Que porcaria. - Boris sobressaltou-se.

— O quê? Isto! - disse ela apontando para a chávena de café.

Boris saboreou o café e comentou calmamente:

— Não é famoso, de fato,! - Refletiu um momento, e observou: - Vai tornar-se cada vez pior, imagino.

— País de vencidos! - disse Ivich.

Boris olhou prudentemente à sua volta. Mas ninguém lhes prestava atenção: as pessoas falavam da guerra com decência e compunção. Dir-se-ia que voltavam de um enterro. O empregado passou com um tabuleiro vazio.

— É infecto! - lançou-lhe ela.

O empregado olhou-a surpreso: tinha um bigode grisalho; Ivich podia ser filha dele.

— Este café - continuou Ivich. - É infecto, pode levá-lo.

O empregado encarava-os com curiosidade: ela era demasiado jovem para o intimidar. Quando percebeu do que se tratava, fez um silêncio brutal:

— Queria um Moca? Talvez não saiba que estamos em guerra.

— Talvez eu não saiba - respondeu ela vivamente -, mas o meu irmão, que acaba de ser ferido, sabe-o seguramente melhor do que você.

Boris, vermelho de confusão, desviou o olhar. Ivich tornara-se atrevida e não merecia resposta, mas ele lamentava o tempo em que ela se mantinha em silêncio, com os cabelos caídos pela cara: não provocava tanto escândalo.

— Não é no dia em que os "boches" entram em Paris que nos vamos queixar para um café - resmungou o empregado, despeitado.

Foi-se embora e Ivich bateu o pé.

— Só falam na guerra; nunca mais param de ser derrotados e ainda parecem orgulhosos. Que a percam, a guerra, que a percam de uma vez para sempre e que se calem.

Boris reprimiu um bocejo: os repentes de Ivich já não o divertiam. Quando ela era menina, era um prazer vê-la puxar os cabelos, batendo o pé e revirando os olhos; divertia-se para o dia inteiro. Presentemente, os seus olhos mantinham-se mortuários, dir-se-ia que se habituara; nesses momentos era parecida com a mãe. "é uma mulher casada", pensou ele, escandalizado. "Uma mulher casada, com sogros, um marido na frente e um automóvel familiar". Olhou-a com perplexidade e desviou o olhar porque sentiu que ia ficar horrorizado. "Vou-me embora." Endireitou-se bruscamente: a decisão estava tomada. "Vou-me embora, vou com eles, não posso continuar em França." Ivich, entretanto falara.

— Quê? - perguntou ele.

— Nossos pais.

— Então?

— Estou a dizer que eles deviam ter ficado na Rússia; tu não me estás a ouvir.

— Se lá tivessem ficado, seriam presos.

— Em todo o caso, não nos deviam ter naturalizado. Assim, podíamos voltar para a nossa terra.

— A nossa terra é em França - disse Boris.

— Não, é na Rússia.

— É em França, pois eles naturalizaram-nos.

— Justamente - insistiu Ivich -, é por isso que não o deviam ter feito.

— Está bem, mas fizeram.

— Não me importo. Já que não o deviam ter feito, é como se não o fizessem por nada.

— Se estivesse na Rússia - retorquiu Boris -, havias.

— Não me importo, porque é um grande país e eu sentir-me-ia orgulhosa. Aqui, passo o tempo a ter vergonha.

Calou-se por um instante, mostrava-se hesitante. Boris olhava para ela com beatitude; não sentia vontade alguma de a contrariar. "Ela será obrigada a parar", pensou ele com otimismo. "Não vejo o que poderá acrescentar". Mas Ivich tinha imaginação: levantou uma mão e fez um estranho gesto, como se mergulhasse na água.

— Detesto os Franceses - disse ela.

Um cavalheiro que lia o jornal ao lado deles levantou a cabeça e olhou-os com ar sonhador. Boris fitou-o nos olhos. Mas, logo a seguir, o cavalheiro levantou-se: uma mulher jovem dirigia-se-lhe; ele fez uma reverência, ela sentou-se e deram-se as mãos, sorrindo. Tranquilizado, Boris voltou-se para Ivich. Era a grande corrida. Ela murmurava entre dentes:

— Detesto-os, detesto-os. Detesto-os porque não sabem fazer café! Detesto-os por tudo.

Boris pensara que a tempestade acalmaria por si mesma; mas agora via que se tinha enganado e que era preciso enfrentá-la, corajosamente.

— Eu gosto muito deles - contrariou. - Agora que perderam a guerra, toda a gente lhes vai cair em cima, mas vi-os na primeira linha e garanto-te que fizeram tudo o que puderam.

— Estás a ver! - disse Ivich -, estás a ver!

— A ver o quê?

— Porque dizes: eles fizeram o que puderam? Se te sentisses francês, dirias nós.

Havia sido por modéstia que Boris não dissera nós. Sacudiu a cabeça e franziu o sobrolho.

— Não me sinto nem francês nem russo - retorquiu. - Mas quando eu estava lá em cima, com os outros camaradas, sentia-me bem com eles.

— São uns ratos - disse ela.

Boris fingiu enganar-se no sentido do termo.

— Sim, espertos como ratos.

— Não, não, ratos que fogem assim, olha - mostrou ela, passando a mão rapidamente pela mesa.

— És como todas as mulheres - replicou Boris. - Só aprecias o heroísmo militar.

— Não é isso. Mas já que queriam fazer esta guerra, que a fizessem até o fim.

Boris levantou a mão, com um gesto indignado: "Já que a quiseram fazer, que a fizessem até ao fim." Evidentemente era o que ele tinha dito na véspera a Francillon e a Gabel. Mas... a mão caiu-lhe mole: Quando uma pessoa não pensa como nós, é difícil e fatigante provar-lhe que não tem razão. Mas quando ela é da nossa opinião e é preciso explicar-lhe que se engana, perdemos-nos.

— Deixa-me - disse ele.

— Ratos! - insistiu Ivich sorrindo furiosamente.

— Os tipos que estavam comigo não eram ratos - contrariou Boris. - Havia mesmo alguns extraordinariamente destemidos.

— Tu disseste-me que eles tinham medo de morrer.

— E tu? Tu não tens?

— Mas eu sou mulher.

— Pois bem, eles tinham medo de morrer e eram homens. - Retorquiu Boris. - É isso que se chama coragem. Sabiam a que se arriscavam.

Ivich olhou para ele, meditativa.

— Não me vais dizer que tu tinhas medo de morrer? Não, porque sabia que estava lá para isso?

Ele olhou para as unhas e acrescentou com um ar desinteressado:

— O engraçado é que, apesar de tudo, cheguei a ter medo.

Ivich sacudiu os ombros:

— Mas porquê?

— Não sei. Talvez por causa do barulho.

Na realidade só durara dez minutos, talvez vinte, até ao início do ataque. Mas ele não se importava com o fato de Ivich o tomar por um covarde. Ela olhava-o com um ar indeciso, admirada por um russo poder ter medo, sobretudo se era um Serguine e o seu próprio irmão. Por fim, Boris sentiu vergonha e acrescentou:

— Não vás pensar que tive sempre medo.

Ela sorriu-lhe, aliviada, e ele pensou tristemente: "Já não estamos de acordo em nada." Fez-se um silêncio; Boris bebeu um gole de café e quase o cuspiu: foi como se lhe tivessem metido na boca toda a sua tristeza. Mas pensou que ia partir e sentiu-se de certo modo reconfortado.

— Que vais fazer presentemente? - perguntou Ivich.

— Penso que me vão desmobilizar - respondeu Boris. - Na verdade, já estamos quase todos curados, mas mantêm-nos porque não-sabem o que nos hão-de fazer.

— E depois?

— Pedirei... um lugar de professor.

— Não tens a agregação.

— Não. Mas posso ser professor num colégio.

— Diverte-te dar aulas?

— Ah! não - disse ele apressadamente. Corou e acrescentou com humildade:

— Não fui feito para isso.

— Então para que foste feito, meu querido mano?

— Isso pergunto eu.

Os olhos de Ivich brilharam:

— Queres que te diga para que fomos feitos? Para sermos ricos.

— Não é isso - replicou aborrecido.

Olhou-a por momentos, enquanto repetia: "Não é isso!", segurando com força na chávena.

— Então que é?

— Sentia-me importante - explicou - e depois, até da minha morte se apoderaram. Agora sinto que não sei fazer nada, não tenho jeito para nada e já não tenho gosto por nada.

Suspirou e calou-se, envergonhado de ter falado de si: "O que acontece é que não me posso resignar a viver mediocrementemente. No fundo, é

o que ela acaba de dizer", pensou.

Ivich prosseguiu na sua idéia.

— Lola não tem dinheiro? - perguntou.

Boris deu um salto e bateu no tampo da mesa: ela tinha o dom de lhe adivinhar os pensamentos e de os traduzir em termos inaceitáveis.

— Não quero o dinheiro de Lola!

— Porquê? Ela dava-te, antes da guerra.

— Está bem, mas já não me dará mais.

— Então matemo-nos os dois - disse Ivich ardentemente.

Ele suspirou. "Ela recomeça", pensou aborrecido. "Não é próprio da sua idade. Ivich olhava para ele a sorrir",

— Alugamos um quarto sobre o Vieux Port e abrimos o gás.

Boris, em sinal de recusa, apenas abanou o indicador da mão direita. Ivich não insistiu: baixou a cabeça e começou a brincar com o cabelo. Boris percebeu que ela tinha alguma coisa para lhe pedir. Ao fim de algum tempo, disse sem olhar para ele:

— Pensei...

— O quê?

— Pensei que me levarias contigo e que viveríamos os três com o dinheiro de Lola.

Boris conseguiu engolir sem se engasgar.

— Ah - comentou -, tinhas pensado nisso?

— Boris - insistiu Ivich com uma paixão súbita -, já não posso viver com aquela gente.

— Maltratam-te?

— Pelo contrário, trazem-me nas palminhas; a mulher do filho querido, estás a ver. Mas eu detesto-os, detesto Georges, detesto os criados...

— Também detestas Lola - observou Boris.

— Lola não é a mesma coisa.

— Não é a mesma coisa porque ela está longe e já não a vês há dois anos.

— Lola sabe cantar e bebe, e, além disso, é bela... Boris! - gritou -, Eles são horrorosos! Se me deixas com eles, mato-me; não, não me matarei, será o fim. Se soubesses como me sinto velha e má, por vezes!

"Tudo por água abaixo" pensou Boris. Bebeu um pouco de café para poder engolir a saliva. "Não podemos desgostar duas pessoas". Ivich já não brincava com o cabelo. O seu rosto pálido tinha-se colorido, olhava-o com um ar firme e ansioso, parecia a Ivich de outros tempos. "Talvez rejuvenesça. Talvez torne a ser bela." Então disse:

— Com a condição de cozinhares para nós, monstrozinho.

Ela pegou-lhe na mão e apertou-a com toda a força:

— Aceitas? Oh! Boris! Aceitas?

Serei professor em Guéret. Não, em Guéret, não: é um liceu. Em Castelnaudary. Casarei com Lola: um professor num colégio não pode viver com uma concubina; amanhã vou começar a preparar as aulas. - Passou a mão pelo cabelo e puxou-o para lhe verificar a solidez. "Vou ficar careca", decidiu. "Tenho a certeza: o cabelo cair-me-á antes que eu morra".

— Claro que aceito.

Via um avião deslizar pela madrugada e pensava: "As falésias, as belas falésias brancas, as falésias de Denver."

03 horas em Padoux

Mathieu tinha-se sentado na relva; seguia com os olhos os turbilhões negros por cima do muro. De vez em quando um coração de fogo subia no meio do fumo, tingia-o de sangue, rebentava: no céu saltavam, então, faíscas semelhantes a pulgas.

— Vão deitar fogo a tudo - disse Charlot.

Borboletas de fuligem esvoaçavam à volta deles; Pinette apanhou uma e desfê-la pensativamente entre os dedos.

— Tudo o que resta de um mapa à escala de um para dez. mil - comentou ele mostrando o polegar sujo de cinza.

Longin empurrou a cancela e entrou no jardim: vinha a chorar.

— Longin está a chorar! - exclamou Charlot.

Longin limpou os olhos.

— Patifes! Pensei que me iam matar.

Deixou-se cair na relva; tinha na mão um livro de capa rasgada.

— Foi preciso atizar o fogo com um abano, enquanto queimavam a papelada. Apanhava com todo o fumo na cara.

— Acabou?

— Nem por sombras! Mandaram-nos embora porque vão queimar documentos secretos. Imagina que segredos: ordens que eu próprio passei à máquina.

— Cheira Mal! - disse Charlot - Cheira a esturro isso de queimarem os arquivos é suspeito.

— Pois é: cheira a esturro. Foi o que eu disse.

Riram-se. Mathieu apontou para o livro e perguntou:

— Onde o encontraste?

— Lá embaixo - explicou Longin vagamente.

— Lá em baixo, onde? Na escola?

— Sim - confirmou ele.

Apertou o livro contra si, desconfiado.

— Há lá mais? - perguntou Mathieu.

— Havia, mas os tipos da Intendência levaram-nos.

— O que é?

— Um livro de História.

— Mas qual?

— Não sei o título.

Lançou uma olhadela, à capa, depois acrescentou, aborrecido:

— História das Duas Restaurações.

— De quem é? - perguntou Charlot.

— Voulabelle - leu Longin.

— Voulabelle, quem é?

— Como queres que eu saiba?

— Emprestas-me? - pediu Mathieu.

— Quando o tiver lido.

Charlot deitou-se na relva e tirou-lhe o livro das mãos:

— Olha lá! É o terceiro volume.

Longin arrancou-lhe.

— Que importância tem? É para me distrair.

Abriu o livro ao acaso e fingiu ler, para melhor se apoderar dele.

Cumprida a formalidade, levantou a cabeça.

— O capitão queimou as cartas da mulher - contou ele.

Olhava de sobrelance arqueadas, com um ar ingênuo, imitando de antemão com os olhos e os lábios o espanto que contava provocar. Pinette saiu do seu devaneio amuado e virou-se para ele, interessado:

— A sério?

— Sim. E também queimou as fotografias, via-as em chamas. Ela é boa!

— A sério?

— É o que te digo.

— Que dizia ele?

— Não dizia nada. Via-as a queimarem-se.

— E os outros?

— Também não diziam nada. Só Ulfirich é que tirou umas cartas da carteira para as queimar igualmente.

— Que estranha idéia - murmurou Mathieu.

Pinette voltou-se para ele:

— Tu não vais queimar as fotografias da tua pequena?

— Não tenho pequena.

— Ah! Então é por isso.

— E tu, queimaste as da tua mulher? - perguntou Mathieu.

— Estou à espera de que os "boches" apareçam.

Calaram-se; Longin tinha-se posto a ler: Mathieu lançou-lhe um olhar invejoso e levantou-se. Charlot pôs a mão no ombro de Pinette:

— A desforra?

— Se quiseres.

— A que estão a jogar? - perguntou de novo Mathieu.

— Ao morpion¹⁶.

— Pode jogar-se a três?

— Não.

Pinette e Charlot sentaram-se às cavalitas no banco; o sargento Pierné, que estava a escrever sobre os joelhos, chegou-se um pouco para lá para lhes dar lugar.

— Estás a escrever as tuas memórias?

— Não - replicou -, estou a estudar Física.

Começaram a jogar. Deitado de costas, com os braços cruzados, Nippert dormia; ressonava. Schwartz tinha-se sentado um pouco afastado e sonhava. Ninguém falava, a França estava morta. Mathieu bocejou, olhou para os documentos secretos que se desfaziam em fumo pelo céu, fitou a fértil terra negra por entre os legumes e sentiu a cabeça vazia: estava morto; esta tarde branca e morta era uma tumba.

Lubéron entrou no jardim. Estava a comer, os cílios batiam-lhe sob os grandes olhos de albino, as orelhas mexiam ao mesmo tempo que os maxilares.

— Que estás a comer? - perguntou Charlot.

— Um bocado de pão.

— Onde o arranjaste?

Apontou para fora sem responder e continuou a mastigar.

Charlot calou-se bruscamente e considerou-o com uma espécie de assombro: o sargento Pierné, de lápis no ar, de cabeça levantada, também estava a olhar para ele. Lubéron continuava a mastigar depressa: Mathieu notou-lhe o ar importante e compreendeu que trazia notícias; então, teve medo como os outros e deu um passo para trás. Lubéron acabou tranquilamente de mastigar e limpou as mãos às calças. "Não era pão", pensou Mathieu. Schwartz aproximou-se e esperaram em silêncio.

— Pronto, já está! - disse Lubéron.

— Quê? Quê? - perguntou Pierné brutalmente. - Que é?

— Já está.

— O...

— Sim.

Um clarão de aço e depois o silêncio; a carne mole e azul deste dia recebera a eternidade como um duro golpe. Nem um ruído, nem um sopro de ar, o tempo fixara-se, a guerra retira-se: ainda há pouco estavam dentro dela, abrigados, podiam acreditar em milagres, na França imortal, no apoio da América, na defesa pouco escrupulosa, na entrada da Rússia na guerra; agora a guerra tinha ficado para trás, terminada, completa, perdida. As últimas esperanças de Mathieu tornaram-se recordações de esperança.

Longin foi o primeiro a recompor-se. Esticou os braços, avançou as mãos como para apalpar a notícia com precaução. Perguntou timidamente:

— Então... assinaram?

— Esta manhã.

Durante nove meses. Pierné desejara a paz. A paz a todo o custo. Agora estava ali, pálido e a suar; o acontecimento tornara-o furioso.

— Como sabes? - gritou ele.

— Foi Guiccioli que acabou de me dizer.

— Como é que ele sabe?

— Pela rádio. Ouviram há pouco.

Tinha feito a voz pausada e neutra de um locutor; gostava de se mostrar implacável.

— E o canhão?

— O cessar-fogo é à meia-noite.

Charlot também estava vermelho, os seus olhos faiscavam:

— Nem posso crer!

Pierné levantou-se. Perguntou:

— Há pormenores?

— Não - respondeu Lubéron.

Charlot tossicou:

— E nós?

— Nós, o quê?

— Quando nos vamos embora?

— Já te disse que não sei pormenores.

Estavam calados. Pinette deu um pontapé numa pedra, que rolou por entre as cenouras.

— O armistício! - disse ele furiosamente. - O armistício.

Pierné abanou a cabeça; a pálpebra esquerda tinha-se posto a bater no seu rosto pálido como uma persiana num dia de vento.

— As condições vão ser duras - comentou, troçando com satisfação. Todos gozaram.

— Imagino! - confirmou Longin. - Imagino!

Schwartz fez um gesto violento e vago, deu meia volta e deixou o jardim; Mathieu sentiu-se imensamente fatigado. Deixou-se cair sobre o banco.

— Está calor - disse ele.

“Estão a olhar para nós”. Cada vez mais densa, a multidão via-os engolir esta pílula histórica, envelhecida e afastava-se recuando, a cochichar: "Os vencidos de quarenta, os soldados da derrota; por causa deles estamos acorrentados." Continuavam onde estavam, imutáveis sob estes olhares variáveis, julgados, avaliados, explicados, acusados, desculpados, condenados, prisioneiros deste dia inesquecível, submersos no zumbido das moscas e do canhão, no odor da verdura aquecida, no ar que dormitava, sobre as cenouras, culpados até ao infinito, aos olhos dos filhos, dos netos e dos bisnetos, para sempre os vencidos de quarenta. Bocejou, milhões de homens o viram bocejar: "Boceja, ainda por cima; um vencido de quarenta e ainda tema lata de bocejar." Mathieu reprimiu este bocejo inumerável e pensou: "Não estamos sós."

Olhou para os camaradas, o seu olhar em trânsito encontrou neles o olhar eterno e assombrado da História: pela primeira vez a grandeza tinha descido sobre eles: eles eram os soldados fabulosos de uma guerra perdida. Petrificados! "Meu Deus, eu li, bocejei, ventilava os meus problemas, não me decidia a escolher e, no entanto, já escolhera, havia escolhido esta guerra, esta derrota, e ,era esperado no coração deste dia. Tudo está por fazer, já não há nada a fazer." Os dois pensamentos entraram um no outro e anularam-se; ficou a calma superfície do Vazio. Charlot sacudiu os ombros e a cabeça; pôs-se a rir e o tempo recomeçou a passar. Charlot ria, ria contra a História, defendia-se da petrificação pelo riso, olhava-os com malícia, e dizia:

— Estão com bom aspecto, estes homens. Bom aspecto têm eles!

Voltaram-se para ele admirados, depois Lubéron começou a rir. Franzia o nariz com um ar embaraçado e o riso saía-lhe pelas narinas:

— Bem podes falar! Fomos apanhados!

— É uma desfeita - replicou Charlot com uma espécie de embriaguez - uma derrota, uma tarefa!

Longin riu por sua vez:

— Os soldados de quarenta ou os reis da corrida a pé! - gracejou.

— Os campeões da estrada.

— Campeões olímpicos de corrida a pé.

— Não se importem - consolou-os Lubéron - seremos bem recebidos quando voltarmos; ainda nos hão-de felicitar!

Longin teve um suspiro feliz:

— Vão-nos esperar à estação. Com coros e clubes de ginástica.

— E eu que sou judeu, diz lá! - acrescentou Charlot rindo até às lágrimas. - Estão a imaginar os anti-semitas do meu bairro?

Mathieu deixou-se contagiar por este riso desagradável, foi um momento atroz: tinham-no deitado, a tremer de febre, em lençóis gelados; depois a sua eternidade de estátua partiu-se, voou às gargalhadas. Riam, recusavam as obrigações de grandeza em nome da canalha, não faz mal desde que haja saúde, comida e bebida, chateio metade do mundo e estou-me pouco ligando para a outra metade, recusavam o conforto da grandeza por uma austera lucidez, recusavam mesmo o direito de sofrer; trágicos: não, históricas; nem isso, somos uns cretinos, não valemos uma lágrima; predestinados: também não, o mundo é um acaso. Riam, esbarravam nos muros do Absurdo e do Destino, que os recambiavam; riam para se punirem, para se purificarem, para se vingarem; desumanos, demasiado humanos, para além e para aquém do desespero: homens. Por um momento ainda quiseram apagar a afronta das negras mágoas; Nippert continuava a ressonar, a sua boca aberta era também uma afronta. Depois o riso tornou-se pesado, arrastou-se, parou depois de algumas sacudidelas: estava terminada a cerimônia, o armistício consagrado, estavam oficialmente após. O tempo passava, calma mente, tisana amornada pelo sol: era preciso recomeçar a viver.

— E pronto - disse Charlot.

— Pronto! - repetiu Mathieu.

Lubéron tirou furtivamente a mão do bolso, levou-a à boca e pôs-se a mastigar; a boca saltava-lhe debaixo dos olhos de coelho.

— Pronto - repetiu também. - Pronto, pronto.

Pierné assumiu um ar miudinho e vencedor:

— Que vos tinha eu dito?

— Que nos tinhas tu dito?

— Não se façam parvos. Delarue, lembras-te do que eu tinha dito depois da Finlândia? E depois de Narvik, lembras-te? Chamavas-me ave agoirenta e, como és mais desembaraçado do que eu, embrulhavas-me sempre.

Corara: atrás dos óculos os olhos faiscavam-lhe de rancor e vitória.

— Não a devíamos ter feito, esta guerra; sempre disse que não a devíamos fazer: não estaríamos neste ponto.

— Seria pior - disse Pinette.

— Não poderia ser pior; nada é pior do que a guerra.

Esfregava as mãos, deliciado, e o rosto brilhava-lhe de inocência: esfregava as mãos, lavava as mãos desta guerra, não a fizera, não a vivera; negara-se durante dez meses, recusando ver, falar, sentir, protestando contra as ordens através do zelo maníaco que punha no seu cumprimento, distraído, nervoso, fixado numa ausência da alma. Agora recebia a paga do seu sofrimento. Tinha as mãos limpas e haviam-se cumprida as suas previsões: os vencidos eram os outros, os Pinette, os Lubéron, os Delarue, os outros. Ele não. Os lábios de Pinette começaram a tremer.

— Então? - perguntou com uma voz entrecortada. - Está tudo bem? Estás contente?

— Contento?

— Aí a tens, a tua derrota!

— A minha derrota? Ora essa, é tanto tua quanto minha.

— Tu estavas à espera: é tua. Nós não a esperávamos, não te queríamos privar dela.

Pierné fez um sorriso de incompreendido:

— Quem te disse que eu a esperava? - perguntou ele pacientemente.

— Tu, e ainda não foi há muito tempo.

— Disse que a tinha previsto. Esperar e prever não é a mesma coisa, não achas?

Pinette olhava para ele sem responder, a sua expressão tornara-se sombria, a boca saliente; revirava os grandes e belos olhos mistificados. Pierné prosseguiu em seu proveito:

— E porque a teria eu esperado? Podes dizer-me? Será que sou da quinta- coluna?

— És pacifista - respondeu Pinette com esforço.

— E então?

— É a mesma coisa.

Pierné sacudiu os ombros e abriu os braços, acabrunhado. Charlot correu para Pinette e passou-lhe o braço pelos ombros.

— Não se zanguem - disse ele com ar conciliador. - Para que serve zangarem-se? Perdemos, ninguém teve culpa, ninguém tem de se condenar. Foi uma infelicidade, é tudo.

Longin, fez um sorriso político:

— Foi uma infelicidade?

— Foi! - continuou Charlot, sempre conciliador. - Sejamos justos: infelicidade, sem dúvida. E mesmo uma grande infelicidade. Mas, que queres? Eu digo para mim: cada um por sua vez. Ganhámos na última vez, agora foram eles, na próxima voltaremos a ser nós.

— Não haverá próxima vez - replicou Longin.

Levantou o dedo e acrescentou, com um ar paradoxal:

— Fizemos a última das últimas, eis a verdade. Vencedores ou vencidos, é a mesma coisa,: os tipos de quarenta conseguiram o que os pais tinham perdido. Acabaram-se as nações, acabou a guerra. Hoje estamos nós de joelhos: amanhã serão os ingleses, os "boches" levam tudo, põem ordem em tudo e dão início aos Estados Unidos da Europa.

— Estados unidos, o raio! - protestou Pinette. - Seremos os lacaios de Hitler.

— Hitler? Que é isso, Hitler? - perguntou Longin com soberba. - Claro que era preciso um. Como queres que os países se entendam, se os deixares em liberdade? São como as pessoas, cada um puxa para seu lado. Mas quem se lembrará do teu Hitler daqui a cem anos? Estará morto e enterrado, e o nazismo também.

— Grande safado! - gritou Pinette. - Quem é que os vai viver, estes cem anos?

Longin pareceu escandalizado:

— Não devemos pensar assim, idiota: devemos procurar ver sempre mais longe; precisamos imaginar a Europa do futuro.

— E será a Europa do futuro que me dará de comer?

Longin passou pelo sol uma mão pacifista:

— Ora! - disse. - Ora, ora! Os oportunistas safar-se-ão.

A mão episcopal descaiu, acariciou os cabelos encaracolados de Charlot:

— Não te parece?

— Eu - replicou Charlot - não consigo sair disto: já que tínhamos de assinar este armistício, acho bem que seja já: haverá menos mortos e os Alemães não terão tempo para se encolerizarem.

Mathieu olhava-o incrédulo. Todos! Todos se revelavam: Schwartz transformava-se, Nippert refugiava-se no sono, Pinette no ódio, Pierné na inocência; preso ao momento que passava, Lubéron comia, tapava todos os seus buracos com comida; Longin tinha saído deste século. Cada um deles, apressadamente, havia assumido a atitude que lhe permitiria viver. Endireitou-se e disse com voz forte:

— Vocês decepcionam-me.

Olharam-no sem surpresa, com sorrisos desajeitados: ele estava mais espantado do que eles; a frase soava-lhe ainda nos ouvidos e ele perguntava-se como a podia ter pronunciado. Hesitou um instante entre a confusão e o ódio, depois tomou o partido do ódio: virou-lhes as costas, empurrou a cancela e atravessou a estrada. Estava deslumbrante e deserta; Mathieu saltou por cima das urzes, que lhe arranharam as polainas, e desceu pela escarpa do bosque, até ao ribeiro. "Merda", disse em voz alta. Olhou para o ribeiro e repetiu: "Merda! merda!", sem saber porque o fazia. A cem metros dele, nu até à cintura, sarapintado pelo sol, um soldado lavava a roupa; estava ali, assobiava, amassava aquela farinha húmida, perdera a guerra e não o sabia. Mathieu sentou-se; tinha vergonha: "Quem me deu o direito de ser tão severo? Acabam de saber que estão tramados, desenrascam-se como podem porque não estão habituados. Eu já estou e nem por isso valho mais E, além disso, eu também escolhi a fuga. E o ódio." Ouviu um ligeiro estalido e viu Pinette sentar-se à borda da água. Sorriu a Mathieu, este correspondeu-lhe e ficaram um longo momento sem se falarem.

— Olha aquele tipo lá em baixo - começou Pinette.

— Não sabe de nada.

O soldado, curvado sobre a água, esfregava a roupa obstinadamente; um avião anacrônico roncava sobre eles. O soldado levantou a cabeça e olhou para o céu através das folhas, com uma apreensão que os fez rir: toda esta cena tinha o pitoresco das reconstituições históricas.

— Dizemos-lhe?

— Oh!, deixa - disse Mathieu -, deixa correr.

Calaram-se. Mathieu mergulhou a mão na água e agitou os dedos. Tinha a mão pálida e prateada, envolta num balo azul-céu. Bolhas subiram à superfície. Uma hastezinha, trazida por um pequeno redemoinho, veio colar-se, volteando, ao seu pulso; depois afastou-se, voltou mais uma vez. Mathieu tirou a mão.

— Está calor - disse ele.

— Está - confirmou Pinette. - Faz sono.

— Tens sono?

— Não, mas vou tentar adormecer.

Estendeu-se de costas, com as mãos debaixo da nuca e fechou os olhos. Mathieu mergulhou um galho seco no ribeiro e agitou-o. Após um instante, Pinette abriu os olhos.

— Merda!

Ergueu-se e pôs-se a coçar a cabeça com as duas mãos.

— Não consigo dormir.

— Porquê?

— Sinto-me inquieto.

— Não tem mal nenhum - disse Mathieu. - É saudável.

— Quando estou assim - acrescentou Pinette -, preciso de agredir alguém; senão, sufoco.

Olhou para Mathieu com curiosidade:

— Nunca te acontece?

— Acontece.

Pinette debruçou-se e começou a desapertar as botas:

— Nem cheguei a dar um tiro - comentou amargamente.

Tirou as meias, tinha uns pés infantis e moles, com traços de sujidade.

— Vou lavar os pés.

Mergulhou o pé direito na água e começou a esfregá-lo com as mãos. A sujidade desfazia-se em bolinhas. Bruscamente olhou de soslaio para

Mathieu.

— Vêm-nos buscar, hem?

Mathieu assentiu com a cabeça.

— E levam-nos com eles?

— É provável.

Pinette esfregou o pé raivosamente:

— Sem este armistício, não me teriam apanhado tão facilmente.

— Que terias feito?

— Alguma coisa de jeito.

— Fanfarrão! - disse Mathieu.

Sorriram, mas Pinette entristeceu de repente e os seus olhos tornaram-se desconfiados:

— Disseste que nós te decepçionámos.

— Não era para ti.

— Era para todos.

Mathieu ainda estava a sorrir.

— É a mim que queres agredir?

Pinette baixou a cabeça sem responder.

— Agride - encorajou-o Mathieu. - Eu agredirei também. Talvez nos acalme.

— Não ousarei fazer-te mal - replicou Pinette com humor.

— É pena.

O pé esquerdo de Pinette estava reluzente com a água e o sol. Olharam os dois para ele e Pinette pôs-se a mexer os dedos.

— São engraçados os teus pés - comentou Mathieu.

— São pequenos, não são? Consigo pegar numa caixa de fósforos e abri-la.

— Com os dedos dos pés?

— Sim.

Sorria; mas a raiva sacudiu-o de repente e ele agarrou no tornozelo com brutalidade.

— Nem ao menos matei um "boche"! Chegam e levam-me.

— É. - disse Mathieu.

— Não é justo.

— Não é justo, nem injusto: é assim.

— Não é justo: pagamos pelos outros, pelos tipos do exército de Corap e por Gamelin.

— Se tivéssemos estado no exército de Corap, teríamos feito como eles.

— Fala por ti.

Abriu os braços, respirou fundo, cerrou os punhos e, enchendo o peito, olhou para Mathieu com arrogância:

— Tenho cara de quem foge perante o inimigo?

Mathieu sorriu-lhe:

— Não.

Pinette fez músculo com os seus braços louros e gozou por momentos, sozinho, a sua juventude, a sua força e coragem. Sorria, mas os olhos mantinham-se inquietos e o sobrolho carregado.

— Ter-me-ia deixado abater em combate.

— Isso é o que tu dizes.

Pinette sorriu e morreu: uma bala atravessou-lhe o coração. Morto e triunfante, voltou-se para Mathieu. A estátua de Pinette, morto pela pátria, repetiu:

— Ter-me-ia deixado abater.

E depois, mais uma vez, o ódio e a vida aqueceram este corpo petrificado.

— Não sou culpado; fiz tudo o que me mandaram fazer. Não tenho culpa se não me souberam utilizar.

Mathieu olhava para ele com uma espécie de ternura; Pinette estava transparente ao sol, a vida subia, descia, rodava depressa na árvore azul das suas veias, ele devia sentir-se tão magro, tão são, tão leve: como poderia ter acreditado na doença indolor que começara a consumi-lo, que curvaria o seu jovem corpo sobre as batatas dos campos da Silésia, ou sobre as auto-estradas da Pomerânia, que o incharia de fadiga, de tristeza e de amargura. A derrota, aprende-se.

— Não pedi nada a ninguém - continuou Pinette. - Fazia tranquilamente o meu trabalho; os "boches", era contra eles: não tinha visto nenhum; o nazismo, o fascismo, nem sabia o que era; e Dantzig, então, se me permites: a primeira vez que vi num mapa esse lugarejo já estava mobilizado. Bem: aí aparece Daladier, que declara a guerra, e Gamelin, que

a perde. O que tenho eu a ver com isso? Como posso ter culpa? Pensas que me consultaram?

Mathieu encolheu os ombros:

— Há quinze anos que a sentimos chegar. Era preciso intervir a tempo para a evitar, ou para a ganhar.

— Não sou deputado.

— Mas votavas.

— Evidentemente - confirmou Pinette pouco seguro.

— Por quem?

Pinette ficou calado.

— Estás a ver. - disse Mathieu.

— Tive de fazer o serviço militar - replicou Pinette com humor. - E depois estive doente: só uma vez é que pude votar.

— E depois fizeste-o?

Pinette não respondeu. Mathieu sorriu:

— Eu também não. Também não votava - acrescentou com doçura.

O soldado torcia as camisas e amontoava-as. Embrulhou-as numa toalha vermelha e subiu a encosta assobiando.

— Conheces a ária que ele está a assobiar?

— Não - respondeu Mathieu.

— Secaremos a Nossa Roupa na Linha Siegfried.

Riram-se. Pinette parecia um pouco mais calmo:

— Trabalhei muito - continuou ele. - E nem sempre comi tudo o que tinha na vontade. Depois encontrei um lugar na T.C.R.P.¹⁷ e casei com a minha mulher: precisava de a alimentar, não é? Ela é de boa família, como sabes. A principio as coisas entre nós não iam muito bem. Depois - acrescentou vivamente -, lá nos conseguimos entender, mas é apenas para te dizer: não nos podemos ocupar de tudo ao mesmo tempo.

— Claro que não! - concordou Mathieu.

— O que podia eu fazer mais?

— Nada.

— Não tinha tempo para me ocupar de política. Chegava a casa cansado, havia discussões, e depois, se és casado, é para fazeres amor todas as noites, não?

— Imagino.

— Então?

— Então nada. É assim que se perde uma guerra.

Pinette teve um sobressalto de fúria.

— Acho-te piada! Mesmo que me tivesse ocupado de política, mesmo que não fizesse outra coisa, o que é que isso impediria?

— Terias feito o possível.

— E tu fizeste?

— Não.

— E se tivesses feito, podias dizer que não foste tu quem, perdeu a guerra?

— Não.

— Então?

Mathieu não respondeu, ouviu o zumbir hesitante de um mosquito e enxotou-o com a mão. O zumbido parou. "Esta guerra, também eu, de início, pensava que era uma doença. Que disparate! Sou eu, é Pinette, é Longin. Para cada um de nós, é o próprio; é feita à nossa imagem e temos a guerra que merecemos." Pinette fungou longamente sem deixar de olhar para Mathieu; este achou-lhe um ar estúpido e uma onda de raiva inundou-lhe a boca e os olhos: "Basta! Basta! Estou farto de ser o tipo que sabe tudo!" O mosquito rodava-lhe a volta da cabeça, irrisória coroa de glória. "Se eu me tivesse batido, se chegasse a disparar, alguém morreria...". Levantou bruscamente a mão e deu uma violenta palmada na têmpora; baixou os dedos e viu no indicador uma minúscula renda sangrenta, um tipo que sangrava sobre pedras; uma palmada na têmpora, uma pressão do indicador no gatilho, os vidros multicolores do caleidoscópio parariam, o sangue rendilharia as ervas do caminho. "Estou farto! Estou farto!" Mete-se por um ato desconhecido como por uma floresta. Um ato. Um ato que compro mete e nunca se, compreende completamente. Disse apaixonadamente:

— Se houvesse alguma coisa a fazer...

Pinette olhou para ele com interesse:

— Quê?

Mathieu encolheu os ombros.

— Não há nada - disse ele. - Nada, por agora.

Pinette calçava as meias; as sobrancelhas louras franziam-se-lhe na testa. Perguntou bruscamente:

— Mostrei-te a minha mulher?

— Não - respondeu Mathieu.

Pinette endireitou-se, procurou no bolso do casaco e tirou uma fotografia da carteira. Mathieu viu uma mulher bastante bonita, de ar duro, com uma sombra de buço ao canto dos lábios. Atravessado na fotografia tinha escrito: "Da Denise para a sua boneca, 12 de Janeiro de 1939." Pinette corou:

— Chama-me assim. Não a consigo desabituar.

— Precisa de te pôr um nome.

— É porque ela tem cinco anos mais do que eu. - disse Pinette com dignidade.

Mathieu devolveu-lhe a fotografia.

— É bonita.

— Na cama - acrescentou Pinette - é formidável. Nem podes imaginar.

Tinha corado ainda mais. Acrescentou, com um ar perplexo:

— É de boa família.

— Já me disseste.

— Ah? - exclamou Pinette espantado. - Já te disse? Disse-te que o pai era professor de Desenho?

— Disseste.

Pinette tornou a pôr cuidadosamente a fotografia na carteira.

— Chateia-me.

— Que é que te chateia?

— É chato voltar assim.

Cruzara as mãos nos joelhos.

— Ora! - disse Mathieu.

— O pai é um herói de catorze - Justificou-se Pinette. - Três citações, a Cruz de Guerra. Está sempre a falar nisso.

— E então?

— E então, é chato voltar assim.

— Pobre cabeça oca. - replicou Mathieu. - Não voltarás tão depressa.

A raiva de Pinette desaparecera. Abanou a cabeça tristemente.

— Ainda bem - disse. - Não tenho vontade de voltar.

— Pobre cabeça oca - repetiu Mathieu.

— Ela gosta de mim - continuou Pinette -, mas tem um temperamento difícil: está convencida de que é alguém. E a mãe também. Uma mulher deve-nos respeitar, não? Senão, é o diabo lá em casa.

Levantou-se de repente:

— Estou farto de estar aqui. Vens?

— Aonde? - perguntou Mathieu.

— Não sei. Com os outros.

— Se quiseres - concordou Mathieu sem entusiasmo.

Levantou-se também, subiram a encosta.

— Olha - exclamou Pinette -, está ali Guiccioli.

Estava de pernas abertas, com a mão em viseira sobre os olhos, olhava para eles, gozando.

— Esta foi boa! - disse ele.

— O quê?

— Foi bem boa. Caíram que nem patos.

— Mas o quê?

— O armistício - continuou Guiccioli sempre a rir.

Pinette compreendeu subitamente.

— Era brincadeira?

— Claro! - confirmou Guiccioli. - Foi Lequier que nos veio chatear; queria novidades, demos-lhas.

— Então - perguntou Pinette com vivacidade - não há armistício?

— Nem armistício, nem pelo em ovo!

Mathieu olhou para Pinette pelo canto do olho:

— Que diferença faz?

— Faz muita - respondeu Pinette. - Verás. Verás como tudo se vai modificar.

Ninguém no Boulevard Saint-Germain; ninguém na Rua Danton. As persianas de ferro nem sequer estavam fechadas, as vitrines brilhavam: ao partirem tinham apenas fechado as portas com o trinco. Era domingo. Há três dias que era domingo; em Paris só havia um dia para toda a semana. Um domingo como outro qual quer, só um pouco mais vazio, mais preparado, demasiado silencioso, cheio de secretas corrupções. Daniel aproximou-se de um grande estabelecimento de lãs e tecidos; os novelos, multicores dispostos em pirâmide faziam-se amarelos, cheiravam a velho; na seção ao lado casaquinhos de bebê e as camisolas enxovelavam-se; o pó acumulava-se, sobre os balcões. Longos traços brancos sujavam os vidros, parecia uma festa: as moscas eram aos milhões. Domingo. Os Parisienses, quando chegassem, encontrariam um domingo podre atarefado sobre a cidade morta, Se chegarem! Daniel deu asas a esta formidável vontade de rir que passeava através das ruas desde manhã. Se chegarem!

A Plece de Saint-André-des-Arts, deserta, estendia-se ao sol, como noite cerrada à luz do dia, o sol era um artifício: um clarão de magnésio que escondia a noite, que se podia apagar num vigésimo de segundo, e que não se apagava. Colou a testa ao grande vidro da Brasserie Alsacienne: "Ali almocei lá com Mathieu: foi em Fevereiro, quando ele estava de licença, estava cheia de anjos e de heróis." Acabou por distinguir na penumbra manchas hesitantes, como cogumelos: eram toalhas de papel. Onde estão os heróis? Onde estão os anjos? Duas cadeiras de ferro tinham ficado no terraço; Daniel pegou numa pelas costas, levou-a para a borda do passeio e sentou-se como um velho reformado, sob o céu militar, neste calor branco que abundava de recordações de infância. Sentia nas costas a pressão magnética do silêncio, olhava para a ponte deserta, os alfarrabistas dos cais fechados a cadeado, o relógio sem ponteiros. "Deviam ter destruído tudo isto", pensou ele. "Umas bombas, para sabermos como é". Uma silhueta esgueirou-se ao longo da prefeitura da polícia, do outro lado do Sena, como levada por um tapete rolante. Paris não estava propriamente deserta: povoava-se de pequenas derrotas instantâneas que brotavam em todos os sentidos e se dissolviam logo sob esta luz de eternidade. "A cidade está oca", pensou Daniel. Sentia debaixo dos pés os corredores do metropolitano,

atrás, à frente, em cima, grandes escarpas escavadas: entre o céu e a terra milhões de salões Luís Filipe, salas de jantar Império e cosy-corners desfaziam-se abando nados. Voltou-se bruscamente: alguma coisa bateu no vidro. Daniel olhou-o durante muito tempo, mas apenas viu o seu reflexo. Levantou-se, a garganta cerrada por uma estranha angústia, mas não muito descontente: era divertido ter terrores noturnos durante o dia. Aproximou-se da Ponte Saint-Michel e olhou para o dragão esverdeado. Pensava: "Tudo é permitido." Podia tirar as calças sob o olhar vítreo de todas estas janelas escuras, arrancar uma pedra do passeio e atirá-la à vitrine da brasserie, podia gritar: "Viva a Alemanha", não acontecia nada. Quando muito, no sexto andar de algum prédio, um rosto assustado viria colar-se ao caixilho, mas era sem consequência, já não tinham forças para se indignarem: o homem de bem, lá em cima, voltar-se-ia para a mulher e diria num tom puramente objetivo: "Está um tipo, na praça, que acaba de tirar as calças", e ela responder-lhe-ia do fundo do quarto: "Não estejas à janela, não se sabe o que pode acontecer." Daniel bocejou. Partir o vidro? Ora! Ver-se-ia muito mais quando a pilhagem começasse. "Espero", pensou ele, "que ponham tudo a ferro e fogo". Bocejou mais uma vez: sentia dentro de si uma imensa e inútil liberdade. Por instantes a alegria apoderara-se dele.

Quando se ia a afastar, uma caravana desembocou da Rue de la Huchette. "Agora, deslocam-se em grupos." Era o décimo que encontrava desde manhã. Daniel contou nove pessoas: duas velhas com cestos, duas garotas, três homens duros e ossudos, com bigodes; atrás deles vinham duas mulheres jovens, uma bonita e pálida, a outra em adiantado estado de gravidez e que mostrava um ar sorri dente. Andava lentamente: ninguém falava. Daniel tossiu e eles voltaram-se para ele, todos ao mesmo tempo: não havia simpatia nem censura nos seus olhares, apenas um espanto incrédulo. Uma das duas garotas chegou-se à outra sem deixar de olhar para Daniel, murmurou algumas palavras e riram-se as duas com um ar maravilhado: Daniel sentia-se tão insólito como uma cabra-montês ao fixar o olhar lento e virgem sobre alpinistas. Passavam, fantásticos e ultrapassados, afogados na sua solidão; Daniel atravessou a calçada para se ir debruçar na entrada da Ponte Saint-Michel, sobre o parapeito de pedra. O Sena reluzia; muito ao longe, a noroeste, erguia-se uma nuvem de fumo sobre as casas. De repente, o espetáculo pareceu-lhe insuportável, voltou atrás, pelo mesmo caminho, e pôs-se a subir o bulevar. A caravana tinha

desaparecido. O silêncio e o vazio a perder de vista: um abismo horizontal. Daniel estava cansado: as ruas não levavam a parte alguma. Sem os homens, tornavam-se todas parecidas. O Boulevard Saint-Michel, ontem longo caudal de ouro em direção ao sul, era agora esta baleia morta, de barriga para o ar. Daniel bateu com os pés neste enorme ventre oco e balofo; esforçou-se por se sentir eufórico, disse em voz alta: "Detestava Paris." Em vão; nada tinha vida além da verdura, além dos longos braços verdes dos castanheiros; sentia a impressão insípida e adocicada de caminhar por um bosque. As asas imundas do tédio começavam a roçá-lo quando, por sorte, viu um anúncio branco e vermelho colado num andaime. Aproximou-se e leu: "Venceremos porque somos os mais fortes" abriu os braços e sorriu deliciado, aliviado: eles correm, correm, não param de correr. Levantara a cabeça e voltara o sorriso para o céu, respirava abertamente: um processo em curso há vinte anos, espiões até debaixo da cama, cada transeunte era uma testemunha ou um juiz, ou as duas coisas; tudo o que dizia podia ser virado contra ele. E depois, de uma só vez, a debandada. Eles correm, as testemunhas, os juizes, os homens de bem, correm debaixo de sol e o azul põe-lhes aviões sobre as cabeças. As muralhas de Paris apregoavam ainda orgulho e mérito; nós somos os mais fortes, os mais virtuosos, os cruzados da democracia, os defensores da Polônia, da dignidade humana e da heterossexualidade, os caminhos continuarão interrompidos, secaremos a roupa na Linha Siegfried. Nas paredes de Paris os anúncios proclamavam ainda todo um canto de glória passada. Mas eles, eles corriam, loucos de medo, deitavam-se em fossos, pediam perdão. Perdão na honra, bem entendido, tudo está perdido exceto a honra, levem tudo mas com honra: podem encher-me o cu de lama desde que seja com honra, lamberei o vosso, se me pouparem a vida. Eles correm, trepam. Eu, o Culpado, reino na cidade.

Andava de olhos baixos, gozava, ouvia os carros a passar na estrada, perto dele, e pensava: "Marcelle foi para Dax, tratar do pequeno, Mathieu deve estar prisioneiro, Brunet deve ter sido morto; todas as minhas testemunhas estão mortas ou longe de mim; eu fui recuperado..." De repente disse: "Que carros?" Levantou bruscamente a cabeça, sentiu o coração bater-lhe nas têmporas e viu- os. Vinham de pé, puros e graves, em grupos de quinze ou vinte sobre grandes carros camuflados que deslizavam lentamente em direção ao Sena, iam direitos e de pé, lançavam-lhe um

olhar inexpressivo e outros se lhes seguiam, outros anjos semelhantes e que o fitavam de um modo semelhante. Daniel ouviu ao longe uma música militar, pareceu-lhe que o céu se enchia de estandartes e teve de se apoiar num castanheiro. Sozinho nesta longa avenida, único francês, único civil, e todo o exército inimigo olhava para ele. Não tinha medo, abandonava-se confiante a estes milhares de olhos, pensava: "Os nossos vencedores!", e sentia-se envolvido em prazer. Devolveu-lhes ativamente o olhar, embriagou-se com estes cabelos louros, estes rostos, bronzeados em que os olhos pareciam lagos de aço, estas silhuetas esbeltas, estas pernas incrivelmente altas e musculosas. Murmurou: "Como são belos!" Já não estava no chão: tinham-no levado nos braços, abraçavam-no. Alguma coisa caiu do céu: era a antiga lei. Desmantelada a sociedade de juízes, anulada a sentença; derrotados os horríveis soldados de cáqui, campeões dos direitos do homem e do cidadão. "Que liberdade!", pensou, e os olhos humedeceram-se-lhe. Era o único sobrevivente do desastre, o único bem face destes anjos de ódio e de raiva, destes anjos exterminadores cujos olhos lhe devolviam uma infância. "Eis os novos juízes", pensou, "eis a nova lei!" Como pareciam insignificantes, por cima das suas cabeças, as maravilhas do céu sereno, a inocência dos pequenos cúmulos: era a vitória do desprezo, da violência e da má-fé, era a vitória da terra. Passou um tanque, majestoso e lento, coberto de folhagem, quase não roncava. Atrás dele, um homem muito jovem, com o capote pelos ombros, as mangas da camisa arregaçadas, cruzava os braços nus. Daniel sorriu-lhe, o jovem olhou-o demoradamente, com um ar duro, os olhos brilhavam-lhe; depois, de repente, enquanto o tanque se afastava, começou a sorrir. Procurou rapidamente no bolso das calças e atirou um pequeno objeto que Daniel apanhou no ar: era um maço de cigarros ingleses. Daniel apertava tanto o maço que sentia os cigarros esmagarem-se-lhe entre os dedos. Ainda sorria. Uma sensação insuportável e deliciosa subiu-lhe das pernas à cabeça; não via muito claro, repetia com a respiração ofegante: "Como em manteiga - entram em Paris como em manteiga." Outros rostos passaram pelo seu olhar baço, outros e ainda outros, sempre igualmente belos. "Vão-nos fazer mal, é o reino do mal que começa, se é! Gostaria de ser uma mulher para lhes atirar flores."

Merda, merda, uma onda de barulho, como um comboio; a rua estava deserta, um barulho de caçarolas apoderou-se dela, um clarão de aço

atravessou o céu, passou entre as casas; Charlot, encostado a Mathieu, gritou da sombra do celeiro: "Estão a voar rente ao chão." As gaivotas ávidas e indolentes davam voltas à aldeia procurando comida, depois foram-se embora levando com elas o barulho de caçarolas que passava de teto em teto; as cabeças foram aparecendo prudentemente, homens saíram do celeiro, das casas, outros saltaram pelas janelas, formigavam, parecia uma feira. Silêncio. Estavam todos em silêncio, uma centena, técnicos, radiotelegrafistas, telefonistas, secretários, observadores, todos, exceto os motoristas, que esperavam desde a véspera ao volante dos seus carros; eles tomaram seus lugares - para que espetáculo? -, sentaram-se na calçada, porque a estrada estava deserta e os automóveis já não passavam, sentaram-se na borda do passeio, nos parapeitos das janelas e outros ficavam de pé, encostados às casas. Mathieu tinha-se instalado num banquinho, em frente da mercearia Charim e Pinette foram ter com ele. Ninguém falava, estavam apenas juntos a olharem uns para os outros; viam-se tal como eram: a grande feira, a multidão demasiado calma, com mil faces cinzentas; a rua calcinava-se de sol, torcia-se sob o céu estripado; queimava os pés e as nádegas, eles deixavam-se queimar; o general habitava em casa do médico: a terceira janela do primeiro andar era sua, mas eles estavam-se pouco ligando para o general, olhavam uns para os outros e tinham medo. Sofriam com a partida abortada, ninguém falava nisso, mas sentiam-na no peito, nos braços, nas pernas, dolorosa como o cansaço, era um pião que lhes girava nos corações. Um homem suspirou, como um cão a sonhar; disse, em sonhos: "Na Intendência há latas de carne." Mathieu pensou: "Pois há, mas a porta está guardada por polícias", e Guiccioli respondeu: "Que novidade, mas puseram polícias a guardar a porta." Outro camarada sonhou, por sua vez, com voz neutra e sonolenta: "É como no padeiro: há pão, garanto-te, vi lá umas buchas, mas fizeram uma barricada à porta da loja." Mathieu continuou o sonho, mas sem falar; viu um tornedó e a boca encheu-se-lhe de saliva; Grimaud soergueu-se, apontou para as filas de persianas fechadas e perguntou: "o que se passa nesta aldeia? Ontem conversavam connosco, hoje escondem-se." As casas, na véspera, espreguiçavam-se como ostras, depois tinham-se tornado a fechar; lá dentro, homens e mulheres fingiam-se mortos, suavam na penumbra e odiavam-nos; Nippert disse: "Não é por termos sido vencidos que nos tornámos pestilentos." Ouviu-se o estômago de Charlot, Mathieu comentou: "o teu estômago está a cantar." E Charlot

respondeu: "não está a cantar, está a chorar." Uma bola de borracha caiu ao pé deles, Latex apanhou-a no ar, uma garota de cinco ou seis anos apareceu e olhou-os timidamente. "É tua?", perguntou Latex. "Vem. buscá-la". Toda a gente olhava para ela, Mathieu tinha vontade de lhe pegar ao colo; Latex tentava transformar a sua voz grossa numa voz suave: "Anda, vem!, vem!, vem ao meu colo." Ouviram-se sussurros por todo o lado: vem!, vem!, mas a menina não se mexia; "Vem, minha jóia, vem, vem, minha linda, vem!" - "Meu Deus", disse Latex, "agora até metemos medo aos garotos". Os camaradas riram-se, replicaram: "Tu é que lhes metes medo, com essa cara!" Mathieu ria, Latex repetia com uma voz cantante: "Vem, pequenina!" De repente, zangado, gritou: "Se não vieres, fico com ela." Elevou a bola acima da cabeça para lha mostrar, fingiu metê-la, no bolso, a menina gritou, todos se levantaram, todos começaram a gritar: "Dá-lha; patife, fazes chorar uma criança, não, não, mete-a no bolso, atira-a para o telhado." Mathieu, de pé, gesticulava, Guiccioli, com os olhos a brilhar de raiva, afastou-o, pôs-se em frente de Latex: "Dá-lha, santo Deus, não somos selvagens!" Mathieu bateu com o pé, encolerizado; Latex foi o primeiro a acalmar, baixou os olhos e disse: "Não se zanguem! Vamos dar-lha!" Atirou a bola desajeitadamente, ela bateu num muro, saltou, a menina apanhou-a e fugiu. Calma. Todos se tornaram a sentar, Mathieu, triste e apaziguado, pensava: "Não somos pestilentos." Nada mais: nada mais do que o pensamento de todos, Em certos momentos, ele era apenas um vadio ansioso, mas noutros transformava-se em toda a gente, a angústia passava, o pensamento de todos corria-lhe pela testa em gotas pesadas e rolava-lhe pela boca, não somos pestilentos. Latex estendeu as mãos e olhou-os tristemente: "Tenho seis, eu que daqui vos falo, o mais velho tem sete anos e nunca lhes bati."

Tinham-se tornado a sentar, pestilentos, esfomeados, amarfanhados sob o céu brilhante, ao pé destas grandes casas cegas que suavam ódio. Calavam-se: não podiam deixar de se calar, os vermes abjetos que sujavam este belo dia de Junho. Paciência! O exterminador virá, as ruas serão varridas a Flytox. Longin apontou para as persianas! "Esperam a chegada dos "boches" para se verem livres de nós." Nippert disse: "Com os "boches", podes crer que serão mais amáveis." E Guiccioli: "Claro! A serem ocupados, preferem que sejam os vencedores a fazê-lo. É mais divertido e melhor para o comércio. Nós somos os portadores da desgraça." - "Seis filhos",

lamentou-se Latex, "o mais velho tem sete anos. Nunca lhes meti medo." E Grimaud concluiu: "Somos detestados."

Um ruído de passos fez levantar todas as cabeças, mas baixaram-se logo e o major Prat atravessou a rua por entre crânios. Ninguém o cumprimentou; parou em frente da casa do médico, as cabeças tornaram a levantar-se e os olhos fixaram-se nos ombros acolchoados, enquanto ele levantava a aldraba de ferro e batia três vezes. A porta entreabriu-se e o major esgueirou-se pela abertura estreita; das cinco e quarenta e cinco até às cinco e cinquenta e seis, um a um, todos os oficiais do estado-maior passaram, direitos mas envergonhados, entre os soldados silenciosos; as cabeças baixavam-se à sua passagem e, logo a seguir, levantavam-se. Payen disse: "Há festa em casa do general." Charlot voltou-se para Mathieu e perguntou: "Que estarão eles a tramar?" Mathieu respondeu: "Fique calado." Charlot olhou para ele e calou-se. Depois da passagem dos oficiais, os homens ficaram mais cabisbaixos, mais desanimados, mais macambúzios; Pierné olhava para Mathieu com uma surpresa inquieta: era a sua própria palidez que o surpreendia no rosto do outro.

Ouviu-se cantar, Mathieu sobressaltou-se, o canto aproximou-se:

*Enquanto houver merda no penico,
O quarto cheirá mal.*

Cerca de trinta rapazes apareceram à esquina da rua, bêbedos, sem fuzil, nem capote, nem capacete; avançavam com grandes passadas, cantavam com um ar excitado e alegre; tinham os rostos vermelhos de sol e de vinho. Quando viram esta larva cinzenta que se mexia lentamente rente ao chão e apontava para eles as cabeças múltiplas, pararam e deixaram de cantar. Um barbudo enorme deu um passo em frente; estava nu até à cintura, preto, com músculos salientes e fio de ouro ao pescoço. Perguntou:

— Será que estão mortos?

Ninguém respondeu; voltou a cabeça e cuspiu; tinha dificuldade em se manter de pé.

Charlot olhou para eles com ar de míope, piscando os olhos. Perguntou:

— Não são daqui?

— E isto, é daqui? - perguntou o barbudo batendo no sexo. - Santo Deus, não, não somos daqui, e ainda bem.

— Onde vêm?

Fez um gesto vago:

— Lá de cima.

— Houve bronca lá em cima?

— Merda, não! Não houve bronca, só o nosso capitão é que se retirou quando começou a cheirar mal, e nós fizemos o mesmo, mas não no mesmo sitio, para não nos encontrarmos com ele.

Atrás do barbudo, os camaradas riram-se e dois grandes rapagões puseram-se a cantar em desafio:

*Arrasta os colhões pelo chão,
Pega na pica com a mão, camarada.
Vamos partir para a guerra,
Vamos à caça às putas.*

Todas as cabeças se voltaram para a janela do general; Charlot agitou a mão com um ar assustado:

— Calem-se.

Os cantores calaram-se; estavam ali, de boca aberta, cambaleantes; de repente, pareceram cansados.

— Estão ali os oficiais - explicou Charlot apontando para a casa.

— Estou-me cagando para os vossos oficiais - disse o barbudo, com voz forte.

O fio de ouro brilhava ao sol; baixou os olhos para os que estavam sentados na calçada e acrescentou:

— E se eles vos chateiam, não têm mais do que vir connosco, assim já não vos chateiam mais.

— Venham connosco! - gritavam os outros atrás dele. - Connosco! Connosco! Connosco!

Fez-se um silêncio. O olhar do barbudo parara em Mathieu, que desviou os olhos.

— Então? Quem é que vem? Um, dois, três.

Ninguém se mexeu. O barbudo concluiu com desprezo:

— Não são homens, são uns veados. Venham rapazes, não quero apodrecer aqui: eles fazem-me vômitos.

Puseram-se em marcha; os homens afastavam-se para os deixarem passar. Mathieu pôs os pés debaixo do banco.

Arrasta os colhões pelo chão...

Todos olhavam para a janela do general; havia rostos colados aos vidros, mas os oficiais não se mostraram.

Vamos partir para a guerra...

Desapareceram: ninguém disse uma palavra. As vozes acabaram por deixar de se ouvir. Só então Mathieu respirou.

— Antes de mais - disse Nippert sem olhar para os camaradas -, não está provado que não partimos.

— Está - replicou Longin. - Está provado.

— Que é que está provado?

— Está provado que não partimos.

— Porquê?

— Não há gasolina.

— Para os oficiais há sempre - esclareceu Guiccioli. - Os depósitos estão cheios.

— Só os nossos caminhões é que não têm gasolina.

Guiccioli deu uma risada seca:

— Naturalmente.

— Digo-vos que fomos traídos! - gritou Longin enchendo a sua voz fraca. - Traídos, abandonados aos alemães. Traídos!

— Deixa-nos - disse Ménard aborrecido.

— Não chateie. - repetiu Mathieu - Não chateie!

— E depois, bolas! - acrescentou um telefonista. - Não estejam sempre a falar da partida, quando for se verá. Acaba por ser uma grande chatice.

Mathieu imaginava-os marchando e cantando pela estrada, apanhando flores, talvez. Tinha vergonha, mas era uma vergonha comum a todos. Não era, completamente desagradável.

— Veados - protestou Latex. - Chamou-nos de veados, aquele safado. Eu que sou pai de família. E viste o fio que trazia ao pescoço? Devia estar

calado!

— Ouçam! - exclamou Charlot. - Ouçam!

Ouviu-se um roncar de avião, uma voz cansada murmurou:

— Abriguem-se, rapazes. Lá vêm eles.

— É a décima vez desde esta manhã - comentou Nippert.

— Contaste-as? Eu já nem os conto.

Levantaram-se sem pressa, encostaram-se à porta, entraram pelos corredores. Um avião rasou os tetos, o barulho diminuiu, tornaram a sair examinando o céu e tornaram a sentar-se.

— Era um avião de caça - disse Mathieu.

— Pet! Pet! - fez Lubéron.

Ouviu-se ao longe o estalido seco de uma metralhadora.

— Artilharia antiaérea?

— Artilharia antiaérea uma ova! É o avião que dispara!

Olharam uns para os outros.

— Não estamos em tempo de andar a passear pela estrada - comentou Grimaud.

Eles não responderam, mas os seus olhos brilharam e ostentavam um sorriso ao canto da boca. Um instante depois Longin disse simplesmente:

— Não devem ter ido muito longe.

Guiccioli levantou-se, meteu as mãos nos bolsos e dobrou três vezes os joelhos, para se distender; ergueu para o céu uma expressão vazia com uma ruga à volta da boca.

— Aonde vais?

— Dar uma volta por aí.

— Onde?

— Por ali. Vou ver o que lhes aconteceu.

— Toma cuidado com os macaronis!

— Não tenhas medo.

Afastou-se vagorosamente. Todos tinham vontade de o acompanhar, mas Mathieu não ousou levantar-se; fez-se um longo silêncio; os rostos haviam retomado cor e voltaram-se uns para os outros com animação.

— Seria bom que pudéssemos dar um passeiozinho pela estrada como em tempo de paz.

— Que pensavam aqueles tipos? Que podiam andar por aí à vontade? Há tipos que confiam demais.

— Se fosse possível, nós não teríamos esperado por eles para o fazermos.

Calaram-se, nervosos e tensos; esperavam; um tipo magro, cujas mãos tremiam, estava encostado à grade de ferro da mercearia. Ao fim, de uns minutos Guiccioli voltou com o mesmo passo desengonçado.

— Então? - gritou Mathieu.

Guiccioli encolheu os ombros: os camaradas tinham-se erguido sobre os cotovelos e olhavam para ele com olhos brilhantes.

— Liquidados - disse ele.

— Todos?

— Como queres que saiba? Não os contei.

— Onde estavam? Na estrada?

— Merda! Se são tão curiosos, vão lá vocês.

Sentou-se; um fio de ouro brilhava-lhe ao pescoço: pegou-lhe, revirou-o entre os dedos, depois largou-o bruscamente. Disse, com desgosto:

— Preveni os maqueiros.

“Pobres homens!” O fio de ouro brilhava, fascinava. Alguém seria, capaz de dizer "pobres tipos"? Andava de boca em boca; alguém cometeria a hipocrisia de dizer: pobres tipos? Seria mesmo uma hipocrisia? O fio de ouro brilhava no pescoço moreno; a crueza, o horror, a piedade, o rancor, rondavam por ali, era atroz e confortável; nós somos o sonho de um imenso verme, e nosso pensamento torna-se espesso, torna-se cada vez menos humano; pensamentos peludos, cheios de patas, correm por todo o lado, saltam de uma cabeça para a outra: o verme vai acordar.

— Delarue! Meu Deus, tu és surdo?

Delarue voltou-se bruscamente; Pinette sorria-lhe de longe: está a ver Delarue.

— Que é?

— Vem!

Tremeu, subitamente, só é um homem. Fez um gesto para afastar Pinette, mas o grupo reconstituiu-se à sua volta; os olhos de verme exilavam-no, olhavam-no com uma gravidade espantada como se nunca o tivessem visto, como se o vissem através das profundezas da lama. Não valia mais do que eles, não tinha o direito de os trair.

— Então? Vem.

Delarue levantou-se, o indescritível Delarue, o escrupuloso Delarue, o professor Delarue foi, a passos lentos, juntar-se a Pinette. Atrás dele o pântano, o animal de duzentas patas. Atrás dele, duzentos olhos: sentia medo pelas costas. E novamente a angústia. Começou prudentemente, como uma carícia, depois instalou-se, modesta e familiar, no vazio do estômago. Não era nada: simples mente o vazio. Vazio dentro de si e à sua volta. Passeava em gás rarefeito. O bravo soldado Delarue tirou o capacete, o bravo soldado Delarue passou a mão pelo cabelo, o bravo soldado Delarue voltou para Pinette um sorriso cansado:

— Que tens, idiota? - perguntou Delarue.

— Divertes-te com eles?

— Não.

— Então porque ficas?

— Somos parecidos - disse Mathieu.

— Parecidos, quem?

— Eles e nós.

— E então?

— Então, é melhor estarmos juntos.

Os olhos de Pinette lançaram chames:

— Não sou como eles! - gritou ele, deitando a cabeça para trás.

Mathieu calou-se. Pinette disse:

— Vem comigo.

— Aonde?

— Ao correio.

— Ao correio? Há aqui algum correio?

— Há uma agência na aldeia.

— E que é que vais fazer ao correio?

— Não te interessa.

— Deve estar fechado.

— Para mim estará aberto - disse Pinette.

Deu o braço a Mathieu e arrastou-o.

— Arranjei uma namorada - acrescentou.

Os olhos brilhavam-lhe com uma alegria febril, sorria com ar superior:

— Quero apresentar-te.

— Para quê?

Pinette olhou-o severamente:

— És um amigo, ou não?

— Claro que sou - concordou Mathieu. Perguntou:

— É a funcionária do correio, a tua namorada?

— É a menina dos correios, é.

— Pensei que não te querias meter em histórias de mulheres.

Pinette teve um riso forçado:

— Já que não combatemos, temos de fazer passar o tempo.

Mathieu voltou-se para ele e achou-lhe um ar presunçoso.

— Não pareces o mesmo, rapaz. É o amor que te transforma?

— Ora - disse Pinette -, ora! Podia ter sido pior. Tem umas boas mamas: bestiais. E é instruída: em Geografia ou em Cálculo, não a batias.

— E a tua mulher? - perguntou Mathieu.

Pinette mudou de expressão:

— Que se lixe! - exclamou bruscamente.

Tinham chegado a uma casinha de um andar; as persianas estavam cerradas e haviam corrido o trinco da porta. Pinette bateu três vezes:

— Sou eu - gritou.

Voltou-se para Mathieu, sorrindo:

— Tem medo de que a violem.

Mathieu ouviu o barulho de uma chave:

— Entrem depressa - disse uma voz de mulher.

Mergulharam num odor de tinta, de cola e de papel. Uma banca comprida encimada por uma grade dividia o compartimento em dois. Ao fundo, Mathieu viu uma porta aberta. A mulher recuou até esta porta e fechou-a; ouviram-na correr o fecho. Ficaram alguns instantes no estreito corredor reservado ao público, depois a empregada apareceu atrás do seu guichê, abrigada. Pinette debruçou-se e apoiou a testa contra a grade.

— Está de penitência? Não é simpático da sua parte.

— Ah! - explicou ela -, é preciso ter juízo.

Tinha uma bela voz, quente e sombria. Mathieu viu-lhe brilhar os olhos negros.

— Então - disse Pinette -, tem medo de nós!

Ela riu:

— Nem medo, nem confiança

— Por causa do meu amigo? Mas, justamente, ele devia inspirar-lhe confiança, pois é funcionário como você. Com ele você está em família,

pode sossegar.

Falava num tom elegante e sorria cortesmente.

— Vamos - pediu -, passe ao menos um dedo pela grade. Só um dedo.

Ela passou um dedo magro através da grade e Pinette deu-lhe um beijo na unha.

— Pare - ralhou ela - ou tiro o dedo.

— Não seria simpático - protestou ele. - o meu amigo tem de a cumprimentar.

Voltou-se para Mathieu:

— Permite-me que te apresente a senhorita-que-não-quer-dizer-o-nome. É uma francesinha corajosa: podia ter sido evacuada, mas não quis deixar o seu lugar, pois podia ser necessária.

Ela sacudia os ombros e sorria: não parava de sorrir. A sua voz era lenta e cantante, com um leve sotaque inglês.

— Bom dia, senhorita - cumprimentou Mathieu.

Ela agitou o dedo através da grade e ele apertou-o entre os seus.

— É funcionário? - perguntou ela.

— Sou professor.

— E eu empregada dos correios.

— Bem vejo.

Mathieu tinha calor e aborrecia-se; pensava nos rostos cinzentos e neutros que deixara para trás.

— É esta senhorita - explicou Pinette - quem tem a responsabilidade de todas as cartas de amor da aldeia.

— Oh! Sabe - replicou ela com um ar modesto -, as cartas de amor, aqui...

— Pois eu - insistiu Pinette -, se vivesse neste lugarejo, enviaria cartas de amor a todas as mulheres, só para que passassem pelas suas mãos. Você seria assim a empregada do amor.

Ele ria com uma certa excitação:

— A empregada do amor! A empregada do amor!

— Era bom, era - concordou ela. - Redobraria o meu serviço.

Fez-se um longo silêncio. Pinette conservava o seu sorriso desajeitado, mas tinha um ar tenso e examinava tudo com o olhar. Uma caneta estava atada à grade por um fio; Pinette pegou nela, mergulhou-a na tinta e escreveu algumas palavras num impresso de cheque-postal.

— Tome - disse ele estendendo-lhe o impresso.

— Que é? - perguntou ela sem lhe pegar.

— Pegue! Cumpra o seu dever de empregada dos correios.

Ela acabou por lhe pegar e leu:

Pague mil beijos à Senhora Sem-Nome... Ah! - protestou meio a sério, meio a brincar - Agora inutilizou-me um cheque postal!

Mathieu estava farto.

— Pois bem - disse ele - vou indo.

Pinette parecia desconcertado.

— Não ficas?

— Tenho de voltar lá para baixo.

— Vou contigo - resolveu Pinette precipitadamente. - Sim, Sim! Vou contigo.

Voltou-se para a empregada:

— Volto daqui a cinco minutos: torna a abrir-me a porta?

— Oh! Como ele é aborrecido - queixou-se ela. - Sempre a entrar e a sair. Decida-se de uma vez!

— Bem, então fico. Mas lembre-se: pediu-me que ficasse.

— Não pedi absolutamente nada.

— Pediu-me.

— Não!

— Oh! Merda! - praguejou Mathieu entre dentes

Voltou-se para a mulher:

— Adeus, senhorita.

— Adeus - respondeu ela friamente.

Mathieu saiu e foi andando, com a cabeça vazia. A noite caía; os soldados estavam sentados, tal como os deixara. Passou pelo meio deles e logo vozes se elevaram do chão:

— Novidades?

— Não há novidades - respondeu Mathieu.

Foi para o seu banco e sentou-se entre Charlot e Pierné. Perguntou:

— Os oficiais ainda estão em casa do general?

— Ainda.

Mathieu bocejou; olhava tristemente para os camaradas encobertos na sombra; murmurou: "Nós." Mas já não tinha sentido, estava só. Atirou a cabeça para trás e olhou para as primeiras estrelas. O céu estava sereno

como uma mulher; todo o amor da terra subira ao céu. Mathieu piscou os olhos:

— Uma estrela cadente, camaradas. Façam um voto.

Lubéron peidou-se:

— Aqui está o meu voto.

Mathieu bocejou outra vez.

— Bem - disse ele -, muito bem, vou deitar-me. Tu vens Charlot?

— Estou a pensar: se partimos esta noite, prefiro estar pronto.

Mathieu riu grosseiramente:

— És mesmo parvo! - exclamou.

— Bom, bom! - replicou Charlot precipitadamente. -, Vou contigo.

Mathieu entrou no celeiro e deitou-se, todo vestido, no feno. Morria de sono, tinha sempre sono quando se sentia infeliz. Uma bola vermelha começou a rolar, rostos de mulheres debruçavam-se de uma varanda e começaram também a rolar. Mathieu sonhou que estava no céu; debruçava-se e via a terra. A terra era verde com uma barriga branca, dava saltinhos. Mathieu pensou: "Tenho de evitar que me toque." Mas ela levantou cinco enormes dedos e apanhou Mathieu pelos ombros.

— Levanta-te! Depressa!

— Que horas são? - perguntou Mathieu.

Sentiu um hálito quente sobre a cara.

— Dez e vinte - disse a voz de Guiccioli.

Levanta-te sem barulho, vai até à porta e olha sem te verem.

Mathieu sentou-se e bocejou.

— Que há?

— Os carros dos oficiais estão à espera na estrada a cem metros daqui.

— E então?

— Faz o que te digo, vai ver.

Guiccioli desapareceu; Mathieu esfregou os olhos. Chamou baixinho:

— Charlot! Charlot! Longin! Longin!

Nenhuma resposta. Levantou-se e foi, titubeando de sono, até à porta, que estava escancarada. Um homem escondia-se na sombra.

— Quem está aí?

— Sou eu - respondeu Pinette.

— Pensei que estavas a fazer amor.

— Ela está com manias; não conseguirei nada antes de amanhã. Meu Deus - suspirou -, dói-me a boca de tanto sorrir.

— Onde está Pierné?

Pinette apontou para um alpendre sombrio, do outro lado da rua.

— Ali, com Longin e Charlot.

— Que estamos aqui a fazer?

— Não sei.

Esperaram em silêncio. A noite estava fria e clara, havia luar. Em frente deles, debaixo do alpendre, um feixe de sombras remexia vagamente. Mathieu voltou a cabeça para a casa do médico: a janela do general estava fechada, mas via-se uma luz pálida por debaixo da porta. Eu estou aqui. O tempo desabou, com o seu grande futuro espantinho. Ficou apenas uma vacilante permanência local. Já não havia Paz nem Guerra, França nem Alemanha: apenas esta luz sob uma porta que talvez se fosse abrir. Abrir-se-ia? Nada mais contava, Mathieu não tinha mais do que este futuro minúsculo. Abrir-se-ia? Uma alegria aventureira iluminou o seu coração magoado. Abrir-se-ia? Era importante: parecia-lhe que a porta, ao abrir-se, lhe traria uma resposta para todas as perguntas que lhe havia feito durante a vida. Mathieu sentiu que um arrepio de alegria lhe ia subir das entranhas; teve vergonha, disse aplicadamente, "Perdemos a guerra." Por agora, o Tempo foi-lhe restituído, a pequena pérola do futuro diluiu-se num futuro imenso e sinistro. O passado, o futuro a perder de vista, desde os faraós até aos estados unidos da Europa. A alegria desapareceu, a luz debaixo da porta apagou-se, a porta rangeu, abriu-se lentamente, abriu-se para as trevas; a sombra debaixo do alpendre palpitou, na rua ouviram-se estalidos como numa floresta, depois recaiu no silêncio. Demasiado tarde: não há aventura.

Ao fim de um instante desenharam-se silhuetas no portão; um após outro, os oficiais desceram os degraus; os primeiros pararam no meio da calçada à espera dos outros, e o aspecto da rua mudou: 1912, uma guarnição debaixo de neve, era tarde, a festa noturna em casa do general tinha acabado; belos como imagens, os tentes Sautin e Cadine davam-se o braço; o major Prat pousara a mão no ombro do capitão Mauron, curvavam-se, sorriam, faziam pose para a Lua, mais uma, a última, o grupo todo, acabou, o maior deu meia volta, olhou para o céu e levantou dois dedos, como para abençoar a aldeia. O general também saiu, um coronel

fechou docemente a porta atrás dele: o estado-maior divisionário estava completo, uma vintena de oficiais, numa noite de neve, de céu puro, dançara até à meia-noite, a mais bela recordação da guarnição. O grupo pôs-se em marcha prudentemente. No primeiro andar tinha-se aberto uma janela sem ruído; uma silhueta branca debruçara-se e via-os partir.

— Não me digas! - murmurou Pinette.

Andavam tranquilamente, com uma serena solenidade; nos seus rostos de estátua, brilhando sob a lua, havia tanta solidão e tanto silêncio que era um sacrilégio olhar para eles; Mathieu sentia-se culpado e purificado.

— Não me digas! Não me digas!

O capitão Mauron hesitou. Teria ouvido? O seu corpo grande, gracioso e arqueado oscilou ligeiramente e voltou-se para o celeiro; Mathieu viu-lhe brilhar os olhos. Pinette rosnou e fez um movimento para sair, mas Mathieu agarrou-o fortemente pelo pulso, Durante um momento o capitão ainda escutou as trevas, depois virou-se e bocejou com indiferença, tapando a boca com os dedos enluvados. O general passou, Mathieu nunca o vira tão de perto. Era um homem forte e imponente, moreno, que se apoiava no braço do coronel. As ordenanças acompanhavam-nos levando as bagagens, uns tantos lugar-tenentes, cochichando e rindo, fechavam o grupo.

— Oficiais! - disse Pinette quase em voz alta.

"Ou, antes deuses", pensou Mathieu. Deuses que partem para o Olimpo depois de uma curta passagem pela Terra. O cortejo olímpico perdeu-se na noite; uma lâmpada elétrica descreveu uma curva pela estrada e depois apagou-se. Pinette voltou-se para Mathieu; a lua iluminava o seu belo rosto desesperado.

— Oficiais!

— É!

Os lábios de Pinette começaram a tremer; Mathieu teve medo de que ele comesse a soluçar.

— Vamos! Vamos! - encorajou Mathieu. - Vamos, idiota, anima-te.

— É preciso ver para crer - insistiu Pinette. - o mundo está virado do avesso.

Agarrou na mão de Mathieu e apertou-a, como se conservasse uma última esperança:

— Talvez os motoristas se recusem a partir?

Mathieu encolheu os ombros: os motores já estavam a trabalhar, ouvia-se um agradável canto de cigarras, muito ao longe, no fundo da noite. Instantes depois, os automóveis partiram e o barulho dos motores desapareceu. Pinette cruzou os braços:

— Oficiais! Desta vez começo a acreditar que a França está perdida.

Mathieu voltou-se: as sombras distinguiam-se das muralhas como carros, soldados saíam silenciosamente das ruelas, das portas traseiras, dos celeiros. Verdadeiros soldados, de segunda classe, mal vestidos, mal arranjados, que se esgueiravam contra a obscura brancura das fachadas; num instante a rua encheu-se. Traziam expressões tão tristes que Mathieu sentiu que o coração lhe doía.

— Vem - disse ele a Pinette.

— Aonde?

— Lá para fora com os camaradas.

— Oh! , merda! - exclamou Pinette -, vou-me deitar: não estou com disposição para conversar.

Mathieu hesitou: tinha sono e sentia enormes pontadas na cabeça; gostaria de dormir e não pensar em mais nada. Mas eles estavam tristes e, ao vê-los passar iluminados pela lua, sentia-se um deles.

— A mim apetece-me conversar - insistiu. - Boa noite.

Atravessou a rua e meteu-se na multidão. A luz esbranquiçada da rua iluminava os rostos petrificados; ninguém falava. De repente, ouviram distintamente o barulho dos motores.

— Estão a voltar! - gritou Charlot. - Estão a voltar!

— Não estão nada, imbecil! Meteram-se pela estrada departamental.

Apesar disso, puseram-se à escuta, com uma vaga esperança. O barulho diminuiu e desapareceu. Latex suspirou:

— Acabou-se.

— Enfim, sós! - disse Grimaud.

Ninguém se riu. Alguém perguntou com voz baixa e ansiosa:

— Que vai ser de nós?

Não houve resposta; os tipos estavam-se pouco ligando para o que pudesse acontecer; tinham outra preocupação, um pesar obscuro que não conseguiam exprimir. Lubéron bocejou; filou após um longo silêncio:

— Não serve de nada estarmos de vigília. Para a cama, rapazes, para a cama!

Charlot fez um gesto largo, de desencorajamento:

— Bom - concluiu -, vou-me deitar: mas é um ato de desespero.

Olhavam-se com inquietação: não tinham vontade alguma de se separarem, razão alguma para ficarem juntos. De repente, uma voz amarga elevou-se no meio deles:

— Nunca gostaram de nós.

Falava para todos, todos se puseram a falar:

— Não! Não, não! Isso é verdade, tens razão, dizes bem. Nunca gostaram de nós, nunca, nunca, nunca! O inimigo, para eles, não eram os "boches", éramos nós; fizemos a guerra juntos e agora abandonam-nos.

Agora Mathieu repetia com os outros:

— Nunca gostaram de nós! Nunca!

— Quando os vi passar - acrescentou Charlot -, fiquei tão desiludido que quase caí morto.

Um murmúrio inquieto cobriu-lhe a voz: já não era aquilo que convinha dizer. Agora era preciso rebentar o abcesso, não podiam parar, era preciso dizer: ninguém gosta de nós. Ninguém gosta de nós: os civis acusam-nos de não termos sabido defendê-los, as nossas mulheres não se orgulham de nós, os nossos oficiais abandonam-nos, os aldeões desprezam-nos e os "boches" avançam pela calada da noite. Melhor ainda: somos os bodes expiatórios, os vencidos, os covardes, os vermes, a escória; perdemos a guerra, somos horríveis, somos culpados e ninguém, ninguém, ninguém no mundo gosta de nós. Mathieu não ousou, mas Latex explicou atrás dele, num tom objetivo:

— Somos parasitas.

Ouviram-se vozes por todo o lado; repentinamente, sem piedade:

— Parasitas!

As vozes calaram-se. Mathieu olhava para Longin, sem razão especial, por nada, porque eleva-o também. Charlot e Latex estava na sua frente, e Longin olha olhavam-se; todos olhavam uns para os outros, todos tinham ar de quem espera como se houvesse mais alguma coisa a dizer. Não havia mais nada, mas, de repente, Longin sorriu para Mathieu e Mathieu correspondeu; Charlot sorriu, Latex sorriu; a lua fez eclodir flores pálidas em todas as bocas.

Segunda-Feira, 17 de Junho

— Vem - disse Pinette. - Anda, vem!

— Não.

— Anda, vem! Vem comigo.

Olhava para Mathieu com um ar suplicante e sedutor.

— Não aporrinhe o homem - disse Mathieu.

Estavam os dois debaixo das árvores, no meio da praça, a igreja em frente, a Câmara à direita. Em frente da Câmara, sentado no primeiro degrau da entrada, Charlot sonhava. Tinha um livro sobre os joelhos. Soldados passavam vagarosamente, sozinhos ou em grupos pequenos: não sabiam o que fazer da sua liberdade. Mathieu sentia a cabeça pesada e dolorosa como se tivesse bebido.

— Pareces de mau humor - disse Pinette.

— Estou mesmo de mau humor - confirmou Mathieu.

Dera-se a inesgotável embriaguez da amizade: flamejavam ao luar e valia a pena viver. Depois as tochas tinham-se apagado; haviam ido deitar-se porque já nada podiam fazer e porque ainda não possuíam o hábito de amar. Agora, era o dia seguinte de uma festa, sentiam vontade de se matar.

— Que horas são? - perguntou Pinette.

— Cinco e dez.

— Merda! Já estou atrasado.

— Pois bem apressa-te.

— Não quero ir sozinho.

— Tens medo de que ela te coma?

— Não é isso - retorquiu Pinette. - Não é isso...

Nippert passou perto deles sem os ver, com os olhos baixos, recolhido.

— Leva Nippert - lembrou Mathieu.

— Nippert? Estás doido?

Seguiram Nippert com os olhos, intrigados pelo ar cego e pelo passo dançante.

— Queres apostar que vai entrar na igreja? - perguntou pinette.

Esperou um momento, depois bateu na coxa:

— Vai entrar, vai entrar! Ganhei.

Nippert tinha desaparecido; Pinette voltou-se para Mathieu e examinou-o com um ar perplexo:

— Parece-me que há mais de cinquenta lá dentro, desde esta manhã. De vez em quando há um que sai para mijar e torna logo a entrar. Que pensas que estão a fazer?

Mathieu não respondeu. Pinette coçou a cabeça.

— Apetece-me ir dar uma espreitadela.

— Já estás atrasado para o teu encontro - lembrou Mathieu.

— Merda para o encontro - replicou Pinette.

Afastou-se descontraidamente; Mathieu aproximou-se de um castanheiro. Tudo o que restava do estado-maior divisionário era um pacote deixado na estrada; havia um em todas as aldeias; os alemães apanhá-los iam ao passarem. "Porque esperam, meu Deus? Que se despachem!" A derrota tornara-se quotidiana: era o sol, as árvores, o ar do tempo e esta vontade dissimulada de estar morto; mas, tinha-lhe ficado da véspera, no fundo da boca, um gosto de fraternidade. O vago mestre aproximava-se enquadrado pelos dois cozinheiros; Mathieu olhou para eles: na noite, ao luar, estas bocas haviam-lhe sorrido. Mais nada; as suas expressões fechadas anunciavam que é preciso desconfiar do luar e dos êxtases da meia-noite: cada um por si e Deus por todos, não estamos neste mundo para nos divertimos. Também eles estavam no dia seguinte a uma festa. Mathieu tirou um canivete do bolso e começou a talhar a casca do castanheiro. Tinha vontade de gravar o seu nome algures no mundo.

— Estás a escrever o teu nome?

— Estou.

— Ah! Ah!

Riram-se e passaram. Outros soldados os seguiam de perto: tipos que Mathieu nunca vira. Mal barbeados, com olhos brilhantes e aspecto estranho; havia um coxo. Atravessaram a praça para se irem sentar no passeio, em frente da padaria fechada. Depois, vieram outros e outros ainda, que Mathieu também não conhecia, sem fuzis nem polainas, com rostos cinzentos e lama seca agarrada aos sapatos. Esses podiam ter gostado deles. Mas Pinette, juntando-se a Mathieu, lançou-lhes um olhar hostil.

— Então? - perguntou Mathieu.

— A igreja está cheia. - Acrescentou com um ar desiludido: - estão a cantar.

Mathieu fechou o canivete; Pinette perguntou:

— Sempre escreves o teu nome?

— Gostaria - disse Mathieu metendo o canivete no bolso. - Mas leva muito tempo.

Um grande rapagão, parou perto deles; tinha uma expressão cansada e balofa como bruma por cima do colarinho desapertado.

— Salve, rapazes - cumprimentou ele sem sorrir.

Pinette encarou-o.

— Salve - respondeu Mathieu.

— Há oficiais por aqui?

Pinette pôs-se a rir.

— Estás a ouvir? - Perguntou a Mathieu. Voltou-se para o tipo e acrescentou: - Não, meu velho, não. Não há oficiais: estamos numa república.

— Estou a ver - disse o tipo.

— De que divisão és?

— Da quarenta e dois.

— A quarenta e dois? - resmungou Pinette. - Nunca ouvi falar. Onde estão?

— Épinal.

— Então o que fazem aqui?

O soldado encolheu os ombros; Pinette perguntou, subitamente inquieto:

— Vem para aqui, a vossa divisão? Com os oficiais e a malta toda?

O soldado riu-se por sua vez e apontou para quatro tipos sentados no passeio.

— Ali está ela, a divisão - disse ele.

Os olhos de Pinette brilharam:

— É difícil aquilo lá por Épinal?

— Era. Agora deve estar calmo.

Deu meia volta e foi juntar-se aos companheiros. Pinette seguia-o com os olhos.

— A quarenta e dois, estás a ver! Tu sabes o que é a quarenta e dois? Nunca tinha ouvido falar em tal.

— Não era razão para o gozares - ralhou Mathieu.

Pinette encolheu os ombros.

— Estão sempre a chegar tipos, que nem se sabe de onde vêm - disse ele com desprezo. - Já não estás em tua casa.

Mathieu não respondeu: olhava para as marcas deixadas no tronco do castanheiro.

— Vamos! - convidou Pinette. - Vem! Vamos para o campo, os três; não haverá ninguém. Estaremos bem.

— Para que queres tu que eu vá contigo e com a mulher? Para fazerem o que têm a fazer não precisam de mim.

— Não pode ser assim de repente - explicou Pinette lamentando-se. - É preciso conversar primeiro.

Interrompeu-se bruscamente:

— Olha-me só para isto! Olha só: mais um forasteiro.

Um soldado vinha em direção a eles, baixo e atarracado, muito empertigado. Uma faixa suja de sangue tapava-lhe o olho direito.

— Estamos, talvez no meio de uma grande batalha - exclamou Pinette com uma vibrante de esperança - Talvez a coisa funcione agora!

Mathieu não respondeu. Pinette chamou o sujeito da faixa:

— Escute!

O sujeito parou e olhou-o com seu olho único.

— Houve barulho lá adiante?

O sujeito olhava sem responder. Pinette virou-se para Mathieu:

— Não se arranca nada deles.

Recomeçou a andar. Ao fim de alguns metros parou, encostou-se a um castanheiro e deixou-se escorregar até ao chão. Agora estava sentado, com os joelhos no queixo.

— Isto está mau - disse Pinette.

— Vem! - exclamou Mathieu.

Aproximaram-se.

— Há alguma coisa, camarada? - perguntou Pinette.

O soldado não respondeu.

— Então? Há alguma coisa?

— Nós ajudamos-te. - disse Mathieu ao soldado.

Pinette debruçou-se para o segurar por baixo dos braços e levantou-se logo.

— Não vale a pena.

O homem continuava sentado, de olhos arregalados, de boca aberta. Tinha um ar calmo e sorridente.

— Não vale a pena?

— Não! Olha para ele.

Mathieu baixou-se e encostou a cabeça ao peito do soldado.

— Tens razão - concordou.

— Pois bem - continuou Pinette -, temos de lhe fechar os olhos.

Fê-lo com a ponta dos dedos, aplicado, a cabeça metida nos ombros, o lábio inferior saliente. Mathieu olhava para ele e não para o morto: o morto já não contava.

— Dir-se-ia que nunca fizeste outra coisa na vida - obeservou.

— Oh! - replicou Pinette -, lá ver mortos, já eu vi. Mas, desde que estamos em guerra, é o primeiro.

O morto, de olhos fechados, sorria para os seus pensamentos. Parecia fácil morrer. Fácil e quase alegre. "Mas então, para quê viver?" Tudo começou a rodar no céu. Os vivos, os mortos, a igreja as árvores. Mathieu sobressaltou-se. Uma mão pousara-lhe no ombro. Era o rapagão de rosto sombrio, que olhava para o morto com os olhos deslavados.

— Que tem ele?

— Está morto.

— O Gérin - explicou.

— Ei!, rapazes! Venham depressa!

Os quatro soldados levantaram-se e puseram-se a correr.

— Gérin morreu!, - gritou ele.

— Merda!

Rodeavam o morto e olhavam para ele desconfiados.

— É curioso que não tenha caído.

— Às vezes acontece. Há quem fique de pé.

— Tens a certeza de que está morto?

— Eles é que disseram.

Debruçaram-se todos ao mesmo tempo sobre o morto. Um pegava-lhe no pulso, outro ouvia-lhe o coração, o terceiro tirou um espelho do bolso e encostou-lhe à boca, como nos romances policiais. Endireitaram-se, satisfeitos:

Esse cretino! - comentou o tipo alto, meneando a cabeça.

Os quatro abanaram também a cabeça e repetiram em coro:

— Cretino!

Um pequeno e gordo voltou-se para Mathieu:

— Andou vinte quilômetros. Se tivesse ficado quieto ainda estaria vivo.

— Não queria ser apanhado pelos "boches" - disse Mathieu em jeito de desculpa.

— E depois? Têm ambulâncias, os "boches". Eu falei com ele na estrada. Sangrava como um porco, mas não se lhe podia dizer nada. Só fazia o que tinha na cabeça. Queria voltar para a terra.

— Onde é a terra dele? - perguntou Pinette.

— É de Cahors. Era padeiro em Cahors.

Pinette encolheu os ombros.

— De qualquer modo, não era este o caminho.

— Não.

Calaram-se e olharam para o morto, embaraçados.

— O que fazemos dele? Levamo-lo?

— É o que temos a fazer.

Pegaram-lhe pelos braços e pelos joelhos. Ele sorria ainda, mas parecia cada vez mais morto.

— Vamos ajudar.

— Não vale a pena.

— Sim! Sim! - exclamou Pinette vivamente. - Não temos nada que fazer, é uma distração.

O soldado alto olhou para ele com firmeza.

— Não - insistiu. - Isto é connosco. Ele pertencia-nos, nós é que o devemos enterrar.

— Onde é que o vão pôr?

Com a cabeça, o gordo apontou para o norte:

— Além.

Começaram a andar, levando o cadáver: pareciam tão mortos como ele.

— Talvez ele fosse religioso - alvitrou Pinette.

Olharam para ele, admirados. Pinette apontou para a igreja:

— Há lá muitos padres.

O alto levantou a mão, num gesto nobre e arisco:

— Não. Não, não. Isto fica entre nós.

Deu meia volta e foi atrás dos outros. Atravessaram a praça e desapareceram.

— Que tinha o tipo? - gritou Charlot.

Mathieu, voltou-se: Charlot levantara a cabeça e pousara o livro ao lado dele, no degrau.

— Estava morto.

— Não me digas - disse Charlot -, não me lembrei de olhar; só o vi quando o levaram. Não é daqui, espero?

— Não.

— Ah! Melhor - concluiu.

Aproximaram-se. Pelas janelas da Câmara saíam cantos e gritos desumanos.

— Que se passa lá dentro? - perguntou Mathieu.

Charlot sorriu:

— Um verdadeiro bordel - respondeu simplesmente.

— E consegues ler?

— Não estou bem a ler - explicou Charlot com humildade.

— Que livro é?

— É o Vulgarelle.

— Pensei que era Longin que o estava a ler.

— Longin! - comentou Charlot ironicamente. - Ah! Parece-me bem que não está em estado de ler.

Apontou com o dedo para o edifício:

— Está lá dentro, cheio como um odre.

— Longin? Ele só bebe água.

— Então vai ver como ele está!

— Que horas são? - perguntou Pinette.

— Cinco e trinta e cinco.

Pinette voltou-se para Mathieu.

— Não vens? Estás mesmo certo?

— Estou mesmo certo. Não vou.

— Então vá se catar.

Olhou para Charlot com os belos olhos de míope:

— Chateia-me imenso!

— Que é que te chateia, idiota?

— Arranjou uma putinha - respondeu Mathieu.

— Se te chateia, não tens mais do que apresentar-me.

— Não posso - disse Pinette. - Ela adora-me.

— Então arranja-te como puderes.

Pinette rogou-lhe uma praga, voltou-lhe as costas e foi-se embora.

Charlot seguiu-o com os olhos a sorrir:

— Ele agrada às mulheres.

— É verdade - anuiu Mathieu.

— Não o invejo - comentou Charlot. - Eu, neste momento, só de pensar em me pôr numa mulher...

Olhou para Mathieu com curiosidade:

— Dizem que o medo excita.

— E depois?

— Não é o meu caso: pelo contrário.

— Estás com medo?

— Medo, não. Mas há qualquer coisa que me pesa no estômago.

— Bem sei.

Subitamente Charlot agarrou Mathieu pela manga; baixou a voz.

— Senta-te, tenho uma coisa para te dizer.

Mathieu sentou-se.

— Há tipos que dizem asneiras incríveis - confidenciou, Charlot em voz baixa.

— Que asneiras?

— Sabes - continuou Charlot perturbado - e são mesmo.

— Diz lá.

— Pois bem, o cabo Cabel diz que os "boches" nos vão castrar.

Riu-se sem deixar de olhar para Mathieu.

— Não há dúvida - concordou Mathieu. - São asneiras.

Charlot continuava a rir:

— Nota bem que não acredito. Dar-lhes-ia muito trabalho.

Calaram-se. Mathieu pegara no Vulabell e folheava-o, tinha uma certa esperança de que Charlot lhe emprestaria. Charlot disse negligentemente:

— Eles têm castrado os judeus?

— Não.

— Tinham-me falado nisso - insistiu Charlot no mesmo tom.

Bruscamente agarrou Mathieu pelos ombros. Mathieu não pôde suportar a vista deste rosto aterrorizado e baixou os olhos.

— Que vão fazer-me? - perguntou Charlot.

— O mesmo que aos outros.

Fez-se um silêncio. Mathieu acrescentou:

— Rasga a tua caderneta e deita fora o bilhete de identidade.

— Já há muito que o fiz.

— Então?

— Olha para mim - pediu Charlot.

Mathieu não podia decidir-se a levantar a cabeça.

— Disse-te que olhasses para mim!

— Estou a olhar - replicou Mathieu.

— E então?

— Tenho ar de judeu?

— Não - respondeu Mathieu. - Não tens ar de judeu.

Charlot suspirou: um soldado saiu da Câmara, cambaleando, desceu três degraus, faltou o quarto e escorregou entre Mathieu e Charlot indo estatelar-se no meio da calçada.

— Como ele está! - comentou Mathieu.

O tipo apoiou-se nos cotovelos e vomitou, depois a cabeça caiu-lhe e não se mexeu mais.

— Roubaram vinho da Intendência - explicou Charlot. - Se os tivesses visto passar, com garrações que encontraram não sei onde e uma grande bacia cheia de vinho! Era incrível.

Longin apareceu a uma janela do rés-do-chão e arrotou. Tinha os olhos vermelhos e uma face toda negra.

— Estás bonito! - gritou-lhe Charlot severamente.

Longin olhou para eles piscando os olhos; quando os reconheceu levantou os braços tragicamente:

— Delarue!

— Que é?

— Estou desmoralizado.

— Sai daí.

— Não consigo sair sozinho.

— Eu vou lá - ofereceu-se Mathieu.

Levantou-se, apertando o Vaulabelle contra si.

— És muito bom - disse Charlot. - Temos de passar o tempo.

Subiu dois degraus e Charlot gritou atrás dele.

— Devolve-me o Vaulabelle.

— Está bem, não grites tanto - replicou Mathieu despeitado.

Atirou-lhe com o livro, empurrou a porta, entrou num corredor de paredes brancas e parou, angustiado: uma voz estridente e sonolenta cantava o Artilleur de Metz. Lembrou-lhe o asilo de Ruão, em 24, quando ia ver a tia, viúva e louca de desgosto: os doidos cantavam atrás das grades das janelas. Na parede da esquerda estava afixado, num painel coberto por uma grade - "Mobilização geral." Pensou: "Fui civil."

A voz adormecia-lhe por momentos, caía sobre ele próprio e esvaziava-se num sussurro, para tornar a acordar num grito. "Fui civil há muito tempo." Olhava: no painel, as duas bandeiras cruzadas; e via-se com um casaco de alpaca e de colarinho engomado. Nunca tinha usado nem uma coisa nem outra, mas era assim que imaginava os civis. "Horroriza-me tornar a ser civil", pensou. "De resto, é uma raça em vias de extinção". Ouviu Longin, que gritava "Delarue". viu uma porta aberta à esquerda; entrou. O Sol já estava baixo; os longos raios poeirentos dividiam a sala em duas partes, sem a iluminarem. Sufocado por imenso cheiro a vinho, Mathieu piscou os olhos e primeiramente só distinguiu um mapa que fazia uma mancha na brancura da parede; depois viu Ménard sentado em cima de um armário, com as pernas caídas, baloiçando as botifarras na púrpura do sol-poente. Era ele quem cantava; os olhos brilhavam-lhe sobre a boca aberta; a voz saía-lhe sem esforço, vivia nele como um enorme parasita que lhe tivesse sugado as tripas e o sangue para os transformar em canções; inerte, de braços caídos, olhava admirado para este verme que lhe saía da boca. Nem um móvel: deviam ter levado as mesas e as cadeiras. Um grito de boas-vindas ecoou pela sala:

— Delarue! Boa tarde, Delarue!

Mathieu baixou os olhos e só viu homens. Um ocupava-se a vomitar, outro roncava, estendido ao comprido; um terceiro estava encostado à parede; tinha a boca aberta como Ménard, mas não cantava; uma barba grisalha ia-lhe de uma orelha à outra e, atrás das lunetas, os olhos estavam fechados.

— Olá, Delarue! Delarue, olá!

À direita havia mais tipos, mais ou menos no mesmo estado. Guiccioli estava sentado no chão, com uma bacia cheia de vinho entre as pernas abertas; Latex e Grimaud tinham-se acorado à turca: Grimaud pegava num púcaro pela asa e ia batendo com ele no chão para acompanhar a canção de Ménard; a mão de Latex estava metida até ao pulso na braguilha das calças. Guiccioli disse algumas palavras, mas foram abafadas pela voz do cantor.

— Que estás a dizer? - perguntou Mathieu com a mão no ouvido.

Guiccioli olhou para Ménard furiosamente:

— Cala-te um bocado! Meu Deus, dás-nos cabo dos ouvidos.

Ménard parou de cantar. Disse lamentando-se:

— Não consigo parar.

E, logo a seguir, prisioneiro da própria voz, entoou “Les de Camaret”.

— Estamos bonitos! - comentou Guiccioli.

Não estava descontente; olhou para Mathieu orgulhosamente:

— Ah! É por estar alegre - comentou. - Aqui, estamos todos alegres: somos uns vadios, uns bandoleiros; somos um bando de desordeiros!

Grimaud aprovou com a cabeça e riu-se. Disse, com aplicação, como se falasse uma língua estrangeira:

— Não permitimos a melancolia.

— Estou a ver - assentiu Mathieu.

— Queres beber um copo? - perguntou Guiccioli.

No meio da sala havia um tacho de cobre cheio de vinho tinto, da Intendência. Umas coisas flutuavam lá dentro.

— É um tacho de fazer compotas - verificou Mathieu. - Onde o trouxeram?

— Deixa lá isso - replicou Guiccioli. - Merda, bebes ou não?

Exprimia-se com dificuldade e mal podia ter os olhos abertos, mas conservava o ar agressivo.

— Não - disse Mathieu. - Vim buscar Longin.

— Buscar para quê?

— Para apanhar ar.

Guiccioli pegou na tigela com as duas mãos e bebeu:

— Não sou eu quem te impedirá de o leares - disse ele. - Está sempre a falar no mano, chateia toda a gente. Não te esqueças de que somos um bando de boa disposição; aqui, não queremos bebedeiras tristes.

Mathieu pegou em Longin pelo braço.

— Anda, vem!

Longin afastou-se, irritado:

— Só um bocadinho para me habituar à idéia.

— O tempo que quiseres - concordou Mathieu.

Deu meia volta para ir dar uma espreitadela ao armário. Através dos vidros viu grandes volumes encadernados. Muita coisa para ler. Teria lido qualquer coisa: até o Código Civil. O armário estava fechado à chave: tentou abri-lo, mas em vão.

— Parte o vidro - disse Guiccioli.

— Não! - replicou Mathieu aborrecido.

— Porque não o partes? Espera e vais ver se os "boches" se importam.

Voltou-se para os outros:

— Os "boches" vão dar cabo de tudo e Delarue não quer arrombar o armário.

Puseram-se todos a gozar.

— Burgueses! - disse Grimaud com desprezo.

Latex puxou Mathieu pelo casaco.

— Olha! Delarue, vem ver.

Mathieu voltou-se.

— Ver o quê? - Latex puxou o sexo para fora das calças. - Olha!, é de se lhe tirar o chapéu: com este que aqui vês, fiz seis.

— Seis quê?

— Seis filhos. E bonitos, sabes, pesava cada um umas vinte libras; não sei quem vai tratar deles agora. Mas hás-de nos fazer mais - disse ele, inclinado ternamente para o seu pênis. - Dúzias deles, meu lindo!

Mathieu desviou o olhar.

— Tira o chapéu, aprendiz! - gritou Latex furioso.

— Não tenho chapéu - replicou Mathieu.

Latex olhou à sua volta:

— Seis em oito anos. Quem fez melhor?

Mathieu foi ter com Longin:

— Então? Vens ou não?

Longin olhou para ele com um ar sombrio:

— Não gosto de que me obriguem.

— Não te obrigo, foste tu que me chamaste.

Longin pôs-lhe o dedo no nariz:

— Não gosto muito de ti, Delarue. Nunca gostei muito.

— É reciprocamente - retorquiu Mathieu.

— Bem! - continuou Longin satisfeito. - Assim, vamo-nos entender.

Primeiro - perguntou, olhando para Mathieu desconfiado -, porque não posso beber? Qual a vantagem de não beber?

— Ficas triste - explicou Guiccioli.

— Se não beber, pior ainda.

Ménard cantava:

*“Se eu morrer quero que me enterrem
Na cave onde houver bom vinho.”*

Mathieu olhou para Longin:

— Bebe o que te apetecer - disse-lhe.

— Quê? - resmungou Longin, desiludido.

— Disse - gritou Mathieu - que podes beber o que quiseses: estou-me pouco ligando.

Estava a pensar: "O que tenho a fazer é ir-me embora." Mas não se decidia. Debruçava-se sobre eles, respirava o odor forte e açucarado da embriaguez e da desgraça; pensava: "Embora para onde?", e tinha vertigens. Eles não o desiludiam, estes vencidos que bebiam a derrota até ao fim. Estava desiludido consigo próprio. Longin baixou-se para apanhar o púcaro e caiu sobre os joelhos.

— Merda.

Arrastou-se até à bacia, mergulhou o braço no vinho até ao cotovelo, tirou o púcaro cheio, debruçou-se para beber. Pelos cantos da boca trêmula, o líquido escorria para a bacia.

— Não me sinto bem - queixou-se ele.

Vomita aconselhou Guiccioli.

— Como é que se faz? - perguntou Longin. Estava lívido e respirava com dificuldade.

Guiccioli meteu dois dedos na boca, inclinou-se para o lado, arquejou um pouco e vomitou algumas mucosas.

— Assim - disse, limpando a boca com as costas da mão.

Longin, sempre de joelhos, passou o púcaro para a mão esquerda.e enfiou a mão direita pela boca a baixo.

— Eh! - gritou Latex -, vais vomitar para dentro do vinho.

— Delarue! - gritou Guiccioli -, puxa-o! Puxa-o depressa!

Mathieu puxou Longin, que caiu sentado sem ter tirado os dedos da boca. Todos olhavam para ele com um ar encorajador. Longin tirou os dedos e arrotou.

— Não mudes de mão - recomendou Guiccioli.

— Vais ver que já vem.

Longin tossiu e tornou-se escarlate.

— Não vem nada-protestou ele tossindo.

— Que chato que és! - gritou Guiccioli irritado.

— Quem não sabe vomitar, não bebe.

Longin procurou qualquer coisa no bolso, tornou a pôr-se de joelhos, depois acocorou-se ao pé da bacia.

— Que estás a fazer? - gritou Grimaud.

— Fiz uma compressa húmida - respondeu Longin, retirando da bacia o lenço encharcado de vinho.

Aplicou-o na testa e pediu com ar infantil:

— Delarue, és capaz de me fazer o favor de me atares atrás?

Mathieu pegou nas duas pontas do lenço e atou-as na nuca de Longin.

— Ah! - disse Longin -, assim está melhor.

O lenço tapava-lhe o olho esquerdo; gotas de vinho tinto escorriam-lhe pelas faces e pelo pescoço.

— Pareces Jesus Cristo - comentou Guiccioli a rir.

— Lá nisso tens razão - concordou Longin. - Sou parecido com Jesus Cristo.

Estendeu o púcaro a Mathieu para que ele lhe enchesse.

— Ah! não - disse Mathieu. - Já bebeste o suficiente.

— Faz o que te digo - gritou Longin. - Faz o que te digo, meu Deus!

Acrescentou, lamuriento:

— Estou chateado.

— Meu Deus - acudiu Guiccioli -, dá-lhe depressa de beber: vai recomeçar com as histórias do irmão.

Longin olhou para ele com altivez:

— E porque não hei-de falar do meu irmão, se me apetece? És tu que me impedes?

— Oh!, deixa-nos - pediu Guiccioli.

Longin virou-se para Mathieu:

— O meu irmão está em Hossegor - explicou ele.

— Então não é soldado?

— Não querias mais nada: ele é um malandro! Anda a passear pelos pinhais com a mulher; vão dizendo: "Coitado do Paul, que não teve sorte", e consolam-se a pensar em mim. Hei-de-lhes dizer como é!

Concentrou-se por um instante e depois concluiu:

— Não gosto do meu irmão.

Grimaud ria-se até às lágrimas.

— De que te estás a rir? - perguntou Longin irritado.

— Queres proibi-lo de se rir? - perguntou por sua vez Guiccioli indignado. - Contínua, rapaz - disse paternalmente a Grimaud -, diverte-te, goza um bocado, estamos aqui para nos divertirmos.

— Estou-me a rir por causa da minha mulher - explicou Grimaud.

— Estou-me pouco ligando para a tua mulher - replicou Longin.

— Se falas do teu irmão, posso perfeitamente falar da minha mulher.

— Que tem a tua mulher?

Grimaud pôs um dedo sobre a boca:

— Chiu! - disse. Curvou-se sobre Guiccioli e confidenciou: - Tenho uma mulher que é feia como um traseiro.

Guiccioli quis falar.

— Nem uma palavra! - exigiu Grimaud autoritário. - Cara de cu, e não se discute mais. Espera - acrescentou levantando-se um pouco e metendo a mão esquerda nas calças, para chegar ao bolso de trás. - Vou-te mostrar para te ajudar a vomitar.

Depois de alguns esforços infrutíferos, deixou-se cair.

— Enfim, já sabes: é feia como como um traseiro, podes crer. Não te estou a mentir, não tenho interesse nenhum nisso.

Longin pareceu interessado:

— Ela é mesmo feia? - perguntou.

— Estou-te a dizer: como um cu.

Mas que tem ela de feio?

— Tudo. Os seios chegam-lhe aos joelhos, o rabo aos calcanhares. E se viesses as pernas! Mija entre parêntesis.

— Então - disse Longin rindo -, tens de ma apresentar, é uma mulher para mim. Governei-me sempre com as feias, as bonitas eram para o meu irmão.

Grimaud piscou o olho, malicioso.

— Oh!, não, não te apresento, meu idiota, porque posso não encontrar outra, visto que eu também não tenho nada de bonito. É a vida - concluiu suspirando. - Temos de nos contentar com o que temos.

E Ménard contou:

*Esta é a vida, vidinha
Vivida pelos bons monges.*

— É a vida! - disse Longin. - É a vida! São os mortos que se lembram da vida. E, meu Deus, não eram vidas regaladas.

Guiccioli atirou-lhe com a tigela à cara. Esta tocou na face de Longin e caiu na bacia.

— Muda de disco - gritou Guiccioli furioso. - Eu também tenho os meus aborrecimentos, mas não chateio ninguém com eles. Estamos entre camaradas, percebes?

Longin olhou para Mathieu desesperado:

— Leva-me daqui - pediu em voz baixa. - Leva-me daqui!

Mathieu baixou-se para o agarrar pelas axilas; Longin escorregou como uma cobra e escapou-se-lhe. Mathieu perdeu a paciência:

— Estou farto - protestou. - Vens ou não vens?

Longin tinha-se deitado de costas e olhava para ele maliciosamente:

— Querias que eu fosse, não é? Querias!

— Estou-me pouco ligando. Só quero que te decidas, num sentido ou noutro.

— Pois bem - disse Longin -, bebe um copo. Tens tempo de beber enquanto penso.

Mathieu não respondeu. Grimaud estendeu-lhe um púcaro.

— Toma!

— Não, obrigado - recusou Mathieu com um gesto.

— Porque não bebes? - perguntou Guiccioli estupefato. - Há que chegue para todos: não faças cerimônia.

— Não tenho sede.

Guiccioli pôs-se a rir.

— Diz que não tem sede! Então não sabes, infeliz, que somos do clube dos que bebem sem sede?

— Não me apetece beber.

Guiccioli arqueou as sobrancelhas:

— Porque não tens vontade como os outros? Porquê?

Olhou para Mathieu severamente:

— Pensei que fosses um tipo esperto. Delarue, desiludes-me?

Longin endireitou-se, apoiando-se num cotovelo:

— Vocês não estão a ver que ele nos despreza?

Fez-se um silêncio. Guiccioli olhou para Mathieu com olhos interrogadores; depois, de repente, concentrou-se e fechou os olhos. Sorriu miseravelmente e disse, conservando os olhos fechados:

— Os que nos desprezam que se vão embora. Não obrigamos ninguém, estamos em família.

— Não desprezo ninguém - replicou Mathieu.

Parou: "Eles estão bêbedos e eu não bebi." Este fato dava-lhe, ainda que contra vontade, uma superioridade de que se envergonhava. Tinha vergonha da voz paternal que era obrigado a fazer ao pé deles. "Embebedaram-se porque já não podiam mais!" Mas ninguém podia partilhar daquela miséria, a não ser que estivesse tão bêbedo como eles. "Não devia ter vindo", pensou.

— Despreza-nos - repetiu Longin com uma raiva linfática. - Está aqui como no cinema, diverte-se ao ver tipos bêbedos que dizem disparates.

— Fala por ti - retorquiu Latex. - Eu não digo disparate nenhum.

— Oh!, deixa lá isso - disse Guiccioli cansado.

Grimaud olhava pensativamente para Mathieu:

— Se ele nos despreza, que vá se danar.

Guiccioli riu-se:

— Mijam-te em cima - repetiu. - Mijam-te em cima.

Ménard parara de cantar; deixou-se escorregar do armário, olhou em volta com um ar de acochado, depois pareceu tranquilizar-se, deu um suspiro de alívio e caiu desmaiado no chão. Ninguém lhe prestou atenção:

olhavam em frente e, de vez em quando, examinavam Mathieu com hostilidade. Mathieu já não sabia o que havia de fazer: tinha ido ali sem pensar, só para ajudar Longin, mas devia ter previsto que a vergonha e o escândalo entravam com ele. Por sua causa eles haviam tomado consciência do estado em que estavam; não falavam a mesma linguagem e ele tornara-se, sem querer, juiz e testemunha. A bacia cheia de vinho e de porcarias causava-lhe repugnância, mas, ao mesmo tempo, esta repugnância envergonhava-o: "Quem sou eu para me recusar a beber, agora que os meus companheiros estão bêbedos?"

Latex acariciava pensativamente o baixo-ventre. De repente voltou-se para Mathieu com um clarão de desafio nos olhos; depois pôs a tigela entre as pernas e mergulhou nela o pênis.

— Ponho-o de molho porque é fortificante.

Guiccioli desatou a rir. Mathieu voltou a cabeça e encontrou o olhar irônico de Grimaud:

— Perguntas a ti próprio onde vieste cair? - perguntou Grimaud.

— Ah! Não nos conheces, meu idiota: nós somos capazes de tudo. Debruçou-se para a frente e gritou, com um piscar de olhos cúmplice: Eh! Latex, aposto que não és capaz de beber esse vinho!

Latex devolveu-lhe o olhar:

— Até vou fazer cerimônia!

Levantou a tigela e bebeu ruidosamente, olhando para Mathieu. Longin gozava; todos sorriam. "Fazem isto por minha causa." Latex pousou a tigela e deu um estalo com a língua:

— Fica com um gosto especial.

— Então - perguntou Guiccioli - que achas? Não somos pândegos, nós? Somos uns verdadeiros pândegos!

— E ainda não viste nada - disse Grimaud. - Ainda não viste nada.

Com as mãos trêmulas procurava desabotoar a braguilha; Mathieu inclinou-se para Guiccioli:

— Dá-me o teu púcaro - pediu baixinho. - Vou também divertir-me.

— Caiu na bacia - explicou Guiccioli chateado. - Tenta pescá-lo.

Mathieu mergulhou a mão na bacia, remexeu os dedos no vinho, apalpou o fundo, retirou o púcaro cheio. As mãos de Grimaud imobilizaram-se; olhou para os outros, depois tornou a pô-las nos bolsos e olhou para Mathieu.

— Ah! - disse Latex mais calmo. - Eu sabia que não podias conter-te. Mathieu bebeu. Havia no vinho pedaços de uma substância mole e incolor.

Cuspiu e tornou a encher o púcaro. Grimaud ria tranquilo:

— Quem olha para nós não pode resistir: precisa de beber. Ah! Como nós provocamos a inveja.

— Vale mais provocar inveja do que piedade - volveu Guiccioli a gozar.

Mathieu teve o cuidado de tirar uma mosca que se debatia no vinho, depois bebeu-o. Latex olhava para ele com um ar de conhecedor:

— Não é uma bebedeira - comentou. - É um suicídio.

O púcaro estava vazio.

— Nunca consigo embebedar-me - lamentou-se Mathieu.

Encheu o púcaro pela terceira vez. O vinho era pesado, com um estranho gosto açucarado.

— Vocês não mijaram no vinho? - perguntou Mathieu, assaltado por uma estranha dúvida.

— Serás parvo? - contrapôs Guiccioli indignado. - Pensas que íamos dar cabo do vinho, não?

— Oh! - retorquiu Mathieu -, de qualquer modo estou-me pouco ligando.

Bebeu de um trago e respirou fundo.

— Então? - perguntou Guiccioli interessado. - Sentes-te melhor.

Mathieu sacudiu a cabeça:

— Ainda não é bem isso.

Pegou no púcaro; curvava-se, de dentes cerrados, sobre a bacia, quando ouviu, pelas costas, a voz galhofeira de Longin:

— Quer provar-nos que aguenta mais do que nós.

Mathieu voltou-se:

— Não é verdade! Embebedo-me para me divertir.

Longin sentara-se, muito direito; o lenço atado na cabeça tinha-lhe escorregado para o nariz. Por cima do lenço, Mathieu via-lhe os olhos fixos e redondos de galinha velha.

— Não gosto muito de ti, Delarue! - disse Longin.

— Já me tinhas dito.

— Os camaradas também não gostam muito de ti - continuou Longin.
- Ficam intimidados por seres instruído, mas não penses que gostam de ti.

— Porque haviam de gostar? - perguntou Mathieu entre dentes.

— Não fazes nada como as outras pessoas - prosseguiu Longin. - Mesmo quando te embebedas, não és como nós.

Mathieu olhou para Longin perplexo, depois voltou-se e atirou com o púcaro para os vidros do armário.

— Não consigo embebedar-me - gritou com voz forte. - Não consigo. Vocês vêem perfeitamente que não consigo.

Ninguém disse nada; Guiccioli pôs no chão um grande pedaço de vidro que lhe tinha caído nos joelhos. Mathieu aproximou-se de Longin, pegou-lhe solidamente no braço e pô-lo de pé.

— Que é? Que tenho eu a ver com isso? - gritou Longin. - Mete-te na tua vida, aristocrata!

— Vim-te buscar - insistiu Mathieu - e hei-de levar-te.

Longin debatia-se furiosamente.

— Deixa-me em paz, estou a dizer-te, deixa-me. Deixa-me, meu Deus, ou perco a cabeça.

Mathieu tentou tirá-lo da sala. Longin levantou a mão e quis meter-lhe os dedos nos olhos.

— Patife! - exclamou Mathieu.

Largou Longin e deu-lhe dois socos no queixo, não com muita força; Longin tornou-se flácido e deu uma volta sobre si próprio; Mathieu apanhou-o e carregou com ele aos ombros como um saco.

— Estão a ver - disse. - Eu, quando quero, também sei ser engraçado.

Odiava-os. Saiu e desceu os degraus do patamar com o seu fardo. Charlot desatou a rir à sua passagem.

— Como ele está!

Mathieu atravessou a calçada e encostou Longin a um castanheiro. Longin abriu um olho, quis falar e vomitou.

— Como vai isso? - perguntou Mathieu.

Longin tornou a vomitar.

— Faz bem - respondeu entre dois soluços.

— Deixo-te - disse Mathieu. - Quando acabares de vomitar, trate de dormir um bocado.

Estava ofegante quando chegou aos correios. Bateu. Pinette veio abrir e examinou-o com um ar deliciado.

— Ah! - disse -, acabaste por te decidir.

— Sim, finalmente - respondeu Mathieu.

A mulher apareceu na sombra, atrás de Pinette.

— Ela já não tem medo - explicou Pinette. - Vamos passear pelo campo.

A mulher lançou-lhe um olhar sombrio. Mathieu sorriu-lhe. Pensava: "Ela não me suporta", mas estava-se completamente pouco ligando.

— Cheiras a vinho - comentou Pinette.

Mathieu riu, sem responder. A mulher calçou umas luvas pretas, fechou a porta à chave e puseram-se a caminho. Tinha colocado a mão no braço de Pinette e Pinette dava o braço a Mathieu. Ao passarem foram cumprimentados por soldados.

— Vamos dar o passeio dos domingos - gritou-lhes Pinette.

— Ah! - retorquiram eles -, sem os oficiais é todos os dias domingo.

*

Silêncio de lua sob o sol; grosseiras efígies de gesso, dispostas em círculo no deserto, lembrarão às espécies futuras o que foi a raça humana. Grandes ruínas brancas escorriam sulcos de gordura negra. A noroeste, um arco de triunfo; a norte, um templo romano; a sul, uma ponte que leva a outro templo; num tanque, água estagnada; um punhal de pedra aponta para o céu. Pedra; pedra cristalizada no açúcar da História. Roma, Egito, a Idade da Pedra: eis o que resta de uma praça célebre. Repetiu: "Tudo o que resta", mas o prazer tinha-se esvaído. Nada é mais monótono do que uma catástrofe; começava a habituar-se. Encostou-se à grade, ainda feliz. mas cansado, com um gosto febril a Verão no fundo da boca: passara o dia inteiro; agora as pernas tinham dificuldade em o transportar e, no entanto, ele era mesmo obrigado a andar. Numa cidade morta é preciso andar. "Mereço um prêmio", disse. Qualquer coisa, qualquer coisa que florescesse só para ele na esquina da rua. Mas não havia nada. Deserto por todo o lado: saltavam estilhaços de palácios, negros e brancos, pombos, pássaros imemoriais transformados em pedra à força de se alimentarem de estátuas. A única, nota alegre nesta paisagem mineral era a bandeira nazi no Hotel Crillon. Oh!, bandeira de carne viva sobre a seda dos mares e das flores árticas. No meio do mar de sangue o círculo, branco como o das lanternas

mágicas nos lençóis da minha infância; no meio do círculo, o nó de serpentes negras, sigla do mal, a minha sigla. Uma gota vermelha forma-se em cada segmento nas pregas do estandarte, separa-se, cai no asfalto: a virtude sangra. Murmurou: "A virtude sangra." Mas isso já não o divertia tanto como na véspera. Durante três dias não tinha dirigido a palavra a ninguém e a sua alegria endurecera; por momentos o cansaço turvou-lhe a vista e perguntou a si própria se não ia voltar. Não. Não podia voltar: a sua presença era reclamada em toda a parte. Andar. Acolheu, aliviado, o rasgão sonoro do céu: o avião brilhava ao sol, era a rendição, a cidade morta tinha outra testemunha, levantaria para outros olhos as suas mil cabeças mortas. Daniel sorria: era ele quem o avião procurava entre os túmulos. "É só para mim que ele ali está." Sentia vontade de se atirar para o meio da praça e de agitar o lenço. Se atirassem bombas! Seria uma ressurreição, na cidade ouvir-se-ia o som da atividade, belas flores parasitárias apareceriam nas fachadas. O avião passou; à volta de Daniel formou-se um silêncio planetário. Andar! Andar sem descanso à superfície deste astro arrefecido.

Retomou a marcha arrastando os pés; a poeira cobria-lhe os sapatos. Sobressaltou-se: com a testa colada a uma janela, um general ocioso e vencedor, com as mãos atrás das costas, talvez observasse este indígena perdido no museu das antiguidades parisienses. Todas as janelas se tornaram olhos alemães; endireitou-se e começou a andar com leveza, bamboleando-se um pouco, por gozo; sou o guarda da Necrópole. As Tulherias, o cais das Tulherias; antes de atravessar a calçada, olhou para a esquerda e para a direita, por hábito, mas sem ver mais do que um longo túnel de folhagem. Ia meter-se pela Ponte Solferino quando parou, com o coração a bater: o prêmio. Um arrepio percorreu-o dos pés à cabeça, as mãos e os pés arrefeceram-lhe, imobilizou-se e reteve a respiração, toda a vida se lhe refugiou nos olhos: comia com os olhos o esbelto rapaz que inocentemente lhe voltava as costas e estava debruçado sobre a água. "Que maravilhoso encontro!" Daniel não ficaria mais comovido se o vento da noite se tivesse transformado em voz para o chamar, ou se as nuvens" tivessem escrito o seu nome no céu cor de malva, tão evidente era que esta criança havia sido posta ali para ele, que as suas mãos grandes e fortes, saindo de punhos de seda, eram palavras da sua língua secreta: ele é para mim. O pequeno era alto e meigo, com cabelos louros despenteados e ombros redondos, quase femininos, ancas estreitas, nádegas firmes e

salientes, deliciosas orelhinhas; devia ter dezanove ou vinte anos. Daniel olhava para estas orelhas, pensava: "Que maravilhoso encontro", e quase tinha medo. Todo o seu corpo parecia morto, como os insetos ameaçados de perigo; o pior perigo é a beleza. As mãos arrefeciam-lhe cada vez mais, dedos de ferro enterravam-se-lhe no pescoço. A beleza, a mais traiçoeira das armadilhas, oferecia-se com um sorriso de conivência e de facilidade, acenava-lhe, adquiria um ar de quem espera. Que mentira: esta deliciosa cabeça que se oferecia não esperava nada nem ninguém: acariciava-se nesta gola de casaco e divertia-se assim, tal como se divertiam consigo mesmas as longas coxas que se adivinhavam quentes e louras sob a flanela cinzenta. Vive, olha para o rio, pensa, inexplicável. e solitário como uma palmeira; é meu e ignora-me. Daniel sentiu uma náusea de angústia e, durante um segundo, tudo estremeceu: o rapaz, minúsculo e longínquo, chamava-o do fundo do abismo; a beleza chamava-o; Beleza, um destino. Pensou: "Tudo vai recomeçar. Tudo: a esperança, a desgraça, a vergonha, as loucuras." E depois, subitamente, lembrou-se de que a França estava perdida: "Tudo é permitido!" O calor subiu-lhe do ventre à ponta dos dedos, o cansaço desapareceu, o sangue afluiu-lhe às faces: únicos representantes visíveis da espécie humana, únicos sobreviventes de uma nação desaparecida, é inevitável que comuniquemos: o que há de mais natural?" Deu um passo em direção àquele que já batizava de Milagre, sentia-se jovem e bom, cheio da revelação exaltante que ele lhe trazia, E, logo, a seguir, parou: tinha visto que o Milagre tremia todo, um movimento convulsivo ora lhe lançava o corpo para trás ora lhe colava o ventre à balaustrada, debruçando-o sobre a água. "Imbecil!", pensou Daniel irritado. O rapaz não era digno deste momento extraordinário, não estava presente ao encontro, preocupações infantis distraíam esta alma que devia estar pronta rapaz se voltou, inquieto, com a perna no ar. Apercebeu-se da sua presença e Daniel viu uns olhos tempestuosos num rosto lívido; o rapaz hesitou um segundo, o pé voltou para o chão raspando a pedra, depois começou a andar descontraidamente arrastando a mão no rebordo do parapeito. Tu, tu queres-te matar!

O encantamento de Daniel gelou de repente. Era apenas isso: um rapaz desorientado, incapaz de suportar as consequências das suas levandades. Uma lufada de desejo inflamou-lhe o sexo; pôs-se a andar atrás do rapaz com a alegria gelada do caçador. Sentia-se exultar, liberto, limpo, tão mau quanto possível. No fundo, sabia amar melhor do que isto,

mas divertia-o ter rancor ao rapaz: que resta matar, idiota? Se pensas que é fácil! Outros mais espertos do que tu não o conseguiram. O rapaz tinha consciência de uma presença atrás de si; dava grandes passadas de cavalo, levantando muito alto as pernas direitas. No meio da ponte apercebeu-se bruscamente da existência da mão direita que roçava a balaustrada ao passar: a mão levantou-se, rígida e fatídica, baixou-a à força, meteu-a no bolso, prosseguiu a marcha encolhendo o pescoço. "Tem um ar ambíguo", pensou Daniel, "é assim que gosto deles". O jovem apressou o passo; Daniel fez o mesmo. Um riso cínico subiu-lhe aos lábios: "Ele sofre, tem pressa de acabar com esta situação, mas não pode fugir, porque vou atrás dele. Vai, vai, não te deixarei." No fim da ponte o rapaz hesitou, depois meteu-se pelo Cais de Orsay; chegou a uma escada que conduzia à margem, parou, virou-se para Daniel com impaciência e esperou. Num ápice, Daniel viu um encantador rosto pálido, um nariz pequeno, uma boca pequena e mole, uns olhos altivos. Baixou as pálpebras hipocritamente, aproximou-se lentamente, ultrapassou o rapaz sem olhar para ele, depois de alguns passos olhou por cima dos ombros: o rapaz tinha desaparecido. Calmamente Daniel debruçou-se no parapeito e viu-o na margem, de cabeça baixa, absorto na contemplação de uma argola de amarração na qual dava pontapés, pensativamente; era preciso descer o mais rapidamente possível e sem ser visto. Por sorte, a vinte metros dali havia outra escada, estreita e de ferro, que uma saliência da muralha dissimulava. Daniel desceu lentamente e sem barulho: divertia-se doidamente. No fundo da escada encostou-se à parede: o rapaz, à beira da margem, olhava para a água. O Sena, esverdeado, com reflexos de enxofre, transportava estranhos objetos moles e sombrios; não era tentador mergulhar neste rio doente. O rapaz baixou-se, apanhou uma pedra e lançou-a à água, depois retomou a sua contemplação maníaca; vamos, vamos, ainda não é hoje; dentro de cinco minutos desisto. Devo esperar? Ficar escondido, esperar que esteja, bem penetrado pela sua abjeção, e, quando ele se afastar, dar uma grande gargalhada? É arriscado: pode ficar a detestar-me para sempre. Se me lançar já sobre ele, como para o impedir de se afogar, fica-me agradecido por o ter achado capaz, mesmo que não o diga, e, sobretudo, por lhe ter evitado o encontro consigo próprio. Daniel passou a língua pelos lábios, respirou fundo e saiu do esconderijo. O jovem voltou-se, aflito; teria caído se Daniel não o tivesse agarrado pelo braço; disse:

— Eu...

Mas reconheceu Daniel e pareceu acalmar-se; nos seus olhos o espanto tomou o lugar do ódio. É de outro que ele tem medo.

— Que é? - perguntou altivamente.

Daniel não pôde responder logo: o desejo cortava-lhe a respiração.

— Jovem Narciso! - disse com dificuldade. - Jovem Narciso!

Acrescentou ao fim de um instante:

— Narciso debruçou-se demasiado, meu jovem; caiu à água.

— Não sou Narciso - replicou o rapaz -, tenho o sentido do equilíbrio e dispenso os seus serviços.

"É um estudante", pensou Daniel. Perguntou brutalmente:

— Querias matar-te?

— Está doido?

Daniel pôs-se a rir e o rapaz corou:

— Deixe-me em paz! - gritou com um ar diferente.

— Quando eu quiser! - retorquiu Daniel abraçando-o mais.

O rapaz baixou os belos olhos e Daniel teve apenas tempo de se afastar para trás para evitar um pontapé. "Pontapés!", pensou Daniel retomando o equilíbrio. "Pontapés ao acaso, sem mesmo olhar para mim." Estava radiante. Respiravam em silêncio: o pequeno tinha a cabeça baixa e Daniel podia admirar a seda dos seus cabelos finos.

— Então? Dás pontapés ao acaso como as mulheres?

O rapaz abanou a cabeça da direita para a esquerda, como se tentasse em vão levantá-la. Ao fim de um instante disse com uma grosseria estudada:

— Vá à merda.

Havia na sua voz mais obstinação do que esperança, mas acabara por levantar a cabeça e olhava Daniel de frente, com uma agressividade que se admirava consigo própria. Finalmente, os olhos desviaram-se e Daniel pôde contemplar à sua vontade esta bela cabeça triste e como que oferecida. "Orgulho e fraqueza", pensou. "E má-fé. Um pequeno rosto burguês perturbado por uma alucinação abstrata; traços encantadores, mas sem generosidade". No mesmo instante recebeu um pontapé no tornozelo e não pôde impedir um esgar de dor:

— Grande imbecil. Não sei o que me impede de te aquecer o rabo com uma palmada.

Os olhos do rapaz brilharam:

— Experimente!

Daniel pôs-se a sacudi-lo:

— E se experimentasse? Se me apetecesse tirar-te as calças, pensas que me podias impedir?

O rapaz corou violentamente e pôs-se a rir.

— Não me mete medo.

— Merda! - exclamou Daniel.

Segurou-o pela nuca e tentou curvá-lo para a frente.

— Não! Não - gritou o rapaz com uma voz desesperada. - Não, não!

— Ainda me vais dar mais pontapés?

— Não, mas deixe-me.

Daniel deixou-o endireitar-se. O rapaz ficou quieto; tinha um ar perturbado. "Já conhecestes o freio, potrozinho; alguém me prestou o serviço de começar o trabalho. Um pai? Um tio? Um amante? Não, um amante não: mais tarde trataremos disso, mas, por agora somos virgens."

— Portanto - perguntou sem o largar, -, querias matar-te porquê?

O pequeno mantinha-se obstinadamente silencioso.

— Fique emburrado o quanto quiser. - insistiu Daniel. - Que me importa? De qualquer forma, seu golpe falhou.

O rapaz dirigiu a si próprio um tênue sorriso de entendimento. "Nunca mais acabamos com isto", pensou Daniel, contrariado; "temos de sair deste impasse". Recomeçou a sacudi-lo:

— Porque sorris? Queres dizer-me?

O jovem olhou-o nos olhos.

— Tem de me largar.

— Muito bem - concordou Daniel. - Deixo-te imediatamente.

Largou-o e meteu as mãos nos bolsos:

— E depois? - perguntou.

O rapaz não se mexeu, ainda sorria. "Está-me a gozar."

— Ouve, sou um excelente nadador, já salvei duas pessoas, uma das quais em mar agitado.

O rapaz riu-se, com um sorriso feminino e trocista:

— É uma mania!

— Talvez - assentiu Daniel. - Talvez seja uma mania. Atira-te - acrescentou afastando os braços. - Atira-te se o coração te pede. Deixar-te-

ei beber um gole, verás como é agradável. Depois dispo-me devagar, mergulho, agarro-te e trago-te meio morto.

Riu-se.

— Deves saber que raramente se recomeça um suicídio falhado! Depois de reanimado, não pensas mais nisso.

O rapaz avançou para ele como se lhe fosse bater:

— Quem lhe deu o direito de falar-me nesse tom? Quem lhe deu esse direito?

Daniel continuava a rir:

Ah!, ah! Quem me deu? Pensa! Pensa bem!

Apertou-lhe o pulso de um modo brutal:

— Enquanto aqui eu estiver não te matarás, mesmo que tenhas muita vontade. Sou o dono da tua vida e da tua morte.

— Não estará sempre aqui - replicou o rapaz com um ar estranho.

— Aí é que te enganas - contrariou Daniel. - Estarei sempre aqui.

Estremeceu de prazer: tinha surpreendido nos belos olhos cor de avelã um clarão de curiosidade.

— Mesmo que seja verdade que eu me quero matar, que tem você com isso? Nem sequer me conhece.

— Tu o dizes: é uma mania - respondeu Daniel alegremente. - Tenho a mania de impedir as pessoas de fazerem o que querem. Olhou para ele com ternura: É assim tão grave?

O rapaz não respondeu. Fazia um grande esforço para se impedir de chorar. Daniel comoveu-se tanto que as lágrimas vieram-lhe aos olhos. Felizmente, o rapaz estava demasiado aborrecido para se aperceber. Durante mais alguns segundos Daniel conseguiu conter a vontade de lhe acariciar os cabelos; depois a mão direita saiu-lhe do bolso e veio pousar-se, tateando, no crânio louro. Retirou-a, como se se tivesse queimado: "Demasiado cedo! É falta de jeito..." O rapaz sacudiu violentamente a cabeça e deu alguns passos ao longo da margem. Daniel esperava, contendo a respiração: "Demasiado cedo, imbecil, era demasiado cedo." Concluiu, para se castigar. "Se ele se for embora, deixo-o partir sem um gesto." Mas, logo que ouviu os primeiros soluços, correu para ele e rodeou-o com os braços. O rapaz encostou-se-lhe ao peito.

— Pobre pequeno! - consolou-o Daniel perturbado. - Pobre pequeno!

Teria dado tudo para poder consolá-lo ou chorar com ele. Instantes depois o pequeno levantou a cabeça. Já não chorava, mas duas lágrimas rolavam-lhe pelo rosto fino; Daniel gostaria de as ter lambido e bebido para sentir no fundo da garganta o gosto salgado desta dor. O jovem olhava para ele, desconfiado:

— Como veio aqui parar?

— Ia a passar - explicou Daniel.

— Não é soldado?

Daniel ouviu a pergunta sem prazer.

— Esta guerra não me interessa.

Continuou rapidamente:

— Vou fazer-te uma proposta. Sempre estás decidido a matar-te?

O rapaz não respondeu, mas tomou um ar sombrio e determinado.

— Muito bem - insistiu Daniel.

— Então, ouve. Diverti-me a meter-te medo, mas nada tenho contra o suicídio, se for maduramente pensado, e estou-me pouco ligando para o teu suicídio, visto que nem te conheço. Não vejo porque te impediria de te matares, se tiveres razões fortes para o fazeres.

Viu com alegria o empalidecimento do rapaz. "Pensavas que já estavas safo", disse para consigo.

— Olha - prosseguiu mostrando-lhe a grande pedra engastada no anel. - Tenho aqui dentro um veneno fulminante. Trago sempre este anel, mesmo de noite, e se me encontrar numa situação que o meu orgulho não possa suportar...

Parou de falar e desatarraxou a pedra. O rapaz olhou para os dois comprimidos castanhos com uma desconfiança cheia de repulsa...

— Vais explicar-me o que se passa. Se eu julgar as tuas razões aceitáveis, um destes comprimidos é para ti. Sempre é mais agradável do que um banho frio. Quere-lo, já? - perguntou como se, tivesse mudado bruscamente de idéias.

O rapaz passou a língua pelos lábios e não respondeu.

— Quer? Dou-te; vais engoli-lo à minha frente e eu não te deixarei.

Pegou-lhe, na mão e continuou:

— Segurar-te-ei a mão e fechar-te-ei os olhos.

O rapaz sacudiu a cabeça:

— Que esforço prova me dá de que é veneno? - perguntou.

Daniel deu uma gargalhada jovem e aberta:

— Tens medo de que seja um purgante? Engole e verás.

O rapaz não respondeu: estava pálido e tinha as pupilas dilatadas, mas fez um sorriso ladino e provocante e olhou de revés para Daniel.

— Então, não queres?

— Agora não.

Daniel tornou a atarraxar a pedra do anel:

— Como queiras - disse friamente. - Como te chamas?

— É preciso dizer o meu nome?

— O nome pelo qual és conhecido.

— Pois bem, se é necessário... Philippe.

— Pois bem, Philippe - continuou Daniel dando o braço ao rapaz -, se queres explicar-te, vamos até minha casa.

Empurrou-o para a escada e fê-lo subir rapidamente os degraus; depois, continuaram pelo cais, de braço dado. Philippe baixava obstinadamente a cabeça; recomeçara a tremer, mas encostava-se a Daniel e roçava-lhe a anca a cada passo. Bonitos sapatos de pele de porco quase novos, mas comprados há pelo menos um ano, fato de flanela de bom corte, gravata branca e camisa de, seda azul. Era a moda de 38, em Montparnasse, cabelo cuidadosamente despenteado: muito narcisismo em tudo isto. "Porque não é ele soldado? Demasiado jovem, sem dúvida, mas também pode ser mais velho do que parece, a infância prolonga-se nas crianças oprimidas. Em todo o caso, não é certamente a miséria que o leva ao suicídio."

Perguntou bruscamente, ao passarem em frente da Ponte Henri IV:

— Era por causa dos alemães que te querias suicidar?

Philippe pareceu espantado e sacudiu a cabeça. Era belo como um anjo. "Ajudar-te-ei", pensou Daniel apaixonadamente, "ajudar-te-ei." Queria salvar Philippe, fazer dele um homem. "Dar-te-ei tudo o que tenho, saberás tudo o que eu sei." As Halles estavam vazias e escuras, não cheiravam a nada, mas a cidade mudara de aspecto. Uma hora antes tinha sido o fim do mundo e Daniel sentia-se histórico. Agora, as ruas, lentamente, voltavam a si; Daniel passeava no fundo de um domingo anterior à guerra, nessa hora dúbia em que, na agonia da semana e do sol, uma bela segunda-feira se anuncia. Alguma coisa ia começar: uma nova semana, uma nova história de amor. Levantou a cabeça e sorriu: uma janela

em fogo devolvia-lhe o poente, era um sinal; um odor delicioso a morango esmagado encheu-lhe subitamente as narinas, era outro sinal; uma sombra, ao longe, atravessou a Rue Momparnasse a correr, ainda um sinal. De todas as vezes que a sorte lhe atravessava no caminho a radiosa beleza de um menino-deus a terra e o céu piscavam-lhe maliciosamente os olhos. Sentia-se desfalecer de desejo, faltava-lhe o ar a cada passo, mas tinha de tal modo o hábito de andar em silêncio ao pé de jovens vidas que de nada suspeitavam, que acabara por amar em si mesma a longa paciência pederástica. "Vigio-te, estás no fundo do meu olhar, possuo-te à distância, sem dar nada de mim, pelo odor e o olhar; já conheço as tuas ancas estreitas, acaricio-as com as mãos imóveis, entro em ti e tu nem te apercebes." Inclinou-se para respirar o perfume desta nuca curvada e deparou-se-lhe, de repente, um forte odor a naftalina. Endireitou-se decepcionado, divertido: adorava estas alternativas de perturbação e de frieza, adorava o enervamento. "Vejam se sou bom detetive", disse para si, alegremente. "Um jovem poeta que se quer afogar no dia em que os Alemães entram em Paris; porquê? único indício, mas importante; o fato cheira a naftalina, portanto já não andava a uso. Porquê mudar de fato no dia do suicídio? Porque já não pode usar o que trazia ainda ontem. Portanto era esse fato que o teria denunciado e feito prender. É um soldado. Mas o que faz ele aqui? Mobilizado no Hotel Continental ou nos serviços do Ministério da Aeronáutica, já há muito que se teria pisgado para Tours, como os outros. Então? Então, está bem claro. Perfeita mente claro". Parou para indicar a porta das traseiras:

— É ali.

— Não quero - disse Philippe bruscamente.

— Quê?

— Não quero subir.

— Preferes ser apanhado pelos alemães?

— Não quero - repetiu Philippe olhando para os pés. - Não tenho nada a dizer-lhe e não o conheço.

— Ah! É isso! - replicou Daniel. - É então isso!

Pegou-lhe na cabeça com as duas mãos e levantou-lha à força:

— Tu não me conheces, mas conheço-te eu a ti - insistiu. - Posso contar- te a tua história.

Prosseguiu mergulhando o olhar no de Philippe:

— Estavas no exército do Norte, o pânico apoderou-se de vós e tu pisgaste- te. Depois, não foste capaz de tornar a encontrar o teu regimento, parece-me. Voltaste para casa, a tua família havia-se posto ao fresco e tu não tiveste outro remédio senão vestir um fato e ires atirar-te ao Sena. Não por seres especialmente patriota, mas porque não podes suportar a idéia de seres um covarde. Enganei- me?

O rapaz não se mexia, mas os seus olhos aumentaram ainda mais; Daniel tinha a boca seca, sentia a angústia subir dentro de si como uma maré; repetiu com uma voz mais violenta do que convicta:

— Enganei-me?

Philippe emitiu um som vago e o seu corpo distendeu-se; a angústia dissipou-se, a alegria cortou a respiração de Daniel, o coração alvoroçou-se e dava-lhe pancadas surdas no peito.

— Sobe - murmurou. - Tenho um remédio.

— Remédio para quê?

— Para tudo isso. Tenho muitas coisas para te ensinar.

Philippe tinha um ar cansado e aliviado; Daniel empurrou-o para a entrada. Nunca ousara levar para casa os belos rapazes que apanhava em Montmartre ou Montparnasse, mas agora a porteira e a maior parte dos inquilinos fugiam pelas estradas entre Montargis e Gien; agora, era uma festa. Subiram em silêncio. Daniel meteu a chave na fechadura sem deixar o braço de Philippe. Abriu a porta e afastou-se:

— Entra.

Philippe entrou com o passo sonolento.

— A porta em frente: é a sala.

Voltou-lhe as costas, tornou a fechar a porta, meteu a chave no bolso. Quando se aproximou do rapaz, este tinha-se plantado em frente da estante e olhava entusiasmamente para as estatuetas.

— São formidáveis.

— Não são más - concordou Daniel. - Não são más. E, sobretudo, são verdadeiras. Comprei-as aos índios.

— E isto? - perguntou Philippe.

— Isso, é o retrato de uma criança morta. No México, quando um tipo morria, chamavam o pintor dos mortos. Ele instalava-se e pintava o cadáver com a expressão de um vivo. Era este o resultado.

— Esteve no México? - perguntou Philippe com um ar de vaga consideração.

— Estive lá dois anos.

Philippe olhava com êxtase para o retrato desta bela criança pálida e desdenhosa que olhava para ele do fundo da morte com a suficiência e a seriedade de um iniciado. "São parecidos", pensou Daniel. Ambos loiros, ambos insolentes e lívidos; um deste lado do quadro e o outro do lado de lá, a criança que tinha querido morrer e a criança que estava verdadeiramente morta olhavam-se; a morte era o que os separava: nada, a superfície lisa da tela.

— Formidável! - repetiu Philippe.

Uma enorme fadiga apoderou-se subitamente de Daniel. Suspirou e deixou-se cair numa poltrona. Malvina saltou-lhe para o colo.

— Ai! Ai! - disse ele acariciando-a. - Porte-se bem, Malvina, seja bonita.

Virou-se para o rapaz, e com uma voz fraca:

— Há uísque no bar. Não: à direita, no movelzinho chinês; ali. Também lá há copos. Serve-nos, como se fosses a dona da casa.

Philippe encheu dois copos, estendeu um a Daniel e ficou de pé em frente dele. Daniel esvaziou o copo de uma só vez e sentiu-se rejuvenescido.

— Se você fosse poeta - continuou ele tratando-o subitamente por você -, veria o que há de extraordinário no nosso encontro.

O rapaz teve um estranho riso provocante:

— Quem lhe diz que não o sou?

Olhava para Daniel bem de frente: desde que entrara na sala, mudara de ar e de modos. "São os pais de família que o intimidam", pensou Daniel contrariado: "Já não tem medo de mim porque adivinha que não é o meu caso". Fingiu hesitar:

— Pergunto a mim próprio - disse pensativamente - se me interessas.

— Teria feito melhor - replicou Philippe - se tivesse perguntado isso um pouco mais cedo.

Daniel sorriu:

— Ainda estou a tempo. Se me aborreceres, ponho-te na rua.

— Não se incomode com isso - atalhou Philippe. Dirigia-se para a porta.

— Fica - pediu Daniel. - Sabes muito bem que precisas de mim.

Philippe sorriu tranquilamente e tornou a sentar-se numa cadeira. Poppée ia a passar perto dele, pegou-lhe e pô-la sobre os joelhos, sem que ela protestasse. Acariciava-a docemente, voluptuosamente.

— Marca um ponto a teu favor - comentou Daniel espantado. - É a primeira vez que ela se deixa apanhar.

Philippe sorriu demorada e sinuosamente.

— Quantos gatos tem? - perguntou com os olhos baixos.

— Três.

— Um ponto para si.

Fazia festas na cabeça de Poppée, que começara a ronronar. "Este tipo está mais à vontade do que eu", - pensou Daniel, "Sabe que me agrada". Perguntou bruscamente, para o perturbar:

— Então? Como é que aconteceu?

Philippe abriu as pernas para deixar cair Poppée; a gata deu um salto e fugiu.

— Pois bem - respondeu -, foi como você disse. Não há mais nada a dizer.

— Onde estava?

— No Norte. Uma aldeia chamada Parny.

— E então?

— Então, nada. Resistíamos há dois dias quando chegaram os tanques e os aviões.

— Ao mesmo tempo?

— Sim.

— E tiveste medo?

— Nem por isso. Ou então o medo não é o que se pensa.

O seu rosto tinha endurecido e envelhecido. Olhava o vazio com um ar cansado:

— Os tipos começaram a correr; fiz como eles.

— Depois?

— Fui andando, encontrei um caminhão, a seguir tornei a andar; cheguei aqui anteontem.

— Em que pensavas enquanto andavas?

— Não pensava.

— Porque esperaste até hoje para te matares?

— Queria tornar a ver a minha mãe.

— Ela não estava aqui?

— Não. Não estava.

Levantou a cabeça e olhou para Daniel com os olhos brilhantes.

— Seria um erro considerar-me um covarde - continuou com voz nítida e cortante.

— Sim? Então porque fugiste?

— Corri porque os outros também corriam.

— Querias-te matar, no entanto.

— Sim, de fato pensei nisso.

— Porquê?

— Demoraria muito tempo a explicar.

— Porque tens pressa? - perguntou Daniel. - Toma, bebe mais uísque.

Philippe serviu-se. Corara. Esboçou um sorriso:

— Se se tratasse só de mim, não me importava de ser covarde - respondeu. - Sou pacifista. A virtude militar, o que é isso? Falta de imaginação. Na frente os corajosos eram uns idiotas, verdadeiros brutos. Infelizmente a desgraça quis que eu nascesse numa família de heróis.

— Estou a ver - disse Daniel. - O teu pai é oficial de carreira.

— Oficial da reserva - explicou Philippe. - Mas morreu em vinte e sete, em consequência da guerra: tinha sido vítima de um ataque de gases tóxicos um mês antes do armistício. Esta morte gloriosa deu nova oportunidade a minha mãe: seis anos depois tornou a casar, com um general.

— Arrisca-se a apanhar uma decepção - atalhou Daniel. - Os generais morrem na cama.

— Aquele não - contrariou Philippe com desdém: - é como Bayard. Faz amor, mata, reza e não pensa.

— Está na frente de combate?

— Onde quer que esteja?! Traz com ele uma metralhadora ou dirige-se para o inimigo à frente das suas tropas. Conte com ele para permitir a chacina dos seus homens, até ao último.

— Estou a imaginá-lo moreno e peludo, com bigode.

— Exatamente - assentiu Philippe. - As mulheres gostam dele porque cheira a homem.

Olharam um para o outro e riram-se.

— Não pareces gostar muito dele - observou Daniel.

— Detesto-o - disse Philippe.

Corou e olhou fixamente para Daniel incrédulo.

— Tenho o complexo de Édipo - explicou. - o caso típico.

— É pela tua mãe que estás apaixonado? - perguntou Daniel.

Philippe não respondeu: tinha um ar importante e fatal. Daniel debruçou-se para a frente.

— Não será antes pelo teu padrasto? - perguntou docemente.

Philippe deu um salto e corou violentamente, depois desatou a rir olhando Daniel nos olhos:

— Você tem cada uma! - observou.

— Meu Deus. Ouve lá. - insistiu Daniel rindo também - É mesmo por causa dele que te querias matar.

Philippe ainda se estava a rir.

— Mas claro que não! De modo nenhum.

— Então por causa de quem? Corres para o Sena porque não tiveste coragem e, no entanto, apregoas que detestas a coragem. Temes o desprezo.

— Tenho medo do desprezo da minha mãe - confessou Philippe.

— Da tua mãe? Estou certo de que ela é muito indulgente.

Philippe mordeu os lábios sem responder.

— Quando te pus as mãos no ombro estavas assustado - continuou Daniel. - Pensavas que era ele, não é?

Philippe levantou-se, os olhos brilhavam-lhe.

— Ele... ele quis bater-me.

— Quando?

— Há menos de dois anos. Depois disso, sinto-o sempre atrás de mim.

— Nunca sonhaste que estavas nu nos seus braços?

— Está doido - negou Philippe, sinceramente indignado.

— Em todo o caso, o que há de certo é que se apodera de ti. Pões-te de gatas, o general sobe para cima de ti, faz-te saltitar como uma égua. Nunca és tu próprio: tão depressa pensas como ele como contra ele. O pacifismo, sabe Deus como te estás pouco ligando para isso; nem terias pensado em tal se o teu pai não tivesse sido soldado.

Levantou-se e pegou em Philippe pelos ombros.

— Queres que eu te liberte?

Philippe esquivou-se, possuído pela desconfiança.

— Como podia fazê-lo?

Já te disse, tenho muito a ensinar-te.

— Você é psicanalista?

Qualquer coisa como isso. Philippe inclinou a cabeça.

— Admitindo que é verdade - perguntou -, porque se interessaria por mim?

— Sou um amante de almas - replicou Daniel sorrindo.

Acrescentou emocionado:

— A tua deve ser deliciosa, desde que se desembarace do que a atormenta.

Philippe não respondeu, mas pareceu lisonjeado; Daniel deu alguns passos esfregando as mãos:

— Será preciso - continuou com alegre excitação - começar por liquidar todos os valores. És estudante?

— Era - respondeu Philippe.

— Direito?

— Letras.

— Muito bem. Então compreendes o que quero dizer; a dúvida metódica, sabes? O desregramento sistemático de Rimbaud. Destruímos tudo. Mas não por palavras: por atos. Tudo o que tens e não te pertence desfar-se-á em fumo. O que restar és tu. De acordo?

Philippe olhava para ele com curiosidade.

— No estado em que estás - retomou Daniel - que arriskas?

O rapaz encolheu os ombros.

— Nada.

— Muito bem - disse Daniel -, ficas comigo. Começamos desde já a descida aos infernos. Mas previno-te - acrescentou com um olhar penetrante - de que não transfiras para mim...

— Não sou tão parvo como isso - retorquiu Philippe devolvendo-lhe o olhar.

— Estarás curado quando me rejeitares como a um trapo velho - explicou Daniel sem deixar de olhar para ele.

— Não tenho medo - afirmou Philippe.

— Como um trapo velho! - insistiu Daniel rindo.

— Como um trapo velho - repetiu o rapaz.

Riram os dois; Daniel encheu-lhe o copo.

*

— Sentemo-nos aqui - disse a mulher de repente.

— Aqui porquê?

— É mais calmo.

— Estão a ver - gracejou Pinette. - Gostam do que é calmo, as meninas dos correios.

Despiu o capote e estendeu-o no chão:

— Toma - ofereceu ele -, senta-te aqui.

Deixaram-se cair na erva, à beira de um campo de trigo. Pinette fechou o punho esquerdo, olhando para a mulher pelo canto do olho, meteu o dedo na boca e fingiu assobiar: o bíceps tornou-se saliente, como se enchido por uma bomba e a mulher riu um pouco.

— Podes tocar.

Ela passou um dedo túmido pelo braço de Pinette: nesse instante o músculo desapareceu e Pinette imitou o barulho de um balão que se esvazia.

— Oh! - fez a jovem.

Pinette voltou-se para Mathieu:

— Estás a ver? Mauron, se me visse sem capote, sentado à beira da estrada, o que não diria!

— Mauron - replicou Mathieu - ainda anda a correr.

— Se correr tão depressa como eu o detesto! Mauron - explicou curvado sobre a empregada dos correios - é o capitão. Anda a apanhar ar.

— A apanhar ar? - repetiu ela.

— Diz que é melhor para a saúde. - Troçou: - Somos donos de nós próprios; não há ninguém para mandar em nós, podemos fazer o que quisermos: se te apetecer vamos para a escola e dormimos nos lençóis do capitão; a aldeia é nossa.

— Não por muito tempo - lembrou, Mathieu.

— Mais uma razão para aproveitarmos.

— Prefiro ficar aqui - disse a mulher.

— Mas porquê? Estou a dizer que ninguém está lá para ver.

— Ainda há gente na aldeia.

Pinette olhou-a de alto a baixo com superioridade:

— É verdade - lembrou-se -, tu és funcionária. Precisas de tomar cuidado com a Administração. Nós - disse, rindo para Mathieu, com um ar

cúmplice - não temos ninguém a quem obedecer, não, temos eira nem beira. Nem rei nem roque. Passamos: vocês ficam e nós passamos, vamos embora, somos aves de arribação, ciganos. Somos lobos, animais de combate, grandes lobos maus, não é?

Tinha arrancado uma folhinha de relva e acariciava com ela o queixo da mulher; cantava olhando-a profundamente e sem parar de sorrir:

“Quem tem medo do lobo mau?”

A mulher corou, sorriu e cantou:

“Nós, não! Nós, não!”

— Ah! - exclamou Pinette contente. - Ah, boneca. Ah! - prosseguiu com um ar ausente -, bonequinha, bonequinha, senhorita boneca!

Calou-se bruscamente. O céu estava vermelho, a terra fresca e azul. Debaixo das mãos, das nádegas, Mathieu sentia as vidas entrelaçadas da erva, dos insetos e da terra, uma grande cabeleira áspera e molhada, cheia de piolhos; era uma angústia nua nas suas mãos. Perseguidos! Milhões de homens perseguidos entre os Vosgos e o Reno pela impossibilidade de serem homens: esta floresta plana ia sobreviver-lhes, como se não se pudesse permanecer no mundo, a não ser que se fosse paisagem ou prado ou alguma ubiquidade impessoal. Sob as mãos, a erva era tentadora como um suicídio; a erva e a noite que ela pisava no chão, e os pensamentos cativos que corriam à rédea solta nesta noite, e esta aranha que se balançava perto do sapato, que de repente desapareceu com todas as enormes patas. A mulher suspirou.

— Que há, boneca? - perguntou. Pinette.

Ela não respondeu. Tinha um rostozinho, equilibrado e febril, com um nariz comprido e uma boca fina cujo lábio inferior avançava um pouco.

— Que há? Então, que há? Diz-me o que tens.

Ela calava-se. A cem metros dali, entre o sol e o campo, passavam quatro soldados, encobertos na bruma de ouro. Um deles parou e virou-se para leste, apagado pela luz, que não era escura, mas sim roxa, em virtude do vermelho do poente; estava sem capacete. O seguinte veio esbarrar nele, empurrou-o, e os seus corpos deslizaram sobre o trigo como navios; outro

escorregou atrás deles, com os braços no ar; um retardatário chicoteava as espigas com uma varinha.

— Mais ainda! - protestou Pinette.

Pegara na mulher pelo queixo e olhava-a: ela tinha os olhos cheios de lágrimas.

— Ouve lá, tu não és muito divertida.

Esforçava-se por lhe falar com uma brutalidade militar, mas não estava muito seguro: ao passarem pela sua boca infantil, as palavras tornavam-se frouxas.

— É mais forte do que eu - justificou-se ela.

Ele puxou-a para si.

— Não chores, vamos. Vês-nos chorar, a nós? - acrescentou, a rir.

Ela encostou a cabeça ao ombro de Pinette, que lhe acariciou os cabelos; tinha um ar altivo.

— Vão-vos levar - lamuriou ela.

— Isso agora!

— Vão-vos levar - repetiu ela a chorar.

O rosto de Pinette endureceu:

— Não preciso que me lamentem.

— Não quero que vos levem.

— Quem te disse que nos vão levar? Vais ver como os Franceses se batem; estarás na primeira fila.

Ela levantou os grandes olhos muito abertos; tinha tanto medo que já não chorava.

— Não devem bater-se.

— Ora, ora.

— Não devem bater-se, acabou a guerra.

Ele olhou-a com um ar divertido.

— Ah! - disse ele. - Ah! Ah!

Mathieu voltou-se, tinha vontade de se ir embora.

— Conheçemo-nos desde ontem - retomou a mulher.

O lábio inferior tremia-lhe, inclinava o rosto comprido, tinha um ar nobre, arisco e triste como um cavalo.

— Amanhã - disse ela.

— Oh!, daqui até amanhã... - replicou Pinette.

— Daqui até amanhã, falta só uma noite.

— Justamente: uma noite - concordou ele piscando o olho. - O tempo de nos divertirmos um pouco.

— Não me apetece divertir.

— Não te apetece divertir? É verdade que não te apetece divertir?

Ela olhava-o sem responder. Pinette continuou:

— Estás triste?

Ela continuava a olhá-lo com a boca entreaberta.

— Por minha causa? - perguntou ele.

Inclinou-se para a mulher com uma ternura selvagem, mas, a seguir, endireitou-se, com um trejeito velhaco nos lábios. Encarava-a com maldade.

— Vamos - disse ele, - vamos! Não te aflijas, boneca: outros virão. Um perdido, dez achados.

— Os outros não me interessam.

— Não dirás isso depois de os veres. São engraçados, sabes! E bem constituídos! Os membros assim, as ancas deste jeito!...

— De quem estás a falar?

— Dos "boches", claro!

— Não são homens.

— Que queres mais?

— Para mim, são animais.

Pinette fez um sorriso objetivo:

— Fazes mal - observou calmamente.

— São belos rapazes e bons soldados.

Não são como os Franceses, mas são bons soldados.

— Para mim, são animais - repetiu ela.

— Não repitas isso muitas vezes - recomendou ele -, por que ficarás muito aborrecida por o teres dito quando tiveres mudado de idéias. São vencedores, sabes. Não podes lutar contra quem acaba de ganhar a guerra, tens de aceitar, por muito que te custe. Pergunta às parisienses! Estão-se pouco ligando, neste momento, as parisienses. Ah! Até lhes abrem as pernas.

A mulher afastou-se bruscamente.

— Causa-me nojo.

— Que tens, pequena? - perguntou Pinette.

— Sou francesa! - respondeu a mulher.

As parisienses também são francesas, isso não obsta.

— Deixe-me - pediu ela. - Quero ir-me embora.

Pinette empalideceu e começou a gozar.

— Não se zangue - atalhou Mathieu. - Ele disse isso para a aborrecer.

— Exagera - protestou ela. - Quem pensa ele que sou?

— Não é fácil sentir-se vencido - explicou Mathieu calmamente. - É preciso tempo para se habituar. Não imagina como ele é calmo habitualmente, um cordeirinho.

Ah! - exclamou Pinette. - Ah! Ah!

— Está com ciúmes - disse Mathieu.

— De mim? - perguntou a mulher, mais calma.

— Claro, está a pensar em todos os tipos que vão tentar cortejá-la enquanto ele andar a partir pedras.

— Ou enterrado - acrescentou Pinette sempre a gozar.

— Proíbo-o de que se deixe matar - gritou ela.

Ele sorriu.

— Falas como uma mulher - observou. - Como uma mulherzinha - acrescentou fazendo-lhe cócegas.

— Mau! - disse ela, torcendo-se toda com as cócegas. - Mau!, Mau!

— Não se preocupe muito com ele - interveio Mathieu figastado. - Tudo se vai passar simplesmente e, de resto, nós não temos munições.

Voltaram-se para ele ao mesmo tempo e lançaram-lhe o mesmo olhar de ódio e desencanto como se ele os tivesse impedido de fazer amor. Mathieu olhou para Pinette com dureza; um instante depois Pinette baixou a cabeça e arrancou, amuado, um tufo de erva. Soldados passeavam pela estrada. Um deles tinha um fuzil; levava-a como a uma tocha, zombando.

— Olha - exclamou um moreno entroncado e de pernas tortas.

O soldado pegou no fuzil pelo cano, com as duas mãos, balançou-a por momentos como um taco de golfe e bateu violenta mente com a coronha numa pedra, que deu um salto de vinte passos. Pinette olhava-os, franzindo a testa.

— Há quem já esteja a abusar - disse.

Mathieu não respondeu. A mulher pegara na mão de Pinette e brincava com ela.

— Usa aliança - observou.

— Nunca tinhas visto? - perguntou ele crispando um pouco as mãos.

— Já, já tinha. É casado?

— É como vês.

— Sim - disse ela tristemente.

— Olha o que eu faço da minha aliança.

Puxou o dedo fazendo uma careta, arrancou a aliança e atirou-a para o meio do trigo.

— Oh!, isso não - protestou a mulher escandalizada.

Pegou na faca que estava em cima da mesa, Ivich sangrava, deu um grande golpe na palma da mão, gestos, gestos, pequenas destruições que não levam a nada. Tomei isto pela liberdade. Bocejou.

— Era de ouro?

— Era.

Ela ergueu-se e beijou-o ligeiramente nos lábios. Mathieu endireitou-se e sentou-se:

— Vou-me embora! - disse.

Pinette olhou-o inquieto.

— Fica mais um bocado.

— Vocês não precisam de mim.

— Fica! - pediu Pinette -, não tens nada que fazer.

Mathieu sorriu e apontou para a mulher:

— Ela não quer que eu fique.

— Ela? Mas claro que quer, ela gosta de ti.

Debruçou-se sobre ela e perguntou num tom insistente:

— É um camarada. Não é verdade que gostas dele?

— É. - respondeu a mulher.

"Detesta-me", pensou Mathieu; mas ficou. O tempo já nem sequer passava: deixava-se andar por essa planície loura. Um movimento mais brusco e Mathieu senti-lo-ia de novo nos ossos, como a um velho reumatismo. Estendeu-se de costas. O céu, o céu, rosado e inútil; se se pudesse ir ao céu. Nada a fazer, somos criaturas aqui de baixo, todo o mal é esse.

Os quatro soldados que vira deslizar ao longo da seara tinham dado a volta ao campo para alcançarem a estrada: surgiram no prado, em fila indiana. Eram tipos da rádio, Mathieu não os conhecia; o cabo que ia à frente era parecido com Pinette, estava em mangas de camisa como ele, havia desapertado a camisa sobre o peito peludo; o seguinte, moreno, trazia

o capote pelos ombros, tinha uma espiga na mão esquerda e com a direita ia-lhe tirando os grãos; levou a mão à boca e engoliu os pequenos fusos dourados. O terceiro, mais alto e mais velho, penteava com os dedos os cabelos louros. Andavam devagar, sonhadores, com uma leveza de civis; o louro baixou as mãos que remexiam o cabelo, passou-as levemente pelos ombros e pelo pescoço como para se gozar deste corpo que finalmente jorrava, ao sol, da disforme embalagem militar. Pararam uns atrás dos outros, quase ao mesmo tempo, e olharam para Mathieu. Sob estes olhares de outras eras, Mathieu sentiu-se transformar em relva, era um prado observado por animais. O moreno disse:

— Perdi o meu cinturão.

A voz não perturbou este mundo calmo e desumano: não eram palavras; apenas um dos murmúrios que fazem parte do silêncio. Dos lábios do louro, escapou um murmúrio semelhante:

— Não te preocupes, de qualquer modo os "boches" ficariam com ele.

O quarto chegou sem barulho; parou, levantou o nariz e o seu rosto refletiu o vazio do céu.

— Eh! - exclamou ele.

Acocorou-se, apanhou uma papoila, meteu-a na boca. Ao levantar-se, viu Pinette, que abraçava a mulher; pôs-se à rir:

— Isso vai bem.

— Bastante - reconheceu Pinette.

— O tempo está a arrefecer, não está?

— Parece que sim.

— Ainda bem.

As quatro cabeças ebanaram com um ar de inteligência bem francesa; a, inteligência dissipou-se, ficou apenas um imenso lazer e as cabeças continuaram a abanar. "Pela primeira vez na vida", pensou Mathieu, "estão a descansar". Descansavam das marchas forçadas, das revistas passadas, dos exercidos, das licenças, das esperas, das esperanças, descansavam da guerra e de uma fadiga mais antiga ainda: a paz. No meio do trigo, na orla do bosque, à saída da aldeia, havia outros, em pequenos grupos, que também repousavam: cortejos de convalescentes percorriam o campo.

— Ei, Pirard! - gritou o cabo.

Mathieu voltou-se. Pirard, a ordenança do capitão Mauron, parara à beira da estrada e mijava: era um camponês bretão, mesquinho e brutal.

Mathieu olhou para ele surpreso: o poente avermelhava o rosto terroso, os olhos tinham-se-lhe dilatado, perdera o ar desconfiado e malicioso; pela primeira vez, talvez, olhava os sinais traçados no céu e a marca misteriosa do sol. Um jato amarelo saía-lhe das mãos, que pareciam esquecidas à volta da braguilha.

— Ei, Pirard!

Pirard estremeceu.

— Que estás a fazer? - perguntou o cabo.

— Estou a apanhar ar - respondeu Pirard.

— Estás a mijar, porco! Há aqui senhoras.

Pirard baixou os olhos para as mãos, pareceu admirado apertou-se rapidamente.

— Foi sem querer - justificou-se.

— Não tem importância - disse a mulher.

Aconchegou-se no peito de Pinette e sorriu para o cabo. A saia havia-se-lhe levantado, mas ela nem sequer pensou em a compor: vivia-se na inocência, Eles olharam-lhe para as coxas, mas gentilmente, com um encantamento triste: eram anjos, tinham olhares inocentes.

— Bem - despediu-se o moreno - Então, adeus. Vamos continuar o passeio.

— O passeio de aperitivo - observou o louro alto, rindo.

— Bom apetite - disse Mathieu.

Riram-se: toda a gente sabia que já não havia nada para comer na aldeia; todas as reservas da Intendência tinham sido pilhadas às primeiras horas da manhã.

— Não é o apetite que falta.

Não se mexiam; pararam de rir e uma certa angústia subiu aos olhos do cabo! dir-se-ia que tinha medo de partir. Mathieu esteve quase a dizer-lhes que se sentassem.

— Vamos! - ordenou o cabo com uma voz demasiado calma.

Recomeçaram a andar para alcançar a estrada; a sua partida provocou uma fenda rápida na frescura da tarde; um pouco de tempo passou por este rasgão, os alemães deram um passo em frente, cinco dedos de ferro crispavam-se no coração de Mathieu. E depois a sangria parou, o tempo parou de novo, havia apenas um parque onde anjos andavam a flunar. "Que vazio!", pensou Mathieu. Algo de imensamente grande se tinha retirado,

deixando a Natureza guardada por soldados de segunda classe. *Ouve-se uma voz sob um sol antigo: Pá morreu, sentiram a mesma ausência.* Quem morreu, desta vez? A França? A cristandade? A esperança? A terra e os campos voltaram docemente à sua primitiva inutilidade; no meio dos campos que não podiam cultivar nem defender, estes homens tornara-se gratuitos. Tudo parecia novo e, no entanto, a tarde estava bordada pela orla negra da próxima noite; no coração desta, um cometa chegaria à Terra. Bombardearão? Espera-se a todo o momento a cerimônia. Era o primeiro dia do mundo ou o último? As espigas, as papoilas que se viam escurecer, tudo parecia nascer e morrer ao mesmo templo. Mathieu percorreu com o olhar esta tranquila ambiguidade, pensou: "É o paraíso do desespero."

— Os teus lábios estão frios. - disse Pinette.

Estava inclinado sobre a mulher e beijava-a.

Tens frio? - perguntou ele.

— Não.

— Gostas que te beije?

— Gosto muito.

— Então? Porque estão os teus lábios frios?

— É verdade que eles violam as mulheres? - perguntou ela.

— Estás maluquinha.

— Beija-me - pediu ela apaixonadamente. - Não quero pensar em mais nada.

Pegou-lhe na cabeça com as mãos e puxou-o para si, deixando-se cair.

— Boneca - disse ele. - Boneca!

Deitou-se em cima dela. Mathieu só viu os cabelos na erva. Mas logo a seguir a cabeça levantou-se, a máscara arisca e orgulhosa caíra; os olhos, numa doce e lisa nudez, olharam para Mathieu sem o ver; transbordavam de solidão.

— Meu querido, vem, vem - suspirou a mulher.

Mas a cabeça não se baixava, direita, branca, cega. "Desempenha o papel de homem", pensou. Mathieu, olhando para estes olhos obscuros. Pinette deitara esta mulher debaixo dele, esmagava-a contra a terra, fundia-a à terra, à erva hesitante; mantinha o prado deitado debaixo de si, ela chamava-o, ele ia enraizar-se nela pelo ventre, ela era água, mulher, espelho, refletia em toda a superfície o herói virgem das futuras batalhas, o macho, o soldado glorioso e vencedor; a Natureza, ofegante, de costas,

absolvía-o, de todas as derrotas, murmurava: meu querido, vem, vem. Mas ele queria fazer de homem até ao fim, apoiava as palmas das mãos no chão e os braços encolhidos pareciam asas, levantava a cabeça sobre esta docilidade transbordante, queria ser admirado, refletido, desejado na sombra, sem o saber, desprezar esta glória que passava da terra para o seu corpo como um calor animal, emergir do vazio, da angústia, para pensar: "e depois?" A mulher passou-lhe o braço pelo pescoço e puxou-o a si. A cabeça mergulhou na glória e no amor, o prado fechou-se. Mathieu levantou-se sem barulho e foi-se embora; atravessou o prado, transformou-se num dos anjos que passeavam na estrada ainda clara, entre os choupos. O casal tinha desaparecido na erva escura; passavam soldados com ramos de flores; um deles, sempre a andar, levantou o ramo, mergulhou o nariz nas flores, respirou nelas o lazer, o desgosto e a sua injustificável gratuidade. A noite comia a folhagem, os rostos: toda a gente se assemelhava; Mathieu pensou: "Sou parecido com eles." Andou mais um pouco, viu iluminar-se uma estrela e passou por um transeunte que assobiava. O homem voltou-se, Mathieu viu-lhe os olhos que sorriram, era um sorriso da véspera, um sorriso de amizade.

— Está refrescando - observou o tipo.

— Está - concordou Mathieu -, está começando a refrescar.

Não tinham mais nada a dizer e o outro continuou. Mathieu seguiu-o com o olhar; será preciso que os homens percam tudo, mesmo a esperança, para que se leia nos seus olhos que podiam ter ganho? Pinette fazia amor; Guiccioli e Latex tinham rolado mortos de bêbedos pelo chão da Câmara; pelos caminhos, anjos solitários passeavam a sua angústia: ninguém precisava dele. Deixou-se cair no chão, à beira da estrada, porque não sabia para onde ir. A noite entrou-lhe na cabeça pela boca, pelos olhos, pelas narinas, pelos ouvidos: já não era nada, nem ninguém. Nada mais, além da desgraça e da noite. Pensou: "Charlot" e pôs-se imediatamente de pé: pensava em Charlot, sozinho com o seu medo, e teve vergonha. "Meti-me com aqueles porcos bêbedos e durante esse tempo ele estava sozinho e tinha medo, e eu podia tê-lo ajudado."

Charlot estava sentado no mesmo lugar debruçava-se sobre o livro. Mathieu aproximou-se e passou-lhe a mão pelos cabelos.

— Ficas sem olhos.

— Não estou a ler - respondeu Charlot. - Estou a pensar.

Tinha levantado a cabeça e os lábios grossos esboçaram um sorriso.

— A pensar em quê?

— Na minha loja. Pergunto se a terão saqueado.

— É pouco provável - disse Mathieu.

Apontou com a mão as janelas escuras de Câmara.

— Que estão eles a fazer lá dentro?

— Não sei - respondeu Charlot. - Há um bocado que não ouço nada.

Mathieu sentou-se num degrau.

— Isso não vai bem, não?

Charlot sorriu tristemente.

— Foi por minha causa que voltaste? - perguntou.

— Chateio-me. Pensei que talvez tivesses necessidade de companhia.

Bem que gostaria.

Charlot sacudiu a cabeça sem responder.

— Queres que me vá embora? - perguntou Mathieu.

— Não - respondeu Charlot -, não me incomodas. Mas não me podes ajudar. Que podes tu dizer-me? Que os Alemães não são selvagens? Que é preciso ter coragem? sei tudo isso.

Suspirou e pousou o livro ao lado dele, com preocupação:

— Era preciso seres judeu - continuou. - Assim, não podes compreender.

Pousou a mão no joelho de Mathieu e prosseguiu em tom de desculpa:

— Não sou eu quem tem medo, é a raça dentro de mim. Não podemos fazer nada.

Mathieu calou-se; ficaram lado a lado, silenciosos, um desamparado, o outro completamente inútil, esperando que a escuridão os envolvesse.

*

Era a hora em que os objetos saem dos seus contornos e se fundem na bruma esponjosa da noite; as janelas deslizavam pela penumbra com um longo movimento imóvel, o quarto era uma barcaça, vagueava; a garrafa de uísque era um deus asteca; Philippe era esta grande planta cinzenta, que não intimidava; o amor era muito mais do que o amor, e a amizade não era completamente amizade. Daniel, escondido, falava de amizade, não era mais do que uma voz quente e calma. Retomou o fôlego e Philippe aproveitou para dizer:

— Como está escuro! Não acha que podíamos acender a luz?

— Se a eletricidade não tiver sido cortada - comentou Daniel, secamente.

Levantou-se de má vontade: chegara o momento de passar a prova da luz. Abriu a janela, debruçou-se sobre o vazio e respirou o Odor a violeta do silêncio: tantas vezes, neste mesmo lugar, quis fugir e sentia passos que avançavam sobre o seu pensamento. A noite era calma e selvagem, a carne tantas vezes rasgada pela noite tinha cicatrizado. Uma noite cheia e virgem, bela noite sem homens, bela sanguínea sem estrias. Fechou as persianas contrariado, deu volta ao interruptor e a sala saiu da sombra, as coisas entraram em si próprias. O rosto de Philippe foi ao encontro dos olhos de Daniel, Daniel sentia remexer no seu olhar esta cabeça enorme e precisa, cortada de fresco, inclinada, com estes dois olhos cheios de espanto que se fascinavam, como se o tivessem visto pela primeira vez. "É preciso fazer o cerco apertado", - pensou ele. Levantou a mão, perturbado, para pôr termo a toda a fantasmagoria, apertou a borda do casaco entre os dedos, sorriu: tinha medo de ser descoberto.

— Porque me olhas? Achas-me belo?

— Muito belo - respondeu Philippe com voz neutro.

Daniel voltou-se e viu no espelho, sem desagrado, o seu belo rosto sombrio. Philippe baixara as pálpebras; tapou a boca para se rir.

— Ris como uma criança.

O rapaz parou de rir. Daniel insistiu:

— Porque te ris?

— Porque sim.

Estava meio embriagado, de vinho, de incerteza, de fadiga. Daniel pensou: "Está na hora." Desde que tudo se passasse a rir, como uma farsa de colégio, o rapaz deixar-se-ia deitar sobre o divã, acariciar, beijar atrás da orelha: só se defenderia pelo riso. Daniel voltou-lhe bruscamente as costas e deu alguns passos através do quarto: demasiado cedo, nada de tolices. Amanhã iria matar-se ou tentaria matá-lo a ele. Antes de voltar para Philippe, abotoou o casaco e puxou-o para as coxas para dissimular a evidência da sua perturbação.

— Finalmente! - disse ele.

— Finalmente - repetiu Philippe.

— Olha para mim.

Mergulhou-lhe o olhar nos olhos e abanou a cabeça satisfeito; falou lentamente:

— Tu não és um covarde, estava certo disso.

Avançou o indicador e bateu-lhe no peito:

— Tu, fugires por medo? Vejamos! Isso não é contigo. Foste-te embora, muito simplesmente; deixaste que o assunto se resolvesse sem ti. Porque havias de te deixar abater pela França, hem? Estás-te pouco ligando, grande tolo.

Philippe fez um sinal com a cabeça. Daniel retomou a marcha através da sala.

— Tudo acabado - continuou com uma agitação cheia de alegria. - Acabado, liquidado. Tens uma sorte que eu não tive na tua idade. Não, não - e fez vivamente um gesto com a mão -, não, não, não quero falar do nosso encontro. A tua sorte é a coincidência histórica: queres minar a moral burguesa? Pois bem, os Alemães estão aqui para te ajudarem. Ah! Verás esta vassourada; verás os pais de família rastejarem, vê-los-ás lamber as botas e oferecerem os grandes cus aos pontapés; verás o teu padrasto reduzido a zero: é ele o grande vencido desta guerra, vais poder despistá-lo.

Riu até às lágrimas repetindo: "Que vassourada!", depois virou-se bruscamente para Philippe:

— É preciso amá-los.

— Quem? - perguntou o rapaz, assustado.

— Os Alemães. São nossos aliados.

— Amar os Alemães - repetiu Philippe. - Mas eu... não os conheço.

— Havemos de os conhecer, não tenhas medo: jantaremos com os Gauleiter, com os Feldmarschal, passearemos nos grandes Mercedes pretos, enquanto os Parisienses andarão a pé.

Philippe encobriu um bocejo; Daniel sacudiu-o pelos ombros:

— É preciso amar os Alemães - insistiu com um ar intenso. - Será o teu primeiro exercício espiritual.

O rapaz não tinha um ar particularmente emocionado; Daniel deixou-o, abriu muito os braços e disse maliciosamente:

— Chegou o tempo dos assassinos. - Philippe bocejou pela segunda vez;

Daniel viu-lhe a língua pontiaguda.

— Tenho sono - disse o rapaz desculpando-se. - Há duas noites que não prego olho.

Daniel pensou em zangar-se, mas também estava exausto, como após cada novo encontro. À força de desejar Philippe, sentia as virilhas pesadas. Teve subitamente vontade de estar só.

— Muito bem - concordou - deixo-te. Encontrarás pijamas na gaveta da cômoda.

— Não vale a pena - replicou o rapaz calmamente -, tenho de voltar para casa.

Daniel olhou para ele sorrindo:

— Faz como quiseres; mas arriskas-te a cair no meio de uma patrulha e Deus sabe o que farão de ti: és bonito como uma mulher e os alemães são todos pederastas. E depois, mesmo admitindo que chegas a casa, encontras lá aquilo de que foges. Há fotografias do teu padrasto nas paredes, não é? E o perfume da tua mãe paira no quarto.

Philippe Parecia não o ouvir. Fez um esforço para se levantar, mas tornou a cair no divã:

— Ahhh! - disse com uma voz adormecida.

Olhou para Daniel e sorriu-lhe com um ar perplexo:

— Creio que fazia melhor em ficar aqui.

— Então, boa noite.

— Boa noite - respondeu Philippe bocejando.

Daniel atravessou o quarto; ao passar perto da lareira apoiou-se num rebordo e uma prateleira da estante girou sobre si própria, mostrando uma fila de livros de capas amarelas.

— Isto - mostrou - é o inferno. Lerás isto mais tarde: falam de ti.

— De mim? - repetiu Philippe sem compreender.

— Sim, enfim: do teu caso.

Puxou a prateleira e abriu a porta. A chave ficara por fora. Daniel pegou-lhe e atirou-a a Philippe.

— Se tens medo dos fantasmas ou dos ladrões, podes fechar-te. - disse Daniel com ironia.

Puxou a porta atrás de si, foi às escuras até ao fundo do quarto, acendeu o candeeiro da cabeceira e sentou-na na cama. Em fim, só! Seis horas a andar e, durante quatro horas, este papel difícil de príncipe do mal: "Estou morto." Suspirou, pelo prazer de sentir a sua solidão; pelo prazer de

não ser ouvido, gemeu efeminadamente: "Doem-me os colhões." Pelo prazer de não ser visto, fez um esgar de dor. Depois sorriu e deixou-se cair para trás como num banho: tinha o hábito destes longos desejos abstratos, destas vãs e furtivas ereções; sabia por experiência que sofreria. menos se ficasse estendido. O candeeiro fazia um círculo de luz no teto, as almofadas estavam frescas. "Calmo, vamos a estar calmo: fechei a porta da entrada à chave, tenho-a no bolso; de resto ele vai cair de fadiga, dormitá até ao meio-dia. Pacifista. vejam lá!" Afinal, nem tudo batera certo, havia fatos que não soubera explorar. Os Nothanaël, os Rimbaud, Daniel conhecia-os; mas a nova geração desconcertava-o: "Que estranha mistura: narcisismo e idéias sociais não costumam andar a par." De qualquer modo, não correra mal como isso: o rapaz estava lá, e fechado à chave. Em caso de dúvida, não seria mau jogar até ao fim a cartada do desregramento sistemático. Dava sempre algum resultado, lisonjeava: "Serás meu", pensou, "lavarei os teus princípios, meu anjo. Idéias sociais! Verás no que elas se tornam!" Este fervor arrefecido pesava-lhe no estômago, tinha vontade de uma boa dose de cinismo para. O varrer: "Se puder ficar com ele muito tempo, é uma boa coisa: preciso de desanuviar, de ter alguém em casa. As quermesses, Graffet Toto Tante d'Honfleur, Marius, Sens Interdît; acabou. Acabaram as esperas à volta da Gare de Pest e a vulgaridade objeta dos soldados que estão de licença e cheiram mal dos pés: vou entrar na ordem (Fim do Terror!)." Sentou-se na cama e começou a despir-se: "Será uma ligação duradoira", decidiu ele. Tinha sono, estava calmo, pensou: "É curioso que não esteja angustiado." Nesse instante sentiu alguém atrás das costas, voltou-se, não viu ninguém e a angustia percorreu-o. "Mais uma vez! Mais uma vez." Tudo recomeçava, sabia tudo, sabia prever tudo, podia contar minuto por minuto os anos de desgraça que estavam para vir, os longos, longos anos quotidianos, aborrecidos e sem esperança, e depois o. fim imundo e doloroso: tudo estava aí. Olhou para a porta fechada, sofria, pensava: "Desta vez rebento", e sentia na boca o fel do sofrimento futuro.

*

— Que fogueira, hem! - comentou um velho.

Toda a gente estava na estrada, soldados, velhos e mulheres. O professor apontava com a bengala para o horizonte; na ponta da bengala rodava um falso sol, uma bola de fogo que escondia pálidas auroras: era Roberville que ardia.

— Que fogueira, hem!

— É, é!

Os velhos bamboleavam-se um pouco, com as mãos atrás das costas, diziam "se arde!, se arde!" com as suas vozes profundas e calmas.

Charlot deixou o braço de Mathieu, e disse:

— É uma triste sorte!

Um velho respondeu:

— É a sorte do camponês. Quando não é a guerra, é o granizo ou a geada: para o camponês nunca há paz na Terra.

As mãos dos soldados apalpavam as mulheres no escuro e ouviam-se risos; atrás de si, Mathieu escutava os gritos dos garotos que brincavam nas ruelas abandonadas da aldeia. Uma mulher dirigiu-se a eles: trazia uma criança ao colo.

— Foram os franceses que lançaram o fogo? - perguntou ela.

— Está doida, mulher? - respondeu Lubéron. - Foram os "boches", claro.

Um velho abanava a cabeça, incrédulo:

— Os "boches"?

— Sim, os "boches": os alemães!

O velho não parecia muito convencido:

— Os "boches" já aqui tinham estado na outra guerra. Não fizeram mal nenhum: não eram maus tipos.

— Porque haveríamos de lançar o fogo? - perguntou Lubéron indignado. - Não somos selvagens.

— Porque o terão feito? Onde estão alojados?

Um soldado barbudo levantou a mão:

— Devem ter sido malandros daqui que se quiseram armar: talvez tenham atirado. Basta os "boches" terem tido um morto para queimarem a aldeia.

A mulher virou-se para ele, inquieta.

— E vocês? - perguntou ela.

— Nós, o quê?

— Não vão fazer tolices?

Os soldados começaram a rir:

— Ah! - respondeu um deles convictamente - conosco podem dormir com os dois ouvidos tapados. Sabemos o que a vida vale. Olharam-se e

riram-se com um ar conivente: Sabemos o que a vida vale e o que havemos de fazer. Pensam que nos íamos meter em complicações em vésperas de paz?

A mulher acariciava a cabeça do filho; perguntou com uma voz hesitante:

— É a paz?

— Sim, é a paz -, respondeu o professor, convicto. - É a paz. É nisso que temos de pensar.

Um arrepio percorreu a Multidão; Mathieu ouviu atrás de si um murmúrio confuso de palavras quase alegres.

— É a paz, é a paz.

Viam queimar Roberville e repetiam para si: acabou a guerra, é a paz; Mathieu olhava para a estrada: escapava-se aa noite, a duzentos metros, corria numa brancura incerta até aos seus pés e continuava até atingir as casas de janelas fechadas. Bela estrada aventureira e mortal, bela estrada de sentido único. Tinha encontrado a selvajaria dos rios antigos: amanhã chegarão à aldeia navios carregados de assassinos. Charlot suspirou e Mathieu apertou-lhe o braço sem dizer nada.

— Ei-los! - gritou uma voz.

— O quê?

— Os alemães, estou a dizer-te: chegaram!

A sombra tinha-se mexido, soldados, de fuzil debaixo do braço, saíam um a um das negras águas da noite. Avançavam lentamente, prudentemente, prontos a atirar.

— Ei-los! Ei-los!

Mathieu foi empurrado, atropelado: uma grande e vaga oscilação sacudia a multidão à sua volta.

— Fugamos, camaradas - gritou Lubéron.

— Estás parvo? Já nos viram, não temos mais do que esperar por eles.

— Esperam por eles? Vão atirar sobre nós.

A multidão deu um suspiro de desânimo; a voz aguda do professor atravessou a noite:

— As mulheres para trás. Os homens larguem os fuzis. E mãos ao ar.

— Corja de parvos! - gritou Mathieu fora de si. - Não estão a ver que são franceses?

— Franceses...

Houve um compasso de espera, um arrastar de pés e depois alguém disse, desconfiado:

— Franceses? De onde vieram?

Eram de fato franceses, uns quinze homens comandados por um tenente. Tinham rostos escuros e expressão carregada. As pessoas da aldeia recuaram para o fundo da estrada, viram-nos chegar sem amizade. Franceses, sim, mas que vinham de lugares estranhos e perigosos. Com armas. Ao cair da noite. Franceses que saíam da sombra e da guerra, que traziam a guerra para este burgo, já pacificado. cedo. Franceses. Parisienses, talvez, ou, bordeleses; não eram completamente alemães. Passaram entre duas alas de fria hostilidade, sem ver ninguém; tinham um ar altivo. O tenente deu uma ordem e eles pararam.

— Que divisão é esta? - perguntou.

Não se dirigia a ninguém em particular. Houve um silêncio e ele repetiu a pergunta.

— A sessenta e um - respondeu um tipo com maus modos.

— Onde estão os chefes?

— Deram o fora.

— Como?

— Rasparam-se - repetiu o soldado com manifesta complacência.

O tenente torceu a boca e não insistiu:

— Onde é a Câmara?

Charlot, sempre servil, avançou:

— À esquerda, ao fundo da rua. A cem metros.

O oficial voltou-se bruscamente para ele e olhou-o de alto a baixo:

— Que modos são esses de falar a um superior? Não pode corrigir a posição? E seria de mais pedir-lhe que dissesse: meu tenente?

Houve alguns segundos de silêncio. O oficial olhava Charlot nos olhos; à volta de Mathieu os tipos olhavam o oficial. Charlot pôs-se em sentido.

— Às suas ordens, meu tenente.

— Está bem.

O oficial olhou em volta com desprezo, fez um gesto e o grupo recomeçou a andar. Os tipos viram-no desaparecer na noite, sem uma palavra.

— Ainda não acabaram com os oficiais? - perguntou Lubéron, aborrecido.

— Com os oficiais? - repetiu uma voz nervosa e amarga. - Não os conheces. Hão de nos chatear até ao fim.

Uma mulher gritou bruscamente:

— Não vão bater-se aqui, ao menos?

Houve risos na multidão e Charlot disse com voz indulgente:

— Não, tiazinha, eles não são doidos.

De novo o silêncio: todas as cabeças se tinham voltado para o norte. Roberville, isolada, inatingível, já lendária, ardia desgraçadamente em país estrangeiro, do outro lado da fronteira. A luta, a morte, o incêndio, isso é para Roberville; não são coisas que nos aconteçam a nós. Lentamente, descontraidamente, alguns tipos saíram da multidão e dirigiram-se à aldeia. Iam-se deitar, dormir, para estarem frescos quando os "boches" viessem, de madrugada. "Que porcaria!", pensou Mathieu.

— Pois bem - disse Charlot -, vou-me embora.

— Vais dormir?

— Parece que sim.

— Queres que vá contigo?

— Não vale a pena - respondeu Charlot bocejando.

Afastou-se; Mathieu ficou só. "Somos escravos", pensou, "escravos, sim". Mas não queria mal aos companheiros, não era por culpa deles: haviam feito dez meses de trabalhos forçados; agora, era a transmissão de poderes, passavam para as mãos dos oficiais alemães, saudariam Jeldwebel e Oberleutenant; não tinha grande importância, a casta dos oficiais é internacional; os trabalhos forçados continuavam, é tudo. "É a mim que tenho ódio", pensou ele. Mas censurava-se por se odiar porque era uma maneira de se pôr acima dos outros. Indulgente para toda a gente, exigente para consigo: mais uma armadilha do orgulho. Inocente e culpado, demasiado exigente e indulgente, impotente e responsável, solidário com todos e rejeitado por cada um, perfeitamente lúcido e total mente iludido, escravo e senhor: era como toda a gente. Alguém lhe agarrou no braço. Era a mulher dos correios. Os olhos queimavam-lhe o rosto.

— Impeça-o, se é amigo dele.

— Quê?

— Ele quer bater-se: impeça-o.

Pinette apareceu atrás dela, pálido, os olhos mortiços, com um sorriso malvado.

— Que queres fazer, idiota? - perguntou Mathieu.

— Estou a dizer-lhe que ele quer lutar, ouvi-o dizer: foi ter com o capitão e disse-lhe que estava pronto para se bater - insistiu ela.

— Qual capitão?

— O que passou aqui com os homens.

Pinette ria-se, com as mãos atrás das costas.

— Não era capitão, era um tenente.

— É verdade que queres lutar? - perguntou Mathieu.

— Vocês são todos uns chatos - respondeu ele.

— Estão a ver! - disse a empregada dos correios. - Estão a ver! Ele afirmou que queria lutar. Ouvi-o.

— Mas quem lhe disse que vai haver luta?

— Não os viu? Têm o mal nos olhos. E ele - prosseguiu a mulher, apontando para Pinette -, olhem para ele: mete-me medo, é um monstro.

Mathieu encolheu os ombros:

— Que quer que faça?

— Não é amigo dele?

— É justamente por isso.

— Se é amigo dele, deve dizer-lhe que não tem o direito de se deixar matar.

Ela agarrou-se aos ombros de Mathieu:

— Ele já não tem o direito.

— Porquê?

— Sabe muito bem.

Pinette fez um sorriso cruel e desdenhoso:

— Sou soldado, tenho de lutar: os soldados são para isso.

— Então, não me tivesses procurado!

Ela agarrou-o pelo braço e acrescentou com voz trêmula:

— És meu!

Pinette libertou-se:

— Não sou de ninguém.

— És! - insistiu ela -, és meu! - Virou-se para Mathieu e gritou-lhe furiosamente:

— Mas diga-lhe, então! Diga-lhe que já não tem o direito de se deixar matar! É um dever dizer-lhe.

Mathieu calou-se; a mulher dirigiu-se-lhe, com o rosto a arder; pela primeira vez Mathieu achou-a desejável.

— Diz que é amigo dele e não se importa que lhe aconteça uma desgraça?

— Não é verdade, importo-me.

— Então acha bem que ele se vá meter a lutar como um menino contra um exército inteiro? Se servisse para alguma coisa! Mas sabe muito bem que já ninguém está em guerra.

— Eu sei! - disse Mathieu.

— Então? De que está à espera para lhe dizer?

— De que ele me peça a opinião.

— Henri! Peço-te que te aconselhes com ele: é mais velho do que tu, deve saber melhor.

Pinette levantou a mão para recusar, mas ocorreu-lhe uma idéia e deixou cair o braço, piscando os olhos com um ar matreiro que Mathieu não lhe conhecia:

— Queres que eu converse com ele?

— Quero; já que não gostas de mim o suficiente para me ouvires.

— Bom. Então, estamos de acordo. Mas vai-te embora.

— Porquê?

— Não quero falar à tua frente.

— Mas porquê?

— Porque sim! Não são negócios de mulheres.

— São negócios meus, já que se trata de ti.

— Ah! - gritou ele desesperado, - és chata que te fargas!

Espetou o cotovelo nas costelas de Mathieu, que se apressou a dizer:

— Nem vale a pena ir-se embora: vamos dar um passeio pela estrada; espere-nos aqui.

— E depois vocês não voltam.

— Estás doida! - protestou Pinette. - Onde queres que vamos? Estaremos a vinte metros de ti, podes sempre ver-nos.

— E se o teu amigo te disser que não deves lutar, tu ouve-lo?

— Certamente - respondeu Pinette. - Faço sempre o que ele diz.

Pendurou-se no pescoço de Pinette:

— Juras que voltas? Mesmo que decidas lutar? Mesmo que seja o teu amigo a aconselhar-te? Prefiro tudo a nunca mais te tornar a ver. Juras?

— Sim, sim, sim.

— Diz que juras! Diz: juro.

— Juro - disse Pinette.

— E você - perguntou ela a Mathieu -, jura o trazer-me?

— Naturalmente.

— Não se demorem muito - recomendou a mulher - e não se afastem.

Deram alguns passos pela estrada, em direção a Roberville; sebes e árvores sobressaíam da escuridão. Ao fim de uns instantes Mathieu voltou-se: muito direita, tensa, quase apagada pela noite, a empregada dos correios procurava distingui-los nas trevas. Mais um passo e deixaram de a ver. No mesmo instante ela gritou:

— Não se afastem mais, já não vos estou a ver!

Pinette começou a rir; pôs as mãos à volta da boca e gritou:

Oho! Ohoho! Ohoho!

Continuaram a andar. Pinette sempre a rir:

— Queria convencer-me de que era virgem; é por isso.

— Ah!

— Ela é que diz, sabes, eu não dei por isso.

— Há mulheres assim: pensamos que estão a mentir e afinal são mesmo virgens.

— Imagina! - troçou Pinette.

— Acontece.

— Ora, ora! E, mesmo admitindo que é verdade, era uma coincidência engraçada ter-me acontecido precisamente a mim.

Mathieu sorriu sem responder.

Pinette deu uma cabeçada no vazio:

— E depois, vamos lá! Não a violei. Quando uma mulher é séria, bem podes tentar que não consegues nada. Olha, a minha mulher: Tínhamos muita vontade os dois; pois bem, antes da noite de núpcias não houve nada.

Fez um gesto peremptório:

— Nada de histórias: esta mulher estava com cócegas num certo sítio e eu não fiz mais nada do que prestar-lhe um favor.

— E se lhe fizeste um filho?

— Eu? - respondeu Pinette estupefato. Ah!, isso agora! Não me conheces! Sou um tipo decente. A minha mulher não queria filhos porque éramos pobres e eu aprendi a dominar-me. Não - continuou -, não. Ela teve prazer e eu também: estamos pagos.

— Se, de fato, foi a primeira vez - replicou Mathieu -, é pouco provável que tenha tido prazer.

— Pois bem, pior! - disse Pinette secamente. - Nesse caso a culpa é dela.

Calaram-se. Ao fim de um instante, Mathieu levantou a cabeça e procurou os olhos de Pinette na sombra.

— É verdade que vão combater?

— É.

— Na aldeia?

— Onde queres que seja?

Mathieu sentiu o coração apertado. E depois, bruscamente, pensou em Longin a vomitar debaixo da árvore, em Guiccioli deitado no chão, em Lubéron que gritava ao ver Roberville: é a paz. Riu-se de raiva.

— Porque te ris?

— Por causa dos camaradas - respondeu Mathieu. - Vão ter uma estranha surpresa.

— Dizes bem.

— O tenente aceita-te?

— Se eu tiver um fuzil. Ele disse-me: "Se tiveres um fuzil, vem."

— Estás decidido?

Pinette riu agressivamente.

— Sabes... - começou Mathieu.

Pinette voltou-se bruscamente para ele:

— Sou maior. Não preciso de conselhos.

— Muito bem - disse Mathieu. - Então, voltemos.

— Não - atalhou Pinette. - Continua!

Deram alguns passos. Pinette disse de repente:

— Salta para a valeta.

— O quê?

— Anda! Salta!

Saltaram, subiram o talude e viram-se no meio do trigo.

— Á esquerda - explicou Pinette -, há um atalho que vai ter à aldeia.

Mathieu tropeçou e caiu sobre um joelho.

— Santo Deus! - protestou. - Em que me meteste?

— Não a posso ver nem pintada - respondeu Pinette.

Ouviram uma voz de mulher que vinha da estrada:

— Henri! Henri!

— Que carrapato! - disse Pinette.

— Henri! Não me deixes!

Pinette puxou Mathieu pelo braço e deitaram-se no meio do trigo; ouviram a mulher a correr pela estrada; uma espiga arranhou Mathieu na cara, um bicho passou-lhe pelas mãos.

— Henri! Não me deixes, faz o que quiseres mas não me deixes, volta; Henri, já não te digo mais nada, prometo, mas volta, não me deixes assim! Henri! Não me deixes sem me beijares primeiro!

A mulher passou ao pé deles, ofegante.

— Felizmente que ainda não há luar - murmurou Pinette.

Mathieu respirava um forte odor a terra, que estava húmida mole debaixo das suas mãos; ouvia a respiração touca de Pinette, pensava: "Vão combater na aldeia." A mulher gritou mais duas vezes com uma voz angustiada e de repente retrocedeu e pôs-se a correr em sentido inverso.

— Ela ama-te - disse Mathieu.

— Que vá à merda! - respondeu Pinette.

Levantaram-se. Mathieu viu a nordeste, mesmo sobre as espigas, a bola de fogo que crepitava. *Basta terem tido um morto, para queimarem tudo.*

— Então? - perguntou Pinette, provocador. - Não a vais consolar?

— Ela chateia-me - respondeu Mathieu. - E depois, de qualquer modo, as histórias de alcova agora não me interessam. Mas fizeste mal em a teres possuído, se era para depois a abandonares.

— Ah! Merda! - protestou Pinette, - com você nunca se tem razão.

— Aqui está o atalho - disse Mathieu.

Andaram um bocado. Pinette exclamou:

— A Lua!

Mathieu levantou a cabeça e viu outro fogo no horizonte: era um incêndio de prata.

— Vamos ser bons alvos! - comentou Pinette.

— De qualquer modo - observou Mathieu -, não me parece que cheguem antes de amanhã de manhã.

Acrescentou, ao fim de um instante, sem olhar para Pinette:

— Vocês vão-se deixar matar até ao último.

— É a guerra - disse Pinette num tom rouco.

— Não exatamente - replicou Mathieu -, não é mais a guerra exatamente.

— O armistício ainda não foi assinado.

Mathieu pegou na mão de Pinette e apertou-a ligeiramente entre os dedos: estava gelada.

— Estás certo de que queres ser abatido?

— Não quero ser abatido: quero abater um "boche".

— Uma coisa anda com a outra.

Pinette retirou a mão sem responder. Mathieu quis falar; pensava: "Morre por nada", e isso pesava-lhe. Mas bruscamente sentiu frio e calou-se: "Com que direito o posso impedir? Que tenho eu para lhe oferecer?" Voltou-se para Pinette, olhou-o e assobiou baixinho. Pinette estava fora de alcance; andava cegamente atrás da última noite; andava, mas não avançava: já tinha chegado; a sua última morte e o nascimento haviam-se juntado, andava ao luar e o próximo sol já lhe iluminava os ferimentos. Deixara de correr atrás de si próprio, estava todo dentro de si, Pinette como um todo, denso e fechado. Mathieu suspirou e pegou-lhe no braço em silêncio, pegou no braço de um jovem empregado do metropolitano, nobre, calmo, corajoso e temo que fora morto em 18 de Junho de 1940. Sorriu-lhe; do fundo do passado, Pinette sorriu-lhe; Mathieu viu o sorriso e sentiu-se completamente só. Para quebrar esta concha que o separa de mim, seria preciso não ver outro futuro além do seu, não ver outro sol além do que ele verá amanhã pela última vez; para viver ao mesmo tempo os mesmos minutos, seria preciso querer morrer da mesma morte. Disse lentamente:

— No fundo, eu é que devia morrer no teu lugar. Porque eu já não tenho muitas razões para viver.

Pinette olhou-o alegremente; haviam-se tornado quase contemporâneos.

— Tu?

— Enganei-me desde o início.

— Pois bem - insistiu Pinette -, volta atrás. Esquecemos tudo e começamos de novo.

Mathieu sorriu:

— Pode -se esquecer tudo mas não se recomeça - replicou.

Pinette passou-lhe o braço à volta do pescoço.

— Delarue, meu velho - continuou apaixonadamente -, vem comigo, vem. Dar-me-á prazer, sabes, sermos os dois: os outros não os conheço.

Mathieu hesitou: morrer, entrar na eternidade desta vida já morta, morrer a dois... Abanou a cabeça:

— Não.

— Não, o quê?

— Não quero.

— Tens medo?

— Não. Acho tudo isto estúpido.

Cortar-se na mão com uma faca, deitar fora a aliança, atirar sobre os "boches" e depois? Partir, deteriorar, não é solução; uma cabeçada, não é a liberdade. Se ao menos pudesse ser modesto.

— Por que razão é estúpido? - perguntou Pinette irritado. - Quero matar um "boche"; não é nada estúpido.

— Podes matar cem, a guerra estará perdida de qualquer modo.

Pinette gozou.

— Salvaria a honra!

— Aos olhos de quem?

Pinette andava de olhos baixos, sem responder.

— Mesmo que te erigissem um monumento - perguntou Mathieu -, mesmo que te pusessem as cinzas no Arco do Triunfo, valeria a pena fazer queimar uma aldeia?

— Que queimem - disse Pinette. - É a guerra.

— Há mulheres e crianças.

— Que fujam para os campos. Ah! - exclamou com um ar idiota -, isto tem de acabar!

Mathieu pousou-lhe a mão no ombro:

— Gostas assim tanto da tua mulher?

— Que tem ela a ver com a história?

— É por ela que te queres deixar abater? - perguntou.

— Não me chateies! - gritou Pinette. - Estou farto dessas tuas tiradas. Se isso é tudo o que a instrução dá, fico consolado por não ser instruído.

Tinham chegado às primeiras casas da aldeia; de repente Mathieu pôs-se também a gritar:

— Estou farto! - gritou ele. - Farto! Farto!

Pinette parou para responder:

— Deu-te alguma coisa?

— Nada - respondeu Mathieu estupefato. - Estou doido.

Pinette encolheu os ombros.

— Tenho de ir à escola - observou. - Os fuzis estão na sala de aula.

A porta estava aberta: entraram. Deitados nos azulejos do vestíbulo, soldados dormiam. Pinette tirou a lâmpada do bolso; um círculo luminoso desenhou-se na parede.

— É ali.

Havia fuzis amontoadas. Pinette pegou numa, inspeccionou-a longamente à luz da lâmpada, largou-a, pegou noutra, que examinou cuidadosamente. Mathieu tinha vergonha de haver gritado: é preciso esperar e manter a cabeça fresca. Guardar-se para uma boa ocasião. As cabeçadas não resolvem nada. Sorriu a Pinette.

— Estás com ar de quem escolhe um charuto.

Pinette, satisfeito, pôs a arma ao ombro.

— Fico com esta. Vamos.

— Dá-me a lâmpada - pediu Mathieu.

Passou a lâmpada pelos fuzis: tinham um ar aborrecido e administrativo, como máquinas de escrever. Era difícil acreditar que se podia matar com aquilo. Baixou-se e pegou numa ao acaso.

— Que estás a fazer? - perguntou Pinette espantado.

— O que estás a ver: a pegar num fuzil.

*

— Não - disse a mulher -, fechando-lhe a porta na cara.

Ele fica no portão, de braços caídos, com o ar oprimido que toma quando já não pode intimidar; murmura: "Velha feiticeira", suficientemente alto para que eu possa ouvir, suficientemente baixo para que ela não ouça, meu pobre Jacques: tudo, mas não "velha feiticeira". Baixa, agora baixa os olhos azuis, olha para os pés: a justiça, esse brinquedo dos homens, desfez-se em migalhas, volta para o carro com o seu passo infinitamente doloroso,

eu sei: o bom Deus tem contas a fazer contigo, mas vocês arranjar-se-ão no Dia do Juízo (ele voltou para o carro com o seu passo infinitamente doloroso). "Velha feiticeira", não; encontraria outra coisa, diria "farrapo, destroço, múmia", mas não "velha feiticeira", tens inveja do seu calão; não, não diria nada, as pessoas abrir-nos-iam a porta de par em par, dar-nos-iam a cama, os lençóis, as camisas, ele sentar-se-ia à beira da cama, com a grande mão pousada na colcha vermelha, diria corando: "Odette, tomam-nos por marido e mulher", e eu nada responderia, então ele diria: "Vou dormir para o chão" e eu contrariaria: "Não, deixa lá, uma noite passa depressa, deixa lá, durmamos na mesma cama; vem, Jacques, vem, tapa-me os olhos, esmaga o meu pensamento, ocupa-me, sê pesado, exigente, opressivo, não me deixes só com ele." Ele viria, desceria os degraus, tão transparente, tão previsível que pareceria uma recordação, fungaria levantando o sobrolho direito, tamborilaria com os dedos no carro, olhar-me-ia profundamente; ele fungou, arqueou a sobrancelha, olhou profundamente e pensativamente, estava lá, inclinado sobre ela; ele pairava sobre esta grande e pesada noite que ela acariciava com a ponta dos dedos, pairava, inconsistente, rotineiro e antigo, via através dele o celeiro obscuro e denso, a estrada, o cão que vagueia, tudo era novo, tudo menos ele, não é um marido, é uma idéia geral; "chamo-o, mas ele não me ajuda". Ela sorri-lhe porque. é preciso sorrir-lhes sempre, ela ofereceu-lhe a calma e a doçura da Natureza, o otimismo confiante da mulher feliz; por baixo ela fundia-se na noite, diluía-se nesta grande noite feminina que escondia, algures no seu coração, Mathieu; ele não sorriu, coçou o nariz, é um gesto igual ao do irmão, ela sobressaltou-se: mas o que é que eu pensei, estou a dormir de pé, ainda não sou essa mulher velha e cínica, sonhei, a palavra enterrou-se na noite de sua garganta, tudo está esquecido, só estava à superfície a dupla e calma generalidade.

Ela perguntou alegremente:

— Então?

— Nada a fazer. Dizem que não têm celeiro; mas eu bem o vejo. Está ao fundo do pátio. No entanto, não tenho ar de salteador.

— Sabes - observou ela -, após catorze horas de estrada, não devemos ter grande aspecto.

Ele olhou-a com atenção e ela sentiu, sob este olhar, o nariz iluminar-se como um farol. "Ele vai dizer-me que tenho o nariz a brilhar."

— Estás com olheiras, minha querida: deves estar exausta.

Tirou rapidamente a caixa de pó-de-arroz da carteira e olhou para o espelho com severidade, estava de meter medo: à luz da Lua o rosto parecia manchado de escuro; era feia, ainda, mas tinha horror à sujidade.

— Que vamos fazer? - perguntou Jacques, perplexo.

Ela tirara a esponja e passava-a ligeiramente pelas maçãs do rosto e sob os olhos.

— O que quiseses - respondeu ela.

— Estou a pedir-te um conselho.

Tinha agarrado de passagem na mão que pegava na esponja e imobilizava-a com uma autoridade sorridente. "Peço-te um conselho, desta vez peço-te um conselho, de todas as vezes que te peço um conselho"; "meu pobre amigo, sabes muito bem que não o vais seguir". Mas ele tinha necessidade de criticar o pensamento dos outros para tom-ar consciência do seu. Ela largou ao acaso:

— Continuemos, talvez encontremos pessoas mais amáveis.

— Muito obrigado! Como experiência basta. Ah! - disse com convicção -, detesto os camponeses.

— Queres que andemos toda a noite?

Ele abriu muito os olhos:

— Toda a noite?

— Estaríamos amanhã de manhã em Grenoble, desceríamos em casa dos Blériot, partiríamos à tarde e íamos dormir a Castellane: depois chegaríamos a Juan.

— Nem penses nisso!

Compôs um ar sério para acrescentar:

— Estou demasiado cansado. Adormeceria ao volante e acordaríamos na valeta.

— Posso substituir-te.

— Minha querida, convence-te, de que não te deixarei guiar de noite. Com a tua miopia, seria um crime. As estradas estão cheias de carroças, de camiões, de automóveis, pessoas que nunca tocaram num volante e que partiram às cegas, com medo. Não, não: são precisos reflexos de homem.

Abriu-se uma janela; apareceu uma cabeça:

— Será que não poderemos dormir sossegados? - perguntou uma voz rude. - Vão conversar para mais longe, santo Deus!

— Muito obrigado - respondeu Jacques com uma ironia feroz -, o senhor é muito simpático e hospitaleiro.

Meteu-se no carro, bateu a porta e arrancou brutalmente. Odette olhou-o pelo canto do olho: o melhor era estar calada; ele ia a oitenta, pelo menos, com os faróis apagados porque tinha medo dos aviões; felizmente havia lua cheia; sentiu-se ir de encontro à porta: Que estás a fazer? Ele, quase sem abrandar, atirara com o carro para um caminho transversal. Andaram ainda um pouco, depois ele travou bruscamente e arrumou o carro no fim do caminho, debaixo de umas árvores.

— Dormimos aqui.

— Aqui?

Jacques abriu a porta e desceu sem responder. Odette deslizou atrás dele, o ar estava quase fresco.

— Queres dormir ao ar livre?

— Não.

Ela olhou com desgosto para a erva escura e doce, baixou-se e apalpou-a como se fosse água.

— Oh! Jacques. Estaríamos tão bem; podíamos tirar os cobertores e uma almofada.

— Não - repetiu ele. Acrescentou com firmeza: - Dormiremos no carro, não se sabe quem anda pelas estradas numa altura destas.

Ela viu-o andar de um lado para o outro, com as mãos nos bolsos, com o passo jovem e dançante; o violão do Diabo toca nas árvores, Jacques tem de saltar e dançar para o acompanhar. Ele voltou para ela um rosto preocupado e envelhecido, de olhos fugidios: há qualquer coisa que não está bem; dir-se-ia que tem vergonha; voltou para o automóvel, a juventude e animação do instrumento mágico tinham-se apoderado dele, deslizaram-lhe debaixo dos pés e levantaram-se alegremente. "Detesta dormir no carro. Quem estará ele a punir? A si próprio ou a mim?" Ela sentiu-se culpada sem saber de quê?

— Porque fazes essa cara? - perguntou ele. - Estamos na estrada, à aventura: deverias estar contente.

Ela baixou os olhos.

— Eu não queria vir, Jacques, estou-me pouco ligando para os Alemães, preferia ter ficado em casa; se a guerra continua, perdemos o contato com ele, se ele for morto nem sequer o saberemos.

Acrescentou:

— Refiro-me ao meu irmão e a Mathieu.

— Neste momento - replicou Jacques com um sorriso amargo -, Raul está em Carcassone, na cama.

— Mathieu não está...

— Convince-te - respondeu Jacques com mau humor - de que o meu irmão foi para os serviços auxiliares e, por conseguinte, não corre perigo algum. Será feito prisioneiro, é tudo. Pensas que todos os soldados são heróis? Mas não, minha querida amiga: Mathieu é o encarregado da escrita de qualquer estado- maior; está tão em paz como na retaguarda; talvez mais do que nós neste momento. Chama-se a isso um "tacho". Felicito-o, de resto.

— Não é agradável ser prisioneiro - observou Odette sem levantar os olhos.

Olhou para ela gravemente:

— Não me faças dizer o que eu não disse! O destino de Mathieu preocupa-me muito. Mas é um tipo sólido e determinado. Sim, sim, muito mais determinado do que pensas, apesar do seu ar distraído; conheço-o melhor do que tu: há muita pose naquelas eternas hesitações; considera-se um tipo importante. Uma vez lá em baixo tratará de arranjar um bom lugar: imagino-o secretário de um oficial alemão ou então cozinheiro... assenta-lhe como uma luva!

Sorriu e repetiu complacentemente:

— Cozinheiro, sim, cozinheiro; como uma luva! Se queres saber o que penso, no fundo - acrescentou em confiança -, penso que o cativo lhe trará um certo equilíbrio; volta outro.

— Quanto tempo durará? - perguntou Odette com um nó na garganta.

— Como queres que eu saiba?

Abanou a cabeça e prosseguiu:

— O que eu te digo é que não me parece que a guerra possa continuar por muito tempo. O próximo objetivo do exército alemão é a Inglaterra... e o canal é muito estreito.

— Os Ingleses defendem-se - retorquiu Odette.

— Claro, claro. - Abriu os braços desanimado. - Nem sei se o devemos desejar.

“O que devemos desejar? O que devia desejar?” A princípio, tudo lhe parecia simples: ela pensara que se devia desejar a vitória, como em 14. Mas ninguém tinha ar de querer isso. Sorrira alegremente, como vira a mãe sorrir no momento da ofensiva de Nivelles; repetira firmemente: “Sim, venceremos! Temos de dizer que não podemos deixar de vencer.” E isso horrorizava-a, porque detestava a guerra, mesmo com a vitória. Mas as pessoas abanavam a cabeça sem responder, como se ela tivesse tido falta de tato. Então, calara-se, tentara fazer-se esquecer por toda a gente; ouviu-os falar da Alemanha, da Inglaterra, da Rússia, nem conseguia compreender o que eles queriam; pensava: “Se ele aqui estivesse, explicava-me.”. Mas ele não estava, nem escrevia: em nove meses mandara duas cartas a Jacques. “Que pensa ele? Deve saber, deve compreender.” E se ele não compreendia? Se ninguém compreendesse? Levantou bruscamente a cabeça: gostaria de ver em Jacques este ar de segurança confortável que, por vezes, ainda a tranquilizava, gostaria de ler no seu olhar que tudo estava bem, que os homens tinham razões para ter esperança, razões que lhe escapavam. Esperança de quê? Seria verdade que uma vitória dos Aliados só podia trazer proveito à Rússia? Interrogava este rosto tão familiar e de repente ele pareceu-lhe novo: viu uns olhos escuros de inquietação; restava certa arrogância na comissura dos lábios, mas era arrogância emburrada de criança surpreendida fazendo travessura. “Ele tem alguma coisa, não está a vontade. Desde a partida de Paris parecia estranho, ora violento demais, ora quase terno demais. Era terrível quando até os homens pareciam sentir-se culpados. Ele disse:

— Estou morrendo de vontade de fumar.

— Não tem mais cigarros?

— Não.

— Tome - disse ela -. Sobram-me quatro.

Eram cigarros De Rezke; ele fez uma careta, pegou um desconfiado:

— Palha! - disse, enfiando o maço no bolso.

Com a primeira baforada, Odette sentiu o cheiro de fumo e a vontade de fumar também secou-lhe a garganta. Durante muito tempo, bem depois que deixara de amá-lo, fora-lhe agradável sentir sede quando ele bebia ao lado dela, fome quando ele comia; ter sono e vê-lo dormir dava confiança; ele apossava-se dos desejos dela, santificava-os, realizava-os por ela, de um modo mais viril, mais moral, mais definitivo. Agora...

Ela disse com um risinho leve:

— Dê-me um, ao menos.

Ele olhou-a sem entender, depois franziu as sobrancelhas:

— Desculpe, querida, foi um gesto maquinal.

Tirou o maço do bolso.

— Pode guardá-lo - disse ela - mas me dê um.

Fumaram em silêncio. Ela tinha medo de si mesma; recordava os desejos violentos e irresistíveis que a transtornavam quando era moça. Talvez voltassem agora. Ele tossiu duas três vezes para limpar a voz: quer me dizer algo. Mas não se apressa, como sempre. Ela fumava pacientemente: ele vai entrar no assunto como os caranguejos: de lado. Ele endireitara-se: assumiu um ar grave e encarou-a com severidade.

— Então, minha pobre Odette!

Pelo sim, pelo não, ela sorriu vagamente; ele pousou a mão em seu ombro:

— Você deve reconhecer agora que é uma aventura.

— Sim - concordou ela. - Sim, é uma aventura.

Ele continuava a olhá-la. Apagou o cigarro no degrau do automóvel e esmagou-o com o pé; aproximou-se dela e disse em voz alta, como para a persuadir:

— Não corríamos qualquer risco.

Odette não respondeu; Jacques prosseguiu com uma voz insistente e calma:

— Estou certo de que os Alemães não vão fazer mal nenhum; farão gala em proceder bem.

Era o que ela pensava. Mas leu nos olhos de Jacques a resposta que ele esperava dela. Acrescentou:

— Sabemos lá? E se tivessem posto Paris a ferro e fogo!

Ele encolheu os ombros:

— Mas como é que isso podia ser? São idéias de mulheres!

Inclinou-se sobre ela e explicou-lhe pacientemente:

— Ouve, Odette, procura compreender: Berlim desejará certamente, logo, depois do armistício, contar com a França entre os partidários do Eixo; até talvez contem com o nosso prestígio na América para manter os Estados Unidos fora da guerra. Estás a perceber? Numa palavra, mesmo vencidos, temos trunfos. Até teremos - acrescentou com um risinho - uma bela

partida a jogar, se os nossos políticos forem capazes. Bom. Pois bem, nestas condições não se concebe que os Alemães se arrisquem a pôr a opinião francesa contra eles por meio de violências inúteis.

— Também é o que eu penso - concordou ela irritada.

— Ah!

Ele olhava-a mordendo o lábio. tinha um ar tão desconcertado que se apressou a acrescentar:

— Mas mesmo assim, como podemos estar certos? Imagina que atiram sobre eles, pelas janelas...

Os olhos de Jacques brilhavam.

— Se houvesse perigo eu teria ficado, decidi-me a partir por que estava certo de que não havia.

Ela via-o, entrando na sala com uma grande calma assustada, ouvi-o ainda dizer com a sua voz mais pausada, acendendo um cigarro com uma mão que tremia: "Odette, faz as malas, o carro está lá em baixo, partimos dentro de meia hora." Onde quer ele chegar? Riu de modo desagradável.

— Enfim - concluiu Jacques -, é o que se chama abandonar o posto.

— Mas tu não tinhas posto.

— Era chefe de quartirão - replicou. Afastou com a mão uma possível objeção: - Sei que é ridículo; e só aceitei após insistência de Champenois. Mas até aí poderia ter sido útil. E, além disso, devíamos dar o exemplo.

Ela olhava-o sem amizade: "Pois bem, sim, sim, sim, devias ter ficado em Paris, não contes comigo para te dizer o contrário." Ele suspirou:

— Enfim! O que está, está. Seria demasiado cômodo se só tivéssemos deveres conciliáveis. Aborreço-te, minha querida. - acrescentou Jacques. - São escrúpulos masculinos.

— Parece-me que posso compreendê-los - admitiu Odette.

— Naturalmente, minha filha, naturalmente.

Fez um sorriso viril e solitário, depois pegou-lhe no pulso e falou-lhe com voz tranquilizadora:

— Que poderia acontecer-me? Na pior das hipóteses teriam levado para a Alemanha os homens válidos, e depois? Mathieu está lá bem. É verdade que ele não tem o meu maldito coração. Lembras-te, quando aquele major imbecil me considerou inapto?

— Lembro.

— Fiquei doido, teria feito nem eu sei o quê: lembras-te? Lembras-te de como eu estava furioso?

— Lembro.

Sentou-se no degrau do automóvel e segurou a cabeça com as mãos; olhava em frente.

— Charvoz ficou - disse ele, com os olhos fixos.

— Quê?

— Ficou lá. Encontrei-o esta manhã na garagem, ficou espantado por eu partir.

— O caso dele não é bem o mesmo - replicou Odette maquinalmente.

— Não, claro - concordou Jacques amargamente. - Ele é solteiro.

Odette continuava de pé, à sua esquerda, olhava para a cabeça dele, via o couro cabeludo brilhar-lhe nalguns sítios e pensava: "É então isso!" Tinha o olhar vago. Falou entre dentes:

— Não tinha ninguém a quem te confiar.

Ela pôs-se muito direita:

— Fazes o favor de te explicares?

— Disse que não te podia confiar a ninguém. Se tivesse ousado deixar-te em casa da tua tia...

— Queres dizer - perguntou Odette com uma voz trêmula - que partiste por minha causa?

— Era um caso de consciência - respondeu ele. Olhava-a afetuosamente: - Nestes últimos dias, andavas tão nervosa: metias-me medo.

Ela estava muda de espanto: "Mas porquê? Porque se sente obrigado?"

Jacques prosseguia com uma alegria nervosa:

— Deixavas as persianas fechadas, vivíamos no escuro todo o dia, colecionavas conservas, eu andava todo o dia a pisar latas de sardinhas... E depois, parece-me que Lucienne te irritava, não eras a mesma quando ela saía: assusta-se muito e é parva, acredita em histórias de violações e mãos cortadas.

"Não quero. Não quero dizer-lhe o que ele me quer fazer dizer. O que me restará se o desprezar?" Deu um passo para trás. Ele fitava-a com um olhar de aço, parecia dizer: "Diz. Diz lá então!" E de novo, sob este olhar de águia, sob este olhar de marido, ela sentiu-se culpada. "Talvez ele pensasse que eu tinha vontade de partir, talvez eu tivesse um ar assustado, talvez

sentisse medo sem saber. Onde está a verdade? Até aqui, a verdade era o que Jacques dizia; se não acreditar nele, em quem poderei acreditar?" Ela disse, baixando a cabeça:

— Não gostaria de ficar em Paris.

— Você estava com medo? - perguntou bondoso.

— Sim, estava.

Quando ela ergueu a cabeça, ele a contemplava rindo:

— Bem - disse -, tudo isso não é muito grave: uma noite ao ar livre, não é bem de nossa idade, mas somos ainda bastante moços para achar algum encanto nisso.

Acariciou-lhe de leve a nuca:

— Lembra-se de 36, em Hyères? Tínhamos dormido na barraca; é uma das minhas boas recordações.

Ela não respondeu; segurava o trinco da porta e apertava-o com toda a força. Ele reprimiu um bocejo:

— Mas já é tarde! Vamos nos deitar?

Ela fez um sinal com a cabeça, um bicho gritou dentro da noite e Jacques deu uma gargalhada.

— É bucólico - Estenda-se no fundo do carro - acrescentou com solicitude. - Poderá esticar um pouco as pernas. Eu dormirei no volante.

Entraram no automóvel; ele fechou a porta da direita a chave e apertou o trinco da outra.

— Estás bem?

— Muito bem.

Ele puxou o revólver e examinou-o, divertido:

— Eis uma situação que teria encantando o velho pirata que foi meu avô. - E acrescentou alegremente : - Somos todos um pouco corsários na família.

Ela não dizia nada. Ele virou-se no assento e pegou-a pelo queixo:

— Dê-me um beijo, querida.

Ela sentiu a boca entreaberta e quente juntar-se à sua; ele lambeu ligeiramente os seus lábios como outrora e ela arrepiou-se; ao mesmo tempo sentiu uma mão que, passando sob a axila, lhe acariciava o seio.

— Minha pobre Odette - disse ele ternamente - Minha pobre menina, minha pobre criancinha.

— Estou morrendo de sono - disse ela inclinando-se para trás.

— Boa noite, amor - respondeu sorrindo.

Voltou-se, cruzou os braços sobre o volante. e deixou cair a cabeça sobre as mãos. Ela continuava sentada, com o busto direito, oprimida: vigiava. "Dois suspiros, ainda não está, mexeu-se." Odette não podia pensar em nada enquanto ele tivesse na cabeça essa imagem dela. "Nunca, consegui pensar em nada quando ele estava ao pé de mim. Já está." Jacques dera os três suspiros; ela descontraíu-se um pouco: "É apenas um animal." Ele dormia, a guerra dormia, o mundo dos homens dormia metido naquela cabeça; muito direita no escuro, entre duas janelas cobertas de poeira, no fundo de um lago de luar, Odette velava, uma imagem muito antiga veio-lhe à idéia, corria por um caminho cor-de-rosa, tinha doze anos, parou com o coração a bater de uma alegria inquieta, disse em voz alta. "Sou indispensável." Repetiu: "Sou indispensável", mas não sabia porquê; tentava pensar na guerra, parecia-lhe que encontrara a verdade: "Será verdade que a vitória só trará proveito à Rússia?" Sentiu-se ceder e a alegria deu lugar à angústia: não sei o suficiente.

Teve vontade de fumar. Não era bem vontade, era nervo, sismo. A vontade aumentou, aumentou, encheu-lhe o peito. Um desejo peremptório e invasor como no tempo da sua infância irreverente; ele tem o maço no bolso do casaco. Porque há-de ser Jacques a fumar? Este gosto de tabaco, na sua boca, deve ser tão aborrecido, tão convencional; porque há-de ele fumar e não eu? Inclinou-se sobre ele, meteu-lhe a mão no bolso, tirou os cigarros, depois abriu a porta devagarinho e saiu. A lua através da folhagem, os charcos de lua na estrada, o ar fresco, o grito do animal, era tudo dela. Acendeu um cigarro, a guerra dorme, Berlim dorme, Moscovo, Churchill, o Politburo, os nossos políticos dormem, tudo dorme, ninguém via a sua noite, era indispensável; as latas de conservas eram para os meus afilhados de guerra. Apercebeu-se subitamente de que detestava o tabaco; fumou mais um bocadinho e deitou fora o cigarro: já não sabia porque tinha querido fumar. A folhagem murmurava docemente, o campo rangia como um soalho. As estrelas eram animais: Odette tinha medo; Jacques dormia e ela encontrara o mundo obscuro da sua infância, a floresta das perguntas sem respostas; era ele quem sabia os nomes das estrelas, a distância precisa da Terra à Lua, o número de habitantes da região, sua história e suas atividades; ele dorme, eu o desprezo e não sei nada; sentia-se perdida nesse mundo inutilizável, esse mundo de ver e tocar. Correu

para o carro, queria despertá-lo imediatamente, despertar a Ciência, a Indústria e a Moral. Pousou a mão no trinco, inclinou-se sobre a porta e viu, através do vidro, uma grande boca aberta. Para quê? Sentou-se no estribo e, como todas as noites, começou a pensar em Mathieu.

*

O tenente subia correndo a escada escura; eles corriam e viravam atrás dele. Parou dentro da noite e empurrou a tampa do alçapão com a nuca e eles foram ofuscados por uma luz de prata.

— Sigam-me.

Eles jorraram no céu frio e claro, cheio de recordações e ruídos ligeiros. Uma voz indagou:

— Quem é?

— Eu - respondeu o tenente.

— Sentido!

— Descansar!

— Então? - perguntou o tenente - Tudo bem aqui?

— Tudo bem, meu tenente.

Três soldados estavam armados com fuzis, eram altos e magros. Mathieu e Pinette, intimidados, mantinham-se em pé atrás do tenente.

— Ficamos aqui, meu tenente? - indagou um dos três caçadores.

— Ficamos - respondeu o tenente, e acrescentou: - Instalei Closson com quatro camaradas na Prefeitura, os outros ocupam a escola comigo. Dreyer será o estafeta.

— Quais são as ordens?

— Fogo à vontade. Podem acabar com as munições.

— Que é isso?

Apelos abafados. Um arrastar de pés vinham da rua. O tenente sorriu:

— São os nossos queridos do Estado-Maior que mandei prender nas adegas da Câmara. Estão um pouco apertados, mas é só por uma noite: amanhã de manhã os "boches" ocupar-se-ão deles quando tiverem acabado conosco.

Mathieu olhou para os caçadores: sentia-se envergonhado pelos companheiros, mas os três rostos ficaram impassíveis.

— Ah! - lembrou-se o tenente - Às onze horas, os habitantes do lugar reúnem-se na praça; não atirem sobre eles. Vou mandá-los passar a noite

nos bosques. Depois de terem partido, fogo sobre tudo o que atravessar a estrada. E não desçam sob nenhum pretexto: atiraremos sobre vocês.

Dirigiu-se ao postigo. Os caçadores olhavam em silêncio para, Mathieu e Pinette.

— Meu tenente... - começou Mathieu.

O tenente voltou-se:

— Tinha-me esquecido de vocês. Estes querem combater. - disse para os outros.

— Têm fuzis e mandei dar-lhes munições. Vejam o que podem fazer com eles. Se atirarem muito mal, tirem-lhes as munições.

Olhou para os caçadores com amizade.

— Adeus, camaradas. Adeus.

— Adeus, meu tenente - saudaram cortesmente.

Hesitou um segundo abanando a cabeça, depois desceu de costas os primeiros degraus da escada e fechou o postigo atrás de si. Os três tipos olhavam para Mathieu e Pinette sem curiosidade nem simpatia. Mathieu deu dois passos para trás e encostou-se a um pilar. O fuzil incomodava-o: tão depressa pegava nela de um modo desenvolto como a segurava como a um círio. Acabou por pô-la cautelosamente no chão. Pinette foi ter com ele; voltaram as costas à Lua. Os três caçadores, ao contrário, estavam em plena luz. As mesmas manchas escuras sujavam-lhes as faces poeirentas; tinham o mesmo olhar fixo das aves noturnas.

— Parece que estamos a fazer uma visita - comentou Pinette.

Mathieu sorriu; os três tipos não sorriram. Pinette aproximou-se de Mathieu e segredou-lhe.

— Não gostam muito de nós.

— Também me parece! - concordou Mathieu.

Calaram-se, perturbados. Mathieu debruçou-se e viu, mesmo por baixo de si, as copas arredondadas dos castanheiros.

— Vou conversar com eles - disse Pinette.

— Fica quieto. - Pinette já se dirigia aos caçadores.

— Chamo-me Pinette. Este homem é Delarue. - Parou e esperou.

O mais alto fez um sinal com a cabeça, mas não disseram como se chamavam. Pinette afinou a voz e continuou:

— Estamos aqui para combater.

Continuavam sem responder. O alto e louro fez um ar carrancudo e virou a cara. Pinette hesitou, desconcertado.

— Que temos a fazer?

O alto e louro inclinara-se para trás; bocejou. Mathieu viu que ele era cabo.

— Que temos a fazer? - repetiu Pinette.

— Nada.

— Como, nada?

— Por agora, nada.

— E depois?

— Depois veremos.

Mathieu sorriu-lhes:

— Estamo-vos a chatear? Gostariam mais de estar sós?

O alto e louro olhou-o pensativamente, depois virou-se para Pinette:

— Que fazes tu?

— Sou empregado do metropolitano.

O cabo esboçou um breve sorriso. Mas os seus olhos não riam.

— Pensas que já és civil? Espera um pouco.

— Ah!, queres dizer: aqui?

— Sim.

— Observador.

— E ele?

— Telefonista.

— Auxiliar?

— Sim.

O cabo olhava-o com atenção, como se lhe custasse fixar a atenção sobre ele:

— Que é que não vai bem? Pareces forte...

— O coração.

— Já alguma vez atiraram em homens?

— Nunca - confessou Mathieu.

O cabo voltou-se para os companheiros. Todos abanaram a cabeça.

— Faremos o melhor possível - prometeu Pinette com voz sumida.

Fez-se um longo silêncio. O cabo olhava-os e coçava a cabeça. Por fim, suspirou e pareceu decidir-se. Levantou-se e disse abruptamente:

— Eu sou Clapot. É a mim que terão de obedecer. Os outros são Chasseríau e Dandieu e só têm de fazer o que eles disserem, porque há quinze dias que estamos a combater e estamos habituados.

— Há quinze dias? - repetiu Pinette incrédulo. - Como?

— Cobríamos a vossa retirada - respondeu Dandieu.

Pinette corou e baixou os olhos. Mathieu sentiu que se lhe contraíam os maxilares. Clapot explicou em tom mais conciliador:

— Missão de retardamento.

Olharam-se sem dizer nada. Mathieu não se sentia à vontade, pensava: "Nunca seremos dos deles. Bateram-se quinze dias seguidos e nós, nós fugíamos pelas estradas. Seria cômodo, se bastasse juntarmo-nos a eles quando lançam o fogo-de-artifício final. Nunca dos seus, nunca. Os nossos estão lá em baixo, na cave, enterrados na vergonha e na desgraça, e o nosso lugar é com eles e deixámo-los no último instante, por orgulho." Debruçou-se, viu as casas negras, a estrada que brilhava; repetiu: "o meu lugar é lá em baixo, o meu lugar é lá em baixo", e sentia no coração que nunca mais poderia descer. Pinette encavalitou-se no parapeito, com certeza para parecer mais à vontade.

— Desce daí! - ralhou Clapot. - Podes revelar a nossa posição.

— Os alemães ainda vêm longe.

— Que sabes tu disso? Estou a dizer-te que desças.

Pinette deu um salto para o chão, de mau-humor, e Mathieu pensou: "Nunca nos aceitarão." Pinette aborreci-o: mexia-se, falava quando devia estar calado, suster a respiração e passar despercebido. Mathieu sobressaltou-se: uma enorme detonação, rouca e pesada, rebentou-lhe no ouvido. Houve uma segunda, uma terceira: gritos de bronze e o chão que vibrava debaixo dos pés. Pinette riu nervosamente:

— Não precisas de ter medo: é o relógio a dar horas.

Mathieu desviou os olhos para os caçadores e viu com satisfação que também se tinham sobressaltado.

— São onze horas - observou Pinette.

Mathieu arrepiou-se: tinha frio, mas não era desagradável. Estava num alto, acima dos tetos, acima dos homens e sentia frio, e estava escuro. "Não, não descerei por nada deste mundo."

— Olha para os civis que estão a partir.

Debruçaram-se todos sobre o parapeito. Viu manchas que remexiam sob a folhagem, dir-se-ia o fundo do mar. Na rua principal abriram-se as portas devagar, saíam homens, mulheres e crianças. A maior parte levava embrulhos ou malas. Formaram-se pequenos grupos na calçada: pareciam esperar. Depois os grupos fundiram-se num só cortejo, que se moveu lentamente para o sul.

— Dir-se-ia um enterro - comentou Pinette.

— Pobre gente! - disse Mathieu.

— Não te preocupes com eles - respondeu secamente Dandieu. - Tornarão a encontrar o seu ninho. Raramente os alemães deitam fogo às aldeias.

— E aquilo? - perguntou Mathieu apontando para Roberville.

— Não é bem a mesma coisa: os aldeões combatiam conosco.

Pinette pôs-se a rir:

— Pois não, não era como aqui! Estes tinham imenso medo.

Dandieu olhou para ele:

— Se vocês não combatiam, não cabia que fossem os civis a começar?

— De quem é a culpa? - perguntou Pinette furioso, - De quem é a culpa de não combatermos?

— Não sei.

— Dos oficiais! Foram os oficiais que perderam a guerra.

— Não digas mal dos oficiais - disse Clapot. - Não tens o direito de dizer mal deles.

— Era mesmo o que faltava.

— Ao pé de nós não dizes - insistiu Clapot com firmeza. - Porque repara bem: à parte o tenente, que não tem culpa nenhuma, todos os nossos lá ficaram.

Pinette quis explicar-se; estendeu os braços para Clapot e depois deixou-os cair:

— Não nos podemos entender - lamentou, desanimado.

Chasseríau olhava para Pinette com curiosidade:

— Mas que vieram aqui fazer?

— Viemos para combater, já te disse.

— Mas porquê? Ninguém vos obrigou.

Pinette, a gozar:

— Porque sim. Para nos divertirmos.

— Pois então vão mesmo divertir-se - disse Clapot severamente -, sou eu que vo-lo digo.

Dandieu ria condoído:

— Estás a ouvi-los: vêm-nos visitar para se divertirem, para verem como é a guerra; querem fazer um bocado de tiro aos pombos. E ninguém os obriga!

— E tu, espécie de idiota - perguntou Pinette -, quem te obriga a combater?

— Nós, não é bem assim: somos caçadores.

— E então?

— Um caçador é para lutar.

Abanou a cabeça:

— Se não fosse isso, não ia atirar em homens por prazer.

Chasseríau olhava para Pinette com um misto de espanto e repulsa:

— Já pensaram que vão arriscar a pele?

Pinette encolheu os ombros sem responder.

— Porque, se já pensaste - prosseguiu Chasseríau -, és ainda mais parvo do que pareces. Ninguém arrisca a pele sem ser obrigado.

— Éramos obrigados - interveio bruscamente Mathieu - Éramos obrigados. Estávamos fartos e não sabíamos que fazer.

Apontou para baixo, para a escola:

— Para nós era o campanário ou o porão.

Dandieu pareceu impressionado; sua expressão descontraiu-se ligeiramente. Mathieu continuou explorando a vantagem:

— Que fariam no nosso lugar?

Não respondiam. Insistiu:

— Que fariam?

Dandieu abanou a cabeça:

— Talvez tivesse escolhido a porão. Verás: isto não é muito divertido.

— Claro que não - concordou -, mas também não é divertido estar fechado num porão enquanto os outros lutam.

— Isso é verdade - assentiu Chasseríau.

— Pois é - reconheceu Dandieu. - Não se devem sentir muito orgulhosos.

Mostravam-se menos hostis. Clapot olhou para Pinette com uma espécie de surpresa, depois voltou-se e aproximou-se do para peito. A

dureza febril do seu olhar desapareceu, tinha um ar vago, olhava calmamente para a noite, para os campos infantis e lendários, e Mathieu não sabia se era a serenidade da noite que se refletia neste rosto ou a solidão deste rosto que se refletia na noite.

— Clapot! - chamou Dandieu.

Clapot endireitou-se e retomou o ar grave de especialista.

— Que é?

— Vou dar uma volta lá por baixo; pareceu-me ver qualquer coisa.

— Vai.

Quando Dandieu levantou o postigo, uma voz de mulher subiu até eles:

— Henri! Henri!

Mathieu debruçou-se para a rua. Retardatários corriam em todos os sentidos, como formigas apressadas; na estrada, ao pé do correio, viu uma sombra. Henri! A expressão de Pinette carregou-se, mas não disse nada. Algumas mulheres tinham agarrado a empregada dos correios pelo braço e tentavam levá-la. Ela debatia-se e gritava:

— Henri! Henri!

Libertou-se, correu para os correios e fechou a porta atrás de si.

— É idiota! - disse Pinette entre dentes.

Tamborilava com os dedos no parapeito de pedra:

— Ela devia ir com os outros.

— Pois devia - concordou Mathieu.

— Vai acontecer-lhe alguma coisa.

— De quem é a culpa?

Ele não respondeu. O postigo levantou-se:

— Ajudem-me.

Abriram o postigo: Dandieu emergiu da sombra; trazia duas enxergas às costas.

— Encontrei isto.

Clapot sorriu pela primeira vez: parecia encantado.

— Estamos com sorte! - gracejou.

— Que vão fazer com isto? - perguntou Mathieu.

Clapot olhou para ele surpreso.

— Para que pensas que serve uma enxerga? Para enfiar pérolas?

— Vocês vão dormir?

— Primeiro vamos comer - explicou Chasseríau.

Mathieu olhou para eles, muito atarefados à volta das enxergas e tirando latas de conservas das sacolas: "Será que não compreendem que vão morrer?" Chasseríau descobrira um abre-latas; abriu três com gestos rápidos e precisos, depois sentaram-se e tiraram os canivetes dos bolsos.

Clapot olhou para Mathieu, por cima do ombro:

— Vocês não têm fome? - perguntou.

Há dois dias que Mathieu não comia; a saliva enchia-lhe a boca.

— Eu! - respondeu. - Não.

— E o teu camarada?

Pinette não falou. Estava debruçado no para-peito e olhava para o correio.

— Vamos - insistiu Clapot. - Comam: não é comida que falta.

— Quem combate - observou Chasseríau - tem direito a comer.

Dandieu meteu a mão na sacola e tirou duas latas, que estendeu a Mathieu. Este pegou-lhes e bateu no ombro de Pinette, que estremeceu:

— Que é?

— É para ti: come!

Mathieu pegou no abre-latas que Dandieu. estendia; apoiou-se no rebordo de ferro e carregou com toda a força. Mas a lâmina deslizou sem cortar, saiu da ranhura e veio cortar-lhe o polegar esquerdo.

— Que falta de jeito - comentou Pinette. - Se feriu?

— Não, disse Mathieu.

— Dá aqui.

Pinette abriu as duas latas e comeram em silêncio, ao pé de um pilar: não tinham ousado sentar-se. Escavavam as latas com os canivetes e espetavam os bocados de carne com a ponta das lâminas. Mathieu mastigava conscienciosamente, mas sentia a garganta paralisada: a carne não lhe sabia a nada e custava-lhe a engolir. Sentados nas enxergas, os três caçadores debruçavam-se sobre a comida aplicadamente; os canivetes brilhavam ao luar.

— Tenhamos calma - disse Chasseríau, sonhador -, estamos a comer na torre de uma igreja.

Na torre de uma igreja. Mathieu baixou os olhos. Por baixo deles, um odor a pimenta e incenso, aqitcla frescura e os vitrais que brilhavam tenuamente nas trevas da fé. Debaixo deles havia confiança e esperança.

Tinha frio; via o céu, respirava o céu, pensava para o céu, estava num glaciar, muito alto; muito longe, atrás dele, estava a sua infância.

Clapot inclinava a cabeça para trás, comia e olhava para o céu.

— Olha para a Lua - disse a meia voz.

— Quê? - perguntou Chasseríau.

— A Lua. Não está maior do que habitualmente?

De repente baixou os olhos:

— Venham comer conosco, vocês: não se come de pé.

Mathieu e Pinette hesitavam.

— Vamos, vamos! - insistiu Clapot.

— Vem! - ordenou Mathieu a Pinette.

Sentaram-se; Mathieu sentia o calor de Clapot contra a sua anca. Tinham-se calado: era a última refeição e era sagrada.

— Temos rum - disse Dandieu. - Mas é pouco: apenas um gole para cada um.

Fizeram circular um cantil e cada um pôs os lábios onde os outros haviam bebido. Pinette inclinou-se sobre Mathieu:

— Parece-me que nos adotaram.

— Parece.

— Não são maus tipos. Achos-os simpáticos.

— Eu também.

Pinette retesou-se num gesto de orgulho; seus olhos faiscavam:

— Seríamos como eles se tivéssemos sido bem comandados.

Mathieu olhou para os três e sacudiu a cabeça.

— Não é verdade o que estou dizendo?

— Pode ser - disse Mathieu.

Havia alguns instantes que Pinette olhava para a mão de Mathieu; finalmente tocou-lhe o cotovelo:

— O que você tem? Está sangrando?

Mathieu baixou os olhos sobre as mãos: ferira-se no polegar esquerdo.

— Ah! - disse -, deve ter sido o abridor, há pouco.

— E deixou sangrar, idiota?

— Não senti nada - afirmou Mathieu.

— Ah! - fez Pinette, zangado e orgulhoso -, o que você faria sem mim?

Mathieu olhava o polegar, espantado por ter um corpo: não sentia mais nada, nem o gosto da carne, nem o do álcool, nem a dor. “Acreditava-me de gelo.” Ele riu.

— Uma vez numa boate, eu tinha uma faca...

Pinette olhava-o com surpresa:

— Então?

— Nada. Não tenho sorte com os instrumentos cortantes.

— Dê-me a mão - disse Clapot.

Tirara da sacola um rolo de ataduras e um vidrinho azul. Despejou o líquido, que ardeu no pelegar de Mathieu, e envolveu-o na atadura. Mathieu remexeu o dedo e considerou-o sorrindo: todo aquele cuidado para impedir que o sangue corresse antes do tempo.

— Pronto - disse Clapot.

— Pronto - disse Mathieu.

Clapot consultou o relógio:

— Para a cama rapazes. Já é quase meia-noite.

Eles cercaram-no.

— Dandieu! - ordenou, apontando para Mathieu. - Tu e ele fazem a guarda.

— Está bem. Chasseríau.

Chasseriau, Pinette e Clapot estenderam-se lado a lado sobre as enxergas. Dandieu tirou um cobertor do saco e cobriu com ele os três corpos. Pinette estendeu-se voluptuosamente, piscou o olho malicioso a Mathieu e fechou os olhos.

— Eu vigio deste lado - disse Dandieu. - E tu, desse. Se houver alguma coisa, não faças nada sem me prevenir.

Mathieu foi para um canto e perscrutou os campos. Pensava que ia morrer e achava engraçado. Olhava para os tetos escuros, para a serena fosforescência da estrada por entre as árvores azuis, para toda esta terra sumtuosa e inabitável e pensava: "Morro para nada." Um ressonar regular sobressaltou-o, virou-se: os tipos já estavam a dormir; Clapot, de olhos fechados, rejuvenescido, sorria aos anjos; Pinette também sorria. Mathieu inclinou-se sobre ele e olhou-o, demoradamente; pensava: "Que pena!" Do outro lado do terraço, Dandieu Tinha- se curvado para a frente, com as mãos nas coxas, em posição de goleiro.

— Ei! - chamou Mathieu em voz baixa.

— Que é?

— Eras jogador?

Dandieu virou-se para ele, espantado:

— Como sabes?

— Vê-se.

Acrescentou:

— E que tal?

— Com um pouco de sorte, talvez chegasse a profissional.

Acenaram com a mão e Mathieu voltou para o seu posto. Pensava: "Vou morrer para nada", e tinha pena de si próprio. Por um momento, as suas recordações agitaram-se como folhagem ao vento. Todas as suas recordações; amava a vida. Uma pergunta inquietante continuava dentro de si: "Teria o direito de abandonar os camaradas? Terei o direito de morrer para nada?" Endireitou-se, apoiou-se com as duas mãos no parapeito e abanou a cabeça furiosamente. "Basta! Pouco me importam os que lá estão em baixo, pouco me importam os outros. Acabam-se os remorsos, as reservas, as restrições: ninguém pensa em mim, ninguém se lembrará de mim, ninguém pode resolver por mim." Decidiu-se sem remorsos, com conhecimento de causa. Decidiu, e, neste momento, o seu coração escrupuloso e piedoso esvoaçou de galho em galho; já não tem coração: acabou-se. "Decido que a morte era o sentido secreto da minha vida, que vivi para morrer; morro para testemunhar que é impossível viver; os meus olhos apagarão o mundo e fechá-lo-ão para sempre."

A Terra apresentava a este moribundo a sua face voltada, o céu naufragado corria, através dela com todas as estrelas: mas Mathieu vigiava sem se dignar aproveitar estes presentes inúteis.

Terça-feira, 18 de Junho, 05h45

— Lola!

Acordou enjoada como todas as manhãs e, como todas as manhãs, tornou a instalar-se no seu velho corpo apodrecido.

— Lola! Estás a dormir?

— Não - respondeu. - Que horas são?

— Cinco e quarenta e cinco.

— Cinco e quarenta e cinco? E o meu patife já está acordado? Modificaram-no.

— Vem cá! - pediu ele.

"Não", pensou ela. "Não quero, que ele me toque".

— Boris...

"O meu corpo repugna-me, mesmo que não repugne a ti, é uma burla, está podre e tu não o sabes, se soubesses ficavas horrorizado."

— Boris, estou cansada...

Mas ele já a tinha agarrado pelos ombros; era um peso em cima dela. "Vais entrar numa ferida. Quando ele me tocava eu transformava-me em veludo. Agora, o meu corpo é de terra seca; debaixo dele sinto-me fender, e esboroar, ele funde-me." Rasgava-a até ao fundo do ventre como uma lâmina, tinha um ar distante e maníaco, de inseto, de uma mosca que sobe por uma vidraça e cai e torna a subir. Ela só sentia a dor; ele estava a arfar, a transpirar, excitava-se. "É no meu sangue que ele se excita, na minha doença." Ela pensou: "Não admira! Há seis meses que não está com uma mulher; faz amor como um soldado num bordel." Alguma coisa se mexeu dentro dela, um bater de asas; mas não: nada. Ele colou-se-lhe, só os seios se mexiam, depois afastou-se bruscamente e os seios de Lola fizeram um barulho de ventosa que se descola; ela teve vontade de rir, mas olhou para Boris e a vontade de rir desapareceu; tinha uma expressão dura e carregada, fazia amor como quem se embriaga, devia querer esquecer alguma coisa. Acabou por se deixar cair sobre Lola, semimorto; ela acariciou-lhe maquinalmente a nuca e os cabelos; estava fria e tranquila, mas sentia grandes badaladas que lhe subiam violentamente do ventre até ao peito: era o coração de Boris que batia dentro dela. "Estou velha, estou

demasiado velha." Toda esta ginástica lhe pareceu grotesca e afastou-o docemente.

— Tira-te de cima de mim.

— Quê?

Ele levantara a cabeça e olhava-a surpreendido.

— É por causa do meu coração - desculpou-se ela. - Está a bater com muita força e tu abafas-me.

Boris sorriu, deixou-se escorregar de cima dela e ficou deitado de barriga para baixo, a cara na almofada, os olhos fechados, uma estranha ruga ao canto da boca. Lola apoiou-se num cotovelo e olhou para ele: tinha um ar tão familiar, tão habitual, já não o podia observar. Era como se ele fosse a sua própria mão; não sentia nada. E ontem, quando ele aparecera no pátio, belo como uma mulher, não sentira nada. Nada, nem mesmo este gosto a febre, nem este imenso peso no ventre: olhava para esta cara demasiado conhecida e pensava: "Estou só." Esta cabecinha, esta cabecinha por onde tantas vezes passavam estranhos segredos, quantas vezes a apertara nas mãos; persistia, interrogava, suplicava, gostaria de a abrir como uma romã e lamber o que estava lá dentro; por fim, o segredo escapava-se e, como nas romãs, ficava um pouco de água açucarada. Olhava para ele com rancor, censurava-o por não a ter sabido perturbar, olhava para a ruga amarga que ele tinha na boca: se perdeu a alegria, que lhe resta? Boris abriu os olhos e sorriu:

— Estou muito contente por estares aqui, minha doida.

Ela retribuiu-lhe o sorriso: "Agora, sou eu que tenho um segredo e bem podes tentar que eu te diga, não direi." Ele endireitou-se, destapou-a e olhou atentamente para o corpo de Lola; passou-lhe a mão levemente pelos seios; ela sentiu-se perturbada.

— Como mármore - disse.

Lola pensou no bicho imundo que crescia na noite da sua carne e o sangue subiu-lhe ao rosto.

— Orgulho-me de ti - continuou Boris.

— Porquê?

— Porque sim! Os tipos, no hospital, ficaram de boca aberta.

Lola sorriu levemente:

— Não te perguntaram o que fazias com uma velha como eu? Não pensaram que eu era a tua mãe?

— Lola! - protestou Boris zangado.

Riu-se, iluminado por uma recordação, e a juventude reapareceu no seu rosto.

— De que te ris?

— De Francillon. Tem uma moça bem boa, que ainda não fez dezoito anos; pois bem, disse-me logo: "Se quiseres, trocamos já."

— É muito simpático - disse Lola.

Um pensamento passou como uma nuvem pelo rosto de Boris, e o olhar ensombrou-se-lhe. Ela olhava-o sem amizade: "Claro, claro, tens preocupações como toda a gente." Se lhe falasse das suas, que diria? Que faria se lhe dissesse: "Tenho um tumor no útero, tenho de ser operada e, na minha idade, pode correr mal." Arregalaria os olhos e responderia: "Não posso acreditar!" Dir-lhe-ia que sim, ele diria que não era possível, que se curaria com drogas, com raios X, que tinha manias. Lola explicaria: "Não foi por causa do dinheiro que voltei a Paris, foi para consultar Le Goupil e ele foi categórico". Boris diria que Le Goupil é parvo, que não devia ter lá ido, negaria, protestaria, abanaria a cabeça com um ar aborrecido e depois calava, e, sem mais argumentos, olhava para ela com um olhar de catástrofe e cheio de rancor. Levantou o braço nu e agarrou Boris pelos cabelos.

— Vamos, meu tolo! Desembucha. Diz-me o que é que não vai bem.

— Está tudo bem - respondeu ele com um ar falso.

— Espantas-me. Não está nos teus hábitos acordar às cinco da manhã. Ele repetiu sem convicção:

— Está tudo bem.

— Estou a ver - continuou ela. - Tens qualquer coisa a dizer-me, mas queres que seja eu a arrancar-te a ferros.

Sorriu e meteu a cabeça debaixo do braço de Lola. Respirou e disse:

— Cheiras bem.

Ela deu de ombros:

— Então? Falas ou não?

Abanou a cabeça, aterrorizado. Lola calou-se e deitou-se de costas: "Pois bem, não fales! Paciência. Está comigo, fazemos amor, mas morrerei sozinha." Ouviu Boris suspirar e virou a cabeça para ele. Tinha uma expressão triste e carregada que ela não conhecia. Pensou sem entusiasmo: "Bem! Vou tratar de ti." Seria preciso interrogá-lo, observá-lo, interpretar a

sua mímica, como no tempo em que ele tinha ciúmes, passar maus bocados até que confessasse o que está morto por dizer. Ela se sentou:

— Dá-me o roupão e um cigarro.

— Para que é o roupão? Estás melhor assim.

— Dá-me o roupão. Tenho frio.

Levantou-se, nu e moreno, Lola desviou os olhos; Boris pegou no roupão, aos pés da cama, e deu-lhe. Ela vestiu-o; ele hesitou um segundo, depois enfiou as calças e sentou-se numa cadeira.

— Encontrou uma garotinha e quer casar, não é? - perguntou ela.

Ele encarou-a com tamanho espanto que ela corou.

— Bem, bem... - disse.

Houve um ligeiro silêncio e ela prosseguiu:

— Então, o que vai fazer quando ficar livre?

— Casarei com você.

Ela pegou um cigarro e acendeu-o:

— Por quê?

— Preciso ser respeitável. Não posso levá-la para Castelnaudary se você não for minha mulher.

— E o que vai fazer em Castelnaudary?

— Ganhar a vida - disse ele com austeridade - Sem brincadeira: serei professor no colégio.

— Mas por que em Castelnaudary?

— Você verá, você verá. Será em Castelnaudary.

— Quer dizer que eu me chamarei Sra. Serguine e usarei um chapéu para ir visitar a mulher do diretor da escola?

— Chama-se “principal”. É isso mesmo você terá de fazer. E eu, no fim do ano, farei o discurso de entrega do prêmios.

— Hum!

— Ivich irá viver conosco.

— Ela não me suporta.

— Não, mas será assim.

— É ela que quer?

— É. Ela não aguenta os sogros; está ficando doida; você não a reconheceria.

Silenciaram. Lola o observava com o rabo dos olhos.

— Vocês acertaram tudo?

— Aceitamos.

— E se isso não me agradasse?

— Oh! Lola! Como não há de agradar?

— Porque, naturalmente - disse Lola -, se a solução é viver a seu lado, você pensa logo que ficarei muito satisfeita.

Pareceu-lhe ver um clarão nos olhos de Boris.

— Não é verdade? - disse ele.

— Sim, é verdade - concordou ela. - Mas és um tolo, demasiado seguro dos teus encantos.

O clarão desapareceu; ele olhava para os joelhos e Lola via-lhe os maxilares a mexer.

— E agrada-te, essa vida? - perguntou ela.

— Estarei sempre bem se estiver contigo - replicou Boris amavelmente.

— Dizias que não gostarias nada de ser professor.

— Que queres que faça, nesta situação? Vou dizer-te o que se passa - prosseguiu. - Enquanto combatia não fazia perguntas. Mas agora pergunto a mim próprio para que é que fui feito.

— Querias escrever.

— Nunca pensei nisso muito a sério: não tenho nada a dizer. Compreendes, pensava que ficava na guerra, fui apanhado desprevenido.

Lola olhava para ele atentamente.

— Lamentas que a guerra tenha acabado?

— Não acabou - disse Boris. - Os Ingleses estão em combate; dentro de seis meses os Americanos estarão na briga.

— Em todo o caso, para ti acabou.

— Sim - concordou Boris -, para mim.

Lola continuava a olhar para ele.

— Para ti e para todos os franceses - insistiu ela.

— Para todos, não - contrariou ele com ardor. - Há quem esteja em Inglaterra disposto a bater-se até ao fim.

— Estou a ver - disse Lola.

Ela acabou de fumar e atirou com a ponta no chão. Falou calmamente:

— Tens possibilidade de partir?

Oh!, Lola! - exclamou Boris com um ar de admiração reconhecimento. - Sim - confirmou -, sim. Tenho possibilidades.

— Como?

— Um avião.

— Um avião? - repetiu ela sem compreender.

— Perto de Marignane existe um pequeno aeroporto particular, entre duas colinas. Um avião militar desceu ali há quinze dias porque estava avariado. Agora já consertaram.

— Mas você não é aviador.

— Tenho amigos que são.

— Que amigos?

— Há Francillon, o sujeito que lhe apresentei. E Gabel, e Terrasse.

— Eles lhe propuseram que vá com eles?

— Sim.

— E então?

— Eu recusei - disse Boris precipitadamente.

— É verdade? No fundo, você aceitou, dizendo a si mesmo: darei um jeito na velha?

— Não.

Ele olhava-a com ternura. Era raro que ele tivesse aqueles olhos quase líquidos: “antes, eu teria me matado por um olhar assim.”

— Você é uma velhota e uma maluca - disse ele. - Mas não posso abandoná-la. Você só faria besteiras se eu não ficasse a seu lado para impedir.

— Então? - perguntou Lola - Quando nos casamos?

— Quando quiser - disse ele com indiferença. - O Essencial é estarmos casados no reinício das aulas.

— Em setembro?

— Não. Em outubro.

— Bem, temos tempo.

Ela pôs-se a andar de um lado para outro do quarto. Havia no chão pontas de cigarro manchadas de vermelho. Boris baixar-se e catava-as com ar idiota.

— Quando os seus amigos devem partir?

Boris arrumava cuidadosamente as pontas de cigarro no mármore da mesinha de cabeceira.

— Amanhã a noite - disse sem se voltar.

— Tão cedo?

— É, é preciso andar depressa.

— Tão cedo!

Ela foi até a janela e abriu-a: contemplava os mastros oscilantes dos barcos de pesca, o cais deserto, o céu rosado, e pensava: amanhã à noite. Quando as amarras tivessem sido rompidas, ela veria. Amanhã a noite ou outro dia, pouco importava, pensou. A água mexia docemente suas poças de aurora. Lola ouviu, ao longe, a sirene de um navio. Quando se sentiu inteiramente livre, virou-se para ele.

— Se você quer partir - disse -, não sou eu quem vai segurá-lo.

A frase custara a sair, mas agora Lola sentia-se vazia e aliviada. Olhava para Boris e pensava: pobre menino, pobre menino. Boris levantara-se bruscamente. Foi até ela e pegou-a pelo braço:

— Lola.

— Está me machucando.

Largou-a; mas olhava-a com um ar desconfiado:

— Isso não a entristeceria?

— Sim - respondeu num tom compenetrado. - Isso me entristeceria, mas ainda prefiro isso a vê-lo professor em Castelnaudary.

Ele pareceu ficar mais tranquilo.

— Você também não poderia viver lá, não é?

— Não. Eu também não.

Ele curvava os ombros e os braços caídos; pela primeira vez na vida, parecia não saber o que havia de fazer ao corpo. Lola estava-lhe grata por não se mostrar demasiado contente.

— Lola! - exclamou ele.

Estendeu a mão e pousou-a no ombro de Lola; ela teve vontade de o afastar, mas conteve-se. Sorria-lhe, sentia o peso da sua mão ele já não lhe pertencia, estava em Inglaterra, já estavam os dois mortos, cada um para seu lado.

— Tinha recusado, sabes! - disse ele com voz trêmula. - Tinha recusado!

— Eu sei.

— Eu não a enganarei - continuou ele. - Não dormirei com ninguém.

Ela sorriu.

— Meu pobre menino.

Ele já era demais agora, ela desejara já estar vivendo a noite do dia seguinte. Subitamente ele bateu na testa.

— Merda!

— Que é que há ainda? - indagou ela.

— Não vou! Não posso partir!

— Por quê?

— Ivich! Eu disse a você que ela queria viver conosco.

— Boris! - disse Lola furiosa -, se você não ficar por minha causa, proíbo que fique por causa de Ivich.

Mas era uma cólera de antes e dissipou-se logo.

— Eu cuidarei de Ivich - disse ela.

— Ficaré com ela?

— Por que não?

— Mas vocês não se suportam!

— O que é que tem?

Sentia-se horrivelmente cansada. Disse:

— Ponha uma roupa ou se deite, você vai se resfriar.

Ele pegou uma toalha e começou a esfregar o torso. Parecia aturdido. Engraçado, pensou ela: ele acaba de tomar um resolução em que joga toda a vida. Sentou-se na cama; ele se esfregava energicamente, mas parecia sombrio.

— Que é que há ainda? - perguntou ela.

— Está tudo bem. Como estou suando!

Ela levantou-se com dificuldade, segurou-o pelos cabelos e endireitou-lhe a cabeça.

— Olhes para mim. Que é que há ainda?

Boris desviou o olhar:

— Você está estranha.

— Por que estranha?

— Não parece aborrecida demais com a minha partida. Isso me choca.

— Isso o choca? Isso o choca? - repetiu Lola.

E caiu na gargalhada.

06 horas da manhã

Mathieu resmungou, sentou-se e esfregou a cabeça. Um galo cantava, o sol estava quente e alegre, mas ainda baixo.

— Que lindo dia! - disse Mathieu.

Ninguém respondeu: estavam todos ajoelhados atrás do parapeito. Mathieu olhou para o relógio e viu que eram seis horas: ouvia um roncar longínquo e intenso. Agachou-se e dirigiu-se aos companheiros.

— Que é? Um avião?

— Não: são eles. Infantaria motorizada.

Mathieu endireitou-se atrás dos ombros dos companheiros.

— Atenção - respondeu Clapot. - Aguenta-te bem: eles têm binóculos.

Duzentos metros antes das primeiras casas, a estrada desviava-se para oeste, desaparecia atrás de uma colina cheia de ervas, deslizava entre os edifícios da fábrica de moagem, que a encobriam, para vir ter à aldeia, obliquamente, em direção a sudoeste. "São alemães!", e teve medo. Estranho medo, quase religioso, uma espécie de horror sagrado. Aos milhares, olhos estranhos devoravam a aldeia. Olhos de super-homens e de insetos. Mathieu foi invadido por uma evidência horrível: "Verão o meu cadáver."

— Estarão aqui dentro de minutos - disse sem querer.

Não responderam. Ao fim de um instante Dandieu falou com voz pausada e lenta:

— Não duraremos muito.

— Para trás - ordenou Clapot.

Recuaram e sentaram-se os quatro numa enxerga. Chasseríau e Dandieu pareciam duas ameixas pretas e Pinette começava a parecer-se com eles: tinham o mesmo tom terroso e os mesmos grandes olhos doces, sem fundo. "Tenho esses olhos de corça", pensou Mathieu. Clapot deixara-se cair para trás; começou a falar-lhes por cima do ombro:

— Vão parar à entrada da aldeia e enviarão motocicletas em missão de reconhecimento. Não atirar sobre eles.

Chasseríau bocejou; o mesmo bocejo, doce como uma náusea, abria a boca de Mathieu. Tentou lutar contra a angústia, aquecer-se no ódio, disse para consigo: "Somos combatentes, santo Deus! Não somos vítimas!" Mas

não era um ódio verdadeiro. Bocejou de novo. Chasseríau olhava para ele com simpatia:

— Custa começar - animou-o ele. - Depois melhora. Verás.

Clapot virou-se sobre si próprio e acocorou-se em frente deles:

— Só há uma ordem: defender a escola e a Câmara; eles não devem aproximar-se. Os camaradas que estão lá em baixo darão o sinal; quando começarem a atirar, fogo à vontade. E lembrem-se: enquanto eles puderem bater-se o nosso papel será apenas de proteção.

Olhavam para ele com um ar dócil e aplicado:

— E depois? - perguntou Pinette.

Clapot encolheu os ombros:

— Ah!, depois...

— Parece-me que não aguentaremos muito tempo - disse Dandieu.

— Não se pode saber. É provável que tenham algum canhão de infantaria: temos de arranjar maneira de impedir que o utilizem. Arriscamo-nos, mas eles também, porque a estrada e a praça fazem ângulo.

Tornou a pôr-se de joelhos e deslizou até ao parapeito. Observava o campo, escondido atrás de um pilar.

— Dandieu!

— Que é?

— Vem cá.

Explicou sem se voltar:

— Nós dois, Dandieu, atacamos de frente. Chasseríau, tu pões-te do lado direito e Delarue do lado esquerdo. No caso de eles tentarem cercar-nos, tu, Pinette, vais para o outro lado.

Chasseríau arrastou uma enxerga para oeste e pô-la contra o parapeito; Mathieu pegou no cobertor e pôs-se de joelhos em cima dele.

Pinette estava furioso:

— A mim mandam-me para trás.

— Queixa-te - replicou Chasseríau. - Eu vou ter de suportar o sol de frente.

Encostado ao pilar, Mathieu estava de frente para a Câmara; curvando-se ligeiramente para a direita, via a estrada. A praça era um fosso de sombra venenosa, uma armadilha; sentiu-se mal só de olhar para lá. Nos castanheiros, os pássaros cantavam.

— Atenção.

Mathieu reteve a respiração: dois motociclistas de negro com capacetes apareciam na rua; dois cavaleiros sobrenaturais. Procurou em vão distinguir-lhes as feições: impossível. Duas cinturas finas, quatro longas coxas paralelas, um par de cabeças redondas e lisas, sem olhos nem boca. Rolavam com sacudidelas mecânicas, com a empertigada nobreza de personagens articuladas que avançam no mostrador de velhos relógios quando a sua hora chega. E tinha chegado!

— Não atirem!

Os motociclistas deram a volta ao terreiro produzindo estampidos. Ninguém se mexeu, além dos pardais que levantaram vôo: a praça fingia-se morta. Mathieu, fascinado, pensava: "São os alemães." Deram uma volta em frente da Câmara, passaram mesmo por baixo de Mathieu, que viu estremecer as grandes patas de couro assentes no guidador, e meteram-se pela rua principal. Um instante depois reapareceram, muito direitos, pregados às suas selas e retomaram a toda a velocidade o caminho por onde tinham vindo. Mathieu estava contente por Clapot os ter proibido de atirar: pareciam-lhe invulneráveis. Os pássaros voltejaram ainda por um momento, depois meteram-se por entre a folhagem. Clapot disse:

— É a nossa vez.

Um freio rangeu, portas bateram, Mathieu ouviu vozes e passos: caiu num entorpecimento que se assemelhava a sono, tinha de lutar para manter os olhos abertos. Olhava para a estrada através das pálpebras semicerradas e sentia-se conciliador. Se descessem, largando os fuzis, cercá-los-iam; talvez dissessem: "Amigos franceses, acabou a guerra." Os passos aproximavam-se. "Não nos fizeram nada, não pensam em nós, não nos querem mal." Fechou os olhos bem fechados: o ódio ia subir ao céu. "Verão o meu cadáver, dar-lhe-ão pontapés." Não tinha medo de morrer, tinha medo do ódio.

Pronto! Ouviu estouros, abriu os olhos: a rua estava deserta e silenciosa; tentou pensar que sonhara. Ninguém atirara, ninguém...

— Idiotas! - murmurou Clapot.

Mathieu sobressaltou-se.

— Que idiotas?

— Os da Câmara. Atiraram demasiado cedo. Devem estar cheios de medo, senão tinham esperado que se aproximassem.

O olhar de Mathieu percorreu com dificuldade a calçada, pelo pavimento, pelos tufo de erva do chão, até à esquina da rua. Ninguém. O

silêncio; é uma aldeia em Agosto, os homens estão nos campos. Mas sabia que do outro lado do muro se forjava a sua morte: procuravam fazer-lhe o pior mal possível. Caiu, na ternura; gostava de toda a gente: dos Franceses, dos Alemães, de Hitler. Numa espécie de sonho ouviu gritos, seguidos de uma violenta explosão e de vidros partidos, depois tudo recomeçou a estoirar. Crispou a mão no fuzil para a impedir de cair.

— Curta demais a granada - observou Clapot entre dentes.

Estouros consecutivos; os "boches" tinham começado a atirar; mais duas granadas explodiam. Se isto pudesse parar por um momento para eu me recompor. Mas continuava, estoirava, explodia cada vez mais; na sua cabeça, uma roda dentada rodava continua mente: cada dente desta engrenagem era um tiro. Santo Deus! E se, além de tudo, eu sou um covarde! Voltou-se e olhou para os camaradas: acorados sobre os calcanhares, pálidos, com os olhos brilhantes e duros, Clapot e Dandieu observavam. Pinette voltara as costas, com a nuca muito direita; tinha coreia ou um ataque de riso: os ombros davam solavancos. Mathieu escondeu-se atrás do pilar e debruçou-se prudentemente. Conseguia manter os olhos abertos, mas não foi capaz de voltar a cabeça para a Câmara: olhava para o sul deserto e calmo, fugia para Marselha, para o mar. Mais uma explosão seguida de derrocadas secas na ardósia do campanário. Mathieu esbugalhou os olhos, mas a estrada fugia a toda a velocidade debaixo dele, os objetos corriam, deslizavam, misturavam-se, afastavam-se, era um sonho, cavava-se um fosso que o atraía, era um sonho, a estrada de fogo rodopiava, rodopiava como a roda do vendedor de barquinhos; estava quase a acordar na sua cama quando viu um sapo que rastejava em direção ao campo de batalha. Durante um momento Mathieu olhou com indiferença para este animal achatado, depois o sapo transformou-se num homem. Mathieu via com uma nitidez extraordinária as duas rugas da sua nuca raspada, o casaco verde, o cinturão, as botas moles e pretas. "Deve ter dado a volta pelos campos, rasteja até à Câmara para lançar a granada." O alemão rastejava apoiado nos cotovelos e nos joelhos, a mão direita, que tinha levantada, agarrava num bastão terminado por um cilindro de metal em forma de marmita. "Mas", disse Mathieu, "mas, mas..."; a estrada parou de correr, a roda dentada imobilizou-se, Mathieu deu um salto, encostou o fuzil ao ombro, o seu olhar endureceu: de pé e pesado num mundo de sólidos, tinha um inimigo na ponta do fuzil e apontava-lhe tranquilamente

para os rins. Fez um risinho de superioridade: o famoso exército alemão, o exército de super-homens, o exército de gafanhotos, era este pobre tipo, enternecedor à força de tantas faltas cometidas, que se afundava em erros e ignorância, que se afadigava com o zelo cômico de uma criança. Mathieu não tinha pressa, espiava o homem, tinha tempo: o exército alemão é vulnerável. Atirou. O homem deu um salto engraçado sobre a barriga jogando os braços para a frente, como quem aprende a nadar. Divertido, Mathieu atirou mais uma vez e o pobre diabo deu mais duas ou três braçadas largando a granada, que rolou na rua sem arrebentar. Agora mantinha-se quieto, inofensivo e grotesco, morto. “Eu o acalmei”, disse Mathieu a meia voz, “eu o acalmei”. Olhava o morto e pensava: “São como todo mundo.” E sentia-se bem disposto.

Uma mão pousou no ombro dele: Clapot acaba de fiscalizar o trabalho do amador. Contemplou o animal morto meneando a cabeça e depois voltou-se:

— Chasseriau!

Chasseriau arrastou-se sobre os joelhos até eles:

— Vigie um pouco por aqui - disse Clapot.

— Não preciso de Chasseriau - disse Mathieu contrariado.

— Eles vão recomeçar - explicou Clapot. - Se forem muitos você não dará conta do recado.

Ouviu-se uma rajada de metralhadora. Clapot franziu as sobrancelhas:

— Eh! - disse retornando a seu lugar -, o negócio está ficando bom.

Mathieu voltou-se para Chasseriau.

— Então - disse animado -, acho que vamos dar uns petelecos nsses boches.

Chasseriau não respondeu, tinha uma expressão pesada, embrutecida, quase adormecida.

— Não está vendo o tempo que levam? - indagou Mathieu agastado. - Pensei que nos liquidariam em dois tempos.

Chasseriau considerou-o com espanto, depois consultou o relógio de pulso.

— Não faz ainda três minutos que os motociclistas passaram - disse.

A Excitação de Mathieu muchou; pôs-se a rir. Chasseriau vigiava. Mathieu contemplava seu morto e ria. Durante anos tentara agir em vão:

roubavam-lhe seus atos; não lhe davam importância. Mas dessa vez não lhe tinham roubado nada. Apoiara no gatilho e, por uma vez, algo acontecera. Algo definitivo, pensou rindo ainda mais. Tinha o ouvido crivado de detonações e de gritos, mas mal os percebia: contemplava seu morto com satisfação; pensava: “Este teve o dele, este compreendeu, ah! Se compreendeu.” Seu morto, sua obra, o rastro de sua passagem pela Terra. Sentiu o desejo de matar outros; era divertido e fácil; queria mergulhar a Alemanha em luto.

— Atenção!

Um tipo deslizava junto à parede, com uma granada na mão. Mathieu apontou para este ser estranho e desejável; o coração batia com força.

— Merda!

Errara. A coisa encolheu-se toda, tornou-se um homem assustado que olhava à sua volta sem compreender. Chasseríau atirou. O tipo estendeu-se como uma mola, endireitou-se, deu um salto e, com um movimento do braço, atirou a granada e caiu de costas no meio da calçada. No mesmo instante partiram-se vidros e Mathieu viu, num atordoante e pálido clarão, sombras que se contorciam no rés-do-chão da Câmara, depois veio a escuridão; manchas amarelas passavam-lhe pelos olhos. Estava furioso com Chasseríau.

— Merda! - repetiu com raiva. - Merda! Merda!

— Não te inquietes - sossegou-o o outro. - Ele falhou: os camaradas estão no primeiro.

Mathieu piscava os olhos e sacudia a cabeça para se desembaraçar das manchas amarelas que o ofuscavam.

— Cuidado - disse -, eu estou cego.

— Já passa - disse Chasseríau. - Santo Deus, olha só o sujeito que derrubei, olhe só como pedala.

Mathieu debruçou-se; assim via- o melhor. O "boche", deitado de costas, com os olhos muito abertos, esperneava. Mathieu apontou.

— Serás doido! - gritou Chasseríau. - Não desperdices balas.

Mathieu, largou o fuzil aborrecido. "Vai safar-se, aquele homem!", pensou.

A porta da Câmara abriu-se de par em par. Um tipo apareceu na soleira da porta e avançou com uma espécie de nobreza. Estava nu até à cintura: parecia todo esfolado. Das suas faces vermelhas e raspadas

pendiam pedaços de carne. Começou a gritar, vinte fuzis dispararam ao mesmo tempo, cambaleou e abateu-se nos degraus da entrada.

— Não é dos nossos - disse Chasseríau.

— Não - replicou Mathieu com uma voz estrangulada pela raiva. - É dos nossos, chama-se Latex.

As mãos tremiam-lhe, os olhos doíam-lhe: repetiu com uma voz hesitante:

— Chamava-se Latex. Tinha seis filhos.

E depois, bruscamente, debruçou-se e apontou para o ferido, cujos olhos pareciam olhar para ele.

— Vais pagar-mas, patife.

— Estás doido! - gritou Chasseríau. - Disse-te que não desperdiçasses balas.

— Deixa-me - protestou Mathieu.

Não tinha pressa de atirar: "Se ele me está a ver, o patife, não deve estar muito contente." Apontou-lhe para a cabeça, atirou: a cabeça estourou, mas o tipo continuava a mexer-se.

— Patife! - gritou Mathieu. - Patife!

— Presta atenção, santo Deus! Atenção ao lado esquerdo!

Cinco ou seis alemães tinham acabado de aparecer. Chasseríau e Mathieu puseram-se a atirar, mas os alemães haviam mudado de técnica. Continuavam de pé, escondiam-se pelos recantos e pareciam esperar.

— Clapot! Dandieu! Venham - chamou Chasseríau. - Vai haver tiroteio.

— Não posso - respondeu Clapot.

— Pinette! - gritou Mathieu.

Pinette não respondeu. Mathieu não ousou voltar-se.

— Atenção!

Os alemães tinham começado a correr. Mathieu atirou, mas já haviam atravessado a calçada.

— Santo Deus - gritou Clapot do seu lugar. - Há "boches" debaixo das árvores. Quem os deixou passar?

Não responderam. Debaixo das árvores, algo mexia. Chasseríau atirou ao acaso.

— Vai ser o fim do mundo para os tirar de lá.

Os tipos da escola tinham começado a atirar; os alemães, escondidos atrás das árvores, respondiam. Da Câmara já haviam deixado de disparar. A rua fumegava suavemente, rente ao chão.

— Não atirem para as árvores - recomendou Clapot. - É pólvora perdida.

Nesse instante explodiu uma granada contra a fachada da Câmara, à altura do primeiro andar.

— Estão a subir às árvores - avisou Chasseríau.

— Se sobem às árvores - disse Mathieu -, melhor para nós.

Procurava ver através da folhagem; viu um braço que se levantava e atirou. Demasiado tarde: a Câmara explodia, as janelas, do primeiro andar saltaram; foi novamente atingido por aquele horrível clarão amarelo. Disparou ao acaso: ouviu grandes frutos que rolavam de ramo em ramo; não percebeu se desciam ou caíam.

— Da Câmara já não estão a atirar - verificou Clapot.

Ouviram, retendo a respiração. Os alemães continuavam a atirar, mas a Câmara não respondia. Mathieu arrepiou-se. Mortos. Bocados de carne em sangue num soalho esburacado, em salas vazias.

— Não tivemos culpa - observou Chasseríau. - Eram muitos.

De repente rolos de fumo começaram a sair pelas janelas do primeiro andar; através do fumo, Mathieu distinguiu chamas vermelhas e negras. Na Câmara alguém começou a gritar, era uma voz aguda e clara, uma voz de mulher. Mathieu sentiu subitamente que ia morrer. Chasseríau atirou.

— Estás doido! - gritou Mathieu. - Não dispares agora, tu que me acusas de desperdiçar cartuchos.

Chasseríau apontava para as janelas da Câmara; atirou três vezes para as chamas.

— É esse sujeito que berra. Não posso mais ouvi-lo.

— Continua a berrar - disse Mathieu.

Escutavam, gélidos. A voz enfraqueceu.

— Está acabado.

Mas bruscamente os gritos recomeçaram, insistentes, inumanos. Eram sons enormes e graves que iam até o agudo. Mathieu atirou por sua vez na janela, mas sem resultado.

— Isso não vai acabar! - disse Chasseríau.

De repente os urros cessaram.

— Acabado - disse Chasseriau. - Frito, assado!

Nada mais mexia sob as árvores, nem na rua. O sol dourava a fachada da prefeitura em brasas. Chasseriau consultou o relógio.

— Sete minutos - disse.

Mathieu retorcia-se nas chamas, era uma queimadura só, sufocava. Teve de encostar as mãos no peito e descê-las devagar até o ventre para assegurar-se de que estava ileso. Clapot disse bruscamente:

— Há gente nos telhados.

— Nos telhados?

— Bem na nossa frente. Atiram na escola. Merda! Está feito!

— O quê?

— Instalaram uma metralhadora. Pinette! - gritou.

Pinette inclinou-se para trás.

— Venha cá! Vão liquidar com o pessoal da escola.

Pinette pôs-se de quatro: olhava-os com ar ausente. O rosto estava cinzento.

— Não está se sentindo bem? - indagou Mathieu.

— Vai tudo muito bem - respondeu ele secamente.

Ele se arrastou até Clapot e se ajoelhou.

— Atire - disse Clapot -. Atire na rua para distraí-los. Nós nos encarregamos da metralhadora.

Pinette, sem dizer nada, começou a disparar.

— Mais cuidado, santo Deus! - avisou Clapot. - Não se atira com os olhos fechados.

Pinette estremeceu e pareceu fazer um enorme esforço sobre si próprio; ganhou um pouco de cor; apontou, arregalando os olhos. Clapot e Dandieu, ao lado dele, atiravam continuamente. Clapot saltou um grito de triunfo.

— Pronto! - gritou. - Tudo calado.

Mathieu pôs-se à escutar: não se ouvia nada.

— Sim - concordou ele. - Mas os camaradas já não estão a atirar.

A escola mergulhara em silêncio. Três alemães que se tinham escondido debaixo das árvores atravessavam a calçada, a correr e lançaram-se de encontro à porta da escola, que se abriu. Entraram e apareceram um pouco depois, debruçados das janelas do primeiro andar, fazendo gestos e gritando. Clapot atirou e eles desapareceram. Alguns instantes depois, pela

primeira vez desde a manhã, Mathieu ouviu o silvo de uma bala. Chasseríau olhou para o relógio.

— Dez minutos - verificou ele.

— Sim - disse Mathieu, -, é o princípio do fim.

A Câmara ardia, os alemães ocupavam a escola: era como se a França fosse vencida pela segunda vez.

— Atirem, por amor de Deus!

Apareceram alguns alemães, prudentemente, à entrada da rua principal. Chasseríau, Pinette e Clapot fizeram fogo. As cabeças desapareceram.

— Desta vez, fomos vistos.

Novamente o silêncio. Um longo silêncio. Mathieu pensou: "o que estão eles a preparar?" Na rua vazia, quatro mortos; um pouco mais além, mais dois: tudo o que pudemos fazer. Agora era preciso acabar o trabalho: deixar-se matar. E com eles, que se passaria? Dez minutos de atraso sobre a hora prevista.

— É a nossa vez - avisou Clapot de repente.

Um monstrengo atarracado rodava em direção à igreja; faiscava ao sol.

— *Schnellfeuerkanon*¹⁸ - disse Dandieu entre os dentes.

Mathieu arrastou-se para o lado deles. Eles atiravam, mas não se via ninguém. O canhão parecia rodar sozinho. Atiravam por desengano de consciência, porque ainda tinham balas. Tinham rostos tranquilos e cansados, seus últimos rostos.

— Para trás!

Um homem grande em mangas de camisa surgiu de repente à esquerda do canhão. Não tentava abrigar-se: dava ordens tranquilamente, erguendo os braços. Mathieu levantou-se bruscamente, aquele homenzinho de pescoço nu inflamava-o de desejo.

— Para trás e de bruços!

A boca do canhão ergueu-se lentamente. Mathieu não se mexera: estava de joelhos e visava o *Feldwebel*¹⁹.

— Está ouvindo - gritou Clapot.

— Não amole - grunhiu Mathieu.

Foi o primeiro a atirar, a coronha do fuzil socou-lhe o ombro; houve uma enorme detonação, como um eco ampliado do tiro de fuzil, ele viu uma coisa vermelha e ouviu um longo ruído mole de algo se rasgando.

— Erraram - disse Clapot -, visaram alto demais.

O Feldwebel debatia-se de pernas para o ar. Mathieu olhava-o sorrindo. Ia acabar com ele quando dois soldados apareceram e levaram-no. Mathieu recuou arrastando-se e foi estender-se ao lado de Dandieu. Clapot já erguia o postigo:

— Depressa! Vamos descer.

Dandieu sacudiu a cabeça.

— Embaixo não há janelas.

Olharam-se.

— Não se pode perder a munição - disse Chasseriau.

— Ainda tem muita?

— Duas cargas.

— E você, Dandieu?

— Uma.

Clapot tornou a fechar o postigo.

— Não podemos perdê-las - concordou. - Tens razão.

Mathieu ouvia atrás de si um sopro rouco; voltou-se: Pinette empalideceu até às orelhas e respirava com dificuldade.

— Estás ferido?

Pinette olhou para ele com um ar agressivo.

— Não.

Clapot olhou para Pinette com atenção:

— Se queres descer, meu velho, ninguém te obriga a ficar. Já não devemos nada a ninguém. Nós, compreendes, estamos aqui por causa das munições. Não as podemos perder.

— Merda! - replicou Pinette. - Porque havia de descer se Delarue não desce?

Arrastou-se até ao parapeito e pôs-se a dar tiros.

— Pinette - gritou Mathieu.

Pinette não respondeu. As balas assobiaram por cima deles.

— Deixa-o estar - disse Clapot. - Isso o distrai.

O canhão atirou duas vezes, uma após outra; ouviram um estrondo surdo sobre eles, uma avalanche de calíça caiu do teto. Chasseriau

consultou o relógio:

— Doze minutos - disse.

Mathieu e Chasseriau deslizaram até o parapeito. Mathieu agachara-se ao lado de Pinette; Chasseriau, à direita, mantinha-se de pé e curvado para a frente.

— Já não tão mal assim, doze minutos - disse ele. - Já não é tão mal assim.

O ar assobiou, gritou, bateu em cheio na cara de Mathieu: um ar quente e pesado como uma papa: Mathieu caiu ao chão. O sangue cegava-o; tinha as mãos vermelhas até aos punhos; esfregava os olhos e misturava o sangue, dos olhos com o do rosto. Mas não era o seu sangue: Chasseriau estava sentado no parapeito sul, sem cabeça; um jato de sangue e de bolhas saía-lhe do pescoço.

— Não quero - gritou Pinette -, não quero!

Levantou-se bruscamente, correu para Chasseriau e bateu-lhe em cheio no peito com a coronha do fuzil. Chasseriau oscilou e caiu de cima do parapeito. Mathieu viu-o cair sem emoção: era o início da sua própria morte.

— Fogo à vontade - gritou Clapot.

A praça bruscamente formigara de soldados. Mathieu retornou a seu posto e pôs-se a atirar. Dandieu atirava, ao lado.

— É um massacre - disse Dandieu rindo.

Largou o fuzil que caiu na rua, deitou-se sobre Mathieu murmurando:

— Meu velho! Meu velho!

Mathieu empurrou-o com o ombro. Dandieu caiu para trás e Mathieu continuou a atirar. Atirava ainda quando o teto desabou sobre ele. Recebeu uma viga na cabeça, largou o fuzil e caiu. “Quinze minutos!”, pensou com raiva, daria tudo para aguentar 15 minutos! Uma coronha de fuzil emergia do caos de madeira quebrada e ardósias em estilhaços. Puxou-a: o fuzil estava empapado de sangue, mas carregado.

— Pinette! - gritou Mathieu.

Ninguém respondeu. O desabamento do teto obstruía toda parte norte da plataforma; a calíça e as vigas obstruíam o postigo; uma barra de ferro pendia do teto escancarado; Mathieu estava só.

— Por Deus - disse em voz alta -, não poderão dizer que não aguentamos 15 minutos.

Aproximou-se do parapeito e pôs-se a atirar de pé. Era um enorme revide: cada tiro vingava-o de um antigo escrúpulo. Um tiro em Lola, que não ousei roubar, um tiro em Marcelle, que deveria ter largado, um tiro em Odette, que eu não quis comer. Este para os livros que ousei escrever, este para as viagens que recusei, este para todos os sujeitos, em conjunto, que tinha vontade de detestar e procurei compreender. Atirava, e as leis voavam para o ar, amarás o teu próximo como a ti mesmo, pam! nesse safado, não matarás, pam! nesse hipócrita aí da frente. Atirava no homem, na Virtude, no Mundo: a Liberdade é o Terror; o incêndio destruía a prefeitura, destruía-lhe a cabeça: as balas assobiavam, livres como o ar, o mundo explodirá, e eu com ele, atirou, olhou o relógio: catorze minutos e trinta segundos; não tinha mais nada a pedir senão o prazo de meio minuto, exatamente o tempo de atirar naquele belo oficial, que corria orgulhoso para a igreja; atirou sobre o belo oficial, em toda a Beleza da Terra, na rua, nas flores, nos jardins, em tudo o que amara. A Beleza deu um mergulho obscuro e Mathieu atirou de novo. Atirou: era puro, todo-poderoso, livre.

Quinze minutos.

Segunda Parte

A noite, as estrelas; ao norte, uma luz vermelha, é uma aldeia a arder. A este e a oeste, grandes raios de calor, secos e cintilantes: os canhões. Estão em toda a parte, amanhã apanhar-te-ão. Entra na aldeia adormecida; atravessa uma praça, aproxima-se ao acaso de uma casa, bate, não obtém resposta, carrega no trinco, a porta abre-se. Entra, torna a fechar a porta: a escuridão. Um fósforo. Está no vestibulo, um espelho distingue-se estranhamente na sombra, mira-se nele: "Preciso urgentemente de me barbear." O fósforo apaga-se. Teve tempo de distinguir, à esquerda, uma escada que desce. Aproxima-se tateando: a escada desce em caracol, Brunet vai-se voltando, apercebe-se de uma vaga claridade difusa, mais uma volta: a cave cheira a vinho e a cogumelos. Barris, um monte de palha. Um homem corpulento, em camisa de noite e com calças, está sentado na palha ao lado de uma loura seminua que tem uma criança ao colo. Olham para Brunet, três bocas abertas têm medo. Brunet desce os degraus da escada, o homem sempre a olhar para ele; Brunet desce, o tipo diz de repente: "A minha mulher está doente." - "E então?", pergunta Brunet. "Não, quis que ela passasse a noite no bosque." - "Dizes-me isso", disse Brunet. "Mas eu estou-me pouco ligando". Neste momento, está na cave. O tipo olha para ele desconfiado: "Então, que pretende?" - "Dormir aqui", responde Brunet. O tipo faz um trejeito - continua a olhar para ele. "É sargento?", Brunet não responde. "Onde estão os seus homens?", pergunta o tipo desconfiado. "Mortos", disse Brunet. Aproxima-se do monte de palha, o tipo diz: "E os Alemães? Onde estão?" - "Em todo o lado." - "Não quero que o encontrem aqui", disse o homem. Brunet tira o casaco, dobra-o, põe-no em cima dum barril. "Está a ou vir?", grita o tipo. "Estou", responde Brunet. "Tenho mulher e um filho, eu: não quero pagar pelas suas tolices." - "Não tenhas medo", disse Brunet. Senta-se, a mulher olhou para ele com ódio: "Há franceses que se estão a bater, devia estar com eles." Brunet olha para ela, que tapa os seios com a camisa de noite e grita: "Vá-se embora! Vá-se embora! Perderam a guerra e além disso vão, provocar a nossa morte." Brunet disse-lhe: "Não se preocupe. Basta que me acorde quando os alemães chegarem." - "E o que vai fazer?" - "Render-me." - "Que barbaridade!", disse a mulher, "quando pensamos que há quem tenha sido

massacrado". Brunet boceja, estende-se e sorri. Há oito dias que combate sem dormir e quase sem comer, por vinte vezes esteve para sucumbir. Deixou de se bater, agora a guerra está perdida e há muito que fazer. Muito trabalho. Estende-se na palha, boceja, adormece. "Vamos", disse o homem, "chegaram". Brunet abre os olhos, vê um grande rosto vermelho, ouve tiros e explosões. "Chegaram?" - "Sim. E não estão a brincar. Não posso tê-lo aqui em casa." A mulher não se mexeu. Olhou para Brunet com um olhar agressivo, apertando nos braços o filho adormecido. "Vou-me embora", disse Brunet. Levanta-se, boceja, aproxima-se de um respiradouro, remexe na sacola, tira um pedaço de espelho e uma navalha. O homem olha para ele, estúpido de indignação: "Não vai barbear-se, espero?" - "Porque não?" pergunta Brunet. O homem está vermelho de raiva: "Estou a dizer-lhe que me fuzilam se o encontram aqui." Brunet disse: "É um instante." O homem puxa-o pelo braço para o obrigar a sair: "Não permito, tenho mulher e um filho; se soubesse, não o tinha deixado entrar." Brunet safou-se com uma sacudidela, olha com desprezo para este gorducho que teima em viver, que viverá sob qualquer regime, humilde, mistificado, coriáceo, que viverá para nada. O homem atira-se a ele. Brunet espeta com ele contra a parede. "Está quieto ou rebento contigo." O tipo fica quieto, arqueja, encolhido, esbugalha os olhos de alcoólico, cheira a morte e a esterco. Brunet começa a barbear-se, sem sabão nem água, arde-lhe a pele; a seu lado a mulher estremece de medo e de raiva, Brunet apressa-se: se demorar muito, ela endoidece. Arruma a navalha na sacola: a lâmina ainda servirá duas vezes: "Estás a ver, já acabei. Não valia a pena fazer tanto barulho." O homem não responde, a mulher grita: "Vá-se embora, patife, safado, vamos ser fuzilados por sua causa!" Brunet veste o casaco, sente-se limpo, novo e aprumado, tem a cara vermelha. "Vá-se embora! Vá-se embora!" Cumprimenta com dois dedos, diz: "Obrigado, apesar de tudo!" Sobe a escada sombria, atravessa um vestíbulo: a porta da entrada está escancarada; lá fora a claridade do dia, o disparar maníaco das metralhadoras, a casa é sombria e fresca. Aproxima-se da porta da entrada; é preciso mergulhar na claridade. Uma praceta, a igreja, o monumento aos mortos, lixo em frente das portas. Entre duas casas que ardem, a estrada nacional, avermelhada pela madrugada. Os alemães estão lá cerca de trinta homens atarefados, operários em plena atividade, atiram, sobre a igreja com um schwlleuerkanon, do campanário atiram sobre eles, é um campo de batalha.

No meio da praça, debaixo de fogo cruzado, soldados franceses em mangas de camisa, olhos vermelhos de sono, andam em bicos de pés, com pequenos passos apressados, como se desfilassem para um concurso de beleza. Erguem as mãos pálidas acima das cabeças e o sol passa por entre os dedos. Brunet olha para eles, olha para o campanário, à sua direita um grande prédio está em chamas, sente o calor no rosto, diz: "Merda." Desce os três degraus da entrada. Pronto: está preso. Tem as mãos nos bolsos, pesadas como chumbo. "Mãos ao ar!" Um alemão aponta para ele um fuzil. Sente-se corar, as mãos levantam-se lentamente, ei-las no ar, acima da cabeça: pagar-me-ão com sangue. Junta-se aos franceses e dança com eles, é como no cinema, nada parece a sério, as balas que assobiam não matam, o canhão atira em vão. Um francês faz uma reverência e cai, Brunet passa-lhe por cima. Dá a volta à esquina da casa escura e mete pela rua principal, no momento em que o campanário desaba. Acabaram-se os "boches", as balas, o cinema, é o verdadeiro campo, torna a meter as mãos nos bolsos. Estamos entre franceses. Uma fila de pobres franceses, vestidos de cáqui, mal barbeados, mal lavados, o rosto negro de fuligem, que riem, brincam, cochicham, um ondular de cabeças destapadas, de bonés, nem um capacete: reconhecem-se, cumprimentam-se: "Vi-te em Saverne em Dezembro." - "Olá, Girard, é preciso sermos derrotados para nos vermos, como está Lisa?" Um soldado alemão, aborrecido, com a arma ao ombro, guarda o rebanho dos vencidos, acompanha com passadas grandes e lentas o seu trote apressado. Brunet vai a trote com os outros, mas é tão grande como o "boche", tão bem barbeado como ele. A estrada rosada corre por entre as ervas, nem um sopro de ar, um calor de derrota. Os homens cheiram intensamente, tagarelam e os pássaros chilreiam. Brunet vira-se para o vizinho, um gordo com ar calmo que respira pela boca: "Donde veio você?" - "Nós vínhamos de Saverne, passámos a .noite no campo." - "Eu vim só", disse Brunet. "É curioso, pensava que a aldeia estava deserta". Um jovem louro e bronzeado vai duas filas adiante dele, nu até à cintura, com uma grande crosta ensanguentada entre os ombros. Atrás de Brunet, um imenso rumor natural de risos, de gritos, de arrastar de pés na terra, assemelha-se ao barulho do vento nas árvores. Volta-se: neste momento tem atrás de si milhares de homens, vindos de todo o lado, dos campos, das aldeias, das quintas. Os ombros e a cabeça de Brunet erguem-se solitários acima desta planície ondulante: "Chamo-me Moulu", diz o homem

corpulento, "sou de Bar-lé-Duc". Acrescenta, altivo: "Conheço a região." À beira da estrada arde uma quinta; as chamas, ao sol, são negras, um cão uiva. "Estás a ouvir o cachorro?", pergunta Moulu ao vizinho. "Prenderam-no". O vizinho é certamente do Norte, louro, não muito pequeno, com uma pele leitosa, parecido com o "boche" que os vigia. Franze o sobrolho e volta os grandes olhos azuis para Moulu: "O quê?" - "O cão. Está preso." - "Então?", disse o outro. "É um cão". Uau, uau!, uau!, uau! Desta vez não é o cão que ladra: é o jovem de tronco nu. Alguém o arrasta e lhe põe a mão na boca, Brunet teve tempo de lhe ver a enorme cara assustada de olhos sem cílios. "Chappin. não parece estar muito bem", disse Moulu ao nortenho. Este olhou para ele: "O quê?". "Disse: Charpin, o teu camarada, não parece estar muito bem." O nortenho ri, tem os dentes brancos: "Foi sempre um original." A estrada sobe, um odor de pedra aquecida, de madeira queimada, acompanha-os, o cão uiva atrás deles. Chegam ao cimo da encosta; a estrada desce abruptamente. Moulu aponta com o dedo para a coluna interminável: "Oh! Olha! Donde vêm aqueles?" Volta-se para Brunet: "Quantos somos?" - "Não sei. Talvez dez mil, talvez mais." Moulu olha para ele, incrédulo. "És capaz de calcular assim, a olho?" Brunet pensa nos Catorze de Julho, nos Primeiro de Maio; punham-se uns quantos tipos no Boulevard Richard-Lenoir, fazia-se a estimativa de acordo com a duração do desfile. Multidões silenciosas e quentes; no meio delas sentíamo-nos queimar. Esta é ruidosa mas fria e morta. Sorri, diz: "Estou habituado" - "Para onde vamos?", pergunta o nortenho "Não sei" - "Onde estão os alemães? Quem comanda?" Há apenas uma dezena de alemães espalhados pela estrada. O imenso rebanho deixa-se arrastar para a base da encosta, como se obedecesse apenas ao próprio peso. "É curioso", disse Moulu. "É", disse Brunet, "é curioso". É curioso; poderiam atirar-se aos alemães, estrangulá-los, fugir através dos campos: para quê? Vão direitos à frente deles, guiados pela estrada. Chegam à base da encosta a um largo; neste momento sobem, têm calor. Moulu tira do bolso um maço de cartas presas por um elástico e vira-o entre os dedos desajeitados. O suor deixa o papel manchado, a tinta roxa desbota nalguns sítios. Tira o elástico, começa a rasgar as cartas sem as reler, metodicamente, em pedacinhos que vai espalhando, com um gesto de quem semeia. Brunet segue com o olhar o vôo baixo dos pedaços de papel: a maior parte cai como confetti sobre os ombros dos soldados e daí para o chão; há um que esvoaça durante um

segundo e vai pousar num tufo de ervas. As ervas curvam-se ligeiramente e suportam-no como a um dossel. Há mais papéis ao longo da estrada, rasgados, amarrotados, enrolados, nas valetas, entre espingardas partidas e capacetes amolgados. Quando a letra é grande, Brunet, ao passar, distingue algumas palavras: come bem, não te exponhas, chegou a H  lene com os pequenos, nos teus braços, meu amor. A estrada    toda ela uma grande e suja carta de amor. Pequenos monstros rastejam pelo chão e olham, com olhos sem pupilas, para o alegre rebanho de vencidos: máscaras de gás; Mo  lu d   uma cotovelada em Brunet, aponta para uma máscara: "Pelo menos tivemos a sorte de não terem sido necessárias." Brunet não responde; Mo  lu procura outros cúmplices: "Lambert!" Um tipo,    frente de Brunet, volta-se, Mo  lu mostra-lhe uma máscara, sem comentários põem-se a rir e os outros tipos riem também: detestavam-nas, a estas larvas parasitas, tinham medo delas e, no entanto, era preciso alimentá-las, tratar delas. Neste momento, fazem-lhes aos p  s, mortas, olham para elas e apercebem-se de que a guerra acabou. Camponeses que vieram, como todos os dias, trabalhar para os campos, vêem-nos passar apoiando-se nas enxadas; Lambert alegra-se e grita-lhes: "Viva, meu velho! Somos uma escola." Dez vozes, cem vozes repetem numa espécie de desafio: "Uma escola, uma escola! Voltamos para casa." Os camponeses não respondem, parecem nem ouvir. Um louro de cabelo encaracolado e de ar parisiense pergunta a Lambert: "Quanto tempo pensas que isto vai durar?" - "Vais ver. Onde estão os tipos que nos estavam a guardar? Se fôssemos prisioneiros a sério, verias como estávamos guardados" - "Então, porque nos prenderam?", perguntou Mo  lu. "Prenderam? Não nos prenderam: puseram-nos de lado para não os incomodarmos enquanto avançam." - "Mesmo assim", suspira o lourinho, "isto ainda pode durar muito". - "Serás doido? Nem sequer podem correr tão depressa como nós a fugirmos." Tem um ar trocista, goza: "Não se importam, os "boches", andam a passear: uma mulher em Paris, bom vinho em Dijon, um bom prato de peixe em Marselha. Meu Deus, em Marselha acabou-se, têm de parar: têm o mar pela frente. Nesse momento deixam-nos. L   para meados de Agosto estaremos em casa." O lourinho abana a cabeça. "São dois meses. É muito." - "Estás com pressa: diz l  . É preciso arranjar as linhas para que os comboios possam passar". "Não preciso de comboio", disse Mo  lu. "Se o problema é esse, posso ir a p  ." - "Bolas, eu não! Há quinze dias que estou a andar, estou farto, preciso de descansar." -

"Não tens vontade de estar com a tua mulher? " - "Ora! Como! Andei de mais, já não tenho nada dentro das calças. Preciso de dormir e sozinho." Brunet ouve-os, vê-lhes as cabeças, pensa que há muito trabalho a realizar. Choupos, choupos, uma ponte sobre um riacho, mais choupos. "Faz sede", diz Moúlu. "Não é bem sede", diz o nortenho, "é fome: não como nada desde ontem". Moúlu vai andando e transpira, respira fundo, tira o dólman, põe-no no braço, desaperta a camisa, diz com um sorriso: "Agora podemos tirar o dólman, somos livres." Paragem brusca; Brunet bate com o peito nas costas de Lambert. Lambert volta-se; usa barba, tem pequenos olhos vivos e sobranceiras espessas e negras: "Não vês onde pões os pés? Não tens olhos na cara?" Olha para o uniforme de Brunet com insolência: "Acabaram-se os sargentos. Ninguém manda. Apenas homens." Brunet olha para ele sem ódio e o tipo cala-se. Brunet pergunta a si próprio que pode ele ser na vida. Pequeno comerciante? Empregado? De qualquer modo, pertence à classe média. Há centenas de milhares assim, nenhum sentido de autoridade nem de dignidade pessoal. Será precisa uma disciplina de ferro. Moúlu pergunta: "Porque parámos?" Brunet não responde. Outro pequeno-burguês, parecido com o primeiro, mas mais estúpido: não será fácil fazer alguma coisa deles. Moúlu suspira aliviado e avança: "Talvez tenhamos tempo de nos sentarmos um pouco." Põe a sacola no chão e senta-se em cima dela, o soldado alemão aproxima-se, volta para eles um longo rosto inexpressivo e belo, uma vaga onda de simpatia aflora aos seus olhos azuis. Diz pausadamente: "Pobres franceses, acabou a guerra. Voltar para casa. Voltar para casa." - "Que diz ele, que diz ele, que vamos para casa, claro que vamos, merda, Julien, estás a ouvir, vamos para casa, pergunta-lhe quando, vá!, pergunta-lhe quando voltamos." - "Diz lá, "boche", quando voltamos para casa?" Tratam-no por tu, servis e familiares. Um melro entre um bando de vitoriosos. O alemão repete, inexpressivo: "Voltar para casa, voltar para casa". "Mas quando?" - "Pobres franceses, voltar para casa." Começam a andar, choupos, mais choupos. Moúlu geme, tem calor, tem sede, está cansado, gostaria de parar, mas ninguém pode travar esta corrida obstinada que ninguém comanda. Um homem geme: "Tenho dores de cabeça", e vai andando, o barulho de vozes diminui, é cortado por longos silêncios, dizem: "Vamos assim até Berlim?" E continuam a andar; seguem os da frente, são empurrados pelos que vêm atrás. Uma aldeia, um monte de capacetes, de máscaras e de espingardas na praça principal. "Poudroux: passei aqui anteontem", disse

Moúlu. "Olha, eu, ontem à noite", disse o lourinho, "ia de camião: havia pessoas nas soleiras das portas, pareciam não simpatizar muito connosco". Continuam lá, nas soleiras das portas, de braços cruzados, silenciosas. Mulheres de cabelos escuros, de olhos negros, de vestidos pretos, gente velha. Olham Diante destas testemunhas, os prisioneiros aprumam-se, os rostos tornam-se cínicos e agressivos, há mãos que se agitam, risos, gritos: "Viva, tiazinha! Viva, tiozinho! Somos uma escola, acabou a guerra, viva." Passam e cumprimentam, miram, enviam sorrisos provocantes, - as testemunhas calam-se e olham. Só a merceeira, gorda e bondosa, murmura: "Pobres tipos." O nortenho sorri embevecido, diz a Lambert: "Felizmente que não estamos no Norte." - "Porquê?" - "Atiravam-nos com móveis à cabeça." Uma fonte, dez tipos, cem tipos saem da forma e, vão beber. Moúlu corre, debruça-se desajeitadamente, sofregamente; acaríciavam-se à própria fadiga e os ombros tremem-lhes; a água escorre-lhes pelas faces. A sentinela nem parece vê-los: se quiserem e se tiverem coragem de suportar os olhares podem ficar na aldeia. Mas não; voltam um a um, apressam-se como se tivessem medo de perder o lugar; Moúlu corre como uma mulher, dando uma volta aos joelhos, empurram-se, riem, gritam, escandalosos e provocantes como pederastas; as bocas abrem-se em chagas hilariantes por baixo dos olhos de cães batidos. Moúlu limpa a boca, diz: "Foi bom." Olha para Brunet com espanto: "Tu não bebeste? Não tens sede?" Brunet encolhe os ombros sem responder; é pena que este rebanho não esteja enquadrado por quinhentos soldados com baionetas que espetem as nádegas dos retardatários e dêem coronhadas nos faladores: seria mais coerente. Olha para a direita, para a esquerda, volta-se, procura um rosto como o seu nesta floresta de rostos abandonados, bêbedos, torturados por uma euforia irreprimível. Onde estão os camaradas? Um comunista reconhece-se ao primeiro olhar. Um rosto. Apenas um rosto duro e calmo, um rosto de homem. Mas não: mesquinhos, vis e vivaços, caminham curvados para a frente, a velocidade arrasta-lhes os corpos frágeis e metedidos, toda a inteligência francesa está nestes rostos sebentos, repuxando os cantos dos lábios com cordéis, apertando e dilatando as narinas, enrugando as testas, inflamando os olhos; apreciam, distinguem, de batem, julgam, criticam, pesam os prós e os contras, saboreiam uma objeção, demonstram e concluem, interminável silogismo de que cada cabeça é uma proposição. Caminham suavemente, raciocinam enquanto andam, estão calmos: acabou

a guerra, não houve grandes perdas; os alemães não parecem tão maus como diziam. Tranquilos porque pensam ter apreciado com uma olha dela os novos chefes; os seus rostos recomeçaram a segregar inteligência porque é um artigo de luxo especificamente francês que poderá ser negociado com os "boches" no momento oportuno, em troca de pequenas vantagens. Choupos, choupos, bate-lhes o sol, é meio-dia: "Ei-los!" A inteligência desaparece, o rebanho geme todo ele de volúpia, não é um grito, nem mesmo um suspiro: uma espécie de derrocada admirativa, murmúrio suave da folhagem que se dobra ao peso da chuva. "Ei-los!" A palavra vai passando da frente para trás, de boca em boca como boa notícia, ei-los! ei-los! As filas apertam-se, empurram-se para as valetas, a longa cadeia estremece: os alemães passam pela estrada, em motos, em carros de assalto, em camiões, barbeados, descansados, belos rostos calmos e distantes como pastagens. Não olham para ninguém, têm o olhar fixo no sul, embrenham-se na França, direitos e silenciosos. "Estás a ver, são transportados gratuitamente, é a infantaria em patins, eu chamo a isto fazer a guerra, olha só para as metralhadoras, oh!, e os canhões! Assim, não nos podemos admirar de ter perdido a guerra." Ficam encantados por os alemães serem tão fortes. Sentem-se menos culpados. "Invencíveis, não há dúvida, invencíveis." Brunet olha para estes vencidos maravilhados, pensa: "É o que há." Valem pouco, mas paciência, é o que temos. Devemos trabalhar sempre e há certamente, no grupo, quem seja recuperável. Os alemães passaram, a lagarta desliza pela estrada, agora estão num campo de basquetebol, que enchem com o seu pez escuro, sentam-se, deitam-se, fazem chapéus com jornais de Maio; dir-se-ia o relvado de um campo de corridas, ou o Bosque de Vincennes ao domingo. "Como foi que parámos?" - "Não sei", disse Brunet. Olha irritado esta multidão deitada por terra, não lhe apetece sentar-se, mas é estúpido, não os deve desprezar, é o melhor processo de fazer mau trabalho, e, depois, quem sabe o que quer deve medir as suas forças, senta-se. Um alemão passa por ele, depois, outro: olham-no e riem amigavelmente, perguntam com uma ironia paternal: "Onde estão os ingleses?" Brunet olha-lhes para as botas negras e moles, não responde e eles vão-se embora; um grande Jeldwebel fica para trás e repete com uma tristeza cheia de censura: "Onde estão os ingleses? Pobres franceses, onde estão os ingleses?" Ninguém responde; abana a cabeça repetidas vezes. Quando os "boches" se afastam, Lambert responde-lhes entre dentes: "No

cu é que eles estão, os ingleses, e vocês chateiam-nos de morte." - "É isso mesmo!", disse Moúlu. "Quê?" - "Os ingleses", explica Moúlu, "talvez chateiem os "boches", mas daí até serem chateados por sua vez, é bastante, não tarda muito". - "Não é certo". "Claro que é, palerma - é sabido. Armam-se em bons porque estão em casa, mas espera que os "boches" atravessassem a Mancha e vais ver! Porque, digo-to eu, se o soldado francês não resistiu, não são os "bifes" que vão ganhar a guerra." Onde estão os camaradas? Brunet sente-se só. Há dez anos que não se sentia tão só. Tem fome e sede, tem vergonha de ter fome e sede; Moúlu vira-se para ele: "Vão dar-nos de comer." - "Verdade?" - "Parece que foi o Jeldwebel que disse: vão distribuir pão e conservas." Brunet sorri: sabe que não lhes darão nada para comer. Terão de aguentar; nunca sofrerão o suficiente. De repente há tipos que se levantam, depois outros, depois toda a gente se levante, começam a andar; Moúlu está furioso, vocifera: "Quem deu ordem de partir?" Ninguém responde. Moúlu grita: "Parem, amigos, vão dar nos de comer." Cego e surdo, o rebanho já se meteu pela estrada. Vão andando. Uma floresta; raios de luz pálidos e alaranjados passam através das folhas, três canhões abandonados ainda são ameaçadores; os camaradas estão contentes por irem à sombra; um regimento de pioneiros alemães desfila. O lourinho, vê-os passar com um sorriso, diverte-se a observar os vencedores através das pálpebras semicerradas, brinca com eles como o gato com o rato, goza da sua superioridade; Moúlu agarra no braço de Brunet, sacode-o: "Ali! Ali! Aquela chaminé cinzenta." - "E então?" É Baccarat." Põe-se nas pontas dos pés, faz das mãos alto-falante e grita: "Baccarat! Amigos, deixem passar: estamos a chegar a Baccarat!" Os homens estão cansados, o sol dá-lhes nos olhos, repetem docilmente: Baccarat, Baccarat, mas estão-se pouco ligando, o lourinho pergunta a Brunet: "É em Baccarat que fabricam rendas?" - "Não", diz Brunet, "vidros". - "Ah!", diz o lourinho com um ar vago e respeitador. "Ah! Ah!" A cidade está negra sob o céu azul, os rostos entristecem, um tipo diz com mágoa: "É estranho passarmos por uma cidade." Metem por uma rua deserta; pedaços de vidro enchem o passeio e a calçada. O lourinho goza, aponta-os com o dedo, diz: "Lá estão os vidros de Baccarat." Brunet levanta a cabeça: as casas estão indenines, mas os vidros estão todos partidos, atrás dele uma voz repete: "É engraçado, uma cidade." Uma ponte; a coluna pára; milhões de olhos viram-se para o rio: cinco "boches" completamente nus brincam na água, borrifam-se dando

gritinhos; vinte mil franceses farruàcos e a transpirar nos seus uniformes olham para estes ventres e estas nádegas que durante dez meses estiveram protegidos pela muralha dos canhões e dos tanques e que agora, na sua fragilidade, se exibem com uma insolência tranquila. Era isso, só isso: os vencedores eram aquela carne branca e vulnerável. Um suspiro baixo e profundo atravessa a multidão. Suportaram sem ódio o desfile de um exército vitorioso em carros triunfantes; mas estes "boches" em pêlo, que jogam ao eixo na água, são um insulto. Lambert debruça-se no parapeito, contempla a água e murmura: "Como deve estar gostosa!" É menos do que um desejo: é apenas o lamento de um morto. Morta, esquecida, enterrada numa guerra obsoleta, a multidão reinicia a marcha na seca, no calor, nos turbilhões de poeira; um portão abre-se guinchando, muros altos aproximam-se, no fundo de um pátio imenso, através do ar que treme, Brunet enxerga uma caserna de janelas fechadas; avança, empurram-no por trás, ele vira-se: "Não empurrem, entraremos todos." Transpõe o portão, Moûlu ri de satisfação: "Chega por hoje." Acabaram-se os civis e os vencedores, os álamos, os riachos cintilantes ao sol, vão enterrar entre aqueles muros sua velha guerra imunda, vão cozinhar no seu próprio caldo, sem testemunhas. Brunet avança, empurram-no, ele avança até o fundo do pátio, detém-se ao pé de uma escharpa cinzenta e alta, Moûlu cutuca-o com o cotovelo: "É o quartel de polícia." Cem venezianas fechadas; uma escada de três degraus dá acesso a uma porta fechada a cadeado. À esquerda da escada, a dois metros do quartel, edificaram uma espécie de muralha de tijolos de um metro de altura e dois de comprimento, Brunet aproxima-se e encosta-se a ela. O pátio enchem-se, um caudal inesgotável amontoa os primeiros chegados uns contra os outros, achata-os de encontro ao muro da caserna: e chegam mais, e não param de chegar; subitamente, os pesados batentes do portão giram sobre si mesmos e fecham-se. "Pronto", diz Moûlu, "estamos em casa." Lambert contempla o portão e diz satisfeito: "Há uma porrada de gente que não pôde entrar: vão ter de dormir lá fora." Brunet dá de ombros: "Que durmam no pátio ou na rua..." "Não é a mesma coisa", diz Lambert. Lourinho aprova com a cabeça: "Nós não estamos lá fora", explica. Lambert insiste: "Estamos numa casa sem telhados." Brunet dá meia-volta, examina o local: à sua frente o pátio desce em declive suave até o muro do cercado. Dois mirantes, a cem metros um do outro lado, apoiam-se ao muro: estão vazios. Uma fileira de mourões

recém-plantados, entre os quais se estenderam cordas e arame farpado, divide o pátio em duas partes desiguais. A menor - um pedaço de terreno relativamente estreito que vai dos muros aos mourões - permanece desocupada. Na outra, entre os mourões e a caserna, todo mundo se aglomera. Os homens sentem-se mal, parecem estar de visita, ninguém ousa sentar-se; todos têm as sacolas e os embrulhos na mão; o suor escorre-lhes pelas faces, a inteligência francesa abandonou-os, o sol entra-lhes pelos olhos vazios, fogem do passado e do futuro próximo através de uma morte inconfortável e provisória. Brunet não quer confessar a si próprio que tem sede, pousou o saco no chão e meteu as mãos nos bolsos, assobia. Um sargento faz-lhe continência; Brunet sorri-lhe, mas não retribui o cumprimento. O sargento aproxima-se: "Porque esperámos?" - "Não sei." É um tipo alto, magro e bem constituído, com grandes olhos ofuscados pela importância; um bigode atravessa-lhe o rosto ossudo; tem gestos vivos, e ferozes, que são estudados. "Quem comanda?", pergunta ele. "Quem querem que seja? Os "boches"." - "Mas aqui? Quem são os responsáveis?" Brunet ri-lhe na cara. "Procure-os." Os olhos do sargento enchem-se de uma censura cheia de desprezo: gostaria de ser o segundo-comandante, juntar a embriaguez de obedecer ao prazer de dar ordens; mas Brunet já não quer comandar de modo nenhum, o seu mandato acabou quando o último dos seus homens caiu. Agora tem outra idéia. O sargento pergunta com impaciência: "Porque ficam estes pobres tipos de pé?" Brunet não responde; o sargento lança-lhe um olhar furioso e resigna-se a ser o primeiro-comandante. Perfila-se, põe as mãos à volta da boca e grita: "Toda a gente sentada! Façam passar." Voltam-se as cabeças, inquietas - mas os corpos não se mexem. "Toda a gente sentada!", repete o sargento. "Toda a gente!" Os tipos sentam-se com um ar sonolento; vozes repetem em eco: toda a gente sentada; a multidão ondula e deita-se. A ordem passa-lhe por cima da cabeça, toda a gente sentada, chega ao outro extremo do pátio, bate no muro e é devolvida curiosamente transformada: toda a gente de pé, fiquem de pé, esperem ordens. O sargento olha para Brunet com inquietação: tem um concorrente, lá ao fundo, do lado do portão. Há homens que se levantam sobressaltados, apanham as sacolas e, apertam-nas contra o peito lançando a tudo olhares preocupados. Mas a maior parte fica sentada e, pouco a pouco, os que se haviam levantado sentam-se. O sargento contempla a sua obra com um sorriso enfatuado. "Bastava

ordenar." Brunet olha para ele e diz-lhe: "Sente-se, sargento." O sargento hesita, depois deixa-se escorregar entre Lambert e Moulu: põe os braços à volta dos joelhos, olha para Brunet de alto a baixo com a boca entreaberta. Brunet explica-lhe: "Eu fico de pé porque sou sargento-ajudante." Brunet não se quer sentar: tem câimbras nas pernas, mas não se quer sentar... Vê milhares de costas e de ombros, vê cabeças que se mexem, ombros que se sobressaltam; esta multidão tem tiques. Sente-a ferver e palpitar, pensa sem mágoa nem prazer: é o material de que dispomos. Esperam, imóveis; já não-parecem ter fome: o calor deve-lhes ter dado volta ao estômago. Têm medo e esperam. Esperam o quê? Uma ordem, uma catástrofe ou a noite: qualquer coisa que os liberte de si próprios. Um homem corpulento, da reserva, levanta o rosto lívido, aponta para um dos mirantes: "Porque não estão lá as sentinelas? Por onde andam?" Espera um momento, o sol enche-lhe os olhos revirados; acaba por encolher os ombros e, com uma voz suave e decepcionada: "Lá, como aqui, há falta de organização." Único em pé, Brunet olha para as cabeças, pensa: os camaradas estão lá dentro, perdidos como agulhas em palheiro, levará tempo a reagrupá-los. Olha para o céu e para o avião negro que passa, depois baixa os olhos, volta a cabeça, vê à sua direita um tipo alto que não está sentado. É um cabo; fuma um cigarro. O avião passa fazendo barulho, a multidão, revolvida com um campo, muda como da noite para o dia, floresce; milhares de grandes camélias a abrir, em vez dos crânios duros e negros: há óculos que brilham como pedaços de vidro entre as flores. O cabo não se mexeu: tem os enormes ombros curvados e olha para o chão. Brunet repara com agrado que ele está barbeado. O cabo volta-se e olha também para Brunet: tem uns grandes olhos pesados e olheirentos; sem aquele nariz achatado seria quase belo. Brunet pensa: "Já vi esta cara nalgum lado." Mas onde? Já não se lembra: já viu tantas caras! Procura esquecer; não tem muita importância e além disso o tipo não parece tê-lo reconhecido. De repente Brunet grita: "Ouve!", o tipo levanta os olhos: "Que é?" Brunet não está muito satisfeito: não tinha vontade alguma de o chamar. Mas ele estava de pé e mais ou menos limpo, barbeado... "Anda para aqui", disse Brunet sem entusiasmo. "Se queres ficar de pé, encosta-te ao muro". O tipo baixa-se, apanha os seus embrulhos e chega até Brunet, passando por cima dos corpos. É forte mas um pouco gordo, diz: "Viva, camarada." - "Viva", diz Brunet. "Vou ficar aqui", diz o tipo. "Estás sozinho?", pergunta Brunet. "Os meus homens morreram", diz o

tipo. "Os meus também", diz Brunet. "Como te chamas?" - "Como?", responde o tipo. "Pergunto-te como te chamas." - "Ah! Sim. Pois bem. Schneider." - "E tu?" - "Brunet." Ficam em silêncio: "Que idéia a minha tê-lo chamado, vai me aborrecer." Brunet olhou para o relógio: cinco horas; o Sol escondeu-se atrás da caserna, mas o céu ainda está opressivo. Nem uma nuvem, nem uma aragem: um mar morto. Ninguém fala; à volta de Brunet há tipos que tentam dormir com a cabeça metida entre os braços: mas a inquietação mantém-nos acordados: erguem-se, suspiram ou começam a coçar-se. "Olhe!", disse Moúlu. "Olhe! Olhe!" Brunet volta-se: atrás dele, conduzidos por uma sentinela alemã, uma dezena de oficiais passa rente às paredes. "Ainda há disto?" pergunta o lourinho entre dentes. "Então não desapareceram todos?" Os oficiais afastam-se em silêncio, sem olhar para ninguém; os homens sorriem perturbados e voltam a cabeça à sua passagem: dir-se-ia que têm medo uns dos outros. Brunet procura o olhar de Schneider e sorriem um para o outro. No chão, uma pequena explosão de gritos: é o sargento que discute com o lourinho. "Todos!", diz o lourinho. "De carro, de, moto, todos se foram embora e nos deixaram no meio da merda." O sargento cruza os braços: "É triste ouvir isto. É mesmo triste." - "Até os "boches" O disseram", responde o lourinho. "Disseram-no quando nos apanharam, disseram: o exército francês é um exército sem chefes!" - "E a outra guerra, não a ganharam, Os chefes?" - "Não eram os mesmos." - "Como é que não eram os mesmos!" - "Tinham outras tropas!" - "Então? Fomos nós que perdemos a guerra? Os de segunda categoria? Vá diz, se é isso que pensas." - "Pois digo", responde o sargento. "Digo que vocês, fugiram perante o inimigo e entregaram a França". Lambert, que os ouvia sem dizer nada, cora e inclina-se para o sargento: "Ouve lá, meu palerma, como estás aqui, se não recuaste perante o inimigo? Pensas que morreste no quadro de honra e que estamos no paraíso? A mim parece-me que te apanharam porque não te safaste a tempo." - "Não sou o teu palerma: sou sargento e podia ser teu pai. Além disso não fugi: só me apanharam quando já estava sem munições." De todos os lados aparecem tipos: o lourinho considera-os testemunhas, rindo: "Estão a ouvir?" Todos se riem. O lourinho vira-se para o sargento. "Claro, papá, claro, liquidaste vinte pára-quedistas e, sozinho, fizeste parar um tanque. Posso dizer o mesmo: não há provas." O sargento aponta para três marcas deixadas no casaco, os olhos brilham-lhe: "Medalha Militar, Legião de Honra, Cruz de Guerra: obtive-as

em catorze quando vocês ainda nem eram nascidos, são as minhas provas."

- "Onde estão as tuas medalhas?" - "Arranquei-as quando os alemães chegaram." Todos gritam à sua volta; estão deitados de barriga para baixo, arqueados dos pés à cabeça, como focas; gritam, vermelhos de paixão; o sargento, sentado de pernas cruzadas, domina-os, só contra todos. "Olha presumido", grita um tipo, "pensas que tinha vontade de me bater quando a rádio de Pétain nos gritava aos ouvidos que a França pedira o armistício?" E um outro: "Querias que nos deixássemos matar enquanto os generais procuravam pôr-se de acordo com os "boches" num castelo histórico?" - "Porque não?", responde o sargento com convicção. "A guerra é para matar, não?" Calam-se um segundo, suspensos pela indignação: o sargento aproveita para continuar: "Há muito que vos topo, os homens de quarenta, os merdas, os meninos bonitos, os recalcitrantes. Nem se podia falar convosco; o capitão tinha de tirar o chapéu para vos dirigir a palavra: perdão, desculpem, custar-vos-ia muito descascar as batatas? Eu dizia para comigo: atenção! Um destes dias isto estoura e depois estou para ver o que fazem estes senhores. Nem mais, foi o fim: começaram as licenças. Ah! Quando os vi começarem com os pedidos de licença, disse para comigo que já não havia nada a fazer! Licenças! Se calhar achavam-nos muito inchados, mandavam-nos às putas desinchar um pouco. Pensas que tínhamos licenças em catorze?" - "Sim, tinham, tinham licenças." "Como sabes, safado? Estavas lá?" - "Não estava, mas o meu velho estava e falou-me nisso." - "É porque fez a guerra em Marselha, o teu velho. Porque nós esperámos dois anos por licença, e mais ainda: por dá aqui aquela palha eram suspensas. Sabes quanto tempo passei em casa em cinquenta e dois meses de guerra? Vinte e dois dias. Sim, vinte e dois dias, meu filho, admiras-te? E ainda havia quem dissesse que eu tinha sorte." - "Está bem", disse Lambert, "não nos contes a tua vida". - "Não estou a contar a minha vida, estou a explicar porque ganhámos a guerra e por que razão vocês perderam a vossa." Os olhos do lourinho brilham de cólera: "Já que és tão esperto, talvez nos pudesses explicar porque perderam vocês a paz?" - "A paz?", interrogou o sargento espantado. Os homens gritam: "Sim. A paz!, a paz! Perdeste a paz." - "Vocês", disse o lourinho, "vocês, os antigos combatentes, como defenderam os vossos filhos? Fizeram a Alemanha pagar? E a Renânia? E o Rhur? E a guerra de Espanha? E a Abissínia?" - "E o Tratado de Versalhes", disse um rapaz alto com a cabeça do feitio do Pão de Açúcar, "fui eu que o assinei?" -

"Se calhar fui eu!", disse o sargento rindo indignado. "Sim, foste tu! Perfeitamente, foste tu! Votavas, não votavas? Eu não votava, tenho vinte e dois anos, nunca votei." - "Que prova isso?" - "Prova que votavas como um safado e que nos atiraste para a maior das merdas. Tinhas vinte anos para preparar ou para evitar esta guerra e que fizeste? Porque eu, já te disse, meu palerma, valho tanto como tu. Mas diz, com que me havia de bater? Nem sequer tinha munições." - "De quem é a culpa?", pergunta o sargento; "quem votava em Estalíne? Quem se punha em greve por coisa nenhuma, só para chatear o patrão? Quem reclamava aumentos? Quem recusava horas suplementares? Automóveis, motos, não é? Mulheres, férias pagas, os domingos no campo, os albergues de juventude e o cinema? Não queriam era trabalhar. Eu trabalhei toda a minha vida, mesmo ao domingo." - O lourinho torna-se escarlate: aproxima-se de gatas do sargento e atira-lhe à cara: "Repete lá! Repete que eu não trabalhei! Repete lá! Sou filho de uma viúva, sabes! Patife! E deixei a escola aos onze anos para sustentar a minha mãe." No fundo, estava-se pouco ligando por ter perdido a guerra, mas não tolerava que o acusassem de não trabalhar. Brunet pensava que talvez se pudesse fazer alguma coisa. O sargento pôs-se de gatas, ele também, e gritam os dois, voltados um para o outro. Schneider curvou-se para a frente, como para intervir; Brunet põe-lhe a mão no braço: "Deixa lá: é uma maneira de passarem o tempo." Schneider não insiste, endireita-se, lançando a Brunet um olhar estranho. "Vamos!", disse Moúlu, "vamos, não se vão bater!" O sargento torna a sentar-se com um sorriso: "Tens razão! Já é tarde para lutar: se ele estava muito interessado, que se tivesse atirado aos alemães." O louro encolhe os ombros e senta-se por sua vez. "Olha! Fazes-me dores de barriga!", diz ele. Um longo silêncio: estão sentados um ao lado do outro; o louro arranca tufo de erva e diverte-se a entrançá-los; os outros esperam um momento, depois voltam, de gatas, para os seus lugares. Moúlu estende-se e sorri; diz num tom conciliador: "Não está certo, isto! Não está certo." Brunet pensa nos camaradas: perdiam batalhas, de dentes cerrados, e, de derrota em derrota, caminhavam para a vitória. Olha para Moúlu: não conhecia esta espécie. Tem necessidade de falar. Schneider está ali, Brunet fala com ele. "Estás a ver, não valia a pena interferir." Schneider não responde. Brunet goza, imita Moúlu: "Não está certo." Schneider não responde: o seu rosto pesado e belo mantém-se neutro. Brunet aborrece-se e volta-lhe as costas: detesta a resistência passiva. "Gostaria de comer", disse

Lambert. Moulu aponta para o espaço que separa a cerca das estacas; fala com uma voz fervorosa e lenta, recita um poema: "Virá por ali o rancho, o portão abre-se, os caminhões entram e atiram-nos pães por cima dos arames." Brunet olha para Schneider pelo canto do olho e goza: "Estás a ver", repete, "não nos devemos comover. A derrota, a guerra, nada disso interessa. O que conta é a comida". Um breve olhar irônico aparece entre as pálpebras de Schneider. Diz com um ar de piedade: "Que te fizeram eles, meu velho? Não pareces gostar muito deles." - "Não me fizeram nada", disse Brunet secamente. "Mas estou a ouvi-los". Schneider tem os olhos baixos sobre a mão direita meio fechada, olha para as unhas, diz com a sua voz grave e indolente: "É difícil ajudar as pessoas quando não temos simpatia por elas." Brunet franze o sobrolho: apareceu muitas vezes na primeira página do L'Huma²⁰ e era facilmente reconhecível. "Quem te disse que os quero ajudar?" O rosto de Schneider torna-se outra vez inexpressivo; diz desinteressadamente: "Devemos ajudar-nos." - "Claro", diz Brunet. Está desesperado consigo próprio: primeiro, não se deveria irritar. E, pior ainda, não deveria ter mostrado a sua irritação a este imbecil que se recusa a compartilhá-la. Sorri, acalma-se; diz sorrindo: "Não é deles que não gosto." - "É de quem, então?" Brunet olha para Schneider com atenção. Diz: "Dos que os mistificaram." Schneider fez um sorriso mordaz. Retifica: "Que nos mistificaram. Somos todos hóspedes do mesmo lar." Brunet sente renascer a sua irritação, sufoca, mas fala com displicência: "Se quiseres. Mas, sabes, eu não tinha ilusões." - "Eu também não", diz Schneider. "E que pode isso fazer? Mistificados ou não, estamos aqui." - "E depois? Porque não aqui?" Neste momento está completamente calmo, pensa: "Onde houver homens, tenho lugar e trabalho." Schneider. voltou os olhos para o portão; não diz mais nada. Brunet olha para ele sem antipatia: quem será este tipo? Um intelectual? Um anarquista? Que fazia ele? Gordura a mais, um tanto não te rales, mas, no fundo, bom: talvez sirva. A tarde cai, cinzenta e rosa, sobre as janelas, sobre a cidade escura que não se vê. Os homens têm o olhar fixo; olham a cidade através dos muros; não pensam em nada, já não se mexem, a enorme paciência militar desceu sobre eles com a noite: esperam. Esperaram o correio, as licenças, o ataque alemão e esta era a maneira de esperar o fim da guerra. A guerra acabou e eles ainda esperam. Esperam os caminhões carregados de pão, as sentinelas alemãs, o tão desejado armistício,

simplesmente por terem na sua frente um pequeno pedaço de futuro, para não morrerem. No meio da noite, muito ao longe, no passado, toca o sino. Moúlu sorri: "Ouve!, Lambert, talvez seja o armistício." Lambert põe-se a rir; trocam olhares entendidos. Lambert explica aos outros: "Tínhamos combinado que organizávamos uma grande farra!" - "Será no dia do armistício", disse Moúlu. O lourinho sente-se feliz com a idéia, diz: "No dia da paz, apanho uma bebedeira que dure quinze dias!" "Nem quinze dias! Nem um mês!" dizem os tipos à volta, "vai ser de caixão à cova, santo Deus!" Será preciso destruir uma a uma pacientemente, as suas esperanças, matar-lhes as ilusões, fazer-lhes ver a situação miserável em que estão, criar-lhes horror a tudo, a todos e, para começar, a eles próprios. Só então... desta vez é Schneider que olha para ele, como se lesse o seu pensamento. Um olhar duro. Brunet devolve-lhe o olhar. "Vai ser difícil", diz Schneider. Brunet espera com as sobranceiras arqueadas. Schneider repete: "Vai ser difícil." - "Que é que vai ser difícil? - "Tomarmos consciência. Não constituímos uma classe. Apenas um rebanho. Poucos operários: camponeses, pequenos burgueses. Nem sequer trabalhamos: somos abstratos." - "Deixa lá", disse Brunet involuntariamente. "Trabalharemos..." - "Sim, claro. Mas como escravos, não é um trabalho que emancipe e não passamos de um complemento. Que ação comum nos podes pedir? Uma greve dá aos grevistas a consciência da sua força. Mas, mesmo que todos os prisioneiros franceses cruzassem os braços, a maioria alemã não seria atingida." Olham-se friamente; Brunet pensa: "Portanto, reconheceste-me; pior para ti, vigiar-te-ei." Bruscamente o ódio ilumina o rosto de Schneider, depois tudo esmorece. Brunet não sabe a quem era dirigido este ódio. Uma voz, surpreendida e encantada: "Um "boche". - "Onde? Onde?" Toda a gente levanta o nariz. No mirante da esquerda acaba de aparecer um soldado com capacete, a metralhadora na mão, uma granada no cano das botas; atrás dele, outro com um fuzil. "Pois bem", diz um tipo, "Já não é sem tempo que se lembrem de nós. Toda a gente está aliviada: chegou o mundo dos homens com as suas leis, as suas certezas e os seus tabus; é a ordem humana. As cabeças voltam-se para o outro mirante. Ainda está vazio, mas os homens esperam confiantes como se aguarda a abertura dos guichês do correio ou a passagem do comboio expresso. Um capacete aparece rente à parede, depois outro: dois monstros com capacetes que carregam em conjunto uma metralhadora, a qual assentam no tripé e apontam para os

prisioneiros. Ninguém tem medo; os tipos instalam-se: os dois mirantes estão guarnecidos, estas sentinelas de pé no cimo do muro anunciam uma noite sem aventuras; nenhuma ordem irá tirar os prisioneiros do seu sono para os lançar nas estradas; sentem-se seguros. Um homem grande e com óculos de aros de metal tirou um breviário do bolso e lê-o, murmurando. "Está-se a preparar", pensa Brunet. Mas a raiva passa por ele sem o atingir. Descansa. Pela primeira vez há quinze anos, um dia passa lentamente, chega a noite sem que ele tenha nada que fazer. Da sua infância chega-lhe uma enorme calma, o céu está lá, posto no muro, róseo, próximo, inutilizável. Brunet olha-o timidamente, depois olha para os tipos que se mexem a seus pés, que cochicham, que fazem e desfazem os embrulhos: emigrantes na cobertura do navio. Pensa: "Não são culpados" e tem vontade de lhes sorrir. Pensa que lhe doem os pés; senta-se ao pé de Schneider, desaperta os sapatos. Boceja, sente o corpo, inútil como o céu, e diz: "Está a ficar frio." Amanhã começará a trabalhar. A terra está cinzenta, ouve matraquear baixinho, presta atenção, é um ruído irregular, procura encontrar o ritmo, diverte-se a pensar que é morte, de repente descobre: "É um tipo a bater os dentes." Endireita-se; em frente dele distingue umas costas nuas com crostas escuras, é o tipo que gritava na estrada, rasteja até ele: o tipo está todo arrepiado. "Ouve!", disse Brunet. O outro não responde. Brunet tira uma camisola da sacola. "Ouve!" Toca no ombro nu, o tipo põe-se a gritar; volta-se e olha para Brunet ofegante, escorre-lhe ranho das narinas até à boca. Brunet vê-o de frente pela primeira vez: é um belo jovem, tem as faces azuladas e os olhos profundos mas sem cílios. "Não te excites, meu velho", diz Brunet suavemente. "É só para te vestir uma camisola". O tipo pega na camisola cheio de medo, veste-a e fica imóvel, de braços abertos. As mangas são demasiado compridas, chegam-lhe aos dedos. Brunet ri-se: "Arregaça-as." O outro não responde, continua a bater os dentes; Brunet segura-lhe nos braços e arregaça-lhe as mangas. "Esta noite", diz o tipo. "A sério?", pergunta Brunet. "Esta noite, o quê?" - "A hecatombe", responde o tipo. "Está bem", disse Brunet. "Muito bem". Procura no bolso do outro, tira um lenço sujo e manchado de sangue, deita-o fora, pega no seu próprio lenço e dá-lhe: "Enquanto esperas, assoa-te." O tipo assoa-se, põe o lenço no bolso e começa a titubear. Brunet acaricia-lhe suavemente a cabeça, como a um animal, diz-lhe: "Tens razão." O tipo acalma-se, já não bate os dentes. Brunet olha à sua volta: "Alguém o

conhece?" Um tipo moreno e vivo ergue-se nos cotovelos: "É Charpin", diz. "Olha por ele", pede Brunet. "Para não fazer asneiras". - "Eu vou vendo", concorda o tipo. "Como te chamas?", pergunta Brunet. "Vernier." - "Que fazias?" - "Era tipógrafo em Lião." Tipógrafo: um em três; amanhã falaria com ele. "Boa noite", diz Brunet. "Boa noite", responde o tipógrafo. Brunet volta para o lugar. Torna a sentar-se, faz o balanço. Moúlu: comerciante, está certo disso. Não há muito a fazer. Com o sargento também não: incorrigível, estilo Cagoule²¹. Lambert: um descontente. Com o seu cinismo, está neste momento em plena decomposição. Pode ser recuperado. O nortista: um campônio. O lourinho: Lambert e ele são a mesma coisa; mas o lourinho é mais inteligente e respeita o trabalho, está pronto para tudo. O tipógrafo: provavelmente um jovem camarada. Brunet olha de soslaio para Schneider, que está a fumar, imóvel, de olhos muito abertos. "Aquele, ver-se-á." O padre pousou o breviário, fala; deitados ao pé dele, três jovens ouvem-no com uma familiaridade piedosa. Três: vai bater-me, pelo menos nos primeiros tempos. "Aqueles tipos têm sorte", pensa Brunet. "Podem trabalhar à luz do dia; ao domingo dizem missa." Moúlu suspira: "Já não vêm esta noite." - "Quem?", pergunta Lambert. "Os camiões, está muito escuro." Deita-se no chão e põe a cabeça em cima da sacola. "Espera", diz Lambert, "tenho um pedaço de lona. Quantos somos?" - "Sete", diz Moúlu. "Sete", repete Lambert, "cabemos todos. Deitamo-nos os sete". Estende a lona em frente da escadaria. "Quem tem cobertores?" Moúlu tira um, o sargento e o nortista desdobram os deles; o lourinho não tem, Brunet também não. "Não faz mal", diz Lambert, "havemos de nos arranjar". Um rosto sobressai da escuridão, tímido e sorridente: "Se me deixarem deitar na lona podem partilhar do meu cobertor." Lambert e o lourinho olham friamente para o intruso: "Já não há lugar", diz o lourinho. E Moúlu acrescenta mais amavelmente: "Compreendes, estamos entre camaradas." O sorriso desaparece, engolido pela noite. Formou-se um grupo no meio da multidão, um grupo ao acaso, sem amizade nem verdadeira solidariedade, mas que já se fecha aos outros; Brunet pertence-lhe. "Vem", diz-lhe Schneider, "vamos dormir os dois debaixo do meu cobertor". Brunet hesita: "Daqui a bocado, agora não tenho vontade de dormir." "Eu também não", diz Schneider. Ficam sentados um ao lado do outro enquanto os outros se enrolam nos seus cobertores. Schneider fuma, escondendo o cigarro por

causa das sentinelas. Pega num maço de Gauloises, oferece a Brunet: "Um cigarro. Para o acenderes vais ali atrás do muro, eles não vêem a chama," Brunet tem vontade de fumar. Recusa: "Obrigado, agora não." Não brincará como os colegas, já não tem dezasseis anos: desobedecer aos alemães nas pequenas coisas, é uma maneira de lhes reconhecer a autoridade. Aparecem as primeiras estrelas; do outro lado do muro, muito ao longe, ouve-se uma música estridente, a música dos vencedores. O sono passa por cima de vinte mil corpos gastos, cada corpo é uma vaga. Este ondramento obscuro ressona como o mar. Brunet começa a estar farto de não fazer nada; o céu, por muito belo que seja, já está visto. Antes dormir. Volta-se para Schneider a bocejar e subitamente os seus olhos tornam-se duros, endireita-se: Schneider não está bem, o cigarro apagou-se e ele não o tornou a acender, pende-lhe do lábio inferior; olha tristemente para o céu, é o momento de saber o que tem dentro dele. "És de Paris?", pergunta Brunet. "Não." Brunet finge-se desinteressado, diz: "Eu moro em Paris, mas sou de Combloux, perto de Saint-Étienne." Silêncio. Ao fim de algum tempo Schneider diz contrariado: "Sou de Bordéus." "Ah! Ah!", diz Brunet. "Conheço bem Bordéus. É uma cidade bonita, mas triste, não é? Trabalhavas lá?" - "Sim." - "Que fazias?" - "Que fazia?" - "Sim." - "Era ajudante de notário." - "Ah!", diz Brunet. Boceja; terá de ver a caderneta militar de Schneider. "e tu?", pergunta Schneider. Brunet sobressaltou-se: "Eu? Era representante." - "Que representavas?" - "Um pouco de tudo." "Estou a ver." Brunet deixa-se deslizar ao longo do muro, leva os joelhos à boca e diz com uma voz longínqua, como se fizesse o balanço do dia antes de adormecer: "Pois bem." - "Bem", diz Schneider com a mesma voz, "bem". - "Uma bela derrota", continua Brunet. "Era fatal", diz Schneider. "Vencidos por vencidos", insiste Brunet, "ainda bem que foi rápido: há menos sangue". Schneider goza: "Ainda estamos a tempo." Brunet lança-lhe uma olhadela: "Tens um ar estranhamente derrotista." - "Não sou derrotista; verifico a derrota." - "Qual derrota?", pergunta Brunet. "Não há derrota nenhuma". Interrompe-se; pensa que Schneider vai protestar, mas não. Schneider olha para os pés com um ar desinteressado: a beata pende-lhe ainda do canto da boca. Presentemente, Brunet já não pode parar: tem de desenvolver a sua idéia; mas já não é a mesma idéia. Se este imbecil o tivesse interrogado, Brunet arranjaría oportunidade de lha atirar à cara; agora, aborrece-o ter de falar: as palavras vão deslizar sobre esta massa indiferente sem a

penetrar. "É por chauvinismo que os Franceses pensam que a guerra está perdida. Pensam sempre que se encontram sós no mundo, e quando o seu invencível exército sofre uma derrota julgam que tudo está perdido." Schneider emite um som fanhoso, Brunet decide contentar-se com esta resposta. Prossegue: "A guerra está a começar, meu velho. Dentro de seis meses, lutar-se-á desde o Cabo até o estreito de Bering." Schneider diverte-se. Diz: "Nós?" - "Nós, os Franceses", diz Brunet, "continuaremos a guerra noutras frentes. Os Alemães pretenderão nacionalizar a nossa, indústria o proletariado pode e deve impedi-los". Schneider não tem qualquer reação; o seu corpo atlético mantém-se inerte. Brunet não gosta disso; os pesados silêncios desconcertantes são a sua especialidade; foi batido no seu próprio campo; queria fazer falar Schneider e, afinal, foi ele quem engoliu a pastilha. Cala-se por sua vez, Schneider continua calado: esta situação pode durar muito. Brunet começa a estar inquieto: esta cabeça ou é demasiado vazia ou demasiado cheia. Não longe deles, um tipo começa a ganir. Desta vez, é Schneider quem rompe o silêncio. Fala acaloradamente: "Estás a ouvir? Considera-se cão." Brunet encolhe os ombros: não é altura de se enternecer com um tipo que sonha, não tem tempo a perder. "Pobres tipos", diz Schneider com uma voz apaixonada. "Pobres tipos!" Brunet cala-se. Schneider continua: "Não voltarão a casa. Nunca." Voltou-se para Brunet e olha-o agressivamente: "Ouve lá!", diz Brunet rindo, "não me olhes assim: não tenho culpa nenhuma". Schneider põe-se a rir, a expressão desanuvia-se, o olhar esmorece: "Não, na verdade, não tens culpa." Calam-se; uma idéia vem a Brunet, aproxima-se de Schneider e pergunta-lhe em voz baixa: "Se é isso que pensas porque não tentas evadir-te?" - "Ora!", diz Schneider. "És casado?" - "Até tenho dois filhos." - "Não te dás bem com a tua mulher?" - "Eu? Adoramo-nos." - "Então?" - "Ora!", diz Schneider. "E tu? Vais-te evadir?" "Não sei", responde Brunet, "ver-se-á mais tarde". Tenta ver o rosto de Schneider, mas a noite alastra pelo pátio; já não se vê nada, salvo a sombra negra dos mirantes apontando para o céu. "Parece-me que vou dormir", diz Brunet bocejando. "Bom", replica Schneider, "então eu também vou". Estendem-se na lona, encostam as sacolas ao muro; Schneider desdobra o cobertor e embrulham-se nele. "Boa noite", diz Schneider. - "Boa noite." Brunet volta-se de costas e põe a cabeça na sacola, tem os olhos abertos, pensa: "Que necessidade tinha eu de me meter com este tipo?" Pergunta a si próprio qual deles foi o primeiro a manobrar o outro. De

tempos a tempos, entre os grupos de estrelas, um raio luminoso atravessa o céu; Schneider mexe-se devagar debaixo do cobertor e cochicha. "Estás a dormir, Brunet?", Brunet não responde, Espera um momento e depois ouve um roncar fanhoso: Schneider dorme, Brunet vela, única luz no meio destas vinte mil noites. Sorri, fecha os olhos e abandona-se, dois árabes riem no bosque: "Onde está Abd-el-Krim?" A velha responde: "Não me admira nada que esteja na loja de modas." justamente, está, lá, sentado em frente do balcão, muito calmo, gritando: "Assassinos! Assassinos." Arranca os botões da túnica; cada botão, ao saltar, provoca uma detonação seca e um relâmpago. "Atrás do muro, mexe-te!", diz Schneider. Brunet senta-se, coça a cabeça, encontra uma noite estranha e cheia de rumores: "Que há?" - "Mexe-te! Depressa!" Brunet atira com o cobertor e estende-se atrás do muro com Schneider. Uma voz distingue-se: "Assassinos!" Alguém grita em alemão, depois ouvem-se as detonações secas das metralhadoras. Brunet arrisca um olhar por cima do muro, à luz dos relâmpagos, vê um grupo de árvores enfezadas, levantando para o céu ramos nodosos e torcidos, doem-lhes os olhos, tem a cabeça vazia, diz: "Humanidade sofredora." Schneider puxa-o para trás: "Humanidade sofredora, uma ova: estão a massacrar-nos." A voz soluça: "Como cães! Como cães!" A metralhadora já não atira, Brunet passa a mão pela testa, acorda finalmente: "Que se passa?" - "Não sei", diz Schneider. "Atiraram duas vezes; a primeira foi talvez para o ar, mas a segunda foi a sério." A selva remexe à volta deles: o que é que houve? Chefes improvisados respondem: calem-se, não se mexam, fiquem deitados; os mirantes são negros, em contraste com o céu leitoso, lá dentro há homens que espreitam, com o dedo no gatilho das metralhadoras. De joelhos atrás do muro, Brunet e Schneider vêem ao longe o talho redondo de uma lâmpada elétrica. Aproxima-se, balançada por uma mão invisível, varre com a sua claridade as larvas cinzentas e achatadas. Duas vozes roucas falam alemão; Brunet apanha com a luz em cheio na cara; fecha os olhos, cego, uma voz pergunta com forte sotaque: "Quem gritou?", Brunet responde: "Não sei." O sargento levanta-se, está eufórico, muito aprumado à luz da lâmpada, correto e distante ao mesmo tempo: "Foi um soldado que enlouqueceu, pôs-se a gritar, os camaradas tiveram medo e levantaram-se, então a sentinela atirou." Os alemães não compreenderam; Schneider fala-lhes em alemão, os alemães resmungam e falam por sua vez; Schneider volta-se, para o sargento: "Pedem para perguntar se há feridos." O sargento

aproxima-se, põe as mãos à volta da boca com um gesto vivo e preciso; grita: "Indiquem os feridos." De todos os lados respondem vozes fracas; dois faróis iluminam-se bruscamente, neva uma luz férrica que acaricia a multidão consternada; alemães atravessam o pátio com macas, enfermeiros franceses juntam-se a eles. "Onde está o louco?", pergunta o oficial alemão aplicadamente. Ninguém responde, mas o louro está lá, de pé, tem os lábios brancos e a tremer, lágrimas escorrem-lhe pela cara, os soldados rodeiam-no e levam-no, ele deixa-se levar, aparvalhado, limpa o nariz e a boca com o lenço de Brunet. Soerguidos, os homens olham para este tipo que vive o sofrimento até ao fim; sabe a derrota e a morte. Os alemães desaparecem, Brunet boceja; a luz fere-lhe os olhos; Moúlu pergunta: "Que lhe vão fazer?" Brunet encolhe os ombros, Schneider diz simplesmente: "Os nazis não gostam dos loucos." Homens vão e voltam com macas, Brunet diz: "Parece que nos podemos tornar a deitar." Deitam-se. Brunet ri: - no sítio onde estava deitado, há um buraco na lona. Um buraco de bordos queimados. Mostra-o, Moúlu faz-se verde e as mãos tremem-lhe: "Oh!", diz ele, "Oh!, oh!" Brunet diz sorrindo a Schneider: "Em suma, salváste-me a vida." Schneider não sorri, olha para Brunet com um ar sério e perplexo, fala lentamente: "Sim. Salvei-te a vida." - "Obrigado", diz Brunet enrolando-se no cobertor. "Eu", diz Moúlu, "vou dormir atrás do muro". Os faróis apagam-se de repente, a floresta humana geme, estala, murmura, cochicha. Brunet endireita-se, os olhos cheios de sol, a cabeça cheia de sono, olha para o relógio: sete horas; os homens apressam-se a dobrar as lonas e os cobertores. Brunet sente-se sujo e transpirado: suou durante a noite e tem a camisa colada ao corpo. "Santo Deus", diz o lourinho, "não posso mais!" Com os olhos, Moúlu interroga melancolicamente o grande portão fechado: "Mais um dia sem comer!" Lambert abre um olho, furioso: "Não fales de desgraças." Brunet levanta-se, inspecciona o pátio, vê um grupo à volta de uma mangueira, aproxima-se: um homem gordo e todo nu toma um duche dando gritinhos de mulher. Brunet despe-se, põe-se na fila, recebe nas costas e na barriga um jato forte e gelado; veste-se sem se limpar, pega na mangueira e dá banho aos três seguintes. O duche tem poucos clientes, os homens agarram-se ao suor noturno. "Quem está a seguir?", pergunta Brunet. Ninguém responde, pousa o tubo com uma espécie de raiva, pensa: "Estão a desmoralizar." Olha à sua volta, pensa: "São estes os homens." Vai ser duro. Põe o dólman debaixo do braço, para esconder os galões, e, para

apalpar terreno, aproxima-se de um grupo que fala a meia voz. Nove vezes em dez falam de comida. Brunet gostava de que assim fosse: é uma excelente maneira de começar, a comida; é simples e concreto, é verdadeiro: um tipo que tem fome é mais permeável. Não estão a falar de comida: um alto e magro, de olhos vermelhos, reconhece-o: "Eras tu que estavas ao lado do louco, não eras?" - "Sim, era eu", diz Brunet. "Que tinha ele feito, ao certo?" - "Tinha gritado." - "É tudo? Merda. Total: quatro mortos, vinte feridos." - "Como sabes?" - "Foi Gartiser que disse." Gartiser é um homem atarracado de carnes flácidas; tem uns grandes olhos tristes. "És enfermeiro?", pergunta Brunet. Gartiser faz um sinal com a cabeça: sim, é enfermeiro, os "boches" levaram-no para as cavalariças, atrás da caserna, para tratar dos feridos. "Houve um que me morreu nos braços." "É chato", diz um tipo. "É mesmo chato morrer a oito dias da libertação." - "Oito dias?", pergunta Brunet. "Oito dias, quinze se quiseses. Têm de nos mandar embora, já nem nos podem alimentar." Brunet pergunta: "E o louco?" Gartiser cospe para o chão: "Não me fales nisso. Quiseram-no calar, houve um que lhe pôs a mão na boca, então ele mordeu-o. Oh!, minha mãe! Se os visses! Começaram a gritar, ninguém se entendia, levam-no para um canto da cavalaria e põem-se todos a bater-lhe, coma mão, comas armas, por fim isso divertia-os e havia tipos dos nossos que os excitavam porque, como diziam, foi o filho da puta que teve a culpa de tudo. No fim,. estava num lindo estado, o homem, tinha a cara numa papa, um olho saído, puseram-no numa maca e levaram-no não sei para onde, mas ainda lhe devem ter feito mais, porque o ouvi gritar até às três horas da manhã." Tira do bolso um pequeno objeto embrulhado num pedaço de papel de jornal: "Olha para isto." Desdobra o papel: "é um dente. Encontrei-o de manhã no sítio onde ele caiu." Torna a embrulhá-lo, mete-o no bolso e diz: "Guardo-o como recordação." Brunet voltou-lhes as costas e regressa lentamente para a escadaria. Moúlu grita-lhe de longe. "Sabes qual é o balanço?" - "Qual balanço?" "Desta noite: vinte mortos e trinta feridos." - "Bolas!", diz Brunet "Nada mau", replica Moúlu. Sorri, vagamente lisonjeado, e repete: "Para uma primeira noite, não é nada mau." "Porque terão necessidade de desperdiçar munições?", pergunta Lambert. "Se se querem ver livres de nós, têm uma maneira mais simples: deixam-nos morrer de fome, como já estão a fazer." - "Não nos deixam morrer de fome", diz Moúlu. "Que sabes disso?" Moúlu sorri: "Faz como eu: olha para o portão, distrais-te e, além disso, é

por ali que os camiões entram." O barulho de um motor abafa-lhe a voz: "Olha o avião", grita o nortista. É um avião de reconhecimento, voa a cinquenta metros, negro e brilhante, passa por cima do pátio, vira à esquerda, duas vezes, três vezes; vinte mil cabeças o seguem, todo o pátio dá voltas com ele. "Se nos bombardeassem", diz o de cabelo encaracolado com uma espécie de indiferença. "Bombardearem-nos?", interrogou Moúlu. "Por quê?" - "Porque não nos podem alimentar." Schneider olha para o avião piscando os olhos; diz, fazendo caretas ao Sol: "Parece-me que nos estão a fotografar..." - "Para quê", perguntou Moúlu. Schneider explica laconicamente: "Correspondentes de guerra..." As grandes bochechas de Moúlu enrubescem. O medo transforma-se em raiva, endireita-se subitamente, estende os braços para o céu e põe-se a gritar: "Deitem-lhes a língua de fora; camaradas, deitem-lhes a língua de fora, parece que nos estão a fotografar." Brunet diverte-se: uma onda de ódio, percorre a multidão; um soldado ergue o punho, um outro, de ombros encolhidos, o ventre em evidência, mete os dedos na braguilha e aponta o polegar para o avião, como um sexo; o nortista pôs-se de gatas: de cabeça baixo, de rabo para o ar: "Que me fotografem o cu." Schneider olha para Brunet: "Estás a ver", diz ele. "Ainda reagimos". - "Ora", diz Brunet, "isto não prova nada!" O avião vai-se embora, ao sol. "Então", diz Moúlu, "o meu focinho vai aparecer em Francoforte?" Lambert desapareceu, volta muito excitado: - "Parece que podemos arranjar móveis baratos." - "Quê?" - "Há móveis atrás da caserna, colchões, cântaros, jarros, é só trazê-los, mas é preciso ir depressa porque está lá um mar de gente." Olha para os camaradas com os olhos brilhantes. "Vocês vêm, amigos? Eu vou", diz o de cabelo encaracolado levantando-se de um salto. Moúlu não se mexe: "Anda, Moúlu", chama Lambert. "Não", diz Moúlu "Estou a poupar-me. Enquanto não comer, não me mexo." - "Então, toma conta das coisas", diz o sargento. Levanta-se e vai ter com os outros a correr. Quando chegaram à esquina da caserna, Moúlu grita-lhes com uma voz mole: "Estão a desperdiçar as vossas forças, cretinos!" Suspira, olha para Schneider e Brunet severamente e diz cochichando: "Nem devia gritar." - "Vamos lá?", pergunta Schneider. "Para que precisamos de um cântaro?", interroga Brunet. "Foi só para desentorpecer as pernas." Do outro lado da caserna há um segundo pátio e um grande edifício de um só andar, com quatro portas: as cavaliças. A um canto, tudo misturado, amontoam-se colchões velhos, enxergas, camas,

armários, mesas sem pernas. Os soldados empurram-se à volta destes destroços; um tipo atravessa o pátio com um colchão, outro leva um manequim de verga. Brunet e Schneider dão a volta às cavaliças e descobrem uma pequena colina cheia de erva. "Trepamos?", pergunta Schneider. "Trepamos." Brunet sente-se mal: o que quer este tipo? Amizade? Já não tenho idade para isso. No cimo do monte, vêem três covas tapadas recentemente. "Estás a ver", diz Schneider, "só mataram três". Brunet senta-se na erva, ao lado das covas. "Dá-me o teu canivete." Schneider dá-lhe, Brunet abre-o e começa a tirar os galões. "Fazes mal", diz Schneider. "Os sargentos estão isentos de trabalho". Brunet encolhe os ombros sem responder, põe os galões no bolso e levanta-se. Voltam para o primeiro pátio: os tipos andam em mudanças; um belo rapaz, de ar insolente, está numa cadeira de baloiço; ao pé de uma tenda montada, dois homens puseram uma mesa e duas cadeiras; jogam triunfalmente às cartas; Gartiser está sentado de pernas cruzadas num tapete persa, todo queimado. "Faz-me lembrar a feira da ladra", diz Brunet. "Ou um mercado árabe", replica Schneider. Brunet aproxima-se de Lambert: "Que trouxera?" Lambert levanta a cabeça orgulhoso: "Pratos!", responde apontando para uma pilha de pratos rachados e de fundo negro. "Que vão fazer disso? Comê-los?" - "Deixa lá", diz Moúlu. "Talvez atraíam a comida". A manhã arrasta-se: os homens estão outra vez entorpecidos; tentam dormir ou deitam-se de costas, o rosto voltado para o céu, os olhos abertos e fixos; têm fome. O de cabelo encaracolado arranca pedaços da erva que cresce entre as pedras e mastiga-a; o nortista pegou num canivete e esculpe um bocado de madeira. Um grupo de homens faz uma fogueira debaixo de uma panela ferrugenta, Lambert levanta-se, vai ver e volta desiludido: "É sopa de urtigas", explica deixando-se cair entre o de cabelos encaracolados e Moúlu. "Não alimenta". Rendição das sentinelas alemãs. "Vão comer?", diz o sargento com um ar ausente. Brunet vai sentar-se junto do tipógrafo. Pergunta-lhe: "Dormiste bem?" - "Dormi", diz o tipógrafo. Brunet olha-o com satisfação: tem um ar limpo e asseado, com um brilho vivo nos olhos; duas probabilidades em três.- "Olha lá, queria perguntar-te: trabalhas em Paris?" - "Não", diz o outro, "em Lião". - "Onde?" - "Na Tipografia Levrault." - "Ah!", diz Brunet, "Levrault, conheço muito bem. Fizeram uma importante greve em trinta e seis, corajosa e bem orientada". O tipógrafo ri orgulhosamente. Brunet pergunta: "Conheceste Pernu, então?" - "Pernu, o

delegado sindical?" - "Sim." - "Claro!" Brunet levanta-se: "Vem dar uma volta, preciso de te falar." Ao chegarem ao outro pátio, Brunet olha-o de frente: "És do Partido?" O tipógrafo hesita, Brunet diz-lhe: "Sou Brunet, de L'Humanité." - "É então isso", responde o tipógrafo. Também me parecia... " - "Tens aqui camaradas?" - "Dois ou três." - "São tipos corajosos?" - "Muito. Mas ontem perdi-os de vista." - "Trata de os descobrir", diz Brunet. "E venham ter comigo: temos de nos organizar". Volta a sentar-se ao lado de Schneider; lança-lhe uma olhadela, o rosto de Schneider está calmo e inexpressivo. "Que horas são?", pergunta este. "Duas horas", responde Brunet. "Olha o cão", diz o de cabelo encaracolado. Um grande cão preto atravessa o pátio, de língua pendente; os homens olham-no com um ar estranho. "Donde vem ele?", pergunta o sargento. "Não sei", diz Brunet. "Talvez estivesse nas cavaliças". Lambert apoiou-se num cotovelo, perplexo, segue o cão com o olhar. Diz, como para os seus botões: "A carne de cão não é tão má como dizem." - "Já comeste?" Lambert não responde; tem um gesto de aborrecimento, depois deixa-se cair de costas, com um certo fatalismo: os dois tipos que estavam a jogar às cartas em frente da tenda abandonaram as cartas em cima da mesa e levantaram-se com um ar negligente; um deles leva debaixo do braço um pedaço da lona da tenda. "Demasiado tarde", comenta Lambert. O cão desaparece atrás da caserna; seguem-no sem se apressarem e desaparecem atrás dele. "Conseguirão? Não conseguirão?", pergunta o nortista. Ao fim de um momento os dois homens regressam: enrolaram a lona à volta de um volumoso objeto e trazem-no, cada um pegando por seu lado, como uma rede. Quando passam em frente de Brunet uma gota cai ao chão e avermelha as pedras. "Material de má qualidade", nota o sargento. "A tela devia ser impermeável". Abana a cabeça, resmunga: "É sempre assim... Como queriam que se ganhasse a guerra?" Os dois tipos atiram com o embrulho para a tenda. Um deles entra lá para dentro de gatas, o outro vai buscar lenha para fazer a fogueira. O de cabelo encaracolado suspira: "Teremos pelo menos dois sobreviventes." Brunet adormece, acorda sobressaltado com um grito de Moúlu: "Ali! Ali! A comida." O portão abre-se lentamente. Levantam-se centenas de tipos: "Um camião." O camião entra, camuflado, com flores e folhas na parte da frente, uma primavera, mil homens se levantam, o camião mete-se entre as paredes da cerca e a barreira de separação. Brunet levantou-se, foi empurrado, puxado, atirado, levado até aos arames. O camião está vazio.

Um alemão, atrás, nu até à cintura, vê-os chegar, indolentemente. Pele morena, cabelos louros, músculos salientes, parece um desses jovens elegantes que faziam esqui, seminus, em Saint-Moritz. Mil pares de olhos se levantaram para ele, isso diverte-o: olha com um sorriso estes animais noturnos e esfomeados que se amontoam contra as grades da gaiola para o verem melhor. Um momento depois inclina-se para trás e interroga as sentinelas do mirante, que lhe respondem rindo. A multidão espera, deslumbrada, vigia os gestos do patrão, arqueja de impaciência e de prazer. O alemão baixa-se, apanha um bocado de pão do fundo do camião, tira um canivete do bolso, abre-o, afia-o na bota e corta uma fatia. Atrás de Brunet, um indivíduo começou a resfolegar. O "boche" leva a fatia ao nariz e finge aspirar deliciado, com os olhos semicerrados, os animais rosnam, Brunet sente um nó na garganta provocado pelo ódio. O alemão olha outra vez para eles, sorri, põe a fatia entre o indicador e o polegar, muito direita. Segurou-a mal - talvez propositadamente -, ela cai entre as estacas e o camião. Há homens que se baixam para passarem por baixo dos arames: a sentinela do mirante grita uma ordem seca e aponta-lhes a metralhadora. Os homens continuam apinhados contra a barreira, de boca aberta e olhos de loucos. Moúlu, muito encostado a Brunet, murmura: "Isto vai acabar mal, gostaria de me ir embora." Mas a multidão empurra-o contra Brunet, ele tenta em vão libertar-se, grita: "Recuem, recuem, idiotas; não vêem que vai acontecer como esta noite?" No camião o alemão corta uma segunda fatia, atira-a, ela dá uma volta no ar e cai entre as cabeças levantadas; Brunet é apanhado num enorme redemoinho, sente-se empurrado, deslocado, batido; vê Moúlu, levado por um turbilhão, levantando as mãos como se se estivesse a afogar. "Patifes!", pensa, "patifes!" Queria bater com os punhos, dar pontapés nos homens que os rodeiam. Uma segunda fatia cai, e uma terceira, os homens começam a bater-se; um, mais forte, liberta-se, traz uma fatia na mão, apanham-no, rodeiam-no, ele mete a fatia inteira na boca, empurrando-a com a mão para a fazer entrar; largam-no, ele vai-se embora, lentamente, revirando os olhos. O alemão diverte-se, atira fatias para a direita, para a esquerda, faz umas fintas para decepcionar a multidão. Um bocado de pão cai aos pés de Brunet, um cabo vê-a, atira-se a ela empurrando Brunet; este agarra-o pelos ombros e aperta-o contra si. A multidão amontoa-se em cima do pão, que jaz na poeira. Brunet põe o pé em cima da fatia e esfrega a terra com a sola do sapato. Mas dez mãos

agarram-lhe a perna, afastam-na, apanham migalhas cheias de terra. O cabo debate-se furiosamente: um outro bocado acaba de cair em cima do seu sapato. "Larga-me, patife, larga-me." Brunet aguenta-se, o tipo tenta bater- lhe, Brunet apara com o cotovelo e aperta com todas as forças: está contente. "Abafas-me", diz, o tipo com uma voz lívida. Brunet continua a apertar, vê passar sobre a sua cabeça as fatias brancas, aperta, está contente, o tipo abandona-se-lhe nos braços. "Acabou-se", diz uma voz. Brunet atira a cabeça para trás: o "boche" está a fechar o canivete. Brunet abre os braços: o cabo vacila, dá dois passos para o lado para reencontrar o equilíbrio e tosse olhando para Brunet com um espanto cheio de ódio. Brunet sorri; o tipo olha para os ombros dele hesita, depois murmura: "Patife" e volta-se. A multidão destroça lentamente, decepcionada, não orgulhosa. Alguns privilegiados ainda mastigam, cheios de vergonha, com a mão a tapar a boca, revirando os olhos infantis. O cabo pôs-se em frente de uma .estaca: uma fatia de pão jaz na poeira acinzentada, entre o camião e a barreira: olha para ela. O alemão salta do camião, sempre rente ao muro, abre a porta de uma cabana. Os olhos do cabo brilham; espera. As sentinelas viraram a cabeça; pôs-se de gatas, passa por baixo dos arames, estende a mão; um grito: a sentinela aponta para ele. Ele quer recuar, a outra sentinela ordena-lhe que não se mexa. Ele espera, lívido, a mão ainda estendida, de traseiro para o ar. O alemão do camião voltou atrás, aproxima-se sem se apressar, levanta o tipo com uma mão e com a outra esbofeteia-o violentamente. Brunet ri até às lágrimas. Atrás dele, uma voz diz severamente: "Não gostas muito de nós." Brunet sobressalta-se e volta-se. É Schneider. Faz-se um silêncio; Brunet segue com os olhos o cabo, que o "boche leva a pontapés para a cabana, depois Schneider fala com voz neutra: "Nós temos fome." Brunet encolhe os ombros: "Porque dizes "nós"? Apanhaste fatias, tu?" - "Naturalmente", responde Schneider. "Fiz como toda a gente." - "Não é verdade", insiste Brunet, "eu vi- te". Schneider abana a cabeça: "Que tenha apanhado ou não, é a mesma coisa." Brunet, de cabeça baixa, esfrega a terra com o salto do sapato para enterrar as migalhas; uma estranha sensação faz-lhe levantar a cabeça precipitadamente; no mesmo instante alguma coisa se apaga nos olhos de Schneider, resta apenas uma raiva surda que lhe endurece a expressão. Schneider diz: "Sim, somos gulosos! Sim, somos covardes e servis. É nossa a culpa? Levaram-nos tudo: as nossas profissões, as nossas famílias, as nossas

responsabilidades. Para ser corajoso, é preciso ter alguma coisa para fazer; senão não passa de um sonho. Já não temos nada a fazer, nem sequer ganhar o nosso sustento, já não contamos. Sonhamos; se somos covardes, é em sonhos. Dá-nos trabalho e verás como acordamos." O "boche" tornou a sair da cabana; está a fumar; o cabo sai atrás dele, coxeando: traz uma pá e uma picareta. "Não tenho trabalho para vos dar", diz Brunet. "Mas, mesmo sem trabalho, podemos comportarmo-nos corretamente". Um trejeito levanta o lábio superior de Schneider, depois o lábio descai; Schneider sorri. "Julgava-te mais realista. Claro que podes manter uma atitude correta. Mas que muda isso? Não ajudarás ninguém, servirá apenas para tua satisfação pessoal. A não ser que acredites na virtude do exemplo", acrescenta ele ironicamente. Brunet olha fria-mente para Schneider. Diz-lhe: "Reconheceste-me, não foi?" - "Sim", responde Schneider. "És Brunet de L'Huma. Vi muitas vezes a tua fotografia." - "Lias L'Huma?" - "Às vezes." - "És dos nossos?" "Não, mas também não sou contra.", Brunet esboça um trejeito. Voltam lentamente para a escadaria passando por cima dos corpos: esgotados pela violência do desejo e da decepção, os homens tornaram a deitar-se; estão lívidos e os olhos brilham-lhes. Perto da tenda, os dois jogadores começaram uma partida de manilha; debaixo da mesa há ossos e cinzas. Brunet fita Schneider pelo canto do olho; procura encontrar neste rosto o ar de familiaridade que lhe tinha visto na véspera. Mas. Já viu muitas vezes este nariz grosso, estas faces: a impressão desfez-se. Diz entre dentes: "Sabes o que significa ser comunista quando se caiu nas mãos dos nazis?" Schneider sorri sem responder, Brunet acrescenta: "Seremos severos com os tagarelas." Schneider continua a sorrir; diz: "Não sou tagarela." Brunet pára, Schneider pára também, Brunet pergunta: "Queres trabalhar connosco?" - "Que vão fazer?" - "Dir-te-ei depois. Responde primeiro." - "Porque não?" Brunet, tenta decifrar este grande rosto macio e um tanto mole; insiste, sem deixar de olhar para Schneider: "Nem sempre será agradável." - "Já não tenho nada a perder", diz Schneider. "E depois, estarei ocupado." Tornam a sentar-se, Schneider deita-se com as mãos debaixo da cabeça; diz, fechando os olhos: "De qualquer modo, tu não gostas de nós, e isso inquieta-me." Brunet deita-se por sua vez: que espécie de tipo é este? Um simpatizante? Bem! Foi ele que quis, pensa. Agora já não o largo. Adormece, acorda, é o entardecer, é a, noite, é o sol; levanta-se; olha à sua volta, pergunta a si próprio onde está, lembra-se, sente a cabeça vazia. O

lourinho está sentado, tem um ar embrutecido e sinistro; os braços pendem-lhe entre as pernas abertas. "Sentes-te mal?", pergunta Brunet. "Estou fraco, cheio de fome. Achas que nos vão dar de comer esta manhã?" - "Não sei" - "Achas que nos querem matar à fome?" - Não sei nada." - "Estou chateado!", suspira o lourinho. "Não estou habituado a não fazer nada." - "Então vem lavar-te." O louro olhou sem entusiasmo para o sítio onde se encontrava a mangueira: "Deve estar fria." - "Vem." Levantam-se, Schneider dorme. Moúlu dorme, o sargento está deitado de costas com os olhos muito abertos, mastiga o próprio bigode; há milhares de olhos no chão, milhares de olhos abertos e outros que o calor e o sol fazem abrir a pouco e pouco; as pernas do louro vacilam: "Merda, já não me aguento de pé, vou cair." Brunet pega na mangueira, fixa-a na tomada de água, abre a torneira. Sente-se pesado. O louro despiu-se; é duro e peludo, com grandes músculos. A carne avermelha-se e contrai-se com o jato de água, mas o rosto continua cinzento. "Agora eu", diz Brunet. O louro pega no tubo, comenta: "É pesado!" Deixa-o cair e torna a apanhá-lo. Dirige o jato para Brunet, fustiga-o e de repente deixa cair o tubo. Diz: "Cansa-me." Vestem-se. O louro continua sentado no chão por largos momentos ainda, com as polainas na mão, olha para a água que escorre entre as pedras, segue com os olhos os sulcos lamacentos, diz: "Estamos a perder as forças." Brunet fecha a torneira, ajuda o de cabelo encaracolado a levantar-se, leva-o até à escadaria. Lambert acordou, olha para eles rindo: "Vocês não vêm a direito; parecem embriagados." O de cabelo encaracolado deixa-se cair na lona, resmunga: "Estou liquidado, nunca mais me recomponho." Olha para as mãos trêmulas e peludas: "Assim, não se consegue reagir." - "Anda passear", diz Brunet. "Nunca mais!" Enrola-se nos cobertores e fecha os olhos. Brunet vai para o pátio de trás; está deserto; trinta voltas ao pátio em passo de ginástica. Na décima sente a cabeça tonta; na décima nona é obrigado a apoiar-se a uma parede; mas resiste, quer dominar o corpo, vai até ao fim e pára arquejante. Até na cabeça sente o coração a bater, mas sente-se feliz: o corpo foi feito para obedecer; fará isto todos os dias, irá até cinquenta. Não sente a fome, está feliz por não sentir a fome: hoje é o quinto dia de jejum, ainda se sente bem. Volta para o pátio da frente. Schneider continua a dormir, de boca aberta; todos os tipos estão deitados, imóveis e mudos, parecem cadáveres. Brunet queria falar ao tipógrafo, mas ele está a dormir. Volta a sentar-se; o coração bate-lhe com força; o nortista põe-se a rir.

Brunet volta-se: o nortista está a rir-se, de olhos baixos sobre o pedaço de madeira que esculpe; já gravou uma data; agora desenha flores com a ponta do canivete: "Que graça tem isso?", pergunta Lambert. "Achas graça a isso, tu?" O nortista continua a rir. Explica sem levantar os olhos: "Estou-me a rir porque há três dias que não cago." - "É normal", diz Lambert. "Que querias cagar?" - "Mas há quem cague", diz Moúlu. "Eu vi." - "São uns felizardos", diz Lambert. "Tipos que trouxeram latas de conservas de carne". O sargento levanta-se. Olha para Moúlu puxando pelo bigode: "Então? Os teus camiões?" - "Vão chegar", afirma Moúlu. "Vão chegar". Mas a sua voz já não parece muito convicta. "Terão de se apressar", diz o sargento. "Senão, já não encontrarão ninguém". Moúlu continua a olhar para o portão; ouve-se um gorgolejo líquido e prolongado, Moúlu desculpa-se, diz: "É o meu estômago!" Schneider acordou. Esfrega os olhos, sorri e murmura: "Um café com leite..." - "E um croissant", diz o de cabelo encaracolado. "Gostava mais de uma boa sopa", replica o nortista. "Com um pouco de vinho tinto". O sargento pergunta: "Ninguém tem cigarros?" Schneider dá-lhe o seu maço, mas Brunet interpela-o irritado: não gosta de generosidades individuais. "Ponhamo-lo à disposição do grupo." - "Se quiseres", diz Schneider. "Tenho um maço e meio." - "Eu tenho um", diz Brunet. Tira-o do bolso e põe-o em cima da lona. Moúlu tira também um maço da sacola e abre-o: "Ainda tenho dezassete." - "É tudo?", pergunta Brunet. "Lambert, tu não tens?" - "Não", diz Lambert. "Não é verdade", diz Moúlu, "o teu maço ontem estava cheio". - "Fumei de noite." - "Vai aldrabar outro! Ouvi-te rressonar." - "Enfim, merda!", diz Lambert. "Não me importo de dar um cigarro ao sargento se ele não tiver, mas se não os quero pôr à disposição do grupo, isso é comigo". - "Lambert", diz Brunet, "és livre de pegares na lona e de te ires embora, mas, se quiseres ficar connosco, é preciso teres espírito de equipa e habituares-te a viver em comunidade. Dá os teus cigarros". Lambert encolhe os ombros e atira com raiva um maço para cima do cobertor de Schneider. Moúlu conta os cigarros: "Oitenta. Onze para cada um e sobram três para tirar à sorte. Distribuem-se?" - "Não", diz Brunet. "Se os distribuíres, logo à noite haverá tipos que já fumaram tudo. Eu guardo-os. Vocês terão três por dia durante três dias; dois no quarto dia. De acordo?" Os tipos olham para ele. Compreendem, vagamente, que estão a eleger um chefe. Brunet repete: "de acordo?" - Estão-se pouco ligando: gostariam de comer, é tudo quanto sabem. Moúlu encolhe os ombros e diz:

"De acordo." Os outros aprovam com a cabeça. Brunet distribui três cigarros por cada um e guarda os outros na sacola. O sargento acende um, dá quatro fumaças, apaga-o e põe-no atrás da orelha. O nortista pega num dos seus, rasga o papel e mete o tabaco na boca. "Tapa a fome", explica ele rindo. Schneider não disse nada: é ele quem mais perde nesta combinação, mas não disse nada. Brunet pensa: "Talvez seja um bom achado." Pensa em Schneider e inclina-se para depois ainda noutra coisa; pergunta-se bruscamente em que está a pensar, já não consegue lembrar-se. Fica-se. por um instante de olhos fixos, um punhado de pedras na mão, depois levanta-se com dificuldade: o tipógrafo já acordou. "Então?", pergunta Brunet. "Não sei onde estão", responde o tipógrafo. "Dei três voltas ao pátio, não os consegui ver". - "Continua", diz Brunet, "não percas a coragem". Vai tornar a sentar-se, olha para o relógio, diz: "Não é possível. Que horas são?" - "Quatro e trinta e cinco", responde Moúlu. "Então, é isso, é mesmo isso. Quatro e trinta e cinco e eu, sem fazer nada, pensei que eram dez horas da manhã." Parece-lhe que lhe roubaram tempo. E o tipógrafo que não encontrou os camaradas... Tudo é lento aqui. Lento, hesitante, complicado; serão precisos meses para fazer alguma coisa. O céu está azul-cru, o sol está duro. Amolece pouco a pouco, o céu torna-se rosado, Brunet olha para o céu, pensa em gaivotas, tem sono, sente a cabeça à roda, não tem fome, pensa: não tive fome durante o dia, adormece, sonha que tem fome, acorda, não tem fome, apenas uma ligeira náusea e um círculo de fogo à volta da cabeça. O céu está azul e alegre, o ar fresco, muito ao longe, no campo, ouve-se o cantar estridente de um galo, o Sol está encoberto mas os raios passam como bruma dourada por cima do muro; grandes sombras violentas estendem-se ainda pelo pátio. O galo calou-se, Brunet pensa: que silêncio!, parece-lhe, por momentos, que está só no mundo. Endireita-se com dificuldade e senta-se: os homens estão ali, à volta dele, milhares, imóveis e deitados. Dir-se-ia um campo de batalha. Mas todos os olhos estão bem abertos. à sua volta, Brunet vê rostos voltados para cima no meio de cabelos espalhados e olhos vigilantes. Volta-se para Schneider e vê-lhe os olhos fixos. Diz suavemente: "Schneider! Eh! Schneider!" Schneider não responde. Brunet vê ao longe uma serpente mole que se baba: a mangueira. Pensa: "Tenho de me lavar." Tem a cabeça pesada, parece-lhe que ela o arrasta para trás, torna a deitar-se, sente-se flutuar. "Tenho de me lavar." Tenta levantar-se, mas o corpo não lhe obedece; tem as pernas e os braços

moles, já não os sente, estão ao lado dele como objetos. O Sol aparece por cima do muro: tem de se lavar, irrita-se por ser um morto no meio destes mortos de olhos abertos, crispá-se, procura juntar os membros, atira-se para a frente, está de pé, as pernas tremem-lhe, transpira, dá alguns passos, tem medo de cair. Aproxima-se do tipógrafo, diz: "Viva!" O tipo endireita-se e olha-o com um ar estranho. "Viva" diz Brunet. "Viva!" - "Não te queres sentar?", pergunta o tipógrafo. "Como vai isso?" - "Vai bem", responde Brunet. "Vai mesmo muito bem. Prefiro ficar de pé". Senta-se, não está certo de ser capaz de se levantar. O tipógrafo sentou-se, tem um ar vivo e fresco, os olhos cor de avelã brilham no seu lindo rosto de criança. "Encontrei um", diz ele alegremente. "Chama-se Perrin. É maquinista em Orleães - Perdeu os camaradas, anda à procura deles. Se os encontrar, vêm os três ao meio-dia". Brunet olha para o relógio; são dez horas, limpa com a manga o suor da testa, diz: "Muito bem." Parece-lhe que gostaria de dizer mais alguma coisa, mas não sabe o quê. Fica por momentos a cambalear por cima do tipógrafo, repetindo: "Muito bem! Está muito bem" e depois recomeça a andar com esforço, a cabeça em fogo; deixa-se cair pesadamente na lona, pensa: "Não me lavei." Schneider apoiou-se num cotovelo e olha-o inquieto: "Não estás bem?" - "Estou", diz Brunet irritado. "Sim, sim. Estou". Pega num lenço e põe-no na cara por causa do sol. Não tem sono: não é bem isso. Sente a cabeça vazia e parece-lhe que está a descer de elevador. Alguém tosse por cima da sua cabeça. Arranca o lenço: é o tipógrafo com mais três tipos, Brunet olha-os admirado, diz com uma voz pastosa: "Já é meio-dia?" Depois tenta erguer-se: tem vergonha de haver sido surpreendido; pensa que não está barbeado, que está tão sujo como os outros; faz um esforço violento e levanta-se. "Viva", diz ele. Os tipos olham-no com curiosidade; são tipos que lhe agradam: sólidos e limpos e de olhar duro. Bom material. Observam-no, ele pensa: "Aqui só me têm a mim" e sente-se melhor. Diz: "Vamos andar um pouco?" Seguem-no. Dá a volta ao edifício, vai até ao fundo do pátio, volta-se, sorri. "Conheço-te", diz um moreno de cabelo rapado. Parece-me que já te vi algures", concorda Brunet "Fui ter contigo em trinta e sete", lembra o moreno, "chamo-me Stephen; era da Brigada Internacional". Os outros apresentam-se também: Perrin, de Orleães; Dewrouckere, mineiro em Lens. Brunet encosta-se à parede das cavaliças. Olha para eles, pensa, sem prazer, que são jovens. Pergunta a si próprio se terão fome. "Então", diz Stephen. "Que teremos de fazer?" Brunet

olha para eles, já não se lembra do que lhes queria dizer; cala-se, vê o espanto nos seus olhos, por fim fala: "Nada. Por agora não há nada a fazer. Ficamos em contato." "Queres vir connosco?", pergunta Perrin. "Temos uma tenda." "Não", responde Brunet apressadamente. "Fiquemos onde estamos e tratem de procurar o maior número possível de tipos, contatem os camaradas, arranjem maneira de saber um pouco do que se passa na cabeça dos outros. E nada de propaganda. Ainda não". Dewrouckere faz um trejeito: "Que se passa na cabeça deles sei eu", diz ele. "Não se passa nada. Pensam no estômago". Parece a Brunet que a cabeça lhe incha; semicerra os olhos, fala: "Talvez isto mude. Há padres nos vossos setores?" - "Há", diz Perrin. "No meu, há. E trabalham bastante." - "Deixem- nos", recomenda Brunet. "Não se façam notar. E se eles tentarem contactar-vos, não os mandem passear. Percebem?" Fazem que sim com a cabeça e Brunet diz-lhes: "Encontramo-nos amanhã ao meio-dia." Olham para ele, hesitam um pouco, ele fala meio agastado: "Vão! Vão! Eu fico aqui!" Vão-se embora. Brunet vê-os partir, espera que tenham voltado a esquina para dar um passo: não está certo de não cair. Pensa: "Trinta voltas em passo de ginástica." Dá dois passos cambaleando, a raiva faz-lhe subir o sangue ao rosto, sente marteladas violentas na cabeça: trinta voltas e já! Afasta-se da parede, anda três metros, cai de barriga para baixo. Levanta-se e torna a cair, magoando-se na mão. Trinta voltas, todos os dias. Agarra-se a uma argola de ferro presa na parede, torna a pôr-se de pé, toma balanço. Dez voltas, vinte voltas, as pernas tremem-lhe, cada passo é como uma queda, mas sabe que se irá abaixo se parar. Vinte e nove voltas; depois da trigésima, vai a correr até à esquina da caserna e só abranda quando chega ao pátio da frente. Passa por cima dos corpos, chega à escadaria. Ninguém se mexeu: são um cardume de peixes mortos a flutuar de barriga para cima. Sorri. O único de pé. Agora, vou barbear-me. Agarra na sacola, aproxima-se de uma janela e barbeia-se a seco; a dor fá-lo fechar os olhos. A navalha cai, baixa-se para a apanhar, larga o espelho, que vai partir-se a seus pés, cai de joelhos. Desta vez sabe que já não se levantará. Volta para o seu lugar, de gatas, deixa-se cair de costas; o coração bate-lhe com força no peito. De cada vez que o coração bate sente uma ponta de fogo no crânio. Schneider levanta-lhe a cabeça sem uma palavra e põe-lhe um cobertor dobrado em quatro debaixo da nuca. As nuvens passam; há uma que parece uma freira, outra uma gôndola. Puxam-no pela manga: "De pé! Vamos mudar-nos."

Levanta-se sem compreender, arrastam-no para a escada, a porta está aberta; uma corrente contínua de prisioneiros entra para o quartel. Sente que sobe uma escada, quer parar, empurram-no por trás, uma voz diz-lhe: "Mais acima." Falta-lhe o pé, cai com as mãos para a frente. Schneider e o tipógrafo seguram-no cada um por seu braço e levam-no. Quer libertar-se, mas não tem forças. Diz: "Não compreendo." Schneider ri suavemente: "Precisas de comer. - Como nós, nem mais nem menos." - "És mais alto e mais forte", observa o tipógrafo. "Precisas de mais comida." Brunet já não consegue falar; sobem até ao sótão. Um corredor comprido e sombrio atravessa o quartel de um lado ao outro. De cada lado do corredor há seis compartimentos, separados uns dos outros por grades. Entram para um deles. Três caixotes vazios, nada mais. Não há janela. Apenas uma clarabóia de três em três compartimentos; a do quarto ao lado fornece uma luz oblíqua que projeta no chão inclinadas, as grandes sombras das grades de madeira. Schneider estende o cobertor no chão e Brunet deixa-se cair. Vê o rosto do tipógrafo debruçado sobre ele, diz-lhe: "Não, fiques aí, afasta-te, e até amanhã ao meio-dia." O rosto desaparece e o sonho começa. A sombra das grades espalha-se lenta-mente pelo chão, espalha-se e dança sobre os corpos virados para cima, sobe para os caixotes, dá voltas, voltas, empalidece, a noite sobe pela parede; através das grades a clarabóia parece uma chaga, primeiramente pálida, em seguida escura e depois, de repente, um olho claro e alegre, as grades recomeçam a andar à roda, dão voltas, a sombra gira como um farol, o animal está enjaulado, os homens movem-se durante um momento, depois desaparecem, o barco anda à deriva com todos os forçados mortos de fome nas suas jaulas. A chama de um fósforo, uma palavra brota da sombra em letras vermelhas, inclinadas, num dos caixotes: FRÁGIL; há chimpanzés na jaula ao lado, metem as cabeças, curiosas, pelas grades, estendem os braços longos através das grades, têm olhos tristes e enrugados, o macaco, depois do homem, é o animal que tem os olhos mais tristes. Aconteceu alguma coisa, pergunta a si próprio o que poderia ter sido: uma catástrofe. Que catástrofe? Talvez o sol tenha arrefecido? Ouve-se uma voz do fundo das jaulas: "Uma noite, dir-lhes-ei lindas coisas." Uma catástrofe? Que vai fazer o Partido? É um gosto delicioso a ananás fresco, um gosto jovem e alegre, infantil; mastiga o ananás, desfaz-lhe a elasticidade fibrosa, quando foi que comi ananás, pela última vez? Gostei, era como um pedaço de madeira indefesa, descascada;

mastiga. O jovem gosto amarelo da madeira. tenra sobe docemente do fundo da garganta como o crescer do sol hesitante, alastra-lhe pela língua, quer dizer alguma coisa, o que quererá ele dizer, este elixir de sol? Gostava do ananás, oh!, há muito tempo, no, tempo em que gostava de esqui, das montanhas, de desafios de boxe, de iates à vela, de mulheres. Frágil. O que é frágil. Somos todos frágeis. O gosto, na língua, dança, turbilhão solar, um gosto antigo, esquecido, tinha-se esquecido, o formigar do sol nas folhas dos castanheiros, a chuva de sol na minha testa, eu lia estendido numa rede, a casa branca atrás de mim, atrás de mim a Touraine, gostava das árvores, do sol e da casa, gostava do mundo e da felicidade, oh!, antes. Mexe-se, debate-se: tem qual quer coisa para fazer, qualquer coisa para fazer imediatamente. Tem um encontro urgente, com quem? Com Kroupskiia. Torna a cair: frágil. O que eu fiz dos meus amores; disseram-me: não gostas de nós o suficiente. Venceram-me, tiraram-me um pedaço de seiva nova, quando sair daqui comerei um ananás inteiro. Tenta endireitar-se, um encontro urgente, torna a cair numa infância calma, num parque, afastem as ervas e encontrarão um sol; o que fizeste dos teus desejos? Não tenho desejos, sou um galho seco, a seiva morreu; os macacos agarrados às grades olham-nos com olhos frios, aconteceu alguma coisa. Lembra-se, levanta-se, grita: "O tipógrafo." Pergunta: "O tipógrafo veio aqui?" Ninguém responde, torna a cair no meio da seiva viscosa, na SUBJETIVIDADE, perdemos a guerra e vou morrer aqui, Mathieu debruça-se e murmura: "Não gostavas o suficiente de nós, não gostavas de nós"; os macacos divertem-se batendo nas coxas: não gostavas de nada, não!, de nada. A sombra das grades dança-lhe no rosto, a sombra, o sol, a sombra, isso diverte-o. Sou do Partido, gosto dos camaradas; para os outros não tenho tempo a perder, tenho um encontro. "Uma noite, dir-lhes-ei lindas coisas, uma noite dir-lhes-ei como gosto deles." Sentou-se, respira fundo, olha para eles, Moúlu sorri aos anjos, a cara virada para o teto, uma sombra fresca acaricia-o, desliza-lhe pela face, o sol faz-lhe brilhar os dentes: "Eh! Moúlu." Moúlu continua a sorrir, diz, sem se mexer: "Estás a ouvir?" - "A ouvir o quê?", pergunta Brunet. "Os camiões." Ele não ouve nada; tem medo deste enorme desejo que de repente se apodera dele, desejo de viver, desejo de amar, desejo de acariciar uns seios brancos, Schneider está deitado à sua direita, chama- o aflito: "Schneider!" Schneider responde com uma voz fraca: "Isto está muito mal." Brunet diz: "Tira os cigarros do meu saco. Três

por dia." Os rins deslizam-lhe lentamente pelo chão, está novamente deitado, de cabeça voltada para cima, olha para o teto, gosto deles, claro que gosto deles, mas é preciso que sirvam, que desejo é este? O corpo, o corpo mortal, floresta de desejos, em cada galho um pássaro, servem presunto da Vestefália em pratos de madeira, a faca corta a carne, sente-se, quando se espeta, a leve aderência da madeira húmida, venceram-no, é apenas desejo e estavam todos enterrados em merda e iam morrer ali. Que desejo é este? Erguem-no, sentam-no, Schneider fá-lo engolir uma sopa: "Que é?" - "Sopa de cevada." Brunet põe-se a rir: "Era isto, era só isto. Este imenso desejo carregado de culpabilidade era só fome." Adormece, acordam-no, come a segunda sopa. Sente o estômago a arder; as grades dançam, a voz calou-se; diz: "Estava um tipo a cantar." - "Estava", responde Moúlu. "Já não canta mais?" - "Morreu", diz Moúlu. "Levaram-no ontem". Mais uma sopa e, desta vez, com pão. Diz: "Já estou melhor." Senta-se sem auxílio, sorri: A infância, o amor, a "subjatividade", não era nada: apenas um sonho de inanição. Chama alegremente Moúlu: "Então, sempre vieram os camiões?" - "Vieram", responde Moúlu. "Vieram!" Moúlu trabalha um pedaço de pão com o canivete, fura-o e esvazia-o de onde em onde. Esculpe-o. Explica sem levantar os olhos: "É um bocado de pão bolorento, se comeres o bolor faz-te caganeira, mas pode aproveitar-se o resto." Dá uma fatia de pão a Brunet; mete outra na sua boca enorme, diz orgulhosa mente: "Estivemos seis dias sem comer. Estava a enlouquecer." Brunet ri, pensa na "subjatividade": "Eu também", diz ele. Adormece, é acordado pelo sol, ainda se sente fraco mas consegue levantar-se. Pergunta: "O tipógrafo procurou-me?" - "Sabes, nestes dias não prestámos muita atenção às visitas." - Onde está Schneider?", pergunta Brunet. "Não sei." Brunet vai até ao corredor; Schneider está a falar com o tipógrafo; estão os dois a rir. Brunet olha para eles, agastado. O tipógrafo vem ter com ele, diz-lhe: "Schneider e eu trabalhámos bastante." Brunet volta-se para Schneider, pensa: mete-se por todo o lado. Schneider sorri-lhe, fala: "Andámos por todo o lado, e anteontem descobrimos novos camaradas." "Hum!", diz Brunet secamente. "Preciso de os ver." Desce a escada, Schneider e o tipógrafo vão atrás dele. No pátio, pára e pisca os olhos ofuscado: está um belo dia. Sentados nos degraus das escadas há homens que fumam tranquilamente, parecem estar em casa repousando do trabalho da semana; de vez em quando há um que abana a cabeça e diz algumas palavras; então toda a gente se põe a abanar a

cabeça. Brunet olha para eles furioso, pensa: "Pronto!, já se estão a adaptar." O pátio, os mirantes, o muro da cerca são deles, estão sentados na soleira da porta das suas casas, comentam com a velha sabedoria popular os acontecimentos da aldeia: "Que se pode fazer com homens como estes? Têm a ambição do poder; prendem-nos e três dias depois já não se sabe se são prisioneiros ou donos da prisão." Outros passeiam, em grupos de dois ou três, andam descontraidamente, conversam, riem, dão voltas: parecem burgueses no picadeiro. Passam aspirantes, em uniforme, sem olhar para ninguém e Brunet ouve-lhes as vozes aristocráticas: "Não, meu velho, desculpa, mas não abriram falência; chegaram a falar nisso, mas o Banco de França deitou-lhes a mão." Muito rodeados, dois tipos de óculos jogam xadrez sobre os joelhos; um careca lê franzindo o sobrolho; de vez em quando pousa o livro para consultar apressadamente um livro enorme. Brunet passa por trás dele: o livro grande é um dicionário. "Que estás a fazer?", pergunta Brunet. "A aprender alemão." A volta da mangueira há homens completamente nus que dão gritinhos e se empurram, rindo; encostado à sebe, Gartiser, o alsaciano, fala em alemão com uma sentinela alemã que o ouve aprovando com a cabeça. Bastou um bocado de pão!, um bocado de pão, e este pátio sinistro onde o exército vencido agonizava transformou-se em praia, em solário, numa quermesse. Dois tipos completamente nus bronzeiam-se ao sol, deitados num cobertor; Brunet gostaria de dar violentos pontapés nestas nádegas douradas: deem-lhes fogo às terras, às Idéias, levem-nos para o exílio, em toda a parte tratarão de reconstruir teimosamente a sua felicidade de pobres; como se pode trabalhar com gente assim! Volta-lhes as costas e vai para o outro pátio; pára, estupefato: costas, milhares de costas, uma campainha que toca, milhares de cabeças que se inclinam. "Não me digas!", exclama. Schneider e o tipógrafo riem: "É como vês! É como vês! Hoje é domingo. Queríamos fazer-te uma surpresa." - "É então assim!", diz Brunet. "É domingo!" Olha para eles, perplexo: que fanatismo! Inventaram um domingo sintético, um domingo das cidades e do campo, porque viram num calendário que era domingo. No outro pátio era domingo na aldeia, domingo na rua principal da cidade de província, aqui é domingo na igreja, só falta o cinema. Volta-se para o tipógrafo: "Não há cinema, à noite?" O tipógrafo sorri: "Os da J.O.C.²² dão um espetáculo." Brunet cerra os punhos, pensa nos padres:

trabalharam bem enquanto esteve doente. Nunca devíamos estar doentes. O tipógrafo diz timidamente: "Lindo dia." Sem dúvida", murmura Brunet. Sem dúvida: um lindo dia. Um belo dia em toda a França: as linhas de caminho de ferro arrancadas e torcidas brilham ao sol, que amarelece as folhas das árvores desenraizadas, a água brilha no fundo das crateras cavadas pelas bombas, os mortos apodrecem nas searas e os seus ventres, cantam sob um céu sem nuvens. Já se esqueceram? Os homens são como a borracha. As cabeças ergueram-se, o padre está a falar. Brunet não o ouve, mas vê-lhe a cara avermelhada, os cabelos grisalhos, os óculos de aros metálicos e os ombros largos; reconhece-o: é o tipo do breviário que ele tinha visto no primeiro dia. Aproxima-se. A dois passos dele, de olhos brilhantes, de ar humilde, o sargento de bigode ouve apaixonadamente: "...Que muitos de vós são crentes, mas também sei que há outros que me ouvem por curiosidade, para se instruírem ou simplesmente para passar o tempo. São todos meus irmãos, irmãos muito queridos, irmãos de armas e irmãos perante Deus, dirijo-me a todos, católicos, protestantes, ateus, porque a palavra de Deus é para todos. A mensagem que vos transmito neste dia de luto, que é também o dia do Senhor, consiste nestas duas palavras simples: não desesperem!..., porque o desespero não é só pecado contra a adorável bondade divina: até os descrentes concordarão comigo ao dizer que é um atentado do homem contra si próprio e, direi mesmo, um suicídio moral. Entre nós, meus queridos irmãos, há sem dúvida quem, enganado por um ensinamento sectário, tenha aprendido a ver no encadear admirável dos acontecimentos da nossa história apenas uma sucessão de acidentes sem significado nem relação. Hoje, repetem que fomos vencidos por não termos tanques em número suficiente, aviões em número suficiente. Desses, o Senhor disse que têm ouvidos para não ouvir e olhos para não ver e, sem dúvida, quando a cólera divina se desencadeou sobre Sodoma e Gomorra, houve nas cidades ímpios pecadores suficientemente endurecidos para pretenderem que a chuva de fogo que reduzia as cidades a cinzas era apenas uma precipitação atmosférica ou um meteoro. Meus irmãos, e ou não verdade que pecavam contra eles próprios? Porque, se o raio caiu sobre Sodoma por acaso, então não há obra do homem, não há produto da sua paciência ou do seu trabalho que não possa, de um momento para o outro, ser reduzido a nada, sem razão nem porquê, por forças obscuras. Para quê construir? Para quê plantar? Para quê fundar uma

família? Eis-nos aqui, vencidos e cativos, humilhados no nosso legítimo orgulho nacional, sofrendo na nossa carne, sem notícias dos seres que nos são queridos. E tudo isto para quê? Para nada? Sem outra origem além das forças mecânicas? Se assim fosse, meus irmãos, digo-vos: deveríamos abandonar-nos ao desespero, porque não há nada mais desesperante e mais injusto do que sofrer para nada. Mas, meus irmãos, pergunto a esses espíritos fortes: Porque não Tínhamos tanques em número suficiente? Porque não Tínhamos canhões em número suficiente? Responderão, sem dúvida: Porque não produzimos o suficiente. E assim se descobre o rosto desta França pecadora que, há um quarto de século, esquecera os seus deveres e o seu Deus. Na verdade, porque não produzimos o suficiente? Porque não trabalhámos. E donde vem, meus irmãos, esta vaga de preguiça que se tinha abatido sobre nós como os gafanhotos nos campos do Egito? Porque estávamos divididos pelas nossas querelas intestinais: os operários, conduzidos por agitadores cínicos, detestavam os patrões; os patrões, cegos pelo egoísmo, preocupavam-se pouco em satisfazer as reivindicações mais legítimas; os comerciantes invejavam os funcionários, os funcionários viviam como parasitas; os nossos representantes, na Assembléia, em vez de defenderem, serena-mente, os interesses do público, discutiam, insultavam-se, chegavam a agredir-se. E porquê estas discórdias, meus queridos irmãos, porquê estes conflitos de interesses, porquê estes desregramentos nos costumes? Porque um materialismo sórdido se tinha espalhado pelo país como uma epidemia. E que é o materialismo senão o estado do homem que se desviou de Deus: pensa que nasceu da terra e que voltará à terra, só lhe interessam os bens terrestres. Responderei, pois, aos céticos: têm razão, meus irmãos, perdemos a guerra por falta de material. Mas só em parte têm razão porque a vossa resposta é materialista e por serem materialistas é que foram vencidos. Foi a França, filha mais velha da Igreja, que inscreveu na História a deslumbrante sucessão das suas vitórias; foi a França sem Deus que conheceu a derrota em 1940." Fez uma pausa; os homens ouvem em silêncio, de boca aberta, o sargento aprova com a cabeça. Brunet assenta o olhar no padre; repara no seu ar triunfante: os seus olhos brilhantes vão de uma ponta a outra do auditório, enrubesce, levanta a mão e retoma a palavra com um arrebatamento quase eufórico: "Assim, meus irmãos, abandonemos a idéia de que a nossa derrota é fruto do acaso: é ao mesmo tempo uma punição e uma falta. Não é acaso, irmãos, é castigo; é esta a

nova que hoje vos trago." Faz mais uma pausa e observa os olhos cravados nele para avaliar o efeito produzido. Depois inclina-se e prossegue com uma voz mais insinuante "É uma notícia dura e desagradável, compreendo, mas, apesar de tudo, uma boa notícia. Aquele que se crê a vítima inocente de uma catástrofe e que não compreende porquê, não se anuncia uma boa nova quando se lhe revela que expia a sua própria falta? Por isso vos digo: alegrem-se, irmãos! Alegrem-se no fundo do abismo dos nossos sofrimentos, porque, se há falta e expiação, também há remissão. E digo-vos: alegrem-se, alegrem-se na Casa do Senhor, porque ele é mais um motivo de alegria. Nosso Senhor, que sofreu para todos os homens, que chamou a Ele as nossas faltas, que sofreu e ainda sofre para as expiar, Nosso Senhor escolheu-vos, Sim, a todos, camponeses, operários, burgueses, que não são nem completamente inocentes nem certamente os mais culpados, escolheu- vos para um incomparável destino: escolheu vos vossos sofrimentos para que, assim como os seus, resgatem os pecados e as faltas de toda a França, que Deus não deixou de amar e que puniu com amargura. Meus irmãos, é aqui que temos de optar: ou hão-de gemer ou hão-de arrancar os cabelos, dizendo: porque é a mim que acontecem estas coisas? Porquê a mim e não o meu vizinho, que era um mau rico, ou aos políticos, que leva ram o nosso país à derrota? Já nada tem sentido, restamos morrer no ódio e no rancor. Ou então, dirão: não éramos nada e agora somos os eleitos do sofrimento, os oblatos, os mártires. Então, enquanto um homem providencial, digno filho dos que o Senhor sempre suscitou em França quando esta estava a dois passos da ruína..." Brunet sai nas pontas dos pés. Encontra Schneider e o tipógrafo encostados à parede. Diz: "Sabe o que está a fazer." - "Pois, sabe!", diz o, tipógrafo. "Dorme ao pé de mim, à noite só ele se ouve: catequiza os camaradas". Passam dois tipos por eles, um alto e magro de cabeça alongada e de lunetas e um baixo e gordo de boca desdenhosa. O alto diz com uma voz suave e convencida: "Falou muito bem. Simplesmente. E disse o que convinha." Brunet riu-se: "Sem dúvida!" Dão alguns passos. O tipógrafo olha para Brunet com confiança; pergunta: "Então?" - "Então?", repete Brunet. "O sermão, que achaste?" - "Tem bom e mau. Num certo sentido trabalha para nós: explicou-lhes que o cativo não era divertido; e parece-me que ainda vai insistir neste ponto: é do seu interesse e do nosso. Enquanto estes homens estiverem convencidos de que vão ver as mulheres no fim do mês, não poderemos fazer nada." -

"Quê?" Os belos olhos do tipógrafo estão enrugados, tem as faces cinzentas. Brunet prossegue: "Por esse lado vocês podem aproveitar-se dele. Apanham um tipo a sós e dizem-lhe: ouviste o padre?, Disse que íamos passá-las boas." O tipógrafo pergunta com dificuldade: "Pensas, então, que ainda estaremos aqui muito tempo?" Brunet olha para ele duramente: "Acreditas no Pai Natal?" O tipógrafo cala-se, engole a saliva; Brunet vira-se para Schneider e continua: "Só não pensei que tomassem posição tão cedo, pensei que queriam ver primeiro. Mas não importa; o sermão era um verdadeiro programa político: a França, filha mais velha da igreja, e Pétain, chefe dos Franceses. É chato." Bruscamente, olha para o tipógrafo: "Que pensam dele, lá no teu setor." - "Gostam dele." - "Quê?" - "Não há nada a censurar-lhe. Partilha tudo o que tem; mas faz sentir que toma essa atitude. Parece estar sempre a dizer: dou-te isto por Amor de Deus. Eu preferia não fumar a pegar no tabaco dele; mas sou o único." - "É tudo o que sabes dele?" - "Sabes", diz o tipógrafo desculpando-se, "ele só lá está à noite". - "Que faz ele durante o dia?" - "Trabalha na enfermaria." - "Agora há uma enfermaria?" - "Há. No outro edifício." - "Ele é enfermeiro?" - "Não, mas é amigo do major, joga o bridge com ele e dois oficiais feridos." - "Estou a ver!", diz Brunet. "E que dizem os tipos?" - "Não dizem nada: não querem ter dúvidas. Soube-o por Garliser, que é enfermeiro." - "Bom, tens de falar no assunto; pergunta-lhes como se arranjam os padres para estarem sempre metidos com os oficiais." - "Está bem." Schneider olha para eles com um sorriso estranho. Diz: "O outro edifício é dos "boches"." - "Quê?", exclama Brunet. Schneider vira-se para o tipógrafo; sempre a sorrir: "Estás a ver o que tens a dizer: que o padre abandona os companheiros para ir lambar as botas aos "boches"." - "Oh! Sabes, não me parece que ele ande muito com os "boches." Schneider encolhe os ombros com uma impaciência fingida: Brunet tem a impressão de que ele se diverte. "Tu tens o direito de andar a passear no edifício dos alemães?", pergunta Schneider ao tipógrafo. O tipógrafo encolhe os ombros sem responder. Schneider, sente que ganhou. "Vês! Estou-me pouco ligando para as suas intenções: talvez queira salvar a França, mas, objetivamente, é um prisioneiro que passa os dias com o inimigo. É isto que os companheiros devem saber." O tipógrafo, desconcertado, volta-se para Brunet. Brunet não gostou nada do tom de Schneider, mas não o quer desmentir. Diz: "Com calma. Para já, não procures destruí-lo. De resto, temos aqui mais de cinquenta, tu, sozinho,

não chegarias para todos. Procura dizer, no meio da conversa: o padre pensa que não saímos daqui tão cedo e ele deve estar bem informado porque frequenta os oficiais e conversa com os "boches". É preciso que, a pouco e pouco, percebam que os padres não são feitos da mesma massa que nós. Percebes?" - "Percebo", responde o tipógrafo. "Há algum dos nossos no grupo do padre?" - "Há." - "É desenrascado?" - "Bastante." - "Que se deixe levar, que finja estar convencido, precisamos de um informador." Encostou-se à parede, refletiu um pouco e disse ao tipógrafo: "Vai buscar os camaradas. Dois ou três. Dos novos." A sós, Brunet diz a Schneider. "Teria preferido esperar um pouco: dentro de um mês ou dois, os tipos estarão preparados. Mas os padres têm muita força. Se não começarmos já, seremos ultrapassados. Sempre estás de acordo em trabalhar connosco?" - "Trabalhar em quê?", pergunta, Schneider. Brunet franze o sobrolho: "Pensei que querias trabalhar connosco. Mudaste de idéias?" - "Não mudei de idéias", responde Schneider. "Estou a perguntar em que vamos trabalhar." - "Pois bem", observa Brunet, "Ouviste o padre? Esses homens não estão sós: dentro de um mês teremos aqui uma quantidade deles. Além disso, não me admirava nada se os "boches" escolhessem entre nós dois ou três quisling e os encarregassem de nos transmitir a boa doutrina. Antes da guerra podíamos opor-lhes formações sólidas, o Partido, os sindicatos, o comitê de vigilância. Aqui não temos nada. Trata-se, pois, de reconstruir alguma coisa. Naturalmente, muitas vezes ficaremos pelas palavras, nunca gostei muito disso, mas, enfim, não temos por onde escolher. Portanto: referendar os elementos válidos, organizá-los, iniciar uma contrapropaganda clandestina, são os objetivos imediatos. Dois temas a desenvolver: recusarmo-nos a reconhecer o armistício; a democracia é a única forma de governo que podemos aceitar neste momento. Inútil avançar mais: de início temos de ser prudentes. Eu encarrego-me de procurar os camaradas do P.C. Mas há os outros, os socialistas, os radicais, todos os tipos mais ou menos "de esquerda", os simpatizantes como tu". Schneider sorri friamente: "Os moles. Ou seja: os indecisos." Brunet apressa-se a acrescentar: "Pode estar-se, indeciso e ser-se honesto. Não estou certo de usar a linguagem deles. Tu não terás essa dificuldade. É a tua." - "Está bem", diz Schneider. "Em suma, trata-se de recriar o espírito Frente Popular?" - "Já não seria mau", responde Brunet. Schneider abana a cabeça. Diz: "Será, portanto, o meu trabalho. Mas... estás certo de que é o teu?" Brunet olha-o, espantado: "O meu?" -

"Oh!", diz Schneider com indiferença, "se estás certo..." "Então, explica-te", replica Brunet. "Não gosto de subentendidos". - "Não tenho nada a explicar. Só queria dizer: que faz o Partido neste momento? Quais são as suas palavras de ordem, as suas diretivas? Suponho que as conheces." Brunet olha para ele, a sorrir: "Dás-te conta da situação?", pergunta. "Os Alemães estão em Paris há quinze dias, toda a França ficou de pernas para o ar: há camaradas mortos, outros prisioneiros, outros que desapareceram com as suas divisões, foram para Páti ou Montpellier, outros, na cadeia. Se queres saber o que faz o Partido neste momento, vou dizer-te: reorganiza-se." - "Estou a ver", diz Schneider. "E tu, por teu lado, trata de contactar os camaradas que estão aqui. Perfeito." - "Bem", observa Brunet, para concluir: "Se estás de acordo..." - "Mas, meu velho", diz Schneider, "claro que estou de acordo. Tanto mais que não me diz respeito. Não sou comunista. Dizes-me que o Partido se está a reorganizar: é tudo o que desejo. O que eu gostaria de saber, se estivesse no teu lugar..." Mete a mão no bolso do casaco, procura talvez um cigarro, depois tira a mão e deixa-a cair ao longo da parede. "Em que bases se está a reorganizar? É esse o problema." Acrescenta sem olhar, para Brunet: "Os Soviéticos aliaram-se à Alemanha." "Não", replica Brunet com impaciência. "Fizeram um pacto de não agressão, e é provisório. Pensa um pouco, Schneider: após Munique, a U.R.S.S. Já não podia mais..." Schneider suspira: "Já sei", diz. "Sei tudo o que me vais dizer. Vais dizer-me que a U.R.S.S. perdeu a confiança nos Aliados e que contemporiza enquanto espera ser suficientemente forte para poder declarar a guerra aos Alemães. É isso?" Brunet hesita. "Não é bem isso", responde. "Penso que estão certos de que serão atacados". - "Mas acreditas que fazem o que podem para retardar essa data?" "Penso." - "Então", diz lentamente Schneider, "se eu estivesse no teu lugar, não estaria tão certo de que o Partido vai tomar posição firme contra os nazis: isso poderia prejudicar a U.R.S.S.". Fixa Brunet com um olhar baço. Tem um olhar mortiço, melancólico, mas dificilmente sustentável. Brunet, agastado, volta a cabeça: "Não te faças mais parvo do que és. Sabes perfeitamente que não se trata de uma tomada de posição pública. O Partido está na ilegalidade desde trinta e nove e a sua ação continuará clandestina." Schneider sorri: "Clandestina, sim. Mas que quer isso dizer? Por exemplo, que se vai imprimir clandestinamente L'Humanité? Então ouve: em dez mil exemplares difundidos, pelo menos cem cairão nas mãos dos "boches"; é

fatal: na ilegalidade, consegue-se, com um pouco de sorte, esconder o local de origem dos panfletos, as tipografias, a redação, etc., mas não os panfletos propriamente ditos, pois estes são feitos para se distribuírem. Dou três meses à Gestapo para se pôr perfeitamente ao corrente da política do P.C." - "E depois? Não podem imputá-la à U.R.S.S." - "E o Komintern?", pergunta Schneider. "Pensas que nunca se discute o Komintern entre Ribbentrop, e Molotov?" Fala sem agressividade, com voz neutra. No entanto, há qualquer coisa de suspeito na sua inocência. "Não podemos estar aqui a discutir estratégias", diz Brunet. "O que Ribbentrop diz a Molotov não posso saber, não estou debaixo da mesa. Mas o que eu sei, porque é evidente, é que as relações estão cortadas entre a U.R.S.S. e o Partido." - "Achas?", pergunta Schneider. De pois acrescenta: "Em todo o caso, se atualmente estão cortadas, serão restabelecidas mais tarde. Há a Suíça." Acabou a missa, os soldados passam por eles, silenciosos e longínquos. Schneider baixa a voz: "Estou convencido de que o Governo nazi considera a U.R.S.S. responsável pela atividade do P.C." - "Admitamos", concorda Brunet. "A que é que isso nos leva?" - "Imagina", responde Schneider, "que a U.R.S.S., para ganhar tempo, reduz ao silêncio os comunistas na França e na Bélgica". Brunet encolhe os ombros. "Reduz! Como imaginas as relações da U.R.S.S. e do P.C.? Não sabes que há células no P.C. e pessoas que discutem e que votam nas células?" Schneider sorri e retoma, pacientemente: "Não queria magoar-te. Dou outro sentido à minha frase: imagina que o P.C., desejoso de não causar problemas à U.R.S.S. , resolve calar-se... Seria a primeira vez?" - "Não" - "Que fizeram à declaração de guerra? E, depois, a situação piorou para a U.R.S.S. Se a Inglaterra capitular Hitler ficará com as mãos livres." - "A Alemanha teve tempo de se preparar. Está à espera." - "Estás certo disso? O Exército Vermelho não foi brilhante, este Inverno. E, tu próprio dizias que Molotov contemporiza..." - "Se existem entre a U.R.S.S. e o P.C. as relações que tu dizes, os camaradas serão informados na altura oportuna sobre o grau de preparação do Exército Vermelho." - "Os camaradas, sim. Em Paris. Mas tu não. E és tu quem trabalha aqui..." - "Em fim, onde queres chegar?", pergunta Brunet levantando a voz. "Que queres provar? Que o P.C. se tornou fascista?" - "Não, mas que a vitória nazi e o pacto germano, soviético são duas realidades que talvez não agradem ao P.C., mas a que ele tem de se acomodar." - "Queres que cruze os braços?" - "Não digo isso", corrige Schneider. "Estamos a conversar..." Depois continua, passando o

indicador pelo seu grande nariz: "O P.C. não é mais favorável do que os nazis às democracias capitalistas, embora por outras razões. Enquanto foi possível imaginar uma aliança da U.R.S.S. e das democracias ocidentais, vocês escolheram como plataforma a defesa das liberdades políticas contra a ditadura fascista. Estas liberdades são ilusórias, sabe-lo melhor do que eu. Hoje em dia, as democracias estão de rastos, a U.R.S.S. aproximou-se da Alemanha, Pétain tomou o Poder, é numa sociedade fascista ou fascizante que o Partido tem de continuar o seu trabalho. E tu, sem chefes, sem palavras de ordem, sem contatos, sem notícias, vais, retomar esta plataforma caduca por tua conta e risco. Falávamos há pouco do espírito Frente Popular: mas a Frente Popular morreu. Está morta e enterrada. Tinha sentido em trinta e oito, no contexto histórico. Hoje não tem nenhum. Toma cuidado, Brunet, vais trabalhar às escuras." A sua voz tornara-se áspera; quebra subitamente esta aspereza e continua suavemente: "Por isso te perguntei se estavas seguro do teu trabalho." Brunet põe-se a rir: "Vamos!", diz ele, "não sejamos assim tão pessimistas. Agrupe mos os companheiros, tratemos de vencer os padres e os nazis; o resto ver-se-á: as tarefas surgem por si próprias". Schneider aprova com a cabeça: "claro", concorda ele, "claro". Brunet olha-o nos olhos: "Tu inquietas-me", diz. "Acho-te muito pessimista". - "Oh! Eu", replica Schneider com indiferença, "se queres a minha opinião, penso que o que vamos fazer não tem nenhuma importância prática: a situação é abstrata e nós somos irresponsáveis. Aqueles, entre nós, que voltarem, encontrarão, mais tarde, uma sociedade organizada, com os seus quadros e os seus mitos. Nesse campo, pelo menos. Porque, por outro lado, se pudermos dar um pouco de coragem aos companheiros, se os impedirmos de desesperar, se lhes dermos uma razão de viver aqui, mesmo ilusória, então vale a pena tentar." - "Pois bem, está perfeito", concorda Brunet... Ao fim de um momento de silêncio continua: "Vou passear um pouco, já que é a minha primeira saída. Até já." Schneider despede-se acenando com dois dedos e vai-se embora. Um espírito negativo, um intelectual, era mesmo o tipo que lhe faltava! Estranho: tão depressa era amigável e caloroso, como distante, quase cínico, onde já o viu? Porque diria ele os camaradas ao falar dos tipos do Partido e não os "teus camaradas", como seria de esperar? Precisa de lhe ver a caderneta militar. No pátio endomingado, os homens têm todo o ar de estar em dia de folga; nestes rostos lavados, barbeados, a mesma

ausência. Esperam e a sua espera faz crescer do outro lado da cerca uma cidade de guarnição militar com jardins, bordéis e cafés. No meio do pátio alguém toca harmônica, há pares que dançam, a cidade fantasma eleva os seus tetos e os seus verdes acima da cerca da prisão, reflete-se nos rostos cegos destes dançarinos fantasmas. Brunet dá meia volta, regressa ao outro pátio. Mudança de ambiente: transplantaram a igreja; os homens jogam à barra, gritam, correm como loucos. Brunet acaba por subir para o pequeno monte atrás das cavalariças; olha para os túmulos, sente-se bem. Puseram flores na terra batida, enterraram três cruzeiras ao lado umas das outras. Brunet senta-se entre dois túmulos, os mortos estão debaixo dele, ao comprido; isso acalma-o; também para ele a inocência virá um dia. Desenterra uma lata de sardinhas aberta e ferrugenta, atira-a para longe: é um domingo de piquenique e cemitério; andava a passear numa colina; em baixo, na cidade, crianças jogavam à barra e os seus gritos subiam até ele. Onde era? Já não sabe; pensa: "É certo que vamos trabalhar às escuras." Então? Não fazer nada? Aqui, a sua força revolta-se. Se voltasse, no fim da guerra, e dissesse aos camaradas: "Aqui estou. Vivi." Seria bonito fugir? Olha para os muros, não são muito altos: bastaria chegar a Nancy, os Poullain escondê-lo-iam. Mas há estes três mortos por baixo dele, há as crianças que gritam nesta eterna tarde: põe a palma da mão na terra fresca, decide que não fugirá. Calma. Agrupar os companheiros e deixar correr, dar-lhes a pouco e pouco confiança e esperança, em todo o caso incitá-los a denunciar o armistício e depois estar pronto a modificar as diretivas ao sabor dos acontecimentos. O Partido não nos abandonará, pensa Brunet. O Partido não pode abandoná-los. Deita-se ao comprido como os mortos, sobre, eles; olha para o céu; levanta-se, torna a descer a passos lentos, pensa que está só. A morte anda à volta dele como um odor, como o fim de um domingo; pela primeira vez na vida sente-se vagamente culpado. Culpado de estar só, culpado de pensar e viver. Culpado de não estar morto. Para além dos muros há casas mortas e negras com todos os olhos fechados; a eternidade de pedra. Este clamor da multidão dominical desde sempre que sobe ao céu. Só Brunet não é eterno: mas a eternidade inclina-se sobre ele como um olhar. Anda: quando volta cai a noite, passeou o dia inteiro, precisava de matar qualquer coisa, não sabe se conseguiu: quando não se faz nada, tem-se destes estados de espírito, é normal. O corredor do sótão cheira a pó, os compartimentos estão cheios, é a multidão dominical

que se arrasta. No chão, um céu constelado de estrelas cadentes: os homens fumam às escuras. Brunet pára, diz, sem se dirigir a ninguém em particular: "Cuidado com os cigarros: não deitem fogo à barraca." Os tipos resmungam ao ouvir esta voz que lhes vem de cima. Brunet cala-se, desorientado; sente-se a mais. Dá mais alguns passos: surge um astro vermelho que vem rolar a seus pés, pisa-o com um sapato; a noite está serena e azul, as janelas desenham-se na sombra, cor de malva como as imagens que nos permanecem nos olhos quando olhamos demasiado para o Sol. Não encontra o seu compartimento, grita: "Schneider!" - "Ali, ali", diz uma voz. "Por ali!" Volta atrás, um tipo canta baixinho, para si: "Na estrada, na estrada principal, um jovem cantava...", Brunet pensa: "Gostam da noite." - "Por aqui", diz Schneider, "avança um pouco, já chegaste". Entra, olha para a clarabóia através das grades, pensa num bico de gás que se acendia quando a noite estava azul. Senta-se em silêncio, olha para a clarabóia; o bico de gás, onde estava? À sua volta, os tipos murmuram. De manhã gritam, à noite murmuram porque gostam da noite; com a noite, a paz entra a grandes passos na enorme caixa obscura, a paz e os anos que passaram; dir-se-ia que tinham gostado das suas vidas. "Eu", diz Moúlu, "gostaria de uma cerveja sem espuma. A esta hora estaria a beber uma, no Cadran Bleu, a ver passar as pessoas". - "Onde é o Cadran Bleu?", pergunta o lourinho. "Nos Gobelins. Na esquina da Avenue des Gobelins e do Boulevard Saint-Marcel, não sei se estás a ver." - "Ah! Já sei. Onde há o Cinema Saint-Marcel?" - "A duzentos metros; conheço aquilo, moro em frente do quartel Lourcine. Depois do trabalho ia a casa comer qualquer coisa e a seguir tornava a descer, ia ao Cadran Bleu ou, então, às vezes, ao Canon des Gobelins. Mas no Cadran Bleu há uma orquestra." - "E havia boas atrações no Cinema Saint-Marcel." - "Estou a ver. Havia Trenet, Marie Du bas, vi-a sair em carne e osso, tinha um carro mais ou menos assim." - "Eu ia lá", diz o lourinho. "Moro em Vanves à noite voltava a pé quando estava bom tempo." - "Não é muito perto." - "Não, mas era jovem." - "A mim", diz Lambert, "não é a cerveja que me faz falta, nunca fui muito apreciador. É o vinho. Podia perfeitamente beber dois litros por dia. Até três. Mas precisava de os suar. Imagina só que Tínhamos vinho esta noite, um bom Médoc." - "Quê?", diz Moúlu. "Três litros! Pois bem. Eu, se beber mais do que um litro, fico com azia." - "É porque bebes do branco." - "Ah! Sim", diz Moúlu. "Branco. Só bebo desse." "Não vás mais longe. Olha, a minha velha tem

sessenta e cinco anos, moro com ela. Pois bem, com essa idade, ainda bebe a sua litrada por dia. E é do tinto!" Cala-se por um instante, sonha. Os outros também sonham; ouvem tranquilamente, sem procurar interromper, estas vozes que falam para todos. Brunet pensa em Paris, na Rue Montmartre, num barzinho onde ia beber uma taça de vinho branco ao sair de L'Huma. "Num domingo como este", diz o sargento, "teria ido com a minha mulher à minha quinta. Tenho uma quintazita a vinte e cinco quilômetros de Paris, pouco depois de Villeneuve-Saint-Georges, produz belos legumes". Uma voz grossa aprova do lado de lá das grades: "Ah! Ali a terra é muito boa." - "Voltávamos a esta hora", continua o sargento. "Ou talvez um pouco mais cedo, mesmo ao pôr do Sol; não gosto de pedalar à noite. A minha mulher trazia flores no guiador da bicicleta e eu punha os legumes no porta-bagagens da minha." - "Eu", diz Lambert, "não saía ao domingo. Há muita gente nas ruas, e depois, estás a ver, trabalho à segunda-feira e não é muito perto, é na estação de Lião". - "Que fazes na estação de Lião?" - "Estou nas informações; no edifício aqui de fora. Quando quiseses fazer uma viagem, procura-me para te marcar as reservas. Mesmo que seja na véspera, trato-te disso." - "Eu", interrompe Moúlu, "não conseguiria ficar em casa, aborrecia-me. Vivo sozinho". "Até ao sábado", prossegue Lambert, "muitas vezes acontecia-me não sair". "E então as mulheres?" - "As mulheres? Faço-as subir." - "Em tua casa", diz o lourinho estupefato. "E o que dizia a tua velha?" - "Não dizia nada. Fazia-nos a sopa e depois ia ao cinema." - "Ah! Bom!", comenta o lourinho. "Tens sorte, quando penso que a minha mãe me dava uma tarefa, aos dezoito anos, de cada vez que me via com uma mulher". - "Moras com ela, também?" "Já não, arranjei companhia e montei casa." Cala-se um instante, depois continua: "Esta noite não teria mos saído. Teríamos feito amor." Há um longo silêncio, Brunet ouve-os; sente-se quotidiano, eterno, diz quase timidamente: "Eu, a esta hora estava num barzinho da Rue Montmartre, bebia uma taça de vinho branco com os amigos." Ninguém responde, um tipo canta Mon cabanon, com uma voz bem timbrada. - Brunet pergunta a Schneider: "Quem é aquele homem?" Schneider responde: "É Gás sou, cobrador das Finanças, é de Nimes." O tipo canta, Brunet pensa: "Schneider não disse o que fazia ao domingo."

Um sobressalto, uma longa chamada melodiosa, que era? O vidro da clarabóia está branco; no chão branco projetam-se as sombras das grades, três horas da manhã. As vinhas repousam debaixo da sulfatagem da lua, Allier acaricia-se nos seus tufos, em Pont-de-Vau-Fleurville os vinhateiros esperam o comboio das três horas esfregando os pés no chão, Brunet pergunta alegremente: "Então o que era?" Sobressalta-se porque alguém lhe responde: "Psiu! Psiu! Ouve!" Não estou em Mâcon na minha cama, não são as férias grandes. Novamente a longa chamada branca: três assobios que se prolongam, se estendem, se desfazem. Aconteceu alguma coisa. Todo o sótão murmura, o enorme animal mexe-se no Chão; no fundo da noite sem idade, uma voz anuncia: "Um comboio! Um comboio!" Era então isso: o primeiro comboio. Alguma coisa começa: a noite abstrata vai tornar-se espessa e reviver, a noite vai recomeçar a cantar. Toda a gente começa a falar ao mesmo tempo: "O comboio, o primeiro comboio, a via está reparada, temos de reconhecer que fizeram bom trabalho, o Alemão foi sempre bom operário; ora essa, é no interesse deles, têm de recompor tudo; nesse comboio verão a França; nesse comboio; para onde vai? Nancy, talvez Paris; oh!, amigo, oh!, amigos; se levasse prisioneiros, prisioneiros de regresso, estão a imaginar?" O comboio prossegue lá fora sobre uma via provisória e há toda uma enorme casa que está de vigia. Brunet pensa: é um comboio de munições; tenta, por prudência, recusar a infância; tenta ver as carruagens ferrugentas, as cisternas, um deserto de ferro e aço; não consegue: mulheres dormem sob a luz azul de uma lâmpada, um odor de salpicão e vinho, um homem fuma no corredor e a noite, contra os vidros, devolve-lhe a sua imagem; amanhã de manhã, Paris. Brunet sorri, torna a deitar-se, enrolado na infância sob a luz murmurante da Lua, amanhã Paris, dormita no comboio, a cabeça encostada a um ombro nu e suave, acorda no meio de uma imensa luz de seda, Paris! Volta os olhos para a esquerda, sem mexer a cabeça: seis morcegos agarram-se às paredes com as patas, as asas caídas como saias. Acorda completamente: os morcegos são as sombras dos casacos pendurados na parede, naturalmente Moúlu, não tirou o casaco: obrigá-lo a tirá-lo quando dorme e a mudar de camisa, acabará por lhe pegar os piolhos. Brunet boceja, mais uma manhã; o que era, esta noite? Ah!, sim, o comboio. Ergue-se brusca-mente, afasta o cobertor e senta-se. O seu corpo é de pau, sente o cansaço em ziguezague, uma alegria lenhosa nos músculos entorpecidos como se a rudeza do soalho lhe tivesse

passado para a carne; estende-se, pensa: "Se voltar, nunca mais durmo numa cama." Schneider ainda dorme, de boca aberta, com uma expressão dolorosa; o nortista sorri aos anjos; Gassou, despenteado, de olhos vermelhos, parte bocados de pão em cima do cobertor e come-os; de vez em quando abre a boca e esfrega com o polegar a ponta da língua para tirar um pêlo de lã que ficou numa migalha; Moúlu, coça a cabeça perplexo, estrias negras marcam-lhe as rugas, parece ter os olhos pintados - descobrir uma maneira de o forçar a lavar-se; o lourinho pisca os olhos com um ar mole de quem procura alguma coisa, de repente o rosto ilumina-se-lhe: "Não me digas!" Só com a cabeça fora do cobertor, tem um ar espantado e satisfeito. "Que tens, idiota?", pergunta Moúlu. "Tensão", responde o lourinho. "Tensão", diz Moúlu incrédulo, "ah!, bem vejo! Parece um pau!" O lourinho afasta o cobertor, a camisa está levantada sobre as pernas louras e peludas: "É verdade", comenta Moúlu. "Felizardo!" - "Felizardo?", pergunta Gassou agastado. Eu acho que é uma desgraça!" - "Grande invejoso!", diz o lourinho, "bem gostarias que te acontecesse esta desgraça.". Moúlu sacode Lambert pelo braço, Lambert grita e sobressalta-se: "Que ê?" - "Olha!", exclama Moúlu. Lambert esfrega os olhos e examina. "Merda!", comenta simplesmente. Olha mais uma vez: "Pode-se tocar?" "Vai doer-me muito", diz o lourinho. "Se calhar é postiço." "Postiço! Postiço", repete o lourinho zangado. "Em casa acordava todas as manhãs com uma coisa duas vezes mais grossa do que esta". Está deitado de costas, de braços cruzados, de olhos semicerrados, com um sorriso infantil. "Já estava a ficar inquieto", continua, vigiando através dos cílios o pênis que se levanta e se baixa ao ritmo da sua respiração. "É que eu tenho uma mulher". Riem-se. Brunet volta a cabeça sufocado de raiva. Moúlu diz: "Eu ia ao bordel, só te digo: se já não tornasse a ser preciso, era da maneira que fazia economias." Riem-se mais, o lourinho acaricia o sexo com uma mão negligente e paternal, conclui: "Paraíso, terrestre!" Brunet volta-se bruscamente para o lourinho, diz-lhe entredentes: "Esconde isso!" - "De quê?", pergunta o de cabelo encaracolado cheio de volúpia. Gassou, que é culto, diz, troçando de Brunet: "Cachez ce sein que je ne saurais voir.²³" - "Vocês são uns porcos!", diz Brunet secamente. Voltaram a cabeça para ele, olham-no e Brunet pensa: "Não me suportam muito." Gassou resmunga qualquer coisa. Brunet inclina-se sobre ele: "Que dizes?" Gassou não responde, Moúlu diz,

conciliador: "De vez em quando não é crime falar de amor, refresca as idéias." - "Os impotentes é que costumam falar de amor", diz Brunet. "O amor faz-se quando se pode." - "E quando não se pode?" - "Temos de nos calar." Os outros estão todos com um ar perturbado e matreiro; lenta, mente, sem grande vontade, o lourinho tapa-se. Schneider ainda dorme; Brunet debruça-se sobre o nortista e sacode-o, o nortista resmunga e abre os olhos: "Ginástica!", diz Brunet. "Vamos!", concorda o nortista. Levanta-se e pega no casaco, descem até ao pátio das cavalariças. Em frente de uma das barracas o tipógrafo, Dewrouckere e os três caçadores esperam-nos. Brunet grita-lhes ao longe: "Como vai isso?" - "Vai indo. Ouviste o barulho, esta noite?" - "Ouvi", responde Brunet agastado, "Ouvi". Esta irritação desaparece rapidamente: eles são jovens, vivos, asseados; o tipógrafo pôs o barrete à banda com um arremedo de vaidade. Brunet sorri-lhe. Está a choviscar; no fundo do pátio, a multidão espera pela missa; Brunet verifica, com prazer, que é menos numerosa do que no primeiro domingo. "Fizeste o que eu te disse?" Dewrouckere, sem responder, abre a porta da barraca: espalhou palha pelo chão, Brunet respira um odor húmido a estrebaria. "Onde a apanhaste?" Dewrouckere sorri: "Desenrascamo-nos." - "Está bem", diz Brunet; olha para eles com amizade. Entram, despem-se, ficam só com as cuecas e as peúgas; Brunet enterra os pés na palha fofa e quebradiça, está satisfeito, diz: "Vamos." Os homens põem-se em fila, de costas voltadas para a porta. Brunet, à frente deles, faz os movimentos e vai contando. Imitam-no e a respiração assobia-lhes através dos dentes. Brunet olha para eles com prazer enquanto se põem de cócoras, com as mãos na nuca, fortes, com longos músculos em forma de us. Dewrouckere e Brunet são os mais fortes, mas têm os músculos arredondados; o tipógrafo é demasiado magro; Brunet olha para ele, inquieto, e depois vem-lhe uma idéia, endireita-se, grita: "Parem." O tipógrafo está satisfeito por parar, respira fundo. Brunet chega-se ao pé dele: "Ouve! Estás muito magro!" - "Perdi seis quilos desde vinte de junho." - "Como sabes?" - "Há uma balança na enfermaria." - "Tens de engordar", diz Brunet. "Não comes o suficiente." - "Como é que queres?" - "Há uma maneira muito simples", responde Brunet, "cada um de nós vai dar-te parte da sua ração". - "Eu...", protesta o tipógrafo. Brunet impõe-lhe silêncio. "Sou eu o médico e receito-te uma alimentação super. De acordo?", pergunta ele, voltado para os outros. "De acordo", dizem eles. "Bem, então, vais todas as manhãs ter connosco para fazer a recolha. Sentido!" Flexão e

rotação do tronco; um instante depois o tipógrafo vacila, Brunet franze o sobrolho: "Que há?" O tipógrafo sorri, desculpando-se: "É muito duro." - "Não pares", recomenda Brunet, "sobretudo, não pares". Os corpos viram-se como rodas, os cabeças desafiam o céu e metem-se entre as pernas, tornam a levantar-se, precipitam-se de novo. "Basta!" Deitam-se de barriga para baixo para fazerem movimentos abdominais, acabarão por fazer a ponte, o que os diverte, pois fá-los sentirem-se lutadores. Brunet começa a sentir os músculos, tem uma dor fina na virilha, sente-se bem; é o único bom momento do dia, as vigas escuras do teto andam para trás, a palha salta-lhe para a cara, respira-lhe o odor amarelo, as mãos tocam-na à frente, longe dos pés. "Vamos!", diz. "Vamos!" - "Isto custa", comenta o caçador. "Tanto melhor. Vamos! Vamos!" Levanta-se: "Agora tu, Marbot!" Marbot praticava catch antes da guerra; é massagista de profissão. Aproxima-se de Dewrouckere e segura-o pela cintura; Dewrouckere ri, tem cócegas, e deixa-se cair para trás, sobre as mãos. É a vez de Brunet, sente estas mãos quentes bem assentes nas suas ancas, atira-se para trás: "Não, não", diz Marbot, "não te crispes. Com leveza, santo Deus, não preciso força". Brunet estica as coxas, sente-se estalar, é demasiado velho, nodoso, mal consegue tocar o chão com a ponta dos dedos, levanta-se, contente apesar de tudo, transpira, volta-lhes as costas e põe-se a solicitar: "Parem!" Volta-se bruscamente: o tipógrafo caiu. Marbot deita-o na palha, diz com um leve tom de censura: "É demasiado duro para ele." - "Não", replica Brunet agastado. "É apenas por não estar habituado". De resto, o tipógrafo torna a abrir os olhos. Está pálido e respira com dificuldade: "Então, rapaz?", pergunta Brunet amigavelmente. O tipógrafo sorri-lhe confiado: "Estou bem, Brunet, estou bem. Peço desculpa, eu..." - "Bem, bem", diz Brunet, "estarás melhor quando comeres mais. É tudo por hoje, camaradas... Para o duche e em passo de ginástica". De cuecas, as roupas debaixo do braço, correm até à mangueira; atiram com as roupas para cima de uma lona, enrolam-na para o embrulho se tornar impermeável, tomam banho debaixo de chuva. Brunet e o tipógrafo pegam na mangueira e dirigem o jato para Marbot. O tipógrafo olha ansiosamente para Dewrouckere, afina a voz e diz a Brunet: "Queremos falar-te." Brunet volta-se para ele sem largar a mangueira: o tipógrafo baixa os olhos, Brunet está levemente irritado: não gosta de meter medo. Diz secamente: "Esta tarde, às três horas, no pátio." Marbot esfrega-se com um bocado de cáqui e torna a vestir-se. Exclama:

"Eh!, rapazes!, há novidades!" Um moreno muito alto discursa no meio de um grupo de prisioneiros: "É Chaboche, o secretário", esclarece Marbot muito excitado. "Vou ver o que há". Brunet vê-o afastar-se: o imbecil nem sequer teve tempo de pôr as polainas, leva uma em cada mão. "Que pensas que há?", pergunta o tipógrafo. Procura ter um ar descontraído, mas a sua voz não engana: é a voz que todos eles têm, cem vezes por dia, a voz da esperança. Brunet encolhe os ombros: "Que os Russos tenham desembarcado em Brême ou os Ingleses tenham pedido o armistício: não muda nada." Olha para o tipógrafo sem simpatia. O rapaz morre de vontade de ir ter com os outros, mas não ousa. Brunet sabe perfeitamente que é só por timidez: se ele voltasse as costas, desataria a correr, plantar-se-ia diante de Chaboche, de olhos esbugalhados, narinas dilatadas, ouvi dos à escuta, todo ele aberto. "Dá-me banho", diz Brunet. Tira as cuecas, a carne regozija-se debaixo do jato adstringente, gotas de água, milhares de pequenas bolinhas de carne, força; esfrega o corpo, com as mãos, olhos fixos nos basbaques: Marbot meteu-se no meio do grupo, levanta para o orador o nariz arrebitado. Meu Deus, se ao menos perdessem a esperança; se ao menos tivessem alguma coisa para fazer. Antes da guerra, era o trabalho que lhes servia de pedra de toque, que decidia da verdade, que regulava as suas relações com o mundo. Agora, que não têm nada que fazer, acreditam que tudo é possível, sonham, já não sabem o que é verdade. Estes três homens que passeiam leves e lentos, que avançam por ondulações naturais, com sorrisos vegetais no rosto, estarão acordados? De vez em quando uma palavra sai-lhes da boca, como em sonhos, e eles, não parecem aperceber-se disso. Com quem sonham? Fabricam, de manhã à noite, uma toxina própria, o sensacional de que se sentem privados; dia a dia, vão contando a história que deixaram de viver: uma história cheia de golpes teatrais e sangue. "Está bem assim." O jato baixa, há espuma entre as pedras, Brunet limpa-se, Marbot vem ter com eles, com um ar cego e glorioso. Balança-se um pouco, depois decide-se a falar. Diz com uma indiferença fingida: "Vamos ter visitas." O rosto do tipógrafo torna-se escarlate: "Quê? Que visitas?" - "As famílias." - "A sério?", pergunta Brunet irônico. "E quando?" Marbot torna e levantar-se rapidamente e olha-o nos olhos com um ar de sensação: "Hoje." - "Claro", diz Brunet. "E encomendaram vinte mil camas para que os prisioneiros possam fazer amor com as mulheres". Dewrouckere ri-se; o tipógrafo não se atreve a não se rir, mas os seus olhos continuam

esfomeados. Marbot sorri tranquilamente: "Não, não", explica. "É oficial! Foi Chaboche quem o disse". - "Ah! Se foi Chaboche!", troça Brunet rindo. "Diz que será afixado esta manhã". - "Afixado no meu cu!", adianta Dewrouckere. Brunet sorri-lhe. Marbot tem um ar surpreso. "É a sério; também disseram a Gartiser, foi um camionista alemão quem lhe disse, parece que elas vêm de Épinal e de Nancy." - "Elas, quem?" - "As famílias, quem havia de ser! Chegaram ontem de motocicleta, a pé, de carroça, no comboio de mercadorias, dormiram em enxergas, na Câmara, e foram suplicar, esta manhã, junto do comandante alemão. Olha", exclama. "Olha! Ali está o papel." Um tipo está a colar qualquer coisa na porta, é uma corrida, a multidão amontoa-se à volta da entrada; Marbot aponta para a porta com um gesto largo: "Então?", pergunta triunfalmente, "foi no teu cu que afixaram o papel? Foi no teu cu?" Dewrouckere encolhe os ombros. Brunet enfia lentamente a camisa e as calças, aborrecido por não ter tido razão. Diz: "Adeus, rapazes. Depois fechem a torneira." Vai tranquilamente juntar-se à multidão que se esmaga de encontro à porta; pode ser um boato como os outros, Brunet detesta as pequenas felicidades imerecidas que vêm alegrar de vez em quando os corações cohardes, um prato de sopa, visita das famílias, tudo isto complica o trabalho. Lê ao longe, por cima das cabeças: "O comandante do campo autoriza os prisioneiros a receber visitas das suas famílias (parentesco direto). Uma sala do rés-do-chão será reservada para esse efeito. As visitas efetuar-se-ão, até nova ordem, ao domingo, das catorze às dezassete horas. Em nenhum caso ultrapassarão vinte minutos. Se o compartimento dos prisioneiros não justificar esta medida excepcional, as visitas serão suspensas." Godchaux levanta a cabeça com um desabafo feliz: "Temos de ser justos: não são safados." À esquerda de Brunet, Gallois ri-se. Um estranho riso adormecido. "De que te estás a rir?", pergunta Brunet. "Oh!", diz Gallois. "Está a começar. Está a começar a pouco e pouco". - "Está a começar, o quê?" Gallois tem um ar desconcertado, faz um gesto vago, para de rir e repete: "Está a começar." Brunet atravessa a multidão e atinge a escada: à sua volta, no sombrio rés-do-chão, um formigueiro, levanta a cabeça e vê mãos de um azul-pálido sobre o corrimão e uma longa espiral oscilante de rostos azuis; empurra, empurram-no, sobe agarrando-se às grades, esmagam-no de encontro ao corrimão, que abana; durante todo o dia há tipos que sobem e descem sem terem nenhuma razão; pensa: "Não há nada a fazer, não são

suficientemente infelizes." Tornaram-se capitalistas, proprietários, a caserna é deles, organizam expedições ao telhado, às caves, descobriram livros num celeiro. Claro que não há medicamentos na enfermaria nem mantimentos na cozinha, mas existe uma enfermaria, uma cozinha, um secretariado e até barbeiros.; sentem-se administrados. Escreveram às famílias e, há dois dias, o tempo das cidades recomeçou a andar. Quando o Kommandante os obrigou a acertar os relógios pela hora alemã, apressaram-se a obedecer, mesmo os que desde o mês de Junho traziam, em sinal de luto, os relógios parados nos pulsos: este tempo vago que passava desordenadamente militarizou-se, deram-lhes o tempo alemão, verdadeiro tempo de vencer, o mesmo que corre em Dantzig, em Berlim: tempo sagrado. Não são suficientemente infelizes: enquadados, administrados, alimentados, alojados, governados, irresponsáveis. De noite houve este comboio e eis que, as famílias vão chegar com os braços carregados de conservas e de consolações. Tantos gritos, choros e beijos! Era o que lhes estava a fazer falta; até agora, pelo menos eram modestos. Agora vão sentir-se importantes. As mulheres e as mães tiveram todo o tempo de criar o mito heróico do prisioneiro, encarregar-se-ão de o transmitir. Chega ao sótão, mete-se pelo corredor, entra no seu compartimento e olha para os companheiros com raiva. Estão lá, deitados como habitualmente, sem fazer nada, a sonhar, confortáveis, e mistificados; Lambert, de sobancelhas arqueadas, com um ar amuado e surpreendido, está a ler *Les Petites Filles MoMes*. Basta um olhar para compreender que a novidade ainda não chegou ao sótão. Brunet hesita: deverá anunciá-la? Imagina-lhes os olhos brilhantes, a exaltação e a tagarelice... "Sabê-la-ão sempre demasiado cedo." Senta-se em silêncio. Schneider desceu para se lavar; o nortista ainda não subiu, os outros olham para Brunet consternados. "Que há?", pergunta Brunet. Não respondem logo, depois Moulu responde baixando a voz: "Há piolhos na número seis." Brimet sobressalta-se e faz uma careta. Sente-se nervoso, enerva-se ainda mais, diz violentamente: "Não quero aqui piolhos." Pára bruscamente, morde o lábio inferior, olha para eles com incerteza. Ninguém reage: os rostos que se voltam para ele continuam mortiços e como que envergonhados. Gassou pergunta: "Diz, Brunet, o que vamos fazer?" Sim, sim, não gostam muito dele, mas quando há qualquer coisa má é a ele que vêm chamar. Responde, mais calma mente: "Não se quiseram mudar quando eu vos disse..." - "Mudar para, onde?" - "Havia

compartimentos livres. Lambert, eu Tinha-te dito que fosses ver se a cozinha estava livre, no rés-do-chão." - "A cozinha!", diz Moúlu, "muito, obrigado, dormir em cima dos ladrilhos para ficarmos com diarreia e, além disso, há muitas baratas". - "Sempre são melhores do que os piolhos. Lamber, estou a falar contigo! Foste lá ver?" - "Fui" - "Então?" - "Ocupada." - "Então, olha: há oito dias que lá devias ter ido." Sente-se corar, muda de tom, grita: "Não haverá aqui piolhos! Não haverá!" "Calma!, calma!", pede o lourinho. "Não te excites; a culpa não é nossa". Mas o sargento grita também: "Ele tem razão! Tem razão! Fiz toda a guerra de catorze e nunca tive piolhos, não vou começar agora a tê-los por culpa de uns chatos como vocês que nem sequer se sabem lavar!" Brunet acalmou; fala com ar tranquilo: "Temos de tomar medidas urgentes!" O lourinho goza: "Bem gostaríamos, mas quais?" - "Primeiro", diz Brunet, "vocês todos passam a ir todos os dias ao duche. Segundo, todos têm de catar os piolhos todas as noites." - "Que queres dizer com isso?" - "Que se põem em pêlo, pegam nos casacos, cuecas, camisas e vêem se há piolhos nas costuras. Se têm roupas de flanela é aí que se metem de preferência." Gassou suspira: "Vai ser lindo!" - "Quando se deitarem", prossegue Brunet, "penduram as roupas nos pregos, as camisas também: dormimos nus debaixo dos cobertores." - "Merda!", diz Moúlu. "Vou apanhar uma bronquite". Brunet volta-se vivamente para ele. "Tu, Moúlu, tu és um ninho de piolhos, isto não pode continuar." - "Não é verdade!", protesta Moúlu congestionado pela indignação. "Não é verdade, não tenho piolhos". - "Podes não os ter neste momento, mas se os houver num raio de vinte quilômetros é tão certo que virão ter contigo como nós termos perdido a guerra." - "Não há razão para isso", diz Moúlu agastado. "Porquê em mim e não em ti? Não há nenhuma razão." - "Há uma", diz Brunet com voz forte, "é que tu és mesmo um porco!" Moúlu lança-lhe um olhar envenenado, abre a boca, mas já os outros se puseram a rir e a gritar. "Ele tem razão, cheiras mal, fedes, pareces uma mulher que não se lava, és imundo, tiras-me o apetite, não consigo comer ao pé de ti!" Moúlu endireita-se e encara-os. "Lavo-me", diz ele surpreendido. "Lavo-me mais do que vocês. Mas não sou como vocês, que se põem nus no meio do pátio para se armarem". Brunet põe-lhe o dedo debaixo do nariz: "Lavaste-te ontem?" - "Naturalmente." - "Então mostra aqui os pés." Moúlu dá um salto: "Estás doido?" Senta-se em cima das pernas: "Nunca te mostrarei os pés". - "Tirem-lhe as botas", ordena Brunet.

Lambert e o lourinho atiram-se a Moúlu, deitam-no ao chão, Gassou faz-lhe cócegas. "Então", diz o sargento, "fica quieto". Moúlu pára, ainda sacudido pelos arrepios; Lambert sentou-se-lhe em cima do peito; o sargento desaperta-lhe o sapato direito, puxa-o, aparece o pé, o sargento empalidece, larga o sapato e levanta-se subitamente: "Santo Deus", exclama. "Sim", diz Brunet, "santo Deus!" Lambert e o lourinho levantam-se em silêncio, olham para Moúlu com uma surpresa admirativa. Moúlu, calmo e digno, torna a sentar-se. Uma voz furiosa grita do quarto. ao lado: "Que se passa, tipos da quatro? Que estão a fazer? Cheira mal, cheira a manteiga rançosa." - "É Moúlu que está descalço", explica Lambert com simplicidade. Olham para o pé de Moúlu: o dedo grosso sai, negro, da peúga toda rota. "Viste a sola dos pés?" -, pergunta Lambert. "Já não é peúga, é renda". Gassou respira para dentro do lenço. O lourinho abana a cabeça e repete com uma espécie de respeito: "Ah! Ora isto! Ora isto!" - "É horrível", diz Brunet. "Tapa isso!" Moúlu calça precipitadamente o sapato. "Moúlu", prossegue Brunet muito sério, "és um perigo público. Vais tomar, um banho e já depressa. Se não estiveres lavado dentro de meia hora, não comes e não dormes aqui esta noite". Moúlu olha-o com raiva, mas levanta-se sem protestar; diz apenas: "Então tu é que mandas aqui?" Brunet evita responder; Moúlu sai, os tipos gozam, Brunet não se ri; pensa nos piolhos: "Em todo o caso eu não terei piolhos." - "Que horas são?", pergunta o lourinho, "sinto o estômago vazio". - "Meio-dia", responde o sargento. "Meio-dia, é a hora da distribuição, quem é que está de serviço?" - "É Gassou." - "Pois bem! Despacha-te, Gassou." - "Temos tempo", replica este. "Despacha-te, já te disse; quando estás de serviço, somos sempre os últimos a comer." - "Está bem!" Gassou enfia o barrete e sai. Lambert recomeçou a ler. Brunet, nervoso, sente comichão entre os ombros; Lambert vai lendo e coçando a perna, o lourinho olha para ele: "Tens piolhos?" "Não", responde Lambert, "mas como falámos nisso". - "Olha!", diz o lourinho, "eu também". Coça o pescoço. "Brunet, não tens comichões?" - "Não", diz Brunet. Calam-se, o lourinho coça-se com um sorriso crispado, Lambert lê e coça-se; Brunet enfia as mãos nos bolsos e não se coça. Gassou torna a aparecer à porta, com um ar zangado: "Estão a gozar comigo? Onde está o pão?" - "O pão? Cretino, não está ninguém lá em baixo, as cozinhas nem sequer estão abertas." Lambert mostra uma expressão aflita: "Será que isto vai recomeçar como em Junho?" As almas proféticas e preguiçosas estão sempre prontas a

acreditar no pior ou no melhor. Brunet volta-se para o sargento: "Que horas são?" - "Meio-dia e dez." - "Tens a certeza de que o teu relógio regula bem?" O sargento sorri e olha para o relógio complacentemente. "É um relógio suíço", responde ele simplesmente. Brunet grita para os companheiros do quarto ao lado: "Que horas têm vocês?" - "Onze e dez", responde uma voz. O sargento exulta: "Que vos tinha eu dito?" - "Disseste: meio-dia e dez, grande parvo", exclama Gassou rancoroso. "Pois está bem: meio-dia e dez, hora de França, onze e dez, hora dos "boches"." - "Idiota!", exclama Gassou cheio de raiva. Passa por cima do corpo de Lambert e deixa-se cair em cima do cobertor. O sargento prossegue tranquilamente: "Não é por a França estar mergulhada em merda que vou deixar a hora francesa!" - "Já não há hora francesa, ouviste? De Marselha a Estrasburgo os "boches" impuseram a deles." "Talvez", replica o sargento, tranquilo e teimoso. "Mas ainda está para nascer quem me há-de fazer mudar a minha hora". Volta-se para Brunet e explica: "Quando os "boches" estiverem em debandada, vocês ficarão muito contentes por a reencontrar." - "Olhem", grita Lambert, "vejam Moúlu todo elegante". Moúlu entra, rosado e fresco, com ar de domingo. Os tipos põem-se a rir: "Então, Moúlu, estava boa?" - "Quê?" - "A água." - "Sim, sim", responde Moúlu distraidamente, "muito boa." - "Perfeito", diz Brunet. "Fica combinado, de futuro mostra-nos os pés todas as manhãs". Moúlu parece não ouvir, arvora um sorriso importante e misterioso. "Tenho notícias, rapazes,. ponham-se direitos!" "Que é, que é? Notícias, que notícias?" Os rostos brilham, coram, abrem-se, Moúlu declara: "Vamos ter visitas!" Brunet levanta-se sem barulho e sai, há gritos atrás dele, apressa o passo, mete-se pela floresta movediça da escada, o pátio está repleto, os tipos andam às voltas debaixo de chuva, uns atrás dos outros; olham todos para o interior do círculo que descrevem; todas as janelas ostentam cabeças curiosas: aconteceu alguma coisa. Brunet entra na roda, põe-se também às voltas mas sem curiosidade: todos os dias neste mesmo lugar acontece qualquer coisa, há tipos que param e parecem esperar, os outros dão voltas olhando para eles. Brunet dá voltas, o sargento André sorri-lhe: "Olha, ali está Brunet, aposto que anda à procura de Schneider." "Viste-o?", pergunta Brunet vivamente. "Vi", responde André rindo. "Por sinal, até anda à tua procura". Volta-se para os outros e goza: "Aqueles dois são unha com carne, sempre juntos ou um à procura do outro." Brunet sorri: unha com carne, porque não? A sua amizade por Schneider, tolera-a porque não lhe faz

perder tempo: é como um conhecimento de bordo, não compromete; se voltarem do cativoiro, não tornarão a ver-se. Uma amizade sem exigências, sem direitos, sem responsabilidades: apenas um pouco de calor no estômago. Dá voltas, André também, a seu lado, em silêncio. No centro deste lento torvelinho, há uma zona de calma absoluta: homens com capote, sentados no chão ou em cima das sacolas. André, ao passar, agarra Clapot: "Quem são aqueles homens?" "São os castigados", responde Clapot. "Os quê?" Clapot solta-se com impaciência: "Os castigados, já te disse." Recomeçam às voltas sem deixar de olhar para estes homens imóveis e mudos. "Castigados!", resmunga André. "É a primeira vez que eu vejo castigados. Castigados porquê? Que fizeram?" Brunet alegra-se: Schneider está lá, do lado de fora do círculo, olha para o grupo dos castigados e coça o nariz. Brunet gosta muito desta maneira que Schneider tem de pôr a cabeça à banda; pensa com prazer: "Vamos conversar." Schneider é muito inteligente. Mais inteligente do que Brunet. A inteligência não é muito importante, mas torna as relações agradáveis. Põe a mão no ombro de Schneider e sorri-lhe; este corresponde com um sorriso sem alegria. Brunet pergunta por vezes a si próprio se Schneider tem prazer em o ver: nunca se largam, mas, se Schneider tem alguma simpatia por Brunet, não a manifesta muitas vezes. No fundo, Brunet agradece-lhe: detesta as demonstrações. "Então?", pergunta André, "encontraste o teu Schneider?" Brunet ri-se, Schneider não. André pergunta a Schneider "Diz! Porque foram castigados?" - "Quê? Aqueles homens?" - "Não são castigados", responde Schneider. "São os alsacianos. Não vês Gartiser na primeira fila?" - "Ah! É isso!", diz André. "É isso!" Parece satisfeito, fica um momento ao pé deles, com as mãos nos bolsos, informado, liberto; depois perturba-se brusca mente: "Porque estão ali?" Schneider encolhe os ombros: "Pergunta-lhes." André hesita; depois, devagar, aproxima-se deles fingindo indiferença. Os alsacianos, apurados e inquietos, sentados muito direitos na sua insegurança, embrulhados nos capotes, como saíotes, parecem emigrantes no tombadilho de um navio. Gartiser está sentado de pernas cruzadas, as mãos espalmadas nas coxas, com grandes olhos de galinha, muito abertos. "Então, rapazes", pergunta André, "há alguma novidade?" Não respondem; o rosto de André, cheio de incertezas, move-se acima das suas cabeças. "Há novidade?" Nenhuma resposta. "Pensei que havia, quando vos vi sentados em círculo. Eh! Gartiser?" Gartiser decidiu-se a levantar a cabeça, olha para

André com arrogância. "Para que estão juntos, vocês, os alsacianos?" - "Porque nos mandaram." - "E os capotes, as bagagens, disseram-vos para as trazerem?" - "Sim." - "Porquê?" - "Não sei." André está vermelho de indignação: "Enfim, sempre têm uma idéia?" Gartiser não responde; atrás dele fala-se alsaciano com impaciência. André endireita-se, ofendido: "Basta", diz. "Neste Inverno, vocês estavam menos orgulhosos, não avançavam com o vosso dialeto, mas agora, que fomos vencidos, já não sabem falar francês". As cabeças nem sequer se levantam; o alsaciano é o barulho contínuo e natural da folhagem ao vento. André goza, o olhar fixo neste canteiro de cabeças: "Não é muito agradável ser francês hoje em dia, não é, rapazes?" - "Não te preocupes connosco", responde-lhe vivamente Gartiser, "não o seremos por muito tempo". André hesita, franze o sobrolho, procura a resposta exata e não a encontra. Dá meia volta e vai ter com Brunet: "Pronto!" Atrás das costas de Brunet há vozes que se levantam, irritadas: "Para que vais falar com eles, tu? Deixa-os quietos, são "boches". Brunet olha para eles; rostos azedados e lívidos, leite coalhado: a inveja. A inveja dos pequenos-burgueses, pequenos comerciantes de bairro, tiveram inveja dos funcionários, depois dos soldados dos serviços especializados. Agora, dos alsacianos. Brunet sorri: vê estes olhos inflamados pelo despeito, sentem-se vexados por serem franceses: é melhor do que a resignação passiva; até a inveja deve poder ser trabalhada: "Já alguma vez te emprestaram alguma coisa, ou te ajudaram?" - "Serás doido? Havia alguns que tinham carne nos primeiros dias, comiam-na mesmo ao pé de ti, eram capazes de te deixar morrer de boca aberta." Os alsacianos ouvem; voltam para os franceses os rostos vermelhos e louros, ainda vai dar asneira. Um grito rouco: os franceses. dão um salto para trás, os alsacianos põem-se de pé e em sentido: nos degraus da escadaria acaba de aparecer um oficial alemão, alto e frágil, com olhos fundos num rosto manchado. Fala, os alsacianos ouvem Gartiser, escarlate, estende o pescoço. Os franceses também ouvem, sem compreender, com um interesse cheio de consideração. Os ânimos acalmam-se: têm consciência de assistir a uma cerimônia oficial. Uma cerimônia é sempre agradável. O oficial fala, o tempo passa, impune e sagrado, esta língua estranha é como o latim na missa; os alsacianos, já ninguém ousa invejá-los: assumiram a dignidade de um coro. André meneia a cabeça, diz: "Não é muito feia a língua deles." Brunet não responde: são como os macacos, não conseguem estar zangados

mais de cinco minutos. Pergunta a Schneider: "Que diz ele?" - "Diz-lhes que foram libertados." A voz do comandante sai aos safanões entusiásticos da sua face negra; grita, mas os seus olhos não brilham. "Que diz ele?" Schneider traduz em voz baixa: "Graças ao Fuhrer, a Alsácia vai voltar ao seio da mãe-pátria." Brunet olha os alsacianos; têm rostos lentos, sempre atrasados relativamente aos sentimentos. Dois ou três, no entanto, coraram. Brunet diverte-se. A voz alemã levanta-se e precipita-se, salta de degrau em degrau, o oficial ergueu os punhos acima da cabeça, com os cotos velos marca o ritmo à sua voz de glória, toda a gente está emocionada, como ao içar da bandeira, ao passar da banda militar; os dois punhos abrem-se no ar, os tipos estremecem, o oficial grita: "Heil Hitler!" Os alsacianos estão petrificados; Gartiser volta-se para eles e fulmina-os com o olhar, depois vira-se para o comandante, estica o braço e grita: "Heil!" Um silêncio imperceptível, depois os braços levantam-se; sem querer, Brunet pega no pulso de Schneider e aperta-o com força. Agora há gritos. Há quem grite "Heil" com uma espécie de arrebatamento e outros que abrem simplesmente a boca sem imitar um som, como as pessoas que fingem cantar na igreja. Na última fila, de cabeça baixa, as mãos enfiadas nos bolsos, um rapagão parece sofrer. Os braços descaem, Brunet larga o punho de Schneider; os franceses calam-se, os alsacianos tornam a pôr-se em sentido, têm rostos de mármore branco, cegos e surdos, sob a chama loura dos seus cabelos. O comandante dá uma ordem, a coluna desfaz-se, os franceses afastam-se, os alsacianos desfilam entre duas alas de curiosos. Brunet volta-se, olha para os rostos ofegantes dos camaradas. Gostaria de ver neles a fúria e o ódio, apenas vê um leve e hesitante desejo. Ao longe, abriu-se o portão; em pé na escadaria o comandante alemão olha com um sorriso bondoso para a coluna que se afasta. "Caramba", diz André. "Caramba!" - "Merda para tudo isto", exclama um barbudo, "quando penso que nasci em Limoges..." André abana a cabeça, repete: "Caramba!" - "Que é que não está bem?", pergunta-lhe Charpin, o cozinheiro. "Bolas!", respondeu André. O cozinheiro tem um ar alegre e animado; pergunta: "Ouve lá, idiota, se te bastasse gritar "Heil Hitler" para te mandarem para casa, tu não gritavas? Não te compromete. Gritas, mas não dizes o que pensas." - "Oh! Eu, claro que gritava", diz André, "gritava o que eles quisessem, mas com estes o caso é outro: são alsacianos; têm deveres para com a França". Brunet faz sinal a Schneider; escapam-se, refugiam-se no

outro pátio, que está deserto. Brunet encosta-se à parede, debaixo do telheiro, em frente das estrebarias; não muito longe, sentado no chão, rodeando os joelhos com os braços, está um soldado, alto, de cabeça pontiaguda e pouco cabelo. Não os perturba. Parece o bobo da aldeia. Brunet olha-lhe para os pés. Diz: "Viste os dois socialistas alsacianos?" - "Quais socialistas?" - "Tínhamos descoberto dois socialistas entre os alsacianos; Dewrouckere contactara com eles na semana passada, queriam dar cabo de tudo." - "E então?" "Levantaram o braço como os outros." Schneider não responde: Brunet fixa o olhar no bobo da aldeia, é um jovem, com um nariz aquilino, cinzelado, um nariz de rico; na sua face de elegante, marcada por trinta anos de vida burguesa, com rugas finas, transparências e todas as sinuosidades da inteligência, reflete-se a estupidez tranquila dos animais. Brunet encolhe os ombros: "É sempre a mesma história: um dia contactas com um tipo, ele está de acordo: no dia seguinte já não, mudou de idéias, ou finge não te conhecer." Aponta com o dedo para o bobo: "Estava habituado a trabalhar com homens. Mas com isto..." Schneider sorri: "Isto era um engenheiro da Thompson. O que se chama um rapaz com futuro à frente dele." - "Pois bem", diz Brunet, "agora tem, o futuro atrás dele". - "Ao certo", pergunta Schneider, "quantos somos?" "Já te disse que não posso saber, varia. Enfim, admitamos que somos cerca de cem." - "Cem, em trinta mil?" "Sim. Cem em trinta mil." Schneider formulou a pergunta com voz neutra; não faz nenhum comentário: no entanto, Brunet não ousa olhar para ele. "Há qualquer coisa que não bate certo", prossegue Brunet. "Calculando na base de trinta e seis, devíamos poder agrupar um terço dos prisioneiros." - "Já não estamos em trinta e seis", observa Schneider. "Eu sei", concorda Brunet. Schneider toca numa narina com a ponta do indicador. "O que acontece é que recrutamos os tipos mais regateiros, o que explica a instabilidade da nossa clientela. Um regateiro não é necessariamente um descontente; pelo contrário, está contente por regatear. Se lhe pro puseres tirar as conclusões do que ele diz, pretende naturalmente que está de acordo para não ter de desarmar, mas mal viras as costas transforma-se em corrente de ar: já fiz a experiência mais de vinte vezes." - "Eu também", diz Brunet. "Era necessário recrutar os verdadeiros descontentes", continua Schneider, "todos os verdadeiros tipos de esquerda que liam Marianne e Vendredi, que acreditavam na democracia e no progresso". - "Pois é!", diz Brunet. Olha para as cruzes de madeira no cimo

do monte e para a erva brilhante depois do chuveiro; acrescenta: "De vez em quando passo por um tipo isolado que se arrasta como um convalescente e digo para mim: ali está um. Mas que queres? Se te aproximas, eles têm medo. Desconfiam de tudo." - "Não é só isso", insiste Schneider. "Parece-me que têm muita vergonha. Sabem que são os grandes vencidos e nunca mais se reabilitarão." - "No fundo", interrompe Brunet, "não conseguem retomar a luta: preferem convencer-se de que a derrota é irremediável; é mais consolador!" Schneider diz entre dentes, com um ar estranho "Pois é, é consolador." - "Quê?" - "É sempre consolador pensares que a tua derrota é a de todo o mundo." - "Suicidas!", exclama Brunet aborrecido. "Talvez", diz Schneider. Acrescenta suavemente: "Mas, sabes, a França, são eles. Se não os atingires, o que fizeres não serve de nada." Brunet volta a cabeça e olha para o bobo, este rosto deserto fascina-o; o bobo boceja voluptuosamente e chora, um cão espreguiça-se, a França espreguiça-se, Brunet espreguiça-se: pára de bocejar, pergunta sem levantar os olhos, com uma voz baixa e rápida: "Devemos continuar?" "Continuar o quê?" - "O trabalho." Schneider tem um riso seco e desagradável: "Perguntas-me isso a mim!" Brunet levanta a cabeça, surpreende nos lábios grossos de Schneider um sorriso sádico e doloroso quase a apagar-se. Schneider pergunta: "Que fazias se desistisses?" O sorriso desapareceu, a expressão tornou-se calma e pesada, um mar morto, nunca se perceberá nada deste rosto. "Que fazia? Ia-me embora, ia ter com os camaradas a Paris." - "A Paris?" Schneider coça a cabeça, Brunet pergunta viva mente: "Pensas que lá se está a passar a mesma coisa que aqui?" Schneider reflete: "Se os Alemães forem corretos..." - "Corretos", diz Brunet, "devem ser! Podes estar certo de que ajudam os cegos a atravessar as ruas". - "Então", continua Schneider, "acho que deve ser a mesma coisa" Endireita-se bruscamente e olha para Brunet com uma curiosidade sem dor: "Por que esperas?" Brunet endireita-se: "Não espero nada; nunca esperei nada, estou-me pouco ligando para a esperança: eu sei." - "Então, que sabes?" - "Sei que a U.R.S.S. entrará tarde ou cedo na dança", diz Brunet, "sei que espera a hora exata e quero que os nossos camaradas estejam prontos". - "A hora já passou", replica Schneider. "Antes do Outono a Inglaterra estará de rastos. Se a U.R.S.S. não interveio quando havia uma esperança de criar duas frentes, como queres que intervenha agora que seria a única a bater-se?" - "A U.R.S.S. é o país dos trabalhadores", observa Brunet. "E os trabalhadores

russos não permitirão que o proletariado europeu seja dominado pelos nazis". - "Então porque permitiram que Molotov assinasse o pato germano-soviético?" - "Naquele momento não havia outra coisa a fazer. A U.R.S.S. não estava pronta." - "Que te prova que hoje o esteja?" Brunet põe a mão na parede irritado: "Não estamos no Café du Commerce", grita, "não vou discutir isso contigo: sou um militante e nunca perdi o meu tempo a fazer altas especulações políticas: tinha o meu trabalho e realizava-o. Quanto ao resto, confio no Comitê Central e na U.R.S.S.; não é agora que vou modificar-me". - "É o que eu pensava", conclui Schneider tristemente, "vives de esperança". Este tom fúnebre desespera Brunet: parece-lhe que a tristeza de Schneider é fingida. "Schneider", diz sem levantar a voz, "não é impossível que o Politburo tenha sido todo ele acometido de loucura. Mas, pelo mesmo raciocínio, também não é impossível que este teto te caia em cima da cabeça; no entanto, não passas a vida a olhar para ele. Claro que podes dizer-me, se quiseses, que tens fé em Deus ou no arquiteto, são apenas palavras: sabes muito bem que há leis naturais e que os prédios se mantêm de pé porque são construídos de acordo com essas leis. Então, como queres que passe o tempo a interrogar-me sobre a política da U.R.S.S. e porque me vens falar na minha confiança em Estaline? Sim, tenho confiança nele, e em Molotov e em Jdanov: na mesma medida em que tu acreditas na solidez destas paredes. Ou seja, sei que há leis históricas e que, devido a essas leis, o país dos trabalhadores e os proletários europeus têm interesses idênticos. De resto, não penso muitas vezes nisso, não mais do que tu pensas nos alicerces da tua casa: há o teto em cima, o chão em baixo, há uma certeza que me transporta e me permite prosseguir os objetivos concretos que o Partido me indica. Quando estendes a mão para pegar na tua gamela, o teu gesto, só por si, postula o determinismo universal; comigo, é também assim: o mínimo dos meus atos afirma implicitamente que a U.R.S.S. está na vanguarda da Revolução mundial". Olha para Schneider com ironia e conclui: "Que queres? Sou apenas um militante." Schneider não abandonou o seu ar desencorajado; tem os braços pendentes; os olhos mortiços. Dir-se-ia que quer esconder a sua agilidade de espírito atrás da lentidão da sua mímica. Brunet notou-o muitas vezes: Schneider tenta tornar mais lenta a sua inteligência como se quisesse aclimatar dentro de si um determinado gênero de pensamento paciente e tenaz que ele acredita, sem dúvida, ser próprio dos camponeses e dos soldados. Porquê? Para

afirmar no fundo de si próprio a sua solidariedade com eles? Para protestar contra os intelectuais e contra os chefes? Por horror ao pedantismo? "Pois bem", diz Schneider, "milita, rapaz, milita. Só que a tua ação se assemelha estranhamente aos faladores do Café du Commerce: com muita dificuldade conseguimos juntar uma centena de idealistas infelizes e impingimos-lhes uma série de asneiras sobre o futuro da Europa". - "É fatal", replica Brunet: "enquanto não trabalharem, não posso dar-lhes trabalho a realizar; conversa-se, contata-se. Espera que sejamos transportados para a Alemanha, verás se não nos metemos ao trabalho". - "Oh! Sim, esperarei", concorda Schneider com a sua voz adormecida. "Esperarei: terei de esperar. Mas os padres e os nazis, esses, não esperam. E a propaganda deles é muito mais eficaz do que a nossa". Brunet olha-o nos olhos: "Então? Onde queres chegar?" - "Eu", responde Schneider espantado, "mas... a nada. Estávamos à falar das dificuldades de recrutamento..." - "Será culpa minha", pergunta Brunet violentamente, "se os Franceses são uns safados que não têm força nem coragem? Será culpa minha, se..." Schneider endireita-se e corta-lhe a palavra; a expressão tornou-se dura, a voz sai tão rápida e gaguejante que parece ter sido um outro que lhe roubou a boca para insultar Brunet: "Tu és... tu és sempre... És tu o safado", grita, "és tu! É fácil assumir um ar de superioridade quando se tem um partido por trás; quando se tem uma cultura política e o hábito dos maus momentos, é fácil desprezar os pobres enterrados na merda". Brunet não se comove: lamenta apenas ter perdido a paciência. "Não desprezo ninguém", observa. "E, quanto aos companheiros, concedo-lhes todas as circunstanciais atenuantes". Schneider não o ouve: os seus grandes olhos abrem-se, parece esperar um acontecimento interior. De repente, põe-se a gritar: "Sim, a culpa é tua! Naturalmente, a culpa é tua!" Brunet olha-o sem compreender: o rosto de Schneider, vermelho e afogueado, traduz mais do que raiva, dir-se-ia um velho ódio de família durante muito tempo reprimido e que se regozija por, finalmente, poder rebentar. Brunet olha para esta cabeça enorme e carrancuda, este ar de confissão pública, e pensa: "Vai acontecer alguma coisa." Schneider agarra-o pelo braço e mostra-lhe o engenheiro da Thompson, que dá voltas aos dedos inocentemente. Há um instante de silêncio porque Schneider está demasiado emocionado para falar; Brunet sente-se frio e calmo: o ódio dos outros acalma-o sempre. Espera; vai saber o que Schneider tem para dizer. Schneider faz um esforço violento: "Ali está um! Um desses safados que não

têm força nem coragem. Um tipo como eu, como Moulu, como todos nós; não como tu, claro. É verdade que se tornou um safado, é verdade, é de tal modo verdade que ele próprio está convencido. Só que eu vi-o em Toul, em Setembro, tinha o horror da guerra, mas estava lá porque pensava ter razões para se bater e juro-te que não era um safado e... olha o que fizeste dele. Vocês estão todos de acordo. Pétain com Hitler, Hitler com Estaline, todos os convencem de que são duplamente culpados: culpados de ter feito a guerra e culpados de a haverem perdido. Agora estão a tirar-lhe todas as razões que eles tinham para se baterem. Este pobre tipo, que se imaginava a partir para a cruzada do Direito e da Justiça, vocês querem convencê-lo de que se deixou arrastar por leviandade para uma guerra imperialista; ele já não sabe o que quer, já não reconhece o que faz. Não é apenas o exército inimigo que triunfa: é a sua ideologia; ele fica ali, fora do mundo e da história, com as suas idéias mortas, tenta defender-se, repensar a situação. Mas com quê? Até os utensílios de que se servia para pensar morreram: vocês puseram-lhe a morte na alma." Brunet não se pode impedir de rir: "Mas", pergunta por fim, "com quem estás a falar? Comigo ou com Hitler?" - "Falo com o redator de L'Huma", responde Schneider, "com o membro do P.C., com o tipo que escrevia, a 29 de Agosto de 1939, duas colunas para celebrar a assinatura do pato germano- soviético". - "Lá chegámos", diz Brunet. "Pois é, Schneider: chegámos. O P.C. era contra a guerra, sabe-lo muito bem", continua Brunet tranquilo. "Contra a guerra, sim. Gritava-o bem alto, pelo menos. Mas ao mesmo tempo aprova o pacto que a tornava inevitável." - "Não", diz Brunet com ênfase: "O pacto que era a única maneira de a impedir". Schneider desata a rir: Brunet sorri e cala-se. Schneider pára de rir bruscamente: "Sim, olha para mim, olha; com o teu ar de médico legista. Já te surpreendi mil vezes a observar os companheiros com os teus olhos frios, dir-se- ia que assinavas uma certidão de óbito. E então? Que achas? Que eu sou uma excrescência do processo histórico? De acordo. Excrescência, se quiseres. Mas morto não, Brunet, morto não, infelizmente. A minha decadência, tenho de a viver, é um gosto que trago na boca, nunca perceberás isso. Tu és um abstrato e são vocês todos, os abstratos, que fizeram de nós as excrescências que somos." Brunet cala-se, olha para Schneider: Schneider hesita, os seus olhos estão duros e assustados, parece ter palavras irremediáveis na ponta da língua. Empalidece de repente, uma nuvem de horror ensombra o seu olhar, fecha

a boca. Um instante depois recomeça com a sua voz grossa, tranquila e monótona: "Enfim, já se sabe! Somos todos uns merdas, tu como eu, é a tua desculpa. Claro, tu continuas a considerar-te o processo histórico, mas já não o sentes. O P.C. reconstitui-se sem ti e em bases que tu ignoras. Podias, fugir e não te atreves, porque tens medo do que podias encontrar lá fora. Tu também, tu também tens a morte na alma." Brunet sorri: não. Não é assim. Assim não o levarão, são palavras que não o atingem. Schneider cala-se e estremece: afinal, não aconteceu nada. Absolutamente nada; enervou-se um pouco, e foi tudo. Quanto à história do pacto germano-soviético, é talvez a centésima vez que Brunet a ouve desde Setembro. O soldado deve ter percebido que estavam a falar dele: levanta-se lentamente e vai-se embora com as suas enormes patas de aranha, andando de lado como um animal assustado. Quem é Schneider? Um intelectual burguês? Um anarquista da direita? Um fascista que se ignora? Os fascistas também não desejavam a guerra. Brunet volta-se para ele: vê um soldado maltrapilho que não tem nada a defender, nada a perder e que coça o nariz com um ar ausente. Brunet pensa: "Quis magoar-me." Mas não consegue querer-lhe mal por isso. Pergunta docemente: "Se pensas assim, porque estás connosco?" Schneider parece envelhecido e gasto; diz com uma voz miserável: "Para não ficar só." Um silêncio, depois Schneider levanta a cabeça com um sorriso incerto: "É preciso fazer alguma coisa, não? Qualquer coisa. Mesmo que não esteja de acordo em alguns pontos..." Cala-se. Brunet cala-se. Um instante depois, Schneider olha para o relógio: "É a hora das visitas. Vens?" - "Não sei", responde Brunet. "Vai andando; talvez vá ter contigo". Schneider olha para ele um instante, como se lhe quisesse falar, depois volta-se, afasta-se e desaparece. O incidente está sanado. Brunet põe as mãos atrás das costas e passeia pelo pátio, debaixo de chuva; não pensa em nada, sente-se vazio e sonoro, gotas minúsculas crepitam-lhe nas faces, nas mãos. A morte na alma. Bem. E depois? "Isso é psicologia!", diz ele com desprezo. Pára, pensa no Partido. O pátio está vazio, inconsistente e cinzento, cheira a domingo; é um exílio. De repente Brunet desata a correr e precipita-se para o outro pátio. Os homens amontoam-se junto à cerca e calam-se, todas as cabeças se voltam para o portão: estão ali, do outro lado do muro, debaixo da mesma chuva miudinha. Brunet vê as costas largas de Schneider na primeira fila; abre caminho, põe-lhe a mão no ombro. Schneider volta-se e faz um sorriso caloroso: "Ah!", diz ele, "estás

aqui". - "Estou." - "São duas e cinco", observa Schneider; "O portão vai-se abrir". Ao lado deles um aspirante inclina-se para o companheiro e murmura: "Talvez haja mulheres." - "Diverte-me ver civis", diz Schneider com animação, "faz-me lembrar os domingos no colégio". - "Eras interno?" - "Era. Fazíamos fila no parlatório para ver a chegada dos pais." Brunet sorri sem, responder: os civis, está-se pouco ligando; sente-se contente porque tem todos os companheiros à sua volta a darem-lhe calor. O portão abre-se rangendo, um murmúrio de desilusão percorreu as fileiras: "Só estes?" Cerca de trinta. Mais alto do que eles, Brunet vê um pequeno grupo negro e compacto, levado por guarda-chuvas. Dois alemães vão ter com eles, falam-lhes sorrindo, verificam os papéis, depois afastam-se para os deixarem entrar. Mulheres e velhos, quase todos de negro, um enterro debaixo de chuva; trazem malas, sacos, cestos cobertos com toalhas. As mulheres têm rostos pardos com olhos duros e uma expressão de cansaço; avançam com passos curtos, coxas bem apertadas, perturbadas por estes olhos que as devoram. "Merda! São feias", suspira o aspirante. "Olha!", observa o outro "não é tanto assim: olha a peitaca daquela morena". Brunet olha para elas com simpatia. Claro que são feias, têm um ar duro e fechado, dir-se-ia que vêm dizer aos maridos: "Não serás doido por te teres deixado apanhar? Como queres que me safe, sozinha com o garoto?" No entanto vieram, a pé ou em vagões, com cestos pesados cheios de comida; são sempre elas que vêm e esperam imóveis, inexpressivas, às portas dos hospitais, dos quartéis, das prisões: as bonitas de olhos meigos usam o luto em casa. Nas suas expressões Brunet vê com emoção o tormento e a miséria da paz; tinham os olhos febris, reprovadores e fiéis quando os maridos faziam greve e elas lhes iam levar o farnel. Os homens, na maior parte, são velhos, sólidos e de ar calmo. Andam lentamente, pesadamente, são livres: ganharam a guerra no seu tempo e têm boa consciência. Desta derrota, que não é deles, aceitam, apesar de tudo a responsabilidade; trazem-na em cima dos largos ombros porque, quando se faz um filho, têm de se pagar os vidros que ele partir: sem ódio e sem vergonha, vêm ver o rebento que fez a sua última asneira de jovem. Nestes rostos, meio camponeses, Brunet reencontra de repente o que perdera: o sentido da vida. Falava com eles, não se apressavam a compreender, ouviam com o mesmo ar de calma refletida, hesitando um pouco; o que tinham compreendido, já não esqueciam. No seu coração um velho desejo desponta: trabalhar, sentir sobre ele olhares adultos e

responsáveis. Encolhe os ombros, vira as costas a este passado, olha para os outros, o grupo dos nervosos de rostos inexpressivos e caricatos: é este o material de que disponho. Em bicos dos pés, espetam o pescoço e seguem os visitantes com um olhar simiesco, insolente e medroso. Contavam com a guerra para os transformar em homens, para lhes conferir os direitos de chefe de família e de antigo com batente; era um rito solene de iniciação, devia ofuscar a outra, a Grande, a Mundial, cuja glória lhes oprimia a infância; devia ser ainda maior, ainda mais mundial; atirando sobre os "boches", de viam ter cumprido a chacina ritual dos pais, pelo qual cada geração inicia a vida. Não atiraram sobre ninguém, não chacinaram nada, tudo se malogrou: continuaram menores e os pais desfilam perante eles, bem vivos; desfilam, detestados, invejados, adorados, temidos, e mergulham novamente, vinte mil guerreiros, numa infância de inúteis. Bruscamente há um que, se volta, que encara os prisioneiros: todas as cabeças recuam: tem sobranceiras espessas e faces coradas, traz uma trouxa na ponta do bastão. Aproxima-se, põe uma mão no arame e olha para eles por baixo dos seus olhos de animal, lento, inexpressivo e arisco, os homens, esperam, retraí dos, retendo a respiração, prontos a revoltarem-se: estão à espera do par de bofetadas. O velho diz: "Então, aqui estão vocês!" Silêncio, depois alguém murmura: "Pois é, papá, aqui estamos." O velho continua: "Isto é mesmo uma miséria!" O aspirante afina a garganta e cora; Brunet lê a mesma desconfiança crispada na sua expressão. Sim, papá, aqui estamos: vinte mil tipos que queriam ser heróis e que se renderam sem lutar. O velho abana a cabeça diz profundamente, pesadamente: "Pobres tipos!" Toda a gente se distende, sorriem-lhe, os bustos inclinam-se sobre ele. A sentinela alemã aproxima-se, toca no braço do velho, cortesmente, faz-lhe sinal para que se afaste; ele mal se volta, diz: "Um momento, santo Deus, já vou." Pisca um olho conivente aos prisioneiros e os tipos sorriem, estão contentes porque é um velho que não tem papas na língua, um velho coriáceo que é da terra deles, sentem-se livres por procuração. O velho pergunta: "Custa muito?" Brunet pensa: "Pronto, vão começar as queixas." Mas vinte vozes alegres respondem: "Não, papá. Não, não, aguentamo-nos." - "Pois bem, tanto melhor. Tanto melhor." Não tem mais nada a dizer-lhes mas continua ali, pesado, hirto, a sentinela puxa-o pela manga; ele hesita, percorre os rostos com o olhar, dir-se-ia que procura o do filho: um momento depois sobe-lhe uma idéia à cabeça, tem um ar inseguro, diz, por

fim, com a sua voz rouca: "Sabem, rapazes, a culpa não é vossa." Os tipos não respondem: estão hirtos, quase em posição de sentido. O velho quer precisar a sua idéia, recomeça: "Ninguém. pensa que a culpa é vossa." Os tipos continuam sem responder, ele diz: "Adeus, rapazes." E vai-se embora. Então, de repente a multidão é percorrida por um arrepio; começam a gritar, apaixonadamente: "Adeus, papa, até breve. Até breve! Até breve!" E as suas vozes incham à medida que o velho se afasta; mas ele não se volta. Schneider diz a Brunet: "Estás a ver!" Brunet sobressalta-se, responde: "Quê?" Mas sabe muito bem o que Schneider lhe vai dizer. Schneider diz: "Basta ter um pouco de confiança em nós." Brunet sorri e diz: "Tenho ar de médico legista?" - "Não", responde Schneider, "neste momento não". Olham um para o outro com amizade, Brunet volta-se bruscamente e diz: "Olha aquela mulherzinha." Coxeia, pára, pequena e acinzentada, deixa cair o embrulho na lama, passa para a mão direita o ramo de flores que traz na mão esquerda e ergue o braço direito acima da cabeça. Decorre um instante, dir-se-ia que este braço. triunfante que lhe puxa o ombro e o pescoço se mantém erguido sem ele saber como; para terminar faz um movimento desajeitado que atira com as flores para o chão. Estas espalham-se, flores campestres, borda-rios, dentes- de-leão, papoilas: devia tê-las apanhado à beira da estrada. Os homens empurram-se; arrastam os pés na terra e apanham os caules com as unhas sujas; levantam-se a rir e mostram-lhe as flores como se a estivessem a homenagear. Brunet sente um nó na garganta; volta-se para Schneider e diz raivosa mente: "Flores! O que teria sido se tivéssemos ganho a guerra!" A mulher não sorri, apanha o embrulho, recomeça a andar, só se vêem as suas costas aos ziguezagues sob o impermeável. Brunet abre a boca para falar, mas olha para a expressão de Schneider e cala-se. Schneider afasta-se empurrando os vizinhos, sai das fileiras. Parece não estar muito bem. Brunet segue-o, põe-lhe a mão no ombro: "Que há?" Schneider levanta a cabeça e Brunet volta-se, sente-se perturbado pelo seu próprio olhar, o olhar de médico legista. Repete, olhando para os pés: "Que ê? Que é que não está bem? Estão sozinhos no meio do pátio debaixo de chuva. Schneider diz: "É estúpido!" Silêncio, depois acrescenta: "Foi por ter visto civis." Brunet fala sem levantar os olhos: "Sou estúpido como tu." - "Tu", diz Schneider, "não és a mesma coisa; tu não tens ninguém". Um momento depois Schneider desaperta o casaco, procura qualquer coisa no bolso interior, tira uma carteira estranhamente vazia.

Brunet pensa: rasgou tudo. Schneider abre a carteira: apenas uma fotografia do tamanho de um postal. Schneider estende-a a Brunet sem olhar para ela. Brunet vê uma jovem de olhos tristes. Sob os olhos um sorriso: Brunet nunca viu um assim. Ela parece saber muito bem que há no mundo campos de concentração, guerras e prisioneiros amontoados em quartéis; sabe-o e, no entanto, sorri: é aos vencidos, aos deportados, as excrescências da História que ela sorri. Brunet procura em vão nos seus olhos o ignóbil darão sádico da caridade; ela sorri-lhe confiadamente, tranquilamente, como se lhes pedisse que perdoassem os vencedores. Brunet tem visto muitas fotografias na vida, e muitos sorrisos. A guerra acabou com eles todos, já não se vêem. Mas este ainda se vê: nasceu agora, é endereçado a Brunet, apenas a Brunet. A Bruna, o prisioneiro, a Brunet, a excrescência, a Brunet, o vitorioso. Schneider debruçou-se sobre o ombro de Brunet. Diz: "Ela desespera." - "Sim", responde Brunet, "devias ir-te embora". De volve-lhe a fotografia cintilante de chuva; Schneider limpa-a cuidadosamente com a manga e torna a metê-la na carteira. Brunet pergunta: "É bonita?" Não sabe; não teve tempo, de se aperceber. Levanta a cabeça, olha para Schneider, pensa: "Era para ele que ela estava a sorrir." Parece-lhe vê-lo com outros olhos. Rapazes muito novos, caçadores, vão a passar; puseram papoilas nas lapelas; não falam, têm pálpebras de quem acaba de comungar. Schneider segue-os com o olhar: Brunet hesita, uma velha frase sobe-lhe à cabeça, diz: "Acho-os comovedores." - "A sério?", pergunta Schneider. Atrás deles, o grupo de curiosos afastou-se, os visitantes entraram para o quartel. Dewrouckere vem direito a ele bamboleando-se, atrás dele Perrin e o tipógrafo. "É verdade", pensa Brunet, "são três horas". Vêm os três de expressão carregada. Brunet aborrece-se ao pensar que estiveram os três a conversar: São coisas que não se podem impedir. Grita ao longe: "Então, rapazes?" Aproximam-se, param e olham-se, intimidados. "Vamos lá", diz Brunet sem rodeios, "que há?" O tipógrafo olha para ele com os seus belos olhos inquietos; tem mesmo mau aspecto. Diz: Fizemos sempre o que nos pediste, não foi?" - "Foi", concordou Brunet com impaciência. "Sim, foi. Então?" O tipógrafo não consegue acrescentar mais nada, Dewrouckere fala por sua vez, sem levantar os olhos: "Nós queremos continuar e continuaremos enquanto nos pedires. Mas é tempo perdido." Brunet não diz nada. Perrin diz: "Os homens não querem saber de nada." Brunet continua sem dizer nada, o tipógrafo recomeça com voz neutra: "Ainda

ontem me peguei com um tipo porque eu disse que os "boches" nos iam levar para a Alemanha. O tipo era doido, disse-me que eu era da quinta-coluna." Levantam os olhos e olham para Brunet com altivez. "É de tal modo que nem se pode dizer mal dos Alemães." Dewrouckere junta toda a sua coragem e olha de frente para Brunet: "Francamente, Brunet, não nos recusamos a trabalhar, se fizemos mal recomeçaremos melhor. Mas tens de nos compreender. Nós andamos por todo o lado. Por dia., é raro não falar mos a mais de duzentos tipos, apalpamos terreno; tu, é natural que fales. com menos, não te chegas a aperceber." - "Pois bem, tal como são, se amanhã libertassem os vinte mil prisioneiros, Tínhamos mais vinte mil nazis." Brunet sente-se corar, olha-os um por um; pergunta: "é isso que pensam?" Os três tipos respondem: "sim", e bruscamente ele estotra: "Há aqui operários camponeses, deviam ter vergonha de pensar que eles se tornarão nazis ou então a culpa é vossa: um homem não é um pedaço de madeira, compreendem? Tem de ser trabalhado, meu Deus, persuadido: se vocês não conseguem virá-los é porque não sabem trabalhar." Volta-lhes as costas, dá três passos e volta-se novamente para eles, de dedo espetado: "A verdade é que vocês se consideram superiores. Desprezam os vossos camaradas. Pois bem, fixem isto: um tipo do Partido não despreza ninguém." Vê-lhes os olhos estupefatos, irrita-se ainda mais, grita: "Vinte mil nazis, são doidos! Não farão nada deles se os desprezarem. Procurem primeiramente compreendê-los: têm a morte na alma, esses homens, já não sabem o que fazer; serão do primeiro que lhes inspirar confiança." A presença de Schneider irrita-o. Diz-lhe: "Anda, vem!", e, ao partir, volta-se para os outros, que continuam mudos e derrotados: "Parece-me que tiveram um momento de desânimo. Está esquecido. Mas não me venham mais com histórias. Até amanhã." Sobe as escadas a correr. Schneider vai atrás dele; entra para o seu compartimento, deixa-se cair em cima do cobertor, estende a mão e pega num livro; Leurs Soeurs, de Henri Lavedan. Lê com atenção, linha por linha, palavra por palavra; acalma-se. Quando a tarde começa a cair, pausa o livro e lembra-se de que não almoçou: "Guardaram-me o pão?" Moúlu dá-lhe, Brunet corta o bocado que deve dar no dia seguinte ao tipógrafo, guarda-o na sacola e começa a comer; Cantrelle e Livard aparecem no limiar da porta; é a hora das visitas. "Olá! Olá!", dizem os tipos sem levantar a cabeça. "Então?", pergunta Moúlu. "Que há de novo?" - "Parece que há quem seja destemido!", responde

Livard. "E quem paga, naturalmente? Nós." - "Hã!", diz Moúlu, "então sempre há novidade?" - "Há", responde Livard, "um sargento-ajudante acaba de se evadir." - "Evadir-se? Porquê?", pergunta o lourinho, que a surpresa torna brutal. Levam tempo a digerir a notícia, há nos seus olhos uma leve desorientação, um ligeiro horror, como antigamente nas multidões cansadas do metropolitano quando um louco se punha inopinadamente aos gritos. "Evadido", repete Gassou lentamente. O nortista pousou o pedaço de madeira que estava a esculpir. Parece inquieto. Lambert mastiga em silêncio, com os olhos fixos e duros. Diz, ao fim de um instante, com um sorriso desagradável: "Há sempre quem se julgue com mais pressa do que os outros." - "Ou então", observa Moúlu, "é porque gosta de andar a pé". Brunet, com a ponta da faca, tira migalhas podres do pão e deixa-as cair no cobertor; sente-se mal. O ar acinzentado da rua entrou pelo quarto; lá fora, na cidade morta, há um tipo perseguido que se esconde. Nós, nós estamos aqui, comemos, dormiremos esta noite debaixo de teto. Pergunta contrariado: "Como é que ele se safou?" Livard olha para ele com superioridade e diz: "Adivinha!" - "Pois bem! Não sei, pelo muro das traseiras se calhar." Livard meneia a cabeça, faz uma pausa, depois, triunfante: "Pelo portão, às quatro da tarde, nas barbas dos "boches"!" Os tipos ficam de boca aberta, Livard e Cantrelle gozam com a admiração geral, depois Cantrelle explica com a sua voz aguda e rápida: "Veio aqui a mãe vê-lo, trazia-lhe roupa numa mala; ele mudou-se dentro de um armário e depois saiu dando-lhe o braço." - "Não havia ninguém para o prender?", pergunta Gassou indignado. Livard encolhe os ombros: "Prender, como?" - "Eu", diz Gassou, "se o tivesse reconhecido à saída, chamaria um "boche" e tê-lo-ia feito prender!" Brunet olhou-o pasmado: "Serás doido?" - "Doido?", interroga Gassou arrebatadamente. "Pobre França! Agora somos chamados doidos quando queremos cumprir o nosso dever". Lança um olhar à sua volta para ver se o aprovam e continua com mais convicção: "Vais ver se sou doido quando proibirem as visitas. Porque, fica sabendo, eles não eram obrigados a autorizá-las. Não acham, rapazes?" Moúlu e Lambert abanam a cabeça, Gassou acrescenta em tom severo: "É verdade! Por uma vez que os "boches" foram simpáticos, é assim que lhes agradecemos? Cagando-lhe na mão. Vai haver bronca e com razão." Brunet abre a boca para lhe chamar patife - mas Schneider lança-lhe um olhar rápido e grita: "Gassou, és ignóbil." Brunet cala-se, pensa amargamente:

"Apressou-se a injuriá-lo para me impedir de o julgar. Não julga Gassou, nunca julga ninguém: à minha frente tem vergonha por ele?" Gassou olha para Schneider com os olhos brilhantes, Schneider retribui-lhe o olhar: Gassou baixa os olhos: "Bem", observa, "bem, bem! Vamos lá a ver. Suprimam as visitas; eu, por mim, estou-me pouco ligando: os meus velhos estão em Orange." - "E eu então!", replica Moúlu. "Sou órfão. Mas é preciso pensar nos companheiros". - "Com efeito", diz Brunet. "E tu és o mais indicado para o dizeres, tu que te lavas tão cuidadosamente todos os dias para evitares que os teus companheiros apanhem piolhos..." - "Não é a mesma coisa", contraria bruscamente o lourinho. "Moúlu é porco, de acordo, mas só nos chateia a nós. Enquanto o outro se está pouco ligando para vinte mil homens ao safar-se sozinho." - "Se os "boches" O apanharem", insiste Lambert, "e o meterem numa cela, não sou eu que o vou lamentar." - "Estás a ver", diz Moúlu, "a seis sema nas do fim, o cavalheiro pira-se. Não podia fazer como nós? Não?" Pela primeira vez o sargento concorda com eles: "É o temperamento francês", comenta ele suspirando, "e foi por isso que perdemos a guerra". Brunet goza, diz-lhes: "O que não vos impede de gostarem de estar no lugar dele e de sentirem vergonha de não terem tentado o golpe." - "Aí é que te enganas", contraria vivamente Cantrelle; "se ele tivesse arriscado alguma coisa, não importa o quê, um tiro no traseiro, por exemplo, não digo que não poderia pensar-se: é um patife, uma cabeça de vento, mas é valente. Em vez disso, o cavalheiro vai-se embora tranquilamente, protegido por uma mulher como um covarde, não é uma evasão, é um abuso de confiança". Um arrepio gelado percorre a espinha de Brunet, endireita-se e olha-os nos olhos, cada um por sua vez: "Bem, pois bem, nestas condições previno-vos: amanhã à noite, salto o muro e safo-me. Veremos se há alguém que me denuncie." Os tipos parecem perturbados, mas Gassou não se deixa desarmar. Diz: "Não te denunciaremos, sabe-lo muito bem, mas quando sair daqui conta comigo para te ir pedir contas: porque, se o fazes, podes crer que nós pagaremos as favas." - "Pedir contas", exclama Brunet com um riso insultante, "pedir contas, tu?" - "Oh!, claro; se for preciso vamos vários." - "Falamos nisso daqui a dez anos quando voltares da Alemanha." Gassou quer responder, mas Livard corta-lhe a palavra: "Não discutas com ele. Seremos libertados a catorze, data oficial." - "Oficial?", pergunta Brunet a gozar. "Viste isso escrito?" Livard esforça-se por não responder, volta-se para os outros e diz:

"Não vi escrito, mas é como se tivesse visto." Os rostos iluminam-se na sombra: lâmpadas de rádio, sombrias e leitosas. Livard olha para eles com um sorriso confiante, depois explica: "Hitler disse-o!" - "Hitler!", repete Brunet estupefato. Livard ignora a interrupção. Prossegue: "Não é que eu goste desse homem, claro que é nosso inimigo. E quanto ao nazismo, não sou contra nem a favor: com os "boches" pode ser que dê resultado, mas não se coaduna com o temperamento francês. Mas Hitler tem uma coisa a seu favor: faz sempre o que diz. Afirmou: a 15 de junho estarei em Paris; e estava, até chegou antes." - "Falou em nos libertar?" pergunta Lambert. "Falou. Disse: a 15 de junho estamos em Paris e no 14 de julho vocês dançarão com as vossas mulheres." Uma voz tímida atreve-se, é a do nortista: "Pensei que ele tinha dito: nós dançaremos com as vossas mulheres. Nós: nós, os "boches"!" Livard examina-o: "Estavas lá?" - "Não", diz o nortista. "Foi o que me disseram". Livard goza, Brunet pergunta-lhe: "E tu, estavas lá?" - "Claro que estava! Foi em Haguenau; os companheiros tinham um rádio; quando entrei acabara de o dizer!" Abana a cabeça e repete complacentemente: "A 15 de junho estamos em Paris e a 14 de julho vocês dançarão com as vossas mulheres." - "Ah!", repetem os tipos excitados, "a 15 de junho em Paris e nós dançaremos a 14 de Julho". As mulheres, a dança. Com o pescoço enfiado nos ombros, a cabeça para trás, as palmas das mãos apoiadas nas lonas, os tipos dançam; o chão estala, rodopia e valsa sob as estrelas, entre as grandes, falésias da Place Chateaudun. Mais calmo, Gassou inclina-se para Brunet e explica-lhe com lógica: "Hitler, compreendes, não é parvo. És capaz de me dizer porque havia ele de instalar um milhão de prisioneiros na Alemanha? Um milhão de bocas a alimentar?" - "Para os pôr a trabalhar", explica Brunet. "Trabalhar? Com os operários alemães? Não há dúvida! Os "boches" sentir-se-iam bem depois de falarem connosco!" - "Em que língua?" - "Numa qualquer, por gestos, em esperanto: o operário francês nasceu esperto, discute, é independente, em dois tempos abriria os olhos aos "boches", e podes crer que Hitler pensou nisso. Oh!, não, ele não é parvo!, não. Eu sou como Livard: não gosto dele, mas respeito-o e não há muitos de quem eu diria o mesmo." Os tipos aprovam com a cabeça, gravemente: "Temos de ser justos: ama o seu país." - "É um homem que tem um ideal. Não o nosso, claro: mas é digno de respeito." - "Todas as opiniões são respeitáveis, desde que sejam sinceras." "E os nossos, então, os nossos deputados, qual era o

ideal deles? Encher os bolsos, claro, e mulheres e tudo o resto. Pagaram, grandes banquetes com o nosso dinheiro, Na terra deles não é assim: pagas os teus impostos, mas sabes para onde vai o teu dinheiro. Todos os anos recebes uma carta: o senhor pagou tanto; pois bem, isso representa tanto de medicamentos para os doentes ou tantos metros quadrados de auto-estrada. É como te digo." - "Ele não nos queria fazer a guerra", diz Moúlu: "nós é que lha declarámos. Espera lá: nem sequer fomos nós; Daladier nem consultou a Câmara." - "É o que te digo. Então ele, compreendes, que não é parvo, disse: já que a querem, vão ver como é. E em menos de nada foi o que se viu. Bem. E agora? Pensas que está contente com um milhão de prisioneiros? Vais ver; dentro de alguns dias, diz-nos: rapazes, vocês estão a embaraçar-me, vão para casa. E depois volta-se para os Russos e o, resto é lá com eles. A França, para que é que lhes interessa? Não precisa dela. Vai ficar com a Alsácia, por uma questão de prestígio, isso é certo. Mas, só te digo: estamo-nos pouco ligando para os Alsacianos; aqui por mim nunca os suportei." Livard ri em silêncio, para si próprio: parece satisfeito: "Nós, se tivéssemos tido um Hitler!" - "Ah!, meu pobre amigo!", exclama Gassou. "Hitler com o soldado francês? Seria terrível! A esta hora estaríamos em Constantinopla. Por que", acrescenta com um piscar de olhos malicioso, "O soldado francês é o melhor do mundo, quando bem comandado". Brunet pensa que Schneider deve estar envergonhado, não se atreve a olhar para ele. Levanta-se, volta as costas aos melhores soldados do mundo, pensa que não há nada a fazer; sai. No patamar hesita, olha para a escada que mergulha, às voltas, na escuridão: a esta hora a porta deve estar fechada... Pela primeira vez sente-se prisioneiro. Mais tarde ou mais cedo, terá de voltar para a sua jaula, estender-se ao lado dos outros e ouvir- lhes os sonhos. Por baixo dele, o murmúrio da caserna, gritos e cânticos sobem pela caixa da escada. O soalho range, volta-se apressadamente; Schneider avança para ele pelo corredor sombrio atravessando um a um os últimos raios do dia. Vou dizer-lhe: "Ainda tens coragem de os defender!" Schneider está mesmo ao pé dele, neste momento, Brunet olha para ele e não diz nada. Encosta- se ao corrimão; Schneider vem encostar-se ao pé dele, Brunet diz: "Dewrouckere tem razão." Schneider não responde: que pode ele responder? Um sorriso, flores vermelhas debaixo de chuva, basta ter confiança neles um pouco, só um pouco, ah!, quero acreditar; repete furioso: "Nada, a fazer. Nada! Nada! Nada!" Claro que a confiança não

basta! Confiança em quê? É preciso sofrimento, medo e ódio, é preciso a revolta e a chacina, é preciso uma disciplina de ferro. Quando não tiverem nada a perder, quando a vida for pior do que a morte... Debruçam-se os dois sobre o escuro, cheira a pó, Schneider pergunta baixando a voz: "É verdade que queres fugir?" Brunet olha para ele sem responder, Schneider diz: "Sentirei a tua falta." Brunet diz amargamente: "Serias o único." No rés-do-chão vozes cantam em coro: bebamos um gole, bebamos dois, à saúde dos namorados; fugir, deixar vinte mil homens, deixá-los sucumbir no meio de toda esta merda, teremos o direito de dizer: não há nada a fazer? E se é em Paris que o esperam? Pensa em Paris com uma nostalgia cuja violência o espanta. Diz: "Não fugirei: disse isso num momento de revolta." - "Se pensas que já não há nada a fazer!" - "Temos de trabalhar onde estamos e com os meios de que dispomos. Mais tarde, veremos." Schneider suspira; bruscamente Brunet diz: "Tu é que devias fugir." Schneider abana a cabeça, Brunet diz timidamente: "Tens a tua mulher à espera." Schneider torna a abanar a cabeça; Brunet pergunta: "Mas porquê? Não tens nada que te retenha aqui.", Schneider responde: "Noutro lado, será ainda pior." Bebamos um gole, bebamos dois, à saúde dos namorados. Brunet diz: "O mais depressa possível para a Alemanha!" e, pela primeira vez, Schneider repete com uma espécie de vergonha: "Sim, para a Alemanha! Depressa! E merda para o rei de Inglaterra, que nos declarou a guerra."

*

Vinte e sete homens, o vagão chia, o canal estende-se ao longo da via, Moúlu diz: "Afimal, não está destruída como diziam." Os alemães não fecharam a porta corrediça, a claridade e as moscas entram para o vagão; Schneider, Brunet, o tipógrafo estão sentados no chão, junto à porta, com as pernas para fora, é um belo dia de Verão. "Não", comenta Moúlu satisfeito, "afimal não está, muito destruída". Brunet levanta a cabeça: Moúlu, de pé, vê passar os campos e os prados com satisfação - Está calor, sente-se o odor dos homens; um tipo ressona no fundo do vagão. Brunet debruça-se: no furgão, capacetes alemães brilham sobre os canos das espingardas. Um belo dia de Verão, tudo está calmo; o comboio desliza, o canal passa; de onde em onde uma bomba abriu um buraco no caminho, perfurou um campo; no fundo das covas, há água que reflete o céu. O tipógrafo diz para si próprio: "Não seria difícil saltar." Schneider aponta para as espingardas com um gesto de ombros: "Abater-nos-iam como coelhos." O tipógrafo não

responde, debruça-se como se fosse mergulhar; Brunet segura-o pelo ombro. "Não seria muito difícil", repete o tipógrafo fascinado. Moúlu acaricia-lhe a nuca: "Já que vamos para Châlons!" - "Mas é verdade? Será que vamos mesmo?." - "Viste o edital tão bem como eu." - "Não estava escrito que íamos para Châlons." - "Não, mas estava escrito que ficaremos em França. Não é, Brunet?" Brunet não respondeu logo: é verdade que, na antevéspera, na parede, tinha visto o edital assinado pelo comandante: "Os prisioneiros do campo Baccarat ficarão em França." No entanto, estão no comboio, rumo a um destino desconhecido. Moúlu insiste: "É verdade ou não?" E vozes gritam atrás deles, impacientes: "Sim; é verdade! Não chateiem, sabem muito bem que é verdade." Brunet lança uma olhadela ao tipógrafo e diz docemente: "É verdade." O tipógrafo suspira, diz com um sorriso descansado: "É curioso, sinto-me sempre bem quando viajo." Ri francamente, agora, voltado para Brunet: "Já andei muitas vezes de comboio; em todos eles sinto a mesma impressão." Ri, Brunet vê-o rir e pensa: "Ele não está muito bem." Lucien está sentado um pouco atrás, rodeando os joelhos com os braços, diz: "Os meus pais tinham ficado de vir no domingo." É um jovem, de ar calmo e que usa óculos. Moúlu diz-lhe: "Não preferes encontrá-los em casa?" - "Sim, claro, mas já que vinham no domingo, seria melhor partirmos só na segunda-feira." Toda a gente protesta: "Está ali um que queria ficar mais três dias; bolas, há tipos que não sabem o que dizem; mais dia menos dia, já agora porque não até ao Natal?" Lucien sorri-lhes docemente, explica: "Eles já não são novos, sabem, custa-me pensar que se deslocam para nada." "Ora!", replica Moúlu, "quando regressarem, serás tu quem os recebe". - "Bem gostaria", diz Lucien, "mas não terei essa sorte: vão levar pelo menos oito dias a desmobilizarem-nos". - "Quem sabe?", interroga Moúlu. "Quem sabe? Com os "boches", talvez isto ande depressa". - "Eu", interrompe Jurassien, "tudo o que desejo é estar em casa para a colheita da alfazema". Brunet volta-se: o vagão está branco de pó e de fumo, uns estão de pé, outras sentados; através dos troncos arqueados de uma floresta de pernas, vê os rostos plácidos e vagamente sorridentes. Jurassien é um tipo gordo, de ar duro, com a cabeça totalmente rapada e uma venda preta num olho. Está sentado de pernas cruzadas, para ocupar menos espaço. "Donde és?", pergunta Brunet. "De Manosque; estava na marinha, agora moro com a minha mulher; não gostaria que ela fizesse a, colheita sem mim.", o tipógrafo continua a olhar para a via, diz: "Já era

tempo." - "Que há, idiota?", pergunta Brunet. "Já era tempo de nos libertarem." - "Sim?" - "Estava farto", prossegue o tipógrafo. Brunet pensa: também ele! Mas vê-lhe os olhos brilhantes e olheirentos e cala-se. Pensa: "Depressa se aperceberá." Schneider diz: "É verdade, idiota, nunca mais nos fizestes rir que tens?" - "Oh!", responde o tipógrafo, "agora estou bem". Queria explicar qualquer coisa, mas faltam-lhe as palavras. Faz um gesto de desculpa e diz simplesmente: "Sou de Lião." Brunet sente-se perturbado, pensa: "Tinha-me esquecido de que ele era de Lião. Há dois meses que o faço trabalhar e não sei nada dele. Agora tenho-o aqui, ao pé de mim, cheio de saudades da terra." O tipógrafo voltou-se para ele, Brunet lê-lhe no fundo dos olhos uma espécie de doçura angustiada: "É mesmo verdade que vamos para Châlons?", pergunta o tipógrafo bruscamente. "Ah! Lá vens tu com isso!", comenta Moulu impaciente. "Vamos", diz Brunet. "Vamos lá, vamos lá! Mesmo que não seja para Châlons, acabaremos por voltar." - "Devia ser para Châlons", continua o tipógrafo, "de via ser para Châlons". Parece fazer uma oração. "Sabes", diz ele a Brunet, "se não fosse por tua causa, há muito que me tinha pirado". - "Se não fosse por minha causa?" - "Sim, uma vez que havia um responsável, era obrigado a ficar." Brunet não responde. Pensa: "Naturalmente, é por minha causa." Mas isso não lhe dá nenhum prazer. O tipógrafo recomeça: "Estaria hoje em Lião. Estou mobilizado desde Outubro de trinta e sete. Já nem me lembro da minha profissão." - "Isso volta depressa", anima-o Lucien. O tipógrafo abana a cabeça com ar de ponderação. "Oh!", insiste. "Não é assim tão rápido. Vão ver, vai custar a habituarmo-nos". Fica imóvel, de olhos vazios, depois diz: "À noite, em casa dos meus pais, limpava tudo, não gostava de, estar sem fazer nada, tudo tinha de estar asseado." Brunet olha-o pelo canto do olho: perdeu o ar fresco e alegre, as palavras saem-lhe da boca com vagar; tufos de pelos crescem-lhe, ao acaso no rosto emagrecido. Um túnel engole os vagões da frente; Brunet olha para o buraco negro onde o comboio se enfia, volta-se bruscamente para o tipógrafo: "Se queres fugir, é agora." - "Quê?", pergunta o tipógrafo. "Basta saltares quando estivermos no túnel." O tipógrafo olha para ele e depois tudo escurece. Brunet apanha com fumo na cara e nos olhos; tosse. O comboio abranda. "Salta", diz Brunet a tossir. "Vamos, salta". Nenhuma resposta; o dia desponta através do fumo, Brunet limpa os olhos, o sol inunda-o; o tipógrafo continua lá. "Então?", pergunta Brunet. O tipógrafo pisca os olhos e diz: "Para quê? Já que vamos para

Châlons." Brunet encolhe os ombros e olha para o canal. Há uma taberna à beira da água, um tipo bebe, vê-se-lhe o capacete, o copo e o nariz comprido por cima do rebordo. Dois homens caminham pela margem do rio; usam chapéus de palha e conversam tranquilamente; nem sequer olham para-o comboio. "Olha!", grita Moúlu. "Olha! Aqueles homens!" Mas eles já estão longe. Outra taberna, toda moderna: A la Bonne Pêche. O som estridente de um piano mecânico passa rapidamente por Brunet, depois desaparece; agora são os "boches" do furgão que o estão a ouvir. Brunet vê um castelo que eles ainda não podem ver, um castelo no meio de um parque, muito branco e com duas torres pontiagudas; no parque uma garotinha com um arco olha muito séria: através destes olhos uma França inocente e ultrapassada vê-os passar. Brunet olha para a garota e pensa em Pétain; o comboio desliza através deste olhar, através deste futuro cheio de bons brinquedos, bons pensamentos, de preocupações sem importância, desliza através dos campos de batatas, das manufaturas e das fábricas de armamento, em direção ao futuro negro e verdadeiro dos homens. Os prisioneiros, atrás de Brunet, acenam; em todos os vagões Brunet vê mãos com lenços: mas a garota não responde, aperta o arco contra ela. "Podiam ao menos dizer adeus", diz André. "Estavam muito contentes, em Setembro, por os irmos defender". - "Pois é", acrescenta Lambert, "O pior é que não os defendemos". - "E então, foi por nossa culpa? Somos prisioneiros franceses, temos direito a um cumprimento." Um velho pesca à linha, sentado num banco por Jurassien goza: "Retomaram tátil, nem sequer levanta à cabeça; à sua vidinha..." - "Também me parece", concorda Brunet. O comboio desliza através da paz; pescadores à linha, tabernas, chapéus de palha e um céu tão tranquilo. Brunet dá uma olhadela para trás, vê rostos preocupados mas encantados. "Calma, diz Martial, "O velho tem razão. Daqui a oito dias, sou eu quem vai pescar". "Como é que pescas? À linha?" - "Ah! Não, merda: de barco." Vêem-na, a libertação, quase a tocam nesta paisagem familiar, o velho regressará à noite cheio de cadozes, daqui a oito dias eles serão livres: a prova está ali, insinuante e doce. Brunet sente-se mal: não é agradável ser o único a conhecer o futuro. Volta a cabeça, vê fugir as traves da outra linha. Interroga-se: "Que posso eu dizer? Não me acreditarão." Pensa que deveria estar satisfeito, que eles vão finalmente compreender, que poderá, então, trabalhar. Mas sente no ombro e no braço o calor febril do tipógrafo e um desânimo sombrio, semelhante ao remorso, apodera-se dele. O

comboio abranda: "Que é?" - "Ah!", explica Moúlu com um ar conhecedor, "é a agulhagem. Conheço bem esta linha, Há dez anos, era viajante, passava aqui todas as semanas, vão ver: vamos virar à esquerda. À direita, sobe-se em direção a Lunéville e Estrasburgo". - "Lunéville?", pergunta o lourinho. "Mas eu tinha precisamente pensado que passávamos por Lunéville". - "Não, não, já te disse que conheço a linha. É provável que ela esteja cortada na direção de Lunéville, descemos por Saint-Dié, agora estamos a subir." - "À, direita, é a Alemanha?", pergunta a voz ansiosa de Ramelle. "É, e nós vamos para a esquerda. Para a esquerda é Nancy, Bar-le-Duc e Châlons." Têm belos rostos tranquilos, alguns sorriem. Apenas Ramelle, o professor de piano, morde o lábio inferior e mexe, nos óculos com um ar agitado e deprimido. Após um pequeno silêncio Moúlu põe-se a gritar: "Eh! Queridas! Um beijo, amores, um beijinho." Brunet volta-se bruscamente: são seis, de vestidos leves, seis que olham para eles, do outro lado da barreira. Moúlu atira-lhes beijos. Elas não sorriem; uma morena gorda, mas não feia, põe-se a suspirar; os suspiros levantam-lhe o peito forte; as outras olham com grandes olhos desolados; nestes rostos rústicos e inexpressivos, as seis bocas fazem beicinho como uma criança que vai chorar. "Vá lá!", pede Moúlu. "Vá lá, um gesto de amizade!" Acrescenta, tomado de súbita inspiração: "Não se atiram beijos aos homens que vão para a Alemanha?" Atrás dele há vozes que protestam: "Não fales de coisas tristes.", Moúlu volta-se, completamente à vontade: "Calem-se, digo isto para que nos façam um sorriso." Os tipos gritam, riem: "Vamos! Vamos." A morena continua a olhar para eles com olhos amedrontados; levanta uma mão hesitante, apóia-a nos lábios descaídos e projeta-a com um movimento mecânico. "Melhor do que isso!", diz Moúlu. "Melhor do que isso!" Uma voz furiosa fala com ele em alemão; mete precipitadamente a cabeça para dentro. "Cala-te", diz Jurassien, "ainda fazes com que nos fechem o vagão". Moúlu não responde, resmunga para si próprio: "São estúpidas, as Mulheres desta terreola." O comboio começa a trabalhar, anda lentamente, os tipos calam-se, Moúlu perde o equilíbrio e encosta-se ao ombro de Schneider, dando um grito de vitória: "Pronto, rapazes! Pronto! Vamos para Naney." Toda a gente ri e grita. A voz nervosa de Ramelle eleva-se: "Então é certo, vamos para Nancy?" - "Basta olhar", explica Moúlu apontando para a linha. De fato, o comboio virou à esquerda, descreve um arco de círculo; neste momento, sem se debruçarem, vêem a locomotiva. "E depois? É direto?"

Brunet volta-se, Ramelle está ainda lívido, os lábios continuam a tremer. "Direto?", pergunta Moúlu a gozar, "pensas que nos vão fazer mudar de comboio?" - "Não, mas quero dizer: não há mais mudanças de agulha?" - "Ainda há mais duas", diz Moúlu. "Uma antes de Frouard, outra em Pagny-sur-Meuse. Mas não te preocupes com isso: nós, nós vamos para a esquerda, sempre para a esquerda: para Bar-le-Duc e Châlons". - "Quando teremos a certeza?" - "Que mais queres? Estamos certos." - "E as mudanças de agulha?" - "Ah!", diz Moúlu, "se é o que tu queres dizer, é na segunda. Se virássemos para a direita, seria para Metz e Luxemburgo. A terceira não conta. à direita é a linha de Verdun e de Sedan, que íamos fazer para lá?" - "Então é a segunda", observa Ramelle. "O próximo..." Não diz mais nada, encolhe-se todo, os joelhos no queixo, com um ar friorento e perdido. "Ouve lá, não nos chateies", adverte-o André. "Vais ver". Ramelle não responde; um silêncio pesado caiu sobre o vagão; os rostos estão inexpressivos, mas um tanto contraídos. Brunet ouve o som abafado de uma gaita de beijos; André dá um salto: "Ah!, não, música não!" - "Tenho o direito de tocar", diz uma voz do fundo do vagão. "Música, não", pede André. O tipo cala-se. O comboio a pouco e pouco adquiriu velocidade; passa sobre uma ponte. "Acabou o canal", suspira o tipógrafo. Schneider dorme sentado, com a cabeça descaída. Brunet aborrece-se, olha para os campos, tem a cabeça vazia; por fim, o comboio abrande e Ramelle endireita-se, de olhos esbugalhados: "Que é?" - "Não te preocupes", responde Moúlu. "É Nancy". O balastro eleva-se acima do vagão, como um muro. No cimo do muro uma enfiada de pedras brancas; por cima destas uma balaustrada de ferro. "Há uma rua lá em cima", explica Moúlu. De repente Brunet sente-se esmagado por um enorme peso. Os tipos debruçam-se apoiando-se nele; viram a cara para cima; o fumo entra em, rolos espessos pelo vagão, Brunet tosse. "Olhem aquele tipo lá em cima", diz Martial. Brunet inclina a cabeça para trás, sente contra si um contato duro, mãos puxam-lhe os ombros: na verdade, está um tipo debruçado na balaustrada. Através das grades, vê-se-lhe o casaco preto e as calças às riscas. Traz uma pasta de coiro; deve ter quarenta anos. "Viva", grita Martial. "Bom dia", responde o tipo. Usa um bigode bem aparado numa face magra e dura; tem olhos azuis muito claros. "Viva! Viva!", dizem os tipos. "Então", pergunta Moúlu, "como vai isso em Nancy? Não está muito destruída?" - "Não", diz o tipo. "Melhor", diz Moúlu. "Melhor". O tipo não

responde; olha-os fixamente, com um ar de curiosidade. "Os negócios vão bem?", pergunta Jurassien. A locomotiva apita; o tipo põe a mão no ouvido e grita. "Quê?", Jurassien faz gestos por cima da cabeça para explicar que não pode gritar mais alto; Lucien diz-lhe: "Pergunta-lhe pelos prisioneiros de Nancy." - "Sobre quê?" - "Se ele sabe alguma coisa dos prisioneiros." - "Espera", diz Moúlu, "Já não se ouve". - "Pergunta depressa, o comboio vai começar a andar." O apito parou. Moúlu grita: "Os negócios? Recomeçaram?" - "Nem pensar nisso", responde o civil. "Com todos os alemães que há na cidade." "Os cinemas reabriram?", pergunta Martial. "Quê?", interroga o civil. "Merda", diz Lucien, "estamo-nos pouco ligando para os cinemas, deixa-nos em paz com isso, deixa me conversar". E acrescenta de um fôlego: "E os prisioneiros?" "Quais prisioneiros?", pergunta o civil. - "Não havia aqui prisioneiros?" - "Sim, mas já não há." - "Para onde foram?", grita Moúlu. O civil olha para ele um tanto espantado e responde: "Mas... para a Alemanha!" - "Eh!", exclama Brunet, "não empurrem". Finca as mãos no chão; os tipos esmagam-no e gritam todos ao mesmo tempo: "Para a Alemanha? És doido? Para Châlons, queres tu dizer? Para a Alemanha? Quem te disse que iam para a Alemanha?" O civil não responde, ouvia-os com o seu ar tranquilo. "Calem-se, rapazes", diz Jurassien. "Não falem todos ao mesmo tempo". Os tipos calam-se e Jurassien grita: "Como soube isso?" Um grito furioso; uma sentinela alemã, de baioneta no fuzil, salta do furgão e põe-se à frente deles. É um jovem, vermelho de raiva, grita em alemão, muito depressa, com uma voz rouca; Brunet sente-se subitamente aliviado do enorme peso que o esmaga, os tipos devem ter-se sentado precipitadamente. A sentinela cala-se, fica em frente deles, de arma na mão. O civil continua lá, debruçado sobre a balaustrada, olha; Brunet adivinha, dentro do vagão, todos os olhos febris que se ergueram e que interrogam em silêncio. "É estúpido!", murmura Lucien atrás "É estúpido". O tipo continua imóvel, mudo, sem préstimo e, no entanto, cheio de uma ciência secreta. A locomotiva apita, um turbilhão de fumo entra pelo vagão, o comboio dá um esticão e recomeça a andar. Brunet tosse; a sentinela espera que o comboio passe por ele e atira o fuzil lá para dentro; Brunet vê dois pares de mãos saindo das mangas acinzentadas, que o seguram pelos ombros e o puxam. "Que sabe aquele tipo? Se partiram, ele viu-os partir e é tudo." As vozes enraivecidas explodem atrás de Brunet, Brunet sorri sem dizer nada. "É o que ele pensa",

diz Ramelle. "Pensa que foram para a Alemanha". O comboio anda mais depressa, passa ao longo dos grandes cais desertos, Brunet lê num cartaz: "Saída. Passagem subterrânea." O comboio desliza. A estação está morta. Contra o ombro de Brunet, o ombro do tipógrafo treme, e este explode brutalmente: "Então é um patife por o ter dito, se não tem a certeza." - "Tens razão", diz Martial, "um grande patife". - "E de que maneira!", insiste Moúlu. "Não são coisas que se façam. É preciso ser muito estúpido..." - "estúpido?", repete Jurassien. "Não olhaste para ele! Juro-te que ele não é estúpido, aquele tipo. Sabia o que estava a fazer." - "Sabia o que estava a fazer?" Brunet volta-se, Jurassien sorri com um ar brutal. "É um dos da quinta- coluna", diz. "Ouçam lá, rapazes", pergunta Lambert, "e se ele tinha razão?" - "Cala-te, não sejas parvo. Se queres ir para a terra dos "boches", alista-te como voluntário, mas não nos chateies." - "Olha, merda, sabê-lo-emos na mudança de agulhas." "Quando é isso?", pergunta Ramelle. Está verde. Tamborila com os dedos no capote. "Daqui a um quarto de hora, ou vinte minutos." Os outros já não dizem nada, esperam. Têm expressões duras, olhos fixos que Brunet não lhes via desde a derrota. Depois tudo caiu no silêncio, ouve-se apenas o chiar dos vagões. Está calor. Brunet gostaria de tirar o casaco, mas não pode, está apertado entre o tipógrafo e a parede. Escorrem-lhe gotas de suor pelo pescoço. O tipógrafo fala sem olhar para ele: "Ouve, Brunet! Estavas a gozar comigo quando me disseste para saltar?" - "Porquê?", pergunta Brunet. O tipógrafo volta para ele a sua cabeça infantil e encantadora, que as rugas, a sujidade e a barba não conseguem envelhecer. Diz: "Não poderia suportar a ida para a Alemanha." Brunet não responde. O tipógrafo repete: "Não poderia suportar. Morreria lá. Tenho a certeza de que morreria." Brunet encolhe os ombros, diz: "Farás como toda a gente." - "Mas toda a gente morrerá", insiste o tipógrafo. "Toda a gente, toda a gente, toda a gente". Brunet põe-lhe uma mão no ombro. "Não te enerves, idiota", diz-lhe afetuosamente. O tipógrafo treme, Brunet continua: "Se gritas assim, ficarão todos cheios de medo." O tipógrafo engole a saliva, tem um ar dócil, diz: "Tens razão, Brunet." Faz um pequeno gesto de desespero e de impotência, acrescenta tristemente: "Tens sempre razão." Brunet sorri. Ao fim de um momento o tipógrafo recomeça com uma voz surda: "Então, não era a sério?" - "Deixa isso", diz Brunet. "Se eu saltasse agora", pergunta o tipógrafo, "ficarias aborrecido comigo?" Brunet olha para os canos das espingardas que saem do furgão e brilham ao sol.

Recomenda: "Não faças asneiras, vais ser abatido." - "Deixa-me tentar a minha sorte", pede o tipógrafo. "Deixa-me, deixa-me tentar a minha sorte." - "Agora não...", avisa Brunet. "De qualquer modo", insiste o tipógrafo, "se for lá para baixo, morro. Morrer por morrer..." Brunet não responde; o tipógrafo diz: "Diz-me só se ficavas aborrecido comigo." Brunet continua a olhar para os canos das espingardas. Fala lentamente, com frieza: "Ficava. Proíbo-te de saltares." O tipógrafo baixa a cabeça, Brunet vê-lhe o maxilar a tremer. "És mesmo chato", diz Schneider. Brunet volta a cabeça: Schneider está a olhar para ele com um ar duro. Brunet não responde, encosta-se à parede; gostaria de lhe dizer: "Se não o proibir de saltar, não vês que ele vai morrer?" Mas não pode porque o tipógrafo ouviria, tem a desagradável impressão de estar a ser julgado por Schneider. Pensa: "É estúpido." Olha para a nuca magra do tipógrafo e pensa: "E se ele morrer?" Pensa: "Merda. Já não sou o mesmo." O comboio abranda: é a agulhagem. É evidente que todos sabem que é a agulhagem, mas não dizem nada. O comboio pára, silêncio. Brunet levanta a cabeça. Debruçado sobre ele, Moúlu olha para a linha, de boca aberta; está lívido. Na erva do aterro, ouvem-se cantar os grilos. Três alemães saltam para a linha para desentorpecer as pernas; passam pelo vagão rindo. O comboio começa a andar; dão meia volta e correm para alcançar o furgão. Moúlu dá um grito: "À esquerda, rapazes, vamos para a esquerda." O vagão vibra e chia, dir-se-ia que vai sair da linha. Brunet sente de novo sobre os ombros o peso de dez corpos debruçados para a frente. Os tipos gritam: "Esquerda! Esquerda! Vamos para Chálofis!" À porta dos outros vagões aparecem cabeças negras de fumo, que riem. André grita: "Eh, Chábot! Vamos para Châlons!" Chábot, que se debruça do quarto vagão, ri e grita: "Vai tudo bem, rapazes, vai tudo bem." Toda a gente ri, Brunet ouve a voz de Gassou: "Olha!, eles tiveram medo como nós." - "Estão a ver, rapazes!", exclama Jurassien. "Ele era da quinta-coltina". Brunet olha para o tipógrafo. O tipógrafo não diz nada, continua a tremer e uma lágrima escorre-lhe pela face esquerda, traçando um sulco na sujidade e no carvão. Um tipo põe-se a tocar gaita, outro canta para acompanhar: "Minha querida farda, ser-te-ei fiel." Brunet sente-se horrivelmente triste, vê fugir a linha, tem vontade de saltar. O vagão vai à frente, o comboio canta. Como os comboios-surpresa de antes da guerra: "Haverá uma surpresa no fim." O tipógrafo dá um grande suspiro de alívio e alegria. Diz: "Ah!, lá, lá!; ah!, lá, lá!" Olha para Brunet com um ar malicioso,

diz: "Tu, tu pensavas que íamos para a Alemanha." Brunet endireita-se um pouco, sente o seu prestígio atingido; mas não responde. De resto, o tipógrafo está conciliante, acrescenta vivamente: "Toda a gente se pode enganar, eu também pensava como tu." Brunet cala-se, o tipógrafo assobia; diz, um momento depois: "Preveni-la-ei antes de chegar." - "Quem?", pergunta Brunet. "A minha pequena", responde o tipógrafo. "Senão pode desmaiar." - "Tens uma namorada?", pergunta Brunet. "Com essa idade?" - "Tenho", responde o tipógrafo. "Se não fosse a guerra, já nos Tínhamos casado." "Que idade tem ela?", interroga Brunet. "Dezoito anos", diz o tipógrafo. "Encontraste-a no Partido?" - "Não", esclarece o tipógrafo. "Num baile." - "Ela pensa como tu?" "Sobre quê?" - "Sobre tudo." - "Bem, não sei o que ela pensa. No fundo, parece-me que não pensa nada: é uma mulherzinha engraçada. Mas é corajosa e trabalhadora e além disso... é boa!" Põe-se a sonhar, depois continua: "Deve ter sido por isso que fiquei triste. Estava a pensar nela. Tens uma mulher, Brunet?" - "Não tenho tempo para isso", responde ele. "Então como te arranjas?" Brunet sorri: "Às vezes, por acaso, acontece." - "Não poderia viver assim", replica o tipógrafo. "Não te diz nada, um lar a sério, uma mulher?" - "Nunca lá poderia estar." - "É verdade", reconhece o tipógrafo. "É verdade". Parece confundido diz como para se desculpar: "Não preciso de muita coisa; ela também não. Três cadeiras e uma cama." Sorri no vazio acrescenta: "Sem a guerra, teríamos sido felizes." Brunet irrita-se e olha para o tipógrafo sem simpatia; neste rosto que a magreza torna demasiado expressivo, lê um apetite guloso de felicidade. Fala docemente: "Não foi por acaso que houve esta guerra. E sabes bem que não se pode viver feliz em regime de opressão." - "Oh!", insiste o tipógrafo, "eu teria a minha casinha..." Brunet levanta a voz e diz-lhe secamente: "Então, porque és comunista? Os comunistas não são feitos para estarem metidos na sua casinha." - "por causa dos outros", responde o tipógrafo. "Havia tanta miséria no meu bairro, gostaria que isso mudasse". - "Quando se entra para o Partido, apenas o Partido conta", diz Brunet. "Devias saber no que te metias". - "Mas eu sabia", replica vivamente o tipógrafo. "Já alguma vez me recusei a fazer o que me pedias? Mas, diz-me lá, quando estou a fazer amor, o Partido não está lá para pegar na vela. Há momentos em que..." Olha para Brunet e pára. Brunet não diz nada, pensa: "Está assim porque pensa que me enganei. Devíamos ser infalíveis." Está cada vez mais quente, o suor ensopa-lhe a camisa, o sol dá-lhe em cheio na

cara: todos estes jovens deviam saber porque entram para o P.C.; quando entram por generosidade, há sempre um momento em que fraquejam. E tu, e tu, porque entraste? Ora, já foi há tanto tempo que já não tem importância, sou comunista porque sou comunista, é tudo. Com a mão direita limpa o suor dos olhos, olha para o relógio. Quatro e meia. Com estes desvios nunca mais chegamos. Os "boches", à noite, fecham os vagões e nós dormimos num desvio da linha. Boceja, chama: "Schneider! Tu não dizes nada." - "Que queres que diga?", pergunta Schneider. Brunet boceja, vê fugir a linha, uma face lívida ri no meio dos carris, ah, ah, ah, a cabeça cai-lhe, acorda sobressaltado, doem-lhe os olhos, chega-se para trás para fugir ao sol, alguém disse: "Condenação à morte", a cabeça cai-lhe e resvala ao queixo molhado: babei-me, devo ter dormido de boca aberta, tem horror a isso. "Queres comer?" Estendem-lhe uma lata de carne, aberta, está quente, ele diz: "Que é... Ah! Bem." Vira-a para fora, o líquido amarelo cai sobre a linha. "Vá! Passa-a depressa." Estende-a sem se voltar, tiram-lha das mãos, quer tornar a adormecer, batem-lhe no ombro; pega na lata e esvazia-a. "Dá-ma", pede o tipógrafo. Brunet estende a lata ao tipógrafo, que se põe de pé com dificuldade. Brunet limpa os dedos húmidos ao dólman; um momento depois um braço estende-se-lhe sobre a cabeça e inclina a lata, o líquido amarelo espalha-se e escorre em gotas brancas para o fundo do vagão. O tipógrafo torna a sentar-se limpando os dedos, Brunet deixa cair a cabeça sobre o ombro do tipógrafo, ouve a música da gaita de beijos, vê um belo jardim cheio de flores, adormece. Um choque acorda-o, grita: "Que é?" O comboio parou no meio do campo: "Que é?" - "Não é nada", responde Moulu, "podes dormir: é Pagny-sur Meuse". Brunet volta-se, tudo está calmo, os homens habituaram-se à sua alegria, há quem jogue às cartas e cante, outros estão silenciosos e encantados, contam histórias a si próprios, com os olhos cheios de recordações, que finalmente ousam deixar sair do fundo dos seus corações; ninguém presta atenção ao comboio que para, Brunet está completamente adormecido, sonha com uma estranha planície onde homens totalmente nus e magros como esqueletos, com barbas grisalhas, estão sentados à volta de uma grande fogueira; quando acorda, o Sol está a baixar no horizonte, o céu está arroxado, duas vacas pastam num prado, o comboio continua a não se mexer, há tipos que cantam; no campo, soldados alemães apanham flores. Há um pequeno e gordo, muito forte, de faces coradas, que se aproxima dos prisioneiros, com

uma margarida na boca e um sorriso muito aberto. Moúlu, André e Martial sorriem-lhe. Os alemães e os franceses ficam um momento a olhar uns para os outros, a sorrir, depois Moúlu diz bruscamente: "Cigaretten. Bitte schön Cigaretten." O soldado hesita e vira-se para a valeta; os três companheiros, curvados, estão de costas; procura no bolso e atira o maço de cigarros para o vagão; Brunet ouve todo um alvoroço atrás de si. Ramelle, que não fuma, endireitou-se e grita: "Danke schön", sorrindo. O gordo faz-lhe sinal para que se cale. Moúlu diz a Schneider: "Pergunta-lhe para onde vamos." Schneider fala em alemão com o soldado, que responde a sorrir; os outros acabaram a colheita, aproximam-se trazendo os ramos na mão esquerda, as flores voltadas para baixo; há um sargento e dois soldados; parecem eufóricos e metem-se, rindo, na conversa. "Que dizem?", pergunta Moúlu também a sorrir. "Espera", diz Schneider impaciente. "Deixa-me perceber." Os soldados lançam um último gracejo e voltam sem pressa para o furgão, o sargento pára para urinar contra a roda, abotoa a braguilha, de pernas abertas, olha para os seus homens e, enquanto eles estão de costas, atira um maço de cigarros para o vagão. "Ah!", exclama Martial, sentindo-se feliz, "eles não são muito maus". - "É porque fomos libertados", diz Jurassien, "querem deixar- nos. boa impressão". - "Deve ser", continua Martial, sonhador. "Tudo o que fazem é propaganda". - "Que disseram eles?", pergunta Moúlu a Schneider. Este não responde; está com um ar estranho. "Sim", insiste André, "que disseram?" Schneider engole a saliva com dificuldade, responde: "São de Hannôver. Combateram na Bélgica." - "Para onde disseram que íamos?" Schneider abre os braços, sorri desculpando-se e diz: "Para Treves." - "Treves", exclama Moúlu. "Onde é isso?" - "No Palatinat", responde Schneider. Há um silêncio imperceptível, depois Moúlu diz: "Treves, na Alemanha? Então estiveram a gozar contigo." Schneider não responde. Moúlu diz, com uma segurança tranquila: "Não se vai para a Alemanha por Bar-le-Due." Schneider continua sem dizer nada, André pergunta desinteressado: "Estavam a gozar ou quê?" - "Viste bem que sim", diz Lucien. "E não era pouco!" - "Não estavam a gozar quando me responderam isso", replica Schneider contrariado. "Não ouviste o que Moúlu disse?", pergunta Martial furioso. "Não se passa por Bar-le- Luc para ir para a Alemanha. Não tem sentido." - "Não se passa por Bar-le- Duc", - insiste Schneider, - "vira-se à direita". Moúlu põe-se a rir: "Ah!, então não! Se me permites, conheço o caminho melhor do que tu. À direita fica

Verdun e Sedan. Se continuasses pela direita, talvez fosses para a Bélgica, mas para a Alemanha não!" Vira-se para os outros com um ar de tranquila evidência: "Já vos disse que antes passava muito por aqui. Em certas alturas, duas vezes por semana!", e o seu rosto exprime desesperadamente a convicção. "Evidentemente", concordam os outros, "é evidente que ele não pode estar enganado". - "Passa-se pelo Luxemburgo", explica Schneider. Esforça-se por falar; agora que começou, Brunet tem a impressão de que ele lhes quer meter a verdade na cabeça, está pálido e fala sem olhar para ninguém. André chega a cara à de Schneider e grita-lhe: "Então, porque demos esta volta? Porquê?" Os outros gritam atrás dele: "Porquê? Porquê? É estúpido. Porquê? Bastava termos passado por Lunéville." Schneider faz-se vermelho, vira-se todo para o fundo do vagão e volta-se para os tipos: "Não sei nada, não sei nada, nada", grita furioso. "Talvez por as linhas estarem destruídas ou por haver composições alemãs estacionadas, não me façam dizer mais do que sei e acreditem no que quiserem." Uma voz aguda grita acima de todas as outras: "Não se preocupem, rapazes, já vamos saber ao certo." E todos repetem: "é verdade, veremos, veremos, não vale a pena zangarmo-nos." Schneider torna a sentar-se sem responder; no penúltimo vagão aparece uma cabeça encaracolada, uma voz jovem chega até eles: "Eh!, rapazes! Eles disseram para onde vamos?" - "Que disse ele?" - "Pergunta para onde vamos." O vagão agita-se, desatam a rir: "Vem mesmo na altura, não há dúvida de que é o momento de vir com essa pergunta." Moulu debruça-se, com as mãos à volta da boca, grita: "Para o meu cu!" A cabeça desaparece. Todos riem, depois param; Jurassien convida: "Vamos jogar, rapazes? Vale mais do que estar mos aqui a remoer." - "Vamos", dizem eles. Sentam-se de pernas cruzadas à volta de um capote dobrado em quatro. Jurassien trouxe as cartas, distribui-as. Ramelle rói as unhas em silêncio; a gaita de beijos toca uma valsa; de pé, encostado à janela do fundo, um tipo fuma um cigarro alemão com ar pensativo. Diz, para si próprio: "É um prazer fumar." Schneider volta-se para Brunet e fala-lhe em ar de desculpa: "Não lhes podia mentir." Brunet encolhe os ombros sem responder. Schneider insiste: "Não, não podia." - "Não teria servido de nada", concorda Brunet; "de qualquer modo daqui a pouco sabê-lo-ão". Apercebeu-se de que falou sem convicção; está irritado com Schneider, por causa dos outros. Schneider, olha para ele com um ar estranho e diz: "É pena que não saibas alemão." - "Porquê?", pergunta Brunet surpreendido.

"Porque tu ficarias contente por os teres esclarecido." - "Enganas-te", replica Brunet pausadamente. "Esta partida para a. Alemanha", diz Schneider, "chegaste a desejá-la". - "É verdade", concorda Brunet, - "desejei- a". O tipógrafo recomeçou a tremer. Brunet rodeia-lhe os ombros com o braço e aperta-o contra si. Com a cabeça aponta-o a Schneider e diz: "Cala-te." Schneider olha para Brunet com um sorriso de, espanto; parece dizer: desde quando te preocupas em poupar as pessoas? Brunet volta a cabeça, mas é para reencontrar o rosto ávido do tipógrafo. Olha para ele, os lábios mexem, os grandes olhos doces esmorecem-lhe no rosto. Brunet vai dizer-lhe: "Tinha-me enganado?" Mas não diz nada, olha para os pés que pendem sobre as rodas imóveis, assobia; o Sol põe-se, está menos quente; um garoto enxota as vacas com uma cana, elas assustam-se, depois acalmam e metem-se pela estrada majestosamente; um garoto que regressa a casa, vacas que regressam ao estábulo: uma dor de alma. Ao longe, sobre os campos, esvoaçam aves negras: os mortos não estão todos enterrados. Esta angústia que o domina,. Brunet já não sabe se é sua ou dos outros; volta-se, olha-os para se manter à distância: rostos cinzentos e distraídos, quase tranquilos, reconhece o ar ausente das multidões que vão incendiar-se em ódio. Pensa: "Está bem assim. Está muito bem." Mas sem alegria. O comboio abana, roda por alguns minutos, depois pára. Debruçado para fora do vagão, Moúlu perscruta o horizonte, diz: "A agulhagem fica a cem metros." - "Não vês", diz Gassou, "que nos vão deixar aqui até amanhã?" - "A disposição geral vai ser ótima!", exclama André. Até nos ossos Brunet sente a imobilidade pesada do vagão. Alguém diz: "Vai começar a guerra de nervos." Um crepitar seco percorre o vagão, é um riso. Apaga-se. Brunet ouve a voz imperturbável de Jurassien: "Trunfo. Outra vez trunfo!" Sente um esticão, volta- se; a mão de Jurassien, que segurava um ás de copas, ficou no ar, o comboio recomeçou a andar; Moúlu espreita. Um momento depois o comboio ganha um pouco de velocidade, depois surgem dois trilhos por baixo das rodas, duas faíscas paralelas que se perdem à esquerda, entre os campos. "Merda!", grita Moúlu. "Merda! Merda!" Os tipos calam-se: compreenderam; Jurassien deixa cair o ás no capote e passa; o comboio desliza suavemente com um sopro regular, o sol-poente avermelha a face de Schneider, começa a estar frio. Brunet olha para o tipógrafo e agarra-o bruscamente pelos ombros: "Não faças asneiras, ouviste? Não faças asneiras, meu rapaz!" O corpo magro crispa-se sob os

seus dedos, ele aperta mais, o corpo distende-se, Brunet pensa: "Protegê-lo-ei até à noite." À noite os "boches" virão fechar o vagão, de manhã ele estará calmo. O comboio desliza sob o céu cor de malva, num silêncio absoluto: eles sabem, agora, em todos os vagões, eles sabem. O tipógrafo abandonou-se, como uma mulher, sobre o ombro de Brunet, que pensa: "Terei o direito de o impedir de fugir?" Mas continua a apertá-lo. Um riso atrás de si, uma voz: "E a minha mulher que queria um filho! Terá de ser o vizinho a fazer-lhe!" Riem-se. Brunet pensa: "Riem da miséria." O riso enche o vagão, a raiva aumenta; uma voz alegre repete: "Que parvos que fomos! Que parvos que fomos!" Um campo de batatas, fábricas de aço, minas, trabalhos forçados: com que direito?, Com que direito o pode impedir? "Que parvos que fomos!", repete a voz. A raiva alastra e aumenta. Sob os dedos, Brunet sente tremer os ombros magros e os músculos desfeitos, pensa: "Não vai aguentar." Aperta-o, com que direito? Aperta-o mais, o tipógrafo diz: "Estás a magoar-me!" Brunet aperta a vida de um comunista, pertence-nos enquanto viver. Olha para esta cara de esquilo: enquanto viver, sim; mas ainda viverá? Acabou-se, as molas partiram-se, nunca mais trabalhará. "Deixa-me", grita o tipógrafo. "Santo Deus, deixa-me". Brunet sente-se mal; tem nas mãos este farrapo: um membro do Partido que já não tem préstimo. Gostaria de lhe falar, de o exortar, de o ajudar, não pode: as suas palavras pertencem ao Partido, foi o Partido que lhes deu um sentido; no interior do Partido, Brunet pode amar, persuadir, consolar. O tipógrafo saiu desse imenso facho de luz, Brunet já não tem nada a dizer-lhe. No entanto, esta criança ainda sofre. Morrer por morrer... Ah!, que se decida! Tanto melhor se conseguir safar-se; se morrer, a sua morte servirá de exemplo. O vagão ri cada vez mais; o comboio desliza lentamente; dir-se-ia que vai parar; o tipógrafo diz com uma voz intencional: "Passa-me a lata, preciso de mijar." Brunet não diz nada, olha para o tipógrafo, vê a morte. A morte, esta liberdade. "Merda", diz o tipógrafo, "não me podes passar a lata? Queres que mije nas calças?" Brunet volta-se, grita - "A lata!..." Da sombra reluzente de raiva, sai uma mão que estende a lata, o comboio abrandando mais. Brunet hesita, enterra os dedos nos ombros do tipógrafo, depois, bruscamente, deixa tudo, pega na lata; como fomos parvos, como fomos parvos! Os homens param de rir. Brunet sente um encontrão no cotovelo, o tipógrafo passou-lhe por baixo do braço, Brunet estende a mão, agarra o vazio: a massa acinzentada voltou-se dobrada ao meio, um vóo pesado,

Moúlu grita, uma sombra abate-se sobre o aterro, de pernas abertas, braços cruzados. Brunet espera os tiros, já os sente nos ouvidos, o tipógrafo salta, está de pé, todo negro, livre. Brunet vê os tiros: cinco horrorosos clarões. O tipógrafo desata, a correr ao longo do comboio, tem medo, quer tornar a subir, Brunet grita-lhe: "Salta pela rampa, santo Deus! Salta!" Todo o vagão grita: "Salta! Salta!" O tipógrafo não ouve, galopa, chega à altura do comboio, estende os braços, grita: "Brunet! Brunet!" Brunet vê-lhe os olhos aterrorizados: grita: "Pela rampa!" O tipógrafo está surdo, tem apenas uns imensos olhos, Brunet pensa: "Se subir depressa, tem uma probabilidade." Debruça-se: Schneider compreendeu e, com o braço esquerdo, aperta-o pela cintura para o impedir de cair. Brunet estende os braços. A mão do tipógrafo toca na sua, os "boches." atiram três vezes, o tipógrafo deixa-se cair para trás, tomba, o comboio afasta-se, as pernas do tipógrafo levantam-se, tornam a cair, a trave e as pedras à volta da sua cabeça estão negras de sangue. O comboio pára bruscamente, Brunet cai para cima de Schneider e diz, de dentes cerrados: "Viram muito bem que ele queria subir. Tiveram prazer em o abater." O corpo está lá, a vinte passos, já é uma coisa, é livre. Teria a minha casinha... Brunet apercebe-se de que continua com a lata na mão, estendeu os braços ao tipógrafo sem a largar. Está morna. Deixa-a cair nas pedras. Quatro "boches" saem do furgão e correm para o corpo; atrás de Brunet os tipos resmungam; finalmente a raiva desencadeou-se. De um dos vagões da frente saiu uma dezena de alemães. Sobem pelo aterro e viram-se para o comboio, com as metralhadoras na mão. Os tipos não têm medo; alguém grita atrás de Brunet: "Patifes!" O sargento gordo está furioso, ergue o corpo, deixa-o cair e dá-lhe um pontapé. Brunet volta-se bruscamente: "Ouçam lá!, vão atirar-me ao chão!" Há vinte tipos que se debruçam. Brunet vê vinte pares de olhos cheios de ódio: capazes de assassinar. Grita: "Não saltem, rapazes, vão ser abatidos." Levanta-se com dificuldade, debatendo-se, grita: "Schneider!" Schneider levanta-se também. Enlaçam-se pela cintura e, com os braços livres, agarram os batentes da porta. "Não passarão." Os homens empurram; Brunet vê todo este ódio, o seu ódio, o seu instrumento de trabalho, e tem medo. Três alemães aproximam-se do vagão e apontam para os homens. Os tipos resmungam, os alemães olham-nos; Brunet reconhece o gordo de cabelo encaracolado que lhes atirara cigarros: tem olhos de assassino. Os franceses e os alemães olham-se, é a guerra: desde Setembro de 39, é a primeira vez que há guerra. A pouco e

pouco a pressão diminui, os homens recuam, ele pode respirar, o sargento aproxima-se, diz "Hineiffi! Hineiffi" Brunet e Schneider comprimem-se contra o peito dos outros, atrás deles um "boche" fecha a porta corrediça, o vagão mergulha na escuridão, cheira a suor e a carvão, o ódio aumenta, os pés esfregam-se no chão, dir-se-ia uma multidão em marcha. Brunet pensa: "Nunca mais esquecerão. Ganhámos." Sente-se mal, respira mal, tem os olhos abertos no escuro: de vez em quando sente-os inchados, duas grandes laranjas que lhe vão rebentar as órbitas. Chama em voz baixa: "Schneider! Schneider!" - "Estou aqui", responde Schneider. Brunet tateia à sua volta, tem necessidade de tocar em Schneider. Uma mão agarra na sua. "És tu, Schneider?" "Sou." Calam-se, lado a lado, de mãos dadas. Um esticão, o comboio parte rangendo. Que fizeram ao corpo? Sente a respiração de Schneider no ouvido. Bruscamente Schneider retira a mão, Brunet quer conservá-la, mas Schneider afasta-se com um safanão. dilui-se na escuridão. Brunet fica só e hirto, desconfortável, no calor de um forno. Equilibra-se num só pé, o outro está entalado num amontoado de pernas e sapatos. Não tenta retirá-lo, sente necessidade de se manter no provisório: está de passagem, o seu pensamento está de passagem na sua cabeça, o comboio está de passagem em França, as idéias brotam, indistintas, e caem na via férrea, atrás dele, antes que tenha tempo de as reconhecer, ele afasta-se, afasta-se, afasta-se; é a esta velocidade que é suportável viver. Paragem completa: a velocidade. desliza e cai- lhe aos pés; ainda sabe que o comboio se move; range, sacode e vibra; mas ele já não sente o movimento. Está numa grande lata de lixo, alguém lhe dá pontapés. Atrás dele, numa berma, está o corpo, desossado; Brunet sabe que se afastam cada vez mais dele, queria senti-lo, não pode: tudo estagnou. Sobre o morto e o vagão inerte, a noite, a noite passa, única sobrevivente. Amanhã a aurora cobrilos-á do mesmo orvalho, a carne morta e o aço enferrujado estarão banhados do mesmo suor. Amanhã chegarão os pássaros negros.



1. Literalmente, Cruz de Fogo: organização nazifacista existente na época.

2. “Ele acertou no milhar / Émile.”

3. “Quem é cruel, ciumento, amargo? / Quem trapaceia no jogo quando perde?”

4. “Quem é cruel, ciumento, amargo? / É Johnny Palmer.”

5. “Um navio de mar auto / Trinta canhões nas portinholas / Entrará no porto.”

6. Conselho municipal; pretoria.

7. “Não sabes amar, não sabes / Em vão estendo os braços.”

8. “Não sabes amar, não sabes / Jamais, jamais saberás.”

9. Alusão à música Sombra Dimache, que teria dado origem a uma série de suicídios.

10. Carne de má qualidade, em gíria.

11. Música “Vous qui passez sans me voir”:

“Você quer partir sem ver-me / Sem sequer dizer boa noite / Dê-me um pouco de esperança / Hoje / Eu tenho tantos problemas.”
(tradução livre)

12. Gíria norte-americana, significa imigrantes do Sul da Europa.

13. Em inglês, no original: É pecado não sorrir.

14. Defesa antiaérea.

15. Transports Collectifs de la Région Parisienne.

16. Espécie de jogo-do-galo, também disputado entre dois jogadores embora mais complexo. Conhecido igualmente por “jeu des cinq croix” (jogo das cinco cruzes).

17. Transports Collectifs de la Région Parisienne.

18. Canhão de fogo rápido.

19. Primeiro-Sargento, em alemão no original.

20. Jornal diário, L'Humanité, órgão do Partido Comunista Francês.

21. La Cagoule é o nome dado pela imprensa e a opinião pública francesa ao Comité Secret d'Action Révolutionnaire (C.S.A.R.),

organização de extrema-direita apoiada por certos grupos militares e econômicos e que agrupou, entre 1932 e 1940, várias redes de ação direta. Responsável por vários atentados, entre os quais o assassinio, em 1941, do ministro francês Marx Dormoy. La Cagoule foi profundamente dividida durante a guerra, tendo alguns dos seus membros sido colaboracionistas, enquanto outros militaram na France Libre e até na Resistência.

22. Membros da J.O.C.: Jeunesse Ouvrière Chrétienne.

23. Molière, Le Tartulle (O Tartufo): “Oculte esse seio que eu não suportaria ver.”